PORTUGAL

ANTIGO E MODERNO

VOLUME QUINTO

PORTUGAL
ANTIGO E MODERNO

DICCIONARIO

Geographico, Estatistico, Chorographico, Heraldico, Archeologico, Historico, Biographico e Etymologico

DE TODAS AS CIDADES, VILLAS E FREGUEZIAS DE PORTUGAL

DE GRANDE NUMERO DE ALDEIAS

Se estas são notaveis, por serem patria d'homens célebres,
por batalhas ou outros factos importantes que n'ellas tiveram logar,
por serem solares de familias nobres,
ou por monumentos de qualquer naturêza, alli existentes

NOTICIA DE MUITAS CIDADES E OUTRAS POVOAÇÕES DA LUSITANIA

DE QUE APENAS RESTAM VESTIGIOS OU SÓMENTE A TRADIÇÃO

POR

Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho Leal

LISBOA
LIVRARIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & COMPANHIA
68—Praça de D. Pedro—68
1875

A propriedade d'este DICCIONARIO pertence a Henrique d'Araujo Godinho Tavares, subdito brasileiro.

LISBOA
TYPOGRAPHIA EDITORA DE MATTOS MOREIRA & COMPANHIA
67 — Praça de D Pedro — 67
1875

PORTUGAL ANTIGO E MODERNO

M

M—letra numeral — valeu sempre mil; mas antigamente, com um til por cima valia *dez mil.*

MAAL—portuguez antigo—mal.

MAAHO—portuguez antigo—mão.

MAAO-PARAMENTO — portuguez antigo. —malfeitoria, destruição, damno, etc.

MAÇADA—Vide *Villar de Maçada.*

MAÇADURAS—portuguez antigo—mulcta ou pena que pagavam os que davam pancadas em alguem.

No foral de Bragança de 1514 declara o rei D. Manuel que mais se não devem levar as penas de *maçaduras e sangue*—que antes chamavam *indicias*, e no principio da monarchia, *vózes, coimas* ou *livores.*

Ainda hoje se diz—*maçada*, uma carga de pau, *piza* e *toza.*

Esta pena pagavam antigamente os que matavam, feriam, espancavam, faziam contuzões, *maçavam* ou tambem injuriavam com palavras affrontosas, torpes, indignas, que faziam empallidecer o offendido.

MAÇAINHAS DE BELMONTE—freguezia, Beira Baixa, comarca da Covilhan, concelho de Belmonte, 18 kilometros da Guarda, 305 a E. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 109 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

O vigario de Santa Maria de Belmonte apresentava o cura, que tinha 7$000 réis de congrua e o pé d'altar.

MAÇAINHAS DA GUARDA — freguezia, Beira Baixa, concelho, comarca e 3 kilometros da Guarda, 300 ao E. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 130 fogos.

Orago Nossa Senhora da Fumagueira.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O primeiro nome d'esta freguezia foi *Granja de Maçainhas.*

O prior de S. Thiago da Guarda apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É povoação muito antiga, pois em 1210, aforou o mosteiro de Salzêdas a seis moradores a sua granja de Maçainhas no termo da Guarda.

MAÇAL DA RIBEIRA — freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 54 kilometros de Viseu, 325 ao E. de Lisboa, 35 fogos. Em 1757 tinha 34 fogos.

Foi antigamente do bispado de Viseu, hoje é do de Pinhel, districto administrativo da Guarda

Orago Nossa Senhora da Conceição.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 150$000 réis.

Esteve annexa a esta freguezia a de Nossa Senhora da Graça, de Villares, que hoje está independente.

MAÇAL DO CHÃO—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Celorico da Beira, 18 kilometros da Guarda, 360 ao E. de Lisboa, 140 fogos. Em 1757 tinha 104 fogos.

Orago Santo Estevão, protomartyr.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O commendador d'Oliveira do Hospital apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

MAÇAM—portuguez antigo—nome proprio de homem—hoje dizemos *Marçal.*

MAÇANS DE CAMINHO—freguezia, Estremadura, comarca de Figueiró dos Vinhos, concelho de Alvaiazere, 48 kilometros ao S. de Coimbra, 3 de Villa Nova de Pussos, 6 a O. de Maçans de Caminho, 155 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 67 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Leiria.

Foi villa.

O tribunal da mesa da consciencia apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis.

Era commenda de Christo, e tinha até 1834 uma companhia de ordenanças.

No sitio de Valle de Sobral, d'esta freguezia, ha minas de ferro, das quaes é proprietario legal, desde agosto de 1873, o sr. Carlos Hynne.

MAÇANS DE DONA MARIA—villa, Estremadura, comarca e concelho de Figueiró dos Vinhos, 40 kilometros ao S. de Coimbra, 6 a E. de Maçans de Caminho, 165 ao N. de Lisboa, 630 fogos.

Em 1757 tinha 415 fogos.

Orago S. Paulo, apostolo.

O prior do convento de Grijó, de conegos regrantes de Santo Agostinho (cruzios) apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis. Primeiro foi apresentação alternativa do pontifice e do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

Era a freguezia commenda do conde de Villa Flor, que pagava ao vigario, ao cura e á fabrica.

A villa pertenceu até 1641 á casa dos marquezes de Villa Real, e depois passou para a casa do infantado.

Era concelho muito antigo, com camara e justiças proprias e todos os officios publicos eram dados pelos infantes.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, a 12 de novembro de 1514. (*Livro dos foraes novos da Estremadura*, fl. 159, col. 2.ª)

Está situada a villa no cume da serra de Santa Helena, passando-lhe pelo E. o rio *Algé.*

É terra muito fertil e povoação muito antiga.

No sitio da Cova das Barrancas, d'esta freguezia, ha minas de ferro, das quaes é proprietario legal, desde janeiro de 1873, o sr. Carlos Hynne.

MAÇANS—rio, Traz-os-Montes. Nasce em Hespanha. Serve, por algumas leguas, de raia entre Portugal e Castella.

Entra na esquerda do Sabôr, quasi defronte das *Talhas.*

MAÇÃO—villa, Extremadura, comarca e 24 kilometros a E. de Abrantes, cabeça do concelho do seu nome, 140 kilometros ao O. da Guarda, 6 do Tejo e 150 ao SE. de Lisboa, 750 fogos.

Em 1757 tinha 280 fogos.

Bispado de Castello Branco, districto administrativo de Santarem.

O concelho de Mação é composto de 4 freguezias, que são—Belvér, Carvoeiro, Envendos e Mação.

Para a sua etymologia, vide *Maçam.*

O real padroado apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

Até 1834, tinha capitão-mór, com duas companhias de ordenanças.

Tem fabricas de baêtas, de boa qualidade.

Os marquezes de Fontes eram alcaides-môres d'esta villa.

Está situada proximo do rio Nabão.

No logar do Outeiro, d'este concelho, se descobriu, em janeiro de 1873, uma mina de ouro. Ha tambem aqui minas de ferro, manisfestadas.

É terra muito fertil em cereaes, azeite, bons vinhos e fructas. Nos seus montes ha muita caça.

—

Desde tempos immemoriaes se fabrica

n'esta freguezia uma especialidade de fazenda de lan, a que aqui chamam *lanzinha*.

São estes estofos tintos alguns com anil; mas, a maior parte, ficam com a côr natural da lan, prêta.

Até 1860, fazia-se aqui todo o serviço de cardar, fiar e tecer, á mão.

Desde então tem levado d'aqui as lans para as fabricas de Portalegre, Castanheira, Castello Branco e até alguns as levavam para Castello Novo e Covilhan, a 20 e mais leguas de distancia, soffrendo com isso, não só os incommodos e despezas de jornada, fretes, esperas nas fabricas, como demora no aviamento das lans (ás vezes 6, 7 e 8 mezes.)

Em 1868 veio aqui um engenheiro de machinas para, por meio de uma companhia, fundar em Mação uma fabrica de cardar e fiar lan; mas todos recearam mau resultado da empreza, e retrahindo-se os capitaes, não se levou a effeito a construcção de tão necessario estabelecimento.

Tendo para aqui sido despachado juiz ordinario o sr. dr. Joaquim Lourenço Vidal, no fim de 1871, observou o movimento industrial, e auxiliado por outros esclarecimentos, concluiu que era urgentissimo e da maior utilidade para esta povoação, um estabelecimento de cardar e fiar, e que não deixaria tambem de ser vantajoso para quem o emprehendesse.

A sua boa vontade venceu todas as difficuldades e pôz em movimento a sua nova fabrica, em outubro de 1873.

Esta fabrica carda e fia a lan para as taes fazendas chamadas *lanzinhas*, por conta dos fabricantes, e tambem por conta propria.

O agente propulsor da fabrica, empregado, tanto de verão como de inverno, é exclusivamente o vapor.

Emprega já umas 20 pessoas; mas, se tambem se empregar em tecer (como desejam os proprietarios) deve empregar de 60 a 70.

Está o edificio fundado nos suburbios da villa, junto á fonte publica da povoação, chamada a *Fonte do Forno*, e distando da extremidade da villa apenas uns 150 metros, se tanto.

Com a construcção d'esta fabrica se tem desenvolvido muito o fabrico das lans; porque até agora só pessoas abastadas podiam tecer as lans, por terem dinheiro para as mandarem fiar em grandes porções a terras distantes, ao passo que hoje qualquer industrial menos favorecido da fortuna, póde estabelecer um tear, visto que na fabrica lhe cardam e fiam qualquer peso de lan por diminuto que seja.

Antes da fundação d'esta fabrica, sahiam d'aqui annualmente umas duas mil arrobas de lan, para fiar; hoje já o movimento é muito maior.

O sr. Vidal fez pois um grande serviço á villa de Mação, honra lhe seja.

A firma social d'esta empreza é Joaquim Lourenço Vidal & C.ª

—

Agradeço ao sr. dr. Vidal os esclarecimentos que me deu, e que me habilitaram a poder fallar d'esta industria.

—

Ainda está em construcção uma outra fabrica para o mesmo fim, do sr. Francisco de Pina Carvalho Freire, que tambem foi principiada em 1873.

—

Mação é a patria do insigne latinista e theologo, Antonio Pereira de Figueiredo, que nasceu em 1725 e falleceu em 1797.

Foi homem muito erudito e de profundo saber. A maior parte das suas obras, são escriptas em latim.

As dissenções entre a curia romana e o governo portuguez, lhe deram occasião de advogar a causa da patria, na célebre *Tentativa Theologica*, publicada em 1769.

D. José I, em recompensa, o nomeou interprete-mór, cujo cargo exerceu emquanto vivo. Além d'isso, era da real mesa censoria e membro da Academia Real das Sciencias, na classe de litteratura.

As suas obras formam um longo catalogo, e entre ellas avulta a traducção da *Biblia*, em portuguez, com notas—*Lusitania Sacra — Elementos de Historia Ecclesiastica — Exercicios da lingua latina e portugueza — Novo methodo de grammatica latina*, que tem tido mais de 20 edições — *Doctrina Veteris*

Ecclesiae de suprema regum potestate, que foi traduzida em francez e outras linguas.

Tambem se lhe attribue a celebre *Deducção Chronologica*, ou relatorio contra os jesuitas; mas esta obra é do dr. José de Seabra e Silva e do marquez do Pombal.

MACARIO (S.) — alta e ingreme montanha, Douro, na terra de Lafões, comarca de Vousella.

É um ramo da Gralheira. Cria muita caça grossa e miuda, e n'ella nascem varios ribeiros e regatos.

MAÇARELLOS ou **MASSARELLOS** e tambem **BOA VIAGEM**—freguezia, Douro, comarca e bairro occidental da cidade do Porto, a cujo bispado e districto tambem pertence, e d'onde dista (contando do centro da cidade) 2 kilometros a O. e 310 ao N. de Lisboa. 500 fogos.

Em 1757 tinha 219 fogos.

Orago Nossa Senhora da Boa Viagem.

O prior da collegiada de Cedofeita, da mesma cidade, apresentava o cura, que tinha 60$000 réis e o pé d'altar.

Com o grande desenvolvimento que a população do Porto tem tido para o E., N. e O., a freguezia de Massaréllos póde e deve hoje considerar-se como a continuação da cidade do Porto.

—

Esta freguezia e a de Cedofeita (da cidade do Porto) foram dadas por D. Affonso I, em 20 de junho de 1186, ao D. prior e conegos da collegiada de Cedofeita, que ficaram sendo senhores donatarios das duas freguezias, das quaes recebiam grandes fóros, rendas, dominios, luctuosas, etc. (Os dominios eram quasi todos de 5, 1 — ou 20 por cento do valor da propriedade!)

Os donatarios pagavam o *quinto* á corôa, que nas duas freguezias andava por 33$000 réis.

Estas doações foram confirmadas depois por outros reis portuguezes.

A doação comprehendia *todas as herdades das ditas freguezias, contiguas e visinhas dos coutos da Sé do Porto.*

—

A freguezia de Massarellos está formosamente situada, parte no monte do seu nome, e parte na margem direita do Douro, onde tem uma boa estrada á mac-adam, e um *caminho americano*, construido em 1873, para S. João da Foz, e Leça.

—

É n'esta freguezia a antiga alfandega, por isso chamada de Maçaréllos, que ainda serve de deposito de todas as mercadorias que não cabem na alfandega principal. O edificio é propriedade particular que a alfandega traz de renda.

Toda a margem do Douro pertencente a esta freguezia é orlada de casas, sendo algumas d'ellas de boa apparencia.

Ha aqui um terreiro sobre a margem do rio, occupado com uma alameda, formada por arvores seculares, e proximo d'ella a bonita residencia do sr. barão de Maçarél-los, tendo na frente a optima fabrica de fundição de ferro do mesmo nome, que é de uma companhia.

Onde hoje se vê a alamêda, existiam no seculo XIII as salinas de Maçaréllos, celebres pelas grandes demandas a que deram causa — primeiramente entre a corôa e os conegos de Cedofeita — e depois entre estes e os bispos do Porto.

Achando-se o rei D. Diniz em Braga, confirmou, por alvará de 7 de julho de 1280, ao *abbade da collegiada de Cedofeita, do Porto, o privilegio do seu couto, sobre não se embargar pelos officiaes del-rei, tirar-se sal das marinhas de Massarellos.* (Documento do archivo da collegiada.)

Os bispos do Porto, allegando serem senhores da cidade, contestaram este alvará e deram causa a encarniçados litigios.

—

Estando D. Affonso V em Evora, fez conde de Massarellos a João Rodrigues de Sá, alcaide-mór do Porto, por carta de 29 de dezembro de 1469.

—

Sobre o monte de Maçarellos, no sitio onde existiu a celebre *torre da marca* (que servia para dar os signaes aos navios que demandavam a barra) está hoje o sumptuoso *palacio do crystal* com o seu theatro de Gil Vicente, o seu circo e os seus vastos e formosos jardins; estando no recinto d'el-

les a capella onde foi sepultado e esteve algum tempo o cadaver de Carlos Alberto, rei do Piemonte. (Vide *Porto.*)

—

É tambem n'esta freguezia a acreditada fundição de ferro, do *Ouro*, sobre a margem do rio, e hoje propriedade do illustrado industrial o sr. Luiz Ferreira de Sousa Cruz.

—

No territorio d'esta freguezia ha formosas casas de campo e boas quintas.

—

Aqui nasceu, em 30 de março de 1745, o dr. Antonio Ribeiro dos Santos. Era filho de Manuel Ribeiro de Sousa Guimarães, coronel de Mineiros, e de D. Josepha Maria de Jesus.

Chamado por seu avô ao Brasil, ahi fez os seus primeiros estudos, sob a direcção dos jesuitas no seminario da Lapa, da cidade do Rio de Janeiro.

Em 1764 regressou á patria, e se matriculou na Universidade de Coimbra.

Formou-se em direito canonico e foi graduado em 1771—lente substituto, e depois cathedratico da mesma faculdade—regendo as cadeiras de direito natural e primeira synthetica das decretaes, até ser jubilado em 1795.

Foi o 1.º bibliothecario da Universidade depois da reforma do marquez do Pombal, em 1777—commissario geral dos estudos, na repartição da côrte e provincia da Estremadura—censor regio—deputado da junta da revisão e censura do novo codigo, em 1788—desembargador aggravista da casa da supplicação de Lisboa—deputado do Santo Officio—da mesa da consciencia e ordens—da junta da bulla da santa cruzada—deputado da junta e estado da serenissima casa e estado de Bragança, e chronista da mesma casa—deputado da junta creada em 1802, para a organisação do codigo penal militar—conego doutoral, apresentado em concurso, e confirmado successivamente, nas Sés de Viseu, Faro e metropolitana de Evora—1.º bibliothecario-mór da bibliotheca publica de Lisboa, a cuja fundação e organisação presidiu, em 1796, servindo n'este emprego até que foi aposentado em 1816—cavalleiro professo da Ordem de Christo, e freire na de S. Thiago da Espada—do conselho de S. A. R. o principe regente (depois D. João VI)—socio effectivo da academia real das sciencias de Lisboa, desde a sua fundação, em 1779—socio estrangeiro da academia celtica de Paris, em 1804, etc.

Morreu em Lisboa, a 16 de janeiro de 1818, cheio de honras e cargos: mas privado da vista (que perdêra alguns annos antes) na sua casa da rua do Sacramento, n.º 23, freguezia de Nossa Senhora da Lapa, em cuja egreja parochial foi sepultado, no respectivo carneiro.

MACAROME—freguezia, Minho, hoje annexa á de Santa Eulalia de Cabanellas, na comarca e concelho de Villa Verde, 12 kilometros ao N. de Braga, e 365 ao N. de Lisboa.

Em 1757 tinha 22 fogos.

Orago S. Gens.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O abbade de Cabanellas apresentava o vigario, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia foi supprimida, por pequena, no principio do seculo XIX.

MACÊDA—freguezia, Douro, comarca, concelho e 4 kilometros ao S. da Feira, 24 ao S. do Porto, 6 ao N. d'Ovar, 285 ao N. de Lisboa, 310 fogos.

Em 1757 tinha 211 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

O commendador das Ordens de Malta, de Villa-Mean, apresentava o reitor, que tinha 100$000 réis de rendimento.

Situada em planicie, sobre a estrada a mac-adam, que da Feira vem á estação do caminho de ferro em Ovar.

MACEDINHO—Vide a palavra seguinte.

MACEDO DO MATTO—freguezia, Tras-os-Montes, concelho e comarca de Bragança, 45 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 30 fogos.

Orago Nossa Senhora da Purificação.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 100$000 réis de rendimento.

Dão a esta freguezia vulgarmente o nome de *Macedinho do Matto.*

MACEDO DO PESO—freguezia, Tras-os-Montes, comarca e concelho do Mogadouro, 30 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757 tinha 37 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O real padroado apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

MACEDO DOS CAVALLEIROS—villa, Tras-os-Montes, cabeça da comarca e concelho do seu nome, 54 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A casa de Bragança apresentava o reitor, que tinha 50$000 réis de rendimento.

Tem estação telegraphica.

O concelho de Macedo dos Cavalleiros é composto das 35 freguezias seguintes:—Ala, Amendoeira, Arêas, Bagueixe, Bornes, Burga, Carrapatas, Castellãos, Chacim, Cortiços, Corujas, Edroso, Espadanêdo, Ferreira, Grijó, Lagoa, Lama-Longa, Lamas de Podence, Lombo, Macêdo dos Cavalleiros, Moraes, Murçós, Olmos, Perêdo, Podence e Romeu, Salcellas, Sezulfe, Talhas, Talhinhas, Valle-Bem-Feito, Valle da Porca, Valle de Prados, Villar do Monte, Villarinho d'Agrochão e Vinhas.

Todas estas freguezias são do bispado de Bragança, menos Lombo e Perêdo, que são no arcebispado de Braga.

A comarca Macedo dos Cavalleiros é composta só do seu julgado, que tem 4:000 fogos.

Esta comarca e concelho são os antigos de Chacim, que mudaram para Macêdo sua séde em 1855.

—

Macêdo é um appellido nobre em Portugal, vindo de Hespanha. Trouxe-o D. Alvaro Gil de Macedo, que se julga deu o seu appellido por nome a esta villa, de que foi senhor donatario e onde teve solar.

Esta familia está hoje muito ramificada no reino.

Tem brazão d'armas completo—é—em campo azul, cinco estrellas de oiro, de 6 pontas, em aspa—elmo d'aço aberto—timbre, um braço vestido de azul, com uma maça de oiro, cravejada de pontas de ferro, e em acção de querer descarregar a pancada.

Outros do mesmo appellido usam—em campo azul, leão de ouro, cercado de 8 vieiras, da sua côr.

—

Tambem foi em Macêdo dos Cavalleiros o solar e morgado dos Teixeiras de Macedo (Para o que respeita a origem d'estes Teixeiras e suas armas, vide *Teixeira*, do bispado de Bragança.)

—

Como no reinado de D. Manuel ainda esta povoação não tinha o fôro de villa, ou, pelo menos, não era cabeça de concelho, não se lhe deu foral, mas sim a Chacim, sem data (por esquecimento do escrivão).

Está o foral no *Livro dos Foraes Novos de Tras-os-Montes*, fl. 18, col. 2.ª

É pois este foral o de Macêdo.

MAÇAROCA—*(milho de maçaroca)*—portuguez antigo—milho grosso ou milhão. Julga-se geralmente que o milho grosso não foi conhecido em Portugal senão depois do descobrimento de Guiné, por Diogo da Azambuja, em 1482. Os portuguezes o trouxeram para o reino, e diz se que foi aqui cultivado pela 1.ª vez nos campos de Coimbra, d'onde se propagou por todo o reino. (Vide *Milhom.)*

MACEIRA—pequeno rio, Extremadura, atravessa, e rega o Valle do Vimieiro, de Alcobaça. Morre no Alcôa.

MACEIRA—freguezia, Beira Baixa, comarca de Celorico da Beira, concelho de Fornos d'Algodres, 35 kilometros de Viseu, 295 ao NE. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 113 fogos.

Bispado de Viseu, districto administrativo da Guarda.

Orago S. Sebastião, martyr.

O reitor de Santa Maria de Algodres apresentava o cura, que tinha 60$000 réis de rendimento.

MACEIRA—freguezia, Estremadura, concelho, comarca, e 9 kilometros de Leiria, 600 fogos.

Em 1757 tinha 429 fogos.

Orago Nossa Senhora da Luz.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

Os herdeiros de José Galvão de Lacerda, de Lisboa, apresentavam o cura, que tinha 160$000 réis.

Antigamente dava-se á padroeira o titulo de *Nossa Senhora da Maceira.*

Foi esta freguezia creada em 1517 pelo infante D. Affonso, filho do rei D. Manuel, administrador ou commendatario do convento de Santa Cruz, a requerimento dos moradores de Maceira e dos logares visinhos, desmembrando-os da freguezia de Santo Estevão, impondo-lhes sómente a obrigação de hirem todos os annos á sua antiga matriz no dia do padroeiro. Esta obrigação cessou com a extincção da freguezia de Santo Estevão.

Os freguezes são obrigados á fabrica da egreja *in totum,* aos ornamentos e á paga do cura.

No sitio da actual egreja existia uma antiga capella dedicada a Nossa Senhora da Maceira, que ficou sendo, por muitos annos, a padroeira da nova freguezia.

Esta capella foi reedificada e ampliada pelo licenciado, Sebastião da Fonseca, do desembargo d'el-rei, que possuia varias terras junto da capella.

Por esta reedificação pretendeu Fonseca o direito da apresentação da egreja, ao que se oppuzeram os beneficiados de Santo Estevão e Nossa Senhora da Pena.

O dito infante D. Affonso os harmonisou, assentando-se que o licenciado e seus herdeiros, que possuissem a fazenda junto da egreja, apresentassem o cura, e que elle e os mais freguezes dariam ao parocho, annualmente, 100 alqueires de trigo, e uma pipa de vinho, de 25 almudes — e em anno de esterilidade, 500 réis por elles; tudo andava por 160$000 réis.

O infante determinou que nem o dito licenciado, nem seus herdeiros se intitulassem padroeiros d'esta egreja, em tempo algum; porque o primeiro fundamento d'ella foi do prior-mór de Santa Cruz.

Fonseca tinha mandado esculpir as suas armas na capella mór, mas foram mandadas picar, em visitação, no anno de 1542. Esta determinação não teve effeito, e as armas ficaram.

Este licenciado não só fez muitas obras á sua custa, na egreja, mas tambem lhe fez algumas doações; e os seus descendentes continuaram a apresentação, contra vontade dos freguezes, que queriam ter esse direito.

—

Tem a egreja o altar-mór e dois lateraes, e é toda forrada de bôrdo.

Tem as armas do rei D. Manuel.

Na abobada da capella-mór, estão as armas de Sebastão da Fonseca.

—

Defronte da porta da egreja, do lado do Evangelho, está uma capella de abobada, de pedraria lavrada, com sacrario, e no meio uma grande cruz de pedra, tendo em baixo Nossa Senhora da Piedade (antigamente do *Pranto*) com Jesus Christo morto nos braços, e de cada lado os dois ladrões. Tambem se vêem aqui as Tres Marias, os quatro Evangelistas e duas figuras de pontifices, com as insignias da Paixão do Salvador. Em cima está o Padre Eterno.

Todas as figuras são de pedra e em vulto.

N'esta capella estão as armas dos Fonsecas.

Foi instituida esta capella por Francisco da Fonseca, fidalgo da casa real, e por sua mulher, Joonna Monteira, moradores no logar dos Brunhos, termo de Monte-Mór-o-Velho.

Fizeram ambos testamento de *mão commum,* em 1563, no qual ordenaram que o sobrevivente fizesse a capella dentro de um anno, com missa quotidiana e quatro cantadas nos dias dos Fieis de Deus, Ascenção,

Espirito Santo e Nossa Senhora da Conceição.

A primeira invocação d'esta capella foi a de Nossa Senhora do Pranto, mas hoje se denomina da Cruz.

No mesmo testamento se determinava que no sacrario d'este altar estivesse o Santissimo Sacramento, deixando para o azeite da alampada (que estaria sempre accesa) a renda de um cerrado.

Tambem deixaram obrigada ao pagamento da esmola das missas, fabricas e ornamentos a sua quinta de Candéllo na freguezia de Cepões, no termo e a 12 kilometros de Viseu. Esta quinta é disima a Deus.

Deixaram ainda outros legados pios.

Falleceu primeiro Francisco da Fonseca, e sua viuva casou em segundas nupcias, com Vasco Botelho, filho de Belchior Botetho, da villa de Soure.

Ambos os instituidores d'esta capella foram n'ella sepultados, segundo o mandado no testamento.

—

Por cima da egreja parochial, no alto de um monte, está a ermida de Santo Amaro, construida em 1576, e dotada por pessoa particular, sendo bispo d'esta diocese, D. Gaspar do Casal.

No logar do *Porto do Carro*, está a ermida de Nossa Senhora da Conceição, feita em 1548, por pessoa particular, que a dotou com rendas para a sua conservação.

Era então bispo, D. Braz de Barros.

No logar de *Melvôa* ha a capella de Santa Maria Magdalena.

No logar dos *Cavallinhos*, está a capella de S. Mamede.

Na aldeia de *Barbas*, está a capella de S. Thiago, apostolo.

Na aldeia da *Moita*, está a capella de S. Silvestre, papa.

Entre as *Sob-Costas*, a de S. José.

Todas estas capellas foram mandadas fazer em visitação, para administração dos Sacramentos, pelo que os moradores dos logares onde elles estão, são obrigados á sua fabrica.

Por baixo das casas do parocho, na concavidade que faz á altura d'ellas ao sitio do adro, está um oratorio dedicado a Nossa Senhora da Guia, que fez um devoto, e n'elle a imagem de Nossa Senhora — que antigamente estava em uma lapa que havia no mesmo sitio.

Em 1654 se deu licença para n'este oratorio se poder dizer missa, a instancias de João Francisco de Maceira, que foi o fundador do oratorio e o dotou.

Este oratorio, quando estava na lapa, se denominava, de *Nossa Senhora do Barro* ou da *Barroquinha*.

É imagem de muita devoção, principalmente dos povos da Pedreira.

Junto do oratorio está uma fonte em que se lavam os romeiros, para remedio de varias enfermidades.

MACEIRA—quinta na freguezia de Santo Adrião, comarca e concelho de Barcellos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Esta quinta é o solar dos *Maceiras*, *Macieis* e *Maçoulas*.

O primeiro que se acha com o appellido de Maceira, é D. Lourenço Gomes de Maceira, ou da Maceira — valoroso militar, no tempo de D. Affonso III.

As armas d'estes appellidos são — escudo dividido em pala, na 1.ª, de prata, duas flores de liz, azues, em pala—e na 2.ª, tambem de prata, meia aguia de púrpura, armada de negro—elmo d'aço aberto—timbre, uma flor de liz, de ouro, entre dois ramos de maceira verde, com maçans de prata.

MACEIRADÃO—villa, Beira Alta, na freguezia de *Fornos de Maceiradão*, comarca e concelho de Mangualde, 12 kilometros a NE. de Viseu, 280 ao N. de Lisboa.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

(Vide pag. 219 do 3.º vol.)

A povoação de Maceiradão (ou *Maceira-Dão*, antigamente *Maceira do Dão*) é mais antiga do que a monarchia portugueza, e já existia no tempo dos arabes, e talvez mesmo no dos godos. O conde D. Henrique e sua mulher, a rainha D. Thereza, a fizeram couto, em 1109.

Houve aqui um famoso convento, que primeiro foi de monges benedictinos e depois

de bernardos, tambem antiquissimo; e tanto que ha duvidas sobre a sua fundação.

Diz Viterbo, que D. Affonso I e sua mulher, a rainha D. Mafalda, deram em 1154, ao mestre Soeiro Theodoniz, professor de medicina, cinco casaes em Travanca, junto a Viseu «em recompensa da cura que havia feito, por ordem real, a Rodrigo Exemeniz.» —Que este Soeiro se veio a fazer monge, e fundou um pequeno mosteiro, na egreja de Santa Maria de Moimenta, que era herdade sua, e que o rei lhe coutou em 1161, e se ficou chamando—*Couto de Santa Maria de Moimenta de Zurára.*

Que os monges, ou por acharem pequeno o mosteiro, ou por outra qualquer razão, hoje ignorada, fundaram um novo mosteiro em Maceiradão, para onde se mudaram, em 1173, coutando-lhe o rei, n'esse mesmo anno, o mosteiro, e dando-lhes o couto de Maceiradão.

Esta doação está assignada pelo rei, por seu filho D. Sancho (depois 1.º) e por sua filha, a *rainha* D. Thereza.

Era então abbade do mosteiro, o seu fundador, o mestre D. Soeiro Theodoniz.

No cartorio do mosteiro, havia porém um documento muito antigo (escripto em latim barbaro), que dizia (traducção)—*Havia em Leiría, em 1106, um alcaide mouro, chamado Al-Barach, esforçadissimo cavalleiro, que n'esse anno foi feito prisioneiro pelo conde D. Henrique, perto de Coimbra (onde então estava o conde), em uma correría que ahi fôra fazer o mouro.*

O conde o tratou muito bem, e o levou para Guimarães, onde se converteu ao christianismo e se fez frade, e foi o fundador do mosteiro de Maceiradão.

Ainda outros, fazem este mosteiro mais antigo.

Fr. Agostinho de Santa Maria, no seu *Sanctuario Marianno* (pag. 15 do 5.º vol.), diz que os frades fundaram o Sanctuario de Nossa Senhora do Monte, no anno 900, ou antes. (Vide adiante.)

Quando o abbade *João Cirita*, introduziu a reforma de S. Bernardo, ou de Cister, na ordem de S. Bento, foi ella adoptada pelos monges de Maceiradão.

Este mosteiro chegou a ser muito rico, com varias doações dos reis e particulares, e directo senhor de varias terras.

(Vide a pag. 193 do 3.º vol., o que digo do foral que o abbade Peyson, deu á freguezia de Figueiredo de Céa.)

—

Junto a este mosteiro, está o Sanctuario de *Nossa Senhora do Monte*, fundado na maior eminencia de um cabeço, que se avista de grandes distancias. D'aqui lhe provem as duas invocações da Santissima Virgem que se venera n'este Sanctuario, pois uns lhe chamam *Nossa Senhora do Monte*, e outros, *Nossa Senhora da Cabeça.*

Dizem outros, que a ultima invocação, não é por estar a capella na *cabeça* de um monte; mas porque a Senhora é advogada contra as dores da cabeça.

Não se sabe ao certo a data da fundação d'esta capella, e do que ha certeza, é da sua antiguidade.

O *Sanctuario Marianno*, no logar já citado, suppõe ser obra dos monges Bentos d'este mosteiro, pelos annos 900, ou antes; mas é mais provavel que os frades só reedificassem a capella depois do anno 1173.

É certo que os religiosos de Maceiradão tinham por costume antiquissimo, hirem em todos os sabbados do anno, cantar uma missa á capella de Nossa Senhora do Monte, a que elles chamavam *Santa Maria do Monte.*

Diz o mesmo auctor que é possivel que o primittivo mosteiro fosse no sitio onde hoje está a capella, e se veiu a mudar mais para baixo (para o sitio actual) por terem os monges mais por onde poderem alargar a sua cérca.

A festa da Senhora, se fazia (e não sei se ainda se faz) no dia de Santa Cruz, a 3 de maio, e era muito concorrida de romeiros de todas as freguezias circumvisinhas.

Além d'isso, muitos devotos hiam visitar a Senhora pelo decurso do anno.

A capella actual não é a primittiva, é reedificação moderna e de graciosa architectura.

Fica ao E. de Villa Garcia.

MACHÊDE—freguezia, Alemtejo, concelho, comarca, bispado e districto administra-

tivo de Evora, d'onde dista 18 kilometros e 125 ao SE. de Lisboa, 360 fogos.

Em 1757 tinha 300 fogos.

Orago, S. Miguel Archanjo.

A mitra apresentava o cura, que tinha 448 alqueires de trigo e 129 de cevada.

É terra fertil em cereaes.

Diz-se que *Machêde* é palavra arabe, e significa *terra do Senhor*. (Vide a freguezia seguinte.)

MACHÊDE—freguezia, Alemtejo, concelho, comarca, bispado, districto administrativo, e 12 kilometros de Evora e 125 a SE. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 158 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Natividade.

A mitra apresentava o cura, que tinha 260 alqueires de trigo e 120 de cevada.

É terra fertil em cereaes.

Esta freguezia e a antecedente já existiam no tempo dos godos, pois foi erigida (esta) em parochia, no anno de 672.

Ambas formavam uma só freguezia, e pelos annos de 1200 se desmembrou a de S. Miguel, formando parochia independente.

É n'esta freguezia a capella de S. Bento, de grande devoção do povo, que acredita que este Santo tem preseverado a terra de pestes, e que é a causa de não morderem as muitas viboras que por aqui ha.

Para a etymologia, vide a freguezia antecedente.

MACHIAL—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres-Vedras, 45 kilometros ao N. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 171 fogos.

Orago Santa Suzana.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O parocho é prior collado. Era da apresentação, *in solidum*, dos administradores dos tres morgados, dos herdeiros de Ignacio Freire de Andrade, Nicolau Rodrigues Ribeiro e Nicolau Pereira de Castro, da villa da Arruda.

Tinha 400$000 réis de rendimento annual.

O nome d'esta freguezia é corrupção de *Ameixial*.

MACHIO—freguezia, Douro, comarca de Arganil, concelho da Pampilhosa, 215 kilometros ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Coimbra.

Esta freguezia não vem no *Portugal Sacro e Profano*.

MACIEIRA—freguezia, Beira Alta, comarca de Moimenta da Beira, concelho de Cernancêlhe, 35 kilometros de Lamego, 360 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago Nossa Senhora da Apresentação.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

O vigario de Fonte Arcada apresentava o cura, que tinha 60$000 réis de rendimento. (Vide Caria.)

MACIEIRA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros à O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 148 fogos.

Orago Santo Adrião.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor de S. Miguel de Chorente, apresentava o vigario, que tinha 70$000 réis de rendimento.

Dá-se a esta freguezia o nome de *Macieira de Rates*.

MACIEIRA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Lousada, 35 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 87 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O vigario de Santa Christina de Nogueira, apresentava o cura, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

MACIEIRA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Villa do Conde, 24 kilometros ao N. do Porto, 324 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 121 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O reitor do convento dos Loyos, do Por-

to, apresentava o cura, que tinha 50$000 réis.

É terra fertil.

Passa pela freguezia o rio Ave.

MACIEIRA DA LIXA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Felgueiras, 35 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 153 fogos.

Orago Santa Leocadia.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O prior dos conegos regrantes do mosteiro de Caramôs, apresentava o vigario, que tinha 60$000 réis de rendimento.

MACIEIRA DE ALCOBA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Agueda, 60 kilometros ao N. de Coimbra, 260 ao N. de Lisboa, 75 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

O prior das Talhadas apresentava o cura, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

MACIEIRA DE CAMBRA—villa, Douro, comarca, e 8 kilometros ao ENE. de Oliveira de Azemeis, 40 a ENE. de Aveiro, 40 ao S. do Porto, 75 ao N. de Coimbra, 275 ao N. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1757 tinha 202 fogos.

Orago Nossa Senhora da Natividade.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

É cabeça do concelho do seu nome, vulgarmente chamado concelho de Cambra.

Comprehende as 8 freguezias seguintes: —Arões, Castellões, Cepéllos, Codal, Junqueira, Macieira, Rôge, e Villa Chan e sua annexa, Villa-Cova-do-Porrinho.

A casa do infantado apresentava o prior, que tinha um conto de réis.

Esta villa, que é pequena e nada tem de notavel senão a sua antiguidade e a sua bella situação, está quasi no centro do formosissimo e feracissimo *Valle de Cambra*, um dos mais poeticos da provincia.

O rio Caima, que placido e crystalino atravessa serpenteando por entre este valle, é n'elle cortado por varias pontes de pedra, quasi todas construidas n'este seculo. (Para evitar repetições, vide *Caima*, a pag. 34 do 2.° vol.)

—

Posto ser povoação muito antiga, não me consta que tivesse foral velho; pelo menos, Franklim não o menciona; comtudo, na *reforma* do foral novo, se allude ao maço 5 dos foraes antigos, n.° 8 — o que induz a crer que esta villa teve foral dado por algum dos nossos primeiros reis.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, em 10 de fevereiro de 1514.

(*Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 205 v. col. 2.ª)

Trata-se n'este foral das terras seguintes: —Aljeriz, Arêias, Armental, Arões, Cabril, Cabrum, Campo de Ançan, Canião, Chão do Carvalho, Codal, Coelhosa, Castellões, Ervedosa, Lourozélla, Merlães, Paraduça, e Refógios.

Ha ainda outro exemplar, expedido na reforma de D. Manuel I, na mesma data, no maço 5 de *Foraes Antigos*, n.° 8.

—

Era d'esta freguezia, D. Constança Affonso, irman de D. Gomes Gil de Soverosa, a qual, por seus amores com D. Rodrigo Sanches, filho bastardo de D. Sancho I e da celebre D. Maria Paes Ribeira (vide *Lourinhan*), foi a causa de que seu amante fosse morto em duello contra o dito D. Martinho, em 2 de julho de 1245. (Vide *Grijó*, a pag. 324 do 3.° vol.)

—

Ha no concelho de Cambra algumas casas nobres, que vão sob o nome das terras onde são situadas.

—

Sobre a etymologia da palavra *Cambra*, ha diversas opiniões, mais ou menos plausiveis.

A que merece mais conceito, é—que esta palavra é corrupção de *Coimbra*, que foi o primeiro nome da povoação, e de um ribeiro que nasce n'este concelho, e aqui mesmo se junta ao Caima, ou d'este mesmo rio.

É certo que em alguns papeis dos seculos XI, XII e XIII, se vê esta freguezia designada com o nome de *Santa Maria de Coimbra;* todavia, eu (salvo meliore judicio) in-

clino-me a que seja corrupção de *camara.*

Todos sabem que *camara*, na lingua portugueza, tem varias significações; mas, no caso sujeito, vem a ser *cambra* corrupção da *camara* que passo a explicar.

Em todos os bispados que se erigiram em Portugal, antes do seculo XVI, havia certos territorios que se denominavam *Camara do Bispo*, o que significava que estas terras e suas egrejas eram da mitra, e os seus dominios e direitos a ella pertenciam.

Nos documentos dos mosteiros e cathedraes se acha com frequencia—*camara do abbade, camara do prior, camara do bispo,* etc., n'esta accepção.

No bispado de Lamego eram camara dos bispos—Trovões, Parada do Bispo, Velloso, Villa da Ponte, etc.

Em um documento do mosteiro d'Alpendurada, de 1447, se dá o nome de *casaes da camara*, ás terras foreiras ao mosteiro e onde elle tinha o direito de apresentação.

A freguezia de Macieira de Cambra, foi antigamente do bispado de Merida, e passou para o de Coimbra, assim que este foi creado (vide Grijó e Feira) e foi dada aos bispos de Coimbra; pelo que se denominava *camara do bispo de Coimbra.* É facil de suppor que, por abreviatura, se diria *camara de Coimbra*, e d'aqui talvez, o nome de *Coimbra* que alguns lhe attribuem.

Os bispos de Coimbra deram esta freguezia em troca aos condes da Feira, em cuja casa se conservou, até passar para a do Infantado, a que ainda pertence.

—

Não me parece fóra de proposito dizer aqui as diversas accepções que no portuguez antigo tinha a palavra *camara;* eram, além da já referida: Grilhão de ferro com que se prendiam pelos pés, os captivos, ou criminosos (tambem se lhe dava o nome *adobe*—depois se chamava *braga.*)

Depois da invenção da artilheria, se dava o nome de *camara* á carreta sobre que a peça se colloca.

Camara cerrada era a promessa de uma certa quantidade de arras á desposada, e tambem—*tudo o que é preciso para ornar e paramentar dignamente o quarto ou casa de uma senhora nobre, distincta e honrada, sem faltar cousa alguma á precisão, decencia e costume.* (*Elucid.*, de Viterbo—*Memoria sobre a Camara cerrada*, do dr. Levy Maria Jordão, inserta no tom. 2.º das *Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, nova serie, classe 2.ª)

Camara da cama do estado, o quarto onde estava a cama do rei, que tambem se chamava *camara do estado.* (*Livro Vermelho*, de D. Affonso V, n.º 14.)

Camara é tambem um appellido nobre em Portugal.

João Gonçalves Zarco, descobriu a Ilha da Madeira, em 1419. Desembarcou em um sitio da costa, onde viu uma grande caverna, habitada por lobos marinhos, á qual elle por isso deu o nome de *Camara de Lobos*, que ainda conserva.

Regressando a Portugal, D. João I mandou que João Gonçalves Zarco e seus descendentes tomassem o appellido de *Camara*, em memoria d'esta feliz descoberta.

São muitas as familias nobres d'este reino que usam do appellido *Camara*, e é o seu ramo primogenito, actualmente, o sr D. José Maria Gonçalves Zarco da Camara, conde da Ribeira-Grande (na Ilha da Madeira.)

O 1.º conde da Ribeira-Grande, foi D. Manuel da Camara, por D. Affonso VI, em 15 de setembro de 1662. Já seus antepassados eram condes de Villa Franca, e D. Affonso VI, a seu pedido, lhe mudou (a D. Manuel) o titulo para o actual.

As armas dos *Camaras*, são—em campo preto, uma torre de prata, com ameias, e corucheu, que remata em uma cruz de ouro e dois lobos da sua côr, de pé, rompendo contra a torre, que está em campo verde.

Tem por timbre, um dos lobos das armas.

—

Todos sabem que, desde tempos remotos, o nosso povo sempre pronunciou *cambra* e não *camara.* Já se vê que o idiotismo passou, com a frequencia do uso, a formar o nome da povoação, e hoje seria *êrro* escrever *Macieira de Camara.*

MACIEIRA DE SARNES (tambem chamada, **MACIEIRA DAS TERÇAS**)—freguezia, Douro, comarca, concelho e 12 kilometros ao NE. de Oliveira de Azemeis, 30 ao S. do Porto, 280 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 61 fogos.

Orago Santa Eulalia.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

Situada em terreno plano, ou collinas pouco accidentadas e ferteis.

O abbade de Cesár apresentava o cura, que tinha só o pé d'altar.

Os Castros, da casa do Côvo, se denominavam *senhores das honras de Cesár e Gaiate*, e como a freguezia de Macieira de Sarnes era um curato da freguezia de Cesár (d'onde fôra desmembrada no seculo XVII) eram os Castros senhores donatarios de parte da freguezia de Macieira, e ainda d'aqui recebem alguns fóros e *miúças*.

Teve principio esta freguezia em uma capella de Santa Eulalia, que havia no logar das Terças. Quando se erigiu em freguezia mudou se a egreja para o sitio actual; mas ainda hoje não passa de uma capella acanhada, baixa e pobre.

Houve aqui (segundo a tradição) um pequeno mosteiro de freiras benedictinas, que foi supprimido no seculo XVI, passando as religiosas para o convento de S. Bento da Ave Maria, da cidade do Porto.

É d'aqui natural e aqui foi parocho, e vigario da vara do 4.º districto da comarca ecclesiastica da Feira, e distincto orador sagrado, o sr. Luiz Moreira da Silva Maia, actual abbade da freguezia de Santo Ildefonso, da cidade do Porto.

—

Ha n'esta freguezia minas de cobre, que pertencem á companhia das minas do *Pintor*. Ha tambem minas de ferro, que se não exploram.

Perto da egreja e de uma rocha de granito quartzozo, rebenta uma fonte d'agua ferruginosa, que ainda não foi analysada.

Esta freguezia está dentro dos limites do territorio antigamente chamado Terras de Santa Maria, e hoje Terras da Feira.

MACINHATA DA SEIXA (ou da **CEIÇA**) — freguezia, Douro, comarca e concelho de Oliveira de Azemeis, d'onde dista 5 kilometros, 70 ao N. de Coimbra, 43 ao S. do Porto, 280 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

O collegio da Companhia de Jesus, de Coimbra, e, depois de 1759, o real padroado, apresentava o reitor, que tinha 130$000 réis.

Para a etymologia, vide a Macinhata seguinte, que fica 24 kilometros ao S. d'esta.

MACINHATA DO VOUGA — freguezia, Douro, comarca e concelho de Agueda, 70 kilometros ao N. de Coimbra, 250 ao N. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1757 tinha 300 fogos.

Orago S. Christovão.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Os duques de Lafões apresentavam o prior, que tinha 400$000 réis de rendimento.

A povoação é situada em uma planicie, suavemente inclinada sobre os ferteis campos da margem direita do rio Vouga. É porém cercada de montes, cobertos de pinheiros e outras arvores silvestres. No monte que lhe fica a O., coberto de arvoredos e campos, fica a povoação da *Mêsa*, e a bella casa dos senhores viscondes de Almeidinha.

D'aqui se avista o convento de Serem do Vouga.

Direi o que ha, quanto á etymologia da palavra *Macinhata*.

Póde derivar se do portuguez antigo *meskino*, o servo que trabalhava nas propriedades do respectivo senhor.

É de *meskino* que vem o substantivo (tambem portuguez antigo) *mesquinade*, que significa desventura, infelicidade, desgraça, etc.

Ora, como os povos d'esta freguezia pagavam grandes rendas, fóros, alcavalas, etc. á poderosa casa dos senhores que depois foram duques de Lafões, podiam muito bem considerar-se meskinos os povos d'aqui, e d'isso viria á freguezia o nome de *Mesqui-*

nade, que facilmente se corromperia em *Macinhata*.

Os d'aqui, porém, não querem acceitar esta etymologia, e dizem que Macinhata vem das duas palavras arabes—*maciho* (plano, liso, macio, sem aspereza, etc.), derivada do verbo *maçaha* (que significa polir, alisar, limpar, etc.), e de *nata*, que, segundo elles, significa *logar baixo*.

É certo que *maciho* póde significar planicie; porém *nata*, não é palavra arabe, nem significa *logar baixo*. Ha a palavra arabe *nataf*, mas este nome dão os arabes a uma terra betuminosa e combustivel, que é uma especie de turfa, de que elles se servem como nós do carvão mineral. (1)

Por consequencia, se esta fosse a verdadeira etymologia, significava *planicie* ou *campo da turfeira*, e não planicie baixa.

Nem a circumstancia de existir esta povoação no tempo dos arabes nos obriga a acceitar similhante etymologia como a unica verdadeira; porque todo o mundo sabe que os mouros conservaram a maior parte dos nomes das povoações da Lusitania, contentando se em corromper muitos d'elles por lhes *não chegar a lingua* para os pronunciar.

Tudo isto cahe por terra em vista do que se lê no *Livro Preto* de Santa Cruz, de Coimbra. D'esta leitura se vê que o antigo nome de Macinhata era *Eminhate* (talvez diminutivo de *Emínio*, que era o nome da villa de Agueda—como se hoje dissessemos—*Aguedinha* ou *Pequena Agueda*).

Veja se, sobre este ponto, o que digo na palavra *Eminhate*, a pag. 26, do 3.º vol.

No principio do seculo XI, porém, já esta freguezia tinha o nome actual.

Segundo a historia, hindo D. Ramiro I, de Leão, ao mosteiro de Lorvão, visitar seu tio, D. João, que alli era abbade, fez muitas e grandes mercês ao mosteiro; e as fez assignar pelos chefes mouros de Gaia, Lamego, Viseu e Macinhata do Vouga, que então venceu. (Vide *Lorvão* e *Monte-Mór-Velho.*)

—

Já vemos que esta povoação não só existia no tempo dos arabes, mas até que era importante, pois era governada por um regulo mouro. Não ha porém monumento algum que nos prove a sua antiguidade. Apenas, quando ha uns 20 annos se demoliu a egreja velha, para a reedificar, se achou um sepulchro de pedra inteiriça; mas sem a minima inscripção por onde a sua antiguidade se podesse averiguar. Ainda aqui existe este tumulo, collocado em frente da nova egreja.

—

A egreja nova, que é no mesmo sitio da antiga, fica na extremidade da povoação, com a frente para o rio *Vouga*, ficando-lhe o cemiterio parochial do lado direito.

No adro da egreja está a residencia do parocho e os passaes da egreja, que são muito bons.

A reconstrucção da egreja e a fundação do cemiterio devem-se á sollicitude, zelo e esforços do dr. José Joaquim da Silva Pinho, de Jafafe (d'esta freguezia) e á coadjuvação do sr. padre José Rodrigues de Mello, prior da freguezia, e dos membros da junta de parochia, os srs. padres José da Fonseca e Joaquim Nogueira da Silva.

—

É pois Macinhata uma freguezia bonita, pittoresca, sádia e fertil, devendo grande parte da sua fertilidade ás aguas do *Vouga*, que tambem lhe dá bom peixe.

—

Gloria-se esta terra de ser patria de varões dignos de menção, e entre elles os seguintes:

Dr. Manuel da Fonseca Coelho, que foi juiz de fóra de Freixo de Espada á Cinta, e depois corregedor de Ourem.

Dr. Manuel Pereira da Graça—nasceu em 1770. Era filho de José Pereira da Graça, carpinteiro; de Macinhata.

Tinha aquelle um tio, Francisco Pereira da Graça, rico negociante em Coimbra, que o tomou sob a sua protecção, e o fez estudar medicina n'aquella cidade, distinguin-

(1) Em Portugal tambem ha logares formados por esta terra, que se emprega como combustivel. No monte de *Laborades*, que divide as freguezias d'Ancora e Afife (Minho), ha abundancia d'este combustivel. (Vide pag. 211, do 1.º vol.)

do-se tanto o academico, que foi premiado em todos os annos.

Tomou o grau de bacharel em philosophia e doutorou-se em medicina.

Quando defendeu theses para tomar capello, o fez com a admiração e louvor de toda a academia, menos dos dois lentes *Navarros*, que, por odio ao estudante, lhe lançaram duas favas pretas, no exame privado.

O tio do academico levou esta injustiça aos pés do principe regente (depois D. João VI) que mandou ordem á universidade para admittirem o illustre academico ao doutorado, dando-lhe capêllo gratuitamente, em 1798 — e o condecorou com o habito de Christo.

Exerceu a clinica alguns annos em Coimbra, vindo depois para Macinhata exercer a sua arte, adquirindo justa fama de grande medico.

Principiou om 1803 a escrever sobre medicina, e em 1806 publicou o seu *Tratado de diabetes. (Diccionario Bibliographico* do sr. Innocencio F. da Silva, tom. VI, pag. 80.)

Por desgostos com a sua familia, sahiu do continente e se foi estabelecer na ilha da Madeira, onde casou com uma senhora da mesma ilha, de quem teve um filho, por nome Adriano Pereira da Graça, que, entre os annos de 1823 a 1828, enviou com um dote de 12 contos de réis para Coimbra, para casa de seu tio e protector, recommendando-lhe a sua educação.

Morreu na Madeira, pelos annos de 1830. Seu filho ainda vive em Coimbra.

—

No convento de Serem (do Vouga) existia uma chronica manuscripta, que contava o caso seguinte.

Em 1634 era prior de Macinhata o padre Francisco (a chronica diz *que lhe occulta os sobrenomes, por caridade.*)

Em 8 de setembro d'esse anno, chegaram á villa de Serem (que é d'esta freguezia) fr. João de Villa Real e outro companheiro, para continuarem as obras do seu mosteiro.

O prior de Macinhata os recebeu com a maior aspereza, fazendo-os acarretar ás costas, e depois bater a maço as estacas para a tapagem do rio.

Este prior tinha dois creados (irmãos) de alcunha os *Cangalhos*, tão malvados, que acutilavam, esfaqueavam homens e mulheres, e a uma d'estas lhe lançaram sal sobre as feridas que lhe haviam feito.

Fr. João de Villa Real, *que tinha relações com muitos fidalgos de Madrid*, deu parte d'estas atrocidades para Castella, e Philippe IV mandou logo uma alçada syndicar do caso.

O prior, apenas isto soube, fugiu com os *Cangalhos*, dizendo:

«Tal alçada sobre ti?
«Francisco, vae-te d'aqui.»

Nunca mais se soube do prior nem dos criados.

—

Com licença da tal chronica, *manuscripta*, dão-me tentações de não acreditar nas *atrocidades* do prior e dos seus dois criados, e de desconfiar que houve aqui *castelhanismo* da parte dos frades, e patriotismo da parte do prior. Mesmo porque a tal chronica, relatando os grandes e inacreditaveis crimes do padre Francisco e dos seus dois acolytos, não conta nada sobre a consequencia da alçada, nem que por ella se provassem semelhantes crimes.

Tambem a suppressão dos *sobrenomes* do prior, me faz ainda mais acreditar que a cousa não passa de uma intriga urdida para certos fins, ou, o que é mais provavel, não passar tudo de uma grande patranha que alguem se entreteve a escrever na tal chronica, para divertimento em horas de ociosidade.

—

É n'esta freguezia a antiquissima villa de Serem. Para não fazer este artigo mais extenso, e mesmo por ser mais curial, vae a descripção d'esta villa e do seu convento no logar competente. Vide pois *Serem.*

MAÇORES — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Moncorvo, 160 kilometros a NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 95 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

A camara ecclesiastica de Braga, apresentava o abbade, que tinha 100$000 réis de rendimento.

Para a etymologia vide *Mançores*.

MADAÍL — freguezia, Douro, comarca, concelho e 3 kilometros ao SO. de Oliveira de Azemeis, 45 ao S. do Porto, 270 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 95 fogos.

Orago S. Mamede.

Foi do bispado de Coimbra, depois do do Porto, ao qual hoje pertence, districto administrativo de Aveiro.

O reitor de Avanca, apresentava o cura, que tinha 13$000 réis de congrua e o pé d'altar.

O povo chama a esta freguezia *Terra dos encinhos*, pelos muitos que aqui se fazem, e se exportam para grandes distancias.

MADEIRA (S. João da)—freguezia, Douro, comarca, concelho e 8 kilometros ao NO. de Oliveira de Azemeis, 32 ao S. do Porto, 36 kilometros a N. NO. de Aveiro e 280 ao N. de Lisboa, 450 fogos e 1:800 almas.

Orago, S. João Baptista.

Bispado do Porto e districto administrativo de Aveiro..

A mitra e o abbade do mosteiro de S. Bento, da cidade do Porto, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 600$000 réis.

Situada (a freguezia) em terreno levemente accidentado; mas a povoação chamada propriamente *S. João da Madeira*, está edificada sobre uma planicie elevada (especie de plató) d'onde se gosa para todos os lados a vista pittoresca de serras, outeiros, valles e bosques, alvejando por entre elles as cupulas conicas de algumas egrejas e varias casas de differentes povoações, vendo-se ao O. uma vasta extensão do Oceano Atlantico.

—

Esta povoação é uma bella rua arborisada, formada pela estrada real de Lisboa, orlada de bellos edificios particulares, quasi todos novos.

—

É povoação muito antiga, pois já existia (com o nome de *Madeira*, ou freguezia da *Madeira*) em 1251, visto que é mencionada nas *Inquirições* tiradas no mez de agosto d'esse anno (Maço 8.º dos *Foraes antigos*, n.º 1) para provarem a existencia do foral velho sem data, que á *Terra da Feira* deu D. Sancho I, no fim do seculo XII.

No *Foral novo*, dado por D. Manuel á villa e *Terra da Feira*, feito em Lisboa a 10 de fevereiro de 1514, tambem se comprehende esta freguezia. (Vide Feira.)

—

Nenhuma povoação da extensa Terra de Santa Maria (ou *Terra da Feira*) tem prosperado tanto como esta e os *Carvalhos*, na freguezia de Pedroso.

Ao genio emprehendedor, ao amor do trabalho, á energia e coragem de seus habitantes, deve *S. João da Madeira* o prodigioso desenvolvimento da sua população e dos seus melhoramentos materiaes e moraes.

A agricultura, o commercio e a industria prosperam aqui a olhos vistos, e *S. João da Madeira*, que, ainda ha 30 annos, era uma pequena aldeia, está hoje uma bonita e grande povoação, maior e mais rica do que muitas villas de Portugal.

—

Tem uma philarmonica (e já teve duas) e correio diario.

Antes de pouco tempo vae ser ligada com o caminho de ferro do Norte, por um ramal de estrada (de uns 2 kilometros de distancia) que a põe em communicação com a estrada de Ovar a Oliveira de Azemeis.

(Ramal que já podia e devia estar feito—visto a sua insignificante despeza—se as influencias de *campanario* e a rivalidade de Oliveira de Azemeis não tivesse ha dous annos actuado pelos interesses de *alguns* contra os do *commum*.)

Este ramal não só é utilissimo para *S. João da Madeira*, como tambem o é para muitas e populosas freguezias situadas ao N., NE., L. e SE. da estrada real.

Feito este pequeno ramal, *S. João da Madeira* tornar-se-ha uma estação commercial de muita importancia, e em poucos annos

attingirá as proporções de uma grande e florescente villa.

—

Entre os mais bonitos edificios d'esta povoação, se distinguem o do sr. *Antonio Moreira da Silvv Dourado* (proprietario de uma das melhores fabricas de chapeus de lã de Portugal, cujos productos têem sido premiados em varias *exposições*, e que emprega grande numero de operarios de ambos os sexos); a bonita casa e quinta do sr. *Francisco da Costa Lima*, a do sr. *Silva* e outras.

—

Uma industria insignificante na apparencia, tem aqui dado optimos resultados; é o fabrico, compra e venda de manteiga de vacca.

As pessoas dedicadas a este ramo de industria, têem prosperado muito, e formado uma bonita povoação contigua a *S. João da Madeira*, d'onde exportam diariamente para a cidade do Porto grandes porções d'este genero, já bastantemente aperfeiçoado.

Além d'isso, a freguezia exporta em grande escala, para o Porto, Extremadura, Alemtejo e Hespanha, os seus chapeus de lã, de optima qualidade, e tambem exporta constantemente para o Porto, gado bovino, para embarque, generos agricolas, madeiras, lenhas, etc.

—

Entre os varões illustres aqui nascidos, avulta o sapientissimo dr. *Christovão Alão de Moraes*, que veiu ao mundo a 13 de maio de 1632.

Foi baptisado na matriz d'esta freguezia; mas, tendo sido culpado de heresia o padre que o baptisou, se tornou a baptisar na egreja de S. Nicolau, da cidade do Porto.

Foi doutor formado em direito civil e canonico, juiz de fóra de Torres-Vedras, ouvidor e provedor de Mira, juiz dos orphãos do Porto, corregedor de Pinhel, Riba Côa e Coimbra, desembargador e corregedor do civel da relação do Porto.

Compoz e escreveu varios livros de muito merecimento, entre elles os *commentarios ás obras* de *Sá de Miranda*, e á *Ulyssêa*, de *Gabriel Pereira de Castro*.

Era filho primogenito do capitão de mar e guerra, *Balthazar Alão de Moraes*, (que morreu de 25 annos de idade, n'aquelle adiantado posto, ganho pela sua bravura e grandes serviços.)

O dr. *Alão*, casou com *D. Joanna Thereza de Carvalho*, filha de *Antonio de Carvalho*, creado da rainha D. Luiza de Gusmão, e que foi ama de leite de D. Affonso VI e de D. Pedro II.

Morreu a 19 de maio de 1693.

Está sepultado na Sé do Porto, na capella da *Vera Cruz* e *Santa Helena*, construida em 29 de outubro de 1381, por *fr. Domingos Geraldes Alão*, conego da mesma Sé, prior de *Ferronella* e commendador de *Rio-Meão.*

(A esta capella ainda hoje se chama dos *Alões.*)

Este inclito varão, reuniu ao seu muito saber, uma grande virtude e muita rectidão e solicitude no cumprimento dos deveres, que lhe impunham o desempenho dos seus muitos e varios empregos.

Foi seu primeiro mestre (de latim, francez e musica) seu tio, o muito douto e veneravel *D. fr. Antonio da Purificação*, conego de Santo Agostinho (crusio) do convento de Grijó; chronista e visitador geral da sua ordem, e lente jubilado em theologia, da universidade de Coimbra.

—

Nem só o dr. Alão, tão notavel pelos seus vastos talentos e raras virtudes, tem por patria esta freguezia. Póde até dizer-se que, nenhuma das do districto tem produzido tantos varões merecedores de que seus nomes occupem distincto logar n'esta obra, como S. João da Madeira.

—

A casa dos srs. *Cardozos Cortes Reaes*, deu em nossos dias o dr. *Bento Cardozo Corte Real*, que foi presidente da relação do Porto e ministro exemplarissimo pela sua rectidão e intelligencia.

Seu irmão mais velho, o morgado *José Nunes Cardozo Corte Real*, tambem era formado em direito.

Tinha dois tios frades, *D. fr. Luiz*, que foi abbade do convento da *Gralheira*, e *fr. José*, dominico em Aveiro.

Esta casa é actualmente do sr. *Manuel*

Cardozo Corte Real (filho d'aquelle José Nunes), que casou e reside no Porto.

—

A casa de *Fundões*, tambem tem dado cavalheiros muito considerados.

Esta casa está hoje no poder dos srs. drs. *Manuel Camossa Nunes de Saldanha* e *João Baptista Camossa Nunes de Saldanha*, de suas irmans.

Eram seus tios *Diogo Camossa*, que foi consul da Inglaterra, em Aveiro e *João Camossa*, um dos maiores proprietarios e capitalistas d'estes sitios, cuja fortuna herdaram os referidos sobrinhos.

Era avô d'estes, o *capitão mór de Fundões*, que morreu em Arouca assassinado pelo povo, sob o pretexto de ser *jacobino.*

—

A casa da *Varzea* teve um doutor formado em medicina pela universidade de Coimbra (*João de Mello*), e são vivos seus dois filhos formados em direitos, *Antonio da Silveira Toscano* e *João Toscano.*

—

A casa do *Roupal* deu o doutor em direito *José Joaquim Correia de Magalhães.*

Finalmente, o doutor em direito e advogado dos auditorios do Porto, *Manuel Mauricio de Araujo*, foi um jurisconsulto muito distincto, principalmente em orphanologia.

É seu sobrinho o sr. *Manoel Maciel Leite de Araujo*, cirurgião-medico pela eschola do Porto, e tambem muito distincto na sua profissão.

—

Já dissemos que ha n'esta freguezia fabrico de chapeus de lan em grande escala, e cuja qualidade e producção annual é muito superior actualmente a todas as fabricas de Braga.

O primeiro negociante de cavallos de Portugal, é d'esta freguezia.

São tambem d'ella os maiores negociantes de manteiga nacional.

—

Importa S. João da Madeira, grandes porções de lan, do Alemtejo, da Beira Baixa e da Hespanha.

Tambem importa grandes porções de figo do Algarve, que se vende nos mercados do Porto e outros.

S. João da Madeira é hoje a primeira terra commercial do districto de Aveiro, com exclusão d'esta cidade.

—

Para se fazer idéa da espantosa actividade commercial d'esta freguezia, basta dizer que o movimento de exportação e importação nos annos de 1868, 1869 e 1870 andou por 200 contos de réis, termo medio, annualmente!

—

Tudo leva a acreditar (principalmente a inexgotavel e tenaz actividade dos Madeirenses) que a povoação de S. João da Madeira (que nem ainda tem fôro de villa!) será, ainda nos nossos dias, uma das primeiras do districto de Aveiro: sobre tudo se o governo, attendendo ao grande desenvolvimento commercial, agricola e industrial d'esta freguezia, mandar abrir as estradas de que precisa, para chegar ao apogeu da sua prosperidade.

Para evitar repetições, ver o que está escripto a pag. 238, R R, do 1.º vol., sobre o massacre feito pelos francezes, em 1809, em umas 300 pessoas, que trucidaram no campo de *Bussiqueira*, d'esta freguezia.

—

Madeira é um appellido antigo e nobre em Portugal, tomado do nome d'esta freguezia.

Segundo Bluteau, o primeiro que usou d'este appellido, foi *João Martins Madeira*, alcaide-mór de Fáro, e que tinha o seu solar n'esta freguezia.

Suas armas são: em campo de púrpura, cinco cabeças de aguia, de ouro, cortadas em sangue, em aspa; elmo de aço, aberto, e por timbre, meia aguia de ouro, bicada de púrpura.

Outros d'este appellido usam das mesmas armas, mas o timbre é uma aguia de púrpura, bicada e membrada de ouro.

Esta familia, ou se extinguiu aqui, ou mudou de appellido, porque actualmente não ha na freguezia pessoa de representação que se appellide Madeira, nem ha vestigios de semelhantes armas em nenhum edificio, ou documento d'esta freguezia.

MADEIRAN—freguezia, Beira Baixa, co-

marca da Certan, concelho de Oleiros, 100 kilometros da villa do Crato, 200 ao E. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 44 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Carmo.

Districto administrativo de Castello Branco.

É do grão priorado do Crato, pelo que está desde 1834 annexa ao patriarchado.

O commendador de Malta, que residia n'esta ilha, em nome da ordem em Portugal, apresentava o cura, collado, que tinha réis 30$000, e o pé d'altar

Depois da tomada da ilha de Malta, pelos inglezes, o padroado d'esta egreja, passou a se raté 1834, dos grãos-priores. (Vide *Crato*.)

MADIOSO—portuguez antigo—mavioso, enternecido, etc.

MAGACÍA—portuguez antigo—magía, feiticería—de *mago*, magico.

MAFAMUDE—(tambem alguns lhe chamam *Mafamede*)—freguezia, Douro, comarca do Porto (3.ª vara), concelho e junto de Gaya, 2 kilometros ao S. do Porto, 310 ao N. de Lisboa, 850 fogos.

Em 1757 tinha 340 fogos.

Orago, S. Christovão.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O papa e os conegos regrantes (crusios) da Serra do Pilar, n'esta mesma freguezia, apresentavam alternativamente o abbade, collado, que tinha 600$000 réis.

—

Esta freguezia, está pittorescamente situada, sobre a margem esquerda do Douro, em frente da cidade do Porto, que toda se vê d'esta freguezia, a qual é um arrabalde de Villa Nova de Gaya.

—

N'esta freguezia no sitio antigamente chamado de *S. Nicolau*, da *Meijoeira*, ou *Coimbrãos*, estão as magestosas ruinas do mosteiro de conegos regrantes de Santo Agostinho, da invocação de Nossa Senhora do Pilar (e por isso tomou o sitio o nome de *Serra do Pilar*.)

Foi este mosteiro fundado por o prior do mosteiro de Grijó (da mesma ordem), D. fr. Bento de Abrantes.

Lançou-lhe a primeira pedra, o bispo do Porto, D. fr. Balthazar Limpo (que tinha sido frade crusio de Grijó), em 28 de março de 1538.

Para não fazer muito extenso este artigo, faço a descripção completa d'este mosteiro e do seu actual estado, na palavra *Pilar*, para onde remetto o leitor. Veja-se tambem sobre o mesmo assumpto, o que digo a pag. 252 e 324 do 3.º vol.

—

É tambem n'esta freguezia, o tunnel do caminho de ferro do N., já descripto a pag. 253 do 3.º vol.

—

Houve em tempos remotos, no districto d'esta freguezia, e ainda existia no tempo do conde D. Henrique, uma villa chamada *Portugal*, que talvez fosse a que deu o seu nome a todo o reino.

Dizem alguns, que era no sitio a que hoje se chama *Paço de Rei*. Não ha o minimo vestigio de semelhante povoação. Vide *Portugal*, villa.

—

Ha n'esta freguezia, muitas e bôas quintas, uma fabrica de fundição de panellas de ferro, fabricas de louça (de barro preto e de faiança), uma fabrica de vidros e varias de tecidos de linho e algodão.

—

Deve ver-se a palavra *Gaya*.

—

Não posso dizer com certeza qual é a verdadeira etymologia do nome d'esta freguezia; o que posso com certeza asseverar é ser palavra arabe.

Tenho dito muitas vezes n'esta obra, que os arabes *aspiravam* sempre o *h*.

Nós mudámos o *h* d'elles, em *f*.

Se a palavra vem do arabe *Mahamede*, que nós pronunciamos *Mafamede*, é o nome proprio de homem, o mesmo que *Mafôma* ou *Mahomet*, o propheta dos mouros e turcos —impostor bem conhecido.

Se vem de *Mahamude*, significa a planta medicinal a que nós damos o nome de *escamonéa*.

Se, finalmente, vem de *Mahmude*, é nome proprio de mulher, e significa *a louvada*,

pois se deriva do verbo *hamada*, que significa *louvar*.

Já vêem que qualquer d'estas tres etymologias são plausibilissimas, pela sua grande semelhança (quasi identidade) de pronuncia.

—

Faz-se n'esta freguezia uma grande feira de gado a 8 de setembro de cada anno; e, no mesmo dia, uma concorridissima romaria a Nossa Senhora do Pilar (na egreja do mosteiro), aonde vem grande multidão de portuenses.

Para se fazer idéa da gente que concorre da outra margem do rio, basta dizer que tem annos, em que a ponte rende n'esse dia réis 70$000, afóra a gente que vem embarcada.

MAFRA—villa, Extremadura, cabeça de concelho, na comarca de Cintra, d'onde dista 15 kilometros ao N., 35 ao N. de Lisboa, 900 fogos.

Em 1757 tinha 589 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

—

A mitra apresentava o vigario, que tinha 200$000 réis de rendimento.

—

Mafra vem da palavra arabe—*Mahafra*—a cova—deriva se do verbo *hafara*, cavar, abrir covas, etc.

É povoação muito antiga, e presume-se que já existia no tempo dos romanos; mas ignora-se o nome que então tinha. O que é certo é ter já o nome actual no seculo IX.

D. Affonso Henriques a tomou aos mouros, em maio de 1147.

O primeiro foral d'esta villa foi-lhe dado por D. Nicolau, bispo de Silves, em Lisboa, no mez de março de 1189. (Gav. 13 maço 1, n.º 21. fl. 3 v.)

D. Diniz lhe deu foral, reformando o antigo, em 1304. (Gav. 9, maço 10, n.º 27, fl. 2 v., *in principio*.)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de junho de 1513. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 215, col. 2ª.)

—

Tem misericordia, e hospital.

É terra fertil.

Tem estação telegraphica.

Feira no 3.º domingo de julho, 3 dias—e a 30 de novembro.

No seu termo estão os fortes de *Milreu* e *Santa Suzana*, desartilhados e abandonados.

—

O papa João XXI (Pedro Hispano) natural de Lisboa, baptisado na egreja de S. Julião e por isso chamado (antes de ser pontifice) Pedro Gião (Pedro Julião) foi feito prior de Mafra, por D. Affonso III, que muito o estimava, pelos annos 1250. (Vide Lisboa, no logar competente, do 4.º vol.)

—

Proximo á villa, está a capella de Nossa Senhora da Paz, onde se faz a entrega da bandeira do cirio de Nossa Senhora da Nazareth, e se põe em ordem a procissão, para dar a sua entrada triumphal na villa.

—

O concelho de Mafra é composto das 14 freguezias seguintes:—Alcainça, Azueira, Chilleiros, Enxara do Bispo, Egreja-Nova, Ericeira, Fanga da Fé, Gallés, Gradil, Mafra, Milharado, Reguengo da Carvoeira, Santo Izidoro, e Sobral da Abelheira. Todas no patriarchado.

—

Mafra é patria de muitos varões illustres, distinguindo-se entre elles—*D. Estevão de Jesus Maria*, da ordem dos menores observantes, da provincia da Arrabida. Nasceu a 26 de dezembro de 1787. Foi eleito bispo de Meliapor em 24 de junho de 1825. Foi transferido para Angra (Açores) em 3 de agosto de 1827, e confirmado no consistorio de 28 de junho de 1828.—E' o prelado actual d'esta diocese.

—

Foi esta villa o solar de um ramo da nobilissima familia dos Vasconcellos, o qual era senhor donatario de Mafra. As armas d'esta familia, são—escudo esquartellado; no 1.º e 4.º, as armas de Portugal, no 2.º as dos Vasconcellos, e no 3.º as dos marquezes de Vallença. (Vide *Castello Melhor*, e Lisboa, no palacio dos marquezes d'este titulo.)

Capella de Nossa Senhora do Livramento

Esta capella é na freguezia da Azueira, d'este concelho; mas, como não foi alli, e desejo dar aos leitores a narração legendaria d'esta ermida e da sua imagem, decidi descrevêl-a aqui, por ser no concelho e proximo de Mafra.

No anno de 1639 havia em Lisboa um mancebo muito devoto de Nossa Senhora, o qual embarcou para a India, para alli exercêr um emprego muito importante na cidade de Gôa.

Tinha elle muita amisade a um padre, que tinha sido seu condiscipulo, chamado Matheus Ribeiro, letrado e prégador, que depois foi parocho no logar da Azueira Quiz deixar ao seu amigo uma prenda, em memoria da affeição que lhe dedicava; a prenda foi uma imagem de Nossa Senhora, á qual dava o titulo de Senhora do Livramento, para que o livrasse de todo os perigos.

Pela muita devoção que este mancebo tinha a Nossa Senhora, entendeu que não podia levar a sua imagem com a devida decencia em sua nau, e, para ser tratada com toda a veneração, deixou-a ao seu amigo, e assim lhe entregou a melhor joia que possuia, pedindo-lhe que rogasse á Mãe de Deus o livrasse dos muitos trabalhos e perigos a que estão sujeitos os navegantes.

Recebeu o padre Matheus Ribeiro a imagem. Tinha ella o menino Jesus nos braços, e na mão esquerda uns grilhões de prata, por insignia do seu titulo; alguns vinte e oito annos a conservou no seu oratorio, tanto, quando residia em Lisboa, como quando habitava no logar da Azueira.

Durante este tempo recebeu grandes beneficios, livrando-se de muitos trabalhos e privações todas as vezes que recorria á protecção da Santissima Virgem Maria; no fim dos vinte e oito annos, entrando em casa d'este clerigo uma pessoa devota, e tendo visto algumas vezes no oratorio esta linda imagem, disse-lhe que se admirava de a não levar á egreja para lhe dedicar culto e e excitar no povo devoção.

Conhecendo o sacerdote que a proposta era justa, desculpou-se, promettendo fazer uma festa nas oitavas do Natal.

Levando a imagem para a freguezia, collocou-a no altar-mór, e fez-lhe uma festa. O povo ficou tão affeiçoado e devoto para com a veneranda imagem, que pediu que a deixasse na egreja, porque estava prompto para a festejar.

Vendo o clerigo a devoção do povo, conheceu ser isto vontade de Deus; propondo-lhe se queriam edificar uma ermida á Senhora. Não obstante o povo estar muito pobre, por causa da guerra que então havia entre Portugal e a Hespanha (e para a qual contribuiam com tributos pesados, os paes vexados, tristes e magoados, tirando-lhe os filhos para o exercito que ia para as fronteiras, o pão carissimo), assim mesmo offereceram-se para o ajudar no que podessem.

Escolheu-se o sitio mais proprio para a edificação, n'um campo pouco distante do logar.

Collocou-se alli uma cruz em signal da posse que se tomava do sitio.

No domingo seguinte fizeram-se as offertas, que chegaram a 27:000 réis. Com a esmóla de sete tostões, que logo receberam, abriram os alicerces, e deram principio á edificação da egreja, em 20 de setembro de 1655, a qual se concluiu em breve tempo, tratando-se logo de determinar o dia em que a Senhora alli havia de ser collocada, que foi no segundo domingo de novembro de 1656, concorrendo os parochos, confrarias e muito povo dos logares circumvisinhos, havendo por essa occasião verdadeira alegria em todos os corações piedosos.

Collocada a devota imagem na sua nova egreja, faltava a licença do ordinario para se poder celebrar missa; obtida essa, celebrou-se a primeira no dia de Reis do anno de 1657, havendo por essa occasião grande concurso de povo, que deu logar a reconhecer-se a necessidade de se edificar duas grandes casas para se abrigarem os devotos romeiros que ahi se dirigiam continuamente a fazerem suas novenas e a cumprirem promessas.

Descobriu-se por essa occasião proximo da egreja uma fonte de agua crystalina, que até hoje nunca cessou de fertilizar aquelle sitio, ao passo que, bem proximo outras seccam na estação calmosa.

Augmentando a devoção e as esmolas, deram principio á capella-mór, que é de abobada, e a outra nova e maior sachristia.

Dezenove confrarias se instituiram) contando se n'este numero uma da cidade de Lisboa) todas com o fim de irem a este logar annualmente festejar a Virgem, e assim vê-se aquelle sitio, que algum dia foi matagal, convertido em lindo arraial pelo muito povo que alli vae.

A maior romaria é em dia de Todos os Santos.

Antigamente não havia caminho para aquelle sitio, hoje ha o Larmanjat e boas estradas; e grandes povoações, como o Gradil, o Turcifal, a Freiria, a Encarnação e Villa Franca do Rosario.

Escreveu a historia da fundação da egreja da Senhora, o referido padre Matheus Ribeiro, n'um livro intitulado: *Compendio historico da egreja de Nossa Senhora do Livramento.*

(Extrahido do semanario «*O Catholico*»).

Basilica de Mafra

Vou tratar agora do, por tantos respeitos, celebre palacio, mosteiro e quartel militar de Mafra: d'esse triste e eterno testemunho da prodigalidade de D. João V; d'essa fanfarronada de pedra e cal, que nem mesmo póde fazer-nos recordar a prosperidade e riqueza d'aquelle monarcha; pois todos sabem que elle andava sempre crivado de dividas, e chegou a deixar quasi morrer de fome os operarios das obras de Mafra, e de outras partes, pois lhes deveu annos de jornaes.

Tenho sido accusado por alguns leitores, por descrever com muita rapidez os mosteiros de Alcobaça e da Batalha. Parece justa esta accusação; mas não o é. Se eu descrevesse miuda e circumstanciadamente estes e tantos outros monumentos portuguezes, esta obra chagaria a mais de 40 volumes, e nem a vida inteira de um homem seria sufficiente para a concluir.

Quanto mais — nas localidades onde descrevo esses monumentos, com a brevidade que o diccionario comporta, tenho sempre o cuidado de indicar aos leitores que desejarem amplas e minuciosas noticias sobre esses monumentos, os livros onde acham tudo descripto com vagar e circumstanciadamente.

Para este edificio de Mafra, podem consultar as obras seguintes: —*Anno Historico*, vol. 3.º, pag. 212, n.º 8—*Descripção minuciosa do monumento de Mafra*, por o sr. Joaquim da Conceição Gomes—*Mosaico e sylva de curiosidades historicas, litterarias e biographicas*, pelo sr. Camillo Castello Branco, pag. 55—*Archivo Pittoresco*, vol. 3.º, pag. 17—e vol. 4.º, pag. 113.

Ha muitas mais obras que tratam de Mafra; mas nas indicadas acharão o sufficiente para ficarem conhecendo tudo quanto sobre a materia poderem desejar.

—

D. João V. casára com D. Marianna de Austria, filha do imperador Leopoldo I, em 26 de outubro de 1708. Como passassem dois annos depois d'este casamento sem haver successão, o rei prometteu a Santo Antonio de Lisboa edificar a basilica de Mafra, se a rainha lhe desse herdeiros á corôa.

O milagroso santo attendeu ás supplicas do consternado monarcha, que teve logo em 4 de dezembro de 1711 a princeza D. Maria, que casou com o principe das Asturias —em 19 de outubro de 1712, a D. Pedro, principe do Brasil, que morreu a 29 de outubro de 1714—em 6 de junho de 1713, o principe do Brasil, D. José, depois rei, 1.º do nome, que casou em 1728, com a princeza D. Marianna Victoria, filha de Philippe V, de Hespanha—em 2 de maio de 1716, o infante D. Carlos—em 5 de julho de 1717, o infante D. Pedro, depois III, e, finalmente, em 24 de setembro de 1723, o infante D. Alexandre, que morreu a 2 de agosto de 1728.

Já se vê quanto o nosso popular Santo Antonio satisfez prodigamente os ardentes desejos de D. João V, que, não querendo fi-

car inferior em generosidade, excedeu e muito a promessa que lhe havia feito.

—

Lançou-se a primeira pedra n'esta monstruosa fabrica, no dia 17 de novembro de 1717, com tanto fausto e magnificencia, que só n'esta solemnidade se gastaram 200:000 crusados (80 contos de réis!)

—

O risco primittivo não foi executado. D. João V promettêra fazer um mosteiro para 13 religiosos arrabidos (franciscanos)—depois, quiz que fosse para 40, e, por fim decidiu que seria para 80; e finalmente, para 300; e foi em conformidade com esta ultima decisão que se fez o ultimo risco, que se executou.

Tinha-se principiado o convento com mais acanhadas dimensões, quando o architecto allemão, João Frederico Ludovice, apresentou ao rei um plano vastissimo, que não só comprehendia o amplo convento, mas tambem um sumptuoso palacio. D. João V approvou logo o risco, e para o levar a effeito, foi preciso alargar os limites de toda a obra começada, desfazendo-se tudo, para rebaixar o monte e desfazer um rochedo que estava ao sul.

Só n'esta obra se gastaram 32 contos de réis por mez, trabalhando n'ella 5:000 operarios e 500 cavalgaduras; gastando-se diariamente 30 arrobas de polvora, para desfazer o rochedo.

Treze annos durou a construcção do mosteiro, trabalhando diariamente 20:000 a 25:000 homens, e 1:280 bois, para acarretarem pedra. Este numero augmentava porém, quando se queria dar maior impulso á obra.

Diz o auctor do *Gabinete Historico*, que, pelos róes de junho a outubro de 1730, consta que estavam matriculados, nas differentes repartições das obras de Mafra, 45:000 pessoas, entrando n'este numero 7:000 soldados de todas as armas, que, além do seu soldo, venciam 150 réis por dia.

Recrutavam-se para a obra os officiaes e trabalhadores, como para uma guerra—apenavam-se carros, cavalgaduras e materiaes—finalmente fizeram-se todos os vexames a que o povo está sujeito, sob um rei como D. João V. Os fidalgos e auctoridades, querendo agradar ao rei, praticavam todas as violencias imaginaveis, sem receio de castigo, nem mesmo de censura.

Os operarios adoeciam em Mafra, aos centos; sendo preciso fazer-se alli um hospital de 8 enfermarias, com camas para 335 doentes, e duas com 240 leitos para os convalescentes.

Não se sabe quantos operarios falleceram durante a obra; apenas se sabe que desde 1729 até 1733 entraram no hospital 17:097 doentes, com os quaes se gastaram n'estes 5 annos, 92 contos de réis.

Note-se que quasi todas estas ultimas despesas são posteriores á sagração do templo quando o convento e palacio estavam já habitaveis; continuando apenas outras obras modernas, que se tinham dado por arrematação, pagando o rei (ou promettendo pagar) uma consignação semanal de 20 contos de réis.

A ordem architectonica d'este monumento, é a denominada *italico-classica.*

Tem todo o edificio 5:200 portas e janellas; duas torres, cem 48 sinos cada uma, que tocam por dois carrilhões, e são afinados por musica. As torres teem cada uma 315 palmos d'altura (70 metros).

D. João V encommendou para uma fabrica de Antuerpia o machinismo de um carrilhão, e sendo-lhe respondido que elle lhe custaria 400 contos de réis, respondeu *castelhanamente:* «*Visto ser tão barato, quero dois carrilhões, em vez de um.*» (1)

(1) Ou o numero dos sinos foi augmentado, ou o constructor, vendo a prodigalidade do rei, lhe augmentou o preço; porque consta que os dois carrilhões custaram 3 milhões de cruzados. Ambos teem a marca de *Liege.* (Nos 3 milhões entra o transporte e collocação dos carrilhões.)

No tempo dos frades havia 24 *donatos* exclusivamente destinados para os toques dos carrilhões, dirigidos por um relojoeiro leigo.

Tem 886 salas e quartos, e muitos pateos, terraços e jardins.

Cada uma das torres da egreja tem 15:000 arrobas de metal (225:000 kilogrammas.)

O sino das horas pesa 800 arrobas (12:000 kilogrammas) e o seu martello 20 arrobas (300 kilogrammas).

Os dois sinos dos quartos estão logo por baixo do das horas.

Os martellos de todos os sinos são puxados por tres grossos arames de ferro, presos ás teclas, de um admiravel jogo de relogios.

Por baixo dos sinos que batem os quartos, ha mais 6 sinos de desmedida grandeza. Isto em cada uma das torres.

O sino maior de cada um dos carrilhões pesa 700 arrobas (10:500 kilogrammas).

Antes de tocarem as horas, tocam *minuetes* e outras harmonias, por musica.

Todos os sinos e sinetas d'este edificio excedem o numero de 300.

Todas estas obras levaram a construir 13 annos, dia por dia; mas nem só ellas absorveram milhares e milhares de contos; os riquissimos paramentos da egreja, segundo disse D. João V, a uns estrangeiros, a quem os mostrou, *custaram mais do que todo o edificio.*

Á entrada da egreja se admiram 58 estatuas collossaes, de marmore, representando os fundadores das ordens religiosas, tendo umas 3^{m},56 de altura, outras 2^{m},24.

Foram quasi todas esculpidas por artistas nacionaes, discipulos de Alexandre Justi, italiano, 1.º director da *casa do risco*, fundada em Mafra, para servir de laboratorio de esculptura e architectura, para as obras da basilica, paço e mosteiro.

O justamente célebre *zimborio*, é de pasmosa magestade. O remate da sua abobada é feito por uma pedra, que já veiu feita da pedreira, e, ainda assim, foram precisas 86 juntas de bois para a trazerem.

Para a obrarem, trabalhavam á larga, 41 canteiros.

Este jogo, todo de bronze, aço e ferro, é de uma prodiga magnificencia, pelos seus primorosos ornatos, e assenta em pau santo.

Toda esta machina se móve com tres enormes pesos de chumbo, equivalente a 9:424 kilogrammas, os quaes puxam 3 grossos calábres de canhamo, descendo por duas calhas, até ao pavimento de cada torre.

—

Os marmores, luxuosamente esculpidos, as suas madeiras do Brasil, os mosaicos, as pinturas, as magnificas alfaias e utencilios, tudo se vê com profusão n'este gigantesco edificio.

O retabulo da capella-mór, é da escola romana e magnifico.

A casa da livraria é sumptuosissima, cercada de magestosas galerias, e póde conter 25:000 volumes.

(Tem 88 metros de comprido e 10 de largo, e o seu pavimento é formado por um bellissimo mosaico, de marmore, de varias côres.)

Tinha este edificio, em varias partes, soberbos quadros a oleo, dos mais afamados pintores nacionaes e estrangeiros; mas quando D. João VI (então ainda principe regente) fugiu, com a familia real para o Brasil, com muito boa tenção de nunca mais cá voltar, levou de Mafra todos os seus melhores quadros.

D'elles apenas hoje se vê o sitio e os titulos, que, por serem escriptos nas paredes, não poderam ser... *levados*, e lá ficaram no Rio de Janeiro.

Os auctores da maior parte d'estes quadros, eram: Taborda, Foschini, Calixto, Sequeira e Cyrillo.

Representavam alguns dos mais gloriosos factos da nossa historia, ligados aos nomes illustres de Vasco da Gama, de D. João de Castro, de Affonso d'Albuquerque e de outros benemeritos da patria.

—

A fachada principal do edificio, que olha para O., é dividida em tres corpos; o do centro é a egreja, o do S. se denomina *residencia da rainha* e o do N. se chama *residencia do rei*; ambas de quatro pavimentos, que rematam em espaçosos terraços, sobre os quaes assentam dois magnificos torreões de cantaria, optimamente lavrada, que sobem 25 metros acima do plano dos terraços.

Além d'estes torreões, que ficam nos an-

gulos extremos da frontaria, sobre a platabanda se eleva o magestoso zimborio e as duas torres da egreja, tudo de elegante construcção e de bella cantaria, com 44 metros de altura, acima do nivel dos terraços, terminando em uma cruz de ferro, que pesa, cada uma, 3:326 kilogrammas.

O zimborio, imitando a célebre cupula da egreja de S. Pedro, em Roma, é como este, dobrado, que vem a ser, duas cupulas concentricas, com escadaria entre ambas, por onde se sóbe á varanda que circunda o zimborio exteriormente (como o do Coração de Jesus, ou Estrella, de Lisboa), e do qual se gosa uma extensissima e formosa vista, de terra e mar.

—

Dá accesso para o mosteiro e palacio, uma rampa, embrexada de seixos brancos e pretos, que termina em um terreiro, onde começa o lanço da escadaria que dá ingresso ao atrio, ou vestibulo de abobada de marmores, e o pavimento lageado em xadrez.

Seis columnas de 9 metros de altura, entre a base e o capitel, que sustentam a tribuna da casa da *Benedictione*, formam o portico, adornado com as 58 estatuas de que já fallei.

A tribuna tem 3 janellas; aos lados da do meio estão as estatuas de S. Domingos e de S. Francisco, e por baixo, sobre o frontão do portico, as de Santa Clara e de Santa Isabel, rainha de Hungria.

Na cimalha, sobre uma grande placa oval, de marmore, estão esculpidas, em baixo relevo, as imagens da Santissima Virgem e de Santo Antonio, de Lisboa, padroeiros do convento.

—

Em um domingo, 22 de outubro de 1730, dia em que D. João V fazia 41 annos de edade (nascêra a 22 de outubro de 1689) sagrou o patriarcha de Lisboa, o novo templo de Mafra, dedicando-o á Santissima Virgem e a Santo Antonio.

Fez-se esta solemnidade e ceremonia com a pompa e magnificencia proprias da prodigalidade de D. João V, que, com toda a familia real, assistiu a este acto.

Concorreu toda a alta nobreza da capital, varios prelados, os conegos e dignidades da Sé patriarchal, e immenso concurso de povo.

Principiou a funcção pelas 7 horas da manhan, e só terminou pelas 5 da tarde.

Deixou o patriarcha clausurado, no altar da capella-mór, em uma caixa de prata dourada, as reliquias dos doze apostolos e de S. Paulo, S. Lucas, S. Marcos e S. Bernabé.

Seis grandes orgãos tocaram durante a ceremonia, e no fim d'ella foram dadas salvas, por 4 regimentos de milicias; e os repiques, dados por 116 sinos!

Pelas 7 horas e meia da noite, foi jantar a communidade, que se compunha de 320 frades, que foram servidos á mesa, pelo rei, o principe real e o infante D. Antonio.

Depois do 3.º prato, como o rei e seus dois filhos não bastassem para o serviço de tanto frade, ordenou D. João V, que o ajudassem os seus camaristas.

Depois do jantar, foram as pessoas reaes e os religiosos para o côro, ouvir o sermão, e assistir aos canticos sagrados que se lhe seguiram, o que tudo levou até ás 3 horas da manhan.

Esta solemnidade importou á nação na bagatella de 50 contos de réis!

—

Tenho visto avaliar a importancia das obras de Mafra, por uns em 19 milhões de crusados, por outros em 25 e por outros em 48.

Não ha porém differença senão no modo de fazer o calculo.

Segundo os dados mais rasoaveis, o edificio custou 19 milhões de crusados, os carrilhões 3, as pinturas 2, as reliquias 1, festas, esmolas, jantares, etc. 1, paramentos, utensilios, alfaias, mobilia, etc. 22, e aqui temos os 48 milhões, ou DESENOVE MIL E DUZENTOS CONTOS DE RÉIS!

Quantas leguas deestradas se podiam construir; quantos canaes se podiam abrir; quantas obras de publica utilidade se podiam fazer; com tanto dinheiro, gastado pa ra edificar este monstruoso edificio, hoje deshabitado?

Aquellas vastissimas salas, estão desertas, aquellas compridas galerias estão tristes e silenciosas. Aquelle magestoso templo onde

eccoavam os canticos sagrados dos religiosos da terceira Ordem de S. Francisco e depois dos conegos regrantes de Santo Agostinho (crusios) está hoje tudo esquecido e abandonado!

—

Depois da extincção das ordens religiosas, em 1834, tem o governo dado diversas applicações ao mosteiro de Mafra, qual d'ellas a mais disparatada e prejudicial.

Tem servido de quartel militar; de escola de recrutas; de estação de soldados incorregiveis; de colegio militar, de asylo dos filhos dos soldados, etc., etc.

Que destino lhe darão ámanhan? Deus o sabe.

—

Teem cahido alguns raios n'este edificio; mas os que lhe causaram maiores prejuisos, foram os que cahiram em 1731 e 1786.

—

Muito se tem dito e escripto d'esta obra e do seu fundador; e todos são concordes em que tal obra, e em similhante sitio, foi uma inutilidade e um disparate monumental.

Nada teve de bom esta infeliz fanfarronada de D. João V, senão dar impulso ás artes plasticas em Portugal; creando umas, fazendo reviver outras e aperfeiçoando o resto.

Quando se dizia:—«aquelle foi artista nas obras de Mafra»—tinha as inquirições tiradas, para ser julgado bom artista no seu officio.

—

O nosso esclarecido litterato, o sr. Alexandre Herculano, diz:

«Collocae, pela imaginação, Mafra ao pé «da Batalha, e podereis entender quanto é «clara e precisa a linguagem d'estas chro«nicas, lidas por poucos, em que as gera«ções escrevem mysteriosamente a historia «do seu viver. A Batalha é grave como o «vulto homerico de D. João I; poetica e al«tiva, como os cavalleiros da ála de Mem «Rodrigues; religiosa, tranquilla e santa, «como D. Phillippa, rodeada dos seus cinco «filhos.

«As mãos que edificaram Santa Maria da «Victoria, meneando as armas em Aljubar«rota, deviam ser vencedoras. A Batalha re«presenta uma geração energica, moral e «crente—Mafra, uma geração afeminada, «que se finge forte e grande.

«*A Batalha, é um poema de pedra—Mafra* «*uma semsaboria de marmore.*

«Ambas éccos perennes, que repercutem «nos seculos que vão passando, a expres«são complexa e toda a vida clara e exacta «de duas épocas historicas do mesmo povo; «sua juventude viçosa e robusta, e sua ve«lhice cachetica.»

—

O sr. Camillo Castello Branco, no seu *Mosaico e silva de curiosidades historicas*, depois de narrar as causas a que se deve o edificio de Mafra, diz:

«Sahiram, logo que a rainha deu signaes «de fecunda, tres frades para Mafra, a fun«dar o hospicio, e D. João V foi pessoal«mente escolher o logar do convento.

«As expropriações e damnos, causados «aos agricultores convisinhos, em diversas «épocas, sommaram 14:738$150 réis.

«O primeiro voto do rei, tinha sido econo«mico: a promessa feita á Deus, era de con«vento para 13 frades. Depois, subiu a 40; «depois a 80; e ultimamente a 300. N'esta «conformidade delineou o architecto allemão «Ludovice, a sua traça.

«Cavaram-se os alicerces a braços de 400 «até 600 homens por dia, e a 20 palmos de «profundidade.»

Depois de discorrer sobre a edificação d'esta *pía parvoice* (como elle lhe chama) ou d'esta *bagatella maravilhosa* (como lhe chama tambem o sr. Alexandre Herculano) transcreve o sr. Camillo Castello Branco a carta que um abbade benedictino escreveu a outro, do mosteiro de Tibães, cujo original se guardava no cartorio d'este mosteiro.

Não só por os achar justos e curiosos; mas tambem para provar aos encarniçados detractores dos frades, que estes não eram tão hypocritas, supersticiosos e ignorantes como aquelles pretendem fazer acreditar—

copio aqui alguns periodos da referida carta. Eil-os:

«Em primeiro logar, foi errado o meio de «constranger os homens n'esta appetitosa «obra, *por ser voluntaria e não util e necessaria ao reino;* porque o principe, ainda «que soberano, *não tem dominio na liberdade «dos seus vassallos,* a os constranger involuntarios, nas cousas que privativamente «pertencem ao gosto do mesmo principe, e «quando obra absoluta, fica transgressora «do direito natural, *como qualquer outro «particular.* Testemunhas da coacção e da «violencia, não sómente somos nós, que com «os nossos olhos vimos a tantos homens ar«rastados pelas estradas e ruas, com cor«das e cadeias, conduzidos por beleguins, co«mo dilinquentes justificados; como tambem «são as mesmas pedras, aquem feriam os «gemidos famintos em que desafogavam «aquelles corações afflictos, ou já porque se «consideravam reduzidos a estado de escra«vidão imerecida, ou porque na tyrannia «dos conductores experimentavam inhuma«nidades.

«Foi errado tambem o meio de se fabricar «o magnifico edificio á custa das fazendas «alheias, porque *o principe não é senhor das «fazendas dos seus vassallos, para as con«verter e distribuir ao seu alvedrio,* e é abso«lutamente contra a lei divina, tomar o alheio «contra a vontade de seu dono. E note bem, «meu amigo, se é que póde caber na com«prehensão, o que póde ser abysmo, as per«das e damnos em que se tem arruinado este «reino, com as obras de Mafra, passe a des«correr particularmente por ellas e achará «que nem uma só pessoa d'este reino pode«rá dizer com verdade, que se acha eximida «d'ellas; e, como pelos effeitos chegamos ao «conhecimento das causas, recorra V. R.^{ma} «ás lagrimas que se tem chorado e se vão «chorando, para d'ellas inferir as perdas e «damnos, que são as lagrimas com que se «explicam os vassallos opprimidos.

«Choram os homens as perdas dos seus «bens, convertidos contra vontade sua em «vaidades; choram a perda da saude, em «continuo giro de trabalho, expostos ao ri«gor do frio, sem cama, em um deserto; no «intenso das calmas, sem sombra nem abri«go; choram a miseria da fóme, sem paga«mento; choram a perda das vidas e das al«mas, na falta dos sacramentos, em artigo «de morte, com evidente perigo de salvação. «Grande miseria!»

Mais adiante diz ainda a carta do frade:

«Se são estes os meios, meu amigo, diga«me V. R.^{ma}, fallando como homem e como «catholico, como póde ser o seu fim, do agra«do de Deus? *Por mais* que me digam que «esta obra se encaminha ao serviço de Deus «e seu louvor, por força de fé, estou obriga«do a crer que não pode ser do agrado de «Deus. *As obras de que Deus se agrada, são «as de misericordia e justiça, exercitadas co«mo virtude. Obras feitas contra a justiça e «misericordia, são obras do diabo, que não «de Deus. Furtar para dar esmolas, é pro«posição condemnada. Fazer templos dedica«dos a Deus, com prejuizo de terceiro, á custa «do sangue dos pobres, não se ajusta com a «lei que professamos.* E, se não póde ser do «agrado de Deus, que quer o meu amigo que «vamos vêr á Mafra? Que podemos vêr que «não seja incentivo para mágua? Que faz «que sejam marmores delicadamente lavra«dos, se a consideração e piedade de catho«lico me convida a descorrer, que todo este «reino tem sido cordeiro, de cujas veias cor«reu o sangue para amolecer as durezas do «marmore? Que importa a inexplicavel per«feição d'aquelle edificio, se a razão me obri«ga a pensar que os seus materiaes foram «amassados com lagrimas e suor do rosto «dos pobres? Que monta a magnificencia do «templo, se não ha pedra em cuja frente não «estejam gravadas com letras de sangue, as «efigies da maior violencia e tyrannia? Meu «amigo, que somos nós—catholicos, ou bar«baros? Se catholicos, não devemos com a «nossa curiosidade aprovar effeitos da so«berba e deshumanidade.

«De que serve a composição dos sinos, «para a solfa dos minuetes, se a letra que en«toam são os gemidos e lamentos com que «desafoga o coração de um reino afflicto? No

«templo de Deus, a melhor solfa para entoar «seus louvores, é aquella que se compõe do «tempo perfeito, que é o da graça, e a que «tem por propriedade, as boas consciencias; «por vozes, as orações; por figuras, as vir«tudes; por pausas, a observancia dos pre«ceitos; por pontos, os da perfeição nos cos«tumes; e por mestre da capella, o amor de «Deus.

«Nas mesquitas dos hereges é que sómente «pódem fazer boa consonancia os minuetes, «bons insentivos para vicios. Trocâmos os «templos em mesquitas, pois vemos que para «Mafra, que havia de ser templo de Deus, se «composeram os minuetes das mesquitas de «Inglaterra.

«Seja Deus sempre louvado, pois permitte «que os capuchinhos da Arrabida passassem «do estado de humildes, ao da grandeza; da «estreiteza dos cubiculos, á amplitude de um «palacio; da pobreza das esmolas pedidas, «á ração palaciana, com tanta fartura admi«nistrada; da modestia de frades, a bailari«nos de minuetes, que vale o mesmo que, «de virtuosos franciscanos a uns relaxados «Lutheros.

«E outras tantas mil vezes seja Deus lou«vado, pois permittiu que resurgisse a so«berba Babel, e que esta torre se continúe, «sem nos confundir as linguas, para fallar«mos na nova confusão!

«Finalmente, meu amigo, para vêr Mafra, «não é necessario ir a Mafra; porque ella, por «nossos peccados, está em toda a parte do «reino, pois não haverá n'elle pessoa que «não tenha tomado entre dentes a Mafra e a «não traga atravessada na garganta e cora«ção....

«No nome de Mafra, temos descoberto o «enygma. Vamos tirando a mascara. Repa«re bem que se compõe Mafra de cinco le«tras, que todas denotam a nossa perdição.

«Denota o *m*, que seremos *mortos*—o *a*, *assados*—o *f*, *fundidos*—o *r*, *roubados*—e o «ultimo *a*, *arrastados*.

«E se assolados, roubados, fundidos, ar«rastados e mortos são os termos a que nos «achamos reduzidos, por pratica e expe«riencia de justiça, estamos obrigados a di«zer mal de Mafra e desterral-a; pois, desde «o diluvio universal, esteve reservada, no «calcanhar do mundo para ser o diluvio uni«versal d'este reino.

....

«Não posso, meu amigo, alcançar o odio «que tem o rei aos seus vassallos, nem em «que degenerassem, para serem desherdados «d'aquelle agasalho, que mereceram aos reis «seus predecessores; porque na constancia «do soffrimento e lealdade dos affectos, não «os ha mais dedicados.

«O certo é que este abatimento é dispo«sição para nos fazer apostatar da lei; para «o que é já principio, esta affectada quebra «com a séde apostolica; e serão os fins, a «mesquita de Mafra, onde, por peccados «nossos, veremos as ceremonias da lei es«cripta.

«Deus nos dê da sua graça, e tenha da «sua mão para que não desesperemos da sal«vação, e a V. R.^ma dê luz para se retirar «de ver Mafra; á qual eu não chamarei tem«plo de Deus, mas sim espelunca de la«drões. E, por não approvar o que não pó«de ser do agrado de Deus, não quero hir «a Mafra, etc.»

—

Eis como se exprimia, no tempo da inquisição e no reinado de um rei absoluto, um dos membros d'essas ordens religiosas, (e de mais a mais superior de um convento) hoje tão odiadas pelos que se dizem amantes da liberdade.

Eis a opinião franca e desaffrontadamente expendida por um frade, cuja classe é hoje por alguns tida como servil, superticiosa, inutil e ignorante.

—

Terminando a transcripção d'esta notavel carta, diz o sr. Camillo Castello Branco:

«E não continha mais a *insolente* carta do «D. abbade benedictino. Reluz n'ella e quer «que seja de verdade e justiça.

«Escriptores coévos, em termos modera«dos e timidos, delataram o despotismo com «que as auctoridades provinciaes compel«liam os agricultores e officiaes a hirem «trabalhar em Mafra. Um escriptor, nosso «contemporaneo, presume que D. João V

«ignorava as violencias praticadas, e accei«tava como espontaneidade amorosa de seus «vassallos a prodigiosa concorrencia de bra«ços. (1)

«Como quer que fosse, a pressa que ti«nha o rei de reproduzir-se e o valimento «de frei Antonio, com as forças fecundati«vas, que descem do céu, geraram grandes «angustias, enormes disperdicios e um acer«vo de pedaços de marmore, que tanto mon«tam alli, como nas pedreiras d'onde os que«braram.

«Dos zimborios esplendidos do templo, «para cima está o céu, onde, primeiro que «as orações dos frades, chegaram as lamen«tações dos opprimidos pelos verdugos do «braço real. Aquillo não convida almas de«votas nem poeticas. O que resumbra da «opulencia carrancuda e dura, de tanta pe«dra, vestida de laçarias e folhagens, é «muitissima hypocrisia, e muitissimo oiro, «que já vinha orvalhado das lagrimas d'ou«tros opprimidos d'além-mar.»

—

Os marquezes de Ponte de Lima, tinham o senhorio da villa de Mafra, pelo casamento de D. Diogo de Lima com D. Joanna de Vasconcellos, filha e herdeira de D. João de Vasconcellos, senhor do morgado e casa de Mafra.

Ainda alli têem o seu palacio.

Está esta villa situada em um espaçoso terreno, que fica 224 metros sobre o nivel do mar, avistando-se, e a sua monumental basilica, de grandes distancias.

—

É notavel pela sua extensão, a célebre *tapada de Mafra*, junto do mosteiro.

É toda murada, tendo 15 kilometros de circumferencia.

Está atravessada por uma boa estrada a mac-adam, e em parte d'ella está ha annos estabelecida um granja modello.

É propriedade do sr. D. Fernando.

—

MAGACÍA—portuguez antigo—magia, feiticeria.

(1) *Panorama*, 4.º vol. da 1.ª serie, pag. 66.

MAGDALÉNA—freguezia, Douro, comarca (3.ª vara do civel) da cidade do Porto, concelho, e 4 kilometros ao SO. de Gaya, 4 ao S. do Porto, 309 ao N. de Lisboa, 310 fogos. Em 1757 tinha 98 fogos.

Orago, Santa Maria Magdalena.

Bispado e districto administrativo do Porto.

É terra fertil e cria muito gado.

O prior dos crusios da Serra do Pilar, apresentava o cura, que tinha 50$000 réis e o pé de altar.

É uma rica e bonita freguezia, situada proximo da Costa. (Vide *Gaya.*)

MAGDALÉNA—freguezia, Extremadura, no bairro oriental de Lisboa. Já fica descrina palavra *Lisboa*.

MAGDALÉNA (Santa Maria)—Vide S. Thyrso.

MAGDALÉNA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante.

Está ha muito annos annexa á freguezia de *Cepéllos*. Vide esta palavra.

Foi do antigo e extincto concelho de Gestaçô.

Em 1757 tinha 44 fogos.

Quando era freguezia independente, tinha por orago, Santa Maria Magdaléna.

O reitor do collegio da Graça, de Coimbra, apresentava o cura, que tinha 11$000 réis de congrua e o pé de altar.

Dista do Porto, 30 kilometros a NE., e 300 ao N. de Lisboa.

MAGDALÉNA—freguezia, Douro, comarca de Penafiel, concelho de Paredes, 30 kilometros ao NE. do Porto, 322 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Orago, Santa Maria Magdaléna.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Esta freguezia não vem no *Portugal Sacro e Profano.*

MAGDALÉNA—freguezia, Douro, na comarca e concelho de Monte-Mór-Velho, a cuja freguezia está annexa. Vide *Monte-Mór-Velho.*

MAGDALÉNA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos.

Está annexa á freguezia de *Arcas*. Vide esta palavra.

MAGESTADE—titulo hoje dado a todos os reis.

Em Portugal, os nossos primeiros reis contentavam-se com o tratamento de *mercê*.

Depois veiu o de *alteza*, que durou até ao reinado de D. Sebastião.

Em 1570, querendo o papa, S. Pio V, e Philippe II de Hespanha, que o rei de Portugal entrasse em uma confederação contra os mouros, tiveram os dois monarchas uma entrevista, para se levar a effeito esse pensamento.

O rei castelhano, que já usava do tratamento de *magestade* (foi o 1.º que usou em Hespanha), e receando que D. Sebastião o tratasse por alteza diante da sua côrte, se apressou em lhe dar o titulo de magestade, obrigando-o assim a dar-lhe o mesmo tratamento; e foi o que tiveram os nossos reis, até ao dia 23 de dezembro de 1748, em que o pontifice Benedicto XIV, concedeu a D. João V o titulo *magestade fidelissima*, de que os nossos reis têem usado até hoje.

É provavel que este tratamento permaneça, visto não haver na lingua portugueza outro adjectivo que o exceda para exprimir a alta cathegoria de um monarcha.

MAGESTADE ou **MAIESTADE** — portuguez antigo—dava-se este nome ás imagens dos santos, distinguindo particularmente com este nome, a imagem de Jesus Christo crucificado, que ornada com oiro, prata ou pedras preciosas, traziam ao pescoço, ou sobre o peito.

Ainda hoje se dá o nome de magestade ás cruzes que os principes da egreja catholica trazem sobre o peito, nos dias solemnes.

Em 1272, fez a sr.ª *Aldára Pires* testamento, no qual deixa aos frades menores de Lamego—*Meas sortellas* (anneis), *quæ sunt quatuor, et unam* Magestatem, *et unum Camafeum, et unam crucem de plata, quæ tenet unam petram in medio*—(Documento do mosteiro de Tarouca.)

No testamento de Marinhanes (Marinha Annes) feito em 1273, que se conservava no cartorio do mesmo mosteiro, lê-se—*Mando todas mhas* (minhas) *Cruzes, e todas mhas Maiestades, e todas mhas Religas* (reliquias) *a Fr. Lourenzo.*

MAGRÉLLOS—freguezia, Douro, comarca e concelho do Marco de Canavezes, 48 kilometros ao NE. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 66 fogos.

Orago, o Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O papa, o bispo e os monges benedictinos do mosteiro de Alpendurada, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha réis 300$000, de rendimento.

MAGUEIJA — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Lamego, d'onde dista 6 kilometros, 370 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Vizeu.

O cabido da Sé de Lamego, apresentava o cura, que tinha 50$000 réis de rendimento.

É terra fertil.

É povoação muito antiga; pois já em 1163, Pedro Viegas, auctorisado por D. Affonso I, vendeu a D. Thereza Affonso, por 48 maravidins, tudo quanto tinha no territorio de Lamego e *Ermamar* (Armamar) a saber: em Queimada, Figueira, Portéllo (freguezia de Cambres), Quintião, Bouzoas, Penellas, Muimenta, *Magueija*, Candêdo (debaixo do monte Galafura), Valle do Conde e Lamaçaes, aguas vertentes para o Douro.

(Vide Cambres, a pag. 53 2.º vol.)

MAIA—territorio e denominação legal de um concelho, na comarca, e contigua á cidade do Porto, 315 kilometros ao N. de Lisboa.

Tem este concelho 10:000 fogos.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O concelho da Maia, comprehende 16 freguezias, que são: Aguas Santas, Avioso (Santa Maria), Avioso (S. Pedro) Barca, Barreiros, Folgosa, Gemunde, Gondim, Guifães, Milheirós, Moreira, Nogueira, Silva-Escura, Vermoim, Villa Nova da Telha e S. Pedro Fins.

—

A capital d'este concelho, é a pequena povoação de Castéllo, Castrêllo, ou Castêdo, na freguezia de Santa Maria de Avioso; e por estar ali a casa da camara, se lhe dá a denominação de villa, quando não passa de uma pequena aldeia composta de 15 fogos.

(Vide *Avioso* (Santa Maria), a pag. 281 do 1.º vol., e *Castêllo*, a pag. 200 do 2.º)

—

É povoação antiquissima; pois já existia no tempo dos romanos, que lhe chamavam *Pallantia*. Occupada pelos suevos, no seculo V, lhe mudaram o nome para *Amaia*, ou *Maia* (nome proprio de mulher) [1].

—

Aqui nasceu o famoso *Cayo Carpo Pallanciano*, nobre senhor da Maia, que ficando prisioneiro dos romanos, foi liberto de Augusto Cesar, e por isso se denominou *liberto*, e não porque fosse de baixa condição.

Foi coadjutor de Claudio Athenodoro, prefeito das rendas publicas.

Casou com *Claudia Loba Calense*, nascida em Cale (Gaia), filha ou neta do pretor romano, *Cayo Sevio Lobo*, progenitor dos Lobos, Lopes, etc.

Foi este cavalleiro lusitano, o primeiro que tomou por armas, ou divisa, cinco vieiras (conchas) em memoria do milagre que lhe fez o apostolo S. Thiago (Maior), no anno 44 de Jesus Christo, no proprio dia do seu casamento, e em vista de cujo milagre, elle, sua mulher e familiares, se fizeram christãos no mesmo dia.

(Vide *Bouças* e *Leça da Palmeira*.)

Ainda existem vestigios de muros e torreões dos seus paços.

No *Theatro dos letreiros antigos*. pag. 98, se vê o epitaphio de Cayo Carpo e de sua mulher, d'este modo:

C. CARPUS AUG. LIB. PALLANTIANUS
ADJUTOR CLAUDII ATHENEDORI
PRAEF. ANNONAE. FECIT SIBI,
ET CLAUDIEA LUPAE CALENCI.
CONJUGI PIISSIMAE.
TITO CLAUDIO QUIR. ANTONIO,
ET LIB. CLAUDIO ROMANO VERNAE,
ET LIBERTIS LIBERTABUSQ.
POSTERISQ. EORUM.

Quer dizer:

Cayo Carpo, da Maia, liberto de Augusto Cesar, cuadjutor de Claudio Athemedoro, prefeito da renda dos mantimentos, fez este monumento, para si e para Claudia Loba Calense, sua mulher piissima, e para Tito Claudio Quirino, para Antonio, filhos, e para Liberio Claudio, Romano, servo, que lhes nasceu em casa: para os que haviam sido seus servos, e estavam livres, assim homens como mulheres; e para seus descendentes.

Não pude saber onde existia este monumento.

—

Tem foral, dado por D. Manuel, em Evora, a 15 de dezembro de 1519. (*Livro dos foraes novos do Minho*, fl. 25, col. 1.ª)

Trata-se n'este foral, das terras seguintes:

Aguas Santas, Alvarêlhos, Anta, Arvores de S. Salvador, Arioso, Azenes, Azevedo, Barca, Cabêdo, Cedões, Ciday, Cornado, Cobellas, Covilhão de Vairão, Crelêdo, Fajozes, Giam, Jamundes, Labruja, Lagôa, Lantimil, Leça, Loura, Maceira, Macieira, Martinho Annes, Mindello, Modivas, Muro, Nogueira, Outeiro, Palmeira, Paradella, Perafita, Retorta, Sanfins da Folgosa, Santa Christina, Santo Estevão, S. Romão, Savariz, Tougas, Vallongo da Estrada, Vallongo Jusão, Villa Chan, Villarinho, Vouga, e Vougado.

Veja-se a carta do rei D. Manuel, em data de 11 de agosto de 1518, mandando inquirir o que rendia a terra e concelho da Maia, de que era senhor Pedro da Cunha Coutinho; em virtude da qual carta, se acha junta a descripção dos logares e freguezias, e dos rendeiros; declarando-se o que cada um pagava.

Está no maço dos *Autos sobre os direitos reaes e da Ordem de Christo*, n.º 2.

[1] Isto, segundo alguns escriptores. Eu porém julgo que foram os romanos que lhe deram tambem este 2.º nome, que era o de uma das suas divindades. Todos sabem que *Maia* era filha de Atlante e de Pleione. Teve de Jupiter, Mercurio. Seu filho, para a salvar da perseguição de Juno, a collocou na ordem dos astros. É uma das *Pleiades*.

Maia é um appellido nobre n'este reino. Procede de D. Gonçalo Trastamires Alboazar da Maia, filho primogenito de um infante do reino de Leão (vide Ancora) que com outros companheiros veio a Portugal, no anno 1000, e tomaram aos mouros as terras da Maia, de cujo senhorio tomou o appellido. Estas terras correm pela costa maritima da provincia do Minho e parte da da Beira Alta (hoje tudo provincia do Douro) e n'ellas fez o seu solar, onde hoje é o concelho da Maia.

É d'este D. Gonçalo Trastamires que procede o inclito Gonçalo Mendes da Maia, o *lidador*, fronteiro-mór e adiantado de D. Affonso I.

Tem esta familia brazão d'armas completo, que é—em campo de púrpura, aguia de ouro, armada, bicada e golada do mesmo—elmo de aço aberto e por timbre meia aguia das armas.

Diz-se que estas armas foram dadas a D. Soeiro Mendes da Maia (avô do *Lidador*) por ter vencido um desafio em Roma, no anno de 1038.

Outros do mesmo appellido, trazem por armas—em campo de púrpura, uma aguia negra, golada de ouro—elmo d'aço aberto—e por timbre, meia aguia das armas.

Estas armas são tambem as dos *Barrosos*, *Barradas*, *Calças*, *Calvos*, *Rochas*, *Saraivas*, *Sequeiras*, *Pimenteis*, *Vieiras*, etc.

—

Tem a Maia o justificado orgulho e a honra mais inestimavel, de ser patria de um dos mais bravos companheiros e irmãos d'armas de D. Affonso Henriques. É o grande Gonçalo Mendes [1] da Maia, cognominado o *Lidador*.

Nasceu em 1079. Na sua mocidade, foi o *lidador* um fidalgo turbulento e arrebatado; mas companheiro e amigo inseparavel de D. Affonso Henriques, foi um dos maiores guerreiros e dos mais sympathicos cavalleiros d'aquelles tempos de heroes e cavalleiros.

[1] Mendes é patrominico de Mendo. São Mendes os descendentes do illustre conde D. Mendo, pae do *Lidador*.

Combateu sempre ao lado do seu rei, algumas vezes em defesa da sua patria e quasi sempre para alargar os limites d'ella, com territorios conquistados aos mouros, de quem era o terror.

A sua vida foi empregada em continuo batalhar, sem que o pêso dos annos lhe diminuisse as forças do corpo e a intrepidez—e até mesmo a temeridade—da juventude.

Era fronteiro de Beja, e na edade de 90 annos fazia frequentissimas vezes *entradas* em terra de mouros, como se estivesse em todo o vigor da vida. Por maior que fosse o numero dos inimigos, elle os investia sem temor, e com certeza de victoria que sempre obteve nas suas assombrosas empresas, combatendo muitas vezes contra os mouros, dez e mais vezes superiores em numero.

Foi em uma d'essas homericas batalhas que teve logar a sua ultima victoria. Os mouros foram completamente derrotados, porém o lidador, mortalmente ferido, exhalou o ultimo suspiro quando perseguia os mouros na sua fuga precipitada.

Teve logar este facto em 1169.

—

São tambem naturaes da Maia—os valorosos guerreiros — Soeiro Mendes, o *bom*, e D. Payo Mendes, arcebispo de Braga, irmãos do *Lidador*, e filhos do conde D. Mendo, rico-homem do conde D. Henrique.

—

Manuel Mendes da Maia, d'esta familia, tambem foi um guerreiro illustre, e pelos grandes serviços que fez na Africa, lhe deu o rei D. Manuel, por carta regia de 1520, o brazão d'armas seguinte:—escudo dividido em facha, na 1.ª de azul, uma muralha de prata com suas ameias e duas torres, uma em cada angulo, tudo lavrado de negro, com uma porta do mesmo, no meio da muralha—a 2.ª dividida em pala, sendo a primeira de púrpura, e n'ella uma cabeça de mouro, com turbante de prata e azul, cortada em sangue—e na 2.ª, tambem de púrpura, tres lanças de prata, com hasteas de ouro, em roquete. Elmo de aço aberto, e por timbre, a cabeça do mouro das armas.

—

Ha ainda outros Mendes, oriundos da Gal-

liza; porque D. Estevão Mendes de Araujo, cavalleiro gallego, se veiu estabelecer em Portugal, e é o tronco d'esta familia.

As familias d'estas duas procedencias estão hoje muito ramificadas, e adoptaram differentes brasões d'armas. Vão nas terras onde residem, ou onde tiveram os seus solares.

—

MAIAS (festa das)—foram muito usadas em Portugal, e ainda em nossos dias eram objecto de grande regosijo no Algarve.

São com toda a probabilidade, herdadas dos romanos.

Vi eu mesmo as *festas das maias* em Tavira, Castro Marim, Villa Real de Santo Antonio e outras povoações do Algarve.

Faziam-se do modo seguinte:

Escolhia-se uma rapariga de dez a doze annos, das mais bonitas do sitio. Enfeitava-se com um vestido branco, joias, fitas e flores, e se collocava em um throno florido, construido em uma sala ao rez da rua. Era a *maia*.

Em frente da casa onde ella estava, havia um mastro, coberto de murta e flores, em roda do qual se dançava todo o dia, ao som de qualquer instrumento (ás vezes, até mesmo de uma philarmonica, mais ou menos horripilante) e era um dia de divertimento e alegria.

Esta festa tinha logar no dia 1.º de maio de cada anno.

Não era só em uma parte que tinha logar a festa. Todas as ruas queriam ter a sua *maia*, e andavam *á compita*, qual d'ellas seria mais bonita e mais luxuosamente vestida, e em qual das festas haveria maior e melhor concurrencia e sumptuosidade; o que ás vezes dava causa a conflictos e desordens.

Ha alguns annos que o governo prohibiu a *festa das maias*.

MAIORCA—villa, Douro, comarca e concelho da Figueira, 30 kilometros ao O. de Coimbra, 195 ao N. de Lisboa, 650 fogos.

Em 1757 tinha 219 fogos.

Orago, S. Salvador.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

É terra muito fertil, e tem optimo vinho.

O cabido da Sé de Coimbra apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis, e o pé de altar.

É povoação muito antiga, e era couto desde os principios da monarchia.

Depois foi concelho, que se supprimiu em 1855.

Tinha 3:200 fogos.

—

A villa de Maiorca está situada na encosta do monte fronteiro á villa de Monte-Mór-Velho, para a parte do O.

Diz-se que se lhe deu o nome de Maiorca, em contraposição a Monte-Mór; porque, ao passo que os d'esta villa questionavam sustentando que o seu *monte* era o *maior*, redarguiam os de Maiorca, fallando do seu monte «maior é o de cá.»

(Parece me uma etymologia bastante *forçada*: creia n'ella quem quizer.)

Alhadas (que tambem foi villa) chamava-se antigamente *Alliadas*.

Diz-se que por causa da alliança que existia entre esta povoação, Maiorca e Quiaios, para se defenderem das invasões dos arabes.

É tradição que, tendo todas estas tres povoações combinadas dado um jantar a uma rainha portugueza, que aqui veio em visita, foram por este caso isentas de pagar *jugada*.

A villa de Maiorca é bonita, vista de fóra; mas não assim vista interiormente, pois além das suas más entradas, as casas são, em geral, insignificantes; as ruas estreitas, tortas e pouco asseiadas.

O seu extincto concelho, confinava pelo NE., com o de Monte-Mór-Velho — pelo N., com o de Cadima (tambem extincto) — pelo S., com o da Figueira; e pelo E., com o rio Mondego, que o separa do extincto concelho de Verride.

Segundo Franklim, esta villa não tem foral novo nem velho.

O sr. Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco, na sua *Memoria Historica-Chorographica dos diversos concelhos do districto administrativo de Coimbra*, publicada em 1853, diz que D. Manuel lhe deu foral em 23 de

agosto de 1514. É engano. Esse foral é o de *Maiorga* e não de *Maiorca*.

Era couto da Universidade de Coimbra, com juiz ordinario, vereadores e almotacés, todos confirmados pela mesma universidade; mas dependendo, no crime, do juiz de fóra da Figueira, e pertencente á correição de Coimbra.

É tambem antiga a cathegoria de villa dada a Maiorca.

D. Nicolau de Santa Maria refere que foi doada (como villa) juntamente com a do Ervedal, pela rainha D. Dulce (filha de Raymundo Berengario—5.º do nome—conde de Barcellona e de sua mulher, D. Petronilha, rainha de Aragão — e mulher do nosso D. Sancho I) ao convento de Santa Cruz de Coimbra, em attenção ao seu prior, D. João de Frois, seu confessor. Este prior (diz D. Nicolau) lhe deu foral em 1194. *Chron. da Ord. dos coneg. regr. de Santo Agostinho*, livro 9.º, cap. X.)

O padre Antonio Carvalho da Costa, conta-a porém como uma das freguezias do concelho de Monte-Mór-Velho : o que não quer dizer que fosse, antes d'isso, couto ou concelho independente, como depois o tornou a ser.

No antigo concelho de Maiorca ha algumas propriedades, como são, a extensissima *quinta da Fôja*, que foi dos crusios de Coimbra, vendida depois de 1834, menos a soberba matta nacional, de excellentes pinheiros para toda á qualidade de construcções — a *quinta da Quada*, com um optimo sobreiral —e a pequena *matta do Favainho*.

É tambem nos limites d'este concelho a *serra da Mina*, continuação do *Cabo-Mondego*, que, começando alli, vem quebrar-se em S. Fins, depois de passar pela Brenha e Alhadas, onde se divide em pequenas ramificações—e a *ponte do Barco*, de pedra e cal, a mais extensa do districto, construida em 1519 por Nuno Parada e Pedro do Rogro, segundo consta da *carta de Padrão*, passada em 1522, e que existia no convento de Santa Cruz. Esta ponte foi construida por elles, pelo preço de 300$000 réis, e o *pão da ponte*—isto é — o direito de receberem 3 alqueires de pão meiado por cada lavrador, e 1½ por cada caseiro ; e 10 réis de outra imposição.

No elevado monte que cahe sobre a extremidade d'este ponto, para o lado de Monte-Mór-Velho, existe hoje a capella de Santa Eulalia, que se diz fundada sobre as ruinas de um antigo castello, talvez do tempo dos romanos; pois aqui foi encontrada uma estatua de Juno.

Foi este castello destruido pelos mouros, em 1116, não lhe deixando pedra sobre pedra ; hindo depois fazer o mesmo ao castello de Soure.

D. Affonso I, doou este castello ao mosteiro de Santa Cruz, em 1166, com todas as suas rendas, que até ahi recebiam os seus alcaides-móres, e consistiam no oitavo de todos os fructos, que lhe pagavam as villas de Maiorca e Alhadas, e seus termos.

Consta que este castello foi uma formidavel fortaleza da idade media. Hoje apenas se divisam tenues vestigios d'elle.

Os seus materiaes foram empregados na construcção da ponte do Barco.

Os *Campos de Maiorca* são muito ferteis, por serem alagados no inverno pelo Mondego, que n'elles deposita os seus nateiros fecundantes; pelo que produzem todas as especies de cereaes, sobre tudo milho, trigo e legumes; porém a sua mais vasta cultura é a do arroz, que pela grande extracção que acha nos mercados de Coimbra e Monte-Mór, fórma a sua principal riqueza.

Parece que foi aqui onde primeiro se cultivou arroz em Portugal.

O dr. Luiz de Sousa dos Reis, diz nos seus manuscriptos—*Depois de alguns annos, se introduziu nos ditos campos* (de Maiorca) *e n'este territorio, da comarca d'esta cidade de Coimbra, as sementeiras de arroz ; e como os jacobeus* (os crusios) *se entregassem muito á cultura do arroz, desejavam ser sós e não gostavam que os mais o semeassem*, etc.—Este Luiz de Sousa, escrevia no meiado do seculo XVIII. (Vide *Varzea d'Ançan, ou da Loureira.*)

Nos campos de Maiorca ha duas lagôas; uma no logar do Camarção, denominada *Lagôa dos Braços*, d'onde sae uma corrente de agua, que engrossada com outras das Alha-

das e Ferreira, fórma o rio *Esteiro*, que desagúa no Mondego, junto a S. Fins; sendo navegavel até á quinta da Fôja, e transportando-se por elle as madeiras do pinhal da nação; a outra se chama *Lagôa da Villa*, no sitio do Bom Successo.

Tem 1:500 metros de extensão e quasi metade de largura.

Conserva-se estagnada, menos em occasião de grandes cheias, que então rompe para o mar.

Abunda em caça de arribação, em peixe miudo e particularmente em saborosas e grandes eirozes.

—

O digno director das obras do Mondego e barra da Figueira, o sr. Adolpho Ferreira de Loureiro, sahiu para Lisboa afim de tratar de alguns negocios de serviço publico, em março de 1874.

O fim principal da sua ida á capital, é a apresentação do importante projecto definitivo para melhoramento dos rios de Maiorca e de Fôja e campos adjacentes.

Este projecto foi requerido pelo sr. Pinto Basto, proprietario da grande quinta de Fôja, no concelho da Figueira da Foz e proximidades de Montemór-o-Velho, e elaborado por ordem do governo.

É um trabalho muito completo e que foi estudado minuciosamente, porque as obras a executar são variadissimas e abrangem grandes extenções de terrenos, n'alguns dos quaes houve bastantes difficuldades para o acabamento dos estudos necessarios.

O projecto abrange obras não só para beneficiar a mencionada quinta, como para melhoramento dos rios de Maiorca, de Fôja e campos adjacentes, utilisando de todas ellas grande numero de proprietarios.

D'estas obras, umas ficaram a cargo do estado e outras serão feitas a expensas dos interessados.

A importancia do orçamento geral das obras é de 70:000$000 réis, pertencendo ao estado 36:112$230 réis, e aos particulares 33:887$770 réis; mas, como os trabalhos propostos são muito variados, podem ser divididos em differentes epocas, gastando-se nos primeiros a effectuar a quantia de réis 58:184$287, cabendo então aos proprietarios 29:229$900 réis e ao estado 28:954$387 réis.

Em novembro do mesmo anno de 1874, o sr. Adolpho Ferreira de Loureiro, foi auctorisado pelo governo a proceder á abertura do estreito de Fôja, no espaço comprehendido entre as Portas de Arruella e a ponte de Maiorca.

Estas obras estão orçadas em 11:031$300 réis, para as quaes o sr. José Ferreira Pinto Basto, offereceu a quantia de 2:500$000 réis, concorrendo assim para um melhoramento de utilidade publica e de grande beneficio para a sua propriedade, uma das maiores e das mais productivas do paiz.

Oxalá que o procedimento do illustrado benemerito, e rico proprietario da Quinta de Fôja, sirva de lição e exemplo a outros proprietarios, que, devendo por utilidade propria, auxiliar o estado e os municipios, são os primeiros a crear-lhes embaraços, pedindo quantias absurdas por alguns metros de terreno.

MAIORGA—villa, Extremadura, comarca e concelho de Alcobaça, 105 kilometros ao NE. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 163 fogos.

Orago, S. Lourenço.

Patriarchado de Lisboa e districto administrativo de Leiria.

O D. abbade geral de Alcobaça, apresentava o vigario, que tinha de rendimento annual, 60 alqueires de trigo, 60 de cevada, 35 almudes de vinho e 6$000 réis em dinheiro.

Era uma das treze villas dos coutos de Alcobaça.

É povoação muito antiga. D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 23 de agosto de 1514. (*Livro dos Foraes novos da Extremadura*, fl. 96, col. 2.ª e fl. 130, col. 2.ª)

—

Esta villa está situada em um plató, a 3 kilometros a O. de Cós.

O seu territorio é fertil em vinho, azeite e castanhas.

Tem uma veiga, situada entre os dois rios da *Abbadia* e da *Valla*, que vem de Aljubar-

rota e do Paúl, e é ainda atravessada por dois ribeiros. É terra fertilissima.

Dentro do adro da egreja matriz está a egreja do Espirito Santo, que é Misericordia.

Ha aqui muitos moinhos, grandes lagares de vinho e de azeite: estes são dos melhores do reino. Era tudo do mosteiro de Alcobaça, bem como a grande *Quinta da Torre.*

A 1:500 metros a NO. d'esta villa, na raiz de um monte, que é continuação da *quinta da Vestiaria,* e corre de N. a S., fronteiro á *quinta da Piedade* (ambas tambem do mosteiro de Alcobaça) nascem quatro *olhos* de agua, thermal, com pouca distancia entre si, e na quantidade de uma telha. O seu grau de calor, é de 83 gr. de F., ou 22 $^1/_2$ de R.—Não tem cheiro estranho, e o seu sabor é amargo e algum tanto salgado, de côr diafana. O seu exame, feito pelos reagentes, mostra que não contém particulas de enxofre, mas muito sulphato de magnesia, muriatos de soda, calcareo e magne zium, nenhum acido livre, nem substancia metalica. São pois salinas neutras, e uteis tanto externa como internamente. Applicadas do segundo modo promovem a transpiração, são diureticas e purgativas Restabelecem o vigor do estomago e dos intestinos, e corroboram os nervos. Destroem a espessura da limpha, resolvem as obstrucções das glandulas, os enfartes das entranhas e articulações; são uteis nas affecções hypocondriacas e estericas, e em todas as enfermidades chronicas, procedentes de torpor e inercia das entranhas, e nas paralysias. São tambem uteis nos rheumatismos, gotas e febres intermitentes, e em varias outras molestias.

Applicadas externamente (em banhos) são de summa utilidade nas paralysias, tumores frios, retracções e fraquezas de membros; lentura ou preguiça de circulação cutanea; molestias rebeldes da pelle e do tecido cellular; nas chagas inveteradas e outros padecimentos.

MAIORINO—portuguez antigo—primeiro juiz supremo do rei, segundo os documentos de Hespanha e Portugal até ao seculo XIV.

Alguns confundem o *maiorino* (a que depois correspondeu o *meirinho mór*) com o mordomo-mór da casa real; mas é êrro, pois os seus officios eram inteiramente differentes.

Havia *maiorinos-móres* e *menores,* já desde o tempo dos godos.

A *maioria* que elles tinham para fazer justiça, em determinados territorios, é que lhes deu o nome de *maiorinos.*

Os primeiros tinham quasi o mesmo poder que os *adiantados.*

Eram postos pelo rei, com poder absoluto, sem appellação senão para o monarcha.

Os segundos eram postos pelos primeiros. A sua jurisdicção se não estendia além de certas e determinadas causas, como se vê da *Lei das partidas,* part. 2.ª. tit. 9 L. 23.

Os primeiros (os *móres*) vem mencionados no concilio de Coyança, de 1050, no Canon 7.º, por estas palavras—*Admonemus, ut omnes comites, seu* Maiorini Regales, *populum sibi subditum per justitiam regant.*

O concilio de Penafiel, de 1302, Can. 13, diz dos *menores — Alcales, vel* Maiorini, *vel alii Rectores Civitatum, vel aliorum locorum,* etc.

Nas cartas regias dos seculos XI, XII e XIII, se confirmam algumas vezes os maiorinos-móres, declarando as provincias em que exercitavam a sua jurisdicção.

Em Portugal havia, desde o principio da monarchia, tantos *maiorinos,* ou meirinhos-móres, quantas eram as provincias em que o reino se dividia.

O seu officio se exprimia pela palavra *tenens,* que vem de *tenementum,* cuja palavra, na infima latinidade, significava *territorium seu districtus alicujus loci.*

Na doação que D. Affonso Henriques e seus filhos fizeram a D. Sancha Paes, das tres villas de *Golães, Gondim* e *Villar,* em terra de Guimarães, em 1167, entre e depois dos mais aulicos, que confirmam, se lê:—*Sueris Menendi, Extrematuram tenens* —C f.—(Doc. de Lorvão.)

No reinado de D. Affonso III havia sete d'estes *tenentes* ou meirinhos-móres, como se vê no foral de Aguiar da Beira, dado por

aquelle rei, em 1258; no qual, depois de haverem confirmado D. Gonçalo Garcia, alferes da curia, e D. Gil Martins, mordomo da curia, se seguem estes meirinhos-móres.

Além d'estes meirinhos-móres das provincias, comarcas ou departamentos, havia um meirinho-mór de todo o reino.

O primeiro que se encontra com o titulo de meirinho-mór, em documento official, é D. Pedro Lourenço, meirinho mór de Portugal, em Aljustrel, na doação que D. Sancho II fez á Ordem de S. Thiago, em 31 de março de 1235.

A estes se seguiram outros, que no seculo XV conseguiram o titulo de meirinhos-móres da côrte e reino.

O titulo de meirinho mór, andou muitos annos na casa dos condes de Obidos (hoje unida á dos condes de Sabugal) que por isso eram chamados *condes-meirinhos-móres*

Os meirinhos-móres das comarcas e provincias, duraram até ao reinado de D. Affonso V, que os aboliu inteiramente, creando em seu logar os corregedores, que existiam até 1834; mas sem a jurisdicção amplissima de que usavam os meirinhos-móres, até mesmo sobre os nobres e fidalgos.

Elles proviam os juizes ordinarios das villas e concelhos do seu districto; tomavam conhecimento do que se decidia nos tribunaes, e eram, com pouca differença, uns adiantados ou regedores das justiças.

Tambem havia maiorinos dos governadores, potestades ou principes das provincias ou comarcas, postos pelo soberano; tinham seus meiorinos-menóres, que immediatamente lhes eram sujeitos.

Até ao anno de 1102, se acham em Portugal muitos documentos originaes, dos maiorinos, que nomeiavam a D. Affonso VI, rei de Leão, como *principe e senhor absoluto da terra de Portugal*; porém, desde aquelle anno, fallam do conde D. Henrique como *soberano independente dos portuguezes;* dizendo só, que D. Affonso era rei de Toledo.

Lê-se em um documento do mosteiro da Alpendurada, de 1109, que Egas Garcia — *erat maiorinus maior d'Egas Gozendis, qui erat dominator, et princeps terriae illiues, et tenebat ipsa terra de Sancto Salvatore, et de Tendales, cum alia multa in suo aprestamo, de manu de illo Comite Domno Enrrico.*

MAIROS—freguezia, Tráz-os-Montes, comarca e concelho de Chaves, 105 kilometros de Miranda, 465 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 107 fogos.

Orago Nossa Senhora da Expectação.

Bispado de Bragança, districto de Villa Real.

É proximo da raia.

O abbade de Monforte do Rio Livre, apresentava o cura, que tinha 50$000 réis.

MALADA — portuguez antigo — escrava, serva, manceba, menina, creada, ou môça de servir; que por condição, ou salario, tem obrigação de se empregar no serviço de seus senhores ou amos.

Em um documento da universidade, de 1279, se lê—*E nem devemos chamar-mo-nos per homem, nem a moller per* malada *d'omem nenhuum, nem de dona; ergo do Abade, e do Prior, e do Convento... E a parte que d'estes convenentes defallir, deve peitar C. maravidis velhos.*

MALADÍA — portuguez antigo — serviço obrigatorio do colono, ou emphiteuta, como o de um escravo, ou servo de gleba.

O senhor, porém, ficava obrigado a defender, amparar e manter certos privilegios e isenções a esses servos, ou *malados.*

As propriedades cujos servos eram obrigados a este detestavel serviço, se chamavam *maladías.* Parece que esta palavra vem do anglo-saxonio. N'elle se acha *male, mal* ou *maal,* que significa pensão, direito, fôro ou tributo, e *man,* que significa *homem.* D'aqui se formou *maalman,* que quer dizer—homem sujeito a tributo, ou escravidão.

Tambem d'aqui se disse na baixa latinidade, *mallum* e *mallus,* ao tribunal, ou assembléa geral, dos condes e ministros reaes, que duas vezes no anno se reuniam para decidir negocios graves dos feudatarios, vassallos, ou colonos.

E, porque estas assembléas tinham logar nos montes, ou collinas, se denominavam *mallobergium.* Das decisões e arestos d'estas assembléas se formaram os principios da lei *sálica.* (Vide *Cóóna de manteiga.*)

Em 1297, Gil Esteves, vendeu um casal em Tendaes, ao mosteiro de Salzedas, por um *mú*[1], em preço de 80 libras, e *de revora*[2] *céem soldos, e do prêço ni migalla ficou por dar.* Uma das condições é que, *nenhum possa demandar no tal casal, serviço, nem geira, nem testamento, nem* maladia, *nem outra demanda nenhua.* (Documento de Salzedas.)

Na instituição do morgado de Médéllo, e capella de Santa Catharina, da Sé de Lamego, por o bispo de Evora, em 1317, deixa o instituidor, a Vasco Martins, reitor da egreja de S. Thiago, de Beja, as suas quintas, que alli nomeia, *cum suis casalibus, honoribus, seu honris, servitiis, maladiies, pascuis, montibus*, etc. (Documento da Sé de Lamego.)

Tambem se dava o nome de *maladia*, ao proprio fôro, censo, ou pensão, dados pelo servo, colono, ou emphiteuta. (Vide *Mangualde.*)

MALADO—portuguez antigo—o que vivia em terras de senhorio e sujeito a *maladias*. Tambem no seculo XII se dava o nome de *malados, mancebos*, ou *creados de servir*, aos filhos que ainda estavam debaixo do patrio poder. Depois se deu este nome sómente aos servos adscritos á propriedade. (Vide *Thomar* e *Villar-de-Porcos.*

MALAMENTE—portuguez antigo—mal e indevidamente, com detrimento grave, e sem rasão. *Por esta razom leixam* (deixam) *a terra e se despobra* (despovôa) malamente. (Cortes de Lisboa, de 1389.—Documento da camara do Porto.)

MALATOSTA—MALLA-TOSTA e **MALTOSTA**—portuguez antigo—direito, imposição, ou tributo que pagavam os que embarcavam vinho na cidade do Porto. Eram 48 réis por cada tonel; metade para o bispo e cabido e metade para o rei.

Vem de *tolta, toulta*, ou *tulta*, que na infima latinidade era a palavra designativa de qualquer tributo, ou exacção que por força e contra toda a rasão e direito, se levava ao povo em geral, ou a alguem em particular.

[1] Macho; animal quadrupede bem conhecido. Então, e muito depois, aos machos pequenos se dava o nome de *mulatos*.

[2] *Revora*, eram os contratos feitos entre pessoas maiores e *sui juris*.

Disseram *tolta-mala*, ou *mala-tolta* e depois *mala-tosta*. Tambem se dizia, *maos-costumes, exacções injustas, perniciosas, falsas, individas e pessimas.*

MALCATA—freguezia, Beira Baixa (no *Riba Côa*) comarca e concelho do Sabugal, 35 kilometros da Guarda, 300 ao E. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 73 fogos.

Orago S. Barnabé, apostolo.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O vigario de Sortêlha apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altar.

MALDICÇÃO—era tão temida desde o seculo VII, e nos primeiros da nossa monarchia até ao fim do seculo XIV, que em quasi todas as escripturas, testamentos, doações e emprazamentos se impunha ao que quebrasse o estipulado. (Vide *Figueiredo de Cêa*, vol. III, pag. 193, col. 2.ª in principio— e *Penacova* e *Vairão.*

MALENTRADA—portuguez antigo—pena ou mulcta que o preso pagava por entrar na cadeia; differente da *carceragem* que se pagava (e ainda paga) á sahida.—«*Pague de carceragem trinta reaes brancos* (libra e meia da moeda antiga) *e dous reaes de* malentrada, *pera aquelle que o desferrar* (que lhe tirar os ferros) *quando houver de o soltar.* (*Cod. Alph.* Liv. I, tit. 32.)

MALEZA—portuguez antigo—fraude, malicia, trapaça e conloio.

MALFÁIRO e **MALFÁRIO**—portuguez antigo—adulterio. (Vide *Lamego*, a pag. 40, col. 1.ª do 4.º vol.)

MALFETRÍA—portuguez antigo—delicto, acção má, malfeitoria.

MALHADA—grande mina de chumbo argentifero, na freguezia de Silva Escura, concelho de Sever do Vouga. É dependente da famosa mina do Braçal, e, como esta, propriedade do sr. Lourenço Feuheerd, allemão. (Vide *Albergaria Velha*, a pag. 51, in fine, da col. 1.ª do 1.º vol.)

O *poço mestre* d'esta mina (da Malhada) já tinha em fevereiro de 1374, 60,^{m}5 de profundidade (270 palmos!)

MALHADA-SORDA—freguezia, Beira Bai-

xa, comarca e concelho do Sabugal (Riba-Côa) 95 kilometros ao SE. de Lamego, 325 ao E. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 267 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

Muito fertil em cereaes.

(Não vem no *Portugal Sacro e Profano.*)

MALHADAS—freguezia, Tras-os-Montes, comarca e concelho de Miranda do Douro, d'onde dista 40 kilometros, 480 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 36 fogos.

Orago Nossa Senhora da Expectação.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O cabido da Sé de Miranda, hoje de Bragança, apresentava—por giro—o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

MALHA-PÃO, MOLHA-PÃO ou **MAXA-PÃO**—grande quinta dos srs. condes da Anadia, proximo da Malhada, e a 18 kilometros ao N. de Coimbra.

É na aldeia do mesmo nome.

Na quinta morreu em 1795 Joanna Francisca da Piedade, com 125 annos de edade.

MALHOM ou **MALHÃO**—portuguez antigo—marco, baliza, termo, limite. Vem de *mallum* ou *mallus*, que era o tribunal dos juizes, que se estabelecia nos confins das terras dos litigantes, levantando-se para isto um pequeno monte de terra ou *arca* (como então se dizia) que demarcava os respectivos limites, se n'aquelle sitio não havia algum monte ou collina.

MALHOS—portuguez antigo—matracas. Era um taboão pendente que se via em alguns mosteiros. Batia-se-lhe com um maço de pão para chamar os frades a capitulo. Tambem servia nas egrejas para chamar os fieis á oração desde quinta e sexta-feira maior, até ao apparecimento da alleluia, no sabbado; em cujo tempo é prohibido tocar sinos.

Estas *matracas*, porém, eram manuaes e compostas de 3 tábaos quadradas, presas por eixos de corda ou dobradiças, tendo a do meio um prolongamento ou cabo por onde se segurava. Ainda se usam as matracas em algumas egrejas, e no tempo referido.

Tambem se usavam em tempo de interdictos.

No 1.º de agosto de 1353 se fez um praso no mosteiro de Rio Tinto, sendo as religiosas convocadas a capitulo—*por malhos tangidos; porque nom tangem sinhos, por razom do antredicto.*—(Documento do mosteiro de S. Bento d'Ave-Maria, da cidade do Porto.)

MALHOU—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Santarem, 105 kilometros ao NE. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 257 fogos.

Orago o Divino Espirito Santo.

Patriarchado, districto administrativo de Santarem.

Foi do concelho de Pernes, comarca de Torres Novas.

É terra fertil em cereaes e azeite.

O povo apresentava o cura. Cada fogo *inteiro* pagava um alqueire de trigo, e uma canada de azeite—cada *meio fogo*, meio alqueire de trigo e meia canada de azeite. Além d'isto o pé de altar.

O nome d'esta freguezia é derivado de *Malhom*, significa pois, *freguezia dos marcos*, ou *terra do termo*.

MALIOLO—portuguez antigo—vinha nova—bacêllo. Os hespanhoes dizem, *majuello*.

MALLEVA ou **MALEVA**—portuguez antigo—fiança, na baixa latinidade se dizia *mallevantia*.

Em uma procuração feita em 1293, entre outros poderes, concede o constituinte o de *mallevar* e *sacar mallevas*. (Documento do mosteiro de freiras bentas, do Porto.)

MALPARTIDA—freguezia, Beira Baixa, comarca e 24 kilometros de Pinhel, concelho de Almeida, 335 a E. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 75 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda. Foi do bispado da Guarda.

O ordinario apresentava o abbade, collado, que tinha 200$000 réis de rendimento.

MAL-PECCADO—portuguez antigo—interjeição de quem duvida, ou nega, desejando—*E peró que andarom en preito con a Ygreia per desvairados Juizes, mal peccado!...*

pela ssa força, nunca a voontade do passado (defuncto) *ouve cabo, nem á.* (Documento do bispado da Guarda, de 1298.)

Tambem em alguns documentos se vê esta expressão empregada como dizendo: *por nossos peccados, por nossa desgraça. E porque,* mal pecado, *os homeens mais sooem de recear a pena temporal, que a sanha de Deus, e vergonça* (vergonha) *e maa nomeada.* (Cod. Alf., Liv. 5.º, tit. 31, § 4.º)

O nosso povo diz commummente, n'esta ultima accepção—*por mal de peccados.*

MALPICA—freguezia, Beira Baixa, concelho e comarca de Castello Branco, 100 kilometros da Guarda, 220 ao E. de Lisboa, 370 fogos.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

Orago, S. Domingos.

A Mesa da consciencia apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis.

MALSENTIDO—portuguez antigo—enfermo, doente, molestado, etc.

MALTA—freguezia, Trás-os-Montes, está annexa á freguezia de Olmos, na antiga comarca de Chacim, hoje Macêdo de Cavalleiros. Vide Olmos.

MALTA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Villa do Conde. Já está descripta sob o nome de Santa Christina de Malta, a pag. 296 do 2.º vol.

MALVAZMENTE — portuguez antigo — protervamente.

MALVEIRA—aldeia, Extremadura, freguezia de Alcabideche, concelho de Cascaes, comarca de Cintra, 30 kilometros ao NO. de Lisboa, 10.ª estação do caminho de ferro Larmanjat, de Lisboa a Torres Vedras.

Ha aqui todas as quintas feiras, uma grande feira de gado de todas as qualidades, sobre tudo, bovino.

Os preços do gado, n'esta feira, são os reguladores para Lisboa e outras terras.

Em junho, ha uma feira de anno.

MALVESADA e **MALVESADO**—portuguez antigo — mal acostumada—e — aquella, ou aquelle que vivia deshonestamente. No foral de Cernanchêlhe, de 1124, se diz—que a mulher do cavalleiro gose dos mesmos privilegios de seu marido, até se tornar a casar—*si illa non fuerit malvesada*—isto é—se viver honestamente.

MAMARROSA ou **MAMA-ROSA**—freguezia, Douro, comarca da Anadía, concelho de Oliveira do Bairro (foi do antigo concelho de Mira), 18 kilometros a SE. de Aveiro, 35 ao NO. de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 450 fogos. Em 1757 tinha 245 fogos.

Orago, S. Simão, apostolo.

Foi do bispado de Coimbra, hoje é do bispado e districto administrativo de Aveiro.

O reitor da Sóza, apresentava o cura, que tinha 120$000 réis de rendimento.

É terra muito fertil, no paiz vinhateiro da *Bairrada,* e uma freguezia rica.

É povoação muito antiga. D. Sancho II, doou a herdade da Mamarrosa, a fr. Hugo, prior do mosteiro e hospital de Santa Maria de *Rocha de Amador* (Roque Amador), da villa da Sóza, em 1242.

Seu irmão D. Affonso III, confirmou esta doação em 1260. (Vide *Sóza.*)

É provavel que o nome d'esta freguezia, provenha de *Mâmoa,* como quem diz—Povoação das *mâmoas.* (Vide *Mâmoa.*)

MAMEDE (S.)—Vide *Coronado, Negrellos* e *Recesinhos.*

MAMEDE (S.) **D'INFESTA**—Vide *Infesta.*

MAMEDE (S.) **DE RIBA-TÚA**—villa extincta, Trás-os-Montes, comarca e concelho de Alijó, 100 kilometros ao NE. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 380 fogos.

Em 1757 tinha 243 fogos.

Orago S. Mamede.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 100$000 réis.

É terra fertil, e tem bom vinho. Produz esta freguezia as melhores laranjas de Portugal, que rendem annualmente de 1:200$ a 1:600$ de réis.

MAMEDE DO SADÃO (S.)—freguezia, Extremadura, comarca de Alcacer do Sal, concelho da Grândola, 60 kilometros ao O. de Evora, 105 ao SE. de Lisboa, 75 fogos.

Em 1757 tinha 72 fogos.

Orago S. Mamede.

Arcebispado de Evora, districto administrativo de Lisboa.

A Meza da consciencia apresentava o capellão, curado, que tinha 180 alqueires de trigo, 90 de cevada e 10$000 réis em dinheiro.

MAMOA e **MAMÔA**—portuguez antigo—Ha em Portugal varias aldeias com o nome de *Mâmoa, Mamôa, Meimôa* e *Meimão*. Todas procedem de um monumento celtico (ou preceltico) cujo nome primittivo se ignora.

Foram os romanos que o denominaram *mamma*, pela semelhança que têem com um peito de mulher.

Quando fallecia algum chefe, ou pessoa notavel dos celtas, ou pre-celtas, lhe depositavam as cinzas em uma caixa construida de lagens, que cobriam com uma pyramide (pequeno cabeço pyramidal) de terra.

É d'aqui que vem a palavra *mamelão*, para designar um pequeno cabeço.

Tambem alguns escriptores dão a estes monumentos os nomes de *modôrras, mamunhas* e *mamuinhas*.

Tendo já n'esta obra fallado sobre estes monumentos, para evitar repetições, veja-se —*Anta, Carn, Couto de Cucujães, Crasto, Cannas de Senhorim, Dolmen* e *Fieis de Deus*.

Ha ainda em Portugal muitas mâmoas, mas quasi todas arrombadas pelo povo, na intenção de acharem alli *thesouros encantados*.

Onde as tenho visto em maior quantidade é no monte do *Curúto*, freguezia de Fermedo; no *Monte Grande* (proximo a Serradêllo) na freguezia da Raiva; na Serra de Ancía, freguezia de Real, e no monte do Castêllo, freguezias de Escariz e de Mançôres.

Em um documento da universidade, de 1298, se lê—*Que fossem na mamóa da par da carreira de sobre Anzega, que chamam Mamóa negra*.

Em um documento do mosteiro de Alpendurada, de 1315, se dizia—*E parte pela mamóa, que está a par da estrada*.

Em um documento do mosteiro de Santo Thyrso, se dá a estes monumentos o nome de *mamúa*.

Desde o seculo IX até ao XII, se escreveram em Portugal e Hespanha, muitos documentos, em que ás *mamóas, mâmoas*, ou *mamũas* se dá o nome alatinisado de *mamulas*.

Tambem se lhes dava n'aquelles tempos, o nome de *arcas;* mas este pertencia sómente ao logar em que se depositavam as cinzas dos mortos, pela sua semelhança com uma arca; e como esta era a parte principal do edificio, dava-se este nome a todo elle.

É a estas *arcas*, que muitas povoações peninsulares devem o seu nome.

Mr. Bullet, no seu *Diccionario da lingua celtica*, diz que a palavra *arca* vem do celtico *ar*, ou *hare* Salvo o devido respeito a este erudito escriptor, não me conformo com a sua opinião. É verdade que *ar*, ou *hare* significa terra, altura, collina, elevação, fastigio, summidade, pincaro, ponta, cume, montanha, rocha, etc.—mas, tendo nós uma palavra portugueza antiquissima que declara com exactidão o objecto (porque o túmulo celta propriamente dito, é uma verdadeira arca de pedra; e o monticulo de terra que o cobre, não é mais do que um accessorio, uma guarda) não devemos hir a uma lingua extranha buscar uma palavra que aliás não exprime exactamente a cousa.

Fiquemos pois em que *arca*, era o túmulo, e *mâmoa*, todo o edificio.

Algumas d'estas mâmoas, serviram depois de marcos, ou padrões, para designar as extremidades de certos territorios, ou propriedades; mas tambem se aproveitavam montes naturaes com a mesma configuração, e ao quaes se dava tambem o nome de arcas.

Pelas actas do concilio de Lugo, de 569, consta que o rei Theodomiro, fez demarcar os limites dos bispados e egrejas, pelas *villas, montes*, ou *castellos* antigos, *vel* archaram *confinia*.

Em um documento de 760, pouco mais ou menos, se diz—*Pro ut dividit cum alias villas per petras fixas, et mamólas antiquas*.

Em 897, D. Affonso III, confirma á egreja de Lugo, os seus antigos limites, dizendo—*Quos priores nostri interposuerunt, et ageres terræ, sive* archas, *prope quos fines*, etc.

Vê-se pois que vulgarmente se tomava o lado pela parte.

As povoações de Portugal que ainda conservam o nome de *Arca*, ou de *Arcas*—vão no logar competente.

Na freguezia de Milheirós de Poyares, co-

marca e concelho da Feira, ha uma aldeia chamada *Mâmoa*. O mesmo nome tem a aldeia onde está a egreja matriz de S. Romão de Coronado. (Vide o 2.º *Coronado;* e outra aldeia, na freguezia de Baltar, concelho de Paredes, comarca de Penafiel.

MAMOUROS—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Castro de Aire, 24 kilometros de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 74 fogos.

Orago, S. Miguel Archanjo.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

Os condes de Alva apresentavam o abbade, que tinha 200$000 réis de rendimento.

Mamouros — é a palavra arabe *maâmura*—significa a edificada, ou povoada. Vem do verbo *âmara*, edificar, povoar, construir·

—

Dizem algum que o nome d'esta freguezia, se deriva do nome proprio romano *Mamurra*. Horacio, nas suas *Satyras*, falla de um cavalleiro romano, d'este nome, intendente das obras militares e valido de Julio Cesar, ao qual acompanhou ás Gallias.

Adquiriu (roubou) alli grandes riquezas e fez edificar no monte *Célio*, em Roma, um magnifico templo. As suas rapinas, luxo e immoralidades o desacreditaram.

Foi o primeiro que fez revestir de marmore os muros e as columnas.

MAMPORCÃO ou **MAMPORÇÃO**—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Extremoz, 40 kilometros de Evora, 150 a SE. de Lisboa, 125 fogos.

Em 1757 tinha 73 fogos.

Orago, S. Lourenço.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

O arcebispo apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo e 60 de cevada.

MAN—rio, Trás-os-Montes, na comarca e concelho de Montalegre.

Nasce nas vertentes meridionaes da *Serra da Mourella* (que é parte da cordilheira que liga as serras de *Larouco* e *Gerêz*.)

Depois de ter corrido pela freguezias de Cavellães e Sezéllo, morre com 9 kilometros de curso, na direita do Cávado, em frente da freguezia de Fiães do Rio, no mesmo concelho. Cria muitas e boas trutas.

MANCEBA — portuguez antigo — mulher nóva, môça, na edáde florente. *Huma mui nobre dona*, mancêba, *e de grande bondade*. (*Chron. de El-Rei D. João I*, por Lopes, part. 1.ª, cap. 35.)

Mancêba de servir, era a criada.—*Item mandamos, se veer mancebo, ou manceba, que disser que lhi nós devemos de saa soldada alguma coisa: que seja homem ou mulher de bôa verdade: mandamos, que lho paguem.* (Testamento de Lourenço Pires, de 1314.—Doc. da Sé de Lamego.)

Manceba mundanaira—ou *do mundo*—mulher prostituida e publica—meretriz, rameira.—*E esto foi feito duas, ou trez vezes, atá lançar fóra as mancêbas mundanairas.* (*Chron. de El Rei D. João I*, por Lopes, part. 1.ª, cap. CXLVIII)

Ha de trazer (o escrivão das malfeitorias) *todolos Regataaens, e as mancebas do mundo, cortezaas, em huum livro.* (*Cod. Alf.*, L. 1.º, tit. 15.º, § 4.º)

Segundo o mesmo *Codigo*, L. 1.º, tit. 52, § 18; e tit. 53, § 4.º—*O condestabel tinha de cada huma mulher solteira, da mancebía, em cada somana, 12 reaes brancos. E o marichal havia, de cada huma mulher da mancebía, cada sabbado 12 reaes brancos.*

Este immoralissimo tributo, foi extincto depois.

Manceba solteira, era o mesmo que *mundanaira*.—*Das mancebas solteiras, que andam, e devem andar na corte, ha de levar* (o meirinho das cadeis, que era o juiz d'ellas!) *em cada hun sabado 2 reaes brancos, porque elle ha de mandar varrer as audiencias do corregedor, que ellas haviam de varrer: e esto foi assi usado d'antigamente.* (*Cod. Alf.*, L. 1.º, tit. 12, § 1.º)

MANCEBÍA—portuguez antigo—reunião de mancebos, ou môços solteiros.

Tambem significava (como ainda hoje) o viver e cohabitar um homem com uma mulher, sem ser casado com ella.

Nos prazos de Almacave (Lamego) se intitula *mancebía* o logar, bêcco, ou bairro em que viviam as mulheres publicas. (Era ao sahir para o campo do *Tabolado*.)

MANCEBO — portuguez antigo — dava-se este nome, ao que está em edade jovenil.— *Mancebo de soldada*, era o creado que servia por salario.—*Mancebo de pousada*, eram os creados, ou pastores dos porcos, inferiores ao *alfeireiro*, que era o pastor das vaccas.

Mancebo—é corrupção da palavra arabe —*mansubon*, o amante, ou namorado, jovem, etc., vem do verbo *maçaba*—que significa, lembrar o passado, recordar, louvar com versos amatorios.

MANCÉLLOS—freguezia, Douro, comarca e concelho de Amarante, 43 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 550 fogos.

Em 1757 tinha 430 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 400$000 réis.

É terra muito fertil.

É n'esta freguezia a casa da *Costa*, da qual é actual proprietario o sr. Rodrigo Guedes de Carvalho, visconde da Costa.

(Fica assim, n'esta parte rectificado o engano da pag. 410, do 2.° vol.)

Foi villa e couto.

Houve aqui um mosteiro benedictino, instituido, em 1110, por *Mem Gonçalves de Fonseca* e sua mulher, *D. Maria Paes Tavares*.

D. Sancho I, concedeu a este mosteiro, em 1200, a isenção do pagamento da *colheita* ao rei.

Em 7 de julho de 1219, D. Affonso II, e sua mulher, a rainha D. Urraca, e seus filhos, os infantes, D. Sancho (depois II), D. Affonso (depois III), D. Fernando e *D. Alianor* (Leonor) estando em Guimarães, confirmaram ao mosteiro de Mancellos, a isenção do pagamento da colheita, que lhe havia concedido D. Sancho I.

D. Sancho II, deu foral (sem data) á villa de Mancellos. Franklim não traz este foral.

Em 1540, D. João III, deu este mosteiro (que então era de crusios) ao mosteiro de S. Gonçalo de Amarante (dominico), o que foi confirmado, por bulla de Paulo III, de 1542.

MANÇORES ou **MANSORES** — freguezia, Douro, no extincto concelho de Fermedo, hoje comarca e concelho de Arouca, d'onde dista 20 kilometros a O., 35 ao S. do Porto, 12 ao S. do rio Douro, 285 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 123 fogos.

Orago, Santa Christina, virgem e martyr.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

É terra muito fertil.

O reitor de Escariz, apresentava o cura, que tinha 9$000 réis de congrua e o pé de Altar.

Para a etymologia, vide *Almançor*, a pag. 144 do 1.° vol. Vide tambem *Caritel*, a pag. 110 e *Cartêllo*, a pag. 168 do 2.° vol.

Tem minas de cobre e de ferro, que se não exploram.

É povoação antiquissima, como do seu proprio nome e das suas tradições se collige.

Em 1848, na escavação de um campo, appareceram os *ferros* de duas achas-d'armas. Eram de cobre, mas estavam muito oxidados e corroidos.

No mesmo sitio, e na mesma occasião, se achou um capacete quasi inteiro e parte de outro, tambem de cobre, evidentemente romanos.

Os logares que hoje constituem esta freguezia, pertenciam á freguezia de Escariz, cuja egreja matriz lhe fica 4 kilometros a ONO., tendo de se atravessar a serra do Castêllo; pelo que os povos de Mançores requereram a sua desmembração da antiga parochia, o que lhe foi concedido, no seculo XVII; ficando o parocho de Escariz, só com direito da apresentação do cura.

A primeira matriz de Mançôres, foi a actual capella da aldeia da *Villa;* mas pouco tempo depois se construiu a egreja actual, que é pequena e pobre.

Ainda n'esta freguezia se pratica o antigo costume de se fazerem os baptisados fóra da egreja; entrando n'ella só para o acto de lançarem a agua benta ao baptisando.

Quando morre algum lavrador d'esta freguezia, vão atraz do cortejo funebre, varias mulheres, com canastras de *brôas* á cabeça, que no adro são partidas, e distribuidas a quem as quer.

A riqueza do defuncto, ou a generosidade

dos herdeiros, avalia-se pelo numero de canastras de pão que acompanham o enterro.

Ha n'esta freguezia a aldeia da Terça, onde é a grande casa dos srs. drs. Manuel e João Baptista Nunes Camossa, filhos e herdeiros do sr. dr. José Antonio Nunes de Saldanha.

É uma das casas mais ricas do districto de Aveiro.

Saldanha, é um appellido nobre em Portugal. Veiu de Hespanha, tomado da villa de Saldanha, no reino de Leão.

Procede de D. Sancho Dias de Saldanha, senhor da dita villa, que em 870 fez alli o seu solar.

Passou este appellido a Portugal, na pessoa de Diogo Lopes de Saldanha, no reinado de D. Affonso V, com o emprego de secretario da rainha D. Joanna (2.ª mulher do dito rei), e seu mordomo-mór. Foi depois embaixador em Roma.

Trouxe de Castella, por sua mulher, D. Maria Rodrigues Bovadilla, filha de Toribio Rodrigues Bovadilla, senhor de Guadalajara.

As armas dos Saldanhas, são: em campo de púrpura, uma torre de prata, coberta com uma cúpula azul, e com portas e frestas da mesma côr, lavradas de negro, com uma cruz de ouro no remate. Timbre, a mesma torre.

Os Saldanhas d'Albuquerque, trazem por armas: escudo de púrpura, com tres coticas de ouro, em faxa, e por timbre, um leão de púrpura, lampassado de ouro.

—

No logar da Estrada, d'esta freguezia, é a casa da familia Portugal, que foi a maior em propriedades, de toda a comarca, e uma das principaes do districto de Aveiro. Hoje está muito dividida.

É seu actual representante o sr. Joaquim dos Reis Castro Portugal.

Portugal, é um appellido nobre d'este reino. Procede da casa de Braganga; sendo o primeiro que assim se appellidou, D. Affonso de Portugal.

As armas dos Portugaes, são—em campo de prata, aspa de púrpura, carregada de 5 escudêtes das Quinas reaes (sem a orla dos castellos(e de 4 cruzes de prata, floreadas e vasías do campo, que são as dos Pereiras. Timbre, meio cavallo, de prata, bridado de ouro, com redeas de púrpura, e com tres lançadas, em sangue, no pescôço.

Estes *Castros Portugaes*, de Mançôres (que são os mesmos de Valladares) e os Portugaes e Torres, procedem do infante D. Diniz, filho de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro.

Este D. Diniz, passando a Castella, (vide Leça do Bailio) casou com D. Joanna, filha bastarda de D. Henrique II, de Castella, da qual teve, entre outros filhos, a D. Fernando de Portugal, que casou n'aquelle reino, com D. Maria de Torres, filha de Fernando Rodrigues de Torres.

Foi seu filho D. Luiz de Portugal e Torres, que se diz pregenitor d'esta familia. Os d'esta procedencia teem por armas—escudo dividido em aspa — no 1.º e 4.º, as Quinas de Portugal: no 2.º e 3.º, de púrpura, 5 torres de ouro, em aspa — orla de púrpura, carregada de 7 castellos de ouro. Timbre, uma das torres das armas.

—

O rio Arda, divide esta freguezia, pelo E. e NE., da de Santa Marinha do Tropêço.

(Vide *Arda*, rio.)

MANÇOS (S.) — freguezia, Alemtejo, comarca, concelho e 18 kilometros de Evora, 120 ao SE. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 192 fogos.

Orago S. Mancio—vulgarmente, S. Manços.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o cura, que tinha 336 alqueires de trigo e 180 de cevada.

É terra fertil em cereaes, e cria muito gado.

MANDADEIRO—portuguez antigo—mensageiro, enviado, parlamentario, embaixador, criado, procurador, etc.

MANDAMENTO—portuguez antigo — territorio com auctoridade especial, jurisdicção, districto, julgado, concelho, honra, couto, etc., com seu magistrado particular e com foral proprio.

Em abril de 1139, fez D. Affonso Henriques mercê a Affonso Paes e sua mulher,

Maria Affonso, do seu reguengo, que tinha na villa de *Córnias* (hoje, a aldeia de *Córnes*, na freguezia da Espiúnca, concelho de Arouca. Vide pag. 384 do 2.º vol., palavra *Córnes*—a 2.ª)—Diz a doação—*sicut jacet sub* Mandamento *de Santo Felice* (extincto concelho de Sanfins, hoje concelho de Sinfães) *Territorio Colimbricensi* [1] *discurrentibus aquis in Pavia* (rio Paiva) *sub monte Quebranzana.*

MANDIL—é a palavra arabe *mandil*—lenço ou guardanapo; mas os portuguezes deram o nome de *mandil* a uma especie de capa de burel com que se cobrem os pastores em Traz-os-Montes—e tambem á um pedaço de saragoça ou burel, com que se limpa o pó das cavalgaduras.

MANGUALDE—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Gouveia, 85 kilometros a E. de Coimbra, 285 ao NE. de Lisboa, 100 fogos. Em 1757 tinha 68 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

O real padroado apresentava o prior, que tinha 120$000 réis.

Dá-se a esta freguezia o nome de MANGUALDE DA SERRA, para a distinguir de *Mangualde de Azurára*. É na Serra da Estrella.

A pouca distancia da povoação de Mangualde, está um altissimo monte. Segundo a tradição, appareceu aqui a uns segadores, junto ao cabeço chamado *Alfatama* [2] e entre 3 carvalhos, uma imagem de Nossa Senhora.

[1] Este territorio nunca foi do bispado de Coimbra senão interinamente. Uns 80 annos, não houve bispos em Lamego e em Viseu e os bispos de Coimbra administravam, além da sua, aquellas duas dioceses vagas. É por isso que varios documentos d'aquelle tempo dizem que era territorio de Coimbra.

[2] *Alfatama* é corrupção da palavra arabe Al-Fatema (de que nós fizemos Fatima, tirando lhe o artigo al.)—É nome proprio de mulher. Assim se chamava a famosa moura, senhora de Ourem, que, depois de baptisada, se chamou Ouriana, e casou com o templario Gonçalo Hermigues. A *Chronica de Cister* (tom. 1.º, livro 6.º, cap. 1.º, pag. 713) tambem menciona outra moura do mesmo nome, captiva pelos portuguezes na madrugada do dia de S. João, de 1157, na tomada de Alcacer do Sal.

Foram os segadores logo dar parte a Mangualde, hindo o povo ao monte buscar a santa imagem, que collocaram na egreja matriz; mas, como ella fugia logo para o monte onde fôra achada, lhe construiram aqui uma capella que ainda existe.

É imagem de grande devoção d'estes povos, que, apesar da altura e aspereza do monte, alli concorrem com muita frequencia, cumprir as promessas que fazem a *Nossa Senhora do Monte*, que é o titulo que lhe deram, em razão do sitio onde foi achada e onde tem a sua capella.

MANGUALDE ou **MANGUALDE DE AZURÁRA DA BEIRA**—villa, Beira Alta, cabeça de concelho e de comarca, 12 kilometros a E. de Viseu, 440 ao N. de Lisboa, 800 fogos (2:800 almas.)

Em 1757 tinha 509 fogos.

Orago S. Julião.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O real padroado apresentava o vigario, que tinha 400$000 réis de rendimento annual.

(Vide *Azurára da Beira*, a paginas 300 do 1.º volume.)

—

Tem estação telegraphica.

—

Mangualde não tem foral proprio; porque, em 26 de março de 1514, ainda não era mais do que uma freguezia do concelho de *Azurára da Beira*. Foi a esta povoação que o conde D. Henrique e sua mulher, a rainha D. Thereza, deram foral em 1102. Foi confirmado, em Santarem, por D. Affonso II, em 1218; e a que D. Manuel deu o novo foral, no referido dia 26 de março de 1514. (*Livro dos foraes novos da Beira*, fl. 109 v., col. 2.ª—*Livro 1.º de doações*, de D. Affonso II, fl. 36, col. 1.ª—e no *Livro de foraes antigos, de leitura nova*, fl. 12 v., col. 1.ª)

É pois o foral dado por D. Manuel á villa de Azurára que regia o concelho de Mangualde.

Nem Mangualde nem Azurára teem brazão d'armas, tendo-o outras povoações de menos importancia.

O concelho de Mangualde comprehende as 18 freguezias seguintes:—Abrunhosa Velha, Alcafache, Cassurães, Chans de Tavares, Cunha Alta, Cunha Baixa, Espinho, Fórnos de Maceira Dão, Freixiosa, Fresta, Lobêlhe, Mangualde, Mesquitella, Moimenta, Povoa de Cervães, Quintella, Travanca de Tavares, e Varzea de Tavares.

A comarca de Mangualde era composta de tres julgados — o de Mangualde, com 4:300 fogos—o de Néllas, com 2:500—e o de Penalva do Castello, com 2:600.

Por decreto de 23 de dezembro de 1873, foi supprimido o julgado de Néllas e unido ao de Mangualde, pelo que ficou a comarca só com dois julgados—o seu, que tem agora 6:800 fogo, se o de Penalva—ambos com 9:400 fogos.

—

É Azurára uma povoação muito antiga, e a sua fundação é anterior á dominação romana.

Em 11 de julho de 1145, achando-se D. Affonso I em Coimbra, foi informado que os moradores do concelho de Azurára da Beira (hoje Mangualde) faziam *cavalleiros* aos de fóra da terra, do modo seguinte : — Davam-lhes primeiro uma pequena herdade, pelo que ficavam com o privilegio de *visinhos*, e depois os faziam cavalleiros. Davam-lhe uma propriedade de valor insignificante : ás vezes, uma pequena casa, ou um bocado de terra, e até mesmo uma só arvore ; pois o bastante para ser considerado *visinho*, era possuir aqui *bens de raiz*, qualquer que fosse o seu tamanho ou valia. Tambem a isto se chamava *maladía*.

O rei ordenou então expressamente que *nenhum cavalleiro, ou outro qualquer, alli avisinhe, ou possa ter maladía ou commenda, sob pena de a perder para o reguengo : ordenando ao seu rico-homem, Pero Fernandes, qne então tinha da corôa aquella terra, que assim o fizesse cumprir e guardar.* (Consta isto do *Livro dos foraes velhos*, no fim do foral de Azurára.)

—

A villa de Mangualde está dividida em dois bairros—a villa velha ao O., e a nova, ao E.—É edificada em uma planicie, bem situada, salubre, agradavel e com boas vistas. Tem bons *terreiros*, ou *largos*, em que se faz o melhor mercado da provincia. Tem bons edificios, bons chafarizes e um bello templo da Misericordia, onde se admiram preciosos quadros, da escola romana. Tem uma formosa casa da camara municipal, sendo um edificio tão vasto, que accommoda, além da sala das sessões da camara, o tribunal da justiça, a administração do concelho, aulas, para ambos os sexos, etc.

O mais notavel d'esta villa porém, é o sumptuoso palacio, denominado *dos Paes*, hoje propriedade dos srs. condes da Anadia.

É sem duvida um dos melhores edificios do reino, [1] reunindo uma grande quinta, muito aformoseada, e com pomares de deliciosas fructas, bellos jardins, lagos, fontes e quatro estufas, onde vegetam fructas, plantas e flores dos tropicos. Pegado á quinta, está uma extensa matta, arruada, onde se encontram diversos objectos de recreio, muita caça e admiraveis arvores seculares.

A distancia de 1:500 metros ao NE. da villa, sobre o cume de um alto e escarpado monte, crivado de rochedos, e fazendo face á povoação, está edificado o elegante e magnifico templo, dedicado a *Nossa Senhora do Castello.*

Foi erigido pelo zelo e devoção da illustre familia dos srs. Paes, a cuja casa pertence a sua perpétua administração; pois foi d'ella que sahiu todo o supprimento de despezas e serviços para esta obra, visto que a respectiva confraria não tinha meios para tão dispendiosa construcção.

Deu-se principio a esta egreja em janeiro de 1819. Os trabalhos estiveram suspensos em 1820 e 1821; mas em 1822 recomeçaram com decidido empenho, e á custa da casa dos Paes, exclusivamente; concluindo-

[1] O palacio dos Paes, de Mangualde ; o da Brejoeira, proximo de Monção, do sr. Moscoso ; e o de Matheus, proximo a Villa Real de Traz-os-Montes, dos srs. condes de Villa Real, são os tres melhores edificios particulares de provincia que existem em Portugal.

se todas as obras em 1837. Importaram em 24 contos de réis.

É todo de cantaria, de architectura simples, mas elegante, e um dos melhores das Beiras.

A abobada de todo o templo é guarnecida de bellos estuques.

Além do altar-mór, onde está a imagem da padroeira, tem mais dois aos lados do arco, o de Sant'Anna e o de S. José. N'elles se vêem dois optimos paineis a oleo, obra do sr. Antonio José Pereira, insigne pintor de Viseu.

Tem uma só torre, com 38 metros d'altura, desde o pavimento. Sobe-se ao alto d'ella por uma bella escada em espiral, e de lá se avista um deleitoso panorama, formado de serras, montes, planicies, e povoações, que é encantador.

Em redor do templo ha um espaçoso adro, guarnecido de um parapeito, com assentos de pedra.

D'alli desce-se por uma bonita escada de dois lanços (que fica em frente da egreja) para um espaçoso terreiro arborisado, ficando a um lado da escada, uma porção de terreno, com rochedos, e por entre elles, plantadas, videiras e oliveiras—e do outro lado, uma hospedaria, para os romeiros.

A alguns passos ao E., d'este terreiro, está uma cisterna, de agua nativa, ao fundo da qual se desce por uma escada, em espiral, de 36 degraus. A sua agua é perenne e de optima qualidade.

D'este terreiro se desce o monte, por uma espaçosa escadaria, com 163 degraus, interrompida de espaço a espaço por pequenos terreiros, tendo quatro d'elles outras tantas capellinhas, dedicadas todas á Santissima Virgem, sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora da Encarnação, Nossa Senhora da Visitação e Nossa Senhora da Assumpção; todas com bellissimas imagens romanas.

Toda a escadaria é orlada de arvores, e ao fundo d'ella se vêem ferteis campos sempre verdes.

—

A festa da Senhora tem logar em 8 de setembro (Natividade de Nossa Senhora) sendo tão grande o concurso dos romeiros, alguns de longinquas povoações, que cobrem todo aquelle vasto ambito.

—

E' tradição antiquissima, que o templo primittivo (que estava edificado no terreiro arborisado, e que foi demolido, logo que se fez o novo) foi mesquita dos mouros, no tempo da sua dominação em Portugal, e que, depois da sua expulsão, apparecendo alli uma imagem de Nossa Senhora, foi collocada na mesquita, depois de purificada e convertida em templo catholico.

Provem ao sitio e a esta imagem o titulo que teem, por ter aqui existido um castello, romano ou arabe, do qual ainda existem as ruinas, que bem mostram a sua muita antiguidade.

Os que mais concorreram com avultadissimas esmolas e legados, para a construcção e conservação d'este sanctuario, foram — o commendador de Malta, Miguel Paes e seu irmão, José Paes, conego da Sé de Coimbra, ambos fallecidos em 1837.

A condessa de Anadia, D. Maria Joanna, offereceu, na occasião da trasladação da imagem de Nossa Senhora, do templo antigo para o novo, um rico e inteiro paramento branco, bordado a seda e ouro, para o serviço da egreja, e dois riquissimos mantos para a padroeira.

—

Tambem resa a tradição, que foi alcaide d'este castello, um mouro chamado *Zurar*, d'onde viera o nome á villa de *Azurára*; e que, para a expulsão d'elle, d'este castello, muito concorreram os habitantes de Linhares, por conselho de outro mouro, convertido ao christianismo, que depois foi alcaide de Linhares.

E' verdade que em papeis antiquissimos se vê a povoação de Azurára com o nome de *Zurára*; mas a palavra *Zurar* não me parece arabe. Inclino-me mais a que a etymologia d'esta palavra seja a que dou á Azurára de Villa do Conde, a pag. 300, col. 1.ª, do 1.º volume.

E' ainda verdade, que a camara e povo de Viseu hiam todos os annos, na 2.ª oitava da Paschoa, em romaria, ao Sanctuario de

Nossa Senhora do Castello, em cumprimento de um voto antiquissimo, e em chegando ao monte onde está edificada a capella, se viravam para o lado de Linhares e agitavam a bandeira da camara; mas não se sabe com certeza, a origem d'esta ceremonia.

A camara e o povo de Viseu foram desobrigados (ou se desobrigaram elles) d'este voto, no principio do seculo actual.

Quando o usurpador Philippe II se apossou de Portugal, em 1580, o conde de Belmonte, não se querendo bandear com outros muitos fidalgos portuguezes que se venderam aos castelhanos, recusou apresentar-se no *beija-mão* que deu o rei d'elles; pelo que este lhe tirou todos os bens e fóros que tinham sido da corôa, ficando portanto para esta, desde então, o senhorio de Mangualde, de que era donatario o mesmo conde.

Não se póde saber se o nome d'esta villa vem de *mangual*, ou *mangualde*, instrumento agricola bem conhecido, se de *manqual*, nome que os antigos davam ao jogo da *bolla*, ou do *fito*.

—

Paes é um appellido nobre em Portugal, patronimico de *Payo*. É muito antigo n'este reino, pois já D. Pedro Paes, foi um dos cinco fidalgos que acclamaram o rei D. Affonso Henriques, na batalha de Campo de Ourique, a 25 de julho de 1139. Morreu na batalha de Badajoz, sendo alferes-mór do mesmo rei.

A D. Payo Rodrigues Paes, seu filho, deu D. Affonso Henriques as armas seguintes—em campo de prata 5 pinheiros verdes, em aspa, com raizes. Elmo d'aço aberto—timbre, meio dragão de prata, lampassado de pùrpura.

A João Paes, deu D. Affonso V, brazão d'armas, em 20 de abril de 1476—são—em campo azul, 9 laranjas, veiradas e contraveiradas de púrpura e ouro, em 3 palas—elmo de aço aberto, e timbre, um pavão da sua côr.

A Gonçalo Paes, natural de Coimbra, mordomo mór e thesoureiro do cardeal-rei, deu a rainha D. Catharina, viuva de D. João III, regente na menoridade de seu neto, D. Sebastião I, brazão d'armas, em 22 de agosto de 1561—construido do modo seguinte:—as mesmas de João Paes, só com a differença de terem por timbre, meio dragão de prata, com uma laranja de púrpura no peito.

Outros do mesmo appellido trazem por armas—em campo de prata, 9 laranjas, veiradas e contraveiradas de azul e púrpura, em 3 palas—elmo d'aço aberto, e por timbre, meio leão de prata, lampassado de púrpura, com uma das laranjas das armas no peito.

MANHA—portuguez antigo—costume—*individuo de boas manhas, pessoa de malas manhas.*

MANHENTE—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 12 kilometros a O. de Braga, 360 ao N de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 240 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor do convento de conegos seculares de S. João Evangelista, de Villar de Frades (*os bons homens de Villar*) apresentava o cura, que tinha 25$000 réis e o pé d'altar.

Foi villa e couto.

A egreja matriz, era a de um antigo mosteiro benedictino que aqui houve, fundado por S. Martinho de Dume, no anno 600, e reedificado por D. Pedro Affonso de Durães, pelos annos 1250.—Passou a abbadia secular, em 1480, sendo arcebispo de Braga, D. Luiz da Cunha. Esta abbadia era dos taes religiosos de Villar de Frades (loyos.)

O couto de Manhente, compunha-se d'esta freguezia e com parte das freguezias de S. Verissimo, Santa Maria de Gallegos e S. Vicente de Areias.

O reitor do mosteiro de Villar, nomeava o juiz do couto, para o civel e orphãos, e o capitão para uma companhia de ordenanças, que aqui houve até 1834. No crime era sujeito ás justiças da villa do Prado.

Este couto foi feito por D. Affonso Henriques, estando no castello de Faria, em 1129. Foi, como os outros, supprimido em 1834.

MÁNHO, ou MAGNO—portuguez antigo, ainda usado no seculo XVI—*maninho de to-*

dos. Pronunciava-se sempre *mánho.* — Na baixa latinidade e no antigo portuguez, tambem significava *grande;* mas então, apesar de se escrever *magno,* pronunciava-se do mesmo modo—*mánho.*

No antigo portuguez, *gn,* pronunciava-se sempre *nh*—como os francezes.

MANHOUCE—freguezia, Beira Alta, comarca de Vouzella, concelho de S. Pedro do Sul, 35 kilometros ao N. de Vizeu, 60 ao S. do Porto, 300 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 154 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

O abbade da Trápa, apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua, e o pé de altar.

Houve aqui uma albergaria, fundada pela rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso Henriques, para passageiros pobres.

Não ha d'ella o minimo vestigio.

A antiga estrada do Porto a Vizeu (hoje quasi abandonada), atravessa esta freguezia.

É terra fria, árida e pobre. Pouco mais produz do que centeio e batatas.

O povo resente-se da aridez e pobreza da terra, e é, como ella, rude e pobre.

A maior parte das suas habitações, são cabanas, cobertas de palha, ou lousas.

MANHUFE—é uma aldeia da freguezia de Mancellos, Douro, comarca. concelho e 5 kilometros de Amarante.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

Ha 30 annos, Manhufe só mereceria menção pela peleja ahi sustentada, no tempo da invazão franceza, mas hoje, como a maioria dos povoados do Douro e Minho, tem grande augmento, bôas propriedades rusticas, uma capella da invocação de S. Sebastião, e uma estalagem nova, muito concorrida pelos almocreves das raias de Portugal e Hespanha.

A nova estrada municipal que segue, entroncando na Tapada de D. Luiz, até Amarante, passa no arruado da aldeia, dando-lhe nova importancia.

A povoação estende-se nas faldas dos montes *Crasto* e *Lameira Velha,* e domina quasi toda a freguezia pela sua posição elevada, que lhe dá vantagens hygienicas.

É tão notoria a bôa indole do povo d'esta aldeia, que muitos de fóra disputam a primazia de pertencer a este povo.

O terreno é productivo, especialmente de milho, centeio, azeite e vinho; encontrando-se ahi, sem degenerar pelo terreno, os afamados pecegos de Amarante e muitas outras fructas.

D'este logar não levaram bôas recordações os soldados hespanhoes de D. Manuel de la Concha, que n'um troço seguiam de Amarante para o Porto, e que por um desacato a uma das casas mais respeitadas da povoação, levaram uma *sóva* tão sevéra, que mal tiveram tempo de correr sem interrupção até Amarante, onde se queixaram ás auctoridades portuguezas. É que o povo de Manhufe, além de não tolerar o desacato praticado, não via com bons olhos a intervenção dos hespanhoes.

—

Manhufe é corrupção da palavra arabe *Mandufe*—é mesmo a palavra arabe—*mandufe*—significava, a *sacudida.* Deriva-se do verbo *nadafa,* sacudir a lan com um pau, carpear.

MANHUCÉLLOS ou **MANHUNCELLOS**—freguezia, Douro, comarca e concelho do Marco de Canavezes (antiga comarca e concelho de Soalhães), 54 kilometros a NE. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 52 fogos.

Orago, S. Mamede.

Bispado e districto administrativo do Porto.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 100$000 de rendimento. Vide Marco de Canavezes.

MANIGOTO—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Pinhel, 65 kilometros a SE. de Vizeu, 335 ao E. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 88 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda. Foi do bispado de Vizeu.

O ordinario apresentava o reitor, que tinha 40$000 réis, e o pé de altar.

MANIM—Vide *Obobriga.*

MANINHADÉGO, MANINHADO ou **MANERÍA**—portuguez antigo—tributo, ou para melhor dizer, extorção immoralissima.

Consistia em herdarem certos mosteiros de frades, a terça parte de toda a herança dos casados que morriam sem filhos.

Veiu este abuso, do reiuo de Leão (Hespanha) e propagou-se nas terras de Miranda do Douro e Bragança.

Para evitar repetições, vide o que sobre maninhadego escrevi, na col. 1.ª de pag. 202 do 2.º vol., na palavra *Castro de Avellans.*

MANINHO—portuguez antigo—terreno esteril e infecundo.

Tambem se denominavam *maninhos*, os bens que ficavam do viuvo, ou viuva que morriam sem filhos, e abintestados, não tendo parentes até ao 10.º grau.

O almoxarife do rei, tomava estes bens para a corôa. D. Pedro I, nas cortes de Elvas, de 1361, determinou que, no caso de algum dos conjuges morrer *ab intestato*, e sem filhos, ou parentes, o sobrevivente herdasse, e não a corôa. (*Cod. Alf.*, L. 4.º, tit. 95.)

Hoje dá-se o nome de *maninho*, ao terreno aberto, improductivo, ou que só produz matto e plantas silvestres, e que é propriedade do municipio, ou do commum logradouro do povo. Os moradores visinhos d'estes terrenos, podem n'elles plantar arvores, sem dependencia de auctorisação das camaras; mas só têem dominio n'essas arvores, e não na terra que as cria.

A legislação sobre baldios e maninhos, é imperfeitissima em Portugal.

Em 1770, promulgou D. José I (ou o marquez do Pombal), uma lei sobre os maninhos, em favor do desenvolvimento da agricultura.

Em 1844, se promulgou outra no mesmo sentido, mas uma e outra foram quasi letra morta.

Temos grande numero de leguas quadradas de terrenos maninhos e improductivos em Portugal, que só revelam a incuria dos nossos governos, e o seu desprezo pelo desenvolvimento da nossa agricultura.

Em vez de ajudarem os cultivadores com leis protectôras, prescrevem taes, tantas e tão arriscadas formalidades e despezas, para o aforamento e cultivo dos maninhos, que, ou elles ficam estereis, ou são cultivados subreticiamente, e a fazenda publica perde o seu rendimento.

Accresce que os povos não consentem que um só se aproprie legalmente de um vasto terreno maninho, procurando por todos os meios obstar-lhe á posse; o que tem dado logar a grandes desordens, principalmente desde 1870 para cá, e que muito bem se poderiam evitar, se houvesse uma lei clara, explicita e sevéra, que protegesse os emprehendedores.

Ha 40 annos que se falla em *lei agraria;* mas, como tantas outras leis de urgente necessidade, não apparece.

MANIQUE DO INTENDENTE—villa, comarca de Alemquer, concelho da Azambuja (foi do concelho de Alcoentre), 60 kilometros ao NE. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1757 tinha 181 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Até ao fim do seculo passado, se dava a esta freguezia o titulo de *Arrifana*, ou *S. Pedro da Arrifana.* (Para a etymologia, vide *Arrifana.*)

É no patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O real padroado apresentava o prior, que tinha 900$000 réis de rendimento annual.

É freguezia rica e muito fertil.

Deu-se-lhe o nome de *Manique do Intendente*, porque o Intendente geral da policia, da corte e reino, era visconde de Manique.

O ultimo visconde de Manique, foi o sr. Diogo de Pina Manique. Seu filho primogenito, o sr. Pedro de Pina Manique, não tem querido receber o titulo de seu pae.

Pina, é um appellido nobre em Portugal, procede do reino de Aragão (Hespanha). Foi um ascendente d'esta familia, que alli fundou a villa de Pina, de que foram senhores, e onde têem o seu solar.

Passou este appellido a Portugal, na pessoa de D. Fernando Fernandes de Pina, embaixador do rei de Aragão, D. Pedro III (que subiu ao throno em 1276). Veiu para Portugal com a rainha Santa Izabel, filha d'aquelle monarcha, em 1282, e cá ficou.

Foi seu filho, João Peres de Pina, a quem o rei D. Fernando I, de Portugal, deu a alcaidaria de Castello de Vide. É este o pregenitor dos Pinas portuguezes.

Os Pinas têem por armas: em campo de púrpura, um torreão de prata, com tecto de ouro, lavrado de negro, com portas e frestas, sobre um monte verde; elmo de prata, aberto, e por timbre o torreão das armas.

Outros membros da mesma familia, vieram tambem do reino de Aragão, trazendo por chefe D. João Alves de Pina, que veiu a ser grande valído do nosso D. João I. As armas d'este ramo dos Pinas, são: em campo de púrpura, banda de ouro, carregada de um leão, azul, armado de negro, lampassado de púrpura, entre dois pinheiros verdes, com raizes de prata e pinhas de ouro; elmo de prata aberto, e por timbre, uma cabeça de leão, de ouro, sahindo-lhe da bocca um ramo de pinheiro como o do escudo.

Em um manuscripto da livraria antiga dos srs. marquezes (hoje duques) de Palmella, se acham outras armas d'este appellido, formadas do modo seguinte; em campo de púrpura, banda azul (contra as regras de armaria, que não permittem côr sobre côr, nem metal sobre metal), filetada de ouro, carregada de um leão do mesmo, lampassado de púrpura, entre dois pinheiros verdes, com raizes de prata e sem pinhas.

Ainda outros Pinas, trazem por armas: em campo de prata, um pinheiro verde, sobre um contra chefe verde, entre dois leões de púrpura, trepantes.

Para as armas e familia dos *Paes*, vide *Mangualde de Azurára.*

—

Não vejo d'onde proceda a palavra *Manique*, a não ser de *maniquête.*

Antigamente se dava o nome de *regaço*, a umas tiras de seda que se cosiam pela frente e rectaguarda das alvas dos clerigos.

Como estas tiras eram quadradas, tambem se lhe dava o nome de *quadratos.*

As mangas d'estas alvas eram ornadas com uns bocaes, a que chamavam *maniquêtes*, e a que hoje chamariamos *canhões.*

Ainda no tempo de D. João V, se usava este ornato sacerdotal, pois o mesmo rei mandou usar de *regaços* e *maniquêtes*, nas alvas das basilicas de Mafra e da patriarchal.

MANSESOR — portuguez antigo — testamenteiro.

MANSIDADE—portuguez antigo—mansidão.

MANSILLA — portuguez antigo — (ainda hoje usado em algumas terras do reino)—azurrague. *Nem vos esgaraviseis com a mansilla dos vossos marteyros: bem mostram serem mesquinhos; pois quando fagam cilada, som de gram companha teudos.* Carta de Santo Antonio de Lisboa, escripta de Tolosa, a Gil Annes, capellão da infanta D. Sancha.

Assigna-se o nosso popular Santo, *fr. Antonio de la Vera Cruz.*

Para alguns dos leitores que não comprehendam aquelle periodo da carta, dou a sua *traducção*, que vem a ser: «Não vos desconsoleis com o flagello e açoite dos vossos trabalhos e afflicções. Elles bem mostram ser timidos e cobardes; sendo certo que, quando accommettem a creatura, nunca vem desacompanhados, mas sempre muitos.»

D'aqui se collige ser pouco segura a interpretação que Faria dá á palavra *esgravizar.*

MANTEE e **MANTEM**—portuguez antigo—lençóes, e tambem toalhas.

MANTEIGAS—villa, Beira Baixa, comarca de Gouveia, cabeça do concelho do seu nome, 42 kilometros da Guarda, 360 ao E. de Lisboa, 650 fogos, em duas freguezias (Santa Maria e S. Pedro — tendo a 1.ª 300 fogos e a 2.ª 350.)

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Em 1757 tinha a freguezia de Santa Maria 160 fogos e a de S. Pedro 210.

O real padroado apresentava os vigarios das duas freguezias, e tinha cada um 60$000 réis de congrua e o pé d'altar.

O concelho de Manteigas é composto das duas freguezias da villa e da de Sameiro.

O seu nome provem-lhe da optima manteiga e queijos superiores que se fabricam aqui desde remota antiguidade.

Tem fabricas de tecidos de lan.

Está a villa edificad em uma cova, na

esquerda do rio Zêzere, sobre o qual ha tres pontes de pedra, que dão communicação á villa.

Chamam-se *ponte longa, ponte dos frades* e *ponte dos amieiros.*

A 1:500 metros de distancia, estão as aguas mineraes, sulphureas, famosas em todo o reino, ás quaes concorre muita gente de terras distantes, o que tem feito prosperar esta villa.

São duas as nascentes d'estas aguas. A primeira se chama *Caldas Pequenas* (por terem menor grau de calor) e a segunda *Fonte da Lapa.* Ambas são mineralisadas pelo gaz hydrogenio sulphurado, e só teem differença no calor.

Tem havido bastante desmazello com estas aguas thermaes, que seriam ainda muito mais concorridas e por consequencia muito mais se engrandeceria a villa, se tivesse havido mais cuidado no asseio d'ellas e na commodidade dos banhistas.

Não sei porque razão estas aguas não foram á exposição universal de Paris, de 1867. Pelo menos, não as vejo mencionadas no relatorio.

—

Manteigas é povoação antiquissima. Está cercada pelas alcantiladas montanhas da Estrella, não tendo senão uma sahida.

O melhor edificio da villa é o dos srs. Portugaes. As ruas são estreitas, mas bem calçadas. É cortada por alguns ribeiros, que se despenham com fragor horrivel em dias de tempestade, arrastando na sua corrente impetuosa enormes penedos graniticos, alguns de mais de 60 toneladas, que por vezes teem arrazado parte da villa.

Tem Misericordia e hospital.

É notavel o povo d'este concelho pela pureza de seus costumes e pelos seus bons instinctos.

Homens e mulheres usam gabão de capuz.

A instrucção primaria está aqui, ha muitos annos, bastante desenvolvida.

Na *soleira* da porta da egreja de Santa Maria ha restos de uma inscripção latina, hoje illegivel por lhe faltarem a maior parte das letras. Segundo a tradição, é uma lapide mandada fazer pelo imperador romano Julio Cesar, para commemorar a sua estada aqui, quando passou á frente das suas tropas, pelos annos 3954 (50 antes de Jesus Christo).

—

D. Sancho I lhe deu foral, em 1188, mas Franklim não traz este foral.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 4 de março de 1514. (*Livro dos foraes novos da Beira,* fl, 86 v. col. 1.ª)

—

Foi commendador de Manteigas Sancho de Mello e Silva, descendente do célebre Diogo da Azambuja, grande valído de D. João II, do qual era muito estimado, pelo seu valor e virtudes.

Pouco distante da povoação existiu o templo romano dedicado a *Lucifero,* do qual não ha o minimo vestigio. Diz-se que d'este templo (da sua divindade) procede um dos antigos nomes da serra da Estrella.

—

É Manteigas patria de Fr. Antonio da Expectação. Nasceu em 1651, e falleceu em 17 de novembro de 1724.

Foi religioso carmelita descalço, e era doutissimo nas Sagradas Escripturas, que leu muitos annos.

Compoz excellentes obras espirituaes, das quaes se imprimiram sete tomos—tres da *Estrella d'Alva, Santa Thereza;* dois de *Josephina panegyrica;* e outros dois de *Exercicios da Semana Santa,* todos muito doutos, uteis e devotos.

—

Esta povoação já existia no tempo dos romanos, do que, como vimos, ha vestigios, ainda que tenues.

Não sabemos, porém, o nome que então tinha, nem o que os arabes lhe deram depois.

O que se sabe é que durante a dominação agarena era povoação de muita importancia, tendo seu *alcaide* ou *emir*, a que os nossos escriptores antigos davam o titulo de *rei.*

—

A 12 kilometros da villa está o pincaro ou curuto de *Alfatema,* a maior elevação da

Serra da Estrella, do qual se conta a lenda seguinte:

Quando os mouros foram d'aqui expulsos, não poderam levar as suas grandes riquezas; pelo que as esconderam em sitio inaccessivel, ou pelo menos por elles assim julgado. Pozeram-lhe guardas *encantadas*, que eram formosas mouras.

Por esses tempos, o *rei* mouro de Manteigas, tinha uma filha chamada *Fatima*, excessivamente bella e a quem enternecidamente amava.

Os christãos das visinhanças faziam todas as diligencias para lhe conquistarem os estados, captivarem a filha e apoderarem-se das riquezas. O rei fez-se forte na sua villa; mas atacado por grande numero de christãos, teve de fugir pelas mais occultas verêdas da serra, levando a sua filha e o resto dos seus thesouros, que ainda não tinha escondido.

Quando chegou a noite, tinha Fatima desfallecido de cansaço; mas na sua frente se abre um formoso caminho, calçado de pedras finas, e no fim uma luz que o illuminava todo.

Foi para os mouros um signal de salvação, e o rei, a filha e o seu sequito, reanimados pela esperança de salvação que se lhes antolhava, seguem o caminho, que os leva a um magnifico palacio, onde tudo era de tal esplendor, que o proprio rei ficou deslumbrado.

O que se passou n'este palacio de fadas, ninguem jámais o soube; mas, no dia seguinte, desceram da serra uns pastores que ninguem conhecia, e que se demoraram algum tempo no paiz, fazendo ao *Curuto de Alfatema* (nome que elles deram ao cabêço) repetidas visitas; e por fim desappareceram sem que mais d'elles houvesse noticia.

Eram os mouros, desfarçados em pastores, e por elles se soube, que uma fada, madrinha de Fatima, a guardára no seu palacio encantado, até á volta dos mouros a Portugal.

Ninguem por aquelles sitios duvidava d'estes factos, que sempre se conservaram na memoria do povo; e o que deu mais visos ainda de verdade a este conto das *Mil e uma noites*, foi (continúa a lenda) que d'ahi a muitos annos, passando pelo Curuto de Alfatema, em uma madrugada de S. João Baptista, uma pobre mulher, se sentou alli para descançar, e comer um bocado de pão que trazia. Viu então a seu lado um grande estendal de figos sêccos. Encheu d'elles uma cesta que levava, e partiu. Chega a casa; mas qual foi o seu pasmo, quando, descobrindo a cesta, em vez de figos, acha brilhantes e grandes moedas de ouro!

Julga-se rica; mas a pobre que momentos antes, se julgava feliz por ter pão para matar a fome, não se contenta com uma cesta de moedas de ouro, e quer ser riquissima. Torna ao Curuto; mas ah!—O sol dourava os pincaros da serra, e o encanto tinha-se *quebrado*, e os *figos* desapparecido. Ouviu então uma voz que lhe dizia:

> Era teu tudo o que viste;
> Agora tornaste em vão!
> Não passes mais n'este sitio
> Na manhan do S. João.
> Não te perdeu a pobreza,
> Póde matar-te a ambição.

A mulher viu-se obrigada a contentar-se com o que já tinha, e com elle comprou propriedades, e passou feliz o resto dos seus dias; mas só passados muitos annos é que declarou a origem da sua riqueza.

Esta bonita lenda, ainda hoje é contada pelas velhas da Beira Baixa, ás suas netas, nas longas noites de inverno, emquanto ellas fiam o seu linho ou a sua lan, sentadas em redor da patriarchal fogueira.

MANZEDO—vide *Mazêdo*.

MAR—freguezia, Minho, comarca de Barcellos, concelho de Espózende, 30 kilometros a O. de Braga, 35 ao N. do Porto, 350 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 30 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O D. abbade, benedictino, do mosteiro de Palme, apresentava o vigario, que tinha 15$000 réis de congrua e o pé d'altar.

—

Houve aqui um antigo mosteiro de monges benedictinos, que em 1550 se uniu ao mosteiro de Palme, da mesma Ordem, do qual ficou sendo vigariaria.

Faz-se aqui uma grande romaria, a 24 de agosto (dia do padroeiro da freguezia) havendo então uma grande feira, que dura 3 dias.

—

N'esta freguezia nasceu, em 25 de julho de 1806, o sr. Antonio Rodrigues Sampaio, actual ministro do reino. Eram seus paes Antonio de Sampaio e Maria de Amorim, lavradores, d'esta freguezia.

Estudou primeiras lettras com um clerigo, da freguezia de Bellinho, e grammatica latina com outro clerigo, da freguezia das Marinhas.

Fez exame de latim, no mosteiro de religiosos carmelitas, de Vianna do Minho, e tomou ordens menores, em 1821.

No mesmo convento do Carmo estudou theologia e outras disciplinas ecclesiasticas, nos annos de 1823, 1824 e 1825.

Obteve licença do arcebispo de Braga, para prégar, e chegou a fazer cinco sermões. Foi mestre de primeiras lettras e latim na sua freguezia.

No 1.º de novembro de 1828, foi preso por liberal (por uma escolta do regimento de infanteria n.º 22) e conduzido ao *aljube* (prisão ecclesiastica) da cidade do Porto.

Fez a sua justificação, como realista, e foi solto em 21 de abril de 1831.

Sahindo da prisão, foi para Barcellos, estudar direito com o dr. Tinoco.

O sr. Sampaio tencionava desde a sua juventude dedicar-se á vida ecclesiastica (quiz mesmo ser frade carmelita) mas, desembarcando o sr. D. Pedro nas praias de *Arenosa de Pampellido*, em 8 de julho de 1832, o sr. Sampaio, abandonando para sempre a vida ecclesiastica, foi apresentar-se no Porto, ao exercito liberal, e fez as campanhas de 1832 a 1834.

Terminada a guerra civil, foi despachado guarda da alfandega do Porto, e collaborou por alguns annos no periodico republicano *Vedeta da Liberdade*.

Depois da revolta triumphante, de 9 de setembro de 1836, foi nomeado por Manuel da Silva Passos (que, como seu irmão José, foram sempre amigos e protectores do sr. Sampaio) secretario geral do governo civil de Bragança; onde casou com uma senhora, viuva do infeliz capitão João de Amorim. (Esta senhora morreu em Lisboa, em 1844.)

Sendo secretario geral de Bragança, foi promovido a administrador geral (titulo que então se dava aos governadores civis) do districto de Castello Branco, sendo ministro o sr. Julio Gomes da Silva Sanches.

Foi demittido pelo ministro Rodrigo da Fonseca Magalhães.

Veio para Lisboa, entrando para a redacção do jornal, a *Revolução de Setembro*, que Jose Estevão Coelho de Magalhães havia fundado. Era então um dos mais bem redigidos periodicos de Portugal, salvas as suas opiniões avançadissimas.

Foi eleito deputado, por varios circulos, em 1851, e tomou assento na camara; mas não acabou o quadrienio, por que estas camaras foram dissolvidas logo em 1852.

Na dictadura Saldanha (1870) foi o sr. Sampaio feito ministro e secretario de estado dos negocios do reino, tendo por collegas, os srs. duque de Saldanha, presidente do concelho de ministros e ministro da guerra e estrangeiros — José Dias Ferreira, fazenda—conde de Peniche (feito n'esse anno marquez de Angeja) obras publicas — e D. Antonio da Costa (sobrinho de Saldanha) instrucção publica.

E' o ministerio chamado dos *cem dias*, por ter durado desde 19 de maio até 29 de agosto de 1870, sendo demittido n'este dia e substituido pelo ministerio *Sá da Bandeira*.

Em 1871, tendo cahido o antecedente ministerio, é formado o actual, presidido pelo sr. Antonio Maria de Fontes Pereira de Mello, e no mesmo ministerio entra, como ministro do reino, o sr. Antonio Rodrigues Sampaio, em cujo alto emprego ainda se conserva hoje (janeiro de 1875).

—

Dá-se a esta freguezia a denominação de S. Bartholomeu do Mar, por ficar proximo da costa.

Mar é palavra arabe, corrupção da voz syriaca *móro*, que significa Santo, Divino, Senhor, Deus.

Corresponde ao latino *Divus*. Os christãos syriacos e maronitas dão o titulo de *móro* aos seus bispos.

Os judeus davam o titulo de *mar* aos doutores da lei *mosaica*, que viviam fóra da *Terra Santa* (Palestina ou Syria).

Emquanto Mar *Abraham andava n'essas peregrinações*, Mar *Juseph vivia pacifico no Bispado*. (Jornada do arcebispo de Gôa, D. Fr. Aleixo de Menezes á serra de Malabar, Liv. I, cap. 3.º, pag. 8.)

MARANHÃO — freguezia, Alemtejo, comarca da Fronteira, concelho de Aviz, 54 kilometros de Evora, 135 ao SE. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757 tinha 33 fogos.

Orago S. Domingos.

Arcebispado de Evora, districto administrativo de Portalegre.

O tribunal da mesa da consciencia apresentava o capellão, curado, que tinha 150 alqueires de trigo e 120 de cevada.

MARÃO—notavel cordilheira ao O. da provincia de Tras-os-Montes, e a E. da provincia do Minho, que, com diversas denominações, se estende, desde o rio Douro até á Galliza.

Do pincaro de Monchique (a 2:300 metros de altura sobre o nivel do mar) se avistam muitas leguas de terreno.

Chegando ao Douro, lança alguns braços como o da *Teixeira* e *Entrilho*.

É cortada pelo rio Douro, e depois continua ao S., na Beira Alta, estendendo-se por ella, com diversos nomes, até se unir á serra da Estrella.

Na serra de *Entrilho* ha um grande penedo, que, segundo alguns, se move e sôa, ao mais leve impulso ou toque que se lhe dê. Talvez seja uma *anta* druidica (celta) a que os francezes chamam *penedo oscillante*.

Ha na serra do Marão e suas ramificações muitas minas de ferro, que antigamente foram objecto de grande lavra; minas de carvão, que se não exploram por falta de vias de communicação, e pela sua grande distancia dos principaes centros de industria; grande abundancia de carbonato de cal (pedra calcarea)—minas de cobre, de estanho e de chumbo.

Andam em exploração as da *Portella da Gaiva* e do *Ramalhoso*, que são propriedade da *Companhia portugueza de mineração*.

Estanceiam n'estas serras varias povoações, que vão mencionadas no logar competente.

Marão é nome proprio de homem, romano. Ignora-se, porém, se algum individuo assim chamado deu o seu nome a esta cordilheira.

(Vide *Amarante*, *Campean*, *Gabiara* e *Gerez*.)

MARATÉCA — freguezia, Extremadura, (mas ao S. do Tejo) unida actualmente á freguezia de S. Pedro, da villa de Palmella, na comarca e concelho de Setubal, 45 kilometros ao SE. de Lisboa, a cujo patriarchado e districto administrativo pertence.

Quando era freguezia independente, tinha por orago S. Pedro, apostolo.

A mesa da consciencia apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo, 30 alqueires de cevada e 10$000 réis em dinheiro.

É povoação antiquissima e a *Malcéca* dos romanos.

Por aqui passava uma das vias militares romanas, que de Lisboa se dirigiam a Merida, então capital da Lusitania. (Vide *Itinerario de Antonino*.)

É terra muito fertil, sobretudo em cereaes.

Está fundada proximo do rio do seu nome, que, com 35 kilometros de curso, entra na direita do Sado.

MARA VIDIÁDAS—portugue antigo (tambem se dizia—*maravidiádigas* e *morabitinadas*) — davam qualquer d'estes nomes a um *maravidí*, *maravidil*, *maravidim* ou *morabitino*, que era tudo a mesma moeda— quando era formado por tantos dinheiros quantos bastassem para fazer o valor de um maravidim, que valia 10 dinheiros.

Um dinheiro valia 40 réis da antiga moeda portugueza.

(Vide Cambres, Rio de Moinhos de Satão, Satam e Valdigem.)

Tambem se dava o nome de *maravidiada* e *maravidinada* a uma medida de cereaes, usada em Portugal, e ainda mais usada em Castella e em Leão.

Quinze maravidinadas, faziam duzentas *fanégas* (fangas) ou oitocentos alqueires.

MARAVIDÍ, MARAVIDIM, MARABITINO e MORABITINO—portuguez antigo—antiga moeda portugueza, com qualquer d'aquelles nomes. Segundo o padre Mariana (*L.º de Ponder. et mensuar*, cap. 23) já era conhecida no tempo dos godos.

É hoje difficilimo — senão impossivel — dar a exacta etymologia d'esta palavra. Dizem que o célebre archeologo *Bochart*o, versadissimo nas linguas orientaes, morreu de uma apoplexia, quando mais embebido estava na indagação d'este nome.

Sabe se com certeza que os *marabetins*, eram povos da Arabia, da seita de Aly, genro de Mafoma, oppostos á seita de Omar.

Passaram para a Africa, em companhia de Abu-Jauar, fundador da sua seita. Da Africa passaram ás Hespanhas, com Gib-al-Tarik, em 713, e depois da sanguinolenta e fatal batalha de Guadalete, que durou 8 dias, e na qual D. Rodrigo, ultimo rei godo, foi derrotado com todo o seu exercito, e os mouros occuparam a Peninsula. Esta batalha teve logar já no anno 714.

Os *marabetins*, que, como já disse, eram mahometanos, professavam as sciencias e as virtudes moraes, como os philosophos da gentilidade. Ainda hoje existe esta seita em Argel, Tunes e Tripoli. Dá-se-lhes actualmente o nome de *marabútos*.

Parece pois que não tem razão o padre Mariana, e que o maravidim é moeda arabe, introduzida nas Hespanhas desde a invasão mourisca.

Alguns escriptores pretendem que a palavra vem de *mauro* (móro) *butin*—palavras francezas, que significam—*despojo de mouro*. (*Maurorum, seu Marranorum spolia.*)

Viterbo diz que os *marabetins*, só vieram á Peninsula em 1085, chamados pelo rei mouro de Sevilha, para o ajudarem na guerra contra D. Affonso VI, pae da nossa rainha D. Thereza, mulher do conde D. Henrique.

O padre Risco (*Hep. Sagr.*, tom. 35) diz que antes de 1020 não se acha em Hespanha documento algum que falle em maravidis; mas engana-se. Na doação original, feita á egreja e mosteiro de Santo André de Sózêllo, no anno 870, e que existia no cartorio do mosteiro de Alpendurada, se lê:—*Et qui istum placitum excesserit, pariet parte de quis isto placito observaverit X bobes de X* morabidinos, *et judicato*.

O sr. J. P. Ribeiro diz que o documento de que Viterbo copía o periodo antecedente, não diz *morabidino*, mas sim *módio* (que era uma medida e uma moeda d'aquelle tempo.) Como não possúo copia da tal doação, exponho as diversas opiniões, sem aventurar a minha.

Como o *módio*, o maravidim não teve o mesmo valor em todas as épocas e em todas as terras.

Cuvarruvias, diz que eram *umas moedinhas de cobre, tão miúdas que só valiam duas brancas, ou seis coroados, ou 10 dinheirinhos* (que fazem hoje 4 réis portuguezes.)

Já sé vê que o maravedim não podia ser uma *moeda de cobre muito miuda*: muito mais, sabendo nós que no principio da monarchia portugueza—e talvez antes—havia *maravidís de ouro*, que hoje valeriam mais de 600 réis.

D. Affonso Henriques mandou cunhar d'estes *maravidís*, por isso chamados *alfonsis*.

Entre os documentos do mosteiro de Salzêdas, se achava o testamento de D. Mecia Rodrigues (de 1258) do qual constava que, entre outras muitas cousas que deixou áquelle mosteiro, lhe dá tambem certo numero de *maravedís alfonsis*.

D. Sancho I, pouco tempo depois de subir ao throno, fez lavrar *maravidís de ouro*, com o peso de 500 réis. Estes maravedins (chamados *nóvos*) tinham de um lado a imagem do rei, a cavallo e com a espada na mão e o nome do rei na orla; e do outro, o escudo real das cinco quinas, com 4 estrellas nos vãos e em redor, as palavras *In Nomine Patris, et Filii et Spiritus Sancti.*

No tempo d'este soberano havia maravedis *mouriscos, alfonsis* e *nóvos.*

Os primeiros eram do tamanho dos nossos actuaes tostões, mas muito mais delgados. Tinham de um lado o nome de Deus, com algum dos seus attributos, e do outro o nome do rei do paiz onde eram cunhados.

Os *maravidins novos*, que, como já disse, eram de ouro, tinham 76 grãos de peso, e 60 faziam um marco.

No reinado de D. Manuel, todos os *maravedins velhos* foram reduzidos a 27 réis da moeda de então.

Longe me levaria ainda esta materia, e, para não cançar o leitor, remetto os curiosos que desejarem pleno conhecimento d'ella, para o *Elucidario* de Viterbo, pag. 77 e seguintes.

MARCAS — portuguez antigo — nome de mulher, correspondente ao masculino *Marcos.* Ha seculos que este nome se não usa.

MARCEIRAS — portuguez antigo — certa pensão ou tributo que se pagava ao rei, no 1.º de março. Eram 4$140 réis.

Eram obrigados a este fôro, os moradores de Chaves, os da Montanha de Monte-Negros, e os que lavravam nos reguengos e terras foreiras, que pagavam maravedins.

Segundo o foral que o rei D. Manuel deu á villa de Chaves, em 1514, estas *marceiras* eram pelos 100 maravedins que se pagavam de *colheita* (aposentadoria) na dita villa.

MARCHA ou **MARCA** — portuguez antigo — o mesmo que marco—moeda.

MARCO—portuguez antigo — capacidade, graça, peso, talento, etc.

Os officios se devem dar a cada hum, segundo o marco *que tem.* (Doc. do seculo XV.)

MARCO DE CANAVEZES — denominação legal e actual do antigo concelho de Canavezes, desde que mudou a sua séde d'esta villa para a povoação do Marco, que pertence á freguezia de *Fornos* e *S. Nicolau.*

É tambem cabeça de comarca.

É na provincia do Douro, bispado e districto administrativo do Porto, d'onde dista 48 kilometros ao NE., 325 ao N. de Lisboa; na villa 60 fogos, e em toda a freguezia 260.

O orago da parochia é Santa Marinha e S. Nicolau.

Faz-se aqui todos os mezes uma grande feira de gado bovino.

Antes da creação d'este comarca, em 1852, pertencia ao concelho e comarca de Soalhães.

Comprehende este concelho as 34 freguezias seguintes: Aliviada, Alpendurada, Ariz, Avessadas, Banho (ou Santa Eulalia), Carvalhosa, Constance, Favões, Folhada, Fornos, Freixo, Magréllos, Manhuncéllos, Mattos, Maurélles, Paços de Gaiôlo, Paredes de Viadores, Penha Longa, Rio de Gallinhas, Rozem, Sande, Santo Isidoro de Riba Tamega, S. Lourenço do Douro, S. Nicolau, Soalhães, Sobre-Tamega (Canavezes), Taboado, Thuias, Toutosa, Torrão, Varzea do Douro, Varzea da Ovelha, Villa Bôa do Bispo e Villa Bôa de Quires.

Todas com 6:400 fogos. A comarca é formada só do julgado do Marco.

As freguezias do Banho, Carvalhosa, Toutosa e Santo Isidoro de Riba-Tâmega, são no arcebispado de Braga; todas as mais são no bispado do Porto.

(Vide *Fornos e S. Nicolau*, e *Canavezes.*)

O concelho de Marco de Canavezes é muito fertil em toda a qualidade de fructos do paiz, e segundo dados officiaes, produz annualmente oito a dez mil pipas de vinho verde, de muito boa qualidade.

O Marco, fica a 2 kilometros ao S. da villa de Canavezes.

O nome d'esta povoação provem de um pequeno marco de pedra que está no interior do logar, junto á casa dos paços do concelho, e que servia para demarcar os limites das tres freguezias de Fornos, S. Nicolau de Canavezes e Thuias.

Na casa da camara, estão reunidas todas as repartições publicas do concelho, camara municipal e tribunal judicial. Tem uma escóla para o ensino primario do sexo masculino, construida com o donativo do conde de Ferreira; tem tambem uma escóla para o sexo feminino, creada em 1865.

Tem feira nos dias 3 e 15 de cada mez, muito concorrida e a mais importante talvez do districto em gado bovino.

O Marco está assente no alto de uma pequena eminencia, da qual se descobre um formoso e variado panorama de valles, encostas e collinas agricultadas e arborisadas, montes vestidos de mattos e arvoredos, e no horisonte as serras do Marão, Abobreira, Gralheira, Crasto e outras menos importantes.

A população do concelho vive dispersa pelos campos, pelos valles, encostas, montes e nas vertentes das serras, em casaes de lavoura, ou habitações particulares, ou agrupada em pequenas povoações, no meio das quaes destacam, por entre espessos arvoredos e densas massas de verdura, as suas egrejas e campanarios, todos caiados de branco, o que dá ao todo do quadro um effeito encantador.

No Marco crusam as estradas de Casaes Nóvos á Regua, actualmente em construcção, e a de Amarante á Fóz do Tamega, igualmente em construcção. Passa-lhe ao lado a via ferrea do Porto á Regoa com estação a 1 kilometro de distancia.

A ponte da via ferrea sobre o rio Tamega será, depois de concluida, uma das mais notaveis do reino.

É formada de quatro pilares de cantaria, sobre os quaes assenta o vigamento todo de ferro, da grossura de 8 metros no sentido da altura. Tem de comprimento de uma a outra margem do rio 284m,40, e de altura maxima 56 metros.

A 1 para 2 kilometros do Marco, estão os conhecidos penedos de Aliviada, ou Alviada, debaixo dos quaes o rio da Ovelha se mette e esconde inteiramente á vista, para tornar a apparecer a uns 200 metros mais abaixo.

Crê o vulgo supersticioso que debaixo d'estes sombrios penedos se acoitam os demonios, e referem á esse respeito contos e lendas que deram origem a um solão, que anda transcripto nos romanceiros e cancioneiros nacionaes.

Este concelho data de 1852, e compõe-se dos antigos e extinctos concelhos de Soalhães, Riba-Tamega, Bemviver e parte dos extinctos concelhos de Gouvêa, Santa Cruz de Riba-Tamega e Porto Carreiro, e dos coutos de Thuias, Taboado e parte do de Travanca.

O sólo é fertil, productivo e abundante de excellentes aguas. As principaes producções são milho, centeio, feijão e linho, muito e muito bom vinho verde, excellente azeite, castanha e nozes. Produz variadas e excellentes fructas, principalmente melões e pecegos, que são dos melhores do reino.

Abunda em gados, principalmente suino, que é excellente; o bovino, ou se emprega nos trabalhos da lavoura, ou se cria para a exportação.

Ha tambem creação de sirgo, cuja seda é de primeira qualidade e tem sido premiada nas exposições.

Nos rios e regatos, que todos regam, ou moem, ha abundante pesca, principalmente nos rios Ovelha e Tamega, no ultimo dos quaes se pescam junto á sua Fóz, em Entre Ambos os Rios, excellentes saveis e lampreias.

O concelho do Marco de Canavezes confina com os concelhos de Penafiel, Amarante e Baião, e pelo S. com o rio Douro.

—

Noticia de algumas das freguezias do concelho do Marco de Canavezes.

S. Nicolau—está n'esta freguezia a albergaria, fundada e dotada pela rainha D. Mafalda, de que não dou particular noticia por d'ella se ter fallado já, no Diccionario, na palavra—*Canavezes.*

A egreja d'esta freguezia é tambem fundação da rainha D. Mafalda. Está igualmente n'esta freguezia a quinta dos Pessoas, que foram administradores da albergaria.

—

Santa Maria da Sobre Tamega (da villa de Canavezes)—a egreja d'esta freguezia e a ponte sobre o rio Tamega, são fundação da rainha D. Mafalda; a ponte, porém, foi concluida e acabada no reinado de el-rei D. Diniz, com o legado que em seu testamento deixou para esta obra D. Vicente, 27.º bispo do Porto, como traz D. Rodrigo da Cunha. (*Catalogo dos bispos do Porto*, part. 2.ª, cap. 13, pag. 74.)

A industria dos habitantes da rua de Ca-

navezes, d'esta freguezia, é o fabrico do pão de trigo, que se consome em grande parte do concelho, e que é exportado tambem para Penafiel.

Estão n'esta freguezia as caldas de Canavezes, muito efficazes nas molestias cutaneas, rheumatismos agudos e outras enfermidades.

Proximo ás caldas, n'um monte chamado Monte das Campas, apparecem sepulturas abertas em rocha viva, e que dizem terem sido dos mouros.

Na rua da villa de Canavezes, fez assento D. Pedro I, nas guerras que moveu a seu pae, D. Affonso IV, depois da morte de D. Ignez de Castro. Foi aqui que se trataram e ajustaram as pazes entre os dois principes belligerantes, estando D. Affonso IV em Guimarães.

—

S. André de Villaboa de Quires—estava n'esta freguezia o antigo e nobre solar da familia do appellido Porto Carreiro, da qual descendem muitas familias illustres de Hespanha e Portugal, no numero das quaes achamos a actual ex-imperatriz dos francezes, viuva de Napoleão III.

O representante directo d'este solar e familia, é actualmente João Pizarro da Cunha Porto Carreiro, senhor da casa da Bandeirinha, no Porto.

N'esta freguezia, estão tambem as obras do palacio dos Albuquerques, que ficou por concluir. Era uma obra grandiosa, da qual só chegou a construir-se parte do pano da fachada do edificio O sr. Teixeira de Vasconcellos falla d'este palacio, na sua obra *Les Contemporains.*

—

Santa Eulalia de Constance—aqui esteve a quinta e paço de Soutello, que foi da rai- D. Mafalda, fundadora da albergaria e ponte de Canavezes.

Está tambem n'esta freguezia a casa de Quintan, da illustre familia dos Magalhães, cujo solar é a torre e vinculo de Villa Cova da Lixa.

A sua genealogia é a seguinte:

Ruy de Magalhães, filho de João de Magalhães, 1.º senhor da villa da Barca e terras de Naverga, e de sua mulher D. Isabel de Sousa e Vasconcellos, filha de Ruy Vaz de Vasconcellos Ribeiro, senhor de Figueiró e Pedrogão, e de sua mulher D. Violante de Sousa, filha de D. Lopes Dias de Sousa, mestre da ordem de Christo, teve por filho a

João de Magalhães e Menezes, que casou com D. Maria de Basto, filha de Gonçalo de Basto, e teve por filho a

Antonio de Magalhães, que casou com D. Genebra Teixeira, e teve por filho a

Fernando de Magalhães Teixeira, fidalgo da casa real e cavalleiro da ordem de Christo, que casou com D Antonia de Almeida, filha e herdeira de Pedro Tinoco Monteiro de Almeida e de sua mulher Violante Ferraz, senhora da quinta do Covo, e teve por filho a

Antonio de Magalhães e Menezes, fidalgo da casa real, commendador da ordem de Christo, que casou com D. Hyeronima Peixoto de Alvim, filha de Gonçalo Vaz Peixoto, e teve por filho a

Gaspar de Magalhães e Menezes, fidalgo da casa real, cavalleiro da ordem de Christo, que casou com D. Catharina da Affonseca Barbosa, e teve por filho a

Thomé de Magalhães e Menezes, fidalgo da casa real, que casou com D. Margarida da Costa e Sousa, filha de Agostinho da Costa e de sua mulher D. Maria Coelho de Sousa, e teve por filho a

Antonio de Magalhães e Menezes, fidalgo da casa real, casou com D. Joanna de Mello, filha de Francisco de Lemos Ribeiro, e como não teve filhos succedeu-lhe na casa seu irmão, João de Magalhães e Menezes, fidalgo da casa real, que casou com D. Angelica Theresa de Abreu Barbosa Brito de Vasconcellos, filha de Pedro de Abreu de Vasconcellos e de sua mulher D. Simoa Barbosa de Faria, e teve por filho a

Antonio de Magalhães e Menezes, fidalgo da casa real, casou com D. Maria Thomazia Pinto de Mesquita de Magalhães, filha de José Antonio Pinto de Magalhães e de sua mulher D. Maria de São Gonçalo Pinto de Mesquita, e teve por filho a

Jayme de Magalhães e Menezes, fidalgo da casa real, casou com D. Anna Rita de Quei-

roz e Lencastre, filha de D. Antonio de Lencastre e Camanho, e de sua mulher D. Margarida de Lencastre; teve por filha unica e herdeira a

D. Maria José de Magalhães e Menezes Lencastre, que casou com seu tio paterno, Joaquim de Magalhães e Menezes, fidalgo da casa real, e teve por filho a

Antonio de Magalhães e Menezes Lencastre, barão da Torre de Villa-Cova da Lixa, actual successor.

—

S. Romão de Carvalhosa—aqui estava a antiga quinta e paço da Carvalhosa, dos senhores d'este appellido.

—

S. Martinho de Aliviada—ha n'esta freguezia a casa de S. Martinho da antiga e illustre familia do appellido de Cunhas.

—

Santo André de Varzea da Ovelha—o templo d'esta freguezia é antigo.

Ha n'esta freguezia a casa do Cabo, da familia Pereira, cujo representante actual, é o barão de Leiria, que foi casado, com a baroneza de Leiria, filha e herdeira do tenente-general, visconde de Leiria.

—

S. João da Talhada—ha n'esta freguezia jazigos de enxofre que ainda não foram explorados.

Aqui estava a antiga quinta, casa e torre do Vinhal, solar muito nobre da familia do appellido de Vinhal, da qual descendem familias muito illustres de Portugal e Hespanha.

D'aqui descendiam em Portugal os Aguiares, e em Hespanha, os Aguilares e os Cordovas, no numero dos quaes achamos Gonçalo Fernandes de Cordova y Aguilar, conhecido em Hespanha pelo nome de Gran Capitan.

Foi senhor d'esta torre e quinta, Gonçalo Gil da Veiga, casado com Guiomar Mendes de Vasconcellos, da qual procedem os morgados de Fontellas.

Gonçalo Gil da Veiga era senhor do concelho de Gouvêa, e vendeu o senhorio d'elle aos Sousas Chichorros, que depois o possuiram.

A ultima successora e representante do solar do Vinhal, foi Branca Annes do Vinhal, que por não ter successão, o deixou a seu primo D. João Martins de Soalhães, senhor dos solares de Villa Pouca e Torre de Cadimes, em Soalhães, senhor do padroado das egrejas de Soalhães e Santa Cruz de Riba Douro e bispo de Lisboa.

Em 1304, vinculou D. João Martins de Soalhães a quinta e torre do Vinhal, e reuniu este vinculo aos seus vinculos de Soalhães, dos quaes nomeou administrador a seu filho natural, Vasco Annes de Soalhães, legitimado por el-rei D. Diniz, aos 18 de janeiro de 1308.

O ultimo administrador d'este vinculo, foi D. Affonso de Vasconcellos, 1.º conde de Penella, descendente de Vasco Annes.

Em 1504, obteve D. Affonso de Vasconcellos, provisão de el-rei D. Manuel, para vender as terras d'estes vinculos, e comprar outras no termo de Lisboa.

Por virtude d'esta provisão, vendeu o dito D. Affonso de Vasconcellos os vinculos do Vinhal e Soalhães a seus primos Francisco Annes de Campos e sua mulher Iria Nogueira, descendentes do instituidor dos morgados de Soalhães.

Dos vinculos de Soalhães, estão de posse os Vasconcellos de Quintan, descendentes dos compradores.

—

S. Salvador de Taboado—foi mosteiro de conegos regrantes de Santo Agostinho. Dizem alguns antiquarios, que o fôra de templarios.

O templo é antigo, mas parece ter sido um pouco alterado na sua primittiva architectura. Tem um formoso portico de estylo gothico e por cima do portico um oculo rendilhado no mesmo estylo.

Apresentavam esta egreja os Montenegros, senhores da torre de Novões da mesma freguezia.

A torre de Novões, parece ser muito antiga, e acha-se em perfeito estado de conservação. O senhor mais antigo d'esta torre, de que havemos noticia, é Diogo de Barros, que foi commendatario do mosteiro de Taboado. Passou este solar para os Montenegros, por

casamento de D. Maria de Sousa de Barros, 7.ª neta d'este Diogo de Barros, com Sebastião Correia Pereira, neto de Miguel Correia Montenegro.

O appellido Montenegro é de origem hespanhola, e introduziu-se em Portugal com o casamento de Ignez Pires de Montenegro, natural de Galliza, que veiu para Portugal e casou com Vicente Correia, pae de Miguel Correia Montenegro, de quem acabâmos de fallar.

Possue actualmente a torre de Novões, Antonio Ignacio Correia de Sousa Montenegro, descendente do referido Miguel Correia Montenegro.

É tambem senhor da torre da Pena, e da casa de Santiago, onde reside.

—

S. Martinho de Soalhães—freguezia do concelho do Marco de Canavezes, 5 kilometros ao S. do Marco.

Foi concelho com a mesma denominação, e lhe deu foral el-rei D. Manuel, aos 15 dias do mez de julho de 1514.

Vem o nome de *Soalhães*, de um fidalgo d'este appellido, que povoou este concelho, e viveu no paço de Villa Pouca, da mesma freguezia.

Do paço, só existe a memoria na tradição popular, na referencia que d'elle fazem alguns antiquarios, e no nome que ainda conserva o sitio onde elle esteve.

Houve tambem n'esta freguezia, no sitio chamado de Oliveira, a torre de Cadimes. D'ella fallaremos adiante.

A egreja, é templo antigo, espaçoso, de magestosa apparencia, e com uma elegante torre para sinos e relogio. Poucos vestigios conserva a egreja da sua antiga architectura. A torre primittiva, era separada do corpo da egreja, e servia tambem de aljube ou prisões da prelasia.

Foi mosteiro duplex para frades e freiras da ordem de S. Bento, fundado em 24 de março de 865, por Sancho Ortis, que o dotou e lhe deixou, entre outros bens, a sua quinta de Ortis.

Deixou de ser mosteiro duplex não se sabe ao certo quando, mas presume-se que deixou de o ser, por virtude da bulla do papa Paschoal II, commettida ao arcebispo de Santiago, D. Diogo Gelmires, no anno de 1103, na qual o mesmo papa impedia, que d'alli por diante se fizessem mais fundações semelhantes. Parece, porém, que já não era mosteiro duplex, no anno de 1029, por quanto indo n'esse anno a Castella os frades do mosteiro de Soalhães, queixarem-se a Fernando Magno das violencias que lhes fazia Garcia Moniz, na escriptura do contracto que lá celebraram, e que vem transcripta no *Catalogo dos bispos do Porto*, part. 1.ª, cap. 15, nenhuma referencia se faz ás freiras do dito mosteiro, donde parece inferir-se que já então lá as não havia.

Extinguiu-se e acabou de todo este mosteiro não se sabe ao certo como e quando; vê-se, porém, que já era egreja secular no anno de 1238, pois que n'esse anno fez D. Sancho II doação do padroado da egreja de Soalhães a D. Pedro Salvador, bispo do Porto, depois de a ter tirado a Gonçalo Viegas de Porto Carreiro, de cuja familia era. Passou depois para o bispo de Lisboa, D. João Martins de Soalhães, que por ser descendente de Sancho Ortis e dos Porto Carreiros, e não como bispo de Lisboa, lh'a restituiram, dando elle D. João Martins, em troca, ao bispo do Porto, o padroado das egrejas de S. Nicoláu da Feira e Santa Maria de Alvarellos. Na escriptura que então fizeram, declara o dito D. João Martins, *que cedia ao bispo do Porto o padroado das ditas egrejas, por querer paz com o dito bispo D. Giraldo.* Foi feita esta troca no anno de 1302.

Em 1307, é sujeita á egreja de Soalhães, a egreja de Santa Cruz de Riba Douro, por troca entre o bispo de Lisboa, D. João Martins de Soalhães e o arcebispo de Braga, D. Martinho.

Deu o bispo de Lisboa em troca da egreja de Santa Cruz, a de Santiago de Urenha.

É d'esta época que resultou aos abbades de Soalhães, a regalia de serem prelados ordinarios da egreja de Santa Cruz de Riba Douro, cuja jurisdicção exercitaram sempre, sendo o juizo ecclesiastico da egreja de Santa Cruz, na egreja de Soalhães, onde havia na torre antiga, prisões pertencentes á prelasia, e as visitas ordinarias da egreja de Santa

Cruz, as fazia o abbade de Soalhães, como seu prelado, e não entravam n'ella as do bispo diocesano, que nenhuma jurisdicção aqui tinha n'ella, e ao sinodo diocesano vinha o abbade prelado de Soalhães, mas não o abbade de Santa Cruz, que só ao abbade de Soalhães era subordinado.

O abbade prelado de Soalhães, usava de cruz peitoral; do juizo ecelesiastico da sua prelasia só havia appellação para a Sé apostolica; tinha toda a jurisdicção na egreja de Santa Cruz, e examinava, approvava e dava licença aos confessores d'ella.

Os ultimos padroeiros da egreja de Soalhães, e senhores da mesmo concelho, foram os marquezes de Ponte de Lima, que ainda hoje cobram n'esta freguezia algumas rendas de fôros, do patrimonio que herdaram como descendentes de Vasco Annes de Soalhães, filho natural de D. João Martins de Soalhães, bispo de Lisboa.

O bispo D. João Martins de Soalhães houve varios filhos, dos quaes um por nome Vasco Annes de Soalhães, legitimado por el-rei D. Diniz, a 18 de janeiro de 1308, lhe succedeu em todos os vinculos e mais bens patrimoniaes, e no padroado da egreja de Soalhães e de Santa Cruz de Riba Douro.

Viveu este Vasco Annes de Soalhães, no paço de Villa Pouca, e foi senhor da torre de Cadimes, obra do bispo D. João Martins de Soalhães, e por elle erigida em cabeça do seu morgado.

Vasco Annes de Soalhães, jaz sepultado na capella-mór da egreja de Soalhães, do lado da epistola, em tumulo mettido na parede, com seu brazão esculpido e letreiro.

Com as obras que em tempo fizeram na capella-mór, ficou este tumulo escondido por debaixo da cal com que revestiram a parede.

A casa mais antiga d'esta freguezia, e como edificio particular o mais notavel, pela sua grandeza e architectura, não só d'esta freguezia, mas de todo o concelho do Marco de Canavezes, é a casa da Quintan.

É um vasto edificio apalaçado, farmando um quadrilatero perfeito, regular e symetrico, com claustro interior, do meio do qual se eleva um bem trabalhado chafariz de cantaria, com seus lavores e ornatos.

Para o andar nobre do edificio dá accesso do lado da frente um amplo e magestoso pateo com dois lanços de escadaria de pedra ornada de lavores, balaustradas e estatuas.

Tem este edificio em si uma torre, e ao lado, mas em communicação com o edificio por um arco de pedra, uma ampla e aceada capella.

É este edificio a residencia e solar da familia dos Vasconcellos, da mesma freguezia. A sua genealogia, é a seguinte:

D. Maria da Cunha, filha de Fernão de Sá Alcoforado, camareiro-mór de el-rei D. Duarte e de el-rei D. Affonso V, alcaide-mór da cidade do Porto, ascendentes dos marquezes de Fontes e condes de Penaguião, e de sua mulher D. Filippa da Cunha, filha de Gil Vasques da Cunha, ascendente dos condes de S. Vicente. Houve de D. Affonso V, por filho natural a

Alvaro Soares da Cunha, fidalgo da casa real, guarda-mór da cidade do Porto, o qual houve de sua segunda mulher, a

Salvador Soares da Cunha, que casou com Senhorinha Barbosa, filha de Lopo de Barbosa e de sua mulher Ignez Cerveira de Barbedo, da honra e casa de Barbosa, e teve por filho a

Duarte Soares de Carvalho, que casou com Magdalena Reimão da Motta, filha de João da Motta de Mesquita e de sua mulher Leonor de Faria, da casa dos Mosqueiros, e teve por filho a

Balthazar Soares da Motta, que casou com Theresa Vieira, filha de Pedro Annes Lordello, fidalgo da casa real, senhor do solar de Lidraes, e de sua mulher, Isabel Pires Vieira, da casa e solar de Ribeiro, descendente de Ruy Vieira, senhor do concelho de Vieira, e teve por filho a

Ayres da Motta Vieira, que casou com Antonia Carneiro, filha de Gaspar Barbosa, e sua mulher, e teve por filho a

Duarte Carneiro Vieira da Motta, que casou com Isabel Nogueira de Castro, senhora e herdeira da casa de Quintan, filha de Manuel Gonçalves de Oliveira e de sua mulher Felipa Dias de Castro, neta de Diogo Affon-

so de Castro e de sua mulher Theresa Nogueira, descendente de Gonçalo Pires de Fafiam de Riba Douro e de sua mulher Guiomar Gonçalves Nogueira, senhores do morgado de S. Lourenço de Lisboa, e teve por filho a

Ayres da Motta Vieira, que não casou, mas teve de D. Catharina Alves, por filho natural, legitimado por carta regia de 4 de agosto de 1674, a

Domingos Vieira da Motta, que casou com D. Antonia de Araujo Barreto Pereira de Vasconcellos, filha de Bento de Pinho Tavares e de sua mulher D. Maria de Vasconcellos Pereira, da casa da Samossa, descendentes dos morgados de Fontellas e dos condes da Feira, e teve por filho a

Bento Soares da Motta Pereira Vieira Carneiro, que casou com D. Catharina Josepha Carneiro de Magalhães, filha de Antonio Machado Carneiro, e de sua mulher D. Marianna Carneiro de Magalhães, e teve por filho a

José Soares da Motta Pereira Vieira Carneiro de Magalhães, que casou com D. Antonia Theresa Joanna de Noronha e Menezes, filha de João Monteiro Valente da Silva, e de sua mulher D. Antonia Maria de Noronha e Menezes, e teve por filho a

Antonio de Vasconcellos Pereira Vieira Carneiro, que casou com D. Angelica Amalia de Magalhães e Menezes, filha de Antonio de Magalhães e Menezes, senhor da torre de Villacova da Lixa, e de sua mulher D. Maria Thomazia Pinto da Mesquita, e teve por filho a

José de Vasconcellos Carneiro e Menezes Vieira da Motta, que casou com D. Anna Augusta de Almeida Peres de Carvalho e Castro, filha de Antonio Peres de Carvalho e Castro, e de sua mulher D. Maria Maxima Pereira Pimentel, e teve por filho a

José de Vasconcellos Carneiro de Magalhães e Menezes, actual successor.

N. B.—De D. Maria da Cunha descendem tambem os morgados de S. Vicente do Pinheiro e outras familias illustres.

—

S. Salvador de Thuias.—Ácerca do convento de freiras que aqui existiu, veja-se a *Chorographia portugueza* do padre Carvalho da Costa, tom. 1.º capitulo 26, da provincia de Entre Douro e Minho, na palavra *Couto de Tuyaz.*—Ha n'esta freguezia uma nascente de agua mineral ferrea de que se faz uso. Ha tambem crystal de rocha.

—

Nossa Senhora do Freixo.—Foi povoação de mouros, e ainda aqui existem as ruinas da mesquita edificada por elles.

Tem uma feira na segunda sexta feira de todas as quaresmas, que dura tres a quatro dias.

—

S. Clemente de Paços de Gaiôlo.—Dizem que lhe vem o nome dos paços que aqui teve um principe mouro chamado Gaiôlo, que era pae ou irmão de Gaia, que deu o nome a Villa Nova de Gaia, defronte da cidade do Porto.

—

Santa Maria de Penha Longa.—Houve aqui a casa e torre onde viveu o primeiro senhor do concelho de Bemviver, chamado D. Pedro de Castro.

—

S. Lourenço do Douro.—Está aqui a casa do Ribeiro, solar muito antigo da familia do appellido de Vieiras, descendentes de Ruy Vieira, senhor da torre e concelho de Vieira.

—

Santa Maria de Villa Boa do Bispo.—Ha n'esta freguezia, á margem da estrada, no sitio chamado o Marmoiral, um arco de pedra muito antigo, que dizem ter sido levantado em memoria da passagem da rainha D. Mafalda na sua visita ao convento de Arouca. Vide *Marmoiral.*

—

S. Martinho de Ariz.—Está aqui a casa e quinta da Seara, solar antigo da familia do appellido Azevedos Pereiras de Vasconcellos. Está tambem n'esta freguezia o nobre e muito antigo solar de Lidraes, da familia do appellido de Lordellos.

—

S. João de Alpendurada.—Vide Alpendurada.

—

Santa Clara do Torrão.—Vide Entre-os-Rios.

Devo a maior parte d'este artigo á benevolencia do ex.mo sr. José de Vasconcellos Carneiro de Magalhães e Menezes, do Marco, que, defferindo ás minhas supplicas, teve a summa bondade de colher tão curiosas informações e remetter-m'as. Honra ao nobre fidalgo que assim concorreu para que o Diccionario ficasse mais completo n'este artigo.

MARCO MILLIAR—Nas vias militares romanas estavam de dois em dois kilometros. (Vide *Estádio, Milha, Geira* e *Vias Romanas.*)

MARCOS (S.)—monte conico, Douro, na freguezia de *Fajões*, comarca, concelho e 8 kilometros ao NE. de Oliveira de Azemeis, 30 ao S. do Porto, 15 a E. do Oceano e 240 ao N. de Lisboa.

Do seu vertice, onde está a capella de S. Marcos, evangelista, se descobrem muitas leguas de extensão, vendo-se a cidade do Porto, grande numero de freguezias, serras, campos, montes, bosques, etc.; e uma vasta extensão do mar.

Faz-se aqui, no dia 25 de abril, uma feira, denominada da *Linhaça*, e a romaria ao padroeiro da capella.

Tem este môrro mais de 450 metros sobre o nivel do mar. (Vide *Fajões.)*

MARCOS DA ABOBADA (S.)—freguezia, Alemtejo, comarca, concelho e 18 kilometros d'Evora, 120 ao SE. de Lisboa, 70 fogos. Em 1757 tinha 33 fogos.

Orago S. Marcos, evangelista.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o cura, que tinha 206 alqueires de trigo e 51 de cevada.

MARCOS D'ATABUEIRA (S.) — freguezia, Alemtejo, comarca de Almodovar, concelho de Castro Verde, 90 kilometros a O. d'Evora, 165 ao S. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 93 fogos.

Orago S. Marcos, evangelista.

Bispado e districto administrativo de Beja.

A mesa da consciencia apresentava o capellão, curado, que tinha 130 alqueires de trigo, 90 de cevada e 10$000 réis em dinheiro.

MARCOS DA SERRA (S.)—freguezia, Algarve, comarca e concelho de Silves, 54 kilometros de Faro, 185 ao S. de Lisboa, 340 fogos.

Em 1757 tinha 221 fogos.

Orago S. Marcos, evangelista.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

A mitra apresentava o prior, que tinha 150$000 réis de rendimento.

Esta freguezia está situada no alto da serra, mas rodeada de cabeços, em sitio áspero e agreste.

A egreja matriz é muito antiga.

Tem poucas aguas e de má qualidade. Em varias partes da freguezia ha boas aguas ferreas.

Toda a freguezia está sobre um ramo da serra do *Caldeirão*. Produz algum trigo e centeio. Tem montados, onde se criam bastantes porcos, céra e mel, gado de toda a qualidade e caça.

Passa pela freguezia a estrada que vae de Silves, Lagôa e Albufeira, para Lisboa.

Junto á aldeia de S. Marcos, passa a ribeira do mesmo nome, que vem da serra. Toma depois o nome de *Odelouca*, juntando-se-lhe o ribeiro da *Azilheira*, no sitio d'este nome, e o de Bésteiros, junto á aldeia de Perna-Sécca, no monte da Costa. Morre no rio de Silves. (Vide *Odelouca* e *Silves.)*

A serra do Caldeirão é uma cordilheira, que junta com a de Monchique (que fica ao O.) sepára o Algarve do Alemtejo.

Este grupo differe de todos os outros do reino, pela sua constituição physica. Abunda por toda a parte em rochedos de *lava*, amontoados, assimilhando-se a *caldeirões*, do que lhe provem o nome.

Os dois mais altos cumes da primeira, são —o *Pico da Foia*, que é uma maça consideravel de granito; e o da *Picota*, a 9 kilometros da Foia; tambem coberto de grandes penhascos.

As suas ramificações a E., tomam o nome das terras por onde passam.

Nestas serras nascem os rios *Quarteira, Valle-Formoso, Vascão, Oeiras, Odmira, Sádo, S. Romão*, e *Seixes.*

MARCOS DO CAMPO (S.) — freguezia,

Alemtejo, comarca de Redondo, concelho de Reguengos, 45 kilometros de Evora, 160 ao SE. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1757 tinha 260 fogos.

Orago S. Marcos, evangelista.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

É terra muito fertil, e cria muito gado, de toda a qualidade.

A mitra apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo e 60 de cevada.

MARCO VELHO — parece ser o maravedim antigo de prata.

Em documentos de 1310 e 1352, vê-se que valia 27 soldos.

MÁRE—portuguez antigo — *mãe* — (*Mha mare*—minha mãe.)

MARÉCO—freguezia, Beira Alta, comarca de Mangualde, concelho de Penalva do Castello, 24 kilometros de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago S. Domingos.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O abbade de S. Pedro de Penalva, apresentava o cura, que tinha 20$000 réis e o pé d'altar.

MARÉCOS—freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 35 kilometros ao NE. do Porto, 300 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 263 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Bispado e districto administrativo do Porto. É terra fertil.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento.

MARÉCOS—antigo nome da actual villa de Amares, na comarca de Villa Verde, nas Terras de Entre Homem e Cávado (Alto Minho.)

E' d'este nome que procede o appellido do célebre mestre do Templo, D. Gualdim Paes de Marécos.

E' Marécos um nobre appellido em Portugal. Para a sua genealogia e armas, e para o mais que diz respeito a Marécos, vide a pag. 191 do 1.º vol., na palavra *Amáres*.

MARGARIDA DO ARRABAL (Santa)— Já a pag. 238 kk, do 1.º vol., tratei d'esta freguezia; mas, como depois d'isso obtive mais e curiosas informações, e não quero privar d'ellas os leitores, as dou n'este logar.

—

Em 1592, D. Pedro, bispo de Leiria, creou esta parochia; ficando a servir lhe de egreja matriz, a capella, que já existia no logar do Arrabal, dedicada a Santa Margarida, que ficou sendo padroeira da nova freguezia.

O bispo ficou com a apresentação da egreja, e os freguezes com a obrigação de pagarem annualmente ao parocho, 80 alqueires de trigo, 25 almudes de vinho môsto e as offertas da egreja.

O mesmo povo ficou obrigado á fabrica da egreja e sachristia e á casa da residencia do cura.

Ficou a nova freguezia constituida com 170 fogos.

A capella-mór é de abobada, e a egreja tem só tres altares; o mór e dois lateraes.

Ha n'esta freguezia as ermidas seguintes:

—

1.ª A de S. Bento—em frente do Freixial.

Este logar do Freixial, era da freguezia de S. Pedro, e, em 1592, passou a fazer parte da nova freguezia do Arrabal.

Fica a capella entre vinhas, e não tem rendimento algum, fabricava se com as rendas de um hospital que havia no mesmo logar, com duas camas e obrigação de agasalhar os viandantes pobres.

Em 1555, sendo bispo de Leiria D. Braz de Barros, hindo este prelado aqui em visita, mandou outra vez aqui collocar as duas camas, que já não havia; mas, com o tempo, deixaram de existir as camas, ficando a casa redusida a simples albergaria.

A capella, tinha uma confraria de defunctos, e os officiaes d'ella o eram tambem do hospital. Tem tres altares.

—

2.ª A de S. Bartholomeu—no Casal dos Cardozos.

—

3.ª A de S. João Baptista—no logar do Souto-Sico, feita em 1610.

Por baixo das casas que estão acima da egreja, junto ao caminho que vae para Cal-

dellas, ha uma fonte, que no inverno, ou sécca, ou tem muito pouca agua, e no verão é abundante.

MARGARIDA DA COUTADA (Santa)—vide *Coutada*, a pag. 415 do 2.º vol.

MARGARIDA DA SERRA (Santa)—freguezia, Extremadura (mas ao S. do Tejo) comarca de Alcacer do Sal, concelho da Grandola, 70 kilometros a O. de Evora, 120 ao SE. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 85 fogos.

Orago Santa Margarida.

Arcebispado de Evora, districto administrativo de Lisboa.

A mesa da consciencia, apresentava o cura, que tinha 120 alqueires de trigo, 90 de cevada e 15$000 réis em dinheiro.

MARGARIDA DO SADÃO (Santa) freguezia, Extremadura (mas ao S. do Tejo) comarca de Beja, concelho de Ferreira, 60 kilometros ao O. de Evora, 100 ao S. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 136 fogos.

Orago Santa Margarida.

Bispado e districto administrativo de Beja.

A mitra apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo e 50 de cevada.

MARGARIDE e PADROSO—vide a primeira *Felgueiras*, a pag. 162 do 3.º vol.

A povoação de Margaride, foi elevada a cathegoria de villa, com o titulo de *villa de Felgueiras*, por decreto de 14 de janeiro de 1846, e carta de lei de 11 de março do mesmo anno. (*Diario do Governo*, n.º 73.)

É viscende de Margaride, o sr. doutor em philosophia, Luiz Cardozo Martins da Costa Macedo, actual governador civil de Braga.

(Vide *Pombeiro*.)

MARGEM—(vide *Lagomel*, a pag. 20 do 4.º vol.)

Margem é a palavra arabe *marge*. Significa, como em portuguez, margem de um rio ou ribeiro; mas tambem quer dizer — *logar abundante de hervas, fresco, ameno* etc.

MARGEM DE ARADA—aldeia, Extremadura, freguezia de Olhalvo, comarca e concelho de Alemquer.

Patriarchado, districto administrativo de Lisboa.

Ha aqui uma quinta de que é proprietario o sr. D. Thomaz de Napoles.

Em 1873 appareceu aqui, n'esta quinta, um sepulchro antiquissimo. Continha tres ossadas humanas, e era formado de pedras toscas, sem que se podesse descobrir n'elle a minima inscripção.

MARGONÇA (ponte da) — Douro, sobre o rio Ul, na freguezia de Cucujães, comarca e concelho de Oliveira de Azemeis. (Vide *Couto de Cucujães*.

MARIA (Santa) — cabo, no Algarve, em 36° 55′ N., e 38′ de longitude oriental — é formado por uma ilhota de areia, em frente da cidade de Fáro. Tem 1:500 metros de largura. Tem pharol.

(Vide *Cabo de Santa Maria*.)

MARIA (Santa) **DA COLLINA**—Vide *Collina* e *Cunha*, de Coura.

MARIA (Santa) **DA SERRA**—Vide *Enxára*.

MARIA (Santa) **D'ÉMES**—Vide *Émeres*.

MARIA (Santa) **DE SOBRE-TAMEGA** (ou de **RIBA-TAMEGA**)—Vide *Canavezes*.

MARIA (Santa) **DOS ANJOS**—Vide *Anjos*.

Todas as mais freguezias que têem por padroeiras Santa Maria, vide nas terras do seu *sobrenome*.

MARIA MAGDALÉNA (Santa)—Todas as povoações que tiverem esta denominação, vide *Magdaléna*.

MARIALVA—villa, Beira Baixa, comarca, de Villa Nova de Foscôa, concelho da Méda, 60 kilometros de Lamego, 360 ao NE. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 49 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

O padroado real apresentava o abbade, que tinha 250$000 réis de rendimento.

Parece que esta freguezia tem crescido muito em população, desde 1757 para cá; mas não tem. A differença para mais, é porque em 1757 havia duas freguezias do mesmo nome (S. Thiago e S. Pedro), que hoje estão unidas, tendo a de S. Pedro 70 moradores.

Tinha pois a actual freguezia em 1757, 119 fogos.

(Vide a freguezia seguinte.)

—

É povoação antiquissima, como adiante direi.

D. Affonso Henriques lhe deu foral, em 1179. Foi confirmado em Coimbra, por seu neto, D. Affonso II, em novembro de 1217. (maç. 7.º de *Foraes antigos*, n.º 1; maç. 12.º dos mesmos, n.º 3, fl. 5 v., col. 1.ª e no *Livro de foraes antigos, de leitura nova*, fl. 35 v., col. 1.ª—Veja se tambem os *Artigos da portagem e outros direitos*, no Liv. 46 dos *Tombos*, no armario 17, fl. 123.)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 15 de dezembro, de 1512. (*Livro dos foraes novos da Beira*, fl. 30 v., col 2.ª)

Era um dos antigos concelhos de Portugal, supprimido pelo decreto de 24 de outubro de 1855 (durante a regencia do sr. D. Fernando Coburgo.)

Este concelho tinha 1:100 fogos.

Está a villa fundada em um alto, penhascoso e alcantilado, e enobrecida com o seu vetusto castello, que foi um dos mais fortes do reino. Tem quatro torres (uma d'ellas com relogio) e 4 portas.

Attribue-se a sua fundação aos turdulos, no anno do mundo 3504, isto é, 500 antes de Jesus Christo, tendo hoje por tanto 2:375 annos de existencia. (R. M. da Silva, *Pobl. Gen. de Hesp.*)

Outros dizem que foi fundada pelos gregos, no anno 2900 do mundo.—Vide adiante.

Foi cidade no tempo dos romanos, que a denominavam *Aravor*. Foram os imperadores Adriano e Trajano que a reconstruiram, levantando aqui alguns edificios.

Mas a cidade romana era muito mais vasta do que a actual villa, que apenas occupa uma pequena parte da antiga; havendo ainda d'esta, muitos e notaveis vestigios.

Destruida pelas guerras da idade media, é occupada pelos mouros, no principio do seculo VIII, estes a reconstruiram em parte. Não se sabe quando perdeu o seu antigo nome; só se sabe que D. Fernando Magno a conquistou aos mouros, em 1063, e que então se chamava *Malva*.

Outros escriptores, dizem que ainda conservava o seu antigo nome de Aravor, em 1063, e que foi D. Fernando Magno que lhe deu o de *Malva*, que se corrompeu em Marialva.

Ainda outros, dizem que o nome de *Malva* só durou até ao principio do seculo XIII, e que dando D. Affonso II, de Portugal, esta villa a uma dona chamada Maria Alva, esta lhe deu o seu nome.

Acho isto mais verosimil.

Com as guerras continuas, entre os mouros e christãos, tornou a cahir em ruinas, e foi abandonada. N'este estado a achou D. Affonso Henriques, que a reedificou, povoou e lhe deu foral, em 1179.

Como era de uso n'aquelles tempos, com as povoações despovoadas, o rei concedeu muitos e mui grandes privilegios, isenções e regalias, aos individuos que se quizessem estabelecer aqui, o que attrahiu bastantes moradores.

Estes privilegios foram conservados e confirmados pelos foraes subsequentes.

—

Foi o nosso primeiro rei, que no foral a elevou á cathegoria de villa, fazendo-a concelho, com justiças e camara proprias.

Quando o concelho de Marialva foi supprimido (1855), passou a villa e freguezia para o concelho de Foscôa, e assim se conservou, até que por decreto de 18 de dezembro de 1872, passou para o concelho da Méda, ao qual actualmente pertence.

—

Querem alguns que o seu castello fosse construido pelos antigos lusitanos, ou pelos romanos, e que D. Sancho I, o reedificou, pelos annos de 1200.

Destruido pelos mouros, o rei D. Diniz principiou a sua reconstrucção, desde os fundamentos, em 1299. Não consta se este monarcha o concluiu completamente e se depois foi reedificado, ou ampliado; o que é certo, é que as obras d'elle só foram concluidas, na fórma actual, pela rainha D. Catharina (viuva de D. João III), durante a sua regencia, na menoridade de seu neto, D. Sebastião, no anno de 1559.

Isto consta de uma inscripção que se vê á entrada do castello.

Parece que, onde hoje está a villa, só existiam no tempo dos romanos as fortificações e quarteis militares, e que a cidade estava edificada na planicie, como adiante direi.

No tempo dos gôdos, era esta povoação de muita importancia, e conservava ainda o seu antigo titulo de cidade; e proximo (a E.) d'ella, havia um vasto mosteiro de monges benedictinos, que os agarenos arrazaram, não deixando pedra sobre pedra.

No logar que elle occupava, se tem desenterrado columnas e outros ornatos ecclesiasticos, e tem apparecido restos de claustros e outras officinas.

Tambem a 1 kilometro da villa existe o edificio e cêrca, que foi mosteiro de religiosos franciscanos, fundado em 1447.

As armas de Marialva, são as de Portugal, sem corôa.

O sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, porém, não menciona estas armas.

—

Já disse a pag. 134, do 4.º vol., quem foi o 1.º marquez de Marialva, e sua familia, e quaes as suas armas; por isso, para aquelle logar remetto o leitor.

—

Tratemos agora especialmente, pois que o merece, da antiquissima cidade romana de *Aravor*.

Nas faldas, e ao E. do alcantilado monte onde está edificada a actual villa de Marialva, no principio do seu fertil e dilatado campo, no sitio onde agora se vê a aldeia da *Deveza*, estava edificada a cidade de *Aravor*.

Aqui se achou, pelos annos de 1690, um primoroso pedestal de columna, de jaspe branco, com 0m,50 de alto e 0m,25 de largo.

Foi dado ao alcaide-mór da villa, que o mandou collocar no muro do quintal da sua residencia.

Tem a seguinte inscripção:

IMP. CAE. DIVI. TRAIAN.
PARTICI. F. TRAIANO
HADRIANO. AUG.
PONT. MAX. TRIB.
POTES. I. COS. II.
CIVITAS ARAVOR.

No anno 119 de Jesus Christo, foi Elio Adriano Augusto, segunda vez consul, tendo Rustico por companheiro, ou collega. É provavel que a inscripção seja d'este anno; a qual lhe chama Trajano, porque Ulpio Trajano o tinha adoptado, antes do anno 117, em que morreu.

—

No mesmo logar da Deveza, em uma casa de Manuel de Moraes, que era (a casa) estalagem, no fim do seculo XVIII, se achou uma lapide com uma inscripção, que diz, que *a preclarissima cidade de Aravor, dedicou uma memoria a Jupiter, optimo, maximo.*

A inscripção é toda só com as iniciaes, á excepção da palavra *Jove* (Jupiter)—é assim:

IOVI
O. M.
K. AR.

(O k, está em logar de c, como muitas vezes se vê nas antigas inscripções.)

Na mesma aldeia da Deveza, ha dois edificios, de architectura romana, antiquissimos. Um d'elles, que foi quasi demolido pelo povo, era de cantaria, de construcção robustissima; e é tradição que foi um grande palacio. Chamam-lhe a *torre* Consta que serviu de templo christão, no tempo dos gôdos.

O outro edificio está em frente do antecedente, e só dividido d'elle pelo caminho. Já serviu de capella christan.

É tambem de robustissima construcção e optima cantaria, com uma porta, excessivamente alta e larga, e ainda está muito bem conservado. Foi junto d'este monumento que se achou a segunda lapide que mencionei.

A 1 kilometro ao S. da aldeia da Deveza, ha uma grande e alta *naumachia* (reservatorio de aguas) a que ainda chamam o *lago*. É obra manifestamente romana.

Em 1790, foi aberta, e se viu que fechava com uma grande pedra quadrada, na qual estava chumbada uma grossa argola de bronze. D'aqui conduziam os romanos a agua para a cidade e para o campo, por um aqueducto, composto, já de canos de cantaria (manilhas) muito largos, já cavado a picão na penha.

Ainda d'este aqueducto existem muitos vestigios.

Alguns escriptores pretendem que esta obra seja arabe.

Actualmente, o fundo, ou leito d'este antigo reservatorio, é propriedade particular e está cultivado.

Não foi só aos romanos que Aravor deveu os seus sumptuosos edificios e a sua grandeza e importancia; pois, se dermos credito a alguns escriptores, foram os gregos que a fundaram pelos annos 2900 do mundo, 1104 antes da éra christan, vindo então a ter nada menos de 2978 annos de edade.

Foram elles que edificaram aqui um magestoso templo dedicado a Jupiter, que depois os carthaginezes ampliaram.

Parece-me hyperbolica tamanha antiguidade attribuida a Aravor; não só porque nem dos gregos, nem dos phenicios, nem dos carthaginezes existe o minimo vestigio; mas, e principalmente, porque estes povos só occuparam o litoral e as suas proximidades.

Contentemo-nos, pois, com a antiguidade que lhe dá Rodrigo Mendes da Silva, na sua *Población general de España*, que já não é pequena, nem muito facil de provar.

Se, porém, é fundação dos túrdulos, como pretende este escriptor, devemos notar que seria uma povoação insignificante, composta de edificios pequenos, pobres e grosseiros, como eram todas as suas povoações.

Foi aos romanos que Aravor deve incontestavelmente a sua importancia e magnificencia.

Acredito mais, que foram estes os constructores do templo de Jupiter, e não que fossem os gregos, ou os carthaginezes; e é certo que o templo existia no tempo dos romanos, como prova a segunda inscripção que copio.

Talvez mesmo que algum dos dois edificios, cujas ruinas ainda aqui se vêem, fosse o famoso templo de Jupiter.

MARIALVA—freguezia, Beira Baixa, comarca de Villa Nova de Foscôa, concelho da Méda, 60 kilometros de Lamego, 355 ao NE. de Lisboa.

Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

O real padroado apresentava o reitor, que tinha 50$000 réis, e o pé de altar.

Esta freguezia está desde o fim do seculo XVIII unida á antecedente.

—

A esta freguezia está ha muitos annos annexa a antiga freguezia da *Galeira*.

MARIALVA—rio, Douro, comarca e concelho d'Arouca, e concelho de Paiva. Vide *Arda*.

MARIDANÇA—portuguez antigo—*fazer maridança*—portar-se como casado, cumprir exactamente as obrigações *todas* annexas ao matrimonio. (Hoje diz-se *pagar o debito, cohabitar*)—*Requereo o dito Autor á dita Reea, per vezes, que lhe fezesse, e faça* maridança *do corpo, e do aver, com sua molher.* (Documento de S. Thiago, de Coimbra, de 1450.)

MARIDAR-SE—portuguez antigo—fazer vida de casado. (Vide *Maridança*.)

MARIDO CONUÇUDO—portuguez antigo—marido publico e notorio, reconhecido por todos como tal; mas não recebido canonicamente.

Antigamente havia tres especies de contratos matrimoniaes:

1.ª O casamento canonico, como hoje; um verdadeiro sacramento. Ao acto do recebimento se chamava *casar*.

2.ª Era um mero *contrato* matrimonial, que se fazia publico e notorio, aos parentes e visinhos.

Era este *contrato* feito na presença dos paes e parentes dos *noivos*.

Os filhos havidos d'esta união, succediam na herança de seus paes.

Já vemos que os modernos nada inventam, e que o *concubinato legal*, hoje chamado *casamento civil*, data do tempo dos gôdos, e ainda existia nos seculos XIII e XIV. (Vide *Salzêdas* e *Sernancêlhe*.)

3.ª Consistia apenas no contracto de um *matrimonio segundo o direito natural*, e que só dependia da vontade dos *contrahentes*, sem darem a minima publicidade, ao que haviam entre si estipulado. Estes viviam ma-

ritalmente, mas as leis não os favoreciam, nem aos seus filhos, nem havia communidade legal de bens.

D'aqui se infere que a palavra *matrimonio* exprimia antigamente a cohabitação de duas pessoas de differente sexo, e que só se dava o nome de *casamento*, ao que era feito com as formalidades determinadas pela Egreja catholica, e era o unico que *imprimia caracter*.

A esta 3.ª especie pertenciam os *matrimonios de mão esquerda*, ou *morganaticos*, pouco usados na nossa Peninsula, mas muito vulgares no resto da Europa.

Estes porém eram quasi sempre contrahidos entre soberanos e vassallas, ou entre grandes senhores e mulheres do povo, ou de cathegoria muito inferior.

Tambem se lhes dava o nome de *matrimonios á morganheira*, ou á *morganica*.

O papa Benedicto XIV, em 1750, prescreveu saudaveis condições e regras, com que podessem ser elevados a sacramento estes matrimonios, e occorreu aos muitos inconvenientes a que estavam expostos. (Vide *Matrimonio*.)

MARINHA (S. Felix da)—freguezia, Douro, concelho de Villa Nova de Gaia, comarca, bispado e districto administrativo do Porto. Já está descripta sob a palavra *Felix da Marinha*. (S.)

MARINHA (Santa)—villa, Beira Baixa, e freguezia da comarca de Gouveia, concelho de Cêa, 75 kilometros de Coimbra, 270 ao E. de Lisboa, 290 fogos.

Em 1757 tinha 200 fogos, na villa e freguezia.

Orago Santa Marinha, virgem e martyr.

Bispado de Coimbra, e districto administrativo da Guarda.

O papa e o bispo, apresentavam alternativamente o prior, collado, que tinha 300$000 réis.

É terra muito fertil.

Grande abundancia de gado de todas as qualidades, e de caça, grossa e miuda. Produz tambem muito mel e cêra, de optima qualidade.

É povoação muito antiga. D. Affonso Henriques lhe deu foral, em junho de 1150, (Maço 8 de *Foraes antigos*, n.º 2.) D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 15 de maio de 1514. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 92, col. 2.ª)

Veja-se mais a *Inquirição* para o foral novo, no maço unico de inquirições, no armario 17, n.º 20.

Foi couto com juiz e um vereador.

Está extincto ha muito annos.

MARINHA—antigamente dava-se o nome de *marinha* a todo o territorio proximo das costas maritimas. Hoje dá-se este nome sómente aos terrenos baixos e planos, preparados artificialmente para produzirem sal, pela evaporação do hydrogenio.

Diz-se, *marinhas de sal*, ou *salinas*.

MARINHA-GRANDE—freguezia, Extremadura, concelho e comarca, e 12 kilometros a ONO. de Leiria, 130 ao N. de Lisboa, 800 fogos.

Em 1757 tinha 268 fogos.

Orago Nossa Senhora do Rosario.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

Antigamente dava-se-lhe simplesmente o nome de *Marinha*, ou *Santa Maria da Marinha*. Hoje chama-se *Marinha Grande*, para a distinguir da aldeia da *Marinha Pequena*, que fica proxima.

A mitra apresentava o cura, que tinha 120$000 réis.

Esta freguezia é situada a distancia de 1 kilometro a E. do famoso *pinhal de Leiria*, mandado semear pelo rei D. Diniz (vide *Leiria*) que tem 24 kilometros de comprimento, correndo ao longo da costa do mar.

Ha aqui uma fabrica do estado, para a extracção do alcatrão e outras substancias dos pinheiros.

Modernamente tem-se feito n'este pinhal vastas sementeiras de *pinus larix*, e de outras variedades de pinheiros e eucaliptus, vindos do norte da Europa.

Ha tambem n'esta freguezia uma fabrica de louça ordinaria.

O melhor edificio da Marinha Grande, é a real fabrica de vidros—a maior e melhor de Portugal.

A darmos o credito devido a alguns manuscriptos existentes no cartorio da casa do *Côvo*, proximo a Oliveira de Azemeis, foi em 1498 que na villa de *Coina* (margem esquerda do Tejo) se principiou a fabricar vidro, com a lenha que por aquelles sitios se podia arranjar, e n'esta industria se occupava a maior parte dos habitantes da povoação; mas como faltasse o combustivel, se mudou (não se sabe quando) para a Marinha Grande, pela abundancia de lenha do pinhal da nação.

Adiante tratarei da antiga fabrica de vidros de Coina.

Consta tambem de documentos officiaes, que antes da fundação da actual fabrica, já aqui havia fabricantes de vidraça e differentes objectos de vidro; mas d'estes documentos não consta o anno em que esta industria aqui principiára.

Em 1769, sob a protecção do marquez de Pombal, o inglez Guilherme Stephens (o que deu o seu nome ao largo que existe na rua das Flores, proximo da rua de S. Paulo, em Lisboa—*Largo do Stephens*)—fundou aqui uma vasta fabrica de vidros, emprestando-lhe o estado, para esta obra, 32 contos de réis, sem juro, nem limite de tempo, podendo fazer os pagamentos parciaes, em cal para as obras publicas, dos fornos que Stephens tinha em Alcantara (proximo a Lisboa, e que era cosida com carvão mineral, importado de Inglaterra sem direitos.)

D. José I lhe concedeu ainda a permissão de gastar toda a lenha que lhe fosse necessaria para a fabrica, do pinhal do estado, gratuitamente.

Todos estes privilegios deviam durar por espaço de 15 annos, segundo o alvará de 7 de julho de 1769; mas foram accrescentados em 1776, com diversas providencias e regulamentos, sobre o fornecimento, declarando-se, na respectiva provisão, que a *fabrica ficava sob a immediata protecção do rei, como util ao bem publico, e ao dos pinhaes* (na supposição de que sendo bem e conscienciosamente dirigido o corte das lenhas, não prejudicava, antes melhorava os pinheiros, que se *limpavam* da lenha sêcca que é o que só era licito aproveitar.

Por alvará de dezembro de 1780, foram considerados os edificios da fabrica e terrenos annexos, e os que se lhe viessem a annexar, como *praso fateosim perpétuo*, para que tudo se podesse conservar indiviso, e para que a fabrica não cessasse de produzir vidro em tempo algum, por causa de partilhas; com prejuiso dos operarios, e empregados, e do publico.

Em 1784, sendo já rainha D. Maria I, terminou o praso dos 15 annos; mas o governo prorogou o por mais 10 annos, continuando a conceder lhe a isenção de direitos de importação, sobre todas as materias e objectos necessarios para a composição do vidro, e a de direitos de exportação do reino, e de importação nos dominios portuguezes do ultramar.

Em 1794, o principe regente, depois D. João VI, prorogou por mais outros 10 annos todos os antigos privilegios e isenções da fabrica. Approvou e elogiou a estrada que Guilherme Stephens tinha mandado fazer, á sua custa, para tornar mais facil o serviço externo, e attrahir aqui directa e commodamente os almocreves e agentes que promoviam (por commissão) a venda dos productos da fabrica. Foi tambem n'este anno, de 1794, que se abriu a *estrada real* de Lisboa a Leiria, Coimbra e Porto, o que muito concorreu para a prosperidade da fabrica.

Em 1796, ordenou o governo que se fizessem, por conta do estado, os córtes de madeira necessarios para se concluirem as obras da estrada real, e da que fizéra Stephens.

Em 1799, se prorogou o praso da concessão por mais outros 10 annos; e desde então até 1802, ainda foram concedidos outros privilegios á fabrica, sendo um d'elles a isenção do serviço militar (do exercito e da armada) a todos os empregados e operarios do estabelecimento.

Todos sabem (mas nem todos confessam) que as invasões francezas, desde 1807 até 1811, foram uma verdadeira calamidade para Portugal e Hespanha.

Os francezes não pouparam cousa alguma, na sua passagem devastadora. Templos,

palacios, livrarias, reliquias, edificios publicos e particulares, museus, officinas e laboratorios, etc., etc., tudo foi mais ou menos destruido.

Não escapou a fabrica da Marinha Grande ao vandalismo do feroz Junot, que, não só lhe tirou todos os seus privilegios, mas até lhe sequestrou os edificios, utensilios e terrenos dependentes, sendo, ainda por cima, preso Stephens, que foi conservado na prisão, quatro mezes e onze dias, e só foi solto sob a promessa de se apresentar á auctoridade *jacobina*, de 15 em 15 dias.

Vendo-se Portugal livre das hordas napoleonicas, e das sua atrocidades, recuperou a fabrica os seus antigos privilegios e isenções, e logo em 1811 lhe foi prorogado o praso da concessão por mais 20 annos.

Fallecendo Guilherme Stephens, seu irmão, João Diogo Stephens, tomou posse da fabrica e da sua administração. (João Diogo já era socio de seu irmão, n'este estabelecimento.)

João Diogo Stephens, morreu em 1826, deixando a fabrica e todas as suas dependencias á nação portugueza — *como um monumento do meu alto apreço, pelos favores e protecção que n'este paiz me tem sido concedidos .... supplicando a o governo que haja de eleger e n mear uma auctoridade, para esta os reger e administrar* (a fabrica e dependencias) *rogando tambem mais, qne não deixe de haver contemplação para o actual administrador, José de Sousa e Oliveira, e conceder-se-lhe aquella dignidade e remuneração, que tão devida é ao seu merecimento.*

Esta clausula do testamento de João Diogo Stephens, é honrosissima—para a nação portugueza, pela sua provada hospitalidade para com os estrangeiros—pela gratidão do testador—e pela honradez e bons serviços do administrador José de Sousa e Oliveira.

(Vide *Rio-Maior.*)

O governo tomou posse do estabelecimento, e seu arrendamento posto em praça, continuou a trabalhar sob a administração de emprezas particulares.

—

É bellissima a situação da fabrica e povo. Por toda a parte se vêem, arvores, flores e casas alvissimas, constituindo uma tambem formosa povoação.

Convido os *touristes* que forem a Leiria, a fazerem uma digressão á Marinha Grande. São 10 kilometros de uma bonita estrada, orlada de altos freixos, e onde os dois poeticos rios *Liz* e *Lena* se juntam, para maior encanto do sitio.

Além de um moinho e de um armazem, que estão separados, o edificio da fabrica, cêrca e dependencias, formam uma só propriedade, cercada por um muro, medindo $553^m,75$ a E., 453^m ao S., $652^m,50$ ao O., e $301^m,55$ ao N., com a fórma de um trapezio, e com uma área de 18 hectares.

O melhor d'este edificio, é o palacio mandado edificar por Stephens, e onde elle residia, quando aqui se demorava.

Era tambem n'elle a residencia e secretaria do administrador. Tem um bonito jardim e um lago soffrivel.

Unido ao edificio está a casa do theatro, com diversas salas para concertos e bailes. No theatro, ha frequentes representações dramaticas, pelos artistas e empregados da fabrica, e tambem nas suas salas tem havido bailes sumptuosos.

As officinas da vidraça, e mais accessorios são de bom aspecto, e em harmonia com a architectura do palacio.

Os fornos para a fabricação da vidraça e o de temperar os cadinhos, tambem são de bôa construcção.

No pateo, que é a entrada geral do estabelecimento, com uma grande portaria a E., estão os alojamentos menores, e as casas de habitação do contra-mestre e as de outros empregados.

Ao N. da officina de crystal, ha um terreiro, onde se faz o deposito das lenhas, tendo a E. uma fileira de casas abarracadas, que são as officinas dos carpinteiros, serralheiros, oleiros, etc.

A officina de estender a vidraça tem cinco fornos, independentes e isolados entre si. Ha uma casa para seccar os cadinhos e outra para a sécca e calcinação das materias primas,

com caldeiras de cobre e de ferro, para a refinação do salitre e da potassa; e uma casa com forno de coser o tijolo refractario.

A officina do crystal, é uma grande construcção, composta de dois corpos unidos longitudinalmente, com arcadas de communicação, praticadas na parede commum.

Ha n'esta officina dois fornos para a fabricação do crystal, e duas pequenas *arcas* para coser os cadinhos, e tres isoladas, para temperar o vidro em obra.

Ha casas para as pesagens e dosagens, armazens para separar a obra limpa, do refugo, e para acondiccionamento dos artefactos que d'aqui sahem, para a venda, ou para os depositos de Lisboa, Porto, Evora e outras partes.

Ha a casa do deposito geral, para a venda por junto e a retalho, e o edificio chamado *das flores*, onde se lapida o crystal. É um vasto pavilhão envidraçado, com 14 engenhos de lapidar, movidos por um eixo horisontal, com 15 communicações de movimento, cujo motor é da força de 6 cavallos-vapor.

A machina, que é de alta pressão, foi assente em uma casa contigua a este edificio, e a caldeira estabeleceu-se em um telheiro annexo.

Ha a casa da composição da vidraça, onde se pesam e misturam as principaes materias primas da vidraça; telheiros em que se faz a lavagem das areias e a apartação e preparo do *casco* (vidro quebrado) para se lavar e tornar a fundir; casa da forja; casa dos pisões, onde está um *bocardo* de mineiro composto de 6 pilões de madeira, com sóccos de ferro fundido, pesando cada um 75 kilogrammas, aos quaes serve de motor a agua do aqueducto; armazens de vidraça, onde ella se corta e encaixota; cavallariças, curraes, palheiros, etc.

Finalmente este estabelecimento está montado com luxo, e tem tudo quanto é necessario para a fabricação dos artefactos a que é destinado.

Fóra do terreno murado, ainda ha um grande armazem pertencente á fabrica que a administração geral das mattas destinou para as experiencias de resinagem; e um aqueducto, de quasi 3 kilometros, que abastece copiosamente a quinta, as officinas, e move a roda de um moinho de moêr o quartzo (seixo) calcinado.

Têem sido empresarios da real fabrica de vidro e crystal da Marinha Grande, desde que é propriedade do Estado, os srs.:

Barão de Quintella (depois conde do Farrobo), Antonio Estevês Costa e outros, desde 1827 até 1847.

Manuel Joaquim Affonso, desde 1848 até 1859.

Casimiro José de Almeida, desde 1860 até 1862.

Francisco Thomaz dos Santos, em 1863.

Jorge Croft (depois visconde da Graça, e já fallecido) e o commendador Antonio Augusto Dias de Freitas, em 1864.

No intervallo de umas e outras administrações, ou os trabalhos estavam suspensos, ou eram administrados por conta do estado.

Em 1866, os ditos srs. Croft e Dias de Freitas, com os srs. Nuno Paulino de Brito Freire, José Luiz de Oliveira, Miguel Antonio Leitão de Lima Falcão e Antonio Correia da Silva Marques, formaram uma parceria, por tempo de 30 annos, com o capital social de 90 contos de réis, dividido em 900 acções, de 100$000 réis cada uma.

Esta parceria, ou sociedade em commandita, ainda existe, sob a denominação de— EMPREZA DA REAL FABRICA DE VIDROS DA MARINHA GRANDE.

—

Os grandes privilegios, doações e isenções que os governos concederam desde 1827 até 1859 aos emprezarios da fabrica, nem por isso concorriam para que esta industria tivesse medrado, acompanhando os progressos da sciencia; pois que as companhias exploradoras só curavam de tirar o maior lucro possivel da sua empreza.

O governo, em 1859, mandou proceder a um rigorosissimo inquerito, por homens da sciencia, e de integridade reconhecida.

Deu o inquerito porém um triste resultado; porque, se até então houve excesso de cubiça da parte dos exploradores, desde en-

tão houve grande falta de generosidade, da parte do governo.

O estado favorecía até alli as emprezas, com avultados subsidios e grandes privilegios e isenções, e obrigava-se a ficar com certa quantidade de productos. Desde então, não só cessou tudo isto, como, ainda por cima, impoz á empreza o pagamento da renda da fabrica, superior a um conto de réis, annual; concedendo-lhe apenas gratuitamente (ou antes como compensação da renda) 12 mil carradas de lenha por anno, sob a vigilancia e inspecção da administração das mattas; obrigando a empreza a dar contas, todos os annos, ao ministerio da fazenda, do estado da fabrica e do numero de seus empregados.

Antes da entrega da fabrica ás emprezas, procede-se a um rigoroso inventario e avaliação dos predios fabrís e ruraes, utensilios, material movel das abegoarias, etc., para no fim das emprezas se poderem regular as indemnisações ao estado, no caso de descaminho ou deteriorações.

D'estes inventarios se vê que em 1827, o fundo fabril e industrial foi calculado em 104:424$440 réis.

Em 1848, em 55:000$120 réis!

Em 1863, em 58:078$440 réis.

—

Deve dizer-se, em preito á verdade, que a actual empreza tem feito grandes melhoramentos n'esta fabrica e seus processos.

Os fornos foram aperfeiçoados, segundo as indicações da sciencia moderna; de modo que fundem o vidro em muito menos tempo e com muito menos combustivel do que anteriormente.

Fazem por semana, 3 a 4 afinações em crystal, e 6 em vidraça.

Construiram um forno de grandes dimensões (*carquèse*) para seccar a lenha. Entram n'elle 12 *wagons* carregados de lenha, que sécca rapidamente, por meio de numerosas *bôcas de calor*. Depois, os *wagons* marcham por carrís, com pequeno impulso, para as respectivas officinas, e voltam depois para conduzir nova lenha, por meio de uma plataforma girante.

A estufa onde se seccam as pedras para a construcção dos fornos, e os potes (cadinhos) é digna da especial inspecção do visitante.

A *arca* corrente de tempero, é a primeira que se construiu em Portugal, segundo o systema francez.

Em 12 pequenos *wagons*, assentes em carrís de ferro, vem os productos, desde o forno, até á galeria que conduz ao armazem de escolha e apartação, atravessando assim as seis graduações de calor que constituem a arca de tempero. Os artefactos entram na bôca da arca, ainda incandescentes, e sáem na 6.ª graduação, já temperados e esfriados.

Antigamente fazia-se a mistura com grande perigo de vida para o operario, por causa do veneno que aspiravam constantemente.

Hoje ha aqui um novo systema da lavagem da areia, galga a vapor, moinho hydraulico, com pisão, e mistura de composições, sem o minimo perigo para os manipuladores.

—

Esta fabrica está hoje em excellentes condições industriaes, e nunca empregou tanta gente e deu tão grande producção de artefactos de vidro e crystal. Dá pão e trabalho a umas 700 pessoas de ambos os sexos, incluindo n'este numero os empregados e operarios.

—

Não posso fallar n'esta fabrica, sem que me venha á memoria João Manuel Affonso de Barros, que foi seu mestre.

Nunca vi um homem que a tão espantosa habilidade reunisse tanta modestia e docilidade.

Para elle não havía difficuldades, nem mesmo impossiveis. Fazia com a maxima perfeição tudo quanto imaginasse fazer, por maior que fosse a complicação do objecto. Causava verdadeira admiração ver este homem singularissimo largar a goiva, ou o formão com que trabalhava no torno mechanico, ou outro qualquer instrumento pesado, e pegar na penna e escrever desembaraçadamente uma carta com bellissima letra; como eu mesmo vi.

Juntem-se a estas já tão notaveis qualidades, uma intelligencia provada, variada in-

strucção, trato afabilissimo, honradez a toda a prova e uma figura sympathica, e eis o homem por quem a Marinha Grande sempre chorará.

A perda de um filho extremecido (o mais novo) de tal sorte lhe minou a existencia, que pouco tempo lhe sobreviveu.

Falleceu ha mais de 20 annos, e ainda em todo o vigor da idade.

Aos seus filhos, que elle tanto amava, sirva de lenitivo a uma eterna saudade, esta pequena commemoração, e a probabilidade de que está na bemaventurança gozando o premio de tantas virtudes, que foram a sua partilha na terra.

—

Reservei para o fim d'este artigo, dar uma noticia mais circumstanciada do principio d'esta fabrica. Não são fundadas em tradições, ou escriptos de credito duvidoso. Constam de documentos authenticos e de escripturas publicas que existem (como já disse) no cartorio da casa dos srs. Castros, do Côvo [1], que eu vi por varias vezes.

A primeira fabrica de vidros que houve em Portugal, foi a do Côvo (na freguezia de S. Pedro, de Villa-Chan, comarca e concelho de Oliveira de Azemeis, d'onde dista 2 kilometros ao NE.). Não achei dados que certifiquem o anno da sua fundação; apenas consta que já existia em 1484; pois que então, D. João II, ordenou por uma provisão que em Portugal se não podesse estabelecer outra fabrica de vidros, sem consentimento e auctorisação de *Diogo Fernandes* (como as letras da provisão estão bastante apagadas, não se póde verificar se é Diogo, Domingos, ou Dionisio; mas parece mais ser o primeiro nome) dono d'esta fabrica.

Não se sabe se a provisão de D. João II foi derrogada, ou se o proprietario deu licença para se fabricar vidro na villa de Coina (no Ribatejo, comarca de Aldeia Gallega) o que é certo é principiar alli esta industria em 1498, mas em muito pequena escala.

Em 1580, porém, já a fabrica de Coina produzia artefactos de vidro que rivalisavam com os do Côvo, e em tão grande quantidade, que lhe faziam prejudicial concorrencia. Então o proprietario da fabrica do Côvo, prevalecendo-se dos seus antigos privilegios, queixou-se ao rei (D. Affonso V) que, por provisão d'esse mesmo anno, ordenou que a fabrica de Coina, só podesse vender louça de vidro desde a margem esquerda do Mondego até ao Guadiana; e a do Côvo, desde o rio Minho, até á direita do Mondego. Para o estrangeiro e ultramar, podiam exportar ambas, sem restricção.

Com o decurso do tempo, esgotou-se a lenha nos arredores de Coina, tendo o proprietario da fabrica de mandar vir o combustivel de longe, o que lhe causava grandes despezas.

Então o dono da fabrica decidiu mudal a para a Marinha Grande, por estar proximo ao pinhal denominado de Leiria, onde tinha combustivel com tanta abundancia, que havia a certeza de nunca faltar.

Quando Guilherme Stephens, veiu fundar a grande fabrica da Marinha Grande, já achou a antiga fabrica (que parece datar—aqui—do fim do seculo XVII).

Não se sabe porque contrato elle tomou conta d'ella, o que é certo é que foi a que o instigou a substituil-a por outra em grande escala, utilisando todos os antigos operarios.

—

Em Coina, ainda existem vestigios da sua antiga fabrica de vidros, na propriedade dos herdeiros da sr.ª J. Pouchet, onde depois se estabeleceu uma fabrica de *zuartes*, que se exportavam em grande quantidade para a Africa.

Esta fabrica foi depois transferida para Sacavem.

—

A egreja matriz da Marinha Grande, é um vasto e bonito templo.

As casas da povoação são pela maior parte terreas, ou de um só andar, mas muito bem caiadas, commodas e bonitas. Muitas têem canteiros de flores aos lados das portas, o que lhe augmenta a belleza [1].

[1] A cuja familia pertence a sr.ª D. Maria Helena de Castro Pamplona de Sousa Holstein, condessa da Ribeira.

[1] Ainda não vi gira-sóes maiores do que na Marinha Grande, apezar do seu solo ser de areia.

As ruas é que são de areia quasi todas, o que é bastante incommodo.

Esta povoação tem melhorado consideravelmente n'estes ultimos tempos, não só pelo desenvolvimento que tem tido a industria do vidro; mas tambem pelo estabelecimento aqui da administração das mattas, estação telegraphica, lojas, etc.—accrescendo estar ligada a Leiria por uma boa estrada, que torna facilima a sua communicação com a capital do districto.

O territorio d'esta freguezia, posto ser de areia, é bastante productivo, e os generos agriculas são em geral baratos.

A gente da Marinha Grande (quasi toda empregada nas differentes fabricas e no pinhal) é de trato ameno, franca e hospitaleiro.

Vivendo ha umas poucas de gerações com as commodidades que dá a boa remuneração do assiduo trabalho, as suas casas são interiormente bem mobiladas, elegantes e *confortaveis*, e seus moradores extremamen aceiados.

Faz gôsto visitar esta bella povoação, onde, em vez de encontrarmos aldéões rudes, boçaes e ignorantes, vamos achar homens illustrados, uteis, bons e afaveis.

—

A freguezia da Marinha Grande foi creada no anno de 1600.

Em 1590, fizeram os moradores da *Marinha* e *Gracia*, um requerimento ao bispo de Leiria, D. Pedro de Castilho, pedindo licença para se poder dizer missa na ermida de Nossa Senhora do Rosario, que tinham construido no logar da Marinha, o que o prelado concedeu, mediante a licença do cura da freguezia de S. Thiago, de Arrabalde da Ponte, a que estas aldeias pertenciam.

No anno seguinte, o mesmo bispo constituiu a Marinha em freguezia independente, ficando a fabrica da egreja, capella, sachristia e casa do cura á obrigação dos freguezes, que taxaram ao seu parocho 70 alqueires de trigo e 10 de segunda; além d'isso, cada fogo dava 1 quartão de vinho (depois davam 30 réis por elle). Mas sob a condição de que vindo a ser os fogos mais de 80, lhe accrescentariam o salario.

O bispo ficou com o direito de apresentação, e dava ao cura 3$000 réis em dinheiro.

A primittiva capella de Nossa Senhora do Rosario, ficou sendo a egreja parochial da nova freguezia, até ao anno de 1804, em que a demoliram, para se construir a actual.

Cumpre notar que o *Portugal Sacro e Profano*, dá ao parocho d'esta freguezia (como vimos no principio d'este artigo) 120$000 réis de rendimento, e o *Couseiro*, diz que o povo dá ao parocho 150$000 réis, de congrua, e ao coadjutor 40$000 réis.

No altar-mór da egreja, está a imagem da padroeira, em um nicho de pedra, dourado.

Tem mais quatro altares lateraes.

Ha n'esta freguezia as capellas seguintes:

S. Pedro de Muél—só existem d'esta ermida as ruinas da capella-mór, sobre uma rocha; e parte do altar, que era de pedra e cal. Foi destruida pelo mar.

S. Pedro—no mesmo sitio da antecedente, porém mais para a terra, está outra capella, que se construiu depois da demolição da primeira, e da sua mesma invocação. N'ella estão as imagens de Nossa Senhora da Piedade e de S. Pedro, apostolo, que estavam na outra.

Senhor Jesus dos Afflictos—fundada em 1861, proximo e ao S. da povoação da Marinha Grande, junto ao cemiterio, que foi benzido em 1857.

Foi a capella benzida, em 9 de abril de 1865, pelo missionario *Luiz Prosperi*, italiano; e no mesmo dia se celebrou n'ella missa, pela primeira vez.

Em 1866, se instituiu n'esta capella uma irmandade intitulada do *Senhor Jesus dos Afflictos*, composta logo de 228 irmãos, que voluntariamente se encarregaram da fabrica e da capella.

Em 2 de fevereiro do mesmo anno de 1866, se collocou aqui a veneranda imagem do mesmo Senhor Jesus, e n'esse dia se lhe fez a primeira festa.

Capella do Engenho—existiu até á invasão franceza, sendo então queimada pelas hordas de Bonaparte.

Não se sabe qual era o seu orago.

Era fabricada pela administração do pinhal de Leiria, e tinha um capellão, pago á custa da mesma administração. Depois de incendiada a ermida, passou a capellania para a egreja parochial por alguns annos; mas acabou.

Santa Barbara—feita no logar de Gracia, feita pelos seus moradores: D. Diniz de Mello, bispo de Leiria, lhe deu licença para n'ella se dizer missa, em 1635.

No territorio d'esta freguezia, cáe parte do *pinhal d'el-rei*, que começa na *lagôa Sapinha*, que está á borda do *aceiro*, e chega até á *Vieira* e freguezia de *Carvide*. (Vide *Sapinha* e *Vieira*.)

Por este sitio da Marinha Grande, se lançou fogo ao pinhal, em 1645, o que causou grande prejuizo ao estado. Tiraram-se tres *devassas* (o provedor uma, o juiz de fóra outra e o guarda-mór dos pinhaes, outra) com insignificante resultado.

Sendo bispo de Leiria D. Martim Affonso Mexia, e guarda-mór dos pinhaes, Jorge da Silva da Costa, se tornou a lançar fogo no mesmo pinhal, que causou tambem enormes prejuizos nas arvores. Veiu um desembargador devassar; porém, como se disse, o bispo e guarda mór foram os incendiarios, e nada resultou.

—

Dependentes da *administração das mattas do reino*, ha aqui quatro estabelecimentos, um dos quaes é muito importante:

1.° Fabrica resinosa.
2.° Fabrica de resinagem.
3.° Estaleiro para injecção de madeiras.
4.° Serraria mechanica.

A fabrica resinosa, só produzia pêz e alcatrão. Depois tratou-se de destilar o alcatrão, para produzir agua-ráz e agua-russa; mas esta ultima encontrava pouca sahida nos mercados.

Esta fabrica comprehende a officina dos cylindros, com um apparelho de 8 cylindros, 10 fornos de pêz (como os francezes) para aproveitar os residuos do tratamento fabril da terebintina e 10 fornos *raguzanos*.

Em 1858, lembrou-se o sr. Bernardino José Gomes, zeloso e intelligente empregado da administração geral das mattas (depois do sr. Sebastião Bettamio de Almeida) de tentar algumas experiencias, com o maior segredo, para extrahir a resina, tão bem lhe sahiram, que sendo logo apresentados os productos d'estas experiencias no ministerio das obras publicas, e a alguns commerciantes, foram todos concordes na approvação dos mesmos productos e nos elogios ao sr. Bernardino José Gomes. Continuou as experiencias em 1859, já então auctorisado pelo governo, e se principiou a erigir, sob a sua direcção, um dos edificios que deviam servir para a fabrica de resinagem.

Esta fabrica tem já dois edificios de boa apparencia, com mais de 20 tanques para a gemma, com a capacidade de 8.400 litros cada um, e um poço artesiano.

A administração das mattas propôz ao governo (attendendo ao interesse que resultaria para o estado e para a povoação) o desenvolvimento da nova industria; para o que pedia que fosse uma commissão, de pessoas competentes, visitar os mais importantes estabelecimentos resinosos do sul da França.

Consultando o governo o consul portuguez em Nantes (José Manuel do Nascimento) que visitára esses estabelecimentos, nomeou uma commissão, composta dos srs. Manuel Raymundo Valladas, engenheiro, e Bernardino José Gomes, que, em 1861, foram a França, para o fim exposto, dando na volta o competente relatorio.

Desde então datam os progressos da fabrica de resinagem, cujos productos são optimos, e muito procurados por nacionaes e estrangeiros.

Estes productos, sendo examinados por mr. Dives, distincto chimico, em Mont de Marsan, ficou tão surprehendido ao ver a riqueza da gemma, e a perfeição com que d'ella se extrahiam os seus productos, que não só confessou serem superiores aos da França, mas até declarou, que nunca vira gemma tão rica em oleo, e que no mercado

competiria vantajosamente com todos os productos europeus d'aquelle genero; porque os de Veneza e Chio não eram mais bellos.

Mr. Chartes de Troyat (de Bayona) arrendatario das mattas do estado, denominadas *Dunas do Sul*, fallando dos productos d'este genero, da Marinha Grande, diz: (traducção.)

«É penoso confessal-o, mas não podemos «competir com os productos de Portugal; «porque são o melhor que se póde encon«trar n'este genero.»

(Vide *Carvide* e *Pinhal de Leiria.*)

A 2 kilometros da Marinha Grande, no sitio de Pedreanes, em 6 de março de 1866, foi inaugurado um alto forno, construido segundo o systema moderno, para fundição de ferro, pertencente á *Companhia de ferro e carvão, de Portugal, limitada.*

Na Marinha Grande ha uma estrada (a primeira construida n'este reino, pelo systema americano, ha mais de 10 annos) que leva os productos das fabricas e as madeiras do pinhal, para o porto de S. Martinho, para d'alli seguirem para Lisboa, Porto e outras direcções.

O logar da Marinha pertencia á freguezia do Arrabalde da Ponte, junto a Leiria.

Em 1590, fizeram os moradores da Marinha e Gracia, um requerimento ao bispo de Leiria, D. Pedro, dizendo que tinham uma ermida, da invocação de Nossa Senhora do Rosario, no logar da Marinha, e pediam licença para n'ella se dizer missa, ao que o prelado accedeu.

Em 1600, a requerimento dos mesmos povos, creou o prelado (ainda D. Pedro) a freguezia da Marinha, desmembrando-a da freguezia do Arrabalde da Ponte.

Ficou ao bispo o direito da apresentação da egreja, e ao povo a obrigação da fabrica da egreja, sachristia e casas do cura. A este taxaram 70 alqueires de trigo, 10 de segunda —e 1 quartão de vinho cada fogo. (Depois, em vez do quartão de vinho, davam 30 réis.) O bispo dava annualmente ao cura, 3$000 réis, e deu para as obras da egreja (das rendas da mesma) 20$000 réis.

Duzentos fogos constituiram a parochia, no seu principio.

Ficou a capella de Nossa Senhora do Rosario, servindo de egreja parochial; porém, com o desenvolvimento da população, foi demolida, pelos annos de 1804, e no mesmo logar da capella, e aproveitando os seus materiaes, se construiu a egreja actual, que, apezar da sua amplidão, ainda é insufficiente para o povo.

(Para não fazer o artigo da Marinha Grande interminavel, vide *Pedreanes.*)

MARINHA (Santa) **DA COSTA**—Vide *Cósta.*

MARINHA—(Vide *Felix da Marinha—São.*) Antigamente denominava se esta freguezia, *São Fins da Marinha.* Ha um documento de 1623, que lhe dá ainda este nome. É uma prova mais de que *Fins* e *Felix*, no antigo portuguez, é uma e mesma cousa.

MARINHA (Santa) **DO TROPEÇO**—freguezia, Douro, comarca e concelho, 10 kilometros ao O. de Arouca, 40 ao S. do Porto, 25 ao S. do rio Douro, 300 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 140 fogos.

Orago Santa Marinha, virgem e martyr.

Bispado de Lamego, districto administractivo de Aveiro.

O papa e o bispo apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 350$000 réis de rendimento.

Esta freguezia está situada na serra dos *Pousadouros*, e em varias das suas ramificações, sendo as principaes, os montes de *S. João, Vergadellas, Ferreiros, Póvoa, Carraceira* e outros. É pois o seu territorio muito accidentado, mas fertil em todos os generos agricolas, produzindo muito e optimo vinho, algum azeite, do melhor do reino. Cria muito gado de toda a qualidade, exportando grande porção de juntas de bois gordos para a Inglaterra.

É terra muito abundante de boas aguas, de fontes e minas, e de varios regatos, que todos desaguam no Arda.

Nos seus montes ha muita caça, e grande creação de colmeias.

A egreja matriz é muito antiga; mas pequena e pobre. Está edificada em uma bacia no alto da serra, em sitio bonito e saudavel.

Tem a capella de S. João, do monte, em um érmo, abaixo da aldeia de Vergadellas.

É povoação muito antiga, pois já era parochia em 900, o que consta de documentos existentes no cartorio do mosteiro cisteriense da villa de Arouca.

É n'esta freguezia a aldeia de *Almançôr*, de que tratei no logar competente, celebre pela sua antiguidade.

Foi habitada pelos mouros, do que ha muitos vestigios de lavra de minas metalicas, tanto no sitio dos *Sete Buracos*, de que já fallei, na palavra *Carraceira*, como pelas margens do rio Arda (vide esta palavra) onde ainda existem varias galerias, e tem apparecido algumas mós, com que os arabes (e talvez mesmo povos anteriores á sua dominação na Lusitania) *moiam* o quartzo, para lhe extrahir as particulas de ouro que continha.

No monte de Fulgosinho, logo abaixo da serra da *Carraceira*, ha uma comprida pedreira de bella calcedonia.

No logar de *Vergadellas*, ha uma grande *anta* celtica, e outras menores no alto dos Pousadouros; o que prova que este territorio já era habitado pelos celtas, ou pelos povos que os precederam, e a que os modernos, não lhe sabendo outro nome, denominam preceltas.

O rio Arda divide aqui esta freguezia da de Santa Christina de Mançôres; o bispado do Porto do de Lamego, e a Terra da Feira da de Arouca.

No logar do *Carvalhal*, d'esta freguezia, está lançada sobre o Arda uma ponte de Alvenaria, de um só arco, mas alta e de boa construcção. Tambem já fallei n'ella, quando tratei do rio Arda. No meio d'esta ponte, podem estar os bispos do Porto e de Lamego, de mãos dadas, e cada um no seu bispado.

MARINHAS—freguezia, Minho, comarca de Barcellos, concelho de Espózende, 30 kilometros a O. de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 380 fogos.

Em 1757 tinha 318 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O cabido da Sé de Braga apresentava o reitor, que tinha 150$000 réis de rendimento.

Está situada perto da costa do mar, e é muito fertil. Cria muito gado.

MARINHAS DE SAL, ou SALINAS em Portugal—A agua salgada sendo recolhida em reservatorios e taboleiros convenientemente construidos, passando de uns para outros, e evaporando se ao ar livre, deposita por crystalisação o sal das cosinhas, ou chlorureto de sodio.

Dá-se o nome de *marinhas* ou *salinas* a estes reservatorios que as aguas salgadas percorrem, para se evaporarem e deporem o sal.

As principaes marinhas do nosso paiz são as de Lisboa, que existem em ambas as margens do Tejo, até ás alturas de Villa Franca ao N., e ao S. até Alcochete; as de Setubal, que orlam ambas as margens do Sado, desde a fôz até Alcacer do Sal; as da Figueira, que comprehendem principalmente as de Lavos e Morraceira; as de Aveiro, que occupam uma superficie de mais de 85 kilometros nas ilhotas e lesirias que formam os esteiros do Vouga em Aveiro, Ilhavo e Esgueira; e as do Algarve, sendo as mais conhecidas as de Almargem, Tavira, Faro e Villa Nova de Portimão.

Os trabalhos da salinação principiam geralmente em junho, fazendo-se principalmente a colheita em julho e agosto. A agua recebida directamente do mar produz mais sal que a dos rios e lagos salgados; por isso as marinhas mais proximas da foz dos rios são mais rendosas, porque é maior a salsugem das aguas. É nas marés vivas de cada mez, que a producção salina é mais abundante, porque vem do Oceano maior porção de agua salgada. Está calculado, que na foz do Mondego 12:523 metros cubicos de agua podem produzir 600 moios de sal; e que para produzir esta mesma quantidade, as marinhas de Aveiro precisam de 14:401 metros cubicos de agua, porque esta é de menor salsugem.

Esta industria é uma grande riqueza para Portugal, porque não só abastece com abundancia os mercados nacionaes, mas

constitue um ramo de grande exportação para paizes extrangeiros, onde o sal das marinhas portuguezas tem muita acceitação.

Ha tambem salinas perto de Rio-Maior e da Batalha. Actualmente pouco ou nada se exploram. É provavel que a agua salgada que se encontra n'estes dois sitios, proceda de depositos subterraneos de sal mineral, que ainda se não descobriram; e não de agua do mar, que fica longe, e mesmo que aqui podesse chegar (que não chega) teria forçosamente perdido as partes salinas pela filtração.

Não podemos admirar-nos de que haja n'este reino depositos de sal mineral, visto que ha varios em Hespanha, sobre tudo nas celebres montanhas de Cardona, cujos productos fornecem uma grande parte da Hespanha.

MARINHOS—antiga freguezia do Minho, ha muitos annos annexa á de Valladares (Santa Eulalia) na comarca e concelho de Monção, arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Foi solar dos *Marinhos* portuguezes—que lhe deram o seu nome.

Marinho é um appellido nobre em Portugal. Veio de Galliza, e alli tomado por alcunha. O primeiro que em Portugal appareceu com este appellido, e que veio da Galliza estabelecer-se n'este reino, é D. Affonso Paes Marinho. Suas armas são—em campo de prata, 4 faxas azues, ondeadas. Elmo de aço aberto, e por timbre, uma sereia, com cabéllo de ouro.

Os Marinhos oriundos da extincta freguezia de Marinhos, trazem por armas—em campo verde, 5 flores de liz de prata, em aspa, elmo de aço aberto, e por timbre, uma sereia da sua côr, com cabéllo de ouro.

Outros do mesmo appellido usam—em campo verde, 5 flores de liz de prata, em aspa, e por baixo d'ellas 3 faxas de ondas de azul e prata. Elmo de aço aberto, e timbre a sereia das armas antecedentes.

Ainda outros Marinhos trazem por armas—em campo de prata, 3 ondas de azul, em faxa—timbre e elmo o mesmo.

Finalmente, outros usam—em campo azul, 5 meias flores de liz, de ouro, em aspa. O elmo e timbre como o das antecedentes.

MARIZ—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 24 kilometros ao O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 35 fogos.

Orago Santo Emilião.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Esteve por muitos annos annexa á freguezia de Creixomil.

Em Mariz ha uma fonte de agua mineral, que se applica com bom resultado para varias molestias do estomago. E' tão adestringente, que cura quasi sempre o fastio. (Vide *Fragoso*.)

O reitor do convento de Villar de Frades (de conegos de S. João Evangelista — denominados — *os bons homens de Villar*) apresentavam o vigario, que tinha 20$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia fica contigua ás de *Fragoso* e *Creixomil*.

E' povoação antiquissima, e d'ella procede o nobre appellido de *Mariz*.

Lopo de Mariz, que é o tronco das familias d'este appellido, tinha o seu solar no *Paço de Mariz*.

Antonio de Mariz, filho de Affonso Lopes de Mariz, e neto d'aquelle Lopo, residia em Villa do Conde. Requereu brazão d'armas, que Philippe IV lhe mandou dar, em 14 de setembro de 1634. Foi construido da maneira seguinte:—em campo azul, 5 vieiras de ouro, em cruz, realçadas de negro, apparecendo por entre as suas pétalas, quatro folhas verdes em cruz — elmo de aço aberto, e por timbre, meio leão azul, lampassado de púrpura, com uma das vieiras na cabeça.

A casa do Paço de Mariz, passou depois a ser morgado, dos Ferreiras.

MARKÊTA—tributo infame que se pagava no tempo do feudalismo, em algumas nações da Europa, principalmente nas Gallias e na Germania, sendo quasi geral nas margens do Rheno, pelos margraves, burgraves, e landgraves das cidades e castellos das suas margens. Consta que na Escocia tambem existia o direito da *markêta*, que o catholi-

co rei Malcolm aboliu em 1090, substituindo-o por o imposto de 400 réis em dinheiro.

Diz-se que este tributo tambem era usado nas ilhas Canarias (as *Fortunadas* dos antigos) mas que foi prohibido desde que os hespanhoes tomaram estas ilhas.

O tributo de *markêta*, consistia no direito que tinha o senhor da terra, de dormir com a noiva do colono, servo ou emphiteuta, na primeira noite de casamento d'elles.

Não ha um só documento que prove com evidencia ter existido em Portugal este *direito* immoralissimo; e nem a *Historia dos Gôdos* falla d'elle senão como tradição de cousa já passada. É pois de suppôr que nunca existiu na Lusitania, a não ser sob a dominação agarena, e isso mesmo não consta de documento digno de fé.

Ha porém varias lendas sobre este abominavel direito. (Vide Cardiellos, a pag. 106, col. 2.ª do 2.º vol.)

MARMELLAL vulgarmente **MARMELAR**—freguezia, Alemtejo, comarca de Cuba, concelho de Vidigueira, 45 kilometros de Evora, 130 ao SE. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 36 fogos.

Orago Santa Brisida.

Bispado e districto administrativo de Beja.

(O seu primeiro orago foi Santa Maria.)

Os condes de Valle de Reis apresentavam o prior, que tinha 400$000 réis de rendimento.

É terra muito fertil, sobre tudo em cereaes.

Provem-lhe o nome de haver aqui muitos marmelleiros, pelo que se deve dizer *marmellal* e não *marmelar*.

MARMELLAL—nome primittivo da actual villa de Portel. (Vide Portel.)

MARMELAL—vide *marmellal*.

MARMELLEIRA—freguezia, Beira Alta, comarca de Santa Comba Dão, concelho e 12 kilometros de Mortágua, 25 de Coimbra, 230 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 44 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Viseu.

Os duques de Cadaval apresentavam o prior, que tinha 300$000 réis de rendimento.

É terra muito fertil. Muito gado de toda a qualidade e caça.

Proximo e ao N. do logar da Marmelleira está o Sanctuario de Nossa Senhora do Carmo, cuja origem consta ser a seguinte:

O padre Sebastião do Monte Calvario, era prior da Marmelleira, pelos annos de 1600. Era um varão de muita sciencia, de comportamento exemplarissimo e eminentemente caritativo, pois tudo quanto adquiria era por elle repartido com os necessitados.

Tentou edificar um mosteirinho, dedicado a Nossa Senhora do Carmo, onde vivesse uma pequena communidade de religiosos carmelitas calçados, e para o qual obteve licença dos respectivos prelados.

Edificou uma egreja sufficiente, claustro, dormitorio e mais officinas necessarias; pretendendo renunciar o seu priorado em beneficio do mosteiro.

Era porém padroeiro da egreja de S. Miguel, o conde de Odemira, que, depois de estar o edificio do mosteiro já concluido, não consentiu em perder os rendimentos do padroado, em favor dos religiosos. Como estes não podessem viver sem rendimentos, e o mosteiro não tinha outros, porque o prior tinha dispendido todos os seus haveres n'esta construcção, ficou o mosteiro deshabitado.

O bom prior erigiu então aqui uma irmandade da mesma invocação de Nossa Senhura do Carmo, com seus estatutos, que em pouco tempo conteve grande numero de irmãos; não só da freguezia, mas tambem da villa de Mortágua e de outras freguezias:

Faz-se a festa da Senhora, no proprio dia, que é a 16 de julho de cada anno.

Em 5 de novembro se faz um anniversario por todos os irmãos fallecidos.

—

Ha tambem n'esta freguezia o Sanctuario de Nossa Senhora da Ribeira, a pouca distancia da aldeia da Marmelleira, e nas margens de uma caudalosa ribeira, a que a capella deve o titulo.

A imagem de Nossa Senhora é de pedra, de uns 30 centimetros de altura, com o Menino Jesus no braço esquerdo, offerecendo-lhe com a mão direita um raminho de fructos.

Ignora-se quando esta capella foi fundada; mas sabe-se que já existia em 1645, e que foi reedificada e ampliada em 1747.

Nossa Senhora da Ribeira é objecto de muita devoção para os povos d'estes dias.

MARMELLEIRO—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho da Certan, 60 kilometros do Crato, 165 ao SE. de Lisboa, 200 fogos. Em 1757 tinha 53 fogos.

Orago Santo Antonio de Lisboa.

É uma das freguezias do grão-priorado do Crato, actualmente annexa ao patriarchado—districto administrativo de Castello Branco.

O grão-prior do Crato apresentava o cura, que tinha 50$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra fertil.

MARMELLEIRO—freguezia, Beira Baixa, concelho, comarca e 18 kilometros da Guarda, 315 ao E. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 400 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

A mesa da consciencia apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra fertil. Muito gado e caça.

MARMELLEIRO — aldeia, Extremadura, proximo á cidade de Thomar, a cujo concelho e comarca pertence. É prelasia de Thomar, hoje annexa ao patriarchado. Districto de Santarem.

Nada tem de notavel esta aldeia, senão o ser patria de *Simão Gomes (o sapateiro santo.)* Aprendeu na sua juventude o officio que lhe deu o cognome. Era um varão adornado de todas as virtudes christans. Exerceu por 14 annos o emprego de guarda da universidade de Evora. Por varias vezes o rei lhe quiz melhorar a condição, porém Simão preferiu sempre a que tinha, apesar da humildade d'ella, e em razão da humildade d'elle.

Morava, em Evora, na *Rua Nova*, em uma casa que, por ficar debaixo do *aqueducto da prata*, chamam *da Cóva*. D'esta o *desenterrava* muitas vezes o rei D. Sebastião, chamando-o ao paço, e ao concelho de estado, para ouvir o seu voto nas materias de maior peso; porque era tanta a luz que Deus lhe tinha communicado, que, não só nas materias theologicas, mas tambem nas politicas, eram os seus discursos superiores a todas as sciencias humanas, e as suas razões, o assombro dos maiores lettrados do seu tempo.

Diz o padre mestre, Manuel da Veiga (*Vida do beato Simão Gomes*) que o seu biographado tinha o dom da prophecia, e que annunciou a perda de el-rei D. Sebastião, na Africa, a dominação dos Philippes e a acclamação de D. João IV; com tanta individualidade, que não omittiu a menor circumstancia.

Os infantes D. Henrique e D. Luiz (filhos de D. Manuel e irmãos de D. João III) fizeram levar para Lisboa ao *sapateiro santo*, para se aproveitarem dos seus acertados conselhos. Morreu em Lisboa, a 18 de outubro de 1576, e foi sepultado na egreja de S. Roque, hoje Misericordia.

MARMELLETE—freguezia, Algarve, comarca de Silves, concelho e 12 kilometros ao O. de Monchique, 65 ao N. de Faro, 3 ao O. da Foya, 195 ao S. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1757 tinha 225 fogos.

Orago Nossa Senhora da Encarnação.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

A mitra apresentava o cura, que tinha 390 alqueires de trigo, e 90 de cevada.

É terra muito fertil em todos os generos agricolas, principalmente em cereaes. Cria muito gado de toda a qualidade, e nos seus montes ha muita caça, grossa e miuda.

A situação d'esta freguezia, posto seja muito accidentada, pois é na serra, é todavia muito amena, saudavel e abundante de boas aguas, causa da sua fertilidade. Ha n'esta freguezia muitas vinhas, que produzem abundancia de optimo vinho. Ha tambem aqui grande producção de castanhas.

Tem a freguezia varios casaes, espalha-

dos. A egreja matriz está dentro da aldeia de Marmellête.

A freguezia confina a O., com Aljezur—ao N., com a provincia do Alemtejo—a E., com Monchique—e ao S., com a Mexilhoeira.

MARMELLOS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

São tres pequenas freguezias unidas—esta, *Barcel* e *Valle Verde*. Vide *Barcel*, a pag. 325, col. 2.ª (no fim) do 1.º vol.

MARMOIRAL—(corrupção de *Memorial*) logar, Douro, na freguezia de Villa-Bôa do Bispo, comarca e concelho do Marco de Canavezes.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Está este antigo e célebre monumento, erguido em uma bouça, ao N. da estrada que vae do logar da *Ermida* para o da *Cadeada*.

É um arco ogival de 3m,60 de altura, assente sobre quatro degraus, e coroado com uma cimalha, com seus lavores, a qual se acha alguma cousa arruinada.

Já fallei n'este monumento, no artigo pertencente ao *Marco de Canavezes*, quando tratei da freguezia de Santa Maria de Villa Bôa do Bispo, e das opiniões que havia quanto á origem e applicação do *marmoiral*; mas agora accrescentarei que, de um documento, de 1152, consta que é o tumulo de um cavalleiro, chamado *D. Sousino Alvares*, alcaide-mór do castello da Bugéfa.

Para evitar mais repetições, vide *Bugéfa*, a pag. 503, do 1.º vol.

MARNEL—campo alagadiço, lagôa, paúl, pantano, pateira, etc.; tambem se chama *marnoceiro*, ao barqueiro, ou pescador dos marneis.

Dão-se estes nomes aos terrenos cobertos de agua, mas com tão pouca altura, que por elles só podem navegar pequenos barcos, ou bateiras.

Nas cortes de Lisboa, de 1434, manda o rei (D. Duarte) que não paguem dizima, nem redizima de peixe, *os que andam em as barcas de pasageens, e* marnoceiros, *e outras muitas pessoas, que suyam* (costumam) *de servir por galiotes.*

O marnel mais notavel em Portugal, é o seguinte, que por isso descrevo em artigo especial.

MARNEL—lagôa célebre, Douro, na freguezia de Macinhata do Vouga, proxima á antiquissima villa de Serem, na comarca e concelho de Agueda.

Bispado e districto admininistractivo de Aveiro.

(Vide *Macinhata do Vouga.*)

Existe esta lagôa na estrada de Lisboa para o Porto e provincias do norte, e é atravessada pela *ponte do Marnel*

—

Houve aqui em tempos antigos a villa chamada de *Lamas*, ou do *Marnel*, cujas ruinas ainda hoje se vêem, ao S. das ruinas do antiquissimo mosteiro de *Santa Maria de Lamas*, ou *Santa Maria do Marnel*, pois tambem se lhe davam ambos os nomes.

Na villa existiram os paços dos nobres e famosos *senhores do Marnel* (vide Feira) que tantos e tão assignalados serviços prestaram a Portugal durante os reinados dos nossos primeiros monarchas; os de Fernão Gonçalves do Marnel e depois de sua filha, D. Thereza Fernandes do Marnel, e de sua sobrinha, D. Flamula; os de D. Enderquina Pala, e os de outros nobres cavalleiros.

Os Souzas do Marnel, eram dos mais nobres fidalgos d'este reino. Descendiam dos reis de Leão e d'esta familia tratam—a *Hist. Gen. da Casa Real*—o *Theat. Gen da Casa de Souza*—*Mon. Lus.* part. 3.ª, L. 11, cap. 10.º, pag. 317 e 320—*Benedict. Lus.*, tom. 2.º, tract. 1.º, part. 1.ª, cap. 18—*Flores de Hesp.*, e outros muitos livros.

No tempo do conde D. Henrique, e de seu filho, D. Affonso Henriques, era a villa do Marnel a mais notavel d'estes sitios.

Deduz-se isto, de uma doação feitá á egreja de Santo Izidoro de Eixo, em 1095, pelo *famulo de Deos*, Zoleima Gonçalves—*pro tolerantia Fratrum, et Monachorum, qui ibi-*

dem habitantes fuerint, et Vita Sancta perseveraverint. (Doc. de Lorvão.)

N'esta doação se declara que a egreja de Eixo ficava—*subtus Civitatis* Marnelæ, *discurrente rivulo Vouga, territorio Colimbriæ.*

(Eixo fica effectivamente *abaixo* do Marnel, 12 kilometros ao O.)

—

O conde D. Gonçalo Mendes, filho da célebre condessa Mumadona, em 981, doou ao mosteiro de Lorvão, varias povoações e egrejas, e entre ellas—*a sua villa de Lamas, junto ao Vouga.*

(Livro dos testamentos de Lorvão, n.º 28.)

Por esta doação, consta que a villa de Lamas[1] partia com as villas de *Palaciolo, Padasanes, Belli* e *Christovães.*

A *villa de Palaciolo,* parece ser o actual logar do *Paço,* conjuncto ao de *Brunhido* (antigamente *Brunhêdo.*)

Palaciolo, na baixa latinidade, significava—pequeno palacio—paçosinho.

N'este logar do Paço, ainda hoje ha uma quinta, com casa nobre, pertencente ao sr. dr. Joaquim Alvaro Telles de Figueiredo Pacheco, da Aguieira.

Consta da historia, que o infante D. Pedro, conde de Barcellos (o auctor do *Nobiliario*) filho bastardo do rei D. Diniz, tinha uma quinta em Brunhido no, de tinha os seus paços, em que residiu algum tempo, contrahindo d'aqui mesmo um emprestimo de libras 100:000, portuguezas, que lhe emprestou uma senhora de Tolêdo (que por esse tempo tambem residia n'este logar) chamada D. Thereza Annez.

Ha toda a provabilidade para crer, que a quinta que foi do infante D. Pedro, é a mesma que hoje pertence ao sr. dr. Telles de Figueiredo.

Este infante teve grande estado e casa, de bens da corôa (que lhe déra seu pae). Por sua morte, doou D. Pedro os seus bens de Eixo, Requeixo e Lamas, ao mosteiro de S. Thyrso.

—

A villa de *Padasanes,* é a actual *Pedações.*

A villa de *Belli,* está hoje reduzida á pequena aldeia de *Bêlhe,* que tinha sido comprehendida na doação que o conde D. Henrique e sua mulher fizeram do mosteiro de Lorvão, á Sé de Coimbra.

Vem esta doação na *Noticia historica do mosteiro da Vaccariça,* publicada pela academia real das sciencias, a pag. 35.

Entre as terras doadas se vê—*Villam de Palos* (hoje aldeia de Péus) e *Belli.* Note-se que antigamente na lingua portugueza, *ll* valia *lh,* como na Hespanha; portanto, já antigamente Bêlhe se pronunciava como hoje.

A villa de *Costovães,* era tambem da corôa, e pertencia á casa da *Trófa.*

Teve a villa do Marnel, ou Lamas, por donatarios, grandes personagens, e o monte do Marnel era realengo (reguengo—ou da corôa) como se vê nas *Inquirições* de D. Affonso II, L. 2, pag. 120—col 1.ª, § 1.º, na Torre do Tombo.

Em 1384, D. João I doou a villa do Marnel, e outras, a Gonçalo Vasques Guedes. (*Mon. Lus.*, part. 5.ª, pag. 174, tom. 8.º, cap. 23.)

Em 1759, pertencia aos duques de Aveiro, (*Pegas,* tom. 2.º, pag. 672 e 739) sendo então confiscada para a corôa, como tudo quanto pertencia a esta desgraçada familia.

A velha ponte do Marnel é antiquissima.

Era a villa do Marnel acastellada, segundo se vê da doação que Pero Paes e sua mulher, Gelvira Nunes, fizeram aos *monges* e *clerigos* do mosteiro de Lorvão, em 1121, da sua villa de *Pinheiro* (hoje aldeia da freguezia de S. João de Loure.)—Diz a doação—*et in confinitate* Castelli Marnelis, *inter fluvium Vougam, et montem qui dicitur Meiçom-frio.* (Doc. de Lorvão, transcripto por Viterbo na palavra—*Cidade, 3.ª*, a pag. 191.)

Era pois o monte do *Marnel,* com o seu

[1] Note-se que *lamas,* é tambem synonimo de *marnel.*

castello, um ponto militar, no principio da nossa monarchia; e aqui, segundo a tradição e varias memorias, têem havido, desde remotas eras, cêrcos e batalhas.

Em 791, Bermudo I, cedeu o reino de Oviedo, a D. Affonso, o *Casto*[1].

Em 794, expirou a paz (o armisticio) que seu antecessor tinha feito temporariamente com os mouros, e estes romperam logo as hostilidades contra os christãos, invadindo as Asturias com forças consideraveis. O rei os seguiu até Lugo, onde os desbaratou, entrando os christãos triumphantes na Lusitania, pelo N. d'este reino; em quanto Carlos Magno, rei de França, invadia pela Catalunha, os reinos mouriscos da Peninsula.

Em 811, Bernardo del Cárpio, sobrinho de D. Affonso *o Casto*, um dos mais bravos cavalleiros d'aquelle tempo, e o heroe legendario, de quem ainda hoje as Hespanhas se ufanam, e que no tempo de tantos guerreiros illustres soube merecer o nome de *Grão Capitão*, espantava a Europa com a fama das suas acções homericas.

Em quanto Bernardo del Cárpio destruia na batalha de Benavente, o exercito de Omar, rei de Mérida, a quem, por suas proprias mãos degolou no combate—Ali-Aton, rei de Córdova, entrava pela Lusitania, tomando muitas praças de guerra, que entregava a Al-Cama, rei de Badajoz. Este, poderoso com as novas conquistas, pôz cêrco a Samora; porém Bernardo del Cárpio, o ataca inopinadamente, matando-o na acção, e anniquilando todo o seu exercito.

Em 812, Ali-Aton, querendo vingar a morte de Al-Cama, corre com dois exercitos, um sobre Castella, outro sobre a Lusitania, entrando pelo Alemtejo, para conquistar e destruir a Galliza. Aquelle, foi vencido pelo rei, junto a Orense, e este por Bernardo del Cárpio, na batalha de Valle de Mouro, na comarca e concelho de Trancoso.

Fugidos os mouros, da região que estanceia entre o Minho e o Douro, tratou o rei D. Affonso de povoar este territorio; para o que trouxe das Asturias e Galliza muita gente. Passou o Douro, em busca dos mouros, que encontrou no Marnel, onde se deu uma terrivel batalha, na qual os mouros foram derrotados. (*Catalogo dos bispos do Porto*, por D. Rodrigo da Cunha, part. 1.ª, pag. 199 e 283.)

D. Affonso, segue os mouros na sua retirada, até Lisboa, que toma e saqueia.

Em 824, morreu D. Affonso *o Casto*, succedendo-lhe (como já disse) D. Ramiro I, que não quiz pagar aos mouros o infamante *tributo das cem donzellas*. (a que o infame usurpador Mauregato se tinha obrigado em 783, para que os mouros de Córdova o ajudassem a usurpar o throno.)[1]

Os mouros invadiram a Lusitania, pelo Sul, para obrigar o rei christão a pagar-lhe o ominoso tributo. D. Ramiro atravessa o Douro, dá uma pequena batalha no Marnel, e vence em Coimbra o rei mouro Al-Hamar, e assim termina a guerra e o tributo.

—

Outras muitas batalhas aqui tiveram logar, das quaes apenas resta a tradição.

Em nossos dias (28 e 29 de junho de 1828), os generaes liberaes, Saldanha, Villa-Flôr, Stubbs e outros, esperam a divisão realista do general Póvoas, nas formidaveis posições do Marnel e Vouga, e depois de renhida batalha, os liberaes retiram para Grijó, e d'ahi para o Porto. Em resultado d'esta derrota, aquelles generaes e os membros da junta revolucionaria do Porto, embarcam a bordo de um navio britannico (o mesmo que os tinha trazido) e fogem para a Inglaterra.

Desde então, mais nenhuma batalha se tem ferido n'estes sitios.

—

Alguns varões illustres nasceram na villa do Marnel, e seu termo.

Os principaes, de que ha noticia, são:

Ayres Manuel, eremita. Nasceu na villa do

[1] Foi cognominado *o Casto*, por não querer co-habitar com sua mulher; pelo que, não tendo herdeiros, passou a corôa em 824, a D. Ramiro I, filho de D. Bermudo I, que elle nomeára seu successor.

[1] Mauregato, era filho bastardo de D. Affonso, o catholico, e de uma escrava. Usurpou a corôa, que pertencia a seu sobrinho, D. Affonso, filho de D. Fruela I. Mauregato era irmão (pelo pae) do célebre infante e grande capitão *Wimarano*.

Marnel (então intitulada cidade), pelos annos de 1070, sendo rei de Portugal e Galliza, o infeliz D. Garcia, filho de D. Fernando III (o Magno) rei de Castella (Vide Alfaiates, villa) e foi contemporaneo do nosso conde D. Henrique.

Casou com *Argira*, de quem teve o beato Martinho, do qual abaixo tratarei.

Morrendo sua mulher, que muito amava, se retirou a um sitio aspero e inhabitavel, proximo do Marnel, chamado *monte Aurunche*, e ahi terminou seus dias no retiro e com as maiores austeridades. Consta que o seu passamento foi a 28 de maio de 1130 (no mesmo anno em que morreu a rainha D. Thereza, mãe de D. Affonso Henriques.)

—

O beato Martinho, prior de Soure, filho de Ayres Manuel e de Argira. Foi educado no convento de Santa Cruz de Coimbra, onde professou.

Feito prior da villa de Soure, tomou conta da sua egreja, quando ainda havia pouco tempo que os mouros a tinham saqueado e destruido; pelo que o santo varão soffreu muitos trabalhos para occorrer ás necessidades dos seus parochianos, a quem soccorria com esmolas que pedia em outras partes, e com os quaes despendia os seus minguados rendimentos.

Em uma *entrada* que aqui fizeram os mouros, ficou captivo, e foi levado para Santarem e depois para Evora. D'alli o passaram para Sevilha, e d'esta cidade para a de Córdova.

Em todas estas partes, animou e confortou os captivos christãos, e n'estes trabalhos falleceu, no dia 13 de janeiro. Não se sabe o anno do seu fallecimento; mas suppõe-se ser entre 1140 a 1145.

Foi contemporaneo de S. Geraldo, arcebispo de Braga; do abbade João Cirita; e de S. Theotonio, 1.º prior de Santa Cruz de Coimbra.

Tenho minhas duvidas sobre a naturalidade d'estes dois varões. Fr. Antonio Brandão (*Mon. Lus.*, part. 3.ª, cap. 18, pag. 209) diz, que era natural do *monte Aurunche, acima do logar de Osséloa, termo do Marnel.*

Devemos notar, que por estes sitios não ha povoação alguma que se chame Osseloa, ou outro nome parecido com este. De mais a mais, se seu pae se *retirou ao monte Aurunche*, só depois de enviuvar, como é que teve alli aquelle filho?

Parece-me que se poderia dizer, sem grandes receios de errar, que Martinho nasceu em *Ossella*, freguezia do Douro (cujo orago é S. Pedro) no concelho e comarca de Oliveira de Azemeis, de cuja villa dista 3 kilometros a E.

Esta freguezia é tambem povoação muito antiga, como se verá no logar competente, e é celebre por uma grande batalha que alli se deu, em 996, contra Al-Mançor, rei mouro de Cordova. (Diz-se que dos muitos cadaveres que então ficaram insepultos, cuja carne as aves de rapina, animaes ferozes e o tempo devoraram, existiram por muitos annos, milhares de *ossadas* por estes sitios, e que d'esta circumstancia é que á povoação se ficou chamando Ossella; mas, se os ossos, despojos de uma grande batalha, deram o nome á terra, foi essa batalha muito mais antiga, e dada entre lusitanos e romanos, pois Ossella ja tinha este nome no anno 14 da era christan. *Epit, de las hist. port.*, pag. 209.—Vide Ossella.)

Esta Ossella, fica uns 16 kilometros ao N. do Marnel, e nunca podia ser do seu termo, pois o foi desde remotos tempos, até então e ainda mais de 500 annos depois, do da *cidade de Santa Maria*, hoje villa da *Feira.*

Proximo a Ossella estão as serras de *Penhão*, de *Vermuim*, da *Coelhosa* e de *Cambra*, todas *agrestes* e penhascosas. Talvez que a alguma d'ellas se desse por aquelles tempos o nome de *Aurunche.*

—

Tratarei agora do célebre *mosteiro de Santa Maria de Lamas, ou do Marnel.*

Estava situado em um dos valles das margens do Vouga, chamado *Valle de Marnel*,

onde havia uma ponte, ha poucos annos abandonada, para utilidade da nova estrada real a mac-adam, que de Lisboa vae para o norte, e sobre a qual se construiu, em 1859, a nova *ponte do Marnel.*

Pouco acima da ponte velha, na encosta esquerda do monte que fica ao lado d'este valle, em uma elevação, se vêem ainda hoje os restos venerandos d'este famoso mosteiro.

A sua egreja constava de espaçosa capella-mór, com uma janella para o sul, e uma porta lateral para a sachristia. Das paredes do corpo da egreja só existem as duas lateraes, porque a da frente, com a porta principal, e o arco cruseiro, foi demolida ha poucos annos. Era de architectura gothica.

Estas ruinas desertas e abandonadas, tristes e caladas testemunhas da fé e esperança dos antigos portuguezes, revelam ainda, pela sua amplidão e sumptuosidade (para aquelles tempos) que foram obra de um braço poderoso.

Segundo consta, foi fundado por uma senhora chamada *Enderquina Pala*, ou por algum seu ascendente ; pois que esta dama, em 961, doou ao mosteiro de Lorvão, *a sua egreja de Santa Maria de Lamas do Marnel.* (*Livro dos testamentos*, de Lorvão n.º 60.)

O conde D. Gonçalo, filho da condessa Mumadona, tambem (em 981) doou ao mosteiro de Lorvão, a sua villa de Lamas, junto ao Vouga, e outras. (Ibid., n.º 28.)

Em uma lapide que estava embutida na parede d'esta egreja, por detraz da porta travessa, se via uma inscripção gothica, que dizia que a mesma egreja havia sido sagrada pelo bispo de Coimbra, no anno de 1170 da *Encarnação* (de Jesus Christo.)

> Não é provavel que esta egreja estivesse por sagrar 209 annos, desde a doação de Enderquina (961 a 1170.)—É mais de suppôr, que estando arruinada, os monges de Lorvão a mandassem reedificar por aquelle tempo.

Para evitar aos leitores a fastidiosa leitura do latim de frades, d'aquelle tempo, darei sómente a sua traducção. Os que desejarem vêr o original, consultem as *Memorias para a historia da legislação e costumes de Portugal*, por Antonio Caetano do Amaral, mem. 4.ª, not. 130 e 216. — *Theatro gen. da da casa de Sousa*, pag. 137—*Elucidario*, de fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo, verb. *Igreja—o Sanct. Mar.*, e outros escriptores.

Eis a inscripção traduzida :

O bispo de Coimbra, D. Miguel, sagrou esta egreja, no anno de 1170, (de Jesus Christo) *em dia dos santos martyres, Gordiano e Epimacho, em honra da Santa Virgem Maria, a instancias* [1] *de Veremundo, presbitero, reinando D. Affonso, filho do conde D. Henrique e da rainha D. Thereza. Nos altares d'esta egreja existem muitas reliquias dos sepulchros da Virgem Maria e de Nosso Senhor Jesus Christo, e dos santos Felicissimo, Agapito, Sebastião e Marinha : e quem isto escreveu viva eternamente.* [2]

> O *Santuario Marianno* traz o original (mas escripto em caracteres romanos) e a traducção que deu acima ; mas cumpre notar que no letreiro não diz a quem pertencem as reliquias : só diz que existem. *Reliquiae habentur.*

A lapide que contem esta inscripção, ainda existe na nova villa de Lamas.

Quando fr. Agostinho de Santa Maria escreveu o Sanctuario Marianno (1712) já nenhuma das reliquias existia, e só existia a tradição de terem alli estado.

Esta egreja estava edificada sobre uma rocha, e tanto ella como a de Santo *Isidro*, (Isidóro) de Eixo, eram egrejas *monasteriaes* (de conventos) e as mais antigas d'estes sitios.

[1] No original diz-se «per manus Veremundi»—O *Sanctuario Marianno*, traduz—«a instancias de Veremundo»—quando talvez fosse melhor traduzir ao pé da lettra —por mãos de Veremundo»—porque o bispo D. Miguel lhe daria commissão para benzer esta egreja.

[2] Aqui, por *viva eternamente*, (vivat in aeternum) não significa *ser eterno, não morrer;* mas sim *salvar-se, viver na gloria eterna.*

Durante a dominação agarena, muitos christãos davam os seus bens ás egrejas, e n'ellas viviam em commum; por isso, muitas d'estas egrejas e conventos chegavam a ser muito ricas, possuindo muitos bens de raiz, escravos, gados, etc., o que passava aos herdeiros. (Vide *Padroeiros.*)

Ainda hoje se vê o antigo passal, em roda da egreja, comprehendendo uma planicie no *Valle do Marnel*, e terrenos mais altos occupados por um bom pinhal. Tudo isto (que foi a antiga cêrca do mosteiro) constitue o passal do actual prior da nova egreja de Lamas (emquanto o governo o não mandar pôr em praça, e reduzir a dinheiro, como vae fazendo á outros muitos.)

Ao N. da velha egreja, ha uma planicie, na qual, segundo a tradição, se fazia uma *praça* (mercado.) No centro ainda se vê um cruseiro de granito prophiroide.

Em frente d'esta egreja está a casa da residencia do parocho, da qual só restam as paredes vetustas.

Vê-se que apenas constava de um andar com duas casas, e que tinha escadas exteriores, de pedra, para o lado do templo. Ainda se vêem de um e outro lado ruinas de varias casas pequenas, que talvez fossem as cellas dos monges, e casas de abegoaria.

A casa da residencia, est á distante da egreja apenas uns 3^{m},50, tirando-lhe a vista. Tem tres janellas, todas para o lado da egreja, e dos outros tres lados só tem uma séteira em um d'elles.

É de robusta construcção, como uma fortaleza. A casa baixa communica com uma pequena torre (ou chaminé?) que sobe até a altura do telhado. A porta da entrada é gothica, e parece ter sido de peças aproveitadas de um outro arco mais antigo e maior. Suppõem alguns que seria esta casa, a residencia de Enderquina Pala, ou dos antigos senhores da egreja.

O sitio d'esta villa e egreja foi abandonado pelo povo (provavelmente por doentio) que se mudou para além da ponte, à pouca distancia da antiga povoação, e em um alto, hygienico, bonito e fertil, para onde foi mudada a antiga matriz. A população foi crescendo e constitue hoje a nova villa de Lamas.

A antiga egreja do mosteiro, era no seu tempo visitada por muitos romeiros, pela fama dos milagres de Nossa Senhora do Marnel, e pelas muitas reliquias que aqui existiam.

O templo em ruinas, que o matto, as silvas e as heras invadiram, era tão famoso antigamente, que em Roma se denominava —*a muito antiga basilica de Santa Maria do Marnel.*

Algumas paredes derrocadas, plantas parasitas, alicerces, pinheiros surdindo entre os entulhos, um êrmo, a desolação — eis o que resta da famosa *cidade do Marnel* e do célebre mosteiro de Santa Maria.

O christão, sentado em uma pedra d'estas ruinas tristes, e solitarias, parece ouvir uma voz plangente dizer-lhe ao coração — *Hic Troja fuit!*

MAROUÇOS—vide *Merouços.*

MARQUEZ—(vide 4.º vol., pag. 297, col. 2.ª)

MARQUEZ—é nome de homem, portuguez, assim como *Marqueza* é nome de mulher. É pouco usado. Tambem é sobrenome.

MARQUEZOTA—portuguez antigo—especie de manteu, usado no seculo XVI.

MARRA—portuguez antigo—margem ou vallado junto do caminho—*Fez pôr as partes ambas na* marra *do caminho.* (Tombo de Castro de Avellans, 1551.)

MARRAN—portuguez antigo (ainda usado, com pouco differença na significação.)—Em um praso de Almacave, de 1579, se declara que a *marran* é um porco de 40 arrateis. Muitos prasos antigos e modernos estabelecem rendas de marrans ou de certo peso d'ellas.

Geralmente fallando, a *marran* era uma leitôa grande, que ainda não tivesse parido, mas que já não era de espêto ou *freama* (presunto.)—*Hua bôa marrãa recebonda* (de boa qualidade, gôrda, de receber) *ou cento e vinte réis por ella.*

Hua marran de 30 arratees.

Meo alqueire de manteiga e duas freamas ou Xff por elas, e huum porco vivo, ou huum

meo maravidí por el. (Documentos de 1329.)

Huma leitôa, ou cincoenta réis por ella. (Documentos de 1541.)

Hoje dá-se indistinctamente o nome de marran, á carne fresca de gado suino, seja de macho o de femea.

MARRANCOS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa-Verde (antiga comarca do Pico de Regalados) 15 kilometros a NO. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 68 fogos.

Orago S. Mamede.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Terra fertil. Muito gado de toda a qualidade, e caça grossa e miuda.

O abbade de S. Thiago, de Arcozéllo, apresentava o cura, collado, que tinha 50$000 réis.

Esta freguezia esteve muitos annos annexa a Arcozéllo.

MARRANO—portuguez antigo—nome injurioso que se dava aos judeus.

MARRAZES — freguezia, Extremadura, concelho e comarca, e 12 kilometros de Leiria, 130 ao N. de Lisboa, 500 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

Esta freguezia, ainda não existia quando se publicava o *Portugal Sacro* e *Profano*: só existia a do *Arrabalde da Ponte*, que foi supprimida em 1811, em cujo anno foi a séde da parochia para o logar dos *Pinheiros*, a 4 kilometros de distancia. Em 1829, passou dos Pinheiros, para *Marrazes*, (a 2 kilometros do Arrabalde da Ponte) e ahi se conserva actualmente.

O antigo logar do Arrabalde da Ponte, séde da parochia supprimida, tem hoje apenas uma duzia de fogos, áquem da ponte (do lado da cidade) que agora pertencem á freguezia da Sé, e outros tantos além da ponte, que são hoje da freguezia de Marrazes.

—

Dentro de um quintal (no Arrabalde) encostado a um muro, ainda se vêem as ruinas da torre da antiga egreja de S. Thiago do Arrabalde da Ponte.

As cheias tinham arruinado muito esta egreja, e, em 1811, os francezes fizeram d'ella cavallariça.

N'esse mesmo anno, foi o bispo de Leiria, D. Manuel de Aguiar, em pessoa, ao logar dos Pinheiros, pedir a capella de S. João Baptista, d'este logar, aos povos d'elle, para ahi estabelecer a séde parochial, ao que elles accederam de boamente.

A tenção do prelado, era que a matriz da freguezia aqui ficasse para sempre, pelo que declarou o modo de se poder accrescentar a capella; e projectou comprar, para residencia do parocho, o casal que lhe fica ao S., pelo qual ainda offereceu 200$000 réis.

Os baptismos faziam-se em uma bacia grande; mas, em 1822, se trouxe do Arrabalde, a pia baptismal da antiga egreja; porém o parocho (nomeado no mesmo anno de 1811) nunca se quiz servir d'ella, e continuou a baptizar na bacia.

Este parocho (chamado Joaquim José de Azevedo) era natural do logar de *Martim-Gil*, onde sempre residiu, mesmo depois de ser parocho da nova freguezia dos Pinheiros.

Em 1828, principiaram os povos que hoje não pertencem á capella dos Pinheiros, induzidos pelo proprio cura, e pelo fidalgo do Amparo, Gonçalo Barba Alardo de Lencastro e Barros, a edificar, com os materiaes da antiga egreja do Arrabalde, a actual, na aldeia de Marrazes, que concluiram em 1829, com o intento de mudarem para ella a matriz, o que conseguiram n'esse mesmo anno, e para cujas despezas, o bispo, D. João Ignacio da Fonseca Manso, tambem concorreu.

Os povos da parte dos Pinheiros, reclamaram contra a pretendida mudança, perante o mesmo prelado; mas nada conseguiram.

Vendo que nada, por esse lado podiam obter, por o bispo estar empenhado na mudança, requereram então para se conservarem, formando parochia independente, com a sua antiga capella, que até então havia servido de matriz, por egreja parochial.

O bispo recusou-se ainda a esta pretenção.

Requereram então ao rei. O ministro dos negocios ecclesiasticos, mandou o requerimento a informar ao prelado da diocese, que

respondeu—que a capella estava na extremidade da freguezia—fronteira e a menos de um quarto de legua, da freguezia dos Milagres—que a capella de Marrazes, era no centro da freguezia d'este nome, e mais proxima da demolida freguezia do Arrabalde, e das aldeias dos *Marinheiros*, Marrazes e Gandaras—que as povoações dos Pinheiros e Janardo e outros casaes, sempre ficavam mais perto da matriz, do que ficavam quando ella estava no Arrabalde—que os povos de Marrazes e visinhanças tinham feito grandes despezas e sacrificios, com a construcção da nova egreja, á qual sua magestade tinha auxiliado, dando-lhe madeiras do pinhal de Leiria, etc.

Os povos dos Pinheiros, Janardo, Barrocas e Boa-Vista, obstinando-se em querer formar freguezia independente, recusaram entregar aos de Marrazes a pia baptismal.

Em 25 de julho de 1829, foi uma escolta, composta de 30 praças, de infanteria 22, milicias e voluntarios realistas de Leiria, aos Pinheiros; porém homens, mulheres e creanças d'aqui, se opposeram á viva força, havendo grande balburdia, que depois passou a combate, do qual resultou ficarem alguns soldados feridos ás pedradas, outros com as armas quebradas—e do povo ficaram dois mortos e varios feridos; mas a tropa teve de retirar para Leiria, sem levar a pia; porém levando varios presos, que estiveram encarcerados, nas cadeias de Lisboa, mais ou menos tempo, segundo o gráu de culpas, até que o sr. D. Miguel I, lhes perdoou e os mandou soltar.

No dia 11 de agosto, uma outra força, mas em numero respeitavel, de cavallaria e caçadores, se dirigiu aos Pinheiros, cuja aldeia achou abandonada, porque o povo, informado da sua vinda, tinha fugido para a freguezia dos Milagres e outros sitios.

A tropa, depois de saquear algumas casas, levou a pia e um sino. O sacrario, foi mais tarde.[1]

[1] Os leitores que quizerem ter amplas noções, sobre todas estas desordens e seus resultados, vejam o livro intitulado—*O Cousseiro, ou memorias do bispado de Leiria*, de pag. 45, até 63.

A antiga freguezia do Arrabalde, comprehendia esta povoação—Monte-Real, Amôr, Marinha (hoje Marinha Grande), Riba-de-Aves, Lagôa, Ruivaqueira[1] e Casal.

—

No alpendre da primittiva matriz do Arrabalde, está um monumento de pedra lavrada, assente sobre uns cães da mesma materia. Serve de pedestal a uma figura com habitos talares, armada de espada e rodella (escudo.)—Não tem letreiro, nem por tradição consta o que significa. É muito antiga.

No adro, junto do alpendre, está outra, e ainda outra por detraz da capella-mór, ambas tambem de pedra, e sem inscripções nem armas, e tambem ninguem sabe quem representam. São egualmente antiquissimas.

—

D'esta freguezia se desmembraram, os logares de Amôr, Monte-Real e outros. Antes d'esta desmembração era esta freguezia uma das maiores do bispado, pois tinha 650 fogos.

Tinha a confraria de S. Thiago, servida por pessoas nobres.

Fazia-se aqui, de tempos remotos, uma grande procissão no dia do padroeiro (25 de julho), que sahia de Sant'Anna para a egreja.

Em um altar, que era dedicado a Santa Martha (e tinha sido primeiro de Santa Margarida) instituiu Sebastião Lopes, do Freixo, conego da Sé de Leiria, uma missa quotidiana, para o que deixou seus bens vinculados, e de que foram administradores, um seu sobrinho e os Correias, herdeiros d'este.

Tinha outra confraria, intitulada de Nossa Senhora do Porto Côvo.

—

Havia na freguezia do Arrabalde, as ermidas seguintes:

1.ª Nossa Senhora do Amparo—no sitio de Valle-Bócco, feita em 1564 (sendo bispo de Leiria, D. fr. Gaspar do Casal) por ordem e á custa de Gonçalo Correia e sua mulher,

[1] *Ruivaqueira*, significa logar onde se criam *ruivacos*, que são uns pequenos peixes (do tamanho de camarões) que se criam nos esteiros e pantanos. Ha grande abundancia d'estes peixes nas immediações d'Aveiro.

Ignez de Vera, em uma quinta sua, e estabelecendo renda sufficiente para a fabrica da capella. (L. 1.º do Registo da chancellaria, a fl. 55 v.—Cartorio do Cabido da Sé de Leiria.)

2.ª *S. Miguel Archanjo* ou *Nossa Senhora das Necessidades*—entre o logar das Chans, e o rio. Os habitantes das aldeias visinhas, eram obrigados á sua fabrica.

Tinha duas confrarias, a de Nossa Senhora das Necessidades e a do padroeiro da capella.

Esta capella, ficava pela parte de baixo, e á direita do caminho que vae da Regueira de Pontes, para Leiria.

Depois, era conhecida vulgarmente por *capella de Nossa Senhora das Necessidades.*

Quando se arruinou a capella, foram as duas referidas imagens transferidas para a capella das Chans.

Tanto uma, como outra imagem, foram objecto de grande veneração dos fieis d'estes sitios, que lhes faziam frequentes romarias.

Segundo a tradição, nas casas que estavam contiguas (que foram residencia dos fundadores) vivia um eremitão.

Segundo documentos existentes no cartorio da mitra, esta capella chegou a ter grandes rendimentos, todos provenientes de esmolas e offertas dos romeiros, e tanto que, álem das despezas com o culto divino, conservação e reparos da capella, poude dar, em 1766, para ajuda da obra da capella de Santa Anna, das Chans, 93$250 réis.

Em 1769, deu, para ajuda da construcção da egreja matriz da Regueira de Pontes, réis 80$000. Para o mesmo fim, em 1770, réis 20$000, em 1771, 100$000 réis, e ainda depois mais 70$000 réis.

Não se sabe se todas estas quantias foram emprestadas, ou dadas; o que se sabe é que, se foram por emprestimo, nunca foram restituidas.

Ainda em 1767 se comprou um sino para a capella de S. Miguel, por 16$000 réis.

3.ª *S. Pedro, apostolo*—na quinta de *S. Pedro do Leite,* a cuja fabrica eram obrigados os possuidores da quinta.

A esta ermida hia o cabido da Sé de Leiria, em procissão, no 1.º dia das ladainhas de maio; depois, por ser distante da cidade, se mudou para a ermida de Santo André, do Arrabalde.

Segundo a tradição, depois que se mudou esta procissão, nunca mais os olivaes da Gandara tornaram a dar azeite em abundancia, como até alli.

4.ª *Nossa Senhora da Piedade*—junto ao logar da Gandara, feita e dotada de rendas, por Diogo Dias, do mesmo logar da Gandara.

5.ª *Capella na ribeira de Agadim*—cujo padroeiro se ignora. Era na quinta dos herdeiros de Luiz da Silva Costa, e foi este que a mandou fazer á sua custa, e dotou, em 1644, obtendo, n'esse mesmo anno, licença para n'ella se dizer missa. (L. 3.º do Reg., do bispado de Leiria, a fl. 109.)

A quinta do fundador, encontra-se ao descer do logar dos Pinheiros, para os Milagres, pouco depois de passar o rio.

Da ermida, apenas restam parte das paredes.

6.ª *Nossa Senhora da Encarnação*—entre umas altas e grandes brenhas, no monte onde hoje está a capella, já havia de tempos remotos, uma ermidinha, dedicada a S. Gabriel Archanjo.

Elevada a cidade de Leiria a séde de bispado (1545), seu 1.º bispo, D. fr. Braz de Barros, foi em visita a esta capella;[1] e, achando-a pequena, mandou fazer outra á sua custa, que se concluiu em 1554. Comprou o mesmo prelado, a terra e mattos necessarios para se fazerem caminhos para ella, pois até então não os havia, hindo-se por entre serrados bosques e matagaes.

O tecto da capella nova, era de abobada

[1] Consta do Livro das visitas, que então se acharam n'esta capella ossos de pernas (tibias) humanas de um tamanho gigantesco. Revelavam muita antiguidade.

de tijolo, e só o arco era de cantaria. Tinha um só altar.

O bispo referido, tinha tenção de fundar aqui um convento de capuchos, e mandar n'elle fazer a sua sepultura; mas não chegou a realisar o seu intento; porque resignou o bispado, e se recolheu a um mosteiro da sua ordem.

N'esta capella se diziam, muito de madrugada, nove missas, nos nove dias, que acabavam no da Annunciação de Nossa Senhora, em honra dos nove mezes que a Santissima Virgem trouxe Jesus Christo em suas entranhas (Alguns annos, por inconvenientes que sobrevinham, se diziam estas missas na capella do Espirito Santo.)

Eram cantadas, e á custa dos devotos.

Com o tempo, veiu a esfriar esta devoção, passando mais de 20 annos sem ella ter logar. Cessou a concurrencia á ermida, que ficou ao abandono. A abobada e as portas cahiram, e o corpo da ermida ameaçava imminente ruina.

Umas mulheres devotas, com esmolas que poderam obter, mandaram reparar a abobada, ladrilhar o pavimento e concertar as portas; pelo que a devoção a Nossa Senhora continuou, supposto que a ermida sempre conservava a invocação de S. Gabriel.

Em 11 de julho de 1588, estando n'esta ermida a marqueza de Villa Real, D. Philippa, com muitas outras pessoas, a Senhora fez um notavel milagre a Suzana Dias, do logar das Córtes, que havia 28 annos estava tolhida das pernas, ficando com saude perfeita.

Approvou-se logo o milagre, e no dia seguinte, o cabido da cathedral, foi em procissão á ermida, dar graças á Santissima Virgem, dizendo-se-lhe uma missa cantada, á qual concorreu muito povo.

Fez logo o cabido doação, para as obras da capella, de todas as offertas que n'aquelle anno viessem á mesma, que foram muitas e valiosas.

Tratou-se de fazer nova ermida, e se juntaram em pouco tempo os precisos materiaes, grande parte d'elles levados ás costas por devotos, não se poupando a este trabalho, nem mesmo as donzellas nobres.

Em 24 de setembro do mesmo anno de 1588, sendo bispo de Leiria D. Pedro de Castilho, foi o seu cabido, em procissão, á ermida, hindo no acompanhamento D. Manuel de Menezes, duque de Caminha, e sua filha, D. Brites de Lára. Houve missa cantada, pela deão da Sé, com musica, e as charamellas do duque. Benzeu-se em seguida, com todas as formalidades do ritual, a pedra fundamental da nova capella, que tinha esculpida, uma cruz, o nome da Santissima Virgem da Annunciação, e a data d'esta ceremonia. Foi levada ao seu logar em uma padiola, toldada com pannos de sêda, sendo conduzida pelo duque e pelo deão, de um lado, e pelo outro, a levaram o diacono e subdiacono, e alumiada por 8 tochas, tudo ao som das charamellas. Assentou-se da parte do Evangelho (N.) no principio do alicerce, junto á porta principal; continuando a nova reedificação da capella com grande fervor, pelo que se concluiu em pouco tempo.

Em quanto duravam as obras, cahiu sobre um dos pedreiros uma grande pedra, sem o offender; o que se tomou por milagre da Senhora, e em commemoração d'elle, se lavrou na mesma pedra uma inscripção que o recordava.

Foi o referido bispo que mandou fazer o risco da nova capella, para a construcção da qual deu avultadas esmolas, suas e pedidas.

Em 1603, cahiu um raio sobre a porta principal, e outro em 1606; mas pouco damno causaram.

Espalhou-se tanto a fama dos milagres da padroeira d'esta capella, que, de todas as freguezias do bispado, de muitas villas e freguezias do de Coimbra e do arcebispado (hoje patriarchado) de Lisboa, aqui vieram 72 procissões, trazendo todas offerendas, mais ou menos valiosas, a Nossa Senhora.

O cabido hia todos os annos, no dia 11 de julho, em procissão á capella, onde havia missa cantada e sermão. N'esta procissão hia uma reliquia do vestido da Santissima Virgem, que está na Sé, em um relicario, de prata dourada, em fórma de custo-

dia. [1] Hia debaixo do palio, conduzida pelo clerigo que tinha de celebrar a missa.

—

Entre as muitas offertas feitas a esta ermida, por differentes freguezias, sobresahem as seguintes :

A villa de Monte Mór Velho, no bispado de Coimbra, deu uma alampada grande, de prata, ornada com quatro escudos, com as armas da mesma villa. Tinha de peso 30 marcos de prata. Obrigou-se, além d'isto, a mesma villa a dar cada anno, seis alqueires de azeite, para a mesma alampada.

A villa de Chão do Couce, outra alampada de prata, com 14 marcos de peso.

O povo do Pombalinho, deu um grande cirio, que se conservou por muitos annos.

As freguezias de Colmeias, Santa Catharina da Serra, Vermoil, e esta do Arrabalde, cada uma deu tambem o seu cirio.

Muitos particulares fizeram doações de bens de raiz e rendas, á capella.

Muitas pessoas devotas, deram varios vestidos, mais ou menos ricos, a Nossa Senhora, e diversos paramentos para o templo.

Tem cinco altares de talha dourada, com retabulos e pinturas de muito merecimento.

Formou-se logo uma confraria de Nossa Senhora da Encarnação, sendo sua primeira juiza, logo no mesmo anno, a referida D. Brites de Lara, e por muito tempo andou este juizado na casa de Villa Real, e desde 1641, em que foram justiçados por traidores, o duque de Caminha, o marquez de Villa Real (vide Caminha) e outros membros da sua familia, passou o juizado para os bispos.

Tinha missa em todos os sabados, e nos domingos e dias sanctificados.

7.ª *Nossa Senhora dos Anjos*—a antiga ermida estava no mesmo logar da actual. Era pequena e tinha um alpendre, no qual se prégavam os sermões, e a cuja fabrica era obrigado o prior-mór de Santa Cruz de Coimbra, não havendo devotos que ajudassem ás despezas das obras e fabrica da ermida.

Hiam a ella as procissões do Corpus Christi e as ladainhas. No sabbado que vinha dentro do oitavario da Assumpção da Senhora, depois de vesperas, a que assistia o cabido, hia a mesma Senhora em procissão, em uma tumba, feita só para este dia, representando a Senhora morta. Era acompanhada da irmandade da Misericordia e das mais irmandades e confrarias, e a levavam á Sé. Na volta para a sua capella, já a Senhora vinha resuscitada, e em uma rica charóla, havendo á sua chegada, missa cantada e sermão. Tanto á hida, como á vinda, era levada por quatro clerigos de ordens sacras, vestidos de alvas, amitos, singulos e estolas.

Esta procissão durou até 1626, deixando de se fazer pelo mau estado da capella.

Em 1628, por estar em estado de imminente ruina, se demoliu, e, ainda que logo se reedificou, nunca mais se tornou a fazer a procissão, até 1651, em que alguns devotos a resuscitaram.

8.ª *Santo Antonio*—a antiga capella estava tambem no sitio da actual. Foi construida com esmolas, mas não se sabe quando. Foi reedificada tambem com esmolas, em 1542, pelo infante D. Henrique, depois cardeal-rei, sendo prior-mór de Santa Cruz de Coimbra, e por isso tem as suas armas na capella-mór.

É tradição que foi feita no mesmo logar em que Santo Antonio de Lisboa esteve a descançar, á sombra de uma oliveira, quando de Lisboa se dirigiu a Santa Cruz de Coimbra.

9.ª *S. Bartholomeu*—foi fundada (não se sabe quando) por um fidalgo, cujas armas se vêem na fachada da capella; mas não se lhe sabe o nome. Teve uma confraria de Santo Amaro, e outra de Nossa Senhora do Soccorro, e duas missas quotidianas, instituidas por Antonio Fernandes Nato.

Teve tambem merceeiras.

10.ª S. Sebastião de Porto Côvo.

11.ª S. Miguel Archanjo—no mesmo sitio. Teve uma rica e grande confraria, de rapazes solteiros; e por muitos annos teve um

[1] Esta reliquia foi dada á Sé, pelo bispo, D. Pedro de Castilho.

ermitão. Fazia-se aqui uma grande festa a Nossa Senhora da Luz.

Ignora-se a data da fundação d'estas tres ultimas capellas, mas todas foram feitas com licença, ou por ordem, do prior-mór de Santa Cruz de Coimbra, e por tanto, anteriores ao anno de 1545, em que esta parte do territorio de Santa Cruz passou a formar o novo bispado de Leiria.

No fim d'este artigo vae a descripção do estado actual da capella de S. João Baptista, dos Pinheiros, segunda matriz da antiga freguezia do Arrabalde da Ponte.

Pelos annos de 1810, se principiou a edificar ainda outra capella no logar de Janardo. Não sei porque, foi demolida, chegando até a arrancar-se-lhe os alicerces. Em 1865, construiu-se outra no mesmo sitio.

—

Das confrarias, hospitaes e albergarias que houve na freguezia do Arrabalde, já tratei em Leiria.

—

Já se vê que o que fica dito, pertence á antiga freguezia do Arrabalde da Ponte. Tratemos agora do que ficou por dizer, quanto á moderna de Marrazes.

Á egreja actual foram accrescentados, em 1838, dois altares lateraes, que pertenceram ao mosteiro de Santo Antonio, de Leiria.

A torre tambem foi feita (em 1845) com a pedra que formava a antiga torre da egreja do Arrabalde.

Em 1852, foi reedificada a parede do lado esquerdo da egreja, que ameaçava ruina.

Em 1865, se concluiu o retabulo do altar-mór, principiado no anno antecedente. No mesmo anno foi estucada a capella-mór, e no seguinte, o corpo da egreja.

—

A capella de S. João Baptista, dos Pinheiros, que serviu de matriz, logo depois da suppressão da do Arrabalde, e antes de se mudar a séde da freguezia para Marrazes (como fica dito no principio d'este artigo) já existia em 1712, pois d'ella falla o padre Carvalho, na sua *Chorographia*; mas não se sabe quando foi edificada.

Diz a tradição que Manuel de Sousa Rasteiro, dos Pinheiros, deu o chão para a capella e adro, sob a condição d'elle e seus descendentes, terem sepultura gratuita, dentro d'ella.

Foi roubada em 1836, arrombando os ladrões o fôrro da casa da pia, roubando uma alampada de prata, o calix e os castiçaes. Tornou a ser roubada, com chave falsa, em 1838, levando o calix e o mais que poderam.

Em 1846, se lhe accrescentou o altar do lado da Epistola, e em 1849, o do lado do Evangelho. Foram feitos pelo entalhador Manuel Pereira, natural da Gandara, e pintados e dourados, por Antonio da Saude, de Leiria. Tem sacrario, onde se colloca o Santissimo Sacramento em dias de festas solemnes.

Fazem-se n'esta capella as festas do padroeiro, de Nossa Senhora da Conceição e da *Senhora Milagrosa*. Tambem em alguns annos se festeja Nossa Senhora das Dores, e o martyr S. Sebastião.

O corpo da capella foi completamente restaurado em 1860, não ficando do antigo mais do que as paredes, altares e portas; abrindo-se uma nova janella para o oeste. Custou esta obra 463$000 réis, quasi tudo dado pelo povo, e o resto de esmolas dos devotos, e principalmente da irmandade do Santissimo Coração de Maria. Todas as conducções foram feitas gratuitamente pelo povo. O governo deu mais de metade da madeira, que veio do pinhal do estado.

A pintura da abobada, foi feita por João dos Santos Leitão, que fôra sargento de caçadores n.º 5. É um emblema allusivo a S. João Baptista, cercado de uma primorosa tarja de estuque, tendo no centro a legenda:

QUO MAJOR NEMO SURREXIT SANCTE JOANNES,
TOTO PRO NOBIS CORDE PRECARE DEUM.

—

N'esta aldeia, dos Pinheiros, ao E. do caminho que a atravessa, no sitio chamado *Camarnal*, ainda existem as casas onde nasceu, em 15 de outubro de 1756, e onde foi creado, o cardeal patriarcha de Lisboa, D. frei Patricio da Silva, filho de Jacintho da Fonseca e de Maria Ignacia. Morreu em 3 de janeiro de 1840. (Para a biographia d'este prelado, vide 4.º vol., pag. 279, col. 1.ª)

N'estes sitios tem havido muitas pessoas eminentes por sua virtude e piedade. Dentro da capella estão enterrados tres cadaveres incorruptos, que na vida deram bastos exemplos de verdadeira piedade, são: o de um clerigo, do logar dos Pinheiros — o da mãe do referido cardeal patriarcha — e o da mãe de uns sujeitos appellidados os *soldados de Valle Verde*. Esta senhora foi a possuidora e ultima dona da quinta em que se fez a capella.

MARTHA (Santa) e **MELHUNDOS** — freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 35 kilometros a NE. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 76 fogos.

Orago Santa Martha.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Ha aqui uma feira a 28 de cada mez, creada em janeiro de 1872.

O D. Abbade, benedictino, do mosteiro de Bustello (proximo a Penafiel) apresentava o cura, que tinha 20$000 réis e o pé d'altar.

MARTHA (Santa) **DE BOURO**—(Vide *Bouro*, Santa Martha de) a pag. 427 do 1.º volume.

MARTHA (Santa) **DA MONTANHA** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Villa Pouca d'Aguiar, 70 kilometros a NE. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 222 moradores (uns 55 fogos).

Orago Santa Martha.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

A mitra apresentava o reitor, collado, que tinha 200$000 réis de rendimento.

MARTHA (Santa) **DE PENAGUIÃO**—villa, Traz-os-Montes, cabeça do concelho do seu nome, ou, denominação legal de um dos concelhos, da comarca do Peso da Regua, no arcebispado de Braga e bispado do Porto, districto administrativo de Villa Real. Tem este concelho 2:550 fogos, divididos pelas 10 freguezias seguintes:—Alvações do Córgo, Cevêr (ou Sevêr), Cumieira (ou Cumeeira), Fontes, Fornéllos, Lobrigos (S. João), Lobrigos (S. Miguel), Lourêdo, Medrões ou Mondrões, e Sanhoâne. 80 kilometros ao NE. do Porto, 340 ao N. de Lisboa.

As freguezias de Alvações do Córgo, Cumieira e Lourêdo, são do arcebispado de Braga; as sete restantes estão no bispado do Porto.

É povoação muito antiga. D. Affonso III, estando na cidade da Guarda, deu foral á villa do Espinheiro e a Travassos (que é o d'este concelho) a 19 de setembro de 1256. (L. 1.º de *Doações do senhor rei D. Affonso III*, fl. 17, col. 1.ª, *in fine*.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Evora, a 15 de dezembro de 1519 (*Livro de foraes novos de Traz-os-Montes*, fl. 64 v., col. 1.ª— Processo para o foral novo, gaveta 20, maço 12, n.º 18).

O foral novo de Penaguião, comprehende as terras seguintes: Alderête, Coucieiro, Corticadas, Fornéllos, Lobrigos (S. João), Loureiro, Mafamedes, Marão, Medim, Mondrões (ou Medrões), S. Miguel (Lobrigos), Sedréllos (ou Cedréllos), Sevêr (ou Cevêr), Sobrado, Souto de Rei, Taboadello e Veiga.

O melhor edificio da villa, é o palacio dos srs. Viscondes de Santa Martha.

Produz este concelho, muito, e bom vinho, algum pão, castanhas, e cria muito gado.

Os primogenitos dos marquezes de Abrantes, eram condes de Penaguião.

Na doação que D. Affonso Henriques fez, em 1139, ao mosteiro da Ermida, sobre o rio Córgo—em terra de Panoyas, e defronte de Lobrigos—do couto da Ermida, se lê—*et inde pergit per illum carreirum vetus de illa Cumieira, et inde pergit per illum Palacium francisco* (francez) *usque in pelago Godim*, etc.

D'aqui se vê, que no termo de Santa Martha de Penaguião, houve um antigo mosteiro (de certo, da ordem de S. Bento) e um palacio, tambem antigo (ou, talvez uma *villa* (casa de campo, mas a que na referida doação se dá o nome de palacio) provavelmente obra de algum francez aventureiro, dos muitos que vieram a Portugal com o conde D. Henrique, em 1093.

Supponho que este antigo *palacio francisco*, veiu depois á ser solar dos condes de Penaguião.

Esta villa é composta de fracções das freguezias de Lobrigos, Sevêr e outras.

Foram senhores de Penaguião, os marquezes de Fontes, que apresentavam as justiças e governavam nas *Fontes, Moura-Morta* e *Godim.*

Tinha este concelho, até 1834, dez companhias de ordenanças, commandadas por um capitão-mór, sujeito ao general de Traz-os-Montes.

Era senhor da *honra* de Fontes, D. Rodrigo Pedro Annes de Sá Almeida e Menezes, descendente de João Affonso de Sá, senhor da quinta de Sá, em Guimarães, pae de Rodrigo Annes de Sá, que sendo embaixador de Portugal, em Roma, em 1320, casou com Cecilia Colona, filha, neta e bisneta dos Colonas, senadores romanos. Vinha esta senhora a ser 13.ª neta de *Caio Mario,* sete vezes consul de Roma.

Rodrigo Annes de Sá e Cecilia Colona, foram paes do famoso João Rodrigues de Sá, cognominado—*o das Galés*—pelo combate que teve contra a esquadra castelhana que por ordem do seu rei, D. João I, bloqueava Lisboa, em 1384.

A esquadra portugueza, sahira do Porto, em soccorro de Lisboa, e, apezar de muito inferior em numero de vasos e de gente de guerra á castelhana, entrou a fóz do Tejo, por entre as náus inimigas, que derrotou e pôz em fuga.

Foi n'este combate que João Rodrigues de Sá, tanto se distinguiu pela sua sciencia e intrepidez, que adquiriu o cognome glorioso de—*o das Galés.* (Vide o 4.° vol., a pag. 382.)

D. Constança Rodrigues de Sá, irman do *das Galés,* foi casada com João Gonçalves Zarco (creado do infante D. Henrique, filho de D. João I) descobridor da ilha da Madeira, em 1419.

O *das Galés,* casou com D. Izabel Rodrigues Pacheco, filha de Diogo Lopes Pacheco. Era filho do *das Galés* e de D. Izabel, Fernão de Sá, que morreu em 20 de março de 1449, na batalha da Alfarrobeira (a 24 kilometros de Lisboa), em defeza do infante D. Pedro, tio e sogro de D. Affonso V.

João Rodrigues de Sá, filho de Fernão de Sá, casou tres vezes.

De sua 1.ª mulher, D. Catharina de Menezes, filha de Luiz de Azevedo, teve Henrique de Sá e Menezes, senhor de Cantanhede, por sua mulher, D. Beatriz de Menezes.

De sua 2.ª mulher, D. Leonor da Silva, teve João Rodrigues de Sá—*o Velho*—que casou com D. Camilla de Noronha, filha de D. Martinho de Castello Branco, 1.° conde de Villa Nova de Portimão.

D'este casamento nasceu D. Francisco de Sá, conde de Mattosinhos, que morreu sem geração; passando a sua casa a seu sobrinho, João Rodrigues de Sá, casado com D. Luiza Henriques, dos quaes nasceu D. João Rodrigues de Sá, 1.° CONDE DE PENAGUIÃO, por Philippe III.

Foi 2.° conde, seu filho, D. Francisco Menezes e Sá.

Foi 3.° conde, o filho d'este, D. João Rodrigues de Sá e Menezes (no reinado de D. João IV)—succedeu-lhe seu filho

4.° conde, D. Francisco de Sá e Menezes; ao qual D. Affonso VI fez 1.° MARQUEZ DE FONTES (freguezia d'este concelho.)

Foi 5.° conde de Penaguião e 2.° marquez de Fontes, D. Rodrigo Pedro Annes de Sá Almeida e Menezes, que casou com D. Izabel de Lorena, filha unica de D. Nuno Alvares Pereira, 1.° DUQUE DO CADAVAL, e de sua mulher, D. Maria Henriqueta de Lorena, filha do principe Arcourt, em França.

Para evitar outro *autem genuit,* vide *Cadaval.*

A actual freguezia de S. Miguel de Lobrigos, denominava-se antigamente—*S. Miguel de Penaguião.* (Vide *Lobrigos*—S. Miguel.)

MARTIM—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 10 kilometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 132 fogos.

Orago Santa Maria. (Nossa Senhora da Expectação.)

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra muito fertil. Cria muito gado de toda a qualidade.

O papa e a mitra apresentavam alternativamente o vigario, que tinha 80$000 réis de rendimento.

MARTIM—freguezia, Trás-os-Montes, no bispado de Miranda, hoje Bragança.

Em 1757 tinha 24 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Foi supprimida por pequena, no principio do seculo XIX.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 100$000 réis de rendimento.

MARTIM-GIL—Vide *Marrazes*.

MARTIM-LONGO—freguezia, Algarve, comarca de Tavira, concelho de Alcoutim, 45 kilometros de Fáro, 250 ao S. de Lisboa, 600 fogos.

Em 1757 tinha 534 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Fáro.

O papa e o bispo apresentavam alternativamente o prior, collado, que tinha 200$000 réis de rendimento, fóra o dizimo.

—

Martim-Longo, é uma grande e rica aldeia, com boas casas, e menos mal arruada, situada a egual distancia de duas ribeiras; Vascão ao N., e Foupana ao S.

Está assente em uma collina, já fóra da serra do Algarve, dominada de todos os lados por grandes alturas.

O rio Guadiana, fica-lhe 25 kilometros a O.

A egreja matriz, é um bom templo de trez naves, e a mais antiga d'estes arredores.

O prior recebia o dizimo das *miúças*, que andava por 300$000 réis.

Era o unico do Algarve que recebia *primicias*.

A uns 350 metros do povo, ha uma lagôa, formada pelas aguas da chuva, que n'ella se conservam todo o anno, o que prejudica a saude dos povos visinhos.

É vasto o territorio d'esta parochia, pois tem 18 kilometros de comprido, por 12 de largo.

É composta a freguezia, de 26 aldeias pequenas.

Apezar de ser pouco abundante d'agua, é terra fertil, e cria muito gado de toda a qualidade. Tem poucos arvoredos.

Fabricam-se aqui tecidos grosseiros, de lan (*surianos*, *estamenhas* e *frizas*). Tambem se fazem aqui muitas meias de lan. Exportam de todos estes generos, em bastante quantidade.

Ha aqui uma grande feira, no dia de Corpus Christi.

Ha na freguezia varias olarias de louça ordinaria, que tambem se exporta.

Ha aqui muitos almocreves.

Nos seus montes, ha grande abundancia de caça, de toda a qualidade; pelo que ha na freguezia, muitos e mui destros caçadores de profissão, que exportam coelhos e (sobre tudo) perdizes, para varias terras, e até para Lisboa.

Tambem n'este territorio ha a celebrada *gran de carrasco* (kermes), tão querida e tão explorada pelos romanos.

Na *Cóva dos Mouros*, d'esta freguezia, ha uma grande mina de cobre, explorada, pelos srs. visconde de Carregoso e Antonio José Pereira de Magalhães. Já foi explorada pelos romanos, ou pelos arabes, do que ha muitos vestigios. Dá 22 por cento de pyrites e cobre *panaché*.

Fica proxima á aldeia de Vaqueiros.

Foi comprada ao seu primeiro proprietario, por 50 contos de réis.

—

Esta freguezia fica no termo da villa de Alcoutim.

No logar da *Berengeira* (Berengária, nome de mulher) pariu uma mulher, em 31 de agosto de 1728, cinco creanças em uma tarde. Quatro d'ellas receberam o baptismo. A mãe não sentiu mais encómmodo do que sentiria se o parto fosse de uma só creança. Chamava-se Brites Lopes, e era casada com Manuel Gonçalves.

MARTINCHEL ou **MARTINXEL**—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Abrantes, 180 kilometros a O. da Guarda, 130 ao SE. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 91 fogos.

Orago S. Miguel Archanjo.

Bispado de Castello Branco, districto de Santarem.

O prior do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra, apresentava o vigario, que tinha 60$000 réis e o pé de altar.

MARTINÉGUAS ou **MARTINÉGAS**—portuguez antigo—fôro, tributo ou pensão que

se pagava em dia de S. Martinho, e d'essa circumstancia tomou o nome.

MARTINHO (S.) e **S. THIAGO**—freguezia, vide Lisboa.

MARTINHO (S.)—freguezia, Beira Baixa, comarca de Gouveia, concelho de Cêa, 70 kilometros ao NE. de Coimbra, 280 ao E. de Lisboa, 210 fogos.

Em 1757 tinha 62 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

Denomina-se vulgarmente (e é como se vê em todos os documentos antigos) *S. Martinho d'apar de Cêa*, para distinguir esta freguezia das outras do mesmo nome.

O reitor de Cêa apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua, e o pé de altar.

MARTINHO (S.)—freguezia, Extremadura (mas ao S. do Tejo), comarca e concelho de Alcacer do Sal, 50 kilometros a O. de Evora, 60 ao SE. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha os mesmos 70 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

É terra muito fertil.

Arcebispado de Evora, districto administrativo de Lisboa.

A mesa da conciencia apresentava o prior, que tinha 180 alqueires de trigo, 90 de cevada e 10$000 réis em dinheiro.

MARTINHO DE ANGUEIRA (S.)—freguezia, Tráz-os-Montes, vide *Angueira* (a 2.ª), a pag. 216 do 1.º vol.

MARTINHO D'ANTA (S.)—Vide *Anta*, a pag. 219, col. 2.ª, do 1.º vol.

MARTINHO D'ANTA (S.)—Vide *Anta*, a pag. 220, col. 1.ª, do 1.º vol.

MARTINHO D'ARVORE (S.)—Vide *Arvore*, a pag. 243 do 1.º vol.

MARTINHO DO CAMPO (S.)—Já a pag. 63, col 1.ª, do 2.º vol., sob a palavra—*Campo* (S. Martinho do), descrevi esta freguezia; mas repito-a aqui, não só por ter dito no 2.º volume, que era do bispado do Porto, quando é do arcebispado de Braga (êrro a que me induziu o *Portugal Sacro e Profano*) como porque desde então obtive mais alguns apontamentos.

Ha n'esta freguezia duas capellas publicas:

Nossa Senhora do Espinho—no monte do Espinho, junto ao rio Vizella, onde se faz uma festa e romaria, no ultimo domingo de julho.

Santissima Trindade (vulgarmente denominada do *Espirito Santo*)—junto ao logar do mesmo nome, que serve de *cruzeiro*, onde vão as procissões da freguezia; e, na terça feira das ladainhas de maio, quatro *clamores*, d'esta freguezia, da de S. Mamede de Negréllos, do Salvador do Campo e de Róriz. Foi fundada em 1560, por Luiz Fernandes, prior de Róriz, segundo consta do Tombo da freguezia, feito em 1539, no tempo do mesmo prior, que então se denominava abbade e reitor.

Está muito arruinada, mas ainda se póde lêr uma inscripção que está na verga da porta, que diz:

LUIZ FRZ. PRIOR DE RORIZ POSUIT. 1560.

Ha mais quatro capellas particulares, nas casas do *Outeiro*, *Arnozélla*, *Souto*, e *Ruivães*.

A melhor casa da freguezia, é a de Arnozélla, pertencente ao sr. João Evangelista Machado da Cunha Faria e Almeida, com o seu brazão de armas.

O rio Visella faz mover varias azenhas, e dois engenhos de preparar linho.

Tambem por esta freguezia passam dois pequenos ribeiros—um que vem de S. Mamede, e aqui se junta ao Visella, chama-se *Fundêlho*, outro que vem do *Bustêllo* (em S. Fins de Ferreira) e morre no Vizella, no logar do Monte.

Ambos regam e moem, e trazem algum peixe miudo.

Havia n'esta freguezia umas rézas, que o povo denominava *mal-rezadas*, cuja origem é a seguinte:

Dois individuos d'esta freguezia, legaram á confraria do *Sub-sino*, uma leira de terra e uma casa, com a obrigação dos irmãos resarem por alma de cada um dos doadores, 25 Padre Nossos e 25 Ave-Marias, em 12 domingos do anno.

Em virtude d'isto, determinavam os estatutos da confraria que, para maior commo-

didade do povo, se rezasse tudo em um ou dois domingos, designados pelo juiz, devendo cada chefe de familia apresentar-se na egreja, sob pena de 50 réis de multa.

No dia aprasado, reunia-se o povo no adro da egreja, e o juiz, ou quem o representava, principiava a interminavel reza, que constava de 12 *cabidos*, por alma de cada um dos taes doadores. Cada *cabido* constava de 25 Padres Nossos e 25 Ave-Marias, o que montava a 600 Padres nossos e 600 Ave-Marias —quando se rezasse tudo em um só dia.

Decorridos poucos annos, não podia uma tão comprida reza deixar de aborrecer á maior parte do povo, que, em vez de rezar com attenção, dormitava, ria, conversava, etc. Foi por isto que primeiramente deram a esta reza o nome de *monda* e depois *malrezadas*.

Os que tinham obrigação de assistir a isto, se foram pouco a pouco eximindo, até que o resto deixou de alli comparecer totalmente ha poucos annos.

MARTINHO DE CEDOFEITA (S.)—freguezia, Douro, na cidade do Porto, bairro Occidental, comarca, bispado e districto administrativo da mesma cidade; sendo um dos seus arrabaldes, fórma hoje (com o augmento das ruas do Porto, que se foram estendendo em todos os sentidos, do lado da terra) uma parte integrante da cidade.

Em 1757, ainda esta parochia era considerada suburbana, e tinha então 500 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

O parocho é D. Prior, e era da apresentação, *in solidum*, do papa. Tinha um rendimento calculado em 2 contos de réis; mas excedia muito esta quantia.

—

Na descripção da cidade do Porto, tratarei d'esta freguezia; aqui só direi o seguinte.—Hoje tem 2:400 fogos, e é administrada, no espiritual, pelo D. Prior (a quem vulgarmente denominam abbade) e dois curas parochos.

—

A egreja matriz e collegiada (a que alguns chamam *Sé*) de Cedofeita, foi fundada por Theodomiro, rei dos suevos, em 559, e n'ella foi baptisado o mesmo rei (depois de abjurar o arianismo) com seu filho, Ariamiro.

Foi Theodomiro que dedicou esta egreja a S. Martinho, bispo de Tours, estabelecendo-lhe, com rendas para a sua sustentação, uma collegiada de conegos, que por muitos annos viveram em communidade e conventualmente, observando a regra de Santo Agostinho; mas, pelo decurso do tempo, alcançaram bullas apostolicas, para viverem separados e em casas proprias. (O mesmo se deu com todos os conegos das differentes cathedraes do reino.)

A architectura d'esta egreja, só se recommenda pela sua antiguidade incontestavel. É de grosseira architectura gothica, baixa e com tôscas esculpturas. Foi sagrada por Lucrecio, bispo de Braga, no pontificado de João III, que governou a egreja de Deus, desde 561 até 575. Isto constava de uma inscripção que existiu sobre a porta principal da egreja, e que um pedreiro estupido desfez; mas, para que se não perca da memoria dos homens, esta antigualha, aqui a dou—dizia:

THEODOMIR. REX GLORIOS. V. EREX. ET
CONSTRUX. HOC MONAST. CAN. B. AUG.
AD GLOR. D. ET V. M. G. D. ET B.
MARTINI ET FECIT ITA SOLEMNIT. SA-
CRARI AB LUCRET. EP. BRAC. ET ALIIS
SUB J. III. P. M. PRIDIE IDUS NOV. AN.
D. DLIX. POST. ID. REX IN HAC ECCLES.
AB EOD. EP. PALAM BABT. ET FIL. ARIA-
MIR. CUM MAGNAT. SUIS, ET OMNES
CONVERSI AD FID. OB V. REG. ET MIRABI.
IN FIL. EX SAC. RELIQ. B. M. A GALLIIS
EO REG. POSTUL. TRANSLATIS, ET HIC
ASSERVATIS K. JAN. AN. D. DLX.
HANC INSCRIPT. AN. N. D. LVI. EX PER-
VET. LAPID. TRANSCRIPTAM, AC IN
ARCHIV. HUJUS ECCLESIAE INVENT. OPT.
PAR. MART. FILII POSUERE
ANN. M. D. CCLXVII.

—

Compunha-se esta collegiada, de um D. prior, com cinco mil crusados de renda (2:000$000 réis) um chantre, um mestre-escola, um thesoureiro-mór, oito conegos prebendados, tres de meia prebenda, oito capellães, sachristão, coristas, serventes, e um cura, para administrar os sacramentos.

Durante o dominio agareno, sempre aqui

se celebraram os officios divinos, mediante certo tributo; como acontecia em outras partes.

Os documentos mais antigos existentes no cartorio d'esta egreja, são de 1316.—Os outros, se os havia, desappareceram.

Gosava esta egreja grandes privilegios e isenções, e notaveis prerogativas.

Apesar de ter hoje (1875) MIL TREZENTOS E DEZESSEIS ANNOS, é dos poucos monumentos religiosos do seu tempo que nunca foi reedificado, soffrendo apenas leves concertos e pinturas.

Grande numero de varões illustres pertenceram a esta collegiada, extremando-se os seguintes:

S. Paschasio, discipulo do seu primeiro prior, S. Martinho de Dume, foi aqui conego.

D. Beltrão de Monfaves, foi D. prior commendatario e depois cardeal.

D. Jorge da Costa, D. prior commendatario e depois cardeal.

D. Gonçalo Pereira, deão do Porto, arcebispo de Braga e depois de Lisboa.

D. Manuel de Sousa, bispo de Silves e arcebispo de Braga.

D. Henrique, infante (irmão de D. João III) arcebispo de Braga e de Evora, cardeal, e depois rei de Portugal.

D. João Caetano Ursini, cardeal, D. prior commendatario.

D. Nicolau Monteiro, mestre dos reis D. Affonso VI e seu irmão, D. Pedro II, e bispo do Porto.

D. fr. José Maria de Affonseca Evora, D. prior commendatario, e bispo do Porto.

—

Os conegos d'esta collegiada eram antigamente senhores absolutos dos direitos de todo o pescado que se colhia desde Aveiro até á Galliza, e de outras muitas rendas, que lhes deu o rei Theodomiro.

Ainda hoje o cabido de Cedofeita recebe na cidade do Porto, e outras partes, grandes rendas, as absurdas *luctuosas* e os immoralissimos *dominios*, que são quasi todos de *cinco, um*—e até de 4, um—isto é, 20 e 25 por cento do valor da propriedade vendida, apesar da lei que determina que os dominios de bens de praso provenientes da corôa, sejam todos de 40—um—isto é—2 1/2 por cento; o que tem dado causa a muitas e renhidas demandas.

Já a pag. 502 do 4.º vol. disse o que é *luctuosa:* accrescentarei aqui—este tributo absurdo e cruel, paga-se por fallecimento do emphiteuta.

A viuva, cercada dos filhos, desgraçados pela sua orphandade, e muitas vezes sem terem com que matar a fome, tem ainda por cima de pagar ao seu *senhor*, ou a *renda dobrada*, n'esse anno em que a morte do chefe de familia a deixou ao desamparo, ou dar ao rico (que até com a desgraça dos seus colonos especúla!) *a melhor peça movel ou semovente, do casal.*

Muitas vezes acontece ser esta *peça* uma junta de bois, a unica, a que ajudava a ganhar o pão da familia, e um *roubo legal* lha arrebata, para cúmulo de desgraça.

Não é menor absurdo, despotismo e crueldade o pagamento do *dominio*. Paga-se quando se vendem ou trocam bens de praso. Exemplifiquemos.

Pedro emprasou a Paulo uma terra esteril, que de nada lhe servia; mas o futuro emphiteuta projectava arrotear, e construir alli a sua choupana. A terra não valia mais de 5$000 réis, mas o *senhor* impingiu a por 110$000 réis [2] impondo lhe uma renda correspondente a 5 por cento da segunda avaliação—isto é—500 réis annuaes.

Aqui temos o caseiro pagando 10 por cento de juro ao anno, e portanto, o senhor mais que lo-

[2] Reduzo isto a dinheiro, por ser de mais facil comprehenção a hypothese.

cupletado do valor da propriedade.

O emphiteuta reduz o bréjo, matagal ou penedia, a terreno cultivado, e construe a sua casa. Compra (ás vezes com dinheiro a juros, e não poucas á custa dos maiores sacrificios) uma junta de bois, por 60$000 réis, para os trabalhos agricolas. Morre —a *melhor peça do casal* é a junta de bois, e lá vão para o *senhor*, que, tendo recebido juros dobrados do valor da *sua* terra, recebe agora 12 vezes o seu valor, e a renda continúa! —Isto, tantas vezes quantas tiver logar o fallecimento do chefe de familia.

Vimos que a terra emprasada apenas valia 5$000 réis. O emphiteuta, á força de trabalho, despezas e fadigas, transformando o terreno em terra de lavoura, o faz valer 200$000 réis (ás vezes gasta esta quantia, e mais, na arroteia.)—Construe uma casa, que vale 200$000 réis, para sua habitação; mas tem esgotado todos os seus recursos, deve o dinheiro da compra dos bois e todo ou parte do despendido em obras, e vê-se obrigado a vender tudo. Ha de o comprador pagar o dominio de 5, um, que são 80$000 réis—e torna o *senhor* a receber 16 vezes o valor da terra que emprasára.

Mais: o comprador manda edificar um palacio n'esta terra, e gastou na sua construcção 4 contos de réis. Pois se o quizer vender, tem de pagar ao *senhor* (elle ou o comprador, conforme o ajuste) 800$000 réis de dominio —isto é, 120 vezes o valor primittivo da propriedade!—e isto tantas vezes quantas forem as vendas ou trocas.

Eu bem sei que a lei *parece* mandar regular o pagamento do *dominio* segundo o valor do *sólo*, mas o senhor illude-a com as *condições* da escriptura de emprasamento, e recebe o dominio todo.

Mas ainda ha outra hypothese —o objecto emprasado é um casarão, que o emphiteuta reconstruiu, gastando muitos centos de mil réis, e ahi temos o pagamento de todo o valor da propriedade assim prodigiosamente melhorada, sem que o infeliz colono ou emphiteuta possa empregar o menor subterfugio para se eximir a este pagamento escandaloso.

Muitas escripturas de emprasamento são obscuras, mal redigidas, ou escriptas com as clausulas a que o vulgo dá o nome significativo de *clausulas de alçapão*, e, bem entendido, sempre contra o pobre; que se limita a acceitar todas as condições que o rico lhe quer impôr.

Todas estas circumstancias teem dado causa a obstinadas e dispendiosissimas demandas, nas quaes muitas vezes, cada parte, gasta mais do que o valor da propriedade que é objecto da disputa.

Os modernos legisladores, acabaram com a barbara, absurda e anachronica instituição dos morgados, e promulgaram leis justas, equitativas e beneficas em favor dos filhos segundos, com respeito á successão nos bens de praso; mas ainda se não lembraram de providenciar sobre pagamento de *dominios* e *luctuosas*, e ás extorções e á escandalosa usura continúa.

Um grande numero de moradas de casas (em algumas partes, ruas inteiras) são, na cidade do Porto, *foreiras* ao cabido

de Cedofeita. Pouquissimas se vendem, por causa do monstruoso dominio, e o cabido tem gastado e feito gastar *rios de dinheiro*, em pleitos, que eram escusados, se houvesse uma lei geral e conscienciosa que providenciasse sobre a materia.

Apesar de ainda hoje o cabido e o D. prior de Cedofeita receberem grandes rendas, são pouco mais do que a *milesima* parte do que podiam ser. Os prasos antigos diziam—*O casal de..... pagará de renda...... alqueires de trigo, ou por cada alqueire 20 réis, á escolha do senhorio.*

O cabido preferiu o vintem ao alqueire de trigo, e assim recebeu por espaço de muitos annos. Quando o genero principiou a subir, o cabido pretendeu receber em trigo e não em dinheiro; mas os foreiros oppozeram-se, apegando-se á posse de mais de 40 annos, e os juizes, por esta vez, deram a sentença em favor dos opprimidos contra os oppressores.

Isto consta de documentos antigos e da tradição: ha porém escriptores que negam o facto; mas parece ser verdadeiro.

Por as achar curiosas e de reconhecido interesse historico, dou em seguida a cópia da carta de Abd-el-Assis, senhor do Porto, auctorisando os christãos a exercerem o culto catholico, na egreja de Cedofeita, e as doações de Theodomiro, D. Affonso Henriques, e D. Affonso II.

Carta de salvo conducto a favor do mosteiro de Cedofeita no tempo da dominação dos mouros.

É esta carta de jusgo [1] e consentimento, de Abdelassis Abem Mahomet senhor da cidade do Porto, e da gente de Nazareth, pela qual ordeno que os presbyteros e christãos do mosteiro de Cedofeita, que moram junto á dita cidade do Porto, e seu mosteiro, possúam os seus bens em paz e quietação, sem oppressão, vexame, ou força dos sarracenos; com a condição que não digam as missas senão com as portas fechadas, e não toquem as suas campanhas, e paguem pelo consentimento cincoenta pesantes [1] de boa prata, annualmente, e possam sahir e vir á cidade com liberdade, e quando quizerem, e não vão fóra dos termos do meu mando sem meu consentimento e vontade; assim o mando, e faço esta carta de salvo conducto e a dou ao dito mosteiro para que a possúa para seu jusgo. Feita esta carta na era dos christãos de DCCLV. Lunar a qual, Eu Abdelassis a firmei; e recebi pela confirmação 50 pesantes, e confirmei.

[1] Paz, socego.

[1] Pesante, era uma moeda de prata do tamanho de um tostão.

Doação que fez ao mosteiro de Cedofeita Theodomiro, rei suevo.

In nomine Dei Alpha, et omega. Eu Theodomiro, rei, prostrado ante o altar das sagradas reliquias do bemaventurado Martinho, bispo de Tours, as quaes mandei vir de França; illuminado da verdadeira fé, e as fiz collocar no templo, agora chamado de Cedofeita, que fiz consagrar á sua memoria, em honra de Deus Trino em Pessoa, inseparaveis e indivisas e da Mãe de Deus, Templo inefavel de Jesus Deus humano, em que fielmente creio de todo o meu coração, conhecendo os beneficios que recebi da mão de Deus pelos rogos do bemaventurado Martinho, pela saude de minha alma, e da milagrosa saude de meu filho e povo, dou e faço perpetua renuncia ao altar do mesmo glorioso santo da herdade que fica contigua ao mosteiro com todo o juro real, que n'ella tenho; e faço couto demarcado pelos termos de parochia até o rio Douro, com suas pescarias do dito Douro, e Galliza, em que se estende o meu poder, e lhe dato os meus casaes e mais herdades, que são de meu jur e em terras de Fanic, Farin e Verneo, com todas as suas pertenças e territo-

rios; e tudo fica ao dito altar para conservação do culto divino de Deus e da Virgem, e das mesmas sagradas reliquias; e para sustentação dos sacerdotes, que servem e ao diante servirem ao dito altar, em louvor perenne do mesmo Deus.

—

E a ti, Martinho, com o teu convento, acceitae este testemunho de firme doação, e órem na casa de Deus, por mim peccador.

Foi feita a carta, nonas de abril, anno da salvação 560.

Eu Theodomiro, famulo de Deus, com as proprias mãos a robóro e confirmo.—Theodomiro.

Doação do senhor rei D. Affonso Henriques.

Ego Alfonsus Portugaliae Rex, Simul cum Regina Uxore nostra Domna Mafalda donamus et concedimus Eclsiae, seu Monasterio Citofactae, et Abbati, et Canonices ejusdem, et eorum successoribus omnes haereditatis proximas ipsimet Ecclesiae quae confinant cum haereditatibus, et cum canto Ecclesiae Portugalensis, idest, per locum, que vocatur de Monchique, per germinaldum (*Germalde*) et monte Cativis, et por Paramios, deinde sicut currit in Durium per limites ejusdem Parrociae Citofacta us que in Durium, et facimus ipsas met haereditates, et territorium cautum perpetuum perpetua stabilitate firmissimum per suos terminos rellatos, et dictum Cautum confirmamus cum suis pescariis, et pertinentiis, ut eum, et eas jure perpetuo possideat ipsa Ecclesia Citofacta in honorum Beatae Mariae Virginis et Beati Martini Episcopi Turensis, cujos Sacro-Santae Reliquiae in praefacto Monasterio servantur, et in remedium animaram nostrorum, et pro remissione peccatorum nostrorum. Nemo autem alienorum, et propinquorum nostrorum hanc Cartulam donationis infringiere valeat.

Si quio vero de propinquie meis, vel de alienis hanc Cartulam donationis, seu Cantum errumpere, auferre, seu infringere putaverit, iram Dei incurrat, et a Sacratissimo Corpore, et Sanguini Domini nostri Jesus Christi alienus fiat, et, ut permaneat aevo perenne, et in seculae saeculorum.

Ego Alfonso et uxor nostra Regina literis mandavimus, et in memoriam praesentium, et futurorum manibus nostris roboramus, et confirmamus coram infra sub scriptis testibus.

Facta Charta apud Colimbriam, era milesima, centesima, octaginta sexta, die viginte mensis julii, Ego Aldefonsus, Rex Portugaliae—Ego Mafalda Regina confirmo—I. Colimbriae Episcopus — P. Portugalensis Episcopus — T. Prior Ferdinandos Donatarios Regis Curiae — Petrus Pelagius Ceriae Signifer — Velascus Sancius — Gondisalvus Rodericus — Alfonsus Menedius—Gondisalvus de Souza—Ferdinandus, testis—Petrus Alfonsus, testis—Guilhelmus, testis—Albertus, Curiae Regis Cancellarius.

Doação do senhor rei D. Affonso II

D. Affonso por graça de Deus rei de Portugal, a vós meirinhos, juizes e justiças do nosso reino e coutos, quaesquer que d'este houverem conhecimento e a quem esta carta fôr mostrada, saude.

Sabei que o abbade e conegos do mosteiro de Cedofeita, do pé da cidade do Porto, nos disseram que D. Affonso, rei nosso senhor e avô, a quem Deus accrescente em sua gloria, repairára o dito mosteiro e anovadamente o dotára e lhe limitou e deu couto, marcado e divisado com divisões circumdadamente no termo e couto de arredor do dito mosteiro até o rio Douro, e mandou e outhorgou que o dito couto assim dotado ficasse tirado de seu senhorio e dos outros reis que após d'elle viessem e que fosse para sempre no dito mosteiro a louvor da Madre Virgem de Deus e S. Martinho, bispo de Turon, cujo é o dito mosteiro, e isto em remedio de sua alma e da rainha sua mulher, defendendo sob horrendas penas que nenhum rei nem outra pessoa lh'o possa tolher, como tudo é contheudo na dita doação e carta que tudo lhe fôra aguardado até á morte de el-rei nosso pae, a que Deus perdoe, e isto nos constou por inquirições que se julgaram por sentença para que os nos-

sos juizes e meirinhos não entrassem no dito couto e suas pescaduras, e que se não deixem entrar no dito rio e foz da barra da mesma cidade do Porto até Galliza, a fazer pesca alguma, sem outhorga do dito abbade e mosteiro, para assim haver os direitos da dizima de todo o pescado que se acolher no dito rio Douro e dito termo até Galliza, assim como sempre o hoveram e se ha julgado e dizem tambem o abbade e conegos que algumas pessoas poderosas lhe entram no seu couto contra sua vontade, no que tem damno a sua egreja e mosteiro, e lhe fazem muitas sem razões, como nos devassos, e que lhe usurpam seu senhorio e jurisdicção, e que lhe não guardam seus privilegios e carta de el-rei nosso avô e pediram-nos por mercê que houvessemos sobre elle ao dito mosteiro remedio.

E nós vendo o que a esta razão nos pediram, temos por bem e mandamos a vós que cumpraes e façaes guardar a dita carta do dito nosso senhor avô e sentença que sobre elle tem a dita egreja e mosteiro e tudo façaes cumprir como nos ditos papeis é contheudo, e não soffraes nem consintaes a nenhumas pessoas de nenhuma condição que lhe entrem e devassem o dito couto e seus montados, nem lhe talhem madeira que houverem dentro do dito seu couto, nem lhe devassem os seus maninhos, nem lhe vão pescar e fazer pescaduras ao rio e seu districto até Galliza, sem sua vontade, nem lhe farão algum dezaguizado de nenhuma outra guiza, sob pena dos nossos incoutos e de seis mil soldos que mandamos que pague para nós qualquer que contra isso fôr.

E mandamos a vós que assim o façaes cumprir, por ser nossa mercê de haver ao dito mosteiro aguardado e defensado em tudo, pela guiza que na dita doação e privilegio e sentença è contheudo. Vós al não façaes.

Em testemunho d'este, mandamos dar ao dito mosteiro esta nossa carta de sentença.

Fernam Soares a fez por nosso mandado, em Santarem, a tres dias andados de abril, era de mil duzentos e cincoenta e seis.

—

Para não fatigar o leitor, não dou na sua integra as doações feitas pelos reis de Portugal, que succederam a D. Affonso II; limitando-me a dizer:

D. Affonso III, doou a Valasco Fagundes, abbade de Cedofeita (abbas de Citofacta) o dizimo do peixe colhido nas vargas (redes) do rio Douro, em frente de *Verdugo, Ribeira de Abbade* (aldeias sobre a margem do Douro) e um savel por cada tres (!) pescados no couto de Campanhan, em terra de Gondomar. Esta doação é datada das kalendas de abril, da era de 1307 (1269 de Jesus Christo.)

D. Diniz, estando em Braga, outhorgou um alvará (em 7 de julho de 1290) concedendo a confirmação ao abbade da collegiada de Cedofeita, do Porto, do privilegio do seu couto (as freguezias de Cedofeita e Maçarellos) e que os officiaes do rei não embaraçassem a tiragem do sal das marinhas de Maçarellos, que eram da collegiada.

Este alvará foi origem de graves demandas entre os reis e os conegos de Cedofeita, e depois entre estes e os bispos do Porto.

D. Affonso IV, por uma sua provisão de 3 de julho, da era de 1363 (1325, *o 1.º anno do seu reinado—estando em Lisboa*) diz que Francisco, procurador do cardeal abbade de Cedofeita, lhe diz que «no couto de Cedofeita ha uma aldeia chamada Maçarellos, e «que os homens que n'ella habitam, viveram «sempre de pescaria, e que dos saveis e das «lampreias que pescam, no tempo das an«dainas, davam a oitava parte, e que d'esse e «do al, dão a decima á egreja de Cedofeita, e «não mais. E diz que esses homens do dito «logar, usaram sempre comnosco e com os «de Villa Nova do Porto (*Villa Nova de* «*Gaia*) como com seus visinhos, de que óra «estes homens de Cedofeita, não ousam em «hir pescar no mar nem no Douro, nem hir «á Galliza, portar (*levar*) mercandias (*mer*«*cadorias*) assim como antes soiam porque «dizem que os achaquados (*prejudicados*) se «temem de lhe fazerem mal e dezaguizado— «e isto (*diz o rei*) não o tenho eu por bem «se assim é, pelo que vos mando (*aos juizes* «*e ao alcaide de Gaia*) que os ditos homens, «que moram no dito couto de Cedofeita

«no logar de Maçarellos que os deixeis nas «ditas cousas, usar convosco como até aqui «usaram, e não os achaqueis nem façaes «mal nem força, etc. etc.»

O mesmo rei D. Affonso IV, a 14 do referido mez de julho, tambem outhorgou uma provisão, na qual se lê—«E pediu-me outrosim (*o dito procurador Francisco*) por «mercê, que eu o mandasse que lhe guar«dassem, as cartas das mercês que tem de «nós e dos reis d'onde nós vimos, como em «ellas é contheudo; e eu, vendo o que me «pedia, e por querer-lhe fazer graça e mer«cê, outorgo-lhe e confirmo todas as graças, «mercês, bemfeitorias e liberdades que nas «ditas cartas são contheudas, etc. etc.

D. Pedro I, estando no Porto, outhorgou em 12 de maio da era de 1403 (1365) uma provisão, na qual diz—«sabei que a mim foi «querelado, pelos conegos e cabido do mos«teiro de S. Martinho de Cedofeita, do pé da «cidade do Porto, que não podia haver todo «o derradeiro e cumprido effeito, por os jui«zes e officiaes das minhas justiças, para o «seu mosteiro e egreja haver a disima da «pescadura que se colhe do mar em fóra, «até Galliza, como sohia haver, e sempre o «houveram, em força da carta do senhor rei «D. Affonso, etc., etc.... E que outrosim «lhe devassavam a pescaria do rio e seu «couto, e os seus maninhos e montados, fa«zendo-lhe outras semrazões e dezaguiza«dos, etc., etc.»

Termina por confirmar ao mosteiro de Cedofeita todas as suas antigas doações e privilegios.

D. João I, estando no Porto, confirmou, por alvará de 7 de outubro da era de 1423 (1385 de Jesus Christo) á collegiada de Cedofeita, os ditos privilegios e doações.

D. Duarte, fez o mesmo, em 5 de dezembro do anno de 1433.

D. Affonso V, em 17 de março do anno de 1439.

Ainda confirmou este alvará, por outro, dado em Camarate, á 20 de agosto, do mesmo anno de 1439.

D. João II, em Setubal, a 7 de setembro de 1484.

—

A antiga freguezia de Cedofeita era muito mais vasta do que actualmente, pois comprehendia no seu ambito o seguinte—principiando no fim da actual rua da Rainha (antiga estrada do *Sério*) onde havia um marco, corria a medição pelo Monte Pedral até ao Carvalhido (actual rua da Natária) tudo da parte do N., confrontando com Paranhos.

Do Carvalhido cortava a medição para a rua da Carcereira, até Cóva do Monte, fim da quinta dos Wanzelléres, tudo do lado do O. (do mar) partindo com Ramalde, hindo do mesmo lado, fazendo uma curva, até perto da propriedade do Salabert, até uma casa terrea que está á esquerda da estrada de Lordêllo. D'alli seguia até terminar no rio Douro. D'alli cortava na direcção de E., pela margem do rio, até á calçada de Monchique, que era toda d'esta freguezia.—Seguia pela travessa da Bandeirinha, comprehendendo o célebre palacio dos Cunhas (Bandeirinha) e a sua quinta.—Subia á rua dos Carrancas, que era só d'esta freguezia o lado esquerdo (o direito era da freguezia de S. Pedro de Miragaia.)—Dirigia-se a medição até ao adro dos enforcados, partindo ahi com a freguezia de Santo Ildefonso, e seguindo pela rua do Paço, lado esquerdo, hia até á cêrca dos frades do Carmo, e d'ahi, pela travessa do Carregal, a topar no cunhal do hospital do Carmo, onde estava o marco divisorio, que a separava do de Santo Ildefonso, hindo conforme a configuração da praça dos Ferradores (hoje de Carlos Alberto) até ao cunhal da casa dos viscondes de Balsemão (hoje propriedade dos viscondes da Trindade) lado esquerdo, e em volta do muro (onde agora ha um jardim) até á rua das Oliveiras, e d'esta pela rua da Sovélla (hoje dos *Martyres da Liberdade*) até ao campo de Santo Ovidio (hoje da *Regeneração*) pelo lado esquerdo da rua da Lapa (antigamente Germalde) e d'ahi pela rua da Rainha, lado esquerdo (O.) até onde principiou esta medição.

Esta medição, que era a primittiva, foi alterada no meiado do seculo XVI, quando se creou a freguezia da Boa-Viagem (Maça-

rellos) que todavia ficou sendo filial de Cedofeita.

—

É Cedofeita uma das freguezias que mais tem prosperado e que mais se tem desenvolvido e ampliado, na cidade do Porto.

A estrada — rua da Boa-Vista, uma das mais bonitas do reino, e com certeza a mais comprida, pois virá a ter 5 kilometros de comprimento, é n'esta freguezia.

É n'esta rua o bello hospital militar, construido segundo todas as regras hygienicas indicadas pela sciencia moderna, e que está quasi concluido, contendo já todos os doentes da guarnição.

A uns 400 metros ao S. da rua da Boa Vista, é o cemiterio d'Agramonte, o melhor e mais formoso e moderno da cidade do Porto. É uma vasta planicie horisontal, com bonitas vistas, tendo ao centro uma formosissima capella, de architectura gothica, e já aqui se vêem luxuosos mausoleus. Foi primeiramente cemiterio dos irracionaes.

Muitos edificios antigos e modernos, de grande magnificencia, estão situados n'esta freguezia, sendo um dos principaes, o palacio dos Figueirôas, que, por herança, pertence actualmente á sr.ª condessa de Rézende, viscondessa de Beire. Tem dois pequenos jardins aos lados da entrada principal, um vasto e bonito jardim ao O., seguido de um grande parque, tambem ajardinado, e depois uma quinta, que é a maior que se vê dentro da cidade. Ao fundo da quinta (rua de Cedofeita) dá entrada para ella, um sumptuoso pavilhão de cantaria, tendo na fachada as armas dos Figueirôas. Está porém em abandono, e precisando urgentemente de reparos. A frente da quinta olha para o vasto Campo de Santo Ovidio, onde está o quartel de infanteria n.º 18, que é o melhor e maior do Porto.

A rua de Cedofeita, é tambem uma das mais extensas da cidade.

Segundo Agostinho Rebello da Costa (*Descrip. Topogr. e Hist. da cidade do Porto*, pag. 44) tinha esta freguezia, em 1787, 805 fogos, 2:389 homens, e 1:672 mulheres.

—

Tudo o mais que se desejar saber d'esta freguezia, e que se não ache aqui, vem na descripção da cidade do Porto, onde se deve procurar.

MARTINHO (S.) — Vide *Arvore, Campo, Bougado, Recesinhos, Chans, Gandara, Moure* e *Moutas*.

MARTINHO DA CORTIÇA (S.)—Vide *Cortiça*, a pag. 402 do 2.º vol.

MARTINHO DE COURA (S.)—Vide *Coura*.

MARTINHO DE MOUROS (S.)—villa, Beira Alta, comarca e concelho de Rézende, 10 kilometros ao NO. de Lamego, 335 ao N. de Lisboa, 550 fogos.

Em 1757 tinha 345 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

A universidade de Coimbra apresentava o reitor, que tinha 30$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Houve aqui a *honra dos Cardosos*, da qual foi morgado, Luiz Vaz Cardoso de Menezes, tronco dos Cardosos do Amaral, e dos Amaraes Cardosos, dos Olivaes, no termo de Lisboa; de Viseu e outras terras. Ainda aqui é o solar dos Cardosos.

Em 1295, deu o mosteiro de Salzêdas, *carta de fôro* ao logar de *Villa Chan*, na aldeia de *Quantim*, d'esta freguezia.—Segundo esta carta (forâl) não pagavam os moradores de Villa Chan, ao rei, *vós* nem *cooha* (coima) salvo de *rouso* (violação de mulher) *homem morto* (homicidio) e *merda in bucca*. (Vide *Merda em bôcca*).

Nas *Inquirições reaes*, de 1258, se acharam tres casaes, que a Ordem do Hospital tinha, n'esta freguezia, no logar de Portugéés (hoje *Portuges*) pertencentes á commenda de Barrô — *quae fuerunt de Meono* (senhor) *domno Egea*. [1]

[1] Nos seculos XII e XIII, se dava o honroso tratamento de *meona* e *meana* a senhoras de idade avançada, ou a viuvas (ainda que fossem novas) da primeira nobreza. *Meona* ou *meana*, vinha a ser o mesmo que *madama* ou *madona*. Com o tempo, *meana* se veio a corromper em *mana*, com a mesma significação; e por fim, *mana* veio a significar *irman* (quando a esta se queria applicar uma expressão de mimo).

Hoje, muita gente diz — *minha mana* —

Egas Moniz e sua mulher, D. Dordia, compraram a *João Sonilo* e sua mulher, Elvira, em 1105, uma herdade, em Paredes, de S. Martinho de Mouros, por 10 *módios*. Já os mesmos (Egas Moniz e mulher) tinham comprado no mesmo sitio, outra herdade, a *Joab* e sua mulher Julia, em 1099. (D. Dórdia, morreu antes de 1116). [1]

A villa de S. Martinho de Mouros, foi cabeça de concelho desde os primeiros tempos da nossa monarchia; que foi supprimido em 24 de outubro de 1855.

A rainha D. Thereza, regente do reino, na menoridade de seu filho, D. Affonso Henriques, deu foral a esta villa, no 1.º de março de 1121. (Maço 8 dos foraes antigos, n.º 6. Acha-se impresso, com os *Costumes*, no tomo 4.º de ineditos de Hist. Port., pag. 679).

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 20 de outubro de 1513. (*Livro dos foraes novos da Beira*, fl. 83 v., col. 2.ª)

—

Aqui nasceu, em 1784, D. José do Coração de Maria, conego da Sé cathedral de Lisboa, que falleceu n'esta cidade, e em abril de 1874. Era um varão de muito saber e de exemplar virtude.

—

Está a freguezia situada em terreno accidentado, nas vertentes septentrionaes do monte do seu nome, sobre a margem esquerda do Douro, a 7 kilometros ao O. da villa do Pêso da Regua, e quasi em frente da villa de Mezão-Frio.

É freguezia populosa, contendo um extenso territorio. Confina ao N. com o rio Douro; ao S., com as freguezias de Penude e Almacave (esta já dentro da cidade de Lamego); pelo E., com a freguezia de Barrô; e pelo O. com as de S. João de Fontoura e S. Pedro de Páus.

O seu clima é ameno e saudavel até meia encosta do monte, mas aspero e desabrido d'ahi para cima, até á raia da Penêda, comprehendendo parte da serra das *Meadas*, que de inverno está coberta de neve, em quanto que na parte inferior da freguezia (margem do rio) se goza de uma temperatura agradavel.

É freguezia antiquissima, pois, como diz o proprio nome, foi *de Mouros*; mas crê-se que data de tempos mais remotos, e que já fôra povoada pelos godos e romanos.

A egreja matriz é um templo respeitavel, de construcção gothica, e muito antigo, mas muito bem conservado, por ser todo de granito. No arco cruzeiro se vê a data de—707—mas é tradição firme que remonta á occupação dos mouros, e que fôra obra d'elles, como outros muitos templos da peninsula.

Tem esta egreja um orgão que passa por ser o melhor de toda a diocese.

Á Universidade de Coimbra pertencia o direito do padroado, e os parochos d'esta egreja apresentavam os de Gosende e S. João de Frontoura, e nomeavam os oito beneficiados do seu côro; mas tudo isso passou á historia. Resta, porém, ainda um bom passal, doação da condessa de Marialva, D. Brites.

No sitio denominado o *Castello*, suppõe-se que tiveram os mouros (e talvez os godos ou romanos) uma fortaleza, e alli se admira ainda uma gruta espaçosa, que tem sido visitada por diversos, mas que ainda não foi convenientemente estudada; e em outros muitos pontos d'esta freguezia se encontram vestigios de remotissima occupação.

Esta freguezia foi muitos annos séde de um concelho independente, com seu tribunal, cadeia, pelourinho, etc., e teve um amplo foral com grandes isenções e privilegios, concedido pela rainha D. Thereza e o infante D. Affonso, seu filho. Mas desde o anno de 1855 foi encorporada no concelho e

---

quando falla de sua irman a um terceiro; mas é tolice.

Tudo isto, *mutatis mutandis*, tem applicação ao sexo masculino.

1 *Módio*, era uma medida agraria (môio) e tambem se suppõe ser certa moeda antiga, que existia ainda nos seculos XI e XII. O módio, quer fosse medida, quer moeda, não era igual em todo o reino. Como medida, em umas partes era um almude, em outras um alqueire, e em outras, muito mais. Eu supponho que *módio*, moeda, era o valor em dinheiro, equivalente ao *módio*, medida, da terra a que o contracto se referia. Vide a palavra *Almude*, a pag. 157, 1.ª col., do 1.º vol., onde trato d'isto mais circumstanciadamente.

comarca de Rézende, d'onde dista 5 kilometros.

Ha n'esta freguezia casas antigas e familias muito notaveis. A casa do *Paço de Cardoso*, tão antiga como a monarchia portugueza, senão mais, é hoje propriedade do sr. Ascensio de Sousa, residente em Lisboa, e descendente dos antigos e muito nobres condes de S. Martinho.

A casa de *Porto de Rei*, que foi de D. Chrystovão de Noronha Mello e Faro de Barreto, feita por um seu antepassado, vice-rei da India, é um dos palacetes mais notaveis que se encontram nas margens do Douro, e teve uma custosa baixella; mas em toda esta freguezia a casa que hoje mais avulta é o palacio da Soenga, do ex.mo sr. D. Joaquim d'Azevedo Mello e Faro, sobrinho paterno do muito illustrado sr. D. Frederico, lente jubilado de direito, na Universidade de Coimbra.

Casou o sr. D. Joaquim com uma filha do sr. Francisco Carlos, de Penalva; tem successão, e é um cavalheiro que dá lustre á sua nobilissima familia, alliando á nobreza herdada a nobreza propria, pois é um cidadão probo e muito illustrado, e um distincto amador de floricultura e horticultura. E succedendo, como unico filho varão que era, na casa de seus paes antes da abolição dos vinculos, possue uma boa fortuna.

Um dos monumentos que mais distingue esta freguezia é o Sanctuario do Senhor do Calvario, na aldeia da Feira Nova, cuja romaria é no ultimo domingo de agosto e a mais notavel d'esta provincia, depois das de Nossa Senhora dos Remedios e da Lapa.

Alli afflue n'aquelle dia extraordinaria multidão de fieis das freguezias circumvisinhas e das provincias lemitrophes, até grande distancia, podendo calcular se em réis 500$000 por anno as offertas, somma que se emprega nas obras do sanctuario e nas despezas com a festividade, sempre muito solemne e apparatosa.

Por occasião d'esta romagem, tem havido aqui muitas desordens, apezar de vir todos os annos de Lamego um destacamento de 70 a 80 praças, só para policiar o arraial. Os povos circumvisinhos, costumam ir n'aquelle dia á funcção, agrupados, e como que arregimentados, levando por musica um enorme bombo, duas ou tres violas, ferrinhos, um clarinete e duas rebecas, tocando a classica chula da provincia, e á frente, dançando em columna, dois a dois, ás vezes por espaço de leguas e caminhos diabolicos, os moços e moças mais janotas da terra, caprichando em que o seu descante dê na vista, e distinguindo se sempre entre todos o descante de Barqueiros (freguezia fronteira, e terra natal do infeliz dr. José Julio), pela força e garbo com que se apresentam, e pela generosidade em distribuirem grossa pancadaria e *algo más*, quando alguem pretenda contestar-lhes a primasia—não trepidando mesmo em frente do destacamento inteiro.

É realmente Barqueiros, uma terra de valentões, como poucas nas margens do Douro; e embora entre elles haja attritos e desintelligencias, n'aquelle dia cessa tudo para formaram no imponente descante, e darem as leis no grande arraial do Calvario.

Esta aldeia, denominada *Feira Nova*, é importante.

Ha aqui feira nos dias 1 e 13 de cada mez; praça duas vezes por semana, e muito commercio, pois tem sete lojas bem sortidas de fazendas diversas, rivalisando algumas com os bons estabelecimentos das grandes cidades;—nomeadamente a loja do sr. Narciso Ferreira Bastos, cujo movimento occupa permanentemente cinco pessoas no serviço do balcão.

Falleceu aqui ha annos, de provecta idade, Maria Joaquina, que do seu casamento com Luiz de Magalhães deixou prodigiosa descendencia.

Quasi todos os habitantes actuaes d'esta aldeia, são filhos, netos, bisnetos e terceiros netos da tal sr.a Maria Joaquina, a muito conhecia *Tendeira da Feira Nova*, respeitavel matrona que, sentada no seu pateo, dizia com orgulho e muita satisfeita que, se de alli erguêra a voz, podia reunir um batalhão de pessoas, todas de sangue seu.

Tem tambem esta aldeia, correio diario.

Esta freguezia, é a que dá o titulo aos srs. condes de S. Martinho, do appellido Sequeira Freire.

Em 7 de fevereiro de 1875, falleceu em Lisboa, a sr.ª D. Maria da Graça Lobo da Silveira (da noblissima casa dos condes-barões—hoje marquezes de Alvito) condessa de S. Martinho.

Era uma senhora virtuosa. Tinha nascido em 1800.

Sequeira é um appellido nobre em Portugal, cuja familia descende de Gonçalo Annes Redondo, casado em segundas nupcias com D. Urraca Fernandes, dotada com a quinta e honra de Sequeira, na freguezia de Santa Maria de Sequeira (termo de Barcellos, antigamente, mas hoje concelho e comarca de Braga.)

Tomaram seus descendentes, por appellido, o nome da quinta, onde fizeram o seu solar.

Trazem por armas—em campo azul, cinco vieiras de ouro, em aspas, realçadas de negro. Elmo de aço aberto, e por timbre, 4 plumas azues, guarnecidas de ouro, com uma das vieiras das armas no meio.

D. Fernão Rodrigues Sequeira, foi mestre de Aviz, no reinado de D. João I, e tem a sua sepultura na egreja do convento de Aviz, na qual sepultura se vê o escudo de suas armas, e aos quatro cantos, as armas de Calatrava, de ouro e negro, e sobre ellas um penacho. Timbre, uma *arvore da fortuna*, com a legenda:

AVES, AVIS.
SEQUEIRA SEQUEIRA.

—

Para a familia e armas dos Lobos da Silveira, vide Alvito.

MARTINHO DO BISPO (S.)—freguezia, Douro, concelho, comarca, e 3 kilometros ao O. de Coimbra, 205 ao N. de Lisboa, 800 fogos.

Em 1757 tinha 703 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O bispo-conde (de Coimbra) apresentava o vigario, que tinha 200$000 réis de rendimento.

É uma freguezia grande, rica e fertil, em todos os generos agricolas, produzindo muito bom vinho.

É abundante de peixe do Mondego (que lhe fica proximo) e do mar, o qual lhe vem pela Figueira da Foz.

MARTINHO DO PÊSO (S.)—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Mogadouro, 30 kilometros de Miranda, 450 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 95 fogos.

Orago S. Martinho bispo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 100$000 réis de rendimento.

MARTINHO DO PORTO (S.)—villa, Extremadura, comarca, concelho, e 15 kilometros de Alcobaça, 95 ao NO. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 193 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Patriarchado e districto administrativo de Leiria.

O D. Abbade geral de Alcobaça apresentava o prior (por ser esta uma das villas dos seus coutos), tinha (o parocho) de rendimento, 1 alqueire de trigo de cada fogo.

É porto de mar. A sua barra está entre duas serras formadas de grandes penhascos.

Ainda no seculo XVIII, aqui entravam náus, e aqui mesmo se construiam. Hoje apenas aqui podem entrar hiates, rascas e embarcações miudas; e ainda aqui ha um estaleiro para vasos d'esta ultima qualidade.

N'este porto embarcam os productos das fabricas da Marinha Grande, e do pinhal de Leiria, que para aqui vêem por um caminho americano. (Vide *Marinha Grande.*)

Dista esta villa 3 kilometros ao N. de Alfeizirão, em um alto, junto a uma serra, que, pela parte do mar, continúa até S. Gião (S. Julião.)

O mar, entrando por entre os penhascos da barra, fórma do lado da terra um braço de mar, ou enseada, com 3 kilometros de circumferencia. Dão a esta enseada, vulgarmente, o nome de concha.

A sua profundidade é muito pequena, tendo actualmente na barra, apenas uns 5 metros, quando muito.

A largura da barra é de uns 290 metros, e o seu comprimento não excede a 1:110 metros.

A 1:500 metros ao O. da *concha*, já o mar tem mais de 40 metros de profundidade.

Em eras remotas, era este porto importantissimo, pois aqui affluiam muitas embarcações, estendendo-se então as margens da enseada até á villa de Alfeizirão; como consta de documentos do cartorio do real mosteiro de Alcobaça. No principio do seculo XVI, vindo aqui um syndico d'aquelle mosteiro, encontrou 80 navios fundeados.

Fica o porto entre Nazareth e a lagôa de Obidos, e a 10 kilometros das Caldas da Rainha.

Nos mappas hydrographicos ainda se dá a este porto o seu antigo nome, que era *Sallir*.

Era de urgentissima necessidade a desobstrucção d'este porto, para que elle e a villa tornassem á sua antiga importancia.

—

O 1.º foral d'esta villa lhe foi dado em 1295, pelo D. Abbade de Alcobaça. (*Livro Preto*, da cathedral de Coimbra, fl. 89.)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de outubro de 1518. (*Livro dos foraes novos da Extremadura*, fl. 134, col. 1.ª—Vejam-se apontamentos para o seu foral, no maço 1.º de foraes antigos, n.º 12.º)

—

Consta que nos fins do seculo XVII, se construiram n'este porto, as náus *Nossa Senhora de Nazareth* e a *Oliveirinha*, ambas de 60 peças, e que no principio do seculo XVIII tambem aqui se fizeram 2 fragatas, de 30 e tantas peças cada uma, sendo constructores Antonio da Silva e Manuel Vicente.

Tambem consta que foram aqui fabricados a maior parte dos vasos de guerra com que o infeliz rei D. Sebastião foi invadir a Africa em 1578, e que deu em resultado a desastrosa batalha de Alcacer-Quibir.

—

A villa de S. Martinho do Porto, é pequena, mas bonita. Estende-se em amphitheatro, á beira das aguas placidas da *concha*.

O vetusto castello que defendia a barra, está edificado em um morro alcantilado e, por isso, de incommodo accesso.

Está em ruinas, como quasi todas as nossas fortificações.

Em outro monte não menos penhascoso do que o do castello, está a capella de Santo Antonio.

Tanto d'este sitio, como da velha fortaleza, se gosa um imponente e vasto panorama.

Sobre outro pincaro elevado, está a ermida de S. Domingos, que serve de guia aos navegantes do alto mar, que demandam o porto. O povo tem por devoção accender uma luz n'esta capellinha, para que se aviste do mar, e os marinheiros se guiem por ella.

MARTYRES—freguezia, Alemtejo, comarca de Niza, concelho e 6 kilometros do Crato, 190 ao SE. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 91 fogos.

Orago Nossa Senhora dos Martyres.

É no grão-priorado do Crato, e por isso annexa ao patriarchado, districto administrativo de Portalegre.

O grão-prior do Crato, apresentava o cura, que tinha 150 alqueires de pão e 1 pipa de vinho.

É terra fertil em cereaes.

MARUJA—Vide *Meruje*.

MARVÃO—ribeira, Alemtejo—Vide *Sevêr*, rio.

MARVÃO—villa—praça d'armas—Alemtejo, comarca, e 12 kilometros ao NE. de Poralegre, cabeça do concelho do seu nome, 10 de Aramênha, 6 kilometros ao SE. de Castello de Vide, 180 ao SE. de Lisboa, 360 fogos.

Em 1757 tinha 253 fogos.

Orago Santa Maria. (ou Nossa Senhora da Estrella.)

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

Até ha poucos annos, teve duas freguezias.

Nossa Senhora da Estrella, com 114 fogos.

O grão-prior do Crato, apresentava o prior que tinha 500$000 réis de rendimento.

S. Thiago, com 139 fogos.

O parocho era tambem prior, e da mesma apresentação; tinha 600$000 réis de rendimento.

O concelho de Marvão, é apenas composto de tres freguezias (todas no bispado de Portalegre)—Aramênha, Areias e Marvão; todas com 960 fogos.

Está situada sobre a escarpada serra do seu nome (o *Herminius minor* dos romanos) com 3 kilometros de subida (200 metros sobre o nivel do mar) da qual se goza um vasto panorama, vendo-se a serra da Estrella, (o *Herminius maior* dos romanos), a serra de Béja, muitas povoações, montes e valles.

Esta praça é na raia, a 6 kilometros ao O. da Extremadura hespanhola. (A povoação do reino visinho que lhe fica mais proxima, é Vallença de Alcantara, a 12 kilometros a O.)

É povoação antiquissima, fundada pelos *herminios* (povos da serra da Estrella) 44 annos antes de Jesus Christo, com o nome de *Aramenha*. (Vide esta palavra.) Outros dizem que o seu primeiro nome foi *Medobriga*.

Parece que os mouros aqui fizeram grande mortandade nos christãos, quando invadiram a Lusitania, em 715, e que os que escaparam, se foram refugiar na serra.

Em 770, *Maruan* ou *Marvan*, mouro (africano) senhor de Coimbra, a mandou povoar dando-lhe o seu nome.

> *Maruan*, é palavra arabe, significa—suave, agradavel, ameno, etc.

D. Affonso I a tomou aos mouros, em 1166. D. Diniz, lhe mandou construir o seu castello, e cercou de muralhas (banhadas pelo rio *Aramenha*), em 1299.

Tem Misericordia e hospital.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 11.°

Féra dos muros ha um mosteiro, que foi de frades franciscanos.

Foi *couto do reino* (ou de *homisiados*) instituido para refugio de malfeitores, que aqui não podiam ser molestados. (Vide *Couto*. a pag. 415, col. 1.ª do 2.° volume.)

> Estes coutos foram abolidos por uma lei de 1790; mas inventaram-se as *cartas de seguro;* vindo a ficar a emenda peior que o soneto.

Segundo alguns escriptores, era aqui o assento da célebre cidade romana, por elles chamada *Medobrica* (corrupção de *Medobriga*.)

É certo que por estes sitios tem apparecido muitos restos de construcções romanas, e outros vestigios do seu tempo.

Em uma quinta do seu termo, que foi dos marquezes de Tancos (condes da Atalaia) se tem encontrado muitas amphoras, de barro, medalhas, inscripções e outras antiguidades de grande valor archeologico; assim como restos de grandes edificios soterrados.

Dentro da villa ha duas cisternas, uma das quaes póde conter agua para fornecer por 6 mezes a guarnição da fortaleza e os habitantes da villa. Está no castello, junto á entrada. D'ellas se fornecem de agua os moradores da villa.

A mais pequena é de agua nativa.

Tambem se vae buscar agua a uma fonte que fica na encosta do monte, proximo ao caminho que vae para a villa.

—

D. Sancho II lhe deu o seu primeiro foral, em 1226. (Maço 11 dos foraes antigos, n.° 9.)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.° de junho de 1512. (*Livro dos foraes novos do Alemtejo*, fl. 67, col. 1.ª)

Os condes da Atalaia (marquezes de Tancos) eram alcaides-mores, hereditarios da praça de Marvão.

—

O brazão d'armas d'esta villa, é—em campo azul, um castello de ouro, e sobre elle o escudo das Quinas portuguezas, entre duas chaves.

—

É a serra de Marvão um ramo da serra de Portalegre, e no plató de um dos seus mais altos cabeços é que está situada a villa e a fortaleza.

Para o N., S. e O., é todo o monte formado de rocha viva, e como que cortado a prumo, até um profundissimo valle, com taes quebradas e tão escarpada penedia, que o accesso é impossivel por alli.

Sobe-se para a villa pela parte de léste, onde o monte não tem rochedos e se eleva com um declive menos precipitado; mas, mesmo assim, ha apenas para a subida duas calçadas, ingremes, tortuosas e de penoso transito.

Como a fronteira é d'este lado, são aqui as principaes fortificações da praça.

Dos outros tres lados é ella terrivelmente inexpugnavel por natureza.

A primeira muralha está construida ao fundo do monte, servindo-lhe de fosso o rio *Aramenho*: dentro da villa e a O. d'ella está o castello com seus baluartes.

Durante a guerra dos 27 annos (de 1640 a 1668) foram concertadas as fortificações e se lhe fizeram algumas obras, segundo o systema moderno.

—

Ha na villa 4 ermidas.

De varios sitios da villa se descobre um dilatadissimo horisonte, como já fica dito.

O rio Aramenho, rega e fertiliza os campos circumvisinhos, onde ha algumas hortas e pomares.

No termo ha abundancia de cereaes, legumes, fructas e azeite. Cria-se por aqui bastante gado de toda a qualidade, e nos seus montes ha abundancia de caça, grossa e miuda.

—

Pelas immediações de Marvão se teem descobrido varias ruinas de edificios antiquissimos, em uma vasta extensão de terreno; o que prova ter aqui havido uma cidade ou povoação importante. Segundo varios escriptores, foi a cidade de Medobriga, porém o padre Luiz Cardoso, da congregação de S. Philippe Nery, e um dos nossos mais estudiosos archeologos, diz que era aqui o assento da velha cidade de *Arménia*. Funda-se elle em o nome de *Aramenha* dado á villa proxima, e do de *Aramenho*, dado ao rio que passa na villa.

Salvo o devido respeito a este illustre escriptor, não me conformo com a sua opinião. E duvidosa a existencia da tal cidade de Armenio e ainda mais duvidosa a sua situação.

Quanto á significação da palavra *Aramênha*, não é preciso hir buscal-a á Asia; pois no antigo lusitano temos *hermênho* (que os romanos alatinisaram fazendo *herminio*) e que é um adjectivo, significando aspero, rude, intratavel, etc.

Para evitar repetições, veja-se o que digo com respeito a *Modobriga* e *Aramenha*, a pag. 226, 227 e 229 do 1.º volume.

Rectificação historica

Entregando ao chefe do estado o autographo do auto de inauguração da estatua de seu augusto irmão, em Castello de Vide, disse o senhor Antonio Marcellino Carrilho Bello: (29 de setembro de 1873.)

«Senhor! Este velho, que sincera e cordealmente se confessa muito honrado, por se achar na presença de vossa magestade, foi quem lembrou aos seus compatriotas do exilio em Hispanha, em 1833, a necessidade de tomar a praça de Marvão, feito que se realisou na madrugada do dia 12 de dezembro d'aquelle anno. Foi elle o terceiro que a escalou, e quem poucos dias depois se encarregou de voltar á Hespanha, para obter os meios necessarios á conservação da mesma praça até ao fim da lucta, que então se travava entre irmãos!»

(*Diario do Governo*—sabbado 25 de abril de 1874.)

Quem lêr esta breve narrativa, em que o sr. Antonio Marcellino se pavonea de *haver escalado Marvão*, deve naturalmente concluir, que, na madrugada do dia 12 de dezembro de 1833, se pelejou sangrenta batalha junto das muralhas de tão formidavel fortaleza, na qual se entrou *por escalada*.

Mais se convencerá ainda o leitor de que seriam necessarias em tamanha facção numerosas forças aguerridas e grande material de sitio, para se tomar *por escalada* tão notavel praça, se tiver alguma noticia das naturaes e importantes condições de defeza, que possue, e a tornaram celebre nas guerras que temos tido com os nossos visinhos.

A verdade porém é que na tomada de Marvão, a que se referiu o sr. Antonio Marcellino Carrilho Bello, nem houve batalha, nem sequer choque ou barulho bellico; porque o sr. Manuel Matheus Brandão, sargento da praça, a entregou aos liberaes portuguezes, vindos expressamente de Hespanha, facilitando lhes o accesso pela Cova dos Coelhos; e por este serviço foi remunerado com a patente de alferes, vivendo hoje, em Castello

de Vide, com o posto de major reformado.

Proclame-se embora como *glorioso successo* a tomada de Marvão em 1833; ensoberbeça-se de *haver escalado* esta praça o sr. Antonio Marcellino Carrilho Bello.

Se um dia se escrever, como deve ser escripta, a historia dos acontecimentos d'essa epocha, n'ella apparecerá registado o nome do sr. Manuel Matheus Brandão com a qualificação que merece.

—

Marvão é appellido nobre em Portugal, tomado d'esta villa. Tem por armas—escudo dividido em pala — a 1.ª, de prata, e a 2.ª de azul, e sobre tudo, 3 rodellas de púrpura, em faxa. Orla de prata, carregada de 8 leões de púrpura. Elmo de aço, aberto; e por timbre, um dos leões das armas.

—

Já a pag. 226 e seguintes do 1.º volume, tratei circumstanciadamente da cidade de *Medobriga*, e para lá remetto o leitor. Aqui só direi (para evitar suspeitas de contradição) que a antiquissima cidade de *Medobriga*, de que fallo em Aramenha e em Marvão, é uma e mesma cousa; visto que a planicie em que ella existiu, e onde ainda se encontram notaveis vestigios, é entre as duas villas actuaes.

É de suppôr que, destruida esta cidade pelas guerras continuas da edade média, e estando, pela sua posição topographica, sujeita a frequentes invasões, o povo a abandonasse, hindo estabelecer o seu domicilio nos asperos alcantis do Herminio menor, e n'outros sitios de difficil accesso e facil resistencia.

Tambem é probabilissimo que, achando-se os agarenos senhores pacificos da Lusitania, e vendo na povoação do Herminio-menor uma posição militar quasi inexpugnavel, a aproveitassem para construir alli uma cidadella, que os defendesse dos ataques dos christãos, e que, sendo Maruão o seu fundador, e o povoador da aldeia (ou villa) abandonada, lhe désse o seu nome.

(Vide *Marvão*, serra.)

MARVÃO—serra, Alemtejo, no concelho da villa do mesmo nome, comarca, bispado e districto administrativo de Portalegre. As suas cumeadas estão a 600 metros acima do nivel do mar.

Como já disse em *Aramenha* e em *Marvão*, villa, é o Herminio-menor dos antigos.

A paginas 229, col. 1.ª, do 1.º volume, disse qual era a etymologia da palavra *Herminio* ou *Hermenho*.

Actualmente, dá-se a esta cordilheira—o nome vulgar de *Serra de Portalegre*, e se divide em varios ramos menores, que tomam os nomes das povoações que n'elles estanceiam.

É pois esta serra em grande parte habitada, e n'ella estão—a cidade episcopal (e capital de districto) de Portalegre; e as villas de Arronches, Marvão, Alegrete, Aramenha, e outras muitas freguezias e aldeias.

É nas faldas d'esta serra que existiu a cidade de Medobriga.

—

A formação geologica d'esta serra, é, a muitos respeitos, similhante á da Estrella, da qual é um ramo, e pertence ao systema denominado carpetano-vetonico. Ha aqui minas de ouro, de prata, de chumbo argentifero, e de formoso crystal de rocha.

É incontestavel que estas minas foram exploradas (lavradas) desde tempos immemoriaes. Talvez que os phenicios e seus *co-indigenas*, os carthaginezes, dessem principio á sua lavra; mas é certo que os romanos, e depois d'elles os arabes, aqui fizeram grandes trabalhos de lavra, do que ha muitos vestigios.

—

No districto da freguezia de Aramenha, está um monte (ramo d'esta serra) chamado *serra da Portagem*, nas abas do qual (a O.) ha uma extensa caverna de grande profundidade, e com 33 metros de altura.

D'ella segue subterraneamente, em direcção ao N., outra caverna ou galeria, compridissima, onde os curiosos se não teem atrevido a penetrar, senão a pequena distancia, por falta de luz e pela decomposição do ar, que se torna irrespiravel.

As paredes e abobadas da caverna do N., são de rocha viva, e parecem feitas a picão. Segundo a tradição, conservada por estas terras, foi uma grande mina de chumbo.

A historia confirma a tradição; porque os romanos chamavam *plumbarios* (*chumbeiros*, mineiros de minas de chumbo) aos povos de Medobriga. Os latinos chamam indistinctamente *plumbum* ao estanho e ao chumbo. Vê-se pois que a industria mineira data, n'estes sitios, de tempos remotissimos.

N'estas cavernas tem apparecido columnas, capiteis, amphoras, cippos, medalhas de prata e de bronze, e outros objectos de muito valor archeologico.

E' na raiz d'este monte que existem as ruinas de Medobriga, proximas do castello de Marvão, cujo altissimo viso, deitando sobre a cidade destruida, ainda conserva o primittivo nome de *Herminio;* e o local onde foi a cidade, d'*Aramenha*, corrupção de Herminia — *Ipsa etiam destructa civitas a monte, cui subjecta est*, Herminia *vulgo dicitur, sive, ut lusitane loquar* Haraminia.—André de Rézende, *Antiquitatibus Lusitanae*, lib. 1.º, tom. 1.º, pag. 68.

Na serra de Marvão ha varias grutas, algumas das quaes possuiam formosissimas stalactites e stalagmites.

Em 1869 um vandalo quebrou e roubou todas aquellas a que poude deitar o camartello, e andou por esse reino com ellas em exposição, para as vender a quem as quizesse; gabando-se ainda por cima d'este vandalismo estupido, como se fosse uma grande façanha. Vi-as no palacio de crystal, do Porto, e muitas eram admiraveis. Tambem trazia algumas dendrites.

(Vide *Aramenha, Marvão*, villa—e *Portagem*, serra.

MARVILLA — aldeia, Extremadura, freguezia, concelho e 2 kilometros a SE. dos Olivaes, comarca, 5 kilometros a E. NE. de Lisboa, 35 fogos.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Sahindo do *Beato Antonio*, por uma soffrivel estrada, paralella ao Tejo (margem direita), nos fica ao N. o palacio patriarchal de Marvilla, vulgarmente denominado *palacio* e *quinta da Mitra*.

É edificio muito antigo, e tanto que se não sabe quem foi o prelado lisbonense que fundou o primittivo palacio, ou se elle lhe foi dado já construido.

Varios arcebispos d'esta diocese, e principalmente o cardeal arcebispo, D. Luiz de Sousa, lhe fizeram augmentos e reparações durante o seculo XVII.

D. Thomaz de Almeida, filho dos condes de Avintes (pouco depois elevados a marquezes do Lavradio), 1.º cardeal patriarcha de Lisboa, desde 1716 até 1754[1] foi muito estimado por D. João V, que lhe dava uma dotação condigna com as honras de infante de Portugal, que concedêra aos patriarchas; pelo que vivia com grande ostentação, e fez obras importantes em todas as propriedades da mitra.

Foi este prelado que reconstruiu, desde os alicerces, o actual palacio de Marvilla, dando ao novo edificio, mais grandeza e mais nobre apparencia; porque o antigo era apenas uma modesta casa de campo.

A sua architectura é regular, e de bôas proporções, mas no estylo desengraçado do seculo XVIII, de que o marquez do Pombal tanto gostava.

A fachada principal, olha para o S., e cáe sobre a estrada. A face do O. deita para o pateo da entrada. A d'E., estende-se por um jardim, que se eleva até á altura do andar nobre. A do N. está voltada para o jardim e para a quinta.

O portão da entrada para o pateo, com a sua corôa de balaustradas e pyramides, é esbelto e de boa architectura. Junto d'elle, para o lado do O., está um edificio, com acommodações para creados.

As salas do palacio são grandes, mas pobres de ornamentação, se exceptuarmos os quadros a oleo que as guarneciam.

N'aquelle tempo, e já muito antes, a riqueza dos ornatos, tanto d'este paço, como dos dos nossos reis, e grandes do reino, consistia simplesmente em damascos, velludos, brocados e tapeçarias com que se vestiam as paredes, ador-

[1] Vide a pag. 276 do 4.º vol.

navam as portas e janellas, e cobriam os bufétes, as cadeiras e o pavimento.

Os quadros a oleo de que fallei, eram os retratos de varios prelados lisbonenses, pintados por artistas nacionaes, antigos, e que foram mandados retocar por D. João V, sendo o seu restaurador, o famoso Francisco Vieira, vulgo, *Vieira Lusitano*.

Parte d'estes retratos, já estavam no palacio antigo, que se demoliu, e o resto, no paço dos arcebispos de Lisboa, de que ainda ha vestigios, no logar agora chamado *pateo da Sé*, junto e a ENE. da Sé cathedral. (Vide a pag. 148 do 4.º vol.)

Eram 13 os retratos:

1.º Não tem nome, pelo que não se sabe a que prelado pertence.

2.º Era de D. Antonio de Mendonça, 18.º bispo de Lisboa. (filho do 1.º conde de Valle de Reis.)

3.º Do cardeal D. Luiz de Souza, 19.º arcebispo de Lisboa.

4.º D. Rodrigo da Cunha, 17.º arcebispo.

5.º Do cardeal D. Jorge da Costa (o *cardeal de Alpedrinha*), 8.º arcebispo.

6.º De D. João Manuel, 16.º arcebispo. (o que foi vice-rei de Portugal, por Philippe III —Era da familia dos condes da Atalaia.)

7.º Era de D. Affonso Furtado de Mendonça, 15.º arcebispo. (Este descendia dos duques do Infantado, em Hespanha.)

8.º Era D. Miguel de Castro, 14.º arcebispo.

9.º Era de D. Jorge de Almeida, 13.º arcebispo.

10.º Era do cardeal-infante D. Henrique, depois rei, e que foi o 12.º arcebispo.

11.º Era de D. Fernando de Vasconcellos e Menezes, 11.º arcebispo, e filho dos condes de Penella.

12.º Era do cardeal-infante, D. Affonso, filho do rei D. Manuel, e 10.º arcebispo.

13.º Era de D. Martinho Vaz da Costa, irmão do *cardeal de Alpedrinha*, e 9.º arcebispo.

Guardavam-se nas cocheiras d'este paço os magnificos coches de que se servem os cardeaes-patriarchas, nas grandes solemnidades.

Foram feitos em 1718, para o patriarcha D. Thomaz de Almeida.

O jardim estava pobre de flores, e a quinta, falta de arvoredo.

Esta magnifica propriedade, está situada em terreno elevado, sobre a margem direita do Tejo, de maneira que a estrada desce para ambos os lados. Das janellas e do jardim se goza a soberba vista do magestoso rio, que tem aqui 15 kilometros de largura.

Em frente do palacio, sobre o muro que orla a estrada, levantam-se duas pyramides, ou agulhas, de pedra, tendo esculpidas as armas de D. Thomaz de Almeida (as dos condes de Avintes.)

Foi tambem este patriarcha que mandou construir á sua custa, todo aquelle lanço de estrada, e o muro de supporte que a sustenta do lado do rio. (S.)

Esta propriedade foi julgada *bens nacionaes*, e vendida em asta publica, ao sr. marquez de Salamanca (hespanhol), que reedificou o palacio e a quinta, com grande sumptuosidade, e é hoje uma bella e magnifica vivenda.

Em 1874, tornou a ser vendida pelo sr. marquez de Salamanca, a um cavalheiro americano, casado com uma dama hespanhola, que reune a uma caridade evangelica, e ás mais exemplares virtudes, um notavel talento para a poesia.

Pela extremidade N. da quinta, mas ainda por dentro d'ella, passa o caminho de ferro do Norte e Leste.

É ahi que está a aldeia de Marvilla, a *Escóla normal de Lisboa*, occupando um palacio pertencente á casa dos marquezes de Abrantes, e o mosteiro de Nossa Senhora da Conceição, de religiosas de Santa Brisida, fundado por Fernando Cabral, que lhe lançou a primeira pedra nos alicerces, no dia 18 de março de 1660.

N'este convento se faziam os famosos *pastellinhos de Marvilla*, tão estimados em Lisboa e seus arredores; advertindo porém que a maior parte dos que se vendiam, eram fabricados em outras partes, e de Marvilla apenas tinham o nome.

Uma carta de lei, de abril de 1874, sancionou o decreto que concedeu a egreja e

mosteiro de Nossa Senhora da Conceição, de Marvilla, para n'elle se estabelecer o asylo de D. Luiz.

A administração d'este asylo, tratou immediatamente das obras necessarias para que o edificio preencha os fins a que se destina.

As obras têem continuado com zelo e intelligencia, estabelecendo-se um systema de ventilação em que se observaram todas as regras da sciencia moderna, para salubridade do edificio e commodidade dos asylados. Construiram-se dois pavilhões e outros aperfeiçoamentos, e o edificio está dentro em pouco tempo em estado de receber aquelles para quem é destinado. (fevereiro de 1875.)

MARZAGÃO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca de Moncorvo, concelho de Carrazéda de Anciães, 115 kilometros ao NE. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 125 fogos.

Em 1757, tinha 87 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

Tem annexa a freguezia de Luzéllos.

O real padroado apresentava o reitor, que tinha 100$000 réis.

MASA (de ferro)—portuguez antigo—o mesmo que barra, ou *linguado*, de ferro.

MASARÉFES—freguezia, Minho, concelho de Vianna do Minho, comarca, e 30 kilometros a ONO. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 101 fogos.

Orago S. Nicolau.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna do Minho.

A casa dos Pereiras, de Masaréfes, apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento.

É terra fertil.

MASCARENHAS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella, 60 kilometros de Miranda, 405 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 180 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 100$000 réis de rendimento.

É d'esta freguezia, que os *Mascarenhas* tomaram este appellido, um dos mais nobres de Portugal.

Para a sua genealogia e armas, e para o triste fim dos Mascarenhas, duques de Aveiro, vide *Chão-Salgado*, a pag. 271 do 2.° vol. e a pag. 240 do 3.° vol., col. 2.ª, onde trata do 1.° marquez da Fronteira.

MASCOTÉLLOS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 40 fogos. Em 1757 tinha 28 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O cabido da collegiada de Guimarães, apresentava o cura, que tinha 30$000 réis e o pé de altar.

MASCUSINHOS—aldeia, Traz-os-Montes, freguezia de S. Thomé do Castello, concelho comarca e districto administrativo de Villa Real.

Arcebispado de Braga.

As pestes de 1503 e 1505 causaram aqui tal destrôço, que apenas escaparam duas mulheres. Vide *Castello* (S. Thomé do.)

MASOR—portuguez antigo—testamenteiro.

MASOUCO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca do Magadouro, concelho de Freixo de Espada á Cinta, 180 kilometros a NE. de Braga, 400 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 68 fogos.

Orago Santo Isidoro.

Arcebispado de Braga e districto administrativo de Bragança.

Os beneficiados de Freixo de Espada á Cinta, apresentavam o vigario, que tinha réis 30$000, e o pé de altar.

—

Ha n'esta freguezia uma fonte chamada do *Xído* (ou *Enxído*), que principia a deitar agua no mez de março, e cessa em setembro.

Diz o padre Carvalho, que, quando o anno tem de ser fertil, lança a fonte muito pouca agua; e quando tem de ser esteril, a deita em grande abundancia.

Acredite quem quizer.

MASSARELLOS ou **BOA VIAGEM**—freguezia, Douro, comarca e bairro occidental do Porto, etc.

Já a pag. 8 d'este 5.º vol., tratei d'esta freguezia, sob a palavra *Maçarellos;* mas, depois de estar publicado o respectivo fasciculo, recebi mais esclarecimentos, de que não quero privar o leitor, e por isso os dou n'este lugar.

—

Foi até 1835 um simples curato, e comprehendia um pequeno numero de casas na *Praia*, *Corpo Santo* e proximidades, mas com a extinção dos padroados e apresentações, em 1834, ficou sendo parochia independente, e no arredondamento parochial d'esta cidade; feito em 1841, se lhe addiccionou grande numero de casas, pertencentes á freguezia de Cedofeita, e hoje conta esta freguezia de Massarellos 1:200 fogos (e não 500, como disse a pag. 8.)

Tem hoje tambem o titulo de abbadia, e foi o rev.do José Gomes, o primeiro presbytero que n'ella se collou com este titulo; e o 2.º, o sr. João Climaco Vieira da Motta, parocho actual, nascido na freguezia de S. Salvador de Thuyas, no concelho do Marco de Canavezes.

A matriz de Massarellos, era um templo que existiu na calçada da *Boa Viagem*, ao fundo da rua do Gólgotha, onde se vêem ainda as paredes derrocadas; mas como além de extremamente singelo, se achasse em ruinas, foi o Santissimo transferido, em 12 de março de 1868, para a capella do Corpo Santo, por ordem do sr. D. João da França Castro e Moura, então bispo da diocese, e do sr. conde de Samodães, então governador civil do Porto.

A transferencia foi provisoria, em quanto se não reedificava a velha matriz, ou se não construia outra; mas, como succede muitas vezes em casos analogos—o provisorio promette tornar-se definitivo e permanente.

É pois a dita capella do Corpo Santo, junto á praia, a matriz actual d'esta freguezia, que lucrou, porque a antiga, como disse, era singelissima, estava mal situada e a desabar, em quanto que a actual é um templo regular, bastante espaçoso, bem construido, muito decente e mais central.

Tem duas torres (uma d'ellas com relogio), 4 altares lateraes, álem do altar-mór, uma boa sachristia, elegantes decorações interiores, a obra é de talha dourada, bom côro, um orgão, alfaias soffriveis, um calix e uma custodia de prata antiquissimos.

Esta egreja, foi fundada por devotos, em grande parte maritimos, e se denominou do *Corpo Santo*, por ser este o nome do local onde a construiram. Era, e é, propriedade de uma irmandade das almas, que tem por patrono S. Pedro Gonçalves (S. Telmo.)

A egreja está muito proxima do Douro, passando encostada á ella a estrada marginal, mas tem a frente voltada ao N., sobre a antiga rua de Christéllo, que era o caminho do Porto para a Fóz do Douro, na data em que a egreja foi construida, ou antes reconstruida, data anterior á abertura da estrada marginal, uma das obras de D. Francisco de Almada (v. Porto), esse eximio e benemerito cidadão que tantos serviços prestou á cidade do Porto, como corregedor, intendente da policia, etc.

A dita rua de Christéllo, era muito estreita, e por isso acanhada a entrada para a egreja, mas no ultimo anno (1874) a camara municipal, a instancias dos parochianos de Massarellos, que para esse fim se cotisaram, expropriou os quintaes e casas que havia entre a egreja e a nova rua da Restauração, e deu á egreja amplo e facil accesso.

O templo, que é hoje matriz, não revela pelas suas fórmas e elegancia, muita antiguidade, mas sabe-se que é reconstrucção de um outro que havia no mesmo local, e que era antiquissimo.

Diz alguem, ser anterior á fundação da primitiva Misericordia do Porto, e coevo da egreja de Cedofeita.

As festividades principaes que se fazem actualmente n'esta egreja, são; Corpo de Deus, Santo Antonio da Estrella e S. Pedro Gonçalves.

Ha n'esta freguezia muitas fabricas, com grande numero de operarios e empregados, o que muito contribue para o sensivel augmento que se nota na população.

A principal d'estas fabricas, no seu genero a primeira do Porto, é a da fundição de ferro na Praia de Massarellos, propriedade da companhia Alliança, e ha ainda aqui mais 4 do mesmo genero: uma na Arrabida, de Manuel José Fernandes Guimarães, outra de Dyonisio Chaves, na Restauração, e duas no Bicalho, uma de Antonio de Oliveira, e outra de Eugenio Ferreira Pinto Basto.

Foi esta ultima, uma das primeiras fabricas de fundição de ferro, que houve no Porto, e gosou muito tempo bons creditos, mas ha annos não trabalha.

Ha tambem n'esta freguezia, junto á rua do Gólgotha, uma boa fabrica de solla, propriedade de Antonio Thomaz Leite de Moraes—outra de cerveja, na rua da Piedade—outra de louça, junto ao caes da Paixão, pertencente a Antonio Rodrigues de Sá Lima & Filhos—outra de moagem de pão, a vapor, hoje de D. Felix Fernandes, Sobrinhos, na rua da Restauração—outra de aguardente de vinho e cereaes, tambem na rua da Restauração, propriedade de Manuel José Barreto.

Os edificios e casas mais notaveis d'esta freguezia, são: Palacio de crystal com as suas tres naves, bonito chalet, magnifico circo para cavallinhos, formosos jardins, lindo bosque com jogo de bolla allemão e outros jogos de gymnastica, carreira de tiro; um bom estabelecimento de horticultura e floricultura; vistas surprehendentes sobre o mar e o Douro, e sobre a cidade e arrabaldes, etc.

Este magnifico estabelecimento, manifestação arrojada do genio emprehendedor da nossa capital do Norte, a custo se tem conservado, depois que o governo lhe retirou o subsidio, mas dias melhores espera brevemente, com o rapido progresso da cidade, progresso que vae accentuar-se de um modo particular, com as linhas ferreas do Minho e Douro, a primeira já construida e prestes a inaugurar-se, e a segunda já muito desenvolvida;—e com caminhos americanos que a companhia Carris de Ferro do Porto anda construindo em toda a cidade, entrando os rails já dentro dos jardins do Palacio, ficando este ahi ligado pela commoda viação americana em toda a cidade; estação dos caminhos de ferro do Minho e Douro, Companhia Fóz do Douro, Mattosinhos, etc.

Em frente do Palacio de Crystal, ainda no limite d'esta parochia, se vê o palacete dos srs. marquezes de Monfalim (ou dos Terenas), com a sua velha torre ameiada, antiga vivenda, segundo a tradicção, do grande e orgulhoso negociante e capitalista Pedrossem, ou Pero d'Ossem, mais conhecido por *Pedro Sem*, do qual é ainda viva a lenda que deu origem ao drama *Pedro Cem*.

Desmoronando-se rapidamente a grande fortuna d'aquelle capitalista, compraram os ascendentes do conde de Terena esta propriedade, e para ella transferiram a sua residencia.

Do alto d'aquella torre, ou, como quer alguem, d'outra que o legendario capitalista tinha nas proximidades, é que elle via entrar os seus numerosos navios.

É notavel e historica a casa de Eugenio Ferreira Pinto Basto, em Entre-Quintas, a partir com os parques do Palacio de Crystal, por ter vivido algum tempo e fallecido n'aquella casa o rei Carlos Alberto, avô da sr.ª D. Maria Pia de Saboya.

Ao Sul do palacio, e proximo a elle, está a capella que a princeza Augusta de *Montlear* mandou erigir á memoria de seu augusto irmão.

É notavel tambem n'esta freguezia, a casa do sr. João Pacheco Pereira, em Villar, fidalgo distincto e senhor de grande fortuna. Tem esta casa uma capella, com alfaias riquissimas, e a cerca contigua é extensa e povoada de arvoredo admiravel.

É tambem digna de menção n'esta freguezia, a casa e quinta do Bom Successo, que foi do desembargador Sá Lopes, e é hoje de seus filhos, e a montante d'esta casa e quinta está, ainda n'esta freguezia, o cemiterio publico de Agramonte, de que já fallei.

Tambem devo mencionar a quinta da *Pena*, do sr. desembargador Novaes, no alto d'esta freguezia, predio vasto e rico; e o asylo da infancia, em Villar, montado hoje no palacete que foi do conde de Britiandos, junto á casa do sr. João Pacheco Pereira. É um respeitavel monumento de caridade, fundado pelo virtuosissimo sr. Ricardo Vanze-

ler, arcediago actual de Oliveira do Douro, uma das dignidades do cabido d'esta Sé do Porto, e um dos caracteres mais nobres e respeitaveis de que n'esta cidade ha memoria.

É natural d'esta freguezia o ex.^mo Prelado actual d'esta diocese, D. Americo Ferreira dos Santos, filho do barão de Santos, acreditado negociante que foi, n'esta praça e na de Lisboa, onde passou o ultimo quartel da vida.

Córta esta freguezia, pela estrada marginal, a linha ferrea americana do Porto á Fóz e Mattosinhos, montada em 1873, formando na Praia ou Alameda de Massarellos um entroncamento, d'onde a empreza estendeu um ramal, em 1874, pela rua da Restauração para o Campo dos Martyres da Patria.

Esta linha americana, a primeira d'este systema que se montou no nosso paiz para serviço publico, foi feita pelo capitalista Eugenio Ferreira Pinto Basto e pelo deputado J. D. de Mello e Faro, que já em 1874 a passaram, com forte lucro, a uma companhia intitulada—Empreza dos carros americanos do Porto á Fóz e Mattosinhos.

O actual abbade de Massarellos, é filho do sr. Joaquim Antonio Soares, que foi sargento-mór, e da sr.ª D. Maria Vieira dos Reis, irman do virtuoso padre Joaquim Vieira da Motta, que foi secretario no Paço Episcopal do Porto, e que pela sua extraordinaria modestia e abnegação, nunca quiz ser parocho, apesar de lhe serem offerecidas, por vezes, boas abbadias.

E é o parocho actual d'esta freguezia, primo do dr. Carlos Vieira da Motta, dezembargador na Relação dos Açores, fidalgo da casa real, commendador da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, e caracter nobilissimo, filho do conselheiro e tambem fidalgo da casa real, Bernardo José Vieira da Motta, que foi juiz no Supremo Tribunal, etc.

—

Quando tratei do cemiterio de Agramonte, esqueceu-me de mencionar o rev.^do Alexandre Pinto Pinheiro, digno capellão e administrador d'elle, a cujo zêlo, sollicitude e intelligencia se devem muitos dos melhoramentos do cemiterio, e constante aceio em que se acha.

O sr. padre Alexandre, habita aqui mesmo, bem como o sacristão, em residencia construida expressamente para elles e successores, unida á capella, e de bella e alegre apparencia.

MASSÍA—portuguez antigo—tearia, ou casa rustica, para a gente da lavoura.

MASSÚA ou **MASSÚCA**—de linho—pequeno mólho de linho, a que em algumas partes dão hoje o nome de *maçadura* e em outras, de *maçadoura*.

Nos documentos de S. Pedro das Aguias, de 1358, se lhe dá já o nome de *maçadura*.

> Depois de arrancado o linho, e de se lhe extrahirem as capsulas que contêem a semente (a *baganha*) se ata aos mólhos (*aguadouros*) e se deita em ribeiros, ou em prêsas á fermentar, depois, tiram-se os mólhos da agua, e se põem, desfeitos, a seccar ao sol. Quando está sêcco, se faz em pequenos mólhos, atados por uma das extremidades com fêveras do proprio linho, e está preparado para *maçar*, que é a sua primeira operação. É a estes pequenos mólhos, que os antigos chamavam *massuas*, ou *massucas*, e depois *maçadura*, ou *maçadoura*. Já se vê que é o linho ainda em bruto e por limpar das partes não textis. Cada maçadoura vem depois a dar 10 a 12 estrigas.

MASSÚCA de ferro—portuguez antigo—pequena barra de ferro, ainda não purificado, mas bruto e informe. *Dez massucas de ferro.* (Inventario de Moncorvo, de 1407.) *Ferro maçuquo*, ou *maçouquo*, ou *masuco*, é ferro grosseiro, em *massa* ou em *barra*. Assim se acha denominado em muitos foraes do rei D. Manuel, no seculo XVI.

MATA-CÃES — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Vedras, 40 kilometros ao NO. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 183 fogos.

Orago Nossa Senhora da Oliveira.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O parocho tinha o titulo de cura, e era um dos beneficiados de S. Miguel, da villa de Torres Vedras. Rendia o beneficio réis 100$000, e o pé de altar.

Era reguengo do mosteiro. (Sentença sobre o quarto dos legumes, dada a 16 de fevereiro de 1551. *Livro das sentenças a favor da corôa*, fl. 113, col. 2.ª)

Mata-Cães é uma bonita povoação, situada entre Runa e a villa de Torres-Vedras, e proximo da estrada real.

Ao O., entre esta povoação e a da Ordasqueira, está o bonito monte do *Calvário*, e no seu cume se vê a pequena mas formosa capella do *Senhor Jesus do Calvário*, imagem de grande devoção, dos povos d'estes sitios, que lhe faz em uma grande festa e romaria, no mez de abril.

Tem esta capella um lindo ponto de vista. De um lado se vêem as antigas muralhas ameiadas e os muros desmantelados, do velho castello de Torres Vedras, recordação historica de tantas acções gloriosas— do outro, o asylo de Runa, onde existem os veteranos da patria. (Vide Runa.) — Mais além, extensas cordilheiras, cobertas de verdura, olivaes e vinhas, e para toda a parte, grande numero de povoações.

—

A egreja matriz, dedicada a Nossa Senhora da Oliveira, foi em tempos antigos o sanctuario da maior devoção que havia por estes sitios, e frequentadissimo pelos fieis.

Segundo o *Sanctuario Marianno* (vol. 7.º, pag. 201) a origem d'esta egreja foi a seguinte:

Em eras remotas havia n'este sitio (em que depois se fundou a aldeia de Mata Cães) uma ermida dedicada ao Espirito Santo, e junto a ella, um pequeno rocio, ou terreiro, no qual se via, para o lado do N., uma unica mas grande oliveira, no sitio mais eminente. Estavam aqui algumas casinhas ou choupanas, nas quaes viviam seus pobres moradores. Chamava-se então a esta aldeola, o logar do *Espirito Santo*.

Na oliveira referida appareceu uma imagem da Santissima Virgem, a certo individuo, que, publicou a outros a milagrosa apparição. Foram dar parte ao parocho da egreja de S. Miguel, de Torres Vedras, e aos seus beneficiados (a cuja freguezia o logar do Espirito Santo então pertencia.)

Veio o parocho e os beneficiados, acompanhado de grande multidão de povo, ao sitio, e alguns d'elles viram a santa imagem; e querendo aproximar-se para a tirarem d'alli para a egreja, ella desappareceu.

Retiraram muito tristes; mas, passados alguns dias, tornou a ser vista a Senhora, na mesma arvore.

Dez vezes alli foi o parocho e muito povo, para a trazerem para a egreja; mas outras tantas desapparecia a imagem, quando, com aquella tenção, se aproximavam da arvore.

Entenderam elles que a Senhora queria alli ser venerada, e logo decidiram fazer-lhe um sanctuario; para o que em breve se juntaram bastantes offertas; mas quando a capella estava construida, tinha a Senhora desapparecido; pelo que mandaram fazer uma outra imagem, de pedra, que collocaram no altar da ermida.

Tinha o povo d'aqui, a firme crença de que as folhas da oliveira, ou qualquer lasca do seu tronco ou ramos, de infusão ou fervida em agua e bebida esta, era remedio infalivel para muitas doenças, o que trazia aqui grande numero de romeiros, constantemente e todos lhe deixavam as suas offertas, mais ou menos valiosas.

Com o grande concurso dos romeiros, se foram construindo no sitio varias casas de habitação permanente, vindo o logar a tornar-se uma grande aldeia, com o titulo de *Nossa Senhora da Oliveira*.

A arvore da apparição, em pouco tempo ficou despojada das suas folhas, e da maior parte do seu tronco, que os romeiros lhe tiraram para a cura dos seus padecimentos, de modo que o tronco, que era muito grosso, estava reduzido á grossura de um braço; mas nem por isso a arvore dava menos fructo, e tanto que chegou para se fazer o

azeite necessario para a lampada da Senhora.

Consta que n'esta oliveira foi collocado o primeiro sino da capella, o qual ainda alli se conservou depois d'ella estar convertida em egreja parochial.

Segundo a lenda, um eremitão da capella, cortou a oliveira para a queimar; mas pagou caro o arrojo; porque, durante um mez, foram tantos os trabalhos que elle e os seus parentes soffreram, que aquelle morreu em breve e estes ficaram pobrissimos.

Desde que desappareceu a arvore, foi afrouxando a devoção dos fieis, até que quasi cessou de todo.

Suppõe frei Agostinho de Santa Maria (obra citada, pag. 204) que o apparecimento da Senhora teve logar pelos annos 1500, ou pouco depois, porquanto, em 1544, instituiu na referida ermida, uma *capella de missas* pelas almas, um devoto d'este logar, o qual ordenou que se lhe dissessem duas missas em cada semana; para o que applicou rendimento perpetuo sufficiente. Este mesmo devoto collocou na capella uma imagem de S. Braz, no mesmo anno de 1544.

A pouca distancia e ao N. d'este logar, está um bosque, no qual deram principio os padres arrabidos a um edificio, destinado para mosteiro da sua ordem; mas, como de verão experimentassem faltas d'agua, desampararam o sitio, e foram fundar o mosteiro do *Barro*, do qual tomaram posse em 1570, e aqui assistiram algum tempo, pelo que á aldeia se ficou chamando *Mosteiro*, cujo nome ainda conserva.

Segundo frei Agostinho de Santa Maria (*Sanctuario Marianno*, tom. 7.°, pag. 204) a aldeia do Barro já era freguezia em 1570; porque, com os milagres de *Nossa Senhora da Oliveira*, foi tanta a concurrencia do povo e o desenvolvimento da população, que a egreja se erigiu em matriz, mas ficando sempre sujeita á de S. Miguel de Torres Vedras, em cuja dependencia se conservou até 1834, mandando para Matacães por parocho um dos seus beneficiados.

N'este tempo chamavam ao logar, *Nossa Senhora do Mosteiro*, e como junto ao convento passa uma ribeira chamada de *Mata-Cães*, e a devoção para com a Senhora fosse esfriando, pouco a pouco o nome de freguezia de Nossa Senhora do Mosteiro se foi substituindo pelo da ribeira, até que o seu antigo nome é hoje, vulgar e officialmente, freguezia de Mata-Cães.

Consta que o nome dado á ribeira, provem do facto seguinte:

Quando os mouros viviam por estes sitios, foram um certo dia atacados inopinadamente pelos christãos, aos quaes seu chefe animava dizendo: *Mata esses cães*. Os mouros foram desbaratados, sendo tanto o sangue d'elles derramado aqui, que as aguas da ribeira hiam côr de sangue.

O sitio da maior mortandade foi junto a uma azenha, que desde então se ficou chamando *Azenha do Sangue*.

A egreja tem soffrido varias reconstrucções e ampliaçes, em razão do augmento da populaçõeó. Em 1618, alcançaram os parochianos licença para terem sacrario, e n'esse mesmo anno foi o templo forrado de azulejos, como consta de uma data que está sobre o arco cruseiro.

Sobre a porta principal da egreja ha uma inscripção gothica, e na porta travessa do lado do S., outra. Teem as lettras tão apagadas, com o tempo, que são ilegiveis.

MATAÇÃO — portuguez antigo — pensão perpétua de cousa certa e sabida. (*Ordem do Reino*, livro 2.°, tit. 33, §. 10.°)

MATAMINGO—portuguez antigo—continhas miudas de vidro, missanga.

MATA-MOUROS—foi appellido nobre em Portugal, que, ou se perdeu, por se extinguir a geração, ou por mudar para outro.

Tinha por armas—escudo esquartellado, no 1.°, de púrpura, um braço armado, de ouro, pegando em uma espada de prata, com guarnições de ouro, com a ponta para cima —no 2.°, de púrpura, 3 cabeças de mouro, ensanguentadas, toucadas de prata, e azul, em roquête—no 3.°, de púrpura, uma cabeça, tambem de mouro, com o mesmo turbante—no 4.°, de prata, 3 bandeiras vermelhas, com hasteas de ouro, em roquête—élmo de aço, aberto, e por timbre, uma das cabeças de mouro das armas.

Outros do mesmo appellido, usavam por armas, escudo esquartellado—no 1.º, de ouro, 3 cabeças de mouro, cortadas em sangue, com barretes de púrpura, em roquête—no 2.º, de púrpura, um braço, da sua côr, armado com uma espada nua e um guião branco—no 3.º, de azul, 3 lanças, com hasteas de púrpura, com os ferros da sua côr, postos em contrabanda—no 4.º, de prata, outra cabeça de mouro, como as do 1.º quartel—êlmo e timbre, como o dos antecedentes.

Actualmente a palavra *mata-mouros*, apenas significa *um figurão* com grandes bigodes e cara de leão; ameaçando ceus e terra; mas, em caso de perigo, transforma-se em cordeiro.—Fanfarrão.

MATANTE—portuguez antigo—brigão, facinoroso, duelista de profissão, etc.—d'aqui *matantería* á reunião de assassinos.

MATANÇA—villa, Beira Baixa, comarca de Celorico da Beira, concelho de Fornos de Algodres, 35 kilometros de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 106 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado de Viseu, districto administrativo da Guarda.

O real padroado apresentava o prior, que tinha 350$000 réis de rendimento.

E' terra fertil. Tem muito gado e caça.

E' povoação antiga.

D. Affonso III lhe deu foral, em Evora, a 31 de janeiro de 1270 (*Livro 1.º de Doações de D. Affonso III*, fl. 98 col. 1.ª. in fine.)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 17 de julho de 1514. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 61, col. 1.ª).

Segundo Mendonça e Pina (*Memorias da Academia Real de Historia Portugueza*) junto á villa de Matança, havia um *dolmen* (a que elle chama *anta*) de 6ᵐ,6 de comprido. Segundo o mesmo archeologo, perto da Carrapichana (a pouca distancia d'esta villa da Matança, e não longe de Celorico) havia outro *dolmen*.

MATANÇA (monte da)—Traz-os-Montes. (Vide *Urrôs*.)

MATÉLLA—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e 30 kilometros de Miranda, concelho de Vimioso, 435 kilometros ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 63 fogos.

Orago Nossa Senhora da Purificação (Candeias.)

Bispado e districto administrativo de Bragança.

E' terra fertil. Tem muito gado, caça, cêra e mel.

O reitor de Algoso, apresentava o vigario, confirmado, que tinha 80$000 réis.

MATER DUZ ou **MATER DULCE**—portuguez antigo—nome proprio de mulher, que se acha desde o seculo X até ao XIII—assim como o seu masculino—*Patrebonus*, cujo patronimico era *Patreboniz*. Tambem se dizia *Madre-Duz*, á mulher.

MATHEUS—freguezia, Traz os-Montes, concelho, comarca e proximo a Villa Real, 75 kilometros ao NE. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 119 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

A camara ecclesiastica de Braga, apresentava o vigario, que tinha 150$000 réis.

—

E' n'esta freguezia o sumptuoso palacio dos srs. condes de Villa Real, uma das mais vastas e nobres residencias aristocraticas, não só das provincias, mas até mesmo de Lisboa.

N'este sitio instituiu o dr. Antonio Alvares Coelho, em 1620, um grande morgado e capella, no qual succedeu sua filha, D. Maria Coelho, casada com o dr. Mathias Alvares Mourão, lente de Coimbra, deputado do fisco, da mesma cidade, e depois, desembargador da casa da supplicação; que falleceu sem filhos, deixando por herdeira, sua mulher, como brigação de fazer um vinculo de todos os bens da herança, e nomear n'elles, por successor, Mathias Alvares Mourão, sobrinho de ambos, devendo andar estes bens vinculados em morgado com o de Matheus; impondo-lhe a prohibição de se poderem alhear, nem mesmo por provisão real.

A filha do instituidor primittivo, dispoz que, *em quanto o mundo durasse*, cada um

dos administradores mandasse dizer seis missas por semana, na capella de Nossa Senhora dos Prazeres, que está unida á casa de Matheus.

Entre os bens que D. Maria Coelho vinculou á casa de Matheus, entraram 117 arrateis de prata lavrada e 3 arrateis de ouro. Pôz por condição, que, cada um dos administradores d'este morgado, dentro dos primeiros quatro annos da sua administração, vincularia 200$000 réis de boa fazenda, na rasão de 50$000 réis por anno; e que as fazendas fossem o mais proximo possivel á casa de Matheus; e que, não havendo bens para comprar, poriam o mesmo dinheiro a juro de 5 por cento, até se effectuar a compra.

Antonio José Botelho de Mourão, um dos successores d'este morgado, casou com D. Joanna de Sousa, filha dos marquezes das Minas, e d'este matrimonio nasceu D. Luiz Antonio de Sousa, pae de D. José Maria de Sousa Botelho Mourão e Vasconcellos, o célebre *morgado Matheus*, fidalgo da casa real, senhor dos morgados de Matheus, Cumeeira, Sabrosa e outros vinculos em Traz os Montes, conselheiro da fazenda, enviado extraordinario e ministro plenipotenciario de Portugal, nas côrtes da Suecia, Dinamarca e França, e que morreu em Pariz, em 1825.

> Foi este patriota benemerito, o primeiro portuguez que levantou a Luiz de Camões um monumento preduravel—foi a magnifica edicção dos *Lusiadas*, feita em Pariz, na officina de Didot, no formato de *quarto atlantico*, com primorosas gravuras em aço, no anno de 1817, e a que vulgarmente se chama—*edição do morgado de Matheus*.

Foi o avô d'este morgado, o já referido Antonio José Botelho Mourão, que deu principio ao soberbo palacio de Matheus, e reformou e embelezou a grande quinta e jardins contiguos.

—

D. Fernando de Sousa Botelho Mourão e Vasconcellos (*o perna de prata*), fallecido em 1856, era neto do famoso *morgado de Matheus*, da edição dos Lusiadas.

Este D. Fernando tambem fez bastantes melhoramentos no palacio e dependencias.

É actual conde de Villa Real, o sr. D. José de Sousa Botelho Mourão e Vasconcellos, filho d'aquelle D. Fernando.

> Note-se que os actuaes condes de Villa Real, nada têem com os antigos marquezes de Villa Real (Noronhas).
>
> Este marquezado findou com o seu ultimo marquez, que foi degolado por traidor, em 1641. (Vide *Caminha* e *Lisboa*.)

Para a noblissima familia dos Sousas, e suas armas, vide *Lafões*—para a, não menos nobre dos Vasconcellos, vide *Castello Melhor* e *Lisboa*.

Mourão, é tambem um appellido nobre em Portugal. O 1.º que se acha com elle, é D. Gonçalo Mourão. Suas armas são—em campo verde, duas faxas de ouro, e no meio d'ellas, um castello de prata. Elmo de aço, aberto, e por timbre, o castello das armas.

MATHEUS (S.)—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Monte-Mór-Novo, 30 kilometros de Evora, 90 ao SE. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 146 fogos.

Orago S. Matheus, evangelista.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o cura, que tinha 253 alqueires de trigo e 94 de cevada.

É terra fertil em cereaes.

MATHEUS DA BAROSA (S.) — freguezia, Extremadura, concelho, comarca e 2 kilometros ao O. de Leiria, 132 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago S. Matheus, evangelista.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

Já a pag. 335 do 1.º volume, tratei d'esta freguezia; mas, como depois obtive mais informações a seu respeito, as dou n'este logar.

Os moradores da aldeia da Barosa, construiram aqui, em 1609, uma capella, dedi-

cada ao evangelista S. Matheus, que em 1714 foi elevada á egreja matriz da freguezia de Barosa, creada n'esse anno, ficando por padroeiro o mesmo santo evangelista.

Rectifico aqui um érro que foi na palavra *Barosa.* Diz J. A. de Almeida, no seu *Diccion. Abrev. de Chorogr., que, em 2 de outubro de 1810 houve aqui um combate entre os alliados e as tropas francezas.* Copiei isto na boa fé; mas depois, vim a saber que não houve n'este sitio similhante combate.

MATHEUS DA RIBEIRA (S.)—freguezia, Minho, comarca de Villa Verde, concelho de Terras de Bouro, 18 kilometros ao NO. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 75 fogos.

Em 1757 tinha 65 fogos.

Orago S. Matheus, evangelista.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento annual.

É terra fertil em cereaes, legumes e fructas. Cria muito gado e nos seus montes ha muita caça, grossa e miuda, cêra e mel.

Passa n'esta freguezia o rio Homem, que réga, móe e traz peixe. É por isto que a esta freguezia se dava antigamente o nome official de *Ribeira de Homem.*

MATHIAS(S.)—freguezia, Alemtejo, concelho, comarca e 54 kilometros ao O. de Evora, 105 ao S. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 183 fogos.

Orago S. Mathias.

Bispado e districto administrativo de Beja.

A mitra apresentava o cura, que tinha 140 alqueires de trigo e 85 de cevada.

E' terra fertil.

MATHIAS (S.)—freguezia, comarca, concelho e 6 kilometros de Evora, 115 ao SE. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago S. Mathias.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mitra apresentava o cura, que tinha 225 alqueires de trigo e 75 de cevada.

E' terra fertil.

Ha n'esta freguezia uma rica propriedade, chamada *quinta do Pae Cão.* E' da sr.ª D. Anna da Piedade Coelho Villas-Boas, que casou em setembro de 1873, com o sr. Augusto Carlos de Lemos, capitão de cavallaria n.º 5.

MATHIAS DE MONTES CLAROS (S.)—freguezia, Alemtejo, comarca e concelho de Niza.

Hoje dá se a esta freguezia o nome de *Caicheiro* ou *Caixeiro.* (Vide a pag. 25, col. 1.ª, do 2.º vol.

Cumpre rectificar um êrro typographico que então escapou na revisão. E' *Cacheiro* em vez de *Caicheiro.*

Ha porém quem diga, que effectivamente ao logar se deu o nome de Cacheiro, em rāzão de alli existir um rico lavrador que tinha a alcunha de *Cacheiro.*

MATRIMONIO — Já na palavra *Marido*, tratei das tres diversas especies de casamento, conhecidas em Portugal, e em outras nações catholicas: darei aqui mais algumas explicações sobre a materia.

Todos sabem que o matrimonio foi elevado a sacramento (o 7.º) pela egreja catholica, e que é um dos que *imprimem caracter.* Tratemos agora de algumas *curiosidades* historicas sobre o casamento, das quaes nem todos os leitores terão conhecimento.

Os *matrimonios clandestinos,* foram usados francamente entre os portuguezes, até ao fim do seculo XV.

El-rei D. Affonso IV, na sua carta de 1352 sobre reformas ecclesiasticas, que mandou a todos os prelados do reino (*Synop. chron.*, tom. 1.º fl. 10) mostra-nos claramente que existia então este abuso, que deseja exterminar por uma vez.

Diz que—«*muitos clerigos se achavam casados, uns com mulheres virgens e outros com mulheres corruptas, e depois diziam que não eram casados.*»—D'aqui se seguia que, por falta de prova, não ficavam os filhos, legitimos, e outros damnos alli mencionados. Ordena que—«*todos os recebimentos sejam feitos pelo respectivo parocho, perante um tabelião da mesma freguezia, destinado para escrever em um livro, todos os casamentos que alli se celebrarem, para se saber depois os que são ou deixam de ser casados, e a condição dos contrahentes.*»

Isto prova que antes d'aquella época, os casamentos, ou grande parte d'elles, se não faziam na presença do parocho, e que o *mutuo consenso* era toda a substancia e fórma do matrimonio, na *razão de contrato.*

Ao que parece, esta real ordem não sortiu todo o seu effeito, porque o abuso tinha lançado profundas raizes.

Tomaram se ainda mais rigorosas providencias.

Em 1499, D. Manuel I, decidiu fazer cessar os inconvenientes que os casamentos clandestinos traziam á egreja, ao estado e ás familias. Por uma lei, promulgada a 14 de julho d'este anno (*Ord. do Reino* de 1514, liv. 5.º, tit. 27) determina que, sem excepção de pessoa, todos se recebam publicamente, em face da egreja, e na fórma que os sagrados canones decretam. «*E casando-se escondidamente, por esse mesmo feito, assim o noivo como a noiva, percam todos os seus bens, metade para a camara real e metade para captivos. E todos os que a similhantes casamentos forem presentes ou testemunhas, percam tambem todos os seus bens, com a mesma applicação, e sejam degradados por dois annos para Ceuta. Mas d'estas penas serão isentos os que taes casamentos fizerem por prazer e consentimento dos paes e mães dos noivos, se os tiverem; porque n'esse caso, haverão sómente as penas do direito canonico.*

O papa Paulo III, convocou o concilio tridentino, que durou desde 1545 até 1563.— N'este concilio se julgou impedimento derimente, o casamento clandestino; mas, como ainda esta decisão não tivesse inteiro cumprimento, o rei D. João IV, em 13 de novembro de 1651, decretou que podiam ser desherdados os filhos dos que contrahissem matrimonios clandestinos.

O mesmo concilio só considera como sacramento o matrimonio canonicamente contrahido, e os outros um mero contrato.

Ha documentos antigos que provam a existencia de uma especie de *arrhas*, usadas n'aquelles tempos.

No cartorio do mosteiro de Salzêdas, existiam duas doações, pelas quaes consta—de uma—que Martim Paes, cavalleiro de S. Miguel de Lobrigos, doou a sua mulher, Maria Lourenço, certos bens, em Santa Comba e em outras partes *per compra do vosso corpo*, com a condição de os possuir tão sómente em sua vida; mas os perderia se casasse. (Documentos de Salzêdas, gaveta 7.ª, maço 1.º, n.º 13.)

Esta *compra do corpo*, parece ser ao que no reino chamavam *herança do marido*, ou *confirmação do dote*. Era feita pelo marido a sua mulher, passada a primeira noite de casados, e por isso tambem se dava a estas doações o nome de *praetium virginitatis.* (Segundo o sr. Joaquim Pedro Ribeiro, nas suas annotações a Viterbo, é mais natural que *compra do corpo* fosse o a que hoje se dá o nome de *arrhas;* mas ha documentos que distinguem uma cousa da outra. Talvez seja a chamada *propter nupcias.*)

Entre os longobardos, não podia este donativo exceder a quarta parte dos bens do marido, e por isso se chamava tambem *quartisio*, e vulgarmente — *morganegiba* (dadiva feita pela manhan.)

Veja-se a *Memoria sobre camara cerrada*, pelo sr. dr. Levy Maria Jordão, impressa em Lisboa, em 1857, em opusculo solto, e tambem encorporada na *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa*, nova serie, classe 2.ª (Nota a Viterbo pelo sr. Innocencio Francisco da Silva.)

Não havia lei nenhuma que imposesse ao marido a obrigação d'esta dadiva, que só dependia da sua vontade, e do grau de affecto que consagrava a sua mulher.

Da outra doação que existia no cartorio do mosteiro de Salzêdas, consta que — em 1190, Soeiro Viegas, fez uma carta de arrhas, a sua mulher, D. Sancha Vermudes, na qual lhe deixa muitas e grandes propriedes, *que só possuirá se não casar.* Esta doação é cruel e absurda, porque determina que—se a mulher ficar viuva e casar, os filhos que tiver do segundo marido, nada herdarão do que era d'elles ambos; mas tudo será dos filhos do primeiro matrimonio. *Mas, viuvando Soeiro Viegas, se casar segunda*

vez, nada herdarão os filhos que houver de sua primeira mulher!

Achava se este documento, tão contrario ás leis da equidade e da natureza, na gaveta 4.ª, maço 1.º n.º 6.

É provavel que alguns leitores achem aborrecidas estas explicações; mas o meu intento, emprehendendo esta obra, é dar o maior numero de noticias que me fôr possivel colligir, de tudo quanto sobre antigos usos, costumes e legislação tratam os escriptores portuguezes.

Estou certo de que nem a todos serão estas *divagações* indifferentes.

MATTA—freguezia, Beira Baixa, concelho, comarca, bispado e districto de Castello-Branco, 80 kilometros da Guarda, 240 ao E. de Lisboa, 85 fogos.

Em 1757 tinha 45 fogos.

Orago Santa Margarida.

O povo apresentava o cura, que tinha réis 20$000, e o pé d'altar.

MATTA—ribeira, Douro, nasce na *Margaráça*, desagúa no Alva, junto á villa de Coja. Rega e fertilisa a ribeira (veiga) de Coja, e cria muito boas tructas.

Era no antigo concelho, supprimido, de Coja, e actualmente é no de Arganil.

MATTA ALTA—(vulgarmente *Mattalta*) serra, Douro, na freguezia de S. Miguel do Matto, comarca e concelho de Arouca. É um ramo da serra de Cabeço de Sobreiro, e fica a 5 kilometros ao S. do rio Douro. Apenas produz carqueija e urze; quando podia ser aproveitada, não só por ter, em grande parte, bons terrenos, como por ser abundante de aguas, que facilmente se extrahiriam por galerias subterraneas; pois quasi no seu cume se encontram nascentes. É quasi toda baldia. Traz muita caça do chão e do ar.

MATTA DE LOBOS—freguezia, Beira Baixa, comarca de Pinhel, concelho de Figueira de Castello Rodrigo, 90 kilometros de Lamego, 365 ao NE. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 250 fogos.

Orago Santa Marinha, virgem e martyr.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O papa e o bispo da diocese apresentavam alternativamente o reitor, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil em todos os generos agricolas. Cria muito gado de toda a qualidade, e nos seus vastos montes, ha lobos, rapozas; ás vezes, javardos (porcos-montezes, javalis) e muita caça miuda. Ha tambem aqui bastantes colmeias.

MATTA DA MARGARÁÇA—importante matta, no extincto concelho de Coja, hoje concelho de Arganil, na provincia do Douro.

É muito antiga. Foi primeiramente dos bispos condes; mas, em 1834, foi considerada bens nacionaes, e está no dominio da *fazenda nacional.*

É pela maior parte povoada de carvalhos, que dão optima madeira para construcções navaes.

Os bispos-condes tentaram reivindical-a, mas inutilmente.

MATTA-MÁ—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 24 kilometros ao NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 50 fogos. Em 1757 tinha 45 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Natividade.)

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O thesoureiro-mór da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, de Guimarães, apresentava o vigario confirmado, que tinha réis 30$000, de congrua e pé d'altar.

Está n'esta freguezia, a casa e quinta da *Corujeira*, que foi de D. Manuel de Noronha, descendente dos marquezes de Villa Real.

Para armas e genealogia dos Noronhas, vide *Caminha* e *Villa Real.*

MATTA-MOURISCA—freguezia, Extremadura, comarca e concelho do Pombal (foi até 1855 do concelho do Louriçal, supprimido a 24 de outubro d'esse anno) 40 kilometros ao S. de Coimbra, 165 ao N. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1757 tinha 233 fogos.

Orago S. Mamede.

Bispado de Coimbra e districto administrativo de Leiria.

A universidade de Coimbra apresentava o cura, que tinha 20$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil.

É situada junto á costa do Atlantico.

Em uma solitaria mas agradavel planicie, á vista do mar, se vê uma dilatada *marinha* (praia) que corre desde a foz do Mondego, até á de *Octavim*, no sitio antigamente chamado *Logar* ou *Casal dos francezes* ou *Casal da Serra*. Fica este logar na divisão que faz o bispado de Coimbra com o de Leiria.

E' uma pequena aldeia, hoje chamada *Nossa Senhora da Guia*, a 1:500 metros da egreja matriz e a 6 kilometros da villa do Louriçal. Cercam este logar, os de *Outeiro*, *Martinho*, *Seixo* e *Casal da Serra*.

Em 1620, os moradores d'estas quatro aldeias, resolveram construir uma ermida dedicada a Nossa Senhora da Guia, para d'ella lhes serem administrados os sacramentos.

Era um templosinho pobre, como pobres eram os que o mandaram construir, que só eram ricos de devoção, á Santissima Estrella dos navegantes (*Ave Maris Stella*).

Foi a ermida, no seu principio, construida de *adóbes* (especie de tijolos de terra, séccos ao sól) com 4,m50 de comprido e 3,m30 de largo, com 2,m22 de alto. Era coberta de *telha van*, e só passado algum tempo, uns devotos a forraram de madeira. (1)

A imagem foi feita por um tal Francisco Henriques, morador na villa da Redinha, que se dizia esculptor, e era natural de Leiria. Sahiu pois a imagem cheia de imperfeições e de pessima esculptura em todas as suas partes (mas depois foi aperfeiçoada por um bom esculptor que lhe tirou os defeitos que poude).

(1) Mas com o tempo e o descuido, foram cahindo as portas e abandonando se a ermida, que chegou a estar reduzida a curral onde as cabras dos arredores hiam sestear no rigor das calmas.

A imagem da Senhora estava apenas encostada á parede, sem altar nem outro algum abrigo.

Assim estiveram as coisas por espaço de uns 60 annos.

Foi levada da Redinha para a sua capella, no mesmo anno de 1620, por Antonio Fernandes Malho, do *Casal dos Francezes*. Ainda a capella estava por acabar, pelo que a imagem foi depositada em casa de Martinho Fernandes do mesmo logar, e ahi esteve até hir para a sua casa.

Segundo a lenda, emquanto a Senhora esteve em casa de Martinho Fernandes, teve elle e sua familia muita ventura em todas as suas coisas, e por muitas vezes se viram alli luzes sobrenaturaes e se sentiram odores suavissimos.

Concluida a capella, foi para ella levada a Senhora; mas, como os povos d'aqui eram pobrissimos, não se chegou a fazer-lhe altar, nem a padroeira era conhecida senão da gente da freguezia, que apenas nas ladainhas de maio aqui vinha com o parocho de S. Mamede, em procissão.

Nas ladainhas de maio de 1675, estando a dizer-se missa, viram os que a ella assistiam, que da imagem manava um suor copioso, o que lhes causou grande admiração.

Correu a fama d'este milagre, em que os que o não viram não acreditavam. No dia 18 de dezembro do mesmo anno (dia da Expectação de Nossa Senhora, ou Nossa Senhora do Ó) em que se fazia a festa da Santissima Virgem n'esta ermida, a ella concorreu muita gente; e estando á missa, todos viram o mesmo milagre, mas sendo então o suor ainda em maior cópia.

Em breve a fama do milagre percorreu por todas as freguezias circumvisinhas, e grande foi a concorrencia de povo que veio á capella, uns por devoção e outros por curiosidade. No sabbado posterior á festa, estando a capella cheia de gente, se repetiu o milagre, ficando todos d'elle desenganados e apregoando-o por toda a parte.

Em todos os sabbados que se seguiram, foi continuado o milagre, o que augmentou progressivamente a devoção dos povos para com esta Senhora.

O que mais se distinguiu foi um fidalgo, morador na villa do Louriçal, chamado Antonio de Almeida Castello Branco, que de

todos os milagres de Nossa Senhora da Guia escreveu um livro.

Morava então no Louriçal, D. Fernando de Menezes, conde da Ericeira, que por seus proprios olhos se quiz desenganar, e foi á capella presencear o milagre.

Deliberou então com Castello-Branco e outras pessoas nobres, erigirem uma confraria de Nossa Senhora da Guia, para cuidarem da reedificação, augmento e aceio da capella. O conde ficou juiz e Castello Branco, escrivão. Foram feitos mordomos o padre Manuel de Andrade Mesquita, João de Góes Silveiro, Francisco Cardoso Pereira e Antonio Martins; e para thesoureiro das offertas e esmolas offerecidas á Senhora, foi nomeado João Gomes da Serra.

Fez-se um livro em que estes todos assignaram com o licenciado Antonio Gomes, cura da freguezia da Matta Mourisca, compromettendo se a empregarem todo o seu zelo para o augmento do Sanctuario e do culto da Senhora.

O parocho fez no mesmo acto, e por termo no livro, desistencia de todas as offertas que lhe pertenciam da dita capella, para serem empregadas em obras da mesma. Todos então (sendo o conde o primeiro) offereceram esmolas para a Senhora.

Foi o livro, acompanhado de uma petição, enviado a D. Fr. Alvaro de S. Boaventura, então bispo-conde, que por uma provisão auctorisou e confirmou a confraria.

Noventa e nove vezes suou a Senhora no espaço de quatro annos, o que foi visto por mais de cem mil pessoas, e d'isto mandou fazer um summario o referido bispo.

Estes suores duravam de 4 a 6 horas, com a circumstancia de que, emquanto suava, estava muito encarnada, e depois se tornava branca.

Emquanto a Senhora suava, tambem do tecto da capella manava muito *suor*, a ponto de molhar os circumstantes.

Cessou a maravilha em 1680, succedendolhe annos de fome e calamidades.

O primeiro cuidado da nova confraria foi construir á Senhora um templo mais vasto e digno, no qual se dispendeu uma consideravel quantia de dinheiro.

Tem o corpo da egreja 18 metros de comprido e 9 de largo, com cunhaes de pedraria lavrada, rematados por bonitas pyramides. Tem porta principal e duas travessas, tres boas tribunas com grades de ferro.

A capella-mór está dividida do corpo da egreja por um arco de pedraria, e tem tres altares, o altar-mór, onde está a padroeira, e dois lateraes.

Tem este templo uma formosa galilé, e é cercado todo em roda de varandas, com columnas de pedra, muito bem lavradas, concluidas em 1710.

Sobre a porta principal da egreja, se vê esta inscripção:

ESTA OBRA SE FEZ COM AS ESMOLAS DOS FIEIS E AJUDA DOS POBRES

A festa da Senhora continuou a ser, como antigamente, a 18 de dezembro; mas veio depois a mudar-se para o dia da Ascenção de Jesus Christo.

E' esta romaria concorridissima não só pela amenidade da estação, como pelo agradavel do sitio, que, como já disse, é uma dilatada campina, onde a vista se espraia com deleite.

MATTINHA (Quinta da)—logar, Extremadura, freguezia e concelho dos Olivaes, comarca e 6 kilometros a NE. de Lisboa.

Patriarchado, districto administrativo de Lisboa.

A primeira estação do caminho de ferro do norte e leste, ao sahir de Lisboa, é o *Poço do Bispo*. Passado este logar, encontra-se o bonito sitio de *Braço de Prata*, composto de varias quintas (vide o 1.º vol. pag. 432) e de alguns armazens de retem, construidos sobre a margem direita do Tejo.

E' um sitio extremamente pittoresco, e com formosas e extensas vistas, quer sobre o rio (que aqui parece mar), quer sobre a *Outra-banda*; vendo-se tambem um vasto territorio da margem direita.

A quinta da *Mattinha* foi antigamente dos marquezes de Bellas, (condes de Pombeiro). O palacio e mais officinas da quinta, que chegaram a um estado de deploravel ruina,

deitam para a estrada, que do Poço do Bispo conduz aos Olivaes.

A quinta é composta de terrenos cultivados e de uma *matta* (que lhe dá o nome) composta de pinheiros, sobreiros e outras arvores silvestres; sendo esta matta em um terreno bastante elevado e com grande escarpa sobre o Tejo.

No logar mais alto da matta, ha uma casa que em tempos mais prosperos servia de agasalho e descanço dos caçadores, quando os antigos senhores d'esta propriedade hiam a ella passar alguns mezes do anno.

Conta-se que no principio do seculo XVIII, vindo pela matta um cavalleiro atraz de uma lebre, correndo a toda a brida, viu esta esconder-se entre umas urzes; mas quando reparou que estava á borda do precipicio, já não poude soffrear o cavallo, que se precipitou d'aquella medonha altura, despedaçando-se e mais o cavalleiro, nos rochedos que bordam a praia.

Na quebrada, entre o monte da matta e outro outeiro, estão uns edificios pertencentes á mesma quinta, que serviram de armazens de retem, de vinhos da Extremadura, para exportação, antes do *oidium-tukeri*.

Esta propriedade fica perto de *Cabo Ruivo* e de Beirollas.

MATTO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte de Lima, 18 kilometros a O. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago S. Lourenço, martyr.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 150$000 réis.

E' terra fertil.

MATTO ou S. MIGUEL DO MATTO—freguezia, Douro, no antigo concelho de Fermêdo, que foi supprimido em 1855, hoje da comarca e concelho de Arouca, d'onde dista 30 kilometros ao O, 30 ao SE. do Porto, 8 ao S. do rio Douro, 285 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 40 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro, d'onde dista 60 kilometros a NE.

O real padroado e a mitra apresentavam alternativamente o abbade, que tinha de rendimento 400$000 réis. Tem uns grandes e bons passaes.

Está esta freguezia situada em terreno muito accidentado, mas os seus pequenos valles são muito ferteis, por serem abundantes d'agua. Passam pela freguezia os ribeiros de S. Miguel e de Covellas, que se juntam ao Inha, e todos morrem no Douro, na foz do Inha, um kilometro abaixo de Pé de Moura. Regam, móem e trazem peixe miudo.

Cria-se n'esta freguezia, muito gado bovino, que se exporta para a Inglaterra.

O seu territorio é muito arborisado, principalmente por pinheiros.

A egreja matriz, é muito antiga e pequena, e no seu adro está o mausoleu do dr. Manuel Antonio Coelho da Rocha, lente de Coimbra e um dos tres melhores juris-consultos e escriptores de direito civil portuguez, do seculo XIX (Os outros dois, foram José Homem Correia Telles (Vide *Estarrêja*) e Manuel Maria da Silva Bruschy. (Vide a pag. 340 do 4.º vol.)

Manuel Antonio Coelho da Rocha, nasceu e falleceu na aldeia de *Covellas*, d'esta freguezia.—Vide *Covellas*.

Ha na freguezia, a capella publica de Santo Antonio do Forno, muito antiga, pequena, pobre e quasi a cahir—e o oratorio particular, da casa dos Rochas, de Covellas, sobrinhos do lente referido.

Esta freguezia, faz bastante commercio para o Porto, pelo Douro, sobre tudo em madeiras, carvão, carqueija, cortiça e lenha, que tudo embarca na praia de Pé-de-Moura, ou Sante.

MATTO ou S. MIGUEL DO MATTO—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Vousella (antiga terra de Lafões), 18 kilometros de Vizeu, 280 ao N. de Lisboa, 300 fogos. Em 1757 tinha 115 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto admininistractivo de Vizeu.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento.

É terra muito fertil, em toda a qualidade de fructos. Cria muito gado, e as suas vitellas são saborosissimas. Nos seus montes ha muita caça.

MATTO e S. TORQUATO—freguezia, Extremadura, comarca de Benavente, concelho de Coruche, 54 kilometros de Evora, 70 ao SE. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 98 fogos.

Orago Sant'Anna e S. Torquato.

Arcebispado de Evora, districto administrativo de Santarem.

Esta freguezia, segundo a moderna divisão, pertence á provincia da Extremadura; mas está ao S. do Tejo.

É terra fertil.

Eram duas freguezias (Sant'Anna e S. Torquato) que se uniram no seculo XVIII.

A mitra apresentava o capellão, curado, que tinha 120$000 réis.

MATTO—Vide *Calhandriz*.

MATTO DE MIRANDA—aldeia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Novas, 94 kilometros ao N. de Lisboa.

E' aqui a 15.ª estação do caminho de ferro do Norte e Leste.

MATTO ou (S.) BENTO DO MATTO—freguezia, Alemtejo, concelho, comarca, arcebispado, districto administrativo, e 18 kilometros de Evora, 125 ao SE. de Lisboa, 290 fogos.

Em 1757 tinha 191 fogos.

Orago S. Bento.

A mitra apresentava o capellão, curado, que tinha 370 alqueires de trigo, 103 de cevada e 30$000 réis em dinheiro.

E' terra muito fertil em cereaes. Tem gado de toda a qualidade e caça.

MATTOS—Vide *Lourenço dos Mattos,* (S.) a pag. 457 do 4.º vol.

MATTOS ou S. BRAZ DOS MATTOS—freguezia, Alemtejo, comarca do Redondo, concelho do Alandroal, 24 kilometros de Elvas, 165 a E. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 75 fogos.

Orago S. Braz.

Bispado de Elvas e districto administrativo de Evora.

Terra fertil em cereaes.

A mesa da consciencia apresentava o capellão, curado, que tinha 240 alqueires de trigo e 106 de cevada.

MATTOS—freguezia, Douro, na comarca e concelho do Marco de Canavezes.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Está annexa á freguezia da *Alpendurada.*

A pag. 160 do 1.º vol., sob a palavra Alpendurada, tratei d'esta freguezia, sem declarar que tinha annexa a de Mattos.

Alem d'isso, desde então tenho obtido mais esclarecimentos, que dou n'este logar.

A freguezia de Alpendurada, tem por orago, S. João Baptista, e o D. Abbade do mosteiro d'esta freguezia, apresentava o vigario, triennal, que era um monge benedictino do mesmo mosteiro, e tinha 40$000 réis de rendimento.

Esta freguezia em 1757 tinha 130 fogos.

A freguezia dos Mattos, tem por orago S. Miguel, Archanjo, e o papa, o bispo do Porto e o D. Abbade do mosteiro de Alpendurada, apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento.

Esta freguezia, em 1757 tinha 51 fogos.

Hoje, como estas duas freguezias estão annexas, têem dois oragos, S. João Baptista e S. Miguel Archanjo.

Pertenceram, até 1852, ao concelho de Bem-Viver, comarca de Soalhães, e como o concelho e a comarca foram então extinctos, passaram a formar parte do novo concelho e comarca do Marco de Canavezes.

MATTOSINHOS—freguezia, Douro, comarca, bispado, districto administrativo, e 6 kilometros a NO. do Porto, concelho de Bouças, 315 kilometros ao N. de Lisboa, 1:200 fogos. Em 1757 tinha 413 fogos.

Orago o Salvador.

A universidade de Coimbra, apresentava o reitor, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

Já a pag. 425 do 1.º vol., tratei d'esta freguezia, sob a palavra *Bouças de Mattosinhos;* porém alli remetti o leitor para a palavra *Mattosinhos,* não só por ser mais conhecida sob esta denominação; mas tambem para ter tempo de obter o maior numero de esclarecimentos que me fosse possivel, para formar este artigo.

Ratifico pois tudo, quanto disse no 1.º vol., e accrescento o que se segue.

—

Dá-se a este concelho a denominação legal de concelho de Bouças, em rasão da villa d'este nome, que existe na freguezia de Mattosinhos.

Pretendem alguns, que antigamente só existia a freguezia de Bouças e que Mattosinhos não era mais do que uma aldeia d'esta parochia; e tanto que ao Senhor de Mattosinhos se dava o nome de *Bom Jesus de Bouças.*

É certo, porém, que o *Portugal Sacro* e *Profano*, publicado em 1757, traz a freguezia de *Mattosinhos* e não traz a de *Bouças.*

O concelho de Bouças é composto das 13 freguezias seguintes:

Aldoar, Custoias, Guifões, Infesta, Labrúge, Lavra, Léça-do-Bailio, Leça-da-Palmeira, Mattosinhos, Nevogilde, Perafita, Ramalde, e Santa Cruz do Bispo. Todas estas freguezias, no bispado do Porto.

Tem este concelho 3:700 fogos. Tem estação telegraphica.

Em 1873, se principiou aqui a construir um bonito theatro.

Sanctuario do Senhor de Mattosinhos

E' este magestoso sanctuario, um dos mais justamente famosos de Portugal, e o seu divino padroeiro, objecto da maior devoção dos povos de desenas de leguas em circumferencia.

—

A uns 8 kilometros ao ONE. do Porto, junto ao mar, se eleva em uma ampla e amena planicie, o antigo e magestoso sanctuario do Senhor de Mattosinhos, onde ha muitos seculos se guarda e venera, com a devoção de que é digna, a milagrosa imagem do Senhor que dá a invocação áquelle magnifico templo.

A grandeza e religiosa magestade de tão devoto sanctuario é bem conhecida dos milhares de fieis que todo o anno concorrem a levar suas offertas ao mesmo Senhor, e a supplicar d'elle remedio e auxilio nas suas enfermidades e tribulações, e dos que, em tão prodigiosa quantidade, affluem, especialmente nos tres dias da sua romaria, a fazer suas orações diante da sacrosanta e milagrosa imagem. Porém isso não nos dispensa de fazermos aqui uma resumida descripção d'esto logar, consagrado pela devoção geral ao culto do Rei dos Reis, debaixo da miraculosa invocação do Senhor de Mattosinhos.

No topo de um amplo terreiro, assombrado por corpulentos e copados álamos e para o qual se sobe por uma espaçosa escadaria, eleva-se magestosa a egreja no meio de duas soberbas torres, formando um todo da mais agradavel vista e do mais venerando aspecto.

E' formada a egreja de tres naves, cujos arcos são sustentados por seis columnas de ordem corinthia, e tem ao todo sete altares, incluindo o da capella-mór, sendo dois de cada lado, no corpo da egreja; dois ao lado do arco cruseiro, e o altar-mór, em cujo throno se ergue cheia de devota magestade a veneranda e sempre milagrosa imagem do Senhor de Mattosinhos.

No primeiro altar do lado da epistola, ou á mão direita de quem entra a porta principal, venera-se o bemaventurado apostolo S. Pedro; no segundo do mesmo lado vê-se, em devota representação, a arvore de Jacob; no do lado do Evangelho, ou á mão esquerda de quem entra, a imagem de S. José, esposo de Nossa Senhora; no segundo venera-se a Senhora da Graça.

Ao lado esquerdo do arco cruseiro, fica o altar do Santissimo e do lado direito o altar do Senhor dos Passos.

Todas as imagens são proprias a infundir devoção e respeito, que effectivamente lhe tributa o crescido numero de fieis que continuamente frequentam aquelle templo.

No altar-mór, n'um elevado throno, expõe-se á veneração dos devotos, como dissemos, á santa imagem do Senhor de Mattosinhos, á qual anda ligada a historia de tão numerosos milagres.

No mesmo terreiro ou alameda em que está situada a egreja, se elevam de um e de outro lado differentes capellas, que a devoção tem feito construir, e nas quaes se representam os principaes Passos da Paixão

de Jesus Christo, nosso Salvador. São estas capellas em numero de seis, em cada uma das quaes se representam os seguintes Passos do Senhor:

Na 1.ª capella do lado esquerdo ao sahir da egreja—o Horto.

Na 2.ª—a Prisão de Jesus.

Na 3.ª—o Senhor açoutado.

Passando para o lado opposto, na 1.ª capella á mão esquerda de quem sobe a escada do terreiro—o Pretorio.

Na 2.ª—o Senhor Ecce Homo.

Na 3.ª, junto á egreja—o Senhor com a Cruz ás costas.

As capellas são separadas umas das outras por canteiros ajardinados, guarnecidos de grades de ferro, o que lhes dá mais fresco, deleitoso e agradavel aspecto.

A egreja data de 1550, em que pela ruina do antigo mosteiro de Bouças, em que ha mais de 14 seculos se venera a imagem do Senhor de Mattosinhos, foi n'aquelle logar edificado um novo sanctuario a expensas da Universidade de Coimbra, a quem pertencia o padroado de Mattosinhos, por concessão de el-rei de Portugal D. João III.

Parte d'esta egreja é a que ainda actualmente existe e que comprehende a capella-mór e metade do corpo do templo. O restante foi reformado ou accrescentado depois em principios do seculo XVIII.

Na frente da egreja, erguem-se aos lados duas torres, n'uma das quaes, a do lado esquerdo, chamada torre antiga, ha tres sinos. Na do lado direito, ou torre moderna, foi recentemente mandado collocar, pela mesa da irmandade, um carrilhão de bem concertados sinos, que com seus accordes e harmoniosos sons alegram e deleitam a quantos os ouvem.

O templo é interiormente de vistosa fabrica, inspirando respeito e religioso acatamento aos que n'elle entram a dirigir as suas preces ao Todo Poderoso, sob a invocação do portentoso Senhor de Mattosinhos.

Na capella-mór, do lado do Evangelho, vê-se o tumulo do bispo do Porto D. Geraldo Domingues, que morreu em Estremoz no anno de 1321, e cujos ossos foram conduzidos para aquella egreja. Diz assim o epitaphio que n'esta sepultura se lê:

«Aqui jaz D. Giraldo Domingues XXIX, bispo do Porto. Foi morto em Estremoz no anno de 1321.»

A existencia do corpo do venerando bispo do Porto explica-se pelo seguinte:

Foi a este religioso prelado que el-rei D. Diniz, no anno de 1305, deu o padroado de Mattosinhos, e foi elle que n'esta egreja deixou instituidas cinco capellanias com certas obrigações, instituição que mais tarde foi alterada.

A pouca distancia da egreja do Senhor de Mattosinhos, para o lado do mar, está situado o Padrão, assim denominado porque elle foi levantado em memoria da milagrosa apparição do Senhor, que se verificou n'aquelle logar. Compõe-se este padrão ou memoria de uma especie de pavilhão ou coberto de cantaria, sustentado por quatro pilares, levantando-se no meio d'elle uma cruz. Pela parte de dentro e encostadas a estes pilares, estão as imagens dos quatro evangelistas. No pedestal da cruz que olha para o mar, lê-se em caracteres arabicos a data de 162 e pelo lado opposto a de 50. Descendo dois degraus para a parte do mar, ha uma fonte, de bem lavrada cantaria, com quatro faces, em cada uma das quaes se lê uma inscripção latina, tirada dos logares santos.

—

A milagrosa e veneranda imagem do Senhor de Mattosinhos é das mais antigas que se veneram em toda a christandade. Podemos mesmo dizer, fundados em boas conjecturas e auctorisados por bons testemunhos, que foi uma das primeiras, senão a primeira imagem de Christo Crucificado, que se fez no mundo.

A invasão dos povos barbaros nos paizes do occidente e a perseguição que os christãos primittivos soffreram, fizeram desapparecer documentos preciosissimos, muito antigos e que nos dariam luz sobre muitos pontos da historia das imagens sagradas, sobre a sua origem e seus artifices, ficando por isso embrulhado na sombria noite das edades remotas o conhecimento exacto da

época em que foram feitas essas divinas cópias.

As trevas do passado, não rasgadas pela luz da historia, não deixam saber, portanto, ao certo o anno em que foi feita a sacrosanta imagem do Senhor de Mattosinhos.

Porém a tradição perpétua e invariavel de muitos seculos, estabelecida e arreigada na memoria dos homens, continuada e perpetuada de geração em geração como herança feliz e confirmada pela successão de estupendos prodigios—a tradição, que nem as invasões dos selvagens, nem os vorazes incendios, nem as perseguições atrozes movidas contra os christãos, nem o destruidor volver dos seculos, podem consumir — essa diz-nos que a milagrosa imagem do Senhor de Mattosinhos fôra feita por Nicodemos, varão illustre convertido á fé pelos milagres que observou no Calvario e que, com José de Arimathêa, despregou do Sagrado lenho o corpo de Christo, conduzindo-o ao Santo Sepulchro. E quem, como Nicodemos, podia copiar melhor os traços sacrosantos do Crucificado? Elle foi testemunha occular dos tormentos de Jesus; ajudou-o a despregar da Cruz, a deposital-o no tumulo e recolheu os instrumentos da Sagrada Paixão, conservando em seu poder, por muito tempo, o Sudario, em que ficou esculpida a Santa imagem de Christo.

Esta tradição é perpetuada por notaveis e antiquissimos escriptores portuguezes e estrangeiros e mencionada uniformemente pelos seguintes:

Manuel de Faria e Sousa; fr. Luiz dos Anjos; padre Carvalho, na sua *Chorographia;* dr. Antonio Coelho de Freitas; padre Antonio de Vasconcellos; Jorge Cardoso; Rodrigo da Cunha e Antonio Cerqueira Pinto, na sua *Historia do Senhor de Mattosinhos*, publicada em 1738.

O segundo concilio niceno, celebrado depois do anno de 325 da era christã, isto é, ha perto de dezeseis seculos, occupou-se das imagens, feitas por Nicodemos, averiguando-se que uma d'ellas viera para a Lusitania, para o logar de Mattosinhos.

Antigos e abalisados escriptores, e entre outros Pedro de Mariz, asseveram que Nicodemos fizera quatro imagens do Crucificado, uma das quaes se venera em Berito, na Syria; a segunda em Lucca, na Italia; a terceira na cidade de Burgos, Castella; e a quarta em Mattosinhos.

Quiz Nicodemos, segundos estes auctores, que as quatro imagens fossem espalhadas pelas quatro partes do mundo, então conhecidas; mas outros opinam que o piedoso esculptor fizera cinco imagens de Christo, como symbolisando as cinco chagas, opinião que nos parece mais verosimil, pois que aliás, fazendo Nicodemos as imagens por inspiração divina, deviam estas, pela vontade do Supremo Creador, encontrar-se nas quatro partes do mundo, o que não acontece.

A quinta imagem que se attribue a Nicodemos venera-se na cathedral de Orense, na Galliza, segundo a opinião de alguns escriptores que se occuparam d'este assumpto.

—

Suppõe-se com boas razões que a milagrosa imagem do Senhor de Mattosinhos fôra a primeira feita por Nicodemos e a mais perfeitr effigie de Christo Redemptor, quando estava agonisante na cruz.

A posição dos olhos, um, o direito, meio aberto sobre a humanidade, o outro aberto para o céo como supplicando, dizem que significa que Jesus Christo, quando agonisante, implorava a seu Divino Pae, perdão para o mundo que viera resgatar com seu divino sangue, lançando ao mesmo tempo um olhar de piedade para os filhos de Adão, por cujos peccados acabava de soffrer os mais tormentosos flagicios. Prova eloquentissima da misericordia do Filho de Maria, que sendo açoitado pelos homens, ainda assim não se esquecia d'elles no momento em que estava para deixar a terra, pois que para elles implorava perdão.

Nicodemos fez a imagem do Senhor de Mattosinhos ôcca no tronco, para n'aquelle vão esconder os instrumentos da Paixão.

Reparando bem na imagem vê-se effectivamente que as costas são anteparadas de uma téla fina, que parece confundir-se com a materia de que é feita a sacrosanta effigie, téla tão bem preparada que tem resisti-

do á corrupção dos tempos, pois que em nada se encontra deteriorada. A mesma téla fórma a toalha, com que foi envolvido, para natural reparo, o corpo de Jesus Christo. Esta toalha que desce da cinta, cobrindo a perna direita até ao joelho e a esquerda até á canella, está tão ligada ao corpo que parece egualmente confundir-se a ponto de muita gente imaginar que é de madeira, o que é engano, pois que nós mesmo já tivemos eccasião de a examinarmos attentamente, verificando que era téla.

—

Um dos milagres bem manifestos do Senhor de Mattosinhos é a conservação da sua Santa imagem. Tem ella dezoito seculos e nada indica que deslisou por sobre ella o volver de tantos tempos!

N'este larguissimo periodo, n'esta immensidade de annos, não ha granito, por mais duro que seja, não ha marmore, ferro, aço ou bronze, que sustente a sua primittiva consistencia.

No decorrer de tão largos seculos, desmoronam-se os palacios mais solidamente construidos, desapparecem promontorios, somem-se cidades inteiras, cahem reinos, ficam em ruinas os mais populosos e florescentes imperios, sepulta-se um mundo inteiro no sorvedoiro immenso do passado, e aquelle fragil lenho resiste incolume atravez de tanto seculos, como se por elle não passasse mais que a curtissima edade de um homem! Não será isto um estupendo milagre? Não será tambem clara prova de que aquella Santa imagem foi feita por Nicodemos e é o retrato fiel do Redemptor do mundo? É por isso que Christo quer que ella dure atravez dos seculos até á sua consummação.

—

Nicodemos sobreviveu bastantes annos á Paixão do Senhor, e os judeus, por elle ter dado tantas provas de piedade, trataram de o perseguir.

Aquelle illustre varão fôra mestre em Israel, cargo que não era exercido senão por altos personagens, e dizem alguns auctores, que elle fôra principe na Judéa.

Os Judeus depozeram-o do seu magisterio, confiscaram-lhe os bens e chegaram a açoital-o, como diz Calmet.

Em vista de tanta perseguição, fugiu de Jerusalem para um logar solitario, onde seu tio Gamaliel tinha uma herdade. Foi alli que fez a imagem do Senhor de Mattosinhos e as outras mais que se lhe attribuem.

«N'esta soledade, diz M. dos Reis Bernardes, passava Nicodemos em vida contemplativa; e como na sua alma tinha impressa a effigie de seu divino mestre, não lhe soffrendo o amor que aquella impressão ficasse só na idéa, fez pratica a mesma idéa, formando aquelle sagrado transumpto. E aqui temos apparecida no mundo em uma cruz, a imagem do filho de Deus.»

Ás violentas vexações dos christãos n'aquella época correspondia a irreverente perseguição das imagens sagradas.

Foi assim que muitas foram escondidas em subterraneos e outras lançadas ao mar, para as livrarem da fogueira, aonde o odio pharisaico arremessava as que encontrava.

Nicodemos, tendo então feita a que depois se chamou do Senhor de Mattosinhos, e querendo livral-a d'aquella perseguição, guiado por inspiração divina, desceu ao porto de Job, que fica nas costas da Judéa, banhadas pelo Mediterraneo, e alli a confiou da inconstancia das ondas.

Novo milagre se operou então, digno da admiração das gentes e que dá a entender o quanto é abençoado por Deus este cantinho do mundo.

Lançada a sagrada e veneranda imagem ao mar Mediterraneo, sulcou este em toda a sua longitude, desde o nascente ao poente, afastando-se dos cabos, dos promontorios, dos bancos, das ilhas e dos portos; passou o estreito de Gibraltar, entrando no Oceano, e aqui, em vez de seguir a mesma derrota, virou para o norte, sendo levada sobre as aguas até á altura da nossa costa, aportando por fim á venturosa praia de Mattosinhos.

Dir-se-hia, á vista de tão prodigiosa maravilha, que, como no principio do mundo, *o espirito de Deus era levado sobre as aguas.*

—

A imagem appareceu sem um braço, e n'esta falta quiz o Senhor operar novo milagre como mais abaixo se verá.

Porque é que, tendo aquella Divina Cópia atravessado uma tão grande distancia, a nenhum porto ou outra parte do mundo arribou senão a este cantinho de Portugal? Deus, em sua alta bondade, permittiu que estes povos fossem dos primeiros illuminados pela redemptora luz da Graça, e vendo-os tão propensos a receberem tão vivificadora luz, quiz premial-os com uma das suas sagradas imagens, de quem esses povos tinham de receber tão grandes beneficios.

No Oriente tinha o filho de Deus prégado a nova religião e insuflado no animo dos gentios d'aquellas regiões o espirito regenerador das suas doutrinas: era preciso que no extremo do Occidente raiasse tambem a nova luz.

Foi Mattosinhos o logar escolhido para se espalhar pela primeira vez a luz da redempção e quiz Deus que isso se operasse de uma maneira prodigiosa.

Resam antigas historias, que sendo conduzido o cadaver de S. Thiago (o qual foi martyrisado em Jerusalem por ordem de Herodes Agrippa) a bordo de uma náo, que navegava para um dos portos de Galliza, esta se aproximára, contra a vontade dos tripulantes, da costa de Mattosinhos, parando alli como em calmaria.

Celebravam-se por essa occasião n'esta praia os regios desposorios do régulo Cayo Carpo com festas, torneios, lanças e outros applausos ao antiquissimo uso; e, sendo um d'esses jogos entrarem os cavalleiros em concertados meneios pelas candidas espumas do Oceano, o que se chamava *andar bafordando*, aconteceu que o cavallo que o noivo montava, tomasse o freio nos dentes e entrasse intrepido pelo mar dentro, rasgando as aguas sem o menor perigo para si nem para o cavalleiro, chegando ao pé da náo em que vinha o cadaver do santo.

Conhecendo os discipulos de S. Thiago o milagre e penetrando o sentido de tão alto mysterio, ministraram logo o baptismo a Cayo Carpo, o qual, estupefacto por este prodigio, pois via que não se afogava nem mesmo se molhava, recebeu-o de bom grado, convertendo-se d'este modo ao christianismo.

Operada tão singularmente esta conversão e terminada a ceremonia do baptismo, Cayo Carpo sahiu sem o menor perigo do salso elemento, o que, visto pelo gentio que celebrava as festas, foi objecto de indescriptivel admiração, convertendo-se todos á fé catholica.

Cayo Carpo vinha todo coberto de conchas, dando isto logar a que aquelle sitio, em memoria d'este notavel acontecimento, se chamasse *Matisadinhos*, alludindo ao matisado das conchas.

Pelo andar dos tempos o nome de Matisadinhos converteu-se em *Mattosinhos*. Para memorar a alegria que sentiram aquelles povos por tão raro milagre, poz-se ao rio que passa ao pé o nome de *Lætitia*, palavra latina que quer dizer alegria. De Lætitia se derivou, segundo alguns auctores, o nome de Leça, porque hoje é conhecido o rio.

Foram pois os povos de Mattosinhos os primeiros que no Occidente receberam a luz da fé e foi por isso que a milagrosa imagem, feita e lançada aos mares por Nicodemos, escolheu aquellas paragens, operando se tudo isto por influencia celeste.

Não é averiguado o anno em que a veneravel effigie do Crucificado appareceu em tão feliz praia.

Dizem uns que foi no anno 50 da era christan; outros affirmam que fôra no anno 90; outros, porém. e estes parece que fundados em melhores razões, dão esta miraculosa invenção no anno de 124 da mesma era.

No logar do *Espinheiro*, onde foi encontrada a Santa Imagem, foi erigido um monumento, como n'outro logar dizemos, para perpetuar o apparecimento de tão preciosa reliquia.

Denominava-se *Padrão* essa memoria e na base da cruz, que dentro d'ella está erecta, encontram-se os algarismos arabes 162, o que é certamente a data em que alli se encontrou o Senhor de Mattosinhos. Esta mesma data se encontra no topo do arco

da capella-mór da egreja, onde hoje se venera o Senhor; está porém coberta pela talha dourada que reveste o magestoso templo.

Estes algarismos, escriptos n'aquella epoca, não podiam deixar de referir-se á era de Cesar, pela qual se computavam então os annos.

Ora o anno 162 da era de Cesar corresponde ao anno 124 da era christan. Tem portanto de existencia em Mattosinhos a milagrosa imagem do Crucificado 1748 annos.

Está tambem averiguado que aquelle faustoso apparecimento teve logar em uma terça feira, no dia 3 de maio, razão porque n'este dia vão todos os annos ao Padrão em procissão, solemnidade que remonta áquelles tempos.

Como egualmente acima referimos, do outro lado da base d'aquella cruz, encontra-se o numero 50.

Dizem auctorisados escriptores que este numero indica que o braço que faltava á imagem appareceu depois d'esta 50 annos, o que é corroborado pela tradição constante de muitos seculos.

Durante 50 annos foi o Senhor venerado sem o braço, com que appareceu de menos, pois que muitos braços se fizeram, mas nenhum d'elles se ajustava ou prendia ao tronco, tornando-se logo manifesto um novo milagre d'aquella sacrosanta imagem.

Andava, porém, um dia na praia uma pobre mulhersinha de Mattosinhos, apanhando nos desperdicios do mar, com que alimentasse o lume, e aconteceu encontrar um objecto que lhe paceceu bom para queimar. Chegando a casa deitou-o ao fogc, mas aquillo que lhe parecia um bocado de lenha, saltou fóra da fogueira tantas vezes quantas ella alli o deitou.

Tinha esta mulhersinha uma filha muda e olhando esta para o que a mãe fazia, com grande assombro de todos fallou e disse:

—Ó minha mãe não teime em deitar isso ao fogo, olhe que é o braço de Nosso Senhor de Bouças. (porque então se venerava ainda a imagem e venerou até ao meiado do seculo XVI no templo que em Bouças se lhe erigiu pouco depois do seu apparecimento.)

Attonita a pobre mulher pelos milagres que presenciava, correu a dar parte d'elles á povoação, a qual foi verificar se aquelle era ou não o braço que faltava ao Senhor, e com assombro viu que tão ajustado lhe ficava que depois não se conhecia já qual d'elles lhe tinha faltado!

A romaria que a devoção catholica celebra na 2.ª oitava do Espirito Santo, foi instituida para solemnisar aquelle grande milagre.

—

N'outra mulher permittiu o Senhor que se manifestasse mais uma vez o seu poder, obrando novo prodigio por invocação do Senhor de Mattosinhos.

Andava ella ao pé do Padrão, e com tanta fé pediu ao Senhor que lhe desse uma agua para curar uma mancha que tinha na cara, que logo, pelo lado debaixo d'aquelle monumento, rebentou uma fonte de salutiferas aguas. A mulher lavou-se, e com grande confusão dos incredulos, se curou immediatamente!

A fonte lá está ainda, resguardada de granito, com piedosas inscripções de que acima fallamos.

—

Até o meiado do seculo 16 foi a sagrada imagem do Senhor de Mattosinhos venerada no templo de Bouças, onde esteve escondida entre a parede da capella-mór e outra com que esta se forrou, para se formar este esconderijo, durante os annos mais nefastos para a Egreja.

Esteve alli occulta no anno 412, em que entraram n'esta provincia os alanos, suevos, selingos e vandalos; no de 633, em que Sezinando foi acclamado rei de toda a Hespanha; no de 713, em que os arabes estiveram senhores d'esta provincia; finalmente alli esteve occulta pelos annos de 982 e 985, até que os gascões entraram pela barra do Porto, derrotando completamente a Almançor, capitão mouro dos reis de Cordova. Alli foi preseverado este thesouro, sahindo incolume de tantas e tão barbaras perseguições.

A egreja de Bouças ameaçava porém ruina e necessario se tornava a edificação do novo templo, para veneração d'aquella imagem de Christo.

Houve disputa onde seria edificado o novo templo, querendo uns que fosse n'este logar, outros escolhendo outro. Lembrança feliz foi então a de uma creatura para terminar razões de preferencia, propondo que a imagem fosse levada sobre uma burrinha, e onde esta parasse, ahi se levantasse o novo templo. Com effeito a burrinha parou no logar onde agora está a egreja; e tão manifesto foi este novo prodigio, que por mais que tocassem o pachorrento animal, não se movia d'aquelle logar.

Grande é o numero de milagres operados pelo Senhor de Mattosinhos: para os relatármos com todas as circumstancias precisas, não nos chegariam annos e encheriamos muitos volumes. Fazemos só por isso menção dos mais notaveis, e d'aquelles que, pelo andar do tempo, possam estar esquecidos.

Os habitantes da cidade da Virgem foram, em todos os tempos, testemunhas dos grandes e beneficos prodigios do Senhor de Mattosinhos, correndo todos os annos, em numerosa concorrencia, á sua egreja a festejar tão milagrosa imagem.

Algumas vezes, tambem aquelle thaumaturgo santo veio visitar os piedosos filhos d'esta cidade e, com sua divina influencia, afastou os flagellos que açoitavam não só o Porto, mas todo o reino.

Asseveram antigos chronistas, que cinco vezes trouxeram os portuenses em solemne procissão ao Porto aquella milagrosa imagem, e que de todas as vezes foram obrados prodigios celestes em favor d'elles e de toda a lusitana gente.

Verificou-se a primeira no anno de 1426, no reinado de D. João I, e no pontificado de Clemente VII, sendo bispo do Porto D. Pedro da Costa.

Eram por esse anno tão continuadas as tempestades e tão rigorosas as chuvas, que fructo algum escapava ao rigor de tão largo e desabrido inverno, declarando-se o flagello da fome por toda a parte.

Conduzido á cidade do Porto o Senhor de Mattosinhos, em solemnissima procissão, serenaram-se os céos, alegraram-se os horisontes, succedendo ás horrorosas borrascas os mais lindos dias de vivificante sol! Foram mais de quarenta mil as pessoas que acompanharam a milagrosa imagem na sua primeira visita a esta cidade.

Teve logar a segunda procissão no dia 7 de junho do anno de 1585, reinando em Portugal Philippe II, de execranda memoria, e na Egreja, Xisto V. Foram ainda as copiosas chuvas d'esse anno, as quaes ameaçavam alagar a terra, que fizeram reccorrer os portuenses á maravilhosa influencia do Senhor de Mattosinhos, o qual, como da primeira vez, fez succeder á tempestade a bonança e a abundancia á penuria.

A terceira procissão foi feita pelo mesmo motivo e o mesmo milagre operou d'esta vez o Senhor. Teve logar este novo prodigio no anno de 1596.

Quarta vez recorreram os portuenses, açoitados ainda pela inclemencia do tempo, á milagrosa imagem, e egualmente foram ouvidos os seus rogos e supplicas ferventes. Esta quarta procissão foi no dia 20 de junho de 1644.

Da quinta vez que o Senhor de Mattosinhos foi conduzido á cidade do Porto não tiveram os portuenses que agradecer á sua bemdita misericordia menor favor que das vezes precedentes.

No reinado de D. Pedro II, 1696, mortifera epidemia ceifava as vidas dos filhos da cidade da Virgem. Os hospitaes eram pequenos para conter tão grande numero de enfermos e as vallas dos cemiterios eram atulhadas de cadaveres. A medicina desesperou de cortar os progressos d'aquelle horrivel contagio, e os portuenses, afflictos e consternados, recorreram ao que por successivas maravilhas reconheciam por seguro e efficaz remedio.

Foi pois conduzida a imagem do Senhor de Mattosinos a esta cidade, com tal concorrencia de devotos, que não cabendo nas estradas, cobriam os montes e as collinas, apresentando este acto um espectaculo magestoso. Foi tão grande o milagre e tão di-

gno de veneração dos homens, que dias depois d'aquella procissão, todos os enfermos davam graças a Deus pela saude que sentiam já vigorar-lhes o corpo!

Depois d'estes innumeros factos que attestam o milagroso soccorro do Senhor de Mattosinhos, se tem repetido em todos os tempos. Mas visto que os não podemos relatar todos, falle por nós essa assombrosa quantidade de retabulos que, suspensos das paredes do templo, se offerecem á devota contemplação dos fieis.

(*Historia e milagres do Senhor de Mattosinhos.*)

—

Philippe II de Castella, fez conde de Mattosinhos, a D. Francisco de Sá Menezes, que morreu sem descendencia, morrendo com elle o titulo d'este condado. (Vide *Martha* (Santa) *de Penaguião.*)

D. Francisco de Sá Menezes, era um nobre cavalleiro, intrepido, generoso e de bom conselho. Foi camareiro-mór do principe D. João (filho de D. João III e pae de D. Sebastião.) Foi muito estimado tanto do principe como dos dois reis e depois, do cardeal D. Henrique, tio de D. Sebastião, e que por morte d'este occupou o throno portuguez.

O cardeal rei nomeou a D. Francisco de Sá e Menezes, um dos cinco governadores do reino, o que lhe deslustrou o brilho do nome, pois, com seus collegas, entregou o reino ao usurpador Philippe II.

Conta-se de D. Francisco de Sá a seguinte anecdota:

Sendo *pagem da campanha*, de D. João III, e estando nos paços reaes da Ribeira, lhe pediu o rei um cópo de agua. Recebeu-a D. Francisco da mão de uma mulher que servia no paço, e, por descuido, aconteceu que a agua se tirou de uma *quarta* (bilha) onde primeiro estivera vinagre rosado. O rei bebeu, mas estranhando o sabor acre que tinha, disse «Francisco de Sá, que me deste n'esta agua, que me mataste?»—D. Francisco, sem dizer uma palavra, bebeu toda a agua que o rei deixára; e então declarou quem lh'a déra, e, conhecido o engano sem consequencia, foi esta acção muito celebrada e applaudida.

D. Francisco morreu a 17 de março de 1585.

—

Aqui falleceu, em 31 de julho de 1530 (tendo nascido em 1470) *Simão Gonçalves da Camara*, 3.º capitão e governador da ilha da Madeira, neto do descobridor da mesma ilha (João Gonçalves Zarco) progenitor dos condes da Calhêta.

Era tão liberal, que foi cognominado—*o magnifico.*

Poucos vassallos despenderam tanto em serviço de Deus, da patria e do rei.

D. João II e D. Manuel, lhe deveram, em grande parte, a conservação das praças portuguezas da Africa!

Em vida de seu pae, o mandou D. João II soccorrer Arzilla (Africa), para onde partiu immediatamente, com 300 homens, que por seis mezes sustentou á sua custa em Africa, fazendo repetidas e valorosas entradas em terras de mouros.

Durante o mesmo reinado, passou da ilha da Madeira para a Graciosa (Açores) e alli assistiu todo o inverno; sendo d'alli chamado, pelo rei, que lhe escreveu uma carta muito honrosa, convidando-o a vir a Lisboa, assistir ás festas que se fizeram ao principe D. Affonso, seu filho, e ás quaes concorriam todos os grandes de Portugal, e muitos de Castella.

Fez-se Simão Gonçalves admirar pela pompa e lusimento com que se apresentou na côrte, trazendo por séquito, grande numero de parentes, pagens, lacaios e cavallos, com riquissimas galas, librés e jaezes.

Foi depois soccorrer Safim (Africa), chamado por Diogo da Azambuja, levando comsigo 900 homens, tendo já mandado antecipadamente 300, com muitas armas e munições, em 13 navios seus, e alli se demorou tres mezes.

Soccorreu tambem por duas vezes, com 350 homens, o castello real de Santa Cruz (Africa), no tempo dos capitães, Diogo Lopes de Sequeira e do referido Diogo da Azambuja.

Mandou á conquista d'Azamor, seu filho, João Gonçalves da Camara, com 21 navios, 600 homens de pé e 200 de cavallo; com ordem de ficar na praça, como ficou, em quan-

to a não julgasse segura das invasões repetidas com que os mouros a pretenderam recuperar. (Note-se que os navios, uns eram seus, outros alugados por elle, e que a gente era armada e paga á sua custa.)

Resentindo-se porém Simão Gonçalves, por não ser attendido em certa pretenção, como esperava, pelos seus assignalados serviços, tratou de se desnaturalisar, e, com effeito, se embarcou, com toda a sua familia, para Cadix; mas um grande temporal o fez arribar a Lagos. (Algarve.)

Alli soube que a praça de Arzilla (de que então era capitão D. João Coutinho), estava a ponto de perder-se, pelo cêrco que lhe tinha posto o rei de Fêz.

Não consentiu o animo generoso d'este patriota sincero, que tão boa praça cahisse outra vez em poder dos infieis; pelo que, mudando de tenção, alistou dentro em tres dias 700 homens de guerra, e com elles marchou immediatamente em soccorro de Arzilla, e, depois de fazer levantar o cêrco, ficando quasi arrasadas as fortificações, nenhum capitão queria ficar governando a praça.

Então Simão Gonçalves da Camara, alli ficou voluntariamente com os seus soldados, até que fez reparar e reconstruir todas as fortificações.

De Arzilla, partiu para Cadix, para onde o rei D. Manuel lhe escreveu uma carta, muito amavel, e cheia de elogios á sua bravura e patriotismo, fazendo-lhe largas promessas e convidando-o para voltar ao reino.

Movido da benevolencia do monarcha (que foi um dos mais felizes e dos mais ingratos que se sentaram no throno), das saudades da patria, e do seu ardente desejo de lhe prestar serviços, regressou a Portugal, onde o rei o recebeu com as maiores demonstrações de alegria e estimação.

Outras muitas vezes soccorreu as praças já nomeadas, e as de Tanger, Ceuta, Mazagão e Alcacer (todas na Africa), com grande numero de soldados e grande copia de munições, offerecidas por si, por seu filho e por seus parentes e creados.

Quando succedia ausentar-se da ilha da Madeira, deixava ordem em sua casa, para que, se houvesse noticia de que algumas d'aquellas praças de guerra africanas, eram atacada pelos mouros e turcos, se lhe mandasse logo soccorro de gente, navios e munições, como se elle estivesse presente; o que aconteceu repetidas vezes.

Sustentou sempre á sua custa a gente que o acompanhava, e lhe dava maiores soldos do que os que recebiam os militares do exercito real, dando mesa a todos os officiaes e pessoas nobres que a queriam acceitar.

Sustentava tambem em sua casa muitas pessoas nobres e grande numero de creados, e alli tinha uma capella de musicos, com pouca differença da real.

Mandou ao papa, Leão X, um presente tão rico e curioso, que o pontifice fez d'elle singular estimação.

Levou este presente, um conego do Funchal, com grande numero de creados, vestidos custosamente com a libré dos Camaras, e fez no sacro palacio, perante o pontifice e cardeaes, uma oração latina, laudatoria (a Simão Gonçalves), que foi ouvida com grande attenção, e muito applaudida, pela sua eloquencia e elegancia.

O papa lhe escreveu, de sua propria mão, dando-lhe grandes louvores, com paternaes expressões do grande apreço que fizera da sua *embaixada* e magnifico presente, que pareceram mais de rei, que de vassallo.

A estes grandes despendios accrescentava continuas e avultadas esmolas, com que sempre soccorreu a todo o genero de necessitados, sem que jámais deixasse de remediar miseria, ou afflicção alguma de que tivesse noticia; e com tanta generosidade e profusão, que veiu a morrer pobre, tendo sido a sua casa a mais rica de Portugal, depois da de Bragança, e da de D. Jorge, mestre de S. Thiago.

Nos ultimos annos da sua vida, renunciou o governo da ilha da Madeira, em seu filho e successor, João Gonçalves da Camara, e voltando ao reino, se retirou á villa de Mattosinhos, onde falleceu, como disse no principio d'este artigo.

Simão Gonçalves da Camara, é o progenitor dos actuaes condes da Ribeira Grande. (na ilha da Madeira.)

D. Manuel Gonçalves da Camara, bisneto

de Simão Gonçalves, foi o 1.º conde da Ribeira Grande, feito por D. Affonso VI, em 15 de setembro de 1662. (Seu pae e seu avô, já eram condes de Villa Franca, e o rei lhe mudou então o titulo, para a Ribeira Grande.)

O appellido Camara, provem-lhe de que—quando João Gonçalves Zarco, descobriu a ilha da Madeira (1419), aportou a um sitio onde em algumas cavernas se viram muitas phocas (lobos marinhos) pelo que se ficou chamando ao logar—*Camara de Lobos.*

D. Manuel, em memoria d'esta descoberta, determinou que os descendentes de João Gonçalves Zarco, usassem do appellido *Camara.*

As armas dos Camaras, cujo ramo principal são os condes da Ribeira Grande, são—em campo negro, uma torre de prata, com ameias e corucheu, que remata em uma cruz de ouro, e dois lobos, da sua propria côr, em pé, rompendo contra a torre, que está posta em campo verde. Timbre, um dos lobos das armas.

É actual conde da Ribeira Grande, o sr. D. José Maria Gonçalves Zarco da Camara, casado com a sr.ª D. Maria Helena de Castro Pamplona de Sousa Holstein, da Casa dos Castros, do Côvo. (Vide *Côvo.*)

—

Em Mattosinhos, nasceu, pelos annos de 1590, o padre Belchior (ou Melchior) da Graça. Era de nobre geração. Estudou e foi graduado em ambos os direitos (civil e canonico), na universidade de Salamanca.

Regressando a Portugal, foi feito capitão de uma náu da armada; mas, desenganado das vanglorias do seculo, entrou na congregação dos conegos seculares de S. João Evangelista, e em serviço da sua ordem, foi tres vezes a Roma, onde se fez peritissimo nas linguas hebraica, caldaica, syriaca, arabica e grega; que aprendeu com os insignes mestres, Abrahão Eschelense (maronita) e Canhachio Rossio. (grego.)

Foi eloquentissimo nas linguas latina e castelhana, e n'estas, como na portugueza, fazia formosos versos.

Ao nome do pontifice Urbano VIII, fez e publicou um livro, com cem anagrammas, que tinha o titulo—CENTUM ANAGRAMATA IN LAUDEM S. D. N. URBANO VIII, PONTIFICIS OPTIMI MAXIMI. *Veletris apud Alphonsum de Insula. Anno 1644.*

Publicou um opusculo, sobre a jurisdicção metropolitana, para com os suffraganeos. (*Decisões*, do dr. Manuel da Fonseca Themudo, part. 2.ª, decis. 245.)

Escreveu outro opusculo, por parte da jurisdição do coleitor apostolico, Alexandre Castracani, sobre o interdicto que este pôz em Lisboa, em 1639.

Este conservou-se na livraria que foi do cardeal Sousa.

Escreveu e publicou as—*Praxis Pensionum exigendarum*, etc.

A *Vida do veneravel padre Antonio da Conceição*, conego secular da congregação de S. João Evangelista, que ficaram manuscriptos. (esta obra é a antecedente.)

Em Italia, França e Hespanha, foi muito estimado pelos sabios, e nas obras de alguns é celebrado com louvor.

Morreu no convento de Santo Eloy, de Lisboa, em 26 de setembro de 1650.

—

Foi senhor de Mattosinhos, João Rodrigues de Sá de Menezes, alcaide-mór da cidade do Porto, cavalleiro tão famoso, como os mais do mesmo appellido.

Soube com perfeição a lingua latina, e foi eximio em philosophia e bellas-lettras. Foi mimoso poeta, e as suas *Quintilhas*, sobre as armas e familias illustres d'este reino, foram muito celebradas e se imprimiram.

Era generoso, prudente e politico.

Foi embaixador dos reis D. Manuel e D. João III, ás côrtes de Saboya e Castella.

Morreu no dia 2 de novembro de 1579, com 115 annos de idade, pois tinha nascido em 1464.

Convento das Penhas

Pelos annos de 1392, deram principio, os padres fr. Gonçalo Marinho e fr. Diogo Ayres, ao convento de *S. Clemente das Penhas*, assim chamado, pelo eminente e penhascoso sitio em que foi fundado, na costa do Oceano, junto ao logar de Mattosinhos, no mes-

mo logar em que já havia uma antiga ermida, dedicada a S. Clemente, que ficou servindo de egreja do mosteiro. E, porque o sitio era nocivo á saude, e havia n'elle outras incommodidades, se transferiu para onde hoje existe, nas margens do rio Leça, pouco distante de Mattosinhos; dando o chão para o novo mosteiro, Simão Coutinho e sua mulher, D. Maria da Cunha. Mudou-se então o titulo e a invocação do mosteiro, ficando a denominar-se—*Nossa Senhora da Conceição, de Mattosinhos.*

É de muita devoção esta imagem da Virgem. É de pedra, de quasi 2 metros de altura, com o Menino Jesus no braço direito. Foi feita em Coimbra, por um insigne esculptor, chamado Diogo Peres, por ordem d'el-rei D. Affonso V, custando 7$000 réis a esculptura, e o pintor, de a encarnar e dourar, levou menos de 3$000 réis.

Foi a imagem mettida em um caixão, e levada pelo Mondego, até á *Barranca*, passando ahi para uma caravella que viajava para o Porto, onde entrou com feliz viagem.

No Douro, foi passado o caixão que continha a imagem, para bordo do *esquife* (escaler, ou chalupa) da náu *Nossa Senhora das Neves*, equipado e empavesado tudo com muita variedade de bandeiras e flamulas, com *roqueiras* (pequenas peças) e musica, servindo de remadores, varios mestres e pilotos de navios ancorados n'este porto, vestidos de gala.

Fez-se a viagem para Mattosinhos, com grande alegria e magnificencia, hindo muitos barcos embandeirados, com musicas, e dando tiros com as roqueiras, e assim foram até á fóz do Leça.

Desembarcada a Senhora, foi logo collocada no seu throno.

Teve isto logar em vespera da Ascenção do Senhor, que era uma quarta feira, 7 de maio de 1483.

Entre muitos *milagres* que existiam n'esta egreja, se viam duas grandes pelles de *lagarto.* empalhadas (provavelmente jacarés, caimões, ou crocodilos), testemunhas de dois milagres acontecidos á dois marinheiros que no Ultramar escaparam dos dentes d'estes amphibios, por invocarem a protecção d'esta Senhora, com ajuda da qual, mataram aquelles monstros.

Tambem aqui havia dois esporões de espadarte, que sem penetrarem o costado, se pregaram em duas náus de guerra portuguezas que navegavam para a India.

Pedaços de amarras, grilhões e cadeias de captivos, salvos pela intervenção de Nossa Senhora.

Muitas pessoas devotas d'esta Santa imagem, concorreram com grandes esmolas, para que se lhe edificasse nova egreja, o que se levou a effeito.

D. Margarida de Vilhena, mandou fazer á sua custa a capella-mór, e D. Affonso V, que era muito devoto d'esta Senhora, e que muitas vezes a visitou, lhe mandou fazer o corpo da egreja.

Fica a freguezia de Mattosinhos separada da de Leça da Palmeira, pelo rio Leça, com a qual communica por uma excellente ponte de cantaria.

Está ligada ao Porto, por duas bôas estradas a mac-adam—uma em linha recta, em construcção, que é a estrada-rua da *Boa-Vista,* da qual já fallei, no artigo, Martinho de Cedofeita (S.)—e outra pela margem direita do Douro, até á Fóz, e depois pela beira-mar, até Mattosinhos, concluida em 1868.

Esta estrada é plana e bellissima. Está orlada de arvores, que lhe augmentam a formosura, podendo dizer-se que da Fóz a Mattosinhos, é, não só uma estrada, mas tambem um passeio deleitoso.

Desemboca em Mattosinhos, na sua formosa alameda, vasto quadrilatero, arborisado e guarnecido de bancos de pedra.

No centro da alameda, e sobre um elegante pedestal, se ergue magestosa, a estatua do benemerito cidadão, Manuel da Silva Passos, nascido na freguezia de Guifões, d'este concelho.

Foi erigida por os seus conterraneos, em 24 de agosto de 1864.

Parallelo á nova estrada, está o poetico monumento do *Senhor do Padrão.*

É um zimborio, formada de quatro arcos abertos, rematados por uma bonita e elevada abobada, guarnecida de oito pyramides,

e terminada no seu vertice, por uma cruz. Entre as columnas, e pela parte de dentro, estão as estatuas dos quatro Evangelistas.

No centro está uma alta cruz, com a imagem de Jesus Crucificado, pintada em azulejo.

Junto ao *padrão*, está uma casinha de cantaria, quadrada, com os martyrios do Salvador, esculpidos na pedra.

Em cada fachada, tem uma inscripção latina commemorando o milagre feito a uma mulher, em 1726, a qual padecendo de elephancia, foi a 3 de maio d'aquelle anno, áquelle sitio, e alli, com as proprias mãos e sem outro algum instrumento, abriu na areia uma pôça, e d'ella e de mais quatro partes (em fórma de cruz), brotaram cinco fontes de agua perenne (que ainda existem), e lavando-se com ella tres dias, ficou perfeitamente san.

Esta casinha, fez-se para conservar a agua fechada, e d'alli se tiram constantemente, garrafas e garrafas de agua, que vão para differentes partes, onde operam curas maravilhosas, em varias molestias.

MAURELLES—freguezia, Douro, comarca e concelho do Marco de Canavezes, 45 kilometros ao NE. do Porto, 360 ao N. de Lisboa, 95 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Assumpção.)

Bispado e districto administrativo do Porto.

O abbade de Abragão, apresentava o cura, que tinha 12$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra muito fertil.

(Vide Marco de Canavezes.)

MAURO—portuguez antigo—segundo uns, é abreviatura de *maurobotino* (maravidin) e segundo outros, era mouro captivo (escravo) que se dava como preço de qualquer compra. (Vide *Tarouca*.)

MAXIAL — freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Torres Vedras. Já está descripta a pag. 14 d'este vol.

MAZAGANÍA—portuguez antigo—do arabe *machzanía*—soldados pagos, e não auxiliares, que não tem soldo.

O africanos, assim chamam aos soldados, que estão em actual serviço, e derivam este nome de *Machezan*—erário, ou thesouro d'onde se collige, que são homens, que pertencem ao erário, e d'elle se sustentam, ou cobram soldo. A *poz elle vinha o Alcaide com sua Mazaganía* (isto é companhia), *como elles lhe chamão na sua linguagem.* Damião Goes. *Chronica d'elrei D. Manuel*, part. 4.ª, cap. 44.

MAZANARIA—portuguez antigo—pomar de macieira. Os hespanhoes dizem *Manzanar*, e d'aqui vem o nome ao rio *Manzanares* que corre em Madrid, e que significa—*rio dos pomares.*

MAZAR—portuguez antigo—julga-se ser o nome, que até ao seculo XIV se dava á madre-pérola, então mui rara e por isso de alto preço.

No testamento de D. Pelagio, bispo de Lamego, feito em 1246, se lê—*It: Mandat Priori de Carcari* (Cárquere) *mantum de canulino, et cappam de grisan, et ciphum de Mazar.* (Doc. da Sé de Lamego.)

MAZCABO—portuguez antigo—falha, detrimento; tambem pena, injuria. *Peite da outra parte, que essa Ordinhaçom guardar, mil libras de dinheiros, en nome de mazcabo: e toda via a ssa Ordinhaçom ser estavil.* (Doc. da Guarda, de 1298.)

MAZÊDO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Monção, 60 kilometros a NO. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 360 fogos.

Em 1757 tinha 304 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

É terra muito fertil.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 125$000 réis.

O vinho d'esta freguezia, é muito verde, e diz-se que o nome d'ella, vem d'esta circumstancia, e é contracção de—*máu e azedo.*

Os dizimos foram dos jesuitas de Braga, que lh'os deu D. fr. Bartholomeu dos Martyres, quando arcebispo d'esta diocese.

Por extincção da Companhia de Jesus, foram os dizimos para a universidade de Coimbra, que os recebeu, até 1834.

Ha n'esta freguezia, as antigas casas de

Serradé e do sr. Manuel Pereira de Moscoso.

MAZELLAR-SE—portuguez antigo—affligir-se, doêr-se, contristar-se, etc.

MAZMORRA—portuguez antigo—do arabe africano *matsmóra*, e pronunciavam como nós *masmôrra*, que é como hoje se escreve—casa, cóva, ou prisão subterranea, á maneira de uma grande cisterna, sem ar, nem claridade, mais do que lhe entra pela porta, ou bôcca, a qual se fecha com um alçapão.

Em Marrocos, as Mazmorras são debaixo do palacio do rei. Deriva-se do verbo *támara*—guardar, fechar, esconder debaixo do chão; cobrir com terra. *Girardo João Vossio*, sem rasão, deriva este nome do verbo hebraico—*zamara*, cantar, *psalmear*. É pois tão extravagante esta derivação, que, sendo as masmorras prisões horriveis, possa o seu nome derivar-se de um verbo que significa—alegria, como é cantar e psalmear. Vide *Jornada de Africa*, Liv. 2.º, cap. 6.º e pag. 71.

MAYORCA—Vide *Maiorca*.

MÊA—portuguez antigo—medida de 6 quartilhos.

Ainda se usa em algumas terras do districto de Coimbra; mas na provincia do Minho, *mêa* ou *mêya*, eram 2 quartilhos (*meia canada*.)

MEADAS—freguezia, Alemtejo, comarca e 24 kilometros de Portalegre, concelho de Castello de Vide, 180 kilometros ao SE. de Lisboa, 245 fogos. Em 1757 tinha 161 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

É terra muito fertil, e nos seus montes se eria muito gado, de toda a qualidade, e ha muita caça.

A mitra apresentava o cura, que tinha 40$000 réis, e o pé d'altar.

Esta freguezia, está unida ha mais de 100 annos á da Póvoa, e por isso o seu nome official é *Póvoa* e *Meadas*.

Meadas fica a 5 kilometros a E. da Povoa.

Durante a usurpação dos Philippes, foi residencia dos condes de Valle de Reis (depois marquezes, e por fim duques, de Loulé.) Ainda se vêem as ruinas do seu palacio.

É terra muito abundante d'aguas, causa da sua fertilidade.

(Vide *Póvoa* e *Meadas*.)

MEADÉLLA—freguezia, Minho, concelho, comarca, districto e proximo de Vianna, 35 kilometros ao O. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 82 fogos.

Orago Santa Christina.

Arcebispado de Braga.

É terra muito fertil.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento annual.

Foi até ao reinado de D. Diniz, do padroado real; mas este monarcha a trocou por outras, com D. João Fernandes Sotto Maior, bispo de Tuy, a cuja diocese esta freguezia então pertencia.

Passou a ser do bispado de Ceuta, na Africa (vide Braga), e por fim dos arcebispos, por troca, com o bispo de Ceuta.

É n'esta freguezia, a quinta e torre de *Paredes*, solar dos Bezêrras.

O 1.º senhor d'esta casa (então coutada) foi D. Pedro Hermiges de Paredes. Foi herdeiro d'esta casa, seu filho, Martim Cabeça, pae de Maria Martins, que casou com Lourenço Paes Guedes. Ou por extincção d'esta familia, ou por outras rasões que hoje se ignoram, passou esta propriedade para a corôa, e D. João I a deu a um colateral, de appellido Martins, em premio dos seus serviços, na guerra contra Castella, e sempre com privilegio de couto.

Passou depois para os frades bernardos de *Oia*, na Galliza, com outros bens, e a torre de Pérre.

Fernão Gonçalves Bezêrra, fidalgo gallego, commettendo certos crimes na Galliza, fugiu com a sua familia para Portugal, e tomou conta da casa e rendas de Paredes, que houve dos frades, dando-lhe em tróca as suas propriedades de Galliza, e fazendo aqui o seu solar.

Este fidalgo, era parente dos condes de *Alta-Mira*, e dos Moscosos, principes de sangue e grandes de Hespanha.

As armas dos Bezêrras, são—em campo verde, duas bezêrras de ouro. Timbre, uma das bezêrras das armas, sem pontas.

MEALHA—portuguez antigo—A *mealha*, não era uma moeda cunhada sobre si: era

metade de um dinheiro (*denario*) que se partia com qualquer instrumento.

De ser *mêia*, se chamou *mealha*. (De mealha vem o nome de *mealheiro*, que se dá a um vaso, ou caixa, bem conhecido, onde se vae juntando dinheiro miudo.)—Tambem á medalha se dava o nome de *pogeya*, ou *pagueja*. (*Chron. do rei D. Fernando*, pag. 238 —*Collec. de Livros Ined. da Hist. Port.*, pela Academia Real das Sciencias, tom. 4.°)

Com o tempo, ás mealhas se deu o nome de *medalhas*, e actualmente dá-se o nome de *medalhas*, a todo o dinheiro antigo, qualquer que seja a sua fórma, peso, ou metal.

O rei D. Manuel, extinguiu as mealhas, e se contava por livras, posto que tambem já se não cunhassem (como depois se veiu a contar por *cruzados*, mesmo quando já não havia moeda cunhada, com esse valor.)[1]

Tambem havia *mealhas de ouro*, que sem duvida eram *medalhas*, ou *moedas*. No foral de Santa Cruz de Villariça, se diz—*Et qui percuserit Presbiter, pectet quingentos soldos, et una* manalia *de ouro*. (Doc. da camara de Moncorvo, do anno de 1225.)

Já disse que *medalha*, era o mesmo que *mealha*. No foral velhoda Covilhan, dado em 1186, se diz—*De corio de vaca, vel de zevra, duos Denarios: de corio de cervo, vel de gamo, III medalias*.

Devo notar que *zevra*, não é o quadrupede a que hoje chamamos *zêbra*, que nunca existiu em Portugal, senão nos museus zoologicos. Antigamente dava-se o nome de *zevro*, ao touro, ou novilho, e *zevra*, á novilha, ou vitella.

No foral velho de Lisboa (de 1179), lê-se—*Dent de foro de vaca I denarium, et de* zevro, *unum denarium. De coriis boum, vel zevrarum, vel cervorum dent medium morabitinum.*

[1] N'esta e em outras muitas materias, podia dar uma vasta explicação; mas isso faria uma obra volumosissima, e aborrecida para muitos leitores. N'estes casos, indico os livros onde os curiosos podem achar todos os esclarecimentos que exigirem. Para isto, veja-se *Elucidario* de Viterbo, a pag. 62. (da edição de 1865, verbo *Livra*.)

O desejo de acertar e o acatamento á verdade, obrigam-me muitas vezes a mencionar n'esta obra, opiniões diametralmente oppostas ás minhas, deixando ao leitor a liberdade de seguir as que lhe parecerem mais verosimeis. Por esta rasão, declaro que o sr. J. P. Ribeiro, em uma nota a fr. J. de Santa Rosa de Viterbo (pag. 279), diz—*zevro, zebro, ou pedra-zebral, nada tem com gado vaccum. É um animal bem conhecido, e que entre nós, em outros tempos, era vulgar, dando-se com tudo ás suas pelles mais valor que ás dos outros animaes. A Africa é que hoje abunda na sua creação.*

Com o devido respeito a tão illustrado escriptor, não me posso conformar com a sua opinião.

Nos dois trechos de foraes antigos, que deixo transcriptos, vê-se claramente que não tinham mais valor, mas o mesmo, as pelles de *zevra*, ou *vacca*; nem podiam ter differença, visto serem uma e mesma cousa. Em todos os escriptores antigos se toma zebro por boi, touro, ou novilho, e nunca por animal chamado *zebra*, em que nunca fallam os livros, senão como synonimo de gado vaccum. Na Peninsula iberica havia ursos, e ha lobos, javalis (javardos, ou porcos montezes) corças e veados; mas não consta que em tempo algum houvesse zebras, propriamente ditas.

Em 922, se fez a demarcação do grande couto do mosteiro de *Crestuma*, que se estendia pelas duas margens do Douro, terminando na *terra de Sousa do Monte Zevrario, isto é, Monte das Vac-*

cas. (Livro Preto de Coimbra, fl. 39.)

Este e outros foraes, em que se falla de *corio de vaca, vel de zevra*, etc., tantos *denarios*, é, quanto a mim, que deu origem a dizer-se que em Portugal houve antigamente *dinheiro de sóla*.

Se fossemos a entender os papeis antigos ao pé da letra, então podiamos tambem sustentar que antigamente havia dinheiro feito de pão, de carne, de vinho e de todos os mais generos, e até de propriedades de raiz; mas a verdade é que—*uma dinheirada de terra*, ou *de vinha*, era a porção de terreno, que valia um dinheiro de renda annual. *Dinheirada de pã, vinho, cêra*, etc., era a quantidade d'esses generos que se comprava por um dinheiro.

Em um prazo do convento da Alpendurada, feito em 1289, se lê—*Detis annuatim Refectorio Fratrum XII denariatas panis, et sex pisces canes.*

Em 1360, se mandou, por uma provisão de D. Pedro I, que na cidade do Porto houvesse as seguintes medidas de liquidos—*um dinheiro, dois dinheiros, almude* e *meio almude*.

Em um documento de Alpendurada, de 1347, se lê—*A cada huum Frade, quatro dinheiros de pam*—isto é, a cada frade uma porção de pão que valesse 4 dinheiros.

Tinhamos que fazer se fossemos aqui a mencionar todos os documentos antigos e modernos, em que se declara a porção do genero, ou da propriedade de raiz, pelo seu valor em dinheiro.

Os leitores que sobre este ponto desejarem amplos esclarecimentos, podem consultar as obras seguintes—Viterbo, verbo *Dinheirada* e *Dinheiro*—*Memorias sobre pesos e medidas portuguezas*, por Sebastião Francisco Mendo Trigoso (que vem nas *Memorias economicas*, da Academia Real das Sciencias, de Lisboa, tom. 5.º, pag. 386.)

Nota ácerca do Systema monetario dos romanos, do sr. Antonio José d'Avila (hoje marquez d'Avila e Bolama.)—Esta *nota*, vem na versão dos *Fastos d'Ovidio*, do sr. Antonio Feliciano de Castilho Barreto e Noronha (hoje visconde de Castilho), publicada em 1862. Vem (a nota) no tom. 1.º, pag. 350 a 384.—Veja-se tambem o *Diccionario numismatico*, por um flaviense (fr. Francisco dos Prazeres Maranhão.)

MEALHADA—villa, Douro, capital do concelho do seu nome, na freguezia e 3 kilometros a E. da Vaccariça (pelo que tambem alguns dizem, *concelho da Vaccariça*), comarca da Anadia, 18 kilometros ao N. de Coimbra, 220 ao N. de Lisboa, 560 fogos, na freguezia.

Em 1757 tinha 400 fogos.

Orago S. Vicente, martyr.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Aveiro.

Note-se, que as distancias marcadas n'esta obra, para as terras por onde passa o caminho de ferro, não são as d'esse caminho, mas as das estradas ordinarias. Pelo caminho de ferro, fica a Mealhada, distante de Lisboa, 237 kilometros, 162 de Santarem, 130 do Entroncamento, 67 do Pombal, 19 de Coimbra, ao N.—37 de Aveiro, 97 de Villa Nova de Gaia ao S. e 300 da raia hespanhola (ao O. d'ella), 11 álem de Elvas.

Tem estação telegraphica, e é a 29.ª estação do caminho de ferro do Norte. É na *Bairrada*.

O collegio da Graça (agostinhos) de Coimbra, apresentava o vigario, *ad nutum*, que tinha 150$000 réis de rendimento.

O concelho da Mealhada é composto das 6 freguezias seguintes—Barcouço, Casal-Comba, Luso, Pampilhosa, Vaccariça (Mealhada) e Ventosa do Bairro; todas no bispado de Coimbra.

Tem este concelho 1:700 fogos.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 12 de setembro de 1514. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 149 v., 2.ª col.)

Na mesma cidade de Lisboa, e com a mesma data, deu o rei foral á villa da Vaccariça. Vem no mesmo livro, a fl. 149.

Este foral serve tambem para Varzeas. (Era couto dos bispos-condes.)

É povoação muito antiga, e parece que já existia no tempo dos romanos. Por aqui pas-

sava a via militar d'elles, que de Lisboa se dirigia á Calle.

Ainda em 1856, quando n'este sitio se andava a construir o caminho de ferro do Norte, se achou enterrado um marco milliar, dedicado a Caligula, com o n.º 12. (Adiante trato mais circumstanciadamente d'esta antigualha.)

Os mouros, reedificando a via militar romana e alterando-lhe, em partes, a antiga directriz, aqui levaram-a pelo seu antigo leito.

No reinado de D. Maria I, tambem por aqui passava a estrada real de Lisboa ao Porto.

A nova estrada a mac-adam principiada a construir em 1845, tambem passa pela Mealhada.

As terras principaes que ficam proximas d'esta povoação, são—a villa da Anadia, a 9 kilometros a NNE.—Cantanhêde, 12 a O.

O concelho confina com o de Penacova, ao E. e SE.—com o de Mortágua (já districto administrativo de Vizeu), ao NE.—com os da Anadia, e S. Lourenço do Bairo (districto administrativo de Aveiro), ao N., e com o segundo tambem a NO.—com o de Cantanhêde ao O.—com o de Ançan ao SO. e com o de Coimbra ao S.

Os antigos coutos de Aguim, Casal Comba, e Vaccariça, que hoje são n'este concelho, receberam foral de D. Manuel; o primeiro no 1.º de julho, e o segundo a 12 de setembro de 1514.

Todas estas povoações e outras muitas d'este concelho, são mais antigas do que a monarchia portugueza; pois que d'ellas dispõe o conde D. Raymundo, genro de D. Affonso VI de Leão, no testamento em que doou a D. Cresconio, bispo de Coimbra, e aos clerigos da egreja de Santa Maria, o antiquissimo mosteiro *bobulense* da Vaccariça; que segundo uns havia sido fundado por Paulo Orosio, no seculo V, e segundo outros, pelo patriarcha S. Bento, no seculo VI.

É mais admissivel esta segunda opinião, porque, sendo o mosteiro de monges benedictinos (duplex) não podia ser erecto antes do introductor d'esta ordem, na Europa.

Existiu este convento, habitado pelos seus monges, em todo o tempo da dominação mourisca, e só no seculo XI (pelos annos de 1090 de Jesus Christo) e desde que ficou sendo apanagio dos bispos de Coimbra, deixou de existir como communidade religiosa.

Cultivam-se n'este concelho todos os productos agricolas do nosso paiz; mas a sua cultura por excellencia, é a dos vinhos, conhecidos em todo o reino, pela denominação de *vinhos da Bairrada*, ou da *Anadia.*

Dá-se o nome de *paiz vinhateiro da Bairrada*, ás freguezias de Casal Comba, Tamengos, Vaccariça, e Ventosa do Bairro, n'este concelho—á freguezia dos Arcos e logar de Mogofôres, no da Anadia—á pequena freguezia de Óis do Bairro, e á villa de S. Lourenço do Bairro; e a mais algumas povoações ao E. e S. da freguezia de S. Lourenço—ao logar de Murtêde, e á freguezia de Cepins (ou Sepins) no concelho de Cantanhêde.

Os vinhos da Bairrada são exportados—uma grande parte, pelo caminho de ferro para a cidade do Porto, onde, misturados com os do Alto Douro, vão correr mundo, sob o titulo de *vinhos do Porto.* O resto, sahe pela barra da Figueira da Foz, para o estrangeiro, principalmente para a America.

O sr. Joaquim Lopes Carreira de Mello, cavalheiro activo, emprehendedor, intelligente, e verdadeiro amante da sua patria (é natural da Mealhada) ha muitos annos tem empregrado todos os meios suasorios, para levar a effeito a formação de uma grande e poderosa companhia, que tome a seu cargo o desenvolvimento e aperfeiçoamento das vinhas, e dos seus productos, fazendo estes adquirir os seus antigos creditos, que as adulterações lhe tinham feito perder; e, finalmente, promoverem a prompta venda dos vinhos da Bairrada, nos paizes estrangeiros.

O sr. Carreira de Mello, acaba de vêr coroadas de bom exito as suas nobres e pa-

trioticas aspirações, e já n'este anno (1875) se formou a companhia; a qual, pela honradez, intelligencia e meios de que são dotados os cavalheiros que formam a sua administração, promette grandes beneficios ao paiz vinhateiro da Bairrada, e um auspicioso futuro á nova empreza.

—

A villa da Mealhada, pela sua importantissima situação, cortada pela via ferrea e pela estrada real ordinaria, em vasta e fertil planicie, e centro da região vinicula da Bairrada, a mais importante a este respeito, depois do Alto Douro, tem em nossos dias prosperado prodigiosamente, e o seu futuro será dos mais felizes, e em termo breve.

Os banhos de Luso e as continuas digressões dos *touristes* á serra do Bussaco (que são n'este concelho e lhe ficam proximas) assim como ser n'esta villa o ponto da partida do caminho de ferro (tanto para quem vem do norte, como do sul) para a cidade de Viseu e grande parte das duas Beiras, para o que tem uma excellente estrada moderna, á mac-adam, e duas diligencias diarias ascendentes e duas descendentes, além de grande numero de outros vehiculos para conducção de gente e mercadorias, teem concorrido para que esta povoação chegue a um gráu de prosperidade a que nenhuma outra chegou em tão pouco tempo.

Desde que aqui se estabeleceu a estação do caminho de ferro (1861) se teem edificado muitos predios, sendo grande parte d'elles de nobre e elegante construcção; reedificado outros que estavam em total abandono, e fundado vastas, commodas e elegantes hospedarias, optimas lojas de commercio e outros grandes melhoramentos.

As camaras municipaes tambem se teem desvellado no engrandecimento da villa, traçando novas e espaçosas ruas; alinhando e reparando outras; fazendo grandes plantações de arvores; e empregando outros meios efficazes, para tornar a povoação cada vez mais civilisada e florescente.

Se continuar (como é de esperar) no augmento progressivo que tem tido ha 12 annos a esta parte, dentro em poucos se tornará uma das villas mais importantes do reino.

—

Já disse que em 1856, se achou aqui um marco milliar da via romana. Appareceu a 630 metros de distancia da villa. É um cippo, em fórma de fuste de columna, de 2m,04 de alto, e 1m,40 de circumferencia.

Tem uma inscripção que diz:

. . . . . SAR. DIVI . . . . .
. . . . . ROM. AVG. . . . .
. . . . . MAX. TRIB . . . . .
. . . . . COS. DESI . . . . .
P. P.
XII.

Só se póde adivinhar esta inscripção, visto que estão incompletas a 1.ª, 2.ª, 3.ª e 6.ª linhas.

Na 1.ª, falta o nome do imperador, vendo-se apenas a terminação da palavra *Cæsar* (*sar.*) e, talvez, o nome do pae, adiante de *divi*.

Na 2.ª, faltam letras no principio e no fim.

Na 3.ª, é provavel que antes de *max*, estivesse, *pont*, e depois de *trib*, devia estar *pot*, e algum algarismo que indicasse o numero de vezes que foi investido do poder tribunicio.

A 4.ª, está completa, e quer dizer: *consuli designato*.

A 5.ª, tambem está completa, e significa: *pater patriæ*.

Na 6.ª, falta o nome da povoação, d'onde até aqui se contavam as 12 milhas (12:000 passos.)—É provavel que fosse *Conimbrica* (Condeixa Velha), que regula por essa distancia.

A via militar romana de Lisboa a Calle, e d'ahi a Braga, não passava por *Colimbrica*, ou *Colimbria* (a actual Coimbra) vinha da actual Condeixa Velha, quasi em linha recta, atravessando o campo de Coimbra, ter á Mealhada, seguindo d'ahi para Talabrica (Aveiro), Lancobrica (Feira) e Calle (Gaia.)

É pois este cippo, incontestavelmente a base, ou pedestal, onde assentava um marco

milliario. Das letras que existem, apenas se póde colligir que *foi dedicado a f... Cesar, divino, augusto, pío, pontifice maximo..... investido do poder tribunicio, designado consul e pae da patria. D'aqui a... 12 milhas.*

Diz-se todavia, em papeis antigos, que este marco foi dedicado ao imperador Caligula.

—

O rio *Cértoma* (*Cértema* ou *Sértoma*) réga esta freguezia. Já a pag. 253, do 2.º vol., tratei d'este rio : aqui dou mais algumas noticias a seu respeito.

Duas nascentes mui proximas entre si, no declive do Bussaco, para o O., no sitio chamado *Lameiras*, ou *Arruido*, perto da aldeia de Lourêdo, dão principio a este rio, que, correndo na direcção de E. a O., o espaço comprehendido entre a serra, e a estrada real, atravessa esta, na ponte de *Viadores*, caminhando então parallelamente com ella, já engrossado com as aguas das ribeiras de Murtêde, e Póvoa do Bispo (no Concelho de Catanhêde), de Horta, de Malla, de Luso, de Monte-Novo, e dos regatos do Freixial (junto a Tamengos) dos Mirógos (junto a Villa-Franca) e outros menores; que todos regam e fertilisam este concelho, e os da Anadia, S. Lourenço do Bairro (extincto), Oliveira do Bairro e parte do de Eixo (extincto.) Desagúa no rio Águeda, perto de Requeixo. N'elle e nos seus braços, ou affluentes, se colhe algum peixe miudo.

O rio Cértoma, póde ainda vir a ser um grande manancial de riqueza para a Bairrada, pois que correndo em leito plano, não é muito dificil, nem dispendioso tornal-o navegavel, em toda a sua extensão, facilitando accesso á barra de Aveiro.

Na sessão de 16 de julho de 1853, alguns deputados fizeram um requerimento ás camaras, que foi approvado, cujo theor era o seguinte:

Considerando a canalisação da ria de Aveiro, e dos rios que n'ella desagúam, e o enxugamento dos vastos terrenos, que hoje se acham alagados pela mesma ria, como obras das mais uteis para o paiz—requeiro

1.º Que para o estudo de taes obras, o governo seja convidado a mandar levantar, quanto antes, uma planta minuciosa, assim de toda a ria de Aveiro, como do rio Vouga, até S. Pedro do Sul, e dos rios Cértoma e Águeda, até onde forem susceptiveis de serem navegados, com a designação dos actuaes esteiros e vallas de navegação, e das alturas da agua, em toda a ria;

2.º Que a factura d'esta planta, se o governo assim o julgar conveniente, seja incumbida a quem, em concurso publico, se preste a fazel-a, em melhores termos de sciencia, brevidade e economia.

(*Diario do Governo* n.º 166, de 18 de julho de 1853.)

Infelizmente, esta bella ideia não passou do papel.

—

*É nos limites d'este concelho, que está a serra do Bussaco, justamente célebre pela sua elevação, que domina muitas leguas em circumferencia; pelo seu antiquissimo mosteiro, fundado no anno de 1541, para monges e monjas da ordem de S. Bento, e que depois passou a ser de frades carmelitas descalços, que o reedificaram e ampliaram, lançando-lhe a primeira pedra das novas construcções, fr. Thomaz de S. Cyrillo, em 7 de agosto de 1628.

Denomina-se este *convento de Santa Cruz do Bussaco*, ou do *Deserto*. (Vide o 1.º vol., pag. 509.)

Sendo tambem notavel o Bussaco, pela gloriosa batalha do seu nome, dada pelo exercito luso-anglo, contra as hordas francezas, a 25, 26 e 27 de setembro de 1810. (Vide o 1.º vol., pag. 510.)

A serra do Bussaco, principia nas margens do Mondego, cêrca de Pena-Cóva, estende-se na direcção de S. a N., em distancia de 18 kilometros, e tem de elevação, nos seus pincaros, 550 metros sobre o nivel do mar.

Quasi na sua extremidade septentrional, e na aprasivel encosta a E., é que está o mosteiro, de que já fallei nos lugares acima citados.

A matta do mosteiro, é cercada de um muro, com 4 kilometros de circumferencia, cortada em duas partes quasi eguaes, pelas avenidas do mosteiro, e povoada de grande

quantidade de arvores seculares e gigamtescas, de diversas qualidades.

Os que desejarem amplas noções sobre o Bussaco, consultem a *Benedictina Lusitana*, de fr. Leão de S. Thomáz; *Chorographia Portugueza*, de Carvalho; *Chronica dos carmelitas descalços*, pelo padre fr. João do Sacramento; e as *Memorias do Bussaco*, pelo dr. Adrião Pereira Forjaz de Sampaio.

—

Dois homens notaveis dos nossos dias, têem por patria, a villa da Mealhada—é um d'elles o sr. Joaquim Lopes Carreira de Mello, de quem já fallei, proprietario e director do collegio de Nossa Senhora da Conceição (na rua da Esperança) e uma das melhores casas de educação de Lisboa—é o outro, o sr. dr. Antonio Augusto da Costa Simões, lente de medicina na universidade de Coimbra, de quem tambem já fallei, na col. 2.ª de pag. 499 do 4.º vol.

—

MEALHADA — aldeia, Extremadura, na freguezia de Santa Maria de Loures, concelho dos Olivaes, comarca, patriarchado e districto administrativo de Lisboa, d'onde dista 12 kilometros ao N.—95 fogos (a aldeia.)

Pouco adiante da *Nova Cintra*, em sitio plano, ha um largo, onde a estrada se divide em dois ramaes.

O que segue direito, conduz á Póvoa de Santo Adrião, Mealhada, Loures, e outras terras dos arrabaldes de Lisboa, e depois a Torres Vedras.

Chama-se áquelle largo o *Senhor Roubado* (vide a pag. 128, col. 1.ª do 2.º vol.)—adiante da *Calçada de Carriche* (tambem já descripta, sob a palavra *Carriche*, no logar citado) e no alto está a aldeia da Ameixoeira, célebre pelas suas cavernas, e pelas inscripções romanas aqui encontradas. (Vide 1.º vol., pag. 196.)[1]

[1] Na Ameixoeira edificou, em 1860, o sr. Manuel Iglezias, rico proprietario e capitalista de Lisboa, uma formosa casa de campo, com seu não menos formoso jardim.

Seguindo a calçada de Carriche, pela estrada de Loures, passa-se pela Póvoa de Santo Adrião, e chega-se á Mealhada.

Proximo d'este logar, na encosta de um outeiro, existe o mosteiro do Espirito Santo, que foi dos religiosos arrabidos. Foi fundado por Luiz de Castro do Rio (progenitor dos condes de Barbacêna), em 1575.

O edificio do convento e uma pequena cêrca contigua, são hoje propriedade do sr. conde de Thomar.

A pouca distancia da Mealhada e da estrada de Loures, para a direita, está o logar de *Friéllas*, situado nas faldas de uns montes e tendo na frente extensissimas campinas.

Junto de Friéllas, corre o rio que vae passar por Santo Antão do Tojal, e vae morrer na margem direita do Tejo, em Sacavem, com o nome d'esta povoação. (Até ahi, toma o nome das povoações que banha.)—Vide 3.º vol., pag. 238, col. 1.ª, onde vem a descripção da freguezia de Friéllas.

MEANS—freguezia, Douro, comarca e concelho de Monte-Mór-Velho, 18 kilometros de Coimbra, 265 ao N. de Lisboa, 290 fogos.

Em 1757 tinha 188 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

É terra muito fertil.

O bispo de Coimbra apresentava o vigario, que tinha 150$000 réis de rendimento.

No dia 22 de maio de 1874, ao meio dia *em ponto*, cresceu uma nuvem, ao Sul do campo, onde andava muita gente, applicada aos trabalhos da lavoura, e de subito se ouviu o estampido de um trovão, e ao mesmo tempo cahiram fulminados por um raio, um rapaz e tres raparigas, ficando logo morto aquelle, e uma d'estas, e as outras sem sentidos.

É povoação muito antiga e foi villa e reguengo da corôa.

Não me consta que tivesse foral novo, ou velho; pelo menos Franklim não o traz.

MÉCA—Vide *Espiçandeira* e *Méca*, pag. 60, do 3.º vol.

MECHADE—nome de uma das portas da cidade de Evora. É a palavra arabe machadd, que signfica—*porta do impeto, da ir-*

rupção, do accommettimento, etc.—Vem do verbo *xadda*—accommetter, atacar, etc.—Foi por esta porta que os mouros entraram quando tomaram a cidade.

MÉCO—portuguez antigo—libertino, devasso, adúltero.

MÉDA—villa, Beira Baixa, cabeça do concelho do seu nome, comarca de Villa Nova de Fozcôa, 54 kilometros de Lamego, 360 ao NE. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha os mesmos 250 fogos.

Orago S. Bento.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

A mesa da consciencia apresentava o vigario, que tinha 150$000 réis de rendimento annual.

O concelho da Méda é composto das 16 freguezias seguintes, todas no bispado de Lamego — Aveloso, Casteição, Fonte Longa, Longrôiva, Méda, Outeiro dos Gatos, Poço do Couto, Prova, Ranhados, Valle de Ladrões, Pae-Penella, Carvalhal, Rabaçal, Coriscada, Marialva, e Barreira: todas com 1:650 fogos.

É povoação muito antiga, e foi commenda.

D. Manuel lhe deu foral, em Evora, no 1.º de junho de 1519. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 155 v., col. 2.ª — *Minuta* para este foral, na gaveta 20, maço, 12, n.º 6.)

Está situada em um alto, com uma torre onde hoje está um relogio.

É fertil em todos os generos do paiz, e cria muito gado de toda a qualidade.

MÉDA DE MOUROS—freguezia, Douro, comarca e concelho da Tábua, 45 kilometros de Coimbra, 240 ao NE. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 65 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O vigario de Cója apresentava o cura, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé d'altar.

MÉDAS—freguezia, Douro, comarca e 22 kilometros ao E. do Porto (1.ª vara) concelho e 10 kilometros ao E. de Gondomar, 160 fogos.

Em 1757 tinha 101 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Natividade.)

Bispado e districto administrativo do Porto.

O reitor de Lever (na comarca da feira, e em frente das Médas, mas na margem esquerda do Douro) apresentava o cura, que tinha 7$800 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia é situada em terreno muito accidentado, sobre a margem direita do rio Douro. Não é muito fertil, por ter poucos terrenos cultivados; mas os seus pequenos valles produzem bastantes cereaes, linho, vinho, e outros fructos do paiz. Tem pinhaes e bastantes arvoredos silvestres, cria gado de toda a qualidade e caça. Tambem ha aqui muitas colmeias. É abundante de optimo peixe do Douro (sobre tudo os excellentes saveis, lampreias e tructas) e pelo rio lhe vem peixe do mar.

MEDELIM—villa, Beira Baixa, comarca e concelho de Idanha Nova, 55 kilometros da Guarda, 250 a E. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 266 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

Os marquezes de Cascaes apresentavam o prior, que tinha 300$000 réis de rendimento.

É povoação antiquissima, e foi cidade importante no tempo dos romanos, sendo uma das cinco colonias da Lusitania, com os direitos e privilegios do antigo Lacio.

Aqui foram martyrisados, no dia 5 de março de 134, imperando Trajano, Santo Eusebio e 9 companheiros.

Era d'esta villa, S. Raymundo, pastor de gado, que morreu a 5 de abril do anno 900.

Tambem aqui nasceu S. Theodoro (*o admiravel*) que morreu em 20 de abril do anno 300.

Ignora-se o nome primittivo d'esta povoação e o que tinha no tempo dos romanos: o actual é arabe, e diminutivo de *medinâ*—vem a significar *cidadinha*.

Com as guerras interminaveis entre os romanos e lusitanos, e depois, entre estes e os arabes, foi esta povoação saqueada, incendiada e destruida por varias vezes, até

que, no tempo de D. Affonso Henriques, estava abandonada e sem ter pedra sobre pedra. D. Sancho I a mandou povoar em 1200. Não me consta que hajam aqui ruinas, cippos, ou outras quaesquer antiguidades.

Franklim não menciona foral algum, antigo ou moderno, dado a esta villa.

Foi concelho, com justiças proprias, camara e mais auctoridades municipaes; mas está ha muitos annos supprimido.

MÉDES—portuguez antigo=o mesmo—no plural—médeses.

MÉDELLO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Fafe, 30 kilometros a NE. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A misericordia de Braga apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar,

MEDIM—freguezia, Traz-os-Montes, comarca do Peso da Régua, concelho de Santa Martha de Penaguião, 84 kilometros ao NE. do Porto, 360 ao N. de Lisboa.

Em 1757 tinha 65 fogos, hoje tem 210 (com Sanhoâne.)

Bispado do Porto, districto administrativo de Villa Real.

O orago de Medim, era o actual das duas freguezias—Santo André, apostolo.

A mitra apresentava o reitor, collado, que tinha 150$000 réis.

Esta freguezia e a de Sanhoâne, formam hoje uma só freguezia. (Vide Sanhoâne.)

MEDÍNA—palavra arabe—significa *cidade.* Diziam vulgarmente *Al-medina* (a cidade.)—Os arabes chamavam a *Medina—Celi Medinat-al Meida* (cidade da mésa.) Diz-se que por acharem alli quando a conquistaram, uma mesa (ou tripode) feita de uma só esmeralda. (*L'Afrique de Marmol,* tom. 1.º, livro 2.º. pag 162) — Vide *Almedina* e *Almeida*, a pag. 145 do 1.º volume.

MÉDO—aldeia, Minho, na freguezia de Riba de Ancora, concelho e 6 kilometros ao S. de Caminha, comarca, districto administractivo, e 12 kilometros ao N. de Vianna, arcebispado e 45 kilometros ao O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa.

Tem, a aldeia, 12 fogos.

Acho notavel esta aldeia, pelo seu nome. —*Médo,* como todos sabem, é o nome do habitante da *Média.* A antiga Média, era uma região da Asia, limitada a E. pela Parthia e a Hircania ; ao S., pela Susiana ; ao O., pela Grande-Arménia ; e ao N. pelo mar Cáspio. Comprehendia o paiz hoje chamado Shirvan, o Gilan, e uma parte do Irac-Agem (ou Irac-Persiano) e o Esterabat.

Os persas venceram os médos, e depois, os parthos, se fizeram senhores dos persas e médos. Por isto, no tempo do imperador Augusto, dava-se o nome de parthos, a estes, aos persas e aos médos.

O que me faz mais admirar, é que, pouco abaixo do logar do Médo, ha uma varzea (proximo da margem direita do rio Ancora) chamada—*Veiga de Sapôr.* Todos sabem que Sapor foi rei da Persia. Não nos levarão estas circumstancias e coincidencias a suppôr que os persas e médos, antes de cahirem em poder dos parthos, viessem lá dos gêlos do mar Cáspio invadir o litoral da Lusitania n'este sitio, e aqui se estabelecessem, ao menos por algum tempo? É isso um mysterio que, provavelmente, nunca se desvenderá aos nossoso lhos.

Note-se que a Veiga de Sapôr, fica apenas a uns 6 ou 700 metros da costa, e que o logar do Médo, está uns 400 metros a ENE. da referida veiga.

É certo que estes sitios, a que os romanos chamavam *Vicus-spachorum;* e a que no tempo do nosso conde D. Henrique, e muito depois, se dava o nome de *Marinha da Pobra de Villar de Ancora,* é povoado desde a mais remota antiguidade, o que attestam, um *dolmen* e muitos *carns* que ainda existem por estes sitios ; monumentos incontestavelmente celticos, ou (como hoje se diz) pre-celticos.

Vide *Ancora* (rio) *Ancora* (freguezia) *Goutinhães* e *Lagarteira.*

MEDOBRIGA — vide *Aramenha, Marvão* (villa) *Marvão* (serra) e *S. Thiago do Cacem* —Quando se andava construindo a nova estrada que se dirige á Hespanha, foram acha-

das, nas ruinas da velha Medobriga, 14 medalhas de prata, romanas.

1.ª—diz de um lado—LABEO. ROMA. Tem a cabeça de Pallas á direita, com o capacête ao lado—e adiante X.

Do outro—FABI. Tem um Jupiter na quadriga, em um carro, galopando para a direita, com o raio e a lança; por baixo dos cavallos, um esporão de navio.

2.ª—diz de um lado—ROMA. Tem a cabeça de Pallas á direita, com o capacête ao lado.

Do outro—M. TVLI. Victoria em um carro, na quadriga, galopando á direita, com a palma. Por cima uma corôa. Por baixo dos cavallos, um X.

3.ª—de um lado tem a cabeça de Pallas, á esquerda, com capacête.

Do outro lado—L. SATVRN.—e Saturno, com um facho na quadriga, a galope, á direita. Por baixo da quadriga, um ⊽.

4.ª—diz de um lado PITIO. Cabeça de Pallas, á direita, com o capacête ao lado, adiante—X.

Do outro—L. SEMP. ROMA.—Os dioscures a cavallo, marchando á direita.

5.ª—diz de um lado—ROMA. Cabeça laureada, de Saturno, á esquerda; atraz, uma foice, adiante S.

Do outro—L. MEMMI GAL. Venus na *biga*, a passo, a direita, coroada por Cupido.

6.ª—(dentada) diz de um lado—ROMA. Cabeça de Pallas, á direita, com o capacête ao lado. Adiante X.

Do outro—L. FLAMINI. CILO. Victoria na biga, galopando á direita, com uma corôa.

7.ª—tem de um lado a cabeça de Pallas, á esquerda, com plumas na cimeira do capacête.

Do outro—Q. THERM. M. F. Dois soldados, armados de espadas e escudos, combatendo. No centro um soldado cahido.

8.ª—diz de um lado—LIBO. Cabeça de Pallas á direita, com o capacête ao lado: adiante X.

Do outro—Q. MARC. ROMA. Os dioscures, a cavallo, galopando á direita.

9.ª—diz de um lado—ROMA. Cabeça laureada, de Saturno, á esquerda: atraz, uma foice—adiante M.

Do outro—MEMMI-GAL. Venus na biga, a passo, á direita, coroada por Cupido.

10.ª—(dentada) diz de um lado—CAE... ... DIVI F. PATER PATRIAE. Cabeça laureada, de Augusto, á direita.

Do outro lado—C. L. CAESARES. AVG— .... COS. DESIG. PRINC. IVVENT. Caio e Lucio, em pé, com as lanças e escudos no campo o *simplo* e o *lituus*.

11.ª—de um lado a cabeça, laureada, de Jupiter á direita. Atraz S. C.

Do outro—Q. ANTO. BALB. PR. Victoria, á direita, em carro, galopando na quadriga, com uma corôa e a palma; por baixo dos cavallos, M.

12.ª—de um lado—ROMA. Cabeça de Pallas, á direita, com o capacête coroado de plumas, e duas estrellas.

Do outro—Q. LVTATI. Q. Galéra, uma cabeça de mulher, com capacête, á prôa, e o *acrostilio* na pôpa. O todo, dentro de uma corôa de carvalho.

13.ª—de um lado, cabeça de Pallas, á direita, com o capacête ao lado; atraz um vaso, e adiante X.

Do outro—SEX. PO. ROMA. Rémo e Romulo, aleitados pela lôba; atraz o pastor Faustulo, em pé, no centro a figueira *ruminal*, com um passaro.

14.ª—de um lado—CAESAR AVGVSTVS DIVI F. PATER PATRIAE. Cabeça laureada, de Augusto, á direita.

Do outro—PONTIF. MAXIM. Livia, sentada, á direita, com o sceptro e o ramo de louro.

MEDOROSO—portuguez antigo (mais etymologico do que o moderno)—medroso.

MEDRÕES—freguezia, Traz-os-Montes, comarca do Peso da Regua, concelho de Santa Martha de Penaguião, 84 kilometros á NE. do Porto, 340 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 102 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado do Porto, districto administrativo de Villa Real.

Os senhores de Murça, (depois condes)

apresentavam o abbade, que tinha 400$000 rèis de rendimento.

É terra fertil.

N. B.—Não se confunda com *Mondrões*, que é outra freguezia da mesma comarca, mas do concelho de Villa Real e arcebispado de Braga.

MEDÚLIO—monte, Traz-os-Montes e Minho. A cordilheira dos Pyreneus lança differentes braços, sendo um dos principaes o monte a que os romanos chamavam *Monte Víndio*, cujos ramos correm pela Galliza, Asturias, e a antiga Cantábria.

Orosio diz (traducção)—*Os Pyreneus desde o rumo oriental, onde começam, vão atravessando a Hespanha Citerior até aos cantábros e asturianos.* (Oros. Liv. 1.º cap. 2.º, fl. IX vs.)

Pomponio Mella (Liv. 2.º cap. 6.º) tratando dos Pyreneus, diz (traducção)—*Os montes Pyreneus primeiro buscam o occeano britanico, depois voltam para a terra; entram por Hespanha, deixam a menor parte d'ella á direita, e continuam, até que, diffundidos por toda a Hespanha, chegam ás praias fronteiras ao Occidente.*

Strabão (Liv. 3.º pag. 167) diz:—(traducção)—*Na região da Galliza batem os montes septemtrionaes.*

Um dos outros ramos principaes era o *Medúlio* dos romanos. Varias inscripções d'estes dominadores do mundo fallam ainda de outros dois ramos dos Pyreneus, que são *Candamio* e *Ládico*.

—

O monte *Víndio*, segundo Ptolomeu, corria desde os Pyreneus sobre Pamplona (hoje praça d'armas e capital da Navarra—Hespanha) passava pela cidade de Victoria (Cantábria) até chegar a uns e outros asturianos, onde se dividia em duas cordilheiras de montanhas—uma que hia entestar no mar da Galliza e *promontorio celtico*; outra, que, voltando ao S., cortava pelos *bráccaros*.

A todo este systema de montanhas davam os romanos o nome de *montes víndios*.

O *Víndio* projectava para o S. um grande braço de serranias altissimas, que desviadas algum tanto do nascimento do rio *Buruvia*, para o E., descem e tornam a encostar-se a O., entre Ponferrada e Astorga, e continuam até baterem no rio Douro em Alcanizes, Miranda do Douro, e Freixo de Espada á Cinta, formando grandes serras em Portugal, como a de *Rebordãos* e outras.

É n'este braço que está a montanha de *Larouco* (vide a pag. 54, col. 2.ª do 4.º vol.) á qual os romanos davam o nome de *Monte Ládico*.

D'este monte não fazem menção nem os historiadores nem os geographos antigos, senão Morales (*Ant. de Esp.*, pag. 15 v.) que traz uma inscripção romana achada n'este monte, que diz:

IOVI LADICO

(*Dedicada a Jupiter*—Jove—*presidente d'este monte Ládico.*)

Continúa o tronco d'aquellas montanhas, das quaes, como já disse, se desmembra o ramo de Larouco, e segue direito ao O., ramificando-se em varias direcções—uns que descem ao S., e vem terminar em Portugal, abaixo de Chaves, e occupam diversas terras; outros, semeados por toda a Galliza, a occupam como uma rede, até ao litoral.

N'esta cadeia de montanhas está o monte *Medúlio*, que, com boas razões se suppõe ser a actual serra de *Arga* (vide esta palavra, no fim da col. 2.ª de pag. 238 L do 1.º vol.)

Orosio, um dos mais veridicos historiadores antigos, diz (*Oros. Hist.* Liv. 6.º, cap. 21, pag. 272 (traducção):

Além d'isto, Antístio e Fírmio, legados, domaram, depois de grandes batalhas, as terras ulteriores da Galliza, que, cercadas de bosques e montes, confinam com o Oceano; porque cercaram com uma cava de quatro leguas de extensão, o monte Medulio, que está imminente ao rio Minho, onde se defendia grande multidão de gente.

Parece que este monte era o mesmo a que Ptolomeu dá o nome de *Edulio*, (na 2.ª Tábua da Europa, cap. 6.º)

Era pois o monte Medulio no paiz dos braccaros (ou bracharos) na *Galliza Ulterior*, e, segundo as suas confrontações—ao N. com o rio Minho, ao S. com o Lima e ao

O, com o mar, não póde deixar de ser a actual *serra d'Arga*, onde tantos e tão notaveis vestigios ainda existem de edificios, fossos e fortificações; e até da celebre *cava*, de que falla Orosio.

MEEFESTAR ou **MEEMFESTAR**—portuguez antigo—confessar-se sacramentalmente. *E outro si a maior parte dos leigos despres'avão os sacramentos dos ditos clerigos, porque eram barregueiros* (amancebados) *pubricos e perdiam devaçom nas igrejas, e muitos d'elles, se nom queriam meenfestar aos clerigos.* (Cod. Alf. Liv. 5.º, tit. 19, § 1.º)

MEEFESTO=portuguez antigo—manifesto. *De renda em esse logo* (logar) *de Paaçôo, e formal do dito casal, V maravidis e meo, pera o meefesto.* (Doc. de Paço de Sousa, de 1425.)

Este meefesto (ou *paga das confissões*) era parte da renda que se pagava ao direito senhorio ecclesiastico.

MEEIRO — portuguez antigo — medianeiro.

MEESTEIRAL e **MESTEIRAL**—portuguez antigo—official mechanico, artista que exerce qualquer mester.—*Se alguns meesteiraes querem vir morar aa dita cidade e ssom compridouros em ella pelos mesteres, que am, e querem pagar o soldo* (moeda) *como visinhos: e sses meus portageiros* (beleguins que recebiam o direito das portagens) *lho nom querem filhar, e levam delles portagens e custumageens.* (Doc. da camara do Porto, de 1351.)

Em 1401, accordou a mesma camara do Porto, que—*os mesteiraes da mesma cidade não façam obra alguma desde o sabbado ao sol posto, até á segunda feira, sol sahido.* (Vide *Mesteiroso*).

MEHEU e depois **MEI**—portuguez antigo (do seculo XIII)—meu.

MEI—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 40 kilometros a O. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 47 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Os viscondes de Villa Nova da Cerveira apresentavam o abbade, que tinha 170$000 réis de rendimento.

O antigo nome d'esta freguezia era *Moimenta.*

Esta freguezia era dos bispos de Tuy. O rei D. Diniz a houve por troca com o bispo D. João Fernandes de Sotto Mayor, em 1308. Passou depois a ser padroado dos viscondes de Villa Nova da Cerveira.

MEIADEIRO ou **MEEIRO**—portuguez antigo—meieiro—o que tem metade em alguma coisa; o que vae feito por metade em qualquer negocio; o que dá ou recebe metade da renda de uma propriedade.

Ainda hoje se dá o nome de *meieiro* ao logar ou aldeia que pertence a duas freguezias alternativamente, ou ao visinho que tem dois parochos.

As povoações que estão n'estas circumstancias, satisfazem os preceitos quadragesimaes e pagam os benesses, um anno a um parocho, e no seguinte a outro. Os sacramentos seguem a mesma prática; mas os enterros no geral costumam ser em uma só freguezia.

Já se vê que esta ordem de cousas traz comsigo muitos inconvenientes, e, ás vezes, desgostos. Parece impossivel que ainda quasi no fim do seculo XIX, se conserve este absurdo, que ha muitos annos se deveria ter extinguido, ou nunca deveria existir. Para prova de tamanho disparate, darei um exemplo:

No concelho da Feira ha uma aldeia, situada na margem direita do rio *Inha*, chamada *Oliveira.* Tem 18 fogos. Tres são *inteiros* da freguezia de Romariz, e 15 são, um anno d'esta freguezia, outro da do Valle! A aldeia de *Arilhe* é um anno de uma, outro de outra das freguezias nomeadas.

As aldeias de *Saguffo* e de *Serralva* são um anno da freguezia de Canêdo, e outro da dita freguezia do Valle. A aldeia de Pecegueiro tem tres fogos *inteiros* de Canêdo, e os mais *meieiros* do Valle e de Canêdo.

A aldeia de Paradella, é parte *inteira* do Valle, e parte *meieira* d'esta freguezia e da do Matto.

A aldeia da Chan é tambem *meieira* d'estas duas freguezias.

Notemos, ainda por cima, que a freguezia do Valle é da comarca e concelho da Feira, e a freguezia do Matto é da comarca e concelho de Arouca. O concelho da Feira é do bispado do Porto, na sua totalidade; e o de Arouca é quasi todo do bispado de Lamego. D'aqui se póde imaginar a confusão e os prejuizos que esta barafunda causa aos povos, aos parochos e até ás auctoridades.

Ha tambem muitas capellas, que são alternativamente de duas freguezias.

Sem sahir do concelho de Arouca, podia aqui dar muitos mais exemplos d'esta casta de estolidas divisões parochiaes, contra as quaes debalde teem os parochos e os povos reclamado por muitas vezes.

MEIAGOO—portuguez antigo—o meio ou centro de qualquer coisa. *A qual procuraçom tinha hum sello com uma omaxem* (imagem) *de Santa Maria no meiagoo.* (Doc. do seculo XIV.)

MEIAIDO—portuguez antigo—raia, fronteira, termo, limite, marco, divisão, etc.

MEIAS-VAGAS—portuguez antigo—nome que se dava aos fructos que se venciam na metade do tempo que as egrejas estavam sem pastor.

MEIATADE—portuguez antigo—metade. (Documento das freiras de S. Bento da Ave Maria do Porto, de 1359.)

Nas aldeias do S. do reino ainda se diz —*meitade*, e nas do N,—*métade*, com a mesma significação.

MEIDADO—portuguez antigo—dividido ao meio, de meias, meiado.

MEIDUNIO—castello ou fortaleza antiquissima que existiu na serra do Gerez, na provincia do Minho. Não se sabe a situação exacta d'este monumento, nem se d'elle existe vestigios. Na serra do Gerez, como tenho dito em mais de uma parte n'esta obra, ha numerosos vestigios de construcções antiquissimas; mas não se sabe se algum d'estes é do famoso castello de *Meidunio.*

Na freguezia de S. Thiago de Gadões (que já não existe) appareceu uma lapide com esta inscripção:

MEDAMUS ACRISI F.
HIC SITUS EST
CASTELLO MEDUNIO
MONUMENTUM FECE-
RUNT.
AMCONDEI
AMICO CARO.

(Aqui, no castello Medúnio, jaz Medamo, filho de Acrisio. Os acondeus ao seu querido amigo dedicaram este monumento.)

MEIEIRO—Vide *Meiadeiro.*

MEIHOS—portuguez antigo—metade.—*E a terceira pessoa dar todalas cousas susu escritas os meihos por Natal e os meihos por Pascoa.* (Doc. da Alpendurada, de 1379.)

MEIJINHOS ou **MEIGINHOS**—freguezia, Beira Alta, concelho de Tarouca, comarca, bispado e 6 kilometros de Lamego, 320 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 44 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Piedade).

Districto administrativo de Viseu.

Os marquezes de Penalva apresentavam o abbade, que tinha 200$000 réis de rendimento.

MEILHE—Vide *Mêlhe.*

MEIMÃO—freguezia, Beira Baixa, comarca de Idanha Nova, concelho de Penamacôr, 35 kilometros da Guarda, 285 a E. de Lisboa, 95 fogos.

Em 1757 tinha 66 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

O real padroado apresentava o prior, que tinha 200$000 réis de rendimento.

O nome d'esta freguezia, (segundo fr. J. de Sousa, *Vestigios da Lingua arabica)* é derivado da palavra arabe *Mamun*, nome proprio de homem. Significa —*conservado*, seguro, guardado.

Parece-me mais provavel ser corrupção da palavra celtica—*mâmoa*. Vide esta palavra.

MEIMOA—freguezia, Beira Baixa, comarca de Idanha Nova, concelho de Penamacor, 40 kilometros da Guarda, 275 ao E. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado da Guarda, districto administrativo de Castello Branco.

A mesa da consciencia apresentava o vigario, que tinha 60$000 réis.

Segundo fr. João de Sousa *(Vestigios da Lingua Arabica)* o nome d'esta freguezia, deriva-se de *Mamona*, nome proprio de mulher, que vem do mesmo verbo *á mana*, que quer dizer—estar segura, firme, constante, conservada, etc.

Parece-me, como disse em *Meimão*, que tem mais probabilidade vir de *Mâmoa*, que tambem se pronunciava *Mamôa*.

O padre Carvalho na sua *Chorographia*, e fr. João de Sousa que o segue, dizem que estas duas freguezias são na provincia do Minho, bispado do Porto. E' manifesto êrro. Foram sempre da Beira Baixa, e desde tempos remotissimos (pelo menos ha mais de mil annos, no territorio do bispado de Idanha (a Velha) que é o da Guarda.

MEIMOA—ribeira, Beira Baixa, no concelho de Penamacôr e Fundão. Morre na margem esquerda do Zêzere, junto a Alcaría.

MEINEDO—freguezia, Douro, comarca e concelho de Lousada, 45 kilometros ao NE. do Porto, 345 ao N. de Lisboa, 350 fogos.

Em 1757 tinha 314 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora das Neves).

O seu primeiro orago foi Santo Thyrso, como adiante se verá.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Foi honra e couto, e é terra muito fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz. Cria muito gado de toda a qualidade.

A mitra apresentava o vigario, que tinha 150$000 réis de rendimento.

Os bispos do Porto eram senhores d'esta honra, que foi instituida por um conde, por appellido Fonseca, que aqui tinha a sua casa e solar.

Foi este conde que no anno 600 trouxe as reliquias de Santo Thyrso, natural de Toledo, morto pela fé de Jesus Christo, na cidade Apollonia, na Thracia. Celebra-se a festa d'este santo martyr a 28 de janeiro.

Pretendem alguns que esta povoação fosse cidade episcopal, com o nome de *Magneto*, que Santo Thyrso fosse aqui bispo, e que os de Arrifana do Sousa o assassinaram ás pedradas.

Em 1131, deu D. Affonso Henriques a D. Hugo, bispo do Porto, a egreja de *Santo Thyrso, de Meinêdo*. Esta egreja tinha sido a de um antiquissimo mosteiro, que depois foi de monges benedictinos, pelo que ainda então se chamava *Mosteiro* ao logar em que ella estava. Suppõe-se que era fundação do tal conde Fonseca. Foi pois em 1131, que o principe, com auctorisação do papa Innocencio II, fez do mosteiro, abbadia secular. Consta que o edificio da residencia parochial é o do antigo mosteiro.

MEIO — portuguez antigo, ainda usado muitas vezes na mesma accepção — metade. *Lhe deixo 40 soldos e o meio de hum capom.* (Doc. de Alpendurada, de 1379.) Vide *Meiho*.

MEIOR—portuguez antigo—menor.

MEIOS—freguezia, Beira Baixa, concelho, comarca, bispado, districto administrativo e 9 kilometros da Guarda, 300 a E. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 80 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

O vigario da Freguezia dos Trinta, apresentava o cura, que tinha 9$000 réis de congrua e o pé d'altar.

MEIRINHADO—portuguez antigo—O territorio comprehendido na jurisdicção dos meirinhos do rei. Os hespanhoes dizem *Merindade*.—*Vasco Peres de Vallonguinho, Ouvidor, en logo de Joham Gil do Avelaal, Corregedor, e Veedor das Justiças, por El-Rei, no Meirinhado da Beira.* (Doc. das freiras benedictinas do Porto, de 1337.) Vide *Maiorino* e *Merindade*.

MEIRINHO—portuguez antigo—juiz real, executor das sentenças. Consta ser instituição de Bermudo II (o *Gotoso*) pelos annos de 980. (Vide *Maiorino*.)

MEIRINHO-MÓR — portuguez antigo —

quer dizer — individuo que tem a superintendencia (maioria) para fazer justiça.

Havia meirinhos-móres em algumas cidades, villas ou comarcas, para fazerem justiça, segundo o rei lhes determinava; e havia meirinho-mór de todo o reino. A este pertenciam as causas mais importantes, como prender fidaldos e homens de grande estado, *levantar* forças,[1] e fazer outras coisas a que não chegava a auctoridade das justiças inferiores.

(*Cod. Alf.*, livro 1.º, tit. 60.) Vide *Maiorino*.

O officio de meirinho-mór, era já conhecido em Portugal antes do conde D. Henrique, pois em 1074, reinando em Leão e Castella, D. Fernando III (o magno) se menciona Diogo Tructesindes, meirinho-mór na Extremadura portugueza, e seu filho, Mendo Dias, na Beira.

O uso antigo d'este reino, era haver quatro meirinhos-móres, divididos pelas quatro principaes comarcas — *Além-Douro* (Entre-Douro e Minho e Traz-os-Montes) *Beira* (as duas, ou Aquém Douro) *Extremadura*—e *Entre Tejo e Guadiana*. Depois se fez mais um no *Algarve*.

Na comarca de *Além-Douro*, se comprehendiam as provincias de Entre Douro e Minho, e Traz-os-Montes, que depois se vieram a separar, com differentes meirinhos-móres. Tambem, algumas vezes, andou a Beira, ora no meirinhado-mór de Além-Douro, ora no da Extremadura.

Além d'estes meirinhos-móres das comarcas, havia o *meirinho-mór do reino*, que era o seu chefe.

O primeiro meirinho-mór que vejo mencionado, é D. Pero Lourenço, que se assigna *Meirinus mayor Portug.* em uma doação que á ordem de S. Thiago fez D. Sancho II, da villa de Aljustrel, em Lisboa, a 31 de março de 1235.

D. Vasco Martins Pimentel, era meirinho-mór de todo o reino, no reinado de D. Affonso III, etc.

Os que desejarem saber os nomes de todos os meirinhos-móres que houve em Portugal desde D. Sancho II até D. Affonso V, vejam a *Geographia Historica* de D. Luiz Caetano de Lima, tom. 1.º, pag. 469 e seguinte.

Durou o uso dos meirinhos-móres das provincias, desde o principio da monarchia, até ao reinado de D. Affonso V, que aboliu os meirinhos-móres das comarcas, conservando um só meirinho-mór, que denominou *meirinho-mór da côrte e reino*. O primeiro que, depois da suppressão dos outros, teve este emprego, suppõe-se ser D. Gonçalo Coutinho; pois que o mesmo rei o demittiu em 1445, nomeando Martim de Tavora, a 21 de abril d'esse anno. Na carta de nomeação diz o rei que o faz *seu meirinho-mór da côrte e de todos os seus senhorios, assim como era D. Gonçalo Coutinho, que, par êrros de officio, perdêra este logar.*

Tinham os meirinhos-móres jurisdicção sobre os nobres e fidalgos, das suas comarcas, o que consta de uma carta régia, que estava no cartorio do mosteiro de Pedroso, feita por D. Diniz, no anno de 1279, primeiro do seu reinado.

Proviam os juizes ordinarios das villas e concelhos; tomavam conhecimento das causas civeis; passavam cartas de legitimações; finalmente, era tão grande a sua auctoridade, que correspondia á dos *adiantados*, excedendo á dos governadores das casas do civel e regedores das relações.

Tratando as *Ordenações do Reino*, do officio de meirinho-mór, no livro 1.º tit. 17—se diz—*Ao seu officio pertence prender pessoas de estado, e grandes fidalgos e senhores de terras, e taes, que as outras justiças os não possam bem prender, e assim levantar as forças que pelas taes pessoas sejam feitas, quando por nós lhe fôr mandado.*—Diz mais, que—*Ao meirinho-mór pertence pôr, da sua mão, um meirinho, que ande continuamente na casa.*

Da *Chronica de D. João II*, por Garcia de Rézende, se vê, que os meirinhos-móres eram obrigados a assistir ás execuções de morte, das pessoas grandes; porque, recusando-se D. Francisco Coutinho, conde de

[1] *Levantar forças*, era destruir e castigar as violencias que os fidalgos faziam aos seus vassallos, ou ao povo.

Marialva (que então era meirinho-mór do reino) a assistir á execução do duque de Bragança, em 1483, allegando ser parente d'este, o rei lhe acceitou a desculpa, e mandou servir de meirinho-mór, n'esse acto, a Francisco da Silveira, que tinha o officio de coudel-mór.

D. Francisco Coutinho, foi feito meirinho mór por D. Affonso V, em 1472, dando-lhe então as terras de Font'arcada e Cernancêlhe. por carta régia, datada de Santarem, a 20 de maio d'esse anno — *em consideração dos serviços de seu pae e de seu tio, que morreram sendo comnosco nas partes de Africa.*

Tambem foi meirinho-mór no reinado de D. João II, Ruy de Sousa, senhor de Bringél e de Sagres, e ascendente dos condes do Prado e marquezes de Minas.

—

D. Pedro II, fez meirinho-mór a D. Fernão Martins Marcarenhas, 2.º conde de Obidos, e tambem conde da Palma e do Sabugal, por sua mulher, a condessa D. Brites Mascarenhas, filha de D. João Mascarenhas, 2.º conde da Palma e 3.º conde do Sabugal.

Fernão Mascarenhas continuou a ser meirinho-mór no reinado de D. João V, sendo tambem aio dos irmãos deste monarcha. Falleceu em janeiro de 1719.

Seguiu-se no emprego, seu filho 2.º, D. Manuel Mascarenhas e Castello Branco, por fallecimento do primogenito, que era D. Francisco de Assis Mascarenhas, conde da Palma, que morreu em vida de seu pae.

Desde então tem-se sempre conservado o officio de meirinho-mór, nos condes de Obidos e Sabugal, pelo que se denominam *condes meirinhos-móres*, cujo emprego não é actualmente mais do que um titulo honorifico.

É actual conde de Sabugal e Obidos, o sr. D. Luiz de Assis Mascarenhas. (Vide *Sabugal.*)

Não é hoje facil, pelas assignaturas nos diversos documentos d'aquelles tempos, saber-se quaes eram os meirinhos-móres do reino ou de comarca; porque quasi todos assignavam simplesmente *meirinho-mór.*

MEIRINHOS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Mogadouro, 170 kilometros ao NE. de Braga, 405 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 184 fogos.

Orago S. Bento.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O abbade de Castello Branco (villa e freguezia d'este mesmo concelho) apresentava o vigario, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

MEISOM—portuguez antigo—derivado do celta — *maison* — casa, habitação, morada. Diz-se que foram os templarios que introduziram este gallicismo em Portugal.

Meison do Tempre, se vê escripto em varios documentos dos seculos XII e XIII, por *casa* ou *mosteiro do templo*—isto é—convento de templarios.

MEITEGA ou **ALMEITIGA**—portuguez antigo—almôço que se dava ao mordomo, ou *prestameiro*, que pedia, media e arrecadava os fóros reaes.

Faziam tantas e tão grandes extorsões ao povo, estes beleguins, que os reis se viram na necessidade de pôr freio á sua cubiça insaciavel.

D. Diniz, na carta de fôro que passou a Antonio Esteves, da *Fogueira de Calvilhe*, junto a Lamego, em 1281, expressamente diz:—*Et pro almeitigo duos solidos.* Em outros documentos do seculo XIV, se declara que se daria *borôa* ao mordomo, para não vexar os lavradores, obrigando-os a apresentarem-lhe manjares delicados.

MEIXEDO — freguezia, Traz-os-Montes, concelho, comarca, bispado e districto de Bragança; 60 kilometros de Miranda, 390 ao N. de Lisboa, 75 fogos.

Em 1757 tinha 68 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

A casa de Bragança apresentava o abbade, que tinha 400$000 réis de rendimento.

Estou convencido que o nome d'esta freguezia e das seguintes, que o têem egual, é corrupção de *Ameixêdo* (ameixial, ou ameixoal), por que em 922, os condes Lucidio Vimarães e Rodrigo Lucidio, e outros fidalgos, entre as egrejas que deram ao mosteiro de

Castromire, se nomeava a de *S. João de Ameixêdo.* (Vide Crestuma, pag. 447 do 2.º vol.)

MEIXEDO — freguezia, Minho, concelho comarca e districto de Vianna; 35 kilometros a O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757, tinha 97 fogos.

Orago S. Payo.

Arcebispado de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 250$000 réis de rendimento.

Tem ha muitos annos annexa a freguezia de Erbacêm (Ervacêm, Herbacêm, Hervacêm, ou Orbacêm.)

O abbade póde residir em qualquer das duas freguezias.

Aqui foi abbade, commendatario dos mosteiros de S. Salvador e S. Claudio, D. Affonso da Rocha, que teve filhos. Foi seu descendente, Francisco da Rocha Lobo, senhor do morgado da Portella.

MEIXEDO ou **MEIXENDO** — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho, e 5 kilometros a E. de Montalegre, 72 kilometros a NE. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago S. Maria (Nossa Senhora da Assumpção.)

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Foi honra e villa. É nas *terras de Barroso.*

O papa e a mitra apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 250$000 réis de rendimento.

A egreja matriz, é pequena, mas das melhores d'estes sitios.

É situada em uma collina, ao Sul da serra de Larouco, entre uma das origens do rio Cávado, e da de um ribeiro, affluente do Tâmega.

Compõe-se esta freguezia, apenas de duas povoações, *Meixêdo* (onde está a egreja) e *Codeçoso da Chan.*

O territorio d'aqui, é arenoso, frio e desabrigado, e só produz centeio, batatas, nabos e alguma hortaliça.

Ha na freguezia, proximo e ao O. de Meixêdo, a capella de S. Sebastião.

Junto á aldeia de Codeçoso da Chan, nasce o rio Misarella. (Vide esta palavra.)

O nome d'esta freguezia e das duas antecedentes, é muito provavel que seja corrupção, ou contracção de *Ameixêdo*, como disse na primeira; porém alguns pretendem que venha do arabe *Machadd*—que significa —entrada violenta, impeto, irrupção, etc.— do verbo *xadda*—entrar á força, impellir, irromper, etc.

MEIXÍDE—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Montalegre, 80 kilometros a NE. de Braga, 430 ao N. de Lisboa, 46 fogos.

Em 1757 tinha 38 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Natividade.)

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de S. Miguel de Bobadélla apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis, e o pé d'altar.

Foi da commenda de Bobadélla, que recebia metade dos dizimos, e a outra metade o morgado de Villar de Perdizes.

É situada em uma planicie, que olha para o NE., na origem do rio Béça, e na margem direita do rio da *Açoreira*, confluente do Tâmega.

É a ultima freguezia a E., do concelho de Montalegre. Compõe-se de uma unica aldeia, que lhe dá o nome.

O sólo d'esta freguezia, ainda que desabrigado, produz centeio, milho, batatas, hortaliça e alguma fructa.

Era *reguengo* e *casal cerrado* (ou *encabeçado*), e pagava ao commendatario 25$960 réis de fôro annual.

D. Abril Peres, senhor de Bobadélla, lhe deu foral, em agosto de 1244. (*Livro dos foraes antigos de leitura nova*, fl. 142 v., col. 1.ª, in principio.)

Como aqui se falla em *casal cerrado*, ou *encabeçado*, cumpre-me explicar (aos que o ignorarem) o que isto é.

O reguengo (propriedade que era, ou tinha sido da corôa), era em geral, *praso fateusim*, que se dividia por todos os herdeiros,

se o mais velho não *optava*, dando em dinheiro os quinhões equivalentes aos seus co-herdeiros.

Logo que o praso se dividia, o que acontecia frequentemente, ficava sendo *casal cerrado*, ou *casal encabeçado* (que é o mesmo.)

O casal encabeçado tinha um *cabeça* (*cabeceira*, ou *cabecel*) que era obrigado *in solidum* a responder pela pensão e fóros, cobrando-os dos mais *pessoeiros* (sujeitos á pensão) e entregando-os, elle só, ao direito senhorio.

No foral que o rei D. Manuel deu á terra de Paiva (hoje concelho do Castello de Paiva) em 1513, fallando das *luctuosas* e declarando os casaes e pessoas que unicamente as deviam pagar, diz que a luctuosa *seja a milhor joya, ou peça movell, que ficar aos* Reguenguejros Encabeçados, *que por si moraxem, e morrerem por Cabecejras dos ditos casaes. Porem não se levarãõ ás mulheres, posto que por si vivam* encabeçadas, e Reguengueiras *nos ditos casaes, nem de nenhuus outros herdeiros, e avoengueiros dos ditos Reguengos.*

Cumpre tambem aqui rectificar um erro em que têem cahido varios escriptores de diccionarios geographicos e chorographicos de Portugal—é o seguinte—Tomarem umas vezes Villar de Perdizes e Bobadélla, por uma só freguezia; outras, tomarem estas duas freguezias, como formando parte de uma só povoação.

Não é assim. Bobadélla, é no concelho das Boticas, comarca de Montalegre, e tem por orago, S. Miguel Archanjo; e Villar de Perdizes, posto ser da mesma comarca, tem por orago, Santo André, apostolo, e é mesmo no concelho de Montalegre, e não no das Boticas.

—

Péres, appellido dos antigos senhores de Bobadélla, Villar de Perdizes e Meixide, é uma familia nobre n'este reino—patronímico de *Pêro*.[1]

Não se sabe se os primeiros Péres tinham brasão d'armas. Aos que d'esta casa foram para Castella, se passou brasão d'armas, que se acha registado no cartorio da nobresa, como refere fr. Manuel de Santo Antonio; mas não nos diz quando, por quem e a quem foi passado—Suas armas são—em campo de púrpura, cruz de coticas de ouro, firmada e cantonada de uma flôr de liz do mesmo; contra-chefe de ondas de prata e azul—orla de ouro, carregada de oito áspas de púrpura, e por timbre uma das áspas do escudo, com uma flôr de liz, de púrpura, no centro.

A familia dos Péres, está hoje muito ramificada n'este reino, e as suas armas estão muito alteradas, pelas ligações com outras familias.

Isto se póde dizer de grande numero de brasões d'armas.

Julgo a proposito narrar aqui um facto da nossa gloriosa historia das guerras d'Africa, que teve tanto de sublime como de burlesco.

Os piratas africanos infestavam as nossas costas, tendo os povos do littoral em constante alarma, e soffrendó por muitas vezes, roubos, incendios, devastações, violencias e captiveiro.

D. João I, decidiu hir atacar os mouros, nos seus proprios covís, álem do Atlantico. Junta um formoso exercito, e com os dois mais velhos de seus filhos, passa á Africa, em 1415, e a 14 (ou a 21) de agosto d'esse anno, tomaa praça de Ceuta.

O rei, que até então se intitulava, como os seus antepassados, desde D. Affonso III, *rei de Portugal e dos Algarves*, reune mais o titulo de *senhor de Ceuta.*

[1] Entre os cavalleiros estrangeiros que em 1093, vieram para Portugal com o conde D. Henrique, vinha um francez, que tinha por nome, ou appellido—*Pierre*—os seus descendentes tomaram por patronímico—*Pierres*, que com o tempo degenerou em *Péres*. Como *Pierre* corresponde a *Pedro* (antigamente *Pêro*), tambem Péres significa filho, ou da familia de Pedro.

Em 1434, os infantes, D. Henrique (o de Sagres) e D. Fernando, filhos de D. João I, vão com uma esquadra á conquista de Tanger; mas são infelizes na sua empreza, e D. Fernando teve de ficar em refens, pela entrega de Ceuta; mas não se entregando ésta praça aos mouros, o infante morre no captiveiro.

D. Affonso V, alargou na Africa as conquistas de seu avô. Reunira uma esquadra com gente de guerra, para hir á conquista dos logares santos da Palestina; mas, como se frustrou esta empreza, dirige as suas tropas para a Africa, e toma a praça mourisca de Alcacer-Ceguer, em 1459.

Foi por essa occasião que o rei instituiu a ordem de Torre-Espada.

Em 1471, torna o rei á Africa, e toma Arzilla e Tanger.

Desde então, tomam os soberanos portuguezes, o titulo de — rei de Portugal e Algarves, d'áquem e d'álem mar em Africa.

D. Affonso V, ganha o cognome de *Africano*.

—

Os mouros desesperados por verem tantas praças africanas em poder dos portuguezes, que assim os privaram dos seus valhacoutos, e depositos de suas rapinas, põem cêrco á Arzilla; mas o temor das nossas armas tinha-os a distancia respeitosa da praça.

Era governador, e capitão de Arzilla, o prudente e valoroso D. João Coutinho, da casa dos condes de Borba e do Redondo.

Diogo Peres, da familia dos senhores de Bobadélla e Villar de Perdizes, era um soldado velho, geralmente estimado pelas suas bôas manhas, e pelo seu valor, nunca desmentido; mas padecia de pthisica.

A uns 3 kilometros da praça, corre um rio d'agua doce. Vinte cavalleiros, amigos de Peres, lembram-se de hir ao rio, buscar kágados para caldos do doente, e dito e feito.

O clima adusto d'aquellas paragens os convida ao banho; mas, quando mais embebidos andavam na pesca e na balneação, gritando e cantando, foram accommettidos de improviso pelo rei de Fez, que com 400 cavalleiros aguardava, emboscado, ensejo para alguma surpresa.

Os portuguezes não tiveram mais tempo do que montar a cavallo, tomarem uns as espadas, e outros (por não terem tempo para mais), as lanças a que os cavallos estavam presos, e, assim mesmo nús se arremeçaram ás lançadas e cutiladas aos mouros, e passando por entre elles, se dirigiram á praça, deixando grande numero de mouros feridos e alguns mortos, sem que dos portuguezes um só fosse ferido.

D. João Coutinho, ouvindo para o lado do rio tão grande alarido, sahira da praça com alguns cavalleiros, decidido a vingar a morte dos seus soldados; pois julgava que nem um só d'elles escaparia; mas vê os vir muito contentes, e tão orgulhosos como se vestissem custosas gálas.

Assim entraram na praça, o que não pouco fez rir o seu governador e a guarnição.

O proprio rei de Fez, que era extremado cavalleiro, lhe louvou muito o valor, apontando-os como exemplo aos seus soldados.

Os poetas de então, muito se divertiram e por muito tempo, com esta *escaramuça dos nús*, que tanto se prestava aos *trocadilhos* e *gongorices* dos vates quinhentistas.

MEIXOMIL—freguezia, Douro, comarca de Lousada, concelho de Paços de Ferreira (foi da comarca de S. Thyrso), 24 kilometros ao NE. do Porto, 320 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 122.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O reitor de Pena Maior, apresentava o vigario, que tinha 12$400 réis de congrua, e o pé d'altar.

Ha n'esta freguezia, tres capellas, uma no logar da Trindade, e duas no de Sobrão.

Passa pela freguezia, o rio Ferreira, que réga, móe e traz peixe miudo, muito saboroso. Morre no Douro.

Entre as alfaias da egreja matriz, ha dois véus de calix, que tem estampadas umas theses, que defendeu o dr. Antonio de Azevedo Moura, da familia dos Azevedos, de Sobrão.

Estes véus e um antigo jogo de corporaes, que aqui se conservam, que têem bordados os instrumentos da paixão de Jesus Christo, foram offerecidos por esta familia.

É notavel a referida aldeia de Sobrão (a que tambem se dá o nome de *Ponte de Sobrão.*) Passa-lhe pelo meio, um ribeiro chamado (aqui) *Rio de Sobrão,* que réga, móe e cria peixe miudo, muito gostoso, principalmente as suas trutas e escálos. Nasce na freguezia de Lamoso e morre no Ferreira.

N'esta aldeia nasceu (na casa da margem esquerda do ribeiro) a 4 de novembro de 1767, D. fr. Carlos de S. José e Azevedo, bispo da Guarda.

Entrou no convento de S. Francisco, de Guimarães, a 8 de junho de 1784, e alli professou a 7 de junho de 1785.

Na qualidade de prégador da capella real, acompanhou a familia real portugueza, para o Brasil, em 1807.

Foi eleito bispo de *Cuyabá* e Matto-Grosso (Brasil), a 19 de abril de 1821; porém não acceitou esta mercê, por ficar a diocese muito longe da sua patria. D. João VI, lhe prometteu então o primeiro bispado que vagasse em Portugal; e como fosse o da Guarda, foi nomeado seu bispo, em 25 de julho de 1823, e sagrado a 15 de fevereiro de 1824, na capella do real paço da Bemposta, em Lisboa, assistindo a esta solemnidade, o rei e toda a familia real, que muito estimavam tão sabio e virtuoso sacerdote.

A 5 de agosto de 1825, fez a sua entrada solemne na cathedral da Guarda.

Falleceu em Lisboa a 5 de abril de 1828, e foi sepultado no convento de S. Francisco da Cidade. (Lisboa.)

Foi par do reino, e era respeitado de quantos o conheciam.

Morreu muito pobre, este insigne varão, que tão rico foi de raras virtudes, e de tão acrisolada lealdade ao seu rei e á sua patria.

Era tio da mãe do sr. padre Manuel do Nascimento Coelho de Sousa Leão, illustrado ecclesiastico, da casa de Monte-Sô, na freguezia de Róriz, no concelho e comarca de S. Thyrso.

Era filho do dr. Manuel de Azevedo Moura, advogado, e natural d'esta mesma aldeia, e de D. Anna Joaquina da Silveira, da rua da Fabrica do Tabaço, freguezia de Santo Ildefonso, da cidade do Porto.

—

Na mesma aldeia de Sobrão, nasceu a 2 de julho de 1756, o virtuoso padre José Maria de Azevedo Moura (irmão mais velho do bispo D. fr. Carlos, de quem acabo de tratar.)

Recebeu a ordem de presbytero, a 15 de agosto de 1780. A 8 de setembro de 1824, foi nomeado conego da Sé da Guarda, e a 3 de maio de 1827, foi nomeado chantre da mesma cathedral. Era cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição, de Villa Viçosa, e muito versado em noticias liturgicas.

Falleceu na cidade da Guarda, a 30 de maio de 1840, e jaz no cemiterio da mesma cidade.

Desde 1834, nunca mais se lhe pagou um real das suas rendas (que andavam por um conto de réis), por *crime politico,* apezar de ser um varão exemplarissimo, e que jamais offendeu pessoa alguma; pelo que chegou a soffrer (com a maior resignação) bastantes privações, e teria morrido de fome, se não fosse a caridade de alguns amigos e uma mensalidade de 4$800 réis, que lhe dava a Santa Casa da Misericordia, da Guarda, quando este Santo varão, já octogenario e enfermo, não podia fazer uso das suas ordens.

Ainda ha poucos annos, sua sobrinha, a sr.ª D. Rita Augusta de Azevedo (que elle instituira herdeira) trazia uma demanda sobre as rendas de seu tio, com o cabido da Sé, da Guarda, a qual (apesar das grandes influencias d'este) ella venceu, porque, felizmente, ainda na magistratura portugueza ha muito quem saiba e queira fazer justiça.

—

No dia 16 de dezembro de 1806, nasceu tambem na mesma aldeia de Sobrão, Manuel de Azevedo Moura, sobrinho dos referidos bispo e chantre. Era formado em direito, pela Universidade de Coimbra, muito instruido, intelligente e dotado de não vulgar eloquencia. D. João VI o fez cavalleiro da Ordem de Christo. Foi mais tarde, um dos indigi-

tados para mestre dos filhos do Senhor D. Miguel de Bragança, e foi por estes sitios o chefe do partido legitimista.

Em 1846, foi feito por Mac-Donell, juiz de fóra de Guimarães.

Falleceu na villa da Régua, a 27 de setembro de 1862. Era irmão da mãe do sr. padre Sousa Leão, de quem ja fallei.

=

Parte da aldeia de Sobrão, fica do lado direito, e parte, do lado esquerdo, do ribeiro, passando-se de um para outro lado, por uma antiga ponte, de um só arco.

No lado direito ha uma capella dedicada a Nossa Senhora da Assumpção, vulgarmentente chamada capella de Santo Ovidio, em razão de n'ella haver uma imagem d'este santo, com que os povos d'aqui teem grande devoção, e lhe fazem uma grande festa e concorridissima romaria, a 9 de agosto.

Nas costas d'esta capella, ha outra do Calvario, que tem um bom crucifixo de pedra. Mais adiante, tem outra capellinha, dedicada a Nossa Senhora da Piedade, mandada fazer pelo dito doutor, Manuel de Azevedo Moura (pae dos bispo e chantre, que mencionei) em 1726.

MELCÕES—freguezia, Beira Alta, concelho, comarca, bispado e 6 kilometros de Lamego, 315 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 19 fogos.

Orago S. Silvestre, papa.

Districto administrativo de Viseu.

O reitor do convento de Santa Cruz, de Lamego, apresentava o cura, que tinha de rendimento 140$000 réis.

Esta freguezia está ha muitos annos annexa á de *Cepões* (Nossa Senhora do Rosario) e por isso se denomina vulgarmente *Cepões e Melcões*, e tem agora dois oragos—Nossa Senhora do Rosario e S. Silvestre. (Vide a pag. 240, col. 2.ª, do 2.º volume.)

Houve aqui um parocho (a que Viterbo dá o titulo de abbade) que no seculo 15 se tornou célebre pelos seus amores com uma freira benedictina, do convento de Recião, e dos quaes houve descendencia. Como tenho de narrar este e outros factos curiosiosissimos, com respeito ao mosteiro de Recião, que primeiramente foi de monjas benedictinas e depois de conegos seculares de S. João Evangelista (loyos) remetto o leitor para a palavra *Recião.*

MÉLES ou **MÉLLES**—freguezia, Traz-os-Montes, no extincto concelho da Torre de Dona Chama, supprimido em 1855, e desde então comarca e concelho de Macêdo de Cavalleiros, 70 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 44 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Ála, apresentava o cura, confirmado, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

MELGAÇO—villa, Minho, praça de guerra, capital da comarca e concelho do seu nome, 72 kilometros a NO. de Braga, 430 ao N. de Lisboa, 670 fogos, em duas freguezias (Santa Maria da Porta da Villa, 220, e S. Payo, 450.)

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Em 1757, tinha a freguezia de Nossa Senhora da Porta da Villa, 158 fogos.

O *Portugal Sacro e Profano* não traz a freguezia de S. Payo.

A mitra e a casa de Bragança apresentavam alternativamente o abbade de Nossa Senhora da Porta, que tinha 400$000 réis de rendimento annual. [1]

O concelho de Melgaço é composto de 18 freguezias, todas no arcebispado de Braga, são—Alvarêdo, Castro Laboreiro, Chaviães, Christoval, Cousso, Cubalhão, Fiães, Gave, Lamas de Mouro, Melgaço, (Santa Maria) Melgaço (S. Payo) Paderne, Parada, Passos (ou Paços) Penso, Prado, Remoães, e Rouças.

Tem todo o concelho 4:000 fogos.

A comarca tem os mesmos fogos, porque é composta só do seu julgado.

O primeiro foral d'esta villa, foi-lhe dado por D. Affonso Henriques, em 21 de julho

[1] J. Avelino de Almeida, no seu *Diccionario Geographico*, diz que era a casa de Bragança e o morteiro de Fiães, que apresentavam alternativamente o abbade.

de 1181, confirmado, em S. Thiago, em agosto de 1219, por D. Affonso II (o *Gôrdo.*) (Maço 12 de *Foraes antigos*, n.º 3, fl. 22 v., col. 2.ª—*Livro de foraes antigos, de leitura nova*, fl. 67, col. 2.ª—*Livro 1.º de doações*, de D. Affonso III, fl. 50, col. 1.ª, — e no *Livro 3.º dos bens dos proprios de el-rei*, fl. 20 v., —Foi confirmado segunda vez, em Guimarães, a 9 de fevereiro de 1261, por D. Affonso III—*Livro 1.º de doações* d'este rei, fl. 50, col. 1.ª—e no *Livro 3.º dos bens dos proprios de el-rei*, fl. 20 v.)

O mesmo D. Affonso III lhe deu outro foral, em Braga, a 29 de abril de 1258. (*Livro 1.º de doações* d'este rei, fl. 27 v., col. 1.ª—e no *Livro* 3.º, *dos bens dos proprios de el-rei*, fl. 11.)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 3 de novembro de 1513, (*Livro de foraes novos do Minho*, fl. 47 v., col. 1.ª)

Trata-se n'este foral, das terras seguintes: —*Chançoans*, [1] *Christovel, Louridal, Paços, Prado, Rouças, Sampaio*, e *Varzea*.

Está esta villa situada em um alto, sobre a esquerda do rio Minho, em frente da Galliza, a 18 kilometros a NE. de Monção (a cuja comarca pertenceu até 1853.)

É terra triste, e não muito fertil, em razão da excessiva frialdade do seu clima.

Além do Minho, que réga a freguezia pelo N. (e que a separa da Galliza), tambem a ribeira de Varzeas a réga pelo E., e morre aqui, no Minho.

São justamente famosos os presuntos de Melgaço, e do seu concelho, e se exportam em grande quantidade, para todo o reino e para o Brasil. É effectivamente a carne de porco mais saborosa de Portugal, e o fiambre feito d'estes presuntos, é optimo.

Tem misericordia e hospital, com bons rendimentos.

—

É certo que Melgaço é povoação antiquissim, fundada pelos antigos lusitanos, ou pelos romanos; mas ignora-se quando foi fundada e o seu primeiro nome.

[1] Supponho ser êrro de Franklim, ou má *traducção* do gothico do foral. É provavel que seja *Chaviães*.

O que se sabe com certeza é que os arabes tinham aqui uma grande fortaleza, chamada *castello do Minho*, que já no tempo do conde D. Henrique, estava arruinada.

É de suppôr que á existencia d'este castello se deva a povoação que o circumda.

D. Affonso Henriques, achando a villa deserta, por a terem os mouros abandonado, a mandou povoar, em 1170, reedificando lhe o seu vasto castello. [1]

Em 21 de julho de 1181, quando este rei deu o 1.º foral á villa, doou aos seus moradores, a aldeia de *Chaviães*. (Outros dizem que esta doação foi no dia seguinte — 22.) D. Diniz enobreceu Melgaço com a sua cinta de muralhas, em 1289.

Estas muralhas tinham apenas dois metros de altura, e a sua configuração é quasi quadrada.

No foral que lhe deu D. Affonso II, em confirmação do que havia concedido seu avô, se diz que a povoação possa ter 350 visinhos, e que escolhessem alcaide-mór que, sendo benemerito, elle o confirmaria.

Ha no seu termo boas quintas com casas nobres, algumas muito antigas; sendo as principaes as dos srs. Castros e Sousas, que teem dado bravos militares. Os srs. Araujos e Rosas, tem duas sepulturas na egreja matriz; porém uma foi comprada pelos Castros.

Esta villa era da casa de Bragança, e todos os officios eram dados pelos duques.

Foram alcaides-móres de Melgaço, os Castros, depois de Villa Nova da Cerveira, hoje do Côvo, junto a Oliveira de Azemeis. Era esta uma das mais prolificas familias nobres do Minho, pois que em Melgaço, Monção, Vallença e outras partes, ha muitas familias descendentes d'estes Castros de Melgaço, que são tambem Magalhães e Menezez. As varias familias de appellido *Caldas*, que ha por estas terras e em Braga, tam-

[1] A torre e fortaleza foram mandadas edificar por D. Pedro Pires, prior do mosteiro de crusios, de Longovares, e á sua custa; como diz D. Sancho I, na carta de couto, que deu ao mosteiro, em 1197. (Vide á pag. 437, col. 2.ª do 4.º volume, na palavra *Longos-Valles.*)

bem são da mesma familia, descendentes do morgado de Covas (Gaspar de Castro Caldas) senhor de Lapella. D'esta mesma familia são tambem os marquezes de Cascaes (marquezes de Niza, de que é hoje chefe o sr. conde da Vidigueira) os condes das Galveias; a actual condessa da Ribeira; o novo barão de Proença a Velha; os Castros Pittas, de Caminha (de cuja familia é o dito barão) os antigos condes de Vianna, e outras familias nobres de Portugal.

Nas repetidas guerras de Portugal contra Castella, deu Melgaço e o seu concelho, soldados intrepidos, que no campo da honra souberam defender com bravura a sua patria.

E nem só os homens, tambem as mulheres d'aqui se teem por vezes mostrado com brios masculinos, e adquirido com justiça o titulo de heroinas.

Nas guerras de D. João I de Portugal, contra D. João I de Castella, e contra seu filho, D. Henrique III (1384 a 1393) se fez celebre *Ignez Negra*, natural de Melgaço. Para contar o feito glorioso d'esta heroina portugueza, cumpre dizer o seguinte:

Os castelhanos nos tinham tomado a maior parte das povoações fortificadas do Alto-Minho; mas o valor portuguez, tinha obrigado a capitular o forte castello de Neiva. Vianna, governada por Vasco Lourenço de Lira, castelhano, tinha sacudido o jugo hespanhol, pela bravura de um escudeiro, appellidado *o Frisus*, que pondo-se á testa do povo, atacou o castello, fazendo prisioneira toda a guarnição inimiga; mas ficando mortalmente ferido o valoroso escudeiro. Ponte de Lima foi resgatada, pelo valor de alguns dos seus naturaes, em premio do que, o rei lhe mandou collocar os bustos sobre as vergas das portas.

Monção, Villa Nova da Cerveira e Caminha, se entregaram sem custo.

Finalmente, em toda a provincia do Minho, só Melgaço estava pela voz de Castella. Era seu governador ou alcaide-mór, Alvaro Paes Sotto Maior, castelhano, e tendo de guarnição 300 infantes e 300 cavallos, profiava na resistencia.

D. João I, em pessoa, pôz cêrco a Melgaço. Havia dez dias, que o assedio durava, sem outra consequencia mais, do que escaramuças, que nada decidiam. Então o rei portuguez, mandou fabricar um castello de madeira, que ficasse á cavalleiro das muralhas; cuja construcção levou uns 20 dias.

Os cercados, receando o assalto, deram signal de armisticio, e foi á praça, João Fernandes Pachéco; porém Alvaro Paes, propunha taes condições, que nada se conseguiu.

O rei mandou activar os preparativos do assalto, jurando que elle proprio o commandaria.

Tinha o rei casado havia pouco tempo (1387) com D. Philippa de Alencastre, e a rainha estava em Monção, com as suas damas, e acompanhada pelo famoso dr. João das Regras, e por João Affonso de Santarem, vindo da cidade do Porto alli, para visitar seu marido, e tencionando ir residir ao convento de Fiães (Vide 3.º volume, pag. 181) emquanto durasse o cêrco da praça.

Dentro da praça havia uma mulher muito valente, parcial dos castelhanos, que renegára a sua patria, pois era d'aqui mesmo natural.

Sabendo ella que no arraial dos portuguezes estava uma sua conterranea, ousada e valorosa como ella, a mandou desafiar a um combate singular. *Ignez Negra* (a desafiada) acceitou o repto, e se dirigiu logo para o ponto designado, que era a meia distancia do arraial e da villa. Já lá estava a *arrenegada*, (como então se dizia) e o combate começou encarniçado, terrivel e desesperado, como duas viragos, ferindo-se com as mãos unhas e dentes, depois de partidas as armas de que vieram munidas. (1)

Antiqua arma, manus, ungues, dentesque feruntur.

A aggressora ficou debaixo, e teve de re-

(1) Duarte Nunes de Leão (*Chron. de D. João I*) não diz que qualidade de armas eram as que ellas levaram.

tirar para a villa, corrida, ferida, e quasi sem cabello «*levando nos focinhos muitas nodoas das punhadas da de fóra*» que ficou victoriosa.

Os portuguezes fizeram grande algazarra aos castelhanos.

No dia seguinte era a praça dos portuguezes, e *Ignez Negra*, cercada de bésteiros, estava no alto da platafórma, onde o pendão das Quinas ondeava ovante, no mastro em que na vespera se ostentava orgulhosa a bandeira dos leões e torres de Castella, e dizia no seu transporte de alegria—«*Mas vencemos-te! Tornaste ao nosso poder. És do rei de Portugal!*

—

Não menos patriotismo ostentou a praça de Melgaço, quando o sanguinario Buonaparte para aqui mandou o malvado Junot, roubar Portugal, em 1807; pois foi a primeira praça d'armas portugueza que sacudiu o jugo ominoso das hordas francezas, acclamando o rei D. João VI e a liberdade, a 11 de junho de 1808. Bragança lhe seguiu o exemplo, fazendo a acclamação a 11, pondo-se á frente dos restauradores, o general Sepulveda.

Instantaneamente a revolução se propaga pelas duas provincias do norte, e o Porto faz a sua acclamação a 19 do mesmo mez de junho. O Algarve secunda o movimento restaurador, e o Alemtejo (apesar de muito subjugado pelo cruel Kellerman) dá o grito de liberdade, a 20.

—

O dia 5 de novembro de 1874 foi de grande regosijo para os habitantes de Melgaço e immediações. Foi então inaugurada a estação telegraphica d'esta villa á de Monção, ao som de musica e grande numero de foguetes, e de todas as mais demonstrações de regosijo publico.

—

Anda em construcção (março de 1875) um bom cemiterio municipal, melhoramento urgentemente reclamado.

Tambem se anda construindo a estrada a mac-adam, d'esta villa para a de Monção, para cuja obra o governo dá um subsidio.

Em 24 de novembro de 1874, estando em Monção o sr. dr. Cardoso Avelino, ministro das obras publicas, veio a esta villa uma commissão de Melgaço, pedir lhe o andamento da estrada, e o augmento do subsidio, ao que o ministro prometteu, que faria as diligencics para que tão justa pretenção fosse satisfeita.

—

A um kilometro da praça está o sanctuario de *Nossa Senhora da Orada*, edificado sobre o cume de um monte imminente ao rio Minho, que lhe fica ao N., em egual distancia do arrabalde e da praça; d'onde vem uma estrada publica, que, passando pelo atrio do sanctuario, se dirige á Galliza.

Desde a casa da Senhora até á villa se vê a estrada povoada, de uma e outra parte, de casas, hortas, prados, fontes e pomares, o que faz d'esta estrada um bonito passeio.

O templo é de excellente estructura, fabricado de bôa cantaria. Foi até 1834 da jurisdicção dos monges do convento de Santa Maria de Fiães, por doação de D. Sancho I, que o havia herdado de seu pae.

É tão antigo este templo que se ignora a data da sua fundação: é certo porém que já existia no tempo dos godos.

D. Affonso Henriques, achando o em ruinas, o mandou reedificar, pelos annos de 1170. Isto consta de uma escriptura de doação, feita por D. Sancho I, em Santarem, aos 3 dos idos de septembro da era de 1245 (11 de septembro do anno de 1207) assignada pelo rei, todos os seus filhos, e prelados do reino. Esta curiosissima escriptura se conservou até 1834, no *Livro das Datas*, do mosteiro de Fiães, a fl. 14 e 15; mas desappareceu então, com tudo o mais.

É Nossa Senhora da Orada imagem de muita devoção dos povos d'estas redondezas, e desde o dia da Ascenção do Senhor, até á festa do Espirito Santo, aqui vinham em romaria a maior parte das freguezias

dos concelhos de Melgaço, Valladares e Monção, offerecerem á Senhora o residuo do cirio paschal, levando os seus respectivos parochos e ao menos uma pessoa de cada casa: isto em cumprimento de um antigo voto, feito por occasião de uma grande peste, de cujo flagello foram estas terras preservadas, tendo soffrido muito as outras.

Eram então bastas as procissões e clamóres; mas hoje a indifferença do seculo tem feito arrefecer muito estas e outras devoções.

Tambem nas grandes faltas de chuvas, ou quando ellas eram prejudiciaes, por contínuadas, hiam á Senhora da Orada muitas ladainhas e procissões de penitencia, implorar o seu patrocinio, para que cessasse a calamidade.

É tradição antiga, que, pela protecção d'esta Senhora, se livraram muitos captivos, que estavam em terras de mouros, e que recorrendo á Santissima Virgem, appareceram ás portas d'este templo, com os grilhões e cadeias com que estavam presos.

Perto d'este templo, havia uma propriedade, chamada por isso *Quinta da Orada*, que a condessa D. Frouilla deu ao mosteiro de Santa Maria de Fiães, assim como a *Quinta de Cavalleiros*, na freguezia de Rouças, d'este concelho, em 16 de dezembro da era de 1204 (27 de dezembro do anno 1166 de Jesus Christo.) [1]

Segundo alguns, estas propriedades tinham sido dos templarios, e assim o assevera o padre Carvalho, na sua *Chorographia.* Frei Agostinho de Santa Maria nega isto, fundando-se em que a Ordem do Templo foi supprimida em 1310 (atiás, 1311.) Não colhe esta negativa. podiam as duas quintas passar para a condessa D. Frouilla, por troca ou compra, feita com os templarios. (Vid *Fiães*, á pag. 182— e *Rouças*, de Melgaço.)

[1] Frei Agostinho de Santa Maria (*Sanctuario Mariano*, tom. 4.º, pag. 252) diz que o padre Carvalho, na sua *Chorographia*, se engana, em dizer que a doação foi feita em 1166, quando só foi feita em 1204. Aquelle é que se engana. A *era* 1204, é o *anno* 1166, como se vê no texto.

Orada é portuguez antigo—significa oração, e tambem casa de oração. *Oráculo*, significa o mesmo. Os antigos davam indistinctamente o nome de *orada, oraculo* e *egreja*, á qualquer oratorio, capella ou ermida, como ás egrejas que eram matrizes, ou de mosteiros.

Muitos documentos do seculo IX e seguintes, até ao XIII provam esta asserção.

—

Já tratei das familias dos Castros, procedentes dos alcaides móres de Melgaço: agora tratarei de outra familia, que tinha o seu solar n'esta villa. São os *Nóboas* (ou *Nóvoas.*)

Era este appellido nobre em Portugal. Veio de Hespanha, tomado do concelho de Nóboa, na Galliza. Passou a Portugal, na pessoa de *João de Noboa*, da casa dos condes de Macêda, no reinado do nosso D. João II.

Em 1751 era aqui o solar de Caetano Soares de Noboa. As armas d'este appellido são—em campo de ouro, leão de púrpura; e mantelête—no 1.º campo, do mesmo, aguia de ouro—no 2.º, de prata, leão de púrpura. Elmo de aço, aberto—timbre, a aguia das armas.

Supponho que *João da Nova*—que descobriu a ilha da Ascenção, em 1501, e que ganhou a primeira batalha naval, na India, derrotando a esquadra de Calecut: que deixou feitorias em Cochim e Cananor; e que, no regresso para Portugal, descubriu a ilha de Santa Helena—era d'esta familia; mas que, aportuguezando o nome, se appellidou *João da Nóva.* Isto não passa de simples conjectura.

—

Julgo dever aqui commemorar, por ser da nobre familia dos Castros de Melgaço, o nosso famoso ministro da marinha, *Martinho de Mello e Castro*, nome ainda hoje tão popular em Portugal.

Nasceu em 11 de novembro de 1716.

Em 1739, foi feito conego da Sé patriarchal. Depois, entrou na carreira diplomati-

ca, e era ministro de Portugal em Londres, quando rebentou a guerra entre este reino, Hespanha e França. N'esta e em outras conjuncturas, fez relevantes serviços a Portugal, enviando com a maior sollicitude e actividade, para o reino, grande numero de armas e munições de guerra. Foi elle que assignou a paz em Pariz, sustentando com a sua proverbial energia, a honra e os interesses da sua patria.

Em 1777, foi nomeado por D. José I (no ultimo anno do seu reinado) ministro e secretario de estado dos negocios da marinha e Ultramar.

Apesar de ser ecclesiastico, deu vigoroso impulso á nossa marinha; coadjuvou as grandes reformas do marquez do Pombal (apesar de não ser affeiçoado a este ministro) e, depois da quéda do marquez, continuou no poder, fazendo prosperar todos os negocios da sua competencia; emquanto os respeitantes ás outras pastas, hiam em completa decadencia.

A este habil e energico ministro deveu Portugal uma poderosa esquadra, e ainda treze annos depois da sua morte, quando D. João VI, ainda principe regente, fugiu para o Brasil, com a familia real, em 29 de novembro de 1807, se compunha a nossa marinha de guerra, de 12 náus de linha, 12 fragatas, e muitos outros navios menores.

Foi ministro da marinha, até ao dia do seu fallecimento, que foi a 24 de março de 1795.

MÊLHE ou **MÊILHE**—Vide Edrosa, pag. 6, col. 1.ª, do 3.º vol., áqual esta freguezia está annexa.

MELHUR — portuguez antigo — melhor. (Doc. das freiras benedictinas, do Porto, de 1338.)

MELLÍDES—freguezia, Extremadura. (ao S. do Tejo.) Até 16 de dezembro de 1874, foi do concelho de S. Thiago de Cacem, comarca de Alcacer do Sal: desde então, sendo o concelho elevado a comarca, ficou sendo do concelho e comarca de S. Thiago de Cacem.

(Já em 24 de outubro de 1855 tinha passado a formar parte do concelho da Grândola; mas, em dezembro de 1870, tornou a pertencer ao seu antigo concelho.)—Dista 80 kilometros ao O. de Evora e 90 ao S. de Lisboa, 425 fogos.

Em 1757 tinha 450 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Evora, districto administrativo de Lisboa.

A mesa da consciencia, apresentava o capellão, curado, que tinha 150 alqueires de trigo, 120 de cevada e 10$000 réis em dinheiro.

A 9 kilometros a E. d'esta povoação, nasce, nos *Montes Asues*, o pequeno rio *Domin*, que desagúa na esquerda do Sado, acima do Xarrâma, e em frente do *Porto d'El-Rei*, com 30 kilometros de curso, regando as immediações d'esta freguezia. (Vide *Domim*, pag. 477 do 2.º vol.)

Diz-se que o nome d'esta freguezia é corrupção de *Mil Lides*, e que este nome lhe proveiu de umas grandes batalhas que aqui houve em tempos antigos.

A 2 kilometros ao NE. d'esta povoação, existem ainda os restos de um dolmen.

São tres grandes pedras tôscas, de grés, que estiveram cravadas no chão, quasi verticalmente, fechando um pequeno espaço.

Os buscadores de thesouros encantados, cavando no centro d'este monumento celta, fizeram tombar as pedras perpendiculares.

A pedra superior (a mêsa) se existiu, não ha d'ella noticia ha muitos annos.

MÉLLES—Vide *Méles*.

MÉLLO—villa, Beira Baixa, comarca e concelho de Gouveia, 90 kilometros de Coimbra, 290 ao E. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 167 fogos.

Orago S. Isidoro.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Os senhores de Mello, apresentavam o prior, que tinha 180$000 réis de rendimento.

Está esta villa situada nas faldas da Serra da Estrella, 6 kilometros ao S. da villa de Linhares.

Era uma grande quinta (talvez *villa*—casa de campo—de algum patricio romano, ou senhor gôdo.)

Ha confusão nos escriptores, sobre o fundador e povoador da actual villa. Seguirei primeiro o sr. Ignacio de Vilhena Barbosa

(*Cidades e Villas*, tom. 2.º, pag. 59), por ser um dos nossos mais sollicitos investigadores contemporaneos. Diz elle:

«Sabendo D. Soeiro Raymundo, que Ri- «cardo *Coração de Leão*, rei de Inglaterra, «se apresentava com grande exercito, para «hir á conquista da Terra-Santa, resolveu «acompanhal-o n'esta heroica e religiosa em- «preza.[1]

«Sahiu pois de Portugal, para se unir aos «crusados, no anno de 1191. Depois de ha- «ver dado provas do seu valor e coragem, «na expugnação de Chipre, viu-se finalmen- «te, com o exercito dos crusados, diante dos «muros da tão suspirada Jerusalem.

«A ordem para o assalto, não se fez espe- «rar muito tempo, e ao nosso D. Soeiro, cou- «be na disposição das forças para o comba- «te, um lanço do muro, que, tomando o no- «me de um valle, ou voragem que lhe ficava «visinho, se chama *Méllo.*

«D. Soeiro praticou ahi singulares actos «de valentia e gentilezas de armas, com que «deixou maravilhados os seus camaradas, «que, desde então, começaram a appellidal-o «*o Méllo.*

«O fim d'aquella empreza é sabido que «foi desgraçado, pois que a peste, a fome e «as dissidincias disimaram os crusados, «obrigando-os a demandar os seus paizes.

«Voltando D. Soeiro a Portugal, e que- «rendo commemorar os seus gloriosos fei- «tos, fundou nas faldas da Serra da Estrel- «la, uma quinta, com o nome de Méllo, e «n'ella deu principio a uma povoaçãosinha, «correndo o anno de 1204, em que reinava «D. Sancho I.

«No seguinte reinado, de D. Affonso II, «foi este D. Soeiro nomeado alferes-mór; e «um seu neto, D. Mem Soares de Mello, foi «feito senhor de Mello e tambem alferes-mór «de D. Affonso III.

«Hoje é seu descendente e representante, «o sr. conde de Mello, 19.º senhor de Mello.»

—

Vejamos agora a *Chronica dos conegos regrantes de Santo Agostinho* (crusios), da qual passo a dar, em resumo, o que diz do convento de freiras de Santo Agostinho, junto á villa de Mello.

[1] Era n'esse tempo soldão do Egyto, o barbaro, mas valorosissimo *Saladino.*

Foi este mosteiro fundado em 1539, por D. Mem Soares d'Alvim, senhor de Mello, que lhe deu o titulo e invocação de *Nossa Senhora do Couto*; porém, este D. Mem Soares, só fez a egreja.

Teve este convento origem, pelo facto seguinte:

No mesmo anno de 1539, obrigou D. João III as conegas de Santo Agostinho a que guardassem clausura (porque até então, ellas sahiam quando queriam, a visitar seus parentes, ou a outras quaesquer visitas, compras, etc., sem licença previa de superiores.)

Porém, muitas d'estas religiosas, não se quizeram sujeitar a clausura perpétua, e sahiram dos conventos.

No convento de Chellas, proximo a Lisboa, estava uma senhora, chamada D. Maria Borges Teixeira, prima co-irman de D. Isabel Teixeira, viuva de Estevão Soares de Mello, senhor d'esta villa; a qual, por não querer guardar clausura perpétua, sahiu de Chellas com algumas suas amigas.

Sua prima lhe mandou offerecer a ermida de Nossa Senhora do Couto, de que era padroeira, para vir alli fundar um convento; e como D. Maria Borges era rica e poderosa, facilmente alcançou do nuncio apostolico, licença para fundar este convento, em 22 de junho do mesmo anno de 1539.

A antiga ermida ficou sendo a capella-mór da nova egreja. Foi-lhe lançada a primeira pedra, pelo bispo de Coimbra, D. Jorge de Almeida, filho do 1.º conde de Abrantes, logo em 8 de setembro, tambem d'aquelle anno.

Em 1540, já a obra estava em circumstancias de receber as freiras, que para alli foram logo.

D. Isabel Teixeira e seu filho, Francisco de Mello, fizeram doação ao mosteiro, não só da ermida, mas de todas as terras immediatas, sob a condição de que—SE SE VIESSE A DESPOVOAR O MOSTEIRO, TORNARIA TUDO Á CASA DOS MELLOS.

Estas freiras parece que gostavam da liberdade; e, como as *terceiras franciscanas*

a tinham muito mais ampla, n'esse tempo, do que as agostinhas, tanto lidaram, que, por consentimento e auctorisação do papa Julio III, deixaram a regra e habito de Santo Agostinho, tomando a de S. Francisco, em 1554.

O fundador da primittiva ermida de Nossa Senhora do Couto, D. Mem Soares, foi o primeiro que tomou o appellido de Mello. Era casado com D. Theresa Affonso Gata, filha de D. Affonso Pires Gato, rico-homem.

Esta D. Theresa herdou de seu tio, D. Gonçalo de Sá, o senhorio de Mello, DE CUJA VILLA FÔRA ELLE O PRIMEIRO POVOADOR; porque elle morreu sem descendencia.

D. Gonçalo de Sá, tinha a sua casa e solar, na freguezia de Santa Maria de Sá, julgado de Cêa.

Martim Affonso de Mello, rico-homem de Portugal, senhor de Cêa, Gouveia, Linhares e Celorico da Beira, neto d'aquella D. Theresa, foi o que fez Mello villa e lhe deu armas (isto, segundo a minha opinião, quer dizer, que Martim Affonso de Mello é que solicitou, e conseguiu, de D. Affonso V, que d'esse armas e fôro de villa á povoação.)

De D. Theresa Affonso Gata, procederam os condes de Olivença, Tentugal, S. Lourenço, Assumar, os marquezes de Ferreira, hoje duques de Cadaval, e outras nobilissimas familias d'este reino.

A villa de Mello, chamava-se antigamente de Melro; não se sabe quando se mudou o seu nome para Mello; mas suppõe-se que foi no meiado do seculo XVI.

Em um sinete antigo da mesma villa, que se conservava no archivo da camara d'ella, se viam as armas da villa, que eram as reaes, no meio, e de cada lado uma arvore, com um melro em cima de cada uma; com a seguinte inscripção:

SÊLLO DO CONCELHO DE MELRO

—

Vemos pois que a Chronica dos crusios não se póde combinar, em alguns pontos, com o que diz o sr. Vilhena, e a mais seguida tradição.

O tal *sêllo* e ainda as armas actuaes da villa, parece desmentirem a origem do nome da povoação e a historia do forte *Mello*, de Jerusalem. Reflexionemos.

D. Theresa Affonso Gata, herdou de seu tio, *D. Gonçalo de Sá*, o senhorio de Mello.

Já se vê que os senhores de Mello nada tinham (então) com a familia dos *Soeiros* e dos *Soares* (Soares é patronimico de Soeiro).

É verdade que o marido de D. Thereza, e fundadora da ermida da Senhora do Couto, se chamava D. Mem Soares; mas não foi pela sua linha que a casa veio aos Mellos; porém pela dos Sás, de Cêa.

D. Mem Soares *foi o primeiro que tomou o appellido de Mello*, o que para a questão de saber quem foi o fundador da villa de Mello, é indifferente: apenas prova que esta povoação já n'esse tempo se chamava Mello.

A chronica dos cruzios diz expressamente que o *primeiro povoador* da villa de Melro foi D. Gonçalo de Sá—logo, não foi D. Soeiro Raymundo.

Collige-se tambem d'aquella chronica que a povoação era já antiga no tempo de D. Gonçalo, ao qual não dá o titulo de *fundador*; mas sim de *povoador*, o que é muito differente.

—

A tradição da proveniencia do nome á povoação, do tal forte de Mello, na Syria (Palestina) ou é mentirosa, ou mente o *sêllo das armas do concelho de Melro*, e as actuaes armas da villa, que ainda são as mesmas do *sello*, com os dois *melros*.

O que se não sabe com certeza, é quando a povoação deixou de ser Melro, para ser Mello. A citada chronica só diz que se *suppõe* ser no meiado do seculo XVI; no que tambem se engana, pois em 1515 já se chamava Mello, como logo veremos, quando se tratar do seu foral.

Devo porém confessar que effectivamente em Jerusalem havia um sitio (baluarte, forte, ou lanço de muralha) chamado *Mello*, pois já d'elle falla o Paralipemenon, livro 2.º cap. 32, mas se D. Soeiro Raymundo d'aqui tirasse o nome para a *sua* villa, não conservava ella ainda por 200 ou trezentos annos o seu primittivo nome de Melro.

Ahi ficam ambas as etymologias, e cada um adopte a que julgar mais verosimil.

—

Pouco tem progredido em nossos dias a industria, o commercio e a população d'esta villa. Fabricam-se aqui bons pannos de lan e baetas.

Tem Misericordia, hospital, e cinco ermidas.

Diz o sr. Vilhena Barbosa, e diz muito bem:

«A sua posição (da villa de Mello) muito «arredada dos portos de mar, dos grandes «centros commerciaes e até mesmo das «principaes estradas do reino; e a falta de «communicações faceis, são as causas que «teem obstado ao desenvolvimento d'esta «villa, porquanto o seu territorio é muito «productivo e adaptado para culturas mui«to lucrativas.

«Assentada entre duas fresquissimas ri«beiras, possue esta villa lindos arrabaldes, «pois que lindos são todos os valles da ser«ra da Estrella, pela pomposa vegetação «que n'elles entretem, e em todas as esta«ções do anno, os infinitos arroios, torren«tes e rios, que se desprendem do alto dos «sêrros, ou que rebentam da raiz da mon«tanha.»

O territorio d'esta freguezia é pois muito fertil em cereaes, legumes, fructas e vinho; mas a sua principal riqueza provem-lhe das suas magnificas e vastas pastagens, onde se cria grande quantidade de gado, de toda a qualidade, que se exporta em grande escala.

Os seus montes são abundantes de caça grossa e miuda.

—

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 19 de julho de 1515 (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 145, col. 1.ª—Veja-se o processo para este foral, na gaveta 20, maço 12, n.º 8.) Já então se denominava *villa de Mello*.

O brazão d'armas d'esta villa já fica descripto; mas não tem a legenda, que era só precisa no sêllo.

—

Foi esta villa por mais de 200 annos cabeça de concelho, com camara, juizes e mais empregados municipaes; casa da camara, pelourinho e mais distinctivos da sua autonomia.

Este concelho foi supprimido depois de 1834.

—

Nos manuscriptos da bibliotheca dos srs. marquezes de Palmella, se vê sobre a familia dos Mellos, o mesmo que o sr. Vilhena Barbosa diz com respeito a D. Soeiro Raymundo e a o forte de Mello. (1)

Para evitar repetições, vide em *Guimarães* a geneologia e armas dos Mellos.

—

É actual condessa de Mello, a sr.ª D. Thereza Francisca de Mello Silva Breyner Sousa Tavares e Moura.

MELRES—villa, Douro, concelho e 20 kilometros a E. de Gondomar, comarca, bispado, districto administrativo e 30 kilometros ao E. do Porto, 310 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 235 fogos.

Orago Santa Maria.

Os marquezes de Marialva apresentavam o abbade, que tinha 900$000 réis de rendimento annual.

A egreja é muito antiga e foi feita por um dos filhos (padres) da célebre *Maria Mantella*. (Vide, *Chaves*, *Meixide* e *Porto*.)

É povoação antiquissima, mas não se sabe quando ou por quem foi fundada. É certo que já existia, pelo menos no tempo dos arabes, do que ha vestigios, como adiante direi.

Ha duas opiniões sobre a etymologia do seu nome, ambas admissiveis. Segundo a primeira, é corrupção de *melros*, por aqui haver muitas d'estas aves.—Outros pretendem ser corrupção da palavra arabe *Morcul-tema*, que se lê—*mercultem*.

Na Africa, perto de Azamôr, ha uma povoação tambem assim chamada.

Esta palavra é composta de dois imperativos e de uma particula ou adverbio de logar, a saber—de *mor* (vai-te) do verbo mar-

(1) O padre Carvalho na sua *Chorographia*, segue a opinião que depois adoptou o sr. Vilhena.

ra—hir—de *cul* (cóme) do verbo *acala*—comer—e do adverbio *téma* (ahi n'esse logar)—sendo assim, significava — *vae comer ahi.*

E, com effeito, estando esta villa situada sobre a margem direita do Douro, é desde muitos seculos logar de descanço, pousada e comida, para os que navegam pelo rio, e dos que vem pela estrada do N. para aqui, na barca, para a outra margem.

—

Desde Avintes para cima, é Melres a mais bonita, fertil e aprazivel povoação das margens do Douro. Desde a aldeia de S. Thiago até á de Moreira, d'esta freguezia, por espaço de 1 kilometro, pouco mais ou menos, se estende a formosa *ribeira de Melres*, fertilissima em milho, centeio, linho, legumes, hortaliças, com bastantes *arvores de vinho* (carvalhos ou outras arvores que sustentam videiras.)

Ha tambem aqui grandes e bellas nogueiras, que produzem muito fructo, que se exporta.

O resto da freguezia é em terreno accidentado, em grande parte coberto de pinheiros, carvalhos, sobreiros e outras arvores silvestres, e d'aqui se extrahe bastante cortiça e madeiras, que vão para o Porto, com cuja cidade faz esta freguezia grande e constante negocio, pelo rio, conduzindo áquella cidade, lenha, carvão, carqueija, madeira, nózes, e outros generos, em barcos proprios da freguezia.

Fica Melres e S. Thiago, em frente da freguezia de Santo Antonio da Lomba; e em frente do logar de Moreira, na margem opposta, é o logar de *Arêja*, célebre por ter sido uma antiga cidade. (Vide a pag. 238 I do 1.º volume.)

—

A causa da fertilidade do solo baixo d'esta freguezia, é o nateiro que o Douro aqui deposita, nas enchentes; mas se quasi sempre é fertilisador, tambem algumas vezes causa grandes prejuizos, pois tem havido cheias que chegaram a entrar dentro da egreja matriz, que está a mais de 8 ou 10 metros acima do nivel ordinario do rio. Então o Douro arrasta em sua corrente furiosa, páredes, arvores, casas e campos.

—

Ha aqui uma boa feira, na aldeia de Branzêllo. Até agosto de 1874, fazia-se no dia 3 de cada mez—desde então, faz-se no 1.º domingo de cada mez.

—

Foi concelho muito antigo, com camara e justiças proprias, que foi supprimido depois de 1834. A sua casa da camara serve hoje de casa de escola regia de instrucção primaria.

—

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 15 de setembro de 1524 (*Livro de foraes novos da Beira.* fl. 130 v. col. 1.ª)

—

Tem uma nova e grande capella, da invocação de Nossa Senhora do Calvario, com bôa torre e dois sinos. Foi construida á custa de habitantes d'esta freguezia, que adquiriram no Brasil meios de passarem o resto dos seus dias na terra que os viu nascer. Tambem a elles se devem os melhoramentos que se vêem nas casas e quintas d'esta freguezia.

É em Melres onde, na 5.ª dominga da quaresma, se faz a melhor procissão de Passos de todo o concelho.

Pela aldeia de S. Thiago, passa a zona carbonifera (anthracites) que vem do Barral (margem esquerda do Douro) e seguindo a direcção NO., vae passar ao Covêllo, Valle de Acha e S. Pedro da Cova.

—

Ha em varios sitios d'esta freguezia, muitas galerias, que bem mostram ser antigas minas metalicas. Supponho serem anteriores á dominação romana; porque teem apparecido por estes sitios uma especie de mós grosseiras, com que os lusitanos trituravam o seixo (quartzo) para lhe extrahirim, pela lavagem, as particulas de ouro ou prata.

Segundo a tradição, tambem foram exploradas pelos mouros.

Ainda por aqui ha algumas minas de cobre e de ferro, mas estão despresadas, por parecerem pobres á superficie, e não se que-

rerem aventurar os mineiros a fazerem reconhecimentos e pesquizas profundas.

—

Houve aqui um vinculo dos *Peres*, de Meixide, administradores do morgado de Villar de Perdizes (na comarca de Chaves.) Ha muitos annos que deixou de existir, e o seu solar, que é um vasto e bom edificio nobre, ainda existe ao fundo da villa, em bom estado; mas mudou de possuidor.

Ha tambem aqui uma grande e bella casa, que foi paço dos Telles.

Foi comprada por fr. José da Graça, que a restaurou e aformoseou. É hoje dos seus herdeiros. Foi solar dos Porto Carreiros. Vide *Porto*, no palacio da Bandeirinha.

—

Tambem foi solar dos Telles de Menezes, que procedem de D. Tello, grande senhor nas Asturias, e rico-homem, no reinado de D. Favilla, pelos annos de 730 a 750.

Estes Telles foram os progenitores dos condes de Cantanhêde e marquezes de Marialva. (Vide esta ultima palavra.)

—

Ha em Melres a antiga casa, denominada da *Eira de Mello*, dos srs. Coelhos da Rocha. Foi d'esta casa o pae do justamente célebre doutor, o padre Manuel Antonio Coelho da Rocha, lente de Coimbra, e um dos melho res juris-consultos e escriptores publicos dos nossos dias. Vide *Covellas*, pag. 428, col. 2.ª do 2.º vol.

O sr. Joaquim Coelho da Rocha, com estabelecimento photographico, na rua da Alegria n.º 111, em frente do Passeio Publico do Rocio (em Lisboa), é da casa da Eira de Mello, e sobrinho do dr. Manuel Antonio Coelho da Rocha, de Covellas.

MELRÍÇO—Pequeno ribeiro do Alemtejo, que passa a 3½ kilometros a NO. de Castello de Vide, e 800 metros da casa pertencente á fazenda denominada *Mensoares* (Mem-Soares.)

Junto a este ribeiro, e no meio de um campo, está o *dolmen de Melriço*.

A mesa era sustentada por sete pedras, ou esteios, dos quaes só tres se conservam inteiros; os mais estão por alli espalhados e partidos. A mesa ainda está intacta sobre os tres esteios que restam.

MEMBRO—portuguez antigo—moeda usada nos reinos de Leão, Oviedo e Castella, e que de lá passou para Portugal não se sabe quando; mas com certeza antes de 1067, pois que sendo D. Garcia (filho de D. Fernando, o Grande) feito rei de Portugal n'esse anno, já cá achou os *membros*. (Vide Alfaiates, pag. 112 do 1.º vol.)

Os nossos archeologos e numismographos, não são concordes quanto ao valor d'esta pequena moeda: dizem uns que era o mesmo que *soldo*, ou *maravidim*; e outros, que era uma fracção d'esta moeda; mas a opinião mais acceitavel, é que *membro* é o mesmo que *mealha*: ainda que Viterbo diz que —como antigamente as escripturas tinham muitos breves, era possivel que dissessem memb, por maravidim, e d'aqui se podia originar o engano, e a invenção de uma moeda, que talvez jamais existisse.

Entre muitos e diversos legados que a rainha Santa Mafalda deixou no seu testamento, feito em 1256 (Tom. 1.º da *Hist. Gen. da Casa Real*), é o de uma cruz de ouro com Santo Lenho, que tinha sido da rainha Santa Helena (mãe do imperador Constantino o *magno*, o 1.º dos imperadores, que se fez christão, convertido por sua mãe.)—*It ducentos membros veteres*, aos dominicos do Porto; e ao convento de S. Francisco, da mesma cidade, *Cem membros*.

Em Dufresne, na palavra *Kalendœ* traz o documento que se segue—*Et donat de censum 9 denarios Pogesos, et ad kalendas duos membros.*

Note-se que a era de augusto, era dividida em mezes, e estes em *kalendas*, *idos*, e *nôas*.

Nas kalendas, que era o principio dos mezes, reuniam os bispos o seu povo, para o instruirem nos dogmas da religião. Com o tempo se deu o nome de *kalenda*, ou *synodo* a estas mesmas reuniões. *Pera vir ao Signodo*, ou *Kalendairo*. (Doc. da universidade, de 1425.)

Tambem se dava o nome de *Callandairo* á procissão, ou *clamôr*.

Por kalendas se dividiram os mezes em differentes terras de Portugal, até 1422, em que D. João I, prohibiu que se contasse pela *era de* Cesar (38 annos menos 11 dias, mais antiga do que a era vulgar), e em todos os documentos se contasse d'alli em diante pelo anno do nascimento de Jesus Christo.

Tambem se dava o nome de *Kalendas*, aos direitos de portagem e outros, que nas feiras, ou mercados, se pagavam ao rei, ou áquelles aquem a corôa os tinha dado.

De serem as feiras no 1.º dia de cada mez, se deu este nome (derivado do verbo grego *kaleo*) ao tal direito, ou contribuição. (*Hesp. Sagr.*, tom. 40, fl. 227.)

MEMPASTOR ou **MAMPASTOR** — portuguez antigo—juiz ou qualquer outro official de justiça, que civilmente tomava conhecimento das causas, e as decidia.

Em 1324 D. Affonso IV prohibiu ao mosteiro de Castro de Avellans o intrometter-se a pôr juiz, ou *mempastor* nas aldeias e logares em que a jurisdicção civil pertencia ao rei.

Em outro documento de 1340 se diz *mampastor* (Doc. de Bragança). Vide *Montesinhos* e *Quintanilha.*

Segundo Duarte Nunes de Leão (na sua *Orthographia) mempastor* e *mamposteiro* é o mesmo que, homem posto por alguem para qualquer negocio.

Depois só se dava o nome de *mamposteiro* ao que recebia as esmolas para a remissão dos captivos e para alguns sanctos ou sanctuarios.

Por fim só se dava o nome de mamposteiro ao que recebia o dinheiro das esmólas das bullas da *Santa Cruzada.*

MENDÍGA—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Porto de Mós, 18 kilometros de Leiria, 130 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 183 fogos.

Orago S. Julião.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

A collegiada de Porto de Mós apresentava o cura, que tinha 40$000 réis e o pé de altar. Isto, segundo o *Portugal Sacro e Profano.*

O *Couseiro* diz que o vigario e beneficiados de Porto de Mós davam ao cura 40 alqueires de trigo, e os freguezes casados, cada um, um e meio alqueire de trigo, e os viuvos e solteiros metade.

Havia aqui antigamente dois *bôdos*, um na primeira oitava do Espirito Santo, e outro em dia de S. Miguel, archanjo (29 de septembro).

N'esta freguezia não ha capellas.

A origem d'esta freguezia é a seguinte.

Na aldeia do Arrimal havia a capella de Santo Antonio, e na da Mendiga, a de S. Julião. A estas duas capellas eram obrigados os vigarios de S. Pedro e S. João, a virem dizer missa e administrar os sacramentos aos freguezes d'elles (que então eram 40) em domingos alternados.

Em 1525, sendo arcebispo de Lisboa o infante D. Affonso (filho do rei D. Manuel) cardeal do titulo de S. Braz—mandaram os seus visitadores, que os seus vigarios e beneficiados lhes dessem capellão, que lhes dissesse missa e administrasse os sacramentos. O mesmo arcebispo confirmou esta ordem em 1526, e mandou que o capellão assistisse sempre em um dos ditos logares, e lhe taxou congrua; mas o vigario e beneficiados de Porto de Mós se opposeram a estas decisões, tendo logar um pleito que se sentenciou contra elles. (Esta sentença está no cartorio de S. Pedro.)

Com o tempo foi crescendo a população d'aquellas duas aldeias, e se dividiram em duas parochias, como ainda hoje estão, mas até 1834 foram dependentes da collegiada de Porto de Mós, que apresentava os curas, como fica dito.

MENDÍGA—serra, Extremadura, onde estão as freguezias do Arrimal, Mendiga e outras. Para evitar repetições, vide *Ayre*, serra, a pag. 302 do 1.º vol.

MENESTERIAL ou **MENESTEIRAL**—por-

tuguez antigo—obreiro, operario, jornaleiro, creado, servente, etc.

MÈNGOA—portuguez antigo—mingua, falta, necessidade.

MENGOADO—portuguez antigo—minguado, falto, desprovido, etc.

Pola qual razão a dita Villa (de Moncorvo) *ficou Mengoada de gente e companhas, e esteve, e está, em gram perigo de se perder e despobrar*, etc. (Carta do rei D. Fernando á camara de Moncorvo, em 1370.)

MENÍ—portuguez antigo—baêta de que as mulheres do campo faziam as suas mantilhas.—*He ella dita noiva vestida de vestidos novos de dia de voda, s. hua mantilha de* mení, *e hua que... á dê courtanai, he hua ffadrilha* (saiote) *de bristol*. Doc. de Alpendurada, de 1480.)

Dava se antigamente o nome de bristol a um pano forte e grosseiro, fabricado na cidade de ingleza de Bristol, sobre o rio Avon. D'esta ilha vinha para Portugal muito do tal panno.

Nas côrtes d'Evora de 1481 requereram os póvos, que—*se prohibam com gravissimas penas, os vestidos de seda e ornamentos de ouro e prata a todas as pessoas, com certas limitações a respeito da primeira nobreza; porêm que dourado e prateado ninguem o use — Que haja differença, pelos trajes das pessoas—Que os nobres usem de lan fina—os officiues mechanicos, de lans grossas, burel, bristol, etc.—Que as rameiras, e que só fazem por um homem, não usem de mantilhas—que andem em corpo, e sem chapins, com véos açafroados, para se distinguirem das mulheres honestas.*

MENORÉTAS—portuguez antigo—dava-se este nome ás freiras de Santa Clara, por o seu patriarcha (S. Francisco) se denominar sempre—*o menor*. (Doc. do seculo XIII.)

MENSORIO—portuguez antigo—tudo o que era roupa e apparelho, ou ornato de uma mêsa, como toalha, guardanapos, talheres, copos, etc.—É do seculo X. Então dava-se á *mêsa* o nome de *mênza*, como ainda hoje dizem nas provincias do Sul, as pessoas menos instruidas.

MENSURA e **MENSURAR**—portuguez antigo—medida e medir. Ainda hoje se diz mensurar, por medir, e é muito usado *incomensuravel*, com respeito ao que por vasto se não póde medir, ou avaliar.

MENTÁRIO, IMENTÁRIO, e mais antigo —**MENTAIRO** e **IMENTAIRO**—portuguez antigo—inventario, divisão, partilhas, etc. Os rusticos das provincias do Norte, ainda dizem *imentairo*.

MENTES—portuguez antigo—cuidado, pensamento, lembrança, memoria.—*O Juiz ouve medo, e desamparou o feito dês ali, e nom meteo hi mais mentes*. (Doc. da Alpendurada, de 1108.) *Tem mentes*—era o mesmo que dizer—*toma sentido*.

MENTES e **MENTRES**—portuguez antigo—ainda usado pelo nosso povo. O mesmo que *emquanto*. (Doc. de Almoster, de 1287.) É corrupção do castelhano—*mientras*.

MENTIDEIRO—portuguez antigo—mentiroso. Nas provincias do Norte, ainda se diz *mentireiro*.

MENTRESTÍDO—freguezia, Minho, comarca e 12 kilometros a O. de Vallença, concelho de Villa Nova da Cerveira, 45 kilometros a ONO. de Braga, 405 ao N. de Lisboa, 110 fogos. Em 1757 tinha 105.

Orago Santa Christina.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

E' terra fertil.

O abbade de Santa Maria da Cunha apresentava o vigario, collado, que tinha 100$000 réis.

Foi antigamente abbadia do real padroado. D. Diniz, em 1308, a trocou com o bispo de Tuy, D. João Fernandes Sotto-Maior. Depois passou para o abbade de Cunha, que recebia metade dos dizimos, e a outra metade era *beneficio simples* do ordinario.

MÉO—portuguez antigo—meio.

MÉO BRANCO—portuguez antigo—meio real branco, ou 3 ceitis.

MEOGO—portuguez antigo—o meio ou centro de qualquer cousa.

MEONA e **MEONO**—portuguez antigo—Vide *Meana.*

MERCAR—no antigo portuguez não significava sómente comprar, mas tambem, contratar, trocar, vender, etc.; hoje diz se mercadejar.

MERCÊ—Nos primeiros seculos da monarchia portugueza, dava-se aos reis, o modesto titulo de *mercê* (vossa mercê.)—Á *mercê* seguiu-se a *senhoria.* D'este tratamento usavam os reis das Hespanhas, até aos reis catholicos de Castella, Fernando e Isabel, e D. Manuel de Portugal. Desde então se introdusiu a *alteza,* á qual se seguiu pouco depois o de *magestade,* trazido da Allemanha, pelo imperador Carlos V (pae de Philippe II)—Mas os reis de Portugal e Castella, na correspondencia privada, sempre se trataram reciprocamente por *alteza;* até que na entrevista de Guadalupe, Philippe II de Castella, logo no primeiro encontro, se apressou a tratar por magestade ao nosso rei D. Sebastião.

Com os Philippes, radicou-se em Portugal este real tratamento, que hoje é o de todos os reis da Europa e outros, e se conservará provavelmente; porque nas linguas conhecidas não ha outro mais nobre, que o possa substituir, sem usurpação dos atributos da divindade. (Vide *Magestade* (a 1.ª), pag. 34 d'este vol.)

MERCEANA ou **MERCIANA**—Vide *Aldeia Gallega da Merceana,* pag. 82 (no fim da 2.ª col.) do 1.º vol.

MERCÊS—freguezia, vide *Lisboa.*

MERCÊS—Vide *Carvalhal Bem Feito,* pag. 134 do 2.º vol., col. 2.ª, no fim.

MERCÊS—aldeia, Extremadura, proxima ás abas da serra de Cintra, freguezia de Rio de Mouro, comarca e concelho de Cintra, patriarchado, districto e 30 kilometros a NO. de Lisboa.

Ha aqui uma formosa capella, dedicada a Nossa Senhora das Mercês (que deu o nome á povoação.)

No dia 25 de outubro, se faz uma grande romaria a esta Senhora, que é concorrida dos povos d'estas redondezas, principalmente da Venda-Sêcca, Alcabideche, Cascaes, Cintra, Bellas, Rio de Mouro, etc.

É esta solemnidade religiosa feita com grande magnificencia, com musica vocal e instrumental; procissão, com muitos andores, e grande acompanhamento de irmãos; grande quantidade de fogo preso e do ar, e todas as mais demonstrações de regosijo publico.

Por essa occasião se faz tambem aqui uma grande feira; uma das melhores em gado bovino e suino, dos arredores de Lisboa. Denomina-se *feira das Mercês.*

MERD... EM BOCCA—ou *lixo em bôcca*—metter escremento humano na bôcca de qualquer, ou esfregal-a com elle, era uma das mais atrozes injurias que se podia fazer, e, por isso, punida com o maior rigor. Cinco eram os crimes principaes dos antigos portuguezes, que os foraes e leis castigavam mais severamente—*homicidio; furto; rapto;* ou *violação de mulher* (*rouso*), *arrombamento de portas, com mão armada; e esterco humano, mettido na bôcca de alguem, ou mesmo a simples ameaça, por palavra, de que lhe fariam esta injuria.*

Innumeraveis são os foraes que impõem graves penas a este crime, a que por indigno e immundo, alguns chamavam nefando.

Os termos de que em regra se servem os foraes para designar este crime, é—*stercus in ore; merd... in bucca;* e *lixo en bôca.*

No foral de Thomar, de 1174, traduzido no seculo XIV, se lê—*Se alguem* (cometter?) *rousso, ou omesyo, ou romper casa con armas, ou con feridas, ou quebrantar portas, ou entrar casa no couto da villa—peyte quinhentos soldos. Se alguem* (cometter?) *rousso ou omisyo, fora da villa fezer, LX soldos, peyte.*

Mando, que cada huum filhe ssa molher, que aia recabedada, ou filha sua, que ainda non foi casada, hu quer que a achar, sen coomha. E o filho, que seu padre ten en ssa casa por seu mancebo, filhe-o, hu quer que o achar (tirado que non brite sobrele portas, ou fyra alguem) sen coomha. Por merd... en boca metuda, en qualquer lugar, que o faça—peyte LX ff.—Se alguem ferir con armas muudas, de seu grado, e per ira, no couto da villa—

peyte LX ff.—e se for fora da villa, peyte XXX ff. (Doc. de Thomar.)

No foral que o mosteiro de Lorvão deu á sua villa d'Abiúl, em 1175, lê-se—*Non site inter vos calumnia, nisi rausum, et homicidium, et stercus in ore, et casa disrupta cum armis, aut cum feridas, aut fregerit portas, et intraverit domum per vin (in cauto villa D solidos pectet) et furtum. Omnes istas calumnias sint pectadas per forum terpæ Palumbaris.*

Porem no foral que a Abiul tinham dado Diogo Peaiz e sua mulher, D. Eximena, em 1167, se diz que por todas as coimas pequenas se paguem sinco soldos; mas pelas grandes, que são—QUI FURTO, RAUSO, *homicidio, merd.... in bucca, et casa derupta in cauto intus in villa, sicut est Foro de terra, LX sol. pectent.* (Doc. de Lorvão.)

Finalmente, para não cançar o leitor, direi que na maior parte dos foraes se falla no crime de *lixo em bôcca*, sempre como um dos mais graves.

O rei D. Diniz, impoz a pena de morte para este crime, e esta lei se compilou ainda nas *Ordenações Alfonsinas.* (Livro 5.º, tit. 32, § 1.º)

MERELIM—freguezia, Minho, concelho, comarca, arcebispado, districto e 3 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 230 fogos. Em 1757 tinha 87 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

O reitor de S. Payo de Merelim, apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis de rendimento. É terra muito fertil.

Houve aqui, em tempos remotos, um mosteiro de monges benedictinos, que se annexou ao de Tibães, que fica a 4 kilometros de distancia.

MERELIM DA PONTE—freguezia, Minho, concelho, comarca, arcebispado, districto e 6 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 200 fogos. Em 1757 tinha 151 fogos.

Orago S. Payo. É terra muito fertil.

O parocho era reitor, por concurso synodal, e tinha 150$000 réis de rendimento.

Em fevereiro de 1874, falleceu em S. Domingos de Nitterohy, (Brasil) o commendador, José Narciso de Sousa Correia, natural d'esta freguezia. Deixou á egreja d'ella oito contos de réis de moeda brasileira.

MERENDA—portuguez antigo—certo fôro que alguns caseiros pagavam aos senhorios, quando aquelles entravam para os prasos—isto álem do *chavadégo* (luvas, molhadura, agradecimento.) *Esto vos ffazemos por hua maraam, e hua ffogaça, e hua quabaça de vinho de merenda, e dar chavadégc, e revora aos ffrades.* (Doc. de Paço de Sousa, de 1418.

MERENDAL—portuguez antigo—certo pano grosseiro. (Doc. da Alpendurada, de 1277.) Tambem era a merenda que o caseiro pagava ao senhorio, ou ao seu mordomo, quando hiam ao praso.—Na maior parte dos prasos, *merendal* era metade de um *bragal*, ou 3 varas e meia. *E huum merendal, que som tres varas e mea de bragal.* (Doc. da Alpendurada, de 1432.

MÉRIDA—cidade capital da Lusitania por muitos seculos, e quando a Extremadura hespanhola formava parte do nosso reino.

Como tenho fallado tantas vezes n'esta cidade e tenho ainda de fallar, parece-me bem fazer aqui d'ella mensão especial.

Foi Mérida uma cidade importantissima no tempo dos romanos, no dos gôdos e alanos, e no dos arabes; e posto tenha perdido grande parte da sua antiga importancia, ainda é célebre pela sua antiguidade e pelas suas tradições.

O bispado de Mérida, era um dos maiores da Peninsula, pois abrangia parte da Extremadura hespanhola, da nossa actual Beira Baixa, os dois bispados de Coimbra e Aveiro, e grande parte do actual bispado do Porto, pois que a diocese de Mérida chegava até á margem esquerda do rio Douro, que a dividia do arcebispado de Braga.

A fundação d'esta cidade remonta aos tempos obscuros da antiguidade; mas as suas magnificencias, esplendores e importancia, deve-a aos romanos, que a fizeram capital da então vasta região da Lusitania.

Em 418, os alanos romperam uma nova guerra contra os vandalos e selingos, emquanto os romanos, colligados com os godos, faziam por sustentar o dominio do imperio nas Hespanhas. Junto a Merida houve uma sanguinolenta batalha, na qual Ataces (vide Coimbra) perdeu a vida, e os restos

das suas tropas fugiram para o Alto-Minho e Galliza.

Hermenerico (ou Hunerico) o primeiro rei dos suevos, o mais illustrado chefe das raças do norte que tinham invadido as Hespanhas, e um grande politico e bravo guerreiro, vendo a anarchia que dominava no territorio que havia sido do imperio romano, e conhecendo o patriotismo e a bravura dos lusitanos, os admittiu a todos os empregos e honras da sua côrte, entregando-lhes o commando de tropas, deixando-lhes o publico e livre exercicio da religião catholica (o rei era ariano) de modo que os suevos e lusitanos se confundiram, formando uma só nação.

Gunderico, rei dos vandalos, querendo apossar-se da Lusitania, e da Andaluzia, rompeu a guerra contra Hermenerico; mas foi derrotado, tendo de fugir para as ilhas Baleares. Ainda voltou depois; mas foi derrotado e morto junto á Sevilha.

Os romanos não queriam ainda largar a presa, e o imperador Valentiniano III, que tinha succedido a Honorio, mandou (em 427) um exercito contra a Lusitania, sob o commando de Sebastião, que reconquistou Merida e Lisboa; mas, arrastado pela ambição de reinar, se fez acclamar rei; porém o povo lhe tirou a vida.

Hermenerico, atacado de uma molestia chronica (435) entregou a Lusitania a seu filho Rechila, que em 440, derrota o general romano Andelabo (ou *Andevoto*, como lhe chama Argote) em Xenil — e em seguida, resgata Merida, e conquista toda a Andaluzia.

Morreu este monarcha valoroso, em Merida, na flor da edade, em 450.

Tinha conquistado aos romanos, além da Andaluzia, as duas provincias, de Carthagena e Carpetania; mas alliando-se com os romanos, lhe cedeu estas para poder em paz conservar o resto.

A sua côrte foi sempre em Merida.

Succedeu-lhe seu filho Reccario (que era catholico) o qual quebrou as pazes com os romanos, invadindo as suas terras e as dos godos, d'onde levou grandes despojos para a Galliza.

Theodorico, rei dos godos, então alliado dos romanos, entrou com um formidavel exercito na Hespanha, invadiu a Galliza, e nas margens do rio Orbego (a 3 leguas de Astorga) se encontrou com o exercito suevo, que derrotou, fugindo Reciario, ferido, para a cidade do Porto; onde foi preso e conduzido a Braga, conquistada havia pouco por Theodorico, que d'ella tinha feito a sua côrte. Alli, o rei godo o manda degolar, com alguns dos seus, em dezembro de 458 (ou 456, segundo diz o sr. Carreira de Mello.)

Não é meu proposito fazer aqui um resumo da antiga historia da Lusitania, e só mencionar os factos mais notaveis, com referencia a Merida.

Vencidos os suevos pelos godos, occupava o throno d'estes, em 459, Agila, que sendo desbaratado pelos cordovezes, se retirou para Merida. Reforçando aqui as suas tropas, marchou contra Atanagildo (que em Sevilha tinha tomado o titulo de rei de Hespanha, auxiliado pelas tropas romanas do imperador Justiniano.)

Teve logar a primeira batalha junto a Sevilha, sendo n'esta e nas seguintes, sempre vencido Agila, que retirando para Merida, alli foi assassinado pelos seus proprios vassallos em 560.

Foi Merida a capital da Lusitania até ao reinado de D. Rodrigo, ultimo rei dos godos, que ainda para aqui fugiu depois da fatal derrota de Guadalete. D'alli, recolhendo-se ao mosteiro de Cauliniana, se descobriu ao abbade Romano, e juntos fugiram para as costas da Lusitania; parece que para a Nazareth, ou para a villa da Pederneira. Consta que foi morrer na freguezia de Santa Margarida do Feital, junto a Viseu. (Vide *Feital*, a pag. 161 do 3.º vol.—*Nazareth*, *Pederneira* e *Viseu*.)

Desde então, deixou Merida de ser capital da Lusitania; porém o seu bispado, ainda por alguns seculos chegou até ao Douro. (Vide *Coimbra* e *Grijó*.)

Quando os arabes entraram em Merida, em 714, consta que acharam aqui um cantaro, feito de uma perola, que um rei suevo tiha trazido da Germania, e que tinha pertencido ao templo de Jerusalem, e fôra d'alli roubado por Nabucodonozor, quando des-

truiu a cidade santa. Foi depois levado este cantaro a Damasco, por Solimão, d'onde havia sido roubado pelos suevos.

Foi Merida a patria de muitos varões célebres pelos seus talentos e virtudes. Mencionarei os principaes de que tenho noticia.

S. Renovato, bispo de Merida, monge de S. Bento, no mosteiro de Cauliana, que então era um seminario de varões sabios e santos, e de prelados insignes.

Falleceu em 8 de janeiro de 633. Foi sepultado junto ao altar de Santa Eulalia, virgem.

S. Fiel, bispo de Merida. Falleceu a 7 de fevereiro de 570. Abraçou e seguiu os dictames da mais alta perfeição e soube desempenhar, por modo singularissimo, as obrigações do seu nome.

S. Romano, monge benedictino, no mosteiro de Cauliana, natural de Merida, e abbade do mesmo convento, quando a Lusitania foi invadida pelos arabes, em 714. Já disse que fugiu de Merida com D. Rodrigo, trazendo comsigo a antiquissima e devota imagem de Nossa Senhora da Nazareth, e muitas reliquias de santos. Nas praias da Nazareth viveu o santo monge, em uma cova (ou caverna) em continuas orações e em perenne exercicio de penitencia. Falleceu a 23 de março de 716.

S. Daciano, insigne poeta, philosopho e jurisconsulto. Nasceu n'esta cidade; foi residir em Roma, onde foi muito estimado pelos seus grandes talentos e egregias virtudes. O famoso *Marcial* o tomou em varios sitios dos seus *Epigrammas*, e o colloca entre os varões mais insignes do seu tempo. O papa Evaristo, que governou a egreja de Deus, desde 110, até 119, o converteu ao christianismo, e o novo confessor foi um dos mais fervorosos catholicos d'aquelle seculo; sendo martyrisado pelos romanos, em 4 de junho do anno 120, imperando Adriano.

Santo Innocencio, bispo de Merida. Foi um varão virtuosissimo. Falleceu a 21 de junho de 612.

S. Victor, soldado, *S. Stercacio* e *Santo Antinógenes*, irmãos, fervorosissimos christãos, naturaes d'esta cidade, n'ella padeceram martyrio, no meio dos mais atrozes tormentos, por ordem do feroz Diocleciano, sendo seu legado na Lusitania o saguinario Daciano. Teve logar a sua gloriosa morte, no dia 24 de julho, do anno 300.

Foi esta a ultima perseguição que soffreram os christãos do vasto imperio romano; porque sendo imperador o grande Constantino, filho de Santa Helena, que o havia convertido ao christianismo, poude a religião de Jesus Christo ser professada publicamente em todo o imperio.

Santa Sabina e *Santa Fé*, irmans, naturaes d'esta cidade, foram martyrisadas n'ella, por ordem do cruel Daciano, legado do não menos cruel Diocleciano, no dia 6 de outubro, do anno 300. Soffreram com a maior resignação os mais barbaros tormentos, até expirarem no meio d'elles, invocando sempre o nome do Senhor.

S. Mausona, bispo e natural de Merida; foi um varão famoso em lettras e virtudes, e um prelado exemplarissimo. Foi perseguido pelos arianos, que por varias vezes o quizeram assassinar. Foi por elles expulso da sua egreja; mas por fim a ella restituido. Depois de haver presidido a dois concilios toledanos, falleceu no 1.º de novembro de 606.

Idacio Claro, bispo de Merida, mencionado por Santo Isidoro nos seus *Claros Varões*. Foi um prelado sabio e virtuoso. Escreveu um livro contra a seita dos prescilianos. Falleceu em 5 de novembro de 375.

Santa Lucrecia, virgem, natural d'esta cidade, e aqui martyrisada por Daciano, no dia 23 de novembro do anno 300. Tinha apenas 12 annos quando os romanos a martyrisaram.

S. Servando e *S. Germano*, naturaes d'esta cidade, eram de nobre geração. Seguiram muitos annos a vida militar, até que foram martyrisados com cruelissimos tormentos, e depois degolados, no mesmo dia e anno em que foi martyrisada Santa Lucrecia.

Santo Hermógenes e *S. Donato*, foram martyrisados (por ordem do malvado Daciano)

com mais 23 companheiros, n'esta cidade, no dia 12 de dezembro de 300.

Santa Eulalia, virgem—padroeira de Merida, e d'aqui natural, de uma familia das principaes da cidade. Seus paes, vendo que em tão tenros annos (tinha apenas 12) se queria votar ao martyrio pela fé de Jesus Christo, a levaram para uma propriedade sua, longe da cidade; mas ella alli soube dos grandes tormentos que os romanos faziam soffrer aos christãos, e poude fugir. Dirigiu-se á cidade, e á casa do consul romano, ao qual lançou em rosto a sua cobarde tyrannia, contra homens indefesos e obedientes ao imperio e cujo unico crime era adorar o Deus verdadeiro. Assombrado o tyranno, de tanta formosura, e tão grande discrição em tão verdes annos, a pretendeu seduzir com caricias, para que ella deixasse a religião de Jesus Christo; porém a santa menina lhe respondeu com o maior despreso. Então o monstro lhe mandou infligir os mais incomportaveis tormentos. Foi primeiro despida e açoutada, e moida com páos. Depois lhe untaram o corpo com azeite e a metteram em uma fogueira: enterraram-a em *cal virgem*, onde se lançou muita agua; collocaram-a sobre um leito de ferro, lançando-lhe muitas caldeiras de chumbo derretido: d'alli a tiraram, para de novo a açoutarem. Foi arrastada, e seu corpo coberto de laminas de ferro em brasa. No meio de tão crueis tormentos, não deixava a santa menina de dar louvores a Jesus Christo e á Santissima Virgem, com o rosto alegre, e como insensivel ás cruciantes dores que a faziam soffrer. Então, desesperado o tyranno, a mandou crucificar em uma cruz, fóra da cidade, e cercada de fogo, rendeu a alma ao Creador. Segundo a lenda, na hora do seu passamento, se viu a sua alma voar para o ceu, em figura de candida pomba.

Querendo o malvado consul que a santa estivesse tres dias exposta na cruz, cahiu tão grande camada de neve sobre ella, que lhe ficou servindo de casto véo, até que os christãos lhe deram sepultura.

O excellente poeta hespanhol, Prudencio, escreveu a vida de Santa Eulalia, e o seu martyrio em elegantes versos latinos.

Teve logar o passamento glorioso d'esta famosa martyr, no dia 10 de dezembro do anno 300.

MERIDIANO—é um circulo movel, que passando pelos dois pólos do mundo, e o ponto vertical de cada localidade, corta o equador em angulos rectos, e divide a terra em duas partes eguaes (emispherios)—oriental e occidental.

Esta palavra vem do latim *meridies*; porque, quando o sol chega a este circulo, é meio dia para todos os paizes que estão debaixo d'elle.

Póde haver um grande numero de circulos meridianos, assim como são muitos e differentes, os pontos verticaes; porém os geographos os reduziram a 360, e d'estes se apontam sómente 36, nos *globos*, na distancia de 10 gráus entre elles. Mas estes meridianos não dão circulos inteiros, porém semicirculos, e assim, não passam de 180; porque o 1.º meridiano e 180, fazem um circulo inteiro.

Nos globos (para estudo), ha dois meridianos principaes—o *grande meridiano* e o a que se dá o nome de *1.º meridiano*.

O *grande meridiano*, é o circulo de metal, que rodeia o globo do Norte a Sul, e serve para contar os gráus de latitude, ou elevação do pólo.

O *1.º meridiano*, é o 1.º circulo dos 360, ou dos 36, em que commumente se dividem os meridianos. Estes servem principalmente, para contar os gráus de longitude, hindo do poente para o nascente; álem de contar tambem os gráus de latitude.

Ha muita variedade no assento d'este *1.º meridiano*, por onde se começam a contar as longitudes.

Os portuguezes o assentaram ha muitos annos na ilha do *Côrvo* (Açôres) mas depois se veio a collocar na ilha do *Ferro*, a mais occidental das Canarias.

Os francezes e hollandezes, estabeleceram o seu meridiano no pico de *Teneriff*, tambem nas Canarias.[1]

[1] As *Ilhas Canarias* (a que os antigos chamavam *Afortunadas*, ou *Fortunatas*), são no Occeano Atlantico, ao O. da Africa, em frente do reino de *Sur*. São nove as principaes, das

Quando a meridiana de Lisboa marca meio dia, nas outras cidades do reino e ilhas, e nas possessões do ultramar se contarão aproximadamente as horas que lhe que lhe vão designadas:

No continente

	Hor.	Min.	Seg.	
Lisboa	11	—	—	M.
Setubal	—	1	—	T.
Vianna	—	1	2	»
Leiria	—	1	16	»
Santarem	—	1	49	»
Aveiro	—	1	50	»
Porto	—	1	56	»
Lagos	—	1	56	»
Braga	—	2	42	»
Coimbra	—	2	46	»
Thomar	—	2	50	»
Silves	—	2	52	»
Guimarães	—	3	13	»
Penafiel	—	3	15	»
Viseu	—	4	48	»
Faro	—	4	52	»
Evora	—	4	57	»
Beja	—	5	8	»
Lamego	—	5	10	»
Tavira	—	6	2	»
Covilhan	—	6	26	»
Castello Branco	—	6	30	»
Portalegre	—	6	48	»
Guarda	—	7	23	»
Elvas	—	7	53	»
Pinhel	—	8	12	»
Bragança	—	9	23	»
Miranda	—	11	18	»
Cabo da Roca	11	58	31	M.

Açores

	Hor.	Min.	Seg.	
Ponta Delgada	10	52	50	»
Angra	10	51	—	»
Horta	10	44	—	»

Madeira

	Hor.	Min.	Seg.	
Funchal	11	30	—	»

Cabo Verde

	Hor.	Min.	Seg.	
Ilha de Santo Antão	10	57	32	»
Ribeira Grande	11	4	40	»
Praia	11	5	—	»
Ilha da Boa Vista	11	9	48	»

Guiné

	Hor.	Min.	Seg.	
Cabo Roxo	11	29	28	»
Bissau	11	34	16	»
Géba	11	40	56	»

Costa da Mina

	Hor.	Min.	Seg.	
Ajudá	—	—	48	T.

Golpho de Guiné

	Hor.	Min.	Seg.	
S. Thomé	1	2	—	»
Principe	1	7	—	»

Angola e Benguella

	Hor.	Min.	Seg.	
Loanda	1	28	40	»
Benguella	1	30	—	»
Cassange	2	22	—	»

Moçambique

	Hor.	Min.	Seg.	
Chicôva	2	25	—	»
Lourenço Marques	2	47	—	»
Sofala	2	54	—	»
Moçambique	3	20	—	»

quaes a que está mais perto de terra, dista 40 leguas d'ella. Quatro são as maiores—a *Canária* (que dá o nome ás outras)—*Teneriffe*, que é a mais vasta, e cuj opico é um dos mais altos do mundo—*Ferro*, que é a mais occidental—e *Palma*.

Foram descobertas por João Bettancourt, fidalgo normando, que conquistou duas d'ellas, em 1417.

São fertilissimas e pertencem á Hespanha. Segundo muitos geographos e geologos, as Canarias, os Açôres, a Madeira, Porto Santo e até a propria America, são restos da grande ilha *Atlantida*, tão famosa para os antigos, e cujas partes menos elevadas, foram inundadas pelas irrupções do Mar Negro, que, abrindo passagem por entre a Europa e a Africa, uniu o Mediterraneo; separou a Africa da Peninsula Iberica, e uniu o Occeano. (Vide *Carteia*, pag. 132 do 2.º vol.)

India

	Hor.	Min.	Seg.	
Diu	5	16	—	»
Damão	5	24	—	»
Gôa	5	31	40	»

China

Macau	8	11	44	»

Occeania

Dilly	8	55	—	»

MERINDADE—portuguez antigo—era o districto comprehendido na jurisdicção de um meirinho-mór. Esta palavra era mais usada pelos castelhanos; nós diziamos quasi sempre *meirinhado*, que vem a ser o mesmo.

MÉRO E MIXTO IMPERIO—portuguez antigo—Era senhor de méro e mixto imperio o fidalgo que tinha em qualquer territorio poderes eguaes ao soberano. Os hespanhoes lhes chamavam *señores de soga e cuchillo*, e nós, *senhor de baraço e cutello.*

Dizia-se *todo o alto e baixo imperio.*

O *méro* ou *alto imperio* era o poder ou jurisdicção alta e suprema, para obrar tudo o que fosse a beneficio da republica, e sem particular interesse do imperante; particularmente no crime, em que decidia sobre a vida ou membros dos vassallos; desterro ou confiscação de todos os bens, e, por isso se chamava *senhor de cutelto.* É verdade que não podia exhorbitar das leis estabelecidas na sua jurisdicção ou comarca.

O *imperio mixto* ou *baixo*, a que tambem se dava o nome de *jurisdicção media* era um poder que se não estendia á pena de sangue, e que ordinariamente só intervinha nas causas civis, sob a sujeição ao senhor do méro e mixto imperio. Este recebia certos ordenados por administrar justiça ás partes.

Muitos d'estes senhores, que quasi todos abusavam do seu poder illimitado, houve na Hespanha; e bastantes exemplos temos da sua existencia em Portugal.

D. Ansur Godsteiz (1) era senhor de baraço e cutello, em 943, da cidade de *Aregia.* (Vide *Arêja*, a pag. 238, I do 1.º vol.) Em 989 era a villa d'Arouca sujeita a esta cidade d'*Aregia* hoje uma aldeia insignificantissima da freguezia da Lomba, sobre a margem esquerda do Douro, em frente da freguezia de Melres.

Prova-se o poder de D. Ansur Godsteiz, pelo que fica referido a pag. 506, col. 2.ª do 4.º volume, na freguezia de Luzim, com respeito ao padre Adulfo.

No *Livro das Doações*, do mosteiro de Paço de Sousa, a fl. 32, se via como meirinho do conde do Porto, um tal *Affonso Spasandiz*, o qual fez prender um moço, que tinha furtado umas ovelhas, e por isso lhe queria arrancar os olhos, e que seu pae as pagasse. Por intercessão dos monges do mosteiro foi solto e livre, depois de pagar a *mão-posta* (a prisão) e carceragem.

Já se vê que, não só os senhores de baraço e cutello tinham poderes illimitados sobre a vida e os bens dos seus vassallos, mas até mesmo os seus meirinhos ou delegados.

D. Monio (ou Moninho) Viegas, era senhor de baraço e cutello na *cidade* de Bemviver, em 1068. Uma mulher de Gestaçô, chamada Bona, tinha um filho, por nome Diogo, que tinha commettido um estupro em casa dos donatarios; praticado muitos roubos e feito grandes *malfeitorias*, pelo que estava preso na cadeia da *cidade* de Bemviver, e para ser punido com a pena capital, por sentença de D. Monio. A mãe do culpado, deu ao senhor a sua herdade de Gestaçô, e elle revogou a sentença.

Bastos exemplos nos fornece a historia, d'estes senhores; e não eram só os seculares, tambem alguns prelados e abbades eram senhores de méro e mixto imperio. A espada que se vê esculpida nos tumulos de alguns bispos e abbades, indica que elles eram simultaneamente, prelados, alcaides-móres,

(1) Este D. Ansur, e sua mulher D. Eujeuva fundaram o mosteiro de Arouca, em 951, declarando que esta villa fazia parte do territorio do Porto. (Vide *Arouca* e *Villa Mean do Burgo.*)

fronteiros, capitães-móres, e senhores de baraço e cutello.

O tempo mostrou aos nossos reis, que o direito de vida e morte dos seus vassallos, só a elles devia pertencer.

Foram, pois, os soberanos coarctando estas jurisdicções, reduzindo-as a mais estreitos limites.

Em 6 de fevereiro de 1386, estando D. João I no *arraial de sobre Chaves*, fez doação a João Rodrigues Pereira, seu vassallo, de Baltar e Paços, e logo a 8 do mesmo mez e anno, lhe deu o julgado de Penafiel, tudo de *juro e herdade*, com toda a jurisdicção civel e crime, méro e mixto imperio—reservando, porém, a correição e alçada.

D. João II, dando um grande e profundo golpe nos absurdos e amplissimos poderes dos grandes, acabou em grande parte com o *poder de baraço e cutello*, e os seus successores foram pouco e pouco acabando com este despotismo aristocratico.

O marquez de Pombal lhe deu o ultimo golpe, e desde então os senhores de méro é mixto imperio, ou de baraço e cutello, ficaram pertencendo á historia!

MÉRTOLA — villa, Alemtejo, cabeça do concelho do seu nome, na comarca de Almodovar. 65 kilometros a E. do Oceano, 54 ao S. de Beja, 120 ao O. de Evora, 180 ao S. de Lisboa, 850 fogos.

Em 1757 tinha 619 fogos.

Orago Nossa Senhora da Annunciação (vulgarmente Nossa Senhora de Entre Vinhas.)

Bispado é districto administrativo de Beja.

O tribunal da mesa da consciencia e ordens apresentava o prior, que tinha 210 alqueires de trigo, 120 de cevada e 24$000 réis em dinheiro.

Tem cinco ermidas, e teve um mosteiro, da ordem militar de S. Thiago.

O concelho de Mértola é composto das 9 freguezias seguintes — Alcaria-Ruiva, Caldeireiros, Cambas, Carros, Côrte do Pinto, Espirito Santo, Mértola, S. Miguel do Pinheiro e Via-Gloria. Todas no bispado de Beja, e com 3:250 fogos.

Tem estação telegraphica.

Tem duas feiras annuaes, uma a 13 de junho (denominada *feira de Santo Antonio*), e outra a 21 de setembro, a que chamam *feira de S. Matheus*.

Está a villa situada no alto e na encosta meridional do monte do seu nome, sobre a margem direita do Guadiana, que d'aqui é navegavel até ao mar; estando a villa em communicação fluvial com o Pomarão, Alcoutim, Castro Marim e Villa Real de Santo Antonio, além de outras muitas povoações pequenas, e com a bonita cidade de Ayamonte na Andaluzia (hespanhola) que fica na margem esquerda, em frente de Castro-Marim e Villa Real, proximo da foz do rio.

Pelo S. da villa, passa o pequeno, mas fundo rio *Oeiras*.

Tem Misericordia e hospital. Tinha voto em côrtes com assento no banco 18.º

O seu territorio é bastante fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz, e cria muito gado de toda a qualidade, que exporta. Seus montes são abundantes de caça grossa e miuda.

É abundante de optimo peixe de agua doce, que lhe fornece o Guadiana, e do alto mar, que lhe vem pelo rio. (Os *sôlhos* do Guadiana são optimos, e pescam-se em abundancia.)

Mértola é uma das mais antigas povoações da Lusitania, e segundo a maior parte dos nossos historiadores e archeologos, foi fundada pelos phenicios da cidade de Tyro (1) e seu territorio, que tinham fugido da sua patria, quando esta foi invadida por

(1) Tyro foi uma cidade e um porto célebre na Phenicia, famosa pela illustração dos seus habitantes (os nautas mais audazes da antiguidade) pela vastidão do seu commercio, e pela finura da sua púrpura. Cahiu em poder dos macedonios, no anno do mundo 3686 (318 antes de Jesus Christo) e depois, no dos romanos. Adoptado o christianismo nos dois imperios (Oriental e Occidental) foi Tyro a séde de um vasto arcebispado catholico. No principio do seculo VIII cahiu em poder dos turcos. Hoje é uma villa da Turquia Asiatica, na Suria, e tem o nome de *Sour*. Fica entre Sidonia e Ptolemaida. Está actualmente reduzida a um castello, com umas 20 casas em redor.

Alexandre Magno, rei de Macedonia (1) 318 annos antes do nascimento de Jesus Christo.

Os phenicios deram a esta cidade o nome de *Myrtilis*, que dizem significar *Nova-Tyro*. (Que depois se corrompeu em *Mértola*.)

Não é inverosimil que os phenicios edificassem esta cidade. Eram elles um povo eminentemente emprehendedor, commercial e muito adiantado na sciencia nautica.

Em uma época em que as viagens por mar só se faziam *terra a terra*, pela carencia de instrumentos mathematicos e mappas hydrographicos, elles percorriam todas as ilhas do archipelago jonico, todas as costas do Mediterraneo e rios que n'elle desaguam. Foram os primeiros depois dos gregos, que transpuzeram as temerosas *columnas d'Hercules* (*Calpe* e *Abila*), hoje estreito de Gibraltar; fundaram na Africa a cidade de Carthago, e na costa de Hespanha a cidade de Carthagena, e algumas povoações do nosso litoral lhe devem a sua origem.

E não só as nossas costas foram exploradas por este povo industrioso, senão tambem alguns dos nossos rios, principalmente o Guadiana, o Sado e o Tejo; e, onde lhes convinha, fundavam pequenas colonias, onde armazenavam, para o seu commercio, os productos das nossas minas de ouro, prata, cobre, e chumbo, os generos agricolas, a gran de carrasco, o sumagre, e o mais que lhe offerecia vantagens nas suas compras e vendas.

É pois muito provavel que esta povoação tivesse principio em alguma colonia ou *feitoria* phenicia, que o commercio e a navegação fizeram prosperar rapidamente; pois quando os romanos invadiram pela primeira vez a Lusitania, já acharam *Myrtilis* uma povoação florescente, e digna de lhe ser concedida a honra e o privilegio de cidade municipal do antigo direito latino.

Desde o tempo do imperador Julio Cesar (44 annos antes de Jesus Christo), tomou esta cidade o titulo de *Myrtilis Julia*, ou imposto por aquelle imperador, ou pela gratidão do povo.

Julio Cesar veiu á primeira vez á Lusitania, por questor (ou prefeito), de Tuberon, no anno 63 antes de Jesus Christo, praticando as maiores crueldades contra os seus habitantes e povoações; mas quando veiu, já como imperador, tinha-se o lobo transformado, para os lusitanos, em cordeiro; derramando por toda a parte honras e liberalidades. Ajustou em Beja a paz com os lusitanos, e deu a esta cidade o titulo de *Paz-Julia*; deu a Evora o direito de municipio do antigo Lacio, e o titulo de *Liberalitas-*

(1) Alexandre Magno (ou o *Grande*) era filho de Philippe, rei de Macedonia e de Olympias.

Nasceu em Pella, 356 annos antes de Jesus Christo.

Succedendo a seu pae, quando apenas contava 20 annos, conquistou logo a Thracia e a Illyria, e destruiu a famosa cidade de Thebas. Declarou depois guerra aos persas, e subjugou em pouco tempo a Lydia, a Jonia, Caria, Pamphilia e Capadocia. Desbaratou o exercito de Dario, perto do Issa.

Depois de conquistar muitas provincias da Persia, e a cidade e territorio de Tyro, marchou contra os judeus; mas, mostrando-lhe o summo pontifice, Jado, as prophecias de Daniel, que lhe prediziam as suas conquistas, obteve d'elle quanto quiz.

Dario poude reunir ainda um poderoso exercito; porém Alexandre o derrotou na famosa batalha d'*Arbella*, que lhe deu a possessão de toda a Persia.

Passou depois ao Egypto, e alli fundou a cidade de Alexandria.

Finalmente, depois de ter subjugado toda a Asia, até ás Indias, pela derrota de Póro, morreu na cidade de Babylonia (na Assiria) na edade de 32 annos, 330 antes de Jesus Christo.

Dizia-se filho de Jupiter, e foi um dos maiores guerreiros da antiguidade, e um sagaz politico; mas tinha dois grandes defeitos—era muito arrebatado nos seus accessos de cólera, e dado aos prazeres da mesa, embriagando-se com frequencia. Em uma das suas orgias, matou ás punhaladas, Clito, o seu mais amado e mais fiel valido. Foi discipulo de Aristoteles, que honrou toda a vida. Honrou os sabios e trazia sempre comsigo a *Iliada* de Homéro. Só consentiu a Praxiteles que o esculpisse, a Apélles que o retratasse, e a Lysippo que lhe fundisse a estatua em bronze.

Julia. Outras povoações em honra a Cesar tomaram *Julia* por sobre-nome.

Os lusitanos, gratos aos beneficios d'este imperador, lhe dedicaram templos, como a um Deus, e lhe levantaram padrões e estatuas, em Mértola, Evora, Santarem, Lisboa e outras cidades.

O muito que os escriptores antigos fallam de Mértola, prova a sua grande importancia n'aquelles tempos; e os muitos vestigios que se têem aqui encontrado, são d'isso um testemunho incontestavel.

—

A invasão dos barbaros do Norte, no principio do seculo V,[1] e a dos arabes, no principio do VIII, foi fatal a toda a Peninsula Iberica, e Mértola soffreu, como as outras povoações da Lusitania, os saques, as devastações e o incendio dos seus edificios, e a morte, ou dispersão de seus habitantes; reduzindo esta florescente cidade a um montão de ruinas, ensanguentadas e fumegantes.

Os arabes, passados os primeiros impulsos do seu odio contra os christãos, trataram de reconstruir a antiga Myrtilis, não com a vastidão e magnificencia da nobre cidade romana; mas ainda ficou sendo uma povoação de bastante importancia, pela sua optima situação topographica.

As guerras que desde os fins do VIII seculo, até ao XIII, tiveram logar entre os mouros e christãos, tambem causaram graves ruinas a esta povoação, que já não merecia o nome de cidade.

D. Sancho II (segundo alguns) a conquistou aos mouros em 1239, e não tornou a perder-se. Outros dizem, que foi o mestre de S. Thiago, D. Payo Peres Correia, em 1242, o que me parece mais provavel, a não ser que os mouros a tivessem reconquistado depois de 1439, e que D. Payo, depois a recuperasse; mas os habitantes de Mértola (foram os arabes que lhe corromperam o seu antigo nome, chamando-lhe *Mirtolah*), se defenderam com bravura, pois que quasi todos foram mortos pelas espadas e lanças dos portuguezes, e seus edificios ficaram em grande parte arruinados.

[1] Foi Rechila, rei dos suevos (filho de Hermenerico, seu 1.º rei), que tomou aos romanos a cidade de Myrtilis, em 435. Depois conquistou a Andaluzia e a provincia carthaginense. (A cidade de Carthagena e o seu territorio.) Vide *Merida*.

O rei a mandou povoar por christãos, dando lhe foral, com o titulo de villa, e doando-a, no mesmo anno de 1239, á ordem militar de S. Thiago, cujos cavalleiros muito concorreram para a sua conquista[1].

Impoz D. Sancho aos cavalleiros de S. Thiago a condição de a fortificarem e defenderem dos mouros, que no Algarve e Andaluzia, paizes limitrophes, conservavam grandes e poderosos estados[2].

—

Pouco cresceu a população da villa, até que D. Affonso III, expulsou para sempre do Algarve, em 1250, os mouros; ficando senhor unico de Portugal, com os limites que hoje tem.

Consta que D. Diniz tambem deu foral a Mértola, confirmando-lhe os seus antigos privilegios, em 1287; mas Franklim tambem não faz mensão d'este foral.

D. Manuel, lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de julho de 1512. (*Livro de foraes novos do Alemtejo*, fl. 44, col. 2.ª)

As armas de Mértola, são—em campo de prata, um cavalleiro de S. Thiago a cavallo, armado de escudo e espada, em acção de atacar. Na parte superior, juntos, a um canto do escudo, dois martellos.

—

Está a villa em uma posição de facil defeza, que os cavalleiros de S. Thiago, aproveitaram convenientemente, fortificando-a, com castello e muralhas.

Os arredores da villa são bonitos e apra-

[1] Dizem outros escriptores que o seu 1.º foral, lhe foi dado pelo mestre de S. Thiago, o que póde muito bem ser; visto que Franklim, o não menciona.

[2] A primeira séde da ordem de S. Thiago, foi no mosteiro de Santos-o-Velho, de Lisboa: depois, mudou para Mértola, e d'aqui para Alcacer do Sal, e d'aqui para Palmella, em 1443. (Vide *Lisboa* e *Palmella*.)

siveis, e o Guadiana e o Oeiras os tornam ferteis.

O seu termo, que se estende até ás serras do Caldeirão, Agra e Santo Varão, é tambem dos mais ferteis do Alemtejo; sobre tudo, em cereaes, legumes, fructas, vinho, cêra, mel, gado e caça.

Tanto no terreno occupado pela povoação, como nas suas immediações, teem-se encontrado, em differentes épocas, muitos objectos antiquissimos, sendo alguns de grande apreço artistico, como estatuas, vasos, columnas, cippos, etc.

Tambem ainda ha vestigios de uma ponte que os romanos aqui construiram sobre o Guadiana. Suppõe-se que, ou foi destruida pelos barbaros do norte, ou no seculo XIII, pelos portuguezes, para estarem mais a coberto das invasões repentinas dos mouros do sul do Guadiana. Isto porém não passa de conjecturas.

—

D. frei Amador Arraes, bispo de Portalegre, e um dos nossos mais curiosos investigadores de antiguidades, diz que—entre as estatuas de marmore que foram achadas quando se andavam a abrir os alicerces da Misericordia, havia uma de mulher, primorosamente lavrada. Diz elle: — «Tinha uma roupa até aos pés, com muitas pregas, muito bem compostas; cingida por baixo dos peitos, que algum tanto se enxergavam, com um cordão torcido, da grossura de um dédo; e tinha no meio do peito, dois nós cégos, com dois cabos eguaes, que desciam para baixo. Tinha seu roupão muito fraldado, até aos pés, posto nos hombros, e com a mão direita tinha recolhido grande parte d'elle, e o lançava sobre a esquerda, do cotovéllo até á mão, com gentil arte.»

—

A maior parte dos monumentos romanos, foram destruidos pelos godos, e depois pelos arabes, para aproveitarem os seus materiaes para as muralhas da praça.

Rézende diz que appareceram aqui, em umas escavações que elle mandou fazer, 10 estatuas romanas, de primorosa esculptura.

O padre Salgado (*Mem. Eccles. do Alg.*, tom. 1.º, cap. 3.º, pag. 29, not. 27) diz, que viu na *Torre de Valle Redondo*, defronte da capella de Nossa Senhora das Neves, uma lapide, em fórma de *barrica*, que denotava ser a sepultura da mãe de Sertorio, pois tinha a seguinte inscripção:

D. M. S.
AEMILIAE
L.... MA
TRI. SERTO-
RIVS NICEL-
LIO POSVIT.

Todos sabem que o sr. Camillo Castello Branco é o nosso primeiro e mais fecundo romancista; mas, o que nem todos sabem, é que é tambem um dos mais incançaveis, e dos mais felizes investigadores das nossas antiguidades e que tem encontrado, á força de trabalhos e de buscas minuciosas, autographos e outros documentos, uns julgados perdidos, outros cuja existencia se ignorava.

Das suas investigações me tenho aproveitado em muitas partes d'esta obra.

Despido de inveja e de egoismo, como verdadeiro homem de talento que é, não só faculta, pedindo-lhe, mas até offerece aos que trabalham, o fructo das suas locubrações.

É pois á nobre generosidade d'este illustrado cavalheiro, que devo as cinco curiosissimas inscripções romanas que se seguem —encontradas em Mertola, e que não achei nos numerosos livros que tenho consultado.

Estão escriptas em meia folha de papel almaço, e tanto o *cursivo*, como o *versal*, mostram ser do fim do seculo XVIII, ou principio do XIX.—São as seguintes:

«Inscripçõens de Mertola, nos marmores «que erradamente se mandaram hir para «Lisboa, em 1794.»

1.ª

D. M. S.
L. FIRMIDIUS
PERECRINUS [1]
VTICENSIS
VIXIT AN. LX.
H. S. E. S. T. T. L.

—

(Aos deuses manes — aqui jaz Livio (?) Firmidio Seregrino (?) Uticense, que viveu 60 annos. A terra lhe seja leve.)

[1] Ha de ser—*seregrinus*.

2.ª

D. M. S.
QUINTUS IVLIVS
LUP. VIX. ANN. III. M.
NSIBVSS LX. FLUME
IILO PIENTIBS VIT.
H. S. E. T. T. L.

(Vide a nota no fim das cinco inscripções.)

3.ª

EX. D.D. M. ES. M. MYR......
PER. C. IVLIVM. MARINVM......
C. MARCIUM. OPTATUM. H. VIR.

4.ª

D. M. S.
HERENNIA SE-
CVNDINA. VIXIT
AN. LV. PVBFEIX
OSPMERPOS.

5.ª

D. M. S.
KAM. LEA
IV. VIXS.
ANO. I. M.
HIC SITV.
HEC. S. TT. L.

—

Parece impossivel que estas inscripções estivessem assim nas lapides (evidentemente tumulares) a não ser que fosse analphabeto o pedreiro que as gravou. É mais provavel porém, que fosse erro da copia; porque os romanos tinham o maior cuidado com a orthographia das suas inscripções.

Já o individuo que fez a copia, que possue o sr. Camillo Castello Branco, nota estes mesmos êrros. Constam elles—em umas partes, de palavras unidas individamente—em outras, ha letras de mais—em outras, de menos: accrescendo a isto, estarem apagadas as ultimas letras da 1.ª e 2.ª linha da 3.ª inscripção.

A sua traducção, torna-se (ao menos para mim) difficil e duvidosa.

A 2.ª inscripção, *talvez* se possa traduzir assim:

Aos deuses manes. Aqui jaz Quinto Julio Lupo, que viveu...? annos. Flamine (sacerdote) *piedoso... A terra lhe seja leve.*

A 3.ª:

Aos deuses manes. Aqui jaz Caio Julio Marino, prefeito de Marcio Optato, duumviro.

A 4.ª:

Aos deuses manes. Aqui jaz Herenia Secundina, que viveu 55 annos.

O resto da inscripção, é para mim inintelligivel.

A 5.ª:

Aos deuses manes. Aqui jaz Camilla (?) que viveu quatro annos. A terra lhe seja leve.

—

Diz-se que aqui nasceram S. *Fabricio* e S. *Brissos*, bispos e martyres. Eu julgo que *Brissos* é contracção, ou abreviatura de *Fabricio*, e que estes dois santos não vem a ser senão um. O *Anno Historico*, não traz S. Fabricio.

Todavia, e para me não ficarem escrupulos (porque póde ser que eu esteja enganado) vou dizer o que consta d'estes dois (?) santos.

S. Brissos, natural de *Myrtilis*, bispo de Evora, peregrinou por muitas provincias de Hespanha, prégando o Evangelho.

Foi martyrisado pelos romanos, a 9 de julho, do anno 300, imperando Diocleciano e Maximiano. (*Anno Hist.*, tom. 2.º, pag. 330.)

«Na antiga Myrtilis, padeceu martyrio, o «bispo S. Fabricio; e n'ella nasceu Santo «Varão, irmão de Santa Barbara e de S. Brissos, o qual, vivendo vida eremitica, na serra «a que deu o seu nome[1] ahi morreu *pelos* «*annos 300* da era christan.

«No sitio da sua sepultura, fundou-se depois uma ermida, que, de reconstrucção «em reconstrucção, tem chegado até aos nossos tempos; e é muito venerada e procu«rada d'aquelles povos.

«Proximo da ermida, mostra-se a gruta «em que o santo eremita viveu.» (*Cidades e Villas*, pelo sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, tom. 2.º, pag. 64.)

[1] Não foi o santo que deu o seu nome á serra (seria isso um orgulho improprio da humildade de um anachoréta), foi o povo que lhe impoz o nome, depois da morte do Santo Varão.

Já se vê que não é facil de crer que pelo mesmo tempo, houvessem dois bispos, naturaes de Mértola, ambos do mesmo nome. (?) Tambem ninguem diz d'onde era bispo S. Fabricio.

Santo Varão, tambem não era, nem podia ser, irmão de S. Brissos, porque este morreu em 300 e aquelle em 700, como se vae vêr.

A distancia de 10 kilometros de Mértola, existiu um grande mosteiro, benedictino, duplex, fundado por S. Salvador, natural de Panoyas (Traz-os-Montes), no anno 630. No meio de uma charneca está ainda a egreja, chamada de *S. Salvador do Mosteiro*.

Ainda em 1847, se viam alli umas paredes desmanteladas, ruinas do mosteiro. É provavel que ainda existam.

Foi destruido pelos mouros, commandados pelo feroz Al-Mançor, rei de Córdova, no seculo X, de Jesus Christo.—O mesmo fez então, ao mosteiro tambem benedictino, de *S. Domingos de Cambos*, a uns 15 kilometros a O. d'este.

Os mouros assassinaram todos os monges e monjas d'estes dois conventos (que ambos eram *dobrados*.) O mesmo fizeram então Al-Mançor e os seus, ás freiras de Santa Comba, junto a Lamego; ás de Sismiro, proximo de Trancoso; e ás de Monzedarem, em Vianna do Alemtejo.

É perto d'esta egreja a gruta (a que o povo dá o nome de *cella*) de Santo Varão. (Vejamos o que diz o (*Anno Hist.*, tom. 1.º, pag. 350.)

«São Varão, ou Varano, fez vida eremitica, em huma serra, que se chama do seu «nome, situada quasi duas léguas da villa «de Mértola, na provincia do Alemtejo. Alli «viveu muitos annos, no exercicio de perennes contemplações, e rigorosas penitencias. «Foy seu transito n'este dia (17 de março) «anno 700. Jaz o seu corpo em huma ermida do seu nome, que edificaram os fieis, e «n'ella o festejão, agradecidos, aos continuos «favores, que recebem de Deus, por meio da «sua intercessão.»

É advogado contra a esterilidade das mulheres, e protector da paz entre os casados.

José Avelino de Almeida, no seu *Diccionario abreviado de chorographia* (tom. 2.º, pag. 287), tambem se engana, dizendo que Santo Varão era eremita de Santo Agostinho, e que morrêra em 7 de janeiro.

Era eremita, porque vivia em um *êrmo*—anachoréta—mas pertencia á ordem benedictina. O seu passamento, foi, como diz o *Anno Historico*, a 17 de março, e não a 7 de janeiro.

Outro engano maior traz Almeida. Colloca o *pégo de S. Domingos* em Mértola, quando é proximo de Alcoutim, e a distancia de 35 kilometros da fóz do Guadiana (e não a *uma legua*, como elle diz), e 30 kilometros abaixo de Mértola.

—

Querem alguns que este Santo Varão, foi o eremita que annunciou a D. Affonso Henriques a victoria de Ourique; mas é êrro.

Este eremita, chamava-se Vigildo, ou Leovegildo Pires (ou Peres) de Almeida. Vide *Rériz*.

—

É o territorio d'este concelho abundantissimo de minas metalicas.

Só em dezembro de 1872, foram registadas n'este concelho, 22 minas de manganez, 3 de chumbo, e 1 de galena; álem de outras mais que já estavam manifestadas, d'estes e de outros metaes.

Junto á aldeia de Sant'Anna, suburbios da villa, se descobriu, em 1843, uma mina de *alquifoux*. (sulphureto de chumbo.) Contém 81 partes de enxofre, 6 de quartzo e sulphureto de ferro e 13 de terra.

São n'este concelho as famosas minas de cobre, de S. Domingos, as mais ricas de Portugal. Vide *Pomarão*.

Vide tambem *Pégo de S. Domingos*.

Em março de 1875, abateu junto á villa, uma mina metalica, sepultando em suas ruinas, mais de 20 operarios.

Depois de estar composto o artigo concernente a Mértola, consultei a *Evora Gloriosa*

do padre Francisco da Fonseca, e a pag. 205, encontro o seguinte:

A S. Jordão (bispo de Evora), succedeu no episcopado, e depois no martyrio, S. Brissos, natural de Mértola e irmão de Santo Varão e Santa Barbara.

S. Brissos, para evitar o rigor da perseguição, e gosar as delicias da vida solitaria e contemplativa, se retirou aos estevaes do Campo de Ourique, onde, em uma pobre choça, passou muitos annos em vida de penitencia.

S. Jordão o tirou do deserto, para o ordenar sacerdote e fazêl-o seu coadjutor e futuro successor, na cadeira episcopal, á qual subiu, pela morte de S. Jordão, em 305.

Tanto que S. Brissos se viu investido da dignidade episcopal, começou a exercitar o seu officio com tanto zêlo e liberdade, que o presidente Marciano (obediente aos decretos dos imperadores Diocleciano e Maximiano, que então reinavam) deu ordem para que fosse preso e martyrisado, como o tinham sido os seus antecessores.

Avisado S. Brissos, d'esta ordem, e a rogo dos christãos, se retirou para Mértola; mas alli foi preso pelos beleguins do presidente, em 308.

Sabendo Marciano que em Mértola, havia uma florescente colonia de christãos, para os atemorisar com um só, mas exemplar castigo, passou a Mértola, para processar o santo.

Levantou um *forum*, na praça mais publica (como era de uso) fez trazer perante si o santo bispo, perguntou lhe que lei seguia e que doutrina ensinava, e vendo que era christão e presistia constante na profissão da Fé e abominação da idolatria, o mandou, não só açoitar rigorosamente, mas quebrar-lhe todos os dentes e gingivas: supportando o santo estes tormentos com tanta constancia e alegria, que isto serviu de alivio aos catholicos e de confusão aos gentios.

Mandou o presidente recolher o santo ao carcere, na tenção de lhe dar no seguinte dia exemplar e rigoroso martyrio; mas, sobrevindo um terramoto que o sepultou nas ruinas, ficou o santo livre do martyrio premeditado; porque aterrados os ministros subalternos com a morte do seu presidente, unica victima do terramoto, lhe deram a vida e a liberdade.

Viveu ainda o santo quatro annos, que empregou com sollicitude no cumprimento dos seus deveres episcopaes, até que, chegado á ultima velhice, passou a receber no ceu o premio das suas virtudes, no anno 312 de Jesus Christo.

A tres leguas da cidade de Evora, ha uma egreja parochial, dedicada a S. Brissos, no concelho de Monte-Mór-Novo; e outra da mesma invocação, no concelho e proximo da cidade de Beja. (Vide 1.º vol. pag. 490, col. 2.ª)

Não se sabe se estes templos foram construidos por devoção e em memoria do santo bispo, se por elle ter residido algum tempo n'estes logares.

O auctor da *Evora Gloriosa* traz em seguida seis opiniões em contrario do que fica dito com respeito a S. Brissos e a S. Jordão, e negando até algumas, que elles fossem bispos de Evora, mas o padre Fonceca as destroe pelos fundamentos, como se póde vêr no logar citado. (Não as trago para aqui porque fariam o artigo aborrecidamente longo, ainda que conteem factos bastante curiosos da nossa historia antiga.)

Foi S. Brissos a ultima victima que Evora offereceu ao ceu, como martyr do christianismo; porque, tendo o imperador Constantino principiado, n'este mesmo anno de 308, a favorecer os christãos, começou tambem a religião catholica a exercer-se mais desafogadamente; e tanto que Aurino, successor de S. Brissos no episcopado, não só poude conservar na fé os eborenses, mas prégar e converter muitos povos e terras visinhas.

A Aurino succedeu *Panucio*, em cujo tempo, S. Silvestre (papa lusitano) dividiu em metropoles as egrejas das Hespanhas, que, por causa das frequentes e crudelissimas perseguições dos romanos, estavam desordenadas; escolhendo as seis cidades mais importantes, para sedes de bispado.

MERÚFE—freguezia, Minho, comarca e concelho de Monção, 54 kilometros a NO. de Braga, 405 ao N. de Lisboa, 580 fogos.

Em 1757 tinha 616 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna,

A mitra apresentava o reitor, que tinha 200$000 réis de rendimento.

O nome d'esta freguezia é arabe—*Maerufe*—significa—cousa conhecida.—Deriva-se do verbo *áerefa*, saber, conhecer, aprender, etc.—Vem pois a ser—*povoação da sapiente* (ou da *sabichona*.)

Foi esta freguezia commenda da Ordem de Christo, possuida em 1824 por o monteiro-mór-do-reino.

Houve aqui um mosteiro de freiras benedictinas, que ainda existia em 1481, em que a abbadessa, D. Guiomar Rodrigues, representou a D. João II, a muita pobreza em que viviam, e que se não podia sustentar a communidade. O rei, com auctorisação do papa Xixto IV, reduziu este mosteiro a reitoría secular, dando-a aos arcebispos de Braga, e mandando as freiras para outros conventos da sua ordem.

Foi seu 1.º parocho Estevão Lourenço.

Aqui foi reitor, o licenceado, Manuel de Araujo e Castro (da casa dos Castros, de Villa Nova da Cerveira) varão sabio, e muito intelligente em genealogias e antiguidades; sobre cujas materias escreveu muito, que se não imprimiu. Uma grande parte (senão todos) dos seus escriptos sobre genealogias, existe ainda no cartorio da casa do Côvo, junto a Oliveira de Azemeis.

N'esta freguezia ha uma torre, quinta (que foi coutada) com uma aldeia chamada *Pica de Abreu* (Pinheiro de Abreu) solar dos Abreus, dos quaes e d'esta torre já se acham noticias no tempo do conde D. Henrique.

Era então senhor da Pica, Gonçalo Rodrigues de Abreu, que foi vassallo, e companheiro do conde nas suas batalhas; e de seu filho, Lourenço de Abreu, senhor do mesmo couto, que se achou com D. Affonso Henriques na batalha de Valle de Vez, em 1129.

Foi este Lourenço de Abreu, que, por ordem de D. Affonso Henriques, construiu o castello e torre de Lapella, contra os gallegos. Vide o 4.º volume, a pag. 51 e 52.)

Este couto, foi do marquez de Tenorio, cada morador lhe pagava, um alqueire d cevada. Veio á casa de Tenorio, por aquell marquez ser neto de D. Maria de Abreu d Noronha, condessa de Crescente.

A alcaidaría-mór de Lapella, andou n casa dos Abreus de Merufe, até que a ven deram ao marquez ce Villa Real, que a per deu, com a vida, em 1641, por traidor á pa tria.

Entre as muitas e grandes quintas qu os Abreus tiveram n'esta ribeira, tinham tambem fóros em Villa-Bôa e Valladares com titulo de *direitos reaes*.

Os Abreus, viveram em Melgaço e n'ou tras partes.

De Lourenço de Abreu, foi filho e herdei ro, Gonçalo Rodrigues de Abreu, rico-ho mem de D. Sancho I e de D. Affonso II, e se achou na tomada de Elvas, em 1225.

Foram os Abreus senhores de Vallada res e Regalados, até 1640. Então, Pedro Go mes de Abreu, sangue degenerado de seus leaes ascendentes, tomou a partido de Phi lippe IV contra o nosso rei D. João IV, e receando a sorte do duque de Caminha, mar quez de Villa Real, e os outros fidalgos, de quem se tinha tornado cumplice, fugiu pa ra Castella, em 1640, com sua mulher, um filho e 8 filhas. Era tão acceito aos caste lhanos pelos serviçot que lhe tinha presta do, que a côrte de Madrid o veio esperar a grande distancia da cidado.

Dos Abreus de Meruffe procedem os Abreus da Torre de Grade; os da casa de Anquião em Fornellos, de Ponte do Lima; os d'Atães de Moure; os do Sol; os morgados da Tábua; os de Villar, Junto a Viseu; os da quinta de Cousinguem; os dos Arcos; os da Barca; muitas familias nobres em varias terras d'este reino.

Tambem os Abreus foram senhores de Fenapôr, na India.

Os Abreus descendem do famoso cavalleiro *Arcão de Côtos*.

A casa dos Abreus Limas, ramo dos que foram alcaides-móres de Lapella, e senhores de Regalados, é a actual do *Ameal*.

Os Abreus da casa de *Anquião* procede de D. Rodrigo de Mello de Lima, senhor

commendatário de Refojos do Lima, filho segundo de D. Leonel de Lima, 1.º visconde Villa Nova da Cerveira. D. Rodrigo deu a casa de Anquião a sua filha, D. Joanna de Mello, que casou com João Gomes de Abreu, filho segundo de Leonel de Abreu, senhor de Regalados. (Vide *Regalados.*)

As armas dos Abreus são—em campo de púrpura, cinco côtos d'aguia, d'ouro, estendidos em aspa. Timbre, um dos Côtos das armas.

Lima é appellido nobee em Portugal. Veio de Hespanha (Galliza) tomado do rio Lima, junto do qual vivia a familia que o adoptou por appellido. Passou a Portugal, na pessoa de D. Fernão Annes de Lima; e as armas que D. Pedro II de Aragão deu a João Ruy de Lima, em 1212, pelo seu valor na célebre batalha das *Navas de Tolosa* (1) são as mesmas que frei Manuel dá a esta familia, em brazão incompleto, e são—em campo de oiro, 4 palas de púrpura.—Casando aquelle D. Fernão Annes de Lima, com D. Thereza da Silva, filha de Ruy Gomes da Silva, compoz seu filho, Leonel de Lima, o seu brazão d'armas da fórma seguinte:—escudo em 3 palas—na 1.ª d'ouro, 4 pallas de púrpura—a 2.ª e 3.ª esquartelladas, no 1.º e 4.º, leão de púrpura, lampassado de azul (armas dos Silvas) no 2.º e 3.º, de prata, 3 faxas, xadrezadas de ouro e púrpura, de duas ordens, (armas dos Soutos-Maiores, por sua avó paterna, D. Ignez de Souto Maior) elmo d'aço aberto, e por timbre, o leão das armas.

Outros do mesmo appellido usam—escudo dividido em pala, na 1.ª de ouro, 4 palas de púrpura; a 2.ª dividida em faxa, na 1.ª, as armas primeiras dos Britos; na 2.ª de prata, banda xadrezada de ouro e púrpura, de 5 ordens, em pala, sendo a 1.ª tapada com uma verguêta de práta.

(1) Mahomet IV projecta conquistar a Hespanha, os principes christães unem-se. Um exercito portuguez passa a Castella, por ordem do nosso D. Affonso II, e se distinguiu mais que nenhum outro pelo seu valor na célebre Batalha das Navas de Tolosa, em 1212, na qual os mouros foram desbaratados, e Mahomet fugiu, perdendo as esperanças da sua projectada conquista.

Outros usam—escudo terceado, em pala; na 1.ª as 1.as armas dos Limas, as outras duas esquarteladas, no 1.º e 4.º, as armas dos Britos—no 2.º e 3.º as dos Nogueiras.

Outros usam — escudo esquartelado, no 1.º quartel, as armas dos Limas; no 2.º as dos Nogueiras; no 3.º as dos Vasconcellos; no 4.º as dos Britos. Timbre, um leão de púrpura.

Outros usam—escudo partido em 3 palas —a 1.ª d'Aragão, e as duas esquarteladas, dos Silvas e Soutos-Maiores.

Outros finalmente, trazem apenas quatro barras d'ouro, em campo de púrpura.

MERUVE—freguezia, Douro, comarca da Tábua (antigo concelho de Midões) concelho de Oliveira do Hospital, 75 kilometros de Coimbra, 260 ao N. de Lisbóa, 200 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Antigamente tinha esta freguezia o nome de *Maruja*, que ainda lhe dá o *Portugal Sacro e Profano.*

A casa de Mello apresentava o prior, que tinha 200$000 réis de rendimento.

É terra fertil. Cria muito gado e çaça.

MERUJAL—aldeia, Douro, proximo a Monte-Mór-Velho.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Em frente da villa, na margem opposta do rio Mondego, está a quinta que foi dos *Vahia*, e junto a ella a ermida de Santa Leocadia, virgem (ou mais verdadeiramente a Nossa Senhora da Graça) tão antiga, que é tradição, fôra parochia.

N'esta ermida é venerada uma imagem da Santissima Virgem, sob a invocação de Nossa Senhora da Graça. Segundo a tradição, a sua origem foi a seguinte:

Junto a este sitio appareceu uma imagem de Santa Leocadia, sobre um monte de pedras soltas. Foi levada para a egreja matriz e a collocaram no altar; mas, no dia seguinte desappareceu d'alli, e foi achada sobre o mesmo monte de pedras onde tinha apparecido. Segunda vez a levaram para a egreja, e tornou a fugir para as pedras.

Então, um individuo que estava presente,

mandou revolver o monte das pedras, e debaixo d'elle achou uma imagem de Nossa Senhora da Graça, que levaram para a egreja, juntamente com a de Santa Leocadia; mas, pouco depois, lhe construiram uma ermida, no sitio da apparição, e alli collocaram as duas imagens, que foram por muitos annos objecto da particular devoção dos povos d'estes sitios.

MÉRVA—antiquissima cidade da Lusitania, na jurisdicção da chancellaria de Braga.

Segundo Ptolomeu (2.ª tabua da *Europa*, cap. VI) estava em 7°,30′ de long., e 42°,40′ de lat.

Era a capital dos *luancos*. Ignora-se a sua situação, e nem pelas indicações, umas erradas outras confusas, d'aquelle geographo (o unico que falla em similhante cidade) se póde conjecturar onde estivesse situada.

Note-se porém, que desde o litoral, até ás serranias do concelho de Coura (de O. a E.) e desde o rio Lima até ao rio Minho (de S. a N.) estanceiam a famosa serra de Arga (o Medúlio dos antigos) e todos os seus numerosos braços, que se projectam sobre Vianna, Caminha, Villa Nova da Cerveira, Vallença, etc.

Por toda a parte d'estas serras ha innumeraveis vestigios de povoações e fortalezas, construidas talvez por povos de raças diversas, como gregos, phenicios, carthaginezes, romanos, arabes, godos, etc.

Tudo isto a mão do homem, e a fouce inexoravel do tempo destruiu e aniquillou, não nos deixando nem sequer lembrança da sua historia e da sua destruição.

Aquellas paredes corroidas e desmanteladas, cobertas de heras, cardos e silvas; aquelles fossos, reduzidos a brejos ou charcos, se podessem fallar, quantos mysterios nos desvendariam! Quantas glorias, lagrimas e crimes nos revelariam!

Hoje, o pastor indifferente e descuidoso, ou o caçador aventureiro, atravessam essas tristes ruinas, desertas, esquecidas e melancolicas, onde outr'ora um povo barbaro obrou prodigios de valor e patriotismo; e onde por fim o odio e a vingança dos homens, tudo transformou em cinzas e devastação!

MESÃO-FRÍO—freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães, 18 kilometros a NE. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 95 fogos.

Orago S. Romão.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento.

E' terra fertil.

Para a etymologia vide a seguinte.

MESÃO FRÍO—villa, Traz-os-Montes, capital do concelho do seu nome, comarca e 13 kilometros a O. do Peso da Régua, 25 ao SE. de Amarante, 80 ao NE. do Porto, 5 ao N. do rio Douro, 335 ao N. de Lisboa, 400 fogos em duas freguezias (Santa Christina 250, e S. Nicolau 150.)

Em 1757, tinha a freguezia de Santa Christina 142 fogos, e a de S. Nicolau 89.

Bispado do Porto, districto administrativo de Villa Real.

O reitor de Vila Marim, apresentava o cura de Santa Christina, que tinha 18$000 réis de congrua e o pé d'altar.

O prior do mosteiro crusio, da Serra do Pilar (Villa Nova de Gaia) apresentava o reitor de S. Nicolau, que tinha 150$000 réis de rendimento.

O concelho de Mesão-Frío é composto das 7 freguezias seguintes:—Barqueiros, Cidadêlhe, Mesão-Frío (Santa Christina) Mesão-Frío (S. Nicolau) Oliveira, Villa Juzan, e Villa-Marim—todas no bispado do Porto, e com 2:100 fogos.

—

Está a villa e freguezia situada sobre o plató (mesa) de uma montanha bastante elevada (ramo do Marão) imminente ao rio Douro, na sua margem direita.

Tem boas casas, mas as melhores são as dos srs. Lemos e Fragosos.

Era uma das dez behetrías do reino, pelo que tinha grandes privilegios. O seu nome é muito adequado á sua posição e ao seu clima. Vem-lhe de *mêsa* (plató ou chapada) e de *frío*, porque, com effeito, o seu clima é excessivo. (Vide adiante.)

É terra fertil em todos os generos agri-

colas do paiz, e produz muito o optimo vinho.

É terra muito salubre e tem abundancia de optima agua potavel.

D. Affonso Henriques lhe deu foral, em fevereiro de 1152, confirmado, por D. Affonso II, em Trancoso, no mez de outubro de 1217. (Gaveta 15, maço 3, n.º 8 — *Livro 2.º de doações* de D. Affonso III, fl. 30, maço 12 — *Livro dos foraes antigos*, n.º 3, fl. 52, col. 1.ª — e no *Livro de foraes antigos, de leitura nova*, fl. 71 v., col. 1.ª)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 27 de novembro de 1513. (*Livro de foraes novos de Traz-os-Montes*, fl. 28, col. 2.ª — Veja-se tambem o processo para este foral, gaveta 20, maço 12, n.º 7.)

O foral trata tambem de Villa-Marim.

Os paços do concelho, que são amplos e excellentes, estão no edificio que foi seminario dos religiosos franciscanos, do Varatojo.

Estão aqui todas as repartições publicas do concelho, com muita capacidade para todas, e ficando-lhe proxima a cadeia, de sólida construcção.

A egreja que foi do seminario, é hoje a matriz da freguezia de Santa Christina, a qual foi concedida pelo governo, podendo tambem n'ella exercer as funcções do culto divino, a irmandade da Ordem Terceira de S. Francisco.

Esta irmandade foi instituida por Cypriano Ribeiro, e é um dos ricos estabelecimentos pios d'esta villa, cujo edificio está ao lado da egreja dos religiosos.

A egreja de S. Nicolau é notavel pela sua antiguidade, e consta ser fundação da rainha D. Mafalda, mulher do nosso primeiro rei, o que se confirma pelo seguinte:

Para o O., ao fundo de uma pequena ladeira, onde corre o rio Teixeira, no sitio em que defrontam dois caminhos, ainda hoje se chama a *ponte Henriques*; por aqui ter havido uma ponte, de que não restam vestigios. É provavel que fosse destruida e arrastada para o rio Douro, pelas aguas que no inverno aqui correm em grande quantidade, rapidas e impetuosas, desde o mais alto pincaro do Marão.

Na vertente, a E. da egreja, existem differentes pontos, pouco distantes d'esta villa, e em terras do concelho, aos quaes ainda hoje anda ligado o nome d'aquella illustre e piedosa rainha.

Ao fundo do monte em que está edificada esta villa, e no rio Douro, estão os restos (ou os principios?) da celebre ponte do *Piar* (ou *Pilar*) mandada construir pela mesma soberana. (Vide *Barrô*, a pag. 341, col. 2.ª, do 1.º volume.)

Mais acima do *Piar*, e proximo á ribeira da *Rêde*, existe uma pequena aldeia, chamada a *Gafaria*, e mais adiante, a barca do *Mollêdo*; (a celebre barca *Por Deus.*) gratuita, e cujo barqueiro se sustentava do producto do terreno proximo, doado para este fim pela mesma rainha. (Vide *Barqueiros*, a pag. 336, col. 2.ª, do 1.º volume.)

Na mesma egreja de S. Nicolau, ha uma custodia, egual, na fórma, a outra que existe na egreja de Nossa Senhora da Oliveira, de Guimarães. Vê-se tambem n'esta egreja, junto á porta travessa, o tumulo de um capitão general da India, chamado Francisco Sotto-Maior, cujo solar era n'esta villa; e que é actualmente possuido pelo sr. Antonio Augusto de Almeida e Castro, cujo 8.º avô, André da Fonseca, fidalgo da casa real, foi o fundador e 1.º provedor da Santa Casa da Misericordia d'esta villa.

Em frente d'este tumulo está a capella dedicada aos Santos Innocentes, fundada por Antonio de Azevedo, bisneto do dito André da Fonseca e de sua mulher, Veronica de Mesquita.

É Mesão-Frio o centro commercial de todo o concelho, e de muitos outros povos circumvisinhos, que aqui affluem diariamente; onde, além do commercio ordinario, ha em cada semana tres mercados de cereaes (aos domingos, terças e quintas feiras.)

Ha tambem duas feiras mensaes, nos dias 15 e ultimo de cada mez, e uma annual de Santo André, que principia no dia 30 de novembro, e dura tres dias. É muito concorrida, e dá grande importancia á villa.

Soffreu muito esta villa com a ultima invasão franceza (1811.)

Parte d'ella foi incendiada, inclusivè o hospital da Misericordia e a egreja, então dos franciscanos; que depois se reedificaram.

—

No dia 15 de fevereiro de 1874, se inaugurou o theatro de Mesão-Frio, por iniciativa do sr. padre Guilherme Dias, coadjuvado pelos seus amigos. Nos trabalhos de reparação se gastaram 800$000 réis. A *Sociedade phylo-dramatica mesãofriense*, levou então á scena, o drama do sr. Camillo Castello Branco, *Espinhos e Flores*, e a comedia do sr. barão de Fornéllos (aqui residente) *O Fim do Mundo*.

—

No dia 15 de setembro de 1874, de tarde, na estrada que conduz de Amarante a Mesão-Frio, no sitio da Roborêda, logo acima da povoação denominada Padornêllo, pairou uma trovoada tal que as enchurradas cavaram a estrada á profundidade de 20 metros, ficando impedido o transito de carros, e tendo os passageiros que hiam para a Régua, de apear-se, e seguirem a pé outro caminho, entrando n'outro carro que os esperava do lado opposto.

Esta tempestade foi tão violenta que arremessou para a estrada penedos taes, que só depois de quebrados a fogo é que os poderam d'alli remover.

Suppõe-se que fôra resultado de alguma tromba marinha.

—

Tres kilometros ao E. d'esta villa, sobre a margem esquerda do Douro, e tambem no leito do mesmo rio, em frente da *Corvaceira* e do *Mollêdo*, ha varias nascentes de agua mineral, sulphurea. (Vide *Mollêdo*.)

—

É Mesão-Frio, uma povoação antiquissima, e tem fôro de villa desde 1152 (em que D. Affonso Henriques lhe concedeu esta cathegoria, no seu foral) o que prova ser já então povoação importante. Não se sabe porém, por quem e quando foi fundada, e qual o seu primeiro nome; apenas se sabe que já existia no tempo dos godos. Não ha, todavia, um unico monumento que nos atteste essa antiguidade, que só a tradição lhe attribue.

Dei no principio d'este artigo a etymologia que se dá geralmente ao nome actual d'esta villa; mas, salvo o devido respeito aos etymologistas que me precederam, direi:

Quando o conde D. Henrique tomou conta do condado de Portugal, em 1093, davase a esta povoação o nome de *meijom-frio*, e é este ainda o nome que lhe dá o foral de D. Affonso Henriques, em 1152. Virá *Meijom* de *Meisom?*—(Vide esta palavra, a pag. 162, col. 2.ª d'este volume.)

—

Foi esta villa, solar dos *Moutinhos*, cujo appellido procede de ter esta familia o seu principio, no casal da *Torre de Moutinho*, na Beira.

Suas armas são—em campo azul, quatro cabeças de serpe, de ouro, cortadas em sangue, lampassadas de púrpura, acantonadas, e no meio d'ellas, uma flor de liz de ouro. Elmo de aço, aberto; e por timbre, uma das cabeças de serpe, das armas.

Outros do mesmo appellido, trazem por armas—em campo verde, 4 cabeças de leão, de ouro, lampassadas de púrpura, cortadas em sangue, e no meio d'ellas uma flor de liz, de ouro. Elmo de aço aberto; e por timbre, uma das cabeças de leão, das armas.

MESÃO-FRIO—monte, (antigamente chamado *Meiçom-Frio*) Douro, proximo á antiga villa do *Marnel*. (Vide esta palavra, na col. 2.ª, da pag. 88, d'este volume.)

MESCÃO—portuguez antigo—lascivo, deshonesto, seductor, etc.

MESCAR—portuguez antigo—misturar, mesclar.

MESKINO—portuguez antigo—o servo que trabalhava nas herdades do senhor donatario. Era synonimo de infeliz. Hoje diz-se *mesquinho*.

É a palavra arabe *masquino*—pobre, misero, indigente, etc. Deriva-se do verbo *sácana*—ser pobre, indigente, etc.

MESMAMENTE—portuguez antigo—da mesma sorte, da mesma maneira.

MESNADO—portuguez antigo—companhia de tropa.

MESOR—portuguez antigo—salmão.

MESQUINDADE—portuguez antigo—infelicidade, desgraça, infortunio.

MESQUINHATA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Bayão, 60 kilometros a NE. do Porto, 340 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 73 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

Foi até 1855 do concelho de Bayão, mas da comarca de Soalhães, então supprimida.

O abbade de Soalhães apresentava o cura, que tinha 50$000 réis de rendimento, e o pé d'altar.

O nome d'esta freguezia provem de *mesquinhade*—significa—povoação dos servos adestrictos a certa propriedade (*meskinos*) que eram com razão, considerados infelizes pela sua triste posição na sociedade, que pouco se distinguia dos escravos.

É a palavra arabe *masquinat*, que significa, *logar da pobreza*. Deriva-se do verbo *sácana*, que na oitava conjugação, significa —ser pobre, indigente, necessitado, etc.— (Vide *meskino.*)

O senhor da *mesquinhata*, quando a vendia, ou trocava, passava-a ao novo possuidor com os seus *meskinos*, ou *servos de glêba*. Ainda havia outra barbaridade na legislação gothica — a condição de meskino era hereditaria! O filho do meskino, tambem o era, e todos os seus descendentes.

Na Europa septentrional ainda ha d'estes *servos de glêba;* mas o actual imperador da Russia, arcou contra os senhores, e tem quasi anniquillado esta bárbara e anachronica instituição.

Notemos porém que os nossos primeiros reis, e particularmente D. Affonso I, D. Sancho I, D. Affonso III, e mais do que nenhum, o grande rei D. Diniz, trataram de quebrar os grilhões dos meskinos, e quarctar a prepotencia e extorsões dos grandes.

Depois de D. Diniz, D. Pedro I, acabou com quasi todas as *mesquinhatas*, e D. João II as aboliu, de facto e direito, por uma vez. (Vide *Macinhata do Vouga*, a pag. 17 d'este volume.)

MESQUITELLA—villa, Beira Baixa, comarca, concelho e 8 kilometros a SO. de Celorico da Beira, 105 de Coimbra, 300 a E. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 79 fogos.

Orago Nossa Senhora do Rosario.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

Foi até 1855, do concelho de Linhares.

A casa do infantado apresentava o vigario, que tinha 200$000 réis de rendimento.

Situada em uma planicie, junto ao rio do seu nome.

D. João IV a fez villa e lhe deu foral, em 1644. (É das poucas terras de Portugal que teve foral *novissimo.*)

Foi cabeça de condado, e seu primeiro conde, D. Rodrigo de Castro, senhor do morgado do Torrão, descendente de *Lain Calvo* do qual era 18.° neto. Este Lain Calvo, foi juiz nas differenças do rei D. Fruella, em 824. Éra D. Rodrigo parente de D. Leonor de Castro, mulher de S. Francisco de Borja, e 8.° neto de D. Fernando de Castro, conde de Castro-Xerez, 10.° neto de Fernando de Castro, casado com D. Violante Sanches, filha de D. Sancho, rei de Castella, e 15,° neto de D. Maria Alvares de Castro e de D. Sancho, filho bastardo de D. Sancho, rei de Navarra.

O actual conde de Mesquitella é o sr. D. João Affonso da Costa Sousa de Macedo e Albuquerque.

Para as armas d'estes appellidos, vide *Lafões*, *Soure* e *Lisboa* (*Casa dos Bicos*).

N'esta villa é muito venerado e frequentado o sanctuario de Nossa Senhora da Ajuda. É uma capella muito antiga, e não se sabe por quem nem quando foi fundada. Segundo a tradição, edificando-se a S. Sebastião, martyr, uma ermida, se mandou pintar no retabulo da sua capella mór, uma imagem da Santissima Virgem, á qual puzeram o titulo de Nossa Senhora da Ajuda, e foi esta circumstancia que deu causa a que o padroeiro original fosse substituido no orago da capella pela Senhora da Ajuda.

O Sanctuario Marianno não diz mais nada a este respeito.

Mesquitella é diminutivo de *mesquita*—mes quitinha.

MESQUITELLA—freguezia, Beira Baixa, comarca e bispado de Pinhel, concelho de Almeida, 80 kilometros de Viseu, 360 a E. de Lisboa, 60 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Em 1757, tinha 71 fogos.

Districto administrative da Guarda.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 200$000 réis.

Esta freguezia era do concelho de Castello Mendo, que foi em 1855 annexo ao do Sabugal. Em dezembro de 1870, passou a fazer parte do concelho de Almeida. (Vide *Castello-Mendo.*)

A mesma etymologia.

MESQUITELLA—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Mangualde, 18 kilometros de Viseu, 285 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 133 fogos.

Orago S. Mamede.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O vigario de S. João, de Mangualde, é que apresentava o cura, que tinha 6$500 réis de congrua e o pé d'altar.

A mesma etymologia.

MESSAR—portuguez antigo—puxar pelas barbas a alguem — o que era uma das injurias mais atrozes que se podia fazer a um portuguez.—*Aquel, que a seu confrade der punhad, ou lhe* messar *a barvha, entre em camisa a V tagantes.* (Doc. de Thomar, de 1388).

> *Tagante* era um açoite ou azorrague que cortava e retalhava a carne. D'aqui, *tagantadas*—chicotadas.

MESSE—portuguez antigo—centeio.

Em 1289 se obrigou o reitor de Santo Estevão, a pagar ao mosteiro de Vairão — *Dous moyos de milho* (milho miudo) *e dous moyos de* messe, *e huum moyo de trigo, per huua medida, que é chamada teeyga; a qual medida dixe, que shya soo altar dessa sha Egrega: E dixe que essa medida era huua pedra cavada: E dixe que per essa medida avyam a dar os ditos cinquo moyos ao dito Moesteiro per trevudo.* (Doc. de Vairão.)

Em muitos prasos de S. Simão da Junqueira, se diz—*Huma teiga de trigo, hum sesteiro de messe e hum sesteiro de milho.*

Nos prazos de Grijó, e outros muitos antigos, se diz *messe,* por centeio.

MESSEGÃES—freguezia, Minho, comarca e concelho de Monção, 60 kilometros a NO. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 101 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A casa do infantado apresentava o reitor, que tinha 180$000 réis de rendimento.

A primeira apresentação era da casa dos marquezes de Villa Real; mas, tendo perdido a vida, por traidor á patria, o ultimo marquez d'este titulo, em 1641, e creando D. João IV a casa do infantado, passaram para ella a maior parte dos bens e rendas d'este marquezado, que lhe tinham sido confiscados.

Os dizimos d'esta freguezia faziam um prestimonio da ordem de Christo.

Esta freguezia foi, por seculos, do concelho de Valladares, supprimido em 1855.

Messegaes é portuguez antigo—significa cearas de centeio.—Aos campos onde esteve a egreja antiga d'esta freguezia (demolida pelos annos de 1816, para se construir a actual) e onde ainda está a residencia parochial, se dá ainda o nome de *Cearas. Messegaes* com o tempo se corrompeu em Messegães—como *quintaes* em *quintans; Gondinhaes* em *Gondinhães,* etc.

MESSEJANA—villa, Alemtejo, concelho e 6 kilometros a O. de Aljustrel, comarca, districto administrativo e bispado de Beja, 24 kilometros ao N. de Ourique, 24 ao O. de Evora, 130 ao S. de Lisboa, 310 fogos.

Em 1757 tinha 340 fogos.

Orago Nossa Senhora dos Remedios.

A mesa da consciencia apresentava o prior, que tinha 180 alqueires de trigo, 120 de cevada e 20$000 réis em dinheiro.

D. Manuel lhe deu foral em Lisboa, no 1.º de julho de 1512. *(Livro dos foraes novos do Alemtejo,* fl. 48 v. col. 1.ª)

Tem um convento de frades franciscanos, fundado pelo nobilissimo heroe D. Louren-

ço da Silva, em 1567, ou 1570. Tem o quarto logar entre os conventos da provincia.

—

É a palavra arabe *Masjana*—prisão, ou cárcere. Deriva-se do verbo *sajana*—encarcerar.

É povoação muito antiga, e, se não existia já no tempo dos romanos, é fundação dos mouros, que lhe deram o nome que ainda conserva.

Foi resgatada do poder dos mouros, por D. Sancho II, em 1235, quando tambem lhe tomou Aljustrel e outras povoações do Alemtejo.

—

Foi solar dos *Torneios*. Era Torneio um appellido nobre em Portugal, cuja familia era da cidade de Béja. No tempo de D. Affonso V, viveram Diogo Lopes de Torneio, e seu irmão Duarte Lopes de Torneio. Foi de sua varonia, Manuel Jacques Lobo de Torneio, da villa de Messejana.

Traziam os Torneios por armas—escudo de púrpura, cinco espadas de prata, com as pontas para baixo, em aspa—timbre, um braço armado de prata, com um punhal, do mesmo metal, na mão, levantado.

Albergaria (a fl. 140), lhe dá escudo azul, e diz que este appellido foi tomado por um cavalleiro d'este reino, que o adquiriu pelos muitos premios que alcançou em certo torneio.

MESEEJANA—quinta, Extremadura, na freguezia de Santa Suzana (Maxial), concelho e comarca de Torres Vedras, patriarchado e districto de Lisboa.

Fica esta quinta, acima do logar de Aldeia-Grande.

Pelos annos 1600, D. Brites Brandôa, mulher de D. Braz Henriques, embaixador de Portugal (por Philippe III), ao papa Clemente VIII, vivia na sua quinta de Messejana; e aqui desejou ter uma imagem de Nossa Senhora da Conceição.

Escreveu a seu marido, para que lhe mandasse fazer em Roma uma imagem da Santissima Virgem, ao que elle logo annuiu, e lhe mandou uma perfeitissima imagem de Nossa Senhora, no mysterio augusto da sua Conceição.

Passados annos (diz a lenda) e terminada a commissão de D. Braz Henriques, regressava elle á patria, por mar; porém encontrando-se o seu navio com um chaveco de mouros, estes o levaram captivo, com o resto da tripulação.

D. Braz, invocava dia e noite a protecção de Nossa Senhora da Conceição, para que o livrasse dos ferros, e eis que uma manhan appareceu na sua quinta, ainda com os grilhões do captiveiro.

Em reconhecimento de tão grande milagre, resolveu erigir uma bôa capella a Nossa Senhora, e principiou logo a pôr em pratica o seu projecto, com bastante magnificencia; porém a morte que lhe sobreveiu, o não deixou concluir a obra, que ficou apenas na capella-mór.

D. Brites tomou á sua conta a conclusão da obra, e acabada a ermida, foi n'ella collocada a Santa imagem, que logo principiou a obrar muitos milagres, e tão grandes maravilhas, que chegaram á noticia de Philippe III, o qual mandou dar á Senhora duas arrobas de cêra em cada anno, pagas pelo almoxarifado de Santarem, por um *padrão* que lhe concedia esta renda, até ao anno de 1620; mas depois, o mesmo Philippe III a fez perpétua.

Em janeiro de 1629, vendo-se D. Brites em perigo de vida, fez o seu testamento, em 31 do dito mez, e por elle instituiu um vinculo, ao qual uniu todas as suas fazendas, sendo a primeira e principal, a sua quinta de Messejana.

Eram estes fidalgos, padroeiros do convento de recolectos da Lourinhan (onde estão sepultados, na capella-mór), e quiz D. Brites que o morgado ficasse obrigado ao padroado do convento e aos seus encargos, que eram 33$000 réis annuaes, de *ordinaria*, para os religiosos, e um moio de trigo e 4$000 réis, para duas *merceeiras*, que resassem pelas almas dos padroeiros.

Não teve D. Brites, filhos do seu casamento, pelo que nomeou para primeira successora no vinculo, a D. Maria de Almeida Brandôa, e a seus filhos; e, na falta d'elles, a seu irmão, Francisco Serrão de Almeida.

Por morte d'estes, veiu a Antonio de Bri-

to da Silva, avô de D. Francisca Antonia de Brito Brandôa, que casou com Rodrigo de Sousa Pereira, pae de D. Maria Caetana de Brito.

O testamento de D. Brites e a instituição do vinculo, causaram entre os seus parentes, demandas encarniçadas, e o culto de Nossa Senhora foi interrompido, e a capella esquecida e abandonada; chegando até a servir de arrecadação de generos e instrumentos de lavoura.

Pelos annos de 1700, era o dito Rodrigo de Sousa Pereira Mascarenhas, pacifico possuidor d'este vinculo.

Tinha este fidalgo uma filha, de 9 para 10 annos de idade (a referida D. Maria Caetana de Brito) a qual foi accommettida de uma molestia de olhos, e os medicos, taes remedios applicaram para a cura da doença, que a menina ficou paralitica.

Fizeram-se juntas de medicos, a que foram chamados os melhores da côrte, e os da camara do rei; mas o resultado foi que aos padecimentos da doente se juntou ainda a obstrucção.

Residiam os paes da menina em Lisboa, e esgotados todos os meios empregados prejudicialmente pela medicina, e sabendo por tradição, dos muitos milagres que obrára a Senhora da sua capella de Messejana, a mandaram hir a Lisboa, onde a collocaram sobre uma mesa, e trouxeram para junto d'ella a menina, que, só com o contacto da santa imagem. ficou quasi restabelecida, e em poucos dias ficou completamente san de todas as suas enfermidades.

Teve logar este milagre em setembro de 1702, e Rodrigo de Sousa fez uma petição ao ordinario, para que elle se mandasse authenticar.

Fizeram, o pae, a mãe e a menina, uma romaria á capella da Senhora, que tinham mandado restaurar; e a fama d'este novo milagre (o da cura de D. Maria Caetana) em breve percorreu todos os arredores de Messejana, e o culto e as romarias á capella de Nossa Senhora da Conceição tornaram a restabelecer-se.

A imagem é de jaspe branco, e de primorosa esculptura. Os póvos entendendo que o pó da pedra de que a Senhora é feita, seria remedio efficaz para todos os seus achaques, a raspavam constantemente, a ponto de já estar muito gasta nas costas; pelo que os padroeiros da capella obstaram a este pio desacato.

MESSINES ou **S. BARTHOLOMEU DE MESSINES**—freguezia, Algarve, comarca e concelho de Silves, 40 kilometros ao NO. de Faro, 195 ao S. de Lisboa, 1:320 fogos.

Em 1757 tinha 780 fogos.

Orago S. Bartholomeu, apostolo.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

A mitra apresentava o prior, que tinha 300$000 réis de rendimento.

É Messines uma grande povoação, maior do que muitas que teem o fôro de villa, nas faldas meridionaes da montanha do *Penêdo-Grande*, que está coberta de oliveiras, farrobeiras (ou alfarrobeiras) e figueiras; com algumas fontes e pequenas hortas.

Nas partes mais elevadas estão as chamadas *ruas*, quasi intransitaveis, por causa dos rochedos, de que estão obstruidas. Na baixa tem ruas calçadas, porém muito arruinadas.

A egreja matriz é muito antiga.

Os dizimos das *miúças* eram da fabrica da egreja; e os da *massa grossa* eram do cabido. Aquelles rendiam, termo medio, 400$000 réis,—e estes, 90 moios de trigo, centeio, e cevada. O do azeite rendia 60$000 réis—o do vinho, 60$000 réis—o dos gados 150$000 réis—o dos milhos 250$000 réis.

Calculando o alqueire de trigo, centeio e cevada a 400 réis, vinham a render annualmente os dizimos d'esta freguezia mais de tres contos de réis. D'aqui se póde calcular a producção e fertilidade da terra.

A serra está coberta de zambujeiros, e tem alguns montados onde se criam bastantes porcos. Cria tambem muito gado, de toda a qualidade, e nos seus montes ha abundancia de caça grossa e miuda.

Faz-se n'esta freguezia uma grande feira a 24 de agosto, por isso chamada de S. Bartholomeu, havendo então tambem uma concorrida romaria ao padroeiro.

A feira dura 3 dias, e faz-se no alto onde está a capella de Nossa Senhora da Saude.

Tem esta freguezia 18 kilometros de N. a S., sendo dois de serra, até ao sitio do *Peceiro Alto*, e uma de campo, (mas tambem na serra) desde o sitio da *Gralha* até ao *Funchal*.

Fazem parte d'esta freguezia as aldeias da *Amorosa, Côrtes, Torre*, e *Aldêia Ruiva*, a E., que já foi uma grande povoação.

Ha aqui nascentes de agua, que regam grande parte do terreno: ha muita e boa hortaliça e fructas deliciosas.

Pouco ao N., fica a ermida de Sant'Anna, perto da qual, em 24 de abril de 1834, o general Thomaz Antonio da Guarda Cabreira derrotou uma columna liberal. (Vide *Fáro.)*

A freguezia é regada por algumas ribeiras, sendo as principaes a do *Gavião*, que nasce no sitio dos *Marreiros*, na freguezia e a 6 kilometros d'Alte. Corre só no inverno, por espaço de 30 kilometros. A de *Arade*, que vem do sitio do *Malhão*, freguezia de S. Barnabé, a 18 kilometros de distancia, ao N., e corre 40 kilometros. Juntam-se ambas no sitio de Sant'Anna, a 3 kilometros do povo.

É de curso arrebatado. Móe e réga.

Mette-se no rio de Silves, no sitio de Santo Estevão. As suas margens são muito ferteis, sobre tudo, em vinho e milho.

Ha n'esta freguezia um *monte de Piedade*, fundado por *Felicio Friz*, d'este logar, para ser conservado com decencia o altar de S. Sebastião. Tem o fundo de 60 alqueires de trigo, para emprestar aos lavradores, a 5 por cento, sem que se podesse vender algum, emquanto não chegasse a 10 moios.

Este monte de piedade foi confirmado por provisão regia de 19 de maio de 1783. Tem sempre andado pessimamente administrado.

O célebre *Remechido* (José Joaquim de Sousa Reis) depois de ter ordens menores, e até de prégar em Messines um sermão, que foi muito applaudido, se namorou com uma menina d'esta freguezia, casou com ella, e vivia, ora em Messines, ora em Estombar, sua tera natal. (Vide *Estombar*, a pag. 73, col. 1.ª do 3.º volume.)

MESTRE—portuguez antigo—o mesmo que confessor, ou director espiritual. (Vide *Santo Thyrso.)*

MESTRE DE FORMA—portuguez antigo—impressores, fabricantes de letras (typos) e os mais officiaes e operarios de typographia.

MESTRE-SÁLA—querem alguns antiquarios que o officio de mestre sala seja tão antigo como a monarchia portugueza, e designam alguns individuos como mestres-salas de D. Affonso Henriques e D. Sancho I.

Dizem que Fernão Pires, era mestre-sala de D. Affonso Henriques, e, como tal, assignou a confirmação de certo previlegio a Santa Cruz de Coimbra, em 1184.

Dizem que Gonçalo de Sousa, foi mestre-sala de D. Sancho I, e, que, como tal, confirmou tambem um privilegio dos caseiros de Santa Cruz, em dezembro de 1204. N'este mesmo reinado, dizem que foi mestre-sala, Vasco Fernandes, que assignou outra confirmação de privilegios ao mesmo mosteiro e aos seus caseiros: e, finalmente, a João Fernandes, confirmando a doação da villa da Azambuja, a D. Rolim.

Se é verdade que n'estes dois reinados houve mestres salas, tambem é verdade que tal emprego desappareceu por alguns 200 annos, até ao reinado de D. João I, no qual torna a apparecer, sendo então nomeado mestre-sala Diogo Alvares Paes. *(Chron. de D. João I*, por Fernão Lopes, parte 3.ª, pag. 156.) Tambem foi mestre-sala de D. João I, Egas Coelho.

No reinado de D. João II, vê-se que fôram seus mestres-salas, D. Pedro de Abranches, e Jorge de Mello.

No reinado de D. Manuel apparece o mesmo Jorge de Mello, mestre-sala da rainha D. Leonor, 3.ª mulher d'aquelle monarcha.

Desde D. João I, todos os nossos reis tiveram mestres-salas.

De Philippe II foi mestre-sala D. Martinho Soares de Alarcão.

De Philippe III, foi D. João Soares de Alarcão, filho d'aquelle.

De Philippe IV, outro D. João Soares de Alarcão, que tambem foi mestre sala de D. João IV, e foi um dos que o acclamaram no 1.º de dezembro de 1640, e, como mestre-sala, assistiu ao juramento do rei, em 15 de dezembro d'esse anno.

Algumas rainhas, principes e princezas tambem tiveram mestres-salas.

Todos sabem que o mestre-sala é o trinchante da mesa real, e o *mestre de ceremonias do paço.*

MESUÁDA—portuguez antigo — escolta, comitiva, acompanhamento. *Tomàrão a muitos do nosso senhorio, mantimentos, assi pera Nós, como pera as Lanças da Nossa mesuáda.* (Côrtes de Lisboa, de 1389.)

MESÚRA—portuguez antigo—urbanidade, cortezia, honra, modestia, gravidade, etc.—*Mando ao Cabido huuma cuba chea de vinho; sô tal condiçom, que elles, per sa mesúra sayam sobre mim, quando ssayrem da Missa da Prima atá os trinta dias; e peço aa sa mesura deles huum Coreiro, que cante por mim, cada dia huua Missa, atá os trinta dias.* (Testamento de Fernam Gil, thesoureiro da Guarda, Doc, de 1299.)

MESÚRA — portuguez antigo — medida, termo, conta e razão.—*Os Çapateiros e Alfaiates, e Ferreiros, e outros Mesteiraes, vendem sem mesura, o calçado e as outras cousas, por tal guisa, que em todo continuamente amostram gram malicia em sseos mesteres.* (Doc. de Silves, de 1404.)

MESÚRA—portuguez antigo—generosidade, primor, magnanimidade, etc. — *Se o que está em seu juiso perfeito, diz mal d'El-Rei, por lhe não fazer justiça, póde-lhe perdoar El-Rei, por sua mesura, se quizer, e deve-lhe outro-sy fazer direito do torto, que ouvesse recebido.* (Cod. Alfons. Liv. V, tit. 3.º)

MESURAR—Vide *Mensurar.*

METHCAES ou **METKAES** — portuguez antigo, ainda usado em archeologia e numismugraphia — o mesmo que medalhas, moedas, ou dinheiro de ouro e prata, por serem os *metaes* mais preciosos.

Os romanos lhe chamavam *metalla*; os arabes, *methalia*; os francezes, *medail*; os antigos hespanhoes e os lusitanos, *metkaes.*

Em 1114 venderam os monges de Lorvão uma casa que tinham junto á egreja de S. Pedro em Coimbra, (1) *pro prætio id est X methcales maravidiz.* (Pelo preço de 40 methcaes maravidins.)

No principio do seculo XI os *methcaes* eram as moedas maiores de então.

METICAL—portuguez antigo — do arabe *metcal.* Certo peso que usavam os ourives, e tinha uma dracma e dois terços. Os africanos chamam *metcal* a uma moeda, que tinha 1$000 réis portuguezes. Ducado.

E se concertou por trinta meticaes de ouro, peso da terra (Moçambique) *que vale cada um 420 da nossa moeda.* (Chronica de D. Manuel, por Damião de Goes, parte 1.ª, cap. 37.)

METÚDO—portuguez antigo—mettido

MEXILHOEIRA GRANDE[2]—freguezia, Algarve, comarca de Lagos, concelho de Villa Nova de Portimão, 60 kilometros de Faro, 215 ao S. de Lisboa, 410 fogos.

Em 1757 tinha 224 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado do Algarve, districto administrativo de Faro.

A mitra apresentava o cura, que tinha 124 alqueires de trigo.

Grande e rica aldeia, situada na charneca, em um alto, vendo se o mar, (que lhe fica a 28 kilometros ao O.)—na estrada que vae de Lagos para Portimão, entre as ribeiras de *Farélio* e *Arão;* aquella a E. e esta a O., e que ambas desagúam no rio Alvôr. Na primeira ha uma ponte de alvenaria, de 2 arcos, a 250 metros da aldeia; e

(1) D. Fernando, de Castella, tomando Coimbra aos mouros, a 25 de julho de 1064, quiz dar a cidade aos frades de Lorvão, em premio dos grandes serviços prestados por elles, sustentando o exercito por 4 mezes; porém os monges não quizeram acceitar mais do que a egreja de S. Pedro e esta casa. (Vide col. 1.ª de pag. 321 do 2.º volume, e *Lorvão.*)

2 Dá se lhe o nome de *Mexilhoeira Grande* para a distinguir da *Mexilhoeira Pequena, Mexilhoeirinha* ou *Mexilhoeira do Carregadouro,* que é perto da foz do rio.

até ahi sobem lanchas de 400 arrobas de tonelagem, com peixe e sal, e levam para Portimão fructas da terra, e muita palma em rama e fabricada.

A quasi egual distancia ha outra ponte, tambem de dois arcos, sobre o Arão, que corta a estrada para Lagos, e até á qual tambem chegam lanchas da lotação das outras, e para os mesmos fins.

A 400 metros abaixo d'esta ponte, ha um bom *embarcadouro*, mais proximo do porto, no sitio das *Fontainhas*, onde está uma fonte, muito abundante de boa agua, que móe e réga.

Proximo das Fontainhas no sitio chamado *Mesquita*, se vêem ruinas de edificios antiquissimos, feitos de *formigão* mourisco, em repartimentos de pequenas casas, á maneira de cellas. Não se sabe o que aquillo era.

N'esta margem da ribeira se estendem formosas campinas muito ferteis, assim como quasi todo o territorio da freguezia, que abunda em oliveiras, figueiras, e mamoneiras, que produzem bastante azeite (oleo de mamona). Ha por aqui muita caça grossa e miuda.

A egreja matriz é um bom templo, de trez naves.

Tem Misericordia e hospital, com 50$000 réis de renda, para tratar os pobres em sua casa, porque para o hospital não vae ninguem.

Faz-se aqui uma grande e concorridissima feira, chamada de S. Bartholomeu, que dura 3 dias.

Pelo terramoto do 1.º de novembro de 1755 ficou esta freguezia isenta das desgraças e das calamidades que elle causou á maior parte do Algarve; apenas a egreja soffreu alguma coisa.

Ha aqui dois lagares de azeite.

A 3 kilometros a NNE. fica a eremitagem de *Pégos-Verdes*, onde ha uma bonita quinta, com boas casas de habitação.

MEXILHOEIRA PEQUENA, MEXILHOEIRINHA ou MEXILHOEIRA DO CARREGADOURO (ou da **CARREGAÇÃO**)—aldeia, Algarve, freguezia e concelho de Villa Nova de Portimão.

Foi fundada por D. João II, em 1495. Este monarcha, para attrahir para aqui população, deu privilegio de *couto do reino* a doze pescadores, que aqui viessem estabelecer-se e morar, pelo menos dois mezes por anno, (não tendo crime de traição ou aleive) por carta de 23 de janeiro d'aquelle anno, a requerimento da camara de Silves, com o fim de ajudar o commercio, por ser este sitio o mais accommodado para a carregação dos generos do paiz, e do pescado.

É na margem esquerda do rio Portimão, em frente e a 1:500 metros da villa, e aqui vem embarcar todos os productos dos concelhos de Silves, Lagôa e Albufeira, que ficam a E. do rio.

Fica 3 kilometros a NE. da foz, e o seu porto tem fundo para navios de 10:000 arrobas. (150:000 kilogrammas.)

Os armazens estão proximos do logar do embarque. (chamado *Alcantil*.)

Concorrem aqui muitas embarcações nacionaes e estrangeiras, a carregar figos séccos, palma, em rama e em obra, amendoas, azeite, alfarrobas, e outros varios generos do paiz, e, sobre tudo, sal e pescado.

Isto tem feito prosperar muito a povoação, que tem bôas moradas de casas e optimos armazens, em uma só rua, que segue desde o embarque, até á estrada de Estombar.

Ha aqui excellentes marinhas, abaixo e acima da aldeia, que produzem muito e optimo sal.

Pelo antigo foral de Silves, tinha este porto privilegio de *Praça do Commercio*.

Só a siza do figo, chegou aqui a seis contos de réis, isto, álem do figo que sahia sem ser vendido por negociantes; isto é, que o lavrador vendia directamente ao exportador, que não pagava siza.

Tem 140 fogos.

Tem um capellão que lhes vae dizer missa, á capella de Santo Antonio, que fica no alto da povoação.

MEXILHOEIRO—sitio da costa, Extremadura, a 1 kilometro de Cascaes, e junto á célebre *Bôcca do Inferno*.

Como a pag. 151 do 2.º vol., tratei rapidamente do caso occorrido aqui com a sr.ª D. Maria Pia e seus filhos, por me reservar

para este logar, para fazer mais completa narração do facto, passo a descrevêl-o segundo veiu publicado nos jornaes que se julgaram mais bem informados.

No dia 2 de outubro de 1873, de tarde, sua magestade a rainha, acompanhada de suas altezas o principe real D. Carlos e infante D. Affonso, das damas, sr.as D. Gabriella de Sousa Coutinho e D. Maria Theresa, e do veador de serviço, sr. visconde de Mossamedes, saiu do seu palacio em Cascaes, em direcção ás Arribas, ponto escolhido para passeiarem n'aquelle dia.

Apearam-se todos na estrada da Guia, e dirigiram-se a pé até aquelle sitio, onde sua magestade ordenou que se fosse chamar o ajudante de pharoleiro, Antonio de Almeida Neves, para auxiliar sua magestade, os principes e régia comitiva, na descida até á rocha, chamada do Mexilhoeiro; porém como a distancia da Guia até alli é superior talvez a 2 kilometros, sua magestade resolveu, antes de chegar o pharoleiro, ir descendo á rocha.

Os dois primeiros lances da escada artificial, desceram-os sem novidade, e d'alli foram pela rocha escabrosa e desigual, tendo o sr. visconde de Mossamedes tido o maior cuidado, auxiliando sua magestade, os principes e as damas, ora tomando-os nos braços, ora amparando-os, até que finalmente chegaram ao Mexilhoeiro, sendo só então, que o ajudante do pharoleiro se apresentou a sua magestade.

Quando a sr.a D. Maria Pia se dispunha a seguir a direcção da *Bôcca do Inferno*, a dama sr.a D. Gabriella perguntou ao ajudante do pharoleiro ácerca da maré, respondendo aquelle, que a maré vasava; porém objectando a sr.a D. Gabriella que doze horas antes tinha tomado banho com a maré cheia, concordou então o ajudante do pharoleiro, que a maré devia encher, e que elle se tinha enganado.

Proseguiu sua magestade, seus augustos filhos e régia comitiva no seu passeio, e reparando pouco depois que não podiam continuar avante, a sr.a D. Maria Pia ordenou o regresso, que logo se patenteou difficil, porque a maré, crescendo, tinha coberto parte do caminho a ponto de haver já cerca de 2 palmos de agua, em varios sitios que passaram.

Caminharam então com menos difficuldade até á rocha do Mexilhoeiro, que é horisontal, e cavada em differentes pontos, similhando os buracos uma especie de pequenos poços de profundidade aproximada a quatro metros, estando este sitio então fortemente batido pelas ondas, cada vez mais crescentes. O sr. visconde de Mossamedes, vendo o perigo que corria sua magestade, se passasse adiante, advertiu a mesma augusta senhora de que seria melhor tomarem pelo atalho superior á rocha; sua magestade porém julgou entrever n'esse aviso apenas um excesso de zelo, e que não havia perigo algum, e ordenou ao ajudante de pharoleiro, que levava o principe D. Carlos pela mão, que tomasse cuidado tambem no infante D. Affonso; ficando o sr. visconde de Mossamedes desembaraçado para ajudar sua magestade e as damas na descida para a rocha.

Como o caminho alli é muito estreito, tiveram todos que ir a um e um, á proporção que hiam descendo; no mais estreito da passagem, porém, as ondas repentinamente levantaram-se a grande altura, e com tal furia, que envolveram todos quantos alli estavam, devendo notar-se que a rocha do Mexilhoeiro é cortada por uma pedra enorme que a atravessa em toda a sua largura, difficultando não só a passagem, mas até o poderem vêr-se as pessoas que ficavam atraz.

O ajudante do pharoleiro a este tempo tinha já passado a referida pedra com os principes, mas foram todos tres envolvidos pelas ondas, que suas altezas e seu valente guia rolaram para o abysmo.

Só a sr.a D. Maria Pia do ponto em que então estava, é que viu o que se passava além da rocha, e reconhecendo o enorme perigo que corriam seus augustos filhos, correu apressurada para aquelle lado em soccorro do infante, que era a este tempo o unico que estava envolvido nas ondas, porque o bravo ajudante do pharoleiro presta-

va todo o seu auxilio em salvar o principe real.

N'este momento angustioso para uma mãe extremosa, quatro ondas enormes, reproduzindo-se, difficultaram por momentos os esforços de sua magestade para acudir a seus augustos filhos, e se a Divina Providencia não lhes acudisse, fazendo com que as ondas se não reproduzissem, seriam todos victimas sem remedio.

Sua magestade achava-se então ao poente da pedra que corta o Mexilhoeiro, em quasi toda a sua largura, e, auxiliada do ajudante do pharoleiro, poude conseguir salvar suas altezas para o que contribuiu de certo, além da ajuda de Deus, o seu muito amor maternal e o seu provado animo varonil, tão proverbial em quasi todos os membros da illustre casa de Saboya.

O intrepido ajudante do pharoleiro, sempre activo e infantigavel, correu pressuroso em soccorro da dama, a sr.ª D. Gabriella, que fôra arrebatada pelas ondas para uma das maiores cavidades da rocha.

O sr. visconde de Mossamedes estava ainda no nascente da grande pedra, e por isso na impossibilidade de vêr o que se passava do outro lado, sendo á primeira pessoa que o sr. visconde viu, a dama a sr.ª D. Maria Thereza, arrastada tambem pelas vagas e quasi á beira do precipicio, soffrendo ainda um ataque nervoso, e em altos gritos afflictivos a pedir soccorro. O sr. visconde correu immediatamente e em hora tão feliz, que conseguiu lançar-lhe as mãos aos vestidos e salvar a pobre senhora de uma morte certa, visto que esteve a ponto de resvalar da rocha no sitio onde ella é cortada quasi a prumo, e onde a agua é profundissima.

O sr. visconde tomou nos braços a dama a sr.ª D. Maria Thereza, e conduziu-a a um ponto seguro, porém ella n'este momento, recuperando os sentidos, disse ao sr. visconde que sua magestade estava alli morta, o que fez com que immediatamente voasse em procura da sr.ª D. Maria Pia, e reparando que o chapéu de sua magestade boiava n'uma das cavidades, precipitou-se dentro, diligenciando agarrar o corpo, que felizmente não encontrou, porque a indicação da sr.ª D. Maria Thereza não fôra exacta.

No momento porém do sr. visconde sahir a custo da cavidade, viu dois corpos boiar, e correndo a prestar-lhe soccorro, reconheceu serem do ajudante do pharoleiro e da dama a sr.ª D. Gabriella, os quaes salvou com muita difficuldade, porque a dama tinha de tal modo agarrado o pobre ajudante, que lhe paralysava os movimentos.

A sr.ª D. Gabriella estava quasi a desfallecer, soffria terriveis agonias pela muita agua que tinha engulido; um só segundo de demora talvez bastasse para ser cadaver.

N'este estado lastimoso foi a pobre senhora levada pelo sr. visconde e ajudante do pharoleiro para junto de sua magestade, que já então se achava em ponto seguro com seus augustos filhos.

Sahiram afinal d'aquelle verdadeiro inferno pela rocha escabrosa, aos hombros, se póde dizer, do sr. visconde e do ajudante; os criados de sua magestade appareceram quando todos estavam salvos e fóra da rocha, e se appareceram foi porque o principe o sr. D. Carlos conseguiu chegar ao sitio onde avistava a estrada, e d'alli chamar os criados, que de nada sabiam nem tinham visto, por causa da distancia; assim mesmo prestarrm serviços, levando nos braços a sr.ª D. Gabriella.

Sua magestade subiu então para o carro acompanhada de seus augustos filhos, e tomando o governo voltaram ao palacio, bem como as damas e veador.

Ás 8 horas da noite é que sua magestade ordenou ao seu reposteiro, sr. Gomes, que levasse uma carta a el-rei, narrando-lhe o occorrido, e o mesmo portador levou um recado particular do sr. visconde a el rei recommendando á sua real munificencia o ajudante do pharoleiro, que com tanta dedicação se arriscára na salvação de sua magestade e dos principes, sendo tambem por ordem do mesmo veador, que se mandou dar de jantar ao referido ajudante, e tudo que elle desejasse.

Esta é a narração fidelissima de todo o occorrido; vae o seu a seu dono, para se esclarecer completamente a verdade, e saber-se evidentemente quem prestou servi-

ços, e quem arriscou a vida n'um accidente tão imprevisto quanto lamentavel.

MEZINHADOIRO — **MEEZINHADOIRO** e **MYZYNHADOIRO**—portuguez antigo—certo fôro que se pagava para a enfermaria do mosteiro do Bustéllo, junto a Penafiel. (Documentos d'este mosteiro, de 1347, 1348, 1368, 1375 e 1443.)

MEZÍO—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Castro Daire, 12 kilometros ao ONO. de Lamego, 315 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 93 fogos.

Orago S. Miguel, Archanjo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Não é muito fertil, mas cria muito gado, e nos seus montes ha muita caça, grossa e miuda.

O abbade de Bretiande apresentava o cura que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É evidente que o nome d'esta freguezia, é corrupção de *homezio;* mas não consta que ella fosse em tempo algum considerada legalmente, ou de direito, *couto de homizío*, ou *do reino.* (Vide pag 415, col. 1.ª, do 2.º vol., na palavra *Couto.*)

Talvez que em algum tempo aqui se homisiasse algum criminoso, e que d'essa circumstancia lhe provenha o nome.

Note-se tambem que varias quintas de fidalgos tinham privilegio de couto de homizío, e bastava que o criminoso tocasse os seus muros, para já não poder ser preso, senão pelos crimes exceptuados no respectivos privilegios.

Em differentes sitios de Portugal, tenho achado logares, com o nome de *Mezío, Mezíos* e *Amezíos.* É provavel que em tempos antigos pertencessem a quintas que tivessem o tal privilegio.

Na noite do dia 9 para 10 de abril de 1736, teve logar na egreja matriz d'esta freguezia, um desacato. Foi arrombada a egreja e roubaram do Sacrario o vaso Sagrado, de prata, com as hostias que continha, roubaram tambem dois calices de prata, que estavam na sachristia e outros objectos de prata. Nunca se poude descobrir o sacrilego.

Em Lamego fizeram-se muitas procissões de penitencia e desagravo.

MHA—portuguez antigo—minha. (É dos seculos XIII e XIV.)

MHEU—portuguez antigo—meu. (Doc. de 1280.)

MHUA—portuguez antigo—mulla. *Mando hi a mhua do mei corpo.* (a em que costumava andar montado)—Testamento de *D. Ermengonça*, feito em 1294; que estava no cartorio do mosteiro da Alpendurada.

Em outros documentos d'aquelle tempo, se diz—*mulam corporis mei.*

Em um documento do mosteiro do Bustéllo, se lê—*Meo soprino meam mulam, in qua ego ambulo.* (Deixo a meu sobrinho, a mulla em que ando.)

MICE—portuguez antigo—misser, senhor, gallicismo antiquissimo, provavelmente trazido para Portugal pelos gascões e normandos, ou, depois, pelos francezes do conde D. Henrique, ou pelos que ajudaram seu filho, nas guerras contra os mouros. Vem do francez *Messire.*

MIDO—freguezia, Beira Baixa, comarca de Pinhel, concelho de Almeida, 70 kilometros de Viseu, 315 ao E. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 40 fogos.

Orago Santo Antonio de Lisboa.

Bispado de Pinhel e districto administrativo da Guarda.

O vigario de S.Vicente de Castello-Mendo apresentava o cura, que tinha 6$500 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia foi do concelho de Castello-Mendo, que em 1855 foi supprimido, passando todas as freguezias que o compunham, para o concelho do Sabugal. Em dezembro de 1870, passou a fazer parte do concelho de Almeida. Vide *Castello Mendo.*

MIDÕES—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 15 kilometros a O. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 72 fogos. Orago S. Payo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor do mosteiro dos conegos seculares de S. João Evangelista (loyos), da cidade do Porto, apresentava o vigario, que tinha réis 60$000 e o pé d'altar.

O nome d'esta freguezia é corrupção da palavra arabe—*midán*—Praça, arêna, ou terreiro onde se fazem escaramuças, a cavallo; torneios, justas, jogos de cannas, etc. Vem a ser, com pouca differença, o a que hoje se dá o nome de *hypodromo*.

Vieram com os mouros á espada, em um Midan, *de arêa, que estava junto ao logar.* (*Commentarios*, de Affonso d'Albuquerque, part. 1.ª, cap. 63, pag. 333.)

MIDÕES—aldeia, Douro, na freguezia de S. João Baptista da Raiva, concelho e 9 kilometros a ONO. da villa de Sobrado, cabeça do concelho do Castello de Paiva, comarca e 25 kilometros a NO. de Arouca, bispado e 50 kilometros a O. de Lamego, districto administrativo e 65 kilometros a NE. de Aveiro, 25 kilometros a E. do Porto, 310 ao N. de Lisboa, 30 fogos.

Tem uma capella publica, dedicada a S. Lourenço, e uma particular, da invocação de Nossa Senhora, na casa do sr. Luiz Paulino Pereira Pinto de Almeida, o maior e mais rico proprietario d'este concelho.

Situada em terreno muito accidentado, sobre a margem esquerda do Douro, em frente da quinta da *Abetureira* (freguezia de Sebollido), da sr.ª viuva Allen.

É terra muito fertil em cereaes, legumes, linho, vinho e fructas, mas sobre tudo em nozes.

Na frente da aldeia, ha um vasto areal. (que é provavelmente o que lhe dá o nome.)

Ha por estes sitios, muitos vestigios de mineração antiquissima, e varias minas metalicas, mas quasi todas pouco promettedoras. Passa por aqui a veia de galena de Gondarem (que é uma aldeia proxima e ao O.), de que é concessionario o sr. visconde do Freixo.

No *Ribeiro de Couce*, junto á quinta da Abetureira, ha uma mina de cobre, mesmo no leito do ribeiro.

No monte do *Ramezal*, 1 kilometro a ENE. de Midões, ha a célebre *Cova da Moura*. É um pôço e duas galerias, do tempo dos romanos, ou dos arabes; que aqui fizeram grandes trabalhos de lavra.

Parece ser cobre, o mineral que d'aqui extrahiram.

Fui vêr estas minas, que não foram esgotadas, mas, de proposito entupidas pelos mouros, do que se vêem indicios claros. Valia a pena serem desentupidas por um homem da arte, e examinadas interiormente.

O minerio está *encaixilhado* em uma especie de basalto, tão duro e pesado como bronze.

Para se fazer ideia da dureza d'esta pedra, basta ver o grande numero de carradas d'ella que sahiram dos desmontes. Estão amontuadas pelos arredores das galerias ha mais de 800 annos, e ainda não ganharam nem o mais leve signal de musgo: parece que foram agora quebradas!

MIDÕES—villa, Douro (antiga Beira Alta), comarca e concelho da Tábua, 30 kilometros de Viseu, 54 a NE. de Coimbra, 60 da Guarda, 240 ao N. de Lisboa, 600 fogos.

Em 1757 tinha 300 fogos.

Orago Nossa Senhora das Neves. (antigamente Nossa Senhora do Pranto.)

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

A mitra apresentava o vigario, que tinha 70$000 réis e o pé d'altar.

—

A mesma etymologia do *1.º Midões*.

Era um concelho, com 1:500 fogos, e uma comarca com 6.000, que foram supprimidos em 1855, por causa das atrocidades dos tristemente célebres *Brandões*, e ficou pertencendo á comarca e concelho da Tábua, então creada.

Fica o extincto concelho de Midões, situado sobre a margem erquerda do Mondego.

Fica a egual distancia de Gouveia, Mangualde e Viseu (54 kilometros) e 18 de Arganil, Céa, Santa Comba-Dão e Tondella.

Tanto esta villa, como as do *Couto de Midões*, *Oliveirinha*, *Candosa* e *Percellada*, todas hoje da comarca e concelho da Tábua, foram antigamente da provedoria da Guarda.

Confinava o concelho de Midões, ao N. com o do Ervedal (districto administrativo da Guarda), do qual era separado pelo rio Céa, e com o do Carregal (districto administrativo de Viseu), do qual o separava o Mondego—ao E., com o de Oliveira do Hospital—

ao S., com os de Avô e Tábua—ao O., com os da Tábua e do Carregal.

O nome antigo d'esta villa—*Midães*—era mais etymologico.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 12 de setembro de 1514. N'elle lhe dá o nome de *Midães*. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 42 v., col. 1.ª)

Este foral tambem serve para a *Póvoa*. (Veja-se a minuta para este foral, no *Corpo Chronologico*, part. 1.ª, maç. 1.º, Doc. 2.º)

Segundo consta de documentos, havia ainda em 1697, n'esta villa, um pequeno mosteiro, ou hospicio, do sexo feminino, do qual apenas hoje restam alguns vestigios; porque deixou de existir, pouco depois d'aquelle anno.

É tradição constante que a villa do Couto de Midões, distante apenas 400 metros d'esta, foi povoação romana, e alli foram achadas duas lapides, que um parocho curioso mandou collocar nas paredes lateraes da capella de S. Sebastião, situada em uma pequena collina, ao cimo da villa. Dizem:

1.ª

GENIO MUNICIPI TEMPLUM, CAIUS CANTIUS MODESTINUS EX PATRIMONIO SUO

2.ª

VICTORIAE TEMPLUM CAIUS CANTIUS MODESTINUS EX PATRIMONIO SUO

Consta tambem por tradição, que no limite da Póvoa, povoação contigua a Midões, no sitio chamado *Valle de França*, houvera uma ponte, construida pelos romanos, sobre o Mondego. D'ella não ha vestigios.

A inscripção que ainda hoje alli existe, gravada em uma pedra quadrangular, e collocada na parede de uma casa, parece auxiliar a tradição vulgar. D'ella apenas se póde ler o principio, porque o mais está apagado pelo tempo. Diz:

IMPERATORE TITO HANC PONTEM......
....

O territorio da freguezia, e de todo o extincto concelho, é fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz, sendo em tão grande abundancia o milho, vinho, azeite, feijão, batatas, lans e gado lanigero, que de tudo isto se exporta, em grande quantidade.

Na Candosa ha algumas olarias de louça ordinaria, que se exporta.

O extincto concelho de Midões é banhado pelas seguintes correntes:

O *Mondego*, pelo E. e N., na distancia de 6 kilometros. (É este concelho o primeiro do districto administrativo de Coimbra em que toca este rio.)

O *Rio de Cêa*, que nasce no concelho e junto da villa que lhe dá o nome, e que, depois de atravessar os concelhos de Oliveira do Hospital e do Ervedal, passa por este, ao N., servindo de demarcação a ambos. Deságua no Mondego, junto da villa do Matto.

O *Rio de Cavallos*, que em parte atravessa este concelho, e em parte o dividia do da Tábua. Depois de receber diversos ribeiros, morre no Mondego, pouco abaixo da *Varzea Negra*. Ha sobre este rio, em um valle profundo, e de difficil transito, uma ponte de pedra, que communica as duas freguezias, de Midões e Candosa.

Fica na estrada de Coimbra para Lisboa, e para o *Porto da Raiva*.

—

É limitada ao E. pelo outeiro de *S. Miguel*, em cujo vertice ha uma capella dedicada a este Archanjo.

É este sitio muito pittoresco e aprasivel, com bello e extenso horisonte, vendo-se vastos prados e valles, e as serras da Estrella e do Caramullo.

Ao N. é limitada pelas *Moitas*, logar muito ameno.

Ao S., pelo *Outeiro Vistoso*, nome bem empregado, pelo panorama seductor que d'aqui se gosa.

Ao O., pela *Senhora das Dores*, sitio onde se faz um mercado mensal.

Fica a villa em uma baixa, cercada de olivaes, com magnificos arredores, regados de abundantes aguas, causa da sua fertilidade.

Tem bons edificios, sendo d'este numero a egreja matriz, construida em 1850, e uma

das melhores da provincia, com duas boas torres.

As casas do sr. visconde de Midões, são as melhores da villa.

Ha mais na freguezia cinco capellas, que são—a de Nossa Senhora das Dores—Nosso Senhor dos Passos—a da casa do Ribeirinho—a dos srs. Albuquerques, do Ervedal—e a do sr. José Soares de Albergaria.

A pouca distancia da villa, corre o formoso Mondego, sombreado de salgueiros, regando muitas varzeas.

Sendo Midões uma das villas importantes da provincia, e com todas as condições de desenvolvimento e prosperidade, perdeu a sua autonomia, pelos crimes monstruosos de alguns de seus filhos degenerados, e estão os seus povos (quasi todos innocentes) expiando as culpas de um punhado de scelerados.

—

Na falda NO. da serra, perto de Midões, havia uma antiquissima cidade, a cujas ruinas a tradição dá o nome de *Nabril.*

Teem aqui apparecido cipos, com inscripções romanas e outras antiguidades. Fica proximo da Povoa onde havia a ponte romana de Valle de França, de que já fallei.

—

Em 1133, coutou D. Affonso Henriques, o mosteiro de *Sperandei*, com a villa do mesmo nome; *Sabugosa, Freixêdo* e *Midões*, dando estes quatro coutos ao mosteiro de Lorvão.

—

Triste celebridade adquiriu em nossos dias a villa de Midões, por ser patria do maior malvado do seculo XIX em Portugal. Todos se lembram ainda com horror de João Victor da Silva Brandão. Filho de um ferreiro, e ferreiro elle mesmo, nos principios da sua vida de crimes e infamias de toda a qualidade, principiou a ser assassino e ladrão (da quadrilha de seu pae!) na edade de 12 annos. Quando tinha apenas 20, já era chefe de uma quadrilha, que foi o terror das duas Beiras, pela grandeza e frequencia dos seus roubos; pela crueldade de seus numerosos assassinatos; pelas suas repetidas atrocidades; e pela sua *mysteriosa* impunidade.

Á força de roubos e crimes chegou a ser um proprietario abastado; mas a riqueza, longe de o transformar em um cidadão pacifico, ainda mais lhe accendeu o odio contra os seus similhantes, e a ambição da propriedade alheia.

Sempre salteador, e sempre assassino, seus crimes multiplicados, trasbordaram todas as medidas, e seus poderosos protectores, não poderam mais escudal-o contra o horror que inspirava a todo o reino; e depois de muitas diligencias baldadas, pôde emfim cahir em poder da justiça.

Callarei todas as peripecias que fazem da vida de João Brandão, um drama continuado de scenas sempre horriveis, sempre sanguinolentas: nem se póde estender este vastissimo sudario de horrores, sem envolver nos crimes d'este monstro alguns personagens altamente collocados, a cuja protecção deveu João Brandão a sua impunidade, e as Beiras 25 annos de lagrimas, sustos, sangue, incendios e horrores.

A mão do Omnipotente havia marcado o termo de tantas iniquidades e o cyclo dos crimes de Joao Brandão terminára com o roubo e assassinato do virtuoso e illustrado padre José da Annunciação Portugal, digno administrador da casa dos srs. viscondes de Almeidinha.

Foi precisa toda a influencia do sr. visconde, e a sua alta posição, para arcarem contra o patrocinio de um lado, e do outro o terror que inspirava geralmente o monstro e o receio da sua barbara vingança, se sahisse absolvido (o que todos receiavam) para que Brandão fosse preso, julgado e sentenciado. Finalmente, justiça foi feita, e João Brandão foi expiar para os presidios da Africa todos os crimes, que commettera desde 1842 até 1867. Deus queira que, tão longe da sua patria, possa reflectir no horror da sua vida passada, e tornar-se um cidadão sinceramente arrependido, pacifico e honrado, empregando a sua energia a bem da sociedade que por tantos annos prejudicou com as suas atrocidades.

—

É visconde de Midões o sr. Cesar Ribeiro Abranches Castello-Branco.

MIGUEL (S.)—Vide *Couto, Jermêllo, Machêde, Matto* e *Mattos*.

MIGUEL D'ACHA (S.)—villa, Beira Baixa, comarca e concelho de Idanha Nova, 40 kilometros da Guarda, 280 ao E. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1757 tinha 189 fogos.

Orago S. Miguel Archanjo.

Bispado e districto administrativo de Castello Branco.

O *Portugal Sacro* e *Profano*, lhe chama *Dacha*.

A mesa da consciencia apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

Posto ser uma povoação muito antiga, pois já existia no tempo dos mouros, nem acho em livro nenhum apontamentos a seu respeito, nem teve foral antigo, ou moderno.

Escrevi ao muito reverendo parocho a pedir-lhe informações (ha mais de um anno), e ainda não recebi resposta.

Ha aqui uma bôa mina de chumbo, em lavra.

Posto que o nome d'esta povoação seja incontestavelmente arabe, ha duas opiniões sobre a sua etymologia.

Dizem uns, que vem da palavra *axxat*, que significa *ovelha*, e vinha então a ser, *povoação da ovelha*. A opinião mais seguida, porém—e a que tem mais visos de provabilidade—é que vem de *Ayxa*, ou *Aixa*, nome proprio de mulher—significa a *vivente*. Deriva-se do verbo *âxa*, viver.

A mais querida das mulheres de Mafoma, chamava-se *Aixa*. Este nome era muito vulgar entre os arabes.

Ayxa Ansora (que nós diziamos *Ayxa Auzures*), se chamava a mulher de *Echa Martim*, ultimo rei mouro de Lamego. (Vide *Arouca*.)

É provavel que esta rainha, ou outra qualquer *Aixa* que fosse senhora, ou fundadora d'esta povoação, lhe imposesse o seu nome.

É terra fertil, e ha nos sens montes muita caça grossa e miuda. Tambem cria bastante gado, de toda a qualidade.

MIGUEL D'ALFAMA (S.)—Vide *Lisboa*.

MIGUEL D'AUREGA (S.) — antiquissima freguezia, Minho, comarca, concelho e junto á villa de Ponte do Lima.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Ignora-se quando foi supprimida.

Em 15 de outubro de 1125 (4 de outubro da era de Cezar de 1163), a rainha D. Thereza e seu filho, D. Affonso Henriques, fizeram doação á Sé de Tuy, sendo seu bispo, D. Affonso II, da egreja de S. Miguel de Aurega.

Assignaram, D. Pelagio, arcebispo de Braga, e os condes D. Fernando e D. Gomes, álem de outras pessoas da côrte.

Por esta freguezia, passava a via militar romana, de Braga para Astorga, e têem aqui apparecido varios marcos milliares.

Parece que á freguezia de S. Miguel d'Aurega, pertenciam, a rua d'*Alem da Ponte* (de Ponte do Lima), e os logares de *Freiria, Antepaco, Outeiro, Valle de Pereiras* e outros, que são hoje da freguezia de *Santa Marinha de Arcozêllo*. (Vide *Arcozêllo*.)

Ainda existe (de certo, por muitas vezes reedificada) a egreja que foi matriz da freguezia de Aurega, situada no *Monte de Santo Ovidio*, que tambem se chama *Monte de S. Miguel*.

Está reduzida a capella, e no mesmo altar estão as imagens de S. Miguel e de Santo Ovidio, e por isso o monte tem os dois nomes.

O povo tambem dá a este monte o nome de *Agro* ou *Aurego*.

Note-se que Aurega é uma freguezia e Arcozêllo outra, tambem muito antiga; porém a primeira era no seculo XII muito mais importante que a segunda, visto que merecera a distincção de virem os bispos de Tuy [1] ao menos uma vez cada anno, celebrar, uma missa n'esta egreja; porque, com esta obrigação lhes foi ella doada.

Quando se uniram as duas freguezias (Aurega e Arcozêllo) ficou a abbadia da primeira reduzida a beneficio simples e por muitos annos ainda, teve a segunda, dois abbades—um com ura, que era o de Arco-

[1] Como já tenho dito em varias partes, o bispado de Tuy, chegava (até ao reinado do nosso D. Affonso V) á margem direita do rio Lima. (Vide *Braga*.) Tuy fica 30 kilometros a NE. de Aurega.

zêllo, e outro sem cura, que era o simples, de Aurega.

Ainda no reinado de D. Diniz existia esta freguezia; pois que, em 16 de outubro de 1279 (o primeiro anno do seu reinado) tendo os bispos de Tuy perdido o padroado da egreja (talvez pela falta de cumprimento das obrigações impostas na doação) a doou o rei, a D. Fernando Arias, bispo de Tuy — *pro multo servitio, quod mihi et Donae Beatrici Serenissimae matri meae impendit, eidem et Ecclesiae suae cunctisque successoribus*, etc. *Dat. Colimbr. 5 die Octob. Rege mandante. Era MCCCXVII.* (16 de outubro de 1279 de Jesus Christo.) *Flor. Esp. Sagr.*, tom. 22, pag. 152.

Succedendo depois (como disse em Braga) a separação das egrejas de Entre Minho e Lima, da Sé de Tuy, e a creação da collegiada de Vallença, passaram os rendimentos (que eram importantes) da egreja de Aurega—já unida a Arcozêllo, ou que se uniu então — por graça de D. Affonso V, D. João II e D. Manuel, ao convento dos frades franciscanos de Valle de Pereiras, que depois foi de freiras da mesma ordem.

Julga-se que a suppressão da freguezia de Aurega, teve logar quando se fundou este mosteiro de Valle de Pereiras; concorrendo o sitio agreste em que estava a egreja, para que o povo consentisse na suppressão, visto que podia acudir á egreja do convento, para os exercicios espirituaes.

Idacio, límico, bispo de Chaves, contemporaneo de Theodorico, rei dos godos e de Remismundo, rei dos suevoe, veridico escriptor do seculo V, e Santo Izidoro, fallecido em 636, e que escrevem a *Historia dos suevos*, dizem de Aurega o seguinte:

Os *aureguenses* são os povos que habitam a cidade e territorio de Aurega e o monte Arga.

Remismundo, rei dos suevos invadiu e conquistou estes povos, em 460.

Os suevos habitavam os confins da Galliza, (isto é, Entre o Minho e o Lima) e sabendo da morte que o rei godo Theodorico fez dar ao rei suevo Rechiario, elegeram para seu rei, ou chefe, a Madras (ou Maldras.)

Como Theodorico sahisse da Galliza, para conquistar Merida, e, depois do anno 457 de Jesus Christo, passasse ás Gallias, se dividíram os suevos em duas parcialidades, reconhecendo os dos confins da Galliza por seu rei a Madras, e os que habitavam desde o Douro até Braga, a Franta.

Franta, morreu em 458, succedendo-lhe Remismundo, que ficou sendo soberano do Minho actual, tendo Braga por capital do seu reino.

Madras foi assassinado pelos seus vassallos, e lhe succedeu Frumario.

Os aureguenses tinham jurado obediencia ao imperio romano, e se lhe conservavam fieis, obedecendo aos seus generaes e legados; pelo que eram perseguidos pelos suevos d'aquem e d'alem Lima.

Frumario, e os seus suevos passaram em 460 á cidade de *Aguas Flavias* (Chaves) assolando-a e ao seu territorio, e prendendo seu bispo, Idacio (que cónta a historia *de visu*) soltando-o d'ahi a tres mezes.

No mesmo anno, e ao mesmo tempo, Remismundo, com os seus, invadiu e assolou as povoações dos auregenses e a costa maritima, que eram do convento juridico, ou chancellaria de Braga.

Remismundus vicina parites Auregencium loca, et Lucensis Conventus maritima populatur.

Isto confere com o que diz frei Philippe de la Gandara, chronista-mór da Galliza, nas suas *Armas e Triunfos de Galliza*, livro 1.°, cap. 24—e com a *Historia de S. Thiago* (livro 2.°. cap. 22, fl. 192 v.) escripta por D. Mauro Castella Ferrer.

É provavel que *Arga* seja abreviatura de Aurega.

Eram os auregenses, povos barbaros, mas destemidos e indomitos. Todas as historias são concordes em attribuir a estes povos uma grande bravura.

Os consules romanos, Firmio e Antistio, tiveram de sustentar terriveis e sanguinolentas batalhas, e perder grande parte das suas legiões, antes de conseguirem domar estes intrepidos lusitanos.

Existiu a cidade de Aurega no alto de um monte, que ainda ao longe representa

um castello, na margem de um rio. Era a primeira freguezia que, passada a ponte do rio Lima, e confinante (até D. Affonso V) com terras do arcebispado de Braga, se encontrava, hindo do sul, pertencente ao bispado de Tuy, segundo as antigas divisões d'estas duas dioceses.

São pois descendentes dos bravos auregenses, os povos que habitam a serra de Arga e todas as suas ramificações, desde a margem direita do Lima até á esquerda do rio Minho, e desde Vianna até Caminha, pelo litoral, isto do S. ao N.—do E. a O., é a região comprehendida desde as serras de Arga e Courá, até ao litoral. (*Atlas Geral*, de mr. Brion, mappa 21.)

Temos memoria do chefe dos auregenses, em 460, e que os commandou contra os suevos. Chamava-se *Aspidio*. Só depois de prisioneiro este chefe, com sua mulher e filhos, é que os suevos conseguiram domar estes povos. *Leovigildus* (diz o Riclarense.) *Aregenses montes igreditur, Aspidium loci seniorem cum uxore et filiis captivos ducit, opesque ejus et loca in suam redigit potestatem.*

Cidade, simples castello, ou apenas uma parochia, foi Aurega reduzida a ruinas, não só pela resistencia dos seus povos, contra os invasores, mas tambem pelas continuas gueras que por algum tempo houve entre godos e suevos.

Longe me levaria o estudo de tudo quanto n'este territorio ha de notavel; mas, limitar-me-hei ao que aqui fica dito, e com o que disse em Ancora, Arga, Arcozêllo, Correlhan, etc., e com o que tenho ainda que dizer em Ponte do Lima e Vianna.

Se fosse a fazer de todas as nossas antiguidades um estudo mais completo, sería elle curiosissimo (e valería bem a pena) mas o *Portugal Antigo e Moderno* tornar-se-hia interminavel.

MIGUEL DE COIMBRÃO (S)—freguezia, Extremadura, concelho, comarca, bispado, districto administrativo e 18 kilometros de Leiria, 150 ao NE. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 232 fogos.

Orago S. Miguel Archanjo.

Já a pag. 357 do 2.º vol., tratei d'esta freguezia; mas, como depois obtive mais esclarecimentos, os dou n'este logar.

Em 1636, o bispo de Coimbra, D. Diniz, desmembrou da freguezia de Monte Redondo, a actual de Coimbrão, dando-lhe por padroeiro, o Archanjo S. Miguel, porque já aqui havia uma ermida d'esta invocação. (Consta do Livro 3.º do *Registo*, a fl. 77.)

Em 1637, o bispo, D. Pedro Barbosa, deu licença para que esta ermida fosse benzida, e para n'ella se poder dizer missa. (Consta do mesmo Livro, a fl. 82.)

A capella-mór, sachristia e casa de residencia do parocho, foram feitas e são conservadas á custa dos freguezes.

A actual egreja foi construida pouco depois da creação d'esta freguezia.

No logar da Ervedeira, está a ermida de S. Thiago, mandada fazer em visita, para a administração dos sacramentos, em 1609. (Consta do Livro do *Registo*, a fl. 16 v.)

Os moradores da Ervedeira são obrigados á sua fabrica.

Na Ervedeira, ha uma lagôa que nunca secca. É grande, e no inverno inunda os sitios circumvisinhos. Cria *Ruivacos* (pequenos peixes, como camarões.)

Fica esta lagôa 3 kilometros a E. do mar.

Ha n'esta freguezia, um pinhal do municipio denominado *Pinhal do Concelho*, administrado pela camara de Leiria. Produz bôa madeira e dá bastante rendimento ao municipio.

MIGUEL DE COLMEIAS (S.)—Esta freguezia já está a pag. 362 do 2.º vol. Agora accrescento mais:

Tem as capellas da Piedade, da Egreja Velha e a da Memoria.

A fabrica da Sé, fabrica a capella-mór e sachristia, de tudo, assim como a residencia parochial. Os freguezes fabricam o corpo da egreja.

A matriz está em um valle, sem visinhança alguma, em sitio triste.

Em 1639, ardeu a capella-mór d'esta egreja, com tudo quanto n'ella havia.

Foi reedificada, por conta da fabrica, em 1641.

Em 1567, tinha esta parochia 180 fogos.

Havia nos limites d'esta freguezia, as ermidas de:

Santa Margarida do Pinheiro, que era muito antiga.

A de S. Silvestre, que estava na Ribeira.

Foram demolidas, por ordem do bispo, D. Manuel de Aguiar. A de S. Silvestre, em 1803 a 1804, e a de Santa Margarida, em 1804—á custa da egreja parochial, importando a sua demolição em 2$800 réis.

A imagem de S. Silvestre, foi para a egreja, onde ainda existe, e a de Santa Margarida, está em casa de um particular.

Este mesmo bispo, D. Manuel de Aguiar, mandou demolir, ou profanar, muitos outros templos da diocese, talvez por os julgar desnecessarios, e difficil a conservação decente de todos elles.

A capella de S. Silvestre, está proxima á *Venda do Gallego*. Faz-se aqui uma feira e bôdo, no 1.º domingo depois do dia do santo, com missa e prégação.

As offertas são do prelado, que, por isso, é obrigado á fabrica da ermida.

Na quinta que foi de Ruy-Barba, havia uma capella de Santa Maria Magdalena. Tanto a capella como a quinta (que era em volta da ponte da Magdalena, acabada de construir em 1856), já não existem.

A capella de Nossa Senhora da Memoria, está em um êrmo.—Foi feita pelo povo, em 1625, sendo *séde vacante*. (Consta do Livro 3.º do *Registo*, a fl. 42 v.)

—

No logar de *Sirões*, nasceu, em 1799, o padre Manuel Rodrigues de Faria, que morreu cura da *Vieira*, em 29 de setembro de 1867.

Escreveu varias obras, sendo uma em verso. Foi o melhor antiquario do bispado de Leiria, no seu tempo.

Sobre esta freguezia, entre outras coisas, deixou escripto o seguinte:

A freguezia das Colmêias, foi priorado, taxado em 270 libras.

Em 1320, a egreja parochial estava perto de *Lagares*, d'esta freguezia. Depois, foi por muitos annos egreja parochial, a capella de Nossa Senhora da Piedade, da Egreja Velha, até que se construiu a actual matriz.

Os povos que pertenceram á antiga freguezia das Colmeias, eram—a actual freguezia de *Vermoil*, de *S. Simão*, de *Espíte*, da *Caranguejeira* (até ao rio d'este nome) os logares dos *Valles*, da *Barrocaría*, de *Santarem dos Tejos* e dos *Cardaes*.

A freguezia das Colmêias, era mais rica do que a das Freixiandas; porque aquella pagava de decima 270 libras (9$720 réis), e esta pagava 60 libras (2$160 réis.)—(Já se vê que cada libra valia 36 réis.)

O terreno em que estava a primittiva matriz d'esta freguezia, é hoje de Antonio dos Santos, de Lagares, e está agora alli um moinho de vento.

Chama-se actualmente a este sitio *Cabêço do Tojal*, e ainda se veem vestigios da antiga egreja, que por elles se conhece e foi grande.

Ainda aqui se vêem espalhadas muitas carradas de telhas partidas. Quando se construiu o moinho de vento, appareceram muitas cáveiras e ossos humanos, que denotavam grande antiguidade, pelo seu estado de podridão.

O moinho, occupa mesmo o sitio onde esteve a capella-mór. Á porta da egreja (para o O.), havia um alpendre, do qual se acharam alicerces.

Era este logar muito bem escolhido para assento de uma egreja, por ser em um cabêço, elevado docemente sobre o terreno que o circumda.

A uns 1:500 metros ao O. d'esta aldeia de Lagares, ha um têso, ou cabêço, com uma pequena chapada, ou plató no seu cume, que é hoje um pequeno pinhal, entre as duas estradas (*Velha* e *Nova*). Foi aqui o assento da capella de Santa Margarida, no sitio onde agora se vê uma grande cóva, coberta de junqueira, e rodeada de caliça, telhas e algumas pedras de alvenaria.

Ainda a este sitio dá o povo o nome de *cabêço da Santa*, e uma fazenda contigua, tambem se chama *da Santa*.

Entre o cabêço onde existiu a egreja matriz e o logar do Barreiro, estendendo-se quasi até á actual aldeia de Lagares, existiu a antiquissima villa de *Alcovim*.

Perto do assento d'esta villa, ha a aldeia

do *Crasto*, que, segundo a tradição, é onde existiu o castello de *Alcovim*, que entrava na linha de fortificações que corria de Soure a Thomar. Ainda ha poucos annos aqui se via uma calçada, e ainda existe uma ponte chamada da *Villa*

Diz-se que esta villa foi dos templarios, e é certo que a ermida da Egreja Velha, foi d'estes cavalleiros.

A denominação de *Freiría*, que se dá a um logar da freguezia de Espite, diz-se tambem que é por ter sido dos freires de Christo, herdeiros dos bens dos templarios.

É certo que desde a *Freiría*, até á egreja d'esta freguezia, seguindo a sinuosidade do valle, a maior parte das propriedades que se encontram, foram, até 1834, de differentes ordens religiosas; sendo-o tambem varias propriedades da freguezia contigua, de S. Simão, e o logar da *Barrosa*.

Os *passaes* do parocho da freguezia, ainda são no terreno em que foi a tal villa.

O nome da villa, foi mudado, não se sabe quando, para o de *Colmêias*, que ainda tem a freguezia.

Diz um antigo manuscripto—*Colmêias*, antiga villa de Portugal, na provincia da Extremadura.

Hoje é apenas uma freguezia rural. Foi habitação de templarios, e assim o indicam uma capella e uma quinta, situadas a pouca distancia do logar d'onde fôra a villa.

O arco ogival da porta principal da capella, algumas pinturas das paredes e varios marcos que se tem achado em algumas escavações, provam de sobejo que tudo isto foi de templarios.

As pinturas são a fresco, e vêem-se algumas figuras representando cavalleiros do Templo. O povo as mandou cobrir sob uma grossa camada de cal.

Nos marcos se vê a cruz da ordem. D'esta capella, passou a parochia para a egreja actual, não se sabe quando; mas ainda alli existia pelos annos de 1740.

Vindo a esta freguezia o governador civil de Leiria, Antonio Vaz da Fonseca e Mello, em 1853, se procurou a edade d'ella, nos papeis antigos, que estavam na residencia parochial, e se verificou que tinha então 99 annos, vindo a ser a sua edificação em 1754.

Consta que, pelo terramoto de 1755, ainda a parochia era na Egreja Velha.

O que apenas se sabe com certeza, é que a egreja já existia em 1767.

Os da Egreja Velha se opposeram á transferencia da matriz. Para se mudar a pia do baptismo, foi preciso ser de noite, fazendo callar um guarda, ou espia, que aqui estava.

O bispo que então era, de Leiria, para fazer callar os da Egreja Velha, se obrigou a conservar-lhes o sacrario na sua capella, e a fazer lá residir os coadjutores da freguezia, que ao mesmo tempo diriam missa; o que durou até 1811.

Tinham os coadjutores que aqui residiam, a obrigação de curar os povos da parte da freguezia situada ao N. da estrada que desce da *Memoria* ao *Barracão*.

Em 1849 se tiraram os quatro altares lateraes da Egreja Velha, e em 1851 se lhe pozeram os dois que hoje tem no cruzeiro.

A torre da nova egreja, foi construida quando se fez o templo; mas, de calhâus, e se veiu a arruinar, e foi acabada de demolir, em 1803.

Foi reedificada em 1806; mas só se fez até á cimalha. Continuou-se a obra em janeiro de 1851 e ficou concluida em março de 1852.

O sino mais pequeno, veiu do mosteiro da Batalha, dado pelo governador do bispado, João de Deus Antunes Pinto, em 1835.

No altar das almas, está uma inscripção, gravada em uma pedra, em 1857, que diz—*Este altar das Almas é privilegiado, por breve do Santissimo Padre Pio VI.*

O cemiterio parochial foi principiado em 1856, benzendo-se em maio de 1857, sendo a primeira pessoa enterrada n'elle Manuel Francisco Custodio, de Valle Longo, em 23 de agosto. Custou á freguezia 212$530 réis. No frontespicio tem esta inscripção:

NOSTROS EXAUDI GEMITUS NOSTROS CRUCIATUS ES QUOQUE PASSURUS GRATI ALIQUANDO ERIMUS.

Fez-se o desatterro da egreja em 1863, e o espaço central d'ella foi lageado em 1864.

Já disse a pag. 362 (no fim da col. 2.ª)

do 2.º volume, que no logar da Bouça, d'esta freguezia, nasceu José Daniel Rodrigues da Costa, que foi capitão de um dos bairros de Lisboa. Nasceu pelos fins do seculo XVIII e falleceu em Lisboa, no principio do seculo XIX.

Escreveu varias obras, sendo as mais notaveis—*O almocreve das petas*— *O barco da carreira dos tolos*—e algumas comedias, todas com muito espirito, e satyrisando os ridiculos do seu tempo.

MIGUEL DO FETAL (ou **FEITAL**) (S.)—Vide Feital, a pag. 161, col. 2.ª, do 3.º volume.

MIGUEL DO JUNCAL (S.)—Esta freguezia já está descripta sob a palavra *Juncal*, a pag. 427 do 3.º volume. Accrescento agora mais o seguinte:

No logar do Juncal havia uma ermida dedicada a S. Miguel, archanjo, que era annexa á de Nossa Senhora dos Murtinhos, e os beneficiados de Porto de Mós iam a ella dizer missa (por turno) nos domingos e dias santificados, pelo que os moradores lhe davam certo ordenado de trigo, e ao padre, que ia dizer missa, lhe davam de jantar; ou meio tostão para elle; mas os sacramentos e enterros eram na egreja de Nossa Senhora dos Murtinhos (Porto de Mós).

Foi erecta em freguezia, com a invocação de S. Miguel, que tinha a ermida.

Não se sabe com certeza a época da creação d'esta freguezia, mas ha bons fundamentos para crer que já existia em 1554.

Consta de um antigo livro das obrigações das missas e assentos d'esta freguezia, que Jorge Fernandes Soudo e sua mulher Guiomar Braz, da Boeira, edificaram n'esta egreja uma capella de Nossa Senhora da Conceição, sendo lavrada a escriptura da instituição, nas notas do tabellião Luiz Dias, de Aljubarrota, em 1554.

Este Jorge Fernandes Soudo era um morgado muito rico d'aquelle tempo, e tinha na sua propria aldeia uma ermida (de S. Bento) que ainda existe, com capellão alli residente, pago e sustentado por elle; e se elle instituiu na egreja do Juncal uma capella, que muito bem podia instituir na da Boeira, é porque aquella era já então matriz.

Outro facto que prova ter a egreja sido construida em 1554, é que, quando se demoliu a antiga egreja, em 1777, para se fazer a actual, conheceu-se então que a capella estava de tal sorte encorporada e travada, pelas suas paredes, com a egreja, que não podia deixar de ter sido construida com ella, desde os fundamentos. É este facto que prova que a egreja foi construida em 1554. Tambem consta que o referido morgado concorreu com avultadas esmolas para a construcção d'esta egreja, para a qual se aproveitaram as materias da antiga capella de S. Miguel, que existia no mesmo sitio. Outros dizem que a velha ermida ficou servindo de capella-mór, e que o corpo da egreja e a capella de Nossa Senhora da Conceição foram construidas então, unidas á ermida.

Já disse a pag. 427 do 3.º volume, que era o povo quem apresentava o cura. Segundo o *Portugal Sacro e Profano*, recebia elle annualmente 380 alqueires de trigo, e segundo o *Couseiro*, o povo apresentava o cura, pagava as despezas da fabrica da egreja, capella-mór e casas do cura, e lhe dava de *porção* um alqueire de trigo cada freguez casado, e meio alqueire os viuvos e solteiros. O commendador da egreja de Nossa Senhora dos Murtinhos, lhe dava 16 almudes e 8 canadas de mosto, e o vigario e beneficiados de S. Pedro, de Porto de Mós, 8 almudes e quatro canadas do mesmo vinho mosto. Tinha mais o cura as offertas da parochial e suas annexas.

A egreja tem um alpendre, como quasi todas as egrejas antigas.

Em 1777, a instancias do zeloso parocho João Coelho de Brito, um dos mais virtuosos do bispado, no seu tempo foi accrescentada a egreja em fundo e altura, adornada com boas cantarias, e ficou uma das mais bonitas e elegantes egrejas do bispado de Leiria. Tem uma esbelta torre, com quatro sinos, e um relogio alli collocado em 1857

O corpo da egreja tem interiormente *cimalha real*, paredes estucadas e pintadas a fresco, rodapé d'azulejos de dois metros de

altura, com quadros do antigo testamento. O tecto é estucado, com muitos relevos, e pintado a fresco, tendo no centro uma grande elipse, com a imagem do padroeiro, pintada a oleo. O altar de Nossa Senhora do Rosario é de marmore branco, dourado. O retabulo da capella-mór é da mesma materia e côr, e tambem dourado, tendo duas columnas de marmore encarnado e branco.

O interior da capella-mór está em tudo egual ao corpo da egreja. Tem duas sachristias, a do lado esquerdo tem cimalha, tecto estucado e varios emblemas do Santissimo Sacramento, em relevo. Tudo quanto ha de trabalho de cinzel n'este templo, é dos afamados cantei-ros João Rodrigues da Silva e Sousa, e de seu irmão José Rodrigues da Silva e Sousa, naturaes do Juncal. Foram elles e seu pae, Joaquim da Silva, e seu avô que fizeram o magestoso templo de Nosso Senhor dos Milagres.

A capella de Nossa Senhora da Conceição, que mandou fazer o morgado referido, era de abobada. O seu instituidor deixou um legado annual de 12 missas rezadas e uma cantada, e 50 réis ao visitador, em cada anno, para saber se se cumpria o legado.

Eram dez missas pelas almas dos instituidores e duas pelas almas de seus paes. A cantada era em dia de Nossa Senhora da Conceição (8 de dezembro) e n'esse mesmo dia vestia o administrador do vinculo (em cumprimento da obrigação imposta na instituição d'elle) quatro pobres, com roupa de panno de lan, da fabrica de Alcobaça. Jorge Coelho aboliu este morgado, em 1770, e com elle acabou o legado.

O administrador do vinculo era obrigado á fabrica d'esta capella. Foi tambem demolida em 1777.

Nas trazeiras da egreja está um excellente cemiterio fechado, construido em 1840.

—

No logar da *Boeira* está a ermida de S. Bento, de que já fallei.

No de *Pica-Milho*, a de S. Sebastião.

No de *Choupardo*, a de Nossa Senhora da Piedade.

Todas foram construidas pelos moradores d'estes logares, e dos visinhos.

Foram feitas para administração dos sacramentos.

Acima do valle do *Ribeiro de Antão*, a de S. Miguel, do Peral.

E a capella de Santa Rufina, no sitio do mesmo nome.

Todas estas cinco capellas são antigas.

Ha mais as modernas seguintes:

Nossa Senhora do Desterro (hoje de Santo Amaro) na antiga *quinta do Juncal*, hoje chamada *quinta do Escalhão.*

Nossa Senhora do Amparo na *quinta da Parvoíce*, na *Cumeira*. Foi feita pelos annos de 1750, por Silverio da Silva, fidalgo de Alcobaça, e pessoa de muita virtude, que tambem fez a capella do Bom Jesus, de Cóz.

Nossa Senhora do Carmo, no *Valle d'Agua*. Foi feita por um particular, em 1744.

Santo Antonio, no *Andão*, feita em 1794, com esmolas que arranjou Manuel Francisco, de Andão. Era já um pequeno oratorio antigo, onde, á noite, hiam os moradores do logar fazer as suas orações.

MIGUEL DO MILHARADO (S.)—freguezia, Extremadura, concelho de Mafra, comarca de Cintra, 24 kilometros ao NO. de Lisboa, 650 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Em 1757 tinha 342 fogos.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O prior de S. Nicolau, de Lisboa, apresentava o cura, que tinha 100$000 réis de rendimento.

N'esta quantia eram avaliados os fructos, que recebia, que eram um moio de trigo, 20 alqueires de cevada, um tonel de vinho e 2$000 réis em dinheiro.

Foi do antigo concelho de Enxára dos Cavalleiros, comarca de Torres Vedras.

Tinha uma antiga albergaria para viajantes pobres, a cada um dos quaes dava 60 réis diarios, mas não podiam aqui estar mais de tres dias.

É terra fertil em todos os generos agricolas do paiz, e cria muito gado de toda a qualidade.

MIGUEL DO OUTEIRO (S.)—villa, Beira-Alta, comarca e concelho de Tondella, 12 ki-

lometros de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 370 fogos. Em 1757 tinha 239 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O real padroado apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis de rendimento.

É terra muito fertil. Cria muito gado de toda a qualidade, e nos seus montes ha muita caça, grossa e miuda.

Era um antigo concelho, com 1:100 fogos, que foi supprimido depois de 1834.

D. Diniz lhe deu foral, em Coimbra, a 20 de maio de 1288. (*Livro dos foraes velhos*, gav. 11, maço 11, n.º 36, § 36.)

Não tem foral novo.

N'esta freguezia está a aldeia de *Parada de Gonta*, patria do sr. Thomaz Ribeiro, bacharel formado em direito, pela universidade de Coimbra, e mimoso poeta da actualidade. Foi governador civil de Bragança e depois de Lisboa.

Para a sua biographia, vide *Parada de Gonta*.

—

No logar de *Parada de Gonta*, que fica a 3 kilometros de distancia da egreja matriz, está a antiga capella de Nossa Senhora da Conceição, que tinha capellão privativo.

A imagem da Senhora é de pedra, e foi feita em Coimbra, pelos annos de 1500. Tem 1 metro d'altura.

Está esta capella edificada sobre uma grande lagem, que occupa todo o chão da ermida e lhe serve de pavimento.

É um templosinho pequeno, tendo apenas 24 palmos de comprimento e 15 de largo, e não tem capella-mór, e tem um só altar.

Foi edificada esta ermida para n'ella ouvirem missa os povos de Parada, por lhe ficar distante a egreja parochial, e serem d'aqui para ella, péssimos os caminhos.

Faz-se a festa d'esta ermida, a 8 de dezembro (dia da padroeira), e é bastante concorrida.

A villa do Outeiro é muita antiga; mas não pude saber quando, ou por quem foi fundada, e qual foi o seu primeiro nome, se é que teve outro. O actual lhe provem da sua posição sobre uma eminencia.

MIGUEL DA PEDREIRA (S.)—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Thomar, 110 kilometros ao N. de Lisboa.

Era da prelazia de Thomar (hoje patriarchado) e districto administrativo de Santarem.

Esta freguezia, que tinha 100 fogos, está ha muitos annos supprimida.

No logar da Senhora das Neves, no sitio do *Prado*, que pertencia a esta freguezia, houve fabrica de fundição de balas de artilheria, com motor hydraulico, com as aguas do rio Nabão. Está aqui uma ponte de um só arco (mas grande), proxima á quinta que foi dos freires de Christo, de Thomar.

Em *Valle de Carvalho*, outra aldeia que foi d'esta freguezia, ha uma fonte d'agua mineral, chamada a *fonte de S. Miguel*, junto á egreja, muito efficaz para a cura de molestias cutaneas.

Por esta extincta freguezia, e junto á capella de *Santo Antonio dos Pégões*, passa a agua que vae para o convento de Christo, de Thomar, por um aqueducto de muitos e altos arcos, formados uns sobre os outros, e todos de pedra lavrada, quando passa em baixos. Quando tem de passar em elevações, vae por tunneis.

Tem tres reservatorios abobadados, no convento, onde se recebem estas aguas. (Vide *Thomar*.)

MIGUEL DO PINHEIRO (S.)—freguezia, Alemtejo, comarca de Almodovar, concelho de Mértola, 120 kilometros a O. de Evora, 180 ao S. de Lisboa, 420 fogos.

Em 1757 tinha 336 fogos.

Orago S. Miguel Archanjo.

Bispado e districto administrativo de Beja.

A mesa da consciencia apresentava o capellão, curado, que tinha 120 alqueires de trigo e 30 de cevada.

É uma freguezia rica e fertil. Cria muito gado de toda a qualidade.

MIGUEL DO PINHEIRO DE ÁZERE (S.)—Vide *Azere*.

MIGUEL DE POIARES (S.)—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho e 8 kilometros a NE. do Peso da Régua, 85 kilometros a NE. de Braga, 102 a ENE. do Por-

to, 12 ao N. de Lamego e 335 ao N. de Lisboa, 600 fogos.

Em 1757 tinha 101 fogos.

Orago S. Miguel Archanjo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

O *Portugal Sacro* e *Profano*, não traz esta freguezia, de certo por esquecimento, pois é muito antiga.

Foi por muitos annos do julgado de Panoyas.

Em 1290, reinando D. Diniz, se procedeu a inquirições para o foral de Poiares, mas nunca se chegou a expedir.

É n'esta freguezia a pequena villa de *Canellas* (ou *Canellas de Poyares*), que foi por seculos cabeça do concelho do seu nome, que tinha 1:060 fogos e foi supprimido em 1853.

Ainda tem o edificio, que foi casa da camara e cadeia, e é pequeno e insignificante.

Para o mais, vide *Canellas*, pag. 88, col. 1.ª, do 2.º vol.

MIGUEL DE POIARES (S.) — freguezia, Douro, comarca da Lousan, concelho de Poyares (Santo André), 18 kilometros de Coimbra, 190 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago S. Miguel Archanjo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

A universidade de Coimbra, apresentava annualmente o cura, que tinha 30$000 réis de rendimento e o pé d'altar.

(Vide *Poiares*, villa.)

MIGUEL DE RANS (S.)—Vide *Canas* e *Rans*, pag. 77 do 2.º vol.

MIGUEL DE RIO TORTO (S.)—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Abrantes, 120 kilometros da Guarda, 140 ao E. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 201 fogos.

Orago S. Miguel Archanjo.

Bispado de Castello Branco, districto administrativo de Santarem.

O vigario da freguezia de S. João Baptista, de Abrantes, apresentava o cura, que tinha 50$000 réis de rendimento.

E' terra fertil.

MIGUEL DE VILLA BOA DE OUZILHÃO (S.)—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 60 kilometros de Miranda, 470 ao N. de Lisboa, 75 fogos.

Em 1757 tinha 70 fogos.

Orago S. Miguel Archanjo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor da freguezia da Soeira, apresentava o cura, que tinha 8$500 réis de congrua e o pé d'altar.

Muito gado e caça, do mais pouco.

MILAGRES — freguezia, Extremadura, concelho, comarca, districto e bispado de Leiria, 130 kilometros ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Orago Nosso Senhor dos Milagres.

Evito a descripção d'esta freguezia, copiando aqui o que está escripto nos azulejos da capella-mór da sua egreja matriz. É o seguinte:

> «Até ao anno de 1728, da era vulgar, em que Deus Nosso Senhor quiz mostrar n'este sitio a sua omnipotencia, era este logar um deserto, cujos mattos davam pastagem aos gados do povo d'esta ribeira visinha, sempre denominada as *Quintas* da Ribeira da Godim, que n'este tempo pertencia á freguezia de S. Sebastião de Regueira de Pontes, d'este bispado de Leiria; d'onde então era bispo o ex.^{mo} sr. D. Alvaro de Abranches, e lhe succedeu o ex.^{mo} sr. D. João de Nossa Senhora da Porta, depois arcebispo, d'Evora Cidade, cardeal da Cunha, regedor das justiças e inquisidor geral, que foi o mesmo que fez este templo freguezia, depois de passados alguns annos de sua erecção.
>
> «N'este mesmo anno, que era o de 1728, vivia na falda d'este monte, na frente d'este mesmo templo, um homem chamado Manuel Francisco Maio; que era léso da cintura para baixo, que apenas se podia mover em cima de uma cortiça, ajudado só das

suas mãos, e assim passava a vida, mendigando. Um dia, dia d'este mesmo anno, sahiu este homem para a sua costumada tarefa, de pedir esmola, e veiu arrastando-se, por entre os mattos, até ao lugar em que agora se acha collocada a capella mór, e aqui a cortiça se lhe despedaçou e ficou inhabil para d'aqui poder passar. N'este mesmo tempo soavam por toda a parte os continuos milagres que experimentava quem com fé se valia da protecção do Senhor Jesus d'Aveiro. Este afflicto homem cheio da mais viva fé, dando sentidissimos ais, gritou pelo Senhor Jesus d'Aveiro, que o melhorasse, e lhe prometteu que lhe iria levar um painel, se o Senhor fosse servido que elle podesse caminhar. N'este mesmo tempo (caso maravilhoso!) ficou em um profundo somno, e passados alguns minutos acordou são e sem sombra de molestia; e logo, dando louvores a Deus por tão assignalada mercê, se encaminhou para sua casa, deixando n'este mesmo logar os fragmentos de cortiça, que por descuido se não conservam para memoria.

«Admiravam todos os seus visinhos tão grande prodigio, de verem são e livre de molestia aquelle que ha poucos minutos tinham visto sahir arrastando-se. E logo no dia seguinte foi elle dicto Manuel Francisco Maio, ao lugar dos Balres, d'esta mesma freguezia, onde assistia um pintor, chamado José de Abreu, e lhe levou uma tábua, em que o dicto pintor lhe fez a imagem do Senhor Jesus, a qual elle, com muito contentamento, trouxe para sua casa. E como era muito pobre, no espaço de dois annos nunca se poz a caminho para ir levar o painel ao Senhor Jesus d'Aveiro, como tinha promettido. Confessou a sua falta, e o seu confessor lhe determinou o collocasse no mesmo logar onde tinha recebido o prodigio; o que elle logo fez no mez de maio d 1730. Collocou n'este mesmo lugar o dicto painel, em uma cruz, tosca. Depois de estar assim arvorada a cruz, com o painel, observou-se que os gados que actualmente vinham pastar a estas charnecas visinhas, fugiam, obrigados da mosca, e vinham juntar-se ao pé da cruz. Alli paravam e se deitavam, virados para o Senhor, formando um circulo, em torno da cruz. Causou isto tanta admiração a estes povos visinhos, que todos em ranchos, vinham visitar o Senhor, a quem n'este tempo chamavam o Senhor do Maio; e cómo o Senhor foi servido logo fazer innumeraveis mercês a quem o invocava com viva fé, todos exclamaram: *Senhor dos Milagres!* e os mesmos que receberam os prodigios, lhe pozeram este soberano titulo. E em pouco tempo foram tão copiosas as esmolas de dinheiro, trigo, milho, cêra, azeite, novilhos e outros generos, que logo se deu principio a este famoso templo, para cuja erecção chamaram o mestre José da Silva, do logar do Juncal, que foi o que construiu esta obra, mais o mestre Joaquim da Silva, seu filho, até ao estado presente.

«Era assombro ver-se n'aquelles tempos a multidão de enfermos que, de muitas partes, vinham a este sitio, a implorar a misericordia do Senhor: deixando os aleijados aqui ficar as molêtas, e outros offerecendo-lhe muitos quadros, em que ternamente confessavam os favores re-

cebidos. E logo que se começaram estas obras, entrou a trabalhar n'ellas, como trabalhador, o dito Manuel Francisco Maio. Estando a obra já na altura da cimalha real, cahiu uma pedra, de carrada, e o levou comsigo ao chão, onde todos o esperavam morto; este se levantou são e foi continuando no mesmo trabalho. Passados alguns annos, andava elle em cima de uma escada armando de cortinados o Apostolado que está por cima da dita cimalha; e cahindo a escada, elle ficou em cima da cimalha; sem o menor perigo.

«Viveu este célebre homem, sempre pobre; morreu decrepito; e jaz aqui mesmo.

«E eu, José Rodrigues da Silva e Sousa, neto do dito mestre José da Silva, fiz este azulejo e o mandei aqui collocar, na era de 1795, e escrevi fielmente esta historia, escripta pelo reverendo padre Luiz Gomes, thesoureiro actual d'esta egreja, sendo bispo de Leiria, o ex.mo sr. D. Manuel de Aguiar, inimitavel devoto e zeloso do culto de Deus, que para sempre vive e reina.»

MILHA—Antes da introducção do systema *metrico-decimal*, era a milha uma medida geographica de longitude.

Uma legua terrestre tinha 3 milhas, e cada milha 1:000 passos geometricos, com pequena differença, 2 kilometros da medida actual. Esta medida foi introduzida nas Hespanhas pelos romanos. A milha romana, tinha 10 *estadios*, vindo a ter cada um d'estes, 100 passos geometricos. Cinco *estadios* formavam um dos actuaes kilometros.

(Vide *Estadio*, a pag. 68, col. 1.ª, do 3.º vol.)

MILHÃO—freguezia, Traz-os-Montes, comarca, concelho, bispado e districto administrativo de Bragança, 40 kilometros de Miranda, 475 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 37 fogos.

Orago S. Lourenço.

O cabido da Sé de Miranda (Bragança) apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

(Vide *Milhom.*)

MILHAR DO CABÊÇO—sitio do Alemtejo, na coutada de *Alcogúlo* (propriedade do sr. Lecocq) que foi da alcaidaría-mór de Castello de Vide, e fica 7 kilometros a O. d'esta villa, sobre a margem esquerda da ribeira de Niza, e distante um kilometro d'esta ribeira.

Ha n'esta propriedade 5 *dolmens.*

1.º—No sitio do *Milhar do Cabêço.* Nas escavações aqui feitas, appareceram quatro machados de pedra, dos tempos pre-celticos.

2.º—A 36 metros da antecedente. Nas escavações que aqui se fizeram, se encontraram tambem tres machados de pedra, e uma pedra de os afiar.

3.º—Na coutada do *Porto dos Pinheiros,* tambem do sr. Lecocq. Está servindo de curral de porcos, e mettida pela parte opposta á entrada actual da coutada, em um muro que a separa da coutada de Alcogúlo; mas hoje teem ambas as coutadas esta ultima denominação. Para transformarem este dolmen em curral, encheram de parede, os intervalos dos esteios perpendiculares.

4.º—No sitio da *Torre da Coutada de Alcogúlo.*

5.º—A pouca distancia da antecedente: apenas d'elle restam vestigios.

O abbade Audierne (*De l'origine et de l'enfance des arts en Perigord*, pag. 34) diz que *l'oronge* (especie de cogumêllo) ainda envolvido na sua capsula (a que os francezes chamam *boule* e os portuguezes antigos bolêto) é chamado *cougoulo* (cogulo) da palavra celta *bardo-cucullos.*

Parece provavel que o nome de *Alcogúlo,* dado a uma vasta floresta de carvalhos, tenha a mesma origem (antepondo-lhe o artigo *al,* arabe) ou pela abundancia de cogumêllos que por aqui houvesse, ou porque tambem se chamasse cogulo ao fructo do carvalho (landre) por causa da capsula que cobre a sua base.

MILHARES, MILHAZES e MILHAGENS—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 24 kilometros ao O. de Braga, 355 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 69 fogos.

Orago S. Romão.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O D. prior da collegiada de Barcellos, apresentava o vigario, collado, que tinha 100$000 réis de rendimento.

E' terra fertil.

Esta freguezia esteve muitos annos annexa á de *Faria*. (Vide a pag. 139, col. 1.ª, do 3.º vol.)

Segundo a tradição, tem esta freguezia o nome actual, porque em uma sanguinolenta batalha que aqui deram os portuguezes contra os mouros, morreram muitos *milhares* d'estes. É porém mais provavel que o seu nome venha de *milharaes*, em razão dos seus campos produzirem muito milho.

MILHER—portuguez antigo—milha.

MILHEIRÓS DA MAIA—freguezia, Douro, no concelho da Maia, comarca, bispado, districto administrativo e 6 kilometros ao N. do Porto, 318 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago S. Thiago Maior, apostolo.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 250$000 réis de rendimento, fóra os dizimos. (Vide adiante.)

Tem esta freguezia tido 18 parochos, incluindo o actual reverendo abbade.

Esta freguezia era uma aldeia da parochia de Aguas Santas, que d'ella foi desmembrada e constituida freguezia, entre os annos 1578 a 1580, no reinado do cardeal D. Henrique.

Os rios Leça e Almorode, regam esta freguezia, aquelle pelo E. e S., e este pelo O. — O Almorode (que é um ribeiro) desagúa no Leça, junto a Milheirós, mas na freguezia de Guifões. Ambos trazem mugens, bógas, escallos, barbos, trutas e enguias. Réga e móe.

Em alguns diccionarios geographicos se dá ao Leça o nome de *rio de Milheirós*.

É terra abundante de trigo, centeio, milho, vinho (verde) linho e algum azeite. Cria muito e bom gado bovino, que em grande parte vae para Inglaterra.

Consta que o primeiro nome d'esta povoação foi *Miliarós*, derivado do latim *milium* (milho)—vindo a ser *terra do milho.*

Fica esta povoação entre as duas estradas reaes, que vão do Porto para Braga e para Guimarães. É limitada ao N. pela freguezia de Nogueira, a E. pelo rio Leça, freguezias de Aguas Santas, e S. Mamede de Infesta, e ao O. pelo ribeiro *Almoróde* e freguezia de S. Faustino de Guifões.

É esta freguezia uma perfeita peninsula, de fórma quasi quadrada; porque, a E., S. e O. está cercada pelos rios Leça e Almoróde e só pelo N. tem um isthmo, que a une á freguezia de Nogueira.

Tem de comprido, de N. a S., desde o logar de Moscalhos até a ponte da Parada (sobre o Leça) 947 metros—e de largo, de E. a O., desde a ponte de Além do Rio (tambem sobre o Leça) até á ponte do Arquinho (sobre o Almorode) 778 metros. Tem 5 kilometros de circumferencia.

O seu territorio é quasi plano, apenas ondulado por pequenas e formosas collinas.

O logar do Pinheiro (ao S.) está sobre um pequeno outeiro, do qual se descobre toda a freguezia e algumas circumvisinhas. Ao NE., está o monte do Penêdo. As outras elevações são, ao N., o monte das Cruzes, e a Pedra Cuca — ao SO., o alto de Covas, e ao SE., o monte da Carriça.

É composta esta freguezia de 16 aldeias que são—Agra, Agra-Nova, Agrella, Alvura, Arco, Arroteaça, Arroteia, Bacéllos, Beçada, Calvilhe, Cima de Aldeia, Egreja, Fundo-de-Villa (ou Fundevilla) Monte das Cruzes, Pinheiro e Ponte.

Todas estas aldeias ficam muito proximas umas das outras, em razão da pequena area da freguezia.

A aldeia de Fundevilla, é muito linda e composta de ricos lavradores.

Calvilhe tambem é uma bonita aldeia, mas os seus habitantes são pobres.

A aldeia de Monte das Cruzes, tem este nome por estar alli o Calvario da parochia.

A do Pinheiro é assim chamada, por causa de um grande pinheiro que aqui houve antigamente.

A de Agra-Nova, é uma povoação fundada pelos annos 1830.

Ha n'esta freguezia optimo granito para edificações, pelo que não só se exporta para as freguezias circumvisinhas, mas até em grande quantidade para o Brazil.

Os melhores edificios particulares d'esta freguezia, são as do sr. Manuel Martins Ferreira, de Cima da Aldeia, e da sr.ª Maria Rosa Alves da Ascenção, da Agra.

Tambem são dignas de menção, as casas dos srs. Antonio da Silva Balthazar e Antonio Ferreira da Silva Torres, em Fundevilla, a de Manuel José da Cruz e a de Maria Gonçalves Ferreira, em Alvura—e a residencia do parocho, junto á egreja matriz.

Esta ultima é das melhores do concelho.

É um vasto e sumptuoso edificio, fundado no meiado do seculo XVIII, sendo então abbade Manuel Luiz Caldas Falcão.

No logar onde hoje se vê a residencia parochial, houve uma antiga capella, dedicada a Santa Luzia, onde concorriam muitos romeiros. Já não existe.

Perto d'esta ermida havia uma fonte (no caminho da egreja), que foi entulhada em 1859.

Com respeito a esta fonte, ainda por estas terras se canta a seguinte quadra:

Bôa terra é Milheirós,
Dá de beber a quem passa:
Tem a fonte no caminho,
Santa Luzia na praça.

—

Disse que esta freguezia tem tido 18 abbades, são:

1.º—Bernardo Luiz—desde 1586, até 25 de setembro de 1613, em que falleceu.

2.º—Manuel João—que morreu em 1615.

3.º—Francisco de Torres—que morreu em 1627.

4.º—Gaspar Coelho de Carvalho—que morreu em 1629.

5.º—Antonio do Canto—que morreu em 1659.

6.º—Pantaleão de Sousa—que morreu no mesmo anno de 1659, em que foi feito abbade.

Era pensionario perpetuo da egreja de S. Salvador, de Folgosa, d'este concelho da Maia.

7.º—João Soares de Bulhões—que tomou posse em 1660, e morreu a 4 de outubro de 1666.

Até á vinda do novo abbade, foi encommendado, o padre Pedro Freire.

8.º—Domingos Cerqueira—tomou posse em 1667, e morreu em 25 de outubro de 1685.

Serviu de encommendado, até 1687, o padre Domingos Alves, d'esta freguezia.

9.º—Pedro Henrique Tavares—tomou posse em 1687, e falleceu em 22 de abril de 1717. Foi um dignissimo pastor d'esta freguezia.

No seu tempo se reedificou a egreja, para o que elle muito concorreu, fazendo á sua custa a capella-mór e a sacristia, cujos tectos mandou ornar com ricos retabulos.

Por sua morte, serviu de encommendado, o padre Domingos Jorge, natural d'esta freguezia.

10.º—Francisco Velho de Macêdo—não se sabe quando parochiou. Morreu em 13 de novembro de 1703. (Vide adiante.)

11.º—João da Silva—não se sabe o anno em que morreu este abbade, nem o tempo que foi parocho.

Sabe-se que foi collado em 1704.

Tambem se sabe que Pedro Henriques Tavares, era abbade no anno de 1703, e em 13 de novembro de 1705, continuando sem interrupção até ao anno de 1717, em que falleceu.

Por conseguinte, João da Silva, só poderia parochiar um anno, e Francisco Velho de Macêdo, apenas alguns mezes.

Talvez o abbade Tavares desistisse do beneficio em 1703, sendo n'elle collado Francisco Velho de Macêdo, e que fallecendo este, em 13 de novembro do mesmo anno, viesse João da Silva em 1704, e fallecendo tambem este, entrasse de novo Tavares, em 1705.

O abbade João da Silva, era natural da freguezia de S. João Baptista, da Silva Escura, no bispado de Viseu.

12.º—Domingos de Figueiredo—natural da freguezia de S. Pedro de Infias, no bispado de Viseu.

Tomou posse, em 29 de junho de 1717, e falleceu na sua terra natal, em 4 de novembro de 1747.

Foi encommendado, até 1750, o padre José Pedro Pacheco Pereira.

13.º—O dr. Manuel Luiz de Caldas Falcão—natural da freguezia de S. Salvador de Barbeita, comarca de Valença do Minho.

Morreu em 9 de novembro de 1781.—Foi durante o tempo d'este venerando abbade, que se construiu a residencia parochial.

Este abbade assignalou com brilhantes acções, a sua carreira parochial. Foi modelo dos parochos, e muitas cousas que elle fez, ou promoveu, em beneficio espiritual, revelam o seu zêlo e inteligencia.

Pelo seu fallecimento houve dois encommendados—o padre José da Silva Pinto, natural de Campanhan, que falleceu em 16 de dezembro de 1782, e o padre Manuel José da Silva, natural da freguezia de Villa Nova da Telha, que serviu até 1784; hindo depois para reitor da freguezia de S. Felix da Marinha, então comarca e concelho da Feira, e hoje no concelho de Gaya, comarca do Porto.

14.º—José Joaquim Pereira da Costa—natural de Villa Nova de Gaya. Tomou posse em 18 de novembro de 1784, e falleceu a 27 de agosto de 1804. Foi um parocho exemplarisssimo, e a egreja de Milheirós lhe deve grande parte dos seus adornos. Era um eximio calligrapho, o que prova a belleza da letra dos assentos nos livros de nascimentos, casamentos e obitos da freguezia, feitos por elle.

Por sua morte, foi encommendado, até 1805, o padre José Antonio dos Santos, natural d'esta freguezia.

15.º—Manuel José Dias de Abreu e Nobrega—natural da freguezia de Nossa Senhora da Assumpção, de Aboim da Nobrega, no arcebispado de Braga, concelho e comarca de Villa Verde. (então de Pico de Regalados.) Tomou posse em 10 de abril de 1805, e morreu em 31 de março de 1826.

Por sua morte, foi encommendado, o padre Manuel Alvares dos Santos, natural d'esta freguezia. (Este ecclesiastico viveu depois, muitos annos, fóra da freguezia e falleceu em 1868.)

16.º—João de Almeida Magalhães de Sousa—natural da freguezia de Santo André, de Villa Bôa de Quires. (antigamente comarca e concelho de Penafiel, e hoje, comarca e concelho do Marco de Canavezes.)—Era cura da freguezia de S. Miguel de Oliveira do Douro, na comarca e concelho de Rézende, bispado de Lamego.

Tomou posse, em 15 de setembro de 1827, e falleceu a 7 de janeiro de 1856.

A memoria d'este virtuoso parocho será eterna entre o povo d'esta freguezia.

Era um varão de vida exemplar: muito zeloso no cumprimento dos seus deveres parochiaes; muito instruido, e fallava com muita elegancia. Era respeitado por todos quantos o conheciam.

Por sua morte, foi encommendado, o padre Agostinho Alvares dos Santos e Silva, natural d'esta freguezia, até ao dia 30 de outubro de 1856.

É actualmente abbade, collado, da freguezia de Santo André de Canidêllo, no concelho de Gaya.

17º—Antonio da Ascenção e Oliveira—natural da freguezia de S. Lourenço de Asmes, no concelho da Maia. Tomou posse, em 30 de outubro de 1856, e parochiou, até 18 de outubro de 1867, em que tomou posse da freguezia d'Aguas Santas, contigua a esta.

No pouco tempo que foi abbade de Milheirós, o sr. Ascenção, vinculou o seu nome em Milheirós, ás grandes obras que no seu tempo se fizeram na parochia, e para as quaes elle era o primeiro a concorrer e a tomar a iniciativa: taes são, a torre dos sinos, o cemiterio e outras.

É tambem um distincto orador sagrado.

Ficou servindo, como encommendado, o padre Esmeraldo Moutinho dos Santos, que principiou a parochiar em 19 de outubro de 1867, até 1869.

É oriundo da freguezia d'Aguas Santas, d'este concelho; mas natural do Brasil. É um sacerdote illustrado e virtuoso.

18.°—*Antonio Alberto de Madureira*—collado em 1869, e é o actual abbade de Milheirós.

É de notar que tendo esta freguezia sempre muitos clerigos, nem um só dos seus abbades foi d'aqui natural.

Quando se pagavam dizimos, rendia esta freguezia para o abbade, quasi 700$000 réis por anno; mas este rendimento era onerado com os encargos seguintes: — pagar a terça á basilica patriarchal de Lisboa—um censo á mitra do Porto — e uma pensão ao donatario do reguengo da Maia. Tinha tambem a seu cargo a fabrica da egreja, os paramentos e os concertos na casa da residencia. Ficavam-lhes livres uns 500$000 réis.

—

A egreja parochial está situada quasi no centro da freguezia, na aldeia por isso mesmo chamada da *Egreja*; mas tambem alguns lhe dão o nome de *Meio da Aldeia.*

Abriram-se os alicerces d'esta egreja, em 17 de maio de 1697 e no mez de novembro já estava concluida. Foi benzida a 12 de dezembro do mesmo anno, dizendo-se então aqui a primeira missa.

Serviu de primeira matriz d'esta parochia, a capella de Santa Luzia, que depois foi ampliada, e serviu de egreja parochial até 1697. Foi demolida para no local que occupava se construir a actual residencia do parocho.

Havia n'esta egreja uma rica alampada de prata, e oito varas do paleo, do mesmo metal, que os francezes roubaram em 1807. (Eram os *protectores* dos portuguezes, e saqueavam tudo por onde passavam! Vieram cá difundir às luzes, e robaram-nos as alampadas!)

Esta alampada fôra collocada na capella-mór, em 1758, tendo custado 80$000 réis, que para este fim deixára em testamento, Sebastião Ferreira.

No côro, ao lado do Evangelho, está o orgão, que é o melhor d'estas terras.

O tecto da capella-mór é ornado com bellas pinturas, representando varios *passos* e mysterios de Jesus Christo e da Santissima Virgem. Esta obra foi feita á custa do abbade Pedro Henriques Tavares, em 1711.

O papa, Pio VI, por bulla de 13 de novembro de 1798, concedeu indulgencia plenaria e remissão de todos os peccados, aos que bem confessados e commungados visitarem esta egreja, nos dias 13 de dezembro, 25 de julho e 21 de setembro: isto *in perpetuum*. Deve-se esta concessão ao zêllo do abbade José Joaquim Pereira da Costa.

Desde 1760 até 1810 teve sempre esta egreja um altar privilegiado, que foi, ora o do Bom Jesus, ora o da Senhora do Rosario, ora o altar-mór. Cada um d'estes privilegios durava sete annos, e findo o ultimo, não se impetrou outra concessão.

N'esta freguezia só hoje existe uma capella, que é a de Nossa Senhora da Piedade, fundada junto á egreja, em 1746, pelo padre João Alves da Cruz e suas irmans, Isabel dos Passos e Josefa Maria do Sacramento, que moravam proximo da mesma capella.

Do lado direito da egreja, se levanta a elegante e soberba torre dos sinos, construida de 1859 a 1860.

Foi feita com esmolas, promovidas por uma commissão, composta dos srs., abbade, Antonio da Ascenção e Oliveira, o padre Antonio José da Cruz Neves e Silva, o padre João Vieira Neves Castro da Cruz, Manuel José da Cruz, Antonio José da Cruz e Agostinho Alves dos Santos e Silva. Foi mestre pedreiro, Joaquim da Silva Penédo, da freguezia de Aguas Santas.

Lançou-se-lhe a primeira pedra, no dia 14 de abril de 1859, e concluiu-se no dia 3 de março de 1860.

É toda de cantaria, e custou um conto de réis.

Tem tres sinos, sendo um muito grande.

Collocou-se aqui um relogio em 1866, que custou 150$000 réis; tambem á custa de donativos voluntarios, dos freguezes.

No frontespicio da torre está a seguinte inscripção, gravada em uma pedra.

LAUDATE
DOMINUM IN CYMBALIS
BENE SONANTIBUS.
(Ps. 150.)

Nas trazeiras da torre, sobre a porta da entrada, está esta inscripção :

ANNO MDCCCLIX CONDITA FUIT.

Ao S. da egreja, e proximo ao adro, está o cemiterio parochial, o melhor do concelho, pela sua bella disposição e capacidade. Foi construido em 1864. Já n'elle se vêem quatro elegantes e pomposos mausoleus. É construido em terreno que era um campo do passal. A sua administração está a cargo da irmandade do *Subsino*, e tem regulamento, aprovado em conselho de districto, a 22 de maio de 1863.

O adro que circunda a egreja é espaçoso. Foi feito em 1708, e ampliado em 1860.

A architectura tambem foi ampliada, em 1868, construindo-se-lhe então um segundo pavimento, sobre a antiga.

—

Esta freguezia é muito fertil. O milho grosso que aqui se colhe, chega não só para o consumo da freguezia, como para abastecer as circumvisinhas. Anda por 200 moios que se recolhe de milho. Tambem produz trigo, centeio, linho, hortaliças, legumes, vinho, etc.

A colheita do trigo e centeio, regula por 2:000 alqueires. Antes do *oidium*, produzia, termo medio, 100 pipas de vinho, hoje apenas produz a terça parte.

Havia grande numero de castanheiros e abundancia de castanhas; mas a moslestia que deu n'estas arvores, principiada em 1832 e continuada nos annos seguintes, destruiu a maior parte dos castanheiros.

Ha n'esta freguezia abundancia de pinheiros e carvalhos; algumas arvores fructiferas, e poucas oliveiras.

—

O monte do *Penêdo*, está situada ao NE. da freguezia, dividindo-a da de Nogueira e da aldeia de Ardegões. Tem 27 metros sobre o nivel da planicie.

Era antigamente baldio, mas, a requerimento dos povos, uma provisão regia, do 1.º de agosto de 1814 (do principe regente, depois D. João VI) o mandou repartir pelos parochianos d'esta freguezia.

Esta provisão foi julgada por sentença da camara do Porto, em 16 de novembro de 1816.

É n'este monte que se encontra o melhor granito da Maia.

—

Durante o cêrco do Porto (de 1832 a 1834) esteve n'esta freguezia algum tempo acampado parte do exercito legitimista, no logar da Agra : era a divisão do general Antonio Joaquim Guedes de Oliveira. O sr. D. Miguel I, teve o seu quartel general, no logar da Ponte da Pedra, Proximo a esta freguezia.

Tambem esteve aquartellado em Milheirós, o marquez de Bellas, pae do conde de Ponbeiro e avô do actual marquez de Bellas.

Durante o cêrco se desinvolveu na cidade do Porto e nas freguezias circumvisinhas o terrivel flagello da cholera-morbus, importado pelo exercito liberal, e que matou muitas mil pessoas ; mas esta freguezia foi poupada ao flagello, não morrendo um só dos seus habitantes.

É tão salubre o clima de Mileirós, que nunca aqui tem penetrado as varias epidemias que devastaram as fregdezias immediatas.

Apenas em 1868, as bexigas que tantas victimas fizeram n'este concelho e no de Bouças, em pessoas de todas as edades, aqui matou algumas creanças.

—

Á nobre obsequiosidade do reverendissimo sr. João Vieira Neves Castro da Cruz, illustrado sacerdote, natural d'esta freguezia, devo quasi todos os esclarecimentos sobre esta freguezia. Este benemerito cavalheiro, não só me deu na sua *Descripção topographica e historica da freguezia de S. Thiago de Milheirós*, que publicou em 1868, como levou a sua benevolencia ao ponto de me dar apontamentos manuscriptos sobre esta e outras freguezias do concelho da Maia. Ao sr. Castro da Cruz, o meu eterno agradecimento.

—

É acturl administrador do concelho da Maia, o sr. Manuel Rodrigues da Cruz, para

aqui transferido,da administração do concelho de Villa Nova de Gaia.

Este cavalheiro junta e allía ao maior zêllo no cumprimento dos seus deveres, o respeito e acatamento devido á sacrosanta religião catholica e apostolica romana.

É com o maior prazer que transcrevo aqui uma circular que elle dirigiu aos seus regedores, por ser um documento altamente christão e civilisador, que honra sobre maneira tão digno magistrado.

Eis o documento precedido de algumas palavras do jornal do Porto a *Palavra* :

«Ha dias publicamos na *Palavra* um officio que o sr. Manuel Rodrigues da Cruz, novo administradar do concelho da Maia, dirigiu aos regedores do seu coecelho. N'esse officio lhes ordenava o sr. Cruz que tomassem nota das pessoas que não prestassem a devida consideração e respeito aos parochos e mais ministros da religião, afim de serem punidos os refractarios a este dever sacratissimo.

«O digno administrador da Maia, mandava que os regedores empregassem os meios mais energiços para reprimir taes abusos, e que fizeszem sentir aos seus administrados que sem ministros da religião não póde haver religião, e sem religião não ha sociedade possivel, sendo a consequencia a dissolução social.

«Não é menos digno de ser conhecido de todos o officio que anteriormente o mesmo administrador transmittiu aos parochos do concelho da Maia.

É o seguinte :

«Ill.^mo^ e rev.^mo^ sr.—Nomeado, por decreto de 18 de março, administrador d'este concelho, é do meu dever fazer d'isto sciente a v. s.ª, e significar-lhe que, sendo os parochos os membros sociaes a quem ligo a maxima importancia, pela convicção profunda em que estou de que d'elles depende essencialmente, como primeiro élo da cadeia social, o bem estar dos povos, o socego das familias e a tranquilidade publica, não devo eximir-me a pedir a sua coadjuvação para o bom e fiel desempenho da missão de que estou encarregado.

«E, porque estou convencido que ella me será prestada com toda a lealdade e franqueza, desde já asseguro a v. s.ª que no administrador do concelho encontrará, além do executor da lei, o magistrado que nunca se recusará a prestar-lhe qualquer serviço que não vá de encontro á mesma lei ; o que importa dizer-lhe que garantirei e farei garantir todas as prerogativas que lhe são concedidas, e a força que todos carecem, nomeadamente aquelles que vivem em concelhos ruraes.

«Deus guarde a v. s.ª—Maia 26 de março 1874. — Ill.^mo^ e rev.^mo^ sr. abbade de... — O administrador, *Manuel Rodrigues da Cruz.*»

MILHEIRÓS DE POARES (ou **POYARES**) freguezia, Douro, comarca, concelho e 10 kilometros ao E. da Feira, 30 ao S. do Porto, 50 ao NE. de Aveiro, 10 ao N. de Oliveira de Azemeis, 280 oo N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 116 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

Os conegos regrantes de Santo Agostinho (crusios) do convento da Serra do Pilar (Gaia) apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Foi mrimeiro do padroado do mosteiro de Grijó (da mesma ordem) e quando o convento da Serra do Pilar se tornou independente d'este, passou o padroado d'esta e de outras egrejas para o da Serra.

O foral da Feira, dá a esta freguezia o nome de *Milheirós de Poyares ;* comtudo, parece-me mais etymologico *Poyares. Poares*, como se diz, é improprio, pois não é palavra portugueza, nem arabe, nem celta, nem castelhana.

Poyar, é portuguez antigo—significa—subir; trepar; fazer pouzo ou escalão de alguma cousa, para tomar um posto ou logar mais eminente. *Cortávão braços, e mãos a todos aquelles, que viam travar nas bordas pera* poyar *acima das gallés.* (Gomes Eannes de Azurára — *Chronica do conde D. Pedro*, liv. 1.ª, cap. 8.ª)—Vide *Poymento* e *Poyo.*

Esta freguezia é fertil em todos os generos agricolas do paiz. Tem muitos pinhaes,

e abundancia de arvores silvestres. Cria muito gado bovino, exportando a maior parte para a Inglaterra. Cria tambem bastante gado miudo, especialmente ovelhas e porcos.

Ha na extremidade septentrional d'esta freguezia, uma aldeia chamada *Mâmoa*; provavelmente por ter aqui existido algum monumento celta d'este nome (Vide a pag. 45 d'este volume.)

—

Foi esta freguezia solar dos Perestrêllos, que ainda hoje aqui teem descendentes lavradores.

Era Perestrêllo um appellido nobre em Portugal, que veio da Lombardia (Italia.)

Procede de Philippe Perestrêllo, cavalleiro lombardo, da cidade de Placencia, que veio a Portugal, no reinado de D. João I, em 1431, com D. Leonor, mulher do principe D. Duarte, que subiu ao throno em 1433, por morte de D. João I, seu pae.

Em 1433 lhe mandou D. Duarte passar carta de nobreza e lhe deu brazão d'armas, que mandou registar no respectivo livro, em 1437.

O brazão d'armas que o rei deu a Philippe Perestrêllo, para elle e seus successores, é—escudo dividido em palla—na 1.ª, de ouro, leão de púrpura, armado de negro—na 2.ª, de prata, banda azul, carregada de 3 estrellas de ouro, de 8 pontas, e entre 6 rosas da sua côr (3 de cada lado) com sua folha verde, em palla. Timbre, o leão do escudo, com uma estrella do mesmo, na espadua.

Outros Perestrellos, trazem — em campo de púrpura, banda azul, perfilada de ouro, carregada de 3 estrellas do mesmo, de 8 pontas, e entre 6 rosas, de prata, 3 de cada lado, de quatro pétalas, sahindo de entre ellas uma folha de ouro.

—

Era d'esta familia, Bartholomeu Perestrêllo, célebre navegador portuguez.

MILHEU—portuguez antigo—julga-se ser certo panno que vinha de França. *Huum manto meu de milheu, sarado com cendal verde.* (Doc. de S. Thiago de Coimbra, de 1319. (Vide *Mirleu* e *Mirleus.*)

MILHO—vide *Milhom.*

MILHO NEGRO—portuguez antigo—milho miudo, que tem a côr de um rôxo quasi preto. Tambem se chama *milho zaburro*, e *milho da Senhora da Lapa.* Na Terra da Feira, dão-lhe o nome de *milho-grôllo.*

MILHOM—portuguez antigo—milho miudo.—Em um testamento de S. Simão da Junqueira, feito em 1289, se diz:—*It. a Stevão Joannes, de Perafita, ou aos seos heréés* (herdeiros) *hum quarteiro de milhom.*

Em todos os documentos antigos, onde se falla de *milhom*, deve sempre entender-se milho miudo; porque não havia outro.

O a que hoje chamamos simplesmente *milho, milho grosso, milho maiz, milhão*, e *milho de maçaroca*, só foi conhecido em Portugal, no seculo XVII, trazendo-o da India, *Paulo de Braga.* Consta que ao principio era prohibido semeal-o, e só alguns cultivavam poucos pés, nas suas hortas e jardins.

É tradição que a primeira cultura em grande, d'este cereal, foi no campo de Coimbra.

Ainda no principio d'este seculo, pouco milho grosso se cultivava na Extremadura, Alemtejo e Algarve; hoje constitue a principal cultura de todas as provincias de Portugal e ilhas, e é o pão da maior parte dos nossos lavradores e de muitas familias, sobre tudo, de Coimbra para o norte.

MILHORÍA—portuguez antigo—e mais—ainda mais alguma cousa — contrapêso. *E cada tres ferraduras de asnar pesaram meio arratel, e melhoria.* (*Regimento* de 1480, no *Livro Vermelho* de D. Affonso V, n.º 51.)

MILITES—portuguez antigo — cavalleiro —do latim, *miles*, ou *milites. Milites de Coviliana sint in Judicio pro Podestades, et Infançones de Portugal.* (Foral da Covilhan, de 1186.)

Em outros muitos documentos antigos se vê a palavra milites, significando cavalleiro, plebeu ou fidalgo. (Vide *Viseu.*)

MILHUNDOS ou **MELHUNDOS**—freguezia, Douro, comarca e concelho de Penafiel, 35 kilometros a NE. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 47 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O abbade do mosteiro benedictino de Bustêllo, apresentava o cura, que tinha 12$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra fertil.

MILHUNDRES ou **MULHUNDRES**—solar e titulo de viscondado, do sr. Antonio Pereira de Sá Sotto-Maior. É no concelho dos Arcos de Valle de Vez.

Sotto-Maior é um appellido nobre em Portugal, cuja familia é de Galliza, onde ha a casa dos duques de Sotto-Maior. Passou a Portugal, na pessoa de D. Pedro Alvares de Sotto-Maior (senhor da casa d'este appellido) no reinado de D. Affonso V.

Foi n'este reino, conde de Caminha. Casou com D. Thereza de Távora, e tiveram filhos, que foram para Castella, depois das pazes que fizemos com aquelle reino, ficando sómente D. Nuno Sotto-Maior.

Depois voltaram para Portugal, D. Christovão e D. Alvaro, que viveram em Abrantes e em Castello Branco, sem successão.

De D. Nuno, pois, procedem os Sottos-Maiores de Portugal.

Trazem por armas—em campo de prata, 3 coticas, em faxa, xadresadas de ouro e púrpura, de 3 peças, em palla, perfiladas de negro. Timbre, um leão de prata, carregado de tres coticas do escudo.

Outros do mesmo appellido, trazem as mesmas armas, porém com a ordem do meio do xadrez das coticas, tapada de preto.

Estas são as dos Sávedras; por virem de um irmão dos Sottos-Maiores.

Ainda outros ramos d'esta familia usam as suas armas mais ou menos alteradas e accrescentadas, em razão de se ligarem com outras familias.

MILLIA—Era uma parochia da provincia do Minho, no arcebispado de Braga. Ainda existia no reinado de D. Affonso II, o que consta do livro dos padroados reaes do arcebispado de Braga. Não se pode saber hoje a situação d'esta freguezia. Alguns pretendem que seja a de *Milhares* ou *Milhazes* (S. Romão) na comarca e concelho de Barcellos, arcebispado e districto administrativo de Braga.

MILLIARES (Marcos milliares) — Vide *Braga, Geira, Estadio, Estradas romanas* e *Milha.*

MILREU, MIRLEU, MIRLAU, MILRREU e **MILIREU**—portuguez antigo—de todos estes modos se escrevia esta palavra, que parece nada mais significar do que *francez*, ou estrangeiro, coisa de França ou estrangeira.

É certo que no principio da monarchia portugueza vieram a este reino muitos estrangeiros, principalmente de França, os quaes, feita a sua veniága, ou se domiciliavam aqui, ou regressavam ás suas terras; mas, emquanto aqui estavam, precisavam de hospitaes ou albergarias em que se recolhessem e curassem.

Em muitas partes tiveram estas casas de abrigo, e aos sitios onde ellas estiveram ainda se dá o nome de *Milheu, Mileu, Milreu* ou *Mirleu.*

Em Coimbra, onde depois se fundou o collegio de S. Paulo, havia uma d'estas casas; que principiou logo desde a conquista d'esta cidade por D. Fernando Magno, em 1064; pois já no tempo do governo do conde D. Sisnando, se fundou o mosteiro de *S. Jorge d'apar de Coimbra,* na *matta de Mirlaus.* (*Chron. dos Conegos Regrantes,* por D. Fr. Nicolau de Santa Maria. *Monarch. Lusitana,* Liv. 8.º, cap. 4.º, fl. 12, col. 2.ª)

É provavel que este sitio fosse pertença do dito hospital de estrangeiros.

Em 1093, quando o conde D. Henrique veio para Portugal, e *em dias de D. Martinho Muniz, e de sua mulher, Elvira Sisnandiz* (filha do conde D. Sisnando) *fez João Gudezendiz uma doação, ad Aulam Sancti Salvatoris, Obedientiæ Vaccarizæ, quæ est fundata in Colimbria Civitate, juxta illos* Mirleus *qui dicuntur.* (Doc. original do cabido de Coimbra.)

A egreja do Salvador, de Coimbra, era *obediencia,* priorado, ou pequeno mosteiro, da filiação do da Vaccariça, emquanto este não foi doado, pelo conde D. Raymundo e a

rainha D. Urraca á Sé de Coimbra, com todos os seus bens e pertenças, em 1094, sendo bispo d'esta cidade, D. Cresconio.

Continuou este hospital ou albergaria debaixo da protecção real, entre as egrejas do Salvador e a de S. Pedro, como consta de uma sentença, da collegiada de S. Thiago, de 1344.

D. Manuel I aggregou esta e outras albergarias, ao hospital real de Coimbra.

Tambem se vê que *Mirleu é coisa de francezes*, pela doação do couto da ermida de Santa Comba, junto ao rio Córgo (ou Córrego) por D. Affonso Henriques, em 1139, na qual se falla na *fonte de Mirleu*, junto ao *palacio Francisco*. (Vide *Francisco.*)

Já disse na *Guarda*, que proximo e ao E. d'esta cidade, ha um sitio chamado *Mirleu* (hoje *Mileu*) onde houve uma albergaria do mesmo nome, e junto d'ella houve tambem *emparedadas*.

Suppõe-se que os portuguezes dos principios da nossa monarchia davam aos francezes o nome de *mirleus*, derivado do allemão *mirle* ou *schmirling*, uma especie de açôr de grandeza de um melro, ou pouco maior, a que nós chamamos *esmerilhão*. (Outros dizem que é o a que hoje se dá o nome de *francêlho*, que vem a ser synonimo de *mirleu*-francez.)

Estas aves de rapina são naturaes da Suecia e da Noruega, e arribam para a peninsula hispanica, no principio do inverno, e se vão com elle.

MILREU—sitio do Algarve, junto á grande aldeia e freguezia de Estoy, concelho, comarca, bispado, districto administrativo e proximo de Faro. Estoy está situada em um cabeço, em cujos arredores tem apparecido muitos vestigios de antigos edificios, que alguns pretendem ser os restos da antiga *Ossonóba*. (Vide *Estoy.*)

Milreu, como disse, fica proximo a Estoy e aqui se acham vestigios de antiquissimas construcções. Ainda aqui existe um templo que parece ser romano; ainda ha poucos annos se conservavam as suas formosissimas malhas de ordem corinthia, e no interior estava revestido de bellos mosaicos de côres, do tamanho de dados de jogar.

Tinha exteriormente uma escadaria de 4 ou 5 degraus, tambem revestida de mosaico.

Em uma escavação aqui feita, em 1835, se achou uma sepultura de marmore com duas amphoras dentro.

Tem-se encontrado outras muitas sepulturas antiquissimas n'estes campos, que hoje são vinhas.

Havia tambem aqui um grande aqueducto, do qual ainda ha bastantes vestigios, mesmo á flor da terra. Vêem-se ainda solidos alicerces de argamassa e cal betuminosa, ou *cimento romano*, a que os antigos escriptores dão o nome de *phenicio*, *formatium* ou *formatum*. (Parece que é d'isto que nós fizemos *formigão.*)

Todas estas ruinas se vêem desde Faro até Estoy, no *Campo da Trindade*, e em *Milreu*, que fica proximo.

De varios documentos antigos se deprehende que, na baixa do sitio denominado *Santo Antonio do Alto*, ou mais propriamente *Campo da Trindade*, junto a Faro, havia um grande *esteio* ou *estuario* (esteiro) que dava ingresso á maré, quasi até junto de Estoy, e d'ahi lhe veio a denominação de *Estuaria*, pelos *esteios* que cortavam a sua campina em diversas direcções.

Em Ossonoba se cunhou moeda no tempo dos romanos. Diz-se que no *monetario* do bispo de Beja, Cenaculo, havia uma medalha de Ossonoba (egual a outra descripta pelo padre Flores, *Medalhas d'Hespanha*, pag. 111, Madrid 1773 e corresponde á Tábua 65, n.º 4) que tinha de um lado um navio com velas largas, e no reverso um peixe, com a palavra *Ossonoba* por cima.

O Algarve cahiu em poder dos *tadjebitas*, alliados com Abdallah-ben Alaftz, o qual se tinha declarado emir soberano; ficou porém fóra do jugo dos Beni-Allafftuz, o moderno Algarve, que se constituira um principado independente, regido pelo Wasir Ahmed-ben-Said, a quem succedeu seu genro Said-ben-Harun.

Sendo Omyah-ben-Isah-Abu-Iahia, al-kaid de Santarem, e seu irmão Mohammed wasir,

ou conselheiro na côrte de Córdova, teve o kalifa motivos de queixa contra Mohammed, e o mandou matar. Em razão d'esta barbaridade, se irou contra o kalifa o al-kaid de Santarem (irmão do assassinado) e ligando-se com o rei D. Ramiro, de Leão, lhe prestou obediencia com um grande numero de cavalleiros mouros do Algarve, entregando-lhe todos os castellos da sua dependencia.

Ossonoba estava então muito arruinada, assim como *Faron*, e os arabes, julgando melhor sitio para a moderna cidade (que queriam alli fundar) aquelle de Faron, a reedificaram á custa das ruinas da velha cidade de Ossonoba. E tão verdade é isto, que nas muralhas e torres ainda se vêem preciosos cippos, lapides (algumas com as letras voltadas) e columnas, servindo de alvenaria.

D. João V, por alvará datado de Lisboa Occidental, aos 20 de agosto de 1721, ordenou ao ouvidor da comarca de Faro, José Barreto Soares, que d'alli em diante nenhuma pessoa de qualquer qualidade ou condição que fosse, desfizesse ou destruisse, em todo ou em parte, qualquer edificio, cippo ou lapide, que, tendo letreiros, mostrassem ser do tempo dos phenicios, gregos, romanos, barbaros ou arabes, recommendando á camara de Faro que tivesse muito particular cuidado em conservar e guardar todas as antiguidades que houvessem ou viessem a apparecer (Liv. 2.º do registo antigo da camara de Faro, pag. 126).

D. Affonso III e o famoso D. Payo Peres Correia, tomaram o castello de Faro, aos mouros, em 28 de março de 1249.

MINA—portuguez antigo—o mesmo que *módio*. Era uma medida de superficie, de que usavam os antigos portuguezes. Tinha 120 pés de comprido e o mesmo de largo. Levava um alqueire de pão, de semeadura. Vinha a ser uma área de 1:600 metros quadrados.

MINA—serra, Douro, no extincto concelho de Maiorca, hoje comarca e concelho da Figueira da Foz. É a continuação do Cabo Mondégo, que, começando alli, vem quebrar-se em S. Fins, depois de passar pela Brênha e Alhadas, onde se divide em pequenas ramificações.

MINAS—Parece que os antigos lusitanos se não occupavam na exploração de minas, emquanto os phenicios, os carthaginezes, os romanos e os arabes lhes não ensinaram a maneira de as lavrarem.

Se dermos credito a muitos escriptores antigos, o ouro e a prata se encontravam em tanta abundancia á superficie da terra, que os lusitados o empregavam nos mais baixos misteres, como ferramentas de lavoura, armas e outros instrumentos do uso commum.

Os diversos invasores da Lusitania, depois de se apoderarem, por bem ou por mal, do ouro e prata que acharam assim tão mal empregado, trataram de explorar as veias metalicas, no interior da terra.

Em innumeraveis partes de Portugal se vêem ainda hoje clarissimos vestigios de mineração em grande escala, e muitas e vastas galerias nos mostram hoje que a lavra de minas se effectuou por muitos seculos consecutivos, a ponto de esgotarem os nossos mais ricos jazigos mineraes.

N'aquelles tempos só se lavravam as minas de ouro, prata, cobre, estanho, chumbo, e poucas de ferro.

Expulsos os mouros de Portugal, ainda os portuguezes continuaram a lavrar algumas minas; porém a descoberta da India e do Brasil, foi pouco a pouco acabando esta industria.

As nossas antigas leis, longe de protegerem as emprezas mineiras, lhes oppunham tantas difficuldades e as sobrecarregavam de tão grandes impostos, que isto tambem concorreu para desanimar os mineiros.

No primeiro quartel d'este seculo, apenas poucas minas se lavravam, e todas por conta do estado.

Mas nós perdemos grande parte das nossas possessões da Asia e da Africa, e por fim o Brasil, e então reviveu a industria mineira; e pouco e pouco se foram creando emprezas ou companhias de mineração, algumas das quaes são hoje florescentes. As principaes vão nas terras onde estão situadas.

Em 1867, já se contavam em Portugal, perto de 300 minas, empregando-se n'ellas mais de 5:000 operarios.

Os principaes jazigos em exploração, são de cobre, estanho, chumbo, antimonio, manganez, ferro, carvão de pedra (lignites e anthracites.)

Os marmores, argilas, ardosias (lousas) e outros materiaes para construcções, para a estatuaria e para a industria ceramica, tambem abundam em Portugal.

A collecção de productos mineralogicos portuguezes, que figurou na exposição de Londres, em 1862, e na de Paris, em 1867, foi muito apreciada pelos entendedores, e revelou-lhes as riquezas mineralogicas do nosso solo.

As differentes amostras das nossas aguas thermaes, tambem foram escrupulosamente analysadas e devidamente apreciadas, pelas suas incontestaveis virtudes therapeuticas.

É pena que algumas d'ellas (a maior parte!) estejam tão descuradas, revelando o nosso desmazêllo, em objecto tão importante, e do qual tantos beneficios poderiam vir á nação em geral, e ás povoações onde nascem essas aguas, em especial.

MINDE—serra, Extremadura, principia nos Pyreneus e finda em Cintra, no mar.

Os antigos lhe chamavam *Monte Tagrus.* (outros dizem que este nome pertencia só a *Monte Junto.*)

Em Portugal tem varios nomes, segundo a sua posição topographica—vgr.—serra da Estrella, serra de Aire, Monte-Junto, serra de Cintra, serra de Minde, serra d'Albardos, etc.; mas é tudo uma cadeia de serras e collinas, ramo dos Pyreneus.

Tem minas de diversos metaes, azeviche, crystal de rocha, carbonato de cal e marmore.

Já Plinio, descrevendo esta serra, diz que ella é abundante em minas metalicas.

Dista de Torres Novas 6 kilometros. N'ella nasce o rio Almonda, que passa a esta villa.

A serra de Santo Antonio, que faz parte d'esta de Minde, é muito linda. Produz muitas flores e muitas pedras de varias côres. Tem muitas cavernas, cheias d'agua, e cisternas artificiaes, algumas, obra dos mouros. A serra de Santo Antonio, tem 6 kilometros de comprido, desde a aldeia do *Covão do Fecto,* até *Alvados,* ou *Albardos.*

Na serra de Minde, têem os moradores d'aquelles sitios feito muitas casas, que arrendam aos estudantes, que de todo o reino aqui têem affluido, a estudar o que lhes ensinam dois frades do Varatôjo, que aqui residem.

No cume da serra, está a capella de Santa Martha.

Vide *Aire,* serra, e *Monte Junto.*

MINDE—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Porto de Móz, 30 kilometros de Leiria, 115 ao N. de Lisboa, 430 fogos.

Em 1757 tinha 409 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado e districto administrativo de Leiria.

É terra muito fertil.

O prior de S. João, da villa de Porto de Mós, e os beneficiados de Santa Maria, da mesma villa, apresentavam annual e alternativamente o cura, que tinha 100$000 réis annuaes, ou 60 alqueires de trigo, 1 pipa de vinho môsto e 3$000 réis em dinheiro.

Tinha mais, as offertas e pé d'altar, e algumas amentas voluntarias, de meio alqueire de trigo. Isto tudo era avaliado nos ditos 100$000 réis.

É esta villa que dá o nome á serra antecedente, por lhe ficar proxima.

Esta freguezia teve principio em uma ermida, da invocação de *Nossa Senhora do Cerejal,* onde hiam dizer missa aos moradores d'este logar, os beneficiados de Santa Maria de Porto de Móz, por turno. Os sacramentos e os enterros, porém, eram na matriz de Santa Maria.

Foi depois erigida em curato, com a mesma invocação, que depois se mudou para Nossa Senhora da Assumpção, que é o actual.

O vigario e beneficiados, fabricavam a capella-mór e sachristia, com os ornamentos, e a casa da residencia. O vigario contribuia com uma parte e os beneficiados com duas; porque a egreja de Santa Maria tinha mais rendas n'esta freguezia, do que a de S. João. O corpo da egreja era fabricado pelos fre-

guezes. A mesma divisão se fazia com o ordenado do cura.

Havia aqui o antigo costume de as mulheres acompanharem os maridos á sepultura; e, porque com seus gritos e lamentações perturbavam o acto, mandou o bispo D. Martim Affonso Mexia, em visita, no anno de 1611, cessar esta pratica, ordenando ás viuvas que ficassem em casa, resando por alma do defuncto.

Ha duas sachristias. A imagem da Senhora do Cerejal, tem um Menino Jesus, com um ramo de cerejas na mão.

O sacrario é de pedra e dourado; foi feito em 1547. A egreja é sumptuosa.

Fica esta freguezia a 3 kilometros de Mira. Diz-se que um senhor gôdo, chamado *Mendenho*, lhe deu o nome, que se corrompeu no actual.

Está collocada entre as duas povoações de Monte de Coelho e serra de Santo Antonio.

A povoação é cercada de frondosas arvores.

Ha n'esta freguezia duas capellas, a de S. Sebastião e a de Santo Antonio. Havia aqui um hospicio de religiosos arrabidos, que foi supprimido em 1834.

Fabricam-se n'esta freguezia, bureis e saragoças. É a terra dos cardadores, que vão exercer o seu officio por varias povoações.

Foi villa, e é muito antiga; mas não se sabe quando, nem por quem foi fundada. Nunca teve foral.

A capella de Santo Antonio, fica á entrada da povoação, no sitio chamado *Eiras*. A imagem do padroeiro, foi queimada pelos francezes, em 1807.

Depois, um individuo d'aqui, chamado Romão, que andava pelas outras terras a cardar lan, achou em uma capella mal segura, uma imagem de Santo Antonio. Furtou o santo, e mettendo-o, dentro de um sacco, o levou para a sua terra. Chegando perto de Minde, escondeu a imagem, e foi á povoação pedir que a viessem buscar processionalmente.

Os *mindricos*, visinhos da egreja, ouvindo tocar os sinos, e sabendo para o que era, declararam que não hiam á procissão; porque na sua egreja tinham um Santo Antonio; porém os das Eiras, foram em maça. Pozeram o santo em um andor, e, ao passarem por Minde, cantavam o seguinte:

Oh, Antonio Santo,
De Jesus amado,
Accuda-nos sempre
O teu santo amparo.

Respondiaml-he os de Minde:

Oh, Antonio Santo,
De Jesus amado,
Trouxe-te o Romão,
N'um sacco, furtado.

Diziam os das Eiras:

Oh, Antonio Santo,
De Jesus querido,
Proteja-nos sempre
O teu patrocinio.

Respondiam os de Minde:

Oh, Antonio Santo,
De Jesus querido,
Trouxe-te o Romão,
N'um sacco escondido.

(Devemos confessar que os de Minde eram mais fortes em poesia, pois achavam mais facilmente consoantes, do que os das Eiras.)

Ainda actualmente ha aqui dois partidos de Santo Antonio—os do Santo da egreja e os do da capella; e, nem os de Minde servem o Santo da capella, nem os das Eiras servem o da egreja.

Á entrada do logar de Minde, da parte do campo, está uma ermida, dedicada a S. Sebastião, que é muito antiga.

No logar de *Mira*, ha outra capella, da invocação de Nossa Senhora do Amparo. (É hoje a egreja matriz da freguezia de Mira, com a mesma invocação.)

No logar do *Covão do Carvalho*, ha a de S. Silvestre, papa.

No logar de *Pia-Carneira*, ha a de Santo

Antonio. (Pia-Carneira, é nome de mulher.)

Na serra de Minde, ha a de Santa Martha, feita em 1613.

—

Na entrada do logar de Minde, junto á estrada que vem de Torres Novas, está um monumento de pedra, levantado sobre degraus, no qual, segundo a tradição, foi sepultado um *D. David.*

Foi aberto no seculo XVII, e se achou dentro d'elle, um osso e alguma terra.

Ha junto a Minde, um campo, ou veiga, com 1:500 metros de comprido, chamado *Lagôa de Minde,* no qual ha muitas vinhas, e algumas cearas. N'elle rebenta, no inverno, um cano d'agua, por uma bôcca de uns 4 metros de altura, que é a sahida de um canal subterraneo, de 1 kilometro de comprido.

Esta bôcca está junto ao logar de *Mira* (freguezia), d'onde vem sahindo (a ferver) a agua, e sáe juntamente, por algares subterraneos, no mesmo campo.

Tem sido explorado este canal, que não tem sahida, senão esta, e só se tem encontrado a agua que corre pelo seu pavimento.

Tem acontecido trasbordarem estas aguas alagando o campo, e conservando-se n'elle alguns mezes. Já aconteceu estarem ás vinhas inundadas até 24 de agosto, sendo depois podadas, e mesmo assim produzirem muito vinho.

No verão, a agua desapparece pelos mesmos algares subterraneos.

Então se pescam com a maior facilidade, muitas, grandes e saborosas eirozes.

A este campo tambem dão o nome de *Lagôa de Mira,* por ficar proximo ao lugar d'este nome.

Dizem que, quando aqui se sóme a agua, rebenta nas fontes e ribeiros das freguezias das Córtes e Reguengo.

MINDÊLLO—freguezia, Douro, comarca e concelho de Villa do Conde, 18 kilometros ao NO. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 140 fogos.

Orago S. João Evangelista.

O mosteiro de conegos regrantes de Santo Agostinho (crusios) de Moreira, apresentavam o cura, que tinha 50$000 réis e o pé d'altar.

É terra fertil e fica na costa maritima septentrional d'esta provincia.

Todos os papeis publicos, dizem que o sr. D. Pedro e o seu exercito, desembarcaram na praia de Mindêllo, em 8 de julho de 1832. Não ha tal. Desembarcaram em um pequeno porto, ou varadouro, chamado *praia dos Ladrões,* proximo ao logar de *Arenosa de Pampellido,* entre as freguezias de *Lavra* e *Perafita:* e tanto que a este sitio dão uns o nome de *Pampellido de Lávra,* outros o de *Pampellido de Perafita.*

Foi exactamente n'este logar que desembarcou o exercito liberal, e não em outro. Aqui se erigiu ha poucos annos um pequeno monumento, commemorando este desembarque, mudando-se-lhe então o nome de *praia dos Ladrões,* para o de *Memoria,* que é como hoje se lhe chama.

Espero que nenhum liberal de bôa fé me levará a mal esta rectificação historico-topographica; porque a minha obrigação é narrar os factos como elles se passaram, e collocal-os no logar que lhe pertence. Nem o nome do sitio depõe contra, ou a favor dos que n'elle desembarcaram. (Vide *Lavra,* pag. 59, col. 2.ª, do 4.° vol.)

MINHO—rio—que divide a nossa provincia do Minho, da de Galliza. Nasce em *Fuente Miña,* na provincia de Lugo (Galliza) proximo a *Mondoñedo,* e junto de *Meira* e do logar de Castro de Rei, a poucas leguas da raia das Asturias, em uma lagôa, que está a 577 metros sobre o nivel do mar, engrossando logo a sua corrente com varios rios maiores do que elle, que perdem o seu nome, para formarem o Minho.

Atravessa a provincia de Lugo, em cuja extremidade já vem abundante de aguas. Crusa a provincia de Orense, e n'ella, a estrada que vem de Vigo a Castilla, regando valles fertilissimos; e depois de dividir a Galliza em duas partes quasi eguaes, serve de divisão entre Portugal e Hespanha—isto desde a confluencia do rio Trancoso (6 kilometros acima de Melgaço), até á sua fóz (50 kilometros)—O seu curso total é de 250

kilometros.—Vide *Benis, Caminha* e *Coura*, rio.

Recebe o rio *Barjas*, perto de Melgaço. É navegavel apenas 40 kilometros, desde a sua fóz.—Passa entre Melgaço e a freguezia Gallêga de Redinhos—entre Monção e a freguezia gallêga de Salvaterra—entre Valença e a cidade episcopal (gallêga) de Tuy—entre Villa Nova da Cerveira e a freguezia gallêga de Gaião—entre Caminha e a aldeia (gallêga) da Passagem, da freguezia da pequena villa da Guardia, ficando-lhe do lado da Galliza (N.) o alto pincaro de Santa Tecla, que se vê a muitas leguas de distancia.

Diz-se que desagúa no mar por duas barras; mas não é exacto. Este rio tem uma só barra, mas, como no meio d'ella está o ilheu e o forte da Insua (que é portuguez), o vulgo dá o nome de *barra gallêga*, á parte do rio que fica entre este ilheu e a Galliza—e á parte que fica entre o mesmo ilheu e a praia de Caminha, dão o nome de *barra portugueza*.

A chamada barra gallêga, só tem fundo para pequenas embarcações; á nossa dá ingresso a hiates, lugres, brigues, etc. (Vide *Insua* e *Caminha*.)

Ha pelo meio d'este rio varios ilhotes, a que aqui dão o nome apropriado, de *insuas* (de *insula*, ilha) que apenas produzem herva, mas de má qualidade, para o sustento do gado. Dão a esta herva o nome de *canosa*. É uma especie de *murraça*, e o terreno em que ella expontaneamente se cria, é o a que nas provincias do Sul de Portugal se dá o nome de *murraceira* ou *murraçal*. (Vide *Murraça*.)

Estas insuas, pertencem umas á Galliza outras a Portugal, e outras são communs. Estas são objecto de varias desordens entre portuguezes e gallegos, por todos quererem colher a *canoza*.

E' o rio Minho abundantissimo de optimo peixe; distinguindo-se o famoso salmão, o saborosissimo sôlho, o excellente savel, e a gostosa lampreia.

Não se póde dizer hoje com certeza, qual foi o primeiro nome d'este rio. Querem alguns que fosse *Sil*, e Bochart diz—*Sil proprie limus est rubri coloris, quo inter pigmenta utimur.*

E' certo que o rio *Sil* é um dos afluentes do Minho, porém aquelle nasce acima de Ponferrada 30 kilometros, e a mesma distancia de Villa Franca del Bierzo; e desde o seu nascimento até se metter no Minho, tem mais comprimento do que este rio, desde a sua origem até ao mar.

Diz-se que depois se lhe deu o nome de *Minium*, em razão das minas de *minio* ou *zarcão* que havia junto das suas margens; mas é mais provavel que o nome actual d'este rio provenha dos limos encarnados *(limus rubri coloris)* que se encontram em alguns sitios d'este rio. E' certo que Plinio, Strabão e outros escriptores antiquissimos, já lhe dão o nome de *Miniu*, e o sabio bispo Orosio lhe dá tambem o nome de Minho.

Strabão diz que este rio tinha dois nomes, *Benis* e *Minho*—o primeiro era o nacional e o segundo o que lhe davam os romanos. Parece-me, porém, que o nome de *Benis* era o antigo do rio *Coura*, que em Caminha se junta ao Minho.

E' este rio, um dos cinco principaes de Portugal (os outros são—Guadiana, Tejo, Mondego e Douro.)

A foz do Minho não tem soffrido alteração alguma ha dois mil annos a esta parte. Strabão, no livro 3.º, pag. 153, diz que na sua foz tinha uma ilha e dois caes, que faziam dois portos. *(Ante ostia ejus sita est insula, et duae crepidines portubus praeditae.)*

Diz este geographo que no seu tempo era este rio navegavel, por espaço de 800 estadios (25 leguas, ou 150 kilometros) o que é manifesto engano d'este escriptor, ou erro de copia, porque em mais livro nenhum se encontra que este rio fosse navegavel acima de Monção, que está a 35 kilometros da foz; e mesmo assim, só até Lapella é que podem ir barcos de maior lotação, porque d'ali para cima, até Monção, (8 kilometros) só vão barcos de menos tonelagem.

De Monção para cima, até S. Christoval, (24 kilometros) só ha barcas de passagem e de pesca, e algumas para conduzir varios objectos de umas para outras freguezias proxi-

mas; mas não para o que se póde chamar viagem fluvial.

MINHO — provincia — Segundo a divisão anterior a 1834, a provincia do Minho *(Entre Douro e Minho*, como judiciosamente se denominava) confinava ao N., com a Galliza —a E., com a Galliza e Traz-os-Montes (ainda conserva estes dois limites)—ao S., com o rio Douro—e ao O. com o mar. Tinha 272 leguas quadradas. Depois de 1834, se lhe tirou um grande tracto de territorio, para com elle, e com parte da Beira, formar a nova provincia do Douro.

As principaes montanhas d'esta provincia são—Gavieira, Gervêz, Santa Catharina, Vallongo e outras menores.

Os seus rios principaes são—Minho, Tamega, Lima, Cávado, Ave, e Homem (que se junta ao Cávado).

A capital actual d'esta provincia, é a cidade de Braga. Tem mais as cidades de Vianna e Guimarães. Tem muitas e bonitas villas, que vão nos logares competentes. E' toda no arcebispado de Braga (que tambem comprehende uma grande parte da provincia de Traz-os-Montes).

Está dividida em dois districtos administrativos, Braga e Vianna.

E' o Minho a mais povoada, fertil e formosa provincia de Portugal, e onde o geologo, o historiador e o archeologo encontram vastissimo e inexgotavel campo para os seus estudos.

Não canço o leitor com a narração de tudo quanto aqui ha de notavel, visto que vae descripto nos logares competentes: só direi que o Minho não só é uma região formosissima, mas tambem a mais fertil de Portugal, em todos os generos do nosso clima. Produz tambem muita e optima madeira de varias qualidades, e cria e exporta em grande escala o melhor gado bovino d'este reino. Os seus montes são abundantissimos de caça grossa e miuda, e os seus rios e o mar lhe fornecem muito e saborosissimo peixe.

Tinha esta provincia antes da extincção das ordens religiosas, em 1834, 130 conventos d'ambos os sexos, pela maior parte, benedictinos e cruzios.

—

O sr. padre Manuel José Martins Capella, parocho encommendado de S. Payo da Carvalheira, em Terras de Bouro, e actualmente abbade de Painzella, em Cabeceiras de Basto, fallando d'esta provincia, diz a pag. 125 do semanario *Voz do Douro*, o seguinte:

«Que formosa, que poetica não é a pro«vincia do Minho! Com justissimos titulos «se lhe chama o jardim de Portugal, e com «muita razão collocaram os antigos n'esta «bella região, os seus *Campos Elysios.*

«Que outro paiz do mundo apresentará «simultaneamente, á vista do viajante encan«tado, campos mais ferteis, prados mais ver«des, montanhas, rochedos e penedias mais «pittorescas; villas, cidades e aldeias, mais »bonitas e saudaveis, e rios mais poetica«mente formosos?!

«Quem não viu o rio Minho, deslisando«se placido e sereno, por entre campos de «eterna verdura, encaixilhados em serras e «montes, já cobertos de frondosas arvores, «já eiriçados d'alcantiladas penedias, tendo «ao sopé lindas aldeias e villas. Beijando «com suas aguas d'anil, já fortalezas, ou«tr'ora formidaveis, como as de Monção, Va«lença, Villa Nova da Cerveira e Caminha; «já pequenos reductos e fortins, como os de «Lapella, S. Pedro da Torre, Lovelhe e La»nhellas.

«Quem não viu o formosissimo Lima, com «suas pontes torreadas, suas margens sem«pre cobertas de esmeralda, seus arvoredos «frondosos, seus campos feracissimos, suas «villas deliciosas, seus castellos memoraveis, «seus paços aristocraticos, suas egrejas go«thicas, com seus esguios campanarios a «surdirem por entre a folhagem; suas al«deias, já estendendo-se preguiçosas, na pla«nicie, já ostentando se sobre os alcantis, «como ninhos d'aguias.

«Quem não viu a extensa veiga, sempre «coberta de cearas ou milharaes, que se es«tende de Vianna a Caminha, terminando ao «O. pelo Oceano Atlantico, e ao E. por ser«ras e outeiros.

«Quem não viu a augusta Braga, com os «seus monumentos romanos, gothicos e ara«bes; com as suas tradições antiquissimas; «com o seu magestosissimo Sanctuario; com «a sua estatua collossal do monte Sameiro; «com os seus formosos arrabaldes.

«Quem não viu o Geréz, com o seu môrro «do Bugarreiro; Suajo, com o seu monte da «Gaviarra; as serras de Santa Luzia e da «A'gra, com seus bosques agrestes e suas «penhas inacessiveis.

«Quem não viu outras muitas e muitas «maravilhas d'esta formosissima provincia, «não póde fazer uma idéa do que é o Mi«nho, etc.»

Termino este artigo com a mimosissima poesia do sr. Sebastião Pereira da Cunha, filho do nosso elegante prosador e mavioso poeta, o sr. Antonio Pereira da Cunha, e neto do sr. conde da Figueira.

—

O Minho

Solo d'enlêvos, onde a vida abraça,
Com terna graça, o castanheiro em flôr!
Abre-me o seio, em que um vergel se apinha,
O' patria minha de encantado amor!

Quero cantar-te, como a rôla, ausente,
Canta, plangente, os africanos ceus,
Como ella aspira ao seu distante ninho,
Aspiro, ó Minho, aos attractivos teus.

Amo os teus campos com perfumes varios,
Verdes sacrarios de um constante abril;
Amo os teus montes collossaes d'altura,
E a luz, tão pura, do teu ceu d'annil.

Veias de prata, em teu fecundo seio,
Passam-te em meio rios, não caudaes;
E d'entre as flôres, que o teu chão guarnecem,
Cidades crescem, que não teem rivaes.

Braga, a princeza de remota éra,
Virtude austera ainda conserva e a fé;
E eleva ás nuvens em padrões de gloria,
A nobre historia, de que herdeira é.

Assenta o throno de entrançado arbusto,
No monte augusto do seu *Bom Jesus*,
E tem por corôa de opulencia tanta,
A Virgem sancta do Sameiro, e a Cruz.

Amares veste laranjaes floridos,
Faustos vestidos, com doirado veu;
E solta as tranças, de verdura infinda,
Na espadua linda, ás virações do ceu.

E' Guimarães uma fidalga edosa,
Rica e orgulhosa, em seus gentis maineis,
Que diz ao mundo, em derredor disperso;
«Eu fui o berço do maior dos reis».

Caminha é a joven marinheira bella,
Em pé na ourella do espumoso mar.
Monsão envolta nas senis muralhas,
Conta as batalhas que logrou ganhar.

Villa dos Arcos, que a sorrir desatas
D'entre cascatas, que delicias dão.
Barcellos, lyrio, adormecido em sombras
Sobre as alfombras do virente chão.

Pinha de flôres, que a frescura anima,
Ponte do Lima, que ideal tu és;
Finges o cysne, a retractar a face
N'agua, que nasce, e que te corre aos pés.

Vianna... foge ao incessante beijo,
Que o Lima vejo a lhe tentar depôr;
E da montanha na materna encosta,
Lá se recosta com gentil pudôr.

Eu sou suspeito, porque sou teu filho,
E assim teu brilho não direi jámais.
Que o diga quem, ao respirar-te os ares,
Te entrou nos lares e passeou teu cáes.

Solo d'enlêvo, onde a vida abraça,
Com terna graça, o castanheiro em flôr!
Abre-me o seio, em que um vergel se apinha,
O' patria minha de encantado amor!

Vianna, 29 de junho de 1874.

Sebastião Pereira da Cunha.

MINHOCAL—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Celorico da Beira, 15 kilometros da Guarda, 280 ao E. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 79 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O D. Abbade (bernardo) de Salzêdas, apresentava o prior, que tinha 100$000 réis de rendimento.

Esta freguezia é composta apenas de uma só povoação, que é a aldeia do Minhocal, situada em uma vasta planicie fertil, amena e agradavel, a 4 kilometros da margem direita do Mondêgo.

Esta freguezia é muito antiga, mas a povoação do Minhocal esteve primeiramente no sitio hoje denominado *Quinta de S. João*, propriedade pertencente ao sr. Antonio Velloso da Costa Aragão. Ainda na dita quinta, se encontram vestigios da antiga povoação, e diz-se que a transferiram por causa de uma epidemia, ou praga de formigas que alli se tornára insupportavel.

Ao mesmo motivo se attribue a mudança de outros muitos povos do nosso paiz em epochas remotas, em quanto que hoje as taes formigas não assustam, nem fazem fugir mais ninguem. Mudaram consideravelmente as condições climatericas de Portugal.

As producções principaes d'esta freguezia, são: vinho (do melhor do Mondêgo), azeite, trigo, centeio, milho e batatas.

Ha hoje n'esta freguezia, duas familias nobres e ricas—a do sr. Chrystovão de Mello Cardoso Telles Sampaio, natural d'aqui, viuvo da sr.ª D. Maria da Purificação Corte Real, da freguezia de Vinhó, no concelho de Gouveia, e a do sr. Antonio Velloso da Costa Aragão, dos Juncaes, tio dos srs. Moraes Cerveiras, da freguezia da Mesquitella, n'este concelho de Celorico, e dos Alcoforados da quinta da Cernada, na comarca de Vouzella, casado com a sr.ª D. Joanna Emilia de Serpa Corte Real, natural do Villarôco, no concelho de S. João da Pesqueira, filha legitima de Antonio Cardoso de Serpa, da freguezia do Braçal, n'este concelho de Celorico, coronel que foi do regimento de Milicias de Trancoso, e de D. Anna Julia de Serpa Corte Real, do Villarôco, proxima parente do fallecido visconde de Gouveia.

É familia de extremada virtude e piedade, e uma das mais nobres e mais ricas da provincia. Fixáram aqui a sua residencia por terem aqui muitas propriedades, e por ser esta freguezia ponto central que lhes facilita a administração de varios casaes que possuem nas circumvisinhanças.

Esta freguezia, apesar de fertil, é pobre, por que quasi toda pertence a extranhos, como aos srs. Aguilares, de Cedavim; Osorios, de Lamego; Francisco Pina de Linhares; Alexandre de Abreu, de Fornos d'Algodres; conde de Tavarede; de Trancoso; e desembargador José Joaquim Lopes de Fréchas concelho de Trancoso; tendo ainda aqui prasos de importancia o cabido de Viseu.

A egreja matriz é um templo pequeno e humilde, sem coisa alguma notavel.

O clima d'esta freguezia é temperado, mas pouco saudavel, por que o ribeiro, dito do Minhocal, que passa ao fundo d'esta freguezia, é muito plano, e no verão deixa muita agua estagnada, fóco terrivel de infecção.

A industria principal d'esta freguezia, é o fabrico de telha, de excellente qualidade.

Ha aqui seis fornos que abastecem as aldeias circumvisinhas, até leguas de distancia.

—

Passa perto d'aqui a estrada real a macadam, de Celorico a Trancoso, ou da Guarda a Lamego e Regua.

Esta freguezia e as circumvisinhas soffrem muito em tempo de guerra, por serem ponto forçado para os exercitos que da raia se dirijam ao centro do nosso paiz, ou vice-versa, como succedeu com a invasão dos francezes, que tudo por aqui saquearam e assolaram.

MINHOTÃES—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros a O. de Braga, 340 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 61 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 80$000 réis e o pé d'altar.

Foi commenda da Ordem do Templo, até 1311, e da Ordem de Christo, desde 1319, até 1834.

É terra muito fertil.

Minhotães, no antigo portuguez, significava *terra dos minhotos*. (Nas provincias do Norte, dão o nome de *minhoto*, á ave a que

em outras partes chamam milhano, ou milhafre.)

MINHOTO ou **MONTE-MINHOTO**—serra, Beira Baixa, na freguezia de Cernache do Bomjardim, comarca e concelho da certan, no grão-priorado do Crato (patriarchado), districto administrativo de Castello Branco.

Entre as serras que de ambas as margens cercam o rio Zêzere, se eleva o monte Minhôto. É muito alto e coberto em grande parte de penhascos gigantescos, e muito ingreme e despenhado, para o lado do Zêzere.

Sobre um dos rochedos d'este monte, está a capella de Nossa Senhora da Estrella. É muito antiga, e foi edificada n'este sitio, quando aqui appareceu a imagem da Santissima Virgem.

Affirma-se que em uma gruta, ou caverna que está junto da ermida, fôra a santa imagem descoberta por uns pastores, em tempos remotos.

A ermida é grande, com altar-mór e dois lateraes, mas estes estão desornados e sem imagens.

Tem um alpendre, e junto á capella-mór, estão seis pequenas casas, para habitação do eremitão (quando o tinha) e para recolher os romeiros. Está tudo em ruinas.

Perto do templo ha um poço, de bôa agua potavel, e uma fonte perenne.

Tambem aqui havia dois grandes sobreiros, tão antigos como a egreja, e que, segundo a tradição, davam uma especie de contas pretas, que moidas e bebidas, cria o povo que curavam muitas enfermidades. Cessaram de dar fructo, quando o eremitão o principiou a vender aos romeiros.

Junto á casa do eremitão, tinha este uma pequena cêrca cultivada.

Unidas ao templo, estão as ruinas de antigos edificios, e d'esse lado, na egreja, uma porta tapada de pedra e cal. É tradição que era um hospicio fortificado, dos templarios, e tambem se diz que estas ruinas são o resto de um convento de monges benedictinos, que foi destruido pelos arabes, no seculo IX. É certo que a grandeza do templo indica ter sido egreja de algum mosteiro.

Os provisores do grão-priorado do Crato, é que apresentavam os eremitães de Nossa Senhora da Estrella, e lhe davam licença para pedirem esmola por aquelles contornos, para o seu sustento, pois não tinham outros rendimentos.

Teve uma confraria de Santo André, com capellão que vinha aqui dizer missa nos domingos e dias sanctificados.

Fica esta egreja a 8 kilometros da de S. Sebastião, matriz da freguezia, e distante 1:500 metros do povoado.

A imagem da Senhora, é de pedra, e de meio metro de altura.

Foi objecto de muita devoção, dos povos d'esta freguezia e immediatas; mas a descrença, ou a indifferença, tem causado o resfriamento d'esta devoção e o abandono do sanctuario.

MIOMA—freguezia, Beira Alta, concelho de Sattam, comarca, bispado e districto administrativo e 18 kilometros de Viseu, 340 ao N. de Lisboa, 310 fogos.

Em 1757 tinha 171 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

O vigario da villa da Egreja, apresentava o cura, que tinha 12$000 réis de congrua e o pé d'altar. É terra muito fertil.

O nome d'esta freguezia, é corrupção da palavra arabe *maúma*—que significa—alagada, inundada.

MIOMÃES ou **MIUMÃES**—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Rezende (antigo concelho de Arégos), 24 kilometros a O. de Lamego, 353 ao N. de Lisboa, 60 a E. do Porto, bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Orago S. João Baptista.

O abbade, collado, era apresentado pelo ordinario, que tinha 550$000 réis de rendimento annual.

É uma freguezia fertilissima em todos os fructos do nosso paiz, e cria muito gado de toda a qualidade.

Está situada a 9 kilometros ao S. da margem esquerda do Douro, em terreno bastante accidentado.

Ha aqui as ruinas de um antiquissimo castello, chamado de *S. João.* No centro do recinto d'esta fortaleza, está um penedo gigantesco, que é uma anta celtica, das maiores que existem n'este reino.

Ha tambem no castello um buraco, que dizem ser uma galeria subterranea, por onde os mouros hiam ter ao rio Douro.

Ha n'esta freguezia duas bôas feiras, a 2 e 16 de cada mez.

Miomães, no antigo portuguez, significa—terra dos lagos, das lagôas, dos pantanos, etc.—Vide *Miôma*.

MÍRA ou **ODEMÍRA**—rio, Algarve e Alemtejo, nasce na freguezia de S. Barnabé, em um sitio da serra do Algarve, chamado *Cumeada dos Cançados*. Depois de receber alguns pequenos ribeiros, passa pela villa de Odemíra e desagúa no mar, proximo de Villa Nova de Mil Fontes. Réga, móe e traz peixe. Vide *Odemíra*, villa.

MÍRA—(lagôa de)—Vide *Arão*.

MÍRA—villa, Douro, cabeça do concelho do seu nome, comarca de Cantanhêde, 15 kilometros ao S. de Aveiro, 24 ao O. de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 1:700 fogos.

Em 1757 tinha 679 fogos.

Orago S. Thomé, apostolo.

Bispado de Aveiro, districto administrativo de Coimbra.

O prior de Santa Cruz de Coimbra, apresentava o vigario, que tinha 300$000 réis de rendimento annual.

O concelho de Míra, é composto das freguezias de S. Salvador do Covão do Lobo, e S. Thomé de Míra, e tem 2:300 fogos.

Foi da comarca da Anadia.

São pescadores a maior parte dos habitantes d'esta freguezia—que está situada perto da primittiva barra de Aveiro, a 3 kilometros do Oceano.

A villa compõe-se de uma só rua, com mais de 1 kilometro de comprimento, e algumas pequenas travessas.

As casas são ordinarias—as melhores, são as da camara.

É terra muito fertil.

As cheias do rio Vouga, em novembro de 1852, trouxeram grande quantidade de ratazanas mortas, e ainda maior, de cobras vivas.

Só na costa d'esta villa, appareceram mais de 15:000, algumas de 3 $1/2$ metros de comprido.

É povoação muito antiga, é já existia no tempo dos arabes, que lhe deram o nome actual. É mesmo provavel que fosse povoação romana.

Os Tavares, eram alcaides-móres de Míra. Para o appellido Tavares, vide *Assumar*, *Fáro* e *Fronteira*.

Dizem alguns, que D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 27 de agosto de 1514; mas não é verdade. Este foral é o da Míra seguinte. Não me consta que tivesse foral velho; pelo menos Franklim não o menciona.

Na doação que o conde D. Raymundo fez aos novos povoadores de Monte Mór Velho, em fevereiro de 1095, se nomeia particularmente *Zalêma Godinho*, a quem dá e concede a villa de Míra, com todos os seus termos, e um moinho que está junto á fonte de *Carabôi—quæ omnia usque in hodiernum diem in* atondo, *et presmo tenuit*. (Doc. de Santa Cruz de Coimbra.)

> *Atondo* era o direito de rotear, romper e cultivar algum terreno inculto; não o podendo porém dar, doar, trocar, ou vender—isto é—sendo um mero usufructuario. Tinha pois Zalêma, as terras de S. Thomé de Míra, só para as romper e arrotear, e só pela doação do conde, ficou logrando a propriedade e senhorio.

Este Zalêma Godinho, fundou a egreja de S. Thomé de Míra, onde seu filho, Godinho Zalêma, foi o primeiro parocho, e depois, um dos primeiros conegos regrantes, de Santa Cruz de Coimbra, a cujo convento uniu a sua egreja de Míra.

Foi depois, bispo de Lamego, e, renunciando o bispado, se recolheu ao mosteiro de Grijó (da sua ordem) onde morreu e foi sepultado.

Míra é corrupção da palavra arabe *Mir*, ou *Emir*. É nome appellativo de principe, chefe, senhor, e governador. Tambem denota *honra* e *nobreza de sangue real*. Vem a ser *—povoação do Senhor*.

MÍRA—(lagôa de)—Douro—está esta lagôa situada 15 kilometros ao S. da barra de Aveiro, e a egual distancia, ao N., da da Figueira, no litoral.

É preciso notar, que na fre-

guezia d'Arão (Minho) contigua e ao O. de Valença, tambem ha uma lagôa chamada *de Mira*, ou *dos Ameaes*. (Vide Arão, pag. 230, col. 1.ª, do 1.º vol.)

MÍRA (lagôa de) — Extremadura. — Vide *Minde* e *Mira* (Senhora do Amparo.

MIRA—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Porto de Móz, 30 kilometros de Leiria, 120 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 190 fogos.

Orago Nossa Senhora do Amparo.)

Bispado e districto administrativo de Leiria.

O povo apresentava o cura, que tinha de rendimento 70$000 réis e o pé d'altar.

Esta aldeia pertencia á freguezia de Minde, da qual foi desmembrada para formar freguezia independente, no fim do seculo XVII, ou principio do XVIII.

O que se sabe com certeza, é que, em 1720, já era freguezia, como adiante se verá.

No logar da actual matriz, já havia uma capella muito antiga, dedicada a Nossa Senhora do Amparo, que foi ampliada, para servir de egreja parochial. No seu frontespicio se vê esta inscripção:

1720. ESTA OBRA FEZ SE,
SENDÓ CURA, FRANCISCO MENDES DA CRUZ,
JUIZ, ANTONIO DA CRUZ,
E PROCURADOR, JOSÉ LOPES.

—

Para a *lagôa de Mira* ou de Minde, vide *Minde*.

—

MIRAGAIA—freguezia, Extremadura, comarca de Torres Vedras, concelho da Lourinhan. Vide *Francos (a dos) ou Miragaia*, na col. 2.ª da pag. 227, do 3.º vol. (Vide tambem *Lourinhan*.

MIRAGAIA — freguezia, Douro, concelho (bairro Occidental) e comarca (3.ª vara) da cidade do Porto, da qual é uma parte integrante; pertencendo portanto ao seu bispado e districto administrativo.

Tem por orago, S. Pedro, apostolo.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 240$000 réis de rendimento annual.

Tinha esta freguezia, em 1757, apenas 491 fogos.

Para não fazer do Porto um artigo tão extenso como o de Lisboa, resolvi fazer de algumas freguezias d'esta cidade, artigos separados e independentes, como já fiz de *Cedofeita* e *Massarêllos*. Julgo ser isto menos aborrecido para os leitores.

Continúo pois com o que respeita a esta freguezia.

═

Segundo o *Itinerario de Antonino Pio*, (edição correcta de Party e Pinder-Berlim, 1848) existia na margem direita do Douro uma povoação, de pequena importancia, de nome *Calle* — que quer dizer — defronte de Gaya—era a primeira pousada dos que vinham de Bracara Augusta, e se dirigiam pela estrada militar para o sul: chegavam a *Calle*, embarcavam no *portus*, e seguindo ao nascente do castello de Gaya, caminhavam para Lancobrica (Feira) Talabrica (Aveiro) Eminium (Agueda) etc.

Não é duvidoso que *Calle* fosse a moderna Gaya, como affirma por exemplo Agostinho Rebello da Costa. Neste tempo não existia ainda o Porto, que nasceu depois, quando Ataces andava em guerra com os suevos; estes edificaram o castello, nucleo da posterior cidade, no logar mais elevado, dito Penaventosa, e onde hoje é a Sé. É tambem obvio que a *Calle*, logar de descanço, marcado no *Itinerario de Antonino*, fosse na margem direita do rio, visto ser natural que os passageiros repousassem antes do embarque, mesmo porque os meios de transporte não estavam sempre promptos, nem seriam muitos: e dizemos que este logar de descanço era na margem direita, porque a via militar marchava do N. para o S. A *villa-nova*, de que falla o *Canon III* do concilio de Lugo (annos de Christo de 568) era a antiga *Calle*, burgo fóra dos muros da cidade *Festobole* — porto chão. Gaya, dita o castello antigo dos romanos, pertencia á cathedral de Coimbra, como se vê do *Canon V* do citado concilio, que trata da divisão do territorio da sé conimbricense.

Depois da derrota dos godos na grande batalha de Guadalete, (713) a peninsula quas

toda passou ao dominio dos arabes, e por esse tempo foram o castello do Porto e o burgo, arrazados. A *villa nova*, isto é, a antiga *Calle*, soffreu provavelmente o mesmo destino, apesar de que, se é certo o salvo conducto feito em 755 por Abd-el-Azis, a favor do mosteiro de Cedofeita, cujo couto abrangia parte de Miragaya (Monchique, Bandeirinha), e fôra instituido por Theodomiro, rei dos Suevos, em 560 de Christo.

Ha a notar que n'uma das invasões dos arabes, elles se instalaram tambem em Miragaya, visto que o estabelecimento de banhos, que aqui houve, só áquelles povos se póde attribuir. Quando porém se contruiram os banhos, não o podemos determinar, mas é certo que posteriormente ao seu estabelecimento, existe um documento, de 1331, que é um accordo entre o bispo e o concelho, no qual este se obriga a restaurar os banhos, caldeiras e pertences, no sitio da *Munhota*, ou rocio, abaixo da Cividade, ficando os rendimentos pertencendo, metade ao bispo.

Ainda como commemoração aos banhos, de origem arabe, existiam ha pouco tempo —o *Postigo dos Banhos* e a *Rua dos Banhos*, que desappareceram pela moderna abertura da rua Nova da Alfandega. A *Munhota* era contigua á rua do Forno Velho, junto ao rio, e parallela a elle. Ainda ha outras ruas, que conservam nomes commemorativos, taes como—Rua dos Judeus—Monte dos Judeus—escadas dos Judeus, manifestamente anteriores a 1494, anno em que D. Manuel os expulsou do reino.

Egreja parochial

Emquanto á antiguidade da parochia, ha quem a remonte aos primeiros annos do christianismo. Na parte externa da actual egreja, aliás de construcção moderna, existe uma inscripção, tambem moderna, em que se lê o seguinte:

«Prima cathedralis fecit haec. Basilius, ob egris quam pedibus sanus, condidit inde Petro.—Esta foi a primeira cathedral do Porto. S. Basilio, apenas se viu são dos pés, a edificou, e por aquelle motivo a dedicou a S. Pedro.»

Este S. Basilio, diz o Martyrologio, morreu no anno de 57, e no *Catalogo* dos bispos do Porto diz-se ter elle sido o primeiro d'esta diocese. Ora o castello de Pena-Ventosa (Sé) foi edificado, como já fica dito, pelos suevos, no seculo VI, e só posteriormente é que se edificou a cidade, em torno a esse primitivo nucleo de povoação, do que resulta não haver bispo do Porto n'esta épocha. Não temos portanto como certo a edificação da primitiva egreja durante o seculo I, apesar da sua grande antiguidade. Talvez que a inscripção, traduzindo mal a tradição e interpretando mal a historia, queira affirmar que a egreja de S. Pedro é a mais antiga das do Porto, o que se póde admittir sem escrupulo, visto ser natural que os antigos habitantes d'esta pequena povoação, distante de outras importantes, erigissem modesto templo para prestar culto ao seu Deus.

Depois, Miragaya em épochas bem proximas ainda, estava extramuros da cidade, e é bem pouco de presumir que a primitiva sé do Porto fosse em qualquer épocha estabelecida em sitio que estava afastado da povoação importante desde o tempo dos suevos, e que pela sua disposição topographica tendia a desenvolver-se, como effectivamente se desenvolveu, emquanto que a pequena *Villa-Nova*, burgo do Porto, e d'elle por então afastado, carecia de importancia, e até foi aquelle o sitio que nos fins do seculo XV se julgou azado para n'elle estabelecer a povoação judaica, tida como bastarda, e para a qual sempre se escolhia sitio menos conveniente, como que para castigo da sua crença.

Além d'isso, como teremos occasião de vêr, Miragaya era local de mariantes quasi na sua totalidade; povoação pouco estavel, e tambem de certo a menos propria para no seu seio abrigar o prelado de um importante trato de terreno.

Diz-se tambem que, no primeiro seculo do christianismo, existia em Gaya uma capellinha, de invocação de S. Marcos, onde S. Basilio, discipulo de S. Paulo, ministrou os primeiros sacramentos da egreja n'estas paragens, e que notando que a população ten-

dia a descer dos montes de Gaya, e por falta de terreno apropriado no sopé dos alpestres alcantis se passava á praia fronteira, onde o terreno era largo e espraiado, e que junto d'essa praia, que é hoje a moderna Miragaya, edificára templo, modesto sim, mas que se mais coadunava com as necessidades do culto, e augmento da população, onde administrava sacramentos, isto antes de ir para Braga, onde foi prelado, pelos annos de 45 da era christã.

No *Catalogo* dos bispos do Porto, de D. Rodrigo da Cunha, diz-se que S. Basilio fôra o primeiro bispo d'esta diocese; no *Agiologio Lusitano* affirma-se que dos discipulos de S. Thiago, um, natural da Judéa, e de nome Basilio, depois de ter sido baptisado pelo santo, com elle veio ás Hespanhas, onde ficou com S. Pedro de Rates, que reconhecendo n'elle talento para o ministerio da prégação, o fez primeiro bispo do Porto, onde se conservou por sete annos, até que sendo martyrisado S. Pedro de Rates, bispo de Braga, S. Basilio lhe succedeu; e que este S. Basilio fôra o pobre aleijado, que estando a pedir junto á porta *Speciosa* do templo de Jerusalem, foi curado por S. Pedro.

Diz mais o *Agiologio*, que constando em Hespanha que o apostolo das gentes estava preso em Roma, os póvos da peninsula escolheram a S. Basilio para ir em companhia de Santo Athanasio, bispo de Saragoça, e S. Elpidio, bispo de Toledo, visitar e confortar o santo apostolo na sua prisão, e offerecer-lhe a *collecta* que as egrejas das Hespanhas lhe enviavam. No *Flos Sanctorum* tambem se diz que S. Basilio fôra o primeiro bispo do Porto, e fallecêra em 23 de maio do anno de 60, no principio da perseguição ordenada por Nero.

Já dissemos que não nos parece provavel ter sido S. Basilio o primeiro bispo do Porto, pela simples razão de não existir o Porto no seculo I; e as affirmações dos escriptores citados, que se copiaram uns aos outros, reproduzindo-se e ampliando-se, não merecem grande fé historica, porque bem sabido é que, mais crentes do que criticos, aproveitaram quantos subsidios encontraram, sem os purificar pelo crisol da critica. Para exemplo basta citar D. Rodrigo da Cunha, caracter respeitavel, mas dotado de nimia boa fé, e que por mais de uma vez tem sido contrariado nas suas affirmações absolutas.

Agostinho Rebello da Costa, um pouco menos credulo, na sua *Descripção da cidade do Porto*, diz (pag. 63):

«Preside n'esta sé um bispo, que é de toda a diocese, com oitenta mil cruzados de renda, de que paga a terça parte á patriarchal de Lisboa. No catalogo seguinte exponho com a brevidade possivel a ordem chronologica de todos os que houveram n'esta cidade, desde a sua fundação até ao presente tempo. *Já fica advertido no capitulo I que S. Basilio e outros bispos de que alguns catalogos dão noticia, não devem entrar n'este numero* pelas razões que expôrei, quando fallar da egreja de Miragaya.

«Constancio, *primeiro* bispo, governou, pelos annos de quinhentos setenta e nove, até quinhentos oitenta e nove, etc.»

No cap. I, diz o padre Rebello: «O bairro de *Gaya*, em Villa Nova, foi fundado pelo pretor romano *Cayo Lilio* para d'este sitio rebater as forças de Viriato; e a cidade do Porto *foi fundada pelos suevos*, muitos seculos depois.»

E em nota:

«Para abonar esta opinião basta por todos o erudito portuguez e bispo *Idacio*, na sua chronica, em que diz: *Ad castrum quod Portucale appellatur, etc.* e muito mais quando chama a Braga: *extremam civitatem Gallaciæ, etc.*

A pag. 104 e seguintes novamente o padre Rebello corrobóra a sua opinião, com fundamentos não destituidos de peso e bom senso.

Mas, admittindo mesmo que a egreja de Miragaya seja muito antiga, não se deduz d'ahi que fosse a primeira sede portucalense, e a invocação do seu orago, de per si só não é argumento bastante para ter-se por certo e irrecusavel que fosse S. Basilio o seu primeiro edificador, com o motivo de prestar culto e homenagem ainda em vida ao santo que na porta *Speciosa* lhe sarára os pés. O padre Rebello tambem o não acre-

dita, julgando incrivel que em vida dos apostolos, houvesse quem consagrasse templos á sua memoria, e que pela tradição apenas constava que a Maria Santissima, S. Thiago dedicára um templo em Saragoça, outro o evangelista S. João, na Asia, e outro S. Pedro, em Roma (cap. cit. pag. 105.)

Seja como fôr, apesar das encontradas opiniões, vê se que a egreja de Miragaya foi uma das primeiras erigidas n'estas regiões, embora não fosse a primeira Sé.

Não affirmamos que a egreja actual esteja sobre o terreno da primittiva edificação attribuida a S. Basilio, pela disposição do terreno em que assenta. A egreja está em terreno pouco superior ao nivel do rio, e nas grandes cheias é visitada pelas aguas.

Ainda em 1860 a agua cobriu quasi todo o pavimento e se removeu o Santissimo Sacramento para a capella do Espirito Santo, a montante da egreja. Demais sabe-se que as aguas se teem affastado da nossa costa, e augmentado na costa fronteira, estando hoje a descoberto muitos terrenos que em épocas não muito remotas eram ancoradoiro. Este phenomeno hydrographico é sobejamente conhecido em geographia physica. Posto isto, parece que a egreja primittiva foi em logar mais alto do que hoje está.

Para corroborar a importancia que a egreja de Miragaya teve, não esqueça commemorar que n'ella esteve o corpo do glorioso padroeiro do Porto, o martyr S. Pantaleão, que foi transferido para a Sé, a 12 de dezembro de 1499, por ordem do bispo que era então, D. Diogo de Sousa. O corpo de S. Pantaleão estava em Myragaya desde 1453, notando se que então a parochia era extramuros da cidade.

Da egreja primittiva não restam vestigios tendo soffrido successivas modificações; ainda em 1742, no *Catalogo dos bispos do Porto*, ampliado por Antonio de Sequeira Pinto, se diz que o edificio se achava demolido até aos alicerces. Foi esta a terceira reedificação de que ha noticia; mas ainda em 1873 se fizeram importantes reparos na egreja.

O edificio actual não é dos mais pomposos do Porto, mas está limpo e aceiado, tendo-se soalhado o corpo da egreja, onde se não fazem enterramentos desde 1836. O templo é de uma só nave, e azulejado nas paredes. A capella-mór é de boa talha, feita em épocas diversas e até proveniente de outras egrejas. A proposito, ha memoria de que o corpo da egreja fôra em tempo revestido em parte de obra de talha, bem como os pulpitos, mas que um *illustrado* juiz da confraria do Sacramento (já fabriqueiro) desgostoso ao contemplar aquelles dourados esmorecidos pelo tempo, *limpára* as paredes d'aquelle pejamento, e as mandára caiar, para dar mais luz á egreja. O vandalo queria tambem *restaurar* a capella-mór; mas por fortuna escaparam a este genio reformador os magnificos alto-relevos que a decoram. Este *benemerito* juiz, foi tambem o mesmo que, incommodado pelo sombrio de um quadro existente no altar de Santa Rita (quadro a oleo, e que não carece de merecimento), representando á profissão religiosa da santa, o mandou pintar a branco, de colla! E o quadro esteve largos annos assim, até que juiz menos *illustrado* o mandou lavar e restaurar, ficando ainda alguma cousa deteriorado.

Além do altar mór e do altar do Santissimo, ha mais na egreja os de Nossa Senhora do Carmo, de talha dourada, que veio da egreja do extincto convento de Monchique—do Senhor Jesus–de S. João Evangelista–de Santa Rita—do Senhor da Cana-Verde—e Senhora do Pranto. A imagem de maior devoção é a do Senhor Jesus, dito de Miragaya. Nas grandes calamidades era esta imagem levada processionalmente até á egreja conventual da Ave-Maria (Largo de S. Bento.) Ha pouco mais ou menos 30 annos que teve logar a ultima procissão de penitencia *ad petendam pluviam*.

—

Os parochos de Miragaya tiveram em tempos o direito de acompanhar os cadaveres dos seus freguezes que eram sepultados no mosteiro de Santo Antonio do Valle de Piedade (margem esquerda do Douro) o que se vê de duas sentenças obtidas contra os vigarios de Santa Marinha, uma de 1652, outra de 1732, por quererem contrariar este costume, e opporem-se a que os abbades de

Miragaya entrassem na sua vigariaria, sem lhes pedirem licença.

—

A egreja de Miragaya, denominada reitoria em alguns documentos, foi da apresentação e collação do prelado, que occorria ás despezas da fabrica. A fl. 65 de um livro existente no archivo da egreja, e escripto pelo abbade Jacintho de Sousa, fallando dos usos e costumes do seu tempo (1640) diz que os prelados e cabido tinham obrigação de prover esta egreja de todo o necessario, sem que os abbades nem os freguezes tivessem parte alguma n'essa obrigação, e que só os freguezes tinham a seu cargo a fabrica das diversas confrarias, cujos capellães de todas, podiam sér os abbades, querendo, ou os seus coadjutores, ou quaesquer sacerdotes eleitos pelos abbades. No mesmo livro se diz que os prelados e cabido davam aos abbades 2$000 réis annuaes para despeza de residencia; «emquanto se não proverem de proprias, porque as antigas não estão capazes» e mais — 15$000 réis — em dois pagamentos, um pelo Natal e outro pelo S. João, sendo duas partes pagas pelo bispo e uma pelo cabido; e o coadjutor percebia dos mesmos senhores e pela mesma fórma a annualidade de 8$000 réis: e que os abbades estavam na posse da conhecença, mas que pelas offertas d'ella pagavam ao cabido 1$040 réis.

As conhecenças eram 20 réis que pagava cada freguez pela quaresma, e rendia réis 12$000. Mais tinham os abbades os dizimos da freguezia e as primicias do pão e vinho, que eram de 40 — 1; e pagavam tambem premicias, por antigo costume, os freguezes que tinham fazendas fóra da freguezia, mas que as grangeavam por si ou seus familiares.

Havia tambem por esse tempo grande copia de missas de legados, que eram no geral ás resadas da esmola de 50 a 60 réis, e as cantadas a 200 réis. [1]

Posteriormente, o abbade Manuel da Cruz, por bulla que de Roma obteve em 1736, reduziu-lhe o numero, ficando por então sendo a esmola de 120 réis, e 30 réis de guisamento, total 150 réis.

Depois do anno de 1834, em que foram extinctos os dizimos, ficou a fabrica da egreja a cargo da confraria do Santissimo.

Abbades de Miragaya

Com o incendio que houve na camara ecclesiastica, no seculo XVI, desappareceram importantes documentos historicos, e entre elles o registo parochial d'esta egreja anterior a 1581.

No archivo da confraria de Miragaya só se encontra noticia, anterior a essa data, de tres abbades:

A—1450—Affonso Martins, que assignou o titulo pelo qual a camara trespassou aos mareantes de Miragaya, a administração do hospital do Santo Espirito.

B—1460—Vasque Annes, que assignou um contrato com os mordomos do hospital (Espiro Santo), relativamente a offertas.

C—1546—Bartholomeu dos Banhos, que foi demandado por Gonçalo Annes Boquiqua, provedor do hospital do Espirito Santo, por intentar fazer uma capella no adro do hospital.

Passemos agora aos abbades, de que rezam os registos parochiaes, por sua ordem chronologica:

1.º—Manuel Pinto, abbade por mais de sete annos; renunciou no immediato, e foi conego da Sé do Porto.

2.º—Alvaro Leitão, presbytero; collou-se em 24 de abril de 1596. Para o effeito da collação apresentou ao prelado um requerimento do theor seguinte:

«Ill.^{mo} Sr. Diz Alvaro Leitão, sacerdote de missa, nat. da villa dourem, do bispado de Leiria, que S. Santidade o proveo na *reitoria* S. P.º Miragaia arabalde desta cidade do Porto per renunciação que nelle fez M.el Pinto, Conego na Sé da mesma Cidade, Reitor que foi na dita Igreja de Sam P.º e porque as bullas e mandato de providendo vem dirigidas a V. S. illustrissima—P. se pronun-

[1] Ha nos archivos da egreja instituições de legados com missas da esmola de 20 réis (vinte réis) ? ! . . .

cie V. S. por Juiz e lhe mande fazer as dilligencias ordinarias, e satisfeito com as premissas das ditas bullas o proveja da dita Reitoria e o confirme.—R. J. M.»

E logo ajuntou o attestado de ser christão velho, cujo theor é como se segue:

«Anrique de Sousa, do Con.co de S. Md.e e Gd.or de suas Justiças na Relação e casa do Porto, etc. Faço saber qui conheço ao Padre Alvaro Leitão como filho de João d'abreu e de sua molher Isabel Lopes, qui D.s perdoe, m.s na villa de ourem e nenhum delles teve raça di mouro nem christão novo, e tenho ao dito P.e por di boa vida e costumes, e por assy passar na verdade o asima dito o juro pelo abito di S. Tiago que recebi. No Porto a 21 di Abril de 1596.—Anrique de Sousa Gdor.»

3.º—Francisco Correia, bacharel formado em canones. Collou-se em (?)

4.º—Pedro de Barros, natural da freguezia de Barqueiros, bispado do Porto, filho legitimo de André de Barros, e Isabel Dias, collado em 15 de maio de 1610 pela renuncia de Francisco Correia, ao qual se obrigou a satisfazer a pensão annual de 50$000 réis. Falleceu em junho de 1624.

5.º—Gaspar da Costa, sub-diacono, bacharel em canones, natural de S. Aleixo do Becco (Coimbra), filho de Braz Mendes e Isabel da Costa.

Por fallecimento de Pedro de Barros, foi pelo cabido, *séde vacante*, posta a concurso em 1 de julho de 1628 a abbadia (reitoria lhe chamava o cabido) e collado na egreja, este sub-diacono, em 2 do dito mez e anno «por ter vagado no mez de junho (dizia o cabido) que he hu dos do padroado ecclesiastico, e por que a apresentação pertence ao cabido....» Foi porém querelado pelo novo prelado, que era, parece, fr. João de Valladares, e nos *itens* do libello, diz o promotor: «P. Que o dito mez he hu dos da apresentação ordinaria (assy o em que vagou como o em que foi provido) e como o Ill.mo Sñ Bispo tivesse tomado posse do Bispado, e a elle só competia a apresentação e collação delle, principalmente por as duas partes dos fruitos da d.a Igreja serem unidos *in perpetuum* á mitra e meza Pontifical d'este Bispado; outro sy—P. Que, dado e não concedido, que o dito Sr. Bispo não estivesse de posse deste Bispado, sendo o embargado provido pelos P.es do cabido, devia ser confirmado por letras Ap.cas conforme as regras de d.o da Chancellaria, no que não ha duvida; o que não fez.—P. Que havendo todos estes defeitos, e correndo letigio com o embargado ha muitos mezes, sollicitou e obteve Bullas de S. Santidade para renunciar como renunciou sem declarar o estado em que estava.—P. Que as d.as Bullas por serem alcançadas por supplica falsa, são nullas...—Proceda-se pois contra o embargado, e julgue-se o Beneficio vago.»

O embargado appellou para a relação de Braga, mas o vigario geral não acceitou a appellação. Não sabemos como o processo terminou.

6.º—Pedro Fernandes de Sequeira, fallecido em 3 de junho de 1638.

7.º—Jacintho de Sousa, notario apostolico; apresentado em 2 de setembro de 1638, e collado, em 30 do mesmo mez e anno, pelo bispo D. Gaspar do Rego da Fonseca, então residente em Madrid. Falleceu a 13 de setembro de 1659.

A proposito aqui transcrevemos a *provisão* do bispo, que nos parece curiosa:

«Tomei todo este tempo que hé passado depois da vacatura da igreja de S. Pedro de Miragaya para me informar do dito que me avizarão pertendião ter o mt.o Rvd.o Cabido juntamente comigo na provisão della; agora que me consta que o não tem, a mando prover, e não me pezára que o mt.o Revd.o Cabido o tivesse, porque igualmente dezejo e zélo o seu direito e o da mitra, nem aqui se poderia considerar direito que quando havia de ser por a... parte e isto se não podia reduzir a pratica em igrejas de concurso, nem o acto da Se vacante pode, conforme a direito fazer effeito de provisão a que se haja de ter consideração, maiormente contra o da Mitra! Assi o diga Vm. da minha parte a esses Sn.es, assegurando-os do meu animo

que he e será sempre favoravel ás suas cousas. Supponho que não ha duvida em ser a igreja de livre collação ordinaria, e que a my me parece que não he unida á mesa Pontifical nem capitular pois nenhus fructos percebem délla, e supposto tambem que he Igreja perpetua me parece mais seguro prover-se em concurso, na forma do stilo, com termo breve, e dirá Vm. da minha parte ao padre Jacinto de Sousa, que havendo respeito a ser virtuoso e honrado, e servir e ter servido com applicação e satisfação ao Bispado, e sendo approvado e havido por digno ou exame synodal, Vm. o colle e institua por parrocho Abbade della, em nosso nome, sem ser necessario vir perante nós, e esta carta sirva de commissão quanto a isto que digo a Vm.—Madrid 2 de Setembro de 638—G., Bp.º do Porto.»

8.º—João Nogueira de Barros, apresentado pelo Cabido *séde vacante,—por a collação e confirmação d'ella* (da egreja de Miragaya) *pertencer a S. Santidade e Santa Sé Apostolica,* como dizia o edital—em 23 de setembro de 1659. Renunciou em seu sobrinho e successor, reservando para si a pensão de trinta e tantos mil réis.

9.º—João de Barros, sobrinho do antecedente, foi collado em 29 de agosto de 1671. Renunciou no seguinte, com a reserva de réis 30$000 annuaes.

10.º—Luiz de Brito, natural do Porto, freguezia da Sé, filho de Thomé de Brito e de Maria Lopes Carneira, foi confirmado pelo papa Innocencio XI, e collòu-se em 21 de junho de 1685. Alem da pensão que se comprometteu a dar ao seu antecessor, acceitou o encargo de pagar a pensão ao tambem renunciante, João Nogueira de Barros. Depois de parochiar a egreja de Miragaya por mais de dez annos, passou para a abbadia de S. Thiago de Priscos, arcebispado de Braga. Resignou no seu successor, reservando a pensão annual de 50$000 réis, e passandolhe o encargo das pensões que percebiam os resignatarios João de Barros e João Nogueira de Barros.

11.º—Constantino Homem de Carvalho, natural de Lisboa, freguezia de Santa Justa, filho de Pedro de Carvalho e Bárbora Soares. Fôra reitor da freguezia de S. Nicolau de Mesão-frio, que renunciou, reservando-se a pensão de 38$000 réis, e depois abbade de Santa Maria de Frende, que tambem renunciou em Pantaleão Rodrigues Marques, ficando a receber d'elle 50$000 réis. Passando depois para a egreja de Miragaya transferiu a pensão de Santa Maria de Frende, para Luiz de Brito, seu antecessor; mas o abbade Pantaleão (o de Frende) contestou o direito a Luiz de Brito; poz-lhe demanda; mas por fim pagou.

Falleceu o abbade Constantino, em 20 de junho de 1701. Por seu fallecimento, o cabido tentou fazer valer os seus pretendidos direitos de apresentação dos abbades de Miragaya em certos mezes, como se vê do requerimento por essa occasião dirigido ao prelado, e que existe na camara ecclesiastica do bispado, no processo intitulado—Autos de Petição do Rvd.º Cabido sobre a Igreja de S. Pedro de Miragaya.

12.º—Heitor de Almeida de Amaral, bacharel formado em canones, e desembargador ecclesiastico, nasceu em Pombal; foi apresentado abbade, pelo bispo frei José de Santa Maria Homem, em 23 de junho de 1701, e collado em 30 do referido mez e anno. Resignou no seu successor, com a reserva de 120$000 réis annuaes para si, conservando-se sobre a egreja a antiga pensão de 11 ducados de ouro n'ella imposta a favor do abbade resignatario e ainda por então vivo, João de Barros.

13.º—Manuel da Silva, natural da freguezia de Miragaya, onde nasceu em 1678. Collado em 19 de setembro de 1718, em Braga, pelo arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles, a quem vieram dirigidas de Roma as bullas, por estar vaga a Sé do Porto. — Falleceu a 27 de julho de 1730.

14.º—Manuel da Cruz, natural do Porto, collado por bulla apostolica, tomou posse da egreja em 13 de fevereiro de 1733. Falleceu a 3 de janeiro de 1758, e foi sepultado na capella-mór da sua egreja na sepultura dos parochos. Foi o escolhido, dos 33 concorrentes que houve á egreja, a qual fôra posta a concurso pelo cabido *sede vacante.*

«Por pertencer a collação da dita egreja á Sé apostolica, a mandei pôr em concurso» diz o edital, de 7 de agosto de 1730, assignado pelo provisor e governador do bispado, o dr. João Guedes Coutinho, do conselho de sua magestade e do geral do Santo Officio.

Nos autos do concurso lê-se o seguinte: «Visto o termo de exame, e consideradas todas as mais circumstancias, julgo o padre Manuel da Cruz por mais idoneo para abbade de parochial egreja de S. Pedro de Miragaya extra-muros d'esta cidade, d'este bispado do Porto, e se lhe passem os documentos necessarios para requerer na curia. Porém não se lhe entregará a certidão sem primeiro recorrer a sua magestade que Deus guarde, pela secretaria de estado na fórma dos seus reaes decretos, e mostrar licença do dito senhor para recorrer a Roma com a certidão do concurso. Porto, 19 de agosto de 1730.—J. G. dr. (João Guedes Coutinho, governador do bispado.)

15.°—Francisco Caetano de Sousa Sarmento, clerigo *in minoribus*, do habito de S. Pedro, bacharel formado em canones pela Universidade de Coimbra, natural de Alfandega da Fé, filho de Francisco Xavier de Sousa, e de D. Antonia Sarmento; nasceu a 7 de agosto de 1728. Foi apresentado pelo bispo da diocese, D. Antonio de Tavora, em 9 de abril de 1758 e collado em 26 de maio do dito anno. Passou depois para a egreja de Santa Maria de Golpilhares.

16.°—Alexandre Ribeiro do Couto, natural de Varziella, filho de Thomaz Moreira Ribeiro e Maria do Couto. Apresentado pelo bispo, D. fr. Antonio de Sousa, em 28 de abril de 1763 e collado no mez seguinte. Falleceu em 31 de agosto de 1770.

17.°—André Xavier da Costa, bacharel formado em canones, natural de Bragança; apresentado pelo bispo diocesano, D. fr. Aleixo de Miranda Henriques, em 30 de setembro de 1770, e collado em 30 do mez seguinte.

18.°—Joaquim José Pereira Godinho, presbytero secular, bacharel formado em canones, natural de Oliveira de Azemeis, filho de Bernardo Pereira da Silva e de Josefa Caetana de Andrade. Apresentado pelo bispo D. João Raphael de Mendonça em 11 de novembro de 1791, collado em 19 do mesmo mez e anno. Na provisão diz o prelado: «e porque a dita abbadia, conforme a sua creação, e dotação é da nossa collação, confirmação e apresentação *in solidum*, em qualquel tempo que aconteça vagar, por ser um dos beneficios da nossa mesa e camara.... sem concurso...» Renunciou o reverendo Pereira Godinho a abbadia em favor do seu successor, com a reserva de 200$000 réis annuaes, por haver subrogado no beneficio o seu patrimonio, reserva que receberia «emquanto fosse coadjutor do beneficio e prebenda (inteira) de que havia tomado posse na cathedral, pensão que cessaria logo que fosse sua a dita prebenda.» O rendimento da egreja estava então lotado em réis 460$000.

19.°—José Pacheco e Sousa, da congregação do Oratorio, do Porto, filho de Manuel Rodrigues Pacheco, de Beire, e de Joanna Luiza Rita, de Bitarães. Collado em 10 de maio de 1802.

20.°—José Coelho Antunes, presbytero secular, natural de S. Pedro de Castro-Daire filho de Manuel Antunes e Anna Maria; apresentado pelo bispo diocesano, D. João de Magalhães Avellar, em 10 de janeiro de 1820, e collado em 18 de fevereiro do mesmo anno, com a obrigação de pagar dos rendimentos certos e incertos da egreja 30$000 réis «para outro ecclesiastico benemerito.» Na provisão de apresentação diz o prelado: «por ser esta egreja do nosso padroado *in solidum*, em qualquer occasião ou tempo que se verifique a sua vacatura.

Desistiu o padre Antunes, da abbadia, fazendo a desistencia perante a camara ecclesiastica.

21.°—Domingos de Mesquita, egresso da Ordem de S. Domingos, filho do dr. Domingos de Mesquita e Mello, e de D. Bernardina de Freitas e Mello; foi apresentado na egreja, vaga por desistencia do antecedente, por decreto de 23 de dezembro de 1844, e collou-se em 2 de abril de 1845.

22.°—Pedro Salvador Ferreira, egresso da ordem dos pregadores, bacharel formado em

theologia, natural de Paços de Sousa, filho de Joaquim Ferreira e Theresa Coelho. Era parocho collado, na egreja de S. Christovão do Muro, e collou-se na de Miragaya em 1860, de onde sahiu para a de Refojos, onde se collou em 23 de outubro de 1862.

23.º—Pedro Augusto Ferreira, bacharel formado em theologia, cavalleiro da Ordem de Nossa Senhora da Conceição; nasceu na Corvaceira, freguezia de Penajoia, a 14 de novembro de 1832; filho de José Antonio Ferreira e de D. Maria da Purificação Ferreira.

Ordenou-se em 25 de janeiro de 1857, em Lamego, (concluiu a formatura em 1856) sendo em seguida nomeado pelo bispo d'aquella diocese, D. José de Moura Coutinho, examinador synodal, e no mesmo anno professor de Instituições Canonicas, disciplina que leccionou desde 1857 a 1860, e n'esse mesmo anno regeu a cadeira de Historia ecclesiastica, novamente creada (1859).

De 1857 a 1860, exerceu por vezes, por commissão do prelado, as funcções de vigario geral, no impedimento do proprio, o dr. Diogo de Macedo Pereira.

Em 1861 foi apresentado na egreja de S. João Baptista de Távora, onde se collou em 27 de julho d'esse anno, tomando posse em 10 de agosto. Vagando a egreja de Miragaya, foi nella apresentado por decreto de 9 de abril de 1864, n'ella se collou em 22 de outubro d'esse mesmo anno. É o abbade actual.

Escolas

No fim do anno de 1874, havia em Miragaya 1 collegio e 9 escolas de instrucção primaria, frequentadas por 241 alumnos, do sexo masculino e 140 do feminino, e 1 collegio de instrucção secundaria, frequentado por 119 alumnos do sexo masculino e 15 do feminino.

Das escolas de instrucção primaria, são duas regias, uma para o sexo masculino, de que é actualmente professor, Antonio Ferreira de Jesus, e outra do sexo feminino, regida pela sr.ª D. Maria de Sá Rebello Vasconcellos e Albergaria, da familia dos Sás, de Arcozello, comarca de Moimenta da Beira. Das aulas gratuitas a mais importante é a estabelecida em S. Nicolau, e tambem pertencente a esta freguezia.

D'esta escola mais largamente tratâmos em seguida.

ESCOLA DAS FREGUEZIAS DE S. NICOLAU E S. PEDRO DE MIRAGAYA

A escola primaria para o sexo masculino das duas freguezias acima mencionadas, foi fundada em 1771, por um donativo, creio que de 3:000$000 réis, feito á confraria do Santissimo, de S. Nicolau, por Ignacio Ribeiro Machado, capitalista, residente em Miragaya, porque, segundo consta, a confraria Miragaya não quiz acceitar a doação.

O encargo era, fundar uma escola para alumnos das duas freguezias.

N'esta epocha estava em vigor uma lei, que não permittia ás confrarias receberem legados para tal fim, e a confraria foi obrigada a restituir o dinheiro em 1774, mas, por uma escriptura simulada, acceitou a doação, ficando a escola a funccionar, como se o dinheiro para a sua manutenção fosse agenciado por esmolas.

Em 1809, pela occasião da entrada dos francezes n'esta cidade, por ordem do general Soult, foi levantado metade do fundo da escola a titulo de contribuição de guerra.

Apesar d'esta vicissitude, a escola continuou aberta, sustentada pelos rendimentos da confraria, até que por occasião do cêrco (1832), o resto do fundo foi levado tambem para despezas da guerra.

Conservou-se a escola por algum tempo fechada, e se reabriu depois da guerra acabar, sendo sustentada ainda pela confraria, mas n'uma casa pessima, escura, sem ar, nem condições para o fim a que se destinava.

Fez então a confraria a compra da casa em que a escola funccionou até 1874, mas como a sala da escola não tivesse condições hygienicas, foi reformada em 1872, por iniciativa do muito benemerito mordomo da escola, o sr. Francisco Pereira Lobo, que se tornou incansavel no augmento e prosperidade da mesma, promovendo os exames no

fim dos annos lectivos) que já se nãofaziam ha muito tempo) distribuindo premios aos alumnos distinctos, etc., tirando-a emfim do abatimento em que jazia.

O numero dos alumnos que frequentavam a escola era de 60, antes da reforma feita pelo sr. Lobo, e depois da reforma, foi o numero elevado a 78.

Com as demolições feitas para a nova rua da Alfandega, ficou em frente da casa da escola um terreno para as habitações virem a alinhar com a rua dos Inglezes.

A casa escolar, estava comprehendida n'este numero; e como em uma occasião de exames, fosse a escola visitada pelo sr. commendador, João Coelho de Almeida, abastado capitalista, residente na freguezia de S. Nicolau, e este benemerito cidadão achasse a sala insufficiente para tão grande numero de alumnos, offereceu logo á mesa da confraria a quantia de 450$000 réis, para a casa ser ampliada.

A mesa acceitou o generoso donativo, e lançou os alicerces para a nova, em 1873, sendo então juiz da confraria o sr. Joaquim Ferreira Monteiro Guimarães.

O edificio foi construido á custa de esmolas dos parochianos e outras pessoas, que subscreveram para tão util fim, sobresahindo o sr. commendador João Coelho de Almeida, que, com o obolo dos seus amigos, conseguiu entregar á confraria 1:000$000 réis aproximadamente.

Ficou concluida a casa em 1874 e a inauguração solemne fez-se em 30 de junho do mesmo anno, para cujo acto foram convidadas as auctoridades, commissario dos estudos, etc.

No acto da inauguração foi collocado na sala o retrato do generoso bemfeitor o sr. Coelho, mandado tirar a expensas dos mesarios.

A nova sala escolar é bem arejada, com muita luz, e boas condições hygienicas, comportando 100 alumnos.

A mobilia é magnifica e foi dada pelos srs. João Francisco Gomes & Irmão, negociantes, moradores na freguezia de S. Nicolau, e com ella dispenderam cerca de 300$000 réis.

Os 100 alumnos teem vestuario uniforme, dado pela confraria, e consta de bluza azul, calça preta, e sapatos; e são obrigados a assistir na egreja parochial á missa do domingo terceiro de cada mez, aos enterros dos irmãos da confraria, e a acompanhar todos os annos o sagrado viatico aos enfermos, etc.

A confraria fornece tambem papel, pennas, livros, tinta e mais accessorios precisos na escola.

Esquecia-me mencionar que—não havendo fundo, pelas razões que apontei, um deputado eleito pelo Porto (creio que foi Passos Manuel) instou com o governo para que restituisse o dinheiro que devia á confraria, e esta recebeu 8:000$000 réis nominaes em inscripções, que constituem o seu fundo actual.

É ainda mordomo director o sr. Lobo, e professor, Henrique o sr. Marques de Sousa Viterbo, irmão do bem conhecido poeta, o sr. Sousa Viterbo.

A escóla de meninas

Como a casa da escóla tenha dois andares, e um só fosse occupado, o sr. Lobo conseguiu que a sr.ª D. Rita Emilia do Carmo, viuva do sr. José Joaquim Magalhães Carmo, instituisse uma escóla de meninas no andar devoluto, doando para este fim 4 contos nominaes em inscripções, correndo com a mais despeza a confraria.

Effectivamente foi inaugurada a escóla em 22 de janeiro de 1875 com toda a solemnidade, dando logo entrada a 50 meninas, das mais pobres da freguezia.

As meninas teem tambem vestuario, que lhe foi dado com o producto da venda de um opusculo, intitulado *Questões Internacionaes*, do sr. Augusto Carvalho, distincto escriptor brasileiro, que offereceu mil exemplares á escóla, na occasião da inauguração, depois de um brilhante discurso.

É director da escóla o sr. Antonio Augusto Marques Guimarães, e professora, a sr.ª D. Rosa Augusta Marques de Sousa.

Na sala vê-se o retrato dos doadores.

Quartel da rua do Triumpho

(Torre da Marca)

Este quartel, ao S. da rua do Triumpho e quasi em frente do palacio real, é bastante antigo, pois quando em 1769 a Misericordia comprou a João Ribeiro e Rosa Angelica de S. José, o casal dito do Robalo, para edificar o seu novo hospital, como se vê da escriptura lavrada nas notas do tabellião Manuel da Cunha Valle, já se disse que as ditas terras confrontavam a poente com os quarteis. Antes de se denominar rua do Triumpho a rua onde estão, denominou-se —*rua dos Quarteis.*

São pois anteriores a 1769, mas não podemos marcar a data da sua fundação.

Poucos quarteis militares haverá no paiz em local mais bonito, mais vistoso e mais saudavel. Quando ali o edificaram era aquelle sitio um ermo, emquanto que hoje está a meio da rua do Triumpho, uma das primeiras ruas do Porto, e toma, com a sua cêrca, mais de metade S. d'esta rua desde a da Liberdade até á rua ainda sem nome, que a camara principiou em 1871, para ligar a rua do Triumpho com a da Restauração.

Do lado dos quarteis, a parte restante da rua do Triumpho foi tomada pelo Palacio de Cristal, de que não fallaremos n'este artigo porque já pertence á freguezia de Massarellos, pois n'este ponto a linha divisoria entre esta freguezia e a de Miragaya é a citada nova rua ainda sem nome.

O quartel tem a fachada principal voltada ao nascente e sobre um bonito largo arborisado, e outra face com cazernas voltada ao S., estando principiadas ha muito tempo, e ainda muito atrazadas as outras duas faces, sendo para lamentar o mau sestro que tem, perseguido estas obras, porque depois de acabado, ficaria este quartel em magnificas condições, e muito embellesaria a rua em que se acha.

N'este qualtel está hoje o regimento de infanteria n.º 10, commandado pelo seu digno coronel M. Pinto Junior, e tendo por ajudante o alferes José Joaquim Fernandes da Silva.

Esteve aqui tambem muitos annos o 5 de infanteria até que foi chamado para Lisboa —*por ser um dos regimentos mais bem disciplinados que ao tempo havia no nosso exercito*—graças ao seu dignissimo coronel e commandante, hoje general João José Barreto da França, que até ser promovido a general soube manter com tanta firmeza a disciplina do corpo que commandava—sem violencia e sempre estimado pelo regimento inteiro,

Esteve tambem aqui muitos annos antes do 5, o regimento de infanteria n.º 6, e quando elle aqui estava deu-se o facto seguinte:

Em frente do quartel, no chão que é hoje campo arborisado, viveu muitos annos em umas humildes casas uma mulher, dirigindo uma taberna e uma pequena loja de consumo, e na decrepitude, não tendo filhos nem parentes proximos, e lembrando-se de que devia a sua fortuna em grande parte ao regimento 6, nas suas disposições testamentarias *legou ao dito regimento* a quinta ou cêrca contigua—hoje propriedade de bastante valor.

A sua intenção era crear um *bonus* exclusivamente para o seu querido regimento 6; mas como este d'aqui fosse removido, e mais tarde dissolvido, o ministerio da guerra tomou posse da dita cêrca, e por elle é arrendada, sem a minima vantagem para os regimentos que aqui estacionam!

Museu municipal-ou-museu Allen

Sito na rua da Restauração n.º 275, n'esta freguezia de Miragaya.

—

Este museu foi fundado por João Allen, penultimo filho dos 10 que seu pae, Duarte Guilherme Allen, houve do seu primeiro matrimonio com D. Joanna Mazza, pertencente a uma familia italiana, aparentada com o celebre pontifice Clemente XIV (Ganganelli.) Era seu pae subdito britanico e negociante, e foi consul da sua nação em Vianna do Castello, e depois na cidade do Funchal, onde possuia um magnifico predio que cedeu ao governo portuguez durante a guerra com a França, por ser preciso para repartições

publicas; e o cedeu em troca de duas leguas quadradas de terreno inculto, no Brasil, terreno de que nem elle nem seus herdeiros chegaram a tomar posse.

O filho mais velho de Duarte Guilherme Allen, foi conego na Sé do Funchal, e tres de suas filhas casaram com homens notaveis—uma com José Monteiro de Almeida, rico negociante portuense, edificador da grande e bella casa, em que se acha o correio geral na rua de S. Bento da Victoria (hoje propriedade de José Gaspar da Graça) a qual senhora, pelos seus serviços prestados durante a emigração, foi agraciada com o titulo de baroneza da Regaleira.

Outra casou com o dr. Velloso, medico do paço no Brasil e veador da primeira imperatriz, e cujas filhas casaram com os distinctos estadistas brasileiros, os drs. França e Totta.

A terceira casou com José Ferreira Pinto Basto, o fundador da Vista-Alegre e notavel caudilho setembrista, sendo assim mãe do actual sr. José Ferreira Pinto Basto e de seus numerosos irmãos.

João Allen nasceu em 1785, e aos 12 annos de edade, foi mandado educar por seu pae, para o collegio de «George Toun» nas proximidades de Whashington, capital dos Estados Unidos americanos, collegio catholico, mas com organisação militar, dirigido por clerigos francezes; e voltando ao Porto, quando todos se armavam contra a França, prestou bons serviços, concorrendo com os conhecimentos que adquirira na America para a melhor organisação dos corpos de milicias e de voluntarios, e alistando-se em seguida como voluntario no exercito anglo-luso, fez toda a campanha, *servindo a expensas suas* e distinguindo-se em algumas acções, pelo que lhe foi conferida a medalha da Torre e Espada. Finda a guerra peninsular estabeleceu-se como negsciante, primeiramente em Londres e depois no Porto, hindo para ahi como principal socio da casa Monteiro Dixon & C.ª, por morte de seu cunhado José Monteiro de Almeida, que casa d'ahi por diante ficou tendo por firma—Dixon, Allen, Figueiredo & C.ª (entrando para socio o pae do actual sr. visconde de Figueiredo) firma que mais tarde se transformou em Allen, Morgan & C.ª, hoje em parte representada por Morgan Brothers & C.ª, grandes exportadores de vinho do Porto.

Durante a sua laboriosa carreira commercial, concorreu João Allen para a creação ou aperfeiçoamento de todos ou quasi todos os estabelecimentos uteis, quer philantropicos, quer financeiros, que no Porto successivamente se organisaram, tomando nomeadamente parte na fundação do Banco Commercial—o primeiro banco do Porto—cujas notas foram gravadas por desenhos seus. Teve tambem parte importante nos trabalhos preparatorios para a creação de monumental edificio da Associação Commercial; foi membro da feitoria britannica por acclamação expontanea da mesma, etc.

Ainda estava solteiro, quando deu principio ao museu, colleccionando armas de diversos povos, medalhas e louças curiosas, e depois foi pouco e pouco adquirindo e congregando muitos outros artigos, em grande parte durante as suas repetidas viagens por França, Inglaterra e Italia, onde pouco depois do seu casamento, em 1823, com D. Leonor Carolina Amsink (filha de Rodolpho Amsink, consul de Hamburgo no Porto) se demorou mezes com sua esposa e cunhada D. Ermelinda Monteiro de Almeida (depois baroneza da Regaleira) passando muito tempo em Roma em intimidade com o nosso abalisado pintor Sequeira, e adquirindo por bom preço varios dos melhores quadros que ornam a galeria municipal.

Não cabendo já na sua casa (n.º 281 na rua da Restauração) as numerosas e variadas collecções que havia adquirido, edificou no quintal contiguo (em 1836) uma casa composta de tres grandes salas com luz vertical, e n'ellas collocou essas collecções encyclopedicas que se acham minuciosamente descriptas no *Tratado de Geographia*, publicado por D. José de Urcullu, vol. 1.º art. Porto. No 3.º vol. da citada obra se vê uma gravura representando o exterior do museu e casa de João Allen.

Foi visitado por grande numero de naturaes e estrangeiros, principalmente nos dias (domingos) em que o sr. J. Allen o

franqueava ao publico. Um d'esses visitantes mais notaveis foi o conde Raczinsky, então (1846) ministro da Prussia em Lisboa, o qual na sua obra *Lettres sur les Arts en Portugal*, falla detidamente de varias pinturas do museu.

Tambem foi visitado pelo conde de Vargas—Bedmar—naturalista dinamarquez, o qual tanto gostou da collecção mineralogica, que regressando ao seu paiz, de lá mandou por duas vezes ao sr. Allen, curiosos especimens colhidos nas suas viagens pelo norte da Europa.

Augmentou tambem consideravelmente, o sr. Allen, a collecção de pinturas e outras, com as preciosidades da casa de Abrantes, que se venderam em Lisboa nos annos sobsequentes á guerra civil que terminou em 1834, sendo n'essas diligencias efficazmente coadjuvado pelo nosso insigne pintor Joaquim Raphael, a quem as egrejas e estabelecimentos portuenses devem tantos quadros

Porfiaram em tirar-lhe o retrato, por essa occasião, os artistas lisbonenses, e o dito J. Raphael, fez lithographar na officina da rua Nova dos Martyres, um, com a legenda seguinte:

As artes agradecidas
Contra o tempo que as consome,
Te erigem um monumento
Que vae basear teu nome.

Nada mais incoherente porém do que a fortuna. Assim o provou o sr. Allen, nos ultimos annos da sua vida, sendo atraiçoado por seu socio Morgan, que em Inglaterra abusou da firma da casa, tendo tambem depois em Portugal, dissabores com pessoas que a uma nobre dedicação pelo seu chefe, preferiram salvaguardar os seus proprios interesses, aproveitando-se da ausencia do sr. Allen, em Inglaterra.

Não pôde seu nobre coração resistir a tão grande catastrophe, e falleceu este cidadão benemerito, no dia 19 de maio de 1848, alguns mezes depois do seu regresso ao Porto, havendo resolvido, depois de terminada a liquidação da sua casa, retirar-se do negocio com os salvados do naufragio, e passar o resto dos seus dias na sua bella quinta de Campanhan, hoje pertencente a seu filho, Alfredo (visconde de Villar d'Allen [1]), que muito a tem augmentado e embellezado, e cujo amor pela agricultura e pelos melhoramentos publicos, o levaram a ser um dos mais energicos promotores das exposições agricolas, no nosso paiz, principal fundador do Palacio de Christal, e activo iniciador da exposição internacional, com que em 18 de setembro de 1865, se inaugurou aquelle monumento.

Deixou o sr. João Allen, mais dois filhos e uma filha—Eduardo, Adelaide e João.

O mais velho [2] é digno director de um acreditado collegio de instrucção primaria e secundaria [3], estabelecido actualmente na casa que habitou com seu pae, contigua ao Museu (rua da Restauração, n.º 281)—professor de varias linguas e mathematica, director do proprio Museu, que fôra de seu pae, 2.º bibliothecario da Bibliotheca portuense, desde 1859—e intelligente manuseador de collecções bibliologicas, naturalisticas e numismaticas.

O ultimo, era um esperançoso joven, a quem uma terrivel molestia mental cortou a brilhante carreira que seus triumphos scientificos na Academia Polytechnica do Porto, lhe auguravam, e que hoje se acha no Hospital de Rilhafolles, sem esperanças de restabelecer-se—molestia proveniente talvez do seu extremo afinco ao estudo e des-

[1] Casou com D. Maria José Rebello Valente, filha de José Maria Rebello Valente, que foi um dos mais acreditados negociantes de vinhos d'esta praça, capitalista e grande proprietario, morador na sua casa, da rua da Bandeirinha, n'esta freguezia de Miragaya.

[2] Eduardo Augusto Allen, bacharel formado em direito pela Universidade de Coimbra, bacharel em litteratura pela Universidade de Pariz, premiado com a medalha de prata, da sociedade *Monthyon et Franklin*, socio correspondente da Academia Real das Sciencias de Lisboa, e de outras corporações scientificas.

[3] Collegio inglez de Nossa Senhora da Divina Providencia. Tem 12 alumnos internos e 20 externos.

curamento das necessidades do corpo, pois consta que passára dias sem comer, e noites e noites sem dormir, quando estava em Paris completando o curso de engenharia.

—

Passados dois annos, depois do fallecimento do fundador do Museu, e tendo o respectivo conselho de familia ordenado a venda do mesmo, todas as pessoas mais notaveis do Porto, mostraram o mais vivo desejo de que este monumento não sahisse da cidade, nem se desfizesse n'uma venda em almoeda, e os dois corpos administrativos, de quem dependia a sua acquisição, apesar de se acharem em guerra aberta no momento, *depozeram attritos* e *animosidades*, e unanimemente accordaram em compral-o á viuva e filhos do sr. J. Allen.

Realisou-se a transação pela quantia de 19 contos de réis, em que fôra avaliado por peritos competentissimos, taes como os srs. José Victorino Damasio, João Baptista Ribeiro, Manuel José Carneiro, etc., reforçados ainda extra-officialmente pelo sr. Carlos Ribeiro, hoje a primeira notabilidade mineralogica e geologica do nosso paiz.

Foram porém esses dezenove contos, pagos em lettras de um conto de réis cada uma, a vencer de 3 em 3 mezes, o que retardou o pagamento integral por espaço de quatro annos, perdendo os herdeiros do sr. Allen, com descontos, cerca de 2 contos de réis.

Deve notar-se, que na compra feita pelo municipio, não se pôde incluir o que já em leilões se havia vendido, pois pelos juizes do inventario, se havia ordenado a venda em hasta publica, de objectos de valor intrinseco (alguns d'elles pertencentes ao Museu) como v. gr. dois ricos calices de prata dourada, estylo gothico, etc.—venda que se realisou, sob a presidencia do referido juiso orphanologico. (cartorio do escrivão Fonseca.)

—

Feita a acquisição pelo municipio, pediu a camara licença para conservar o Museu no edificio em que estava, durante um anno, em quanto lhe não arranjava accommodação apropriada, ao que os vendedores muito generosa e gratuitamente se prestaram.

Não tendo porém a camara achado local conveniente para aquelle fim, e resolvendo expol-o ao publico, alugou á viuva do fundador, a casa em que o Museu se achava, e alli se conserva ainda hoje—sendo para lamentar que a camara ainda se não determinasse a dar-lhe casa em melhores condições, apesar das reiteradas instancias, do seu digno director, desde que se inaugurou a abertura em 1852, o qual tem submettido e aprèsentado á camara varios alvitres, minuciosamente desenvolvidos e documentados para ver se a resolve a collocar o Museu em condições de poderem devidamente coordenar-se e exporem-se todos os objectos que na actual casa, por falta de espaço, se acham amontoados.

No primeiro projecto, propunha a construcção de uma ala nova nos Paços do concelho, pelo do lado poente, uniformisando a frente dos Paços actuaes, e da casa contigua já comprada e occupada pela camara—ala que ficaria ao longo de uma nova rua, que ligasse a Praça de D. Pedro, com os Lavadouros.

No segundo projecto, propunha a terminação pela parte Norte do edificio da bibliotheca, em S. Lazaro, onde existe já a parede fronteira ao jardim, faltando só outra do lado da rua da Murta, e uma mais pequena pelo lado do nascente.

Podia alli formar-se um vasto salão, com luz vertical, e magnificas condições para o Museu; mas nós optariamos pelo primeiro projecto, já por que os Paços municipaes não estão á altura da segunda cidade do reino, e com as obras e desenvolvimento que demandam, póde bellamente harmonisar-se a casa para o Museu, já por que este ficaria mais central do que em S. Lazaro, e muito mais accessivel ao publico.

Depois de comprado pela camara, tem o Museu augmentado alguma coisa, já com offertas particulares, infelizmente ainda raras entre nós, já com a compra de pequenas collecções e objectos avulsos, sendo o mais importante d'estes, o curiosissimo sarcophago romano, descoberto no Alemtejo e descripto em uma Memoria, publicada pelo sr.

Eduardo Allen, intelligente director do Museu.

Publicou tambem o mesmo senhor um *Catalogo da Galeria de Pinturas*, 1.º vol. do *Catalogo do Gabinete Conchyliologico*, varias monographias naturalisticas e numismaticas; e tem prompta a classificação de todas as collecções, para serem etiquetadas e convenientemente expostas, logo que o Museu tenha casa que o permitta. E esperamos que em breve a terá, por que a merece, e por que álem da vergonha de andar um monumento publico, em casa de renda, e exposto a que lhe intimem despejo de um momento para o outro, o edificio que actualmente occupa não tem o espaço preciso.

Nem essas obras podem fazer trepidar uma camara, que dispendeu mais de 300 contos de réis, só com a rua da nova Alfandega—que pouco menos deve gastar com a de Mousinho da Silveira, já principiada, ou com a de Barrêdo, em continuação da rua dos Inglezes, até á ponte pensil — que se atreve a levar em linha recta, a da Boa-Vista, cerca de 5 kilometros, desde o Campo de Santo Ovidio, até á beira-mar, é que levantou para peixe e fressuras, uma praça, ou antes um palacio, que se não conclue com 200 contos de réis.

—

João Allen, o fundador do Museu Municipal, era tio (e socio) do infeliz José Allen, que perdeu a vida com duas innocentes filhas, no memorando naufragio do vapor *Porto*, em 29 de março de 1852—precisamente no dia em que por occasião da segunda invasão franceza (em 1809), tantas mil pessoas pereceram nas mesmas aguas do Douro, quando em tropel fugiam pela Ponte de Barcas, para o Sul do paiz.

Depois da catastrophe da ponte, foi aquelle naufragio a scena mais horrorosa, que o Porto tem presenciado; e nem ha memoria de naufragio que tantas victimas fizesse entre os sinistros sem conta, que se têem dado na barra do Porto.

Toda a cidade se vestiu de lucto, porque sendo aquelle vapor um dos da carreira entre o Porto e Lisboa, seguia para a capital com grande numero de pessoas, quasi todas do Porto, e arribando, se perdeu já nas aguas do Douro, a pequena distancia da terra, e com elle se submergiram todos os passageiros, á vista de suas familias e de milhares de pessoas, que á voz do sinistro correram á pressa e se estorciam de dôr e desesperação, sem poderem valer-lhes!...

Temos sobre a mesa, um sentido poemeto que o sr. Luiz M. de C. S. Donas Botto, por essa occasião escreveu, sobre o assumpto[1] e dedicou á viuva de José Allen, a sr.ª D. Emilia Allen, que ainda vive, na rua da Bandeirinha, n'esta freguezia de Miragaya.

Fabricas

Ha na praça do Duque de Beja, n.º 46, n'esta freguezia, uma fabrica de tecidos de algodão (cotins); foi montada em 1814 por Manuel Joaquim Machado, fallecido ha annos, e é hoje propriedade de um seu sobrinho, o sr. Luiz Monteiro Machado, primo do sr. Felisberto de Moura Monteiro, um dos quarenta maiores contribuintes do bairro occidental d'esta cidade.

E fique de passagem aqui consignado, que esta familia Monteiros Machados, da praça do duque de Beja, é hoje uma das familias mais ricas de bens e de virtudes, que ha n'esta freguezia.

Tem a fabrica 36 teares, e n'ella se empregam 80 pessoas, comprehendendo adultos e menores.

—

Ha n'esta freguezia outra fabrica de tecidos, mas de seda (largos) na rua da Bandeira, n.º 66, propriedade do sr. Antonio de Oliveira Lessa. Foi fundada por este senhor na antiga rua das Carrancas, hoje rua da Liberdade; passou para a Bandeirinha, em 1850.

Os artigos que fabrica são variados, e bem acabados; confundem-se com os estrangeiros, e como taes o publico os acceita.

Tem sido premiados em varias exposições nacionaes.

[1] Faz parte da collecção de poesias, que com o titulo *Lyra do Douro*, se publicou em 1854, na typographia de Faria Guimarães.

Existe nas Escadas do Monte dos Judeus, n.º 6 a 8, tambem uma fabrica de fundição de ferro, desde 1860, propriedade do sr. João Ayres. Tem uma machina da força de 5 cavallos e occupa 25 operarios.

No mesmo local teve o sr. João Iglesias até 1860, uma fabrica de cerveja, aguardente, licores e genébra, e nos baixos do primeiro pavimento uma outra fabrica de serrar madeiras, movida a vapor.

—

No mesmo local onde esteve a aquella fabrica de serrar madeiras, está hoje (desde 1870) uma fabrica de moagem a vapor, com duas rodas e uma machina da força de 6 cavallos.

E' propriedade do sr. Francisco José Gomes, e móe cereaes para queimar, seixo para vidro, sarro, e principalmente enxofre, pois só d'este artigo, no anno ultimo, moeu cerca de cincoenta mil arrobas, e este anno de 1875, nos disse o seu proprietario que esperava moer muito mais!...

Todo este enxofre é destinado a combater o *philoxera* e o *oidium*.

—

Existiu muitos annos na rua da Esperança, n.º 3, uma fabrica de louça, da familia Rocha Soares. Era um estabelecimento vasto, e Agostinho Rebello da Costa o indica na gravura que fez intercalar no texto da sua curiosa *Descripção do Porto*. Fechou-se porém, e extinguiu-se esta grande fabrica, pouco depois do fallecimento do seu ultimo possuidor, Francisco da Rocha Soares, de quem fallamos em outra parte.

—

Depois da extincção do contracto ou monopolio dos tabacos em Portugal, montou-se na mesma casa onde esteve aquella fabrica de loiça, uma fabrica de tabacos, aproximadamente em 1865, mas fechou-se logo no anno seguinte.

—

Houve tambem na mesma rua da Esperança, n.º 24, uma fabrica de moagem de cereaes, propriedade e perdição de Antonio José Borges, contemporaneo do grande industrial Francisco da Rocha Soares Senior.

Antonio José Borges foi capitão de ordenanças, negociante e proprietario, e dispoz de boas sommas.

Viveu muitos annos nas casas que mandou fazer, e em que dispendeu muito dinheiro, no largo de S. Pedro, n.º 7, junto á egreja de Miragaya; fundou uma grande padaria na rua da Esperança, n.º 24,—adquiriu todo o terreno desde a padaria até á rua Armenia, e sobre este levantou custosos armazens com um segundo pavimento para deposito de cereaes; e como lhe causassem transtorno os moleiros, que, principalmente no verão, não lhe davam a tempo a farinha de que necessitava, concebeu o plano de libertar-se d'elles, e a fatalidade lhe deparou um industrioso francez que se prestou a montar uma fabrica de moagem, com a pequena porção de agua que já tinha a padaria.

Ficou louco de contentamento o ingenuo capitão Borges, e, sem regatear, tomou logo ao seu serviço o francez, que, pelos modos, não era completamente leigo na materia, pois ao fim de mais de um anno de obras, e depois de consumir a paciencia e a fortuna do capitão Borges, conseguiu pôr em movimento um engenho digno de ver-se.

Por um triz não resolveu o problema do motu-continuo!

Com uma pequena quantidade de agua formou um deposito, e d'este a agua, cahindo no apparatoso engenho o obrigava a dar mil voltas, vindo a agua por ultimo cahir no mesmo deposito d'onde sahira! E assim aquella pequena porção de agua alimentava o engenho, e o fazia trabalhar *incessantemente*; mas um palito, por assim dizer, o fazia estacar!

Era um vistoso jogo d'aguas—nada mais. e creio que o pobre capitão Borges não chegou a ver um unico alqueire de pão moido na sua *tão cara fabrica!*

E com este *jogo d'aguas* e casas que mandou fazer no largo de S. Pedro, e outras junto á padaria, na rua da Esperança, n.º 26; com os armazens da rua Armenia e outros que ainda ultimamente fez na rua da Esperança, n.º 21 a 27, consumiu toda a sua fortuna o bom do capitão Borges!

D'elle existem, além d'outros filhos, a sr.ª D. Leonor, casada com o sr. Antonio de Sá Lima,

de Massarellos, rico proprietario e fabricante de louça, e a sr.ª D. Rosa, que casou na ilha Terceira, e possue uma das maiores fortunas d'esta ilha.

—

Houve tambem n'esta freguezia uma fabrica de velas de cebo na travessa da Lage, propriedade dos srs. Azevedos, ricos negociantes da rua dos Fogueteiros; e ha ainda n'esta freguezia duas fabricas de pós de gomma, uma na rua do Calvario, n.º 10, propriedade do sr. Francisco Antonio Villas, e outra na Cordoaria Velha, n.º 38, propriedade do sr. Carlos Nobió.

Pharmacia do Hospital da Misericordia

Esta pharmacia é hoje uma das primeiras de Portugal, sendo seu director o sr. Agostinho da Silva Vieira, professor na Academia Polytechnica do Porto, caracter probo, muito intelligente e estudioso.

Nasceu em 3 de setembro de 1825, na freguezia de Cottas, concelho de Favaios (hoje de Alijó), districto de Villa Real, e, havendo alli estudado instrucção primaria e francez, aos 21 annos, veio para o Porto (em 1846) assentando praça no batalhão academico, estudou particularmente inglez, logica e geographia, e, feitos todos os exames de preparatorios, entrou para a Academia Polythecnica, em outubro de 1847, matriculando-se em mathematica e chimica, em que ficou approvado e distincto.

Em 1848 a 1849 cursou na mesma academia, as aulas de phisica e botanica, nas quaes foi tambem approvado com distincção, concluindo os preparatorios para entrarar na escóla medico-cirurgica, onde se matriculou no mesmo anno, em materia medica e anatomia, como alumno de pharmacia.

De 1849 a 1850 seguiu o segundo anno de pharmacia, e abandonando a carreira medico-cirurgica, estabeleceu uma pharmacia, e seguiu n'esse anno e nos immediatos todas as disciplinas necessarias para obter, como obteve, *carta de capacidade*, em agricultura, na academia, e na escóla medico-cirurgica a de pharmaceutico de primeira classe. Conservou-se estabelecido, até que no 1.º de janeiro de 1855 tomou posse do logar de pharmaceutico do Hospital Real de Santo Antonio, e a instancias suas, e por sua direcção, foi reformada a pharmacia a seu cargo, hoje uma das primeiras de Portugal, dotando a com algumas machinas de sua invenção.

Por convite da mesa foi encarregado da organisação da lavanderia a vapor, do mesmo hospital, a qual foi montada em 1864 a 1865, e tem por elle sido dirigida até hoje.

A despesa annual da lavanderia, é de cerca de 2:800$000 réis, dando um lucro liquido por anno de 450$000 réis aproximadamente, calculando-se o custo das lavagens pelas do antigo systema, além dos beneficios hygienicos, que d'ella resultam, e fornecendo ao mesmo tempo agua quente e fria, elevada pela machina a toda a altura do hospital, para banhos, lavagem da casa, etc.

Em 15 de maio de 1860 tomou posse do logar de primeiro official do Jardim Botanico da Academia Polytechnica, por decreto de 24 de abril do mesmo anno, precedendo concurso, e exercendo muito intelligentemente este logar até 13 de janeiro de 1875, data em que pediu a sua exoneração.

Por convite do conselho escolar, foi 7 annos preparador de physica e chimica no Instituto Industrial do Porto, gratuitamente, e regeu a cadeira de physica no anno lectivo de 1866 a 1867; por portaria de 14 de maio de 1867 foi nomeado lente auxiliar de chimica e physica do mesmo instituto, passando por outra portaria de dezembro de 1871 a reger a cadeira de chimica applicada, sendo despachado para a mesma cadeira, precedendo concurso, por decreto de dezembro de 1874, e tomou posse em 13 de janeiro de 1875.

Além de algumas publicações de menos importancia, publicou em 1860 uma obra intitulada *Thesouro inexgotavel*, da qual se fez já segunda edição; e em 1865 uma *Synonimia chimica pharmaceutica*, que foi muito bem acceite pelas pessoas competentes, e particularmente pela Sociedade Pharmaceutica Lusitana, que lhe conferiu o titulo de re-

compensa e o diploma de socio honorario.

Escola Medico-Cirurgica do Porto

Esta escola foi montada no hospital real da Misericordia, hoje d'esta freguezia de Miragaya, onde ainda se conserva, e por isso nos cumpre mencional-a.

Alguns homens affeiçoados ao progresso dos estudos medicos, e particularmente Theodoro Ferreira d'Aguiar, cirurgião-mór do reino, e amigo intimo de el-rei D. João VI, fizeram com que o ministro, José Joaquim d'Almeida Araujo Corréa de Lacerda propozesse e referendasse o alvará de 25 de junho de 1825, que creou as reaes escolas de cirurgia de Lisboa e Porto, a 1.ª com 7 cadeiras e a 2.ª com 5, e ambas sob a superintendencia d'aquelle cirurgião-mór, que era o seu director geral, presidindo á de Lisboa, e nomeando um delegado para presidir á do Porto.

Estes e outros actos revelam os sentimentos d'aquelle monarcha e dos homens que elle escolhêra para conjurar os males que causára o ministerio do conde de Subserra.

Infelizmente a sua prematura morte a 10 de março de 1826, que, como a do seu cirurgião Aguiar, foi attribuida a crimes que a historia averiguará, inutilisou aquelles planos, e deixou sem protectores valiosos aquelles estabelecimentos já creados.

Por decreto de 8 de outubro do mesmo anno de 1825, foram nomeados os professores para a escola do Porto. Foram elles Bernardo Pereira da Fonseca Campeão, delegado do cirurgião-mór do reino, director e lente do 5.° anno, durante o qual ensinava pathologia interna e clinica medica; — Vicente José de Carvalho, que havia sido demonstrador d'anatomia no hospital de S. José, lente do 1.° anno, durante o qual ensinava anatomia e physiologia; — Francisco Pedro de Viterbo, lente do 2.° anno, em que ensinava materia medica, pharmacia e hygiene;—Antonio José de Sousa, lente do 3.° anno, durante o qual ensinava pathologia externa, terapeutica e clinica cirurgica; — e Joaquim Ignacio Valente, antigo cirurgião do exercito, lente do 4.° anno, competindo-lhe o ensino da medicina operatoria e obstetricia, com a parte forense que lhe respeita.

A abertura das matriculas foi annunciada por um edital do provedor da Misericordia, cargo que então exercia Francisco Barroso Pereira, e a primeira abertura solemne da escola teve logar a 25 de novembro do dito anno, começando as aulas em 2 de dezembro.

Desde a organisação da escola todos os professores se esforçaram por grangear-lhe creditos, mas os tempos que corriam não eram de feição a favorecer a cultura das sciencias e das lettras. As tormentas das ambições, que se desencadeavam para empolgar o poder, não deixavam medrar coisa que servisse a bem da causa publica.

Com a entrada do senhor D. Pedro no Porto em 8 de julho de 1832 continuaram os professores que pormaneceram no seu posto, mas o estado anormal da cidade durante o assedio, e a improba tarefa de cuidarem dos doentes e feridos, mal lhes permittia o cumprimento do seu ministerio escolar.

Melhores dias raiaram porém para este estabelecimento, com a passagem das tormentas politicas, e com o decreto de 29 de de dezembrode 1836, que ampliou e egualou o quadro das escolas de Lisboa e Porto, e com a portaria de 16 de janeiro de 1837, que mandou ao conselho d'esta cumprir o sobredito decreto, o que fez a congregação de 23 de janeiro do mesmo anno do modo seguinte:—1.° anno, anatomia;—2.°, physiologia e hygiene;—3.°, materia medica e pharmacia; pathologia e therapeutica externas;—4.°, apparelhos e operações cirurgicas e cirurgia forense, partos e clinica cirurgica;—5.°, historia medica, pathologia geral, pathologia e therapeutica internas, e clinica medica, hygiene publica, medicina legal e clinica cirurgica.

Eis-aqui o periodo moderno e brilhante d'esta escola, constituida com as suas nove cadeiras; e por decreto de 26 de maio de 1863 foram creadas ainda mais duas cadeiras — uma de pathologia, e outra de medicina legal.

O seu quadro actual é o seguinte:

Senhores:

Director — o conselheiro e lente jubilado — Manuel Maria da Costa Leite.

Secretario, Manuel de Jesus Antunes Lemos.

1.ª cadeira (anatomia descriptiva) — lente João Pereira Dias Lebre.

2.ª (physiologia) — dr. José Carlos Lopes Junior.

3.ª (materia medica) — João Xavier d'Oliveira Barros.

4.ª (pathologia externa) — Illydio Ayres Pereira do Valle. [1]

5.ª (medicina operatoria) — dr. Pedro Augusto Dias.

6.ª (obstetricia) — dr. Agostinho Antonio do Souto.

7.ª (pathologia interna) — dr. José d'Andrade Gramacho.

8.º (clinica medica) — dr. Antonio d'Oliveira Monteiro.

9.ª (clinica cirurgica) — Eduardo Pereira Pimenta.

10.ª (pathologia geral e anatomia pathologica) — Antonio Joaquim de Moraes Caldas.

11.ª (medicina legal e hygiene publica) — dr. José Fructuoso Ayres de Gouveia Osorio.

Substituto de medicina — Manuel Rodrigues da Silva Pinto.

Dito — Antonio d'Azevedo Maia.

Substituto de cirurgia — Manuel de Jesus Antunes Lemos.

Dito — vago.

[1] É actualmente deputado ás côrtes, onde acaba de ser approvado um projecto para a construcção da nova escola medico-cirurgica, da qual este sr. é distinctissimo ornamento.

A construcção da nova casa já principiou no anno ultimo (1874) e as obras continuam, pelo cofre da escola, com as rendas acumuladas da cêrca onde a casa se levanta, e que é propriedade da escola.

Aquella cêrca fez parte da do convento dos frades carmelitas, e fica ao nascente da praça do Duque de Beja, contigua ao Horto Botanico e ao hospital real de Santo Antonio, onde foi primitivamente montada e ainda se conserva a escola.

Demonstrador de cirurgia — Augusto Henrique d'Almeida Brandão.

Professor de pharmacia e toxicologia — Felix da Fonseca Moura.

Preparador e conservador do museu anatomico — Joaquim Pinto d'Azevedo.

Thesoureiro — Agostinho Duarte Balthazar.

Amanuense e 1.º official da bibliotheca — Miguel José Maia.

No alto da parte do edificio onde a escola funcciona (hospital real da Misericordia) foi creado pela escola em 1870, um pequeno observatorio meteorologico, sempre a cargo do lente mais moderno e demonstrador de medicina.

—

É este um dos melhores estabelecimentos d'instrucção superior que ha hoje em Portugal. Possue uma livraria medica, de cerca de 7:000 volumes, grande copia de instrumentos de physica e um bom gabinete anatomico.

—

Entre os lentes mais distinctos, que teem abrilhantado esta escola, mencionaremos os seguintes:

— Francisco d'Assis Souza Vaz, que escreveu sobre varios assumptos, e nomeadamente sobre hygiene.

— Januario Peres Furtado Galvão, que escreveu sobre hygiene e medicina legal.

— Antonio Pereira Braga, que escreveu sobre pathologia.

— João Ferreira da Silva Oliveira, que escreveu sobre philosophia, e a primeira *Gazeta Medica* do Porto.

— José Gregorio Lopes da Camara Sinval, que escreveu sobre obstetricia.

Todos estes já são fallecidos, e dos que ainda vivem consignaremos sem lisonja os nomes dos srs. José Pereira Reis, que tem escriptos importantes sobre materia medica — José Fructuoso Ayres de Gouveia Ozorio, sobre hygiene, redactor principal da segunda *Gazeta Medica do Porto* — e Antonio Bernardino de Almeida, cujo talento operatorio tem feito progredir muito a cirurgia portugueza. É uma das maiores glo-

rias da escola, apesar de não ter publicado trabalho algum seu.

Quarenta maiores contribuintes

Pelo recenseamento feito já este anno de 1875 dos 40 maiores contribuintes do bairro occidental d'esta cidade, couberam a esta freguezia de Miragaya 10, o que é digno de menção, porque este bairro comprehende além da freguezia de Miragaya as da Victoria, S. Nicolau, Foz do Douro, Lordello, Massarellos e Cedofeita, tendo só esta ultima freguezia cerca de 6:000 fogos e a de Miragaya pouco mais de 1:000!...

Segundo uma nota que nos foi subministrada pela administração do bairro occidental do Porto, a população do dito bairro em 31 de dezembro de 1874 era a seguinte:

Foz do Douro, fogos civis 1:140, habitantes 4:300.

Lordello, fogos 798, habitantes 3:953.

Massarellos, fogos 1:085, habitantes 3:725.

Miragaya, fogos 1:089, habitantes 4:653.

S. Nicolau, fogos 1:489, habitantes 6:500.

Victoria, fogos 1:915, habitantes 9:619.

Cedofeita, fogos 5:983, habitantes 14:073.

Total, fogos 13:499—habitantes 47:223.

Note-se que das freguezias d'esta cidade é esta de Miragaya a que relativamente conta maior numero de pobres.

Para que saibam os vindouros quem são os dez maires contribuinte d'esta freguezia, aqui os vamos consignar.

—Antonio da Silva Monteiro, morador na sua luxuosa casa n.º 140, na rua da Restauração.

—Antonio José da Silva, morador tambem na dita rua da Restauração [1] n.os 180 a 190.

Nasceu na freguezia de S. Nicolau em 6 de abril de 1816, e é filho de José Antonio da Silva e D. Thereza Theodolinda da Silva. Casou em 5 de janeiro de 1844 com D. Thereza de Barros Lima, filha de José Pedro de Barros Lima e D. Anna Margarida da Graça Lima.

Tem um filho e uma filha — Antonio e Thereza, ainda solteiros.

[1] Esta rua é a flor da freguezia. Não tem uma unica familia pobre!

É proprietario, e dos mais acreditados e mais antigos negociantes de vinhos d'esta praça.

—Manuel Joaquim de Araujo Costa, morador na sua casa do largo de Viriato n.os 7 a 11.

Nasceu em 22 de fevereiro de 1816, na freguezia de Santo Ildefonso, e casou em 11 de janeiro de 1845 com D. Herminia de Miranda, na freguezia da Sé, n'esta cidade.

Tem cinco filhos — Boaventura, Manuel, Maria, e Maria José, solteiros, e Emilia, casada com João Pinto Pizarro da Cunha Porto-Carrero, senhor e representante da nobilissima casa dita, palacio das Sereias, da Bandeirinha.

É proprietario, capitalista, e director do Banco Commercial.

—Francisco Pinto Henriques, morador na sua casa n.º 27 na rua occidental do Campo dos Martyres da Patria, ou Jardim da Cordoaria.

Nasceu em 1818 na freguezia de S. Martinho da Cortiça, bispado de Coimbra, e é filho de Antonio Pinto e Anna Henriques.

Casou na freguezia da Victoria, em 1850 com D. Francisca Alves de Jesus, filha de Francisco Domingues da Silva Alves e de D. Anna de Jesus Fortuna.

Não tem successão.

É negociante e proprietario.

—Manuel Correia Machado Lima, morador na rua do Calvario n.º 17.

Nasceu em 14 de janeiro de 1837, na freguezia de S. Nicolau, e é filho de Joaquim Jesé Correia Machado e D. Francisca de Cassia de Araujo Lima.

Casou em 21 de julho de 1866, na freguezia de S. Paulo, em Lisboa, com D. Maria José Bettencourt Pereira.

Tem um unico filho—Manuel.

É proprietario e capitalista.

Joaquim de Azevedo Sousa Vieira da Silva Albuquerque, morador na sua casa e quinta das Virtudes (rua dos Fogueteiros n.º 6) nasceu em 16 de agosto de 1839.

Cursou com distincção a Academia Polytechnica, obtendo carta de engenheiro civil, em 3 de agosto de 1861.

Dedicou se ao ensino das sciencias ma-

thematicas, sendo provido, em concurso, pelas distinctas qualificações que obteve, substituto das cadeiras de mathematica elementar e de principios de chimica e physica e introducção á historia natural, do lyceu nacional do Porto, em 1862, e nomeado secretario do mesmo lyceu, por carta régia de 6 de novembro de 1874.

Casou n'esta freguezia de Miragaya, em 5 de abril de 1869 com D. Helena Eulalia Gonçalves Pinto, de cujo consorcio tem 4 filhos—Helena, Alvaro, Laura e Carlos.

É filho de João de Azevedo Sousa Vieira da Silva Albuquerque e de D. Joaquina Carlota Barreto da França, irman do general João José Barreto da França, actual commandante da segunda divisão militar de Lisboa.

Seu pae pelejou pela causa da liberdade. Tendo assentado praça foi reconhecido cadete e logo emigrou em 1828; de volta á patria com o exercito liberal, assistiu, ainda como cadete, porta-bandeira, ao ataque da Serra do Pilar, sendo-lhe dado por distincção o posto de alferes.

É neto paterno de Joaquim Pinto de Azevedo Meirelles, doutor em direito pela Universidade de Coimbra, cavalleiro professo da Ordem de Christo e juiz de fóra em Mertola—e de D. Maria Clara de Azevedo Sousa Vieira da Silva Albuquerque, descendente de uma das mais nobres casas da Beira-Alta—a casa dos Azevedos, depois denominada *Casal Vasco*, no formosissimo valle de Bésteiros.

É bisneto paterno de José Pinto de Meirelles, cavalleiro professo da Ordem de Christo e de D. Francisca Clara Pinto de Azevedo Meirelles, fundadores da casa das Virtudes (em 1767.)

—Felisberto de Moura Monteiro, morador na Praça do Duque de Beja, n.º 46.

Nasceu na freguezia de S. Thiago de Lustosa, arcebispado de Braga e foram seus paes José Ferreira de Moura e de D. Anna Maria Ferreira Monteiro.

Casou em 1868 com D. Maria Machado de Moura, filha de Antonio Teixeira de Magalhães e de D. Maria Joaquina Machado, e d'este consorcio tem 4 filhos—Felisberto, Antonio, Maria e Julio.

Foi negociante de pannos na rua das Flores, e um dos herdeiros do rico negociante Antonio José Monteiro Guimarães.

É um dos quatro proprietarios da fabrica de fiação do Bomfim, que no seu genero é hoje a primeira de Portugal.

—

—Manuel Maria da Costa Leite, morador na sua casa, no largo das Virtudes, n.º 8, n'esta freguezia de Miragaya.

—

—Dr. José Pereira da Costa Cardoso, morador na sua casa da rua do Rosario, n.º 113, n'esta freguezia de Miragaya.

Estabelecimento de Horticultura e Floricultura de José Marques Loureiro

Sito na quinta das Virtudes, com entrada pela rua dos Fogueteiros, n. 5, n'esta freguezia de Miragaya.

Veio José Marques Loureiro para esta quinta das Virtudes em 1844, encontrando já alli Pedro Marques Ribeiro, cultivando apenas camelias, alecrins do norte, cravos e pouco mais.

Foi J. Marques Loureiro, trabalhando e augmentando collecções que mandou vir de paizes estrangeiros, e já em 1864 publicou um catalogo, o primeiro d'aquelle genero que se publicou em Portugal; e desde essa data, o seu estabelecimento tem progredido consideravelmente, sendo hoje considerado o primeiro da peninsula.

Tem concorrido a diversas exposições, sendo distincto em todas.

Na de 1865, no palacio de crystal, foi premiado com uma medalha de honra e duas de prata de primeira classe; na horticula do Porto, com 6 premios de primeira classe, e um de segunda; na de rosas em 1870 (tambem no Porto), com os primeiros premios; na exposição horticola de de 1870, tambem no Porto, com 4 premios; na exposição horticola de Lisboa, no mesmo anno de 1870, com uma medalha de pra-

ta e 5 de cobre; e na exposição horticola de Lisboa, em 1872, com uma medalha de prata e outra de cobre.

Tem publicado já 11 catalogos.

Em 1870 principiou a publicar o seu *Jornal de Horticultura Pratica*, com estampas coloridas e gravuras, o primeiro de Portugal no seu genero, e que foi premiado com a medalha de prata na exposição horticula de 1870, em Lisboa, e em 1872 com a medalha de prata em Gand (Belgica).

O estabelecimento tem 8 estufas, sendo 3 com caloriferos para conservação e propagação de plantas tropicaes.

Tem outro vasto estabelecimento dependente d'este, na quinta da Pena, em Villar, onde cultiva só arvores fructiferas; na rua Formosa, outro filial ou deposito, com uma pequena estufa; e em Lisboa montou tambem, na rua do Salitre, uma succursal, em 1874.

Calcula-se em 25 contos de réis o valor d'este magnifico estabelecimento, propriedade do sr. José Marques Loureiro.

Palacio real

O palacio real, sito na rua do Triumpho, n'esta freguezia de Miragaya, foi mandado construir em 1795, por Manuel Mendes de Moraes e Castro, e Isidoro Mendes de Moraes e Castro, capitães de milicias e barões de Nevogilde.

Este palacio é denominado dos *Carrancas*, alcunha de seus fundadores, por viverem com sua familia muitos annos na antiga rua dos Carrancas (hoje da Liberdade), e serem alli a familia mais saliente, pela sua avultada fortuna, e por terem alli montada uma boa fabrica de galões de ouro, por privilegio concedido pelo governo, pois n'aquelle tempo só a fabrica real de Lisboa, preparava aquella manufactura.

O privilegio caducou com a maior parte dos privilegios portuguezes, em 1834.

Os fundadores do palacio, eram filhos de Luiz de Almeida de Moraes, consul napolitano, no Porto, e de sua mulher D. Brites Felizarda de Castro; e netos de D. Marianna de Alvim e Castro e de Luiz de Miranda e Castro, descendentes dos Castros de Castella.

Por morte dos fundadores, passou o palacio para seu irmão Henrique José Mendes de Moraes e Castro, 3.º barão de Nevogilde e commendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa; e por fallecimento d'este, passou para sua sobrinha, D. Carlota Rita Borges de Moraes e Castro, 4.ª baroneza de Nevogilde, filha de D. Felisberta Henriqueta Borges de Moraes e Castro (irman do legatario) e de Antonio Manuel Borges da Silva, dezembargador na relação do Porto e cavalleiro da Ordem de Christo. Casou com seu primo Luiz de Almeida Moraes e Castro, que foi major do exercito, e cavalleiro das Ordens de Aviz, Conceição e Torre-Espada, fallecido em 1841, em consequencia dos graves ferimentos que recebeu na guerra do cêrco, em 1832 e 1833, fazendo parte do exercito liberal.

A viuva ainda vive, bem como o unico filho que teve d'aquelle matrimonio—David Augusto Borges de Alvim Moraes e Castro, casado com D. Sybillina da Gloria Pinto da Fonseca Rangel e Castro, filha unica de D. Maria José Guilhermina Pinto da Fonseca Rangel, brazileira, e de José Pinto Ribeiro de Carvalho, já fallecido, proprietario e negociante de grosso trato na cidade do Porto.

Do consorcio do sr. David Augusto B. de A. M. e Castro, com a sr.ª D. Sybillina, existe um filho unico, ultimo descendente da familia Castros, e vive com seus paes e avó paterna (baronesa de Nevogilde), na sua casa da travessa da Fabrica, n.º 17 a 21.

—

O palacio tem na face principal, 11 portões e 11 grandes janellas, e decora esta fachada, uma varanda de granito abalaustrado, tendo ao centro um tympano, em cujo centro estiveram as armas dos seus fundadores; e a rectaguarda do palacio, sóbe a quatro andares, e tem commodos para numerosas familias.

O andar nobre, compõe-se de cinco vastos salões, quatro gabinetes, dois guarda-roupas, um quarto de banho e duas salas de jantar.

Todos estes compartimentos, são matisa-

dos de magestosas alegorias e paisagens a fresco, obra de artistas mandados vir expressamente de Italia, e que no palacio reproduziram varias pinturas do Vaticano.

O salão de baile, é estucado primorosamente em relevo, com pinturas alegoricas.

Tem ao rez do chão, um grande pateo, e aos lados grandes cocheiras e cavallariças. Tem mais na rectaguarda, um elegante jardim e uma bôa cêrca, e do andar nobre se gosa um vasto e interessante panorama sobre a cidade e arrabaldes, e principalmente sobre Villa Nova de Gaya e o poetico Candal, e a mesma rua sobre que dá a magestosa frente, é hoje uma das mais espaçosas e de mais movimento que ha no Porto, toda ornada de predios modernos, tendo na extremidade Sul o Palacio de Cristal, com os seus parques e jardins, o primeiro monumento da peninsula no seu genero.

O Palacio Real, foi primorosamente construido e luxuosamente decorado e mobilado, mas soffreu bastante com as invasões francezas, não sendo saqueado, por haver n'elle fixado a sua residencia o general em chefe. N'elle se hospedaram tambem os generaes Wellington, Ilson, Beresford, o principe d'Orange, etc., e em 1832, n'elle residiu o sr. D. Pedro e n'elle teve o seu quartel general, pelas vastas proporções do edificio, e por confiar muito nos donos d'elle, a quem tratou como familia sua, tendo-os sempre á sua mesa; mas como os sitiantes fizessem alvo do palacio e sobre elle chovessem constantemente balas e granadas, que muito o damnificavam, entrando inclusivamente um dia uma bala de calibre 24, pelo quarto em que dormia o imperador, despedaçando-lhe a cabeceira do leito, resolveu sua magestade deixar o palacio.

Aquella bala ainda póde ver-se, por que a guarda o sr. David de Castro, no seu curioso Museu d'armas, muito digno de ser visitado, pois é difficil de obter uma collecção d'armas tão variada e numerosa, e o sr. David, caracter nobre e cavalheiro muito tratavel, o faculta generosamente e sem mysterios.

A sr.ª baroneza de Nevogilde, mãe do sr. David de Castro, vendeu o seu palacio *(por trinta contos de réis!?...)* ao sr. D. Pedro V em 1861, e desde então ficou sendo *Palacio Real.*

Ruas da freguezia de Miragaya

Hoje, as ruas principaes d'esta freguezia são as—da Restauração, Miragaya, Calvario, Rosario, Liberdade, Triumpho; praça do Duque de Beja e Esperança, sendo a mais importante a da Restauração, por ser larga, bem alinhada, e não ter um unico habitante pobre.

Esta rua foi aberta em 1825, e o seu primeiro nome foi *Rua de D. Miguel I*, distico que esteve até 1832 gravado em letras douradas, na casa da esquina, que tem uma face voltada para a rua da Liberdade, e que é da familia Allen.

Antes de se abrir esta rua, o caminho da rua da Liberdade e dos Fogueteiros para Massarellos, era pela rua da Bandeirinha, e rua de Sobre o Douro, que seguia pela extremidade N. do convento de Monchique.

Quando o imperador occupou a cidade com os seus 7:500 soldados, foi apeado aquelle distico, e dado á rua o nome de *Restauração.*

Esta rua devia custar sommas enormes por ser bastante larga, extensa e bem alinhada, e em terreno accidentado e de rocha viva de granito, uma boa parte, como era na baixa da antiga Torre da Marca (hoje palacio de crystal) e no sitio onde hoje estão o palacete, cocheira e jardins do rico negociante e capitalista Antonio José Monteiro. (Adiante fallaremos tambem d'este palacete, que passa por ser hoje a casa mais luxuosa do Porto.)

E para nivelamento do leito da rua foi mister levantar muros de supporte de muito preço e grande altura, como sobre a rua dos Fogueteiros e ribeiro das Virtudes, onde deixaram debaixo da rua um vão tal em abobada, que anda arrendado como armazem; e sobre o convento de Monchique mede o muro de supporte tal altura que, ainda no dia 4 de fevereiro de 1875, do al-

to d'elle se precipitou Antonio Soares da Fonseca, moço de 20 annos, e caixeiro na travessa da rua de S. João, morrendo instantaneamente.

A rua da Liberdade tambem se denominou—rua dos Carrancas;—assim a rua de Triumpho tambem se denominava—rua dos Quarteis,—e antes d'isso—rua da Torre da Marca; a praça do Duque de Beja era—rua do Carregal ou rua do Paço;—e a rua de Miragaya já se denominou—Cobertos,—por terem as casas d'ella a frente sobre arcos, desde o n.º 4 até ao n.º 137, e desde o n.º 171, casa em cuja frente se acha ainda a antiga Fonte da Colher, até ao n.º 190, comprehendendo o vão ou terreiro onde se acha a estação telegraphica da alfandega, cujas casas foram todas expropriadas e demolidas, quando se preparava o terreno para a nova alfandega. E tambem se denominou —rua Direita—e Praia de Miragaya. O vão sem Arcaria, desde a casa n.º 137 até á fonte da Colher, e d'onde sahem a viella hoje dita da Companhia, a rua dos Armazens e as escadas do Monte dos Judeus, tambem se denominou Escampado, Escampadouro, Largo dos Navios, e largo da Fonte da Colher.

E note-se que a numeração das casas d'esta rua de Miragaya que actualmente principia do nascente para o poente, em eras remotas foi ao inverso, pois principiava do convento de Monchique, a seguir para a Porta Nova, o que produziu grande confusão nas apegações de prasos antigos.

E note-se ainda que esta rua de Miragaya, creio que já antes de se fazerem os muros da cidade, (a terceira cinta de muros que terminou na Porta Nobre, vindo da Porta de Carros) tambem se denominou rua dos Banhos, desde a Fonte do Touro (que estava nas trazeiras da casa n.º 23, que foi occupada até 1872 pela Intendencia da Marinha, e que foi uma das muitas que a camara expropriou e demoliu para a abertura da nova rua da Alfandega) até á Porta Nova; pois era parte da rua dos Banhos (antiga Munhota) que as muralhas da cidade cortaram, e que pertencia toda, com o bairro do Forno Velho, quasi até ao Postigo dos Banhos, á freguezia de Miragaya.

Com o tempo, essa parte da rua dos Banhos, que ficou além da Porta Nobre, e extra-muros, se incorporou na rua Direita, hoje rua de Miragaya, e se denominou com ella, em commum—rua de Miragaya,—perdendo o nome originario de—rua dos Banhos—que ficou designando a parte *intra-muros*, até que a nova rua da alfandega a absorveu, e a rua dos Banhos, depois de feitos os muros, se denominou tambem—rua da Porta Nobre, por ficar a dita porta da cidade sobre aquella rua.

Tudo isto se collige de diversos titulos de doações, vendas, prasos e outros que ha no archivo d'esta confraria de Miragaya, a datar de 1434.

A rua Armenia se denominou—rua Almenia, e rua de Traz, e rua da Barreira, desde os muros da cidade até á Fonte do Touro, que ficava em frente da casa n.º 38 a 40 da rua Armenia.

E a rua hoje Anceira se denominou rua Alzira—e a rua de S. Pedro se denominou rua de Rio Frio,—e a da Esperança, calçada da Esperança, antes das obras n'ella feitas, alteando-lhe o leito desde a rua de Miragaya até ao meio da dita rua, tornando-lhe o declive mais suave. E anteriormente se denominou—rua da Cordoaria—porque n'ella viviam e trabalhavam cordoeiros, desde a egreja de Miragaya até ás Virtudes; e depois que se montou a Cordoaria com o apparato que descreve Agostinho Rebello da Costa, no Campo (hoje jardim) da Cordoaria, tomou este largo o nome de—Campo da Cordoaria Nova,—tem a outra rua da Cordoaria o nome de Cordoaria Velha ou rua da Esperança, em razão da capella com a invocação de Nossa Senhora da Esperança, que estava a meio d'aquella rua (hoje no alto da rua da Esperança) junto ao Postigo dos Frades,—prevalecendo o nome de Cordoaria Velha, que ainda tem apenas no lanço desde a capellinha de Nossa Senhora da Esperança até ás Virtudes.

Aproximadamente até ao anno de 1750 havia rua publica e passagem franca em volta da egreja de Miragaya pelo lado N., e um pequeno largo que formava esta rua na rectaguarda da egreja, ou da capella mór,

se denominava—largo do Pelourinho—ainda no anno de 1495, como se vê dos autos de uma sentença obtida n'aquella data, por Fernão Pereira Escudeiro, então provedor do hospital ou albergaria do *Santo Sprito*, contra o rev.º Pedro Farinha (foi juiz o dr. Pedro Annes Machado, vigario geral da diocese, *no espiritual e temporal*, por o prelado D. João de Azevedo) por querer assenhorear-se do rocio pertencente ao dito hospital, e que confinava com o largo do Pelourinho: dizem os ditos autos que se encontram, por cópia, no tombo d'aquelle hospital—tombo que é, e faz parte do archivo da confraria do Santissimo de Miragaya, como administradora e representante do antigo hospital e capella.

Não ha memoria de pelourinho em tal sitio, mas o nome d'aquelle largo leva a crer, que elle alli existiu. E com isto se coaduna o nome de *villa* dado a esta freguezia de Miragaya, na provisão que se encontra no *Censual* do cabido d'esta diocese (in fine)—Provisão do bispo D. Hugo, pela qual concedeu ao cabido a faculdade de nomear as auctoridades na reitoria da ermida e villa de Miragaya, arrabalde da cidade.

Alguem quer que o dito rocio, ou largo do Pelourinho, era junto á frente da egreja de Miragaya.

O dito largo do Pelourinho, em 1443, era limitado ao S. pela rua dos Cordoeiros, hoje rua da Esperança; ao poente pela egreja de Miragaya, e ao N. pelos montes que eram de *Catherina* Affonso, sua irman Margarida Affonso, e outra, e que estas doaram, em 6 de junho de 1443, por escriptura feita nas notas do tabellião Gil Vasques, e em casa das doadoras, ao frade de S. Domingos, Vasque Annes, para n'elle se fazer o hospital (ou Albergaria) do *Santo Sprito*, que então se principiava, como se vê das ditas escripturas, que ainda n'esta data (1875) se encontram no Tombo do dito hospital, no archivo da confraria.

Com o volver dos tempos, este largo e rua *que ia ante S. Pedro* (dizem aquellas escripturas) foi-se limitando até que desappareceu.

Resta d'elle um pequeno terreiro (e n'elle, ao nascente, um tanque com uma bica de agua), para o qual se entra por um portão de ferro, que dá para a rua da Esperança, e é limitado ao poente pela parede (hoje semicircular) da capella-mór da egreja, ao S. pela rua da Esperança, e ao nascente e norte por casas que foram ainda em 1872, do negociante Antonio José de Oliveira Machado, e anteriormente fabrica de tabacos, tendo sido fabrica de louça, de Francisco da Rocha Soares.

O dito terreiro é hoje propriedade das casas indicadas, e dá entrada para os armazens, que ha nos baixos das mesmas.

Diminuiu tambem aquelle antigo largo do Pelourinho em 1750, porque a confraria do Santissimo de S. Pedro de Miragaya, vendo que nas exposições do Senhor, que costumava fazer no altar da capella-mór, se derramava muito a cera, porque o altar não tinha fundo, nem throno, por estar encostada á parede da capella-mór, que era rectangular, como costumavam ser os templos d'essas éras, mandou recuar as paredes sete a oito palmos para o nascente (sessão de 7 de setembro de 1750) ficando (como está) em fórma circular, sobre o dito largo.

E o dito largo e rua que seguia por detraz da egreja perderam a razão de ser depois que—aproximadamente no anno de 1840—se reformou a rua da Esperança, fazendo-a seguir a direito, pelo lado S. da egreja, sobre o largo de S. Pedro. E a rua do lado do N. da egreja, foi tomada com obras que á egreja accresceram d'aquelle lado, ficando reduzida a rua depois do ultimo alinhamento da rua da Esperança, a uma viella inutil, que a confraria mandou vedar com uma porta para resguardo do chão contiguo do lado N. da viella, chão para onde removeu as ossadas, que havia no terreno que era da cerca do hospital, e que emprazou ao capitão Antonio José Borges, para n'elle fazer, como fez, a casa contigua á egreja, e em cuja frente se acha a fonte publica, á entrada da rua de S. Pedro, pois em seguida ao emprazamento d'aquelle chão, a confraria vendeu tambem ao referido capitão Borges uma penna de agua do hospital, com a condição de elle collocar na fren-

te da casa uma fonte e chafariz para serventia do publico, podendo elle, comprador, utilisar-se da mesma penna d'agua para uso da sua casa, mas por um registo, e sem prejuiso do publico.

Adiante fallaremos d'este capitão Borges, que no seu tempo foi uma das pessoas mais notaveis d'esta freguezia de Miragaya. Diremos só aqui de passagem que o dito capitão teve de ceder aquellas casas á confraria, em pagamento de sommas que a mesma confraria lhe havia emprestado; e por isso aquellas casas são hoje da confraria.

A confraria resolveu vedar a tal viella ao N. da egreja, para remover para o terreno adjacente as ossadas que havia no chão emprazado ao capitão Borges, e para no mesmo terreno dar sepultura *aos cadaveres dos affogados que apparecessem* (diz a acta d'aquella sessão, como se lê em um livro dos termos, que faz parte do archivo da confraria).

Por aquella antiga viella ainda o povo tem direito a passar, por occasião das grandes cheias, como passou na de 1860.

—

De passagem direi tambem aqui que junto áquella viella, e na cerca do antigo hospital, montes doados para a fundação d'elle, em 1434, havia no anno de 1664 um magestoso pinheiro (em 1673 se cortaram outros) mesmo junto á capella e hospital, pelos quaes deu o capitão Manuel Coelho Marinho 24:000 réis) que por pender sobre a egreja, e ameaçar cahir sobre ella, o provedor do hospital o mandou pôr a lanços na praça da cidade, e foi arrematado por 6$000 réis, que correspondiam a 18$000 ou 20$000 réis de hoje. Devia ser um pinheiro soberbo!

Isto consta de um livro da receita e despeza do hospital (*archivo da confraria*).

—

Pedra Escorregadia.—Nas apegações de prasos antigos se faz menção da—Pedra Escorregadia,—que ficava um pouco abaixo da Fonte das Virtudes, junto á rua de S. Pedro, e Rio Frio, ou rio das Virtudes.

—

Rua da Via Sacra.—Assim se denominou a rua que hoje se denomina—Cordoaria Velha. E teve aquelle nome, porque os frades antoninos do hospicio da Cordoaria costumavam, na quaresma, fazer *via sacra*, principiando na capellinha da Esperança, seguindo pela Cordoaria Velha, rua do Calvario, campo da Cordoaria Nova, terminando á porta dos frades do Carmo. E havia dois cruzeiros na Cordoaria Velha, e tres em frente do hospicio, resando uma estação a cada um dos ditos cruzeiros, que ha muito a camara removeu.

Pessoas notaveis

Visconde de Villarinho de S. Romão, morador no seu palacete da travessa do Carregal d'esta freguezia de Miragaya.

Daremos uma breve noticia genealogica d'esta familia.

—

—O conde D. Alvaro Herrera, fidalgo hespanhol, veio a estes reinos com o conde D. Henrique, e casando com Pepa Alves teve

—D. Fernando Alves de Ferreira [1] que casou com D. Violante Paes e teve

—Estevão Ferreira, que casou (ignoramos com quem) e teve

—Martim Ferreira, que casou com D. Marianna Ferreira, sua parenta, e teve

—Gomes Martins Ferreira, que casou com D. Maior Lourenço Tarizeo e teve

—Martim Ferreira [2] que casou com D. Violante da Cunha, e teve

—João Martins Ferreira, que foi moço fidalgo do infante D. Fernando e instituiu em 1492 o morgado dos Ferreiras no Carregal, hoje freguezia de Miragaya, onde vive o seu actual representante, como viveram muitos dos seus maiores.

Casou com Violante Correia, sua parenta, e teve

[1] D. Alvaro Herrera desde que se domiciliou em Portugal, ainda então condado, em vez de Herrera se appellidou Ferreira.

[2] e Gomes Ferreira, que foi porteiro-mór dos reis D. João II e D. Manuel, e casou com D. Maior de Souto, filha dos condes de Coimbra. D'estes descende a casa de Cavalleiros.

—Pantaleão Ferreira, [1] moço-fidalgo, que casou com D. Anna de Mesquita e teve, entre outros,

—João Martins Ferreira, que foi moço-fidalgo da casa de D. João III, capitão-mór da India e juiz de Gôa. Casou com D. Joanna de Vilhena e teve, entre outros,

—Alvaro Ferreira Pereira, fidalgo da casa real. Casou em Lisboa com D. Joanna de Novaes e teve D. Marianna Ferreira Pereira Coutinho, que casou com Diogo Gomes de Lemos, senhor da Trofa, de quem enviuvou sem successão; e casou segunda vez o dito Alvaro Ferreira Pereira, com D. Maria Soeiro, e teve

—Manuel Ferreira Pereira, [2] que casou com D. Maria Leonor de Lemos e Sampaio, sua parenta, e teve

—D. Marianna Ferreira Pereira, filha unica, que casou com seu primo Vicente Carneiro, filho de seu tio, Sebastião Pereira Ferreira, e assim continuou a linha—*Ferreiras*—pois tiveram, entre outros,

—Antonio Ferreira Carneiro, que casou, na sua casa de Villarinho de S. Romão, com D. Cecilia Caetana, filha de João Teixeira Lobo, e tiveram, entre outros,

—Luiz Antonio Ferreira Carneiro, que casou com D. Theodora Ignacia de Azevedo, herdeira da casa e quinta da Espinheira, e tiveram, entre outros,

—Custodio Ferreira Carneiro, que casou com D. Florencia Josepha Soares de Albergaria, da casa de Oliveira do Conde, e tiveram, entre outros,

—Antonio Ferreira Carneiro de Vasconcellos, que casou com sua prima D. Maria Aurelia Ferreira, da casa de Villarinho, e tiveram—Maria da Salvação e Antonio, que morreram de tenra edade—Maria José, que falleceu em Lisboa, solteira—Antonio Luiz Ferreira Girão, que existe e é bacharel formado em mathematica e philosophia pela Universidade de Coimbra, socio da Academia real das sciencies de Lisboa, e lente distinctissimo da 1.ª cadeira (chimica, artes chimicas e lavra de minas) na Academia polytechnica do Porto [1]—D. Maria Constança, que casou em Fontellas no Douro com seu primo Felisberto da Cunha, da casa do Extremaduro, e viuvando passou a segundas nupcias com João Lobo Teixeira de Barros, major do exercito—e

—Alvaro Ferreira Carneiro Girão (o primogenito) 2.º visconde de Villarinho de S. Romão por decreto de 15 de dezembro de 1860, e senhor do vinculo e casa de Villarinho, por fallecimento do seu tio o 1.º visconde de Villarinho [2] par do reino, em 17 de março de 1862.

Casou com D. Julia de Clamowse Browne, filha de Manuel de Clamowse Browne e D. Maria da Felicidade Browne, e tiveram

—Alvaro Ferreira, que morreu de tenra edade—Luiz—Julio e Antonio—ainda solteiros.

[1] e Violante Correia, que casou com José Correia de Mesquita, de Villa Real, e teve Ignez Correia, filha unica, que casou com Gonçallo Lobo de Barbosa, moço-fidalgo, e instituidor do vinculo de Villarinho de S. Romão.

[2] e Sebastião Pereira Ferreira, que casou com D. Marianna de Vasconcellos Carneiro, da casa de Coura, e teve Vicente Carneiro.

[1] É solteiro, e vive com o visconde, seu irmão, no palacete do Carregal, n'esta freguezia de Miragaya.

[2] Antonio Lobo de Barbosa Ferreira Teixeira Girão, 1.º visconde com grandeza, 8.º senhor do morgado de Villarinho de S. Romão, fidalgo da casa real, do conselho de sua magestade, commendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, par do reino e socio da Academia real das sciencias de Lisboa, da Sociedade promotora da Industria nacional, e honorario da Academia das bellas artes de Lisboa, da Sociedade pharmaceutica lusitana, presidente honorario do Instituto de Africa, antigo prefeito de Traz-os-Montes e da Extremadura, antigo inspector das Aguas-Livres e das fabricas annexas de faianças e de sedas, provedor do papel sellado, e administrador da casa da Moeda, nasceu em Villarinho de S. Romão, em 5 de novembro de 1785.

Quem quizer saber como esto inclito varão juntou tantos titulos de nobreza á nobreza que herdara, leia a interessante *Noticia biographica do visconde de Villarinho de S. Romão*, escripta por seu sobrinho o sr. Antonio Luiz Ferreira Girão, socio da Academia real das sciencias, e editada pela casa Moré, no Porto, em 1870.

—*Visconde de Macedo Pinto* (Antonio Ferreira de Macedo Pinto) morador na sua casa da rua do Triumpho, n'esta freguezia de Miragaya.

É filho de Manuel Ferreira de Macedo Pinto (de Taboaço, districto de Viseu) e de D. Maria de Deus Rodrigues Monteiro (de Guedoeiros, freguezia de Sendim, no mesmo districto.) Nasceu a 20 de junho de 1810 e foi baptisado a 26 do mesmo mez na dita freguezia de Sendim, e casou com D. Anna Clementina Peres Moreira Guimarães, da cidade do Porto, filha de Manuel José Maria Guimarães e D. Anna Luiza Peres Moreira Guimarães, da mesma cidade.

É bacharel formado em medicina pela Universidade de Coimbra (1836)—cavalleiro da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa (1836) — cavalleiro da Ordem de Christo (1852)—commendador da Ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa (1864) — fidalgo cavalleiro da casa real (1865) do conselho de sua magestade (1869) e visconde de Macedo Pinto por decreto de 11 de junho de 1874.

Foi medico do hospital militar e partido de Bragança de 1837 a 1848 — delegado do conselho de saude publica do reino, no districto de Bragança desde 1838 até 1848 — administrador do concelho de Bragança em 1846—por duas vezes procurador da junta geral d'aquelle districto, e por outras duas alli substituto do juiz de direito — guarda-mór de saude no Porto por portaria de 17 de outubro de 1851, logar que occupou até ser despachado demonstrador da secção medica na escola medico-cirurgica do Porto, por decreto de 26 de abril de 1872 — promovido a lente substituto da mesma escola em 1854—e a lente proprietario da 8.ª cadeira em 1857—jubilando-se em 1872—vogal effectivo do conselho geral de instrucção publica por decreto de 7 julho de 1859 (legar que não acceitou)—deputado ás côrtes na legislatura de 1853 a 1856—vogal da commissão filial de beneficencia do districto do Porto, por decreto de 1 de dezembro de 1868—membro do conselho de admissão (e um dos fundadores) da companhia geral de credito predial portuguez (Lisboa)—director presidente do conselho de administraçao, e um dos fundadores da nova companhia utilidade publica (Porto)—membro de varias sociedades litterarias e scientificas, nacionaes e estrangeiras, e por varias vezes convidado para ministro da fazenda, cargo que sempre recusou até esta data (abril de 1875.)

—

Foi um dos fundadores e principaes redactores do *Pharol Transmontano*, periodico mensal de instrucção e recreio, que se publicou em Bragançça, em 1854 — publicou um projecto de estatutos e um relatorio da caixa de credito e soccorros mutuos da Associação industrial portugueza, em 1854, e foi um dos principaes redactores do jornal da mesma associação—um relatorio da commissão da Companhia viação portuense, nomeada em assembléa geral de 14 do janeiro de 1856—a oração inaugural recitada na Escola medico-cirurgica do Porto, na sessão solemne da abertura, em 1858 — o projecto de estatutos do banco União portuense — estatutos da nova companhia Utilidade publica, e contrato do emprestimo ao governo de 1:500 contos, do qual contrato foi elle o negociador — relatorio e balanço da mesma companhia em 1864—estudo sobre a parte financeira da proposta de lei para a construcção das vias ferreas ao N. do Douro, publicado em varios numeros do *Commercio do Porto*, em 8.° grande e tiragem separada—estudo reproduzido na *Gazeta de Portugal* e na *Revolução de Setembro*—varios artigos sobre assumptos de medicina, publicados no *Jornal da Sociedade das Sciencias Medicas de Lisboa*, e nos *Annaes do Conselho de Saude Publica do Reino* — uma memoria sobre a reforma da instrucção secundaria no districto de Bragança, publicada com o relatorio da consulta da junta geral do mesmo districto em 1839, e outros trabalhos.

—

É pessoa de muita illustração e muito merecimento—geralmente respeitado como organisador e director de bancos e companhias, e muito versado em finanças, e por isso varias situações o teem convidado

para gerir a pasta da fazenda, sendo para lamentar que até hoje se não resolvesse a acceitar um tal cargo.

É irmão do sr. dr. José Ferreira de Macedo Pinto, lente jubilado de medicina, distincto ornamento da nossa Universidade e auctor de varias obras notaveis; mas d'estas, e dos outros irmãos de fallaremos no artigo *Taboaço*.

José Carlos Lopes Junior, morador na rua da Liberdade.

Nasceu na freguezia de Santo Ildefonso, em 4 de junho de 1838, e é filho de José Carlos Lopes, director da nova companhia Utilidade Publica, — um dos mais acreditados negociantes d'esta praça,— e de D. Margarida Candida Moreira Lopes.

Concluiu a sua formatura em medicina e philosophia, pela nossa universidade de Coimbra, em 1861, e em 1864 doutorou-se em medicina em Paris. Entrou por concurso para a escola medico-cirurgica do Porto, em 1863, como substituto da secção medica, e em 1867 foi provido de propriedade na cadeira de physiologia, que ainda rege.

Casou em 1869 com D. Emilia Duarte de Sousa Oliveira, filha do rico proprietario e negociante da rua dos Clerigos, — Simão Duarte d'Oliveira, e de D. Olivia da Conceição e Sousa Oliveira.

Viuvando em 1871, ficou com um unico filho de nome — José.

É irmão de Carlos Lopes, negociante, ainda solteiro, que nasceu em 15 de janeiro de 1842, e foi educado no celebre collegio do doutor Fischer, em Hamburgo.

É o auctor d'essa obra tão interessante como despretenciosa que em 1874 viu a luz da publicidade com o singelo titulo de *Contos*, e que havia já publicado em folhetins no *Commercio do Porto*, sob o pseudonimo «*Pedro Yvo*».

Até hoje, que nós saibamos, com tanta naturalidade e tão admiravel singeleza, só Gomes Coelho (Julio Diniz) produziu em portuguez escriptos de tanta moralidade e tanto interesse.

Manuel Maria da Costa Leite, morador no largo das Virtudes n.º 8, n'esta freguezia de Miragaya, nasceu na villa de Barcellos aos 12 d'abril de 1813, e foram seus paes Luiz José da Costa Leite e D. Anna Emilia Teixeira Leite.

Fez os seus primeiros estudos n'aquella mesma villa e em Braga, e depois de atravessar esse longo periodo de convulsões politicas, soffrendo bastante por seguir o partido liberal, cursou a escola medico-cirurgica do Porto, na qual se matriculou em setembro de 1834 e fez *acto grande* em 15 de julho de 1839. Inscreveu-se logo no concurso então aberto na mesma escola, para o provimento do logar vago de demonstrador da secção cirurgica, para o qual foi nomeado por decreto de 5 de dezembro do referido anno de 1839.

Occupou este logar até 4 d'outubro de 1851, epoca em que foi promovido por decreto da mesma data, a lente substituto da respectiva secção; e por decreto de 31 d'outubro de 1855 foi nomeado secretario e bibliothecario da escola, cuja commissão desempenhou até 17 de março de 1858, deixando-a por haver sido promovido a lente cathedratico com exercicio na presidencia da escola, por decreto de 6 de maio de 1857. Teve o augmento do terço do ordenado por decreto de 4 de dezembro de 1860, e foi jubilado por diuturnidade de serviço (30 annos) por decreto de 6 de dezembro de 1869, sujeito porém a cabimento, pelo que continuou na regencia da sua cadeira.

Como decano assumiu as funcções de director da escola no impedimento do effectivo, no anno lectivo de 1869, e foi nomeado director effectivo por decreto de 21 d'abril do 1870, continuando com a regencia da 6.ª cadeira, a qual deixou no fim do anno lectivo de 1872 para 1873, por lhe ter sido conta do o cabimento por decreto de 4 de janeiro d'esse mesmo anno, ficando desde então somente com a direcção da escola, a qual exerce gratuitamente desde o 1.º de junho de 1873, por haver cedido da respectiva gratificação em favor do thesouro publico.

Desempenhou muitas e variadas commissões de serviço escolar, e principalmente a de relator na que foi nomeada para responder á consulta pedida pelo ministerio do rei-

no, em 6 de julho de 1866, sobre as reformas a fazer na instrucção superior, sendo o seu projecto de resposta approvado com pequenas modificações pelo conselho escolar.

Recitou no anno lectivo de 1857 a oração de sapiencia, que imprimiu; e no anno de 1872 de novo foi eleito para o mesmo fim, cujo mandato satisfez, conservando inedita a oração, bem como varios escriptos sobre assumptos da sua cadeira.

Foi cirurgião-mór do batalhão de empregados publicos do Porto em 1845, e do batalhão fixo de voluntarios em 1846, passando desde então a fazer serviço no hospital militar de S. João Novo até á entrada do duque de Saldanha no Porto em 1847, sendo depois nomeado cirurgião do 2.º batalhão de caçadores de voluntarios do Porto; fez parte das commissões sanitarias que se installaram n'esta cidade quando foi invadida pelo cholera e pela febre amarella, e tem exercido sempre com distincção a clinica medico-cirurgica, cultivando especialmente a obstetricia e a medicina operatoria.

É presidente da assembléa geral do Banco Mercantil Portuense e da companhia de lanificios de S. Antonio do Valle da Piedade, — vice-presidente da Aurificia e director presidente da de seguros — Tranquillidade.

Foi agraciado com o grau de cavalleiro da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, por decreto de 15 de junho de 1853, — com as honras de cirurgião da real camara, em 6 de maio de 1856, — com brazão d'armas em 14 de setembro de 1857, — com o fôro de fidalgo cavalleiro em 20 d'outubro de 1857, — com o grau de commendador da Conceição de Villa Viçosa em 21 de junho de 1862, — com o grau de cavalleiro da ordem de S. Mauricio e S. Lazaro de Italia em 1 de setembro de 1862, — com a medalha das campanhas da liberdade n.º 5, em 8 de janeiro de 1863, — e finalmente, com a carta de conselho em 3 d'agosto de 1870.

Em 6 de julho de 1843 casou em primeiras nupcias com D. Anna Genoveva de Lima Baptista, da qual ficou viuvo, e sem descendencia, em 20 de janeiro de 1851; e em 19 de junho de 1869 passou a segundas nupcias com D. Albertina Borges de Castro, filha do fallecido Gaspar Joaquim Borges de Castro, grande proprietario, negociante e capitalista, morador que foi na sua casa n.º 16 da rua do Triumpho, n'esta freguezia de Miragaya, — pae da sr.ª viscondessa de S. João da Pesqueira.

Do seu segundo consorcio, tem o sr. Manuel Maria da Costa Leite, dois filhos — Manuel e Gaspar.

—

João Pizarro da Cunha Porto-Carreiro, morador no seu palacio das Sereias, ou da Bandeirinha, n'esta freguezia de Miragaya.

Adiante darei a genealogia d'esta familia.

—

Quando em 1809 os francezes, commandados por Soult, se aproximavam do Porto, e a plebe, enfurecida, trucidava quantos eram appellidados jacobinos, foi por este motivo barbaramente assassinado João da Cunha Araujo Porto-Carreiro, da casa das Sereias, tenente coronel de infanteria 6, no dia 21 de março do dito anno, junto ao *Padrão das Almas*, e no dia seguinte, foi o seu cadaver arrastado até á porta da Relação, e d'alli com os cadaveres dos 12, ou 13 infelizes presos da Inconfidencia, pelas ruas da cidade, até Villa Nova de Gaya, sendo por ultimo arremeçados do Caes da Bica ao Douro.

—

Vive n'esta freguezia de Miragaya, no seu palacete da rua do Rosario n.º 54, a sr.ª D. Camilla Ribeiro de Faria, representante de uma das casas mais ricas e mais nobres da provincia, pois é esta senhora filha de Francisco Ribeiro de Faria e de D. Rosa Lima de Faria, e viuva de João de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, (fallecido em 25 de setembro de 1860) 12.º senhor do Morgado de Casal-Vasco, 11.º do dos Mellos da Louzan, 6.º do da Insua e senhor tambem do de Espinhel, dado por D. Manuel, em 21 de agosto de 1500 a D. fr. Paio Correia, do conselho de sua magestade e senhor da villa de Leives e instituido por seu neto Diogo Pereira, em 16 de novembro de 1561.

Do consorcio do sr. João de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, com a sr.ª D. Camilla Ribeiro de Faria, existem dois filhos,

ainda solteiros, que vivem com sua mãe—Manuel de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, que nasceu em 10 de junho de 1853[1] e Francisco de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, que nasceu em 19 de novembro de 1856[2] e por que estes senhores são em Miragaya, os ultimos representantes dos Albuquerques, Mellos e Caceres, daremos aqui uma breve noção genealogica d'estas nobilissimas familias.

Albuquerques

—João de Albuquerque e Castro, que foi alcaide-mór do Sabugal, e que depois se retirou para o concelho de Penalva, onde fundou a casa da Insua (depois de viuvar ordenou-se e foi abbade de Sattan), tinha casado em Penalva, com D. Joanna Telles e teve Alvaro Annes de Albuquerque e Castro, fidalgo da casa real, que casou em Penalva com Brites Nunes (ou Gonçalves, ou Coutinho), e teve

—João de Albuquerque e Castro, fidalgo da casa real, que casou com D. Brites de Almeida, filha de Ruy Lopes de Almeida, alcaide-mór de Numão e de Portimão, primo do 1.º conde de Abrantes, D. Lopo de Almeida, e teve

—D. Joanna de Sequeira de Albuquerque, que casou com seu primo Pedro Vaz de Sequeira e Albuquerque, senhor da quinta do Outeiro, filho de Diogo de Albuquerque e Castro, irmão de João de Albuquerque e Castro, e teve

—Diogo de Albuquerque, fidalgo da casa real, senhor da quinta do Outeiro e instituidor da capella de Santo Antonio, por testamento feito em 23 de janeiro de 1538.

Casou este com D. Isabel Saraiva da Fonseca, filha de Pedro Saraiva, abbade de Aguiar da Beira e prior de Merelim, filho de Antonio Vaz Batalha e de Isabel Fernandes da Fonseca, filha de Vicente Fernandes Saraiva, fidalgo castelhano, que viveu em Trancoso.

[1] É alumno do 3.º anno de mathematica, na Academia do Porto.

[2] Cursa o Lyceu do Porto.

De Diogo de Albuquerque e Isabel Saraiva da Fonseca, nasceu

—Diogo de Albuquerque, que casou (ignora-se com quem), e teve

—Pedro de Albuquerque e Castro, fidalgo da casa real, casou com D. Maria de Andrade, e teve

—D. Isabel Saraiva de Albuquerque, que casou com Pedro Fernandes de Almeida Castello Branco (da varonia da casa da Insua), e teve

—Diogo de Albuquerque e Castro, cavalleiro professo da Ordem de Christo, casou com D. Guiomar da Rocha, filha de João da Rocha e Silva (dos Silvas de Coimbra) e de sua mulher D. Maria de Seixas, e teve

—Rodrigo de Albuquerque e Castro, fidalgo da casa real e cavalleiro da Ordem de Christo. Casou com D. Maria Toscano de Albuquerque, filha de Bento Toscano e de D. Guiomar Albuquerque Cabreira, e teve

—Diogo de Albuquerque e Castro, fidalgo da casa real, que casou e não teve successão, e

—Francisco de Albuquerque e Castro, que succedeu na casa de seus paes, por fallecimento de seu irmão mais velho.

Foi fidalgo da casa real, commissario de cavallaria na côrte de D. Pedro II e tenente general da cavallaria da Beira. D. Affonso VI lhe deu carta de privilegio de fidalgo, em 8 de outubro de 1669, e a commenda de S. Martinho das Chans, na Ordem de Christo.

Entrou na guerra da acclamação, como capitão de cavallos e se distinguiu na batalha do Ameixial (*Port. Rest.*, L. 3.º pag. 151 —e L. 4.º do *conde da Ericeira*). Tomou parte em outras batalhas (logar citado) e na de Montes Claros, ficou por morto. (*Hist. Paneg. de D. Diniz de Mello*, por Julio de Mello, L. 4.º, n.º 60.)

Foi esperar a princesa de Saboya, mulher de D. Affonso VI e D. Pedro II, e o duque de Saboya, lhe mandou tirar o retrato. (*Relaç. Gen. da Fam. Rangel*, por Bernardo Rangel, 1699, pag. 337.)

Casou com D. Luiza Theresa Pereira de Albuquerque, sua prima, filha e herdeira de Manuel Pereira de Albuquerque, cavalleiro

da Ordem de Christo e capitão-mór de Penalva, e teve

—João Rodrigo de Albuquerque Pereira e Castro, fidalgo da casa real, commendador de S. Martinho das Chans e capitão-mór de Penalva.

Casou com D. Margarida Francisca Sotto-maior e Vasconcellos, filha de Luiz Ribeiro Sotto-maior, capitão-mór da villa de Ceia e de D. Helena Maria de Vasconcellos, neta de Braz Ribeiro da Fonseca, fidalgo da casa real e desembargador do Paço, e de D. Serafina de Sotto-maior Arriaga—e neta materna de Mathias de Andrade Crinell e de D. Margarida Pereira, filha de Manuel Pereira de Vasconcellos, senhor de Mossamedes, e de sua mulher D. Helena de Barros; e tiveram

—Francisco de Albuquerque e Castro, fidalgo da casa real, commendador da Ordem de Christo, em S. Martinho das Chans, e mestre de campo, da comarca de Vizeu.

Casou com D. Isabel Antonia de Mello Sotto-maior e Menezes, filha de Antonio Luiz de Mello Sousa e Caceres e de D. Isabel Pereira de Sotto-maior, e teve Luiz de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, D. Margarida Josepha de Mello Albuquerque e Menezes, (que casou com Jeronymo Vieira da Silva Tovar, 10.° senhor das Honras de Mollelos e Batalha, e Manuel de Albuquerque de Mello e Caceres.

—Luiz de Albuquerque de Mello e Caceres, fidalgo da casa real, do conselho de sua magestade, governador e capitão-general de Matto Grosso. Falleceu em Portugal, solteiro, e succedeu-lhe seu irmão

—Manuel de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, desembargador na Relação do Porto. Casou com D. Anna Benedicta Forbes de Almeida, filha de João Forbes Esklator, tenente-general, e de D. Anna Joaquina de Almeida Portugal, e teve

—D. Christina de Albuquerque Forbes, D. Constança de Albuquerque Forbes (ainda solteiras) e João de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, que nasceu em 1804, e casou com a sr.ª D. Camilla Ribeiro de Faria, em 29 de janeiro de 1852.

Deixou a residencia da Insua, em 1850, passando para Cedofeita, e d'aqui para o seu palacete da rua do Rosario, em 1860.

Mellos da Louzan

—D. Pedro de Trava, ou de Traveriz, teve

—D. Pedro de Trava, dito da *Riba de Vizella*, e este teve

—D. Payo Peres de Guimarães, que casou com D. Elvina Fernandes, e teve

—D. Raymundo Paes, que casou com D. Dordia Affonso, de quem teve um unico filho legitimo—D. Guilherme, que falleceu sem successão e um filho bastardo

—D. Soeiro Raymão (*Conde D. Pedro*, not. 45, pag. 276), que foi perfilhado e succedeu na casa a seu irmão D. Guilherme.

Casou com D. Urraca Viegas, filha de Egas Moniz Barroso, e teve

—Mem Soares de Mello[1], que casou com D. Theresa Affonso Pires Gato e de D. Urraca Fernandes, e teve

—Affonso Mendes de Mello (3.° senhor de Mello, por succeder a outro seu irmão). Casou com D. Ignez Vasques da Cunha, filha de Vasco Lourenço da Cunha, senhor da Tabua, e teve

—Martim Affonso de Mello (4.° senhor de Mello), que casou em segundas nupcias, com D. Marinha Vasques, filha de Estevão Soares d'Albergaria, senhor d'Albergaria, e de sua mulher D. Maria Rodrigues Lucena, e teve

Martim Affonso de Mello, que falleceu sem successão, e lhe succedeu seu irmão segundo

—Vasco Martim de Mello.

Foi guarda mór d'el-rei D. Fernando, que lhe deu os senhorios da Povoa e Castanheira, e casou com D. Maria Affonso de Brito (em segundas nupcias), filha de João de Brito, senhor dos morgados de S. Lourenço e Santo Estevão, e teve

—Martim Affonso de Mello, alcaide-mór d'Evora, senhor de Barbacêna e guarda-mór de D. João I, casou com D. Brites Pimentel, de quem não teve filhos; mas por bastardia teve

[1] D'esta familia Mellos, é hoje representante o conde de Mello.

—D. Brites de Mello, que casou com Lourenço de Ferreira, filho de João Lourenço de Ferreira, que foi alcaide-mór de Trancoso e embaixador a Aragão, por el-rei D. João I, e teve

—Gonçalo Vaz de Mello, que tomou o appellido materno, e seus descendentes se denominaram—Mellos de Coimbra—por viverem n'esta cidade.

Edificou á sua custa a capella-mór de S. Francisco, em Viseu, onde jaz sepultado.

Casou com D. Maria de Freitas, filha de Fernão de Freitas (outros dizem casára com D. Maria Falcôa, filha de Vasco Falcão), e teve quinze filhos, sendo o mais velho

—Manuel de Mello, fidalgo da casa real, que teve de Isabel Nunes, entre outros filhos bastardos

—Duarte Vaz de Mello, que foi conego da camara do papa Paulo V, na curia de Roma, que lhe deu os beneficios que foram de seu pae, e o de mestre-escola, da Sé de Coimbra, onde fundou a casa que os Mellos têem n'esta cidade; e de Maria de Carvalho teve, entre outros filhos

—Manuel de Mello, que casou em Coimbra, com Isabel Mansa, filha de Gonçalo Leitão e Isabel Mansa, e teve, entre outros filhos

—Luiz de Mello (3.º filho), fidalgo da casa real, casou com D. Joanna de Mello, filha e herdeira de Francisco de Mello e Caceres e de sua mulher D. Maria Metello, e teve

—Duarte de Mello Sousa e Caceres, fidalgo da casa real, e senhor do morgado de Casalvasco.

Casou na villa d'Agueda, com D. Sebastiana Vellez Castello Branco, filha e herdeira de Lopo Vellez de Castello Branco, fidalgo da casa real, senhor do morgado de Espinhel, em Agueda, e de sua mulher D. Luisa Perestrello, e teve

—Antonio Luiz de Mello, que viveu em Coimbra, e foi fidalgo da casa real, senhor dos morgados de Casalvasco e da Louzan e capitão-mór da Louzan.

Casou com D. Isabel Maria Pereira de Menezes Sotto-maior, filha de Gonçalo Affonso Pereira Sotto-maior (fidalgo da casa real, senhor do morgado de Boabeita e alcaide-mór de Caminha), e de sua mulher D. Sebastiana de Valladares, dos Pereiras do Lago, e teve

1.º Duarte de Mello de Sousa e Caceres, senhor da Quinta da Varzea e de Casalvasco, que morreu sem successão;

2.º Luiz de Mello, que se ordenou e foi frade de S. João;

3.º D. Sebastiana Ignez de Mello, que por morte de seu irmão succedeu na casa, e casou com Ayres de Sá e Mello, seu parente, secretario d'estado e embaixador de D. José a Castella, mas não teve filhos;

4.º Maria Joanna de Mello, que casou com Bento Ferraz, capitão de infanteria na côrte, e commendador da Ordem de Christo, e viuvando, casou com Luiz Antonio Pereira de Sequeira, dos Pereiras de Villa Viçosa, mas não teve filhos;

5.º Isabel Antonia de Mello Sotto-maior e Menezes, que succedeu na casa de seus paes, e foi 8.ª senhora do morgado de Casalvasco e 7.ª do dos Mellos da Louzan.

Casou com Francisco de Albuquerque e Castro, visavô de João de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, da casa da Insua, de quem viuvou, em 1860 a sr.ª D. Camilla Ribeiro de Faria.

E assim se incorporou a casa dos Mellos da Louzan na dos Albuquerques da Insua, com os morgados de Casalvasco, Espinhel, em Agueda, e o dos Mellos da Louzan, de que é actual administradora a sr.ª D. Camilla Ribeiro de Faria.

Cáceres

—Alvaro Gonçalves de Caceres, fidalgo castelhano que veio para Portugal no tempo de D. Fernando I, teve

—Mem de Caceres; e este teve

—Luiz Mendes de Caceres, senhor das villas de Fornos e de Algodres. Casou com D. Leonor Vaz Coutinho, filha dos condes de Marialva (hoje condes de Redondo) e teve

—Alvaro Mendes de Caceres, que casou com D. Thereza Manuel de Vasconcellos, filha de D. João de Vasconcellos, conde de Ruella, e de sua mulher D. Anna Manuel e teve

—Luiz de Caceres, instituidor do morgado de Casalvasco, e casou com D. Isabel de Mello, e teve Francisco de Mello e Caceres e João de Caceres, filho segundo, que foi padre e instituiu a capella e morgado dos Mellos da Louzan em 4 de julho de 1548.

—Francisco de Mello e Caceres casou com D. Catharina Coelho de Almeida, filha de Martim Coelho, filho de Garcia Coelho, irmão de fr. João Coelho, grão prior do Crato e chanceller-mór de Rhode, e teve

—Francisco de Mello e Caceres (que vendeu ao conde de Linhares os senhorios de Fornos e de Algodres, que depois passaram para o infantado.)

Casou com D. Maria de Sousa Tavares, da casa de Pedrogão Grande, e teve

—Francisco de Mello e Caceres, que casou com D. Maria Metello, filha de Antonio Metello, senhor do morgado de Vallongo, e teve só

—D. Joanna de Mello, que casou com Luiz de Mello, da quinta da Varzea, de Coimbra, bisavô de D. Isabel Antonia de Mello, ultima representante da casa dos Mellos da Louzan, e que casou com Francisco de Albuquerque e Castro, tambem bisavô de João de Albuqnerque de Mello Pereira e Caceres, da casa da Insua.

Forbes

—João Forbes de Forbes, que viveu na Escocia, no reinado de Roberto III em 1405, e teve

—Alexandre Forbes, 1.º senhor de Forbes, e este teve João Forbes, que falleceu sem successão e lhe succedeu

—Ducano Forbes, seu irmão, 2.º senhor da casa de Brex, e casou com Isabel Cripiton, filha do barão Conlad, e teve

—Guilherme Forbes, que casou em segundas nupcias, com Catharina, filha de Alexandre Geton, e teve

—Alexandre Forbes, que casou, em segundas nupcias, com uma filha de Patricio Gordon, conde de Aberdeen, e teve

—João Forbes, que casou com Margarida, filha de João Campbell, senhor de Coldes, por mercê da rainha Maria de Escocia, de 18 de dezembro de 1556, e teve

—João Forbes (barão de) e casou com Isabel Leitfrentfiltz, e teve

João Forbes, 1.º barão de Skellater, que que casou com Isabel Grant, da familia Belmdallarg, e teve

—Jorge Forbes de Skcllater, barão de Skellater e pagem da lança de el-rei. Casou cam Margarida Ignez, baroneza de Beloins, e teve

—Guilherme Forbes, barão de Skellater, que casou com Anna Golfina, e teve

—Jorge Forbes, barão de Skellater, que casou com Joanna Levina, e teve

—Jorge Forbes, barão de Skellater, que casou com Christina Joanna Gordon, e teve

1.º Guilherme Forbes, barão de Skellater e senhor d'esta casa em Escocia.

2.º João Forbes Skellater, que foi tenente general e inspector de infanteria em Portugal, gran cruz da Ordem de Carlos III de Hespanha, gran cruz da Ordem de Aviz e commendador da de Christo em Portugal.

Casou em Portugal com D. Anna Joaquina de Portugal e Almeida, filha de D. Diniz de Almeida e Portugal e de sua mulher D. Joanna Thereza d'Antas e Vilhena, e teve

—D. Anna Benedicta Forbes de Almeida, que casou com Manuel de Albuquerque de Mello Pereira e Caceres, senhor da casa da Insua—pae do fallecido João de Albuquerque de Mello Pereira Caceres, de quem viuvou a sr.ª D. Camilla Ribeiro de Faria.

Bellezas

Viveu muitos annos n'esta freguezia, no antigo bairro de Miragaya, um ramo da nobre familia Bellezas, de Mattosinhos, onde falleceu (suicidando-se) em 1870, o ultimo representante da casa — Antonio Belleza de Andrade, deixando 4 filhas e 2 filhos.

Ainda possue esta familia varias casas na rua de Miragaya e escadas do Monte dos Judeus, e uma com brazão d'armas na Ilha do Ferro, n.ºs 1 a 3.

Rocha Soares

Francisco Rocha Soares, filho do negociante, proprietario e industrial do mesmo

nome, e de D. Rosa Raymunda Pereira da Rocha Soares; nasceu n'esta freguezia de Miragaya, em 24 de janeiro de 1806, na rua da Esperança n.os 3 a 13, casa contigua á fabrica de louça, propriedade sua, herdada de seus maiores, e já indicada na gravura que se encontra na *Descripção do Porto* publicada por Agostinho Rebello da Costa.

Educado no seio da abundancia, estudou preparatorios em diversos collegios, cursou a extincta Academia de marinha e commercio, onde fez os exames das linguas franceza e ingleza, e matriculou-se na nossa Universidade de Coimbra, para seguir o curso de mathematica e philosophia, que não concluiu por causa das convulsões politicas de 1826, em que tomou parte, alistando-se no batalhão de D. Pedro IV organisado no Porto, no qual foi sargento da 4.ª companhia até 24 de abril de 1828.

Forçado a emigrar em 1828, aproveitou este ensejo para viajar e instruir-se, percorrendo a França, a Inglaterra e o Brasil. Voltou á patria em agosto de 1829 por se achar seu pae a expirar, mas teve de viver recluso e homisiado até 1832. Apenas entrou no Porto o exercito liberal correu a alistar-se, com tres caixeiros seus, no 2.º batalhão nacional fixo, fardando-os á sua custa e sustentando-os na praça. Fez alistar tambem 18 operarios da sua fabrica de louça no 1.º batalhão movel, a quem egualmente fardou.

Por eleição popular foi feito tenente coronel commandante do 5.º batalhão da guarda nacional, e confirmado por decretos de 13 d'outubro de 1836 e 17 de novembro de 1838, servindo de commandante geral da mesma guarda por occasião da revolta da Barca em 1837.

Foi eleito procurador á junta geral do districto em 1835, e substituto em 1838, e em 26 d'agosto d'esse mesmo anno eleito deputado substituto ás côrtes, por 5:983 votos. Foi nomeado membro da commissão creada no Porto para auxiliar a permanente das pautas das alfandegas,—por decreto de 6 de d'abril de 1837, e por outro decreto de 20 do dito mez e anno foi nomeado presidente da mesma commissão. Foi agraciado com o habito da ordem de Nossa Senhora da Conceição de Villa Viçosa, por decreto de 21 de setembro de 1836,—com o da ordem de Christo, por decreto de 17 d'outubro do mesmo anno, e com a commenda da mesma ordem por decreto de 4 d'abril de 1837.

Em abril de 1846 foi preso e recolhido ao castello da Foz, quando rebentou a revolução do Minho, e sendo solto em maio do mesmo anno formou o batalhão d'atiradores nacionaes, ao qual deu por quartel a sua casa e quinta de Paços de Rei.

Tão relevantes serviços prestou á causa popular, que os patriotas do Porto lhe offereceram um habito de Christo, uma commenda e uma espada, como testemunho da sua gratidão.

Depois da reacção da côrte, em 6 d'outubro de 1846, fez reunir de novo o seu batalhão, do qual foi nomeado coronel commandante por portaria da junta, e ao mesmo batalhão deu 50 armamentos, pelo que foi louvado pela mesma junta em portaria de 10 de março de 1847.

Foi um amigo leal e sincero, sempre generoso para com os estabelecimentos pios e para com todos—sem distincção de côr politica, que imploravam a sua protecção.

O muito que dispendeu com a politica durante muitos annos, uma fabrica de vidros que montou em Villa Nova de Gaya, (Paço de Rei) o abandono forçado e quasi absoluto dos seus negocios e dos seus estabelecimentos industriaes, com outras circumstancias imprevistas, o obrigaram a apresentar-se aos seus credores, e desde esse momento luctou com graves difficuldades para poder sustentar a sua dignidade e educar e amparar sua numerosa familia.

Precisando de todos foi cruciado por duras decepções, e dos seus inimigos politicos recebeu as mais significativas provas de consideração.

Seu genio forte e irascivel era o seu maior defeito, mas passados momentos era logo calmo e sempre nobre e generoso.

Casou em primeiras nupcias com D. Emilia Candida de Mesquita Faria e Costa, e em segundas nupcias com D. Emilia Pereira da

Rocha Soares, deixando d'este consorcio 7 filhos.

Devorado por affecções moraes e por uma cruel asthémia, e vendo aproximar-se o passamento, com a maior serenidade fez chamar os seus parentes e amigos e as pessoas de quem andára distanciado, confessando-se em seguida, e recebendo o sagrado viatico e a ultima Unção no dia 19 de março de 1857; —a todos os seus convidados pediu que jantassem, como jantaram, em sua casa, e terminado este, quiz vêl-os ainda no seu quarto; ahi lhes fez servir o café, e com as mais commoventes phrases de todos se despediu, abraçando-os e beijando-os, principiando pela idolatrada esposa e filhos, e derramando todos copiosas lagrimas. Expirou no dia seguinte ás 7 horas e meia da manhan, aos 51 annos de edade.

—

O visconde d'Almeida Garret, nasceu na rua do Calvario n.º 35, onde está hoje o consulado inglez, n'esta freguezia de Miragaya, hoje, e n'aquella data, freguezia de Santo Ildefonso.

Na frente da dita casa, mandou a camara municipal pôr um medalhão de marmore, com a inscripção seguinte:

CASA ONDE NASCEU, AOS 4 DE FEVEREIRO DE 1799, JOÃO BAPTISTA DA SILVA LEITÃO D'ALMEIDA GARRET.
MANDOU GRAVAR Á MEMORIA DO GRANDE POETA, A CAMARA MUNICIPAL D'ESTA CIDADE, EM 1864.

—

—Ao fundo da mesma rua do Calvario, na extremidade Sul, do largo das Virtudes, d'esta freguezia de Miragaya, esteve durante o cerco do Porto, em 1832 a 1833, montada uma bateria—exactamente no sitio que é hoje parque ajardinado e vedado com grades de ferro, na frente da casa de Alexandre José d'Oliveira Brandão, que por contracto feito com a camara, se apropriou d'aquelle chão ha cerca de 3 annos.

—Esteve outra bateria, no alto da Quinta das Virtudes, hoje tomada pelo estabelecimento de horticultura e floricultura de José Marques Loureiro.

Enterramentos

Até 1832 e principios de 1833, os enterramentos dos freguezes de Miragaya, eram feitos na egreja matriz, excepto quando em seus testamentos dispunham o contrario, ou eram irmãos de alguma Ordem, por que n'este ultimo caso costumavam sepultar-se no cemiterio d'essa Ordem; assim foram muitos parochianos de Miragaya sepultados nas egrejas dos Clerigos, de S. Crispim, S. Francisco, etc., e mesmo além do Douro, na egreja dos capuchos, ou antoninos de Valle de Piedade—*com acompanhamento do parocho de Miragaya*, motivo porque duas vezes (que nós saibamos) se travou pleito entre o reitor de Santa Marinha, de Villa Nova de Gaya, e o abbade de Miragaya, prevalescendo os direitos d'este, baseados em costume antigo.

Por occasião do cerco, ou no anno de 1833, por ser extraordinario o numero d'obitos, já em rasão das baixas provenientes da guerra, já por causa do colera que se ateou na cidade, foram os enterramentos feitos no adro, desde março do dito anno, até julho de 1834, e desde essa data, na cerca do convento de S. João Novo; até que em 1840 principiaram (em fevereiro), a fazer-se no Prado do Repouso, ou nos cemiterios de certas Ordens, nomeadamente no claustro da Graça.

Em epocas mais remotas tambem se enterravam os afogados no adro dito, do Espirito Santo, no chão que foi emprazado ao capitão Antonio José Borges, e onde este levantou o predio, que tem na frente um chafariz publico, á entrada da rua de S. Pedro, junto á egreja parochial, destinando-se em seguida novo local para aquelles enterramentos, a norte da egreja matriz, entre esta e a capella do Espirito Santo, e para alli se removeram as muitas ossadas que havia no local onde o capitão Borges fez a casa.

E não podémos averiguar, se alli enterravam além dos afogados, tambem os pobres que falleciam no hospital do Espirito Santo e quaesquer cadaveres mais.

Hoje os cadaveres dos parochianos d'esta freguezia, bem como de todas as outras da cidade, são sepultados em qualquer dos dois

magnificos cemiterios publicos — Repouso, ou Agramonte, e muito poucos nos cemiterios da Lapa e Cedofeita, quando os fallecidos pertencem a alguma das respectivas irmandades.

E se o cadaver é levado á mão, o parocho nunca o acompanha, mas se é levado em carro funerario é costume o parocho acompanhal-o mas indo sempre em *coupé*, dado pelos doridos.

Circumscripção da freguezia

Desde tempo immemorial, foi esta freguezia de Miragaya, pouco populosa (Agostinho Rebello da Costa, lhe dá 661 fogos, com 2:757 almas, e hoje deve ter cerca de 1:150 fogos com cerca de 4:500 almas), e era limitada pelo Douro, calçada de Monchique, Bandeirinha, Fogueteiros, Virtudes, rua da Via Sacra (hoje Cordoaria Velha, mas comprehendendo só o lado direito d'estas ruas, seguindo pela ordem por que as mencionei), Escadas do Caminho Novo, bairro do Forno Velho, rua da Munhota, até ás proximidades do sitio onde, feita a 3.ª ordem de muralhas, ficou o Postigo dos Banhos.

Quando esta 3.ª ordem de muros seguiu da Porta da Ribeira até á Porta Nobre, e d'aqui pelas Taipas e Olival, até á Porta de Carros, as condições da estrategia militar não attenderam á circumscripção das diversas parochias, e assim ficou *intra-muros*, e dentro da Porta Nobre, o dito bairro do Forno Velho e rua da Munhota, com algumas casas que depois se levantaram sobre o muro (eram ultimamente 11), e todas estas casas pertenceram á freguezia de Miragaya, até que em 1841, por decreto de 3 de junho de 1839, se fez arredondamento parochial d'esta cidade, que ainda vigora[1], e por elle perdeu Miragaya, todas as casas que tinha *intra-muros*, e recebeu da freguezia de Santo Ildefonso, a rua do Calvario, rua occidental do Campo dos Martyres da Patria, seguindo pelo lado oriental da Praça do Duque de Beja, até o extremo da Travessa do Carregal, lado oriental, e descendo d'ahi pela Praça do Duque de Beja e rua da Liberdade, até ao alto da rua da Bandeirinha, tudo o que fica á esquerda. E da freguezia de Cedofeita, recebeu o convento de Monchique—rua de Sobre o Douro, até entrar na da Restauração, e toda esta desde alli (ou da rua, ainda sem nome, aberta, da Restauração para a rua do Triumpho), até á rua da Liberdade, (lado esquerdo d'esta, subindo), a rua do Triumpho, até á do Pombal *exclusivè*, comprehendendo Quartel militar e suas dependencias; a rua do Rosario, até á do Principe—Travessa da rua do Rosario—Viella e rua do Paço, e o lado esquerdo da travessa do Carregal (subindo), até á rua de Cedofeita *exclusivè*.

Augmentou pois consideravelmente, com aquelle arredondamento, esta parochia, em população e riqueza, por que a parte alta tem muitas casas bôas e familias com fortunas importantes. Basta notar-se que pertencem a esta parte da freguezia, todos os dez, dos quarenta maiores contribuintes do bairro occidental, que este anno de 1875, couberam a Miragaya; principiando pelo sr. Antonio da Silva Monteiro, que é hoje talvez o homem mais rico do Porto—sendo para lamentar, que as familias d'esta parte da freguezia, aliás sinceramente religiosas e bem morigeradas, raras vezes se vejam na egreja matriz, por lhes ficar esta muito distante, e na parte mais baixa da parochia.

Quando em 1834, foram extinctas as Ordens religiosas, o abbade (Raymundo José de Sá e Alves), pediu para matriz, ao imperador, a egreja do convento dos Gracianos, dito de S. João Novo—templo vasto e muito central —e o imperador annuiu; mas a parte baixa de Miragaya, tão tenazmente se oppoz, que o abbade foi obrigado a desistir do seu empenho!...

Appellidos mais notaveis, de pessoas e familias d'esta freguezia de Miragaya, em outras eras.

Boquica, Favella, Domingues, Annes, Beliago, Baldaia, Manteigado, Sandin, Lédo, Ci-

[1] O arrendondamento da cidade, foi ordenado por decreto de 3 de junho de 1839, mas a commissão nomeada só em 1841 concluiu aquelle trabalho, que foi confirmado por decreto de 11 de dezembro do dito anno de 1841.

cio, Riscado, Bellesa, Pigarro, Pires, Figueiró, Pontes, Sobrinho, Maya, Farinha, Vareiro, Borralho e Saldanha.

Noticias diversas

Relativas á egreja de Miragaya e capella do Espirito Santo

A fl. 38 do Tombo da confraria, se acha o testamento de Manuel Fernandes Neves, de Miragaya, escripto por elle proprio, no qual deixa *seis mil missas* por sua alma, além de outras muitas por diversas tenções.

—

Em 1849–1850, mandou a confraria fazer de novo o altar do Senhor Jesus.

—

Em 1858–59, mandou a confraria fazer 8 lanternas de prata com 9:128 oitavas de peso a 125 réis e 40$000 réis de feitio cada uma —1:461$000 réis, *isto pelo cofre do Lausperenne, ficando ainda n'esse anno de saldo no cofre*—1:146$333.

—

Em 1860–61, pelo mesmo cofre, mandou a confraria fazer 8 varas de prata, por a quantia de 617$040 réis.

—

Em sessão de 18 de maio de 1760, se elevou de 80 a 120 réis a esmola das 20 missas por alma dos irmãos e se determinou que fossem ditas na egreja, no altar-mór ou em outro privilegiado.

—

No anno de 1761 se principiaram as obras da nova sachristia e casa de despacho com o legado de Pedro Gomes Simões, que, além de instituir o Lausperenne, etc., dispoz que o remanescente da sua fortuna fosse dividido em tres partes eguaes, sendo uma para as ditas obras.

—

Em sessão de 17 de março de 1783, se resolveu com urgencia, reparar as paredes da capella do Espirito Santo, que ameaçavam imminente desabamento sobre a nova sachristia, pela sua antiguidade, grande declive do terreno e muita humidade do local.

Em sessão de 27 de dezembro de 1784 se concedeu logar para os ornamentos e alfaias pertencentes á devoção de S. João evangelista, que até á feitura da nova sachristia *se guardavam em caixões e guarda-roupas na nave da egreja que foi tomada pelas obras*, e como se suscitassem questões e desaguisados fortes com a confraria, por causa do local para arrumação das ditas alfaias, a devoção ou irmandade de S. João Evangelista dirigiu um requerimento ao ordinario da diocese, pedindo-lhe, *como legitimo senhor d'esta egreja* (diziam) a graça de assignar-lhes logar determinado para as suas alfaias, visto que o local em que as tinham *havia uma immensidade de annos* fôra tomado com as obras da nova sachristia e sala de sessões, á qual petição o prelado deferiu, tendo ouvido o reverendo doutor provisor, que veio ao local certificar-se. E sendo apresentado aquelle requerimento e deferimento em sessão de 23 de agosto de 1787, a confraria obedeceu e cumpriu.

—

Por uma bulla de 13 de novembro de 1606 o papa Clemente VIII uniu o aggregou esta confraria de S. Pedro de Miragaya á de Santa Maria *Supra Minervam* em Roma, concedendo-lhe, por este facto, todas as graças, indulgencias e privilegios d'aquella.

—

O reposteiro bordado da porta principal foi feito em 1790; deu-se pelo risco 12$800 réis de feitio a Rosa Margarida de Sousa, que o bordou, 72$000 réis; por 20 covados de panno azul 21$600 réis; por panno amarello e forros 33$625 réis; por lan de varias côres, requife e retroz 28$355 réis; além de varias contas menores, sendo o seu custo total, 153$890 réis.

—

Ainda em 1785 os abbades recebiam por anno, da confraria, de varios legados, réis 46$580, e recebiam mais de diversos, de pensões e legados por anno cerca de 150$000 emquanto que hoje (e ha muito) não recebem da confraria um unico real, e dos estranhos apenas 4$800 réis de Simão Duarte de Oliveira, negociante da rua dos Clerigos, por uma pensão ou fôro a que é obrigada a casa onde

vive actualmente o reverendo abbade no largo de S. Pedro n.º 14, e isto porque fallecendo em 1810 o abbade José Pacheco e Sousa, ficou encommendado n'esta egreja o reverendo Antonio Pacheco da Silva e Sousa, irmão do fallecido abbade, e empenhando-se para que esta abbadia lhe fosse dada, e não o conseguindo, *deu sumiço*, segundo consta, a todas as escripturas e testamentos que existiam no archivo parochial, e que eram os titulos d'aquellas pensões e legados; mas ficando na cidade por occasião do cêrco em 1832 a 1833, foi preso e muito maltratado por suspeitas de intelligencias com os sitiantes, passou duras privações na cadeia, e obtendo soltura depois de 1834, poucos annos viveu, fallecendo ralado por privações e enfermidades.

—

Fronteiro ao convento de Monchique, e com entrada pela calçada d'este nome (n.º 8 a 10) era o hospicio ou casa dos capellães do dito convento. Compunha-se de uma casa de um andar e um pequeno quintal, o que tudo foi absorvido pela casa que approximadamente em 1840 ali edificou Antonio Maximiano da Rocha Leão, casa que ainda o mesmo possue e habita.

Hospital inglez

Ao nascente d'esta casa está o hospital inglez, em uma casa e cêrca que foram de José Maria Rebello Valente.

Tem uma botica singela, algumas camas, um pharmaceutico inglez, um enfermeiro e um criado. O seu movimento é muito limitado, porque a colonia ingleza estabelecida n'esta cidade é rica, e dispensa bem o hospital. Só alli costuma tratar-se algum marinheiro inglez.

N'esta casa já esteve algum tempo o asylo de mendicidade (só para homens.)

—

Os ultimos estatutos da confraria foram feitos em 1824, e approvados em deffinitorio de 7 de março do dito anno.

—

Em sessão de 10 de março de 1801 o thesoureiro do Lausperenne fez sciente á mesa da confraria, de que o escrivão da provedoria, em nome do provedor da comarca exigia—*até ao sabbado proximo!...* tres contos de réis para o erario, *por emprestimo...* e a mesa *respeitosamente se curvou* e mandou entregar a dita somma!

—

Altar do Santissimo—Este altar foi feito em 1867 a 1868 por Zeferino José Pinto, entalhador da casa real, e mestre das obras de talha da casa da Bolsa d'esta praça do Porto, artista de muito merecimento. Tanto no desenho como na execução revelou bem o seu talento e bom gosto.

Não é só um altar propriamente dito—uma *alta-ara* ou mesa do sacrificio—mas tambem o tabernaculo para o santo ciborio, levantado no meio de uma especie de capella no oratorio, de que faz parte o altar, constituindo um todo harmonico, segundo as regras da ordem composita, no estylo da renascença.

Este artista tem sido premiado em todas as exposições do Porto e Braga;—na de Paris, em 1867, foi-lhe conferida uma menção honrosa e uma medalha de prata, e na ultima de Vienna d'Austria, em 1873, coube-lhe o diploma de merito.

—

Praça do Peixe.—Está situada no poente da rua Occidental do Jardim da Cordoaria, nos limites d'esta parochia de Miragaya, e occupa o chão denominado—*os celleiros*—por ter havido alli celleiros publicos, que mais tarde se transformaram em quartel de uma companhia de infanteria do corpo da guarda real de policia d'esta cidade (que foi substituido pela guarda municipal) e foi este quartel completamente devorado pelas chammas, em 19 de março de 1832, quando alli se achava tambem um destacamento de cavallaria, da mesma policia, perecendo 7 pessoas e 15 cavallos.

Foi collocada com solemnidade e assistencia da camara municipal, junta d'obras, etc., a primeira pedra d'esta praça no cunhal do angulo truncado (extremidade S.) da fachada principal, em abril de 1869, e n'ella uma lamina metallica, tendo gravada a inscripção seguinte, composta pelo muito

digno e intelligente cartorario paleographo da camara, o sr. Antonio Justino Pereira:— *Piscarium hoc Forum, publicis expensis, a Portucalensi Municipio constitutum, anno millesimo octogentesimo sexagesimo nono, quarto Idus Aprilis, regnante Ludovico Primo.* E com esta lamina se collocaram tambem alli exemplares das moedas de prata e ouro, d'este reino, correntes n'aquella data; sendo presidente da camara, o sr. Francisco Pinto Bessa, deputado ás cortes, etc.

Celebrou-se a abertura ou inauguração da dita praça com musica, bandeiras, fogo artificial e extraordinario concurso de visitantes, no dia 8 de março de 1874.

Um espirituoso jornalista contemporaneo, fallando d'esta praça do peixe, a denominou *palacio do peixe*, pois em verdade tem a apparencia de um bonito palacete, emquanto que a antiga praça do peixe, e que estava no local que medeia entre a fachada principal da nova e a rua Occidental do Jardim, era a coisa mais immunda e mais humilde que imaginar-se possa, e o maior fóco de infecção que havia na cidade. Mesmo dentro do jardim muitas vezes se não podiam supportar as suas pestiferas exhalações.

Reduzia-se a um simples telheiro, ou coberto, voltado para o nascente, sem divisão alguma, com bancas de pinheiro, encrustadas de immundicie, e uma duzia de carunchosas barracas de madeira voltadas para o poente, entulhadas com fressuras, peixe salgado.... e lixo.

O novo *palacio do peixe* é uma obra monumental, que recommenda o Porto. Tem a frente voltada para o jardim, e entesta pelo poente com a rua dos Fogueteiros, em terreno muito em declive, o que favorece os esgotos, e toma o chão que occupavam muitas casas, que foram expropriadas, da rua e travessa dos Fogueteiros. Pelo N. confina com a travessa dos Fogueteiros, e pelo S. com o hospicio dos expostos.

Tem quatro pavimentos o edificio — um ao nivel da rua Occidental do Jardim, formando um lindo terraço (ainda em construcção) lageado a granito, tendo a meio uma ampla escadaria, que desce para o segundo pavimento ou terreiro, á face das soleiras das portas de entrada do corpo principal, tendo este terreiro ao nascente 14 compartimentos destinados para carne de porco e peixe salgado, e ficando estes compartimentos debaixo do terraço do primeiro pavimento, e divididos pela escadaria em dois grupos de 7.

O corpo principal tem, na frente, ao centro, tres grandes portas, e uma em cada extremidade, com doze grandes janellas que occupam o restante da fachada, e na face N. cinco janellas eguaes, e dezoito, tambem eguaes, na face do poente.

Todo o vão d'este pavimento é coberto com telha sobre armação de ferro e madeira, formando 3 cumes sustentados por 16 columnas de ferro, e decoram a frente d'este corpo as armas da cidade e 4 pyramides de granito, primorosamente trabalhadas.

Na extremidade do S. d'este pavimento ha uma larga escadaria de communicação com o mercado das fressureiras, que fica em plano muito mais baixo, e tem 24 compartimentos voltados ao nascente sobre um terreiro descoberto, e a meio d'este, encostado ao muro de supporte do pavimento inferior, um chafariz com duas bicas.

Tem este mercado das fressuras 58^{m}, de comprimento a nascente,—61^{m},30 a poente, —16^{m},80 ao sul,—e 19^{m},10 ao norte. Total em metros quadrados 1075^{m},205.— E o corpo principal tem de comprimento ao nascente 58^{m}, — ao poente 59,20,—ao sul 126^{m},30 —e ao norte 30^{m},20. Total em metros quadrados, 1871^{m},50.

Calcula-se em perto de 100 contos de réis o custo total da obra, comprehendendo as expropriações.

—

Em 1822 estabeleceu-se na rua do Carregal (hoje praça do Duque de Beja, freguezia de Miragaya) n.º 38, o collegio de Nossa Senhora das Dores, dirigido por João Luiz Skimer. N'elle se ensinava portuguez, francez, inglez, rhetorica, philosophia, geographia e latim. Este collegio esteve primeiramente na rua de Cedofeita.

—

Capella dos Trinos da Cordoaria (hospicio

dos frades antoninos)—A capella ou egreja dos trinos é a casa n.º 1 da rua Occidental do Jardim da Cordoaria.

Precisamente na parte que foi o corpo d'aquella egreja é que se acham hoje as cavallariças da *Companhia Transportes Portuense*, creada em 1874, com o capital de 40 contos, para se empregar no transporte de mercadorias ou quaesquer objectos, em carros tirados por bois ou muares.

A dita capella está profanada ha muito, mas conserva as paredes intactas, com a fórma primittiva d'um templo christão, singelo, e é um escandalo que, mesmo na frente, aliás muito regular, da egreja, e sobre a porta principal, se leia, em letras maiusculas—*Companhia de Carros Transportes Portuense* — e que todo o vão da egreja esteja sempre cheio de bois e muares, e isto no centro da cidade da Virgem!

Se queriam dar á egreja aquelle destino, modificassem-lhe a face exterior, pelo menos.

Tanto esta egreja, como tudo o mais que possuiram alli os trinos é hoje propriedade do rico negociante e grnade proprietario o sr. José Gaspar da Graça, que tudo comprou ao sr. Alexandre José Gomes Monteiro, por 1:150$000 réis, em 8 de novembro de 1862.

Estas casas e capellas tiveram principio em uma humilde capellinha (mais tarde sachristia) com a invocação do Senhor Jesus do Calvario Novo, porque a primeira capella do Senhor Jesus do Calvario (dita depois —*Calvario Velho*) estava no terreno que foi tomado pela egreja e convento das religiosas Carmelitas; e a irmandade ou devoção do Senhor Jesus do Calvario Novo lhe addicionou primeiramente um chão a oeste, para casa do sacristão, em 1694, por emprasamento feito á camara, porque ainda n'aquelle tempo tudo em volta da antiga capellinha era baldio ou logradouro commum; e adquiriram mais tarde, por emprasamento tambem feito á camara, em 21 de maio de 1703, os representantes da capellinha um pequeno chão na frente d'ella para levantarem, como levantaram, uma galilé, *por ser a capellinha tão pequena, que mal podia conter doze pessoas*, como se lê na petição dos requerentes, e no mesmo tempo já muito concorrida pelos fieis.

Mais tarde tomou a seu cargo a irmandade dos Ceregueiros (Sirgueiros) a dita capella do Senhor Jesus, e no anno de 1786, por accordo com a ordem dos Terceiros da Santissima Trindade, deixaram estes a capellinha da Batalha, onde se haviam installado desde o dia 1.º de novembro de 1755, depois da sua restauração (n'esse mesmo anno) e formando junção com a irmandade dos Sirgueiros, que receberam o habito dos Trinos, e com o habito o mesmo nome, passou a ser dos Trinos a capella do Senhor Jesus do Calvario Novo, e o papa Bento XIV os elevou por essa occasião a Archiconfraria, raiando melhores dias, tanto para a ordem dos Trinos como para a dita capella, pois os Trinos, por emprasamento feito á camara, em 18 de julho de 1795, lhe addicionaram, a norte, sul e nascente varios chãos, que com a pequena parte da antiga capellinha, constituem toda a propriedade que hoje ali possue o sr. José Gaspar da Graça. E os Trinos queriam ir muito mais longe; dispunham de meios e pretendiam ali levantar um vasto templo, mas táes obstaculos lhe oppozeram os seus visinhos frades, e tanto os perseguiram e causticaram com tricas e pleitos, que houveram por mais prudente fugir para longe de tão incommoda visinhança. Em resumo deu-se o seguinte:

Em 1722 sollicitaram e obtiveram os frades Antoninos de Valle de Piedade licença do governo e da camara municipal para construirem uma *simples enfermaria contigua á capella do Senhor Jesus do Calvario Novo*, lado norte, nos montes que eram do municipio; mas em vez *da simples enfermaria* fizeram uma casa ampla e farta, um bom hospicio, que é, com leves modificações, a casa, onde se acha montado o hospicio dos Expostos; e apenas levavam feita parte da casa tentaram fazer um passadiço que a pozesse em communicação com a dita capella do Calvario. Oppozeram-se logo os representantes da capella, e redobraram as suas instancias os bons dos frades, dizendo, jurando e protestando que queriam abrir *apenas communicação interna da enfermaria*

com a capella, para que os frades enfermos, como bons religiosos que eram, podessem assistir aos officios divinos;— mas em contrariedade diziam e disseram sempre os sirgueiros, representantes da capellinha, e depois os trinos,— que *o passadiço era um harpéu com que os frades queriam fisgar a capella,* e d'esta convicção nunca os frades conseguiram demovel-os, por mais que teimaram e se esforçaram por apurar a argumentação annos e annos, levando a questão para os tribunaes, que por vezes se pronunciaram pelos trinos contra os frades, e por vezes pelos frades contra os trinos. Uns e outros se dirigiram ao governo, e depois de terem os trinos alcançado provisão regia para levarem por diante as obras em projecto, conseguiram os antoninos (da sr.ª D. Maria I) outra provisão cassando aquella, e mandando que os Trinos não mais proseguissem com as suas obras. E isto depois de haverem os Trinos apresentado a planta do seu vasto edificio á camara e de sollicitarem d'ella a devida permissão, allegando que era um aformoseamento consideravel para o vasto Campo da Cordoaria e um grande beneficio para a cidade, o que sabido pelos frades, taes voltas deram que a camara titubeou, resolvendo ir como foi em vistoria ao local, e depois de bem apreciada a petição, ainda conseguiram os antoninos que os *illustres* vereadores se dividissem em votos, e não deferissem o requerimento dos trinos, etc. etc. Até que os trinos, para se verem livres dos frades, resolveram deixar tudo o que tinham na Cordoaria e levantar sobre o largo do Laranjal o vasto templo e o grande edificio que hoje ali teem, e que deu ao largo o nome de praça da Trindade. E deixando a sua casa e capella da Cordoaria, não transigiram com os frades nem lhe cederam coisa alguma do que ali possuiam. Profanaram a capella, despiram-na de ornatos, vendendo á confraria do Santissimo de Miragaya dois altares, como dissemos n'outra parte, por 80$000 réis; deram e venderam a diversas corporações outras peças (suppomos que tambem era da egreja dos trinos parte da obra de talha que decora a capella mór da egreja de Miragaya) e por ultimo venderam as paredes da sua egreja e tudo o mais em volta d'ella a Francisco José Gomes Monteiro, em 1816, por 1:600$000 réis, quando já se haviam installado na sua nova casa, pois deram começo ali ás obras em março de 1803, indo o sr. D. Antonio de S. José e Castro, prelado da diocese, benzer com grande pompa e solemnidade a primeira pedra.

E só assim poderam os trinos respirar livremente e livrarem-se da incommoda visinhança dos antoninos.

—

Ha um livro manuscripto, muito curioso, no archivo da celestial ordem da Trindade com este titulo: «*Lembranças ou Historia das epocas que de futuro podem servir para melhor conhecimento dos successos d'esta congregação e celestial ordem da Santissima Trindade da Redempção dos Captivos, erecta n'esta cidade por extincção da veneravel ordem Terceira do patriarcha S. Domingos, intitulada Milicia de Jesus Christo, em 14 de maio de 1755, pelo Santissimo Papa Bento XIV, dada e confirmada pelos Summos Pontifices Clemente XIII, em 1758, e Pio VI em 1781.* Tomo I — Porto. Anno de 1792.»

O auctor não assignou este livro, mas do seu contexto se vê que foi feito, ou pelo menos principiado, por Manuel Barbosa d'Araujo; e d'ali extractei o seguinte: «*A f. 1, e seguintes.* A celestial ordem da Santissima Trindade teve a sua origem na ordem militar dos cavalleiros que se alistavam para a conquista da Terra Santa, e a sua erecção em ordem regular foi em 1198, governando Innocencio III, como consta da Chronica.»

Esta archi-confraternidade da Santissima Trindade e Redempção dos Captivos, foi erigida n'esta cidade do Porto, em 1755, pelo Summo Pontifice Bento XIV, immediatamente á extincção da 3.ª Ordem dominicana pelo mesmo Pontifice, em 15 de abril do mesmo anno, que n'esta cidade havia sido fundada em 1671, e erecta em 1676.

Esta archi-confraternidade, foi a primeira que houve n'este reino. Depois de expedida a bulla da sua erecção, demorou-se muito tempo na secretaria d'estado, por embaraços que occorreram, até que sua magestade

a sr.ª D. Maria I, concedeu o seu regio beneplacito, em 1781—e entretanto foi sollicitada do mesmo Pontifice e por elle expedida, outra bulla, creando a Ordem 2.ª, aggregada aos religiosos Trinos de Lisboa—bulla posterior á da creação d'esta archi-confraternidade—mas como aquella bulla se não demorasse nas secretarias d'estado, como a outra, e fosse tambem com mais promptidão o regio beneplacito, foi a Ordem 2.ª de Lisboa, erecta em 1757, o que não tira a primazia á do Porto.

O papa Bento XIV, para acabar os interminaveis pleitos, entre os frades de S. Domingos e os Terceiros Dominicos, a instancias d'el-rei D. José I, extinguiu esta Ordem e creou a da Santissima Trindade, doando-lhe todos os bens, direitos, acções e obrigações da Ordem extincta, exceptuando unicamente o *material* da capella, que tinham em S. Domingos—mas incendiando-se por essa occasião uma pequena parte da egreja dos frades, pediram estes a sua magestade a egreja contigua, que se achava fechada, e o rei, deferindo, os frades se apossaram d'ella com tudo o que alli havia, e não mais a largaram, apesar de serem demandados pela nova Ordem da Santissima Trindade, para lhe restituirem, como lhes cumpria, todas as alfaias, etc., excepto os materiaes, como dizia expressamente a bulla.

Creada a Ordem da Trindade, instalou-se na capella da Batalha, no dia de Todos os Santos, 1.º de novembro de 1755 (dia em que teve logar o célebre e funestissimo terramoto que destruiu Lisboa), e n'esse mesmo dia se fechou a egreja da Terceira Ordem em S. Domingos, tomando, como dispunha a bulla, o prelado da diocese, posse dos bens e acções da extincta Ordem, até que baixasse o regio beneplacito, para cumprimento da bulla, pois apenas se expediu um simples aviso regio n'aquella data, em seguida á recepção da bulla, para se fechar a Ordem dos Terceiros Dominicanos; e como o terramoto desorganisou todos os serviços em Lisboa, só em 1781, baixou aquelle beneplacito regio. Na Batalha celebrou esta Ordem dos Trinos, a sua primeira festividade, no dia de S. Pedro, a 29 de junho do dito anno.

Conservou-se na Batalha, até 1786, e em 26 de novembro do dito anno, se transferiu para o Campo da Cordoaria, por contracto feito com os representantes da capella do Senhor Jesus do Calvario, na nota do tabellião Luiz Pinto Rosa, em o 1.º de dezembro do dito anno.

Da origem d'esta capella do Calvario, diz o mesmo livro o seguinte:

«Em 1703, emprazaram á camara, os mordomos da confraria, ou devoção da capella do Senhor Jesus do Calvario Novo, tambem —denominado—Senhor Jesus de Bouças— um chão para reedificarem a humilde e muito antiga capellinha e lhe addicionarem um alpendre, ou galilé; acabaram o corpo da capella em 1705, mas continuaram as obras até 1737, como se vê do livro da despeza, hoje no archivo d'esta celestial Ordem; mas já em 1734, foram inquietados pelos visinhos capuchos, que pretendendo apropriar-se da dita capella, a pediram a el-rei D. João V, mas não foram attendidos.

Em 1737, fizeram os mordomos da confraria do Senhor Jesus do Calvario Novo, assentos de pedra, em volta da capellinha e outras obras, tudo á custa da confraria, como resava uma inscripção que mandaram abrir em uma pedra:—*Esta obra, assim como pateo e assentos, se mandou fazer á custa das do Calvario Novo. Anno 1737.*

«Em 1739 a 1740, se tirou a cruz de pedra e se collocou na sachristia, e se collocaram na capella as imagens que se tinham mandado fazer em vulto, do—Senhor Crucificado e Morto.

«De mil modos, os Capuchos inquietaram os humildes representantes da capellinha do Calvario. Pincipiaram por minar a capella pela parte de traz, por onde confinava com a cerca d'elles. Os mordomos embargaram a obra, e correu pleito judicial com vistoria, obtendo os mordomos d'esta vez sentença contra os frades, e os ditos mordomos para conjurarem nova tempestade d'este lado, fizeram um paredão ao poente da capella. Foi escrivão n'esta causa, José Pinto Rebello.

«Lembrou-se tambem um tal sr. Galvão, que pelo nome não perca, de hir fazer umas

casas terreas ao Norte da capellinha e do lado da viella, encostadas ao muro do passeio e logradouro da dita capella, e como os mordomos se oppozessem, correu pleito judicial, tambem com vestoria, proferindo-se afinal sentença pela qual se julgou ser aquelle terreno do publico. Foi escrivão n'esta causa, João Rodrigo de Carvalho.

«Em 1784, tornaram a pedir os capuchos a capella a sua megestade a sr.ª D. Maria I, e depois de longos trabalhos, terminou a pendencia por transação feita, já entre esta Ordem e os capuchos nos termos da escriptura lavrada nas notas do tabellião Luiz Pinto Rosa, em 1 de dezembro de 1786.

«Mas logo em 1789, voltaram á carga os bons dos antoninos.

«Resolvera a Ordem n'aquelle anno substituir o humilde campanario da antiga capella, por uma torre para os sinos, e apenas principiaram a obra (por de traz da capella-mór), logo os capuchos a embargaram. Correu pleito judicial muito curioso, em que os frades allegaram coisas do arco da velha, até que em 1791, obtiveram sentença, mandando que se demolisse a torre, e se conservassem os sinos no velho campanario. E ainda não satisfeitos os frades aggravaram para a Relação, mas esta confirmou a sentença. Esta demanda foi pela correição do civel—escrivão, José da Silva Lima. E o embargo foi feito pelo guardião de Santo Antonio, de Valle de Piedade.

«Em 1788, sairam os Trínos pela primeira vez, com a sua apparatosa procissão de Ramos, da sua capella do Calvario.

«Os capuchos, não desistindo do intento de se apoderarem da capella do Calvario, lembraram-se de pedir primeiramente licença para fazerem um passadiçe que désse passagem da sua enfermaria para a capella, allegando motivos tão innocentes e de tanta piedade que as pedras se commoveriam; mas por mais que teimaram e redobraram as supplicas e argumentos, não conseguiram embair os mordomos da capella, que no passadiço só viam um *harpéo dourado, e preparado com grande arte pelos frades.*

«Vendo que com o passadiço nada conseguiram, lembraram-se de outro estratagema. Dirigiram um requerimento ao chanceller, e governador da cidade, José Roberto Vidal da Gama, pedindo lhes concedesse a capella, para n'ella poderem confessar; e como o chanceller deferisse, dirigiram-se logo os frades com bancos e confessionarios para a capella; mas, quando tentavam entrar, *acudiu o capellão, e a pontapés sacudiu tudo pela porta fóra* (livro dito, fl. 67 v.) e assim d'esta vez a confraria ainda pôde salvar a capella. Não desistindo os capuchos do seu *santo proposito*, dirigiram a sua petição ao Desembargo do Paço; mas, mandando Sua Magestade ouvir a confraria—nada conseguiram os religiosos antoninos.

Não se dando por vencidos, ainda durante sete annos fizeram novas e repetidas petições a Sua Magestade, sendo todas indeferidas em vista das respostas e informações dadas primeiramente pela confraria, e depois por esta celestial ordem, na qual se fundiu aquella confraria; até que esta Ordem, resolvendo levantar ali um templo mui amplo e um edificio vasto, sollicitou provisão régia, para adquirir os terrenos adjacentes, de que necessitava para aquelle fim, etc. E o procurador da corôa, João Pereira Ramos, ponderando os muitos requerimentos feitos pelos capuchos durante 7 annos—e as respostas e informações dadas por parte da confraria do Senhor Jesus do Calvario, e depois por esta Ordem, como representante da dita capella respondeu—que era justo se fizesse a egreja e as obras constantes da petição, por quanto a capella era da Ordem, e os antigos irmãos do Senhor Jesus do Calvario eram os mesmos trinos supplicantes —e *que os frades não tinham direito a pedil-a, só pelo direito de pedirem tudo pelo amor de Deus* (fl. 69.)

«Foi commettida a execução da provisão régia ao celebre corregedor da comarca e governador da cidade, etc., etc. D. Francisco de Almeida, mas apenas a Ordem principiou as obras, os capuchos, como loucos, trataram de empecel-a, fazendo questão de tudo! Embargaram o telheiro da cal, exigiram a remoção da pedra que estava na testada do seu predio, etc., e quando se trata

vá de fazer os alicerces, sahiram com paus ameaçando os trabalhadores, abriram serio conflicto, e fizeram com que se representasse (não diz o livro por quem) a sua magestade, *allegando que a Ordem fazia uma egreja nova muito sumptuosa e outras obras em que exhauria o cofre da Redempção dos Captivos ; e que a dita egreja se tornava desnecessaria por haver n'aquelle sitio muitas egrejas, como a famosa (famosa?...) capella da Senhora da Esperança—a de Pedro Pacheco Pereira* (em Villar ou Bellomonte)—*a da Companhia dos Vinhos* (na viella de Ferraz) *outra defronte, e a capella dos Reis Magos, á Praça Nova, com muitas outras.*

«Veio o requerimento a informar ao chancelier, Veiga Magro, que para satisfazer ás instancias de seu tio, o *frade e padre Sarmento*, respondeu—*que era verdade o allegado;* pelo que baixou um aviso régio mandando sustar as obras, e repôr tudo no antigo estado!

«Suspenderam-se effectivamente as obras; mas ainda não satisfeitos os frades, dirigiram um requerimento ao governador da relação do Porto, exaggerando os inconvenientes que resultavam dos materiaes, que para as obras tinha esta Ordem na Cordoaria, allegando inclusivamente que já nas vallas dos alicerces *tinham morrido 3 homens*, concluindo por pedirem, em nome seu e do publico, que se mandasse remover os ditos materiaes e arrazar os vallados abertos, ao que o governador deferiu, sendo executado o despacho com escandalosa prepotencia pelo juiz dos orphãos, a ponto de dizer que se a Ordem não tinha onde arrumasse as pedras, as mettesse na egreja!

«Por mais esforços empregados pela Ordem, e nomeadamente pelo prior, Manuel do Nascimento e pelo benemerito irmão Manuel de Sousa Scopira, de Miragaya, para levantarem o interdito imposto pelo governo, nada conseguiram, por causa das informações dadas pelo chanceler, Veiga Magro, até que a *Santissima Trindade* (diz o citado livro) *foi servida inspirar a um irmão e a outros mais irmãos o fazerem nova egreja em outra parte*, no que a mesa concordou, e communicando esta resolução a Pedro de Mello Breyner, governador da relação, respondeu—*que n'aquelle sitio do Calvario não;* ao que se lhe observou que *seria onde elle quizesse*, mas que a Ordem desejava fosse na Praça do Laranjal, no que elle concordou.

«Em março de 1803 se collocou com grande solemnidade a primeira pedra, saindo a Ordem em procissão da sua capella do Calvario, acompanhada pela irmandade das Almas, de Santa Catharina, pelas ruas de Bellomonte, Flores e Bomjardim, levando no andor da Santissima Trindade, a dita pedra que era pintada de azul com uma inscripção em lettras douradas. Apenas chegaram ao dito Largo do Laranjal (hoje Praça da Trindade) o prelado Antonio de S. José e Castro, benzeu o terreno e collocou a dita pedra.»

Casa dos curas de Miragaya

Á direita d'aquella casa dos bancos, estava a casa dos curas, que era a antiga residencia parochial. Tem hoje o n.º 14 sobre o dito largo de S. Pedro. Ha muito porém que os parochos a não habitavam, por se achar em total ruina, e como os abbades fossem obrigados a tomar casa de renda, os prelados da diocese, como padroeiros d'esta egreja de Miragaya, e o cabido, não sabemos por que titulo, lhes davam 2$000 réis por anno, para ajuda da renda.

O cabido dava pelo seu prebendeiro, no mez de julho de cada anno, aos abbades de Miragaya 666 réis tambem para ajuda do aluguel da residencia.

Esta casa foi emprazada, com a pensão de 4$800 réis annuaes, para os abbades de Miragaya, por um ascendente do sr. Simão Duarte de Oliveira, rico negociante da rua dos Clerigos; restaurou-a levantando sobre o chão que occupavam aquellas ruinas, um predio decente, hoje propriedade do dito sr. Simão Duarte de Oliveira, predio que habita o actual abbade, pagando renda, como de qualquer outro, recebendo do dito senhor, os 4$800 réis de pensão, e pagando o abbade d'esta pensão á confraria, 100 réis. !...

Já nada existe dos antiquissimos paramentos que um freguez de Miragaya mandou da China para a capella do Espirito Santo, hoje representada pela confraria do Santissimo: paramentos de que se faz menção em diversos inventarios dos bens e alfaias da dita capella, mas ainda existe uma casula (com sua estola e manipulo) bordados a matiz, tendo na parte posterior a imagem de Nossa Senhora da Conceição, muito bem bordada, e servindo apenas uma vez cada anno, no dia em que a egreja commemora a Conceição de Nossa Senhora.

Foi a dita casula mandada vir de Flandres (com um painel representando o descimento da cruz e ressurreição) por D. Barbara Pires de Figueirôa viuva de Affonso Luiz Ribeiro, moradora na rua Armenia, n'esta freguezia de Miragaya, e por ella dada, com o dito painel, (de que não ha memoria) e outros paramentos e alfaias ao altar de Nossa Senhora da Conceição, que houve n'esta egreja de S. Pedro de Miragaya, altar em que a dita D. Barbara Pires de Figueirôa instituiu uma capella (missas e suffragios) como se vê do testamento com que falleceu, e que existe no archivo da confraria—feito aos 8 dias do mez de fevereiro de 1568, na nota do tabellião Ruy de Couros.

Deve contar pois a dita casula, aliás ainda muito bonita e não muito deteriorada, cerca de 300 annos!

—

Largando os prelados mão da fabrica d'esta egreja em seguida á extincção dos dizimos e padroados, e não tendo a junta de parochia um unico real de fundo (é um corpo meramente consultivo) a confraria do Santissimo Sacramento, muito espontanea e generosamente se encarregou da dita fabrica, e a todas as necessidades d'ella e do culto, provê com zêlo e sollicitude—*e sem sacrificio*; porque além das suas rendas, é ha muito legitima representante e administradora da capella do Espirito Santo (resto do antigo hospital e albergaria *do Santo Espirito, no largo de Miragaya, arrabalde do Porto*, como dissemos algures)—e dos altares de Nossa Senhora do Pranto, S. João Evangelista e Senhor Jesus, os quaes todos ainda conservam alguns rendimentos proprios—e é tambem administradora dos fundos do Lausperenne, ao qual nomeadamente deve a prosperidade das suas finanças; porque sendo instituido com quinze mil cruzados, e com a condição de que, attingindo aquella somma, a cifra de sete contos e duzentos mil reis poderia a mesa dispôr do excedente a bem do culto e da egreja, ha muito que o fundo inicial ultrapassou aquella meta, e por isso, com o excedente, a confraria tem feito obras consideraveis na egreja e comprado muitas alfaias de valor, sendo aquelles fundos hoje os seguintes:

1 inscripção de..............	1:000$000
4 ditas de 100$000..............	400$000
2 ditas de 500$000..............	1:000$000
—	
4 apolices do banco Mercantil Portuense..............	800$000
15 acções do dito banco........	3:000$000
—	
4 acções do banco Alliança......	240$000
—	
Capital mutuado..............	1:350$000
—	
Valor em alfaias de prata......	1:334$700

Capella do Espirito Santo

A capella do *Santo Sprito*, é uma das mais importantes de Miragaya e por ventura do Porto, não pela sua forma architectonica, nem bellezas actuaes, mas olhada pela parte historica.

A capella de *Santo Sprito*, a que estava annexa á albergaria, data do seculo XV; a sua primitiva designação foi de *Hospital*, sendo talvez a capella anterior á fundação d'elle.

Como um monumento curioso, transcrevo do tombo da capella, (fl. 20 v. e seg.) a doação feita em 1443, dos terrenos em que se edificou a albergaria, isto em tempo em que o hospital se estava construindo:

«Saybão quantos este publico Instrumento de Traslado em publica forma virem em

como no anno do Nassimento de Nosso Senhor Jesus Christo, de mil quatro centos e quarenta e tres annos, aos dezanove dias do mes de Agosto, na cidade do Portto, na rua da Rebolleyra, estando ahy prezente Alvaro Dias, Escudeyro, cidadão Veriador na dita cidade, Juiz em ella pella Ordenação em abzencia dos juizes ordinarios, que em ella são prezentes, e elle em prezença de mim Gonçallo Annes Barbozinho, Taballiam geral e expecial de Nosso Senhor ElRey na dita cidade e seu Bispado, e das testemunhas que ao diante sãm escriptas, pareserão Luis Affonço, Mestre da Nau Gallega, e Andre Pires, Pilloto, e João dispyzarro, e João de Figueiró, todos moradores em Miragaya, a Rabalde da dita cidade, em nome seu, e dos outros moradores do dito Lugar, como procuradores do espital do Sancto Esprito que está situado no dito Logo de Miragaya: Aprezentarão certas escripturas publicas escriptas em pergaminho, e diserão que pertençiam ao dito Hospital, e se temião de selhe perder por ágoa, ou fogo, ou poroutro cazo Furtuhido, e pediam ao dito juis que lhes mandaçe dar o Trasllado dellas em publica forma; As quaes escripturas logo ahy forão aprezentadas, humas atras outras como ao diante se seguem:

«DOAÇÃO PRIMEYRA»

«Em Nome de Deos Amen. Saybão os que este Instromento de doacão virem que no anno da éra de mil e quatro centos e quarenta e tres annos, áos dezouto dias domes de Abril da dita era, emadita cidade do Porto, dentro das pouzadas e moradas de ca Therinna Affonço, mulher que foy de Pero Carneyro mercador, e morador em a dita cidade: a dita ca Therinna Affonço, que prezente estava; olhando em como ella hera theuda e obrigada afazer ábem, por ás almas dàquelles de honrra fazer, e outro sy por salvação da sua alma eRemonento de seus pecados; ella de seu Moto proprio, sem emduzimento, nem promessa que lhe seja feito, nem algum que sesja dado, nem outorgado; nem prometido; se não tamsomente por salvação do que suzo dito he, ella em bom coração, e bundade pera serviço de Deos, e por cumprir as obras de Miziricordia, e piedade, que Deos ama, emsigna, aquelle, ou aquella que de sy bem uza, e segue o Preseyto da sancta Ley, tudo seguem; que ella fazia Pura Doassãm Valledoura pera todo osempre antre os vivos ao Hospital do Sancto Spirito Sancto que se hora fazia ápár de Sam Pedro de Miragaya, que he á cerqua da dita cidade, da sua direyta parte que ella ha em uma parte digo ha em hum monte que está no dito Logo; o qual ella ha com Margarida Affonço sua Irmãa, e com Thereza Domingues; mulher que foy do Belliago; a sua Prima com João Affonço dagrella, seu Irmão, moradores em a dita cidade; o qual parte de huma parte com herdade de Martim Farinha, e da outra com cazas que forãm de João Delgado, e pordiante comrua publica que Vai perante Sam Pedro, e Intesta contra ócaminho pera á cordoaria do pár do Postigo do Muro; éque lhe prazia, queria; e outorgava que no dito Logar se fizece espital, etoda outra couza que fose serviço de Deos, e saude de sua álma; della e daquelles, onde lhe o dito seu quinham do dito monte ficou a ella de direyto pertensente, digo de direyto pertensa, e demetido disso todo ó direyto e Acção actual e Real que ella havia no dito monte onde agora se fazia ódito Hospital; e demetia, dava, e dotava ao dito Hospital por súa alma; é daquelles donde ella houverá; e ficará Rogãdo; e mandado a todos seus herdeyros qué depus ella Vierem que não fação contra esta doação nem parte della, sob penna de sua Benção, e lho por este quis eoutorgou que ó honrado Doutor Frey Vasques Annés, de sam Domingos da dita cidade, que esta obra deste Hospital comesoú e quer feneser, pera fazer e acabar; por bem fazer Possa por sy ou porque quizer Thomar Posse; propriedade, e senhorio do dito monte pera ódito Hospital, persy óuporoutrem, e fação nelle aquillo que comesou, e quer cumprir e acabar por bemfazer; e porque he couza de caridade que pertençe a pobrés evergoncados, e caminhantes, e pellengrinos, estrangeiros, de outras Provinçias, das quaes, couzas a dita ca Therinna Affonço, mandou amim Taballiam aó

diante escripto, dar hum Instromento emais aodito Frey Vasques Annes, Doutor sobredito que ádita obra, eo hospital quer fenesser e ácabar; Testemunhas que prezentes forão João Bras, da Ribeyra, Alvaro Pires, Selleyro, Affonço Pires Branquiador da moeda da dita cidade, Gonçallo Gonçalves, Genrro da dita ca Therinna Affonço, moradores na dita çidade, seu Gil Vasques e Taballiam Geral de El Rey, dantre ó Douro e Minho que este Instromento, e outorga doprezentefis, e este Instromento escrevy em que Fis meu signal que tal he...» etc.

Seguem-se no Tombo a 2.ª Doação, feita por Margarida Affonço, mulher que foi de Vasco Fernandes Ferraz, e a 3.ª, feita na mesma forma das antecedentes, por Florencia Domingues, viuva de Gonçallo Annes Belliago, feita, bem como aquella, a 6 de junho de 1443, todas pelo mesmo tabellião, Gil Vasques, ao dito Dr. Fr. Vasques Annes, de S. Domingos, para acabar a obra do Hospital.

—

A administração do hospital de Santo Sprito, que estava commettida aos juizes e vereadores da cidade, passou depois a estar a cargo dos mareantes, sendo esta resolução tomada, em sessão de 25 de junho de 1454, á qual assistiu o abbade de Miragaya, Affonso Martins.

A administração do hospital, foi n'esse acto solemne entregue aos mareantes, João da Maia, mestre da nau *Ferreira;* por si e por Lopo Nunes, mestre da nau *Armadinha;* Salvador Annes, mestre da nau *Nova;* Martim de Figueiró, mestre da nau *Rosto Formoso;* João Lobrinho e Nuno Annes, por si e por João Farinha, pilotos, e outros mestres e marinheiros, uns e outros *confrades da confraria* de Miragaya.

Na eleição dos provedores, seguiam-se determinadas clausulas, não o podendo ser senão os individuos que tivessem sido mórdomos da confraria do Santissimo, de Miragaya, e os votantes, individuos que tivessem servido já de mórdomos do hospital.

A importancia que o hospital do Espirito Santo alcançou logo apoz a sua fundação, deu causa a varios litigios e questiunculas, entre os provedores d'elle, os abbades de Miragaya, a Misericordia da cidade, e até com o cabido. Por curiosos, transcrevemos alguns dos mais notaveis documentos, que são em geral desconhecidos, mas que existem nos tombos da capella, tombos que por maravilha teem escapado apesar das vicissitudes que este estabelecimento tem soffrido.

Em 147...? suscitou-se questão entre o provedor do hospital e o abbade de Miragaya sobre as offertas que eram levadas ao altar e capella do hospital, e de commum accordo foram (aos 22 de fevereiro do dito anno) ao paço episcopal Vasque Annes, abbade da egreja parochial de S. Pedro de Miragaya, e os provedores e administradores do hospital, que então eram, João da Maia, João Dias Pigarro, André Pires e outros, todos mestres e pilotos, e alli na presença «do *muito virtuoso e muito reverendo* se«nhor bispo, D. João d'Azevedo, e dos discre«tos Pedro Affonso d'Aguiar, juiz, Fernão da «Luz Bayão, vereador, Diogo Martins, pro«curador, e Vasco Luiz, cidadão» accordaram no seguinte: que o abbade houvesse todas as offertas de pão, dinheiro e *candeias de cera* que no dito altar fossem postas, excepto alguns cirios grandes e *candeias de roda* que ficariam para ornamento da capella e altar, e que tambem o dito abbade houvesse todos os frangos, gallinhas, cordeiros e outras cousas *comesinhas* que fossem offerecidas, exceptuando os carneiros, que seriam para os pobres do hospital. E que não haveria o abbade joia alguma de prata ou ouro que ao dito altar fosse offerecida, ou por qualquer pessoa dada; e que se algum devoto quizesse offerecer olhos ou corações dos que estivessem pendurados no altar, por não hir comprar outros, o abbade poderia receber o preço *quando não excedesse a quantia de 15 ou 20 réis, de cinco ceitis o real, e mais não, e todo o excedente seria lançado no cepo da capella* para as obras do altar e hospital; e que o abbade não teria direito a qualquer outra cousa que ao dito hospital alguem offerecesse; e n'isto accordaram sob pena de pagar o que resilisse de

futuro, *200 cruzados de bõ oiro*—obrigando ao cumprimento do estipulado—os provedores do hospital as cousas e joias d'elle, e o abbade as rendas e joias da egreja. E approvado que foi este contrato pelo senhor bispo e officiaes presentes, Pedralves de Landim tabellião o escreveu e assignou, e recebeu das partes, com o caminho,—*trinta réis!*...

NB. *Candêa de cera,*—vem a ser—vela de offerta, nas 3 missas particulares.

A proposito das pretenções da Misericordia da cidade, copiarei do Tombo do Hospital (fol. 208 v.) o alvará seguinte, com o qual se terminaram, por então, as questões:

«Nós El-Rey, fazemos saber a vós, Martim Lopes de Azevedo, Fidalgo de nossa Casa e Contratador das obras, terças e reziduos da Commarqua de Entre Douro e Minho que a nós praz que o Hospital de Santo Spirito da nossa cidade do Porto de que tem a administraçam os Pilotos, Mestres e Mareantes, e outros homens bôos, *estê como está, e se não* bula com elle, nem dê a dita administraçam á Misericordia, porquanto nós havemos por bem de se com elle não fazer mudança alguma; e visto o Alvará que paçamos á dita Confraria sobre os ditos Hospitaes, e assim outras razoens, que nos pera isso foram dadas. Feito em Lisboa a desaseis de Maio, Cosme Rodrigues o fes de mil e quinhentos e vinte e um. Rei. Pera o Contador dos Reziduos de Entre Douro e Minho, que nam faça mudança alguma com o Hospital de Santo Spirito da cidade do Porto, de que a administraçam he de Mestres e Mareantes e outras peçoas, e estê assim como está, sem sem se dar á Misericordia. Pagou quarenta reis.»

Das questões com o vigario geral do bispado existe testemunho ainda, no tombo do hospital (fl. 65). É um alvará de Filippe II, o catholico, mas que não deixava invadir os direitos do padroado real.

—

A fl. 29 do dito Tombo se encontra a *Instituição da capella* (missas e suffragios) *de João Affonso, no hospital do Santo Espirito de Miragaya*—em 1655.

Alli se diz que o dito João Affonso, morador que foi em Miragaya, doou ao hospital ou albergaria do Espirito Santo, entre outras muitas propriedades, uma quinta denominada Rio Covo, na freguezia de Santa Eugenia, termo de Barcellos, e o casal de Rio Covo e o Campo do Porto, sítos na dita freguezia, o que tudo havia comprado a retro, por 200$000 réis a Gaspar Ferrás e Lucrecia de Figueirôa, e declarou elle que se aquella venda se annullasse (fl. 30, v.) «*por «razão do dito Retrò que todo o dito dinheyro «que por elle derão que se ha de tornar*; e «desfazendoçe a dita compra, que se comprará dello vinte mil réis de juro em cada «hum anno, de fazenda Del Rey Nosso Se«nhor e foro a Real a este Reyno ou de ou«tra qualquer fazenda, etc.

Em 16 de abril de 1458 João Dias Pizarro, provedor do hospital do Espirito Santo, *no logo* de Miragaya, requereu ao juiz ordinario, por certidão, a verba do testamento com que fallecera *Gonçalo Gonçalves, fundador do dito hospital*, que tinha sido fundado «havia cincoenta annos», disse elle no requerimento, e na qual verba doára ao hospital metade de umas casas. O juiz deferiu, e o tabellião, João do Porto, certificou que a dita verba era do theor seguimte:

«Primeiramente mando que d'esta minha casa que a metade d'ellas todas haja a dita Breatis, minha sobrinha.—Mando que a outra ametade que a haja o Hospital do Santo Sprito, a quem d'ella faço pura doação para sempre, e mando aos regedores do dito hospital, que do que a dita casa render que em cada um anno façam dar pitança a todos os pobres que alli estiverem.»

—Em 1459 doou o abbade de S. Pedro de Miragaya, Affonso Martins, ao hospital do *Santo Sprito* uma casa, que tambem lhe fôra doada, *com seu enxido em o dito llogo de Miragaya, á Pedra Escorregadia*, com a condição de n'ella viver um pobre sem pagar renda.

—

Em 1512, em audiencia publica no paço do concelho do Porto, sendo Juiz ordinario o muito honrado João Paes, e tabellião Judicial Pero Gonçalves *pareceu ahi* João Le-

do, mestre piloto, morador em Miragaya, provedor do hospital do Santo Espirito, e *Briatis Lopes*, viuva de João Annes, moradora tambem em Miragaya, e disse o dito provedor em nome do hospital, que ella tinha uma videira chantoada com *terçaes de pau altos, á ilharga da sua casa junto ao adro de S. Pedro do dito logo*, e que a dita videira tomava parte do adro, e *assombrava o dito logo do Santo Sprito;* e que ella *Briatis* fizera uma dalla na ilharga da sua casa, onde lavava e lançava toda a agua immunda que se fazia na sua casa, e corria para o dito adro, o que era de muito *fedor e sojidade*, e que portanto requeria a elle juiz que mandasse despontoar a videira e desassombrar o adro e vedar a dita agua e a *sojidade da dita dalla.* E o juiz perguntou á dita *Briatis Lopes* o que respondia a isto, e disse ella que emquanto á parreira era verdade tel-a á muito junto á sua casa, mas que emquanto á dalla, só lançava n'ella agua limpa da servidão da sua casa, e não *sojidades.*

E o juiz, *visto por elle todo*, disse e mandou que a dita *Briatis* despontasse a dita videira, e desoccupasse o adro por todo o proximo mez de outubro, sob pena de 500 réis *para a cidade e captivos*, e que quanto á dalla, que a fossem ver os védores da cidade, que era isso attribuição d'elles, e que elles julgassem o caso como lhes parecesse.

E em cumprimento d'esta sentença, foi o vedor Pero Fernandes ver a dita dalla e disse, *que seu parecer e determinação era que a dalla se tirasse por respeito da sojidade* que d'ella vinha e ia ter sobre os finados, e por ser adro de tanta serventia das pessoas que hiam para Santo Espirito «*e feder «e cheirar muito mal, de maneira que por «estes convenientes i muitos era com razão «que a dita dalla se tirasse d'alli, e que «se a dita quizesse trazer augoa, e sujar «em sua casa, que a fizesse lançar fóra as«si como o fazem em outras casas. E com «isto foram os autos conclusos ao dito Juiz «que á Reveria das partes proferiu a sen«tença, que tal é a seguinte—Vista a vedo«ria de Pero Fernandes vedor das obras, «mando a Briatis Lopes que tire a dalla da «contenda, sob pena de 500 réis para a «cidade e captivos. A qual sentença foi por «mim Tabalião publicada á dita Briatis «Lopes em sua pessoa, em o dito logo de «Miragaya, e por ella me foi dito que sa«tisfaria a sua sentença como n'ella era «contheudo testemunhas que para isto fo«ram presentes Affonso dos Banhos, Abba«de da Igreja do dito logo de Miragaya e «Pedro Alvares, Clerigo de missa, morador «em o dito logo. Pagou* 80 *réis.*»

A fl. 39 v. do dito Tombo:

«Mais leixou João de Deus em cada um «anno, de renda ao dito Hospital, mil réis, «os quaes mandou pagar por todas suas «herdades, e lhe ham de dizer em cada um «anno sinco missas, em Santo espirito, por «sua alma, a vinte réis por missa...»

«Hum cham de humas casas que estam «na rua dalmenia que leixou João Fernan«des, da venda, ao dito esprital em que vive «Maria Annes de Figueiró, de que paga em «cada um anno ao dito esprital cento e trin«ta réis e meyo.»

—

Em sessão de 9 de junho de 1802, resolveu a confraria, fazer novas escadas para a capella do Espirito Santo e demolir a torre d'esta, por ser inutil e se achar em ruinas, e substituil-a por um simples campanario do lado onde estava a torre, que era o angulo Sudoeste da capella.

Resolveu tambem que se tratasse de preparar novo adro (entre a capella e a egreja) para onde se removessem as muitas ossadas que havia no local emprazado, e onde se désse sepultura *aos «afogados que apparecessem.*»

Por um novo accordo o capitão Borges, fez á sua custa as novas escadas, que são as actuaes.

—Em sessão de 4 de setembro de 1802, se resolveu que na reedificação da capella, ficasse esta mais curta; porque a antiga era muito estreita, muito baixa e muito comprida, e mesmo para desafrontar o adro e casas do Hospital.

—Em definitorio de 2 de fevereiro de 1821

resolveu a confraria, emprazar as casas e quintal da antiga albergaria, contiguas á capella do Espirito Santo, por 20$000 réis de fôro annual (como emprazou) e foi dividida a agua em tres partes eguaes (alem da que hia para a casa onde estava a fabrica de louça de Francisco da Rocha Soares, por venda feita em 27 de junho de 1677, e escriptura lavrada nas Notas do Tabellião, Antonio de Carvalho)—uma para as casas e quintal que no momento se emprazavam, e duas para o publico e sachristia.

—Em um livro com 153 folhas, pertencente ao Hospital do Espirito Santo e feito em 1657, pelo escrivão, João Alvares Guimarães, para se carregar a despeza e receita, a fl. 5, se encontra um inventario das alfaias pertencente á fabrica do Hospital, e entre elles o seguinte: uns orgãos—uma bulla de indulgencias— um livro de canto que serve no côro e que chamam Inquirion, etc.

Dos orgãos e da bulla, já não existe memoria, mas o celebre *Inquirion* ainda faz parte do archivo.

É um livro impresso, a vermelho e preto, quasi todo de cantochão; a musica é de caracteres moveis, fundidos, e que parece ter sido impresso em Coimbra, no seculo XVI. (Em 1533 já em Lisboa imprimia Germão Galharde o *Tratado de canto llano* de Mateo de Aranda.) O livro está infelizmente mal tratado, e falta-lhe o rosto e o fim. A encadernação, de pergaminho, parece ser a primittiva.

A fl. 47 do dito livro, diz-se:

Ao pregador do sermão, 600 réis.

Ao padre João d'Oliveira, de tanger o orgão todo o anno, 1$500 réis.

Por 2 alqueires e meio de cal a 30 réis, 75 réis.

Vestuario a 3 pobres, legado d'Alvaro Pinto, 3$600 réis.

Isto no anno de 1657.

Do dito livro (fl. 110, v.), consta que foi a dita capella, completamente reedificada no anno de 1673, e que se dispendera com a reedificação n'esse anno e no seguinte, réis 295$660.

E do mesmo livro consta, que já em 1704 a 1705, estava a capella a desabar sobre a egreja, e que foi mister despender em obras 300$000 réis, que adiantou o provedor Domingos Fernandes Jorge.

Consta ainda do dito livro, que o provedor do hospital, arrematou em 1673, na praça da cidade, por 6$000 réis, um enorme pinheiro que havia na cêrca junto á egreja, e que ameaçava cahir sobre ella, e que no mesmo anno vendêra outros pinheiros, que havia no quintal da capella, ao capitão Manoel Coelho Marinho, por 24$000 réis.

—

O provedor do hospital, Manoel Pinto Cardozo, morador na quinta das Virtudes, mandou fazer um tombo das propriedades e mais pertenças do hospital (1740-1742), por provisão régia que solicitou e obteve em 4 de abril de 1740, e foi juiz do tombo o dr. Domingos d'Affonseca, juiz de fóra dos orphãos na cidade do Porto; e escrivão, Marcos d'Affonseca Lemos, que estava por então servindo de escrivão da conservatoria hamburgueza.

—

Ha na capella seis pinturas muito antigas sobre madeira, encaixilhadas em talha de merecimento, vasada e dourada, e tomam precisamente o topo da capella, representando a do centro, que é a maior—a descida do Espirito Santo sobre os apostolos, e a immediatamente superior—a Ascenção de Jesus Christo.

Todos estes seis paineis estão bastante deteriorados com os insultos do tempo, mas em compensação nada soffreram ainda dos *restauradores*...

E apesar de que a capellinha está em sitio recondito, e quasi todo o anno fechada (abre-se apenas para a festividade do Espirito Santo e distribuição, por sorteio, de tres esmolas de 3$000 réis, cada uma, por viuvas e orphãos de Miragaya, em cumprimento de um antigo legado)—são aquelles defumados paineis, conhecidos e admirados por distinctos amadores, e um intelligente e rico titular de Lisboa, alli foi ha annos estudal-os e fez propostas á confraria para lh'os ceder *com a mesma talha em que estão encaixilhados;* mas a confraria, devidamente prevenida, não acceitou a proposta.

Um distincto lente de pintura, que os viu e examinou, diz que valem contos de réis.

Hospital real da Misericordia

(Additamento)

Na secretaria e cartorio da Santa Casa, ha grande quantidade de paineis, representando os seus principaes bemfeitores, mas no edificio do Hospital, vê-se apenas um grande quadro a oleo, na casa da *acceitação*, por ser este um dos logares mais accessiveis ao publico. Representa um homem já idoso, ministrando caldo a um doente, que está no leito; e no fundo do dito quadro se lê a inscripção seguinte:

A Meza d'esta Santa Casa, de 1840 a 1841, mandou tirar á sua custa o retrato do Irmão Jose Antonio dos Santos para dar-lhe um testemunho da sua gratidão, e excitar a posteridade a imitar a extremada caridade, com que elle tem curado por mais de 30 annos os doentes do hospital.

Durante mais de 30 annos consecutivos (como diz a inscripção), frequentou aquelle virtuoso homem, o hospital da Misericordia, confundindo a todos a dedicação e caridade com que ajudava os enfermeiros, no tratamento dos doentes, pensando-lhes as feridas, concertando-lhe as camas, ministrando-lhes as dietas e confortando-os com a palavra e o exemplo;—e isto muito espontanea, humilde e generosamente; levando-lhes muitas vezes de sua casa, marmellada e caldos de gallinha, sem jámais se fatigar, nem afrouxar no seu santo zêlo, e sendo tão modesto que a muito custo se soube o seu nome e onde morava.

Era este homem admirado e venerado por todo o pessoal da casa, e a meza administradora, em 1840 a 1841, para dar-lhe uma prova do seu reconhecimento, mandou tirar-lhe o retrato sem o consultar, e apenas feito o retrato, o collocaram em uma das enfermarias que elle costumava visitar mais repetidas vezes, imaginando preparar-lhe uma surpresa agradavel; mas tanto se melindrou a modestia d'aquelle santo homem, que apenas defrontou com o seu retrato—*retirou-se muito contristado, e não mais voltou ao hospital!...*

Este facto impressionou profundamente a meza e todo o pessoal da casa, e aquelle retrato é tido em tanta veneração como se fôra a imagem de um santo.

Mais homens notaveis d'esta freguezia

Antonio Joaquim d'Oliveira Nascimento—Nasceu em Miragaya a 7 de outubro de 1802. É filho de Antonio do Nascimento e de D. Maria Rosa, neto paterno do doutor em leis, Manuel do Nascimento, e que foi advogado distincto nos auditorios da Relação.

Tomou ordens menores, pelo que hoje ainda é conhecido por o *padre Antonio*, e foi provido na cadeira de professor regio de Miragaya em 1829, exercendo este cargo até 1871, em que se jubilou. Aturou rapazes, e sempre com boas informações, durante o largo periodo de 42 annos. Além dos principios elementares da lingua, tambem ensinou a tocar flauta, instrumento de sua particular predilecção, e de que hoje ainda conserva uns poucos de discipulos.

Por fallecimento de seu tio, o padre fr. Manuel do Nascimento Justiniano, que foi geral dos Loyos, herdou d'elle differentes livros raros, e entre elles as célebres e celebradas *Constituições* do Porto, do bispo D. Diogo de Sousa, impressas em 1496. (Veja-se *Diccionario Bibliogr.*, vol. I e IX.) D'estas *Constituições*, de que apenas se conhece um exemplar, existe uma copia, na Bibliotheca portuense, feita pelo bispo d'esta diocese, D. João de Magalhães e Avellar.

Pelo exemplar que possue o sr. padre Antonio, offereceu em tempos o sr. visconde d'Azevedo 200$000 réis. Por estes e outros livros offereceu agora o municipio, pelouro da bibliotheca, 600 e tantos mil réis, chegando-se a ajustar a venda, mas como o cofre municipal, que não é muito dado a litteraturas, e menos a archeologias, offerecesse effectuar o pagamento em tres prestações, o proprietario do livro e dos outros, guardou o seu thesouro, e a Bibliotheca deixou de possuir este monumento bibliographico. En-

tre os outros livros, tambem se contava o *Tratado da Esphera*, de Pedro Nunes.

O sr. Nascimento, possuia tambem um pequeno mais valioso medalheiro, que em tempos vendeu ao sr. Bento Pereira Carmo, por 700$000 réis.

O sr. Nascimento é um philosopho, importando-se pouco com as exterioridades mundanas. Vive retirado na sua casa, revendo-se nos seus livros, e n'outras velharias que o rodeiam. Póde dizer-se que vive do passado e com o passado.

Antonio da Silva Monteiro nasceu em Lordello do Ouro, concelho do Porto, sendo filho de outro, negociante que foi da praça do Porto, e de D. Anna Narcisa Pereira Monteiro, naturaes da mesma freguezia. Partiu em pequeno para o Rio de Janeiro, onde se entregou á vida commercial: n'aquella cidade casou com D. Carolina Julia Ferreira Monteiro, nascida no Rio de Janeiro, filha do negociante portuguez alli residente Manuel Ferreira Gomes e de D. Lauriana Angelica da Silva Ferreira, brasileira, ambos fallecidos. Dotado de genio emprehendedor, e bafejado pela fortuna, alcançou em breves annos grande cabedal.

Tendo porém saudades da patria, regressou ao Porto, depois de percorrer a Europa em viagem de recreio, e adquirindo terrenos, e um predio já em construcção, na rua da Restauração n.os 180 a 190, aqui fixou a sua residencia, restaurando e ampliando a antiga casa, tornando-a mesmo um domicilio principesco, sem que todavia abandonasse a vida commercial. No Rio de Janeiro, rua das Violas, continua ainda o grandioso estabelecimento de Monteiro & C.ª: é a primeira casa de importação e exportação da colonia, fornecedora do exercito, do arsenal, das companhias de caminhos de ferro, etc., tendo grandes transacções com os estabelecimentos publicos e com os particulares. Durante a guerra com o Paraguay a casa Monteiro & C.ª foi quasi exclusivamente a fornecedora do exercito brasileiro. Além da casa no Rio de Janeiro, tem outra filial na cidade de Santos, Brasil. O outro socio d'esta importante casa é um irmão do sr. Monteiro.

Não nos podemos esquivar a dizer duas palavras da casa do sr. Monteiro, na rua da Restauração, que este senhor, á custa de quantiosas sommas, tem tornado talvez a mais luxuosa habitação da cidade. Prescindindo de descer a minucias, fallaremos só do que nos occorrer.

Sala de jantar. Paredes e tecto de estuque moldado, fingindo carvalho, com adornos proprios, tudo trabalho mimoso dos notaveis estucadores de Affife.

A mobilia é toda rica, e riquissimas as baichellas.

Junto á casa de jantar ha um gabinete *de café*, estylo chinez: tecto e paredes acharoados de cores vermelha e preta; mobilia no mesmo estylo; lustres e cortinas egualmente: esta salinha é um *bijou* de elegancia e bom gosto.

Sala de visitas. Magnifica; o tapete é inteiriço, de estylo Gebolin; cadeiras com estofos de desenhos variados, mesmo estylo; 3 grandes candelabros, para 66 lumes; serpentinas, jarras, duas das quaes, de vidro e bronze, custaram tres mil e tantos francos.

As decorações d'esta sala custaram ao proprietario pouco mais ou menos 15 contos de réis.

Antecedente a esta sala ha outra de espera, com mobilia de nogueira, *alta phantasia*, feita nas officinas da Agencia Commercial, importante estabelecimento do seu genero na rua de Cedofeita.

Bibliotheca. Estylo antigo, grande mesa, cadeiras, estantes de madeira preta com embutidos de massa de marfim, e mandado tudo fazer em Paris. A livraria consta principalmente de livros de edições luxuosas, e alguns classicos.

Capella. Mimosa e elegante, com o altar central, coberto por cupula sustentada por columnellos; tem abundancia de talha moderna, e alfaias condignas.

Gabinetes diversos, distinguindo-se o *toilette* para senhoras, paredes forradas no estylo dito *capitolino*.

Cosinha espaçosa, e com um grande fogão no centro, onde se póde cosinhar bem á vontade para cem pessoas.

Todas as salas, quartos, escadas, etc., á excepção da cosinha, são tapetadas.

Cocheiras — Edificio isolado e formando *pendant* com o resto. As casas para criados, na parte superior, são espaçosas e boas. Ha tambem alli um grande deposito de agua, para lavar, e até innundar, a cavallariça.

As obras não estão completas ainda; o jardim está por'ora apenas esboçado.

—

Tito (Augusto Duarte) de Noronha — nasceu em Bemfica, termo de Lisbôa, a 14 de agosto de 1834, filho de José Antonio Duarte de Noronha e de D. Marianna Camilla de Noronha. Seus paes destinavam-o á vida maritima, porém por fallecimenlo de seu tio, o almirante Antonio Manoel de Noronha (visconde de Santa Cruz) não seguiu essa carreira. Entrou para o serviço das Obras Publicas em 1856, e actualmente é do quadro legal dos conductores, e chefe da 4.ª secção das Obras Publicas do Porto, dirigindo as da nova alfandega d'esta cidade.

Tem collaborado em differentes periodicos, especialmente litterarios, desde 1851. Em 1856 publicou os *Ensaios sobre a historia da imprensa*, que mereceram justos reparos do auctor do *Diccionario bibliographico*. — Aproveitando-se da licção, absteve-se por largo periodo de apresentar a publico quaesquer trabalhos sobre bibliographia, não se esquecendo porém de cultivar este ramo de litteratura. Em 1871 publicou então dois fasciculos de *Curiosidades bibliographicas*:

I — O Cancioneiro geral de Garcia de Rezende.

II — Ordenações do reino, edições do reino.

Este ultimo trabalho provocou discussão na imprensa, o que deu motivo a nova publicação, com o mesmo titulo, mas trabalho mais amplo; é o 2.º fasciculo da *Archeologia artistica*. Em 1874 publicou:

A imprensa portugueza durante o seculo XVI — promettendo ahi dar breve á estampa os *Annaes da imprensa portugueza durante o seculo XVI*. Por estes trabalhos alcançou o diploma de socio correspondente do Instituto, e tambem ser proposto para socio da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Tem publicado mais:

I — Grammatica de Fernão de Oliveira, 2.ª edição conforme a de 1536, publicada pelo visconde d'Azevedo e Tito de Noronha. — Porto. 1871.

II — Autos de Antonio Prestes, 2.ª edição, extrahida da de 1537 — Porto. 1871.

III — Ditos da freyra, conforme a edição quinhentista — Porto. 1872.

IV — Espelho de casados, 2.ª edição conforme a de 1540, publicada por Tito de Noronha e Antonio Cabral — Porto. 1874.

Em todas estas reproducções tem escripto introducções illucidativas.

Encetou a publicação da *Numismatica portugueza*, de que sahiram já 3 fasciculos (104 pag.). N'esta publicação tem sido coadjuvado pelo sr. José do Amaral, que tem feito quasi todas as gravuras que adornam esta publicação. Alem das obras mencionadas ha a accrescentar:

I — Noites de inverno — Porto. 1867.

II — Memorias de um charuto — Porto. 1868.

III — Passeios e digressões — Porto. 1870.

São tres livros de litteratura amena, e um pouco em estylo humoristico.

—

José Pereira da Costa Cardoso, filho de Manuel José Pereira da Costa e de D. Maria Pereira Cardoso, morador na rua do Rosario, n.º 113, n'esta freguezia de Miragaya, nasceu aos 6 de outubro de 1831, na freguezia de Cedofeita d'esta cidade. Cursou na Academia Polytechnica durante os annos de 1847 a 1849 as cadeiras do 1.º e 2.º anno de mathematica e a cadeira de physica, sendo classificado em cada uma d'estas cadeiras com o primeiro premio.

Em seguida matriculou-se nas faculdades de philosophia e mathematica da Universidade de Coimbra, concluindo em julho de 1855 o curso d'estas duas faculdades, na ultima das quaes recebeu o grau de doutor em julho de 1857, havendo sido contemplado durante todos os annos da formatura com o primeiro premio, e sendo por occasião do doutoramento com informações das mais distinctas que a faculdade de mathematica tinha conferido até áquella epocha.

Nos fins do anno de 1855, e sendo ape-

nas bacharel formado, foi convidado pela faculdade de mathematica para exercer as funcções de ajudante do observatorio astronomico, cargo que sempre desempenhou até ser nomeado substituto extraordinario da mesma faculdade em 3 de julho de 1861 e depois substituto ordinario em 12 de julho de 1866, tendo collaborado sempre durante este periodo nas *Ephemerides* que são publicadas pelo mesmo observatorio.

No mesmo anno de 1865 foi nomeado membro do instituto de Coimbra, e no anno seguinte foi eleito secretario do mesmo instituto e da classe das sciencias physico-mathematicas.

Em 5 de fevereiro de 1864 foi-lhe dada a commissão, da regencia de uma cadeira de mathematica, na Academia Polythecnica do Porto, sendo definitivamente transferido para este instituto em 14 de abril de 1869, a requerimento do conselho escolar.

Foi nomeado commissario dos estudos do districto do Porto e reitor do lyceu nacional da mesma cidade em 30 de setembro de 1868,—funcções que exerceu até 30 de março de 1871, épocha em que foi demittido, em virtude de uma energica representação que o conselho do lyceu, *debaixo da sua presidencia, e por iniciativa sua,* dirigiu ás côrtes contra a reforma e organisação do ensino secundario, que então se decretára, e que mais tarde a experiencia demonstrou ser inconveniente.

Casou em primeiras nupcias a 5 de dezembro de 1862 com a sr.ª D. Amelia Augusta Cabral, filha do commendador Antonio José Cabral, e d'este consorcio houve duas filhas, Amelia e Emilia, das quaes a primeira é já fallecida; e em segundas nupcias com sua cunhada D. Emilia Rosa Cabral, a 19 de agosto de 1868.

É um dos quarenta maiores contribuintes do bairro occidental,—senhor de avultada fortuna, e pessoa de muita illustração e muito merecimento.

Judeus

No antigo Porto, houve tambem uma colonia judaica, ou judearia. A sua synagoga era, pouco mais ou menos, em o local em que depois se fundou a egreja e convento de S. Bento da Victoria, segundo se deprehende de uma lapide commemorativa, existente sobre a portaria :

Lux fuerat sedes tenebrarum est regia solis:
Expulsis tenebris sol Benedictus ovat.

Este convento foi fundado em 1598 : ainda como recordação do templo judaico, existem hoje as *Escadas da Esnoga* (synagoga), que principiam na rua de Belmonte, e levam até o alto da Bateria da Victoria, sitio proximo d'aquelle em que se diz existira a synagoga, e que para ella davam serventia pelo monte do lado do Sul. Ha porém a notar, que a synagoga ficava intra-muros da cidade, e proximo da muralha occidental, sendo de presumir que a povoação judaica se agglomerasse em torno do seu templo.

Encostado porém á muralha, d'este lado, e descendo pela encosta, até ao rio Frio e proximidades da capella do Espirito Santo, de Miragaya, existia o cemiterio dos judeus e ahi proximo, mas passando o dito rio, havia, e ainda hoje ha, o sitio denominado *Monte dos judeus*, hoje com casarias, e tambem as *Escadas dos judeus*, que dão accesso da praia para o citado monte.

Estas escadas, em lanços, são marginadas de casas, com suas bitesgas nos patamares, e parece terem constituido uma povoação. Seria aqui, e proximo ao cemiterio, que os judeus se estabeleceriam, por se verem apertados pelas muralhas da cidade, não podendo dilatar para o oriente da sua synagoga a sua povoação?

É muito provavel, por quanto a cidade enfeudada aos bispos, era naturalmente pouco tolerante, em quanto o burgo de Miragaya, era habitado no geral por mareantes, homens de mar, habituados a viverem com gentes de varias crenças e costumes, e d'esta convivencia resultava a tolerancia para com os estrangeiros.

Seja porém como fôr, é certo que em Miragava haveria povoação judaica, visto que o cemiterio estava extra-muros da cidade, e os judeus, como todos os povos do oriente,

prestam grande respeito ás cinzas dos seus maiores, não se enojando de viver junto d'ellas.

Da existencia do cemiterio dos judeus existe na camara municipal, um documento (pelo menos), que o attesta, e que transcrevemos para se d'elle não perder a memoria.

«Certifico em como no Archivo da dita Excellentissima Camara (do Porto), existe o Livro de Cobrança de foros, e no mesmo se acha o assento pedido por certidão no requerimento rètro, do qual o seu theor é o seguinte:—Rua de Sam Pedro de Miragaya. Verba numero dous mil e sessenta e oito. Casa numero vinte e tres, ou porta da quinta, de Dona Anna Joaquina Maia, Viuva de Antonio Maia, paga de foro duzentos e quarenta réis.—Esta propriedade juntamente com os predios contiguos para o sul, constantes das cinco seguintes verbas, se acha tudo edificado na terra de um praso da Municipalidade, feito pela mesma a Gomes Pires, sobrinho de Maen Cerveira, e sua mulher Leonor Eanes, com meio maravidi de foro (hoje o valor dos duzentos e quarenta reis) e terreno que se estendia pelo monte acima, a confrontar com o *Jazigo dos Judeus*, do Norte com a Calçada das Virtudes, e do Sul com differentes predios, em 22 de abril de 1452. Livro quarto de Pergaminhos a folhas quarenta e quatro. Em 1863 de José Domingues Simões. E outro sim certifico que o numero da casa que se acha no assento rètro é anterior á nova numeração dos predios. O referido passa na verdade em fé etc. Porto e Paços do Concelho 20 de outubro de 1871. E eu Antonio Augusto Alves de Sousa Escrivão subscrevi e assigno etc.—»

Esta certidão foi passada por motivo de um requerimento dos herdeiros de José Domingues Simões.

Para corroborar a opinião de que em Miragaya houve bairro judaico, ha ainda a notar que da certidão transcripta se trata de um Gomes Pires, sobrinho de *Maen* Cerveira, que provavelmente era homem notavel, visto que n'uma transacção feita pelo sobrinho se lhe menciona o nome, como de pessoa sobejamente conhecida. Maen é nome rabinico. Abstrahindo de outras provas, não padece duvida que aqui houvesse povoação judaica, porque não é provavel que um judeu aforasse terrenos á camara, extramuros da cidade, e em 1452, se perto d'elles não houvesse povoação dos da sua raça.

A intolerancia religiosa de D. Manuel, ou dos seus conselheiros, produziu porém o famoso edicto de 1496, pelo qual os judeus foram expulsos do reino, ou reduzidos ao christianismo; e a lei de 1507, do mesmo rei, acabou com todos o privilegios ou distincções da raça judaica, a qual se confundiu com o resto da população. Apesar porém de tão desvairados acontecimentos e de tantos annos decorrerem já, ainda permanece como testemunho de existencia da raça proscripta, o *Monte dos Judeus* e as *Escadas* dos mesmos. Vide no fim d'este artigo a *inscripção judaica.*

—

Rua Nova da Alfandega

A nova alfandega, construida na praia de Miragaya, reclamava uma communicação facil e condigna da grandiosidade do edificio; houve differentes alvitres, pensando-se em communical-a pela parte baixa da cidade, posta já em contacto facil pela rua de S. João ou de Ferreira Borges; e tambem se pensou em abrir uma nova rua por detraz de Monchique a entroncar na Restauração (calçada de Monchique, rua de Sobre-o-Douro). Prevaleceu porém o primeiro alvitre, adoptando-se o projecto, em verdade arrojado, e que se levou já a seu termo.

A nova rua, parte da dos inglezes, e fazendo uma curva defronte do antigo convento de S. Francisco, corre depois um alinhamento parallelo á alfandega, entroncando com a rua marginal de Miragaya.

A construcção foi feita a expensas do municipio, que já gastou com ella 318:519$733 réis, a maior parte absorvidos em expropriações. (Abril de 1875).

Com a abertura da nova rua desappareceu o bairro dos Banhos, um dos mais immundos da cidade, a Porta Nobre, o postigo dos Banhos, a maior parte da rua de

Cima do Muro e uma parte da da Reboleira.

A rua está ao abrigo das cheias e absorveu enorme volume de terras, pela maior parte extrahidas do córte feito para o alargamento da rua de Ferreira Borges.

A porção construida pela camara é desde a rua dos Inglezes até um pouco adiante da antiga Porta Nobre. Não está empedrada ainda, havendo, porém, já em deposito grande porção de parallelipipedos (pedra de esteio, de Canellas).

Na parte direita da rua estão-se construindo já novos predios, subordinados na fachada a um typo apresentado pela camara.

—

Convento de Monchique

Este convento de religiosos da Ordem de S. Francisco, e da invocação da Madre de Deus, foi fundado em 1575 por D. Pedro da Cunha e D. Beatriz de Vilhena.

Assenta a sua fabrica em terreno desegual entre a margem do rio Douro e a encosta sobre que está engatada hoje a rua da Restauração.

O accesso para o convento era pela calçada de Monchique, no fim da rua da Bandeirinha.

Em tempo de Agostinho Rebello da Costa, tinha 70 religiosas professas, muitas seculares, e o numero de serventes excedia a 100.

Da edificação primittiva existiam (em dezembro de 1874) uma claustra e a capellinha do lado oriental do edificio.

A egreja, apesar dos seus arcos ogivaes, é de fabrica posterior.

A capellinha está hoje quasi em terra, e a egreja converteram-na em serralheria.

Na claustra e capella encontravam-se os celebres azulejos moldados, opulenta producção da ceramica do seculo XVI.

No fecho da capella (hoje demolida) encontrava-se um escudo de armas esquartelado, tendo no 1.° e 3.° quarteis, as armas do fundador (Coutinhos e Cunhas) e no 2.° e 4.° as de sua esposa. Este mesmo escudo se encontra ainda sobre o arco interior da entrada, bem como sobre a porta da antiga egreja, e que deita para o pateo.

Dá-se a coincidencia de na casa das Sereias, d'aqui bem perto, e que pertence aos Porto-Carreros, se encontrar n'um dos escudos de armas, dois quarteis identicos (Coutinhos e Cunhas).

A porta da egreja que deita para o pateo é de fórma circular, com seus lavores e medalhões, um em cada flanco, representando homem e mulher, talvez os fundadores.

Por cima da archivolta existe ainda um outro medalhão, com as armas pontificaes (as chaves postas em aspa, sobrepujadas pela triplice corôa) e em volta a inscripção—*Sacrosantæ lateranensis ecclesiæ*.

Apesar da portaria accusar vetustez, parece ser a sua construcção posterior á da egreja, o que manifestamente se reconhece pela diversidade da architectura, que não prima pela correcção do estylo.

Ainda superiormente á portaria e medalhões existe um nicho envidraçado na frente, com uma Senhora da Conceição, de pedra. Na peanha tem a data de—1828.—É imagem de devoção, e ainda ha poucos dias (em março de 1875) uma senhora, desconhecida, trajando de preto, ajoelhou sobre as lagens do pateo e por largo periodo se entregou a devotas orações. Apesar de ha mais de 40 annos ter sido profanada a egreja, e o edificio ter passado por diversas phases, a Senhora da Conceição conservou-se no seu nicho, e os devotos, moradores no convento, e de fóra mesmo, não deixaram de allumial-a. Hoje, que o edificio passou a propriedade particular, ainda amiudadas vezes um lampeão allumia á custa dos devotos a veneranda da imagem.

N'este convento viveu, e foi sepultada n'uma das claustras, a madre Leocadia da Conceição, que morreu em fama de santidade. Nasceu em 1596, em Freixo de Espada á Cinta, entrou para a religião da edade de 14 annos, e falleceu n'este convento no dia 1 de dezembro de 1686, pelas 8 horas da noite. Contava, portanto, esta virtuosa esposa do Senhor, noventa annos e alguns dias de edade.

Nuno Barreto Fuzeiro escreveu a *Vida da Madre Leocadia*, obra offerecida a el-rei D. Pedro II.

Ignoramos se se chegou á imprimir. O padre frei Francisco de Araceoli, religioso franciscano, publicou a *Norma viva de religiosas. Tratado historico*, etc., *em que se descreve a vida e acções da serva de Deus, Madre Leocadia da Conceição, religiosa no recoleto convento de Monchique*—Lisboa, 1708.

Modernamente publicou-se a *Vida, milagres, prophecias e visões da Madre Leocadia da Conceição, por uma religiosa que foi do mesmo convento.*—Porto, 1870. No principio da obra diz a auctora que a começou a escrever a 29 de julho de 1686, isto é, ainda em vida da biographada.

—

Pela extincção das ordens monasticas foi o convento de Monchique encorporado nos bens da corôa. Esteve aqui estabelecido o arsenal militar; depois, em 1846–47 n'elle esteve estabelecida a fabrica de moeda do governo, dito da junta do Porto, e aqui se cunharam os celebres *patacos* que ainda hoje abundantemente apparecem no commercio. São os carimbados.

Esta especie de moeda, e de outras quaesquer mandadas cunhar pela junta, foi por decreto de 16 de maio de 1847 considerada como illegal, ou *moeda falsa*.

Finda a lucta civil, foram os patacos mandados recolher ao Governo Civil, para serem legalisados pelo carimbo (*G. C. P.*—governo civil do Porto.)

Apresentaram-se para receber carimbo 220:556 patacos, dos quaes se inutilisaram 1137. Sem carimbo ficaram apenas 678 patacos, visto que o numero d'elles feito pela junta foi, segundo as informações, de 221:244 isto é, 8:849$760 réis, que pesavam perto de 7:200 kilogrammas.

No convento de Monchique tambem esteve estabelecido o deposito do trem militar, e o da polvora; e a repartição das obras da alfandega, e armazens de ferramentas e de pozzolana. Em a parte do edificio que estava a cargo do ministerio da guerra (lado do sul, sobre o grande refeitorio) estava um emblema bellico, pintado sobre madeira, com a seguinte legenda:

Unita armorum virtus portios agitet

A parte do edificio que não estava entregue aos ministerios da guerra e obras publicas, era administrada pelo do reino, e pertencia ao da fazenda. Estava arrendada, bem como as cêrcas, a differentes por bem pouco preço (menos, tudo, de 200$000 réis) e não merecia mais, porque só uma parte da casa estava habitada.

A egreja tinha muita obra de talha, parte da qual foi para a nova egreja de S. Mamede de Infesta, para a de S. Pedro de Miragaya, e ainda em 1874 um magnifico altar foi cedido para o novo hospital de D. Pedro V.

A cêrca era em differentes planos, communicados entre si por escadarias. No recinto do edificio havia tres tanques com seus repuchos e bacias; um na claustra pequena, que era a mais antiga, junto á capellinha; outro na grande claustra, e outro no espaçoso pateo da entrada, todo lageado, com 16,8m de largo, por 44,7 de comprido. Nas cêrcas havia ainda differentes cascatas, com suas figuras e azulejos, o que tudo com o correr dos annos foi cahindo em ruinas.

Parte das aguas que serviam estas fontes e cascatas foi encanada para a nova alfandega; o resto foi vendido junto com os lotes n.os 1 e 2. O refeitorio, ainda hoje bem conservado, é magnifico. É todo de abbobada, sustentado por columnas de granito, e tem perto de 40 metros de comprido.

Por differentes vezes foi este vasto edificio posto em praça, mas o preço por que primitivamente o louvaram (128:000$000 rs. salvo erro) não desafiou a ganancia dos capitalistas. Em 1874 voltou novamente á praça, dividido em 5 lotes.

O lote n.º 2 foi arrematado por William Wawke; os outros voltaram de novo á praça, com abatimento da quinta parte, e foram arrematados os n.os 1 e 5 por Clemente Joaquim da Fonseca Guimarães Menezes e Norberto José da Silva Coelho; e os n.os 2 e 3 por Henry Burnay. Posteriormente Nor-

berto Coelho transferiu a sua parte a Clemente Menezes. Não rendeu tudo 30 contos!

O convento confinava, do norte, com a rua de Sobre-o-Douro, do Sul, com a de Miragaya; de nascente, com a calçada de Monchique, e do poente com os armazens do Saavedra.

Paredão das Virtudes

Na parte NE da freguezia de Miragaya, e quasi no seu limite existe o *Paredão das Virtudes*, que supporta o passeio assim chamado. O paredão actual tem, do lado do norte, 17,40 metros, do sul, 8,00 metros, e de comprido 92,50. O passeio que lhe fica superior, e deita para a rua dos Fogueteiros, tem do lado do norte 20,90 e do sul 6,00, isto é, uma superficie de 1.144 metros quadrados. É gradeado, assentando a grade sobre um sóco de cantaria. Do lado que deita para o valle ha tambem uma grade, mandada fazer pelo municipio, para evitar os suicidios. Effectivamente d'aqui se deitaram alguns loucos e desvairados assassinos de si mesmos. O passeio das Virtudes é adornado com algumas arvores, e d'elle se gosa esplendida vista, do rio até á barra e ainda se alcança uma porção do Oceano, bem como parte da baixa da cidade; e o Candal, que é um dos sitios mais bellos da margem esquerda do Douro.

O sitio onde hoje assenta o passeio e paredão das Virtudes, no sopé do qual está a fonte que lhe deu o nome, bem como a encosta até á ravina do ribeiro Frio, foi primitivamente terreno ermo e baldio, fóra dos muros da cidade, e entre ella e o burgo de Miragaya. Os judeus, que tinham a sua sinagoga no sitio pouco mais ou menos em que hoje está assente a egreja da Victoria, ahi faziam os seus enterramentos, no monte que por então se denominou *jazigo dos judeus*. Quando estes foram expulsos do reino, fins do seculo XV, ou posteriormente, o plató do monte foi alindado, constituindo um passeio, agradavel pela excellencia dos seus horizontes. Em 1788 construiu-se um paredão, a instancias de Rodrigo Antonio d'Abreu Lima, inspector da marinha do Douro, administrador dos postos seccos das tres provincias do norte, e juiz da alfandega, o qual, segundo diz Agostinho Rebello, compelliu o senado da camara a construir esta obra. Succedeu porém que a edificação se foi a baixo, devendo-se a reconstrucção do paredão actual ao grande e benemerito magistrado Francisco de Almada e Mendonça, o homem que se aventurou a fazer do Porto gothico uma cidade moderna, e que, se o não conseguiu completamente, por ser colhido pela morte, abriu campo e ensinou o caminho a futuros emprehendedores.

Para que se não perca a memoria de tão benemerito portuguez, aqui archivâmos alguns traços biographicos, como culto e homenagem á sua memoria.

Francisco d'Almada e Mendonça, que foi commendador da ordem de Christo, moço fidalgo com exercicio na casa real, do conselho de sua magestade, e seu desembargador do paço, primeiro senhor donatario da villa de Ponte da Barca, primeiro alcaide-mór de Marialva, corregedor e provedor da comarca do Porto, presidente do cofre da mesma cidade, intendente da marinha, presidente da junta administrativa da fazenda e arsenal, superintendente da alfandega, do tabaco e saboarias, conservador do juizo do sal, e das commendas, juiz do subsidio litterario, das moedas, dos contrabandos, e dos processos de policia, inspector das obras publicas nas tres provincias do norte, e juiz geral das coutadas do reino,—nasceu no concelho dos Olivaes a 30 de fevereiro de 1757. Foram seus paes João d'Almada e Mello, tenente general dos reaes exercitos, etc., e de D. Anna Joaquina de Lancastre. Francisco d'Almada veiu creança, em companhia de seu pae, para o Porto, e no collegio de S. Lourenço começou os seus primeiros rudimentos. Passou depois a cursar a universidade de Coimbra, onde tomou capello nas faculdades juridicas, em 9 de março de 1783. Em 29 de maio do anno seguinte foi nomeado corregedor e provedor da comarca do Porto, cargo que exerceu até á sua morte. Casou, em 26 de dezembro de 1791, com D. Antonia Magdalena de Quadros e Souza, de quem houve um filho, João de Almada Quadros de Sousa Lencastre, pri-

meiro barão de Tavarede (1804), e depois primeiro conde do mesmo titulo (1848); e uma filha, que casou com o morgado da Roliça. O actual conde (4.º) de Tavarede, é bisneto de Francisco d'Almada.

Reservando-nos para occasião mais adquada (art. *Porto*) para mencionar o muito que a cidade deve ao seu corregedor, limitar-nos-hemos por agora a mencionar que o grande funccionario que por mais de vinte annos administrou as rendas da cidade, e que teve grande preponderancia no animo do monarcha — morreu pobre, sendo o seu funeral feito a expensas de alguns seus amigos e admiradores.

Francisco de Almada falleceu aos 18 de agosto de 1804; o seu cadaver foi depositado na Casa-Pia (hoje governo civil), e de lá transportado para a egreja da Santa Casa da Misericordia, de que fôra provedor desde 1794 até á data do seu fallecimento. Ahi se lhe deu sepultura na capella-mór. O seu cadaver foi depois transportado para o cemiterio do Prado do Repouso, onde hoje se conserva, proximo á entrada sul e defronte da porta da capella, em campa raza, com uma singela cabeceira erguida, na qual se lê a inscripção seguinte:

FRANCISCO D'ALMADA
E MENDONÇA.
NASCEU
EM 30 DE FEVEREIRO
DE 1757,
MORREU
EM 18 DE AGOSTO
DE 1804.
PARA AQUI
TRESLADADO EM
1 DE DEZEM-
BRO DE
1839

O estrangeiro que entrar no cemiterio, e deparar com aquella pedra rectangular, apenas resguardada por modesta grade, mal julgará que alli repousam as cinzas do homem a quem o Porto mais deve na epocha moderna.

—

Edificios mais notaveis de Miragaya

Os edificios mais notaveis que ha hoje n'esta freguezia são a nova alfandega, o Hospital Real da Misericordia, o extincto convento da Madre de Deus de Monchique, o palacio real, que foi dos Carrancas, na rua do Triumpho, a praça (ou palacio) do peixe, o palacio das Sereias, na Bandeirinha, o palacete da sr.ª D. Camilla Ribeiro de Faria, na rua do Rosario, o do sr. visconde de Villarinho de S. Romão, na travessa do Carregal, e a casa do rico negociante e capitalista o sr. Antonio da Silva Monteiro na rua da Restauração, hoje a casa mais luxuosa do Porto, como já dissémos.

E ha na parte baixa da freguezia, bairro de Miragaya propriamente dito, antiga *Cale* dos romanos, ao N. do Douro, casas dignas de menção pela antiguidade que revelam, taes são a casa n.º 6, do largo de S. Pedro, com o seu patim de columnas, carrancas e lavores exoticos, e a casa dita da Fonte da Colher (na rua de Miragaya, n.º 161) por estar encostada a ella aquella fonte.

É uma casa velhissima e bastante grande, toda a desfazer-se, e a esboroar-se, com as paredes já fendidas e mal seguras com gatos de ferro.

Nem se sabe quem é o seu dono, porque ha muitos annos foi abandonada por dividas, de que era hypotheca, á irmandade dos clerigos, e esta a arrenda como póde, estando actualmente occupada por uma *colonia* de infelizes, attrahidos pela barateza do aluguel—nada menos de 13 familias.

—

Houve tambem na rua Armenia uma casa antiquissima, que foi demolida aproximadamente em 1815, pelo capitão Antonio José Borges, de quem fallámos, quando alli mandou fazer os grandes armazens (com os n.ºs 62 a 84) para vinhos e cereaes, no fundo do chão onde tinha a sua padaria.

Denominava-se aquella casa—o Paço—e dizia-se que n'ella viveu um dos bispos armenios, que vieram de Constantinopola com o corpo de S. Pantaleão; e que, por fixarem residencia n'esta rua, ella tomára o nome de *rua dos Armenios* ou *Armenia*.

Quando aquella casa foi demolida, já estava em ruinas, mas ainda revelava tal ou qual grandesa preterita; pois era toda forrada a azulejos exteriormente, e em grande

parte interiormente tambem, e tinha sacadas e peitoris.

—

Foram tambem antiquissimas as casas do Forno Velho, rua da Munhota, proximidades da Fonte da Rata e da Porta Nobre, demolidas ainda em 1871 a 1872;—a casa dos *Curas*, no largo de S. Pedro, n.º 14;—a casa dos *Bancos*, no mesmo largo, n.º 13,—e as do hospital ou albergaria do *Santo Spirito*, evidentemente principiadas antes de 1443.

Revelam tambem ainda muita antiguidade a maior parte das casas da rua de Rio Frio, (hoje rua de S. Pedro), rua da Atafona, rua Ancira, viella da Baleia, rua Armenia, travessas da rua de Miragaya, ilha do Ferro, rua dos Armazens, Cidral de Baixo e Cidral de Cima, rua do Monte dos Judeus, Escadas do Monte dos Judeus, nomeadamente a casa que n'estas escadas tem o n.º 31, pois, na padieira da porta de entrada se encontra a inscripção seguinte:

:ZS: DE: IVLHO: ISS8:

(15 de julho de 1558.)

—

Fontes publicas

Ha n'esta freguezia de Miragaya seis fontes publicas. Mencionaremos em primeiro logar a das Virtudes, pela sua antiguidade, pois já d'esta fonte tomou o nome uma das portas das ultimas muralhas, que abrigaram o Porto, desde a Porta de Carros até á do Olival, e d'alli, pelas Taipas e porta das Virtudes, até á Porta Nobre.

Merece tambem o primeiro logar esta fonte pela sua imponencia architectonica, pois como já escreveu Agostinho Rebello da Costa, na sua curiosa *Descripção do Porto* (pag. 32):

«Compõe-se esta fonte de um alto frontespicio adornado de antigas pyramides. e firmado em bancos de pedra que o rodeiam. A copiosa agua que sahe d'ella por duas carrancas giganteseas, lavradas na mesma pedra, encheem um minuto o maior cantaro.

«Ao seu lado estão dois profundos tanques, em que diariamente lavam roupa de vinte a trinta lavadeiras.

«Em uma lamina de marmore vermelho tem gravados estes versos:

«*Fons scatet illustri virtutum nomine dictus:*
«*Qui sitit, has lymphas absque timore bibat.*
«*Ante cavernoso de pumice degener ibat:*
«*Obstabant pigra limus et umbra mora.*
«*Publica conspicuas expensa duxit in auras,*
«*Utque loco flueret commodiore dedit.*
«*Inde viam stravit, dejecitque ordine sedes,*
«*Gratiatam gratis maior ut esset aquis.*»

ANNO M-D CXIX

(1619)

Em linguagem vulgar dizem estes formosos versos o seguinte:

Aqui flue abundante a fonte dita das Virtudes: quem tiver sede já póde beber sem receio.

Estas aguas nasciam de uns penedos cavernosos, e andavam por aqui perdidas em charcos immundos e sombrios. A camara municipal as expoz, como vedes, fazendo esta magestosa fabrica, e, para lhe dar maior realce, abriu esta estrada e fez estes assentos. No anno de 1619.

Fica este chafariz voltado ao sul, ao fundo da calçada das Virtudes, e junto á extremidade noroeste do paredão de supporte do Passeio das Virtudes. Não tem ainda hoje o Porto fonte publica mais apparatosa, pois mede a fabrica 11,m05 de largo, e 13,m09 de altura, desde o bordo do antigo tanque. O corpo central, sobre que assenta a volta do circulo, tem de largo 5,m41, até ao ponto culminante da fachada.

Causa porém dó ver uma obra de tanto preço votada ao abandono, pois ha muito que o publico não faz uso da agua d'esta fonte, preferindo, por maior commodidade a do proximo chafariz das Taipas; e mesmo porque a do chafariz das Virtudes era mal saborosa. E como o sitio era baixo, ha muito que o vão do tanque se acha entulhado

quasi até ás bicas d'onde ainda corre agua, mas em pequena quantidade, pelas taes *carrancas gigantescas*; lá se conservam porém ainda, em um plano um pouco inferior, os dois tanques das lavadeiras, augmentando progressivamente o numero d'estas com o desenvolvimento da cidade.

Depois dos das Fontainhas, são estes os lavadouros publicos de mais movimento que ha hoje no Porto.

O chafariz das Virtudes termina em uma fracção de circulo, interceptado pelas armas reaes, com 5 chagas e 7 castellos; e entre estas armas e a inscripção, tem 2 castellos em meio relevo, divididos por um nicho onde esteve a imagem da Virgem, representando com os ditos castellos as armas da cidade.

Era aquella imagem, de pedra, e o povo lhe dava a invocação de—*Senhora das Virtudes*.

—

Vê-se tambem ainda junto á nova alfandega, encostada á casa n.º 161, da rua de Miragaya, a Fonte da Colher, mencionada por Agostinho Rebello da Costa, a pag. 35; mas, com as obras da nova alfandega, ficou inutilisada.

A fabrica d'esta fonte era humilde, mas muito antiga, e n'ella se vê ainda a inscripção seguinte em caracteres salientes, gravados na pedra e bem legiveis, apesar das abreviaturas e de estarem alguns mettidos dentro d'outros:

Louvado seja o Santissimo Sacramento e a purissima Conceição da Virgem Nossa Senhora, concebida sem peccado original.

1629

—

A agua d'esta Fonte é sómente da Sidade.

Esta ultima parte da inscripção está destacada da primeira, em um plano inferior, e caracteres muito differentes. Não tem data, mas com certeza é mais recente, e diz-se que foi alli mandada gravar pela camara, quando, em épocas remotas, os donos da casa em cuja frente se acha esta fonte, quizeram apropriar-se d'ella.

Ha hoje tambem, encostado ao muro de supporte da rua da nova alfandega, e voltado para a travessa de S. Pedro e rua de Miragaya, um chafariz com um tanque e duas bicas, mandado fazer pela camara municipal, no anno de 1868, como diz a laconica inscripção, que tem o meio da fachada:

UTILIDADE PUBLICA

1 DE FEVEREIRO DE 1868

—

Ha ainda outro chafariz, com um tanque e duas bicas, na rua do Triumpho, encostado á parede do quartel militar, dentro da circumscripção d'esta freguezia de Miragaya.

—

Ha outro ainda na praça do Duque de Beja (antiga rua do Paço) lado do norte.

Tinha só uma bica e um pequeno tanque; como ficasse muito assoberbado com o alteamento da rua, a camara o mandou vedar com uma porta de ferro, mesmo porque esta agua era salobra.

—

Com as expropriações que se fizeram para a nova alfandega, demolindo-se as casas ditas *segundos cobertos*, da rua de Miragaya, desde a Fonte da Colher até á casa n.º 190, ficou a descoberto uma pequena bica de agua potavel, brotando da rocha, no fundo das escadas por onde se desce da Bandeirinha e palacio das Sereias para a alfandega, e junto á estação telegraphica. É muito concorrida esta humilde fonte.

—

Ha outro chafariz publico sobre o largo de S. Pedro, junto á egreja de Miragaya, na frente da casa que foi mandada fazer pelo capitão Antonio José Borges (como dissemos) na entrada da rua de S. Pedro.

É um chafariz singelo, com uma só bica e um pequeno tanque.

—

Houve tambem n'esta freguezia, como dissémos, uma fonte antiquissima, denominada—Fonte do Touro,—entre a rua Direita, ou rua de Miragaya, e a rua de Traz, ou rua Armenia, em frente da casa que hoje

n'esta rua tem os numeros 36 e 38, ou antes 42 e 44.

Esta fonte foi absorvida pela casa onde esteve ainda em 1872 a Intendencia da Marinha, na rua de Miragaya, n.º 23,—casa que foi em 1874 expropriada e demolida pela camara municipal, para complemento da rua da nova alfandega.

—

Houve tambem n'esta freguezia (até 1841) intra muros, na rua da Porta Nobre, ou dos Banhos, junto á celebre Munhota, a antiquissima—*Fonte da Rata.*

Desappareceu com o Forno Velho, Porta Nobre, rua de Sobre o Muro, etc., quando se fez a rua da nova alfandega.

—

Ha ainda na rua Armenia outra fonte publica, denominada—*Fonte do Borges,*—por estar na frente, e a meio dos grandes armazens que alli mandou fazer o capitão Antonio José Borges (n.ºs 62 a 84).

É uma fonte singelissima e de agua salobra.

Alfandega

A alfandega do Porto, como estabelecimento do estado, foi creada no reinado de D. Affonso III, durante as luctas que este monarcha teve com o bispo D. Pedro Affonso; até então os direitos dos generos entrados e sahidos pela barra, pertenciam aos bispos, que eram senhores do Porto e seu burgo, por doação feita por D. Thereza, ao bispo D. Hugo. D. Affonso III mandou construir o *almazem,* onde poz juiz de sua nomeação, para o despacho, sem audiencia do official do bispo, o que levou D. Pedro Affonso, por estes e outros suppostos esbulhos do seu senhorio, a renovar a excommunhão imposta ao rei, e acolher-se a Castella.

Em 1406 D. João I e o bispo do Porto, D. Gil, assignaram termo de concordata, pela qual, entre outros direitos, o bispo cedeu o da alfandega, mediante certas indemnisações accordadas entre elles.

A alfandega velha (primitiva?) que pertencêra aos bispos, estava situada na rua de seu nome, na margem do rio, no sitio da Reboleira; a rua da Alfandega é hoje uma viella estreita e curta, que deita, pelo sul, para o largo do Terreiro (ou Terreirinho) que defronta com o rio; e do norte com a rua dos Inglezes. O edificio ainda existe, como pertença da alfandega, e tornou-se notavel pela sua *porta falsa.* A tal porta falsa é a que deita para a rua dos Inglezes, e deu causa a differentes boatos, de que nos abstemos de apreciar a veracidade, mas que certamente eram exaggerados. Até se escreveu um poema—*Os ratos da alfandega!* Questão de má lingua...

O edificio é estreito e acanhado; sobre as suas duas portas conserva ainda a corôa aberta. Com o andar dos tempos, reconheceu-se a insufficiencia do edificio, e preciso foi procurar novo recinto.

Ainda em época mui proxima (D. Maria I) o governo, entendendo que o edificio da alfandega era pequeno, *convidou* a companhia dos vinhos a despejar os armazens ditos do Saavedra, e lá se estabeleceu. Foi uma expropriação por utilidade aduaneira, sem previo processo, nem audiencia das partes.

Quem perdeu porém foi a companhia, porquanto ao proprietario foi estipulada renda avantajada (recebia ainda ha pouco 5.000$000 réis annuaes.)

Apesar porém da amplitude dos armazens do Saavedra, e de outros annexos, e ainda do armazem dito das Freiras, que era pertença do convento de Monchique e que pela extincção das ordens monasticas passou a ser pertença do estado, a alfandega estava disseminada por differentes partes, inclusivé pela alfandega velha, aonde ainda hoje se arrecadam generos. Reconhecia-se a urgencia de construir edificio proprio, mas havia difficuldade em obter logar amplo. Houve até o alvitre de se construir a nova edificação junto ao antigo edificio, sendo porém preciso arrazar as casas desde a parte sul da rua dos Inglezes, occidental da de S. João, até ao rio, não sendo ainda assim o espaço grande.

O receio de custosas expropriações obrigou porém a abandonar este alvitre, e á falta de melhor local, voltou-se a attenção para a praia de Miragaya, que apresentava,

relativamente, longa superficie, e onde as expropriações, pela insignificancia dos predios, promettiam não ser muito quantiosas.

Antes porém de tratarmos da nova alfandega, digamos ainda algumas palavras que occorrem á proposito d'este estabelecimento em tempos que já vão longe.

Quaes fossem os primitivos direitos que o representante da corôa recebia, não o podémos averiguar. No foral dado ao Porto, por D. Manuel (20 de junho de 1517), no paragrapho *Alfandega,* diz-se o seguinte:

«Item: De todas mercadorias, e cousas, que vierem polla Foz da dita Cidade, do Doyro de qualquer parte, que seja, assi do Regno, como de fora delle, se pagará a Dizima a Nós, e á Coroa de nossos Regnos emteiramente, tirando estas cousas seguintes, a saber: Madeira, Pez, Breu, Rezina, Vinho, Pelles Cabruas, ou Pescado seco trazido per Mercadores, ou Pescados comprados de fora, das quaaes cousas pagavam aa Igreja os dez por milheiro como das outras no Titulo da Portagem decraradas.»

Era um imposto de 10 p. c. *ad valorem* para a corôa, e mais um addicional de 1 p. c. para o bispo. O logar de desembarque ou *quadro da alfandega,* segundo o paragrapho *Emtrada per rio,* do mesmo foral, era desde a «Praya da dita Cidade des da Porta do Mar ou Postigo, athee o canto, que chamam Caza do Laranjo».

O quadro é hoje pouco mais ou menos o mesmo, e quasi todo dentro dos limites de Miragaya.

Dos direitos da alfandega pagavam-se, aos quarteis, os *bons ordenados* (segundo diz Antonio d'Oliveira Freire, *Descripção corographica de Portugal*) e propinas ás justiças do Porto, compostas de chanceller, juiz da corôa, dezembargadores dos aggravos, (oito) corregedores do crime e civel, dezembargadores, extravagantes (oito), com muitos escrivães, porteiros, procuradores, contadores, meirinhos, distribuidores, sollicitadores e guardas. É muito de presumir que os direitos reaes fossem absorvidos por esta magna caterva de *dignidades,* com e sem béca.

O novo edificio foi construido, como fica dito, na praia de Miragaya, junto ao rio, e proximo da egreja parochial.

A faxada principal, que olha para o rio, dista da aresta do caes, 10 metros.

O edificio propriamente dito, foi levantado na conjuncção do rio Frio com o Douro, do que resultou alguma difficuldade e custo nos alicerces.

É dividido o edificio em tres corpos, com 220 metros de extensão, havendo já do lado occidental um armazem accessorio, que mede 384 metros quadrados, e destinado a materias inflammaveis. Na parte oriental ha a construir outro armazem identico.

Os trés corpos principaes, armazem da direita, corpo central e armazem da esquerda, têem 53 metros de fundo, os armazens, e 68 o corpo central.

Em cada um dos corpos lateraes, ha um armazem subterraneo, de abobada, sustentado por 72 pilares de cantaria, e que mede 2050 metros quadrados. Os corpos lateraes, além dos subterraneos, têem tres pavimentos, sendo os primeiros e segundos sustentados cada um por 98 columnas de ferro; o terceiro pavimento não tem columnas, sendo a cobertura sustentada por uma armação de ferro, singela e elegante.

A superficie dos armazens superiores é igual á dos outros, acrescendo a dos armazens de entrada, que mede cada um 410 metros quadrados.

A cobertura do armazem da direita é de ferro zincado; mas reconhecendo-se que este systema de cobertura mantinha a temperatura alta, no corpo central e da esquerda, empregou-se a telha vidrada, de grande dimensão (16 telhas apenas por metro quadrado).

As do corpo central foram fabricadas no estabelecimento do sr. João do Rio Junior, proprietario da excellente fabrica, no Valle de Piedade.

As do armazem da esquerda, vieram de Lisboa, e foram feitas na fabrica de louça do sr. Alberto Cypriano Martins.

A armação do corpo central, onde ha um vasto salão, por ora ainda por dividir, e que occupa toda a largura da faxada, é de ma-

deira, construcção engenhosa e que merece a pena vêr-se e estudar-se. A construcção do edificio começou em setembro de 1859, tendo-se gasto até hoje, em que está prestes a concluir-se, mais de 1.100 contos.

O desenho primitivo, foi do engenheiro Coulson, e modificado e ampliado depois, em conformidade com as necessidades e conveniencias, pelos differentes engenheiros que têem dirigido as obras.

O primeiro engenheiro encarregado d'ellas, foi o fallecido sr. Francisco Mourão Pinheiro, sendo então director o tambem fallecido José Diogo Mousinho. Ao sr. Mourão succedeu o sr. Faustino José de Victoria, que foi chefe das obras, até principio do anno de 1873, em que passou a exercer as funcções de director do districto, por ter deixado de o ser o sr. João Joaquim de Mattos, que foi encarregado da construcção do caminho de ferro do Minho.

Além dos individuos mencionados, estiveram mais na alfandega, os engenheiros: os srs. José de Macedo Araujo Junior, Alberto Alvares Ribeiro e Torquato Alvares Ribeiro.

O actual chefe das obras, é o sr. Tito Augusto Duarte de Noronha.

Para o estabelecimento da alfandega fizeram-se largas expropriações, que custaram quantiosas importancias.

O extenso caes (a parte até hoje construida, mede 400 metros aproximadamente), na frente do edificio e sobre o Douro, tem de altura sobre as aguas minimas equinociaes, 10 metros; é todo fundado sobre beton, bem como os armazens subterraneos. O caes deverá ser prolongado ainda para os dois lados, oriental e occidental.

O edificio não está completo ainda; mas tem sido occupado pela alfandega e suas repartições, á proporção que se têem ultimado os differentes corpos, ou andares d'elles.

O andar nobre do corpo central, não está ainda completo, nem occupado, bem como o ultimo andar do armazem da esquerda.

Apesar, porém, da vastidão do edificio, a alfandega continua ainda a occupar o armazem das Freiras, composto de dois pavimentos, medindo cada um 1040 metros quadrados. Este armazem, que fica ao occidente da alfandega (quasi 200 metros da porta central), está com ella ligado por um tramway.

Além d'este armazem, onde se recolhem couros e algodão, ainda serve a casa velha da alfandega, hoje casa da estiva, e a descarga de ferro faz-se na Ribeira.

Na alfandega nova, existe para facilitar o transporte das mercadorias, no primeiro pavimento, interna e externamente, uma rede de caminhos de ferro (tramway), que mede 1500 metros.

Nos pavimentos superiores ha tambem assente uma porção de rails, mas não é trabalho definitivo. A ascenção e descenção das mercadorias faz-se por meio de dois taboleiros, ambos movidos a vapor (um d'elles por um elevador hydraulico, construido na fundição de Massarellos), consta porém que se projecta mover os taboleiros por um elevador do systema Armstrong.

Do rio para o caes, vão as mercadorias elevadas por dois guindastes a vapor da fabrica de Inglaterra, Brow Brothers & C.ª, o alcance da haste é de 9m,20. Ha ainda no caes outros dois guindastes movidos á mão, e que prestam serviço mais moroso, apesar de servirem para cargas mais pesadas.

O movimento da alfandega, é hoje assaz importante; para o demonstrar basta apresentar-se o resumo do do anno findo (1874).

IMPORTAÇÃO

Generos	*Valores*	*Direitos*
Algodão em fio e tecidos	2.040:538$620	587:687$655
Lã em rama e tecidos	781:880$515	324:021$610
Linho em rama e tecidos	593:798$300	60:965$105
Seda em rama e tecidos	422:610$180	74:185$025
Assucar	1.260:002$620	681:038$085
Bacalhau	562:220$000	245:969$175
Aduellas	407:218$830	6:882$430
Metaes em bruto	724:829$465	29:151$385
Tabacos	111:910$350	329:271$985
Diversos	3.276:876$635	497:767$156
Total	10.181:885$515	2.836:941$611

EXPORTAÇÃO

Generos	Valores	Direitos
Carne fresca e preparada	44:922$560	449$230
Cebolas	54:391$450	543$890
Cortiça	83:571$860	835$720
Fructas	135:252$100	1:352$515
Gado vaccum	969:170$000	19:492$500
Lã em rama	193:758$000	1:937$580
Minerio	72:644$000	6$920
Pelles e couros	48:001$500	480$015
Vinho	7.803:731$100	21:113$165
Diversos	454:654$510	6:817$225
Total	9.860:107$080	53:028$760

Total do movimento aduaneiro:

Importação	10.181:885$490
Exportação	9.860:107$080
Total	20.041:992$585

No mesmo periodo, o movimento da alfandega de Lisboa foi de

Importação	11.948:369$000
Exportação	8.225:773$000
Total	20.174:142$000

Isto é, apenas mais 132:149$920 réis do que a alfandega do Porto.

A comparação d'estas cifras é testemunho eloquente da importancia da casa fiscal do Norte.

É tambem verdade que esta importancia de valores exportados provem principalmente do vinho dito do Douro, o qual constitue uma incontestavel riqueza nacional.

No anno a que nos referimos, a exportação foi de 30.201.366 litros, pouco mais ou menos 56.557 pipas.

O numero de bois embarcados para exportação foi, durante o referido anno de 12.995, e como é muito de presumir, tudo gado escolhido e gordo. Os que não têem interesse n'este ramo de commercio, lamentam-n'o sempre que do açougue lhe vem carne ordinaria e cara (o que succede bastantes vezes), em quanto que os importadores do nosso gado se regalam com excellentes *roast-beefs*.

O pessoal da alfandega compõe-se hoje de

1 Director.
3 Chefes de serviço.
1 Thesoureiro.
2 Verificadores.
9 Primeiros officiaes.
4 Primeitos verificadores.
10 Segundo officiaes.
4 Segundos verificadores.
11 Terceiros officiaes.
21 Aspirantes.
2 Fieis do thesoureiro.
1 Continuo.
1 Porteiro.
6 Serventes.
4 Empregados addidos.
12 Empregados addidos, que eram do real d'agua.

92 Total.

Além d'estes ha mais a companhia braçal, que é quasi um batalhão, composta de

1 Fiscal.
5 Empregados de diversas cathegorias.
80 Praças.
25 Praças supplementares.

111 Total.

Além d'este pessoal, ha mais, a fiscalisação externa, e o corpo auxiliar das alfandegas.

Hospicio dos expostos

Acha-se este hospicio montado na rua occidental do jardim da Cordoaria, na circumscripção de Miragaya, e precisamente na casa (n.º 5), que foi hospicio dos frades antoninos, de Valle da Piedade, onde esteve muitos annos a roda.

Consignaremos pois aqui, o que temos a dizer com relação a este importante estabelecimento.

—

Nas *Ordenações do reino*, Liv. 1.º, tit. 88.º § 10, se encontram excellentes disposições, relativas á creação dos innocentes havidos de legitimo matrimonio, e em seguida já alli se providenciou tambem com relação aos infelizes engeitados; e no tit. 73, § 4.º do mesmo Liv. 1.º, se impõe aos quadrilheiros a obrigação de darem parte das mulheres que *andando prenhes, se suspeite mal do parto, não dando conta d'elle*—medida que foi ampliada no § 8.º do Alvará de 18 de outubro de 1806.

Apesar d'estas providencias as exposições augmentavam com a corrupção dos costumes, o que determinou a Intendencia da Policia, a crear em Portugal as rodas, por uma ordem dirigida a todos os provedores do reino, com data de 10 de maio de 1783.

Por ser um documento interessante, e que a maior parte dos leitores, com certesa ainda não viu, aqui o transcrevemos :

ORDEM DIRIGIDA A TODOS OS PROVEDORES
PARA NAS SÉDES DAS COMARCAS
SE CONSTITUIR UMA CASA DE RODA

«Sendo o augmento da população um dos objectos mais interessantes e proprios de uma bem regulada policia, por consistirem as forças e riquezas de um Estado, na multidão dos habitantes; se acha este tão esquecido n'este reino, que em algumas terras d'elle se vêem inteiramente fechadas, e sem gente uma grande parte das casas, sem haver quem as habite; e sendo a origem, entre outras, de uma tão sensivel diminuição os reiterados infanticidios que estão acontecendo todos os dias, e em todas as terras em que não ha rodas, ou berços para os engeitados, que, sendo expostos de noite ás portas dos particulares, aquem faltam os meios ou a vontade para os mandar crear, são sacrificados como innocentes victimas, tantos cidadãos que poderiam ser uteis ao Estado. Faz-se pois indispensavel o dar-se a este respeito aquellas providencias que forem opportunas para a conservação da vida de tantos vassallos recem-nascidos estabelecendo pelo modo mais facil, rodas em que elles sejam expostos e creados á custa das comarcas e dos povos que lhes deram o ser; e isto até á idade de sete annos, em que elles, já livres dos imminentes perigos, que até este tempo os cercam, e, entrando em idade capaz de algum trabalho, possam por meio d'elle, ganhar o seu diario sustento e vestuario; para cujo effeito vossa mercê, logo que esta receber, praticará o seguinte :

«Irá pessoalmente a todas as terras da sua comarca, e em cada uma das villas, estabelecerá uma casa em que haja um logar onse possam expôr as creanças, sem que se conheça quem as leva; destinando uma pessoa, com o mesmo salario que se costuma dar á das albergarias, para a toda a hora, dia e noite, receber os engeitados que alli se fôr expôr; a qual será obrigada, logo que entrar alguma creança, a dar parte ao magistrado da terra, seja juiz ordinario, ou de fóra, ou aquem seu logar servir, para este a fazer logo baptisar, e mandar crear por uma das amas, que deve já ter destinadas e promptas para este effeito, pelo preço commummente na terra estabelecido, o que tudo será satisfeito pelos rendimentos applicados nas camaras para similhante fim, ou *pelo cabeção das Sisas*, n'aquellas terras d'onde não houver aquelles rendimentos; e para o que vossa mercê, quando tomar as contas dos concelhos, as tomará tambem de todas as despezas que se fizerem com as creações dos engeitados, até á edade de sete annos; findos os quaes, se irão distribuindo pelas herdades, quintas e fazendas das circumsvisinhanças, observando n'esta parte o mesmo regimento que se pratica com os orphãos; procederá a prisão contra os juizes ordinarios, que no tempo que servirem deixarem

de satisfazer as obrigações que por esta fórma lhes são impostas; e intimará aos juizes de fóra que, caso não cumpram o que até aqui vae ordenado, lhes não mandarei passar certidão de residencia, antes farei presente a sua magestade, o pouco zêlo com que se empregaram no real serviço.

«Passará vossa mercê revista geral a todos os engeitados, e em todas as vezes que fôr em correição, para averiguar se são bem tratados, ou se tem morrido por omissão, ou descuido das pessoas encarregadas da sua creação.

«No fim de cada anno, vossa mercê enviará á secretaria d'esta Intendencia, um mappa dos engeitados que se exposeram em cada uma das terras da sua comarca; dos que morreram e dos que existem vivos, declarando se os juizes de fóra e ordinarios cumprem com zêlo o que lhes é encarregado a respeito da sua creação. E para que não aconteça o concorrerem todos os expostos a uma só terra, por ignorarem os povos que esta ordem é generica por todo o reino: vossa mercê mandará pôr editaes nas terras de sua comarca em que declare aquellas em que ha casa de expostos, e o nome das ruas e sitios onde ellas são situadas, para que cada um se dirija á casa, que lhe ficar mais visinha, e se evite o incommodo de serem levados os expostos de um a outro terreno, como até agora se praticava. Vossa mercê mandará aos juizes e officiaes das vintenas que sendo caso que no districto de cada um d'elles appareça alguma creança exposta, a mandem logo conduzir á casa dos expostos da villa, ou cidade do seu districto, por algumas mulheres que tenham leite e a alimentem pelo caminho; os quaes conductores serão pagos em continente, cada um do seu jornal, conforme o preço costumado na terra onde apresentarem a mesma creança, o que o juiz ordinario, ou de fóra, lhe mandará satisfazer sem demora, pelo procurador do concelho.

«Perguntará vossa mercê, devassamente em correição, se os juizes e officiaes das vintenas, satisfazem ao que lhes é ordenado, para proceder contra elles, no caso de serem omissos. E para que se haja de praticar esta diligencia em todo o reino ao mesmo tempo, vossa mercê a executará, pelo que respeita á sua comarca, no tempo de dois mezes, fazendo registar esta ordem em todas as camaras d'ella; de que remetterá certidão á secretaria d'esta Intendencia, de assim o haver executado, declarando o nome das terras onde se estabeleceram as ditas casas de expostos, para que findos os ditos dois mezes, eu possa fazer presente a sua magestade, que se acham estabelecidas todas as providencias necessarias para a conservação da vida de tantos innocentes vassallos, no que se desvela com maior cuidado a paternal clemencia da mesma Senhora. Deus guarde a vossa mercê. Lisboa 10 de maio de 1783. Diogo Ignacio de Pina Manique.»

Sendo tão terminante a lettra d'esta ordem, não se estabeleceram as rodas em todos os concelhos, e ficaram soffrendo o peso enorme dos expostos, só os concelhos onde ellas se montaram.

Mais algumas providencias se acham no alvará de 18 de outubro de 1806 e no de 31 de janeiro de 1775, que regula o modo de educar os que excedem a edade de sete annos.

Tal é em resumo a historia das rodas no nosso paiz. Tratemos agora particularmente da roda do Porto.

—

Por provisão de 14 de setembro de 1519, mandou sua magestade aos administradores dos hospitaes d'esta cidade do Porto, que dos sobejos de suas rendas, que estivessem em deposito, déssem á camara *dez mil réis*, para ajuda da despeza com os engeitados, que a mesma mandava crear, se tanto houvesse mister, senão aquella somma que fosse necessaria, até aos ditos *dez mil réis*;—ordenando mais aos provedores dos hospitaes do Porto, que d'ahi em diante a camara houvesse das rendas dos ditos hospitaes a ametade que das ditas rendas sobejasse, depois de cumpridos os legados e mais despezas, devendo ser applicada aquella metade para creação dos expostos, e não para outra coisa; declarando que, se a despeza d'estes não

montasse a tanto, a camara receberia só e justamente o que despendesse com elles.

Sollicitou e obteve a Misericordia, com o representante dos hospitaes do Porto, um alvará regio, para não dar aquelles dez mil réis, e el-rei D. João III deferiu, estando em Coimbra; mas queixou-se a cidade, e por provisão de 29 de agosto de 1528, mandou sua magestade que se cumprisse a de 14 de setembro de 1519, accrescentando:—*visto que el-rei o sr. D. Manuel, déra á confraria da Misericordia a administração dos bens dos hospitaes, dos quaes, em quanto que a camara tinha a administração, pagava a creação dos engeitados.*

No *Livro das Chapas*, a fl. 214, v. se encontra o alvará de 26 de maio de 1590, que manda que do cofre do crescimento das sisas se dêem cem cruzados, por uma vez sómente, á Misericordia, ou a quem tiver a seu cargo a creação dos engeitados. É este o primeiro documento em que se manda recorrer ao cofre das sisas, para tal fim.

Ainda no archivo da camara, e no mesmo *Livro das Chapas*, a fl. 217, se encontra outro alvará de 12 de junho de 1592, em que se manda dar do mesmo cofre e para o mesmo fim, *cem mil réis* annualmente, accrescentando-se a esta quantia a de *cincoenta mil réis*, por alvará do 1.º de julho de 1604. (*Liv. das Chapas*, fl. 260.)

Como a administração dos expostos fosse deploravel, os rev.dos Manuel Rodrigues Leitão, fundador da congregação do Oratorio, e Balthazar Guedes, fundador do Collegio dos Meninos Orphãos, proposeram á camara do Porto o estabelecimento da roda dos expostos, concorrendo a camara com o dinheiro necessario, e a Misericordia com a administração. Convieram as partes n'este plano, e por alvará de 4 de março de 1686, incumbiu el-rei a Misericordia, da creação dos expostos, em confirmação do termo que a camara fez em 1685, de pagar toda a despeza com preferencia a tudo. E por novo contrato feito em 16 de julho de 1688, se obrigou a camara a dar á Misericordia, para preparação de casa em que se montasse a roda, cerca de quatro mil cruzados, que tinham crescido do dinheiro destinado para as fortalezas, e a satisfazer o restante pelo cofre da cidade. E para a sustentação dos expostos se obrigou a camara a dar no principio de cada trimestre, quinhentos mil réis, a saber—trezentos que já el-rei havia consignado para este fim (cento e cincoenta nas *Alças* e outros cento e cincoenta no cofre da cidade) e duzentos mil réis das sizas; declarando-se que nunca a Misericordia seria obrigada a pagar coisa alguma, dado que não chegasse a dita consignação, mas que a camara satisfaria qualquer verba a maior, logo que o escrivão da Santa Casa lhe apresentasse a conta corrente dos gastos.

E como a escolha de casa apropriada houvesse retardado alguns annos a fundação de tão humanitario estabelecimento, resolveu-se que este se montasse na rua dos Caldeireiros, junto ao hospital da Misericordia[1], já para poderem os expostos ser soccorridos com mais presteza, já para se não incommodar tanto a Misericordia com a respectiva administração.

Augmentando espantosamente as exposições, fez a camara novo contrato com a Misericordia, em 1726, obrigando-se a dar-lhe pelo cofre das sizas, no primeiro trimestre de cada anno, um conto e quatro centos mil réis, e em março, junho e setembro o que contasse de despeza a maior por certidão do escrivão da Santa Casa, em harmonia com os contratos anteriores; e isto por escriptura lavrada na nota da Misericordia, com data de 23 de setembro de 1726, o que foi confirmado por provisão de 8 de novembro do mesmo anno.

E por outra escriptura lavrada nas notas da Santa Casa, com data de 6 de maio de 1738, elevou aquella consignação á camara, a cinco mil cruzados no primeiro trimestre, obrigando-se a satisfazer toda a despeza que a maior se fizesse com aquelles infelizes—e em 5 de junho de 1752, se elevou aquella somma a tres contos de réis, com as mesmas clausulas e condições, o que foi confirmado por provisão de 18 de junho de 1753; e por outra provisão da sr.ª D. Maria I, com data

[1] Ainda hoje áquelle sitio se dá o nome de *Roda Velha.*

de 16 de março de 1781, se mandou dar para aquelle fim á Misericordia, pelo cofre das sizas, a quantia de cinco contos de réis, no principio de cada trimestre.

Em pouco mais de cem annos subiu a este ponto a despeza com os expostos, e mais tarde attingiu proporções assustadoras; pois em 1818, por exemplo, como se vê de uma interessante memoria sobre o assumpto, publicada pela camara do Porto em 1823, aquella cifra se elevou á bagatella de réis 62:774$447 — por serem notoria e escandalosamente remettidos para a roda do Porto expostos dos outros concelhos d'este districto, e mesmo de districtos estranhos; o que levou o provedor da roda do Porto a pedir providencias a sua magestade, baixando em seguida a provisão de 13 de setembro de 1817, expedida em 28 de fevereiro de 1818, aos provedores de Lamego, Aveiro, Penafiel, Braga e Vianna, e que é do theor seguinte:

Provisão

«Dom João, por Graça de Deos, Rei do Reino—Unido de Portugal, Brazil e Algarves, etc.

«Faço saber a Vós, Provedor da comarca de Guimaraens, que o Provedor da Real Administração dos Expostos da cidade do Porto e seu Termo, me representou que concorriam a ella tantos Expostos das tres provincias do Norte em distancia de doze legoas, por serem lançados de Roda em Roda; o que fazia quasi impraticavel a sua creação com a consignação de cinco contos de réis adiantados em cada trimestre; e porque o numero dos Expostos entrados annualmente tinha chegado a *mil oitocentos e vinte e nove*, alem dos que se achavão em creação dos annos anteriores; fazendo-se por isso necessario novas providencias para haver os dinheiros precisos para aquellas despezas; pedindo elle a Graça de os mandar adiantar dos cofres da dita Cidade, e Cabeções das Sisas. E, visto seu requerimento, resposta da Camara, que mandei ouvir, informação que se houve pelo Desembargador Jeronimo Caetano de Barros de Araujo Beça, e do Provedor da Corôa a quem se deu vista: ao que attendendo Hei por bem Ordenar-vos que logo, sem perda de tempo, cohibaes os Administradores das Rodas do nosso districto do prejudicialissimo abuso de remetterem os Expostos das suas respectivas Rodas para a da cidade do Porto; aos quaes tomareis contas annualmente do estado das suas Administrações, e da creação dos mesmos Expostos, e de tudo annualmente me dareis circumstanciadamente conta pela Meza do meu Desembargo do Paço. Cumpri-o assim.» Por despacho do desembargo do paço de 13 de setembro de 1817.»

Os miseros expostos eram conduzidos para o Porto, de grandes distancias, em montões ou em pilha, dentro de canastras e até em saccos; de que resultava morrerem quasi todos suffocados e esmagados, ou com fome, chegando os que vinham no fundo dos saccos e canastras por vezes já mortos e em putrefacção, como se lê com horror a pag. 16 da citada memoria.

E apesar da santidade da instituição e de tantos sacrificios e providencias—os abusos cresciam e o mal augmentava sempre, até que em 1823, por lei de 3 de fevereiro, foi restituida á camara municipal a administração d'aquelles infelizes, estando hoje (1875) aquelle pelouro a cargo do vereador José Duarte de Oliveira, rico negociante da rua dos Clerigos.

Pela citada memoria se vê a que altura chegou a corrupção dos costumes e o quanto se roubou á sombra de tão santa instituição!

Só no anno de 1810 (como diz a nota addiccional) se reconheceu que os *escrupulosos* administradores da roda mettiam em conta nada menos de 1317 expostos a mais.

Isto não se commenta.

E quantos abusos e crimes não poderiam ainda registar-se em outras chancellas do mesmo estabelecimento.»

Dá o mappa que vem na dita memoria nos 20 annos a que se refere, uma media de 4:998,6 expostos por anno, e nos ultimos 10 annos a média é de—6:174,9, a cargo do municipio—e a somma dos expostos entrados nos 20 annos dá, termo medio — 1505 por anno—e só nos ultimos 10—1760.

E a média dos fallecimentos nos 20 annos é de—1:048,7 por anno e nos ultimos 10—1196—o que corresponde a mais de um 5.° dos entrados nos ditos 20 annos.

E a despeza com os infelizes expostos, foi nos 20 annos, termo medio—40:580$140 réis—e nos ultimos 10 annos dá a media por anno de 51:768$740 réis.

Felizmente porém melhores dias raiaram para os engeitados com a administração directa da camara, e nomeadamente depois que, por determinação da junta geral do districto, foi a roda fechada e transformada em hospicio, em janeiro de 1865.

Desappareceram as revoltantes scenas de selvageria que se registraram em outras épocas, e a cifra da despeza com aquella repartição baixou consideravelmente, pois no anno ultimo de 1873 a 1874 foi apenas de —13:973$260 réis—e no 1.° de janeiro d'este anno corrente (1875) o movimento dos expostos a cargo do respectivo hospicio, ou antes do municipio do Porto, era o seguinte :—creanças internas 21 de leite e 9 de secco—a crear fóra do hospicio—472 (de leite e secco)—e subsidiadas com lactações —276.

E ha no hospicio o pessoal seguinte :—um fiel (José Antonio Bernardes de Faria)—uma directora—uma sub-directora—e quatorze amas.

—

A roda, como dissemos, esteve na rua dos Caldeireiros, junto ao hospital da Misericordia, dito de Roque Amador, e por ultimo, de D. Lopo—depois passou em janeiro de 1826 para a casa da familia Azevedos (hoje habitada pelo sr. Joaquim de Sousa Azevedo da Silva Vieira e Albuquerque, seu dono e representante) na rua dos Fogueteiros n.° 1, já então d'esta freguezia de Miragaya.

Por occasião do cêrco do Porto, durante a lucta em 1832 a 1833, como aquella casa estivesse muito exposta ás bombas e granadas dos sitiantes, foi a roda provisoriamente transferida para a rua de Cedofeita; mas terminado o cêrco, de novo se instalou na rua dos Fogueteiros.

Ficando vago o hospicio que os frades antoninos de Valle de Piedade tinham na Cordoaria (hoje Campo e Jardim dos Martyres da Patria) com a extincção das ordens religiosas em 1834, pediu a camara municipal ao governo aquella casa para n'ella montar, como montou, a bibliotheca publica, e d'ella foi alli bibliothecario o nosso insigne historiador Alexandre Herculano ; mas não tendo a casa as dimensões precisas para tal fim, transferiu-se a bibliotheca para o extincto convento de Santo Antonio da Cidade, onde se conserva, junto ao jardim de S. Lazaro, e em 1838, por portaria de 12 de outubro do mesmo anno, a roda se instalou no hospicio dos antoninos, ainda então pertencente á freguezia de Santo Ildefonso, e desde 1841 a Miragaya.

Está pois a roda dos expostos na casa que foi hospicio dos frades antoninos — e o capellão do hospicio os baptisa na mesma capella em que os frades costumavam fazer as suas resas e benzer e exorcismar os seus devotos.

—

Consignaremos por ultimo aqui um documento que prende com o assumpto, e que se acha no archivo parochial da egreja de Miragaya.

É a nota do theor seguinte :

«Veio para esta freguezia de Miragaya, a Roda dos Expostos, sita na rua dos Fogueteiros, em janeiro de 1826, e principiaram a baptisar-se n'esta egreja em 4 de fevereiro do dito anno ; continuei a baptisal-os até 12 de junho do mesmo anno, fazendo os assentos em livro que para isso me foi dado ; e por um requerimento que fez o Provedor dos mesmos Expostos, o Desembargador Francisco Barroso Pereira, e consentimento que, deu o sr. Bispo D. João de Magalhães, convim em dar licença para se baptisarem na capella da administração dos mesmos expostos, sendo esta licença *pro fórma* de seis em seis mezes, com a obrigação de receber da mesma administração dez mil réis de cada vez que a dita licença fôr reformada, que será pelo S. João Baptista e Natal, não prejudicando com isto o direito dos meus successores, como consta da obrigação que a

mesma administração fez, e que aqui fica appensa.

«E para constar para o futuro fiz esta declaração. Porto e S. Pedro de Miragaya, 20 de junho de 1826. — O Abbade José Coelho Antunes.»

E em seguida, ainda se encontra o seguinte:

«Auctorisei o Reverendo José Camello de Almeida, Secretario da administração dos Expostos, para os baptisar na capella da mesma até o dia 24 de dezembro do presente anno de 1826, e ao mesmo entreguei o livro para n'elle continuar a fazer os assentos em meu nome.

«S. Pedro de Miragaya, 24 de junho de 1826.—O Abbade José Coelho Antunes.»

Escolas de Miragaya

Eis as escolas e collegios existentes em 1875 na freguezia de Miragaya:

Uma aula na rua de Miragaya n.º 153, dirigida por D. Rosa de Oliveira, e frequentada por 10 alumnos e 21 alumnas.

Outra no Monte dos Judeus n.º 1, dirigida por Emilia Amelia do Monte, e frequentada por 16 alumnos e 42 alumnas.

Outra na mesma casa, dirigida por Maria José da Rocha Leão, frequentada por 1 alumno e 10 alumnas.

Outra na rua da Esperança n.º 38, dirigida por Anna Maria de Jesus, frequentada por 4 alumnos e 20 alumnas.

Outra nas escadas do Caminho Novo n.º 19, dirigida por Maria Ermelinda do Soccorro Nunes, frequentada por 3 alumnos e 4 alumnas,

Outra régia, na rua do Calvario n.º 43, dirigida por Maria de Sá Rebello Vasconcellos Albergaria, que não é frequentada por nenhuma alumna.

Outra dita na mesma rua n.º 59, dirigida por Antonio Ferreira de Jesus, frequentada por 91 alumnos, e a nocturna por 5 menores e 29 adultos, do sexo masculino.

Outra particular na mesma rua n.º 80, dirigida por Marcellina Rosa de S. José, frequentada por 4 alumnos e 24 alumnas.

Um collegio na rua da Restauração n.º 281, dirigido por Eduardo Augusto Allen, frequentada por 25 alumnos em instrucção primaria e secundaria.

Outro na rua do Rosario n.º 21, dirigido por Marianna Sotto Maior, frequentado por 3 alumnos e 18 alumnas em instrucção primaria e secundaria.

Todas as aulas são de instrucção primaria.

São 9 escolas frequentadas por 175 alumnos e 97 alumnas. Total de ambos os sexos, 272.

Capellas na freguezia de Miragaya

Ha n'esta freguezia varias capellas particulares, sendo a mais notavel a do capitalista Antonio da Silva Monteiro, na sua casa da rua da Restauração, n.ºs 128 a 148.

É considerada, pela sua elegancia e riqueza, a primeira capella particular do Porto, na actualidade.

E ha n'esta freguezia 4 capellas consideradas publicas—uma no palacio das Sereias, da familia Porto Carreros, na rua da Bandeirinha, — outra com a invocação do Senhor dos Afflictos, na cerca do Hospital da Misericordia, e propriedade da Santa Casa—outra com a invocação do Espirito Santo, que fez parte da antiga albergaria do Santo Espirito, de que trata este artigo, e que hoje pertence á confraria do Santissimo de Miragaya; e outra de Nossa Senhora da Esperança, no alto da rua d'este nome, junto á egreja de S. João Novo. Esta capella é muito antiga, posto se não saiba quando, nem por quem foi construida. Estava junto ao Postigo dos Frades ou da Senhora da Esperança, e encostada ás muralhas da cidade, como a capella de Sant'Anna, junto ao historico Arco de Sant'Anna,—a de S. Sebastião, junto á porta de S. Sebastião, etc

É desde tempo immemorial propriedade dos abbades de S. Pedro de Miragaya, e por elles administrada, e tem a meio da padieira da porta da entrada, em caracteres bem visiveis, a era de 1624.

É muito pequena e humilde, e demanda restauração completa, mas ainda n'ella se celebra.

Houve mais n'esta freguezia outra capella considerada publica, á entrada da rua dos Fogueteiros, junto á casa n.º 1, que é hoje propriedade de Joaquim de Azevedo, e que foi para alargamento da rua, expropriada pela camara municipal, e demolida em 1872.

Esta capella havia sido construida em 1767 pelo capitão, José Pinto de Meirelles, cavalleiro professo da Ordem de Christo, então morador na rua de Bello-Monte, freguezia da Victoria, e tinha a invocação de Nossa Senhora da Conceição e Jesus, Maria, José.

Era o dito capitão Meyrelles dono da quinta das Virtudes, e foi elle que mandou fazer as casas que hoje habita e possue o sr. Joaquim de Sousa d'Azevedo da Silva Vieira e Albuquerque.

Houve ainda outra capella considerada publica, na rua da Bandeirinha, com invocação de Santo Antonio, construida em 1781 por Domingos Antonio Dias, na sua casa sita na dita rua, e que hoje tem o n.º 16.

Ainda lá se vê, mas profanada.

—

Capella do Senhor dos Afflictos,
na cêrca do Hospital da Misericordia,
e Adro dos Enforcados

Desde tempo immemorial costumava a irmandade da Misericordia acompanhar até aos degraus do patibulo os infelizes a quem era applicada a pena de morte na fôrca, e em seguida lhes dava sepultura em local determinado, que foi muitos annos um chão, denominado Campo das Malvas, nas proximidades da antiga porta do Olival, aproximadamente, sitio onde mais tarde se edificou a egreja e torre dos Clerigos; e depois que a Santa Casa, em 1769, comprou os dois meios casaes ditos do Roballo, para sobre elles levantar o seu novo hospital, transferiu o cemiterio ou Adro dos Enforcados para um dos pontos extremos d'aquelle terreno, no alto e a oeste da rua dos Carrancas, hoje rua da Liberdade.

O Adro dos Enforcados era um recinto vedado por um muro, com um portão de ferro sobre a dita rua, tendo a meio uma capellinha apenas com uma singela cruz de madeira no topo; e á frente da capella, entre esta e o portão, havia um cruzeiro de pedra, com a imagem de Jesus crucificado, formando um todo macisso, com o dito cruzeiro, sendo aquelle crucifixo, com a invocação de Senhor dos Afflictos, objecto de grande devoção.

Os enterramentos dos justiçados e dos presos que falleciam na cadeia, eram feitos em um pequeno espaço detraz da capellinha, e alli ia em procissão todos os annos a irmandade da Misericordia, para remover as ossadas para o seu cemiterio; mas em sessão de definitorio de 6 de abril de 1836, por proposta do muito benemerito irmão, Luciano Simões de Carvalho, se resolveu transferir o Adro dos Enforcados para a cerca do novo Hospital (cerca onde se enterravam os cadaveres dos doentes que falleciam na casa)—e emprazar o chão do dito adro com outros chãos adjacentes, que a Misericordia possuia junto d'aquelle.

Foram effectivamente aquelles chãos emprazados a diversos, e a casa de José Carlos Lopes, sita na rua da Liberdade, n.º 77, occupa o chão que foi o Adro dos Enforcados.

Os motivos principaes por que a Santa Casa transferiu o adro ou cemiterio dos enforcados para a sua cerca, foram—o ser muito pretendido para edificações aquelle local, —o haver na cerca, e a poucos passos de distancia, espaço de sobra para receber os cadaveres d'aquelles infelizes,—não haver já n'aquelle tempo difficuldade em lhes dar sepultura em commum com os outros cadaveres,—e o serem já então rarissimas as execuções capitaes, e tanto que depois da suppressão do velho adro, só se abriu na cerca sepultura para um,—a N. do portão de entrada para a dita cerca, junto a elle, e encostada ao muro, onde ha hoje umas pequenas casas do caseiro;—e nem esse infeliz alli foi sepultado.

Quando o prestito funerario ja havia transposto a entrada para a cerca, e ia ser lançado á sepultura, o pobre justiçado, notou-se *que elle se movêra e dava signaes de vida.*

Era immensa a concorrencia de povo que viera até alli com o funebre cortejo, e todos se acercaram da tumba para se certificarem de facto tão extranho, sendo geral e profunda a commoção, mesmo porque o infeliz justiçado, como nos contaram testemunhas oculares fidedignas, era um sympathico moço, que havia sido militar, e que teria apenas 20 ou 22 annos.

Em vista de tão extraordinaria occorrencia, foi aquelle infeliz recolhido ao hospital da Misericordia, *onde falleceu*, segundo se disse e constou; mas alguem assevera que fôra sepultado outro cadaver com o nome d'aquelle, e que o infeliz justiçado recuperou a liberdade, sobrevivendo, como por milagre, chegando muitas pessoas a pedir e guardar como reliquias, fragmentos do habito em que o tinham visto na tumba, amortalhado.

Ignoramos o nome d'aquelle infeliz, e a data d'este facto, mas vivem ainda no Porto muitas pessoas que o presencearam.

Supprimido o velho Adro dos Enforcados, mandou a mesa administradora da santa casa remover para a cerca do seu novo hospital, a capella e o cruzeiro que estavam no dito adro. E lá se vê ainda na cêrca aquella capellinha, e o cruzeiro que dentro d'ella se conserva, do lado da Epistola, em uma especie de sanctuario, que se denomina *C-apella do Senhor dos Afflictos*-e como em 1856 demandasse reparos fortes, n'esse mesmo anno e principio do seguinte, foi convenientemente restaurada, sendo provedor da Santa Casa o sr. conselheiro Antonio Roberto de Oliveira Lopes Branco, então desembargador na relação do Porto, e ministro de estado honorario, hoje desembargador no supremo tribunal de justiça, e mordomo encarregado do pelouro das obras, o sr. dr. Francisco de Salles Gomes Cardoso, digno lente de botanica na Academia Portuense, e actualmente escrivão da Santa Casa, o qual, em virtude do cargo que occupava na mesa administradora, foi quem superintendeu na dita restauração. E por iniciativa do mesmo sr. conselheiro provedor, foi solemnisada com pomposa festividade, a reabertura da capellinha no dia 13 de junho de 1857, assistindo toda a mesa e offerecendo o sr. dr. Salles a musica, que foi da capella de Silvestre de Aguiar Bizarro ainda hoje, sem contestação, a primeira musica de capella que ha no Porto.

E seja dito de passagem, que tanto o sr. Silvestre, como o cereeiro, armador, celebrantes, etc., não quizeram estipendio algum.

Officiou, acolytado por dois beneficiados, o sr. doutor, vigario geral do bispado e chantre da Sé do Porto, Miguel Joaquim Gomes Cardoso, que havia sido escrivão da Santa Casa em 1855 a 1856; e tão luzida foi aquella festividade, e tanto se avivou em todos a devoção com o Senhor dos Afflictos, que os empregados superiores do hospital da Misericordia resolveram festejar todos os annos o dito Senhor, e logo se offereceu generosamente para celebrante o sr. vigario geral Gomes Cardoso, de saudosa memoria, e cumpriu a promessa emquanto poude, levando sempre comsigo, a convite seu, dois beneficiados da Sé (o reverendo Furtado, seu sobrinho, e o reverendo Carvalho, actual mestre de ceremonias do paço)—mas quando officiava na dita festividade, em 1867, sentiu um insulto de paralysia, e a custo terminou o santo sacrificio, ficando tão abalado que não mais se restabeleceu, nem poude, como desejava, continuar a cumprir a sua promessa, fallecendo em 1870.

Aquella festividade era feita a 14 de junho, no dia immediato ao da abertura do hospital, por iniciativa do provedor, e a expensas dos empregados superiores do hospital; mas como ha annos a mesa supprimisse a solemnidade da abertura, por ser inconveniente para os enfermos, desde essa data deixaram os empregados de fazer aquella festividade; mas os devotos, que são muitos, por subscripção aberta entre elles, e ainda com a iniciativa e coadjuvação dos empregados do hospital, continuaram a fazer, como fazem, a dita festa todos os annos — com sermão, missa cantada, musica, bandei-

ras, fogo solto e preso, e grande arraial, mas em dia incerto, no mez de setembro; e só um devoto o anno ultimo (1874) offertou ao Senhor dos Afflictos 100$000 réis.

Tambem a mesa da Santa Casa resolveu, em seguida á restauração da capellinha, que n'ella se celebrasse, como se celebra, uma missa resada todos os domingos e dias santificados.

—

Registraremos tambem aqui um facto, que prende com esta capella.

Estando em tratamento em um dos quartos particulares do hospital da Santa Casa Luiz Pinto de Sousa Pereira de Menezes, ultimo senhor e representante da nobre casa de Cutéllo, freguezia de Miomães, na comarca de Rezende (falleceu em 1870) fez voto de pesar-se a prata e de dar o valor d'ella ao Senhor dos Afflictos, se recuperasse saude, e, como se restabelecesse, cumpriu.

Não deu aquelle peso em prata, mas muito expontaneamente se constituiu devedor para com a Santa Casa, da quantia de réis 1:996$800—cifra em que comportou o valor d'aquelle peso em prata; e isto por escriptura lavrada em 27 de maio de 1852, nas notas dotabe llião Francisco Pereira Pinto, do julgado de Aregos, a qual, depois das formalidades do estylo, resa assim:

«.... e logo presente elle dito Illustrissimo Senhor Luiz Pinto de Sousa Pereira de Menezes, por elle foi dito, que por occasião em que assistia na referida Santa Casa da Misericordia, de quem é indigno Irmão Nobre, achando-se em perigo de vida recorréra e pedira ao Senhor dos Afflictos, que se venera na capella do cemiterio da mesma Santa Casa, o livrasse do mesmo perigo e de seus padecimentos, promettendo pesar-se e dar de offerta ao mesmo divino Senhor, em 'prata o peso do seu corpo, e tendo conhecido visivelmente algumas melhoras, effeito d'aquelle seu pedido ao Senhor dos Afflictos, pretendia realisar aquella offerta e n'este sentido dava e doava ao mesmo Senhor dos Afflictos a quantia de um conto novecentos e noventa e seis mil e oitocentos réis, que foi o em quanto pesou elle doante, segundo a conta feita pelos Mezarios da dita Santa Casa, e limitada a elle doante em carta de 8 de Novembro de 1850, pelo Escrivão da Mesa Antonio Fernandes Guimarães, e isto debaixo das condições seguintes...» etc.

Em resumo as ditas condições constantes da escriptura são:—1.ª que o dito dinheiro seria dado a elle doante a juro legal, com as precisas seguranças—2.ª que não poderia ser levantado o capital emquanto se não julgasse a divida mal parada—3.ª que a Santa Casa acceitará o pagamento d'aquella divida no todo ou em parte—em um anno ou mais quando elle doante ou seus herdeiros e successores quizerem — o que a Santa Casa acceitou.

—

Ainda por ultimo direi que, quando em 1856 a 1857, o sr. dr. Francisco de Salles Gomes Cardoso dirigia a restauração da capella, mandou tambem restaurar a imagem do Senhor dos Afflictos, que estava e está, como dissemos, dentro da dita capella, na propria cruz que foi do Adro dos Enforcados.

Capella ou casa do deposito

Ha tambem na mesma cêrca do hospital, um pouco ao sul da capella do Senhor dos Afflictos, outra capella mais pequena onde se depositam e encommendam os pobres fallecidos no hospital.

Na capella do Senhor dos Afflictos se depositam os cadaveres dos doentes particulares quando os seus herdeiros ou testamenteiros querem funeral e officios além do commum.

Esta capellinha ou casa de deposito, tem um pequeno compartimento annexo, com uma mesa de marmore para autopsias, e foi removida para o local, que hoje occupa, de outro onde fôra edificada, aproximadamente no anno de 1795, quando se transferiram os primeiros doentes do velho hospital, dito de D. Lopo, na rua dos Caldeireiros, e principiaram a sepultar-se na cêrca

do novo hospital os doentes que n'elle falleceram.

E removeu-se a dita capella ou casa de deposito, porque a cêrca havia alteado consideravelmente com a grande quantidade de entulho, que recebêra, ficando a capella muito affrontada, porque, havendo sido creados os cemiterios publicos, a mesa administradora da Santa Casa rosolveu crear, como creou, na cêrca e chão devoluto do seu cemiterio, um horto botanico, para cultura de plantas medicinaes, e para isso se preparou o terreno, formando taboleiros, um dos quaes tomou o chão onde estava a capellinha.

Capella de Nossa Senhora do Soccorro

Houve tambem n'esta freguezia de Miragaya [1] uma ermida ou capellinha com a invocação de Nossa Senhora do Soccorro, sobre o arco da Porta Nobre, voltada a éste sobre a rua dos Banhos.

Era uma especie de nicho, mas bastante espaçoso, pois n'elle estava a imagem da Senhora, de tamanho natural, e n'elle se celebrava o santo sacrificio ainda em meiado d'este seculo, e o povo que concorria á missa, tomava o lanço da rua fronteira e contiguo.

Entrava-se para a capellinha por uma viella que dava para a rua de Sobre o Muro, e como o dono do predio confinante (n.º 1 d'esta rua) conseguisse apropriar-se da viella, sobre a qual augmentou a casa, por dentro d'esta nos ultimos annos era obrigado a dar passagem para o nicho.

Quando se demoliu aquelle arco para a abertura da rua Nova da Alfandega, demoliu-se tambem a dita capella, que d'ella fazia parte, e que era tão antiga como elle.

D'esta ermida se faz menção no celebre *Livro Branco* da curaria d'esta Sé do Porto, pois a fl. 60, v. n'elle se encontra o seguinte:

«Rua da Porta Nova. Tombo fl. 144, v.— O Doutor Manuel pereyra da Silva, de villa nova de Gaya, pesue em Factuazim, humas cazas, as penultimas, junto á hermida de Nosa Senhora. Paga de renda nove mil e oitenta. Laudemio de sete um.»

E no tombo da dita curaria a fl. 144, v. (logar citado no celebre *Livro Branco*) se acha a verba do theor seguinte:

«O abbade Pantalliam pereyra, irmão do comendador Bernardo pereyra, em verba do seu testamento as cazas que pesuhia de que hera direito senhorio, que tras per prazo Factuazim, Pero Ferreyra tanoeiro junto a Porta nova, á hermida de nosa Senhora da banda do muro, a penultima caza, de que paga de fôro dez mil reis, e para esta Curaria nove mil e oitenta e oitocentos reis, a nosa Senhora da silva, e seis vintens a San Francisco.»

Quasi todos os annos, os habitantes do sitio e outros devotos, festejavam a dita Senhora do Soccorro, com sermão, missa cantada, fogo solto e grande arraial, armando um palanque em seguida á capellinha, por ser esta mui pequena—consta ainda que a esta ermida pertenceram uns armazens em Villa Nova de Gaya.

Senhor da Saude

Mencionaremos tambem aqui, o cruzeiro do Senhor da Saude, que hoje se acha na capella de S. José das Taipas, freguezia de Nossa Senhora da Victoria, mas que esteve muitos annos n'esta freguezia de Miragaya, encostado á casa n.º 11 a 12 da rua occidental do jardim dos Martyres da Patria, e anteriormente na mesma rua, quando era ainda Campo da Cordoaria Nova.

Foi um dos muitos cruzeiros que houve nas ruas d'esta cidade, tendo este, uma imagem de Jesus Crucificado, com a invocação de «Senhor da Saude» objecto de grande devoção, e tanta, que desde tempos remotos era festejado (a 20 de Agosto), com grande arraial, musica, bandeiras, muito fogo solto e preso; e quando a camara municipal tratava de remover aquelle cruzeiro para o

[1] Só em 1841, como dizemos algures, deixaram de pertencer á freguezia de Miragaya as casas intra-muros, proximas á Porta Nobre.

adro da egreja de Santo Ildefonso, os peixeiros, principaes devotos do Senhor da Saude, o levaram para a proxima capella de S. José das Taipas, onde ainda se festeja todos os annos, com sermão e missa cantada; mas desde que para alli foi removido, cessou o arraial, mesmo porque o Campo dos Martyres da Patria, onde o povo se reunia, por essa occasião, foi transformado em jardim e se fechou.

Hospital da Misericordia

Fica este hospital, nos limites da freguezia de Miragaya, e tem a frente voltada a éste, sobre a rua occidental do Jardim da Cordoaria, confinando ao norte com a Praça do Duque de Beja, e ao sul com a rua da Restauração, devendo confinar a oéste com as ruas da Liberdade e do Rosario, onde tem já, como balisa, um pequeno lanço de cunhal, feito ha muito.

O padroeiro d'este hospital, é o grande thaumaturgo Santo Antonio; e a proposito consignaremos aqui o facto seguinte:

—

Quando em sessão de 15 de julho de 1770 a mesa administradora da Santa Casa, escolhia padroeiro para o seu novo hospital, dividiu-se em parcialidades. Queriam uns que fosse S. Sebastião—outros, S. João de Deus—outros, S. José—e outros, Santo Antonio, optando pelos santos dos seus nomes.

Á vista d'isto, lembrou o provedor, que se procedesse a escrutinio secreto, e, corrido este, foi eleito o thaumaturgo Santo Antonio; mas observou o provedor que alguem poderia censurar a eleição feita, visto que elle se chamava Antonio (era D. Antonio de Lencastre, brigadeiro dos exercitos de sua magestade e coronel do 1.º regimento da guarnição do Porto), e que o escrivão da Santa Casa, era tambem Antonio (Antonio Bernardo Alves de Brito), e que ainda mais dois dos mesarios, eram Antonios; e por isso, pediu aos irmãos presentes que meditassem, concluindo por propôr novo escrutinio; mas, corrido este, foi outra vez eleito por unanimidade o thaumaturgo!...

—

A planta do edificio foi feita em 1769, pelo celébre architecto inglez, João Karr, da cidade de York, pela qual recebeu 500 libras esterlinas.

—

Creando el-rei D. Manuel, por Alvará de 14 de março de 1499, a confraria da Misericordia do Porto, deu-lhe a antiquissima albergaria de Roque Amador, sita na rua dos Caldeireiros, e como fallecesse em Madrid, em 29 de janeiro de 1584 D. Lopo d'Almeida, irmão do vice-rei da India, D. Francisco d'Almeida, legando boa parte da sua fortuna á Misericordia, para ella erigir um hospital, tratou esta de dar maior desenvolvimento ao de Roque Amador; e taes obras n'ella fez e tanto a melhorou, que perdeu o nome originario de *Roque Amador*, e se denominou de *D. Lopo*.

Crescêra porém muito a cidade, e augmentando proporcionalmente os encargos da Santa Casa, resolveu esta fazer novo hospital, mais amplo e em sitio mais desafrontado, e para este fim comprou *extra-muros* os dois meios casaes, ditos do Roballo, a Rosa Angelica de S. José, filha de Manuel Gomes da Silva, e a João Ribeiro e sua filha Anna Theresa Luisa (o primeiro por 3:206$000 réis, e o segundo por 2:084$000 réis), sendo este vasto chão limitado ao nascente pelo Campo da Cordoaria Nova (jardim dos Martyres da Patria, hoje), e ao poente pelos quarteis da Torre da Marca, o que tudo consta de uma escriptura lavrada em 1769 na nota primitiva da Santa Casa, pelo tabellião Manuel da Cunha Valle[1].

[1] Consta com bom fundamento, que a Santa Casa tencionou erigir o seu novo hospital no sitio onde os religiosos menores reformados, da Provincia da Conceição, fundaram em 1783 o convento de *Santo Antonio da Cidade*, em cujo edificio está hoje a Bibliotheca, junto ao jardim de S. Lazaro; para aquelle fim já a Misericordia tinha comprado o terreno e sollicitado auctorisação régia; mas (diz-se ainda) que surgindo grande desintelligencia entre dois membros da mesa, que então administrava a Santa Casa, um dos quaes morava junto ao Campo da Cordoaria, conseguiu este que a mesa reconsiderasse, e se erigisse o hospital onde actualmente se vê.

Resolvida definitivamente a construcção do novo hospital, começaram as obras em 1769, e em 14 de agosto de 1795, se transferiram para elle, os primeiros doentes.

O edificio é vasto, magestoso e elegante —incontestavelmente o primeiro edificio do Porto; mas é para lamentar que o sabio architecto, quando delineou a planta, attendesse tão pouco ás prescripções de hygiene, como a mesa da Santa Casa, quando escolheu o local.

O edificio deve, segundo a planta, formar um quadrado completo, e as paredes são tão grossas e pesadas, como as muralhas de uma praça de guerra[1].

Por occasião do cerco do Porto, em 1832 e 1833, recebeu a fachada sul, grande numero de balas de artilheria, que apenas lhe fizeram leves manchas, não conseguindo deslocar uma unica pedra.

O chão escolhido é inconvenientissimo para hospital, por ser, além de tudo, pantanoso e tão humido, que por baixo do edificio, e cortando-o a meio, de norte a sul, passa o ribeiro do Carregal, ou das Virtudes; o que tornou tambem a edificação carissima, por que foi mister cobrir o ribeiro com abobada, e dar aos alicerces uma espessura enorme (como diremos adiante), e ás paredes altura desmedida, principalmente do lado sul—mais altura talvez desde o fundo do ribeirão, até ao nivel do primeiro pavimento do hospital, do que d'alli ao topo do edificio! E o vão central já recebeu milhões de carros de entulho, e ainda demanda grande quantidade!...

Horrorisa vêr um hospital tão importante e de tanto movimento, em uma casa com similhantes condições!

Isto é obvio, e reconhecido por todos.

Louvores sejam dados ao sr. João Mendes Osorio, que em sessão de 2 de janeiro de 1865, sendo mesario, propôz a construcção de outro edificio, em local e condições convenientes.

A quem quizer elucidar-se n'este ponto, recommendamos o livro que aquelle senhor publicou, por se vêr contrariado pela mesa, no seu tão justo, como louvavel e humanitario proposito. Pondo de parte a dureza do estigma, é um livro bem escripto e digno de ler-se, e cremos que será ainda para o seu autor um padrão de gloria, quando o hospital de Santo Antonio seja substituido, como é para desejar; mesmo porque se aquella magestosa casa é inconvenientissima para hospital, é magnifica para repartições publicas, como tribunaes e cartorios, correio geral, direcções d'obras publicas e linhas ferreas, estações telegraphicas, administrações, conservatorias, e mesmo para paços do concelho, que faziam honra a uma das primeiras cidades do mundo, em quanto que os actuaes não estão á altura do Porto.

E hoje que os caminhos americanos, com a maior economia e rapidez, promettem levar-nos do centro da cidade a qualquer ponto extremo, cessou o inconveniente da distancia—causa principalissima de não se haver empenhado a Santa Casa em tão santa obra.

Que contraste, por exemplo, entre o hospital da Misericordia e o militar de D. Pedro V, ou o de Alienados?

Mas basta de considerações: prosigamos.

—

Do ultimo relatorio publicado pela mesa da Santa Casa, relativo ao anno de 1873 a 1874, extrahimos o seguinte:

Este estabelecimento vive unica e exclusivamente da caridade publica. Luctou desde a sua fundação, com grandes difficuldades para satisfazer aos seus compromissos, mas, graças aos bemfeitores dos ultimos annos, o *deficit* desappareceu[1]. E se n'este ultimo anno de 1874, os legados não foram tão salientes, como nos annos anteriores, ainda assim recebeu em dinheiro 15:201$206 réis

[1] O autor da planta, deu ás paredes aquella espessura, suppondo que seriam feitas com tijolo, e quando soube que eram feitas com granito, e que não modificavam convenientemente a espessura marcada na planta, admirou-se, e chegou a escrever á mesa administradora da Santa Casa, estranhando a *simplicidade* do mestre da obra; mas isto não exime da censura o sr. João Karr, pois devia ser mais explicito.

[1] Só o conde Ferreira e o dr. Campeão egaram á Santa Casa, mais de mil contos fortes!

e em inscripções 74:600$000 réis, não contando as esmolas em especie.

Foi em 1873 a 1874, o movimento do cofre o seguinte:

Receita	133:102$907
Despeza	128:631$275

E note-se que os generos alimenticios subiram consideravelmente de preço, v. gr., a carne 35 réis em kilogramma, e muitas drogas 35 a 40 p. c., augmentando tambem progressivamente o numero de enfermos, como se vê dos relatorios anteriores. Assim, sendo em 1869, os enfermos em numero de 6:008 tratados pela Santa Casa—em 1871, foram 6:496—em 1873, 7:762, e em 1874, 7:850.

Existiam no hospital, em julho de 1873, 490 doentes; entraram em todo anno 7:360, o que prefaz o total de 7:850—sairam curados 6:810—fallecendo 612, e ficando apenas existindo 428 enfermos em julho de 1874.

No 1.º de janeiro do corrente anno de 1875, existiam em tratamento no hospital, 361.

Em 1872 a 1873, foi a mortalidade na rasão de 10 p. c.—e em 1873 a 1874, foi na rasão de 7,7 %; tão proficuas têem sido as obras e modificações feitas na casa.

Continuou em 1874, a construcção do magestoso edificio do hospital, não com a rapidez e desenvolvimento que seriam para desejar, mas consoante ás forças do cofre, e algumas obras importantes se realisaram, como a continuação da galeria de serviço no primeiro pavimento—a continuação do alicerce do muro, correspondente á arcada longitudinal da galeria norte—construcção completa da escada principal do pavilhão de nordeste—conclusão das quatro enfermarias que olham para a Praça do Duque de Beja, e canalisação d'agua potavel para as novas enfermarias.

Montou-se na summidade do edificio, um deposito d'agua quente, que d'alli segue, por encanamento especial, para todas as enfermarias, e foi substituida a illuminação de azeite e petroleo, pela de gaz, em todo o vasto edificio—melhoramento sensivel, e que produz já a economia annual de 142$496 réis, em 122 lumes.

Deu-se finalmente principio, a uma nova casa para operações e tratamento dos operados, na cêrca do hospital, a distancia d'este, em local e condições indicadas pelo Conselho Medico da Santa Casa, e pelo da Escola Medico-Cirurgica.

Fica junto á extremidade noroeste da cêrca, em frente do portão que dá serventia para esta, no alto da rua da Liberdade.

Tem o novo edificio a fórma de um E, cujas alas menores, são para enfermarias de um e outro sexo, separadas por um terreiro ajardinado, com cêrca de 27 metros de extenção, e a ala central, é destinada para sala de operações e quartos para particulares, de ambos os sexos. E terá uma varanda larga e coberta, onde nos dias calmosos, ou quando convenha, possam ser collocados os doentes nas suas mesmas camas.

Principiou-se esta obra em 12 de janeiro de 1874, e já se acham concluidos os alicerces, e feita boa parte das paredes.

N'este pequeno hospital annexo foram rigorosamente observadas todas as prescripções da sciencia medica, tanto quanto permittia o sitio.

Tem o grande hospital uma pharmacia propria (d'ella fallamos em seguida) a qual não só fornece os medicamentos para este hospital, e para os hospitaes annexos, a cargo da Santa Casa, mas serve tambem o publico, como qualquer outra.

Além dos doentes que se tratam na casa, outros muitos vão alli consultar-se. Só em 1874 nada menos de 22:982! E a estes, quando pobres, dá a Santa Casa gratuitamente os remedios prescriptos, [1] que só no anno de 1873 a 74 montaram a 8:523$000 réis.

Tem tambem este hospital uma lanvanderia a vapor, que presta valiosos serviços á casa. Accelera a lavagem da roupa, evitan-

[1] E computados pelo regimento em vigor os remedios fornecidos em 1873 a 74 pela pharmacia da casa para o grande hospital, banco e consultorio, e para os hospitaes menores a cargo da Santa Casa, attingiram a cifra total de 38:741$630 réis.

do a agglomeração que muito a damnificava, e que era um foco temivel de infecção; abastece todo o edificio de agua, elevando-a com a machina até ao grande deposito — e dá por ultimo ainda um saldo consideravel a favor da casa.

Continuam a funccionar com toda a regularidade as enfermarias homoeopathicas, montadas ha annos com o legado do benemerito conde de Ferreira, dando inequivocas provas da profiquidade do systema.

Existiam no principio do anno de 1873 a 74 n'estas enfermarias 45 doentes — entraram durante o anno 650—sahiram curados 625—falleceram 29—ficaram para 1874 a 75 —31.

—

É actualmente digno provedor da Santa Casa o reverendo dr. João José de Vasconcellos—escrivão o sr. dr. Francisco de Salles Gomes Cardoso—e cartorario, zeloso e intelligente (desde 22 de novembro de 1855) Cherubino Henriques Lagôa, auctor de um volume de poesias denominado — *Vozes Timidas*—publicado em 1865 (Porto) cuja edição se esgotou ha muito.

E no grande hospital em 1 de janeiro do corrente anno (1875) o quadro do pessoal (não incluindo a pharmacia) era o seguinte:

Facultativos	9
Empregados na secretaria e fiscalisação	5
Capellães	2
Enfermeiros	2
Vice-enfermeiros	3
Ajudantes	22
Enfermeiras	2
Vice-enfermeiras	2
Ajudantas	25
Môços	22
Porteiros	1
Cozinheiro	1
Sachristão	1
Total	97

Planta do hospital da Misericordia

A fórma do edificio é quadrangular, e as suas faces principaes (e perfeitamente identicas) ficam voltadas uma para o nascente (rua occidental do Jardim da Cordoaria) e outra para o poente (rua da Liberdade.) A do nascente é a unica que se acha acabada, mas só exteriormente, continuando n'ella as obras interiores; a do sul está a quarta parte apenas feita, e d'este lado ha muito pararam as obras; na do norte ha apenas feita um pequena parte dos alicerces; e a do poente ainda não passou da planta, nem passará nos nossos dias.

Cada uma das fachadas, éste e oéste, deve ter 783 palmos (174^m) de extensão — as outras duas que devem ser tambem identicas, 179^m,33 de comprimento cada uma, e toda a circumferencia do edificio por consequencia 3:180 palmos.

No meio deve haver (segundo a planta primittiva) um grande pateo e claustro, medindo tanto pelo nascente como poente 601 palmos, e pelo norte e sul 583.

No centro d'este pateo (hoje occupado pela lavanderia a vapor, hospital annexo, horto botanico, etc.) Foi na planta marcada uma egreja de fórma circular no interior, e quadrada no exterior, medindo cada uma das suas 4 faces 130 palmos, 77 de diametro no interior, e 200 na sua maior altura, desde o pavimento até ao topo da cruz do zimborio; devendo ser esta egreja ornada com 22 columnas de 40 palmos de alto cada uma; 4 estatuas de 18 palmos; 3 portas; 24 janellas grandes e 48 menores, além das que devem ficar á face dos alicerces.

Deveria ter todo o edificio 3 sobrados—159 salas e salões—142 enfermarias—97 privadas—20:609 portas e janellas—28 estatuas de 18 palmos—176 columnas (a maior parte de 40 palmos)-100 pyramides—5:586 balaustres—e 56 escadas principaes, de dois andares cada uma, com mais de 3:000 degraus, isto além dos subterraneos.

A altura do edificio varia de 70 a 95 palmos, com a grande differença de nivel do terreno. As paredes fundamentaes já feitas, tem (segundo diz Rebello da Costa) 50 palmos de espessura em alguns pontos do lado sul, e os aterros d'este mesmo lado, cêrca de 100 palmos de altura, tendo já hoje vastos armazens subterraneos, arrendados na actua-

lidade (o maior) pelo acreditado negociante de vinhos, Joaquim Ferreira Monteiro Guimarães.

Principiou, como já dissemos, a construcção d'este vasto edificio, em 1769, e hoje (maio de 1875) terá feita apenas a quarta parte, posto que nos ultimos annos, a instancias do commendador o sr. Manuel Francisco Duarte Cidade, as obras se desenvolveram consideravelmente, devendo-se, em grande parte, aos esforços e donativos em dinheiro, d'este rico e benemerito irmão o acabamento da fachada principal (extremidade N.)

Hotel do Louvre

Na esquina da rua do Triumpho e da rua do Rosario, com uma face voltada ao sul, sobre a rua da Liberdade, e outra ao nascente, sobre a praça do Duque de Beja, está n'esta freguezia o hotel do Louvre, por mais do que um titulo digno de menção.

É este hotel um dos primeiros do Porto, e propriedade (o estabelecimento, não o edificio) da sr.ª D. Maria Henriqueta de Mello Lemos e Alvellos, filha do fallecido marechal de campo, Henrique de Mello Lemos e Alvellos, fidalgo da casa real, e irman do sr. visconde do Cerrado, actual governador civil de Viseu. É casada com um distincto cavalheiro de Pinhel, o sr. João de Menna Heredia Freire Falcão, de quem se acha judicialmente separada ha muitos annos.

Foi n'este hotel que se hospedou o sr. D. Pedro II, imperador do Brasil, quando viajava na Europa em 1872..............

—

N'esta mesma casa esteve o *Grande Hotel de Paris*, durante a exposição internacional, que se realisou em 1868 no palacio de crystal d'esta cidade.

Estava montado com grande luxo, e foi o primeiro hotel do Porto n'essa época.

—

O nosso infatigavel archeologo, o sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, de quem algumas vezes tenho fallado, com louvor, n'esta obra, pelos relevantes serviços que tem prestado a Portugal com as suas investigações, achou, em 1863, no convento de Monchique, d'esta freguezia, uma grande lapide de granito, com uma inscripção hebraica, perfeitamente conservada.

Estava incorporada no revestimento de cantaria, em conveniente altura para ser lida, do lado esquerdo de quem entra no pateo, e proximo da hombreira do portão da horta.

O sr. Silva, desejou logo obtel-a para o seu querido museu archeologico do Carmo.

Passados annos, foi o mosteiro vendido ao seu actual proprietario, o sr. Clemente Joaquim Guimarães Messener, que generosamente deu a pedra ao sr. Silva; e, a 3 de fevereiro de 1875, deu ella entrada no Carmo.

Tem a pedra 1m,54 de comprido, por 0m,63 de largo, e 0m,18 de grossura.

Não está completa a inscripção, faltando-lhe a parte superior e a inferior.

É provavel que esta pedra viesse para aqui, da *esnoga* (synagoga) que se suppõe, com bons fundamentos, ter existido proximo e a E. do mosteiro, onde ainda se chama *Monte dos Judeus*, depois de expulsos os israelitas, do seu bairro, á Victoria, como fica dito no logar competente.

O sr. Joshua E. Levy, deu ao sr. Silva, a traducção seguinte, da inscripção hebraica:

1.º — *Se perguntar, como não foi occultado, edificio de nomeada dentro de muralhas.*
2.º — *Elle fazia saber, dizendo, tenho um protector, conhecido entre altos dignitarios.*
3.º — *Para mim um guarda, elle decerto diria, eu sou a tua verdadeira e melhor muralha.*
4.º — *Grande entre os hebreus, entre os principes de tua nação, o mais poderoso elle é.*
5.º — *Benefico protector do seu povo, servindo a Deus com perfeita fé, edificou um templo ao seu nome, de talhado pedernal.*
6.º — *Ministro d'el-rei, na grandeza o primeiro é conceituado, e nas audiencias reaes seu posto tem.*
7.º — *Elle é grão rabbino, Dom Jehudá, protector e luz da tribu de Jehudá, a elle compete a suprema auctoridade.*

8.º — *Por mandado do grão rabbino, que viva, Dom Jehosef-Ben-Argé* (José de Leão) *commissionado e director da obra.*

Segundo suppõe o sr. Levy (o traductor) foi edificado o templo judaico (synagoga), a que a inscripção se refere, no fim do seculo XV, ou principio do XVI [1] por ordem do rabbino, Dom Jehudá, que *occupava uma posição muito elevada na côrte;* [2] a que a inscripção dá o nome de *Mishné Lamelej*, que na lingua hebraica significa—*vice-rei, director de finanças*, ou *intendente geral do reino*.

Vê-se da inscripção, que o director da obra da synagoga, foi um tal *Dom Jehosef Bem-Argé*, ou *José de Leão.*

—

Grande parte dos minuciosos e importantissimos esclarecimentos d'este artigo, me foram generosamente dados pelos srs. dr. Pedro Augusto Ferreira, dignissimo e illustrado abbade de Miragaya, e Tito Augusto Duarte de Noronha, esclarecido director das obras da nova alfandega do Porto.

[1] Mas não no tempo do dominio dos Philippes, como diz o sr. Levy—primeiro, porque os judeus foram expulsos de Portugal por D. Manuel I, em 1497—e, portanto, no tempo dos Philippes já não havia judeus nem synagogas na Peninsula—segundo, porque a dominação philippina principiou no ultimo quartel do seculo XVI, e terminou no 2.º do XVII—1580-1640—e não nos seculos XIV e XV, como diz o sr. Levy.

Nada tem com a dominação dos tres Philippes, o uso de escrever-se *don* em vez de *dom.* N'aquelles tempos, empregava-se indistinctamente em Portugal o *n* ou o *m* n'esta e outras muitas palavras, como temos visto em varias partes d'esta obra.

[2] Só se fosse *director das finanças*, que é do que os judeus mais gostavam. Em todo o caso, não vejo nas historias de Portugal, dos seculos XV e XVI (e muito menos no tempo dos Philippes) similhante nome, exercendo emprego nenhum publico. Se *D. Jehudá*, foi ministro ou recebedor de finanças, era conhecido por outro nome (muitos judeus usavam de dois—um na synagoga, e nos documentos escriptos na lingua judaica; e outro quando escreviam em portuguez, para negocios publicos.) Talvez que D. Jehudá não passasse de um *onzeneiro*, e que os seus, por lisonja, e como era em caracteres que os portuguezes não entendiam, lhe puzeram aquelle pomposo titulo.

Estes dois cavalheiros levaram a sua nobre amisade ao ponto de ceder-me o fructo de longos trabalhos e árduas locubrações em que andam empenhados, para darem á luz o seu livro, intitulado—*Antiguidades do Porto*—já em via de publicação.

Ninguem mais praticaria este rasgo de nobre cavalheirismo; acceitando o papel de plagiario, do que é seu, pois teem de reproduzir na obra o que antecipadamente publiquei n'esta.

Julgo-me obrigado a fazer esta declaração, para se conhecer a rarissima modestia d'estes dois senhores, e para se saber que não quero elogios que a outros se devem dirigir.

Perdoe-me o sr. abbade se com esta declaração infrinjo as suas ordens; porém a minha consciencia determina-me este procedimento.

MIRANDA—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 40 kilometros a ONO. de Braga, 400 ao N. de Lisboa, 250 fogos. Em 1757 tinha 236 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Conceição.)

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O parocho era vigário, regular, triennal, da apresentação do mosteiro benedictino, d'esta freguezia. Tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

Houve aqui um mosteiro de monges da Ordem de S. Bento, fundado por S. Fructuoso, arcebispo de Braga, no anno 659, no reinado do rei suevo, Receswinto. (S. Fructuoso, falleceu a 16 de abril de 665.)

Era este mosteiro um dos maiores d'esta provincia, tanto em numero de frades, como em grandeza.

Alguns frades viviam como verdadeiros eremitas, em capellas espalhadas pelo monte.

O rei D. Affonso II, no seu testamento, lhe chamava *Admiranda.* Foi primittivamente fundado mais abaixo do sitio actual, depois, na reconstrucção, é que se mudou para o segundo local.

Passou a commendatarios, em 1590. Estes, comendo todas as rendas do mosteiro, deixavam os religiosos a morrer de fome, pelo que elles abandonaram o mosteiro e foram para outros conventos da sua ordem.

Os commendatarios, vendo-se livres dos monges, partiram os bens do mosteiro em varios prasos, que deixaram aos seus parentes.

D. Affonso III e seus successores, deram varios coutos e muitos privilegios a este mosteiro, e o D. abbade d'elle, era ouvidor, nos seus coutos; porém, quando o mosteiro passou a abbadia secular, a camara dos Arcos conseguiu fazer-lhe *quebrar* os privilegios.

—

No alto do monte d'esta freguezia, ha uns penedos, a que ainda chamam *Castello;* onde, segundo a tradição, esteve uma fortaleza, em que os christãos se defendiam contra os mouros.

Alguns dão a esta freguezia o nome de *Mirande*, não sei porque. Entendo que é êrro. O *Portugal Sacro e Profano*, e todos os escriptores antigos, a denominam *Miranda.*

MIRANDA DO CORVO (ou **DE PODENTES**)—villa, cabeça do concelho do seu nome, comarca da Louzan, 18 kilometros a SE. de Coimbra, 195 ao N. de Lisboa, 1:300 fogos.

Em 1757 tinha 900 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Os duques de Lafões apresentavam o prior; depois, passou a apresentação para o real padroado. O prior tinha 1:800$000 réis de rendimento annual. (vide adiante.)

O concelho de Miranda do Côrvo é composto de 4 freguezias, que são:—Lamas, Miranda do Côrvo, Rio de Vide, e Semide, todas no bispado de Coimbra, e com 2:600 fogos.

Está esta villa situada sobre o rio Duéça, que passa pelo meio da povoação, sendo n'ella atravessado por duas pontes de cantaria.

Aqui se junta ao Duéça, o rio *Alhêda*, que nasce no valle de Nossa Senhora da Piedade, a pouca distancia da villa, recebendo em sua curta carreira, os ribeiros de Espinho, do Arneiro, e os do valle de Avencúa. Para o Duéça, vide 3.º vol., a pag. 490, col. 1.ª

Junto á villa está um campo muito ameno, aprasivel e fertilissimo, povoado de hortas e pomares.

Ha aqui fabricas de estamenhas, pannos de linho, e louça ordinaria.

Tem um grande mercado semanal.

Consta que D. Affonso I lhe deu foral, em 1160; mas Franklim não o menciona. D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 20 de novembro de 1514. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 68, v. col. 2.ª) N'este foral se dá á villa o nome de *Miranda de Podentes.*

—

Fica Miranda do Côrvo a 9 kilometros da Louzan, egual distancia de Semide, 12 de Penella e o mesmo do Espinhal.

O seu concelho confina, ao NE., com o de Semide (extincto, e hoje unido ao de Miranda)—ao E., com o da Louzan—ao SE., com o de Figueiró dos Vinhos (districto administrativo de Leiria)—com o de Penella, ao O.—e ao NO., com o de Coimbra.

Está a povoação cercada por todos os lados de elevadas alturas, que são, a serra de Miranda do Côrvo, a de Espinho, a da Senhora da Piedade e a de Villa Nova; pelo que só se vê a villa quando se desce as encostas d'estes montes, para a povoação, que está assente em uma bacia abrigada, amena, agradavel e fertil.

É Miranda uma antiquissima povoação, e no alto do Calvario existiu, em tempos remotos, um castello, de que ainda ha vestigios, e uma cisterna. Não se sabe quem foi o fundador da villa e do castello, nem a época da sua fundação. Entre o Côrvo e Miranda, têem apparecido, por differentes vezes, alicerces de cantaria, o que prova ter alli existido uma povoação de que não ha memoria.

D. Affonso Henriques reedificou e povoou esta villa, pelos annos de 1160, e é muito provavel que lhe desse então foral.

O castello era, com toda a provabilidade, de construcção romana. Sabemos que os

mouros o tomaram, em 1116, assassinando ou captivando toda a sua guarnição.

Os castellos de Miranda, Soure, Santa Eulalia e outros, formavam n'esses tempos uma linha curva, ou semicirculo, de fortificações avançadas, que defendiam Coimbra, pelo E., S. e O. (*Historia de Portugal*, por Alexandre Herculano, tom. 1.º, pag. 255.)

Foi Miranda senhorio da esclarecida familia dos Sousas, a mais nobre de Portugal, depois da real. São membros d'ella, os duques do Cadaval e Lafões, os descendentes dos marquezes de Minas, os condes de Redondo, os condes de S. Thiago (de Beduído) e uma grande parte da antiga e verdadeira aristocracia portugueza, por casamentos com esta familia.

Depois, os senhores de Miranda do Côrvo, passaram a condes do mesmo titulo, até que o 7.º conde de Miranda, D. Pedro Henrique de Bragança Sousa Tavares Mascarenhas da Silva, filho do infante D. Miguel (filho legitimado de D. Pedro II) foi elevado a duque de Lafões, por D. João V, em 5 de novembro de 1718, ou, segundo outros, em 2 de abril d'esse anno.

Este D. Pedro, era tambem 3.º marquez de Arronches, senhor de Alafões (ou Lafões) e das villas de Jarmêllo, Fulgosinho, Sosa (ou Sousa) Podentes, Vouga, e Oliveira do Bairro.

Para as armas e genealogia dos Sousas, vide pag. 12, col. 2.ª do 4.º vol.

Julgo uma curiosidade historica de subido valor (por ser uma prova de como faltam á verdade os que dizem que no tempo do absolutismo, o monarcha era superior ás leis) o facto seguinte.

D. João V, logo depois de reconhecer por principes da familia real, a D. Luiza e D. Miguel, filhos bastardos (legitimados) de D. Pedro II, casou D. Luiza com o 2.º duque do Cadaval, D. Luiz (filho do duque D. Nuno.) D. Luiz morreu sem filhos, pouco depois de casado, e a sua viuva casou com D. Jayme, seu cunhado, irmão de D. Luiz, que foi o 3.º duque do Cadaval.

D. Miguel casou com D. Luiza Casimira de Sousa, filha e herdeira de D. Marianna de Sousa, 2.ª marqueza de Arronches, 5.ª condessa de Miranda, senhora da casa dos Sousas, casada com o marquez Carlos José de Ligne, principe do sacro imperio romano.

D. João V, por occasião do casamento de seu irmão, D. Miguel, concedeu á esposa d'este principe, em 1715, as honras de duqueza, e d'ahi a tres annos, creou em seu favor, como já disse, o ducado de Lafões. O casamento de D. Luiza com D. Miguel deu origuem ao seguinte pleito:

D. Luiza pediu ao rei, seu cunhado, que lhe concedesse o titulo de alteza, como tinha seu marido. D. João V, que era orgulhoso, e que, quando effectuou este casamento, só teve em vista o enlace de seu irmão com uma das mais ricas herdeiras que então havia n'este reino, recusou obstinadamente a deferir ao pedido de D. Luiza.

Esgotados todos os meios suasorios empregados já pela duqueza, já por seu marido, já pelas principaes pessoas da côrte, decidiu recorrer aos tribunaes, allegando, com razão, que, segundo as *ordenações do reino*, a mulher nobre, casada com homem nobre, tendo precedido approvação e licença régia, deve gosar todas ás honras de seu marido.

D. João V, que instituira um governo propriamente pessoal, fazendo-se rei absoluto [1] exasperou-se com a pretenção da duqueza, e determinou ao procurador da corôa, que empregasse todos os recursos legaes, para que aquella senhora não conseguisse o que desejava.

O pleito foi longo e disputadissimo; e durante elle obteve D. Luiza duas sentenças favoraveis; até que, em 26 de setembro de 1723, se publicou a terceira, que terminou a demanda, investindo a D. Luiza no tratamento de alteza.

Aqui temos pois, durante um governo incontestavelmente absoluto, leis superiores ao poder e influencia real, e tribunaes de justiça exercendo livremente a sua acção,

[1] D. João V, foi o primeiro monarcha portuguez que não quiz convocar as côrtes da nação, para decidir tudo pelo poder absoluto que se arrogára.

sem se importarem com o absolutismo do monarcha.

Eram os condes e senhores de Miranda que aqui punham as justiças. O juiz ordinario da villa era directamente subordinado ao corregedor de Coimbra,—e o capitão mór tinha tambem jurisdicção na villa de Podentes e na freguezia de Campêlle.

Os condes tambem apresentavam o prior d'esta villa. Era este um dos mais rendosos beneficios do reino, andando os dizimos arrendados por 16:000 cruzados (6:400$000 réis) termo medio, annualmente; porém d'esta grande renda pagava varias pensões.

O *Portugal Sacro e Profano* dá-lhe de rendimento liquido apenas 1:800$000 réis; porque costuma sempre diminuir e muito os rendimentos parochiaes.

—

A egreja parochial de Miranda, que está proxima ao antigo castello, é um bom templo, ainda que singelo.

Em 1853 se construiu sobre o Dueça uma boa ponte de alvenaria, á custa dos municipios de Coimbra e Miranda.

Ha n'esta freguezia a bella matta da *Tremôa*, foreira ao cabido da Sé de Coimbra.

O forte d'este concelho, e de que os seus habitantes vivem quasi exclusivamente, é a agricultura; porém os póvos do Carapinhal, Bujoz, e parte dos de Espinho, fabricam e exportam para Coimbra, Montemór-Velho, Figueiró dos Vinhos, Pedrogão e outras localidades, louça de barro vermelho, cuja industria é aqui muito antiga, pois já o padre Carvalho da Costa diz, que o maior numero de povos d'esta villa são oleiros.

—

O *Sanctuario Marianno* (vol. 4.º, pag. 487) diz que esta villa foi fundada ou reedificada por D. Affonso Henriques, que lhe deu o seu primeiro foral, que D. Manuel reformou. *Esta villa,* parece, *deu este mesmo rei* (D. Manuel) *ao primeiro duque d'Aveiro, em cujo estado se acha ao presente* (1712). *Antes a havia dado el-rei D. Diniz, em 8 de outubro de 1315, a D. Isabel, filha de seu irmão, o infante D. Affonso.* (Auctor e logar citados.)

—

A 3 kilometros a E. d'esta villa, está o sanctuario e casa de Nossa Senhora da Piedade (vulgo *capella do valle da Piedade*) situada na garganta de duas serras, e onde nos mezes de agosto e setembro concorrem infinitos romeiros, (alguns de mais de 100 kilometros de distancia) e duas *bandeiras*, de Coimbra, uma que sae da egreja de S. João d'Almedina, e outra (vulgarmente chamada do *Theodoro*) da egreja de Sant'Anna.

Fica este sanctuario proximo ao logar de *Tábuas*, e junto d'elle passam duas ribeiras que fazem o sitio muito fresco e ameno no verão.

Segundo a tradição, a origem d'este templo é a seguinte:

Junto ao sitio onde hoje está fundado o sanctuario (a um tiro de espingarda de distancia) está uma boa quinta, que foi do capitão Alexandre da Costa, e proximo a ella um agradavel prado arborisado, regado por muitas fontes, que nascem na mesma quinta e vae terminar na estrada) que leva á capella) povoada toda de grandes nogueiras e castanheiros.

N'esta mesma quinta (que é antiquissima), viviam, pelos annos 1300, Domingos Pires e sua mulher, Leonor Annes, ricos e muito caritativos proprietarios. Tiveram por filho *João Largo*, o qual teve duas filhas *Eva Moitinha* e *Maria Moitinha*, que, emquanto solteiras, eram as *aias* que toucavam e vestiam a Senhora da Piedade.

Eva Moitinha casou com André Vieira *Arnaut*, que veio (sendo menino) com a rainha D. Philippa d'Alencastre, mulher de D. João I. D'este casamento nasceu Sebastiana Vieira, que casou com Martim Carneiro, e não tiveram filhos.

Maria Moitinha casou com Pedro Neto Parra, dos quaes nasceu Manuel Netto Parra, que casou com Euphemia Cabral de Arnaut, sobrinha de André Vieira d'Arnaut. Tiveram Luiza Cabral de Arnaut, que casou com o tal capitão Alexandre da Costa, e tiveram varios filhos, que viveram n'esta

quinta; sendo os filhos primogenitos os thesoureiros e depositarios dos bens da Senhora da Piedade.

Domingos Pires era um rico lavrador, senhor de muitas terras d'estes sitios, e tinha muitos gados.

O sitio onde se edificou a capella da Piedade tinha antigamente o nome de *Malhadinha*, e a elle vinha Domingos Pires esperar o regresso dos seus gados.

Diz a lenda que a Senhora appareceu a este virtuoso lavrador, por varias vezes, sobre um penhasco, no referido sitio da Malhadinha.

Tratou logo Pires de edificar, no mesmo sitio, uma casa á Senhora, sob o titulo de Senhora da Piedade, e depois de construida a capella, foi a Coimbra, onde então havia bons esculptores, para encommendar a imagem, representando o trance doloroso em que tinha seu divino filho morto nos braços.

Chegou á cidade, ao convento antigo de Santa Clara, que estava junto á ponte, e alli se foi pousar a uma casa, que devia de ser hospedaria.

Pouco tempo depois de aqui chegar, entraram dois formosissimos mancebos, que perguntando-lhe o motivo da sua ida a Coimbra, e sabido por elles, disseram a Pires que eram esculptores, e que se elle lhes quizesse encommendar a factura da imagem, não ficaria descontente; e que mesmo tinham já feitas algumas imagens, que lhe trariam para examinar, ao que Pires accedeu.

No dia seguinte chegaram os dois esculptores com uma perfeitissima imagem da Santissima Virgem da Piedade, que mais parecia obra de anjos que de homens, e exactamente similhante á que lhe tinha apparecido na *Malhadinha*.

Ficou Pires sobremaneira alegre e satisfeito, sem querer ver mais nenhuma imagem, perguntando logo quanto esta custava. Disseram os mancebos que ficasse com a imagem, e no dia seguinte viriam tratar do ajuste; mas não vieram e Pires os andou buscando dois dias pela cidade, sem d'elles poder obter a menor noticia, nem na hospedaria houve quem os visse entrar ou sahir.

No fim de dois dias de buscas infructiferas, assentou Pires que os dois pretendidos esculptores eram anjos que lhe tinham dado a imagem, e tratou de a levar para a sua capella, para o que fretou um barco, e a levou pelo Mondego acima, até ao logar da Ceira, e ahi a collocou em um carro seu, levando-a para casa, até se concluir o seu altar. Foi um dia de grande festa o da collocação da imagem na capella. E' esta grande e bonita. Tem o altar-mór, onde está a padroeira (em um oratorio envidraçado).

A capella mór é fechada por umas bellas grades de pau santo, que lhe mandou fazer o prior do Salvador de Miranda, Estevão de Foyos Pereira.

Tem duas capellas lateraes de S. João Baptista, e de Santo Antonio.

Fóra da porta da capella, e formado n'ella, está um formoso alpendre, levantado sobre, columnas de pedra, e n'elle o pulpito.

Era annexa á egreja matriz de Miranda, cujo prior apresentava aqui o capellão, para tratar da capella, dizer as missas e receber as offertas.

Tinha a Senhora tres alampadas de prata, afóra uma muito antiga, que foi desfeita; quatro grandes castiçaes, duas corôas, thuribulo, navêta, e varias outras peças do mesmo metal; ricos ornamentos, e teve uma preciosa casúla, de brocado de oiro, bordada com as armas dos duques de Aveiro, que lhe deu a duqueza do mesmo titulo.

As religiosas do hoje abandonado convento de Jesus de Aveiro, tinham muito grande devoção a esta Senhora, e lhe costumavam mandar ramos e flores para o seu altar.

A 3 kilometros ao S. de Miranda, perto de uma serra eminente, e em um sitio que fica ao O. da serra, está uma planicie, cercada de arvores silvestres, no meio da qual erigiu uma mulher a capella de *Nossa Senhora dos Milagres*.

Conta a tradição do modo seguinte a origem d'esta capella.

Pelos annos de 1500, havia uma pequena aldeia na descida d'aquella serra, chamada *Fetaes*, habitada por pobres lavradores. Entre estes havia uma viuva, com

uma filha que, por motivos que se ignoram, se suicidou, enforcando-se.

A mãe, afflicta, com tão triste successo, e envergonhada pelo fim desesperado de sua filha, pegou n'ella ás costas, e a foi enterrar na planicie, em cujo centro está hoje a capella, sem a pessoa alguma dar parte do succedido; e sobre a campa da filha hia chorar lagrimas de vergonha e de saudade.

Passado tempo résolveu edificar aqui uma capella á Mãe de Deus, para o que sollicitou e obteve licença do bispo de Coimbra.

Construiu a ermida, que dedicou a *Nossa Senhora dos Milagres*. A imagem da Senhora é de pedra, de um metro de alto, e de boa esculptura, mandada fazer em Coimbra pela fundadora.

E' a Senhora dos Milagres advogada contra as afflicções do coração e dores internas, e lhe offerecem os devotos, como testemunho dos favores recebidos, corações e outras visceras de cêra.

—

Miranda é tambem um appellido nobre em Portugal, tomado, ou d'esta villa, ou da cidade do mesmo nome, em Trás-os-Montes.

O primeiro que com elle se acha, é Gonçalo Paes de Miranda. Tem os Mirandas, brasão d'armas completo, que é—em campo d'ouro, aspa de púrpura, firmada, entre quatro flores de liz, de verde. Elmo d'aço aberto, e por timbre, seis plumas d'ouro, e entre ellas, uma das flores de liz das armas.

Outros do mesmo appellido, usam das mesmas armas, mas o timbre é uma aspa d'ouro, carregada das quatro flores de liz das armas, uma em cada ponta.

Outros trazem, em campo d'ouro, duas aspas de púrpura, em banda. (Para a etymologia, vide o artigo seguinte.)

MIRANDA DO DOURO—cidade, Trás-os-Montes, cabeça do concelho e da comarca do seu nome, bispado e districto administrativo de Bragança, d'onde dista 48 kilometros, e 470 ao N. de Lisboa, 350 fogos, em uma só freguezia.

Em 1757 tinha 300 fogos.

Orago Santa Maria Maior. (Nossa Senhora da Assumpção.)

Era esta freguezia (antes do bispado se mudar para Bragança), curada por dois conegos de meia prebenda, da apresentação da mitra, tendo cada um d'elles 125$000 réis de rendimento annual.

O concelho de Miranda, é composto de 15 freguezias, todas no bispado de Bragança, são: Athenor—Cicouro e Constantim—Duas-Egrejas—Genizio—Iffânes (ou Iffânes)—Malhadas—Miranda—Palaçoulo—Paradella—Picote—Póvoa—S. Martinho d'Angueira—Sendim—Silva, e Villa Chan da Barciosa. Todas com 2:000 fogos.

A sua comarca é composta dos julgados de Miranda e Vimioso, este, com 2:200 fogos; vindo a comarca a ter 4:200 fogos, todos tambem no bispado de Bragança.

Esta cidade, é uma triste prova das alternativas a que estão sujeitas as povoações, como as familias e os homens. Nobre e antiquissima cidade da Lusitania, chegou a tal decadencia, que, não só perdeu a séde de bispado, mas até a comarca, pois o julgado de Miranda pertenceu, por muitos annos, á comarca do Mogadouro, pequena e arruinada villa de Trás-os-Montes.

Em 1855, tornou a ser cabeça de comarca.

Está em 41° 25′ de latitude e 15° 18′ de longitude, N.

É o seu assento na parte mais meridional da provincia, sobre a direita do rio Douro, que a separa da provincia de Leão (Hespanha), em terreno montuoso e alcantilado, refervendo-lhe ao sopé, encaixado em penedias, o indomito rio que lhe dá o sobrenome.

A darmos credito ao padre Carvalho da Costa, e outros muitos escriptores portuguezes, foi Miranda uma cidade importantissima no tempo dos romanos, que lhe deram o nome de *Contium*, depois, de *Paramica*, e por fim, de *Seponcia*.

Conquistada pelos arabes, em 716, estes deram-lhe o nome de *Mir-Andul*, que facilmente se corrompeu no actual.

Mir ou *Emir*, é um nome appellativo arabe, que significa: principe, senhor, chefe, governador, etc.

Andul, é um substantivo persa, adoptado pelos arabes, e vem a ser, uma especie de *liteira*, conduzida por homens; *andas*, ou *palanquim*, ainda hoje muito usado na Asia e

e na Africa. (De *andul*, fizemos nós andor, que vem a ser o mesmo). Sendo assim, significa—*Povoação do Emir do palanquim.*

Na Hespanha ha varias povoações com o nome de *Miranda*. Na Italia ha uma cidade cujo nome soffreu menos corrupção, pois se chama *Mirandula.*

—

Com as guerras entre os lusitanos e arabes, foi esta cidade muitas vezes tomada e destruida, de modo que no tempo do conde D. Henrique, estava em completo estado de ruina e quasi deserta.

Foi n'este misero estado que a achou seu filho, D. Affonso Henriques. Vendo este principe a importancia militar d'este ponto, não só pela facilidade com que se podia tornar defensavel, como por ser fronteiro aos turbulentos leonezes, com quem teve varias e encarniçadas guerras, tratou de a tornar uma praça de guerra, construindo-lhe um forte castello, e uma pequena cêrca de muralhas, em 1136; e, n'esse mesmo anno, a 19 de novembro, lhe deu foral, com muitos privilegios, sendo um dos principaes, o de ser *couto do reino*, ou de *homisiados;* para attrahir para aqui mais facil e mais rapidamente povoadores.

Este foral e seus privilegios, foram depois confirmados em Coimbra, por seu neto, D. Affonso II, em 1217. (Maço 12 de *foraes antigos*, n.º 3, fl. 9, col. 1.ª—e no *Liv. de foraes antigos, de leitura nova*, fl. 53 v., col. 2.ª)

D. Diniz, lhe concedeu outro foral, augmentando os privilegios antigos, em Santarem, a 18 de dezembro de 1286, dando-lhe então o fôro de villa. (*Liv. 1.º de doações, do sr. rei D. Diniz*, fl. 189, col. 1.ª, e na gav. 15, maço 13, n.º 21.)[1]

D. Manuel lhe deu foral novo, em Santarem, no 1.º de junho de 1510. (*Liv. de foraes novos de Trás-os-Montes*, fl. 1, col. 1.ª)

—

A população de Miranda, foi crescendo em redor do castello, convidada pelos privilegios e isenções que lhe eram concedidos, e o mesmo D. Affonso Henriques, ou seu filho, D. Sancho I, mandaram construir em redor da povoação, uma outra cêrca de muralhas, defendidas por algumas torres e cubêllos.

Subindo ao throno (1279) o rei D. Diniz, incansavel constructor de castellos e muralhas, e estando as fortificações de Miranda bastante deterioradas, já pela má construcção, já pelas guerras com os leonezes, mandou reedificar tudo, no mesmo anno em que lhe deu foral, terminando as obras no anno seguinte.

O castello estava tão desmantelado, que foi preciso reconstruil-o desde os fundamentos. As muralhas tambem foram ampliadas.

O castello tinha uma porta e um postigo, e as muralhas, tres portas.

Eram alcaides-móres do castello de Miranda, os marquezes de Távora, que, com a vida, e com todos os seus bens, perderam esta alcaidaria-mór, em 1759. (Vide *Chão Salgado.*)

Tambem o foi Gonçalo Paes de Miranda, tronco dos Mirandas. (Vide *Miranda do Corvo.*)

As obras de defeza, feitas por D. Diniz, principiaram em 1294, e se concluiram em 1299.

Agora está tudo em ruinas. Adiante direi a rasão porque.

Cessaram as guerras com os castelhanos e leonezes, e a paz trouxe comsigo o desenvolvimento da industria, commercio e agricultura.

Os hespanhoes, tornando-se nossos amigos, concorreram por muito, para a prosperidade de Miranda, que era o centro das suas transacções, com este reino, e Miranda tornou-se florescente.

No principio do seculo XVI, o arcebispado de Braga, tinha uma área vastissima, pois abrangia a maior parte da provincia do Minho e toda a de Trás-os-Montes, o que, como é facil de julgar, causava graves transtornos, prejuizos e delongas, nos negocios ecclesiasticos.

D. João III subira ao throno, em 1521, e sendo-lhe representados os inconvenientes da grande extensão do arcebispado de Braga, resolveu crear um bispado em Trás-os-

[1] Um dos privilegios d'este foral, era o de Miranda nunca sahir da corôa.

Montes—Impetrou do papa Paulo III, a bulla para a erecção da nova diocese, que lhe foi concedida, em 22 de maio de 1545. (quando se creou tambem o bispado de Leiria.)

Foi 1.º bispo de Miranda, D. Toribio Lopes.

É pois a este monarcha, que Miranda deve essa época de esplendor, que por mais de dois seculos disfructou.

Honrou-a com a cathegoria de cidade, e lhe deu novos privilegios, sendo um dos principaes o de mandar procuradores ás côrtes, com assento no banco 4.º—Tudo isto no mesmo anno de 1545.

Suppõe-se que foi tambem então, que lhe deu por armas, um escudo coroado, tendo no meio um castello com tres torres, e sobre a torre do centro, a lua em quarto crescente, com as pontas para baixo.

—

Eis Miranda a unica cidade de Trás-os-Montes, capital de provincia, séde de bispado, residencia do bispo, conegos e mais auctoridades ecclesiasticas, bem como das militares e civis. Com muitos e grandiosos edificios, publicos e particulares. (quasi todos reduzidos actualmente a tristes ruinas; mudas mas eloquentes testemunhas de ventu passadas. *Sic transeat gloria mundi!*)

—

A guerra dos 27 annos, deu o primeiro, mas terrivel golpe na prosperidade d'esta infeliz povoação. Situada na raia, foi por varias vezes entrada e saqueada pelos castelhanos.

O seu commercio estava paralisado, a sua industria nulla, e os lavradores, em vez de se empregarem no amanho das suas terras, empregavam-se em defender a sua patria contra os castelhanos.

Em 1644, D. João IV mandou reedificar as suas antigas muralhas: o castello apropriou-se ao uso da artilheria, para o que se demoliram as quatro torres que existiam nos quatro angulos do castello, até ficarem ao nivel das cortinas.

Na guerra da successão de Hespanha, travada entre Castella e França de uma parte; e a Inglaterra, Portugal, Hollanda e a Allemanha, da outra, foi esta cidade tomada, por traição, no dia 8 de julho de 1710.

O sargento-mór, Pimentel, governador da praça, a entregou ao general, marquez de Bay, por 6:000 dobrões, ficando a guarnição prisioneira de guerra. Porém em 1711, foi esta affronta vingada por D. João Manuel, conde da Atalaia, que depois de um curto assedio, e tomadas as obras exteriores, e aberta uma brecha no castello, fez render a praça por capitulação, em 15 de abril, ficando a guarnição castelhana prisioneira de guerra.

Em 1762, rebenta a guerra entre Hespanha e Inglaterra, por causa do *pacto de familia*. Portugal não cede ás intimações de Castella e França, e toma o partido da Gran-Bretanha; pelo que a Hespanha nos declarou guerra, em 15 de junho d'esse anno.

O general castelhano, marquez de Sarria, invadiu com um poderoso exercito a provincia de Trás-os-Montes, devastando-a e saqueando-a, e tornando-se senhor de quasi toda, e marchando sobre o Porto.

Tambem então (em 25 de agosto) o general, conde de Reilli, nos toma Almeida, por capitulação; e na America nos tomaram cavilosamente a colonia do Sacramento e a ilha de S. Gabriel.

Em quanto Miranda esteve sob o dominio castelhano, soffreu o que era de esperar de inimigos implacaveis.

Felizmente, o duque de Lafões, é nomeado general em chefe do exercito portuguez, e chefe do estado maior, o marechal general, conde de Lippe; e os castelhanos são derrotados em varias batalhas; até que em 10 de fevereiro de 1763, se assigna a paz, entre Portugal, Hespanha, França e Inglaterra.

A prosperidade de Miranda, hia em decadencia; e tudo concorria para a reduzir a uma povoação insignificante.

Em 1770, abre-se a communicação com a

corte de Roma. (que estava impedida, desde 25 de agosto de 1760.)—D. José I, impetra e obtem do papa Clemente XIV (o célebre *Ganganelli*) a erecção dos bispados de Penafiel e Bragança, e a restauração do de Beja.

O bispado de Bragança, é formado á custa do de Miranda, desmembrando-se-lhe grande numero de parochias.

Pela bulla do papa Pio VI, de 27 de setembro de 1780, foram unidas estas duas dioceses; mas então, Miranda perdeu a sua preeminencia ecclesiastica, transferindo-se para a cidade de Bragança a séde episcopal.

Bonaparte, feito imperador dos francezes, está em guerra com grande numero de nações da Europa.

Em 1801, faz uma alliança com os hespanhoes, contra a Inglaterra; e, como o principe regente (depois D. João VI) se recusa a entrar na liga, Godoy (feito *principe da Paz*) invade Portugal, com um grande exercito, e nos toma Olivença.

A provincia de Trás-os-Montes, tambem soffreu com esta guerra, que felizmente foi de curta duração.

Pelo *Tratado de Fontainebleau* (27 de outubro de 1807), e segundo as *partilhas* então feitas de Portugal, ficavam as provincias de Trás-os-Montes e Beira, em *deposito*, até á paz geral, para então se dispôr d'ellas como quizesse Bonaparte. (Vide col. 1.ª, pag. 392 do 4.º vol.)

Tambem então Miranda, e toda a provincia de Trás-os Montes, soffreram repetidas e devastadoras invasões dos castelhanos e dos francezes; mas tambem foi theatro glorioso do heroico esforço dos portuguezes, que, secundando o grito de independencia, levantado em outras terras do reino, tanto contribuiu para nos libertar das garras dos francezes.

—

A unica egreja parochial da cidade, é o templo de Nossa Senhora da Assumpção, de que adiante tratarei.

Os principaes edificios de Miranda, são: a Casa da Misericordia, o Hospital, e o Seminario (construido pouco antes da suppressão do bispado de Miranda.)

Dentro e fóra da cidade, ha varias capellas.

Não ha fontes dentro do recinto das muralhas; mas sim muitos poços, abundantes d'agua, mas de má qualidade; junto porém á cidade ha quatro fontes de bôa agua.

Ainda existe o velho castello, e a cêrca de muralhas, mas tudo desmantellado; o que é pouco prudente, pois que Miranda, pela sua visinhança com um reino com o qual tantas vezes temos tido diuturnas e encarniçadas guerras, devia conservar-se sempre como praça de guerra; muito mais, porque a sua elevada situação é de facil defeza.

Em 1644, se lhe construiu um forte, junto á cidade, que póde ser o seu principal *paladium.*

—

É tão excessivo o clima d'esta terra, que ha aqui um rifão que diz: *Em Miranda ha nove mezes de inverno e tres de inferno.*

Nos tres mezes de inferno (junho, julho e agosto), seccam quasi completamente as fontes e ribeiros, e a vegetação desapparece.

Dois kilometros ao S., corre o Douro, com violencia, apertado entre rochedos; e tendo aqui um pequeno porto.

O rio *Fresno*, tambem passa perto da cidade. Desagúa no Douro, e tem uma ponte de pedra, e junto d'ella uma fonte, que é alimentada por um aqueducto, que vem sobre arcos, desde o sitio de *Villarinho.*

O termo de Miranda, apezar de pedregoso, produz muitos cereaes, legumes, vinho, fructas e hortaliças, e cria muito gado, de toda a qualidade.

A principal industria d'esta povoação, consiste em cortimentos de couros, e em tecidos de saragoças e bureis.

D'este panno grosseiro se fazem em Trás-os-Montes uns célebres capotes, chamados *honras de Mirandas.* É uma especie de gabão, adornado de muitos recortes, tiras e bordados, e notavelmente extravagante. Alguns d'estes capotes, apezar de serem de grossa saragoça, ou burel, custam 30 e 40$000 réis, tantos são os desparatados e grutescos recortados e guarnições.

É Miranda fertil em optimo peixe do rio Douro.

—

A antiga correição de Miranda, comprehendia: 2 cidades (esta e Bragança), 6 villas e 3 concelhos.

Tinha o cabido de Miranda: 7 *dignidades*, 7 conegos e 6 meios conegos.

Em 8 de maio de 1762, foi esta cidade o theatro de uma horrorosa catastrophe.

O castello e muitas casas, voaram pelos ares, com uma explosão de 1:500 arrobas de polvora, ficando sepultadas nas ruinas perto de 400 pessoas.

Do livro dos assentos dos obitos, da freguezia, consta o seguinte, que principia a fl. 197 v.

«Aos oito de maio de 1762, pelas sete ho-«ras e meia da tarde, tempo em que todo «este reino de Portugal estava bloqueado em «roda, pelas armas hespanholas, esta pro-«vincia invadida, e cercada esta cidade, por «um exercito de 30:000 homens, estando a «atirar a artilheria do castello e revelins, ao «sobredito exercito inimigo, logo que des-«carregou um canhão, mais contiguo á torre «grande, passados quatro ou cinco minutos, «rebentou o armazem da polvora, arruinan-«do quasi todo o castello, e fazendo duas «brechas exteriores, uma para a porta do N., «por onde bem cabiam 15 homens, e outra «para a do Meio Dia, em correspondencia, «por onde cabiam 9: arruinando tambem a «maior parte do castello, para o oriente, que «entrava para a cidade, e metade da torre «grande, dando em terra com todo o edificio «e officinas que dentro d'elle havia, em cu-«jas ruinas falleceu muita gente, que a mais «d'ella se não póde averiguar quem era, por «se acharem queimadas do fogo, que se ali-«mentou com mais de 1:500 arrobas de pol-«vora.

«D'esta gente que pereceu, muitos eram «soldados, outros paizanos e ordenanças da «terra, que andavam trabalhando dentro do «mesmo castello, em menesteres que se lhes «mandavam, e outros, pessoas da cidade.

«Não pude alcançar ao certo o numero de «gente, mas, averiguado por prudentes, e «feita a diligencia e inquirição possivel, me «parece falleceriam 350 a 400 pessoas, as-«sim no castello e suburbios, como pelas «ruas da cidade. E, para memoria, mandei «escrever esta declaração, que, com a lista «das pessoas que abaixo vão carregadas, as-«signei. E não vão os nomes e patrias com «mais individuação, porque o não pude sa-«ber.

«E tambem declaro que debaixo da bre-«cha, que faz cara ao meio dia, estão mais «de 100 pessoas, que as vi eu sepultar na «ruina, porque casualmente me achava pre-«sente, e quiz Deus livrar-me.

«Dentro do *donjão* (1) ao redor do poço «está tambem muita gente.

«Na ponta do terreiro, caminhando para «a plataforma, junto ao castello, ficaram «tambem muitos sepultados.

«Na cortina contigua á *peça desbocada*, «que é de Josepha Simões, se enterraram «setenta e tantas pessoas, que nenhum se «soube quem era, e que comtrabalho po-deram tirar das ruinas.

«Encheu-se quasi todo o cemiterio da Sé, «e dentro da Sé se sepultaram os que cou-«beram, cujos nomes, conforme pude alcan-«çar, como tenho dito, são os seguintes.......

(Segue a relação.)

«Declaro tambem que a maior parte d'el-«les foram soccorridos com a absolvição, «que por mim e outros sacerdotes lhes foi «dada, e muitos tambem com a extrema un-«cção; e alguns que vieram acabar de mor-«rer dentro da Sé e no hospital, com o San-«tissimo; e geralmente no mesmo instante «levaram todos a absolvição.»

Á margem está a nota seguinte:

«No dia 9, depois das duas horas, tomou «posse da cidade o exercito hespanhol.» (2)

A relação dos mortos a que acima se al-

(1) Torreão, do francez *donjon*.

(2) Os castelhanos, depois de tomarem a praça, fizeram voar grande parte das muralhas, que a explosão poupára.

lude, abrange tres folhas do livro, e n'ellas se lêem os nomes de muitas pessoas de differentes edades, sexos e profissões, entre outros, o do secretario do bispo.

Tudo está assignado pelo parocho, Bento de Moraes Freire.

Ignora-se se a explosão foi accidental, ou de proposito; porêm é tradição em Miranda, que o governador do castello, comprado pelos hespanhoes, puzera fogo ao paiol da polvora, e que depois da explosão fôra visto fóra das muralhas caminhando para o campo inimigo.

A *torre de menagem* ainda está no exterior sufficientemente conservada, tendo sobre a porta, mas quasi ao cimo da torre, as armas de Portugal. Interiormente porém está bastante arruinada pela explosão.

A porta principal do castello, era pela torre de menagem, e pequena, e ainda existe, bem como vestigios da ponte levadiça. Tambem ainda se vê outra porta mais pequena do lado do O.

O castello está situado em uma pequena eminencia ao NO. da cidade, e d'elle se gosa uma bella vista dos rios Douro e Fresno, da cidade, e de grande tracto de terreno portuguez e castelhano.

—

Na parte meridional da cidade, em sitio sobranceiro ao rio Douro, está o bello templo de tres naves, que foi Sé, e é a matriz da cidade. E' precedido de um extenso adro, que o acompanha tambem pelo lado do O.

A architectura d'este templo, ainda que pesada, é magestosa exteriormente, e em cada angulo do frontespicio tem uma macissa torre de cantaria, como é todo o edificio. Mas, quem o vê por fóra, não póde imaginar que elegancia e riqueza contém no interior. O estrangeiro solta involuntariamente um grito de admiração ao contemplar o labyrinto das arcarias e pilares que lhe sustentam a abobada, e a proporção que existe em todas as suas partes, a abundancia e boa distribuição da luz, e a grande riqueza dos doze altares que o ornam.

Torna-se, sobretudo, digno de menção o altar-mór, que contém 56 imagens e pinturas de santos, parte dos quaes são de grande merito artistico, principalmente os que estão no quadro da Assumpção.

As cadeiras dos conegos, apesar de já bastante damnificadas, são tambem de notavel magnificencia.

A Sé de Miranda é tão sumptuosa como as de Lisboa, Braga, Porto e Coimbra. É pena que esteja tão pobre, que quasi não tem os paramentos e alfaias necessarios para o culto divino; e se o governo não se resolver a arbitrar um subsidio annual para a conservação e reparos d'este primoroso monumento, em breve o veremos reduzido a um montão de ruinas, como tem acontecido a tantos outros edificios nacionaes, que nos recordavam factos gloriosos da nossa historia.

A junta de parochia é pobrissima. A camara municipal, já dá para concertos uma verba annual de 30$000 réis; mas nem isto é sufficiente, nem a camara póde dar mais, em vista dos seus poucos rendimentos.

D. João III foi o fundador d'esta egreja. Lançou se a primeira pedra, em 24 de maio de 1552.

A antiga parochia intitulava-se Santa Maria Maior, e depois de elevada a Sé, conservou a mesma invocação, que é a de todas as Sés portuguezas. (Santa Maria Maior é o mesmo que Nossa Senhora da Assumpção.) Era uma commenda de muito rendimento, da Ordem de Christo, pertencente á corôa e D. João III desistiu d'ella, em favor d'esta egreja, á qual deu tambem o mosteiro de Castro de Avellans, com todas as suas propriedades e rendas.

Este convento tinha sido supprimido, por causa do ominoso tributo do *maninhadego*, em 1545. (Vide pag. 202 do 2.º vol.)

Já disse que o primeiro bispo de Miranda foi D. Toribio Lopes. Era esmoler da rainha, D. Catharina, mulher de D. João III.

—

Quando teve logar a explosão, era bispo de Miranda, D. frei Aleixo (dominico) que, por indisposições com varias pessoas de Miranda (não se sabe porque) resolveu transferir a sua residencia para Bragança, em 1763.

Esta resolução achou grande opposição na maior parte do cabido, e no clero do circulo de Miranda; mas foi forçoso obedecer.

De seu motu proprio, e sem auctorisação canonica, decretou o bispo a transferencia do cabido para Bragança, a qual se realisou em 7 de março de 1764 (quarta feira de cinza.)

Não foi similhante transferencia requerida por ninguem, nem o podia ser; porque n'aquelle tempo estava Portugal incommunicavel com a Santa Sé, unica competente para canonicamente a auctorisar; mas, D. Aleixo, teimoso na sua resolução e apesar d'esta circumstancia, mudou a sua residencia para Bragança, desattendendo ás reflexões e observações de alguns conegos que recusaram obedecer, e continuaram a residir em Miranda.

Em 1776, veio de Roma a auctorisação, concedida por bulla do papa Pio VI; mas suppõe-se que esta foi sollicitada pelo prelado que então regia a diocese, D. Bernardo Pinheiro Seixas, successor de D. Aleixo.

Esteve pois a diocese effectivamente em Miranda, por espaço de 212 annos.

Mudada a sede do bispado, creou-se em Miranda uma collegiada, composta de 11 conegos, com o ordenado annual de 80$000 réis cada um; mas que nunca se chegou a constituir de facto, por falta de rendimentos para estes ordenados.

A requerimento do bispo, D. frei José Maria de Sant'Anna e Noronha, foi supprimida esta collegiada em 1825.

A cathedral, desde 1764, ficou sendo egreja parochial, regida por dois parochos, um com o titulo de *conego-prior*, e outro com o de *conego-coadjutor*.

Durou isto até 1834. Desde então, tem um só parocho, com o titulo de *conego-prior*.

Proximo e nas trazeiras da egreja, estão as ruinas do grande edificio que foi paço episcopal. Á esquerda está o cemiterio, que corre parallelamente á egreja.

—

Na margem esquerda do Douro, mesmo em frente da cidade, se vê, lançado quasi a prumo sobre o rio, um alto rochedo de granito, de um amarello bastante vivo (e por isso lhe chamam *penêdo amarello*.) É esta côr devida a uma especie de musgo que o cobre na maior parte da sua escabrosa superficie.

—

O *cochicho* (ou coxixo) que é uma especie de grande cotovia, e que arremeda o canto de muitas aves, é indigena das terras de Miranda.

—

Diz-se que sobre o telhado da egreja ha um sino, no qual dando tres badaladas se ouvem em toda a cidade, menos dentro da egreja.

—

Em fevereiro de 1875, foi aberta á exploração, a estação telegraphica de Miranda do Douro.

—

Foi bispo de Miranda, D. fr. José d'Alencastre. Nasceu em Lisboa, em 1620. Era irmão do cardeal, D. Verissimo d'Alencastre, e da mais esclarecida nobreza de Portugal, pois eram 4.os netos de D. João II, e filhos de D. Francisco Luiz d'Alencastre, commendador-mór d'Aviz, e de sua mulher, D. Philippa de Mendonça.

Foi D. fr. José d'Alencastre, um dos varões mais sabios, chãos e virtuosos do seu tempo, pelo que era de todos querido e respeitado.

Despresando, desde os seus primeiros annos, as pompas e vaidades do mundo, a que o convidavam a nobreza do seu nascimento, professou no convento dos carmelitas descalços, dos Remedios (Lisboa), onde viveu exemplarmente nove annos e sete mezes, até que, pelas suas enfermidades, e por breve do papa, passou para os carmelitas da observancia, d'onde, depois de viver quasi 32 annos, e ser seu provincial e commissario geral, sahiu para bispo de Miranda. D'aqui foi transferido para Leiria; depois, para inquisidor geral, capellão-mór de D. Pedro II, e do seu conselho d'estado.

N'estas dignidades se portou sempre como religioso. Os seus vestidos eram de lan, e os interiores velhos e remendados. Os aposentos do seu palacio, eram mobilados com

tanta pobreza e simplicidade, como os dos mais humildes mosteiros. Tinha sempre á mesa e á sua mão direita, quando comia, um pobre, a quem fazia os pratos.

Gastava quasi todos os seus grandes rendimentos, em soccorrer os indigentes, preferindo as pessoas nobres que pelos azares da fortuna tinham cahido em pobreza. Tambem dotava para casarem, homens e mulheres pobres.

Dos quatro mil crusados, que lhe pertenciam do bispado de Leiria, nada recebia, e tudo mandava repartir pelos pobres d'esta cidade.

O ordenado da egreja de Nossa Senhora do Cabo, ou lá ficava, ou para lá tornava augmentado.

Em Miranda, estabeleceu um collegio, da invocação de S. José, com renda para o sustento de doze collegiaes pobres, e para o reitor, vice-reitor e mestre de latim.

Cumpria rigorosamente todas as obrigações dos seus elevados cargos, servindo de exemplo de pontualidade aos seus subordinados.

Falleceu em Lisboa, em 13 de setembro de 1705. Jaz no convento dos Remedios.

—

Segundo fr. Agostinho de Santa Maria (*Sant. Marian*, tom. 5.º, pag. 549) a antiga egreja parochial de Miranda, era commenda e casa dos templarios, que parece terem sido os fundadores do templo, dedicando-o a Nossa Senhora dos Remedios.

Supprimida a ordem, em 1311, passou esta commenda (como tudo o mais da ordem), para os cavalleiros de Christo, em 1319, e assim se conservou até que D. João III (como já disse), deu esta commenda á mesa capitular de Miranda.

A imagem de Nossa Senhora dos Remedios, existe, desde o tempo de D. Toribio Lopes, 1.º bispo de Miranda, na egreja que foi cathedral; e alli se faz a sua festa no 1.º domingo de setembro de cada anno.

Esta solemnidade se fazia antigamente á custa dos abbades de Podentes, d'este bispado, porque um d'elles, chamado Gregorio Pégas de Gouveia, natural de Miranda, e juiz perpétuo da mesma Senhora, lhes deixou varias propriedades, em Podentes, com este encargo.

Era antigamente feita com grande esplendor a festa de Nossa Senhora dos Remedios, havendo procissão, comedias, corridas de touros, carreiras e escaramuças; mas, tudo o que era fóra da egreja, se fazia com esmolas voluntarias, do povo da cidade.

—

Antes que Miranda fosse villa, havia aqui uma ermida, da invocação de Nossa Senhora dos Remedios, de muita devoção por estas partes.

Vindo o rei D. Diniz a esta terra, pelos annos de 1294, foi visitar esta capella e tomou grande devoção pela sua padroeira, e lhe deu um rico vestido, que ainda existia em 1720.

Suppõe-se que foram os templarios, que construiram esta capella, que serviu por muitos annos de matriz da povoação, e que foi demolida quando se edificou a cathedral.

A imagem de Nossa Senhora dos Remedios tem capella especial na egreja matriz.

MIRANDE—Vide a 1.ª *Miranda*.

MIRANDELLA—villa, Trás-os-Montes, cabeça do concelho e da comarca do seu nome, 70 kilometros de Miranda, 30 ao N. da Torre de Moncorvo, 420 ao N. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1757 tinha 316 fogos.

Orago Nossa Senhora da Encarnação.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O real padroado apresentava o reitor, que tinha 130$000 réis de rendimento.

Tem estação telegraphica.

O concelho de Mirandella, é composto das 37 freguezias seguintes, sendo 23 no bispado de Bragança e 14 no arcebispado de Braga:

As do bispado de Bragança, são: Abambres, Alvites, Aguieira, Avantos, Bouça, Cedães, Cedainhos, Caravellas, Cabanellas, Carvalhaes, Freixêda, Fradizella, Guide, Mirandella, Murias, Mascarenhas, S. Pedro Velho, S. Salvador, Villa Verde, Valle de Gouvinhas, Valle de Salgueiro, Valle de Telhas e Torre de D. Chama.

Todas com 2:500 fogos.

No arcebispado de Braga—Abreiro, Avidagos, Barcel, Côbro, Fréchas, Franco, Lamas-de-Orelhão, Marmellos, Navalho, Passos, Succães, Valle-da-Sancha, Valle-Verde, e Villa-Bôa.

Todas com 1:300 fógos.

A comarca de Mirandella, é composta do seu julgado, com os referidos 3:800 fogos, e com o de Villa-Flor, que tem 1:700, vindo a ter a comarca 5:500 fogos.

—

Está em 41°,2′ de latitude N., e 11°,36′ de longitude occidental.

Mirandella é diminutivo de *Miranda*, como quem diz—*Mirandinha*.

Na Hespanha tambem ha algumas povoações d'este nome, sendo a principal perto de Bilbau, na Biscaia.

Está Mirandella situada vistosamente na margem esquerda do Túa, sobre uma pequena elevação e no seu declive meridional. Vista da margem opposta, tem muita similhança com a cidade de Coimbra.

Está collocada no centro da provincia, e em frente da villa se vê lançada a formosa e extensa ponte de cantaria, de 19 arcos, [1] que atravessa o Túa, cuja primitiva construcção se attribue aos romanos. É a mais comprida das antigas pontes d'este reino.

O paiz é muito fertil, mas doentio.

É povoação antiquissima, não se sabendo quando nem por quem foi fundada. Pretendem alguns que é fundação do rei, ou emir arabe *Orelhão*, que governava esta região, e habitava na serra de Santa Comba, e dizem que por ser a villa em frente d'esta serra, lhe dera o nome de *Á mira d'ella*; mas, nem estas palavras são arabes, nem a etymologia é esta, mas sim a que fica dita no principio d'este artigo.

O Túa nasce em Avioso, na Galliza, com o nome de Tuano; a 3 kilometros de Mirandella, se une com o *Tuella* e o *Rabaçal*, tendo todos tres juntos o nome de *Túa*.

—

Tem Misericordia, feita em 1518, por D. Manuel, e hospital.

Tinha um convento de *trinos*, extramuros, no sitio do *Escorial*, que principiou a construir-se em 1818, mas não chegou a concluir-se. É hoje, com a sua bella cêrca, propriedade particular, por ter sido vendido em 1835.

As ruas da villa, são estreitas e tortas. Os arrabaldes são lindos, principalmente ao N. e nas margens dos ribeiros *Mercês* e *Lobos*, que são confluentes do Túa.

—

D. Affonso III a ellevou á cathegoria de villa, e lhe deu foral, em Guimarães, a 25 de maio de 1250. (*Livro 2.° de dodções de D. Affonso III*, fl. 67 v., e *Livro de foraes antigos de leitura nova*, fl. 132 v., col. 2.ª) D. Diniz lhe deu outro foral, em Coimbra, a 7 de março de 1291.

(Gaveta 15, maço 9, n.° 25. — Gaveta 15 maço 9, n.° 30.—*Livro 2.° de doações do rei D. Diniz*, fl. 8, col. 1.ª

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.° de julho de 1512. (*Livro dos foraes novos de Traz-os-Montes*, fl. 11 v., col. 1.ª)

—

Tem as ruinas de um castello, que ainda se chama *dos Távoras*, porque os marquezes d'este titulo foram donatarios da villa até 1759.

É murada ao uso antigo, com tres portas e um castello, mas tudo arruinado.

Foi célebre pelos optimos cavallos que no seu termo se criaram.

Os seus edificios não são notaveis por nenhuma circumstancia, senão o palacio dos Távoras, que posto esteja destelhado ha 115 annos, e a desmantelar-se, dá mostras da sumptuosidade com que foi construido. Tinha na frente, as armas dos Távoras, que foram apagadas pelo carrasco, em 1759, sendo então destelhado.

Este edificio pertence hoje aos srs. condes de Villa Real.

Diz-se de Mirandella.

[1] Estive aqui em 1847, e contei-lhe 20; não sei quem se engana, se eu, se outros escriptores, que uns lhe dão 18 outros 19. —O que é certo é que, a ponte foi construida sobre 22 arcos, mas alguns estão cobertos de areia (os das extremidades) e d'aqui provem a differença no modo de contar.

As *guardas* da ponte são grades de pedra, com os pilaretes de metro a metro, o que é bastante perigoso.

Mirandella, Mirandella!
Mira-a bem, ficarás n'ella.
Quem Mirandella mirou,
Em Mirandella ficou.

—

Tem dois mercados semanaes e um mensal, muito concorridos, e uma boa feira a 25 de julho.

—

A aldeia da *Golfeira*, em frente da villa, sobre a margem direira do Túa, e onde vae dar a ponte, póde considerar-se como arrabalde da villa.

—

Mirandella foi outrora uma das villas mais notaveis, e mais bem fortificadas da provincia de Traz-os-Montes.

O Túa é aqui muito caudaloso, por vir engrossado já com o *Tuella* e *Rabaçal*, ou *Mente*, além de varios ribeiros menores, sendo os principaes d'estes, e que se juntam ao cimo da villa, *Lobos*, e *Mercês* (ou *Mercê*.) Lobos tem 15 kilometros de curso; e Mercês, 25.

O territorio de Mirandella, é fertilissimo em cereaes e fructas. Cria muito gado, de toda a qualidade, e os seus montes são abundantes de caça, grossa e miuda. Os seus rios, além de fazerem mover muitas rodas de moinhos, trazem bastante e bom peixe. São afamados os melões e repolhos de Mirandella.

É aqui muito antiga a industria da creação do bixo de seda, e n'estes ultimos annos a producção da seda é já em grande quantidade e de optima qualidade.

—

Era senhor dos morgados de Mirandella e Amendoeira, Antonio Correia de Castro e Sepulveda, 1.º visconde de Ervedosa, com grandeza, marechal de campo reformado, e alcaide-mór de Aviz, commendador das Ordens de Christo e Conceição, e de Leopoldo da Belgica, e cavalleiro de Aviz. Tinha as medalhas de ouro, de bons serviços, e de prata, de comportamento exemplar. Nasceu em 30 de março de 1790—casou em 1804, com D. Maria Josefa Taveira Figueiredo Teixeira de Barros, 10.ª senhora do morgado de S. Jorge de Favaios.

Falleceu em Bragança, no principio de março de 1875.

Tinha o visconde d'Ervedosa a honra de ser filho do bravo general e dedicado patriota, Sepulveda. (Vide pag. 170, col. 1.ª d'este vol.)

Sepulveda é um appellido nobre em Portugal, proveniente de Hespanha, tomado da villa de Sepulveda, na Castella-Velha, cuja familia tinha o seu solar em Segovia, na mesma provincia.

Este appellido, passou a Portugal, na pessoa de Martim de Sepulveda, um dos 24 regedores de Sevilha, que sendo governador do castello de *Noudar* (ou *Nodar*), na provincia do Alemtejo (então comarca de Villa Ruiva), por D. Fernando, de Castella, e seguindo o partido de D. Affonso V, de Portugal, o entregou ao principe D. João (depois II), o qual, em remuneração lhe deu a villa de Buarcos, em frente da Figueira (então na provincia da Beira, e da comarca de Tentugal) e outras rendas.

Casou com D. Joanna Henriques, filha de D. Diogo Henriques, e teve successão.

As armas dos Sepulvedas, são—em campo de púrpura, uma oliveira verde, perfilada d'ouro, com raizes de prata, entre dois leões d'ouro, trepantes, e uma estrella de prata, de sete pontas, em cada canto do chefe. Timbre, meio leão do escudo.

Na sepultura de João de Sepulveda, na egreja de Nossa Senhora do Espinheiro, da ordem de S. Jeronymo, se vê por brazão d'armas d'elle—o escudo esquartelado. Este Sepulveda morreu em 1557.

MIRE DE TIBÃES—freguezia, Minho, concelho, comarca, districto administrativo, arcebispado e 6 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 85 fogos.

Orago Santa Maria (antigamente Nossa Senhora da *Estélla*.)

O D. abbade benedictino do mosteiro de Tibães, apresentava o vigario, regular, trienal, que tinha 50$000 réis, e o pé d'altar.

É terra muito fertil. Pertenceu ao couto do mosteiro de Tibães.

É povoação muito antiga, pois já existia como parochia, em 562, em cujo anno man-

dou o rei suevo Theodomiro, construir aqui um palacio e uma quinta de recreio, onde vinha passar parte dos verãos. (Vide *Tibães*.)

Mire, é corrupção da palavra sueva — *Miró*—que, segundo Argote, éra cognome laudatorio, como *pío, bom, magno, excelso*, etc.

É provavel que fosse mesmo o rei *Theodomiro*, que désse este nome á povoação, ou que lhe fosse dado por elle ter aqui o seu palacio; porque *Theodomiro*, é o nome proprio suevo *Theodo* unido ao cognome *Miro*.

Era muito vulgar entre os povos da Germania, o nome de *Theodo*. Assim vemos—Theodoro, Theodorico, Theodomiro, Theodosio, Theodoredo, etc.

Já no tempo de Theodomiro, era Nossa Senhora a padroeira d'esta freguezia, que se denominava *Santa Maria de Mire*.

MIRLEU—Vide *Milreu*.

MISARÉLLA—freguezia, Beira Baixa, concelho, comarca, districto administrativo, bispado é 6 kilometros da Guarda, 300 a E. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 102 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

A casa do infantado apresentava o prior, que tinha 230$000 réis de rendimento.

É terra muito fertil em cereaes. Tem algum gado e muita caça.

—

É n'esta freguezia o solar dos *Návas*.

Návas é appellido nobre em Portugal. O primeiro que com elle se acha, é Bernardo José do Amaral Sousa e Návas de Figueiredo, do logar da Misarélla; ao qual passou brazão d'armas D. Philippe IV, em 22 de abril de 1624—e é—em campo de púrpura, uma losanja d'ouro, firmada e vasia do campo, e no meio d'ella, um castello d'ouro. Orla de púrpura, carregada de oito aspas de ouro.

MISARÉLLA—monte da Beira Alta, de muita elevação, no alto do qual está edificada a villa d'Armamar, ao Norte d'ella, e mui proximo á egreja matriz, principia a apparecer um vertiginoso despenhadeiro, em partes cortado quasi perpendicularmente, descendo até uma extraordinaria profundidade, no sopé da qual passa o rio *Themi-Lobos*, que, para ahi chegar, se despenha de uma grande altura, formando uma bellissima catarata, a que se dá o nome de *Salto da Misarélla*.

Para hir ao fundo do precipicio, é mister fazer um grande rodeio, e quem alli chegar e olhar para cima, vê no cume d'este medonho despenhadeiro, uma parte da villa d'Armamar, coroando-o, e sobresahindo o grande e magnifico edificio, recentemente construido para as repartições publicas do concelho e comarca.

Como os arredores da villa, pelo E., O. e S. são quasi planos, só quem chega ao lado N. d'ella, é que vê a seus pés o abysmo.

Quasi a meia altura do despenhadeiro, está uma frondosa nogueira, e ha aqui rapazes tão temerarios, que lhe vão colher o fructo.

Do lado esquerdo, junto á parte superior, estão dois moinhos, que parecem suspensos no ar. Para entrar no debaixo, foi preciso abrir-lhe porta pelo meio do outro.

Do alto d'este monte, se gosa um vasto e formoso panorama.

MISARELLA—rio, Beira Alta, que nasce no alto da serra do Caramullo, e corre por entre penhascos.

Na freguezia de S. Thiago de Bésteiros (concelho de Tondella), tem uma cascata, ou catadupa, a que tambem dão o nome de *Salto da Misarella*, ou *Bica da Agua-Alta*, que tem 67 metros d'alto, e é uma das maiores e mais formosas de Portugal.

D'aqui continúa a correr por entre penedias, até se encorporar com um manancial, chamado *Fonte Fria*, que nasce em um sitio amenissimo durante o verão.

(Vide o 1.º vol. a pag. 395, col. 2.ª)

MISARELLA—ponte legendaria, na provincia de Trás-os-Montes, concelho de Montalegre, que tem de comprimento (a ponte) 26^{m},62, e de largo 2^{m},64.—Esta pittoresca e célebre ponte, está lançada sobre o rio *Regavão*, ou *Misarella*, a distancia de 1 kilometro da sua confluencia com o *Cávado*, na estrada de Braga, para Montalegre, por Sallamonde.

Está a ponte formada sobre dois grandes penedos; é de cantaria com um só arco,

mas de 13 metros de vão. A sua altura (na estiagem) desde a superficie da agua até ao pavimento, é de 23 metros.

É antiquissima, e attribue-se aos romanos a ponte primittiva. Foi reconstruida no principio d'este seculo.

O estrondoso rugido das aguas, precipitando-se de catadupa em catadupa, e formando por baixo da ponte uma profunda caldeira, cujas paredes são formadas pelos alcantis circumjacentes, que se elevam em escalões, a grande altura, por entre matagaes e alguns annosos castanheiros, poucas oliveiras e raras videiras; e o Gerez, que a mui curta distancia (ao O.) ostenta parte da sua magestade selvagem, dão a este sitio uma celebridade que não teem as outras pontes do reino, embora mais antigas, maiores e de mais primorosa architectura.

N'esta ponte soffreu o exercito francez, em 16 de maio de 1809, quando fugia para Hespanha, nas pontas das bayonetas do exercito luso-anglo, e pelas 10 horas da manhan, uma debil resistencia, pelas ordenanças de Montalegre, e algumas outras, morrendo bastantes francezes da rectaguarda. Seguiram a estrada de Montalegre, pelos logares de *Sidrós*, que incendiaram, *Villa Nova*, *Ponteira*, *Paradella*, *Loivos*, *Fiães*, *Villaça*, *Cambézes*, *Montalegre* (onde entraram ás 10 horas da manhan de 17) e *Pachoso*, d'onde sahiram na madrugada de 18, até entrarem na Galliza, perto de Orence. (Se esta e outras pontes tivessem sido préviamente cortadas, a perda dos francezes seria total.)

Em 7 de março de 1827, houve tambem n'esta ponte um pequeno encontro, entre as tropas realistas, do general Silveira (conde de Amarante e marquez de Chaves) e as liberaes, do general Zagallo. Silveira retira para a Hespanha, porque os inglezes de Clinton, marcham de Lisboa para o norte, contra os realistas. Estes entram em Hespanha a 8, por Abelano e Sant'Anna, e foram para Valhadolid.

O Regavão serve actualmente, n'este ponto, de divisão entre as provincias do Minho e Traz-os-Montes, e os districtos administrativos de Braga e Villa Real; tendo-se annexado ao concelho de Vieira (Minho) a antiga villa de Ruivães, e a visinha parochia de Campos.

—

Os povos circumvisinhos d'esta ponte, dizem que ella foi construida pelo diabo, e contam a tal respeito a lenda seguinte:

Havia um mau homem, em terras d'Além-Douro, a quem as justiças encarniçadamente perseguiam, por varios crimes, e que sempre se escapava, como conhecedor que era dos esconderijos proporcionados pela natureza selvatica da região, nos remotos tempos em que o caso se deu.

Apertado, porém, muito de perto, embrenhou-se um dia no sertão, e transviado, achou-se de repente á borda de uma ribeira torrencial, em sitio alpestre e medonho, pelo alcantilado dos penedos, e pelo fragor das aguas, que alli se despenhavam em furiosa catadupa.

Esquecido como andava da graça de Deus, appellou o malvado para o anjo mau, e tanto foi invocal-o, como estontear-se-lhe a cabeça, perder a luz dos olhos, e manifestar-se-lhe o diabo em visão.—«Faze-me transpôr o abysmo, e dou-te a minha alma» foram as suas más palavras.

O diabo acceitou o pacto, e lançou uma ponte sobre a torrente; o reprobo passou, e seguiu sem olhar para traz como lhe fôra exigido; mas pouco depois sentiu grande estrepito, como de muitas pedras que se derrocavam, e ninguem mais ouviu fallar da improvisada ponte.

Os annos volveram, e emfim chegou a hora do passamento. Mal podia partir-se quem tinha de saldar contas tão intrincadas, e que satisfazer a contracto tão tenebroso.

Emfim desprendeu-se a vida d'aquelle corpo, a quem a alma já não pertencia, e se o sacerdote, que ouviu o ultimo arranco do moribundo não poude abrir-lhe o caminho da salvação, recolhendo a confissão de seus medonhos crimes, poude ainda apontar-lhe, como lenitivo, para a inexgotavel magnanimidade do Juiz Supremo.

Mal se accommodava, porém, com o animo do bom padre, não tirar da revelação, motivo para castigar o espirito das trévas.

um dia que as exigencias do seu minis-

terio o levaram ao sitio em que se deu o caso já referido, disfarçou-se o melhor que poude, e pronunciou os terriveis esconjuros.

O diabo não se fez esperar, nem rogar para assentar no mesmo pacto que já lhe era sabido.

Appareceu a ponte renovada; o sacerdote passou, mas tirando rapido um ramo de alecrim, molhou-o na caldeirinha que levava occulta, tres vezes aspergiu, fazendo o signal da cruz e pronunciando as palavras sacramentaes dos exorcismos. O mesmo foi fazel-o que sumir-se o demonio, deixando o ar cheio de um vapor acre e espesso, de pez e de resina, de envolta com cheiro soffocante de enxofre, e ficando de pé a ponte.

—

José Avellino de Almeida, no seu *Diccionario geographico abreviado*, colloca esta ponte na Beira Alta, e junto á villa de Armamar, enganado com a identidade dos nomes (*Misarella*.)

MISARELLA ou **REGAVÃO**—rio, Traz os-Montes, comarca e concelho de Montalegre. Nasce junto á povoação de *Codeçoso da Chan*, na freguezia de *Meixêdo*, e descrevendo um quasi semicirculo, depois de atravessar as freguezias da *Chan*, *Villa da Ponte* e *Pondras*, vae, depois de augmentado com varios ribeiros e regatos, morrer na esquerda do Cávado, abaixo da celebre ponte da *Misarella*, com 42 kilometros de curso. Réga, móe e cria muito e saboroso peixe miudo, como escalos, bógas, enguias e excellentes tructas.

MISERICORDIAS—Portugal foi um dos paizes, onde o sentimento catholico lançou raizes profundas e tão multiplicadas, que ainda hoje, depois de mais de um seculo de péas e restricções do poder civil, mais ou menos hypocritamente disfarçadas, mostra o que foi e os progressos moraes e religiosos, que faria se o deixassem expandir á vontade.

Entre os institutos humanitarios, filhos—não de uma philantropia, que olha o homem sem relação a Deus, mas da caridade evangelica, que olha a Deus no homem, contam-se as *Casas de misericordia*, cujo numero é muito consideravel, e maior seria, se os ventos corressem mais favoraveis.

Estas casas comprehendem, não só o objectivo das albergarias, hospitaes e orphanotrophicos, mas geralmente todos os exercicios da caridade para com o proximo.

As albergarias, tão antigas em Portugal, eram casas destinadas ao abrigo de peregrinos, transeuntes e velhos decrepitos, que alli tinham, pelo menos, casa, luz e encosto.

Os hospitaes eram e são casas destinadas ao tratamento de enfermos e parturientes, e sepultura de mortos.

Os orphanotrophicos, eram casas pias destinadas á creação e educação de meninos orphãos e desamparados.

Tambem havia, e ha ainda, hospitaes de velhos, de invalidos, etc.

Já estes institutos floresciam em Portugal, especialmente as albergarias, quando fr. Miguel Contreras, de nação hespanhol, religioso da Ordem da Santissima Trindade, se propoz e realisou em 1498, com a protecção da rainha D. Leonor, viuva de D. João II, a fundação da Misericordia de Lisboa, que foi a primeira que houve n'este reino.

Desde logo se começou a imitar nas provincias este novo instituto da côrte; e como havia muitas albergarias, hospitaes e outras casas de caridade, que se comprehendiam na vasta extensão dos encargos pios das Misericordias, foi facil transformar e ampliar estes elementos, para com elles construir estas *Santas Casas*, como lhes chamam, com bens de raiz e capitaes permanentes, que são os unicos e verdadeiros fiadores da sua duração e augmento.

Com effeito, as Misericordias estendem-se ao tratamento de enfermos, dentro e fóra do seu hospital; a dar sepultura a defunctos pobres, ainda fallecidos fóra das suas enfermarias, suffragar suas almas; crear expostos, meninos orphãos ou desamparados e filhos de parte duplo ou triplo, ou de mães sem leite e pobres; dotar orphãs; soccorrer viuvas bem procedidas; tratar causas de presos pobres, sollicitando o seu livramento e pagando as custas; e em geral todos os officios de caridade e misericordia pelos infelizes e afflictos.

Ora, como para tantos encargos são precisos grandes capitaes, que a maior parte d'estas casas não teem, resulta d'ahi, que cada uma cumpre com a cura de enfermos e sepultura de mortos, juntando a isto apenas o que permittem os recursos de suas rendas.

Tendo á mão a *Descripção corographica de Portugal*, por Antonio de Oliveira Freire (Lisboa, 1755) dei-me ao trabalho de contar as Misericordias do continente do reino; e achei que havia duzentas e trinta e uma. Tirando a de Olivença, que já nos não pertence, e pondo em seu logar a do Alandroal, não contada (talvez por ainda não existir) fica pelo menos o mesmo algarismo.

Os nomes das povoações, que teem estas casas, são os seguintes:

Na antiga provincia de Entre Douro e Minho

Guimarães, Monção, Ponte de Lima, Vianna, Barcellos, Espozende, Melgaço, Villa do Conde, Caminha, Vallença, Valladares, Braga, Porto e Villa Nova de Gaya.

Somma 14.

Traz-os-Montes

Alfandega da Fé, Moncorvo, Mirandella, Villa Flor, Miranda, Mogadouro, Vinhaes, Bragança, Chaves, Montalegre e Villa Real.

Somma 11.

Beira

Coimbra, Ançan, Ancião, Bobadella, Cantanhede, Sernache, Esgueira, Goes, Pereira, Rabaçal, Tentugal, Villa Nova de Anços, Aveiro, Vagos, Louriçal, Montemór o Velho, Penella, Feira, Ovar, Viseu, Mortagoa, Nogueira, Lamego, Arouca, Algodres, Almeida, Castello Mendo, S. João da Pesqueira, Marialva, Penedono, Pinhel, Sernancelhe, Trancoso, Varzeas, Villa Nova de Foz Côa, Guarda, Ceia, Celorico, Codeceiro, Covilhan, Gouveia, Linhares, Seixo, Valhelhas, Alpedrinha, Belmonte, Castello Branco, Castello Novo, Idanha a Velha, Idanha a Nova, Monsanto, Pena-Garcia, Penamacôr, Proença a Velha, Salvaterra do Extremo, Sarzedas, Segura, Touro, S. Vicente, Villa Velha de Rodam e Zebreira.

Somma 61.

Extremadura

Lisboa, Alhandra, Alverca, Arruda, Cascaes, Castanheira, Collares, Ericeira, Lourinhan, Mafra, Povos, Torres Vedras, Villa Franca de Xira, Aldeia Gallega de Merceana, Alemquer, Chamusca, Cintra, Obidos, Leiria, Alcobaça, Aljubarrota, Alvorninha, Athouguia, Batalha, Santa Catharina, Cella, Cós, Evora de Alcobaça, Maiorga, Peniche, Pombal, Redinha, Soure, Abiul, Abrantes, Alvaro, Atalaya, Figueiró dos Vinhos, Pedrogão Grande, Punhete (hoje Constancia) Sardoal, Tancos, Thomar, Villa de Rei, Ourém, Porto de Mós, Alcanede, Almeirim, Azambuja, Gollegan, Salvaterra dos Magos, Santarem, Torres Novas, Alcacer do Sal, Alcochete, Aldeia Gallega do Ribatejo, Almada, Barreiro, Cabrella, Samora Correia, Canha, Grandola, Palmella, Setubal e Cezimbra.

Somma 65.

Alemtejo

Evora, Alcaçovas, Estremoz, Lavre, Montemór o Novo, Pavia, Redondo, Vianna, Vimieiro, Beja, Alvito. Beringel, Moura, Serpa, Torrão, Vidigueira, Villalva, Villa Nova de Alvito, Villa Ruiva, Aljustrel, Almodovar, Alvallade, Gravão, Mertola, Ourique, S. Thiago de Cacem, Sines, Villa Nova de Mil Fontes, Alter do Chão, Arrayollos, Borba, Monçarás, Monforte, Portel, Souzel, Villa Viçosa, Elvas, Barbacena, Campo Maior, Mourão, Ouguella, Terena, Portalegre, Alegrete, Alpalhão, Arronches, Aviz, Castello de Vide, Marvão, Niza, Amieira, Belver, Cardigos, Certã, Crato, S. João do Gafete, Alandroal, Benavente, Benavilla, Cabeço de Vide, Cabeção, Cano, Coruche, Fronteira, Galveias, Juromenha, Móra, Noudar, Sêda, e Veiros.

Somma 70.

Algarve

Lagos, Silves, Alvôr, Villa Nova de Porti-

mão, Faro, Tavira, Albufeira, Alcoutim, Castro Marim e Loulé.

Somma 10.

Total 231.

—

Este artigo foi escripto pelo sr. padre Joaquim José da Rocha Espanca, e publicado no *Almanach do bom catholico*, para 1875.

MISSA—deu-se antigamente este nome, não só ao incruento sacrificio do altar, mas tambem—primeiro, ao officio nocturno e vespertino—segundo, áquella parte do sacrificio, a que podiam assistir os cathecumenos, que era desde o principio, até ao offertorio, exclusivè—terceiro, á *missa dos fieis*, que era do offertorio, inclusivè, até ao fim—quarto, a toda e qualquer oração, ou *collecta*—quinto, ás lições que se costumavam lêr nas *matinas*—sexto, á festividade de algum santo, que se celebrava com grande concurso de povo—septimo, á feira, ou mercado, que por occasião do dito concurso, se fazia na solemnidade de alguns santos—oitavo, a tudo o que pertencia ao officio divino, que tambem chamaram lithurgia.

Davam-se antigamente diversos nomes ás *missas*, segundo as suas circumstancias: eram os seguintes:

Missa dos pobres

Esmola que, nos adros das egrejas, se repartia entre elles, para rezarem pela alma de algum defuncto.

Missa de psalterio

Certo numero de psalmos, preces e orações, que devia rezar o capellão, todos os dias, no tempo do interdicto, satisfazendo assim, pela *missa de sacrificio*, que devia celebrar se o não houvesse.

Missa de sacrificio

O mesmo que *missa de sobre altar*.

Sejam tehudos a fazer dizer cada dia huma Missa de Sacrificio de sobre Altar.

(Testamento do conde de Barcellos, Dom Martim Gil de Sousa. Doc. de S. Thyrso, de 1312.)

Missa de sobre altar

Expressão muito frequente em Portugal, nos seculos XIII e XIV.

Eram as de sacrificio, ditas sobre o altar, para as differençar das orações e preces, que se podiam fazer fóra do altar, e a que tambem então se dava o nome de *missa*, as quaes até as mulheres podiam dizer, e por isso se chamavam *celebrantas*.

Missa callada

O mesmo que *missa baixa*, e na qual, supposto assistisse algum acólito, o celebrante a dizia a *meia vós*. Era o contrario da *missa alta*, ou *pública*, que se celebrava com vagaroso canto, e á qual assistia muito povo, que n'ella offerecia os seus donativos, e cantava e commungava tambem.

E me cantem Missas Offizeadas e caladas.

(Testamento de D. Pedro, conde de Barcellos, de 1350.—Doc. de Tarouca.)

Missa cantada

O mesmo que *missa particular*, ou *rezada*; mas com a differença que, então se usava levantar o sacerdote algum tanto a voz.

Missa chan

Missa rezada.—*Item—no dia de minha sepultura, cantem huma Missa Officiada, e Chãos, quantas se poderem dizer.*

(Doc. de Grijó, do seculo XIV.)

Missa officiada, ou *official*

Era o nome que se dava á missa de *requiem*, a que precedia o officio de defunctos, e a qual se solemnisava com ministros, incenso e canto.

Os *officios*, podiam ser feitos por seculares (leigos) de ambos os sexos.

He estas Missas Officiem-nas os Confrades, e os leigos, e as mulheres digam em tanto senhas Missas de Pater Noster.

(Doc. de Thomar, de 1388.)

Conclue-se com evidencia, que antigamente, *missa cantada*, era rezada—e *missa officiada*, era cantada e solemne.

Missa de Pater Noster

Era certo numero de orações do *Padre Nosso*, que deviam rezar os leigos e as mulheres, que não soubessem officiar as *missas de sobre altar.*

Missas dos espritaaes

Eram as esmolas dadas aos hospitaes, applicadas pela alma de algum defuncto.

Missas publicas

Eram as missas que os bispos podiam celebrar nos mosteiros, com toda a solemnidade, prégando, chrismando, etc.

Tambem se chamavam *missas publicas*, as que eram solemnemente cantadas por muitos, na presença do povo.

Missa dos diaconos, sub diaconos e acólitos

Differiam das missas dos leigos, em constarem, não de Padre Nossos, mas sim de alguns psalmos, preces e orações.

—

Esmola que se dava pelas missas

Segundo alguns documentos do cartorio episcopal de Viseu, no seculo XII, dava-se um *soldo* por cada missa.

No seculo XIII, chegou a dois soldos.

Em 1304, já custava tres soldos.

Em 1520, se pagava um missa, *de tres em renge* (com ministros sagrados, a canto de orgão e com assistencia da communidade, se era em mosteiro), por 20 réis.

No Synodo de Coimbra, de 1566, se mandou que a esmola da missa, fosse de 30 réis.

Em 1590, por uma provisão para a Misericordia de Coimbra, concedeu o rei D. Manuel, que fosse de 40 réis a esmola da missa rezada.

Por ultimo, as *Constituições* de varios bispados, marcaram o preço das missas rezadas, em 120 réis, e das cantadas, em 480 réis.

Devemos porém notar, que no tempo que as missas custavam *um soldo*, custava um alqueire de trigo 3, 4 e 5 réis.

Em S. Christovão, de Coimbra, existiu um documento, de 1401, pelo qual consta que se commutou a pensão annual de 7 alqueires de azeite, por 7 *livras* (cinco das quaes, faziam um real de dez soldos.)

MISSAL MÍSTICO—assim chamavam ao livro que trazia as missas de *per annum*, e tudo o que pertencia á lithurgia do altar.

Havia outros missaes que constavam só de alguns officios divinos, orações e collectas, que tambem (como disse na palavra *missa*) tinham o nome de *missas.*

Havia *Missal papel*, *Missal rromaão* (romano), *Missal místico* e *Missal de orações*, ou *Livro místico.*

No *Inventario* da egreja de Santo André d'Escariz, no concelho de Arouca, feito em 1418, se lê:—*Duas vestimentas perfeitas: Huma capa de sirgo : hum caliz de estanho: Hum livro Missal Mistico*, etc.—(Doc. das freiras benedictinas do Porto.)

MISSAM, MISSÃO e (mais antigo) **MISSOM**—portuguez antigo—homem ou mulher que servia de correio, ou de levar recados. Vem da palavra latina *missus.*

Antigamente eram obrigados os peões de ambos os sexos a fazerem gratuitamente os recados dos senhores donatarios das suas terras. Chamava-se a esta obrigação—*carreira.*

Carreira é o mesmo que hida, jornada, viagem, caminho, que o emphiteuta ou vassallo pagava, como de pensão annual, ao senhorio, hindo já a pé, já com a sua besta ou carro; já a logares certos, já a

incertos, á vontade do senhorio.

Note-se que quando o praso não especificava a qualidade do serviço pessoal, não era obrigado o colono ou emphiteuta a levar besta ou carro.

Era muito usado antigamente este *direito, foragem,* ou *direitura,* emquanto não houve correios publicos.

No foral que *D. Sancha Vermuiz* e seus filhos deram á villa de Fonte Arcada (hoje concelho de Cernancêlhe, comarca de Moimenta da Beira), em 1193, se lê:—*Bestia non dentur, nisi semel in anno: una via sit usque Santarem: altera ou Pereiro: et cœtera usque Tuy. Homines, qui bobes, aut bestias non habuerint, faiant singulas carreiras semel in anno, et non amplius.*

Em um praso de Salzedas, de 1295 se vê fazendo parte da pensão—*Senhas carreiras con os bôis, e con os corpos, á abbadia, pera carreyar os arcos.*

No foral de Céa, de 1136, se eximem as mulheres de recado, do serviço gratuito das *carreiras. Nulla mulier missam non faciat nullum servitium de senior terrœ, nisi pro suo pretio.*

MISSAR—portuguez antigo—dizer missas pela alma de algum defunto.

MISTEIROSO—portuguez antigo—official mechanico, operario, trabalhador, obreiro, etc.

MISTÉRES—portuguez antigo—de *ministeriaes* se formou *mistéres*, que eram os *servos da gleba, escravos* ou *colonos*, de certas fazendas, os quaes eram differentes dos *servos casatos* (d'onde se derivou *casal* e *caseiro*).

Os romanos, e depois os godos, dispunham das terras e pessoas dos vencidos, segundo a vontade do seu principe; e d'aqui nasceu o *poder Heril*, que os domnos exerciam nas terras e pessoas que lhes eram dadas ou repartidas; chegando mesmo a serem senhores dos *corpos e vidas* (e em algumas partes até das *honras*) d'estes *ministeiraes, misteiraes* ou *escravos do torrão.*

Quando principiou a nossa monarchia já o *poder Heril* se havia convertido em *jurisdicção patrimonial,* que—exceptuando as vidas e honras—nada differia da antiga escravidão; sendo lhes até prohibido, em alguns foraes e prasos (sob graves penas) recorrerem ao rei queixando-se das oppressões.

D. Affonso II, longe de exterminar tão absurdo e cruel despotismo, parece dar-lhe approvação, quando em 1211 determinou que «o homem livre possa viver com quem lhe aprouver, *excepto os que viverem nas herdades ou testamentos.*»

Herdades eram as propriedades dos grandes senhores, e *testamentos,* as das egrejas e mosteiros.

D. Affonso V mitigou as penas d'esta lei, deixando-as ao arbitrio do julgador. *Em tal guisa porém que os forçadores da liberdade non fiquem sem pena.* (As cominadas por D. Affonso II, para o caso.) *Cod. Alf.* Liv. IV, tit. 20, § 3.º

O tempo foi mudando os costumes, e os *senhores de baraço e cutello, pendão e caldeira, de méro e mixto imperio* foram restituindo (a seu pesar) a jurisdicção suprema aos nossos reis, que, mais illustrados, trataram de a reunir á corôa, como attributo só proprio da realeza; até que á *Ordenação Manuelina* liv. II, tit. 45, extinguiu totalmente os escravos ou servos da glêba.

MISTERIOSO—portuguez antigo—preciso, necessario. Vem de *mister*, necessidade ou precisão.

MITRA (Palacio e quinta da)—Já a pag. 118 e seguintes fallei d'esta bella propriedade. Accrescentarei aqui que são seus actuaes proprietarios o sr. Perry, illustrado cavalheiro norte-americano, e sua esposa, a sr.ª D. Carolina Coronado, tão estimada pela bondade de seu coração, como notavel por seus vastos talentos. E' auctora de muitas e mimosas poesias, e de alguns romances, sendo o mais bello d'estes a sua *Jarilla*, que tem sido vertido em varias linguas.

MITRO — portuguez antigo — manipulo (dos padres).

MIÚÇAS—portuguez antigo—miudezas.

MIUMÃES—freguezia, Beira Alta, comarca de Rezende.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Esta freguezia já está descripta sob a palavra *Miomães*, como tambem se escreve; mas, quando já estava o artigo impresso, chegaram mais apontamentos, que dou aqui.

A egreja matriz é muito antiga, escura e triste. O mosteiro de Ancêde é que apresentava o abbade; mas era confirmado pelo bispo de Lamego, a quem pagava meio marco de prata, 167 réis de *visitação*, e de *censuria* 58 varas de *bragal*, a preço de 100 réis cada uma, e a *luctuosa*.

Sabe se com certeza que esta egreja era já abbadia em 1623, renunciada n'essa data, no reverendo Antonio Pinto da Fonseca, e que este n'ella se collou, em 12 de setembro d'esse anno.

Tem boa residencia e bons passaes.

Ha n'esta freguezia casas e familias notaveis, e entre ellas a do Cotéllo, do sr. Luiz Pinto de Sousa Menezes, ha houco fallecido. É hoje das sr.as D. Joanna Emilia d'Albergaria, e D. Rita Candida d'Albergaria, tias do sr. Melchior Pereira Coutinho de Vilhena e Menezes, de Lamego, um dos fidalgos mais ricos e mais distinctos da provincia.

Ha na quinta d'estas senhoras, dois cedros antiquissimos e gigantescos.

Pertence a esta freguezia, a casa do *Carugeiro* (ou *Corujeiro*), que foi do célebre Columbano Pinto do Couto, vice-rei da India. É actualmente do sr. Manuel Pinto Dias Chaves, medico-cirurgião, pela escóla-medica do Porto.

São tambem notaveis e importantes, a casa da *Escaleira* e outras.

Pelas suas excellentes aguas thermaes (denominadas d'*Arégos*—vide esta palavra), e pelo seu commercio com o Porto, é a povoação das *Caldas d'Arégos*, uma das melhores d'esta freguezia.

A rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso Henriques (outros dizem que foi sua neta, a rainha Santa Mafalda, mas é êrro), estabeleceu aqui uma barca de passagem gratuita, no sitio da *Górça*, que é um temivel *ponto*, no rio Douro, estabelecendo para o barqueiro a renda de certas propriedades e fóros, e concedendo-lhe alguns privilegios; porém depois, os réis deram isto á familia Serpa Pinto, com a obrigação de mandarem dizer, na capella, duas missas semanaes, sustentarem dois pobres e fazerem a festa da padroeira.

A albergaria, que junto ás caldas tinha mandado construir aquella piedosa rainha, se foi desmantelando, pelo abandono, o que muito prejudicou estes povos, pela diminuição da concorrencia.

Mais tarde, descobriram-se as célebres *Caldas do Mollêdo* (uns 15 kilometros ao E. d'estas, e tambem na margem do Douro, mas do lado opposto) que ainda mais fizeram diminuir a concorrencia aqui, porque, para as do Mollêdo, havia uma bôa estrada feita pela *companhia geral d'agricultura dos vinhos do Douro*, que do Porto vae á Régua, e estão apenas em distancia de 4 kilometros (ao O.) da villa do Pêso da Régua, e com uma bella estrada a mac-adam; o que tem feito prosperar muito estas caldas, e abandonado as de Arégos, que não tem outra via de communicação, senão o rio.

> É notavel que, desde Amarante, até Castro d'Aire—desde Arouca, até Lamego—e desde Villa-Nova de Gaya, até á Barosa, em frente da Régua, ainda não ha um unico metro de estrada ordinaria.

Todo o territorio, em volta das caldas d'Arégos (ou Miumães), são barrancos, brejos e precipicios; e isto em muitas leguas de extensão.

O actual abbade de *Miumães*, o sr. Alexandre Pinto da Costa, o primeiro proprietario da aldeia das Caldas, e o sr. José Pinto da Silva, da Corvaceira, freguezia de Penajoia, a quem os srs. Serpas Pintos trespassaram os seus direitos, têem feito alguns melhoramentos nas caldas d'Arégos, desde 1865 para cá; mas ainda deixam muito a desejar.

Tem já bastantes tinas, algumas casas para os banhistas, lojas de pêso e uma pharmacia.

Se houvesse uma estrada, ao longo da

margem esquerda do Douro (via de communicação ha tanto tempo e tão urgentemente reclamada), outra seria a sorte d'estas caldas, porque as suas aguas são abundantes, e efficasissimas para a cura de varias molestias.

O sitio das caldas, é ameno, e fica a poucos metros do Douro, havendo aqui um soffrivel cáes, muito concorrido.

O clima da freguezia é muito saudavel.

Miumães, foi concelho (vulgarmente denominado d'Arégos), e compunha-se das freguezias de Anreade, S. Romão, Miumães, Frei-Gil, S. Cypriano, Oradas e Panchôrra.

A povoação das Caldas d'Arégos, ainda conserva o titulo de villa, e é já na freguezia de Anreade.[1]

A capella de Santa Maria Magdalena, e os banhos, não são mesmo na villa das Caldas d'Arégos, mas do outro lado do pequeno ribeiro das *Caldas*, que divide as freguezias de Miumães e Anreade.

Desde 1834, até á extincção d'este concelho, a casa da camara e cadeia, foram sempre na povoação de *Villa-Nova*, da freguezia de S. Cypriano.

(Vide—Arégos.)

MIUSÉLLA, ou **MIUZÉLLA** — freguezia, Beira Baixa (no Riba-Côa) concelho e comarca do Sabugal (foi do concelho de Castello Mendo), 70 kilometros ao SE. de Viseu, 320 ao E. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 156 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda. (Foi do bispado de Viseu.)

A mitra apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis.

É terra muito fertil.

MIXOEIRA—Vide *Ameixoeira*, a pag. 195, col. 2.ª, do 1.º vol.

MIXTO, ou **COUTO-MIXTO**—está este *couto*, no pequeno valle de *Salles*, atravessado pelo rio de *Ruviás*—na nossa provincia de Trás-os-Montes (comarca e concelho de Montalegre), e na da Galliza—e é por isso que se chama *mixto*—isto é—portuguez e gallêgo.—É couto muito antigo, pois já existia antes de 1093.

É formado por tres povoações—*Ruviás*, e S. Thiago, que formam a freguezia de S. Thiago—e *Meãos*, que ficando ao N. do dito rio, pertence á freguezia de S. Lourenço de Tozende, tudo da jurisdicção episcopal de Orense (Galliza).

Confronta pelo lado de Portugal, com os limites das tres povoações—*Padroso*, *Donões* e *Saluzêdo*—e pelo lado da Galliza, com os logares de—S. Payo de Albades, S. Lourenço de Tozende e S. João de Ruviás.

O territorio d'este couto, produz centeio, batatas, trigo, milho grosso, linho e feijão. Cria bastante gado vaccum, e cabras.

Estão de posse d'este couto, os moradores de *Ruviás S. Thiago* (gallêgos) e *Meãos* (portuguezes.)

Não consta de archivo nenhum de egreja, ou municipalidade, portugueza, ou hespanhola, nem por tradição, que porção do couto pertence a Portugal, ou á Galliza, nem memoria de que em algum tempo fosse dividido.

É certo que antes de 1834, aquelles tres povos, pagavam certa quantia annual, de fôro, á casa de Bragança, e 1$250 réis de *Siza* ao concelho de Montalegre. Depois de 1834, não tornaram a pagar.

O *juiz do couto*, era sempre um cidadão portuguez, alli residente, nomeado por eleição popular, e confirmado pelo corregedor de Bragança, que lhe passava carta de juiz, e pela qual pagava 5 mil e tantos réis; e n'estes ultimos annos, vinha prestar juramento perante o juiz de direito de Montalegre.

Antes de 1834, o escrivão das honras de Barroso, o era tambem do juiz do couto-mixto.

Este territorio foi sempre considerado como pertencendo á corôa portugueza; e, na concordata que se fez em 1818, por commissarios portuguezes e hespanhoes, se reconheceu o direito que Portugal tinha ao couto.

Os moradores de Padroso, Donões e Saluzêdo, povoações portuguezas, têem direitos consignados nos seus *tombos* de demarcação, confirmados por antiquissima posse, e até

[1] E não na de *Miumães*, como, por mal informado, disse no 1.º vol., pag. 238 G, col. 2.º—Anreade é uma freguezia contigua a Miumães.

sentenças judiciaes, para que seus gados pastem promiscuamente no territorio mixto, que pertence ás povoações de S. Thiago e Ruviás (castelhanas) sem que os gallégos possam fazer o mesmo.

No archivo da extincta honra de Tourem (concelho e comarca de Montalegre), existe copia de uma carta de privilegios, dada ás honras de Barroso, por D. João I, de Portugal, contendo o texto de outra, de D. Affonso IV, na qual se diz—«Querendo Nós fazer graça e mercê, aos moradores e povoadores dos logares e julgados que são das honras de Barroso, Tourem, Padroso, Meixendo, Padornéllos, Gralhas, Villar de Perdizes e mais mixtos, que são julgados á parte, etc.»

Tambem n'essa carta se falla em um alvará de D. Diniz, feito em Santarem, a 12 de maio de 1360 (1322 de Jesus Christo) que confirmava estes privilegios.

Ultimamente, na divisão da raia, a que procederam os commissarios de Portugal e Hespanha, ficou este *mixto* annexo á corôa de Hespanha—eTourem pertencendo (como d'antes) a Portugal; mas a jurisdicção episcopal, continuou a pertencer a Orense!

MIXTO—portuguez antigo—pequena refeição de pão e vinho, que tomavam os frades bentos e de S. Bernardo, antes de hirem rezar para o côro. (Doc. de Tarouca, do seculo XIV.)

MÓ—(serra, ou monte de *Nossa Senhora da Mó*)—Douro, sobranceira e ao E. e NE. da villa de Arouca, tem uma capella da invocação d'aquella Senhora, que dá o nome ao sitio.

Está a mais de 350 metros acima do nivel da praça da villa. Vide Arouca.

MÓ—(monte de Mó)—serra, Douro, divide a freguezia de Duas-Egrejas (actualmente annexa á de Romariz), das do Valle e S. Vicente de Louredo. É no concelho e comarca da Feira.

É bastante alta.

A grande abundancia de granito quartzozo, proprio para fazer *mós* de moinhos de milho grosso, é que deu o nome a esta serra. D'ella se avistam grande numero de freguezias, e o mar, a 18 kilometros de distancia, ao O.

Tem algumas arvores silvestres e bastantes pinhaes. É em partes cultivada.

Tem apenas 3 kilometros de comprimento, de N. a S., pois principia no logar de Villa-Sêcca, freguezia de S. Vicente de Louredo (concelho d'Arouca), e termina no logar da Portella, freg. de S. Izidoro de Romariz, na comarca da Feira. Cria alguma caça.

MOABITAS—portuguez antigo—os mouros africanos. Aos que eram nascidos na Peninsula hispanica, se dava o nome de *ismaelitas*, e aos da Africa, *moabitas*.

MOALDE, ou **MUALDE**—Vide S. Mamede da *Infesta*.

MOAZ—freguezia, Trás-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes, 70 kilometros de Bragança, 455 ao N. de Lisboa.

Tinha em 1757, 22 fogos; actualmente tem 25 fogos.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Vinhaes apresentava o cura, que tinha 7$500 réis de congrua, e pé d'altar.

É a palavra arabe *Mauâz;* significa *logar do aviso*, da *advertencia*, ou do *conselho*. Vem do verbo *uaâza*—avisar, aconselhar, etc.

Esta freguezia, foi supprimida por pequena, em 1810, e annexa á de *Valle de Janeiro*, no mesmo concelho, comarca, bispado e districto administrativo.

MOÇA CHAMORRA—portuguez antigo—rapariga que trazia o cabello tosqueado. Pelos fins do seculo XIII, as creadas de servir, de Lisboa, quasi todas eram chamôrras.

Mandavão de Sevilha a seus amigos, que lhes levassem das môças chamôrras, que eram bôas servidoras. (*Chronica de D. João I*, por F. Lopes, part. 1.ª, cap. 139.)

Quando houve a revolta *setembrista*, em 1836, grande parte dos revoltosos eram guardas nacionaes e corpos voluntarios, que traziam o cabello como queriam. A tropa do governo, trazia o cabello cortado á escovinha, segundo os regulamentos militares.

D'esta circumstancia, proveiu o dar-se aos *cartistas*, o nome de *chamôrros*. (Vide Chamôrro, pag. 266, col. 2.ª, do 2.º vol.)

MOCAMBO—portuguez antigo—corrupção da palavra arabe *mocâmo*—significa casa, ou logar sagrado.—*Tem por toda a ilha*

muitas egrejas e mesquitas, a que chamam Mocamo. (*Viagem da India*, por Godinho, Liv. 3.º, cap. 10, pag. 135.)

Ha em Lisboa um convento (na freguezia de Santos-o-Velho) de freiras trinas, fundado no sitio onde houve uma mesquita. Ainda se chamam *trinas do Mocambo*, e este mesmo nome tem a rua onde está o convento.

Mocambo é tambem o nome de um rio da Africa, que desagúa no mar, a 24 kilometros ao N. da nossa cidade de Moçambique. É navegavel. Tem 6 kilometros de largo na sua fóz, e fundo para navios de grande tonelagem.

MOÇAR, ou **MOUÇAR**—portuguez antigo—monte de entulhos, pardieiros.

MOCIFAL—portuguez antigo—do arabe *Mósfal*, significa logar baixo, ou inferior.

Houve antigamente uma freguezia assim chamada, na provincia da Extremadura, patriarchado de Lisboa. Já não existe ha muitos annos.

MOÇO—portuguez antigo—menino—hoje é synonimo de mancêbo; mas nas provincias do N., *môço*, significa em quasi toda a parte, creado de servir.

Ainda hoje se diz *môço do monte*.

MOÇOCO—portuguez antigo—menino do côro, e tambem sachristão. Tambem se dizia *môços do côro*, *mósinhos*, *mousinhos*, *fradinhos*, *monginhos*, *monacilhos* e *monachinos*.

Em uma doação, de Lamego, de 1253, se menciona uma vinha em *Repôlos*, que partia com a herdade—*quam tenet Laurentius Egeæ, et Tarazias, moçôco de Ecclesia.*

É d'aqui que vem o appellido *Mósinho*, ou *Mousinho*. É nobre e antigo.

O primeiro que achamos com este appellido, é Gonçallo Mousinho, que viveu pelos annos de 1145. Suas armas são—em campo azul, banda de prata, carregada de tres rosêtas de púrpura, entre seis estrellas d'ouro, de oito pontas, tres de cada lado em roquête. Elmo de aço aberto, e por timbre, uma aspa de prata, e no meio d'ella, uma rosêta das armas.

MOÇOS AMOSTRADIÇOS—portuguez antigo—aprendizes de pescadores.

MOÇOS NOVIÇOS E ENSINADIÇOS—portuguez antigo.—O mesmo que *môços amostradiços—que nom tenham ainda pescado em outros logares.* (Documento de S. Pedro de Coimbra, de 1331.)

MODÉLLOS—freguezia, Douro, concelho de Paços de Ferreira, comarca de Louzada (foi da comarca de Santo Thyrso) 26 kilometros ao NE. do Porto, 340 ao N. de Lisboa, 65 fogos.

Em 1757 tinha 101 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

A mitra apresentava o cura, que tinha 40$000 réis e o pé d'altar.

Esteve muitos annos annexa a esta freguezia, a da *Arreigada*, que está outra vez independente.

MÓDIO—portuguez antigo—medida agraria (*cantaro*, ou *meio almude.*) Vide *Almude* e *Mina*, n'esta obra. Vide tambem *Memoria sobre os pesos e medidas de Portugal*, pelo sr. A. L. de B. Teixeira Ferreira Girão. Lisboa, na Imprensa Nacional, em 1833.

MÓDIO—portuguez antigo.—Segundo alguns escriptores, houve antigamente em Portugal uma moeda chamada *módio*. É certo que em innumeraveis escripturas, foraes e emprasamentos, dos seculos XI e XII, se falla em módio, como preço de compra de propriedades, pagamento de serviços, etc., etc.—porém a opinião mais seguida é que—sendo o *soldo* o preço regular de um alqueire, tanto fazia dizer *módio* como *soldo*. (*Memoria das moedas correntes em Portugal*, pelo sr. M. B. Lopes Fernandes., pag. 27.)

Parece que em outras localidades, *módio* era o mesmo que *morabitino* ou *meyo maravidi velho*, ou *menor*, ao que tambem chamavam *mozmodiz*, e que sendo este mozmodiz o preço de um alqueire, de pão, se tomava o módio ou alqueire, pelo preço que ordinariamente valia.

Já se vê que tudo isto não passa de conjecturas, mais ou menos bem fundadas; mas nada se póde decidir terminante e incontestavelmente.

MODÍVAS—freguezia, Douro, comarca e concelho de Villa do Conde, 18 kilometros ao N. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 96 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

É terra fertil.

As religiosas benedictinas de Vairão apresentavam o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

MODORRA—portuguez antigo—derivado do celta—o mesmo que *mâmoa*. (Vide esta palavra.)

Os nossos antepassados, davam o nome de *modôrras* a qualquer monte de pedras miudas, quer fossem, quer deixassem de ser, mâmoas celtas (sepulturas.)—*E dês hi direito a hum viso levantado, pequeno onde está a modôrra pequena, de pedras.* (Tombo de Castro de Avellans, de 1501.)

Supponho que chamar-se modôrra ao somno pesado, imagem da morte, vem da modôrra, onde os seltas depositavam os seus mortos, para alli dormirem o somno eterno.

Tambem antigamente se dava o nome de *quarto da modôrra*, ao que a sentinella, vigia ou atalaia, fazia na madrugada; por ser a hora em que o somno mais persegue os que precisam estar acordados.

MOÉDA—portuguez antigo—era o direito de *bater moeda*, ou os emolumentos e pensões que ao senhor da moeda se pagavam.

Tambem se dava o nome de moeda, a certa somma, que, ou todos, ou de tantos em tantos, annos, pagavam ao princ pe, ou ao donatario, os vassallos, para não *quebrar a moeda*.

(No Aragão e na Catalunha, chamavam a este fôro ou tributo—*menetatico*, ou *monetagio*.)

Antigamente, não havia só moeda real, tambem muitos barões, arcebispos, bispos, egrejas e mosteiros (mesmo os de freiras) tiveram o privilegio de cunhar moeda, com divisa particular, em diversos estados da Europa.

Desde o seculo IX até ao fim do XIII, foram estes privilegios muito frequentes: principiaram a diminuir no seculo XIV, sendo por fim revogados e extinctos; ficando só o monarcha com o direito de cunhar moeda.

Em Portugal havia muito poucos d'estes privilegios.

D. Affonso Henriques, durante as guerras contra os leonezes e contra os mouros, querendo ter da sua parte o arcebispo e o clero de Braga, fez á sua cathedral (em 1128) grandes mercés, e privilegios, e entre estes, o de cunhar moeda.—O rendimento d'esta moeda era para a fabrica da Sé.

D. Affonso II, aboliu este privilegio, como se vê do rescripto (do papa Honorio III) de 23 de dezembro de 1221; pelo qual manda aos bispos de Astorga e Tuy, façam restituir á egreja de Braga, além de outras cousas, *Cancellariam, Capellaniam, et Monetam*, de que o rei a tinha despojado. Nada porém aproveitaram as diligencias do arcebispo e cabido de Braga, até que, em 26 de novembro de 1238, se concordaram, em Guimarães, o arcebispo D. Silvestre e seus conegos, com D. Sancho II, dando este rei á Sé de Braga, as egrejas de Ponte do Lima e da Toujinha (hoje *Touguinha*) em terra de Faría, livres e isentas de todo e qualquer direito real; e as suas villas e terras de Pedralva, Gouviães e Adaúfe (hoje *Adoufe*) em terra de Panoyas—as quaes mandou coutar—*per lapides; sicut alind Cautam de Regno, quod melius cautatum est*—e o dito arcebispo e cabido renunciaram para sempre, todo e qualquer direito que tinham ou podessem ter—*super moneta capellanía et Cancellaría domini Regis.* (Documento de Braga.)

Nas côrtes de Santarem, de 1427, artigo 23, dos que se accordaram entre D. João I e a clerezia, se reconhece que o privativo direito e poder de cunhar moeda, pertence ao rei, *consintam ou não consintam os prelados*. Podendo mudal-a e por-lhe a valia, segundo entender para utilidade publica.

Tambem só ao rei ficou o direito de *quebrar moeda*, isto é, fundil-a de novo, augmentando-lhe o valor ou diminuindo-lhe o pêso. D'este direito muitas vezes usaram (e abusaram) os nossos reis, e isso deu motivo a alguns tumultos e desordens, quando eram frequentes essas quebras. Para evitar a repetida quebra de moeda, pagava o povo ao monarcha (como fica dito) o tal tributo chamado *moéda*, ou *monetagio*.

D. Sancho I, quebrou a moeda de seu pae, fazendo novos maravidis, de mais valor e menos peso.

Parece que D. Affonso II e D. Sancho II, tambem quebraram moeda, pois que, em 1255, D. Affonso III mandou passar uma carta a D. Martinho Nunes, mestre do Templo, *nos tres reinos*, na qual diz que, tendo precisão de quebrar a sua moeda (*monetam meam frangere*) *assim como seus antecessores o costumavam fazer*, etc., etc.

Então, a maior parte do clero e povo d'estes reinos, lhe supplicavam que lhes fizesse conservar em seu peso a mesma e costumada moeda, *por aquelles sete annos*, e que, cada um lhe pagaria uma certa quantia de dinheiro, pela conservação da mesma moeda. O rei assim o concedeu; e sendo-lhe já paga a maior parte do dinheiro, muitos prelados, clerigos e leigos, lhe exposeram que a dita solução *pro conservatione ipsius monetae*, era em grande prejuizo de Deus, do povo de todo o reino, e d'elle mesmo senhor rei; supplicando-lhe que nunca mais levantasse nem permittisse levantar-se ou levar-se cousa alguma, *dos homens do reino de Portugal*, á excepção d'aquillo que os seus predecessores costumaram sempre receber, por *gractione monetae*.

O rei assim lh'o concedeu, jurando nas mãos do bispo de Evora, D. Martinho, tocando os Santos Evangelhos, promettendo de assim o cumprir, e de nunca mais fazer vender a moeda d'este reino, nem lêvantar a moeda. Obrigando-se a isto por si e successores, sob as imprecações do costume d'aquelles tempos. Foi este juramento prestado em Santarem, a 18 de março do dito anno de 1255. (Doc. da Torre do Tombo.)

Em abril de 1261, o mesmo rei mandou cunhar moeda nova. Os prelados, barões, religiosos e povo, julgando-se gravados, allegaram que o rei—*nec de jure, nec de consuetudine hoc facere poteram, nec debedam;* e pediram-lhe que convocasse côrtes, para n'ellas se decidir a questão.

Convocaram-se effectivamente as côrtes em Coimbra, e, depois de muitas altercações, resolveram os procuradores, o rei, sua mulher (a rainha D. Beatriz) a infanta D. Branca, os do seu concelho e toda a sua *curia*, que a moeda velha fosse reduzida ao seu antigo valor, e ficasse para sempre: e que a moeda nova que então se estava lavrando, ficasse valendo e durando para sempre, com a moeda velha, com a condição de que, dez dinheiros da nova, em todas as compras e vendas e mais usos, valeriam 16 dinheiros de *veteribus denariis*.

Mas por isto lhe pagou o povo um tributo, na proporção dos seus haveres.

D'este tributo só foram isentos — o arcebispo de Braga, o grão-commendador do hospital e tres familiares de cada um d'elles—todos os bispos, os mestres do Templo e de Aviz, e o prior do hospital, com dois da familia de cada um.

D'alli a 8 annos, no 1.º de abril de 1270, o mesmo D. Affonso III, fez accrescentar a sua moeda, apesar dos seus protestos e juramentos.

D. Diniz, mandou cunhar *fortes* de prata, com o valor de 40 réis cada um; mas sem alterar o valor da antiga moeda.

D. Affonso IV fez novos *dinheiros alfonsins* [1] quebrando a moeda 3 dinheiros em cada soldo, no que lucrou muito.

D. Pedro I, não só cunhou *tornezes* grandes e pequenos, mas tambem *alfonsins*, e estes com muita liga; mas com o valor dos de seu pae.

D. Fernando I, tendo-se empenhado por causa da guerra contra Castella, arruinou muito os seus vassallos com o excessivo augmento que deu ás moedas antigas, e mandando cunhar outras muito baixas e ligadas, como *dinheiros de um só real, gentis, barbudas, graves, pilartes, fortes, meios-fortes, tornezes petites*, etc., etc.—Tudo com muito preço e pouco peso.

O povo queixou-se amargamente d'este excesso, e logo o rei, temendo que as queixas se transformassem em tumultos e graves desordens, mandou que a *barbuda* bai-

[1] Doze dinheiros dos antigos, faziam um soldo, e os novos dinheiros de D. Affonso IV, nove d'elles valiam um soldo.

xasse a dois soldos e quatro dinheiros, que vinham a ser quatro réis—o *grave*, a 14 dinheiros, que eram dois réis e dois seitis — o *pilarte* a 7 dinheiros, que era um real e um ceitil—e os dinheiros que de novo lavrára, a uma *mealha*, que era meio ceitil.

D. João I, sendo ainda só defensor do reino, e vendo-se na urgentissima necessidade de resistir a todo o poder de D. João I de Castella, e ainda mesmo aos inimigos de Portugal, não só recebeu o grande serviço de mil dobras que Lisboa lhe aprompton, e 287 marcos de prata, em cruzes e calices, e outras peças, que a Sé e as 20 egrejas, que então havia em Lisboa, lhe emprestaram (não fallando em todo o ouro e prata que por todo o reino lhe foi então offerecido) tambem fez que os poucos metaes valessem por muitos.

Desde logo fez lançar copiosa liga de cobre nos *graves*, *barbudas* e *pilartes*. O mesmo fez nos reaes de prata: principiou pelos de lei, de 9 dinheiros, depois fez outros de 6; logo outros de 5; havendo feito antes grande cópia d'elles, de lei, de um só dinheiro, ficando sempre o real de prata na mesma valia. Notemos, porém, que o *ceitil* de D. João I, valendo a sexta parte de um real, pesa hoje quatro réis!

D. Duarte fez cunhar *escudos de oiro* e *reaes brancos*, tudo com muita liga.

D. Affonso V por tres vezes mandou cunhar *reaes brancos*, sempre com o mesmo valor e menos peso, até que nas côrtes de Evora de 1473, para satisfazer ao clamor da nação, estabeleceu o modo como esses reaes se haviam de pagar, com respeito ao seu peso.

Tambem lavrou os cruzados com valor mais subido, mas de oiro de lei.

Nos sete reinados seguintes, se lavraram diversas moedas de oiro, prata e cobre, subindo sempre o valor dos metaes.

Os *reaes de cobre* do rei D. Manuel correram pouco; porque o que d'antes valia um ceitil, subiu logo ao valor de um real.

O mesmo succedeu aos *meios tostões*, de D. João III, que se davam pelo que antes custava um vintem. Este rei tambem cunhou grande cópia de ceitis, reaes e outras moedas de cobre, de pouco peso, pela falta que d'ellas havia; porque os estrangeiros a levavam para fora do reino como mercadoria, visto que a moeda das outras nações ainda era mais cara.

Quando Philippe II usurpou Portugal (1580) achou valendo 500 réis os *cruzados*, que principiaram com o valor de 400—e elle os subiu a 515, e fez moedas de oiro de 4 cruzados, que valiam 2:060 réis.

D. João IV, para defender o reino contra Philippe IV, fez recolher esta moeda, e cunhar outra do mesmo peso, mas com o valor de 3$000 réis — *meias*, que valiam 1$500 réis — e *quartos*, que valiam 750 réis. Valia então o marco de oiro de 22 quilates 30$000 réis.

D. Affonso VI fez subir estes *quartos* a 1$000 réis, e seu irmão, D. Pedro II, a 1$200 réis, ainda que pelo peso não chegavam a 1$000 réis. Tambem fez subir a 500 réis os cruzados de prata, e pouco depois os levantou a 600 réis. E como, ainda assim, os estrangeiros os levassem para fóra do reino, fez outros cruzados de menor peso, com o mesmo valor; mas que tambem desappareceram por ter subido o valor da prata em todas as nações.

D. João V, para supprir esta falta, fez os *cruzados novos* de oiro, com o peso de 400 réis e valor de 480.

Assim foi, desde os primeiros tempos da nossa monarchia, augmentando o valor dos metaes amoedados, até aos nossos dias; de modo que, sendo a moeda portugueza antigamente a moeda mais *forte* da Europa, está hoje mais *cara*, do que muitas de outras nações.

Pedro de Mariz, diz que—60 maravidis, de D. Sancho I, faziam um marco de oiro, e que, cada marco valia 6$480 réis, e o de prata, 400 réis, ou um pouco menos.

No reinado de D. Pedro I corria o marco de oiro, a 7$380 réis, e o de prata, pouco mais de 500 réis.

Depois foi sempre subindo o valor da moeda, a passo mais ou menos vagaroso.

A desgraçadissima derrota de Alcacer-Kibir (4 de agosto de 1578); as despezas es-

pantosas que se tinham feito para tão infeliz resultado, e as grandes quantias dispendidas com o resgate dos fidalgos, obrigaram D. Antonio, grão prior do Crato (acclamado rei pelo povo portuguez e por alguns poucos fidalgos) a elevar o marco de oiro a 40$000 réis, e o da prata a 4$000 réis, por provisão de 14 de julho de 1580. *(Liv. do registo da casa da moeda*, liv. 1.º, fl. 77.)

Desde 1563 até então estava o marco de oiro a 30$000 réis, e o de prata a 2$600. D. Philippe II, usurpando o throno portuguez, annullou todas as leis, decretos e provisões de D. Antonio, e mandou recolher á casa da moeda, para ser derretido, todo o dinheiro que se tinha cunhado durante o ephemero reinado de D. Antonio; ficando a moeda com o seu antecedente valor.

Em 1642, em razão das grandes despezas a que nos obrigava a guerra da independencia, mandou D. João IV, que o marco de oiro (de 22 quilates) valesse 42$240 réis (a 660 réis a oitava).

A lei de 4 de agosto de 1688, mandou levantar o oiro e a prata, mais 20 por cento, a saber:

Oitava de oiro, de 22 quilates, a 1:500 réis.

A onça a 12$000, e o marco a 96$000 réis.

Para os ourives, seria o ouro de 20 quilates e dois grãos, e valeria a oitava, 1$400, a onça, 11$200, e o marco 89$600 réis.

O marco de prata, de 11 dinheiros, 6$000 —a onça, 750 réis.

A prata dos ourives, seria de lei, de 10 dinheiros e seis grãos, e se pagaria o marco de peças, a 5$600 réis.

No reinado de D. João V era de 6$000 réis o valor das peças de ouro. D. José I as elevou a 6$400 réis, e assim estiveram, até 6 de março de 1822, em que o governo decretou que o seu valor fosse de 7$500 réis. Depois de 1834, subiu a 8$000 réis, e assim se conserva actualmente.

Moeda de sola

Muitos escriptores asseveram, e muitos outros negam que houve em Portugal *dinheiro de sola.* Diz-se que D. João I, sendo ainda só defensor do reino, durante o cêrco de Lisboa (1384) mandou cunhar dinheiro de sola. (*Memoria de el-rei D. João I*, por José Soares da Silva, livro 1.º, cap. 38, § 262.) Porém este escriptor, diz apenas, que *havia memoria* da cunhagem d'este dinheiro, sem dizer onde a achára.

Esta obra foi publicada em 1734.

D. Francisco de Menezes, conde da Ericeira (*Hist. geneal da Casa Real Port.*, tom. IV, pag. 419) que escreveu 4 annos depois de publicada a obra de José Soares da Silva (1738) diz haver *auctor verdadeiro*, que sustenta ter o mestre de Aviz feito cunhar dinheiro de sola; mas é de suppôr que este *auctor verdadeiro* seja o dito Soares da Silva, que foi o primeiro escriptor que fallou em similhante dinheiro, e a este seguiram os outros que asseveram a existencia de *dinheiros de sóla*

Nem nos archivos do senado da camara de Lisboa, nem na Torre do Tombo, apparece documento algum por onde se prove a existencia d'esta moeda.

Em nenhum museu numismographico existe dinheiro de sola, e ainda ninguem disse que o tinha visto.

De tudo o que fica dito, se conclue que, não se podendo negar abertamente a existencia de moeda de sola, em Portugal, no reinado de D. João I, é todavia mais que duvidosa a sua existencia.

João, rei de França, mandou cunhar moeda tão baixa e ligada, que causou grandes queixas, clamores e desordens por todo o reino. Comines, queixando-se d'este abuso de poder, diz, por ironia, que aquelle dinheiro era de sola, com um cravo de prata no centro. D'aqui nasceu dizer-se que aquelle monarcha mandou cunhar *dinheiro de sola*; e talvez tambem d'este facto proceda a

historia d'aquelle dinheiro, attribuida ao rei D. João, de Portugal.

Talvez que em tempos remotos viessem á Lusitania moedas de sola, trazidas pelos carthaginezes; porque estes as tiveram, se é certo o que diz Cesar, nos seus *Commentarios*, livro 1.°, cap. 4.°; mas d'ellas não tratam os nossos escriptores.

—

Em 1471, D. Affonso V prohibiu n'este reino o curso dos *Anriques de Castella.*

D. João III, prohibiu, sob graves penas, as *dobras*, *meias dobras* e *quartos*, dos xarifes de Marrocos e de Sus; permittindo que se levassem á casa da moeda de Lisboa ou do Porto, onde seriam recebidas e pagas pelo seu justo peso, que era insignificante.

Por alvará de 9 de janeiro do 1564, se prohibiram as *patacas de Allemanha*, falsificadas, que corriam a 300 réis, consentindo-se que fossem levadas á casa da moeda.

Por alvará de 13 do mesmo mez e anno, se prohibiram todas as moedas em geral, que fossem feitas fóra do reino.

Actualmente teem curso legal n'este reino, as *libras* e *meias libras*, inglezas, e varias moedas hespanholas, e das republicas da America do Sul.

MOELHA—portuguez antigo—moeda.

MÕES—villa, Beira Alta, comarca e concelho de Castro Daire, 24 kilometros ao N. de Viseu, 305 ao N. de Lisboa, 460 fogos.

Em 1757 tinha 270 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Era um concelho, de 1:200 fogos, que foi supprimido em 24 de outubro de 1855.

O conde almirante apresentava o abbade, que tinha 500$000 réis de rendimento.

É terra fertil e muito antiga,

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 7 de maio de 1514. (*Livro dos foraes novos da Beira.* fl. 116, col. 2.ª)

MOFACEM—aldeia da Extremadura, ao S. do Tejo, freguezia e junto a Caparica, comarca e concelho de Almada, patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

É a palavra arabe *Mohacem*, barbeiro. Significa pois—povoação do barbeiro.

Vem do verbo *haçana*, fazer a barba.

MOFREITA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes (foi da comarca e concelho de Bragança, até 1855)—24 kilometros de Bragança, 490 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Orago S. Vicente, Martyr.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O *Portugal Sacro e Profano*, não traz esta freguezia.

Pouco fertil. Cria algum gado e nos seus montes ha muita caça.

É situada em terreno accidentado, perto da margem esquerda do Túa, e proximo á raia hespanhola.

MOGADOURO—villa, Traz-os-Montes, cabeça do concelho e da comarca do seu nome, 170 kilometros ao N. de Braga, 54 ao S. de Bragança, 40 de Miranda, 405 ao N de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 172 fogos.

Orago S. Maméde.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

A mesa da consciencia apresentava o prior, que tinha 120 alqueires de trigo, 60 de centeio, 50 almudes de vinho, e 36$000 réis em dinheiro.

É terra fertil.

O seu concelho é composto das 34 freguezias seguintes:—19 no arcebispado de Braga, que são—Mogadouro, Figueira, Valle da Madre, Soutêllo, Remondes, Castro Vicente, Brunhoso, Paradella, Valle-Verde, Meirinhos, Estevaes, Castello-Branco, Valle de Porco, Villar do Rei, Bruçó, Villarinho dos Gallegos, Villa dos Sinos, Ventozêllo e Villa de Ala.

E 15 no bispado de Bragança, que são—Thó, Perêdo, Bemposta, Urrôs, Travanca, Brunhosinho, Sanhoâne, Saldanha, Castanheiro, S. Martinho, Macedo, S. Pâyo, Azinhoso, Penas Royas, e Vâriz.

Todas com 3:300 fogos.

A comarca é composta do julgado de Mogadouro, com os ditos 3:300 fogos, e do de Freixo de Espada á Cinta, com 1:500—toda a comarca, 4:800 fogos.

—

D. Affonso III lhe deu foral, em Santarem, a 27 de dezembro de 1273. (*Livro 1.º de doações* d'este rei, fl. 118, col. 2.ª, *in fine.*) O mesmo monarcha lhe deu outro foral, em Santarem, a 18 de novembro de 1273. (*Livro 1.º de doações* d'este rei, fl. 126 v., col. 1.ª—e no maço 9 de *foraes antigos*, n.º 10.)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 4 de maio de 1512. (*Livro de foraes novos de Traz-os-Montes*, fl. 6 v., col. 2.ª)

—

A villa está situada em uma eminencia.

É povoação muito antiga, provavelmente do tempo dos romanos, e com certeza, do tempo dos arabes, que lhe deram o nome, que com pouca corrupção ainda conserva; pois se chamava *Macaduron*, que significa —fatal, inevitavel, que tinha de ser.

Macaduron, é tambem nome proprio de homem, arabe, com a mesma significação. É de suppôr que algum mouro que a fundou, reedificou ou povoou, lhe desse o seu nome.

Foi povoação muito florescente, quando aqui habitaram os marquezes de Tavora, que n'esta villa tinham um bom palacio, que está em ruinas, assim como outros edificios da villa.

Em *Ventozêllo*, proximo á villa, explora-se uma boa mina de chumbo.

Teve um convento de frades menores, ou capuchos (*bôrras*) da provincia dos padres terceiros de S. Francisco, o maior mosteiro da sua provincia, depois do de Lisboa.

Foi praça de guerra, cercada de muralhas e com um forte castello, tudo hoje em ruinas. Eram seus alcaides móres, os marquezes de Távora.

Tem Misericordia e hospital.

—

Foi a villa do Mogadouro, commenda da Ordem do Templo, até á sua suppressão, em 1311, e desde 1319, commenda da Ordem de Christo, até 1834,

Foi D. Diniz, sua mulher, Santa Isabel, seu filho, D. Affonso (depois IV) e a infanta D. Constança que deram esta villa aos templarios, em 1297.

Denominava se—*commenda de S. Maméde do Mogadouro e de Santa Maria de Penas Royas*—«*Cum suis capellis, et cum suis hirmitagiis, et cum omnibus juribus, et pertinentiis suis*... *Facta cartha Colimbria, viginti quinque die Maii. Regemandante, Era milessima trescentessima triussima quinta.* (Vem a ser a era 1335, ou o anno de Jesus Christo 1297.)

Esta doação, foi confirmada por varios officiaes do paço; por D. Martinho, arcebispo de Braga; por D. João, bispo de Lisboa; por D. Sancho, bispo do Porto; por D. Valasco, bispo de Lamego; por D. Egas, bispo de Viseu; por D. fr. João, bispo de Idanha; por D. Pedro, bispo de Coimbra; por D. Fernando, bispo d'Evora; e por Estevão Pedro de Rates, governador do bispado de Silves, *sé de vacante*..

—

Na era de 1292, tinham havido duvidas, por causa dos dizimos d'esta commenda, entre o commendador do Mogadouro, e o de Penas Royas, fr. Martim Paes—e D. Adriano, *porsoneiro* do concelho de Penas Royas.

Para terminarem estas duvidas, se juntaram em camara, perante o bispo de Samóra (Hespanha), em um sabbado, 1.º de agosto, d'aquelle anno. O bispo, sentenciou que se déssem ao dito commendador, pelo concelho de Penas Royas, o *dizimo de leite, de moinhos, e de lan, e de queijos, e de manteiga, e de cêra, e de* mil (mel) *e de tecederas, e de mestriales, e de los mancebos, e de los que traen bestias em carreira, e de los que vivem per menester de suas manos, mager que lavrem com boys, e dem desimo de pon e do viño, e por lo que gañan em suas mercaduras. E cada uun destes devem a dar señas quartas em diesmo. E los mancebos que lavrar por pau mager, que el diesmo sea dado del modo todo entregamente. E los mancebos devem dar diesmo del pan que reciben en soldada. E outro sin, los que estan per maravediz a soldadas, dar el diesmo de los maravediz.*

Todos sabem que a ordem dos templarios foi supprimida em toda a Europa, em 1311, pelos crimes monstruosos (uns verdadeiros e outros imaginarios), que attribuiram aos seus cavalleiros, que em muitas nações, sobre tudo na França, foram uns desterrados, outros morreram nas masmôrras e outros

perderam a vida, no meio dos mais incomportaveis tormentos.

Em Portugal porém, as cousas correram por modo mui diverso.

O nosso bom rei D. Diniz, mandou proceder a minuciosas investigações e rigorosas devaças; mas, apesar da má vontade que alguns tinham aos templarios, não se lhes acharam crimes, e só muito orgulho, grande poder, e excessiva influencia.

O rei portuguez, obedeceu ao breve do papa Clemente V, extinguindo esta poderosa ordem, e sequestrando-lhe todos os seus immensos bens e rendas[1], mas os templarios não soffreram outros castigos, sendo até grande parte d'elles admittidos na Ordem de Christo, que o mesmo rei, com raro desinteresse e machiavelico patriotismo, então creou.

Clemente V, allegava direitos a todos os bens dos templarios, como ordem monastica, e em algumas nações foi o herdeiro d'elles; mas D. Diniz descobriu o meio de se eximir (com dignidade, e sem promover disputas com a curia romana) de vêr passar a outro reino os immensos valores que possuira esta ordem; creando a de Christo, á qual deu tudo quanto era dos templarios.

Entre tanta cousa bôa, que Portugal deve a D. Diniz, este facto é com certesa um dos que mais brilhantes provas dão do bom senso, illustração, sagacidade e patriotismo d'este inclito monarcha.

Por carta regia, feita em Santarem, a 26 de novembro da era de 1357 (15 de novembro de 1319), se mandou fazer entrega, a D. Gil Martins, 1.° mestre da Ordem de Christo, de todos os bens, rendas e direitos, que foram da ordem do Templo, *tanto espirituaes, como temporaes*, e dividas.

[1] A pag. 105, do 1.° vol., disse quaes e quantos eram os bens e rendas dos templarios. Aqui accrescentarei o que penso a respeito d'esta ordem. Na minha opinião, os *grandes crimes* dos templarios, eram exactamente os dos jesuitas—muito poder (a ponto de formarem um outro estado no estado) e —sobre tudo—as suas grandes riquezas, que os reis do seculo XIV, e os do seculo XVIII, ardentemente ambicionavam. Era preciso procurar pretextos para estas duas grandes rapinas, e achou-se facilmente.

A commenda de S. Maméde do Mogadouro, foi erecta em 11 de junho da era de 1359 (30 de maio de 1321), na cidade de Lisboa, e casas da ordem de Christo.

As egrejas de S. Mamede do Mogadouro, e Santa Maria de Penas Royas, tinham sido dadas aos templarios (que só as possuiram 14 annos), com todas as suas capellas (menos a de Nossa Senhora d'Azinhoso), direitos e pertenças. (Vide *Azinhoso.*)

D. Martinho, arcebispo de Braga, deu o seu consentimento á doação de D. Diniz, e de sua mulher e filhos.

Em 1300, tinham os arcebispos de Braga, junto á egreja de Nossa Senhora, bôas casas de residencia.

Eram no sitio hoje chamado *Curral do Bispo.*

Na Torre do Tombo, se acha uma composição, feita entre o commendador do Mogadouro e Penas Royas, que era do Templo; e o commendador de Algoso, que era do Hospital, feita no anno de 1239. Por ella se extinguiram todas as *malfeitorias, questões e deshonras*, que reciprocamente se tinham praticado; accrescentando os juizes arbitros, que o commendador do Mogadouro désse ao de Algoso, 233 maravidis e 3 soldos; e este désse áquelle, 1:660 maravidis, *et duas luricas, et unum lorigom.*

E tudo isto, pago até ao dia de S. Martinho, do mesmo anno, sob pena de 5:000 maravidis alfonsins, pagos pela ordem do commendador que a isto faltasse.

—

Pelos fins do seculo XV, nasceu n'esta villa, fr. Antonio de Sá. Foi doutor em Canones, pela universidade de Salamanca, e desembargador do rei D. Manuel. Deixou a côrte e foi professar a regra de S. Bento, no mosteiro de Monserrate, na Catalunha.

Sendo D. abbade de S. Vicente, em Salamanca, o chamou D. João III, para commendatario do real mosteiro de Alcobaça, que governou exemplarmente, e tambem os de Tibães, Carvoeiro e Arnoya, da ordem de S. Bento. De todos foi grande bemfeitor, e restaurador da observancia religiosa.

Tornou para o seu mosteiro de Monserra-

te, onde falleceu, em 10 de agosto de 1550, e alli jaz sepultado.

—

É esta villa, patria de Santa Marina (ou Marinha). A luz do desengano, e o despreso das vaidades, a levaram a um sitio alpestre e solitario, proximo á cidade de Salamanca, e alli, separada de todo o trato humano, fez vida santissima.

Por sua morte, se fundou n'aquelle sitio um insigne convento, de frades menores, dedicado á mesma santa, onde jaz o seu cadaver, e a 4 de maio de cada anno, se lhe faz uma solemne festividade.

—

Na egreja do mosteiro d'esta villa, é tida em grande veneração, uma imagem de Nossa Senhora da Conceição.

Ha d'esta imagem a lenda seguinte.

Havia n'esta villa um clerigo, muito devoto da Santissima Virgem, que mandou fazer a um esculptor uma imagem de Nossa Senhora, para a collocar na egreja.

Era tão pobre o esculptor, que nem tinha dinheiro para comprar a madeira para a imagem, sendo preciso dar-lh'a o clerigo. Este foi vêr a imagem, quando estava apenas desbastada; mas achou a tão mal principiada que disse ao artista que a não continuasse, por que a não queria.

O esculptor encostou a imagem para um canto de sua casa, onde esteve por algum tempo, esquecida e abandonada. (Isto foi pelos annos de 1680.)

Sabendo isto os frades do mosteiro, foram alguns, por mera curiosidade, a casa do esculptor, vêr a imagem regeitada; mas não lhe achavam as imperfeições que o padre lhe attribuia (provavelmente por a vêr por acabar), e a pediram ao padre, para a mandarem concluir, ao que o elle logo annuiu.

Era padroeiro do convento e residia na villa, o marquez de Tavora, a quem os frades foram pedir que mandasse acabar a imagem, ao que elle de boa vontade accedeu.

Concluiu-se a imagem, e ficou perfeitissima, tanto de esculptura como de pintura; e foi collocada com grande solemnidade no altar lateral, da parte do Evangelho.

Em 1696, todo o povo da villa decidiu fazer uma grande festa á Senhora, no dia 8 de dezembro d'esse anno. Queriam estes devotos que a imagem apparecesse n'este dia com a sagrada custodia nas mãos, o que não era facil, porque a imagem estava com as mãos postas (como todas as imagens da Virgem, representando o augusto mysterio da sua Conceição).

Para conseguirem os seus fins, ataram a custodia com fitas; mas não foi preciso, por que a Senhora abriu as mãos, e segurou com ellas a custodia. Foi desde esse dia que a imagem ficou com as mãos abertas. Este milagre foi legalmente authenticado *auctoritate ordinarii*.

—

É baronesa do Mogadouro a sr.ª D. Anna Izabel Maria de Moura Pegado—e barão do mesmo titulo o sr. Antonio Saraiva de Albuquerque Vilhena.

—

Moura é appellido nobre em Portugal, tomado da villa de Moura no Alemtejo, cuja povoação conquistaram aos mouros, em 1167, Pedro Rodrigues e seu irmão Alvaro Rodrigues; e por isto tomaram por appellido (ou lh'o deu D. Affonso Henriques) o nome d'esta villa, o qual passou aos seus descendentes.

D. Affonso Henriques lhe deu brazão de armas, que são: em campo de púrpura, sete castellos de oiro, em 3 palas, com porta, e lavrados de negro. Elmo de aço aberto, e por timbre um dos castellos das armas.

Ha tambem os Mouras Cortes Reaes, descendentes do tristemente celebre D. Christovão de Moura, feito por Philippe II, conde de Castello Rodrigo, e por Philippe III marquez do mesmo titulo.

Seu filho, D. Manuel de Moura Corte-Real, foi marquez de Castello Rodrigo, conde de Lumiares, e gentil-homem da camara de D. Philippe III.

Os Mouras que procedem d'este D. Manuel trazem por armas—escudo esquartelado—no 1.º quartel as armas dos Mouras antecedentes—no 2.º e 3.º as dos Costas, com uma cruz de S. Jorge em chefe. Elmo e timbre os mesmos.

(Vide *Castello Rodrigo*—e *Lisboa*, a paginas 125.)

Pegado é appellido nobre portuguez, e a familia que primeiro o usou, era da cidade de Elvas, onde instituiu morgado, Fernando, Estevão Martins Pegado, vassallo de el-rei D. Affonso IV. Este appellido foi procedido de alcunha, e estendeu-se por muitas povoações do reino e conquistas.

Trazem por armas—em campo de oiro, quatro coticas de púrpura em banda. Timbre 3 setas de prata com hasteas de oiro, empennadas de púrpura, e atadas em roquete, com fita da mesma côr. No livro dos reis de armas, são as mesmas dos Privados (appellido) com differença no timbre.

Saraiva, é appellido nobre em Portugal—cuja familia era da Biscaia, onde tem o seu solar, na villa de Saraiva, no districto da Montanha.

Passou a Portugal, no tempo de D. João I, nas pessoas de Vicente Fernandes Saraiva e Antão Saraiva, que vieram acompanhar sua irman, dama da rainha D. Leonor, mulher do rei D. Duarte, e se estabeleceram na villa de Trancoso, d'onde seus descendentes passaram para a cidade da Guarda. Trazem por armas, escudo dividido em faxa, a 1.ª, de veiros de prata e azul, e a 2.ª, de agua. Orla de púrpura, na qual apparecem as pontas de uma cruz de ouro, floreada. Timbre, meio peixe.

Estas armas, deu D. Pedro de Castella a um biscainho da villa de Saraiva, por tomar duas náus francezas, com uma só em que andava.

MOGABRIL — portuguez antigo — negociante, mercador.

MOGÊGE—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 12 kilometros a O. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 123 fogos.

Orago Santa Marinha.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

É terra muito fertil, e cria muito gado.

O conego magistral da Sé de Coimbra, apresentava o vigario, collado, que tinha réis 80$000 de renda.

MÓGO—portuguez antigo—marco, que divide um territorio, ou propriedade, de outro. Ainda hoje são notaveis os *mogos* d'Anceães. *Mogo*, é o mesmo que *moiom*.

Ha em Portugal varias aldeias, e muitos sitios com o nome de *Mógo* e *Mógos*.

MÓGO DE MALTA—freguezia, Trás-os-Montes, concelho de Carrazêda d'Anceães, comarca de Moncôrvo, 120 kilometros a NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago Santa Catharina, virgem e martyr.

Arcebispado de Braga e districto administrativo de Bragança.

O commendador de Malta, de Poyares, apresentava o vigario, collado, que tinha réis 40$000, e o pé d'altar.

Era commenda da ordem de Malta, pelo que, até 1834, os povos d'esta freguezia, gosavam dos grandes (e alguns absurdos), privilegios de *caseiros de Malta*. (Para a etymologia, vide *Mógo*.)

MOGOFORES, ou **MONFORES**—villa, Douro, comarca e concelho da Anadia, 18 kilometros ao S. de Aveiro, 240 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado de Coimbra e districto administrativo d'Aveiro.

(Esta freguezia não vem no *Portugal Sacro* e *Profano*, por esquecimento do seu auctor.)

Tambem alguns dão a esta povoação o nome de *Mongofôres* e de *Mogafores*.

É aqui a 30.ª estação do caminho de ferro do Norte, o que tem feito prosperar bastante a villa.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 12 de setembro de 1514. (*Livro dos foraes novos da Extremadura*, fl. 148 v., col. 2.ª)—N'este foral, se lhe dá o nome de *Mogafores*.

Tem um bonito theatro, inaugurado em agosto de 1874.

Pertence ao paiz vinhateiro da *Bairrada*, e é terra muito fertil.

MOHÍA, ou **MOÍA**—Vide *Muhía*.

MOIMENTA (de Bouro)—freguezia, Minho, comarca de Villa Verde (antiga comarca de Pico de Regalados) concelho de Terras

de Bouro, 18 kilometros ao NO. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 74 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O abbade de S. João da Balança, apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis de congrua, e o pé d'altar.

Antigamente dava-se a esta freguezia o nome de *Momenta*, e assim vem no *Portugal Sacro* e *Profano*.

É terra muito fertil. Cria muito gado, e nos seus montes (ramos do Gerêz), ha muita caça.

MOIMENTA—freguezia, Trás-os-Montes, comarca e concelho de Vinhães (foi do extincto concelho de Santalha, comarca de Bragança), 60 kilometros de Miranda, 455 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 140 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A mitra apresntava o abbade, que tinha 200$000 réis.

MOIMENTA—freguezia, Beira Baixa, comarca, concelho e 2 kilometros de a O. Gouveia, 84 a SE. de Coimbra, 285 ao E. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 200 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado de Coimbra, districto administrativo da Guarda.

Para a differençar das outras, e por estar na serra da Estrella, dá se a esta freguezia o nome de *Moimenta da Serra*.

A casa das rainhas apresentava o prior, que tinha 350$000 réis de rendimento.

—

O celebre Bento de Moura Portugal, que morreu durante a administração do marquez de Pombal, preso nos carceres da Junqueira, nasceu em 21 de março de 1702, em Moimenta da Serra.

Era filho de Mannel de Moura Castanheira, natural de Sinde, e parente, por uma filha bastarda, de uma nobre casa d'esta povoação, cuja familia descendia de D. Christovão de Moura, marquez de Castello Rodrigo, bem conhecido na historia d'este reino, quando ficámos sujeitos a Castella.

Bento de Moura Portugal frequentou a Universidade, formando se em leis, no dia 11 de maio de 1731.

A sua inclinação porém não o levava para esta disciplina, mas para o calculo e para as sciencias exactas, ao estudo das quaes se entregou depois de formado.

Sendo reconhecido o seu merecimento por el-rei D. João V, foi por este monarcha mandado viajar, e tal era a estimação que d'elle fazia, que por uma provisão mandou que estivessem paradas todas as demandas que Bento de Moura tivesse, emquanto elle andasse occupado nos estudos de que era incumbido.

Depois que voltou da Allemanha para o reino, fizeram-se muitas obras por sua direcção, que foram de utilidade para este paiz, como foi a abertura dos paúes de Villa Nova de Magos, do Juncal e Trejoito; a introducção da barca de Sacavem, etc.

O seu amor da patria era levado a tal grau, que mesmo depois de sepultado no carcere 7.º do forte da Junqueira, fez varios inventos, e o plano de muitas obras de utilidade publica, escrevendo os seus pensamentos com penna feita de um ossinho de gallinha e tinta de ferrugem.

O unico motivo da prisão d'este portuguez illustre, foi o ter fallado da innocencia dos Tavoras e dos padres da Companhia de Jesus; e sendo interrogado por esse facto, confessou que tinha mostrado essa opinião, pelo que lhe respondeu Sebastião José de Carvalho, entrando em furor, que era esse o maior crime que podia commetter.

Foi mettido na peior das casas escuras; e com o mau trato, falta de remedios, e a continuação do aperto, esquentou-se-lhe a cabeça, e chegando a perturbar-se lhe o cerebro, poz se de joelhos, e fazendo o acto de contricção, encommendou-se a Nossa Senhora, e entrou na diligencia de se degolar. O que lhe valeu foi o não ter senão uma faca muito velha, quasi incapaz de cortar pão; pelo que lhe não foi possivel cortar as guelas por mais que trabalhou.

N'esse tempo entrou por acaso um dos

guardas na sua casa, e vendo-o alagado em sangue, lhe tirou a faca.

Foi por isso mandado para a sua companhia o padre João de Mattos, jesuita, que esteve com Bento de Moura até este fallecer.

Na prisão tinha Bento de Moura inventado um modo de abrir as portas dos carceres (não obstante ter cada portal tres portas, uma de ferro e duas de madeira), e com esse soccorro sahiam os presos todas as noites das prisões, e se ajudavam e soccorriam uns aos outros, havendo muitos com graves molestias, e á falta de outros meios necessitavam summamente d'estes allivios.

Pelo modo já mencionado, da penna feita de um ossinho de gallinha e tinta de ferrugem, escreveu Bento de Moura Portugal, nos carceres da Junqueira:—Um dialogo sobre as obras do Tejo—Outro dialogo sobre as obras do Mondego—Modo para que as asenhas ordinarias façam dobrada farinha com a mesma agua e queda que tem—Modo de augmentar a velocidade aos barcos do Ribatejo—Observação pertencente ao leme das embarcações—Nova idéa de remos para os navios—Motivo que teve o auctor para fazer uma experiencia sobre o Danubio—Dialogo curioso sobre varias coisas da America—Noticia particular sobre augmentar a força da artilheria com ametade da polvora—Modo de averiguar se por baixo dos campos que correm ao longo dos rios, ha, ou não ha, oiro, antes de abrir as catas.

MOIMENTA—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Sinfães (até 1855 do concelho, então supprimido, de Sanfins, e comarca de Résende), 40 kilometros ao O. de Lamego, 320 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 94 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 70$000 réis de congrua, e o pé de altar.

Está esta freguezia em terreno muito accidentado, sobre a margem direita do rio Paiva, e aqui termina, pelo O., a provincia da Beira Alta e o districto administrativo de Viseu; pois que o rio n'este sitio, separa esta provincia da do Douro, e o districto administrativo de Viseu do de Aveiro. Em frente, na margem esquerda do Paiva, lhe fica a freguezia de Bairros, no concelho de Castello de Paiva, comarca de Arouca.

É terra muito fertil. Produz muito bom vinho verde. Nos seus montes ha muita caça, e o rio lhe dá bastante e optimo peixe, sobretudo excellentes lampreias e trutas.

Cria muito gado, e tambem tem abundancia de cera e mel.

No logar da Travanca, d'esta freguezia, viveu muitos annos o nobre fidalgo, José Soares de Albergaria, natural da Rêde. Hoje reside alli a sua viuva e um filho. São filhas de José Soares de Albergaria D. Maria Soares de Albergaria (a celebre *Condessa de Monte-Merli*) D. Amancia Soares de Albergaria, solteira; e D. Bertha Soares de Albergaria, casada com Antonio Peixoto Pinto Coelho Pereira Padilha Seixas de Harcourt, fidalgo bem conhecido.

É povoação muito antiga.

Em 1181, Pedro, Egas, Soeiro, Fernando, Mendo, João, Affonso, Martinho, D. Maria e D. Marinha, deram a sua mãe, D. Mayor Soares, viuva de Pelagio Fernandes, padroeira do mosteiro de Santa Eufemea, de Ferreira (de freiras benedictinas)—todas as herdades que tinham no bispado de Lamego, que eram —a *quinta das Maçans*, com todas as suas pertenças—dois casaes n'esta freguezia de *Moimenta*—dois ditos em Quintella—um no *Omezio* (Homisio), e o mais que lhes pertencia em *Almakavi* (Almacáve) e *Lama*. Diz a escriptura de doação que—dão isto a *nostrae Matri, et filias vestras, Dordia, Tarasia, et Mayor Pelagii.*

D. Mayor Soares, apenas viuvou, se recolheu no dito convento de Ferreira, com suas tres filhas, D. Dordia, D. Thereza e D. Mayor.

Martinho Paes, um dos filhos de D. Mayor Soares, foi abbade de Santo André, de Ferreira, e depois bispo da Guarda.

Deu ao mosteiro de Santa Eufemea, em contemplação de uma sua irman, que era prioresa do mosteiro, todos os dizimos, das terras que o dito mosteiro quizesse cultivar em toda a freguezia, que então se estendia desde o Vouga, até ao Paiva!—(Vide *Ferreira d'Aves*, pag. 173, do 3.º vol.)

Em 1163, Pedro Viegas (auctorisado por D. Affonso Henriques), vendeu a D. Thereza Affonso, por 480 marawidis, tudo o que tinha no territorio de Lamego e *Ermamar* (Armamar)—a saber, em *Queimada, Figueira, Portêllo, Quintião, Bouzoas, Penellas, Muimenta* (Moimenta), *Magueija, Candêdo* (debaixo do monte Galafúra), *Valle-do-Conde* e *Lamaçaes*, aguas vertentes para o Douro.

Esta freguezia fica apenas a 3 kilometros do rio Douro, e, para se differençar das outras do mesmo nome, se lhe chama *Moimenta do Douro*. (Era mais proprio chamar-selhe *Moimenta do Paiva*.)

MOIMENTA—aldeia, Douro, na freguezia de Fornos, do concelho do Castello de Paiva, comarca d'Arouca. Ha aqui uma antiquissima quinta, que foi dos Figueirôas, e é hoje do sr. Bernardo Pinto de Miranda Monte Negro, da quinta da *Bôa-Vista* (junto a villa do Sobrado de Paiva), e pae do distincto major de estado-maior de engenheria, o sr. Augusto Pinto de Miranda Monte-Negro.

São tambem filhos do sr. Bernardo Pinto, os srs. dr. Albino, Pedro e Martinho Pinto de Miranda Monte-Negro.

O pae era sobrinho, materno, do general Pamplona, visconde de Beire.

Esta *Moimenta*, fica quasi em frente da freguezia antecedente, do mesmo nome, e proximo da margem esquerda do rio Paiva.

MOIMENTA DA BEIRA—villa, Beira Alta, cabeça de concelho e de comarca, 25 kilometros a E. de Lamego, 315 ao N. de Lisboa, 320 fogos.

Em 1757 tinha 205 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado de Lamego e districto administrativo de Viseu.

A universidade de Coimbra, apresentava o vigario, collado, que tinha 120$000 réis.

Para evitar repetições, e para mais extensas noticias com respeito a esta povoação, veja-se *Cambres*, pag. 53, do 2.° vol.—*Caría* (a 2.ª), pag. 108, col. 2.ª, do mesmo 2.° vol. —e *Maceira-Dão*, no principio de pag. 13, d'este vol.

O concelho de Moimenta da Beira, é composto das 18 freguezias seguintes—todas no bispado de Lamego—são: Aldeia de Nacomba, Alvite, Arcozêllos, Ariz, Baldos, Cabáços, Castello, Cevêr, Leomil, Moimenta da Beira, Nagósa, Paradinha, Paçô, Pera-Velha, Pêva, Sarzêdo, Segões e Villar. Todas com 2:700 fogos.

A sua comarca é composta do seu julgado, e do de Cernancêlhe, que tem 2:700 fogôs, vindo a comarca a ter 5:400 fogos.

—

Teve um convento de freiras benedictinas, fundado pelo dr. *Fernão Mergulhão*, abbade de S. Clemente de Basto, e desembargador da relação ecclesiastica de Braga; natural d'esta villa—o qual alcançou da Sé apostolica licença para esta fundação, que fez em 1594, na casa em que nasceu; trazendo do mosteiro de Semide, tres irmans professas, que eram—D. Isabel Mergulhão, abbadessa perpétua; D. Guiomar Nunes: e D. Margarida de Lucena. Com estas senhoras, veiu Antonia Ferreira.

Deu o fundador, a este mosteiro, 700 medidas de trigo e centeio, um souto, uma vinha, juros de quatro contos de réis, muitos e ricos paramentos e moveis, para a egreja e para o convento, além do edificio e cêrca.

Sendo este mosteiro fundado só para 12 freiras, chegou a ter mais de 40. (Adiante dou mais algumas informações sobre este mosteiro.)

N'esta villa nasceu o distincto doutor em medicina, *Duarte Madeira*, que morreu em Lisboa, em 1652. Foi medico da casa real; escreveu varias obras, sendo a principal, a sua—*Apología*—methodo facil de conhecer e curar as doenças secretas.

—

Em o n.° 693 (de 29 de outubro de 1874), do *Correio da Tarde*, se vê o artigo seguinte:

Communicado

As constantes provas de verdadeira estima, que me tem dado o ex.^mo^ dr. João Maria Mergulhão Neves Cabral, de S. Romão d'Armamar, exigem que eu patenteie o meu reconhecimento, com mais publicidade que uma carta particular.

E como me honro com o seu parentesco,

manifesto nas columnas d'este jornal a origem d'elle.

Dos meus ascendentes, por as casas de Barbosas, de S. João de Fontoura e Castro-Daire, tive a Fernando de Lucena, fidalgo de Cordova, no tempo do imperador de Hespanha, Carlos V.

Este Fernando de Lucena, casou a primeira vez, com D. Leonor de la Penha, de quem enviuvou.

Casou segunda vez com D. Leonor Monteiro, filha de Lopo Martin Monteiro, fidalgo da casa real.

O dito Fernando de Lucena, entre varios filhos teve a D. Beatriz de Lucena, a qual casou com Vasco Mergulhão, cavalleiro do habito de Christo, de quem houve Fernão Mergulhão, fundador do mosteiro de religiosas de S. Bento de Moimenta[1].

Teve mais a D. Maria Mergulhão, que casou na Torre, e outra filha do mesmo nome D. Maria de Lucena, abbadeça perpétua, do convento de Moimenta[2].

A sobredita D. Maria Mergulhão, casou com Lourenço Couraça, de quem teve a D. Maria Mergulhão, que casou na Torre, com Domingos Carneiro, e a D. Petronilha Mergulhão, que casou com Jorge de Gouveia, em Fonte Arcada.

É isto textualmente o que encontrei, em antigos documentos genealogicos, colligidos pelos meus antepassados, e que publico com toda a satisfação, em testemunho de eterno reconhecimento e affeição a meu primo, o dr. João Maria Mergulhão Neves Cabral.

S. C. 20 de outubro de 1874.

Ayres Adolpho de Mendonça.

—

Está esta villa, situada na encosta de uma serra, cortada pelo meio, por uma pequena ribeira, sobre a qual ha uma ponte de cantaria.

[1] Engana-se o sr. Mendonça. A mulher de Vasco Mergulhão (filha de Fernando de Lucena), chamava-se *Leonor*, e não *Beatriz*.

[2] Tambem aqui se engana o sr. Mendonça. A irman do fundador do mosteiro de Moimenta (Fernão Mergulhão), que foi abbadessa perpétua do mesmo mosteiro, era D. *Isabel*, e não D. *Maria*.

Tem bôas casas, sendo a melhor, a do sr. Sarmento Loureiro.

—

É povoação muito antiga, e admira-me não vêr em Franklim mencionado foral algum, antigo, ou moderno, dado a esta villa.

—

Ha n'esta villa, um escrivão do juizo de direito, que se assigna ordinariamente *Leonardo José de Barros;* mas quando quer escrever todo o seu nome (o que poucas vezes faz), assigna-se—*Leonardo José de Barros Ernesto Arganaz Pedasunhos Barbadães Mello Silva Silveira Trancas Canavarro Lima, etc., etc.*

—

Tendo dito na palava *Armamar*, do 1.° volume, que na villa d'este nome, era o solar dos *Mergulhões*, de que era chefe, o sr. dr. Acacio Mergulhão Neves Cabral Macedo e Gama, cumpre aqui dar algumas rectificações, e alguns esclarecimentos a respeito d'esta familia, e da fundação do convento d'esta villa de Moimenta da Beira.

D. Fernão de Lucena, fidalgo hespanhol, natural de Córdova, casado em primeiras nupcias com D. Leonor de la Peña, estando nas côrtes, emigrou para Portugal, por desavenças que teve com outro fidalgo; e, como trouxesse cartas de recommendação para o infante D. Fernando, filho do rei D. Manuel, aquelle o fez védor da sua fazenda: e, estando já viuvo, contrahiu 2.as nupcias, com D. Leonor Monteiro, da villa de Leomil, e da qual teve, D. Leonor de Lucena.

Casou esta D. Leonor, em Moimenta da Beira, com Vasco Mergulhão, fidalgo, e cavalleiro professo na Ordem de Christo, e tiveram, entre outros filhos, o licenceado Fernão Mergulhão, abbade de S. Clemente de Basto, governador do arcebispado de Braga, e fundador do mosteiro de Moimenta.

Darei aqui mais alguns esclarecimentos sobre a fundação do convento, álem das que já ficam escriptas.

Obteve o fundador, uma bulla do papa Clemente VIII, em 27 de setembro de 1594, para a erecção de um convento de freiras benedictinas, sob a invocação de Nossa Senhora da Purificação, nas proprias casas em que nasceu.

Foi a bulla mandada cumprir, pelo bispo de Lamego, D. Antonio Telles de Menezes.

Na bulla, se lhe concediam *in perpetuum*, dois logares gratuitos, para duas parentas suas, orphans e pobres; bem como a permissão de serem sepultados na capella-mór da egreja do mosteiro, elle e todos os seus parentes.

Foi este convento ultimamente supprimido, e encorporadas as suas rendas no convento das Chagas, de Lamego, com o qual, ainda ha poucos annos, litigou o sr. Antonio de Sousa Mergulhão Cardoso de Lucena, para que sua filha, a sr.ª D. Maria Augusta Mergulhão, fosse occupar n'elle, um dos taes logares gratuitos; e para o mosteiro das Chagas veio a entrar, depois de muitas difficuldades.

Ainda existe n'esta villa, a egreja do mosteiro, e na capella-mór um mausoleu, com as cinzas de Fernão Mergulhão; vendo-se no arco cruseiro e na porta principal, o brazão d'armas, dos Mergulhões, entrelaçado com o dos Lucenas, Couraças e Teixeiras.

—

D. Maria Mergulhão, irman do fundador do mosteiro, casou com o dr. Lourenço Couraça Teixeira, capitão mór de Moimenta, e natural da villa da Torre de Moncorvo, e por esta villa, procurador ás côrtes de Lisboa.

Tiveram estes, varios filhos, e entre elles, Fernão Couraça Mergulhão; D. Maria Mergulhão, casada com Domingos Carneiro; e D. Petronilha Mergulhão, que casou com Jorge de Gouveia Cabral.

D'aqui provieram varios grupos d'esta distincta familia.

Um é representado na villa de Tarouca, pelo sr. Bernardo Pereira de Gouveia, filho do general do mesmo nome.

Outro no concelho de Cernancêlhe, representado pelas sr.ªs Gouveias, da Faia, e outras familias.

Era outro grupo, representado pelos filhos do dr. Paulo Luiz da Silva, um dos quaes, o morgado, o sr. João Bernardo Pinto Mergulhão, casou com a sr.ª D. Julia Cardoso de Lucena; d'onde procedem os Mergulhões, de Nogosa, hoje representados pelo sr. João Bernardo Cabral Coutinho Pinto Mergulhão Bandeira—e os da Granja do Tédo (concelho de Taboaço), de que é chefe, a sr.ª D. Josepha Adelaide Cabral Pinto Mergulhão.

Outra filha do dr. Paulo Luiz da Silva, D. Angela Joanna Mergulhão, casou em Paradinha, com Manuel Pereira de Macêdo, e tiveram um filho, que foi conego regrante de Santo Agostinho (crusio), no convento de Santa Cruz de Coimbra, chamado, D. João de Jesus Maria Mergulhão; religioso exemplarissimo pelas suas virtudes, exercendo em larga escala a da caridade, estabelecendo mesadas a estudantes pobres, além de outras muitas esmolas, que de continuo fazia.

D. Thereza Marcelina Pinto Cabral Mergulhão, tambem filha do dr. Paulo Luiz da Silva, casou em Villa-Secca d'Armamar, com o monteiro-mór, João Gomes de Carvalho, de cujo matrimonio nasceu, entre outros, João Bernardo Pinto Mergulhão, que se formou nas faculdades de leis e canones, fallecendo logo no anno da sua formatura.

Tambem eram filhos do mesmo dr. Paulo, D. Maria Magdalena Mergulhão de Macedo, secular no convento cisterciense, de Lorvão, que foi uma senhora de grande instrucção e celebrada no seu tempo pelas suas raras prendas e virtudes; e D. Josefa Emilia Pinto Cabral Mergulhão, freira professa no mesmo mosteiro, onde ambas falleceram com fama de santidade. (D'esta freira já fallei na 2.ª col. da pag. 442 do 4.º vol.)

D. Anna Amalia Pinto Cabral Mergulhão, irman das antecedentes, casou em S. Romão de Armamar, com Luiz das Neves Pinto Gomes, de quem é filho o sr. dr. João Maria Mergulhão Neves Cabral, que é o actual chefe dos Mergulhões, n'esta freguezia de S. Romão. [1]

[1] E não seu filho, o sr. dr. Acacio Mergulhão Cabral Macedo e Gama (que vive com seu pae) como disse a pag. 238 T., do 1. volume.

Na villa de Moimenta da Beira, tem havido alguns homens importantes, taes como o doutor de capéllo, Miguel Antonio da Silva Mergulhão (filho tambem do dr. Paulo Luiz da Silva) reitor, collado, e residente n'esta villa. Foi notavel pela sua profunda sciencia, virtudes christans, e representação social, e cujo nome se conserva ainda na tradição do povo.

O dr. Antonio de Almeida Gallafura Carvalhaes, deputado em varias legislaturas.

Os capitães móres, Martinho de Mello Pinto Mergulhão, e Antonio Guedes Falcão.

O tenente coronel do exercito realista, Antonio Ferreira da Silva Santos, que falleceu na freguezia de Rio-de-Ádes.

Residem n'esta villa a maioria dos membros da nobre familia dos Sarmentos, de Paradinha (com relações de parentesco com a dos Mergulhões) de que é chefe, o sr. barão de Moimenta da Beira, Julião Sarmento de Vasconcellos e Castro: rico proprietario, e intelligente e estimavel cavalheiro; irmão do sabio lente de mathematica, da universidade, o dr. Jacome Luiz Sarmento de Vasconcellos e Castro, ha pouco fallecido em Coimbra; cuja memoria não perecerá, pelos grandes serviços que prestou á sciencia que professava, e pela sua proverbial bondade.

—

O sr. dr. João Maria Mergulhão Neves Cabral, do qual tantas vezes tenho fallado n'esta obra, e seu filho, o sr. dr. Acacio Mergulhão Cabral Macedo e Gama, foram estudantes distinctissimos, e premiados na Universidade de Coimbra. [1]

Ambos são jurisconsultos de fama justificada, pela sua proverbial seriedade, intelligencia e honradez, nas innumeras questões forenses de que teem tratado; pela nobreza do seu sangue, e, ainda mais, pela nobreza do seu viver exemplarissimo; e pela publicação de varios e scientificos artigos, em differentes ramos de litteratura, na *Revista de Legislação, Jornal de Jurisprudencia, Gazeta dos Tribunaes*, e outros periodicos; bem como bellissimos artigos de instrucção e recreio, no *Almanach de Lembranças*, na *Voz do Douro* e em outros semanarios de litteratura.

É a estes dois nobres cavalheiros que eu devo muitos e curiosissimos esclarecimentos, sobre grande numero de povoações da parte septentrional da Beira-Alta, e aos quaes, pela sua delicada generosidade e benevolencia, dou sinceros agradecimentos; pois que tanto teem cooperado para a constrccção d'esta obra.

Se em todas as comarcas houvessem homens tão dedicados ao bem da sua patria, e ás glorias dos portuguezes, como os srs. Mergulhões, o *Portugal Antigo e Moderno* seria uma obra mais extensa; mas certamente, muito mais perfeita e curiosa.

Honra pois a estes dois illustrados senhores, que a bem da sua provincia teem sacrificado tanto e tão precioso tempo, roubado ás suas constantes lides forenses.

MOIMENTA DE MACEIRA DÃO, MOIMENTA DE FRADES [2] e **MOIMENTA D'AZURÁRA** (por todos estes nomes é conhecida) —freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Mangualde, 12 kilometros de Viseu, 280 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 75 fogos.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O D. abbade (bernardo) do mosteiro de Maceira-Dão, apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É povoação muito antiga.

Em 1154, D. Affonso Henriques e sua mulher, a rainha D. Mafalda, doou ao mestre *Soeiro Tedoniz*, professor de medicina, cinco casaes em Travanca, junto a Viseu—*em recompensa da cura que tinha feito a Rodrigo Exemeniz, por ordem real.*

Este Soeiro veio depois a fazer-se monge e fundou um pequeno mosteiro, na egreja de Santa Maria de Moimenta, que era herdade sua, e o mesmo rei lh'a coutou em

[1] O sr. dr. João, foi condiscipulo do nosso famoso escriptor e profundo sabio, o sr. Antonio Augusto Teixeira de Vasconcellos, auctor de varios romances e outras obras de reconhecido merito e grande fama.

[2] Por pertencer aos frades de Maceira-Dão.

1161, ficando a denominar-se esta freguezia —*couto de Santa Maria de Moimenta de Zurára.*

Mudaram-se d'aqui os frades, em 1173, para Maceira-Dão, onde tinham construido um novo mosteiro, que o rei D. Affonso I lhes coutou, no mesmo anno. (Vide a 2.ª col. de pag. 12 d'este vol.)

MOIMENTA DE BALTAR—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Castro Daire, 30 kilometros a O. de Lamego, 310 ao N. de Lisboa.

Em 1757 tinha 21 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

O reitor de Baltar apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

Esta freguezia e a de Baltar de Cabril estão ha muitos annos annexas á de Cabril. (Vide a col. 2.ª de pag. 315 do 1.º vol., e col. 2.ª, a pag. 21 do 2.º vol.)

MOIMENTINHA—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 60 kilometros a SE. de Viseu, 315 ao E. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757 tinha 56 fogos.

Orago S. João Baptista.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

(Foi antigamente do bispado de Viseu.)

O abbade de Santa Maria, de Trancoso, apresentava o cura, que tinha 3$000 réis de congrua, e o pé de altar.

MOIMENTO—portuguez antigo—sepultura. Ainda em 1354 se não enterravam indifferentemente dentro dos templos os defunctos; mas só nos adros; pois n'este anno se deu uma sentença, *á porta da Sé de Coimbra,* sobre os moimentos. (Doc. de Coimbra.)

Dos adros se foram introduzindo por detraz das portas, até que se metteram dentro das egrejas.

Desde 1834 para cá, muitos decretos se teem publicado, prohibindo os enterramentos dentro dos templos; porém o povo, em muitas partes, sobretudo nas provincias do norte, se tem negado a cumprir estas determinações, pelo que tem havido muitos e graves tumultos.

A teima obstinada do povo das aldeias é dizerem que *querem* ser enterrados onde estão os seus paes e avós, sem reflectirem que um defuncto, seja elle quem for, não é mais do que um punhado de terra; e que o que nos leva ao céo, não é o logar onde formos sepultados; mas as boas obras que fizermos n'este mundo.

Tambem não se lembram que os enterros dentro dos templos são prejudicialissimos á saude publica, e que esta absurda e irreverente pratica principiou por um abuso.

Actualmente, *moimento* e *monumento* são synonimos, e não significam sómente o tumulo, mas todo e qualquer monumento commemorativo.

MOINHEIRA ou **MOLINHEIRA** — portuguez antigo—moinho de moer cereaes.

Parte pelo rio apróó á moinheira velha, e dese (desce) *pelo carril* (caminho) *que vae ao forno telheiro, e dese verêa a festo* (atravez da veréda). (Tombo de Castro d'Avellans, de 1501.)

MOINHO DO PINTOR—sitio, Douro, na na freguezia de Nogueira de Cravo, comarca e concelho de Oliveira de Azemeis. Ha aqui um boa mina de cobre, de uma grande companhia. Anda em lavra.

MOINHOS DO PINTOR — aldeia, Beira Alta, na freguezia de Abravêses, e perto de *Moure,* no concelho, comarca, bispado e districto administrativo de Viseu.

A pag. 440 do 4.º vol., no principio da 1.ª col., disse que *era fama* ter nascido na *Aldeia do Pintor,* da freguezia de Lordosa, o celebre pintor portuguez Vasco Fernandes (o *Grão Vasco*).

Segundo outra opinião, o Grão Vasco nasceu n'esta aldeia dos *Moinhos do Pintor.* Ha a favor d'esta opinião a circumstancia de ser Vasco baptisado na Sé de Viseu, da qual é filial a freguezia de Abravêzes, o que se não dá na de Lordosa.

Em todo o caso, o que é certo é que o Grão Vasco nasceu no termo de Viseu.

MOIO—Vide *Almude* e *Modio.*

MOIOM—Vide *Linde.*

MOISÉM—portuguez antigo — mandado judicial; citação, com dia e hora certa para comparecer em juizo.

MOITA ou **MOUTA** — freguezia, Douro, comarca e conceiho da Anadía, 18 kilometros ao S. d'Aveiro, 235 ao N. de Lisboa, 450 fogos.

Orago S. Thiago Maior, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Aveiro.

Não vem no *Portugal Sacro e Profano.*

É no paiz vinhateiro da Bairrada.

É uma freguezia rica e fertil. Optimo vinho de embarque. Cria muito gado de toda a qualidade.

MOITA—freguezia, Beira-Baixa (no Riba Côa) comarca e concelho do Sabugal, 30 kilometros a SO. da Guarda, 300 ao E. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 60 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo da Guarda.

O real padroado apresentava o prior, que tinha 170$000 réis de rendimento.

É terra fertil em todos os fructos do nosso paiz, e cria muito gado de toda a qualidade. Muita caça.

MOITA—villa, Extremadura, (ao S. do Tejo) cabeça de concelho, na comarca de Aldeia Gallega do Riba-Tejo, 6 kilometros ao N. de Alhos Vedros, 18 ao SE. de Lisboa, 750 fogos.

Em 1757 tinha 225 fogos.

Orago Nossa Senhora da Boa Viagem.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O povo apresentava o vigario, collado, que tinha 50$000 réis de congrua e o pé d'altar.

O concelho da Moita é composto das duas freguezias seguintes:—Alhos Vedros, e Moita, ambas com 1:100 fogos.

É uma bonita povoação, situada proxima á margem esquerda do Tejo.

Tem feira a 7 de setembro, 3 dias O seu territorio é muito fertil em vinho, gado, caça, peixe do Tejo, e lenha. Produz tambem alguns cereaes, fructas, hortaliças e legumes.

D. Pedro II a fez villa, dando-a ao conde de Alvor, em 1690.

Tinha uma companhia de ordenanças.

Em frente d'esta villa tem o Tejo 15 kilometros de largura.

É aqui a 4.ª estação do caminho de ferro do S. e SE.

—

N'esta villa nasceu a 14 de abril de 1824, o sr. João dos Santos Silva, parlamentar bem conhecido e distincto orador. É filho de Antonio dos Santos Silva e de sua mulher, Rosa Maria da Conceição, moradores na mesma villa.

Seu pae era natural da villa do Sardoal, e sua mãe, da freguezia de S. Salvador, da villa de Coina.

Seu avô paterno, Manuel dos Santos, era natural do Seixo do Chão, e foi casado com Maria Luiza, da Villa de Rei.

Seus avós maternos, João Manuel Baptista e Maria da Purificação, com naturaes d'esta villa da Moita.

MOITA DOS FERREIROS—freguezia, Extremadura, comarca de Torras Vedras, concelho da Lourinhan, 60 kilometros a NO. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 120 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O prior e beneficiados da egreja de S. Pedo, de Obidos, apresentavam o cura, que tinha 60 alqueires de trigo, 30 de cevada, e 1 tonél de vinho. É terra fertil.

Vide *Ferreiros*, villa da Extremadura.

MOITAS—freguezia, Beira-Alta, na comarca de Vousella, concelho de S. Pedro do Sul, 30 kilometros ao N. de Viseu, 300 ao N. de Lisboa, 240 fogos.

Em 1757 tinha 178 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

A mitra apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra fertil. Tem muito gado e caça.

MOLACHINO—portuguez antigo—o mesmo que môço do côro, ou *mousinho.* (Vide *Môço do Côro.*)

Tambem se dava o nome de *molachino* ao merceeiro, ou pobre, que, servindo a egreja, d'ella recebia todo ou parte do sustento.

Suppõe-se que esta palavra vem de *meloquinos*, antiga moeda de ouro, correspondente ao nosso maravidi de ouro, que nos seculos XIII e XIV, valia 500 réis. Talvez que os molachinos recebessem aquella moeda pelo salario de um mez.

MOLÃES — aldeia, Beira-Alta, freguezia de Penajoia, concelho, comarca, bispado e 9 kilometros a ONO. de Lamego, districto administrativo de Viseu.

É a aldeia mais central da freguezia.

Passava aqui a antiga estrada de Lamego para o Porto. pelo que esta povoação era então a principal da parochia.

Ha aqui ainda varias casas com brazão de armas, uma dos srs. Alpoins, da Rêde, outra dos srs. Trindades, e outra do capitão-mór. Ainda existem outras casas grandes, que pertenceram a familias ricas e nobres.

MOLARES—freguezia, Minho, comarca e concelho de Celorico de Basto, 45 kilometros a NE. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 111 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 290$000 réis de rendimento.

É terra fertil. Tem muito bom vinho, cria muito gado de toda a qualidade, e nos seus montes ha muita caça.—Tem peixe do Tamega.

MOLDES — freguezia, Douro, comarca, concelho e 7 kilometros a E. de Arouca, 43 ao O. de Lamego, 50 ao SE. do Porto, 355 ao N. de Lisboa, 270 fogos.

Orago Santo Estevão, protomartyr.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Aveiro.

Nem no *Portugal Sacro e Profano*, nem no *Diccionario Geographico* do Flaviense, vem esta freguezia, apesar de ser antiquissima.

No mosteiro de Arouca ha uma escriptura original do seculo XI, que nos obriga a confessar que n'aquelle territorio não começava o anno (pelo menos o ecclesiastico) no 1.º de janeiro. Essa escriptura é por causa de uma grave controversia sobre metade da egreja de Santo Estevão de Moldes, que, em 925, fôra deixada aos monges (dos quaes então era abbade Gondulfo) o que impugnava D. Gontina Eriz e os seus herdeiros, perante D. Sisnando, alvazil, não só de Coimbra, mas tambem da terra de Arouca; dizendo que esta egreja se chamava, primeiro, de Santa Maria, e que, depois de muitos annos vieram os serracenos—*et cecidit ipso territorio in herematione, et fuit ipsa Ecclesia destructa. At ubi venerunt Christiani ad populatione, restaurata est ipsa Ecclesia, et posuerunt ibi reliquias Sancta Maria, et S. Stephano, Interunque herema est in E. MXIII. Et cum venit tempos ista populatione, que est in E. MXXXVIIII populavit omnis populus quisquis suam, vel alienam haereditatem. De ista Era indenante vocaverunt illa Ecclesia Sancto Stephano.* (Doc. do real mosteiro de Arouca.)

Correu o pleito perante Egas Ermigiz, e ultimamente foi levado a D. Sisnando, que mandou ás partes, que provassem o que affirmavam.

D. Gontina disse, que a egreja, sempre, desde o seu principio, se chamara Santo Estevam, e nunca Santa Maria; e os monges[1] sustentavam que se chamára primeiramente, Santa Maria, e depois, Santo Estevão.

Ultimamente se tratou a causa, perante um grande concilio, presidido pelo commissario do alvazil, *Cidi Fredariz*, a 7 dos idos de dezembro, da era de 1128 (26 de novembro de 1090 de Jesus Christo) e se decidiu a favor do mosteiro, a 4 das nonas de janeiro de 1129, sendo abbade do mosteiro, D. Diogo.

Fez-se o respectivo praso, a 11 das nonas de janeiro de 1129, e d'elle se vê que se contava alli, n'aquelle tempo, o *anno da Paixão*, que findava a 25 de março.

[1] Então, e até ao seculo XIII, em que a rainha Santa Mafalda veio para o mosteiro de Arouca, era este, como a maior parte dos de Portugal, de frades e freiras (*duplex*) mas na maior parte das demandas, só figurava a communidade masculina.

desde 1422, por ordem de D. João I, se contou tudo, pelo anno do nascimento de Jesus Christo, principiando invariavelmente o anno no 1.º de janeiro e terminando a 31 de dezembro, como ainda hoje se usa.

D'esta escriptura se vê que a freguezia de Moldes já era parochia em 925, e mesmo anteriormente á invasão dos mouros em Portugal, em 714, sendo então *ipsa Ecclesia destructa*, como alli se lê.

Foi o nome antigo d'esta freguezia—*Santo Estevão do Valle de Moldes.*

É terra bastante fertil em cereaes, vinho, fructa e legumes; cria muito gado, de toda a qualidade, e ha abundancia de optimo mel e cêra. O seu vinho, apesar de verde, é excellente. Produz optima madeira de castanho, e no territorio da freguezia, que é, na maior parte, montanhoso, ha muita caça, grossa e miuda.

Tambem n'estes ultimos annos se tem desenvolvido muito n'esta freguezia a industria da creação do *sirgo*, e producção da sêda, com resultados muito animadores.

O que falta a esta freguezia, para ser florescentissima, são boas estradas; pois as que tem, não merecem tal nome; sendo apenas atalhos escabrosos, mais proprios de cabras do que de gente.

—

Foi aqui o solar dos Quaresmas.

Quaresma, é appellido nobre em Portugal. Procede da alcunha que poseram a Ruy Vasques Mogudo, que pela devoção com que passava o tempo da quaresma, lhe chamavam *Ruy Vasques Quaresma*, e seus descendentes conservam ainda esta alcunha por appellido,

(Ainda existe aqui um ramo d'esta familia.)

Os Quaresmas não teem armas proprias; mas o ramo que se aparentou com os *Pessanhas*, usa do escudo d'esta familia. (Vide Villa Real de Traz-os Montes.)

Os que se apparentaram com os Pereiras de Lacerda (ou *la-Cerda*) trazem por armas —escudo terceado, em pala; na 1.ª, de púrpura, a cruz de prata dos Pereiras; a 2.ª, cortada em faxa, na 1.ª, de púrpura, um castello de ouro; na 2.ª, de prata, leão de púrpura; na 3.ª, de azul, 3 flores de liz, de ouro, em pala, e 3 meias ditas, firmadas, de cada lado d'ella.

São Quaresmas os marquezes de Alvito (condes barões) e outras muitas nobilissimas familias portuguezas.

MOLELLOS—freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Tondella, 18 kilometros de Viseu, 260 ao N. de Lisboa, 420 fogos.

Em 1757 tinha 260 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O vigario de Tondella apresentava o cura, que tinha 50$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Ha n'esta freguezia olarias de louça de barro prêto, de muito boa qualidade.

É terra muito fertil em todos os generos agricolas. O seu vinho é excellente. Cria muito gado, de toda a qualidade e é abundante de caça.

—

É parochia mais antiga do que a monarchia portugueza, e já existia no tempo dos godos.

Em 1101 (1063 de Jesus Christo) o presbytero Ermigio, doou, ao mosteiro de Lorvão, a egreja de Molellos, *com todos os seus passaes, vinhas, soutos, pomares, domos* (casas) *e córtes.*

N'esse tempo era o archanjo S. Miguel o padroeiro d'esta freguezia.—Teve visconde.

MOLLÊDO—freguezia, Extremadura, comarca de Torres Vedras (foi da comarca das Caldas da Rainha) concelho da Lourinhan, 60 kilometros ao NO. de Lisboa, 12 a E. de Peniche, 100 fogos.

Em 1757 tinha 84 fogos.

Orago o Espirito Santo.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

A mitra apresentava o cura, que tinha 80 alqueires de trigo, 30 de cevada, 1 tonél de vinho—que pagava o povo.—Além d'isto, o sacro collegio patriarchal, lhe dava 40 alqueires de trigo e 1 quarto de vinho.

N'esta freguezia ainda existem as ruinas do palacio em que residiu alguns tempos a

célebre e infeliz rainha D. Ignez de Castro. (Vide *Lourinhan*, na col. 1.ª da pag. 464 do 4.º vol.)

Tambem n'este palacio residiram por algum tempo, D. Fernando I, e sua mulher, D. Leonor Telles de Menezes.

Este edificio é antiquissimo, e talvez já existisse no tempo dos romanos; e com toda a certeza, no dos arabes, o que facilmente se conhece pela sua architectura.

Suppõem alguns que foi originariamente um templo phenicio, e que são phenicios os caracteres da inscripção de que fallei. Não é de admirar que os phenicios, ou os carthaginezes (que tambem eram phenicios) aqui edificassem um templo, visto ser tão perto do mar.

A 6 kilometros d'esta freguezia (na de Miragaya, ou S. Lourenço dos Francos) está a *Ponte de D. Pedro*, assim chamada por ser mandada fazer por este monarcha, pelos annos de 1360; dando então grandes privilegios aos habitantes da freguezia do Mollêdo, sendo um d'elles, não poderem ser obrigados ao serviço militar, e só hirem á guerra, quando o rei fosse em pessoa.

A constituição de 1820, acabou com este e outros muitos privilegios, isenções, foros e regalias, e fez bem.

Pela achar curiosa, dou aqui a cópia da carta regia de privilegios que o rei D. Fernando concedeu á freguezia do Mollêdo, em 12 de outubro de 1416 (1378 de Jesus Christo), e que depois confirmou.

«Dom Manuel por Graça de Deus, Rey de Portugal e dos Algarves, d'aquem e d'alem mar em Africa, Senhor de Guiné e da conquista, navegação, commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e India, etc.

A quantos esta nossa carta virem, fazemos srber, que por parte do Concelho de Mollêdo, nos foi apresentada uma carta d'el-Rei dom fernando, que tal é—Dom fernando pella graça de deus Rei de portugal e do allguarve.

A quantos esta carta virem fazemos saber, que nós querendo fazer graça e mercée a todollos moradores que ora moram em Molledo, termo d'Oubidos homde mandamos fazer os nossos paaços e a todollos outros que d'aquy em diante hy quiserem viver, morar e povoar, Temos porbem, e mandamos que elles sejam escusados de paguar jugadas, nem em peita, nem em fymta, nem em talhas que os Concelhos da Villa d'Obidos e d'Atouguia lançam.

Como quer que os ditos moradores sejam visinhos das ditas Villas por alguus bees que em termo das ditas villas tenham.—E outro sy sejam escusados de hyr com hoste e em fossado. E mamdamos que nem seja nenhuu tam ousado de qualquer condiçam que seja, que com os ditos moradores pousse, nem lhes tomem suas roupas, nem palha, nem lenha, nem pam, nem cevada, nem nenhunas outras cousas contra suas vontades sallvo se fôr por nosso espicial mandado.—Outro sy mandamos aos Juizes das dittas Villas que nom constramguam os dictos moradores, nem seus filhos, nem mancebos, nem servidores de jornaes, que vam morar, nem servir a essas villas com nenhunas pessoas contra suas voomtades em nenhuus serviços, e os leixem viver com os ditos moradores de Molledo pera lhes fazerem seus serviços—Outrosi mamdamos que todos aquelles e aquellas que morárem, ou quiserem vir morar ao dito Loguo do Molledo, que possam hy vender e comprar vynhos e pam e carne e pescados como todas outras cousas que emtenderem de fazer suas prois sem outro nenhun embargo.—E mandamos que elles possam comprar, e comprem as dictas viamdas, nas ditas Villas d'Obidos, e d'Atouguia e da Lourinhãa e em os outros luguares d'arredor do dito Loguo. E mandamos e as justiças dos dictos Luguares que lhes nam ponham em elles embarguo para os vemderem no dicto Loguo de Molledo como dicto he. E esto lhe faremos comtamto que morem continuadamente no dicto Loguo e façam hy povoraçam.—E em testemunho disto mandamos dar aos ditos moradores esta nossa carta.

Damte em Moura doze dias d'Outubro, ElRey o mamdou, Afomsso piris a fez, era de mill e quatro centos e desasseis an-

nos.—Pedindonos o dicto Concelho de Molledo que lhe confirmassemos a dicta carta, e nós, visto seu requerimento, e querendo fazer graça e mercê, Temos por bem e lha confirmamos assim pella guiza e maneira, que se em ella contem e assim Mandamos que se cumpra inteiramente.»

—

Vê-se pois, da carta regia de D. Fernando, que no seculo XIV, tinha o Mollêdo a cathegoria de concelho. Ignora-se porém quem lhe deu esta primazia (ainda que ha razões para suppôr que fosse D. Pedro I), e quando foi supprimido.

É incontestavel que ainda era concelho, no seculo XVI, como se vê da mesma carta regia.

MOLLÊDO—freguezia, Minho, concelho e 3 kilometros ao S. de Caminha, comarca, districto administrativo e 15 kilometros ao NO. de Vianna, 54 a O. de Braga, 100 ao NO. do Porto, 410 ao N. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 182 fogos.

Orago S. Payo.

Arcebispado de Braga.

A casa do infantado, apresentava o reitor, que tinha 120$000 réis de rendimento.

Esta freguezia foi commenda dos marquezes de Villa Real, que passou para o 1.º (e unico) duque de Caminha, filho do ultimo marquez de Villa Real. Sendo o duque de Caminha degolado por traidor á patria, em 1641 (como fica dito em *Caminha* e *Lisboa*), passou esta commenda para a casa do infantado, que então se creára.

Dos dizimos, se faziam dois prestimonios da ordem de Christo, cada um de 90$000 réis.

—

Está esta freguezia, situada a maior parte na formosissima veiga de 18 kilometros de comprido, que principiando no *Campo da Agonia* (Vianna), chega até ao pinhal do *Camarido* (da nação), e até ás muralhas de Caminha, sempre á beira-mar.

Era no tempo dos romanos, o paiz dos *spacos;* e no tempo dos arabes, e nos primeiros tempos da nossa monarchia, se denominava *terras da marinha de Villar d'Ancora.*

O resto da freguezia estanceia na vertente occidental da *serra do Mollêdo*, que é um ramo da célebre *serra d'Arga* (o *Medulio* dos romanos, de que tantas vezes tenho fallado).

Fica esta freguezia entre as de Gontinhães, ao S., e Christêllo, ao N.

Como todas as freguezias d'este territorio abençoado, é fertilissima de todos os generos agricolas do nosso clima; devendo grande parte da sua fertilidade, ao precioso limo (chamam-lhe aqui *molliço*) que o mar arroja ás praias.

Tambem é muito abundante de peixe do mar; e de salmões, lampreias e saveis, dos rios Minho e Lima.

—

Em frente e ao N. E. da capella de *Santo Isidro* (de que adiante tratarei) e em um *degrau* da serra, fica o *monte do Facho.* Diz-se que foi em tempos remotos uma atalaia dos antigos lusitanos, e é certo que aqui ha vestigios de antiquissimas fortificações. Ainda durante a guerra peninsular, por muito tempo aqui se estabeleceu um *facho.*

Ha n'este monte um monstruoso penedo, com varias cavernas, dentro das quaes se podem abrigar 500 a 600 pessoas. Chamam-lhe *Sino dos mouros.* Diz-se que, batendo-se-lhe com uma pedra, sôa como um sino.

Ao S. d'este penedo ha uma chan, a que chamam *Ladario,* no centro da qual, está a peanha de uma cruz. Segundo a tradição, era n'este sitio que antigamente se reuniam os clamores que ainda hoje vão á capella de *Santo Isidro;* o que é muito provavel, pois que *Ladário* (ou *Ladáiro*) no portuguez antigo significa procissão, ou clamor, que tambem é uma especie de procissão. (Vide *Ladario,* na 2.ª col. de pag. 10, do 4.º vol.)

Quando visitei esta freguezia, em 1865, não tive noticia do tal penedo, e por isso não o fui vêr.

Sobre a margem direita (N. E.) da formosa estrada real á mac-adam, de 1.ª classe, que de Lisboa vae para o norte, e que atravessa pelo fundo d'esta freguezia, em todo o seu comprimento, edificou um piedoso lavrador do Mollêdo, em 1864, uma bellissima capella, dedicada á Santa Anna. É feita por

pedreiros d'aqui, e de primorosa architectura.

Pouco distante d'esta capella (uns 500 metros ao S. O.), mesmo sobre os rochedos da praia, está edificada a antiquissima capella de Santo Isidoro (a que o povo d'aqui chama *Santo Isidro.*)—É pobrissima e pequena, toda de abobada e com uma sacristia ao N. —Tem uma irmandade, cuja instituição data de tempos remotos.

Por occasião de certa calamidade publica (não consta de que qualidade) quatorze freguezias dos concelhos de Vianna e Caminha, fizeram voto de alli hir todos os annos com outros tantos clamores. Esta promessa ainda se cumpre, mas agora são só treze os clamores, por estarem unidas as duas freguezias, da Portella e Villarêlho.

A estes clamores são obrigados a hir os parochos das freguezias da promessa, os clerigos n'ellas moradores, as cruzes, e uma pessoa de cada casa, e a guardarem o dia do Santo.

Clemente VIII, pelos annos de 1600, e Urbano VIII, pelos de 1642, concederam á irmandade d'esta capella, muitos privilegios e indulgencias.

Em 7 de julho ha em cada uma das freguezias do voto, missa cantada.

A camara de Caminha, vem esperar a procissão, á rua da Misericordia, junto ao convento das freiras: depois vão todos á matriz, onde o reitor tem obrigação de ter o Santissimo Sacramento expôsto. O arcipreste canta uma oração, e no fim a camara os acompanha até ao caes do *Váo* (no rio Minho), embarcando ahi para Seixas o clamôr d'esta freguezia.

—

Em parte nenhuma de Portugal achei tão bello e tão optimo granito, como o que se encontra com profuzão, na *veiga de Santo Isidro.* Podem com elle fazer-se esculpturas como no mais fino marmore.

Perto da capella está um penedo espherico, a que dão o nome de *penedo rachado*, e consta que foi partido em dois, por um raio. Está tão bem cortado, que parece o foi com uma serra.

A poucos passos d'este, está outro, do mesmo tamanho e configuração, tambem partido pelo meio, com a mesma certeza. Foi cortado, por certo processo, pelos engenheiros do governo, em 1857, quando andava em construcção a estrada real.

A costa, no territorio que se estende desde Vianna até Caminha, é, quasi na sua maior parte, coberta de rochedos, e contra elles se teem despedaçado grande numero de navios, desde tempos immemoriaes.

Ainda em 1864 aqui foi a pique um vapor mercante inglez, carregado de bois gordos, que todos pereceram, vindo bastantes dar á costa n'estas praias.

Por estes rochedos ha grande abundancia de marisco, de varias qualidades.

—

Na tarde do dia 10 de junho de 1874, rebentou sobre todo o territorio entre Vianna e Caminha, uma medonha trovoada, que causou muitos estragos, devastando arvoredos e campos. As freguezias que mais soffreram, foi esta, Ville, Azevedo, e Soutêllo. Alguns lavradores ficaram reduzidos á miseria.

—

Alem das capellas de Santa Anna e Santo Isidoro, ha mais n'esta freguezia, as capellas de—*Nossa Senhora da Piedade* (de que adiante fallo) e *Nossa Senhora das Préces.*

Actualmente (maio de 1875) está em construcção, e quasi concluida, a formosissima e magnifica capella da Santissima Trindade, feita á custa do piedoso e illustrado sr. padre José Casal da Cruz, d'esta parochia.

—

Na praia d'esta freguezia, no sitio denominado *Fontellas*, se teem construido n'estes ultimos annos algumas casas, e actualmente andam outras em construcção, para residencia temporaria das familias que queiram para aqui vir tomar banhos de mar.

Já para este sitio concorre bastante gente do Alto Minho. A camara de Caminha mandou aqui fazer, há pouco tempo, uma boa fonte de agua potavel.

Já aqui ha alguns bonitos predios e lojas de generos alimenticios.

O melhor predio de *Fontellas* é o recentemente feito pelo sr. Pedro da Praça, de Vian-

na. É um bonito palacete de elegante e commoda construcção.

Muito povo de Caminha vem aqui todos os dias tomar banhos, em carros e mesmo a pé.

—

N'esta freguezia encontrei, em 1865, dois *carns*, á beira-mar, e varios na encosta da serra. O povo d'aqui lhes dá o nome de *cerrados dos mouros*.

Isto nos convence (ainda que outras provas não tivessemos, como temos, em varios livros) de que este territorio é habitado ha mais de 2:000 annos, e que os celtas, ou os povos que os precederam (pre-celtas) aqui estanciaram por espaço de muitos annos.

—

A capella de *Nossa Senhora da Piedade*, de que já fallei, chamava-se antigamente *Nossa Senhora do pé da Cruz*.

A sua origem é a seguinte:

Estava a imagem da Santissima Virgem em uma antiquissima e pequena ermida, ameaçando ruina proxima. Em 1695, uns devotos da Senhora, temendo ver desabár o templosinho, decidiram demolil-o, para edificarem um novo e mais amplo.

Foi a imagem depositada na egreja matriz de Caminha, Logo, n'esse mesmo anno, principiou a obra; mas, por falta de dinheiro, ficou em meio. Pouco depois, um proprietario rico e devoto, tomou á sua conta a conclusão da capella, que em pouco tempo se concluiu, com grande perfeição.

Feita a obra, pediram, e obtiveram logo, licença do arcebispo de Braga, para se benzer a nova ermida, e, feita esta ceremonia, veio a Senhora para a sua nova casa. (Tinha, durante as obras, estado na egreja de Caminha.)

A primittiva imagem, é de roca, tendo apenas dois palmos de altura, e antiquissima.

No dia da trasladação, que se fez com grande pompa, offereceu o povo, ao padre Gonçalo da Rocha de Moraes, administrador das obras da capella, 10$000 réis, para mandar azer uma nova imagem da Senhora, de maiores dimensões, e de esculptura. Foi esta feita por Domingos Ferreira, esculptor, de Caminha, e é muito perfeita. Tem, sentada ao pé da cruz, 1m10, e tem uma espada no peito. Foi collocada no altar onde esteve a primeira, que foi para a sachristia.

Foi a nova imagem collocada no seu altar, com grandes festas e publico regosijo, em um domingo, 1.º d'agosto de 1700. Fez-se-lhe uma grande procissão, á qual concorreram muitas cruzes e guiões, das freguezias circumvisinhas, e algumas danças, organisadas e feitas pelos estudantes de Caminha. Despovoou-se esta villa, para concorrer á capella n'aquelle dia.

A capella é grande e de bôa architectura. Foi forrada de optima madeira de castanho, em 1706.

Faz-se-lhe a sua festa, no 3.º domingo d'agosto.

—

Já disse que a estrada real de 1.ª classe, atravessa esta freguezia longitudinalmente; hindo, em sitios, apenas a uns 100 metros da maré cheia. Se se fizer o caminho de ferro do norte, pelo traçado que se estudou e foi approvado no ministerio das obras publicas, vae elle entre esta estrada e o mar, a poucos metros d'este; mas por terreno solido, pois que toda a praia é de rochas de granito.

Será este lanço de caminho de ferro um dos mais bellos de Portugal, atravessando os 18 kilometros que ha de Vianna a Caminha, por uma formosissima planicie cultivada, ficando-lhe a E. a cordilheira de montanhas de diversos nomes, ramo da Arga, povoada na sua encosta de muitas e formosas povoações — e pelo O. a vasta extensão do occeano atlantico.

Atravessa longitudinalmente (contando do S. para o N.) as freguezias da Ariosa, Carrêço, Afife, Ancora, Gontinhães, Mollêdo, Christêllo, e Portella e Villarelho, junto ás muralhas de Caminha; que todas estas freguezias estão no valle, que os nossos antigos denominavam *Marinha da Póvoa de Villar d'Ancora*.

Tem o caminho de ferro, n'este valle, poucas *obras d'arte*, e poucas e pequenas ondulações de terreno, todo sólido, com grande abundancia de optimo granito por toda

a parte, quasi sem carrêtos, o que tornará esta via de pouca despeza na sua construcção.

—

Foi aqui o solar dos Liras, e ainda n'esta freguezia ha uma familia, de lavradores, d'este appellido, talvez descendentes dos antigos Liras.

É Lira um appellido nobre em Portugal, mas não diz fr. Manuel de Santo Antonio, quem usou d'elle; apenas refere, que os Liras usam das armas dos *Leiras*—e que tambem outro ramo dos Liras, trazem por armas, em campo d'ouro, 6 bandas de prata, perfiladas d'azul.

Ha em Caminha a casa de *Leiras*, de que é chefe o sr. José Maria de Leiras.

Leira, é appellido nobre n'este reino, vindo de Hespanha, oriundo da Galliza, onde se converteu em *Lira*, ou tomado da freguezia de Santo Amão de Lira, segundo Soares d'Albergaria, a fl. 135 v.

Passou este appellido a Portugal, em tempo do rei D. Fernando I, na pessoa de D. Affonso Gomes de Lira, a quem o mesmo rei deu a honra de Frazão, na provincia do Minho, e outros bens.

D'este D. Affonso, ha descendencia nas villas de Monção, Vallença, Caminha e Vianna do Minho, e talvez n'esta freguezia do Mollêdo.

No reinado de D. João V, passou tambem a este reino, D. Pedro Marinho Trancoso de Lira, da casa da Piconha, na Galliza.

Casou em Barcellos, e d'elle procedem os Liras d'Obidos. Estes Liras trazem por armas—em campo d'ouro, cinco bandas azues, elmo d'aço, aberto, timbre; um leão d'ouro, lampassado d'azul, carregado das cinco bandas das armas.

Outros do mesmo appellido, usam das seguintes—em campo verde, castello d'ouro, orla de púrpura, carregada de 13 estrellas de prata, de 6 pontas. O mesmo elmo e timbre dos antecedentes.

—

Julgo a proposito fallar aqui do padroeiro d'esta freguezia, que o é tambem de outras muitas d'este reino, principalmente na provincia do Minho; v. gr.: S. Payo d'Agua Longa; S. Payo de Móséllos; S. Payo de Villa-Mean; S. Payo de Segude; S. Payo da Jólda; S. Payo do Mollêdo; etc.

Ignora-se o logar onde nasceu S. Payo; só se sabe que nasceu na provincia do Minho, e em territorio do concelho de Coura.

Era sobrinho de Hermogio, bispo de Tuy, que fundou o convento benedictino da Labruja; e de Nauste, irmão de Hermogio e bispo de Coimbra.

Viveu S. Payo (ou Pelagio), no reinado do rei suevo, Theodomiro, e morreu na cidade de Cordova, martyrisado pela fé de Jesus Christo.

Não se confunda este S. Payo, com São fr. Payo, que éra natural de Coimbra, e foi um dos primeiros religiosos da ordem dos Prégadores (dominicos) em Portugal, cujo habito recebeu das mãos do Santo fr. Soeiro Gomes.

Foi este S. Payo, um religioso exemplarissimo, e grande orador sagrado, que trouxe ao redil da egreja muitas ovelhas desgarradas, tanto com os seus sermões, como pelo bom exemplo. Concorreu para a fundação do convento da sua ordem, em Coimbra, e n'elle foi o primeiro prior.

MOLLÊDO—freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Castro-Daire (foi do concelho de Mões), 24 kilometros ao O. de Viseu, 320 ao N. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1757 tinha 233 fogos.

Orago Santa Maria.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 350$000 réis de rendimento.

Tem uns bons passaes.

É terra muito fertil em todos os generos agricolas, e cria muito gado, de toda a qualidade. Nos seus montes ha muita caça, grossa e miuda.

No logar de *Lamas de Mollêdo*, d'esta freguezia, em uma rocha natural, está gravada uma inscripção latina, dedicada a *Proserpina Servatrix*, e a outras divindades.

MOLLÊDO—aldeia, Beira Alta, na freguezia de Penajoia, comarca, concelho, bispado e 9 kilometros a ONO. de Lamego.

Districto administrativo de Viseu.

É esta aldeia situada em terreno accidentado, no declive da serra de Villar, e sobre a margem esquerda do Douro, proximo á aldeia da Corvaceira, e á célebre *Ponte do Piar*. Passava aqui a antiga estrada que seguia de Lamego, por Santhiaguinho (São Thiaguinho), para Mezão Frio (na outra margem do rio) e Porto, antes da antiga companhia dos vinhos do Alto Douro, fazer a nova estrada pela Régua.

A rainha D. Mafalda, mulher de D. Affonso Henriques, mandou fazer no Mollêdo, uma albergaria, com sua capella, hospital e botica, e pôz tudo franco, para ricos e pobres, uma barca de passagem, chamada *do Mollêdo*, ou de *Por-Deus* (por ser para todos gratuita), estabelecendo rendas sufficientes para o barqueiro.

Ha muito porém, que a *barca de Por-Deus* é *barca por dinheiro*, e que se não sabe o que é feito das propriedades sujeitas ao salario do barqueiro, que eram varias terras proximas, que elle cultivava, ou arrendava por sua conta.

O hospital, ou albergaria, é hoje propriedade particular, e a capella é publica; só restam ainda na sua frente, as armas reaes de Portugal, como protesto permanente, contra quem acabou com tão santa instituição.

N'esta aldeia, falleceu ha pouco tempo, Francisco Duarte da Fonseca Lobo, cavalheiro de muito merecimento, e muito respeitado, e ainda aqui vivem tres decrepitas senhoras, irmans d'elle, que são tres modelos de virtude, e santas protectoras de todos os afflictos e desvalidos.

N'esta aldeia, nasceu o sr. dr. João Cardoso Ferraz de Miranda, official distincto da secretaria dos negocios do reino; filho do sr. José Cardoso Ferraz de Miranda, que aqui foi rico proprietario e negociante de vinhos, muito considerado, no Douro, e no Porto, onde falleceu.

Houve n'esta povoação, a familia dos Camêllos, tristemente célebre, pelos excessos de toda a ordem, que praticaram, ferindo, matando e roubando. O ultimo dos irmãos —João Camêllo, não era salteador; mas, no mais, não era melhor do que os outros seus irmãos. Deu muitas pancadas, tiros e facadas, quasi sempre por motivos insignificantissimos, ou aggravos imaginarios.

—

O ribeiro Cabril, que córta a freguezia de Penajoia, de S. a N., desagúa no Douro, junto á aldeia do Mollêdo. Nasce na serra, ou monte, do Poyo.

É muito abundante d'agua, que se emprega em irrigação, fertilisando muito terreno das suas margens, e fazendo mover mais de 50 rodas de moinhos de cereaes, que de verão abastecem de farinhas toda a freguezia e circumvisinhas, e até a cidade de Lamego, em annos de sécca.

Corre precipitado, por terreno de grande descida.

Pelos annos de 1855, os póvos da freguezia de Barrô, limitrophe, em uma noite, abriram furtivamente na serra, um assúde, desviando quasi metade da agua d'este ribeiro, fazendo com ella mover a roda de um moinho, feito á pressa, dentro do termo da sua freguezia, ficando os de Penajoia sem a agua de que tanto careciam, e de que estavam de posse immemorial.

Nas abas da serra, onde este ribeiro se precipita furioso, deixou, na sua margem direita, bem descoberto, um formidavel morro de granito, a que o povo d'aqui, dá o nome de *Castello dos mouros*. Tem a fórma de uma mâmoa celta. Crê o povo que dentro d'elle está uma *moura encantada*, guardando ricos thesouros em grutas subterraneas.

Caldas do Mollêdo

Chamadas tambem *da Corvaceira; da Rede; de Fontellas, de Mezão Frio;* e *de Penaguião.*

De todos estes nomes, o mais proprio seria o de *Fontellas*, que é o logar onde estão as aguas thermaes; mas dá-se lhe o nome de *Caldas do Mollêdo*, por estarem em frente d'esta povoação, que é a mais antiga d'estes sitios.

Tambem ficam em frente da Corvaceira.

Quasi todos os escriptores teem errado, dizendo que estas caldas são na Beira Alta, quando estão já na provincia de Traz-os-

Montes; porque a freguezia de Fontellas, está na margem direita do Douro e é do concelho e comarca do Pêso da Regua, bispado do Porto, districto administrativo de Villa Real.

Dá-se mesmo o nome de *Caldas*, ao sitio onde a agua mineral rebenta, e é pertencente á aldeia da *Rêde* (que fica a 1:500 metros.)

É este sitio mesmo junto ao rio, ficando-lhe sobranceira, e em grande altura (a 3 kilometros a NO.) a villa de Mezão Frio.

Fica a cinco kilometros ao O. da Régua, 90 a E. do Porto, e 340 ao N. de Lisboa.

Passa perto das caldas a diligencia, diaria, do Porto para a Regua e Lamego. D'esta cidade á margem esquerda do Douro (6 kilometros) ha tambem uma bella estrada á mac-adam, feita em 1845, que fica a 5 kilometros das caldas.

Tem 11 nascentes, distribuidas em 3 grupos—5 no leito do rio, que só estão descobertas durante a estiagem—4 as da *Lameira*, em um nivel superior a 50 metros, ao S. da estrada do Porto—2 á direita da mesma estrada, e proximas áquellas.

A nascente do banho *contra-forte* do rio, dá em 24 horas, 15:000 litros—as outras 4, 70:000—as da Lameira, 60:000, total (o minimo) 145:000 litros, em 24 horas.

As temperaturas variasm, entre 39° até 42° centigrados.—(Segundo o dr. Francisco Tavares, medico da rainha D. Maria I, nas suas *Instrucções e cautellas praticas sobre a natureza*, etc., das differentes aguas mineraes, a pag. 60) a temperatura d'estas aguas, é de 96 e 100 gr. de F., ou 28 1/2 a 30 1/4 de R.—Tavares dá a estas aguas (com mais propriedade) o nome de *Caldas da Rêde*.

No seu tempo (1810) tomavam-se os banhos, em covas feitas na areia, cobertas com ramos de arvores.

As nascentes mais quentes, são as que brotam, mesmo no alveu do rio.

A 1 kilometro ao N. das caldas, e em nivel mais elevado, está a nascente de aguas sulphureas, do rio *Sermanha* (ou *Sermênha*) ainda menos quente que as debaixo.

Estas aguas são conhecidas desde 1710. O edificio dos banhos da estrada, foi renovado pelo sr. Cambiasso. O sr. Torres, actual proprietario do edificio, lhe tem feito grandes melhoramentos.

Na *Lameira* ha 3 pequenas casas, cada uma com sua tina, alimentada por nascente propria. São destinadas a doentes pobres.

O edificio da estrada, tem dois pavimentos—o inferior, tem 6 banheiras, em quartos separados, e o superior, tem 4 compartimentos, onde ha varios apparelhos, para banhos ordinarios, de chuva, de emborcações, *duches*, injecções rectaes ou vaginaes, jactos boccaes, etc.

As tinas são forradas de asulejos. É o estabelecimento, d'este genero, mais bem montado do reino, ainda que de acanhadas dimensões.

No Mollêdo ha uma boa hospedaria, e uma loja de mercearia, bem sortida.

Póde hir-se em diligencia até perto das Caldas.

—

Estas aguas foram apresentadas e analysadas na exposição universal de Paris, de 1867, e eis o seu relatorio official—(traducção)

Aguas thermaes do Mollêdo

São aguas sulphurosas quentes, conhecidas tambem sob o nome de aguas mineraes da Corvaceira ou de Penaguião. Rebentam junto da margem direita do Douro, a 65 kilometros á E. do Porto (*aliás* 90) e 4 (*aliás* 5) a O. da villa da Régua.

Ha aqui 10 (*aliás* 11) nascentes, distribuidas em 3 grupos; 5 de entre ellas, rebentam mesmo do leito do Douro, e só estão descobertas nas estiagens; 3 outras (*aliás* 4) rebentam á direita, e 2 á esquerda da Régua para Amarante. (*E para o Porto.*)

As duas amostras que fazem parte da nossa collecção, e que examinámos, são—uma tomada de uma das nascentes do leito do rio, que fazem os banhos chamados *contra-fortes*—a segunda, tomada dos mananciaes que estão juntos da estrada.

1.ª—Banhos contra-fortes. São aguas thermaes, limpidas, apresentando o cheiro e gosto proprio das aguas sulphurosas. Sua tempe-

ratura é de 42 graus centigrados, ao ar exterior.

A sua mineralisação é muito simples. Contéem por kilogramma d'agua, 0,gram.00425 de acido sulphydrico; e 0,gram.2517 de principios fixos, que são: silicatos e chloruretos alcalinos, carbonatos de cal e de magnesia, e uma diminuta quantidade de peroxydo de ferro e de alumina.

2.ª—*Nascente junto á estrada.*—As aguas d'esta nascente, que parece terem a mesma origem que as dos banhos *contra-fortes*, são todavia, menos mineralisadas, e menos sulphurosas; contéem, 0,gram.00061 de acido sulphydrico por kilogramma de agua, e apenas 0,gram.267 de principios fixos; tendo a mesma composição que as aguas dos banhos *contra fortes.* Suas propriedades physicas, são egualmente analogas, excepto as temperaturas, que variam como se segue:

Na nascente 39,°5 centigrados.

No reservatorio 37° centigrados.

Nas banheiras 35° centigrados.

MOLLEÍRA—portuguez antigo —moinho de moer pão, asenha, atafona.

Em um assento que a camara de Moncorvo tomou em 1298 se determina—*que nenhuu visinho d'esta villa possa vender, nem dar, nem cambhar, nem supenhorar erdamento roto, nem por arromper, nem casas, nem vinhas, nem molleiras, a Cavalleiro, nem a Escudeiro, nem a Dõna, nem a Freire, nem a Frade, nem a Crerigo, nem a Omem de Religiom. E o que contra esto for, fique por aleivoso do Concelho, e perqua quanto ouver na Villa, e seja todo do Concelho: e de mais peite C* (100) *libras de Portugal ao Concelho, e jasgua* (esteja) *XXX* (30) *dias na quadea. E esta Postura outorgamos e affirmamos pera sempre; porque entendemos que é a serviço de Deos, e de Nosso Senhor El-Rei, e a nossa prol, e dos que por nós veerem.*

MOLÚRA—portuguez antigo—orvalho copioso, chuva muito miuda e constante, que amollece e refrigera a terra. *Mantinha Deus os campos com* molúras *e chuveiros.* (Doc. de Azinheiro.)

Nas provincias do Norte ainda é usado este termo com a mesma significação. Tambem dizem *molúria.*

MOMBEJA—Vide *Bombeja,* col. 2.ª, pag. 410 do 1.º vol.

MÓNACHUS—Vê-se esta palavra em muitos documentos antigos. Deriva se do grego *mónos,* um, o que vive só, solitario. Os antigos portuguezes o corromperam em *monge.*

Nos primeiros tempos do christianismo, os monges eram seculares (leigos) e viviam em desertos, entregues á oração e a uma severa abstinencia, pela maior parte, sustentando-se de raizes e fructos silvestres. Depois houve *monges de missa,* que se chamavam tambem *crérigos.*

A palavra *clerigo* vem do grego *cleros,* que significa herança, sorte, quinhão, etc.; e d'ahi vem que, quando pela primeira tonsura se admitte alguem ao estado ecclesiastico, o bispo lhe corta os cabellos, dizendo—*Dominus pars hereditatis meæ.* (Tiradas do Psalmo 15.º)

Leigo vem do grego *laós,* que significa *povo.* O leigo, nas ordens religiosas, anda com habito da ordem a que pertence o convento, em que serve de creado, sachristão, ou para andar ao peditorio; mas, ou não tem ordens algumas, ou recebe apenas as menores.

MONÇÃO—Vide *Monsão.*

MONCARAPACHO — freguezia, Algarve, concelho de Olhão, comarca, districto administrativo e 18 kilometros de Faro, 240 ao S. de Lisboa, 1000 fogos.

Em 1757 tinha 790 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado do Algarve.

A mitra apresentava o cura, que tinha uma arroba de figos seccos de cada fogo, e 40 alqueires de cevada.

É Moncarapacho uma grande aldeia, com algumas casas boas, situada em uma planicie cercada de fazendas. Fica o seu territorio parte no termo de Olhão, e parte no de Tavira.

A egreja matriz é ordinaria. Tem uma casa de Misericordia, pobre.

Foi da freguezia de S. Thiago, de Tavira. Em 17 de outubro de 1453, o prior de S. Thiago fez um contracto com os de Moncarapacho, para poderem ter capellão que lhes dissesse missa e administrasse os sacramen-

tos; mas com a obrigação de hirem á missa á egreja parochial, no domingo de ramos e quinta feira santa.

Por provisão de 19 de junho de 1471, lhes concedeu o bispo, D. João de Mello, licença para terem pia baptismal, erigindo-a freguezia independente da de S. Thiago. Tinha então 100 fogos.

E' terra fertil. Tem muito arvoredo, e produz todos os fructos do Algarve em grande quantidade, exportando os que lhes sobejam, que são muitos, sobretudo figo secco, de que sahe d'aqui grande quantidade annualmente.

Tem oito lagares de azeite.

Fabrica-se aqui, em differentes olarias, boa loiça de barro vermelho.

E' terra muito abundante de aguas potaveis, de boa qualidade.

No sitio do *Calliço* ha um poço, chamado do *Concelho*, tão abundante d'agua, que dá um rego de regar, sem ser preciso emprezal-a.

Proximo da povoação, corre o ribeiro do Tronco, que morre na Fozêta; e tambem junto á aldeia está a ponte da *Carreira.*

Ha aqui uma feira, a 14 de setembro de cada anno,

No fim do *Monte da Cabeça,* ha uma lagôa, chamada da *Foupâna,* que conserva a agua até ao meio do verão.

No principio do sêrro, do lado do mar, ha uma cóva, entre rochedos, chamada o *Abysmo,* que dizem não se lhe achar fundo.

Outra, no alto do mesmo cêrro, chamada da *Ladroeira*—e em frente d'esta, outra, ambas sem fundo conhecido.

Todas estão cheias de agua no inverno.

A *Fonte da Rocha,* nasce na fenda de um penhasco, e só sécca nas grandes estiagens.

—

Desde 1838, toda a freguezia pertence ao concelho de Olhão. Até então, era metade d'este concelho, e metade do de Tavira.

A esta freguezia pertenceu, até 1784, o territorio que fórma a actual freguezia da *Fozêta.* Em 12 de março d'esse anno, D. André, bispo do Algarve, a desmembrou, para formar nova freguezia. (Vide *Fuzêta,* a pag. 243, do 3.º vol.)

MONÇARÁZ—vide *Monsaraz*

MONCHIQUE (convento)—vide *Miragaya* e *Porto.*

MONCHIQUE—serra calcarea do Algarve, ao N. da villa seguinte, que d'ella tomou o nome.

Os romanos lhe chamavam *Mons Cicus,* e d'aqui lhe provem o nome actual. (Vide Monchique, villa.)

MONCHIQUE (monte)—vide *Marão.*

MONCHIQUE—villa, Algarve, cabeça do concelho do seu nome, na comarca de Silves, districto administrativo e 70 kilometros de Fáro, 215 ao S. de Lisboa, 1:300 fogos.

Em 1757 tinha 553 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado do Algarve.

A mitra apresentava o cura, collado, que tinha 120$000 réis de rendimento.

O concelho de Monchique tem 2:000 fogos, e é composto das freguezias de Alferse, Marmellête e Monchique, todas no bispado do Algarve.

Tem estação telegraphica, creada em abril de 1875.

Este concelho foi desmembrado do de Silves, por alvará de 10 de janeiro de 1773, elevando-se então á cathegoria de villa a aldeia de Monchique, e pondo-se-lhe juiz de fóra; tendo por termo, a freguezia do *Alferse,* pelo E. — *Nossa Senhora do Verde* e *Marmellête* pelo outro lado; continuando pelo caminho de Villa Nova de Portimão, até á *Torrinha,* por cuja parte (sul) confina com este concelho.—Pelo SO. confina com o concelho de Lagos; pelo O. com o de Aljezur; pelo E. com o de Silves; e pelo N., com a provincia do Alemtejo.

Nos seus limites brotam por toda a parte nascentes de aguas ferreas, e potaveis, em tal abundancia, que formam as caudalosas ribeiras da *Perna da Nêgra,* que vae entrar no rio Odesseixe, proximo á aldeia d'este nome—*Santa Maria,* e *Torre da Gueina,* que vão metter-se na bahia de Lagos, no sitio de *Valle da Lama,* com o nome de *Odiáxere—Farêllo* ou *Carreçal,* que vem da *Picóta,* e tem uma ponte, abaixo da *Mexilhoeira,* 3 kilometros acima de Alvôr, depois da qual, se lhe junta a da *Rogélla* ou *do*

Verde, e unidas se mettem no rio de Alvôr —a do *Banho* e a de *Odelouca*, que vão morrer ao rio de Villa Nova de Portimão.

Todas móem, regam, e trazem peixe.

—

A villa de Monchique, está situada na serra do mesmo nome, entre duas altas montanhas, a 6 kilometros distante de qualquer d'ellas. (São *Foya*, ao O. — e *Picóta*, a E.)

Pelo terramoto de 1755, ficaram fendidas a maior parte das casas da villa, a matriz muito arruinada, e de todo arrasada a egreja do convento. Só morreram 3 pessoas.

Tem-se reparado muitas casas, e feito outras de novo, que fazem hoje a villa muito povoada e bonita.

O territorio d'esta freguezia é muito fertil em todos os generos do Algarve, nos seus montes ha muita caça, grossa e miuda, e os seus rios e o mar a fornecem de muito peixe.

Na serra, ha javallis (javardos, ou porcos montezes) lobos, rapozas, gatos bravos e muitas lebres e coelhos.

Ha tambem muitas colmeias, que produzem optimo mel e cêra.

O sitio em que está fundada a povoação, é muito aprasivel e pittoresco; os seus arrabaldes são pomar continuado, em que, por mais de 12 kilometros, caminha o viandante, á sombra de frondosos castanheiros, nogueiras, laranjeiras, limoeiros, pereiras, ameixoeiras, macieiras, figueiras, e outras arvores fructiferas. Tudo regado por uma infinidade de arroyos, que serpenteam por entre este formoso e extenso parque, todo semeiado de casaes.

É logar muito saudavel. Ha aqui, e em toda a serra, grande variedade de plantas medicinaes.

Tem casa da Misericordia, com a renda de 140 alqueires de trigo; 96$800 réis de juros e fóros; e 63$000 réis (termo medio) do producto dos arvoredos de *talhadía*, ou *córte*.

Tem o mosteiro de Nossa Senhora do Destêrro, que era de frades da terceira Ordem de S. Francisco (*bôrras*) fundado em 1631, por Pedro da Silva (o *Molle*) que depois foi vice-rei da India. Está situado em um formoso plató, entre duas serras.

Tomaram d'elle posse os religiosos, e o vieram habitar, em 20 de março de 1632, sendo provincial, frei Manuel de Santo Antonio.

Tinha a egreja, ricos paramentos e ornatos e peças curiosas, com que a enriqueceu o seu fundador, que foi sepultado na capella-mór, do lado direito.

Está abandonado.

—

Ha por estes sitios muitas devezas de castanheiros, as unicas do Algarve, cuja madeira se exporta para toda a provincia, Baixo-Alemtejo, e sae tambem, em grande quantidade, pela barra de Villa Nova de Portimão. Rendem todas uns quatro contos de réis annuaes.

Já se vê que ha aqui grande abundancia de fructa de muitas e variadas qualidades. Exporta muita castanha, verde e *pilada*, laranjas, e grande quantidade de figo sêcco.

Cria-se aqui muito gado de toda a qualidade, sobretudo suino, cuja carne é muito saborosa, porque os porcos são sustentados com castanha.

Ainda mesmo na serra, e por entre penhascos, o seu terreno é fertilissimo em milho, legumes, hortaliças e algum vinho.

Ha n'esta freguezia muitos tanoeiros, e muitos almocreves; estes empregam-se constantemente em exportarem teias de linho, saragoças, surianos, estamenhas e cobertores, tudo aqui fabricado. Tambem levam caça, figos seccos e outras fructas, e louça vermelha. Importam os generos de que a villa e concelho precisam.

—

O *Pico da Foya*, serve de balisa aos navegantes, no alto-mar. Tem 7 kilometros de diametro e 26 de circumferencia, formando no tôpo um plano inclinado, para o O., onde se encontra uma fonte abundantissima, de excellente agua potavel.

Ás vezes o tôpo d'este monte, se cobre de neve no inverno; mas derrete-se logo.

Em toda a sua extensão nascem varios mananciaes, que se aproveitam para a rega.

Este monte é cultivado desde 1826, em

cujo anno se deu de aforamento, em *coirellas*, que rendem annualmente á camara municipal, uns 100$000 réis. Produz milho, feijão, hortaliças, algum trigo, legumes, e muitas e grandes batatas.

D. João II, deu este monte ao povo, como baldio (quando aqui esteve a banhos, hindo depois morrer a Alvôr.) Era então povoado de sobreiros e azinheiras, que se arrancaram, na maior parte, para se cultivar o terreno que occupavam.

O monte da *Picóta*, tem 6 kilometros de E. a S., em vertente escarpada e improductiva; e ao passo que dos lados do N. e O., do meio para baixo, é todo coberto de castanheiros, vinhas e terras de lavoura.

N'este monte, ha uma fenda longitudinal, de E. a O., em toda a sua extensão, que tem de largura, sempre egual, 9 polegadas (0m,25), cheia de terra e pedras miudas. Suppõe-se ser uma galeria aberta, d'onde os antigos habitadores do Algarve extrahiram metaes.

—

Ha no territorio d'este concelho alguns *inhâmes* (os unicos que me consta haver no reino, ao ar livre). Ninguem sabe como elles aqui vieram parar. Ninguem os cultiva, nem faz uso d'elles.

—

A 6 kilometros a O. da villa, está a aldeia dos Casaes, com uns 70 fogos. É tambem rodeada de pomares, hortas, vinhas, laranjaes e olivaes.

A laranja d'aqui é excellentissima.

—

A 12 kilometros das Caldas de Monchique, no caminho que vae para Lagos, está a egreja de *Nossa Senhora do Vêrde*, junto á ribeira do mesmo nome.

Foi matriz de uma pequena freguezia do seu nome, que em 1835 foi dividida pelas freguezias de Marmellête, Portimão, Alvôr e Mexilhoeira.

Parte d'esta egreja, cahiu pelo terramoto de 1755, e todo o hospicio e egreja, que aqui perto (no sitio dos *Pegos-Vêrdes*), tinham uns monges, que, por fugir das asperezas da serra da Picóta, tinham mudado para aqui a sua residencia.

Ultimamente (1834), estava este hospicio bem reparado, e com uma bonita cêrca, á beira da estrada. Foi vendido ao desbarate, e é hoje propriedade particular.

—

Julga-se que Monchique, era a capital dos povos *arânnis*, *arândis*, ou (como diz Plinio) *aranditanos*. Eram antigos lusitanos (cuneus) sujeitos ao convento juridico *pacense* (de Beja).—Vem mencionados, a pag. 426 do *Itinerario*, de Antonino Pio.

Ptolomeu, diz que habitavam entre as cidades dos celtas.

Escriptores antigos, dizem que o seu territorio era a parte da serra do Algarve, onde se fundou Villa Nova de Monchique, e que, antes da invasão dos arabes, pertenceiam ao bispado de *Ossonoba* (Faro).

Proximo á villa de Monchique, se encontrou, pelos annos de 1780, um *sarcophago*[1] com a ossada bem conservada de um homem de estatura gigantesca, com uma alampada sepulchral e outros objectos do uso dos gentios, e com uma inscripção em caracteres desconhecidos. Talvez fossem phenicios; mas, como os vandalos que acharam esta preciosa antigualha, destruiram tudo, não se póde hoje dizer mais nada a semelhante respeito.

Consta que dentro da sepultura estava tambem uma porção de moedas (ignora-se de que metal), que foram vendidas a um inglez.

Caldas de Monchique

Estão a 6 kilometros ao S. da villa do mesmo nome, e são frequentadas por gente do Algarve, Alemtejo e Andaluzia.

As suas virtudes therapeuticas, são conhecidas desde tempos remotos.

[1] Chamo-lhe sarcophago, porque assim o achei escripto em um antigo manuscripto d'onde estou extrahindo esta noticia, e porque este nome se toma vulgarmente por synonimo de túmulo, ou sepultura; mas, se continha uma ossada humana, não era *sarcophago*, pois esta palavra, significa rigorosamente—*tumulo vasio*. Sarcophago, é o monumento que se erige á memoria d'alguem cujos restos alli não jazem, por qualquer motivo, como morrer no alto már, devorado pelas chammas, ou por autropofagos, etc.

As primeiras obras modernas, que aqui se fizeram de alguma importancia, são as casas para os doentes pobres, que mandou construir o bispo do Algarve, D. Francisco Barrêto.

O benemerito bispo, D. Francisco Gomes d'Avellar, lhe fez novos quartos e acommodações.

O governador civil, Albino Abranches Freire de Figueiredo, tambem, em nossos dias, melhorou muito este estabelecimento.

Hoje consta o edificio de um comprido corredor, disposto de N. a S., com varios quartos para particulares, e uma enfermaria para pobres.

São quatro as nascentes, que rebentam da rocha, constituindo tres differentes banhos, todos dentro do edificio, no meio do qual, está a capella de S. João de Deus.

O seu calor, é de 90° a 92° do thermometro de Farinheit, ou 25° e meio a 27° e meio de Reaumur.

São estas aguas mineralisadas por grande cópia de gaz hydrogeneo, lévemente sulphurado, contendo uma diminuta porção de muriato de sóda e calcario, e uma levissima porção de ferro.

São efficazes para molestias rheumaticas, cutaneas e outras; mas, causam terriveis effeitos aos que as tomam, se têem padecido molestias secretas, e não estão completamente curados.

Estas aguas formam um ribeiro, que, a pequena distancia das caldas, faz moer uma azenha. Entra na ribeira de *Boiña*.

Algumas laranjeiras e oliveiras, que o bispo, D. Francisco Gomes d'Avellar, mandou plantar n'este sitio, pela encosta do sêrro (e que dão excellente fructo), uns 130 e tantos mil réis, de fóros, outro tanto de legados não cumpridos, e a gratificação que os particulares dão pelos quartos que occupam, no tempo dos banhos, constituem a renda do estabelecimento, a qual não chega para a despeza.

Tambem por aqui ha nascentes de aguas ferreas.

—

Na *Malhada-Quente*, 3 kilometros a E. de Monchique, ha uma nascente de agua tépida, efficaz para a cura de chagas e molestias cutaneas.

—

No sitio da *Fornalha*, 6 kilometros a E., ha outra nascente, da mesma qualidade, e applicada com bom resultado para as mesmas molestias. Esta é quente.

—

É actualmente director d'este estabelecimento, o distincto medico e benemerito patriota, o sr. dr. Franciscs Lazaro Côrtes, que muito tem feito em beneficio d'estas thermas.

Póde para as caldas, hir-se de carruagem, desde Villa Nova Nova de Portimão, para o que tem uma bôa estrada.

De Lisboa, para Monchique, vae-se, ou pelo caminho de ferro, até Beja, e d'ahi a cavallo; mas é mau caminho—ou por mar, até Villa Nova de Portimão, e d'ahi, pela estrada nova, até ás Caldas.

É sitio de ares excellentes. Um coelho custa 30 réis, e uma perdiz 40 réis. As gallinhas, a fructa e a hortaliça, são baratissimas.

O edificio dos banhos, está hoje montado com muito asseio, com medico permanente (durante a quadra dos banhos).—Tem um bilhar, jogos de cartas (de vasa), e uma bôa sala de recreio, com um bom piano, onde se passam bem as noites.

Ha tambem aqui uma bôa hospedaria.

—

O dr. Francisco Tavares, medico de D. Maria I, diz nas suas *Instrucções* e *Cautellas praticas* (sobre aguas mineraes), pag. 172, o seguinte:

«*Monchique*—Quatro leguas em distancia, para NE. da cidade de Lagos, e uma legua para o S. da villa de Monchique, na falda da serra do mesmo nome, summamente montanhosa e escarpada, mas em parte cultivada e abundante de multiplicados arroios de chrystalinas e saudaveis aguas, está o sitio onde brotam as aguas thermaes.

«A exemplar caridade dos ex.^mos bispos do Algarve, fez construir n'aquelle logar, um hospital, o qual, pelos cuidados do ex.^mo e rev.^mo D. Francisco Gomes, actual prelado

d'aquella diocese, (1810) tem sido muito melhorado e accrescentado.»

Depois de descrever o edificio dos banhos, diz que os quartos, que estão separados sobre si, são occupados por pessoas particulares, que por fim, a titulo de esmola, deixam alguma quantia (a que lhes parece) para o hospital, e continua:

«Apenas no sitio ha mais cinco, ou seis albergues, de pobre gente que alli assiste, e cultiva algum terreno: afóra uma casa maior, residencia do *provedor*, que, de ordem do prelado, governa o hospital.»

....

«*O primeiro banho*, na parte superior do edificio, que terá 12 a 14 palmos em quadro, accommóda bem, 12 pessoas. Abunda tanto de agua, que em 5 minutos se enche, até á altura capaz de cobrir um homem até aos hombros.

«*O segundo banho*, proximo á capella, accommóda 4, até 6 pessoas, e da bica, que lhe está proxima, é que se tira agua para beber.

«*O terceiro banho*, é da outra banda do ribeiro, para o SO. junto á nascente dita, e augmentado pela agua que passa sobre a arcada.

«Tem capacidade para n'elle entrarem 40 pessoas, e gasta para encher-se, cérca de uma hora.»

....

«Entrando na casa dos banhos, percebe-se logo cheiro enjoativo, lévemente hepatico e suffocante; sensivel e promptamente se augmenta a transpiração.

«Nos tanques e bicas dos banhos, apparece deposito alvacento, como saponaceo, que sêcco e queimado, dá os indicios proprios da sua qualidade.»

....

«O sabor e o cheiro (d'esta agua mineral, em quanto quente), perde-os de tal maneira em arrefecendo, que se torna potavel, e de uso commum, para bebida e para cosinha.»

....

«Sobre o corpo dos que estão no banho, apparecem pequenas bôlhas de *fluido aeriforme*, como bexigas, mui frequentes e chegadas entre si, que, opprimidas, vem crepitar na superficie da agua.

«São estas aguas mineralisadas por grande cópia de gaz hydrogenio lévemente sulphurado, contendo pequenas porções de muriato de sóda e calcareo, e alguma levissima solução de ferro; pelo gaz carbonico, que não sómente se dá a conhecer pelos reagentes, mas que até se poderia suspeitar, pela visinhança de aguas ferreas, que mui proximamente das aguas thermaes, brotam, com diversos graus de actividade.

«Estas propriedades lhes dão as grandes virtudes de que gozam.»

—

Foram amostras d'estas aguas, para a exposição universal de Paris, de 1867, e eis aqui o relatorio official, dado a seu respeito: (Traducção.)

Estas nascentes, rebentam na encosta da serra de Monchique, a uns 20 kilometros da cidade de Lagos, e 5 da villa de Monchique, em sitio muito alcantilado e pittoresco.

Existe no logar onde nascem (as aguas thermaes), um estabelecimento de banhos e um hospicio para os pobres.

As aguas rebentam de quatro mananciaes, todos no interior do edificio, e são dirigidas para tres differentes banhos.

O 1.º, que se denomina de *S. João de Deus*, é o mais abundante, e consiste em uma piscina assás espaçosa, para poder conter doze pessoas.

O 2.º, situado perto da capella, póde receber quatro a seis pessoas.

O 3.º, que é o mais vasto dos tres, é um grande tanque, onde quarenta pessoas podem banhar-se simultaneamente.

A agua mineral de Monchique, é limpida

e transparente; não tem gôsto nem cheiro sensiveis.[1]

A sua temperatura é de 31° 5 C. a 34° C.— Suas propriedades physicas, assim como a sua analyse não revelam de modo algum a presença de acido sulfhydrico; talvez porém que este resultado negativo seja devido a que as experiencias foram feitas com as aguas transportadas ao laboratorio da escola polytechnica, e não logo que foram apresentadas, que é o que se devia fazer.

A agua de Monchique, contem por kilogramma, 0 gr. 2848 de principios fixos, que são, principalmente chloruretos e silicatos alcalinos; carbonatos de cal e de magnezia, e uma pequena quantidade de alumina e de peroxydo de ferro.

—

Em 1494, D. João II principiou a soffrer de uma languidez, que muitos attribuiram a effeitos de certo veneno que lhe fôra propinado por fidalgos, parentes dos que elle tinha assassinado e feito assassinar. A molestia progride, e os seus medicos lhe receitam as caldas de Monchique, para onde o rei foi no anno de 1495.

Andando um dia, na serra, á caça dos javalis, se lhe agravaram os padecimentos, hindo morrer, em todo o vigor da edade, em Alvôr, no dia 25 de outubro de 1495. Tinha nascido em 3 de maio de 1455, tendo portanto 40 annos e pouco mais de 4 mezes quando falleceu. Reinou 14 annos, não contando o tempo da sua regencia.

> Tenho lido em alguns livros, que D. João II foi para os banhos de Alvôr (e não para os de Monchique) e alli falleceu.
>
> Morreu em Alvôr, é verdade, porque para alli tinha hido quando peorou, por não haver então em Monchique as necessarias commodidades; mas os banhos tomou-os em Monchique. Esta dissidencia é provavelmente pela proximidade em que Alvôr fica de Monchique. (Vide *Alvôr*.)

[1] Porque perdeu ambas as coisas com as voltas que levou d'aqui para França, e até á occasião da anályse: pois já vimos que basta o resfriamento para perder o gosto e cheiro.

MONCORVO ou **TORRE DE MONCORVO** —villa, Trás-os-Montes, cabeça do concelho e da comarca do seu nome, 6 kilometros da margem esquerda do rio *Sabôr* e valle da *Villariça* (celleiro da provincia) 9 kilometros da margem direita do Douro, 140 ao N.E. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 490 fogos, em 1757, tinha 460 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.[1]

Arcebispado de Braga, districto administractivo de Bragança.

O real padroado apresentava o reitor, que tinha 140$000 réis de rendimento annual.

—

O concelho da Torre de Moncôrvo, é composto das 21 freguezias seguintes—todas no arcebispado de Braga—Açoreira, Adeganha, Cabeça-Bôa, Cabeça de Mouro, Cardanha, Carviçaes, Castêdo, Estevaes (ou Estevães), Felgár, Felgueiras, Horta, Junqueira, Larinho, Lousa, Maçôres, Mós, Ferêdo, Souto-da-Velha, Torre de Moncôrvo, Urrôs, e Vide — todas com 3:200 fogos.

A sua comarca é composta de tres julgados — Alfandega da Fé, com 2:000 fogos — Carrazêda d'Anciães, com 2:800—e Moncôrvo, com 3:200; vindo portanto a ter a comarca 8:000 fogos.

Situada em uma baixa, em terreno levemente accidentado, junto á serra de Rebordo, que lhe fica ao S., e lhe veda o sol durante grande parte do dia.

—

Diz *Lousada*, que o capitão *Mem Côrvo*, ou *Mendo Curvo*, mandou edificar aqui um castello, no meiado do seculo XI, ao qual deu o nome de *Torre de Mem Côrvo*, que no seculo XVII se corrompeu em *Moncôrvo*, e que junto ao castello fundou uma povoação,

[1] O primeiro orago da villa, foi S. Thiago, apostolo. Ainda existe a egreja d'esta invocação, que foi matriz. É antiquissima.

Tambem á padroeira actual dá o povo varias invocações. Chamam-lhe *Nossa Senhora da Assumpção*, *Nossa Senhora da Véla*, *Nossa Senhora da Esperança*, e, finalmente, *Nossa Senhora da Graça*.

a que tambem deu o seu nome. Que em 1062 o mesmo Mem Côrvo deu foral á villa e castello, e que, em 1128, D. Affonso Henriques confirmou este foral.

Consta que, destruido este castello, pelos leonezes (outros dizem pelos arabes) procuraram os habitantes d'elle e suburbios, mudar a sua habitação para junto da ponte do Sabôr, entre este rio e a ribeira de Villariça. Que a esta povoação se deu o nome de *Santa Cruz de Villariça*, e que D. Sancho II a fez villa, e lhe deu foral, aos 8 dos idos de junho da era de 1263 (29 de maio de 1225 de J. C.)

Franklim não falla em foral algum antigo, dado a Moncôrvo ou a Villariça. Só diz que D. Manoel deu foral á Torre de Moncorvo, em Lisboa, a 4 de maio de 1512. (*Livro dos foraes novos* de Traz-os-Montes, fl. 13 v., col. 1.ª — Veja-se a inquirição para este foral, na gaveta 20, maço 11, n.º 43.)

Por uma carta regia, datada de Beja, em 17 de novembro de 1295, e depois de ouvidos os concelhos da Torre de Moncôrvo e Villa Flôr, deu D. Diniz as *terças* das egrejas d'estas duas villas, para se gastarem na *fortaleza que então andavam fazendo os que da villa de Santa Cruz da Villariça se haviam mudado para a Torre de Moncôrvo, por ser esta praça mais fronteira; e que, tanto que as obras da torre fossem concluidas, se applicassem essas terças na fortaleza de Villa-Fról* (Villa Flôr) *até que esteja feita.*

Para se combinar isto com o que fica dito, devemos suppôr que os habitantes de Villariça (ou parte d'elles) regressaram para Moncôrvo.

Alguns dizem que Mem Côrvo fundou, no seculo XII, uma torre, para sua habitação, que o protegesse dos ataques dos mouros; e que em redor d'esta torre, foram os christãos pobres das proximidades, construindo cabanas. Que, passados tempos, abandonando os habitantes de Santa Cruz da Villariça esta villa, por doentia, vieram augmentar a população de Moncôrvo.

—

Ha em Portugal muitas povoações incomparavelmente mais antigas do que esta, cuja origem nos é muito mais bem conhecida do que a de Moncôrvo.

Quasi que cada escriptor lhe dá diversa origem e differentes datas d'ella.

O que faz esta dissidencia é a existencia da villa de Santa Cruz. Esta povoação, que era antiquissima, estava fundada no valle da Villariça, indefensavel pela sua situação em uma planicie; doentia, por causa das inundações do Sabôr; e não tendo agua potavel, senão a d'este rio, que é de pessima qualidade para beber.

Coexistiria esta villa e a de Moncôrvo? Parece-me que sim, pelo que adiante direi.

No local onde foi a villa de Santa Cruz, alem de vestigios de casas e da egreja matriz (a que chamam *a Derroída*) ha tambem vestigios das muralhas de uma fortaleza. Seria aqui a *torre de Mem Côrvo?*—Parece-me que não. Julgo até que este sujeito não existiu, e que, o que deu causa á fabula (?) da sua existencia, foi a corrupção do nome romano da serra de Reborédo—*Mons Curvus*—que facilmente se mudava para *Moncurvo* e d'aqui para o actual.

—

Não vou impôr a minha opinião aos leitores, apresento-a como uma conjectura, e é a seguinte:

Já vimos que o valle de Villariça, posto ser formoso e feracissimo, não tem uma das condições essenciaes á vida, e mais procurada para uma povoação — a salubridade. [1]

Demais—N'aquelles tempos de continuas guerras, não estavam os habitantes de Santa Crúz ao abrigo das frequentissimas invasões dos mouros e dos castelhanos, tão ferozes como aquelles, sobretudo os leonezes (que foi com quem tivemos mais guerras). [2]

[1] O *Sanctuario Marianno* e outros auctores, dizem que o povo de Santa Cruz, abandonou a villa pelo numero enorme de formigas que aqui havia, que devoravam tudo.

[2] É triste dizel-o, mas é certo. Os arabes, que professavam uma religião diametralmente diversa da nossa, se no primeiro impeto saquearam, destruiram e incendiaram muitas egrejas e mosteiros, tambem muitos outros deixaram existir, em pleno uso do culto divino, mediante certo tributo.

Os leonezes, castelhanos e gallegos, que

A seis kilometros da villa, havia um sitio ameno, fertil, abundante de bôa agua potavel, e sadio. Tinha uma elevação propria para no seu cume se edificar um castello (ou *torre*, que era então mais vulgar) e foram pouco a pouco abandonando o valle e se foram estabelecendo em redor da fortaleza, que, ou já existia, ou a fizeram então.

Tambem é verosimil que a *torre*, estando na encosta do *Mons Curvus*, tomasse d'elle o nome.

Vendo D. Affonso II, que a nova povoação hia progredindo á custa da antiga, que se hia despovoando, fez mudar, em 1216, para Moncôrvo, o resto dos habitantes de Santa Cruz, dando então áquella povoação a cathegoria de villa que esta tinha, com todas as suas justiças, foraes e privilegios.

D. Diniz lhe augmentou os privilegios em 1288, e D. João I, em 1390, ou (segundo outros) em 1423.

É isto o que mais rasoavelmente se póde colligir e apurar de todas as contradicções.

Talvez mesmo que, quando os de Santa Cruz mudaram para Moncôrvo, já aqui houvesse alguma torre ou atalaia, fundada pelos antigos lusitanos ou pelos romanos; ou seria fundada no reinado de D. Affonso Henriques, em 1140, como alguns pretendem, ou a do tal *Mendo Côrvo*, como querem outros.

—

Alguns escriptores negam a existencia do tal capitão Mem Corvo, sustentando que o nome d'esta povoação é corrupto de *Mons Curvos*, nome que deram os romanos ao monte de Reborêdo, que faz com effeito uma especie de curva.

Outros dizem que foi fundada por D. Fernando III de Castella, em 1040. Outros, finalmente, dizem que foi o nosso D. Affonso II, em 1216.

eram catholicos, nas suas invasões, roubavam-nos e incendiavam-nos os mosteiros, assassinavam os frades, violavam e matavam as freiras, arrasavam as egrejas, e deixavam devastados e horrorisados, todos os povos por onde passavam, deixando um rasto pavoroso de lagrimas, sangue, cadaveres e ruinas fumegantes.

Ainda outros antiquarios, fallando no foral de Mem Corvo, não fallam na confirmação de D. Sancho II.

Dizem que D. Affonso Henriques, em 1140, confirmou o foral de Mem Corvo, com todos os seus privilegios, e augmentando outros. Que o rei D. Diniz lhe deu novo foral confirmando os antigos, em 1288. Que D. João I lhe dera outro foral em 4 de janeiro de 1423 (outros dizem que foi em 1390) com os mesmos privilegios. Já disse que em nada d'isto falla Franklin; mas deve notar-se que este escriptor não menciona muitos foraes que existiram.

Notemos que ainda ha uma terceira etymologia de Moncorvo. Diz-se que provém de *Monte do Corvo* (ou *dos Córvos*) que, segundo esta opinião, era o antigo nome da serra de Reborêdo.

A esta etymologia dão alguma razão de ser os dois côrvos das antigas armas da villa.

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 13.°

—

Tem uma magestosa egreja de tres naves. Foi-lhe lançada a primeira pedra em 1544. e a sua construcção, que levou quasi um seculo, foi feita com os rendimentos do municipio. Um terramoto que houve em 19 de março de 1858, lhe causou alguns prejuisos que foram reparados. E' um dos mais sumptuosos templos do reino, e mais parece uma Sé cathedral, do que egreja de uma villa de provincia.

As suas naves são divididas por duas ordens de altas e robustas columnas, sobre as quaes assenta a abobada, ornada de elegantes laçarias.

Tem tres córos, e sobre o principal, uma soberba torre, que finalisa em bonitas varandas de pedraria, tendo nos quatro angulos formosas pyramides.

E' rematada por um zimborio, coroado de uma esphera armillar (emblema do rei D. Manuel) encimada de uma cruz, com um catavento. Tem esta torre nove janellas (si-

neiras) e no andar da varanda está o relogio.

O frontespicio da egreja, que volta para E., é de grande magestade, com alguma imagens de santos, em nichos dourados.

Á entrada está um largo e espaçoso passeio de cantaria, com assentos e pyramides de granito, e no centro um grande e bem acabado cruzeiro de pedra.

As suas paredes robustas são ainda reforçadas externamente por *gigantes* coroados por pyramides, de cuja base sahem horisontalmente grandes carrancas servindo de embornaes, e que pela bocca lançam as aguas da chuva.

Este grandioso edificio recebe a luz por 12 grandes janellas de arco, envidraçadas, sendo 6 de cada lado da egreja.

Tem a egreja tres entradas, a da frente, e uma de cada lado.

A capella-mór, ainda que pequena em relação ao corpo da egreja, é de primorosa architectura, e as cadeiras lateraes perfeitamente esculpidas. Eram o assento dos beneficiados de uma antiga collegiada que aqui houve.

O altar do Santissimo, á direita da capella-mór, tem um retabulo em meio relevo de muito primor e merecimento. Está resguardado por uma forte gradaria de ferro dourado.

Á esquerda da capella-mór, correspondendo com o do Santissimo Sacramento, está o altar de Nossa Senhora das Dores. São ambos de figura eliptica e com abobada de cantaria em fórma de concha.

Tem mais quatro altares lateraes (dois de cada lado) correspondendo em magnificencia com o resto do templo.

No côro ha um bom orgão; mas precisa de grandes concertos.

Antigamente rematava a torre dos sinos em um corucheu forrado de azulejos, de que apenas restam vestigios, porque o resto foi destruido por um raio. Segundo a tradição, este corucheu era encimado por um corvo mechanico, de ferro dourado, que soltava tantas grasnadellas, quantas as horas que dava o relogio, e que se ouviam a grande distancia.

No dia 19 de março de 1858, um forte tremor de terra deslocou e fez cahir uma pedra de cantaria, da abobada, que foi logo substituida.

Este terramoto sentiu-se em varias localidades das provincias do norte, na cidade do Porto, e algumas leguas ao sul d'ella.

As paredes da egreja, e mesmo a abobada teem dado alguma coisa de si, em razão da pouca solidez dos alicerces.

—

Como se as etymologias de *Mem Côrvo*, *Mendo Curvo*, *Mons Curvus*, *Monte do Côrvo*, e *Monte dos Córvos*, fossem poucas, ainda o povo *miudo* da villa (e alguem que não é *miudo*), seguindo uma antiga lenda ou tradição, dá á villa a origem seguinte:

Havia em remotas eras, proximo ao monte de Reborédo, um lavrador, chamado *Mem* ou *Mendo*, que, em certo dia, achou enterrada em um seu campo, uma grande arca, cheia de moedas d'ouro e prata.

Tornou a cobrir de terra o seu thesouro, e veio para casa muito alegre. Era casado, e não querendo dar parte á mulher do seu feliz achado, sem saber primeiro se ella seria capaz de guardar segredo, para a experimentar, lhe disse: — «Mulher, se me promettes inviolavel segredo, digo-te o que hoje presenciei; mas olha que, cá por certos motivos, deve isto ficar infallivelmente ignorado.» — A mulher, anciosissima já por saber a *historia*, prometteu ao marido o segredo mais rigoroso. Elle então disse-lhe: — «Andando eu a cortar lenha na deveza, fiquei pasmado de vêr um côrvo, *parindo* uma ninhada de corvinhos.»

A mulher, admirada de que um passaro parisse, morta por o dizer a todo o mundo, mas querendo cumprir a promessa de guardar segredo, não se atrevia a sahir de casa, receiando não se poder conter.

Tal impressão porém, lhe fazia lá por dentro aquelle insupportavel deposito, que não comia nem dormia, e estava em perigo de rebentar.

Chegou o momento de não poder mais soffrer tão intoleravel constrangimento, e pegando em um cesto de fruta, a foi vender á villa de Santa Cruz.

Já se sabe—pelo caminho, foi contando a historia do parto do côrvo a quanta gente encontrou, augmentando mesmo o numero dos corvos recemnascidos e inventando mais algumas particularidades do parto; mas, bem entendido, pedindo a todos, o mais rigoroso segredo.

No dia seguinte já toda a villa de Santa Cruz e freguezias circumvisinhas sabiam do parto do côrvo, correcto e augmentado.

O lavrador, vendo que a mulher... era mulher, não lhe deu parte do achado, e mandou fazer uma torre, onde se recolheu com a sua familia e o seu thesouro.

O povo começou a chamar a este edificio —*Torre de Mem do Corvo*;—e ficou-lhe o nome, apenas com pequena alteração.

—

Tem Moncorvo uma boa fabrica de sedas e algumas de cordas. Tambem aqui houve uma grande fabrica de sabão, de superior qualidade.

No tempo de D. João V houve aqui uma grande cordoaria para a marinha de guerra, na qual se gastavam annualmente 50:000 arrobas de canhamo.

Depois, o marquez de Pombal fez aqui augmentar e prosperar muito a cultura do linho canhamo. Mandou construir mais vastos armazens e officinas para arrecadação e preparo do linho, que a maior parte hia em *rama* para a real cordoaria de Lisboa. O resto era aqui feito em cordas, que tambem hiam para Lisboa, Porto e outras povoações.

A cultura do canhamo é muito antiga em Moncorvo, pois já em 1628 estava muito desenvolvida, e mais se augmentou com a grande fabrica que o governo mandou edificar no campo da *Corredoura*. Intitulava-se *Real feitoria dos linhos canhamos*. Era administrada por conta do estado, e empregava grande numero de braços; porque n'esta feitoria eram preparados, além dos linhos da Villariça, os de Mirandella, das terras proximas ao rio Douro, e até de Pinhel.

Durou esta feitoria até 1740 e tantos, sendo então extincta, não sei porque; mas a cultura do linho continuou sempre em grande escala, e d'elle se forneciam as cordoarias de Lisboa e Porto, por alguns annos; porém a extincção da cordoaria sempre por fim fez esmorecer bastante a cultura do linho.

—

Pouco mais ou menos, pelo tempo em que foi extincta a *feitoria* do canhamo, principiaram os industriosos habitantes de Moncorvo a applicar-se á sericultura, chegando até a haver aqui uma boa fabrica de sedas; porém o desenvolvimento d'esta abençoada industria até aos nossos dias, não era grande; mas, a alguns annos a esta parte, os póvos d'aqui se dedicaram com fervor á cultura das amoreiras, e á creação do *sirgo* (bicho da seda) e hoje a exportação da seda, em meadas, e da semente do sirgo, já sóbe a uma cifra avultadissima, e promette progredir.

Este inexgotavel manancial de riqueza publica, reconhecido como tal em todo o concelho, tem feito propagar do modo mais satisfactorio, por todo elle, a plantação de amoreiras e a industria sericola, que ha de elevar esta terra ao grau de prosperidade mais animador, e hade concorrer com o exemplo para a generalisação d'esta industria, e por consequencia para a prosperidade de outras muitas terras da provincia.

—

Foi a comarca de Moncorvo a maior de Portugal. Tinha o seu territorio 96 kilometros de comprido, e quasi o mesmo de largo. Só villas comprehendia 26 no seu districto.

Foi D. João I que lhe alargou o termo até Foscôa.

—

Foi esta villa defendida por um forte e antigo castello, e por algumas fortificações, que a dominavam toda.

O castello era de cantaria e quadrado, e cercado de quatro cortinas com suas altas torres quadradas, e barbacans, tambem de cantaria.

As muralhas tinham tres portas, com seus cubellos e baluartes.

Foi D. Diniz quem reedificou o castello e construiu as muralhas, pelos annos de 1310.

Ainda em 1847 visitei as ruinas d'esta ve-

tusta fortaleza. Tudo (menos o castello) foi arrazado, há poucos annos, e o terreno occupado pelas antigas fortificações está actualmente plantado de arvores e serve de passeio publico. A villa ganhou em aformoseamento, o que perdeu em monumentos historicos, que recordavam aos vindouros tantos factos gloriosos dos nossos antepassados. Não sei se ganharia na troca.

Eram alcaides-móres d'este castello os Sampaios, senhores de Villa Flor, cujo actual represente é o sr. Manuel Antonio de Sampaio de Albuquerque Mendonça Furtado de Mello e Castro Torres Lusignano, 4.º conde e 2.º marquez de Sampaio.

—

Gosou esta villa grandes privilegios que lhe passaram da villa de Santa Cruz de Villariça, povoação antiquissima, que existia a 6 kilometros de Moncorvo. (Vide *Santa Cruz de Villariça.*)

Esta villa, desde o seculo XIII foi sempre prosperando e desenvolvendo-se, até que em Julho de 1762, invadida pelos castelhanos, commandados pelo marquez de Sárria, foi saqueada, commettendo então os hespanhoes toda a casta de extorsões e atrocidades. O mesmo fizeram em outras muitas povoações d'esta provincia, que dominaram quasi toda durante esta guerra, causada pelo celebre *pacto de familia.*

—

Tem Misericordia, e a capella e hospital do Espirito Santo, que foi antigamente albergaria.

Os arrabaldes da villa são agradaveis, e muito productivos, sobretudo o formoso e feracissimo *Valle da Villariça*, onde existiu a villa de Santa Cruz.

O monte de *Reborêdo* é muito pittoresco, pelo seu frondoso arvoredo e pelas muitas capellinhas e casas de campo, vinhas pomares e olivaes que o aformoseam.

Na encosta d'este monte está tambem o bello mosteiro que foi de religiosos antoninos (capuchos franciscanos) em via de desmantelamento. Foi fundado pela camara e povo da villa, em 1569.

Tem Moncorvo a singularidade de estar a egual distancia (75 kilometros) de sete grandes povoações, que são—Guarda, Lamego, Villa-Real, Chaves, Bragança e Miranda — e Ciudad Rodrigo, em Hespanha.

—

Ao N., e a 6 kilometros de distancia da villa, sobre o rio Sabor, se ostenta uma robustissima ponte de cantaria, de sete arcos, muito antiga.

A 5 kilometros, tambem ao N., existem os restos de um pequeno templo romano.

É tradição que depois os godos o converteram em capella christan, com a invocação de S. Mamede (cuja imagem está hoje na aldeia dos *Estevaes*, d'esta freguezia) e que depois os arabes a transformaram em mesquita ismaelita.

O povo ainda dá a este monumento o nome de *Mesquita.*

Em 1845, o sr. Francisco Antonio Carneiro de Magalhães, d'esta villa, achou aqui, e levou para sua casa, um cippo, que denotava ser o pedestal de uma estatua romana. Tinha a seguinte inscripção:

IOVI
OPTIMO
MAX.
CIVITAT. I
BANIENS
. . . .
. . . . . . D.

Nas immediações da *mesquita* teem apparecido outras pedras com inscripções romanas; pedaços de telha muito grossa, e varias peças de cantaria.

Nos differentes penhascos de granito que ha por estes sitios, existem varias escavações, feitas a picão, similhantes ás de Panoyas (vide esta palavra) as quaes, segundo Argote, eram templos dedicados a certas divindades pagans.

Á esquerda da *mesquita*, no cimo de um rochedo gigantesco, é onde ha mais das taes escavações.

Tudo isto claramente manifesta que por aqui habitaram os romanos, ou talvez mesmo povos anteriores a elles.

Tambem por aqui ha vestigios celtas, pois se vêem, em um enorme rochedo que fica á

esquerda da tal mesquita, os restos de um *carn.*

O rei D. Diniz, visitando o Sanctuario de Santa Maria de Azinhoso, em 1287, instituiu aqui uma grande feira, a 8 de setembro de cada anno, dia da festa da Senhora. Foi por 31 annos a maior da provincia; porém, creando o mesmo rei a feira de Moncorvo, em 1319, veio aquella a perder muita da sua importancia.

D. Diniz é que, em 1288, elevou Moncorvo á cathegoria de villa, concedendo-lhe novos privilegios (alem dos que já tinha) e sendo um d'elles, que os devedores que para aqui viessem habitar, não podessem ser executados, por dividas anteriores.

O clima de Moncorvo, posto seja excessivo, é muito saudavel.

Depois de 1834, foi feito barão, e depois, visconde de Moncorvo, Christovão Pedro de Moraes Sarmento, que foi nosso embaixador na Inglaterra.

Por seu fallecimento, foi feito barão de Moncorvo, seu filho, o sr. João Pedro de Moraes Sarmento; hoje 9.º conde da Torre, pelo seu casamento com a filha e herdeira dos marquezes da Fronteira

Os melhores edificios da villa, são a magestosa egreja matriz, e o hospital da Misericordia.

—

Não ha em Portugal (nem mesmo na *serra dos Monges*) uma tão vasta e tão rica mina de ferro, como a da serra de Reborêdo, junto a Moncorvo. Os sitios onde abunda mais o minerio, são:— *Fragas dos Apriscos, Alto do Chapeu, Barro Vermelho*, e *Sobralhal*, n'esta freguezia—e *Cabeço da Múa*, na freguezia de Felgar, d'este concelho.

Em março de 1874, foi concedida esta ultima mina (a de Cabêço da Múa) á *Companhia de exploração de ferro da serra de Reborêdo.*

Disse-me pessoa competente, que o minerio d'esta serra contem mais de 70 por cento de ferro, de optima qualidade, e que em, alguns sitios, se lhe póde afoitamente dar o nome de *ferro nativo.*

Se houvesse aqui o necessario combustivel (vegetal ou mineral) se um caminho de ferro pozesse este sitio em rápida communicação com os grandes centros industriaes, ou, finalmente, se não fosse tão dispendiosa a canalisação do Sabôr, e estivesse concluida a construcção do caminho de ferro de Douro, seriam estas minas uma incalculavel fonte de receita e um grande elemento de prosperidade, para a companhia exploradora, e para os povos d'estes sitios; pois ha aqui ferro sufficiente para fornecer todo o reino d'este metal, e ainda para exportação; porém só uma empreza que possa dispor de alguns milhões de crusados, tirará um resultado vantajoso.

—

Em dezembro de 1843 e janeiro de 1844, estiveram os povos d'estes sitios, 20 dias sem verem o sol, por causa de um densissimo nevoeiro. Estava tudo coberto de neve, e o frio chegou a 3 graus abaixo de gêlo!—Chegou a gelar o leite!

Principiou o nevoeiro, a 13 de dezembro, e durou até ao 1.º de janeiro, sobrevindo n'este dia uma chuva branda, que o dissipou. A neve causou grandes prejuizos, destruindo com o seu peso, muitas arvores, principalmente oliveiras.

Esta calamidade, abrangeu todo o espaço que vae desde os *Estevaes do Mogadouro* até *Macêdo de Cavalleiros*, chegando, em Traz-os-Montes, muito abaixo de Mirandella; e na Beira-Alta até á villa da Méda. (Vide *Reborêdo do Monte.*)

—

No cimo da serra de Reborêdo, e a 5 kilometros de Moncorvo, está a aldeia de *Felgueiras*, patria do famoso chimico, *Thomé Rodrigues Sobral.*

—

Depois do saque geral e grandes crueldades porque passou esta villa, em 1762, como fica dito, foi-se tornando pouco e pouco ao seu antigo esplendor, pela sua industria agricola e fabril, sendo o principal elemento de prosperidade, a cultura, em grande escala, do linho canhamo, creado nos seus bellos campos da *Villariça*, fertilisados pelas inundações do Sabôr; e pela producção de optima seda. [1]

[1] Já em 1369, querendo D. Fernando de

Até 1510, teve Moncorvo por armas—um castello de prata, com uma só torre, e de cada lado d'esta, um côrvo.

D. Manuel lhe deu por armas, as de Portugal, em campo de púrpura, e por baixo das armas, duas espheras armilares, de pratra—São as actuaes.

—

A parte mais antiga da povoação, chamada propriamente *a villa*, está dentro da cêrca das muralhas. A moderna, chamada *Arrabalde*, é extramuros.

—

Ha na villa um bom e elegante chafariz, em fórma de urna, com quatro bicas, alimentado por um abundante manancial de optima agua, na serra de Reborédo, d'onde vem, por espaço de 2 kilometros, conduzida por canos de granito. Fornecia o convento dos capuchos, e vem para este reservatorio, d'onde sae para outra fonte.

Além d'este bello chafariz, é a villa muito abundante de optima agua, distribuida por sete fontes publicas, além das particulares.

—

É tão saudavel o clima d'este territorio, que não consta ter aqui havido peste, nem mesmo quando tem invadido muitas povoações limitrophes.

—

Consta que era natural de Moncorvo, a célebre Violante Gomes (a *Pelicana*) amante (alguns dizem mulher) do infante D. Luiz, filho do rei D. Manuel, e mãe do infeliz e mal aconselhado D. Antonio I, o *prior do Crato*. (Vide *Crato.*)

—

Tambem aqui nasceu Francisco Botelho de Moraes e Vasconcellos, auctor de varias obras, sendo a mais notavel d'ellas, o poema heroico—*El Affonso*—cujo assumpto é a fundação da monarchia portugueza.

Nasceu e morreu no seculo XVIII.

—

Ha aqui um abundante mercado, no dia 8 de cada mez, e uma grande feira a 13, 14 e 15 de agosto.

—

Na freguezia ha varias ermidas.

—

As principaes producções do termo de Moncorvo, são trigo, centeio, milho, linho, hortaliça, legumes, fructas, muito azeite e algum vinho.

—

Junto á villa, está a capella de *Nossa Senhora da Esperança*, vulgarmente *Nossa Senhora de Riba Caváda*, sem duvida por ser este o antigo nome d'aquelle sitio. É muito antiga a ermida, e a sua padroeira de particular devoção do povo da villa e arredores.

O rei dos floristas

Com razão se ufana a villa de Moncorvo por ser a patria de *Constantino*, o famoso portuguez que em Paris mereceu o titulo de REI DOS FLORISTAS.

Tenho visto de differentes modos escripta a biographia de Constantino. De entre todas, a mais acreditada é a seguinte:

Constantino José Marques de Sampaio e Mello, nasceu n'esta villa, a 18 de agosto de 1802 (ou 1804.)

Era filho bastardo, mas de boa familia, tanto da parte do pae, como da mãe. Esta, para encobrir o seu êrro, o mandou, apenas nascido, crear de leite, para a aldeia de *Larinho*, proxima á villa, sem se publicar por sua mãe.

Passada a lactação, foi mandado para a villa de Alfandega da Fé, onde passou os annos da infancia, em casa de um tendeiro, chamado Antonio José Candido. Na sua adolescencia, regressou a Moncorvo, onde exerceu o mister de criado grave de algumas casas particulares.

Logo desde creança era inclinado a fazer

Portugal disputar o throno de Castella a seu primo, D. Henrique II, se uniu o rei portuguez com o de Leão, e com o rei mouro de Granada, e houve uma guerra, que felizmente terminou pelo *tratado de Evora*, de 31 de março do mesmo anno. Foi então atacada pelos castelhanos, a praça de Moncorvo, e, posto que estes a não podessem tomar, as casas e pessoas que estavam extramuros, tiveram muito que soffrer dos inimigos

flores artificiaes, e ainda n'esta villa se conservam algumas, feitas n'esse tempo por elle.

Umas tias paternas queriam que elle fosse fradde; mas, como não tinha vocação para a vida monastica, e não podendo resistir ás instancias reiteradas de suas tias, fugiu, em 1820, para Viseu, e ahi sentou praça no 1 batalhão de caçadores n.º 5, que então estava temporariamente n'aquella cidade.

Na guerra chamada da *poeira* (1823) foi feito cabo de esquadra, e n'este posto foi com o seu batalhão para os Açôres (Ilha Terceira) onde aprendeu a fazer flores de penas, com o que ganhou algum dinheiro.

Obteve baixa do serviço, conservando-se na ilha como florista, até á entrada das tropas liberaes alli, fugindo então (1828) para Portugal; onde sentou praça no batalhão de voluntarios realistas de Villa Flor — e é por este facto que alguns o fazem natural d'esta villa.

Em 1832 marchou com o seu batalhão para o cêrco do Porto, no posto de 2.º sargento, e depois do combate de 29 de setembro d'esse anno, foi feito porta bandeira, por distincção.

Em agosto de 1833, veio com o seu batalhão para o cêrco de Lisboa, seguindo depois o exercito legitimista até á convenção de Evora-Monte; depois da qual acompanhou o seu rei para o estrangeiro, chegando a Genova, em 5 de junho de 1834.

Todos os companheiros do sr. D. Miguel foram alli muito bem recebidos, entrando alguns no serviço militar, com os postos que tinham em Portugal.

Constantino preferiu ser florista, e como tal, foi para o estabelecimento de m.me Vieillard, onde, não só se aperfeiçoou na factura das flores, mas tambem aprendeu todos os segredos da confecção das tintas.

Em pouco tempo excedeu em perfeição de trabalho, a todos os seus companheiros de ambos os sexos, que trabalhavam n'aquelle estabelecimento.

Desejando mais amplos horisontes á sua já então famosa nomeada, resolveu hir para França.

M.me Vieillard, lhe deu uma carta de recommendação para mr. Flamet, célebre florista de Paris. Sahiu de Genova, visitou as principaes fabricas de flores, de Turim e Leão, chegando a Paris, a 13 de dezembro de 1834.

Mr. Flamet, para experimentar a habilide do seu recommendado, o mandou fazer um ramo de flores de penas. Sahiu este de tal perfeição, que a guarda nacional o comprou por 500 francos (90$000) [1], para o offerecer á rainha Amelia, mulher de Luiz Philippe, que ficou encantada.

Desde então, a fama de Constantino foi universal—e com justiça.—Imitava pasmosamente as flores naturaes, tanto na flexibilidade, côr, aroma e frescura, como em todos os mais accidentes da natureza, que tudo era por elle reproduzido com pasmosa habilidade.

Encommendando-lhe a rainha Amelia uma corôa de laranjeira (para o casamento de uma de suas filhas). Constantino lhe levou duas, uma natural, outra feita por elle, pedindo á rainha que escolhesse a que mais lhe agradasse (sem lhe dizer, que uma era artificial e outra natural).

Vendo a rainha perplexa na escolha, lhas deixou ambas, dizendo que no dia seguinte viria buscar a regeitada. Passadas 24 horas, foi ao paço, e então Amelia lhe disse estas palavras, que os jornaes repetiram por todo o mundo—«As suas flores têem apenas uma differença das naturaes: é que estas murcham e as suas não.»—Quando uma mãe extremosa, escolhendo a corôa virginal para sua filha, póde a este ponto ser illudida, não podendo conhecer qual era a corôa natural, ou artificial, é preciso que a perfeição fosse admiravel.

Desde então, foi Constantino geralmente acclamado REI DOS FLORISTAS.

—

Associara-se em Paris, com mr. Isidore,

[1] Um franco, verdadeiramente são 20 *sous* (ou *soldos*), e cada um d'estes, vale 8 réis da nosso moeda, vindo por tanto cada franco a ser 160 réis; mas eu faço-lhe a conta a 180 réis, que é o termo medio do seu valor, em Portugal.—Uma moeda de 5 francos, tem 100 sous.

fundando um famoso estabelecimento da sua querida industria.

Todas as côrtes, e casas principaes da Europa e algumas da America, lhe encommendavam flores, e a sua fabrica em breve foi a primeira d'este genero.

Na exposição de 1844, obteve o 1.º premio, e o seu nome foi um dos primeiros proclamados por Luiz Philippe, no palacio das *Tuilleries*.

Precorreu a Allemanha, a Gran-Bretanha e a Italia, para estudar praticamente a flora d'aquelles paizes.

Visitou os Pyreneus, e, á custa de graves riscos, fez uma abundante colheita de plantas raras; mas desde então, a sua saude foi em decadencia.

Em 1850, resolveu fazer uma visita á sua patria, que sempre extremosamente amou[1]. Chegou a Lisboa, onde teve a merecida recepção. Varios escriptores e artistas, lhe deram um explendido jantar, no hotel de Italia. O visconde d'Almeida Garrett, lhe fez uma saude, acompanhada de tão bellas palavras (como elle as sabia dizer), que commoveram todos os presentes.

No Porto, e em outras terras que visitou, foi summamente festejado.

—

Regressando a Paris, os seus padecimentos aggravaram-se, receitando-lhes os medicos, ares patrios.

Trespassou o seu estabelecimento a *Marchais Fréres*, e tornou para Portugal, em 1854.

Achando-se melhor, voltou, no mesmo anno para França, e annullando (judicialmente) o contrato do trespasse que havia feito —por falta de cumprimento de algumas clausulas da escriptura—tomou de novo conta do seu estabelecimento, em 1855.

Com a desgraçada guerra franco-prussiana e depois com a *communa*, soffreu grandes prejuizos, que lhe fizeram recrudescer os seus antigos padecimentos, e depois de uma vida cheia de gloria e aventuras, falleceu em uma quinta que possuia proximo a Tercy, em 1874, quando tencionava liquidar os restos dos seus haveres, e vir acabar á patria os ultimos dias da sua vida.

—

N'este concelho ha minas de chumbo.

É famosa em todo o reino a amendoa, delicadamente coberta, de Moncorvo. Ha casas d'esta villa, que exportam annualmente 3:000 kilogrammas de amendoa. Tambem aqui se fabrica optimo queijo.

MONDA—portuguez antigo—*micha*, pão pequeno, de toda a farinha (de centeio, ou milho), que os frades davam aos pobres, nas portarias dos conventos.

MONDÃO—freguezia, Beira Alta, concelho, comarca, bispado, districto administrativo e 6 kilometros ao N. de Viseu, 260 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 51 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

A mitra apresentava annualmente o cura, que tinha 40$000 réis de congrua, e o pé d'altar.

Esta freguezia foi creada pelos annos de 1510.

—

Em 1671, Antonio Rebello Velho e sua mulher, D. Maria Cardoso, da cidade de Viseu, instituiram uma rica irmandade de Nossa Senhora da Conceição, padroeira d'esta freguezia.

Fez-se a primeira acta no livro da irmandade, em 8 de novembro do mesmo anno.

Os seus estatutos foram confirmados pelo bispo de Viseu, D. João de Mello, em 20 de dezembro de 1678.

De um assento do mesmo livro se vê que o dito Antonio Rebello Velho, dispôz que, feita uma ermida que tencionava construir a Nossa Senhora da Conceição, seria a irmandade transferida para lá.

Foram reformados e ampliados os estatutos, que o doutor provisor da diocese, João Ayres Correia d'Abreu, confirmou em 1695, sendo bispo, D. Jeronymo Soares.

Em 1674, e no meio da aldeia de Mondão, edificou Antonio Rebello Velho, em cumpri-

[1] Nas exposições universaes de Londres e Paris, apresentou sempre os seus productos como portuguezes, e na secção portugueza. Na minha opinião, este rasgo de sincero patriotismo, é uma das maiores glorias de Constantino.

mento do voto que elle e sua mulher haviam feito, a capella de Nossa Senhora da Conceição. Fallecendo o fundador, antes da conclusão do templo, foi este acabado por seus herdeiros; que então quizeram que a imagem da Santissima Virgem, fosse para a capella, na fórma disposta nos estatutos; porém a freguezia se oppôz tenazmente a que ella sahisse da egreja, e lá ficou.

A irmandade tinha no seu principio 120 irmãos, sendo 12 d'elles sacerdotes, e 12 viuvas, ou solteiras, de bom procedimento.

Eram admittidos á irmandade, os moradores da freguezia e os de Travassos de Cima, Travassos de Baixo, Rio de Loba, Santiago e de Viseu.

A ermida está em frente das casas que foram de Manuel Ferraz de Almeida.

O fundador da capella, falleceu em 24 de agosto de 1678, e, como não tinha filhos, lhe herdou a casa, seu sobrinho, Miguel Rebello Velho, de Viseu.

Quando este morreu, em 11 de outubro de 1684, ainda o altar estava por dourar.

Succedeu na herança, seu irmão, Manuel Ferraz de Almeida, que era provedor da comarca de Viseu, e tambem natural d'esta cidade; que tão pio como seu tio e irmão, concluiu de todo as obras da capella; que foi benzida em um domingo, 9 de setembro de 1685, dizendo-se aqui n'esse dia a primeira missa e fazendo-se uma sumptuosa festa, com licença do cabido, *séde vaccante*. Foi pregador, D. fr. Sebastião de S. Paulo, religioso antonino, e bispo de S. Thomé.

Junto á capella, ha uns grandes e frondosos carvalhos, que no verão tornam o sitio fresco e alegre.

A poucos metros da capella, ha uma copiosa fonte de excellente agua, cujos remanescentes vão regar e fertilisar os campos adjacentes.

Consta, que em 1611, o bispo D. João Manuel, tentára levar esta agua por um aqueducto, para a cidade de Viseu; porém, expondo-lhe a povoação de Mondão, que ficavam sem agua para beber, e para a rega dos seus campos, desistiu do seu intento, e a agua continuou a ser propriedade de seus legitimos possuidores.

MONDÊGO—rio—da Beira Baixa, Beira Alta e Douro. Nasce na serra da Estrella, perto da cidade da Guarda, e morre no oceano, entre a Figueira e Buarcos, com 150 kilometros de curso; sendo navegavel por espaço de 65 kilometros, que vem a ser desde a Foz-Dão, até á barra da Figueira.

Depois do Lima e do Minho, é o mais formoso rio de Portugal, pelas suas lindas margens.

Strabão lhe dá o nome de *Muliades*—e os romanos lhe chamavam *Munda*, ou *Monda*.

Posto que este rio seja inferior em belleza ao Minho, e ainda mais ao Lima, é mais celebrado do que elles, por passar por Coimbra.

—

Divide o bispado da Guarda, do de Viseu e, depois, este do de Coimbra.

É atravessado por varias pontes, sendo as principaes, as de Celorico da Beira, Oliveira do Conde, Tábua, Nellas, Portella, Coimbra (3.ª, ou 4.ª), inaugurada em 8 de maio de 1875, e a do caminho de ferro do Norte.

Dá-se o nome de *Alto-Mondêgo*, á parte do rio, desde a sua nascente, até Coimbra; e *Baixo-Mondêgo*, desde esta cidade, até á Figueira.

No Alto-Mondêgo, entram os rios Dão, Alva e Ceira, álem de muitos ribeiros e regatos.

No Baixo-Mondêgo, entram os rios, Anços, Carnide, Botão (que depois se chama *Valla da Geria*) e varios ribeiros e arroios.

A mais deleitosa navegação d'este rio, é desde as alturas do mosteiro de S. Jorge e Quinta de Villa Franca, até á sua fóz; pela mansidão da sua corrente, pela vista de Coimbra, e dos dilatados campos, serras, outeiros, povoações, quintas, casas de campo e arvoredos que estanceiam mais, ou menos proximos de suas formosas margens.

Entre os sitios mais famosos que por aqui se encontram, mencionarei os seguintes:

A formosa *estrada do Almegue*, com as suas successivas aldeias, até á notavel villa de *Pereira*.

—

Ribeira de Cosêlhas, bella e fertilissima

veiga, em que domina uma eterna primavera.

—

Quinta das Canas—Formosa propriedade do sr. D. José Maria de Vasconcellos Azevedo Silva Carvajal, conde da Quinta das Canas.

Este cavalheiro, franqueia com toda a amabilidade a sua quinta ás pessoas decentes que a querem vêr, assim como o seu palacio, que está ricamente mobilado.

É pretença d'esta propriedade, a famosa

—

Lapa dos Esteios—Este sitio encantador, é um ninho de poetas. A alma abre-se alli a sentimentos novos, e se sente purificada n'aquelle crysol de flores.

A Lapa dos Esteios, não é uma quinta cortada de ruas, como em geral todos os jardins: é como se fôra uma ilha. Sombra, arvores, flores, tudo alli se encontra, poeticamente disposto.

Depois, a vista do Mondêgo, bordado pelos choupos e salgueiros, tudo nos encanta, tudo nos prende, tudo nos fascina.

Da Lapa dos Esteios, diz o sr. A. X. R. Cordeiro.

> ....sitio
> Aonde as cordas da lyra
> Vão temperar os trovadores;
> Onde vôa o pensamento,
> Onde os plumosos cantores
> Soltam mil notas ao vento;
> Onde o Mondêgo suspira
> Entre os ramos da folhagem;
> Onde á tarde a branda aragem
> Embala as c'roas das flores.

E José Freire de Serpa (que falleceu visconde de Gouveia.)

> .....gentil gruta formosa,
> Toda vestida de musgo,
> Coberta d'hera viçosa,
> Recamada, perfumada,
> De jasmim, de myrto e rosa,
> Á sombra de verdes freixos,
> Á sombra tão amorosa.
> Banham-lhe a planta mimosa
> Serenas ondas do rio,
> Imprimindo-lhe mil beijos
> Com suave murmurio.
> É a gruta solitaria,
> O sitio doce e sombrio.

Fica a encantadora *Lapa dos Esteios*, 2 kilometros acima de Coimbra, e alli vão frequentemente devanear os academicos.

Diz o sr. Augusto Mendes Simões de Castro (*Guia historico do viajante, em Coimbra*, pag. 241.)

«Nada se encontra alli de sublime, nem de grandioso; mas uma vegetação copiosa e engraçada, vestindo o pendôr de uma collina, formando copadas alamêdas, a cuja sombra todos apreciam passar algumas horas, ouvindo o cantico das aves, misturado suavemente com o sussurro do Mondêgo, que, passando ao sopé do monte, rumoreja deleitosamente nas folhas das arvores, que se inclinam para a corrente.

D'entre o bosquesinho surgem aqui e alli, no cimo de rochas vivas, cortadas a pique sobre o rio, e engrinaldadas de viçosas heras, e mil variadas plantas, alguns mirantes cercados de alegretes, d'onde se disfructa uma perspectiva tão formosa, como variada.

Arrôbam-se-nos os olhos n'aquelle quadro fascinador do Mondêgo, que

> Corre por entre os bosques divertido,
> Com curso tão quieto e socegado
> Que nas voltas se mostra arrependido
> De levar agua doce ao mar salgado.
> (G. P. de Castro.)

Nas suas mattas, alcatifadas de mimosas relvas e boninas, nas margens verdejantes e pomposas, com as suas cearas verde-négras e com os seus copados laranjaes; nos palacetes variados das quintas, alvejando por entre o macisso dos arvoredos; e sobre tudo, no aspecto risonho e formosissimo da cidade, com todas ás suas louçanias e encantos, a mirar-se tão graciosa e gentil

> ....n'esse crystal
> Do Mondêgo prateado,

I Linda bonina do prado
I D'este bello Portugal.

(A. A.)

Esta mimosa e aprasivel estancia, onde a natureza espalhou com mão larga, tantas galas e attractivos, é o sitio escolhido pelos cultores das Musas, para as suas funcções poeticas.

Castilho alli celebrou a *Festa de Maio*, e o *Dia da Primavera;* com que immortalisou o sitio—e, posteriormente, lá tem continuado a ir outros muitos vates, entoar seus cantos maviosos.»

Alli de um terno amor, ternos momentos,
N'asa do tempo languidos fugiram,
N'aquelle engano d'alma que a fortuna
Não deixa durar muito.

(João de Lemos.)

—

Oh!—quem entrar n'esta gruta,
Não faça juras fataes:
Aqui, té os freixos amam,
Até as penhas dão ais.

(J. F. de Serpa.)

—

Que saudades imperam estas sombras,
Que maacias, que lubricas alfombras:
Oh poetas, que sitios para amores
Tem filtros estas aguas e estas flores.

(Thomaz Ribeiro.)

—

D Doce mansão poetica,
O Oh, Lapa dos Esteios,
T Tu abres nossos seios
Á Á luz do eterno amor.
A Almas sem crenças, gélidas,
C Correi ao tabernaculo,
G Gosae este espectaculo,
L Louvae ao Creador!

Á Á sombra d'estas arvores
R Reclinae-vos, poetas,
Q Que as Musas predilectas
V Vos hão-de abençoar.
C Cantae em trovas magicas
D Da Lapa as harmonias,
As dôces melodias
Do rio a suspirar.

(Costa Goodolphim.)

15 de junho de 1874.

Terminados os seus estudos academicos, vieram aqui celebrar a sua formatura e despedir-se da Lapa dos Esteios, seis poetas. Para memorarem este facto, cada um aqui deixou seu verso, que o sr. conde mandou gravar em pedra—

SOBRE AS AZAS DA POESIA—(João de Lemos)
AQUI NOS TROUXE A AMISADE—(C. Monteiro)
CANTÁMOS NA LYRA D'OURO—(J. F. de Serpa)
ESP'RANÇAS DA MOCIDADE—(L. da C. Pereira)
E AO BARDO DA PRIMAVERA—(X. Cordeiro)
MANDAMOS UMA SAUDADE—(A. de Lima)

Esta lapide, tem a data de 24 de junho de 1844.

—

O sr. conde da Quinta das Canas, é tão apreciador dos homens de genio, que manda transcrever os versos, que os poetas lhe deixam na Lapa, para que o tempo os não apague.

Muitas vezes, quando os *quintanistas* vão á Lapa, fazer o seu jantar de despedida, e dar o ultimo adeus aos seus companheiros das lides universitarias, vem o sr. conde juntar-se com elles, fazendo-lhes companhia n'estes actos solemnes e commoventes.

Honra ao nobre fidalgo, que tão bem sabe aliar a esclarecida nobreza do sangue, com a lhaneza e afabilidade do cavalheiro.

—

Fonte dos Amores—Fica esta celebrada fonte, em um dos extremos do Campo de Santa Clara, e junto a ella passaram horas de amor e felicidade, o infante D. Pedro e a bella Ignez de Castro.

É esta fonte tão pobre de architectura como rica dos adornos da natureza.

No 3.º vol. do *Archivo Pittoresco*, vem o seguinte soneto, de auctor anonymo:

Debaixo d'altos cedros enlaçados
Que em vão de penetrar o sol profia,
Rebentando de tôsca penedia,
A quem virente musgo adorna os lados.

Puros crystaes se escoam apressados,
Por leito de grosseira cantaria.
Vasto lago os recebe—e na sombria
Lympha, tremem os cedros debuxados.

Não se ouve das manadas o balido,
Mal sôa alli a frauta dos pastores,
E pouco dos rafeiros o latido.

Da malfadada Ignez, só os clamores
Se imprimem n'alma, sem ferir o ouvido.
Eis a copia da *Fonte dos Amores.*

No fundo do *cano* por onde, á flor do chão, se despenham as aguas do tanque, divisam-se umas pedras, de côr avermelhada, que a tradição poetica, diz serem nódoas do sangue de D. Ignez de Castro.[1]

É alludindo a esta bella ficção, que o sr. João de Lemos, cantando a Fonte dos Amores, diz:

Como a fonte d'Ignez soluça ao longe!
Parece inda chorar-lhe a morte escura,
Osculando da pedra eternas manchas
Do sangue espadanado!

Junto da fonte, está uma tôsca lapide, onde estão gravados os famosos e sentidos versos, com que Luiz de Camões immortalisou esta fonte.

As filhas do Mondêgo, a morte escura,
Longo tempo, chorando, memoraram,
E, por memoria eterna, em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram.
O nome lhe pozeram, que inda dura,
Dos amores d'Ignez, que alli passaram.
Vêde que fresca fonte rega as flôres,
Que lagrimas são agua, e nome amores.
Lus. Cant. 3.º, Est. 135.)

É tradição que as aguas d'esta fonte hiam encanadas para o palacio de D. Ignez de Castro, e á corrente d'ellas costumava D. Pedro confiar um barquinho de cortiça, que lhe levava as suas cartas amorosas.

[1] Crê-se geralmente que D. Ignez foi assassinada junto á Fonte dos Amores; mas a opinião mais seguida, por mais certa, é que ella foi victima dos tres assassinos, nos paços reaes, que então havia junto do antigo mosteiro de Santa Clara.

Faria e Sousa, fallando da Fonte dos Amores, diz:

«Esta fuente, que se llamô de los *Amores*, por essa razon ya dicha, estava en el jardin de Palacio, y venia a salir a el, por unos aquedutos. El Principe no podia hablar a Doña Ines todas las vezes que lo deseavan ambos, porque, siendo ella, Dama de la Reyna, su madre, era menester recato. Valia-se para esto, de aquella agua, y de aquellos aqueductos; porque, por ellos, y por ella le embiava los papeles que le escrevia. Rompiò, parece, en cierta parte el aqueducto, y metiendo por alli los papeles, llevados ellos de la agua, ivan a salir al jardin, a donde Ines acudia a cogerlos. De manera que el Amor venia nadando; venian las llamas amorosas, passadas por agua. El Principe representado en sus papeles, era el Leandro, que por olas iva en busca de su Ero, con más felicidade que el otro, pues alfin, llegava. Tales son las astucias de los amantes.»

—

Convento de S. Jorge (crusios)—Está situado á beira do Mondêgo, proximo e acima da *Lapa dos Esteios.* É hoje propriedade particular dos herdeiros de José da Silva Carvalho. (Vide Coimbra, no logar competente.)

—

Quinta de Villa Franca—Fica na margem direita do Mondêgo, quasi em frente do mosteiro de S. Jorge, e entre a *Arregaça* e a *Portella.*

Foi até 1759, casa de recreio e de convalescença dos jesuitas.

É um sitio aprasivel, pela sua vegetação luxuriante e pelo seu frondoso arvoredo.

N'esta quinta residiu o famoso jesuita, padre Antonio Vieira, e aqui escreveu algumas de suas obras.

—

Penêdo de Meditação—Fica proximo do mosteiro de Cellas, na direcção de Coselhas. É sitio em extremo pittoresco, e muito celebrado pelos poetas.

Não tem obra alguma d'arte; alli só se revelam os encantos da natureza.

Na sua frente se estende um fertil valle, e as vistas que d'aqui se disfructam, são encantadoras.

É sitio muito frequentado pelos academicos.

—

Penêdo da Saudade—É dos mais formosos e poeticos sitios dos arredores de Coimbra. D'aqui se gosa um dilatado, formoso e variadissimo panorama.

A vista se dilata por um paiz extensissimo, offerecendo o mais bello quadro.

Para a direita, vê-se o Mondêgo, por entre bellas insuas e alegres quintas. Ao pé, laranjaes e olivêdos, casas, hortas, pomares e campos. Em frente, e para a esquerda, vae sempre o terreno rico de variada vegetação, até topar com montes e serras, coroados de arvores silvestres.

Diz-se que o nome (de Penêdo da Saudade), foi dado a este sitio, pelo infante D. Pedro, que, depois da morte da sua Ignez adorada, para alli hia chorar a sua desdita.

Perto do Penêdo da Saudade, ficam—a *fonte do Cidral*, de optima agua—e a *fonte do Castanheiro*, onde as raparigas das visinhanças, vão encher as suas bilhas, na manhan do S. João.

—

Convento de Santa Thereza—Está poucos passos distante do *Penêdo da Saudade*.

É dos mais novos conventos de freiras de Coimbra. É de carmelitas descalças, da regra de Santo Alberto.

Lançou-se-lhe a primeira pedra, a 9 de abril de 1740. As freiras vieram para aqui, em 23 de junho de 1744.

O local onde está este mosteiro, chamava-se *Casal do Chantre*, e foi dado para se edificar o convento, pelo conego Manuel Moreira Rebello.

—

Ruinas do antigo mosteiro de Santa Clara—Na margem esquerda do Mondêgo, a poucos passos da ponte, estão os restos d'este mosteiro, memoravel pelas recordações que nos sugere da nossa virtuosissima rainha, Santa Isabel, que escolheu a egreja d'este mosteiro para sua ultima morada.

É tambem notavel pelos importantes acontecimentos, que tiveram logar aqui, e pelo que é considerado como um dos mais celebres monumentos historicos d'este reino.

Muitas senhoras de alta nobreza aqui professaram, ou residiram; entre ellas, D. Isabel, irman da rainha santa; e outra D. Isabel, sua neta, filha de D. Affonso IV, e da rainha D. Beatriz.

A princeza D. Joanna, filha de Henrique IV, de Leão e Castella, excluida do thalamo de D. Affonso, foi obrigada a entrar n'este mosteiro, onde falleceu, com o titulo de *excellente Senhora*.

Aqui foi primeiramente sepultada a formosa e infeliz D. Ignez de Castro, e d'aqui sahiu, para *depois de morta, ser rainha*. (25 de abril de 1371.) Em seguida, foi o seu cadaver transferido para o celebre tumulo que D. Pedro I lhe mandou construir em Alcobaça.

A capella onde estavam os tumulos monumentaes de D. Ignez de Castro e de D. Pedro I, foi vendida pelo governo, e o comprador mandou fazer *um celleiro*, sobre a abobada da capella. Nada d'isto precisa commentarios, nem pontos de admiração. A indignação geral, está na simples narração dos factos.

Na camara dos pares (1869), o sr. marquez de Vallada, interpelou o governo sôbre esta vandalica profanação. O ministro das obras publicas, prometteu por côbro a isto; mas, ainda até agora tem continuado o escandalo.

Na egreja d'este mosteiro, se receberam o rei D. Duarte, com a rainha D. Leonor, junto do tumulo de Santa Isabel.

N'esta egreja, veiu orar e encommendar-se a Deus, o sabio e infeliz infante, D. Pedro, tio e sôgro de D. Affonso V, antes da fatal jornada d'Alfarrobeira.

N'esta egreja, finalmente, a pedido do rei

D. Sebastião, prégou o santo arcebispo de Braga, D. fr. Bartholomeu dos Martyres.

Nenhumas d'estas historicas recordações respeitou o Mondêgo, que, com as suas repetidas innundações, foi pouco a pouco minando o edificio, até o destruir.

No reinado de D. Manuel, já o mosteiro estava em tão máu estado, que o rei impetrou licença do papa Julio II, em 1505, para fundar novo mosteiro, em que se recolhessem as freiras d'este, que estavam aqui em risco de morrerem esmagadas sob as ruinas, ou afogadas.

As religiosas porém, preferiram o perigo permanente, a abandonar o asylo em que foram creadas, e onde jaziam as cinzas da sua querida protectora, a rainha Santa Isabel.

Ainda alli estiveram freiras, até ao reinado de D. João IV; mas, como o rio tinha já então destruido grande parte do edificio, e ameaçava arrazar o resto, viram-se ellas na necessidade de pedir ao rei, que as mudasse para outro sitio fóra do alcance do Mondêgo. (Para o mais d'este mosteiro, vide *Coimbra*, no logar competente.)

Do antigo mosteiro, apenas hoje resta parte da egreja, estando metade da sua altura enterrada na areia.

É de grandes dimensões, de tres naves, de estylo gothico e muito elegante.

A sua abobada, de cantaria, ainda está bem conservada, e n'ella se vêem alguns escudos, com as armas de Portugal, e outros com as de Aragão. (As de Santa Isabel.)

Os capiteis das columnas, quasi enterrados, ainda mostram, muito deterioradas, as suas esculpturas, outr'ora primorosas.

Na *Historia Serafica*, por fr. Manuel da Esperança, se encontram noticias curiosissimas d'este mosteiro.

—

Do Mondêgo, se vê tambem a *Ladeira da Forca*, onde antigamente eram justiçados os criminosos; Santa Comba, Santo Antonio dos Olivaes, e muitos outros edificios, que já ficam mencionados no artigo *Coimbra*.

—

Segundo a tradição, proximo da *Póvoa* (povoação contigua a Midões) no sitio chamado *Valle de França*, houve uma ponte, sobre o Mondego, construida pelos romanos.

—

Segundo o sr. Antonio Luiz de Sousa Henriques Secco (*Memoria Historico-Chorographica do districto de Coimbra*, nota a pag. 90) a origem do Mondego, é na Serra da Estrella, no sitio dos *Covões do Bixo*, aos *Lapões*, que ficam na extremidade dos concelhos de Gouveia e Manteigas.

Não tira a sua nascente das *Alagôas*, como dizem alguns; nem dos *geleiros* da serra: nasce da fonte dos *Lapões*, no meio de umas montanhas de pouca altura, a 12 kilometros da montanha principal da Estrella.

É tradição que o nome d'este rio procede de uma povoação chamada *Monda*, que existiu junto á sua origem, e de que hoje não ha o minimo vestigio.

Principia o Mondego a correr entre os limites dos concelhos de Gouveia e Manteigas, desde a sua origem, até Fulgosinho (concelho de Gouveia) entra depois no concelho de Linhares, passando junto a Vide-Monte. Desce ao concelho da Guarda, ficando nas suas margens as povoações de *Trinta, Villa-Soeiro, Misarella, Pero-Soares, Faia Porco, Villa-Cortez, Ramalhosa*, e *Porto da Carne*.

Entra depois nos concelhos de Celorico, e Fornos de Algodres, e torna a penetrar (pelo O.) nos concelhos de Linhares e Gouveia.

Passa depois aos concelhos de Céa e Ervedal, n'este ultimo (supprimido) entra no districto de Coimbra.

Desde a sua nascente, até Celorico da Beira, as suas aguas servem para a réga das terras que estão nas suas margens; mas d'ahi para baixo, o seu alveu é muito fundo e cheio de penedias, e pouco, por isso, se póde aproveitar para irrigação.

É sobremaneira tortuosa a corrente do Mondego. Corre primeiramente na direcção de E., por espaço de 12 kilometros. Dirige-se depois para o N. até Celorico da Beira: d'ahi até ao Ervedal, corre para o S., e aqui volta para o O., hindo entrar no districto de Coimbra, que atravessa, até á sua foz.

MONDIM e PANQUE—freguezia, Minho,

comarca e concelho de Barcellos, 18 kilometros a O. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 26 fogos.

Orago o S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento annual.

Antigamente, os povos d'esta freguezia, eram *meieiros* da de Santa Eulalia de Panque, que depois se annexou a esta.

A freguezia de Panque tinha em 1757, 61 fogos.

O seu parocho era tambem abbade, apresentado pela mitra, e tinha egualmente de rendimento annual 300$000 réis.

Officialmente dá-se a esta freguezia o titulo de *Mondim*; porém muitos lhe chamam ainda *Panque*. Entendo que este nome é mais apropriado, visto que o maior attrahe o menor, e a população de Panque é mais numerosa do que a de Mondim.

É terra muito fertil, e cria muito gado de toda a qualidade.

MONDIM DA BEIRA (vulgarmente **MONDIM DAS MEIAS**, em razão das muitas, de lan, e lan e seda, que se fazem aqui)—villa, Beira Alta, cabeça do concelho do seu nome, na comarca e 16 kilometros de Armamar (foi da comarca de Moimenta da Beira d'onde dista 17 kilometros) 15 kilometros de Lamego, 325 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 240 fogos.

Orago Nossa Senhora do Rosario, e vulgarmente, *Nossa Senhora do Enxertado*.

Bispado de Lamego, districto administrativo e 35 kilometros de Viseu.

O reitor de Tarouca apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altar.

—

Está situada na direita do Tarouca, ou Barosa, em terreno baixo, d'onde só se avistam as terras que lhe ficam a O.

É terra fertil.

Consta que esta villa foi fundada em 1030, por o rei mouro de Lamego, *Zadan-Aben-Huin*.

Não me consta que tivesse foral velho. D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 20 de agosto de 1517. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 153, col. 2.ª)

Serve tambem para Souto de El-Rei (antigamente *Souto de Rei*.)

Seis kilometros ao S. da villa está o magestoso convento de S. João de Tarouca, que foi primeiro de monges benedictinos, e, depois, de bernardos, com uma sumptuosa egreja, de tres naves. Foi fundado por D. Affonso Henriques, quando veio de vencer os mouros em Trancoso, que lhe lançou a primeira pedra, a 30 de junho de 1122. É o mais antigo d'esta ordem, na Peninsula hispanica. (Vide *S. João de Tarouca*, a pag. 417 do 3.º vol., e *Tarouca*.)

Sobre o rio, ha aqui uma boa ponte de cantaria, muito antiga.

A 1 kilometro d'esta villa, foi construida, ha poucos annos, sobre o mesmo rio, uma ponte magnifica, na nova estrada de 1.ª classe, que vae de Lamego para Trancoso.

No seu territorio se faz uma boa colheita de seda, de que ha uma fabrica.

—

O concelho de Mondim da Beira, é composto das 8 freguezias seguintes — todas no bispado de Lamego — Almofalla, Cimbres, Granja-Nova, Mondim, Salzêdas, S. João de Tarouca, Ucanha, e Villa-Chan-de-Cangueiros; todas com 1:500 fogos.

—

O fabrico de meias é muito antigo n'esta villa, e está muito aperfeiçoado. Fazem-se de lan, de seda, e de lan e seda, algumas de varias côres, e bonitas. É a principal industria da terra.

—

Ha n'este concelho, proximo a S. João de Tarouca, um monte, chamado *Monte Côrvo*, em cuja encosta se vê um grande penedo, rodeado de muitos outros, e no centro d'elle, a fórma de uma meada, estendida, com uma canna dentro, como para se não emaranhar. Não se sabe se isto é obra da natureza ou da arte. O penedo está denegrido pelo tempo, menos no sitio da tal meada, em que a pedra está limpa, e a *esculptura* bem clara.

—

Em uma eminencia proxima, denominada o *Crasto* ou Castro, entre esta freguezia de Mondim, e a limitrophe de Passô, ainda actualmente existem ruinas de uma fortaleza e muralhas que pertenceram aos mouros, e talvez aos godos e romanos, como indicam o nome Castro, do latim — *Castra*, e differentes moedas romanas que por alli teem apparecido.

O primittivo nome d'esta villa foi *Huim*, dado pelo seu fundador, como affirma Mendes da Silva na *Poblacion General de España;* e com a mudança dos tempos e dos idiomas se denominou — *Mondim* — accrescentando-se-lhe *da Beira* — para se distinguir de outras povoações que ha em Portugal com o mesmo nome.

A villa é saudavel e o terreno adjacente muito fertil, produzindo centeio, milho, cevada, feijão, vinho, azeite, batatas e muitas magnificas peras e maçans, etc.

O rio Barosa corre ao fundo d'esta freguezia, e d'ella fertilisa bons campos.

Esta freguezia é formada por tres povos —Mondim de Cima, Mondim de Baixo e Almodafa.

Mondim de Cima, séde do concelho, é uma pequena povoação, com 88 fogos, 241 habitantes, duas ruas soffriveis, calçadas de novo pela camara municipal em 1873, e uma fonte com duas copiosas bicas, restauradas tambem pela camara em 1853.

Houve aqui antigamente uma familia nobre, hoje representada pelo sr. barão de Pombeiro, residente em Guimarães, e ha ainda outra representada por o sr. Antonio Leite Cardoso Pereira de Mello, que casou aqui em 1847 com a sr.ª D. Maria da Annunciação Pereira Cardoso, filha de Antonio de Proença Moraes, sargento-mór de ordenanças e official das extinctas milicias.

O sr. Antonio Leite Cardoso Pereira de Mello é filho de Rodrigo Cardoso Pinto, bacharel formado em medicina e philosophia pela Universidade de Coimbra (em 1800) natural da Ucanha, e de D. Maria Luciana Leite Pereira de Mello, filha de José Leite Pereira de Mello e Vasconcellos, senhor dos morgados de Ossaes e Travassos e capitão-mor de Rézende, e de sua mulher, D. Anna Leonor Pinto Sampaio, de cujo consorcio houveram mais duas filhas que morreram solteiras, e tres filhos:

—Manuel Leite Pereira de Mello, que foi juiz de fóra em Amarante, onde casou, não deixando successão;

José Leite, que foi desembargador da supplicação, e casou com D. Marianna Severina de Moraes Sarmento, de quem ha filhos, sendo o primogenito o visconde da Lageosa;

—Thomaz Leite, que foi corregedor em Thomar, e casou com D. Anna Candida Cordeiro Pinheiro Furtado, filha de Manuel Luiz Candido Cordeiro Pinheiro Furtado, de quem ha filhos, entre outros o sr. Thomaz Leite Pereira de Mello, digno chefe fiscal da alfandega de Chaves, casado, e com successão.

Por sua mãe prende ainda o referido sr Antonio Leite Cardoso Pereira de Mello, com a illustre casa do Enxertado (morgado do Velludo) actualmente representada pelo sr barão de Castro Daire, com a do Alprestimo de Rézende, representada pela familia Albergarias, de Lamego, e com outras familias nobres.

Junto á povoação de Mondim de Cima está uma capella com a invoção de Nossa Senhora dos Prazeres, construida em 1734, como se vê da data inscripta sobre a porta principal; e além do altar da padroeira tem outro com a imagem de Santa Barbara, que se festeja quasi todos os annos.

N'esta capellinha o sr. barão de Pombeiro é obrigado a mandar, como manda, dizer uma missa rezada todos os domingos e dias santos, em cumprimento de um antigo legado inherente aos bens que aqui herdou de seus maiores.

Esta villa era julgado, que foi extincto por decreto de 23 de dezembro de 1873, e anteriormente Mondim e Ocanha (ou Ucanha) eram dois concelhos distinctos, mas em 1837 se fundiram em um só — o de Mondim.

Estão em Mondim de Cima os paços do concelho e as repartições seguintes:—administração—municipalidade—um cartorio de notas—recebedoria e repartição de fazenda.

Cêrca de 200 metros ao norte d'esta povoação, existe uma egreja, denominada — *a*

velha—por haver sido a antiga matriz, e tem a invocação de Nossa Senhora do Enxertado, ainda hoje a padroeira d'esta parochia.

Ignora-se a data da fundação d'este templo, mas é certo datar de tempos remotissimos, talvez anteriores á occupação arabe, mesmo por terem apparecido nas proximidades moedas romanas, como as encontradas no *Castro*.

Esta egreja mostra vestigios de diversas reedificações, e bem necessitava de ser restaurada novamente, pois é um templo antiquissimo, e se acha em ruinas. A sua architectura é humilde, e tem tres altares, sendo um privilegiado.

—

Mondim de Baixo.—Esta aldeia é hoje mais importante que a de Mondim de Cima, donde dista cêrca de 400 metros. Tem alguns edificios bons, 96 fogos com 304 habitantes, e algumas familias nobres, taes são as representadas por os srs. José Augusto Osorio, de Lobrigos, Affonso Ferreira de Lacerda, d'Angorez (em Samodães), Antonio Osorio d'Aragão, de Lamego, Francisco de Vasconcellos Pinto Cardoso, do Granjal, etc.

Tem esta povoação duas fontes publicas, sendo uma feita em 1873.—Aqui se acha a matriz actual d'esta parochia, em substituição da *velha* em ruinas. Foi fundada esta nova matriz, em 1758, no chão de uma capella que alli havia, e que foi transformada em um dos altares lateraes da egreja. N'elle se vê a inscripção seguinte:

ESTA CAPELLA INSTITUIU JORGE BOTELHO
DE SEQUEIRA
NO ANNO DE 1638

Por baixo d'esta inscripção está o brasão d'armas d'esta familia, e junto d'este altar, denominado *das Almas*, se vê na tampa de uma sepultura este epitaphio:

E ESTA SEPULTURA É DE DONA ANNA
DE ALMEIDA
FALLECEU NO ANNO DE 1632

Foi esta sepultura transferida para aqui da antiga capella, e tambem tem um brasão d'armas.

Ha mais n'esta povoação as capellas de Santo Antonio e S. Jorge, pertencentes a primeira a José Augusto, de Lobrigos, e a segunda a Antonio Osorio, de Lamego.

Passa a pequena distancia d'esta aldeia a nova estrada a *macadam* de Lamego a Trancoso, e ao norte d'esta, estão as ermidas do Senhor dos Afflictos, da Senhora da Piedade e de S. João do Alvarinho. Aquella estrada atravessa o Barosa na confluencia d'este rio com o Tarouca, onde tem uma boa ponte de granito, feita em 1869, quando se abriu esta estrada.

A um kilometro de Mondim, na linha divisoria d'este concelho e do de Tarouca, no sitio da Paradella, existe um arco, denominado *Arco da Paradella*, cuja historia ou lenda é a seguinte:

Falleceu em Lalim, no anno de 1354, D. Pedro, 3.º conde de Barcellos, filho do rei D. Diniz, ordenando em seu testamento que fosse sepultado no convento de S. João de Tarouca (no concelho de Mondim), e, quando o prestito funerario seguia para aquelle convento, parou no sitio onde se vê o dito arco, alli erigido para commemorar aquelle acontecimento; e pela mesma razão se erigiram mais dois que já não existem; e aquelle unico que resta dos tres em breve desapparecerá tambem, se mão piedosa d'elle se não condoer, pois o tempo e a inepcia dos transeuntes e os donos dos predios visinhos o teem maltratado.

Aqui falleceu, ha annos, o bacharel Joaquim Marques Paúl, da cidade da Guarda, que foi juiz de fóra na Azambuja, administrador do bairro do Rocio em Lisboa, e ultimamente administrador d'este concelho de Mondim muitos annos. Existe ainda a viuva —a sr.ª D. Maria Alexandrina d'Almeida Loureiro Cardoso Paúl, pertencente á bem conhecida familia Almeidas Loureiros, do Carregal.

Casou tambem aqui, e aqui vive, tendo sido por vezes juiz ordinario e presidente da camara, o bacharel sr. Luiz Antonio d'Azevedo, de Trevões, no concelho da Pesqueira.

—

Tambem aqui existem os successores do capitão-mór, José Pinto de Mesquita Pimentel e Vasconcellos (uma das mais nobres fa-

milias da provincia) dignamente representada por seus netos, o sr. Antonio Osorio Pinto Sarmento de Vasconcellos, joven de muita instrucção e probidade; e pela sr.ª D. Maria da Assumpção, casada com o sr. Francisco de Vasconcellos Pinto Cardoso.

—

Não menciono n'este artigo as armas d'estas familias, por terem já sido publicadas em outros artigos d'esta obra.

—

Pertence tambem a esta freguezia a pequena aldeia de *Almodafa*, junto á estrada a *macadam* de Lamego a Trancoso, e distante cêrca de um kilometro de Mondim de Cima.

Tem 33 fogos, 81 habitantes, e uma casa nobre, que é do abbade de Castro d'Ayre, e a meio do povoado uma capella com a invocação de Nossa Senhora das Virtudes, tendo, alem do altar-mór, dois altares lateraes.

Ha em volta d'esta aldeia grande numero de sabugueiros, produzindo baga em quanidade, o que constitue um dos rendimentos mais consideraveis n'estes sitios.

MONDIM DE BASTO—villa, Traz-os-Montes, cabeça do concelho do seu nome, comarca de Villa Pouca d'Aguiar, 54 kilometros a N.E. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 430 fogos.

Em 1757, tinha 446 fogos.

Orago S. Christovão.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Os marquezes de Marialva, apresentavam o vigario, que tinha 350$000 réis de rendimento annual.

O concelho de Mondim, é composto das 8 freguezias seguintes, todas no arcebispado de Braga—Athei, Bilhó, Campanhó, Ermêllo, Lamas d'Olo, Mondim de Basto, Paradança, Pardêlhas, e Villar de Ferreiros—todas com 1:800 fogos.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, em 3 de junho de 1514. (*Livro de foraes novos de Traz-os-Montes*, fl. 27, col. 1.ª — Veja-se o processo para este foral, gaveta 20, maço 11, n.º 22.)—Este foral tambem serve para Serva.

Está esta villa situada proximo da margem esquerda do Tâmega, sobre o qual tem uma bella ponte de pedra, chamada *ponte de Mondim.*

Fez-se aqui antigamente grande commercio, com as suas fabricas de couros e cordovões, que exportava para todo o reino.

Fabríca-se aqui muita cal.

Eram senhores donatarios d'esta villa os marquezes de Marialva.

—

Pela achar interessante, e para amenisar esta obra, resumo aqui a historia que o sr. Camillo Castello Branco publicou no quarto vol. das suas bellas e curiosissimas *Noites de Insomnia*, e á qual deu por titulo—*O Cofre do Capitão-Mór.*—É a seguinte:

José Maria Guimarães, natural de Mondim de Basto, fôra para a America em busca de bens da fortuna. Tanto lidou, que, depois da guerra do Paraguay, liquidou a sua casa, podendo realisar uma fortuna de 500 contos de réis, com os quaes regressou á patria, com sua mulher e filhos.

Passando um dia por junto das ruinas de uma grande casa, e olhando para o vasto portão da quinta, viu-o encimado com um brazão de armas.

Perguntou de quem era a propriedade, e soube que pertencera a um fidalgo, e que estava a render para a fazenda publica, por divida antiga, de impostos, juros e custas.

Fôra esta propriedade do capitão-mór, Pedro Pacheco, que era muito da casa do duque de Aveiro, e estava em Lisboa, quando teve logar a tentativa de regicidio (3 de septembro de 1758).

Apenas soube que o duque fôra preso em Azeitão, fugiu para a sua terra, e, chegando a sua casa, que era então um paço feudal, deu ordem á mulher que se preparasse e mais dois filhos menores para sahirem do reino.

Antes de partirem para a emigração, depositou Pacheco, na mão de um rico e honrado lavrador da freguezia, que era alferes de ordenanças, um cofre de pau preto, com abraçadeiras de bronze, que estava cheio de peças de oiro.

O mesmo Pacheco e o lavrador levaram o caixão para casa do ultimo, por altas ho-

ras da noite, e então aquelle lhe disse que o caixão continha 300:000 cruzados (120 contos de réis) em dobrões, peças e outras moedas muito antigas.

O fidalgo foi para a Hespanha, e de lá para a Inglaterra, onde esteve alguns annos.

Achando-se o depositario em perigo de vida, escreveu ao fidalgo, para que viesse ou mandasse buscar o seu thesouro; o que Pacheco fez, vindo aqui uma noite, e levando o cofre para sua casa, e alli o enterrou.

O rei D. José morreu em 22 de fevereiro de 1777, e o seu ministro e valido, o marquez de Pombal, foi deposto.

Logo que Pacheco soube d'este acontecimento, regressou á patria, viuvo, e com dois filhos, já homens; mas impios, turbulentos, dissipados e luxuriosos. Seu pae morreu de repente, em 1782, e foi enterrado na egreja do mosteiro de Refojos de Basto, que elle e seus descendentes haviam beneficiado.

Os filhos, apenas morreu seu pae, revolveram todos os cantos da casa, em busca do thesouro, mas só encontraram um papel escripto pelo capitão-mór, que dizia:—*Póde ser que a pobresa vos não corrija; mas a riqueza de certo vos faria tigres. Eu não morrerei com o remorso de vos deixar nas mãos o peior instrumento dos preversos, que é o oiro não adquirido com o proprio suor.*

Os filhos blasphemaram do pae, e foram a casa do filho do antigo depositario saber do cofre; mas, como este lhe disse que o pae o tinha levado, tornaram a sua casa e amarraram o velho feitor, de pés e mãos, ameaçando-o de o não soltarem, sem que elle lhes désse conta dos 300:000 cruzados. Finalmente, depois de muitas e baldadas instancias, soltaram o velho, que fugiu logo da terra, sem ninguem mais tornar a saber d'elle, deixando vehementes suspeitas de ter fugido com o thesouro.

Ficavam pois reduzidos a uns cinco ou seis mil cruzados, que lhes rendiam sete quintas que o pae lhes deixára.

Christovam Pacheco de Andrade—o morgado—ficou na sua quinta, chamada *Real de Oleiros* (onde haviam nascido e seu pae fallecêra) engolphado em toda a casta de vicios e dissipações.

O filho segundo, Sebastião Pacheco de Andrade, foi para Lisboa requerer um emprego, de D. Maria I; e, como nada conseguisse, entregou-se aos vicios e á vadiagem, morrendo pobre e deshonrado.

O morgado, não achando senhora honesta que o quizesse, casou com uma criada, de quem tinha um filho (Pedro d'Andrade) e morreu de 50 annos, em uma modesta mediania, restos da sua grande fortuna.

Este homem, apesar de desprezar os frades e zombar da religião, mandára educar seu filho christãmente, por um religioso benedictino, com quem tinha parentesco.

Sabendo da morte do pae (o que lhe causou prazer), veio para sua casa, que administrou, ainda sob tutella, mas como homem sério e morigerado; em vista do que, casou com uma senhora nobre, e com 20:000 cruzados de dote (8:000$000 réis) com os quaes desempenhou a sua casa, vivendo como homem de bem, por espaço de alguns annos.

Quando o exercito liberal entrou no Porto, em 1832, era elle ainda muito novo, e capitão de milicias. Foi para o cêrco d'aquella cidade, onde se portou valentemente; mas perdeu na vida dos acampamentos, todas as suas virtudes domesticas, e voltou a Mondim tão máo como fôra seu pae. Sua mulher fugiu-lhe para a casa paterna, com um filho de 5 annos, chamado Alvaro de Andrade.

A casa de Pedro de Andrade, já estava onerada com as dividas que contrahira durante a guerra civil, e elle ainda mais a empenhou, levantando muitos contos de réis, com os quaes se foi estabelecer em Lisboa, em 1836; e até 1843, praticou alli toda a casta de extravagancias, até que n'este ultimo anno, a 25 de julho, roubou uma menina, chamada Maria do Carmo, sobrinha de uma velha criada da casa real, das que habitavam no palacio da Ajuda; abandonando-a no fim de quatro dias, e deixando-a immersa na dor mais atroz, e no mais sincero arrependimento. [1]

O fidalgo, depois d'este seu ultimo cri-

[1] Os que desejarem saber esta historia

me, voltou a Mondim, na intenção de vender todas as suas propriedades; mas foi assassinado com dois tiros, á porta de sua casa, á meia noite de 2 de agosto do mesmo anno de 1843.

Seu filho, que tinha então 11 annos, vivia com sua mãe em casa dos parentes d'ella, e achando-se pobre, e desprotegido da familia que lhe amargurava o sustento, foi viver com sua mãe, em um casebre d'esta freguezia, com o ordenado de 240 réis diarios, como amanuense de um escrivão.

—

José Maria Guimarães (o *brasileiro*) soube do abbade da freguezia toda esta historia de lagrimas e crimes. Era homem de poucas lettras, mas de um optimo coração, e prometteu ao abbade, de arrancar Alvaro de Andrade á miseria, sem o humilhar.

Annunciou-se a venda da quinta de *Real de Oleiros* e suas pertenças, a requerimento dos crédores. Guimarães cobriu todos os lanços, e ficou com a propriedade por alto preço, pagando logo a sua importancia, e mandando logo reedificar o palacéte arruinado.

Não tenho remedio senão copiar textualmente o final da historia do sr. Camillo Castello Branco.

«O proprietario (Guimarães) fazendo-se encontradiço com o amanuense do tabellião, disse-lhe:

—Ó senhor Alvaro, vá o senhor hoje, se não tiver que fazer, á quinta de Real, que temos que conversar a respeito de certos arranjos.

—Sim, senhor—disse Alvaro—quando v. s.ª quizer.

—Ás 4 da tarde; e leve tinteiro e papel, que não ha lá disso.

Á hora aprasada, entrou o bisneto do capitão-mór na extincta honra dos Pachecos e Andrades.

Já lá estava o brasileiro ás testilhas com os alvaneis. Assim que chegou o escrevente do tabellião, subiu com elle por entre um matagal de bravio, até ao alto de um outeirinho, onde se erguia um pombal, já descaliçado, mas, ainda assim, a porção menos esburacada, das pertenças da quinta, graças á fortalleza do tecto abobadado de pedra.

Havia dentro uma banca de granito, onde outr'ora os senhores de Real se desenfastiavam em merendas, depois das fadigas da caça, na tapada defeza. Já lá estavam duas cadeiras.

—Sente-se ahi, sr. Alvaro—disse José Maria Guimarães—e vá escrevendo.

—Prompto!—respondeu o escrevente, rodando a sibilante tarracha do tinteiro de chifre.

—Ponha ahi o nome dos pobres da freguezia, que não teem casa de seu.

Alvaro Pacheco escreveu trinta e quatro nomes; quedou-se um momonto, e perguntou:

—De todos os pobres que não teem casa?

—Sim, de todos os pobres que não teem casa propria.

—Então falta o meu nome. Somos trinta e cinco os pobres que não temos casa.

E escreveu: *Alvaro, escrevente de tabellião.*

—Muito bem—volveu o brasileiro commovido—sabe o que eu quero?

—V. s.ª o dirá.

—É ceder metade d'esta quinta aos pobres, para elles edificarem uma casa, com seu quintalejo; já se vê que sou eu que pago as obras das casas; e, visto que o sr. Alvaro é um dos trinta e cinco pobres, escolha o local onde quer a sua casa feita. A escolha do local é sua; ora agora, o feitio da obra, isso é cá por minha conta.

—Os pobres acceitam, não escolhem—disse Alvaro.

—Mau!—replicou José Maria Guimarães—Mau! ou bem que somos francos um com o outro, ou não temos nada feito. Eu cá sou assim!

—Então quer v. s.ª...

—Deixemo-nos de *senhorias*. Eu sou filho de um almocreve, e neto e bisneto de burriqueiros; e o sr. Alvaro Pacheco é descendente de capitães-móres, a quem meus

circumstanciadamente, vejam o 4.º vol. das *Noites de Insemnia*, a pag. 15—ou a *Revista Universal Lisbonense*, de 1843, a pag. 23.

avós traziam presuntos de Melgaço, nas suas récovas de machos. Deixemo-nos de *senhorias*. Vamos á questão. Onde quer a sua casa?

—Aqui—disse Alvaro.

—Aqui no Pombal?!

—Aqui, porque fica sendo casa, e ao mesmo tempo memoria de ter estado n'este sitio um homem honrado.

—Ou dois—emendou o brasileiro—Dê cá um abraço, e vamos embora, que faz aqui frio.

E, no decurso do caminho, proseguiu:

—O sr. Alvaro, hade fazer-me o favor de se despedir do serviço do tabellião, se lhe não custar. Preciso de quem me represente n'estas obras, em quanto vou tratar de negocios a Lisboa. Eu cá lhe deixo as plantas das casas dos pobres, e o capital para o custeio das despezas.

O brasileiro voltou, passados seis mezes. Todas as cazas estavam já de parede e tecto, quando voltou, excepto a do pobre chamado Alvaro.

—Com que então a casa n.º 35, ainda não tem sequer os alicerces?—perguntou o bemfeitor.

—É porque o pobre n.º 35, não precisa tanto como os outros—respondeu o feitor.

—Então vou eu ser agora o fiscal das suas obras—tornou José Maria.

E, ao outro dia, fez convergir os melhores operarios para a bouça do pombal, e mandou arrazar a vivenda de centenares de andorinhas, que se esvoaçavam ao primeiro troar dos alviões e marrêtas.

Alvaro e José Maria, assistiam ao derrubamento do pombal, um tanto condoidos do esgazear das espavoridas habitadoras das ruinas.

N'isto, um pedreiro, esboroando com a alavanca um pedaço de parede, descobriu uma superficie escura, que se lhe figurou lousa.

—Que diabo de obra é esta de lousa, em parede de cantaria?—disse o alvenel.

O brasileiro abeirou-se da parede, apalpou a supposta lousa, e observou ao pedreiro, que era páu e não lousa, mandando socavar dos lados, e limpar a superficie do que quer que fosse.

—Isto é um caixote!—disse o mestre da obra—querem vossés vêr que o diabo as arma?

—Arma o que?—perguntou José Maria Guimarães.

—V. s.ª nunca ouviu dizer que os fidalgos de Real esconderam um thesouro, que nunca se encontrou?

—Já ouvi dizer isso. Atirem abaixo toda a pedra que está dos lados, e não embarrem no caixote. Cuidado lá com isso! sr. Alvaro, parece-me que vae assistir á ressurreição do melhor defuncto dos seus avós—bradou o brasileiro.

—Como?!—perguntou Alvaro, que vinha entrando no recinto do pombal.

—Venha vêr. Apalpe. Que é isso?

—Parece-me um caixote—disse o bisneto do capitão-mór.

—Não é, parece; é que é. Sabe o que lá está dentro? Sabe a historia dos trezentos e tantos mil crusados de seu bisavô?

—Ouvi dizer que...

—Que nunca appareceram. Apparecem hoje. Estão alli.

Alvaro de Andrade, que tinha encarado o infortunio de trinta annos, com intemerato aspecto, descórou em frente da tábua negra, que devia ter dentro uma cousa chamada, bem ou mal, a *fortuna*.

A este tempo, o caixote era apeado, suspenso entre quatro robustos braços.

—Oh! como pésa! gemeu um dos pedreiros.

—Pedéra não!—disse o brasileiro—trezentos e tantos mil crusados!

—Os rios correm para o mar, sr. Guimarães—observou o mestre d'obras.

—Que quer dizer, mestre?—perguntou o brasileiro.

—Que, se v. s.ª era rico, é agora riquissimo.

—Obrigado pelo conceito que faz de mim, mestre...—volveu José Maria, entre risonho e agastado.

—Ó meu senhor, pois eu...

—Suspeita-me de ladrão...

—Valha-me Deus!... o que apparecer em terra de v. s.ª, seu é.

—E esta terra é minha? Pois não sabe que este chão é d'este pobre, que se chama Alvaro?

—Ó sr. Guimarães!... exclamou o filho do ultimo senhor da honra de Real d'Oleiros; e não pôde articular outra expressão.

—Vamos! — acudiu o brasileiro — para onde é que vae o thesouro de seu avô, sr. Alvaro Pacheco d'Andrade, sr. barão, sr. visconde, sr. conde, sr.... Quer mais? Dê as suas ordens.

José Maria casquinava uma risada de elevada intelligencia, em quanto os obreiros, rodeando o caixote, se embasbacavam, uns nos outros, e todos no rosto d'Alvaro, com a mais sincera e respeitosa estupidez.

Novamente instado, para dizer onde o caixão devia ser levado, Alvaro, respondeu:

—A minha mãe, que sabe o que são pobres.

—

E os primeiros pobres, que, relativamente enriqueceram nas aldeias convisinhas, foram os descendentes dos irmãos d'aquelle feitor, que muitos alcunharam de fugitivo ladrão do thesouro do capitão-mór, e que se fôra morrer longe d'alli, e obscuramente, receoso de ser novamente martyrisado pelos filhos de seu amo.

Alvaro Pacheco d'Andrade, n'este anno de 1874, tem quarenta e nove annos, e é conhecido pelo fidalgo de Real d'Oleiros.

Aquella senhora, de tez morena, com cinco formosos filhos, que brinca á volta de outra senhora, de setenta annos, é a esposa d'Alvaro, e filha de José Maria Guimarães. A dos cabellos brancos, que lhe alvejam na fronte, como a corôa de açucenas de uma santa, é a viuva d'aquelle galhardo e infausto D. Juan, assassinado em 1843.

O sacerdote ancião, que parece ser da familia, é aquelle abbade que nos leu a *Revista Universal Lisbonense*, e a quem eu devo e agradeço os commentarios ao fogoso e pungente artigo, que me parece ser do meu presado mestre e adorado amigo, visconde de Castilho.»

—

Peço perdão aos meus leitores, de tamanha digressão; mas parece-me que, para muitos d'elles, não será aborrecida a leitura d'esta historia, do nosso primeiro romancista.

MONDRÕES—freguezia, Traz-os-Montes, concelho, comarca e districto administrativo de Villa Real, 70 kilometros ao ENE. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 119 fogos.

Orago S. Thiago, apostolo.

Arcebispado de Braga.

Os monges jeronymos, do convento de Belem (Lisboa), apresentavam o abbade, que tinha 200$000 réis de rendimento.

É terra muito fertil. Muito bom vinho. Cria muito gado, de toda a qualidade.

Foi villa em tempos antigos. Estava perto de outra villa, chamada *Bisalianas*.

É situada nas faldas do monte do seu nome, antigamente chamado *Selarélios*, e junto do rio *Massados*.

Aqui teve uma fazenda *Audina*, ou *Godinha*, que a doou á Sé de Braga, em 1080. Consta do livro *Fidei*.

Hoje é uma freguezia, que foi commenda dos monges jeronymos de Belem.

Fica-lhe perto *Bisalhães*, aldeia de poucos visinhos. Passa por alli a estrada que vae para Villa Real.

Perto de Mondrões, em um alto, ha vestigios de antiquissimas muralhas. Hoje está n'elle o Calvario da Via-Sacra.

Este sitio, é que se chama propriamente Mondrões, e foi o que deu o nome á freguezia.

No fim do seculo XVII, mandou a camara de Villa Real, á Academia Real de Historia Portugueza, uma memoria, na qual, entre outras cousas, se lê com respeito a esta freguezia o seguinte:

«No alto d'esta freguezia, para a parte do poente, encostado ao sul, estão uns campos de terra lavradia, junto ao rio *Sôrdo*, pelo meio dos quaes vae a estrada real, para a ponte do mesmo rio chamada *Robães*, e, a um e outro lado da estrada, se acham, em varias partes, no meio dos campos, montes

de terra, mais empinados, e no cimo d'elles, umas *cabanas*, fabricadas de lages, mettidas na terra, e postas a prumo, em giro redondo, chegadas umas ás outras, e, no cimo de todas, uma lage redonda que as comprehende; e nos tempos antigos, toda a dita pedraria estava coberta de torrão, com muita grossura, e é antiga tradição, que era *obra de mouros, que lhes servia de recolhimento, n'aquelles campos.*»

Os vereadores da camara de Villa-Real, n'aquelle tempo, eram pouco versados em archeologia, e attribuiam aos mouros, como ainda hoje faz o vulgo, as obras dos celtas e dos romanos.

Os taes montes de terra com as *cabanas* de pedra, não são mais do que *mâmoas* celticas.

A existencia d'estes monumentos, dos tempos pre historicos, n'estes sitios, mostram evidentemente que elles são habitados ha mais de dois mil annos.

MONESTEIROL, MOSTEIROL, MOSTEIRÓ e **MOSTEIRO**—portuguez antigo—mosteirinho, pequeno mosteiro. Vem do latim *Monasteriolum.*—«*Facimus Kartam de haereditate nostra propria, quam habemus in Ripa Dorii, inter* Monesteirol, *et Sancto Veriximo.*» (Documento de Tarouca, de 1206.)

MONFORTE—freguezia, Beira Baixa, concelho, comarca, bispado e districto administrativo de Castello-Branco, 60 kilometros da Guarda, 255 ao E. de Lisboa, 310 fogos.

Em 1757 tinha 280 fogos.

Orago Nossa Senhora da Ajuda.

A esta freguezia, para se differençar das outras do mesmo nome, se chama *Monforte da Beira.*

A mesa da consciencia apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis de rendimento annual.

É terra fertil. Tem muita caça.

Em um alto proximo da povoação, ha vestigios de fortificações antigas, e foi o que deu origem ao nome da povoação.

MONFORTE—villa, Alemtejo, cabeça do concelho do seu nome, comarca, bispado e 24 kilometros de Elvas, 24 ao N. de Villa Viçosa, 160 ao E. de Lisboa, 240 fogos.

Em 1757, tinha 125 fogos a freguezia de Nossa Senhora da Graça: das outras duas que teve, trato adiante. Todas tres, tinham em 1757, 251 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Districto administrativo e 24 kilometros ao S. de Portalegre.

O concelho de Monforte comprehende 8 freguezias, sendo 7 no bispado de Elvas, que são—Algalé, Almúro, Monforte, Prazeres, Santo Aleixo, Vaiamonte, e Veiros—e uma no bispado de Portalegre, que é Assumar. Todas com 1:200 fogos.

—

A casa de Bragança apresentava o reitor, collado, que tinha 50$000 réis de congrua e o pé d'altar; e todas as tres freguezias, 600$000 réis.

Está a villa situada em um alto, do qual tomou o nome; e onde tem um castello, fundado pelo rei D. Diniz, em 1309. Tem 3 torres, além da de menagem, e da do relogio; 4 baluartes, cisterna, fossos, e cêrca de muralhas, com 4 portas.

É povoação muito antiga, provavelmente do tempo dos romanos, mas ignora-se quem a fundou, quando, e o seu primeiro nome.

D. Affonso I, que a conquistou aos mouros, em 1139, lhe concedeu, em 1140, grandes privilegios e liberdades. Foi destruida com as guerras, contra os mouros e castelhanos, e a tornou a povoar D. Affonso III, em 1257, dando lhe foral, em Lisboa, em maio d'esse mesmo anno, com os antigos privilegios e concedendo-lhe outros. (*Livro 1.º de doações,* de D. Affonso III, fl. 20, col. 2.ª, *in fine.*)—D. Manuel lhe deu novo foral, em Lisboa (conservando-lhe os antigos privilegios) no 1.º de junho de 1512 (*Livro dos foraes novos do Alemtejo,* fl. 32, col. 2.ª)

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 12.º—Esta freguezia é da casa de Bragança.

Tinha um convento de freiras franciscanas, da invocação do Bom Jesus, fundado e dotado por Fernão Ribeiro Montoso, natu-

ral d'esta villa, pelos annos de 1540. Foi supprimido depois de 1834.

Em uma coutada do termo, nasce o rio Aviz.

A 3 kilometros da villa, está a torre da Palma, solar dos Cerqueiras Cerveiras, junto á qual ha uma fonte, chamada da *Fornalha*, que sécca em setembro, e rebenta em maio.

Eram alcaides-móres de Monforte, os condes das Galvêias.

Tem por armas—escudo branco, com tres torres da sua côr, com seus corucheus, e sobre estes, 3 bandeiras brancas, cada uma com sua cruz encarnada.

O accesso a esta villa é difficil, principalmente pelo lado do norte.

O padre Carvalho faz d'esta villa a seguinte descripção:—«É similhante a uma galé—na pôpa está a torre de menagem do castello, com mais tres torres e quatro baluartes, cisterna, cáva, e cêrca, bem fortificada — á prôa, é a torre onde está o relogio, para a parte do sul, ficando toda ella cercada de muros, com quatro portas.»

Teve tres parochias—Santa Maria (Nossa Senhora da Graça) e dois priorados dependentes; S. Pedro, e Santa Maria Magdalena. Hoje estão todas annexas á primeira.

O parocho da freguezia de S. Pedro, era prior, tambem apresentado pela casa de Bragança, e tinha 150$000 réis de rendimento. Tinha esta freguezia, em 1757, 14 fogos.

Tambem era prior, e da mesma apresentação, o parocho da freguezia de Santa Maria Magdalena, e tinha 400$000 réis de rendimento. Tinha a parochia, em 1757, 112 fogos.

Tem casa de Misericordia e hospital.

Tem as egrejas de S. Pedro e Santa Maria Magdalena, e as ermidas de Nossa Senhora, S. Sebastião, S. Domingos, Espirito Santo, S. Gião, e Nossa Senhora da Conceição. Esta ultima, é um bello templo, bem ornado e servido, e onde concorrem muitas romagens d'aquelles arredores.

O termo de Monforte, é cortado por varias ribeiras. As principaes, chamadas *d'Aviz* e *Leça*, teem apraziveis margens, e regam campos fertilissimos, em que se cultivam muitas e bôas fructas.

Ha por aqui ricas herdades, com magnifica landre e bolota, onde se criam muitas varas de porcos. Alem d'este, tambem se cria bastante gado, de toda a qualidade.

Este termo, é fertilissimo em cereaes, legumes e vinho. Os seus montes criam muita caça, de toda a qualidade. Tanto de verão como de inverno ha nos arredores d'esta villa, excellentes melões, e os mais bonitos e melhores junquilhos amarellos da provincia.

No monte *Vaia*, proximo da villa, está um castello, que os portuguezes fundaram para resistir aos mouros, no mesmo tempo em que fundaram o castello e villa d'Aviz.

—

Em 22 de setembro de 1727 houve aqui um desacato. Um rapaz de 18 para 19 annos, chamado Luiz Rodrigues, roubou do altar do Santissimo Sacramento, da egreja de Nossa Senhora da Graça, a sagrada pixide, e comeu todas as hostias que continha, levando o vaso sagrado, e saindo da egreja, sem que ninguem désse por isso, senão no dia seguinte, quando o parocho foi dizer missa. Logo no mesmo dia (23) foi preso em Elvas, quando pretendia vender o vaso (que era de prata) ao ourives Manuel de Queiroz. Foi remettido a Lisboa, e, depois de sentenceado, no dia 23 d'agosto de 1728 (em uma segunda feira) foi levado á praça do Rocio, de Lisboa, arrastado á cauda de um cavallo, e em um alto póste se lhe cortaram as mãos e foi garrotado, e depois queimado, em castigo do seu sacrilego attentado.

—

Monforte é solar dos Mexias. Este appellido, que é muito nobre, veio de Hespanha, tomado da torre de Mexía, junto á cidade de Corunha, na Galliza, e da cidade de Troxillo, na Extremadura hespanhola.

D. Fernão Dias Mechia, cavalleiro castelhano, por ter feito uma morte, fugiu de Hespanha para Portugal, e veio fazer seu assento n'esta villa. É o tronco dos Mexias portuguezes.

Suas armas são—em campo d'ouro, 3 faxas azues—élmo d'aço aberto, e por timbre,

meio leão d'ouro, faxado com as tres faxas das armas.

Outros da mesma familia, usam d'estas armas, mas trazem por timbre, em logar do leão, uma onça (animal) de ouro, tambem com as tres faxas das armas.

Na *Chronica* de D. João III, se menciona um Affonso Mexia, védor da fazenda da India, e capitão de Cochim. Este tinha as mesmas armas, mas, por timbre, uma torre, e n'ella uma onça d'ouro, faxada d'azul.

MONFORTE DO RIO LIVRE — pequena villa de Traz-os-Montes, no concelho e comarca de Valle-Paços.

A pag. 63 do 4.° vol., quando tratei da freguezia de *Lebução*, a que esta está annexa, fallei em Monforte do Rio Livre; aqui direi o mais que pertence só a esta villa, que fica 15 kilometros a E. de Chaves.

Monforte do Rio Livre, era uma antiga freguezia do arcebispado de Braga, que, com outras, foi formar o bispado de Miranda, hoje Bragança.

Tinha por orago, S. Pedro, apostolo: o real padroado apresentava o abbade, que tinha 870$000 réis de rendimento annual. Tinha a freguezia, em 1757, 14 fogos.

Teve foral velho, dado por D. Affonso III, em Lisboa, a 4 de setembro de 1273. (Gaveta 15, maço 11, n.° 49—*Livro 1.° de doações* de D. Affonso III, fl. 125, col. 2.ª) Foi este rei que a fez villa, quando lhe deu o foral.

Veja se tambem o *Compromisso* de 13 de abril de 1278, e o *Regimento*, dado no Porto, a 16 de dezembro de 1483, sobre o seu foral, na gaveta 15, maço 24, n.° 6.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Santarem, no 1.° de junho de 1512. (*Livro de foraes novos de Traz-os-Montes*, fl. 7, col. 2.ª)

Suppõe-se que o seu primitivo castello, era obra dos romanos. Destruido com as continuas guerras dos nossos cinco primeiros reinados, D. Diniz, pelos annos de 1312, lhe mandou construir (com os materiaes do antigo) um novo castello, de cantaria, muito forte para aquelles tempos, com uma alta e robusta torre de menagem. Mandou cercar a povoação, de muralhas de alvenaria, com alguns baluartes. A cêrca está desmantelada, e apenas o castello se conserva em melhor estado.

Está esta freguezia, entre os rios Tâmega e Ragua.

Não é muito fertil em cereaes nem em vinho, mas produz muita castanha e cria muito gado, especialmente vaccum. Fabrica-se aqui optima manteiga de vacca.

Ainda tem a sua antiga casa da camara, cadeia e pelourinho, e é uma das mais populosas freguezias da comarca.

A freguezia de Fiães, esteve algum tempo annexa a esta.

D. Jeronymo Contador de Argote diz, no liv. III, cap. V, pag. 497 das suas *Memorias do Arcebispado de Braga*, que, entre uma montanha, chamada *Cotta de Mayros*, no termo de Monforte do Rio Livre, e o logar de Villa Frade, no termo de Chaves, e muito perto d'este ultimo, existem as ruinas de uma grande povoação, de que ainda apparecem grande parte dos muros levantados, e no recinto que elles cercam, alicerces de casas, por entre matagaes e arvoredos.

Dizem uns que são os restos de uma cidade romana, e outros, que o são de uma cidade arabe.

O archeologo, Thomé de Tavora e Abreu, que examinou estas ruinas, no primeiro quartel do seculo XVIII, diz que é obra dos romanos; porque a pedraria das muralhas é toda muito bem lavrada, unida e forte, e com boa fórma, e tudo muito mais perfeito do que as obras mouriscas d'esta natureza; de mais a mais, os mouros, possuindo pouco tempo esta provincia, não tiveram tempo de edificar grandes e custosas povoações.

O povo dá a estas ruinas o nome de *Troia*, e é tradição constante que foi uma grande, rica e famosa cidade dos antigos.

Por estes sitios ha em muitas partes innumeros vestigios de povoações e fortalezas, que existiram em tempos remotos. (Vide *Nogueira*, do concelho de Chaves.)

MONFORTINHO—freguezia (supprimida) Beira Baixa, concelho e comarca de Idanha a Nova, 80 kilometros da Guarda, 250 ao E. de Lisboa. Em 1757 tinha 5 fogos!

Districto administrativo, bispado e 5 kilometros a E. de Castello Branco.

Quando era freguezia independente, tinha por orago Nossa Senhora da Consolação.

O vigario de Salvaterra do Extremo (a cuja freguezia esta está annexa) apresentava o cura, que tinha 30$000 réis de congrua e o pé d'altar, que era insignificantissimo.

Esta pequenissima freguezia está situada na raia, e separada da Extremadura hespanhola pela ribeira *Elgas* ou *Ergéa* (que nasce em Monfortinho) até entrar no Tejo.

Em 24 de julho de 1809 houve aqui um combate com os francezes, sem grandes resultados. Os francezes avançaram para Almeida.

Fonte Santa, ou *Caldas de Monfortinho*

Na serra de *Pena-Garcia*, ramo da da Estrella, que entra por Hespanha, tem a sua origem a famosa *Fonte-Santa;* nome que lhe deu o povo, em razão das virtudes medicinaes das suas aguas.

Da sua nascente é conduzida a agua mineral por um cano, que na falda da serra termina em um tanque, que está dentro de uma pequena casa de abobada, que, segundo a tradição, foi mandada fazer pelo infante D. Francisco. Não sei porque, esteve esta casa muitos annos abandonada e em ruinas.

Estão sobre a margem esquerda do Elgas, em sitio deserto, a 7 kilometros de Monfortinho.

Foi no seculo passado muito concorrida a *Fonte-Santa,* de doentes de Monfortinho, Monsanto, Pena-Garcia, e outras povoações, e até de muitos hespanhoes, que viviam aqui em cabanas feitas de ramos de arvores, em que o sitio é abundante.

O pessimo estado dos banhos, a falta de casas para habitação dos frequentadores, e de estradas que alli conduzam, motivaram o abandono d'estas thermas; preferindo os doentes, outras em melhores condições.

Em março de 1875, o representante de uma empreza britannica, esteve em Lisboa, conferenciando com o governo portuguez, para construir um estabelecimento (thermas) em todas as condições exigidas pela arte.

Esta empreza destina 300:000$000 réis para o edificio dos banhos e suas dependencias; mas exige que o governo mande fazer o caminho de ferro da Beira Baixa.

Se isto se levar a effeito, o que muito é para desejar, é mais um manancial de riqueza publica, e mais um recurso para os doentes a quem estas aguas possam aproveitar.

Não foram á exposição de Paris de 1867. Terei de me restringir ao que diz o dr. (medico) Fonseca Henriques, no seu *Aquilegio Medicinal*, a pag. 43 e seg.

Segundo elle:—as aguas da Fonte Santa são claras, salutiferas, excellentes para beber, sem cheiro ou sabor extranhos. Os reagentes nada mostram que dê os mais remotos indicios de haver ferro, em qualquer estado de dissolução. Não contéem acido algum livre, nem enxofre, nem gazes, por qualquer modo combinados; nem no leito de areia grossa e cascalho por onde corre, nem no cano deixa deposito de lodo ferruginoso.

O calor que tem no tanque não excede 68° de F., ou 16° de R.; é portanto tépido.

O dr. Sanches diz que *estas aguas estão frigidissimas ao meio dia, tornando outra vez á sua tepidez, ao sol posto.*

Ou foi mal informado, ou estas aguas perderam esta propriedade *singular*.

Actualmente (e provavelmente sempre) conservam a sua temperatura em todas as horas do dia e da noite.

MONGE—deu-se primeiramente este nome ao varão que se dedicava á solidão, ás lagrimas e á contemplação das coisas celestes e eternas; retirando-se totalmente das da terra, buscando d'ella só um grosseiro alimento, adquirido pelo suor do rosto e trabalho de suas mãos.

Ao principio não tomavam parte nas funcções ecclesiasticas, nem tinham ordens algumas.

Depois se foram multiplicando estes cenobitas, e como muitos d'elles eram de grande illustração e todos de muita virtude, os bispos lhes deram ordens e os empregaram em doutrinar o povo, quando no clero secular não havia o pessoal sufficiente para este mister.

Em uma lei do imperador Arcadio, que vem no *Codigo Theodosiano*, se diz:—*Si quos forte Episcopi deesse sibi clericos arbitrantur, ex monachorum numero rectius ordinabunt.* Muitos outros padres da Egreja são d'esta opinião.

Correndo o tempo, em muitas cathedraes se tomou o exemplo de Santo Eusebio, bispo de Versailles e de Santo Agostinho, bispo de Hyponia, fazendo o prelado e o seu clero profissão monastica ou regular, emquanto ao desapego das coisas do mundo, vivendo em commum, sem bolsa particular, e servindo ao mesmo tempo em todas as obrigações de uma vida activa, para conservação e augmento da egreja catholica.

Não se sabe se antes da invasão dos serracenos na Lusitania e Galliza, em 716, havia, ou não, monges nas cathedraes. Sabe-se apenas, que, conquistada a cidade de Lugo, aos mouros, por D. Affonso, o catholico, em 740, n'esse mesmo anno foi Odoario, seu bispo, elevado a metropolitano de todas as dioceses da Galliza, que então conseguiram ser libertadas.

Desde então formaram os monges parte do clero da cathedral de Lugo, como se vê da *Hespanha Sagrada*, tom. 40.

Na larga doação que fez a rainha D. *Geloira* (Elvira) à Sé de Lugo, em 1071, depois de dizer que a egreja de Orense, até áquelle tempo sujeita a Lugo, fôra restaurada por seu irmão, o rei D. Sancho, que pôz n'ella, por primeiro bispo, a Heredonio —que Braga, assim como Orense, esteve até áquelle tempo sujeita a Lugo (da mesma sorte que Tuy o esteve a Iria ou a S. Thiago) —que a Sé de Dume, junto a Braga, esteve em poder dos bispos de Britonia. [1]—Que as Sés episcopaes de Coimbra, Viseu e Lamego (e outras que não declara), conquistadas por seu pae, mas, *in barbarico positæ*, não poderam ser providas de bispos, por fallecer antes de os nomear; mas que seu filho D. Sancho, restaurou as que pôde, pondo em Braga o bispo D. Pedro—em Lamego, outro D. Pedro—em Oca, Simeão—e em Samanon, Munio: passa a referida rainha, D. Geloira, a individuar os bens doados, declarando que são—*pro substentatione Monachorum et Deo militantibus sub Pontifice Domino Vestrario.*

Desde que o sol da liberdade santa illuminou a Peninsula, dissipando as trevas que a tinham obscurecido, durante o dominio dos sequazes de Mafoma, viveram os monges das cathedraes com habitação e mesa commum, como verdadeiros frades, emquanto a relaxação do espirito não os instigou a dividir as rendas.

Os claustros, que ainda se vêem junto das egrejas episcopaes, dão pleno testimunho de que os conegos viveram por muitos annos em communidade.

MONGES (serra dos)—monte, Alemtejo, na comarca, concelho e proximo de Montemór-Novo, 24 kilometros de Evora, 95 ao SE. de Lisboa, na freguezia do *Escoiral*. (Vide esta palavra a pag. 56 do 3.º vol.)

N'esta serra ha uma grande e riquissima mina de optimo ferro, propriedade da companhia ingleza *Palmer Haal & C.ª*, de New Castle.

Foi comprada toda esta serra, pela tal companhia, em março de 1871.

Dizem que o ferro d'esta mina é de qualidade superior ao de Bilbau (Biscaia) e pouco inferior ao da ilha de *Elba* (Italia) que é dos melhores ferros que se conhecem.

A companhia está empregando todos os esforços para o seu maximo desenvolvimento. Já embarca para a Inglaterra grandes quantidades, diariamente, não podendo a empreza enviar todo o minerio extrahido, pela falta de material circulante a proposito, na linha de Sueste; é o que se diz por parte dos interessados d'aquella empresa, e ha pouco repetido por uma respeitavel pessoa que não tem parte na direcção d'aquelles trabalhos; mas parece que em breve poderá triplicar a sua exportação, e para isso já está nas obras publicas o desenho e requerimento pedindo auctorisação para a construcção de um caes junto á ponte do caminho de ferro do sul, para mais facilitar o emarque do minerio, tendo para identico fim

[1] O auctor da *Hespanha Sagrada* pretende que a cidade de *Britonia* é a actual Mondonhedo, o que é erro crasso. (*Vide Britonia do Lima.*)

mandado vir um rebocador a vapor. Já tem duas locomotivas e muitos carros para a conducção do minerio até ao kilometro 80, onde se encontra com a linha do Sul.

É sempre agradavel ter de registar o desenvolvimento de qualquer industria importante no nosso paiz; principalmente quando tende a chamar a attenção para as grandes riquezas minerias, que jazem em abandono, pelo receio que os nossos capitaes teem de entrar em empresas d'esta ordem.

O governo tem todo o interesse em animar estas industrias, pelas innumeras vantagens que trazem comsigo, entre as quaes se tornam da maior consideração concorrer para evitar o cancro roedor da emigração de braços, augmentando a navegação no porto de Lisboa, conseguindo se a diminuição do saldo contra o paiz entre valores importados e exportados, saldo que tem de ser liquidado em especie metallica; finalmente, o desenvolvimento de outras muitas industrias mais pequenas, que nascem sempre das grandes industrias fundamentaes, dando assim logar ao augmento de materia collectavel.

MONGY—portuguez antigo — especie de gabão, de que usavam as mulheres portuguezas até ao seculo XVI.—*De hum mongy singelo, 20 réis.* (*Livro Vermelho* de D. Affonso V, n.º 51.)

MONICAS—Já a pag. 408 do 4.º vol., tratei d'esta casa de correcção. Aqui accrescentarei mais o seguinte, por desejar que em todo o reino se conheça a sollicitude com que são tratados os que vão para aquelle estabelecimento.

No *Correio do Sul*, n.º 129, de 10 de maio de 1874, se lê o seguinte:

«No dia 3 de tarde, visitámos a casa de correcção estabelecida no antigo convento das Monicas.

Maravilhou-nos o aceio, a boa disposição que se manifesta em todo aquelle importante estabelecimento, que tem por fim regenerar as creanças á beira do caminho da perdição.

Existem actualmente 71 rapazes, que frequentam a aula de instrucção primaria, que é uma sala vastissima, ventilada, guarnecida de diversos mappas.

Agradecemos a delicadeza com que o reverendo capellão d'aquelle estabelecimento, o sr. Joaquim Antonio dos Santos nos acompanhou na visita que fizemos á casa da correcção.

No estabelecimento ha quatro officinas, de sapateiro, alfaiate, esteireiro e carpinteiro.

A cerca está muito bem cultivada e tem uma estufa, que foi feita pelos reclusos.

A falta de espaço e de tempo inhibe-nos de fallar mais detidamente da casa de correcção, de que é zeloso director o sr. Pato Moniz.

—

Do *Jornal da Noite*, de 11 de maio de 1874, copiei o seguinte folhetim, escripto pela sr.ª D. Maria do Amparo.

Casa de correcção

Um mundo nascendo sobre as ruinas de outro, enfeitando-se aquelle com os andrajos despresados d'este, repassados e limpos como tunica de vestal, encanta o observador que entra na casa de correcção, antigo convento das Monicas.

Monicas é espelho real da vida, onde os seres que ahi se mirraram deixaram um traço visivel da sua passagem, e conjunctamente uma impressão immorredoura do seu espirito, que parece viver e fallar a quem o contempla, como as impressões deixadas na taboa rasa do espirito fallaram aos philosophos da antiguidade.

Entremos.

Canticos, harmonias, nuvens de incenso, aromas de flores, ruge ruge de sedas, brilho de fardas, negrura de becas, tudo isto indica a festa sublime, venerando a visita de Deus aos encarcerados menores.

N'este dia da communhão setenta e uma creanças ajoelhadas e contrictas, ouvida a missa e oração consagrada, recebem da mão do venerando ancião a hostia sagrada, seguindo o ministro de estado, o ministro ao altar, e apoz este a magistratura, a imprensa, o municipio, a industria, o commercio, tudo

o que de mais considerado existe na sociedade alli representada, e em volta o cortejo numeroso e selecto de damas, com aquella commovedora caridade e devoção, que tem grangeado um nome distincto ás senhoras portuguezas.

Era o dia de Santa Monica, 4 de maio. Esta Santa, dizia o orador sagrado, conseguiu pela educação rehabilitar seu perdido filho Agostinho, que foi depois um dos mais notaveis santos da Egreja.

As mães dos encarcerados aqui não seguiram o caminho de Monica; a educação em Portugal não está á altura da sua verdadeira missão.

Nós diremos que Monica tambem educou seu filho antes da perdição d'este; que muitos dos encarcerados não conheceram talvez mãe; e os que a tiveram boa, podiam ter a sorte fatal de Santo Agostinho.

Ha um fundo de verdade na affirmação do distincto orador.

Mas nós tambem cremos que existem em Portugal mães como D. Philippa de Vilhena, como a esposa de D. João I, como a virtuosa Maria II.

E podiamos citar exemplos de mães, que, similhante ás pombas, tiram o alimento da boca para sustento da educação dos filhos, ou de um salto se atiram do tronco ao abysmo em salvação de estremecidos filhinhos.

Baixando ao assumpto; é nossa crença que a educação da mãe em casa não basta, quando falta a educação da sociedade na rua, na officina, na escola, no theatro, nos meios onde vive, o educando perde n'uma hora, ás vezes, o trabalho de annos de educação.

Para conseguir-se a verdadeira educação é mister o auxilio de uma trindade poderosa: a religião a educar a mãe, a mãe a educar o filho, a sociedade a educar a todos.

Este principio foi certamente o que predominou na oração verdadeiramente christan, liberal e eloquentemente proferida pelo reverendo Garcia Diniz.

Deixemos o templo ricamente ornado, outr'ora abrigo de virgens professas que ganharam o ceu com resas e jejuns, hoje purgatorio de creanças que ganharão o respeito da sociedade pelo trabalho intelligente e digno, e o perdão de Deus pelo respeito ás leis humanas e divinas.

Entremos n'uma sala espaçosa. De um e de outro lado mesas adornadas. Por entre flores vêem-se os pratos de comida fumegante para a refeição do almoço. As paredes ainda armadas com os antigos paineis das monjas em molduras douradas, testemunhas da purificação de outr'ora, da regeneração de agora, e que parecem dizer-nos que no ceu agrada tanto esta educação pelo trabalho, que a propria Santa Thereza não teria pena de vêr o seu convento transformado em hospicio, apesar da tradicional exaltação do seu devoto e santo espirito.

Espera-nos a sala da aula, espaçosa, ventilada, alegre, onde os encarcerados aprendem diariamente a instrucção primaria, e noções da secundaria e profissional. Differentes mappas, livros, e o necessario para o ensino, alli se encontra, tudo bem ordenado.

As casas de officinas de escovas, sapatos, capachos, e mais industrias são espaçosas e commodas.

É nova e grande a sala da exposição dos productos fabricados. Era digna de attenção a exposição de flores, sapatos, capachos, que lá vendiam por preços relativamente baixos.

As salas de exercicio e banhos são de esmerado aceio e disposição. Arejados, grandes, limpos os dormitorios, ornados de camas de ferro, e mobilias especiaes para cada preso.

Nós preferimos para o descanço nocturno a cella separada ao dormitorio em commum; mas este desejo só póde ser realisado n'um edificio inteiramente novo, e construido para esse fim.

No entanto nos dormitorios em commum a Inglaterra, a França, e mais nações, sustentam durante a noite sempre a luz accêsa, resguardada convenientemente, e sentinellas girando constantemente pelos dormitorios com pés de lan, para não perturbarem o somno dos menores. Collocam ainda os

leitos d'estes de modo que a cabeça de um fique em frente dos pés do outro, e evitam assim a conversa, e os gestos durante a noite.

Obrigam os presos a deixarem fóra das portas dos dormitorios o fato que despiram. E conseguem d'este modo evitar as exhalações d'este junto dos leitos, e a fuga dos presos, porque ninguem foge nú.

Nos refeitorios collocam-nos de costas voltadas uns para os outros, e conseguiram d'este modo evitar os colloquios, os canellões, que os rapazes praticavam sempre ás horas da comida, embora no trabalho juntos tivessem occasiões de contacto.

Tem-se dito que a hora da comida é a mais difficil para sustentar a disciplina entre os rapazes.

Nós cremos na utilidade d'estas medidas, que a experiencia tem admittido.

Nas Monicas, a cêrca é um jardim, horta, pomar, ceára, combinando-se o bom gosto da arte com o encanto da natureza. Alli se ostenta a estufa com plantas mimosas, tratadas com muito esmero.

Das ruinas das Monicas resta apenas o bastante para recordar a geração que alli passou, e que deixou o santo aroma da sua vida a exalar d'aquellas cinzas.

Tudo resurgiu por encanto. As paredes sombrias estão claras de neve; o soalho puro e limpo póde servir de prato a um escrupuloso, segundo a phrase elegante do sr. Ayres de Gouveia, descrevendo a sua visita ás prisões de Hollanda, que diz ser a terra de mais aceio que visitou; a hera deu logar á cal; a andorinha substituiu a coruja, os paineis empoados, e traçados, apparecem lustrosos e novos; emfim a mão da Providencia, passando por alli, disse ao passado moribundo:—ergue te e caminha—o caminho tem sido e será a passos de gigante.

Era numerosa, escolhida e honrosa a concorrencia na casa de correcção. Foi justa homenagem. A casa tem apenas sete a oito empregados, e insignificante verba no orçamento. A todos e ao sr. Pato Maniz, director, se deve o estado da boa harmonia encontrada.

Mas a fundação e prosperidade da casa de correcção, salvo a iniciativa de differentes ministros da justiça, é unicamente devida aos srs. conselheiros Faria Azevedo, e Henrique ÓNeil.

Estes zelosos funccionarios do estado, foram para a casa de correcção, o que é um pae pobre que tem de montar e regular casa aos filhos que vão constituir familia.

Trabalhando, pedindo, investigando, comprando aqui barato, escolhendo alli melhor, reparando além um quadro, fazendo erguer depois um muro, o tecto, emfim andando sempre, e creando regulamentos internos, que podem competir com os de *Westminster*, *Mettray*, *Jeunel Deteuus*, se tem conseguido fazer da casa de correcção um estabelecimento modelo.

E vae mais longe o sr. Faria Azevedo: visita diariamente a casa, ordena, dispõe, aconselha, perdoa, consola, trabalha, e tem concentrado alli os seus cuidados, pelos quaes o paiz lhe será justamente agradecido.

Nós folgámos de vêr tão lustrosa concorrencia na casa de correcção; e ainda mais da attenção com que mulheres e homens investigavam tudo.

É este um symptoma d'um futuro novo que terá a penalidade em Portugal.

Minhas senhoras e cavalheiros, sigamos o exemplo da Escocia, da Allemanha, e mais nações. O criminoso é um peccador social. Regenera-se para a sociedade pela pena, como para a religião pela penitencia.

As cadeias e as escolas são estabelecimentos de applicações pias. A escola instrue e evita a cadeia; esta ensina e regenera auxiliando aquella.

A escola ha de matar a cadeia, e n'esse dia a humanidade será grande.

Mas até lá sejamos enfermeiros dos encarcerados, que a doença do espirito não é menos perigosa que a do corpo.

Nós, que somos irmans de confrarias, de associações religiosas, irmans de Maria e do Coração de Jesus, sejamos irmãs dos nossos irmãos, e convençamos-nos todos de que a esmola do espirito e do dinheiro offertada para a instrucção e regeneração, é por Deus

mais querida, do que a applicada em grandezas do culto.

Resavam os apostolos cobertos de andrajos; e Deus, todo sabedoria, só póde desejar homens instruidos que o comprehendam e adorem, e não ignorantes que o temam e olvidem.

Formemos associações que derramem a instrucção e a religião nas prisões. Em breve teremos as penitenciarias a funccionar; e se associações particulares não auxiliarem o estado, ensinando e regenerando, o resultado será nullo, até porque será difficil encontrar de prompto pessoal habilitado para entrar em exercicio nas cadeias penitenciarias.

Em Escocia as associações estão adiantadas a ponto que fundam á sua custa cadeias, custeiam-lhe as despezas, administram e governam, tendo o governo inglez apenas a inspecção e o poder de determinar os regulamentos geraes.

A lei de cadeias, do sr. Barjona de Freitas, que em 1867 creou as penitenciarias, organisa tambem as commissões de beneficencia para as cadeias.

Criemos nós as irmans de caridade para as prisões, e as confrarias e irmandades protectoras dos condemnados.

Dêmos as esmolas, dêmos a consolação e a instrucção. Portugal, que passa por paiz caridoso, não desamparará a caridade na cruzada da moderna sociedade.

Dá aos pobres, e terás um thesouro no céo—dizia S. Marcos, repetindo as palavras de Jesus.

MONJA—portuguez antigo—Monica, nome proprio de mulher. (Documento de Maceira-Dão, dos seculos XV e XVI) Tambem se dava o nome de *monja*, á freira benedictina e de outras ordens. Vide *Monje*.

MONSANTO—villa, Beira Baixa, comarca e concelho de Idanha Nova, 60 kilometros da Guarda, 6 a SSO. de Penamacôr, 240 a E. de Lisboa, 6 da raia de Hespanha, 430 fogos.

Em 1757, tinha duas freguezias (como abaixo direi) actualmente tem só a do Salvador.

Bispado, districto administrativo e 35 kilometros a N.E. de Castello-Branco.

O prior da freguezia do Salvador, era apresentado pelos marquezes de Cascaes, e tinha 700$000 réis de rendimento annual. Tinha em 1757, 276 fogos.

O prior da freguezia de S. Miguel (ha poucos annos unida á antecedente) era da mesma apresentação, e tinha 200$000 réis de rendimento annual. Em 1757, tinha esta freguezia 29 fogos.

—

Está esta villa situada sobre o plató de um aspero e elevado monte, em frente do castello de Trebejo (Extremadura hespanhola.)

Tem um castello de robusta construcção, mas alguma coisa arruinado, mandado edificar por D. Gualdim Paes de Marecos, grão-mestre dos templarios (vide Braga) em 1239.

Era um concelho antiquissimo, com 1200 fogos, que foi supprimido em 1853.

Foi praça d'armas. Dentro dos seus fortes muros, tem pomares e hortas, e abundancia de agua nativa, pelo que, facilmente póde sustentar um assédio, por muito tempo, se as suas fortificações se reedificarem.

Na villa ha muitas fontes. (Uma d'ellas, sécca no inverno e é abundante no verão.)

É tradição que os romanos, commandados por o consul Lucio Emilio, lhe pozeram cêrco, pelos annos do mundo 3854 (150 antes de J. C.) no tempo do grande Viriato—o antigo—levando sete annos a conquistar.

Supponho que esta tradição não é de todo o ponto verdadeira. Seria, durante *sete annos* atacada por differentes vezes, porque era impossivel resistir tanto tempo sitiada.

Os lusitanos só depois de mortos quasi todos os homens validos, e quando pouco mais restava do que velhos, mulheres e creanças, é que se submetteram ao jugo dos romanos, e depois de terem vencido e desbaratado, em batalhas sanguinolentas, os melhores generaes da soberba republica.

Marco Elio, Cneyo Sempro-

nio, Marco Censorino, Scipião Nasica, *Lucio Emilio* Paulo, Cayo Catinio, Cayo Calfurnio, Pison, Lucio Quincio Crispino, Publio Manlio, Lucio Posthumio, Tiberio Gracho, Marco Manilio, Terencio Varro, Lucio Mumio, Quinto Fulvio Nobilior, Marco Atilio, Servio Galba e Locullo, todos guerreiros famosos, commandando legiões bravas e disciplinadas, foram derrotados pelos valorosos lusitanos, sobre tudo, pelos indomaveis habitantes do *Herminio Maior*. (Estrella.)

Só a traição os pôde vencer!

Galba, atrahindo-os a um *convenio*, apanha os lusitanos desarmados, e manda degolar 9:000!

Cara, porém, pagaram a sua traição infame, porque Viriato fez nos romanos continuos e horrorosos destroços.

O proprio governo de Roma, *fingiu* não gostar da perfidia de Galba, e o fez substituir por Marco Velilio.

Continúa a tradição resando que—no fim dos sete annos, faltos os cercados de todos os recursos, decidiram morrer, vendendo caras as suas vidas, e sahindo do castello, atacaram os inimigos, fazendo n'elles terrivel mortandade, até morrerem na peleja.

D. Affonso I, povoou a villa, e lhe deu foral, em Coimbra, no mez de abril de 1174, que seu filho, D. Sancho I, confirmou, em 1190, e seu neto, D. Affonso II, em outubro de 1217. (Maç. 12 *de Foraes Antigos*, n.º 3, fl. 3 v., col. 2.ª—*Livro de Foraes antigos, de leitura nova*, fl. 34 v., col. 2.ª)

D. Manuel, lhe deu foral novo, e fez villa, em Santarem, no 1.º de junho de 1510. (*Livro de Foraes novos, da Beira*, fl. 7 v., col. 1.ª)

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 14.º

Consta que, despovoada, com as guerras do tempo de D. Affonso Henriques, foi repovoada por D. Sancho I, em 1190 (quando lhe confirmou o foral), dando-lhe o nome de *Monte Sagro* (ou *Sacro*), que depois se corrompeu em *Monte Sancho*, e por fim, no actual.

Parece-me mais verosimil, que o primittivo nome d'esta povoação (ou o que os romanos lhe deram), foi *Mons Sacrus*, que, traduzido em portuguez, vem a ser o actual.

Tambem alguns escriptores dizem que, tendo vivido n'este monte Santo Amador, anacorêta, o povo principiou a chamar a este sitio *Monte do Santo*, ou *Monte Santo*, que facilmente, e por contracção, mudou para *Monsanto*.

Os ossos de Santo Amador, ainda se conservam em um cofre, na antiquissima capella de S. Pedro—de Vir-a Corça—edificada na raiz do monte.

Este santo é de grande devoção para os povos de Idanha-Velha (que fica proxima), de Monsanto e de outras localidades.

Este anacorêta viveu em eras mui remotas (provavelmente no tempo dos godos), e talvez que fosse o fundador da capella de S. Pedro.

Em 1640, o licenceado, Miguel Freire Machado, prior da freguezia de S. Miguel, d'esta villa, publicou, fundando-se na tradição constante, a *Vida de Santo Amador*.

É tradição que o nome de *Vir-a-Corça*, provem de que, ao eremiterio do santo, vinha uma corça, amamentar um menino que elle achára e trouxe para o seu retiro, onde o educou e instruiu.

Este menino, veiu depois a ser sacerdote, confessor do anacorêta, e lhe assistiu ao passamento.

Tem Misericordia e hospital, e sete ermidas.

Ha entre os castelhanos o seguinte adagio:

> Monsanto, Monsanto,
> Orejas de mullo;
> El que te gañar,
> Gañar puede al mundo. [1]

[1] Os castelhanos chamavam *orelhas* de

D. Luiz d'Haro, 1.º ministro de Filippe IV, lhe poz cêrco, em 1658, mas os portuguezes o fizeram levantar vergonhosamente.

Em 11 de junho de 1704, o general portuguez, marquez das Minas, derrotou junto a esta praça o exercito hespanhol e francez, commandado por *D. Francisco Ronquillos*. O nosso general ficou ferido em uma das mãos e no rôsto.

Tivemos 50 mortos e feridos; e os inimigos, tiveram mais de 300 mortos; e feridos ou prisioneiros, 150 officiaes, e grande numero de soldados, tomando-se-lhes 6 bandeiras, todas as bagagens, e muitissimas armas, barracas de campanha, material de guerra, etc.

A 2 das kalendas de dezembro, da era de Cesar 1203 (1165 de Jesus Christo), D. Affonso Henriques e seu filho, D. Sancho (depois 1.º do nome), doaram aos templarios, a cidade de Idanha a Velha e a praça de Monsanto.

Tem por armas—uma aguia, com uma esphera armillar ao lado. (As suas antigas armas, era uma aguia—parece que do tempo dos romanos—D. Manuel lhe augmentou o seu emblema—a esphera.)

Teve condes, cujo titulo está extincto. (Para a sua genealogia, vide *Castanheira*.)

—

Foi senhor de Monsanto, D. Manuel de Castro, descendente de D. Joanna de Castro, e de D. João de Noronha e Dantas, filho do infante D. Affonso (filho de D. Henrique II, de Castella), conde de Gijon e Noronha, que foi casado com a infanta de Portugal, D. Isabel, filha do rei D. Fernando.

O primeiro d'esta familia que veiu a Portugal, em 1340, foi D. Alvaro Pires (ou Peres) de Castro, filho de D. Pedro Fernandes de Castro, e irmão de D. Ignez de Castro, mulher de D. Pedro I, de Portugal. Veiu, com sua irman, na comitiva de D. Constança, filha do duque de Penafiel, marquez de Vilhena, e 1.ª mulher do infante D. Pedro. (depois 1.º)

D. Pedro I (outros dizem que seu filho, D. Fernando), fez D. Alvaro Pires de Castro condestavel de Portugal (foi o 1.º que teve n'este reino aquelle titulo), conde de Arraiolos, e alcaide-mór de Lisboa, e d'outros castellos.

Casou com D. Maria Ponce de Leão, e tiveram D. Pedro de Castro, senhor do Cadaval, que casou com D. Leonor Telles de Menezes, filha de D. João Affonso Telles de Menezes, 5.º conde de Barcellos.

Tiveram, entre outros filhos, D. Fernando de Castro, que casou com D. Isabel d'Athaide. Foi filho d'estes.—*D. Alvaro de Castro, 1.º conde de Monsanto*, feito por D. Affonso V (de quem era camareiro-mór), pelos annos de 1470.

Casou com D. Isabel da Cunha, filha de D. Affonso, senhor de Cascaes, e de D. Branca da Cunha, neta paterna de D. Pedro I e de D. Ignez de Castro.

Foi seu descendente, por linha recta masculina, D. Alvaro Pires de Castro, 6.º conde de Monsanto, feito 1.º marquez de Cascaes, por D. João IV, em 19 de novembro de 1643.

O marquezado de Cascaes, e os condados de Monsanto e Vidigueira, uniram-se ha muitos annos ao marquezado de Niza.

Dèsde a morte do ultimo marquez de Niza, D. Domingos Francisco Xavier Telles da Gama e Castro Noronha Athaide Silveira e Sousa, é representante d'esta nobilissima familia, o sr. D. Thomaz Xavier Telles Castro da Gama Athaide Noronha Silveira e Sousa, conde da Vidigueira.

As armas d'esta familia, são—seis aroellas azues, em campo de prata—timbre, meio leão d'ouro.

—

O termo d'esta villa, é fertil em cereaes, vinho, azeite, legumes, fructas e hortaliças. Cria bastante gado, e nos seus montes ha abundancia de caça.

O caminho que conduz para a villa, vae subindo pelo dorso do monte, com muitas voltas e rodeios, e por entre áspera penedia.

Como por toda a montanha ha innumeraveis nascentes d'agua, os arrabaldes da villa são compostos de hortas e pomares, e bonitos.

—

mullo ao castello, por causa de dois grandes e agudos penêdos que ha junto d'elle.

Monsanto é ainda considerada praça de guerra, de 2.ª ordem, e tem guarnição de veteranos, tendo por governador um tenente-coronel.

Pela sua posição em uma eminencia alcantilada, e de facilima defeza—na extremidade do reino; pela circumstancia de ter dentro do seu castello um abundante poço d'agua nativa, de bôa qualidade; e pela robustez das suas fortificações, que sem grandes despezas se punham em optimo estado de defeza, e de serem guarnecidas por um diminuto numero de soldados; dever-se-hia curar de concertar as suas muralhas e baluartes, modificando-os segundo a hodierna arte militar, de fórma a poder resistir com vantagem a artilheria mais aperfeiçoada.

—

A imagem mais antiga d'esta villa, é Nossa Senhora do Castello, que consta ter sido mandada fazer por D. Gualdim, quando construiu a fortaleza.

A primeira casa da Senhora, era uma pobre e pequena ermida, onde apenas caberiam 12 pessoas. Fóra da capella havia um alpendre com um pulpito, e a casa da *erimitôa.*

Em 1694, os devotos construiram a Nossa Senhora do Castello um templo mais rico e vasto. A irmandade que já havia, da sua invocação, tambem concorreu muito para esta obra.

A santa imagem foi para a sua nova casa, em 1700.

Pretendiam os devotos fazer d'este templo o mais sumptuoso da provincia, o que não conseguiram, porque os castelhanos, entrando na villa em 1704, a saquearam, deixando os seus moradores reduzidos a grande miseria.

Fernão Lopes, natural do Monsanto, hindo para a India, em 1600, foi o seu navio a pique com um temporal, sendo elle o unico que se salvou, n'uma tabua, por ter recorrido á protecção de Nossa Senhora do Castello, desembarcando são e salvo na cidade da Bahia. Em reconhecimento d'este milagre, lhe mandou da India, em 1620, um riquissimo ornamento de setim branco, todo bordado e franjado a ouro, com alcaxofras e ramos de muito primor e custo. É um frontal, panos do pulpito e da estante, e casúla; um calix, com seu véu e bolsa; galhetas, e toalhas para o altar, com guarnições de *palheta* d'ouro.

Outro successo se conta por tradição constante n'esta villa: é o seguinte.

Um individuo d'aqui, foi a uma horta, junto ao sitio chamado n'aquelle tempo *Lages do Pendão*, onde diz o povo que os mouros deixaram grandes thesouros encantados, e alli achou grande quantidade de peças de ouro e prata. Querendo aproveitar-se d'estas riquezas, pegou em uma campainha, que estava presa a uma cadeia e, tangendo-a, lhe appareceu uma moura, que correu atraz d'elle; e vendo-se o homem em taes apertos, disse:—«Nossa Senhora do Castello me valha!»—Então a moura parou, dizendo:—«Essa *capelluda* te valha.»—O homem offereceu a campainha a Nossa Senhora, e esteve na sua capella, desapparecendo em 1690, sem se saber quem a roubou.

O povo attribue a esta imagem muitos milagres, e em occasião de calamidades, a levam em procissão, á egreja do Salvador, implorando o seu patrocinio.

—

O templo de Nossa Senhora do Castello era a matriz da parochia, que era muito pequena, e estava toda dentro do castello. Com o andar do tempo, foi crescendo a população, e se foi fazendo extra-muros um grande arrabalde, que actualmente é a verdadeira villa.

Os habitantes do arrabalde, construiram n'elle uma bôa egreja, dedicada ao Salvador do Mundo, que depois foi feita matriz da freguezia.

—

Ha n'esta freguezia a capella de São Domingos, tambem tão antiga, que não ha memoria de quem a fundou.

É santo de muita devoção d'este povo.

—

A capella de S. Lourenço, tambem é antiquissima. Diz-se que é fundação de D. Gualdim Paes.

—

No *Valle da Azenha*, que é uma formosa

veiga, de 6 kilometros de comprido por tres de largo, cortada pelo rio Ponsul, e a 6 kilometros da villa, está a capella de *Nossa Senhora da Azenha* (por estar edificada proximo de uma azenha.)

É esta capella muito frequentada de romeiros de Monsanto, Villa Garcia, e outras povoações, vindo aqui algumas procissões, em varios dias do anno.

Na 3.ª oitava da Paschoa, hiam os moradores de Monsanto, com uma procissão a esta capella, havendo então missa cantada e sermão. O mesmo faziam os de Villa Garcia, no 3.º domingo de maio — e os de Alcanfôres á 3 de maio (Invenção da Santa Cruz.)

Consta que estas procissões foram por voto que os moradores d'estas tres povoações fizeram a Nossa Senhora da Azenha, para os livrar da praga de gafanhotos, que infestava as suas terras.

Antigamente, os de Villa Garcia, depois de regressarem da procissão, matavam vaccas, e mandavam coser grande quantidade de pão, para um grande bôdo, que distribuiam a quem o quizesse acceitar.

MONSANTO — fortaleza — Vide pag. 192 do 4.º vol.

MONSANTO — freguezia, Extremadura, concelho e comarca de Torres-Novas, 105 kilometros ao N.E. de Lisboa, 195 fogos.

Em 1757 tinha 210 fogos.

Orago o Divino Espirito Santo.

Patriarchado de Lisboa, districto administractivo de Santarem.

O povo apresentava o cura, que tinha 90$000 réis de congrua e o pé d'altar.

MONSÃO — aldeia, Douro, na freguezia de Santa Eulalia, concelho, comarca e 2 kilometros ao O. d'Arouca, bispado e 50 kilometros a O. de Lamego, districto administrativo e 70 kilometros a N. E. de Aveiro, 15 kilometros ao S. do Douro, 50 a S. E. do Porto, 15 fogos.

Situada no formoso e fertilissimo *Valle de Arouca*. É atravessada pela ribeira do seu nome (confluente do Arda) que aqui tem um pontão de cantaria.

Quasi todos os seus habitantes são lavradores, ricos ou remediados.

Cria-se aqui optimo gado bovino, fabrica-se manteiga de vacca, e mui finas têas de linho.

MONSÃO-DE-BEMFICA (e tambem simplesmente *Bemfica*)—freguezia, Extremadura, concelho de Almeirim, comarca da Chamusca, 80 kilometros a E. N. E. de Lisboa, 170 fogos.

Em 1757 tinha 104 fogos.

Orago Santa Martha.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Santarem.

O prior de S. Julião, de Santarem, apresentava o cura, que tinha de rendimento, 120 alqueires de trigo, uma pipa de vinho e 10$000 réis em dinheiro.

É terra fertil. Cria bastante gado.

MONSÃO—villa e praça d'armas cabeça do concelho e da comarca do seu nome, 60 kilometros a NO. de Braga, 16 ao ENE, de Vallença, 32 ao ENE. de Villa Nova da Cerveira, 42 ao ENE. de Caminha, 420 ao N. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1757 tinha 212 fogos.

Orago Nossa Senhora dos Anjos.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O real padroado apresentava o reitor, que tinha 70$000 réis de congrua e o pé d'altar.

—

O concelho de Monsão é composto de 32 freguezias, todas no arcebispado de Braga, são — Abbadim, Anhões, Badim, Barbeita, Barrocas e Táiás, Bella, Cambézes, Ceivães, Lapella, Lára, Longos-Valles, Lórdêllo, Lúzio, Mazêdo, Merufe, Messagães, Monsão, Moreira, Parada, Pias, Pinheiros, Podame, Portella, Riba de-Mouro, Sá, Ságo, Segúde, Tangil, Troporiz (ou Torporiz) Troviscoso, Trute, e Valladares—todas com 6:100 fogos.

A sua comarca é formada sómente com o seu julgado.

—

A villa e praça de Monsão está situada sobre um monte, na margem esquerda do rio Minho, e em frente da povoação gallega, de Salvaterra.

É incontestavelmente uma povoação antiquissima, e por isso a sua origem está en-

volvida em fabulas e tradições, mais ou menos verosimeis; mas sendo esta mesma circumstancia uma prova da sua muita antiguidade.

A darmos credito ao que dizem antigos escriptores, a sua fundação, data do anno 1900 do mundo (2104 antes de Jesus Christo.)

Se assim fosse, os primeiros fundadores de Monsão, eram os iberos (babylonios ou assyrios, que é o mesmo) que fugiram para a parte occidental da Europa, da tyrannia do feroz Nembrod, rei de Babylonia, ou Assiria. Não se sabe o nome que lhe deram. [1]

Diz-se tambem que no anno do mundo 2632 (1374 antes de Jesus Christo) *Baccho*, filho de Semele, aportou n'esta parte da Lusitania, á frente de um exercito de gregos, e que, *achando esta povoação já arruinada*, a reedificou, pondo-lhe o nome de *Orosion*, palavra grega, que significa *Monte Santo.*

Os celtas a conquistaram (ou occuparam amigavelmente) pelos annos 3600 do mundo (404 antes de Jesus Christo) e lhe deram o nome de *Obobriga*.

Tudo isto offerece suas duvidas e nebulosidades, que me não julgo habilitado a dissipar.

Principiamos agora em um época mais conhecida, por haverem memorias escriptas d'esse tempo,

Sabemos que na era 78 de Cesar (40 de Jesus Christo) era a actual villa de Monsão uma cidade romana importantissima, a que os romanos haviam dado o nome de *Mamia* ou *Mamea.*

Expulsos os romanos d'esta parte da Peninsula iberica, Hermenerico, rei dos suevos, occupou a villa de Monsão, em 410, e parece que foi este monarcha, que lhe restituiu o seu antigo nome (*Orosion*) traduzido em latim—*Mons-Sanctus*, que facilmente se transformou no actual.

Isto dizem alguns escriptores; mas parece-me mais provavel que o nome de *Mons-Sanctus* lhe fosse imposto pelos romanos, vertendo em latim o antigo nome, ou por algum templo que fundassem aqui.

Soffreu Monsão diversas alternativas, já

[1] Babylonia era uma grande cidade da Asia (capital da Assiria, ou Chaldeia) e consta ter sido edificada por Nembrod ou Bello, pelo tempo da morte de Noé. Foi depois cercada de muros, de 250 estadios de circumferencia, por a famosa *Semiramis*, rainha dos assyrios, que deu á Chaldeia o nome de Babylonia.

Estava edificada sobre os duas margens do *Euphrates*, sobre o qual tinha uma formosa e sumptuosissima ponte.

Foi esta rainha que mandou edificar os magestosos *jardins suspensos*, que foram uma das *sete maravilhas do mundo*. Tambem n'esta cidade havia a legendaria *torre de Babel*, e o famosissimo *templo de Bello.*

A Babylonia propriamente dita, é hoje o *Ierach*, na Turquia-Asiatica.

Ainda se vêem as suas ruinas, em um logar chamado agora *Felongia*, ou, segundo outros, no logar chamado *Ile*, ou *Ella*, sobre o Euphrates.

Dos materiaes da antiga Babylonia (á qual os livros santos chamam tambem *Babel*) se construiu a actual *Bagdad*, sobre o Tigre, a distancia de 42 milhas de Babylonia. (84 kilometros.)

(Bagdad é famosa por ter sido côrte do severo califa Aroun-al-Raschid; e pela sua feira, que foi a maior da Asia, e talvez, de todo o mundo.)

Babylonia foi destruida por Cyro (filho de Cambyses rei dos persas, e de Mandane, filha de Astyages, rei dos médos) rei da Persia e da Media. Nasceu este grande conquistador no anno 599 antes de Jesus Christo, e depois de ter conquistado a Lydia, a Jonia e muitas outras nações, conquistou a Assyria e arrasou os muros de Babylonia, no anno 538 antes de Jesus Christo.

Deu o reino de Babylonia a seu tio e sogro, Cyaxares, rei da Média (ao qual a *Biblia* dá o nome de Dario Médo.)

Cyro foi rei da Arabia, das duas Phrygias, Jónia, Lidia, Caria, Eólida, Paphlagonia e Celicia.

Depois da morte de seu pae, e de seu cunhado Cyaxares, reuniu á monarchia de todo o Oriente. Foi então, que elle permittiu aos israelitas, dispersos, voltarem a Jerusalem, e reedificaram o templo de Salomão; o que se executou depois, no tempo de Zorobabel.

Livrou os israelitas do captiveiro de Babylonia, por vêr realisadas todas as prophecias que a seu respeito fizeram os prophetas judeus.

Morreu, na edade de 70 annos, 9 depois

de desventura, já de felicidade, sob o governo dos seus differentes dominadores, até que em 1093, ficou formando parte da actual monarchia portugueza.

—

O primeiro foral de que tenho noticia, dado a esta villa, lhe foi concedido por D. Affonso III, em Guimarães, a 12 de março de 1261. (Gaveta 15, maço 22, n.º 16.—*Livro 1.º de doações de D. Affonso III*, fl. 113 v., col. 1.ª, *in fine.*)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de junho, de 1512. (*Livro de foraes novos do Minho*, fl. 112, col. 2.ª)

Veja-se tambem a sentença de 19 de dezembro de 1533, contra a villa de Vallença do Minho, para que as mercadorias que vêm de Galliza, não entrem senão pela alfandega de Monsão. (*Livro das sentenças a favor da corôa*, fl. 10, col. 1.ª)

—

Tinha voto em côrtes, com assento no banco decimo; e o titulo de *mui nobre e leal.*

As suas armas são — em campo branco, uma mulher, cuja parte superior do corpo (da cinta para cima) sáe do alto de uma torre, tendo um pão em cada mão, e em volta esta legenda:

DEUS A DEU — DEUS O HA DADO.

(Adiante darei a significação d'estas armas.)

—

A antiga Monsão, não era exactamente no sitio occupado pela actual. A sua primitiva fundação foi (segundo alguns escriptores) onde hoje é a aldeia das *Córtes*, ou *Monsão-Velho.*

A palavra *Córtes*, faz des-

da conquista de Babylonia, 7 depois de ser soberano de todo o Oriente, e 529 antes de Jesus Christo.

Não se sabe com certeza, onde e como morreu: a opinião mais seguida, é que elle foi morto em uma batalha contra os Scythas. Diz-se que a rainha d'estes, chamada *Thomyres*, pegando na cabeça de Cyro, a fez metter em uma bacia cheia de sangue, dizendo:—*Farta-te de sangue, de que em vida foste tão sequioso.*

confiar que a villa não é tão antiga como varios escriptores pretendem; e que a sua fundação data do tempo dos romanos, que n'este logar edificaram um acampamento fortificado (castro) para quartel permanente de alguma das suas *cohortes.*

A estas circumstancias devem o nome muitas povoações da Peninsula hispanica. (Vide *Córtes*, a pag. 391 do 2.º vol.)

Segundo outros escriptores (e parece-me que estes são mais dignos de credito) *Córtes* era uma cousa; e a *Oresion* dos gregos, a *Obobriga* dos celtas e a *Mamia* e Mons-Sanctus dos romanos outra. Esta cidade foi sempre, e com pouca differença (como adiante se verá) no sitio da actual Monsão, não passando a povoação das *Córtes* de um *castro* ou acampamento romano; uma especie de posto avançado ou atalaia de Mons-Sanctus.

Todavia, D. Jéronymo Contador d'Argote, nas suas *Memorias do arcebispado de Braga* (tomo 1.º, pag. 396, n.º 648) diz:

«*Orosia* era uma cidade de Hespanha, co«mo consta de Estephano, no seu livro, ou «lexicon, *De Urbibus*. Esta cidade, dizem al«guns modernos, era onde hoje vêmos a vil«la de Monsão, ou, para melhor dizer, alli «perto, onde chamam *Monsão-o-Velho:* e que «os gregos a fundaram e lhe deram este no«me, que, no seu idioma, significa *Monte «Santo* — e que d'ahi procede, chamar-se «depois *Monsão.*

«Isto me parece cousa fabulosa, porque «não encontramos na antiguidade tal noti«cia, e a etymologia com que se pretende «provar, é violenta; porque o vulgo — que «é o que costuma corromper os nomes — «carece de erudicção para estas mudanças, «fundadas na noticia do idioma grego. O cer«to é, que o sitio d'esta cidade se não sabe, «porque d'ella não sei que fizesse menção ou«tro geographo ou historiador antigo, mais «do que Estephano, e este não declarou o si«tio em que estava assentada em Hespanha.»

Na minha opinião, isto pouco prova con-

tra a antiguidade de Monsão; porque, se Argote não affirma, tambem não nega, que o local d'esta villa fosse o da antiga *Orosion.*

Vejamos agora o que diz José Avellino de Almeida, no seu *Diccionario abreviado de chorographia, topographia e archeologia* — A paginas 136, col. 2.ª do *Appenso*, lê-se:

«A primeira Monsão, da edade media, in«cluia a maior parte do *terreiro*, a casa do «padre José Torres e o local da Misericor«dia. Junto á casa do mesmo padre Torres, «existe um claro vestigio da antiga direcção «da muralha que seguia por diante da anti«ga botica, do fallecido José Maria Coelho, «hoje loja do Esteves, pela Rua Nova e por «baixo da casa de Antonio Pereira de Cas«tro, e do convento dos Nerys, onde se vêem «ainda evidentes signaes da muralha velha.

«Pouco distante da loja do Esteves, para «o sul, vi eu arrancar pedra do alicerce da «antiga muralha.

«É tradição n'esta villa, que as antigas *por«tas do Sol*, eram por onde hoje está uma «casa, que foi do doutor Melchior Ribeiro «Caldas, na *Rua Nova*, por onde hia uma «rua para o *largo da Cadeia.*

«Pelo lado exterior da muralha, vê-se uma «divisão, que prova isto que digo.

«No primeiro accrescimo, estendeu-se a «villa, até ás *portas do Rosal*, e baluarte su«perior ás *portas do Sol*—e no segundo, es«tendeu-se até ás *portas de S. Bento;* cuja «cêrca foi dividida pela nova muralha.

«Esta ultima parte, ainda ha poucos an«nos começou a povoar-se, sendo hoje a pri«meira parte da villa que está mais povoada.

«Ha uma tradição, não sei se bem ou mal «fundada, de ser em Córtes, ou junto a Cór«tes, a antiga Orosion, dos gregos, e Mons«Sanctus, dos romanos; mas eu duvido da «veracidade d'esta asserção. Se houvesse nas «visinhanças da actual Monsão, algum sitio «que o povo ainda hoje chamasse *cividade*, «ahi julgaria ter sido o Mons-Sanctus dos «romanos.» etc.

Se não ha o nome de *cividade*, como este escriptor exigia para poder certificar que alli existiu uma povoação romana, ha o nome de *Córtes*, que é tão latino como o outro. Já fica dito o que penso de *córtes.*

Não se sabe porque, os moradores das *Córtes*, abandonaram esta povoação e se recolheram á villa de *Badim*, que estava em uma montanha, no termo da actual villa de Valladares; mas não é a actual *Badim*, de que fallo a pag. 306 do 1.º vol.

D. Affonso III, extinguiu a villa de *Badim*, e com seus moradores, com os do concelho de *Pena da Rainha*, e outros que se lhes aggregaram, povoou a actual villa de Monsão, em 1260, no então chamado *Couto de Mauzêdo*, dando-lhe foral, como atraz fica dito, com muitos e grandes privilegios.

D. Diniz lhe mandou edificar um forte castello, e cercar de muralhas, pelos annos de 1306.

D. João I augmentou as obras de defeza, mandando pôr na porta do baluarte, o *pelicano*, que era a sua divisa. Ainda conserva a maior parte das suas antigas fortificações, e D. João IV, durante a guerra da independencia, lhe mandou fazer varias obras de defeza.

As muralhas teem quatro portas, a de *Salvaterra*, a do *Rosal*, a do *Sol*, e a das *Caldas*, ou da Fonte. Antigamente tinha mais a de *S. Bento*, que foi tapada de pedra e cal, pela camara, auctorisada pelo ministerio da guerra.

—

Tem casa de Misericordia e hospital, sustentado com as rendas do antigo, de S. Gião, que acabou pelos annos de 1650.

D. João I, deu o senhorio de Monsão, a Lopo Fernandes Pacheco, em 1423; mas, logo depois lh'o comprou, por 1:500 libras, encorporando-o outra vez na corôa.

D. Affonso V, deu este senhorio, a D. Affonso, conde de Ourem (depois, marquez de Vallença) filho primogenito do 1.º duque de Bragança. Opposeram-se porém os habitantes por tal modo, que não foi possivel ao conde tomar posse.

Pouco depois, subiu ao throno, D. João II, e fazendo-lhe D. Affonso queixa d'esta desobediencia, ao passo que a villa de Vallença (dada tambem ao conde, na mesma epoca), não tinha impugnado a doação, respondeu este soberano—*Vallença é fêmea, e Monsão é macho.*—Assim principiava o novo sobe-

rano a manifestar o seu odio ao grande poder da aristocracia, e tambem achou um pretexto para annullar a doação que seu pae fizéra, deixando continuar em poder da corôa, este senhorio.

Até premiou os habitantes da villa, concedendo-lhes o privilegio d'ella não poder mais sahir da corôa, e de seus cavalleiros terem a honra de *infanções*, e os peões a de cavalleiros.

—

D. Fernando I, tinha feito alcaide-mór d'este castello, a Alvaro Gonçalves Abura, um dos progenitores dos condes de Valle de Reis, depois, duques de Loulé.

Até 1834, teve juiz de fóra, capitão-mór e sargento-mór.

Teve 4 companhias de soldados, pagos á custa dos habitantes da villa.

Tem feira, aos 7 e 20 de cada mez.

—

Tem um mosteiro de freiras franciscanas, que foi vendido, depois de 1834, e é propriedade do sr. dr. Torres, 3.º barão de S. Roque, natural de Caminha. Chegou a ter mais de 90 freiras.

Houve aqui antigamente, um convento de freiras benedictinas (outros dizem que de freiras e frades), que foi supprimido no reinado de D. Affonso V.

Era fóra, e proximo das *portas do Rosal*, onde depois foi a casa nobre do *Rosal*, e ainda hoje é a quinta do mesmo nome, pertencente á casa de *Andorinha*, dos Arcos de Valle de Vez.

—

Ha na praça, um hospital militar, que foi muitos annos administrado e servido pelos religiosos de S. João de Deus.

Havia tambem um mosteiro de religiosas da Conceição, fundado em 1748, por um coronel, da *Lavandeira*, que estava na America.

Tinha outro mosteiro de padres, da congregação de S. Philippe Nery, com obrigação de ensinarem estes padres, grammatica latina e philosophia.

É hoje hospital da Misericordia.

Na villa, e em differentes partes do seu concelho, ha muitas casas de reconhecida e antiga nobreza.

—

A agua potavel de Monsão, não é de bôa qualidade; porém o vinho do seu termo, é excellente.

Foi do seu territorio, que Portugal exportou o primeiro vinho para a Inglaterra, no seculo XVI.

—

A praça de Monsão, foi por muitas vezes entrada, saqueada e destruida, durante as guerras da edade media e do principio da nossa monarchia, a ponto de estar inteiramente arruinada e deserta, em 1261, quando então, D. Affonso III a povoou e lhe deu foral.

—

O mais vasto terreiro, ou praça, d'esta villa, é o *Campo do Câno*. Em um dos lados, está um bom chafariz, com o symbolo de *Deul'a Deu Martins*, mandado construir pela municipalidade, em 1837, e sombreado por dois gigantescos carvalhos seculares, que tambem dão sombra á ermida de Nossa Senhora do Outeiro, que está em frente da Misericordia.

A pequena distancia das muralhas de Monsão, em uma planicie, fertil e aprasivel, sobre a margem esquerda do Minho, nascem as aguas mineraes, de que adiante tratarei.

—

Os arrabaldes da villa, são muito lindos e amenos. Para se ajuizar da sua belleza, basta dizer-se que se estendem pela margem meridional do formoso Minho.

N'outro sitio das cercanias de Monsão, chamado *Agrêllo*, ha uma curiosidade natural muito notavel. É uma gruta, formada por um penêdo enorme, com capacidade para estarem dentro d'ella muitas pessoas, commodamente.

A 3 kilometros ao S. de Monsão, está o famoso palacio e extensa e bella quinta da *Brejoeira*, do sr. Simão Pereira Velho de Moscoso, já descripto a pag. 488, do 1.º vol.

A 5 kilometros ao O. da villa, sobre a margem do Minho, está a formosa torre de La-

pella, na freguezia do mesmo nome, da qual dei noticia a pag. 50, do 4.º vol.

Na freguezia de Longos Valles, d'este concelho, tem a casa dos Pereiras da Cunha, de Coura, uma quinta extensa, e que foi muito importante pela sua producção vinicula. Chama-se *de Santo Amaro,* e hoje acha-se deteriorada, por se terem extinguido as melhores castas de uva.

Possue-a o representante da familia, o sr. Antonio Pereira da Cunha.

Os antepassados d'este sr., começaram alli a edificar, pelos fins do seculo XVII, e apezar da fealdade do sitio, um grande palacio; porém, chegando á obra a certa altura, pararam e renunciaram ao seu projecto. Ainda se póde vêr o principio do edificio, e a sua cantaria de fino granito, vindo de muito longe.

Esta quinta e a do Sôpegal, dos Malheiros, da casa de Crásto, hoje do sr. Antonio de Noronha Castel-Branco, eram as que gosavam da fama de dar melhor vinho no concelho, aliás conhecido por esse genero de producção, sendo certo que os commerciantes inglezes alli o hiam comprar para exportação, antes de preferirem o do Alto Douro.

O territorio de Monsão, é geralmente muito fertil, produzindo em grande quantidade, milho, centeio, legumes, fructa, vinho, linho, trigo, etc. Cria bastante gado, grosso e miudo, e nos seus montes ha muita caça.

O rio Minho, fornece a povoação de muito e bom peixe do mar e do rio, especialmente optimos e grandes sôlhos, deliciosos salmões, excellentes lampreias e gostosos saveis.

Organisou-se em Monsão, em março de 1875, uma sociedade, para a exportação do peixe do rio Minho, para o Brasil.

A primeira remessa (sécco e de calda) foi de 1:000 caixas, quasi tudo savel e lampreia.

—

Diz-se que n'esta villa, então cidade, com o nome de Mamia, prégou o apostolo S. Thiago, o Evangelho de Jesus Christo, pelos annos 50 da redempção.

Os melhores edificios da villa, são—o antiquissimo quartel de cavallaria, o convento dos jesuitas e o de S. Francisco. Este é hoje propriedade do 3.º barão de S. Roque (de Caminha.) Seu pae, muito o aformoseou.

A egreja matriz e a da Misericordia, são tambem muito bons edificios.

Os trabalhos da estrada de Monsão a Melgaço estão quasi paralisados. Pequenissima foi a quantia com que o governo a dotou este anno de 1875.

No dia 24 de novembro de 1874, uma commissão, representando o municipio melgacense, foi a Monsão sollitar do sr. ministro das obras publicas o andamento d'esta estrada. Apresentou-lhe um memorial mostrando a urgencia da sua conclusão.

O illustre ministro (Cardoso Avellino), recebeu-a com aquella attenção e urbanidade que lhe é propria, promettendo-lhe fazer quanto em si coubesse.

Homens e mulheres illustres de Monsão— Factos historicos

Paulo Orosio—Eminente ecriptor, do seculo V.

(Alguns historiadores o classificam como santo; mas não me consta que fosse canonisado.)

Foi Orosio, contemporaneo de Santo Agostinho e seu amigo.

Não ha provas incontestaveis que elle fosse natural da actual Monsão; mas ha toda a provabilidade, se *Orosia,* ou *Orosion,* teve aqui o seu assento.

Todos os antigos homens notaveis, juntavam ao seu nome, o da sua patria, como vemos em todos os livros que a antiguidade e a edade media nos legou; e como *Paulo Orosio* (ou *Paulo Orosiano,* como tambem alguns o denominam), significa—*Paulo, de Orosia,* é muito provavel que fosse d'esta cidade, ou suas immediações. O que é certo, é ser lusitano, e da diocese bracharense.

Antes de escrever as suas obras, sobre historia e geographia, viajou muito, pela Lusitania e Hespanha, demorando-se em Tarragona (pelo que os escriptores hespanhoes pretendem, erradamente, que elle era tarragonez.)

Foi á Africa, consultar Santo Agostinho,

e á Palestina, visitar os logares santos de Jerusalem, no anno 415, de Jesus Christo.

Foi um dos maiores, e mais conscienciosos sabios do seu tempo.

Não se sabe quando falleceu, mas suppõe-se ser pelos annos de 440, sendo Rechila, rei dos suevos.

Lopo Soares, e seu sobrinho, *Christovão Soares*, ambos secretarios d'estado.

Philippe de Mesquita, deputado do *Santo Officio*.

D. fr. Manuel, bispo d'Angola.

O padre Bartholomeu Pereira, da Companhia de Jesus, excellente mestre de rhetorica e da Sagrada Escriptura, que leu muitos annos no collegio da Companhia, em Coimbra.

Foi tambem insigne poeta latino, comparado por alguns, ao grande Virgilio, ao qual se assimilhou no seu poema heroico *Paciecidos*, que consta de 12 livros, em que descreveu o martyrio de seu tio, o veneravel padre Francisco Pacheco, da mesma Companhia. Imprimiu-se em Coimbra.

É tambem auctor de uma elegante oração latina, que recitou na sala da universidade, em louvor de Santa Isabel, rainha de Portugal.

Compoz tambem um livro *in folio*, intitulado—*Cœcus oculatus, sive Argos centoculos: Comentaria in Tobiam.* Esta obra foi imprimir a França, e lá se perdeu.

Morreu em Coimbra, a 18 de novembro de 1650.

João Taveira de Lima, cavalleiro da ordem de Christo. Sentou praça em cavallaria, durante a guerra da independencia, servindo sete annos como soldado. Seguiu depois os postos, até coronel, governador da praça de Monsão, com as honras e soldo de brigadeiro.

Morreu n'esta praça, a 13 de julho de 1738, com 108 annos, tres mezes e dois dias, pois tinha nascido em 11 de abril de 1630. Jaz na egreja da Misericordia d'esta villa.

Santa Seraphina e *Santa Celerina*. Foram convertidas ao christianismo pelo apostolo S. Thiago, pelos annos 50 de Jesus Christo. Foram exemplarissimas e virtuosissimas donzellas, merecendo pelas suas boas obras ser canonisadas. Falleceu Santa Seraphina em 29 de julho, pelos annos 75 de Jesus Christo. Não sei em que anno falleceu Santa Celerina.

Fernão Ginez.—Entre muitos mancebos, que, para tentar fortuna, ou para conquistar a gloria no campo da batalha, acompanharam o malfadado rei D. Sebastião na de astrosa e funesta expedição á Africa, conta-se a Fernão Ginez, natural da villa de Monsão, o qual, não obstante a sua pouca edade, se alistou n'uma empresa, que ou o encheria de gloria no campo da batalha, se tivesse a fortuna de recolher á patria carregado de louros e tropheus da victoria, ou lhe daria a palma do martyrio, se fosse achado digno de dar a vida pela doutrina que plantou no coração da humanidade o sublime e divino martyr do Golgotha.

As armas portuguezas, que nunca tinham experimentado a sorte dos vencidos; que tinham expulso do territorio portuguez os barbaros e indomaveis sectarios do Al Koran; que eclypsaram a ephemera gloria d'aquelles que, empunhando n'uma mão a taça dos prazeres e n'outra a terrivel cimitarra, bradavam aos povos vencidos—*crê ou morre*,—que tinham extendido ao largo o nome portuguez; que fizeram dobrar a orgulhosa cerviz aos monarchas do Oriente; que fizeram morder o pó que pizavam, a todos os inimigos d'esta pequena orla do occidente, não podendo supportar o peso glorioso de tantas victorias, tiveram emfim o seu Waterloo em Alcacer Kibir!

Fernão Ginez, em consequencia d'este revez que visitou as armas portuguezas, ficou captivo do Xarife Mulei-Maluco, que o estimava muito, já porque era d'uma presença agradavel, ja porque se tornava muito recommendavel pelas suas excellentes qualidades.

Tendo diante dos olhos a imagem dos tres mancebos captivos em Babylonia, esforçava-se pelos imitar em todas as virtudes.

Caritativo como era, desejava ardentemente que um seu amigo Elche voltasse ao Christianismo, que abandonára, empregando para isso todos os meios suasorios que lhe aconselhava a prudencia e a amisade que lhe dedicára.

Nunca ficaram sem grande recompensa os grandes feitos praticados em pró do christianismo, por consequencia em favor do progresso, da civilisação e da humanidade; e se Fernão Ginez não conseguiu que aquella ovelha desgarrada voltasse ao verdadeiro redil, fóra do qual é impossivel a salvação, obteve em contraposição, por delação de Elche, a corôa gloriosa e immurchecivel do martyrio.

Vendo o Xarife que o joven escravo persistia inabalavel na fé, e que preferia a morte com todos os seus horrores, a uma vergonhosa apostasia, mandou que o carrasco lhe tirasse a vida e que seu cadaver fosse lançado n'um dos poços do seu jardim.

Foi o martyrio de Fernão Ginez em 1585. D'elle fazem menção D. Francisco da Costa, embaixador de Hespanha em Morrocos, e o cardeal Alberto, governador de Portugal no tempo dos Philippes.

Maria Hespanhola.—Nasceu em 1756, e aqui morreu em 1872, com 116 annos de edade! Aos 115 annos ainda fazia meia, e conservava o pleno uso de razão; no ultimo anno de sua vida esteve mentecapta.

D. Vasco Marinho, filho bastardo de Alvaro Vaz de Bacellar, e de uma senhora gallega, de appellido, Marinho. Foi D. Vasco abbade d'esta villa. Serviu em Roma ao papa Leão X (que governou a egreja de Deus desde 1513 até 1522, e foi o 216.º pontifice romano). Foi secretario e confessor do mesmo papa, e protonotario apostolico d'este reino.

No seu regresso de Roma trouxe um filho e duas filhas, que lá teve; trazendo tambem varios beneficios, de que fez commendas para seu filho e genros. Instituiu na egreja matriz a capella de S. Sebastião, onde está enterrado.

—

A abbadia de Monsão era dos bispos de Tuy. D. João Fernandes Sotto Maior, prelado d'esta diocese, cedeu a abbadia ao rei de Portugal, D. Diniz, em 1308, e este a deu aos templarios, os quaes só a possuiram pouco mais de dois annos (até 1311).

Em 1319 passou a ser commenda de Christo, e assim estava quando foi dada ao referido D. Vasco Marinho, que a deu a seu genro Lancerote Falcão (fidalgo da casa do rei D. Manuel) em 17 de julho de 1521. Este Lancerote era gallego, natural de Pontevedra.

A reitoria da villa era do real padroado.

—

Na egreja matriz está a capella que instituiu o arcediago, Alvaro Soares de Castro, a qual é hoje dos srs. Magalhães de Braga. Tinha cinco *coreiros*, com 20$000 réis annuaes, cada um; e missa quotidiana. Ha muitos annos que este legado deixou de ser cumprido.

Na mesma egreja ha outra capella, instituida por Payo Rodrigues de Araujo, que foi dos srs. Almadas (viscondes do Souto d'El Rei), e é hoje, por troca, da casa de *Ródas*.

É n'ella que está a sepultura da famosa *Deu-la-Deu Martins.*

Quando D. Fernando subiu ao throno de Portugal (1367) ardiam em guerra feroz e encarniçada, os reinos de Castella e Leão.

D. Henrique, conde de Transtamara, filho bastardo de D. Affonso XI, pondo se á frente de grande numero de hespanhoes, descontentes ou perseguidos pela crueldade de D. Pedro I, *o Crú*, se revoltou contra seu irmão e rei, em 1364, fazendo se acclamar rei de Castella, com o nome de Henrique II.

Auxiliado pelos reis de Leão e Navarra, que odiavam tambem D. Pedro I, pela sua turbulencia, vicios e ferocidade, e que a todo o custo se queriam ver livres de tão mau visinho, sustentou uma porfiosa lucta, com differentes alternativas, durante cinco annos, que foram para toda a Hespanha um periodo de guerras, supplicios, traições, incendios, roubos, devastações e toda a sorte de calamidades.

Terminou esta sanguinolenta guerra, por um traiçoeiro fratricidio, morrendo D. Pedro apunhalado por seu irmão, em Montiel, no mez de março de 1368.

(Vide a col. 2.ª de pag. 269, do 3.º vol.)

Apezar da crueldade e escandalos de D. Pedro I, foi geral a indignação contra tão monstruoso crime; e não só os parciaes do rei, mas até muitos dos seus inimigos, se revoltaram contra D. Henrique. Grande numero de fidalgos castelhanos (alguns dos mais poderosos do reino) vieram a Portugal offerecer a corôa de Castella a D. Fernando; pondo á disposição do monarcha portuguez, as suas pessoas, bens, influencia, castellos e vassallos.

D. Fernando era novo, rei e ambicioso: acceitou a offerta. Muito mais, porque facilmente o fizeram acreditar que era o legitimo rei de Castella, por ser neto da rainha D. Beatriz de Castella, mulher do rei D. Affonso IV de Portugal, e portanto, bisneto de D. Sancho IV, de Castella. Tratou pois de angariar a boa vontade dos soberanos que o podiam ajudar, ou que mais podessem obstar á sua pretenção.

Enviou logo embaixadores (quatro) ao papa, ao rei de Inglaterra, ao de Aragão, e até ao rei mouro de Granada. A este offerecia a paz por 50 annos. Ao rei de Aragão, em penhor d'esta alliança, pediu a mão de sua filha, D. Leonor, que lhe foi concedida, chegando a celebrar-se os esponsaes, por procuração, na egreja de S. Martinho, de Lisboa, no mesmo anno de 1368. [1]

Os reis acceitaram estas propostas, e D. Fernando marchou para a Galliza, acompanhado de todos os fidalgos castelhanos, que se tinham posto ao seu serviço, e com um troço de portuguezes.

[1] Nem este casamento, nem o que depois se contratou, com D. Leonor, filha do rei de Castella, tiveram effeito, em razão do desgraçado e adulterino casamento de D. Fernando, com a tristemente célebre D. Leonor (todas tres Leonores!) Telles de Menezes, mulher de João Lourenço da Cunha, senhor de Pombeiro; casamento que tantas desordens e desgraças causou a Portugal, que esteve então em imminente perigo de perder a sua autonomia.

Os gallegos receberam o rei com as maiores demonstrações de alegria, e como a um libertador.

Em poucos dias, quasi todas as cidades e castellos lhe abriram as suas portas, ou voluntaria ou violentamente.

D. Fernando alli fez cunhar moeda, fez doações, deu empregos e titulos, como rei de Castella.

Mas os exercitos de D. Henrique II, em breve atravessaram as fronteiras, pondo uma temivel barreira á marcha triumphante de D. Fernando.

D. Pedro Henriques Sarmento, adiantado do reino de Galliza, e do partido de D. Henrique, pôz cêrco a Monsão, com um poderoso exercito, ficando a praça em grande risco; porque a sua guarnição era diminutissima. Mesmo assim, nos repetidos assaltos que os gallegos deram á fortaleza, foram sempre heroicamente repellidos, com grandes perdas; mas estas gloriosas victorias, custavam tambem muitas vidas de portuguezes, que o ferro do inimigo nos disimava.

Os combates, quasi diarios, e a falta de mantimentos, tinham extenuado as forças dos sitiados, a quem a esperança de soccorro tinha abandonado.

Era capitão-mór de Monsão, Vasco Gomes d'Abreu (que estava ausente) sendo sua mulher, *Deu-l'a-deu* (Deus a deu) *Martins*, tão nobre por nascimento, como esclarecida pela sua varonil coragem, e decidido amor da patria.

Em todos os combates, se apresentava nos sitios de maior perigo, arremeçando sobre o inimigo penedos e materias inflammadas, e encorajando os combatentes. Quando os gallegos conseguiram abrir brecha, logo ella se apresentou alli, de espada em punho, acutilando o inimigo, como o soldado mais destemido.

Esta valorosa portugueza, não só dava exemplos de heroica bravura, ainda aos mais valentes; mas tratava carinhosamente dos feridos, e deu generosamente tudo quanto tinha nos seus vastos celleiros, para sustento da guarnição.

Mas o cêrco durava, e no dia 4 de outubro apenas restava no celleiro uma peque-

na porção de pão. Então *Deu-lá-deu*, mandou com ella fazer pães, e do alto de umas das cortinas da praça, os arremeçou aos gallegos, (a quem tambem hiam faltando os mantimentos) dizendo-lhes: — «A vós, que nos não podeis tomar pelas armas, e nos quereis fazer render pela fome, dizemos — sômos mais humanos do que vós, e, como nos achamos bem providos, vendo que não estaes fartos, vos enviamos este soccorro, e vos daremos mais, se o pedirdes.»

Os gallegos, julgando a praça bem provida, tendo perdido muita gente, e principiando a soffrer falta de mantimentos, levantaram o cêrco, e se foram para a Galliza. [1]

Este facto causou geral regosijo no povo da praça, e a heroina foi geralmente applaudida e victoriada como libertadora, e em sua honra, e para memoria do feito, d'elle tomou a villa as suas armas, e a camara mandou pintar na sua bandeira, o retrato de *Deu-lá-deu.*

Por muitos annos depois da sua morte, em testemunho de respeito por esta heroina, se hiam abrir todos os annos as pautas (listas) dos vereadores da camara de Monsão, junto da sua sepultura.

Os descendentes de *Deu-lá-deu* (os Palhares) trazem por armas — um escudo de púrpura, uma mão, empunhando uma espada de prata, com guarnições d'ouro, com a ponta para cima, e seis pães de ouro, em duas palas, e por orla, o cordão de S. Francisco, padroeiro da villa — élmo d'aço, aberto, e por timbre, o braço e a espada das armas. Estas armas são tambem alusivas aos factos que deram a *Deu-lá-deu* uma gloria immortal.

O appellido *Palhares*, é nobre em Portugal, e foi tomado da aldeia do mesmo nome, na provincia do Minho. — O primeiro que se acha na historia com este appellido, é Pedro Annes de Palhares, que viveu nos reinados de D. Affonso II e D. Sancho II.

(Note-se que o escudo dos Palhares, já era o mesmo antes d'esta guerra. Só com a differença que, em vez dos pães, eram 6 bezantes d'ouro, e não tinham a orla formada pelo cordão.)

Esta guerra não offerecia vantagem alguma ás armas portuguezas, e só lhe causava toda a casta de prejuizos, assim como aos castelhanos.

D. Fernando e D. Henrique, fizeram as pazes, cujo tratado foi assignado em Evora, a 31 de março de 1369.

—

Em 1643, estavam os portuguezes de posse da villa fortificada, de Salvaterra (em frente de Monsão, na margem direita do Minho — Galliza.)

Era seu governador, pelo rei de Portugal, o conde de Castello-Melhor, e d'alli ameaçava todo o districto de Tuy, chave da Galliza.

Teve noticia que os castelhanos estavam emboscados nas proximidades da villa, espiando a occasião favoravel de a atacarem. Mandou o capitão Pedro de Bettencourt, em descoberta com um pequeno destacamento, que foi inopinadamente envolvido por grande cópia de inimigos, valendo aos portuguezes, não só a sua coragem, mas tambem a aspereza do sitio, para não serem completamente derrotados.

O conde de Castello-Melhor, mandou em seu soccorro a guarnição de Salvaterra; porém, era ainda assim tão grande a desproporção, que os nossos estavam em grande risco.

No maior furor da batalha, acudiu-lhe a mulher do governador, D. Marianna de Alencastre, condessa de Castello-Melhor, que das muralhas de Monsão, tinha visto a peleja. Com a coragem e o sangue frio de um consummado guerreiro, baixou ao rio, acompanhando duas peças de artilheria que para alli fizera diligentemente conduzir, e as quaes chegaram tanto a tempo, que causaram grande destroço nos gallegos, que fugiram espavoridos.

[1] Alguns escriptores dizem que este facto teve logar no dia de S. Francisco de Borja, duque de Gandia (10 de outubro). — Quanto a mim, estes fundam-se em terem as armas dos *Palhares*, o cordão de S. Francisco em volta do escudo. — Tambem os mesmos sustentam, que a offerta dos pães, e a retirada dos gallegos, foi tudo no dia 10.

Outro apertado cêrco, soffreu esta praça, e onde eguaes feitos de dedicação foram praticados por homens e mulheres de Monsão.

Corria o anno de 1658 (outros dizem 1659) quando entrou pela provincia de Entre Douro e Minho, um poderoso exercito de castelhanos e gallegos, de que era general o marquez de Vianna; mestre de campo general, D. Balthazar de Roxas y Pantoja; general de cavallaria, D. Luiz de Menezes (ao qual D. Philippe IV, pouco antes, fizera marquez de Penalva); general da artilheria, D. Francisco de Castro; tenente-general da cavallaria, D. Francisco de la Cueva; e occupavam os outros postos, chefes de grande fama, pelo seu valor, e entre elles não poucos renegados portuguezes.

A provincia achava-se então muito falta de soldados, e de munições de guerra.

Foi no dia 7 de outubro, que o exercito inimigo pôz o cêrco á praça, da qual era governador, Lourenço de Amorim Pereira, *tenente de mestre de campo general*, dextro e destemido guerreiro; tendo a praça, de guarnição, 600 infantes; mas que, com os soccorros que em breve chegaram, subiu a 2:000.

Os mantimentos e as munições de guerra eram em pequena quantidade, e portanto insufficientes para um longo assedio, o que os castelhanos bem sabiam, pelos espiões traidores, e julgavam que a praça se lhes renderia ao primeiro assalto; mas enganaram-se, porque os portuguezes resistiram com valor indomavel, e o inimigo pagou cara a sua ousadia.

Vendo que pela sorte das armas nada podiam conseguir, decidiram fazer capitular a praça pela fome, fazendo todos os preparativos para um longo sitio.

Dividiram a circumvalação em tres quarteis, bem fortificados, com linhas e 11 fortes, em redor da praça, cerrando o cordão, segundo as regras da arte da guerra.

Construiram minas, com que os muros, em alguns sitios, abriram brechas por onde atacaram, sendo furiosamente repellidos.

Fizeram estas operações, por espaço de quatro mezes, em que os portuguezes obraram acções do maior valor e ousadia, já fazendo furiosas sortidas, já praticando contra-minas, já defendendo e obstruindo as brechas.

As mulheres de Monsão, deram as mais evidentes provas de varonil esforço.

Helena Peres, viuva de João Felgueiras, á frente de 30 mulheres decididas, armadas de chuços, espadas, dardos e partasanas, se apresentavam nos logares onde a peleja era mais encarniçada, e espetavam castelhanos com a maior bravura: animavam com palavras e exemplos, os soldados, retiravam os feridos e mortos, sem que a chuva de balas e metralha do inimigo fosse capaz de lhe extinguir os brios.

Algumas d'ellas, carregavam á cabeça enormes pedregulhos, que precipitavam do alto das muralhas, fazendo nos gallegos terrivel destroço.

Entre estas amazonas portuguezas, se distinguia, pela sua bravura, uma alcunhada a *Turca*. Uma bala de artilheria lhe despedaçou o ventre; mas ella, com as tripas na mão, pediu que a levassem á egreja, e que lhe mandassem dizer missas, com o dinheiro que levava na algibeira; e até ao seu ultimo momento conservou uma estoica serenidade, e um perfeito juizo.

Nem só a guerra disimou os portuguezes; tambem as doenças que se desenvolveram nos seus quarteis, lhes matou e inutilisou bastantes soldados; mas nem assim a sua bravura diminuia.

Em um dos assaltos, entraram os castelhanos em umas casas, em que estavam alojados muitos doentes, que todos se lavantaram, e pegando nas armas que poderam haver ás mãos, morreram, matando castelhanos, dando ás suas vidas um remate glorioso.

Tanto diminuiram os mantimentos da praça, que os sitiados, depois de comerem os cavallos, se sustentavam dos mais ascorosos alimentos.

As munições de guerra faltavam; as muralhas estavam reduzidas a um montão de ruinas, em muitas partes; e a morte tinha já ceifado grande numero de vidas dos bravissimos defensores—tudo faltava, menos a coragem, o patriotismo e a constancia d'es-

tes heroes. Mas, finalmente, a resistencia era impossivel, e os soccorros não chegavam, pelo que, reduzidos á ultima miseria, tiveram de capitular com todas as honras da guerra, entregando ao inimigo, não uma praça de armas, mas uns poucos de montes de entulho e algumas paredes desmanteladas.

Os proprios castelhanos pasmavam de tamanha heroicidade, e da bravura com que os portuguezes poderam defender aquillo; mas, ainda mais pasmaram quando viram sahir d'entre aquellas ruinas, 236 homens, extenuados e cadavericos; restos venerandos dos 2:000 defensores de Monsão.

A Pantoja parecia quasi impossivel que tão pouca gente, e em tal estado, se podesse defender e batalhar com tamanha obstinação, e chamando os officiaes do seu exercito, lhes disse:

«Aprendam d'estes bravos, como se defende uma praça que el-rei lhes confiar. São estes os leões, que com tamanho valor se hão defendido! Se o grão Leão de Hespanha tivesse muitos d'estes leões, seria senhor de todo o mundo.»

Pontoja era tão valoroso militar, como nobre e leal cavalleiro, e por isso agradava-lhe a coragem e dedicação, em qualquer parte que a achasse, e a respeitava.

—

O dia 16 de outubro de 1874, foi de regosijo para a villa e praça de Monsão.

Assistia-se á festa do progresso, em cuja senda caminha, ainda que lentamente, esta povoação. Os seus esforços foram coroados de feliz exito, como era de esperar, attendendo aos titulos que legitimavam as suas pretenções. Foi n'este dia a inauguração do telegrapho electrico da villa, e o Alto-Minho conseguiu mais este melhoramento, de que tanto carecia.

—

É celebre a procissão de *Corpus Christi*, d'esta villa, a qual attrahe grande concurso de gente, sobretudo, da Galliza.

Eis a ordem da procissão:

Na frente vae a *musica* (uma gaita de folles, um tambor e um bombo.)

Segue-se a imagem de S. Christovão, de estatura colossal, levada por seis barqueiros do rio Minho.

Atraz d'elle, o *boi bento*, com as pontas douradas e coberto com um manto agaloado de ouro.

Em seguida vae o *carro das hervas* (que é dado pelos marchantes.) Este carro vae enfeitado, com buxo e flores, e dentro d'elle vão alguns meninos, vestidos de branco, cheios de fitas e cantando psalmos.

Vae depois a Ordem Terceira, o clero e o palio.

Atraz do palio vem S. Jorge, isto é, vem um homem (é um ferrador) que depois de se confessar e commungar, e receber da camara meia libra, vem para a procissão, de capacête, saia de malha, grêvas de aço, lança e espada, e montado em um fogoso cavallo. Acompanha a procissão até á rua do Castello, e d'ahi volta para traz, a toda a brida, derrubando os que encontra em sua vertiginosa carreira, até entrar no Campo da Feira, em busca da *Santa Cóca*, para combater com ella.

A tal *Cóca*, é um monstro, mais ou menos assimilhando um dragão, feito de lona, sobre uma armação de arcos de pipa, e com rodas na sua parte inferior, para andar para traz e para diante. É alado; tem pontas e uma grande cauda.

A boca é de mólas, e, para abrir e fechar, lhe pucham por uma corda, os homens que fazem mover o *bixo*.

A lucta de *S. Jorge* com a *Santa Cóca*, é o que mais attrahe e embasbaca o povo.

Depois de muitos ataques, consegue finalmente o *santo*, traspassar o costado do *monstro*; hindo depois celebrar este feito glorioso, para uma taberna, onde gasta os 2$250 réis que a camara lhe déra.

O fim da festa, é passado na villa gallega de Salvaterra; para onde se dirige a maior parte dos habitantes de Monsão, de companhia com os gallegos, e alli acabam de passar o dia, comendo, bebendo e folgando.

—

Nas immediações d'esta villa ha muitas casas antigas e nobilissimas, que vão nos logares competentes. De Monsão, citarei as que me lembram:

Caldas — tem por armas — em campo de prata, cinco ciprestes de verde, em aspa. Timbre um dos cyprestes das armas.

Carvalhos — tem por armas — em campo azul, uma estrella de ouro, entre uma quaderna de crescentes de prata. Timbre, um cysne de prata, com uma estrella de ouro no peito, armado de ouro.

Castros—os que procedem de D. Alvaro Pires de Castro, Senior—armas—em campo de prata, treze aroellas de azul, em tres palas, contendo a do meio cinco, e cada uma dos lados, quatro. Timbre um leão de ouro.

Os que procedem de D. Alvaro Pires de Castro, Junior—trazem—em campo de prata, seis aroellas azues. Timbre, meio leão de ouro. Outros Castros usam das mesmas armas; mas o timbre é um caranguejo de prata, realçado de azul, com os *dentes* grandes, segurando uma truta.

Os *Castros das 13* (os primeiros) são descendentes d'aquelle D. Alvaro Pires de Castro, que era legitimo. Os *Castros das 6* (os segundos) descendem de D. Ignez de Castro ou de seus irmãos, que eram ilegitimos; e por isso lhe tiraram 7 aroellas, e deram por timbre, só meio leão. Dos primeiros são cabeças os condes de Rézende—dos 2.os os marquezes de Cascaes. (Este marquezado, acha-se ha muito unido ao de Niza, actualmente vago. — Vide *Cascaes*, col. 2.ª da pag. 147 do 2.º vol.)

Cunhas—armas—em campo de ouro, nove cunhas azues, em tres palas. Timbre um gripho alado de ouro, cunhado de azul. (Vide Paredes de Coura.

Sottos Maiores—Vide *Melhundres*.

Magalhães.—armas —escudo enxequetado de prata e púrpura, em 3 bandas, sobre campo de prata. Timbre, um abutre de prata, armado de púrpura.

Menezes.—os de Tarouca trazem o escudo repartido em seis; no 1.º um estoque, em campo de oiro; no 2.º 4 barras de purpura em campo de oiro—no 3.º, dois lobos em campo de oiro—na ordem de baixo, as barras e os lobos, e no meio, o escudo dos Menezes, que é, em campo de oiro, um annel do mesmo, com um rubi. Timbre, uma donzella, vestida de oiro, com um escudo na mão. (Quem desejar saber isto mais circumstanciadamente, veja a pag. 95 do 2.º vol.)

Os marquezes do Louriçal e de Marialva, e os condes da Ericeira eram d'esta familia; mas traziam por armas—escudo esquartelado, no 1.º as armas de Portugal—no 2.º, 3 flores de liz de oiro, em campo azul, e assim os contrarios. No centro o escudo dos Menezes (o annel que fica descripto).

Moscosos.—Vide *Brejoeira*.

Palhares.—Já ficam descriptas n'este artigo.

—

Thermas

Perto das muralhas de Monção, na margem esquerda do Minho, em uma veiga fertilissima e muito aprasivel, nascem, mui proximo do rio, em uma area de 5 metros, trez *olhos* abundantes de agua thermal, formando outros tantos banhos, que, debaixo do mesmo tecto, se acham divididos, por delgadas paredes de cantaria. A differença do calor, em cada um dos banhos, lhes deu os nomes de *Brando* ou *Temperado*—*Contra-forte* e *Forte*.

Ha mais duas nascentes, que rebentam mesmo no alveo do rio, e que só estão fóra d'elle nas estiagens. Uma d'estas apenas trasborda do seu reservatorio—a outra é a mais copiosa de todas as nascentes, correndo abundantemente para fóra do seu tanque.

O calor do *banho brando*, ou *temperado*, é de 92° a 96° F., ou 26 1/2° a 28 1/2° R. Soffre-se sem incommodo, e mesmo com satisfação, por uma ou mais horas, na sua natural temperatura.

O *contraforte*, de 98° a 102° F., ou 29 3/4° a 31 1/4° R., no qual, segundo a sensibilidade e robustez do enfermo, não se soffre 30 minutos, sem afflicção.

O *forte* excede os 110° F., ou 34 3/4 R. Em poucos minutos produz os effeitos que se notam no banho quente. É o mais efficaz

em virtudes therapeuticas, e o mais usado para banhos; mas tomado em tinas, deixando-se esfriar segundo o vigor do que tem de ser submettido ao banho, ou da molestia que se pretende curar.

Nas suas origens sahem constantemente bolhas de gaz, que estalam na superficie da agua que é crystalina, diaphana, com sabor alguma coisa picante, cheiro levissimamente hepatico, que tambem se observa no sedimento ou deposito viscoso e verdoengo, que deixa na sua passagem, e alli se conserva.

A mineralisação é egual em todas as nascentes, que só differem nos graus de calor.

As virtudes medicinaes d'estas aguas são conhecidas desde tempos remotos.

Parece que estas virtudes são devidas ao gaz carbonico e aos saes de differentes bases, terreas ou metalicas, particularmente ferreas. É de presumir que o gaz hydrogenio, levemente sulphurado, juntamente com o carbonico, constituam estas aguas na classe das gazosas, e uma variedade das do Gerez.

O que fica dito sobre estas aguas, foi quasi textualmente extrahido das *Instrucções e cautellas praticas sobre a natureza das aguas mineraes*, escripto pelo dr. Francisco Tavares, medico da rainha D. Maria I, e publicadas em 1810.

Estas aguas, applicadas em bebida, restabelecem as forças do estomago, e dos intestinos. Tomadas exteriormente (em banhos) produzem evacuações saudaveis, pelos orgãos que a natureza acha para isso mais apropriados.

São recommendadas nas *chlores, fluxo-alvo, affecções do peito, nervosas e histericas, concreções lymphaticas e biliosas, padecimentos dos rins e bexiga, rheumatismo, gota, etc.*

Consta que estas aguas foram, ha muitos descobertas por um frade, cujo nome não chegou aos nossos dias.

A difficuldade do transito e o pessimo estado do edificio, privam muitos doentes do beneficio d'estas aguas. Mesmo assim, concorrem, uns annos por outros, a fazer uso d'ellas, duas mil pessoas, em grande parte gallegos.

O edificio mais elevado sobre o nivel do rio (chamado a *Therma*) foi construido em em 1801, pelo famoso general Francisco da Silveira Pinto da Fonseca, 1.º *conde de Amarante*, e pae do não menos famoso general Silveira, 2.º conde de Amarante, e primeiro *marquez de Chaves*.

O fundador deixou ao municipio, um legado com esta applicação.

No mesmo anno de 1801, Ricardo Allen, consul inglez, em Vianna do Minho, edificou tambem uma casa de banho, proxima de outra nascente. (Ainda a este se chama hoje, *Banho do Inglez*.) Este banho foi entulhado, em 1843, pela vasa do rio.

A nascente denominada *banho fresco*, foi descoberta em 1807, perto e a O. da *Therma*.

Ha tambem um tanque, sobre uma grande nascente, que se principiou a utilisar em 1819. Esta alimenta os *banhos temperados*, para os quaes ha barracas de madeira, ambulantes; que se retiram no tempo das enchentes do Minho.

A *Therma* tem um edificio pequeno, pouco aceiado, escuro e mal reparado do ar. Tem oito banheiras, cada duas divididas por um tapamento.

Os banhos temperados, teem tambem oito banheiras, aos pares, como as antecedentes.

O *banho do Inglez*, tem só uma banheira.

A agua produzida em 24 horas, é a seguinte:

Therma	litros ...	44:000
Banho do Inglez....	» ...	17:500
Temperados	» ...	123:500
Tanque arruinado.	» ...	123:500
Nascente fresca ...	» ...	10:500
	Total...	319:000

—

Foram estas aguas apresentadas na exposição universal de Paris, de 1867, e competentemente analysadas: eis o relatorio official dado a seu respeito. (Traducção.)

«São tres nascentes abundantissimas, que rebentam em sitio pittoresco e agradavel, ao

pé da fortaleza de Monsão, e a uma pequena distancia do rio Minho. São conduzidas a tres differentes banhos, que se distinguem por as seguintes denominações—*brando* (fraco) *contra-forte* (médio) e *forte;* em relação das suas ascendentes temperaturas. O fraco marca 31° 75 C.; o médio, 39° C.; e o forte, 43° C.

A amostra da nossa collecção, provém do banho forte. A agua é limpida, agradavel ao beber e completamente inodora.

Contém por kilogramma, 0 gr. 4,615 de principios fixos, que são—sulphatos e chloruretos alcalinos, carbonatos de cal e de magnesia, silica, e uma diminuta quantidade de ferro e d'alumina.»

MONSARAZ — villa, Alemtejo, concelho de Reguengos, comarca do Redondo, 6 kilometros ao N. O. de Mourão, 30 ao S. de Villa Viçosa, 45 a E. de Evora, 150 ao S.E. de Lisboa, 340 fogos.

Em 1757 (duas freguezias) tinha 170 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Alagôa) e S. Thiago apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

Até ao principio do seculo XIX tinha duas freguezias—(O sr. I. de Vilhena Barbosa, diz que teve tres; mas julgo que é engano. Agora tem uma só freguezia.)

Nossa Senhora da Alagôa, tinha em 1757, 103 fogos. O prior era apresentado pela casa de Bragança, e tinha de rendimento annual 330$000 réis.

S. Thiago, apostolo, tinha em 1757, 67 fogos. O prior era da mesma apresentação, e tinha de rendimento annual 300$000 réis.

Está esta villa situada em logar altissimo e penhascoso, cercada de muralhas, com um forte castello, feito por D. Diniz (quando povoou a villa) em 1310. Está tudo bastante arruinado. O que está mais bem conservado é o castello, com suas torres e muralhas; mas os edificios que existem no seu recinto, estão totalmente desmantelados.

A egreja matriz, de Nossa Senhora da Alagôa, foi fundada pelo grande condestavel, D. Nuno Alvares Pereira, pelos annos de 1395; mas tem soffrido diversas reconstrucções. É um espaçoso templo de tres naves, com tres portas na frontaria.

Tem Misericordia (em frente da matriz). Vêem-se aqui dois paineis, pintados em madeira, da escola do *grão Vasco.*

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, no 1.° de junho de 1512. (*Livro de foraes novos do Alemtejo*, fl. 33, col. 2.ª)

Tinha voto em côrtes, com assento no banco 16.°

O brazão d'armas d'esta villa, é simplesmente um escudo de prata, em branco. A sua alcaidaria mór, andava na familia dos Britos Pereiras, de quem adiante trato.

—

A falda E. do monte sobre que a villa está edificada, desce até ao Guadiana.

Durante as continuas guerras com os castelhanos, era a praça de Monsaraz um seguro abrigo dos povos d'estes contornos, em razão da sua posição, quasi inaccessivel, e a esta circumstancia deveu a villa o desenvolvimento da sua população e edificios; mas, tornando-se muito mais raras as guerras com os nossos incommodos e turbulentos visinhos de alem do Caia, e sendo Monsaraz um sitio agreste e de pessimo accesso, muitos dos seus habitantes foram pouco e pouco abandonando a villa.

Doze kilometros a E. de Monsaraz, no meio de vastas e ferteis campinas, existia uma antiga capella, dedicada a Santo Antonio; e pelos annos de 1680 se principiaram a edificar em volta d'ella, algumas pequenas casas; pelos annos de 1710, já formava uma aldeia, denominada *Reguengo* (por serem terras da corôa) e fez-se lhe por esse tempo uma egreja parochial, dedicada a Nossa Senhora da Caridade.

A fertilidade do terreno, a formosa situação do logar, e a industria dos seus moradores, em varios tecidos de lan ordinarios, e na fabricação de chapéus grossos, deram tal impulso á povoação d'esta aldeia, que em 1838, foi para aqui transferida a séde do concelho, que até então era Monsaraz.

Por carta regia de 29 de fevereiro de 1840, foi a aldeia de Reguengo elevada á cathegoria de villa, sob o nome de *Villa Nova de Reguengos.*

Vê-se pois que o desenvolvimento e prosperidade d'esta nova povoação, foi á custa da decadencia de Monsaraz, o que deu causa a rivalidades, e mesmo odios, entre as duas villas.

Monsaraz, teve até 1834, juiz de fóra, um capitão e uma companhia de ordenanças, e um batalhão de voluntarios realistas, creado em 1828. Têem para si os d'esta villa, que a pérda da sua autonomia, foi em castigo da sua dedicação ao partido do sr. D. Miguel.

—

Na egreja matriz (entre a porta do centro e a da esquerda, de quem entra), está um grande tumulo de marmore, descançando sobre tres leões.

Sobre a tampa está estendida a estatua de um cavalleiro, tendo um alão deitado a seus pés. Na face do mausoleu, que olha para a capella-mór, estão esculpidas em relevo, 14 figuras de santos—e na face que corresponde aos pés da estatua, se vê a imagem de um cavalleiro, com um falcão em punho, em quanto outro falcão vôa direito a uma arvore, em que estão pousadas duas aves, para as quaes tambem correm dois cães.

Na borda da tampa, tem uma inscripção gothica, já bastante destruida pelo tempo, da qual apenas se póde lêr—AQUI JAZ TOMAZ MARTINS, VASSALLO D'EL-REY, FILHO DE MARTIM SILVESTRE, O QUAL TOMAZ MARTINS......

....

No chão, junto a este tumulo, está a sepultura de Martim Silvestre (pae de Thomaz Martins), fallecido em 1371.

Tem uma inscripção que diz:

AQUI JAZ MARTIM SILVESTRE, HOMEM BOON, E FEZ MUITO BEN EM ESTA HOBRA, E PASSOU VJ DIAS D'ABRIL, ERA MCCCLXXXJ. TOMAZ MARTINS, SEU FILHO, MANDOU FAZER ESTA CAPELLA.

Estes dois jasigos, pertenceram a uma capella particular, que se desfez quando se reedificou modernamente a egreja matriz.

—

Das ameias da *torre de menagem*, se avistam, em dilatadissimo horisonte, as cidades d'Evora e Elvas; as villas de Evora-Monte, Extremoz, Mourão, Alconchel, Villa Nova d'el Fresno (Hespanha), Olivença, e outras muitas povoações menores. Vê-se tambem a Serra d'Ossa, e outras montanhas.

—

Extra-muros da villa, ha varias casas de habitação, formando o seu arrabalde.

Tem muitas casas desertas.

Na villa não ha fontes; os moradores, servem-se d'agua da cisterna, ou da da *fonte do Outeiro*, que está nas faldas do monte.

A cisterna, é uma casa de abobada, com porta para a rua, da qual desce uma escada de pedra, até ao fundo do reservatorio.

É tradição que esta casa foi mesquita de mouros.

Ha aqui uma boa feira a 15 de agosto.

A 3 kilometros ao N. da villa, está o mosteiro de Nossa Senhora da Orada, que foi de religiosos agostinhos descalços.

Julga-se ter sido fundado quando o foi a egreja matriz (pelos annos de 1395.)

Em tempo de sêcca, ou por outra qualquer calamidade publica, costumavam os moradores da villa, virem buscar a Senhora da Orada e a levavam em procissão á egreja matriz.

A imagem é de pedra e muito pesada. Quando se fundou aqui o mosteiro, continuou a mesma pratica religiosa, em todas as occasiões em que era necessario o patrocinio da Santissima Virgem; que era então levada por oito religiosos, os quaes lhe custava muito a conduzil-a pelo seu peso desmedido, e em uma d'estas procissões, cahiu e partiram-se-lhe as mãos. Os frades, lhe mandaram logo fazer outras de madeira, e para diminuirem o peso da imagem, a mandaram escavar por dentro, ficando ôca—e, como ficasse nas costas o buraco por onde se escavou, desde então se vestiu, como as imagens de roca.

Este mosteiro, foi fundado junto e unido á antiga capella de Nossa Senhora da Orada, da qual o convento tomou a invocação, pelos religiosos agostinhos descalsos, e com licença do cabido d'Evora, em *séde vacante*, no anno de 1670.

Como a capella se fosse arruinando com o tempo, e fosse de pequeno ambito e de má

structura, resolveram os frades, edificar um templo mais vasto e digno da magestade da rainha dos Anjos; e, em 20 de novembro de 1700 (vespera da festa da Apresentação da Virgem), se lançou a primeira pedra da nova egreja.

Fica esta egreja distante 16^m,30 da antiga capella, que tambem por esse tempo foi reparada.

Era então prior do convento, fr. João do Calvario, natural de Extremoz.

—

O Guadiana passa a 3 kilometros da villa, em leito profundo.

Na raiz da montanha sobre que a villa está edificada, ha uma ermida, cuja capella-mór, octogona, e de grossa muralha, consta ter sido templo romano.

O territorio de Monsaraz, é fertil em cereaes, algum azeite, muitos montados, em que se cria grande quantidade de porcos.

Ha tambem bastante mel e céra, cria gado de toda a qualidade, tem muita caça, grossa e miuda, e bom peixe do rio.

No terreno da villa, ha uma casta de trigo, que produz até 14 espigas, em cada pé.

Foi esta villa tomada aos mouros, em 1167, por D. Affonso I, que a deu aos templarios. Supprimida esta ordem em 1311, formou desde 1319, até 1834, uma commenda da ordem de Christo.

A 8 kilometros da villa, é a serra de *Ramo-Alto*, onde nasce o rio *Azevel*. (Vide Reguengos.)

—

Já disse que a alcaidaria mór de Monsaraz, andava na familia dos Britos Pereiras. O primeiro que teve este emprego, foi Fernão Rodrigues de Brito, que procedia de João Rodrigues Pereira, da casa da Taipa, creado e parente de D. Alvaro Gonçalves Pereira, grão-prior do Crato.

A este, seguiu se Francisco Rodrigues Pereira—Fernão Rodrigues Pereira, que foi veador de D. Isabel, filha do infante D. Duarte, a qual casou com o duque de Bragança.

Quando D. João II mandou degolar o duque de Bragança, D. Fernando II, na praça d'Evora, em 1483, Fernão Rodrigues Pereira, temendo egual sorte, fugiu para Castella. Quando regresou á Portugal, trazia cartas dos filhos de D. Fernando II (o degolado), para a duqueza sua mãe; e receando que lhe fossem encontradas, as enguliu.

Foi preso por ordem do rei, e se conservou encarcerado até á acclamação do rei D. Manuel, que o fez camareiro do duque de Bragança, D. Jayme.

A Fernão Rodrigues Pereira se seguiu Christovão de Brito Pereira—Fernão Rodrigues de Brito Pereira—Christovão de Brito Pereira—Fernão Pereira—Christovão de Brito—Fernão Rodrigues—Salvador de Brito, que morreu na batalha do Ameixial, em 8 de junho de 1663.—Seguiram-se Fernão Pereira, Christovão de Brito e João de Brito. A este seguiu-se Salvador de Brito, que foi o ultimo alcaide-mór de Monsaraz, d'esta familia.

—

Durante a guerra civil de 1832 a 1834, os realistas ainda aqui collocaram algumas peças de artilheria, de grosso calibre, para que esta praça servisse de ponto de defeza, na margem direita do Guadiana.

As peças por lá ficaram, e estão hoje desmontadas, abandonadas e cobertas de ferrugem.

Foi Monsaraz um dos mais ricos concelhos do reino, em rendimentos municipaes, provenientes de grandes baldios, que ainda hoje são importantes.

—

Sobre a porta chamada da *Villa*, está esculpida em uma pedra a seguinte inscripção.

AETERNITATI SACR.
IMMACULATISSIMAE
CONCEPTIONE MARIAE.
JOAN. IV PORTUGALL. REX
UNA CUM GENERATIBUS COMITIIS
SE ET REGNA SUA
SUB ANNUO CENSU TRIBUTARIA
PUBLICE VOVIT.
ETC. ETC. ETC.

(Consagrado á eternidade. João IV, rei de Portugal, juntamente com as côrtes geraes, publicamente se votou e ao seu reino, tributarios, por censo annual, á Immaculatis-

sima Conceição da Virgem Maria, etc., etc., etc.)

Não se póde lêr o resto da inscripção, já pela miudeza das lettras, já por estarem, em parte, gastas pelo tempo.

Todos sabem que D. João IV, em 1646, e as côrtes reunidas em Lisboa, tomaram por padroeira do reino de Portugal, a Nossa Senhora da Conceição, com o censo annual de 50 cruzados de ouro, á sua imagem, de Villa Viçosa ; o que gostosamente foi acceito por todo o reino. (Vide col. 2.ª da pag. 398 do 2.º vol.)

Muitas inscripções no mesmo sentido d'esta de Monsaraz, se mandaram lavrar em fortalezas e outros logares publicos do reino, para eterna memoria d'esta deliberação.

—

Em julho de 1385, D. João I de Castella investe o castello de Monsaraz, que, desprevenido, foi tomado por surpreza ; mas logo no principio de agosto, e antes da gloriosa batalha de Aljubarrota, o grande condestavel, D. Nuno Alvares Pereira, o resgata do poder dos castelhanos.

MONSARROS, ou VILLA NOVA DE MONSARROS—villa, Douro, comarca e concelho da Anadia, 24 kilometros a ONO. de Coimbra, 225 ao N. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 390 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Aveiro.

O cabido da Sé de Coimbra apresentava o prior, que tinha 400$000 réis de rendimento annual.

Foi couto.

É povoação muito antiga, e já existia no tempo dos arabes, que lhe deram o nome, como adiante se verá.

Em 1016, era senhor d'esta villa *Recemundo Maureliz*, que a deu, com a sua egreja, e com as egrejas de *Villar de Correixe*, *Sangalhos*, *Barrô*, *Morangaus* (Morangal ?) *Tamengos*, *Horta*, *Ventosa*, *Cepins*, *Recardães* e *Travasolo* (Travaçô) e outras mais, ao mosteiro da Vaccariça.

Depois da conquista de Coimbra aos mouros (1064) passaram parte d'estas egrejas a ser do padroado dos filhos de Gonçalo Viegas e sua mulher, D. Flamula (ou Chama, que é o mesmo.)

Passados annos foi este padroado (de Monsarros) para o cabido da Sé de Coimbra, que o usofruiu até 1834.

Os descendentes de D. Flamula, ainda vieram allegando direitos a este padroado ; mas o cabido obteve uma sentença a favor da jurisdicção dos seus coutos, em 14 de janeiro de 1540. (*Livro das sentenças a favor da carôa*, fl. 4 v, col. 2.ª, e o original, na gav. 10, maço 6, n.º 3.)

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 9 de dezembro de 1514. (*Livro de foraes novos da Extremadura*, fl. 175 v, col. 2.ª)

—

O nome d'esta villa e freguezia, diz-se que é corrupção da palavra arabe *Musarab*, que significa — *meio arabe.* Deu-se o nome de *musarabes* aos christãos que viviam entre os mouros e lhes eram sujeitos.

Bluteau deriva este nome, de *Muça*, que significa christão—vindo pois *musárabe* a dizer—*christão arabe.*

Alguns escriptores oppõem-se a esta etymologia, dizendo que os mouros chamavam ao christão *naçarani* e não *muça.* O que é certo é ser *Muça* nome proprio arabe, e que este tinha o chefe africano que derrotou D. Rodrigo, ultimo rei godo, na desastrosa batalha de Guadalete.

Na poesia attribuida ao mesmo infeliz e mal aconselhado rei, se diz :

«Ca *Muça* et Zariph, com basta companha.»

(Vide 1.º vol., col. 1.ª da pag. 238 HH.)

Frei João de Sousa (*Vestigios da lingua arabica*) diz que *musarabe* é corrupção de *nusárab* — que significa *meio-arabe*—isto é, quanto á lingua e costumes, e não á religião.

É isto o que parece mais provavel.

Ainda outros pretendem que a palavra

musárabe venha do latim *mixti-arabe*; mas isto é mais que duvidoso.

Finalmente, dizem outros que o nome d'esta villa é corrupção de *Mons-Sacrus* (monte sagrado) e que se lhe chamou assim, em rasão de haver um templo romano, edificado sobre o monte proximo. Não me consta porém que haja o minimo vestigio de similhante templo, nem mesmo tradição de ter existido.

Sanctuario de Nossa Senhora das Neves

N'esta villa houve em tempos remotos, uma pequena ermida, dedicada a Nossa Senhora das Neves, objecto de grande devoção para os povos d'esta freguezia e immediatas.

A imagem é de marfim, e tem apenas $0^m,30$ d'altura. Consta por tradição que veio de Roma. Está hoje na sachristia do seu novo templo, que se lhe mandou fazer, com capella-mór e muito mais vasto; mandando-se fazer para elle, uma nova imagem da Virgem, de 1^m60 d'altura, de madeira e muito perfeita. Está no altar-mór.

Faz-se-lhe a festa a 5 d'agosto.

Conta-se a origem da nova egreja do modo seguinte:

Estando a primitiva imagem na velha ermida, um homem chamado Cosme Dias, d'esta mesma villa, vendo-se em grande pobreza, decidiu-se a hir buscar fortuna por terras alheias, sem saber para onde; mas antes de partir, se foi devotamente encommendar a Nossa Senhora das Neves.

Partiu de Monsarros, sem rumo certo, e foi dar á cidade de Sevilha (então capital da Andaluzia) em tão bôa occasião, que logo a teve de embarcar para as *Indias Occidentaes*, que era como então se denominava a America; e alli, em poucos annos, juntou grossos cabedaes.

Vendo-se rico, voltou á Europa; mas, chegando a Sevilha, alli adoeceu gravemente. Vendo-se em perigo de vida, fez o seu testamento, no qual instituiu muitos legados pios, e, fallecendo, foi enterrado na egreja do convento de frades franciscanos d'aquella cidade, na capella do Sancto Christo. Isto aconteceu pelos annos de 1600, e em 1612, foi um seu irmão buscar as suas cinzas, para serem depositadas no Sanctuario de Nossa Senhora das Neves, como foram. Junto com a ossada do irmão, trouxe tambem quatro imagens — de Santo Antonio, S. Francisco, S. Cosme, e S. Damião, que se collocaram no mesmo sanctuario.

Entre os muitos legados pios que instituiu Cosme Dias, bem assim o foram duas capellas de missas quotidianas, dotando-as generosamente, com renda para os capellães e fabricas — e distribuiu em Sevilha, muitas e avultadas esmolas.

Instituiu outra capella, no convento de S. Francisco da Ponte, de Coimbra (que o rio submergiu) tambem com bôa renda.

Mandou se edificasse em Monsarros, um novo templo a Nossa Senhora das Neves. Alem das despezas na construcção do novo templo, deixou mais, de renda, em juro, que depois veio a pagar a casa dos duques de Cadaval, 200$000 réis, (por herança) da casa de Tentugal.

D'estes 200$000 réis, determinou o testador que se comprassem todos os annos, no tempo da colheita, 40$000 réis de milho, e fosse distribuido pelos pobres da freguezia, no mez de maio — e que, em cada anno se casasse uma orphan da sua geração, á qual se dariam 24$000 réis de dote — e que tambem em cada anno se dessem 20$000 réis, a um estudante pobre, da sua geração, para poder estudar — e a um seu parente, para administrar a capella, 16$000 réis annuaes; e todas as vezes que fosse preciso sahir de sua casa, em serviço da capella, teria 400 réis diarios — e para a festa da Senhora, 20$000 réis annuaes.

Deixou ao vigario geral de Coimbra, por hir visitar a capella e distribuir as esmolas, 4$000 réis. E o que sobrasse dos 200$000 réis, seria para a fabrica da capella.

Alem de tudo isto, instituiu no templo de Nossa Senhora das Neves, uma capella de missas quotidianas, para o que deixou muitas e bôas geiras de terras, no Campo de Coimbra, alguns casaes, fóros e predios, na cidade de Coimbra, tudo comprado com o dinheiro do testador.

Os povos das freguezias de Oliveira do Bairro e do Troviscal fizeram antigamente voto de hirem todos os annos, em procissão, visitar a casa da Senhora das Neves, em agradecimento de um grande beneficio que a mesma Senhora lhes havia feito.

Era este voto tão rigorosamente cumprido, que os parochos d'estas duas freguezias não absolviam os que o não satisfizessem.

Tambem no dia da festa da Senhora, hiam á sua capella em procissão, os povos das freguezias da Mouta, Tamengos, Vaccariça, e Luso.

Faz-se então aqui um grande arraial, onde acodem romeiros de muitas leguas em circumferencia.

MONSERRATE — sumptuoso palacio e formosissima quinta do sr. Francisco Cook, subdito britannico, e hoje visconde de Monserrate.

Para me desempenhar da promessa que fiz aos leitores, no fim da columna 2.ª, de pag. 304, do 2.º vol., dou aqui o mais que então ficou por dizer.

Adiante da quinta da *Penha-Verde* (fundada por D. João de Castro, 4.º vice-rei da India, no seculo XVI) hindo de Cintra para Collares, ao lado direito, em uma agradavel collina, separada das outras ondulações, está a famosa *quinta de Monserrate*.

Provém-lhe este nome, de uma ermida de Nossa Senhora de Monserrate, que em 1540 aqui edificou o padre Gaspar Preto, mandando vir de Roma, a imagem (de alabastro) da Senhora.

Pelo correr dos annos, e pelo abandono, cahiu a capella em ruinas.

No seculo XVIII, um negociante estrangeiro, chamado Gerardo Devisme (socio de Mellish, e ambos negociantes de páu do Brazil, até 1790), fez edificar aqui, uma casa de campo, segundo o risco e desenho de Ignacio d'Oliveira Bernardes. (que tinha nascido em Lisboa, no 1.º de fevereiro de 1695; fôra em Roma, discipulo de Benedicto Lutti, e, depois, de Paulo Mathei. Era architecto civil e pintor.)[1]

A casa era imitando um castello antigo.

A primeira torre, era destinada para os quartos de cama, seguindo-se em baixo casa de jantar e accessorios.

A segunda torre, era uma bella sala de fórma circular, para musica. Ambas estas torres communicavam com o resto do edificio, que era muito bem distribuido e luxuoso, e cercado de uma gradaria de ferro, de um metro d'altura.

As casas dos creados, cocheiras e estribaria, formavam um outro corpo do edificio, ao lado do caminho.

A abegoaria e a casa do caseiro, eram tambem feitas com luxo e bom gosto.

A quinta compunha-se de um formoso bosque de carvalhos seculares, que vinham terminar a um pomar de laranjeiras e tangerineiras que estava junto á casa.

No sitio onde existiu o pomar, ainda se vê uma cascata, feita de grandes calhaus, imitando a natureza, sobre um vasto reservatorio, cujas aguas aqui se juntam durante o inverno e a primavera, descendo em catarata sobre um leito pedregoso.

Uma bella alamêda, conduzia á casa acastellada.

Pela retirada de Gerardo Devisme, veiu para esta casa residir um inglez, chamado Beckford, que deu aqui brilhantes festins.

Depois que este se retirou, ficou esta vivenda deserta e abandonada.

O sr. Cook (hoje visconde de Monserrate) comprou esta propriedade, em 1863, restaurando-a, no gosto oriental, e fazendo na quinta um jardim botanico, para onde tem man-

[1] Bernardes fôra estudar á Italia, por ordem e a custa de D. João V—Foi o mesmo Bernardes que fez o risco para o palacio que Devisme mandou fazer, em S. Domingos de Bemfica, e que é actualmente da sr.ª infanta D. Isabel Maria.

O sr. Ignacio de Vilhena Barbosa, diz que Bernardes, só fizera para Devisme, o risco da quinta de Bemfica (residencia ordinaria d'este rico negociante), e que não podia fazer o risco da casa de Monserrate, pela simples rasão de que, quando se fez o arrendamento, em 1790, já Bernardes era fallecido havia 9 annos. (18 de janeiro de 1781.)—Só se Devisme, aproveitasse os desenhos que Bernardes houvesse feito para outra localidade.

dado vir arvores, arbustos, plantas (principalmente fectos) e flores, de diversos climas.

—

É tradição, que esta propriedade já existia no tempo da dominação arabe, e era então muito bem cultivada.

Segundo a lenda, era esta quinta de um fidalgo musarabe, sendo então as casas, no alto da quinta, onde agora está o palacio.

Este musarabe, de nobre sangue gôdo, mal soffria o jugo dos mauritanos, pelo que teve graves discordias com o alcaide mouro, do castello de Cintra.

O alcaide, querendo vingar-se do christão, não como auctoridade, mas como brioso cavalleiro, foi desafiar o seu inimigo a sua propria casa, e travaram rijo duello, no alto do monte.

Eram ambos dextros cavalleiros e bravos pelejadores, mas por fim venceu o mouro, deixando a seus pés morto o christão.

Os christãos d'estes sitios, reputar a mofidalgo, como um martyr, e vinham orar sobre a sua sepultura, que regavam de sentidas lagrimas, e imploravam a piedade da Santissima Virgem, para que os livrasse do jugo serraceno.

Poucos annos depois (1147), D. Affonso I asteava o pendão das Quinas, sobre as torres do soberbo castello mourisco, e o crescente do Islam, era arriado d'esses muros em que fluctuara por 630 annos. Cintra viase finalmente livre do dominio dos filhos de Agar.

Então, sobre a sepultura do ultimo martyr, edificou o povo uma pequena ermida, dedicada a Nossa Senhora, a qual (ermida), com o correr dos tempos, veiu a cahir em ruinas.

Até aqui a lenda.

Em 1540 pertencia a collina onde estava a capella, e mais alguns terrenos adjacentes, ao hospital de Todos os Santos, que existia no Rocio, de Lisboa.

No seculo XVII, aforou o hospital esta propriedade a um fidalgo da familia Mello e Castro; e no principio do seculo XVIII era senhor da quinta de Monserrate, Caetano de Mello e Castro, vice-rei da India, casado com D. Marianna de Faro, filha dos 2.os condes da Ilha do Principe.[1]

Morrendo Caetano de Mello, na India, em 1718, declarou, por testamento, que vinculava a sua quinta da *Bella-Vista*, ou *Monserrate*, na serra de Cintra; o que seu filho, Antonio de Mello e Castro, cumpriu, com as devidas formalidades, e foi o 1.º morgado de Monserrate. Morreu victima do terramoto, em Lisboa, do 1.º de novembro de 1795.

Não tendo filhos, passou o morgado a seu irmão, Francisco de Mello e Castro, que, como seu pae e avô, servira na India.

Durante o dominio d'estes Castros, foi a quinta muito melhorada, e se edificaram no alto d'ella umas casas para residencia de verão, de seus donos.

Francisco de Mello e Castro, casou na India, com D. Joaquina de Mello, viuva de José de Saldanha, e filha do general, Martinho da Silveira de Menezes.[2]

Uma sua filha (ou neta) D. Francisca Xavier Marianna de Faro e Mello, casou com D. Lopo José de Almeida Pimentel; e ficando viuva, estando em Gôa, arrendou a quinta de Monserrate a Gerardo Devisme.

Foi feito o arrendamento por nove annos, a principiar em 10 de julho de 1790, dia em que se assignou.

[1] Em 29 de outubro de 1753, D. José I, mudou o titulo de conde da Ilha do Principe, no de Lumiares, em favor de Carlos Carneiro de Sousa, ultimo conde do primeiro titulo.

É hoje representante dos antigos condes da Ilha do Principe, o sr. conde de Lumiares, D. José Manuel da Cunha Faro Menezes Portugal da Gama Carneiro e Sousa. O 1.º conde da Ilha do Principe, foi Luiz Carneiro de Sousa, por Philippe IV, em 4 de fevereiro de 1640.

[2] Não sei com que fundamento, a familia do Covo (que são Castros, Lemos, Magalhães e Menezes, e á qual pertence a actual sr.ª condessa da Ribeira) se julgam com direito a este morgado de Cintra. O que é certo, é, no cartorio do Covo existir a escriptura da instituição d'este vinculo, e muitos papeis que lhe dizem respeito. Tambem é certissimo descender esta familia, do referido Francisco de Mello e Castro; e ter muitas propriedades em Barcarêna e em Lisboa (a Santa Martha) que pertenciam ao morgado de Cintra.

Devisme, na intenção de renovar o arrendamento, demoliu a ermida e as casas velhas, e deu principio ás novas construcções.

Não se sabe se Devisme concluiu as obras; pois que ainda antes de findar o seculo XVIII, se retirou inopinadamente para a sua patria, por desgostos que soffreu em Portugal; e falleceu em Londres, em 1798.

Em 1794, arrendára Devisme (*sobre-arrendára*) esta quinta a outro opulento inglez, o tal já mencionado Bechford, que fez tornar a propriedade ao seu antigo esplendor.

Este Bechford, era filho de Williams Becheford, que foi lord-maire de Londres, e marido de lady Margarida Gordon, filha do conde Aboyne, na Escocia. Veio para Cintra curtir saudades da sua formosa esposa, que morréra ao dar á luz o seu segundo filho; e por estar na Inglaterra culpado em um processo crime. [1]

Beckford fez varios e importantes melhoramentos nas casas e quinta, tornando-as um verdadeiro paraiso.

Sua filha, Suzana Euphemia Beckford (a que custára a vida a sua mãe) veio a ser duqueza de Hamilton, na Escocia; duqueza de Branden, na Inglaterra; e duqueza de Chatellerand, em França.

Beckeford enamorou-se de uma filha bastarda do marquez de Marialva: mas este fidalgo, ou por orgulho, ou porque o inglez era protestante, não consentiu em similhante casamento; o que tanto sensibilisou aquelle, que abandonou para sempre este reino.

Na sua primeira viagem a Portugal, escrevêra Beckford uma serie de cartas curiosissimas, sobre a côrte de D. Maria I.—Na 2.ª e ultima viagem, deu assumpto a Luiz Augusto Rebello da Silva, para o seu bello romance — *Lagrimas e thesouros.*

Na Inglaterra, foi habitar a sua propriedade de *Foutill*, uma das mais bellas e sumptuosas dos tres reinos, e onde morreu de avançada edade, e pelos annos de 1835.

[1] D. Maria I, de Portugal, obteve depois do rei de Inglaterra, o perdão de Bechford.

Abandonada a propriedade de Monserrate por Beckford, foi arrendada a differentes pessoas, que não curaram da sua conservação e chegou ao mais triste estado de ruina; e assim foi vendida ao sr. Cook por o sr. Luiz Caetano de Castro e Almeida Pimentel de Sequeira e Abreu, então seu proprietario.

Desde então, tem sido esta propriedade o objecto da maior sollicitude de seu dono, que tem feito d'ella uma habitação das *Mil e uma noites.*

A fóra os pomares, a primittiva quinta de Monserrate, é só de regalo; porém o sr. visconde lhe annexou, por compra, a propriedade do *Espirito Santo*, para terras de lavoura, e é hoje uma verdadeira *Granja-modelo.*

Ha pouco tempo, tambem o senhor visconde comprou aos srs. condes de Penamacor, a quinta contigua, de *Penha-Verde*, fundada por o célebre D. João de Castro, 4.º vice-rei da India. (Vide col. 2.ª da pag. 303, e col. 2.ª da pag. 304, do 2.º vol.)

Em maio de 1874, a senhora viscondessa (que, posto ser filha de inglezes, é natural de Lisboa) abriu uma escola de meninas, em *Galamares*, em uma das numerosas propriedades que possue em redor da quinta de Monserrate.

MONSUL—freguezia, Minho, comarca e concelho da Povoa de Lanhoso, 12 kilometros ao ENE. de Braga, 9 a O. de Guimarães, 45 ao NO. do Porto, 360 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 136 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O cabido da Sé de Braga, apresentava o vigario, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra fertil.

O nome d'esta freguezia parece derivar-se do arabe *Moçaun*, povo da Africa, que occupava a parte mais occidental da região que comprehende as quatro provincias — *Hea, Sus, Jezula* e *Marrócos;* cujo rei era *Muça.* (*L'Afrique*, de Marmol, tom. 1.º, pag. 69.)

Em 1147, os mouros que se chamavam Muçamudes, entraram em Hespanha. (*Mon. Lus.*, tom. 3.º, pag. 51.)

MONTA — portuguez antigo — quinhão, sorte, porção ou *monte* que cabe a cada um dos coherdeiros. *Das montas susoditas devem os herdeiros, a Gil. . . XVIIII soldos, X dinheiros e mealha.* (Doc. de Alpendurada, de 1359.)—Hoje diz-se *monte*.

Monte era tambem o lanço que se dava na praça, sôbre qualquer objecto que andasse em leilão. (Doc. das freiras benedictinas, do Porto, de 1338—e Doc. de Alpendurada, de 1362.)

MONTACHIQUE—vide *Soccôrro*.

MONTADÉGO — portuguez antigo — vide *Montatico*.

MONTADÍGO—portuguez antigo—o mesmo.

MONTADO — portuguez antigo — direito que se pagava de certas especies de gado.

Em 1261 D. Affonso III dirigiu uma carta ao mestre do Templo, e aos outros commendadores da mesma Ordem, em Portugal, na qual lhes dizia que tivera queixas de que elles recebiam nos termos das villas e terras da Ordem, sem moderação alguma e com damno e perda de seus vassallos, o tributo do *montado*. Ordena-lhes que elles e os mais religiosos do reino escolham a seu arbitrio uma villa das que tinham, e só d'essa recebessem o *montado*, e não das mais.

Este direito era:—*Do rebanho de vaccas uma vacca; do rebanho de ovelhas, 4 carneiros, porém nada de porcos, eguas ou outros gados. E que não tirassem portagem das coisas e dos homens que passassem pelos seus logares, senão em aquelles, nos quaes lhes fosse concedido por doações reaes; sob pena de quem o contrario fizesse, pagar 500 soldos, além das custas e despezas, áquelle que se lhe d'isso queixasse.* (Doc. da Torre do Tombo.)

MONT'ALEGRE ou **MONTE ALEGRE** — villa, Traz-os-Montes, cabeça de comarca e de concelho, 70 kilometros ao NE. de Braga, 30 ao O. de Chaves, 6 ao S. da raia de Galliza, 430 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 95 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

A casa de Bragança apresentava o reitor, que tinha 130$000 réis de rendimento.

O concelho de Mont'alegre é composto de 6 freguezias, sendo a de *Tourem* (S. Pedro) da jurisdicção do bispo d'Orense (vide *Mixto*) mas apresentado pela corôa de Portugal, e todas as mais do arcebispado de Braga, que são as seguintes:—Cabril, Cambezes, Cervos, Chan, Contim, Covellães, Covéllo do Gerez, Donões, Ferral, Fervidellas, Fiães do Rio, Gralhas, Meixedo, Meixide, Mont'Alegre, Morgade, Mourilhe, Negrões, Outeiro, Padornéllos, Padroso, Paradella, Paredes do Rio, Reigoso, Salto, Sarraquinhos, Sezélhe, Solveira, Venda-Nova, Villa da Ponte, Villar de Perdizes (Santo André), Villar de Perdizes (S. Miguel) Pitões, Pondras, e Viade—todas com 3:800 fogos.

A comarca de Mont'Alegre é composta do seu julgado e do das Boticas, com 2:100 fogos, ambos 5:900.

—

Está esta villá em 41° 52′ de latitude e 10° de longitude oriental da ilha do Ferro, e 10°, occidental do meridiano de Paris.

—

O foral mais antigo d'esta villa, mencionado por Franklin, foi-lhe dado por D. Affonso III, em Lisboa, a 9 de junho de 1273. (*Livro 1.º de doações de D. Affonso III*, fl. 110, col. 1.ª)

D. Diniz lhe deu outro foral, em Lisboa, a 3 de janeiro de 1289. (Gav. 15, maço 15, n.º 23).

Este foral tambem se encontra no Liv. 4.º das Doações de D. Affonso IV, a fl. 47, v.

Foi este foral confirmado por D. Affonso IV, em Lisboa, a 26 de junho de 1340. (Está no mesmo livro 4.º, a fl. 47 v. col. 1.ª)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 18 de janeiro de 1515. (*Livro dos Foraes Novos de Tras-os-Montes*, fl. 40 v.)

—

É povoação antiquissima, e com toda a provabilidade muito anterior ao dominio dos romanos na peninsula iberica.

Corrobóra esta opinião o facto seguinte:

Em 1785, fazendo-se umas escavações no *Outeiro Lesenho* (ou *Lusenho*) perto da villa, se acharam duas estatuas de guerreiros mui toscamente cinzeladas, e evidentemente antiquissimas. Uma tem 2,m50 de altura, e outra 2m,10. São ambas de granito. Ou são obra dos antigos lusitanos, ou, e mais provavel, dos phenicios. Foram para Lisboa, e estão no jardim do palacio real da Ajuda. (Vide a pag. 43, *in fine*, da col. 2.ª do 1.º volume.)

D. Jeronymo Contador d'Argote (*Memorias do Arcebispado de Braga*, tom. 2.º pag. 500, n.º 813) diz que no castello de Mont'alegre se vêem quatro torres quadradas, e de pedra lavrada, com grande primor e arte. D'estas torres, a principal é altissima e dizem as noticias que vieram de Braga, que se presume ser obra dos romanos. Ha tambem no castello uma notavel cisterna, cuja construcção tambem parece romana.

No sitio chamado *Ciáda*, proximo do logar dos *Casaes*, estão umas construcções subterraneas de tempos remotos. É um quadrilongo formado por uma parede de cantaria, com uma só entrada. Dentro d'este recinto ha outra parede concentrica, com uma porta em frente da exterior, e outra na parte opposta; ficando entre as duas paredes, um corredor. O quadrilongo do centro é todo lageado de pedra de cantaria, e sobre elle estão 18 pyramides (em 3 renques de 6) tendo cada uma chumbado um gancho de ferro.

Sobre estas pyramides fecha uma abobabada de pedra, e nos quatro angulos d'esta, vão crescendo para cima, juntamente com as paredes, quatro chaminés, com vestigios de n'ellas se ter feito lume por muito tempo.

Sobre a abobada esta uma sala toda ladrilhada de grandes tijolos, assentados em argamassa; tudo de robusta construcção, e mostrando ter havido outra abobada sobre a primeira. Muita pedra d'esta abobada foi para a egreja de *Gralhas*, que fica perto.

Está este singular monumento a uns 3 metros debaixo do sólo, em um outeiro cultivado. Foi descoberto em 1704, quando um homem, andando a lavrar, e outro a arrancar pedra, acharam esta gruta artificial.

O juiz de fóra de Mont'alegre, o dr. Roberto Carlos Ribeiro, e muita gente com luzes desceram por essa occasião a esta cavidade, que percorreram e examinaram, não podendo porém correr outras obras que ha contiguas a esta.

É isto com toda a provabilidade obra dos romanos, mas não se póde aventar a applicação que lhe davam.

O padre Argote, diz que proximo a esta construcção existiu a cidade de *Caladuno*.

—

Perto d'este sitio (*Ciada*), fica a aldeia e freguezia de Gralhas—ao E.—Entre uma e outra povoação ha vestigios de muralha antiquissima, que cercava o monte chamado *Campêllos*.

D'aqui passa ao sitio chamado *Bobadélla*, hindo terminar em outro sitio, denominado *Payo-Mantella*, tendo 3 kilometros de circumferencia.

Segundo Thomé de Távora e Abreu, houve aqui muitas casas de abobada.

Na povoação das Gralhas, houve um *padrão*, hoje servindo de haste a uma cruz—era um marco milliar. Tinha 7 palmos e meio d'alto, 2 ½ de largo, e 1 de grosso. Tinha seus lavores nas extremidades, e no meio, que era liso, tinha em uma das faces uma inscripção latina, da qual, no tempo de Argote, apenas se podia lêr

NOHO EILU QNI.

Não se entende. Esta pedra foi achada a alguma distancia das Gralhas, em um campo ainda hoje chamado do *Padrão*.

A 6 kilometros de Penedones, que foi do termo de Mont'alegre, está a cruz, chamada de *Leiranco*. Ao S. d'ella, desviado da estrada 1:500 metros, e proximo ao rio *Regavão*, está um alto monte, chamado *Castello de S. Romão*, e na raiz do monte, do lado do E. e S., estão as ruinas de uma grande povoação, nas quaes ainda se vêem vestigios de cinco ruas, e alicerces de casas de pedra, algumas de cantaria.

D'estas ruinas hia uma rua ter a um muro, de alvenaria, de uns 0m,70 de largo, que principiava pelo E. em um alto penhasco e vi-

nha para o S. ter a outro penedo, tambem grande.

No meio d'este muro, estava uma porta larga, por onde se entrava para outra, que abria para um terreiro, de umas 20 braças (44 metros) de circumferencia, por onde passava uma estrada que hia até uns segundos muros, fechando o primeiro ao O. do castello, que era feito de cantaria, bem lavrada, e rodeava o cume do monte, vindo terminar em oito rochedos, que lhe serviam de torres. Alguns d'estes têem cavidades que denotam ter sido posto das vigias, ou sentinellas.

Conhece-se que um d'estes penedos, que está a E., foi afeiçoado a picão, dando-lhe a fórma quadrada, que conserva por uns 9 metros, que tanto é a sua altura; tendo em cada face 2m,20 de largo.

Dentro das ruinas do castello, estão dois penedos bastante altos, que lhe serviam de torreões, e n'elles, aberta a picão, uma escada. A seu lado se vêem montes de pedra lavrada, e fragmentos de tijolos, ameias, talhas, e vasos mais miudos.

Do lado do O. do castello, está uma cisterna quadrada, de uns 11 metros de vão, mas entupida.

Da parte do N. tem a muralha 90 metros d'altura, sobre o nivel da falda do monte, nos sitios onde não está desmantelado. O povo d'estes sitios, mais do que o tempo, tem destruido este antiquissimo monumento, para lhe aproveitar a pedra.

Attribue-se esta obra, aos lusitanos e aos romanos, que a construiram para n'ella se defenderem dos barbaros do Norte, no principio do seculo V.

Julga-se ter sido esta fortaleza destruida pelos mouros, pelos annos de 720.

Em Friães, que foi do termo de Mont'Alegre, foi achada no meiado do seculo XVIII, no sitio de *Cambella*, uma pedra sepulchral, que depois foi partida e empregada em servir de degrau de escada, de uma casa de Friães. Tinha esta pedra 8 palmos de comprido e 2 e meio de largo.

Via-se n'ella esculpido um rosto humano, e por baixo d'elle, uma especie de escudo, com a inscripção:

CALAMUS
MIBOIS LIM.
IUS. SLIVAIR
H. S. JUL

Quer dizer—*Camalo Mibois, límio, de edade de quarenta e seis annos, aqui jaz sepultado.*

Não sei o que quer dizer *slivair.*

No concelho ha dois castellos—o da *Piconha* e o de *Seirrãos.*

Está a villa situada sobre uma collina na margem esquerda do Càvado, dominada do lado do S. por uma cadeia de montanhas, com sùas florestas; e pelo N. é tambem dominada, a 3 kilometros de distancia, por uma cordilheira, muito mais elevada; é aberta pelo lado de N.E. e S.O.

O seu clima é bastante elevado, egual, com pouca differença, ao do morro de Bogarreiro, na serra do Gerez, que Link diz ser de 3 a 4:000 pés, acima do nivel do mar, e Balbi 4:800; algumas vezes o thermometro de R. tem descido a 05; é variavel em razão do seu afastamento do mar, da sua latitude, altura, situação, e disposição de montanhas e abertura dos lados de S.O. e N.O., donde reinam mais constantemente os ventos, acarretando comsigo do lado S.O. as chuvas da parte do mar, e do lado de N.E. os gelos e neves da serra de Senábria; concorrendo egualmente na proximidade do rio, as aguas estagnadas nos assudes, e as circumvisinhas e sombrias florestas, como o Avellar, que fica ao S.O. em declive para a mesma villa.

Houve tempo em que esta villa foi praça d'armas, cuja guarnição, que, segundo um alvará de 30 de setembro de 1715, era de duas companhias, residia com o governador no castello.

Esta antiga e arruinada fortaleza, sitúada ao N. da villa, em uma risonha collina, sobre o rio Càvado, é composta de quatro torres; a maior, que fica do lado do N., tem na sua base 36 a 40 pés em quadro, e de altura 68 a 70; as primeiras salas são de abobada de cantaria, e de primor: as outras tres torres ficam ao S.; a que está do lado E. tem de largura 30 pés, e de altura 58 a 60, quasi todas as pedras são marcadas; a 3.ª torre tem na sua base 15 pés, e de altura

50, pouco mais ou menos, e é massiça até dois terços de sua altura; tem na face exterior, junto á base, as duas inscripções seguintes:—R. ALF. 4.º ANNO de 1331.—Reformou o L.do MAnoel Antunes de Vianna—ANNO de 1580.

A 4.ª torre, ao O. da antecedente, tem na base 15 pés de largura, e 35 de altura; é massiça até tres quartos de altura, e já não tem ameias.

Eram ligadas as quatro torres por uma muralha, quasi circular (tem doze palmos de grossura), que comprehendia interiormente um terreno de 120 pés de comprido e 80 de largo, e uma grande e profunda cisterna, construida toda de cantaria, á qual se descia por uma escada de pedra até á grade, que tinha á superficie da agua; tem esta cisterna 12 pés, em quadro, de largo, e de profundidade, apesar de muito entulhada de pedra, ainda offerece de 30 a 35 pés. Era esta fortaleza circumdada por duas muralhas, com seus respectivos fossos, hoje demolidas.

A egreja matriz, soffrivel, com seu vistoso adro, e pessimo e vergonhoso cemiterio, fica dentro da fortaleza ao N. das torres. Existe n'esta egreja, em grande decadencia, uma irmandade de Nossa Senhora do Rosario, instituida pelo capitão-mór, Manuel Salgado, em 1655, para a gente de guerra do castello. Os estatutos rezam que foi erigida em 1751, a requerimento do parocho e moradores. D. Rodrigo de Moura Telles, arcebispo de Braga, chrismou n'esta villa, em 1705.

Tem casa e egreja de Misericordia, porém muito pobre, e por este motivo foi extincta, de cuja administração tomou conta a junta de parochia no dia 26 de agosto de 1870; uma capella da Santissima Trindade, defronte da cadeia, com um legado para dizer missa aos presos, feita em 1653 pelos officiaes da Santa Casa da Misericordia, os quaes obrigaram a fabrica aos reparos.

Ha mais n'esta freguezia as seguintes capellas: dentro da villa, as de S. Roque e S. Sebastião, sendo esta administrada pela camara municipal desde 1726; e fóra da villa, a E., S. Fructuoso e Senhora das Neves, (antigamente S. Verissimo); e a N. Santo Adrião.

É tradição antiga e vulgar (já em 1708 contava mais de 100 annos) que foram estas duas ultimas capellas, egrejas matrizes, annexas a Montalegre, de povoações que se perderam pela peste.

Proximo á capella de Santo Adrião existem vestigiôs de povoação antiquissima, e sepulturas abertas em penedos, com fórma de corpos humanos.

Tem a villa duas praças—uma chamada do *Pelourinho*, no centro da villa, por alli ter estado o pelourinho, que ha poucos annos foi mudado para o *Toural*, onde se fazem mercados ou *feirões*, nas quintas-feiras e domingos de cada semana; outra no Toural, onde se faz a feira de gados e bestas, nos antepenultimos dias de cada mez.

Tem uma soffrivel casa de camara e audiencias; uma cadeia com duas salas, e duas enxovias.

Os edificios particulares são de inferior architectura.

Tem excellentes aguas; tres são as fontes mais frequentadas:—uma na praça do Toural; outra, denominada do *Ouro;* e a terceira, a da *Pipella*, no bairro da Portella, além d'outras particulares e mais remotas.

Ha na casa do *Cerrado* uma abundante nascente de optimas aguas ferreas.

Ignora-se a época em que Mont'alegre foi fundada, e quando foi elevada a cathegoria de villa.

Ha toda a probabilidade para crer que esta povoação já existia no tempo dos romanos, em vista da arruinada fortaleza, que alguns auctores reputam obra dos mesmos romanos, attenta á sua grandeza e magestade; e das lapides milliares e moedas romanas que se tem encontrado n'este concelho.

Appareceram junto ao logar de Penedones 15, com a effigie dos imperadôres Trajano e Vespasiano; monumentos incontestaveis da existencia e demora dos romanos n'este concelho.

Tambem não ha provas evidentes do tempo em que foi elevada á cathegoria de villa; é provavel que fosse logo no principio

da monarchia, pois o pelourinho, prova da sua graduação em villa, tem esculpidas as armas de D. Sancho I; egualmente no foral dado á mesma villa por el-rei D. Diniz, em 1325, se faz menção da carta de foral dada á mesma villa por el rei D. Affonso III; finalmente, Faria e Sousa, no seu *Epitome da Historia Portugueza*, descrevendo a vida de D. João I, diz que entre outras terras principaes do reino, a villa de Montalegre já estava pelo partido do rei de Castella.

Ha n'esta villa, da parte do N., duas pontes lançadas sobre o rio Cávado, por onde correm duas estradas, systema antigo, que levam para os logares limitrophes da Galliza e para aquelle reino.

Produz esta freguezia centeio, muita e boa batata, e nabos, algum milhão, devido á iniciativa do sr. João Lopes de Freitas, que, ha poucos annos, principiou a ensaiar e promover a cultura d'este cereal.

Cria bom gado vaccum e suino, e muita caça. É fertil em lenhas.

Ha n'esta villa uma unica casa nobre, a do Cerrado, cujos representantes, Mirandas, descendem de uma familia, que veio de França e acompanhou o conde D. Henrique na conquista de Portugal, e á qual em recompensa dos serviços prestados, deram Miranda do Douro, d'onde lhes veio o nome; d'aqui veio um, dizem, encarregado de negocios relativos ao castello e praça d'esta villa, e casou na casa do Cerrado; e d'este casamento proveio o tronco de muitos homens illustres.

Uns foram servir a côrte, outros tiveram alcaidaria-mór e capitania-mór, habito de Christo, e commenda de S. João da Pesqueira. Aleixo de Miranda, capitão-mór, em 1656 —Simão de Miranda, em 1691—Sebastião de Miranda, 1701—Aleixo de Miranda 1715 —e Sebastião José de Miranda Athaide e Mello foi o ultimo.

O concelho de Montalegre confina ao N. com o reino da Galliza, ao S. com o concelho de Boticas de Barroso, a E. com o concelho de Chaves, e a O. com a serra do Gerez e provincia do Minho.

Tem de extensão de N. a S., desde a freguezia de Padroso até Taboadella, povoação da freguezia de Salto, 33 kilometros, e de E. a O., desde a freguezia de Meixide até á ponte da Misarella e logar de Sidrós, 42.

Em 1706 tinha este concelho 5:147 fogos, espalhados em 143 logares, que formavam 48 freguezias, sendo 14 abbadias, 7 reitorias, 2 vigariarias, 15 annexas e 10 curatos.

Em 1813 tinha este concelho de largura, na direcção de E. a O., 40 kilometros, desde o meio da serra do Pindo, onde acabava o concelho de Chaves, até á ponte da Misarella, onde partia com o de Ruivães; e de comprimento, na direcção de N. a S. 42 kilometros, principiando na raia da Galliza até ao cume da serra da Toninha, que dividia este concelho, do de Cabeceiras de Basto. Continha 133 logares, 3:498 fogos, e 17:581 habitantes de ambos os sexos.

Em 1821 tinha 50 freguezias, 186 logares, 4:029 fogos, 20:787 habitantes, e 100 vintenas.

Esta população era do concelho e honras annexas.

Em 1834 pertencia este julgado, na divisão ecclesiastica, ao arcebispado de Braga, comarca de Chaves, e estava dividido em 53 freguezias (14 abbadias, 9 reitorias e 30 vigariarias.)

Na divisão civil pertencia a comarca de Bragança, provedoria de Guimarães e superintendencia de Traz os-Montes.

Comprehendia os concelhos de Ruivães e Mont'alegre, o couto de Dornellas e as honras annexas — Villar de Perdizes, Gralhas, Meixedo, Padornellos, Padroso e Tourem, estas com juiz ordinario, comarca e um escrivão; e aquelle (Mont'alegre) com juiz de fóra, camara, e almotaceis, 5 escrivães do geral, e 1 de siza; juiz da alfandega, 1 escrivão, e feitor; juiz dos orphãos com o seu respectivo escrivão. Era o concelho dividido em 100 vintenas com seu juiz, jurado, e 2 accordãos.

Era este julgado composto da capitania-mór de Mont'alegre, que comprehendia 26 companhias, cada uma com seu capitão, 2 alferes, 2 sargentos, 4 cabos; e da capitania-mór de Ruivães, dividida em 2 companhias com seus respectivos officiaes, e alcaidaria-mór do couto de Dornellas, apresentação do

arcebispo de Braga. Fornecia este julgado recrutas para os regimentos 12 de infanteria, 6 e 9 de cavallaria e milicias de Chaves.

As honras supra mencionadas foram sempre consideradas como partes integrantes do concelho de Mont'alegre, não só por confinarem com elle, mas porque se achavam sujeitas ao mesmo, no recrutamento, no crime, orphães, lançamentos de direitos reaes de sisa e decima, nas procissões regias, montaria real, e á mesma jurisdicção ecclesiastica, excepto Tourem, que no ecclesiastico pertencia ao bispado de Orense.

A origem d'estas honras, que foram concedidas pela guarda e defeza da fortaleza e castello da Piconha, é muito remota, e seus privilegios, eram:

«1.º Tem e fazem juizes sobre si, que conhecem em causas civeis, sem que outra alguma auctoridade se intrometta com elles;

2.º Que ahi não entrevem mordomo nosso, nem por voz, nem coima;

3.º Nos casos crimes podem conhecer as nossas justiças de Mont'Alegre;

4.º Não serem constragidos a levas de dinheiro, ou gente, nem aquantiados, ou obrigados por outra alguma jurisdição;

5.º Não lhe tomem nem palha, nem cevada, nem gallinhas, nem bestas, nem roupas, nem carnes;

6.º Não os constrangerão para soldados, fóra das ditas aldeias e coutos;

7.º Farão as eleições por si, não entrando n'ellas ninguem de fóra;

8.º Que não paguem mais tributos annuaes, do que os que são escriptos no foral que deu D. Affonso a Piconha quando a fez;

Estes privilegios de que estavam de posse immemoravel ha muitos annos no tempo de D. Diniz, foram confirmados pelo mesmo, por sua carta de 5 de maio de 1325, em Lisboa.

9.º Não sejam curadores de pessoa alguma contra suas vontades;

10.º Tenham as suas varas 8 palmos de craveira, para serem bem vistas;

11.º Das suas sentenças só poderão conhecer os ouvidores.»

Estes privilegios tornaram a ser confirmados por D. Affonso, por sua carta, passado em Lisboa, em 1430.

Por alvará de 5 de setembro de 1514, foram cada 100 visinhos dos das honras isentos de pagar para a ponte de Mirandella e outras quaesquer, em rasão da guarda do castello da Piconha.

Houve tambem n'este concelho, casaes cerrados, ou Reguengos, e eram:—Meixide, Solveira, Santo André, Sarraquinhos, Pedrario, Quintas, Seirãos, Eiró e Sangunhedo, povoações ainda existentes, e—Soutello de Larouco, que existia entre Gralhas, Santo André e Solveira, ficava á direita, no caminho que vae de Gralhas s Santo André. Payo—Mantella, que existiu entre Gralhas e Solveira, ficava á direita do caminho que vae d'aquella para esta povoação—Santa Cruz, existia entre Padronellos e Sendim.

Na parochia de Padronellos, existe ainda o livro dos Capitulos da Visita, que manda demolir a capella, por se ter despovoado aquelle logar, (Santa Cruz) Valle de Grou, povoação que se extinguiu, junto mesmo á raia da Gironda, além de Santo André; ainda se divisam vestigios de muralhas, e chamam-lhe cidade de Grou.

O foral falla d'outros mais que se perderam, não se sabe onde fossem.

Os privilegios que tinham, eram:

«1.º Não pagar fintas, fructos, ou talhas.

2.º Não sirvam cargos do concelho, nem de tutores, nem em levas de gente e dinheiro, nem de curadores, nem dêem aposentadorias.

3.º Não dem pão, vinho, palha, roupa, linho, gallinhas, nem outra cousa sua, nem bésteiros de coutos, nem outras algumas apurações.»

Estes privilegios foram concedidos por D. João I, por sua carta, passada em Monte Mór-Novo, em 28 de novembro de 1426, com penas aos transgressores, de seis mil soldos para o rei e emprasamento aos ministros, por qualquer escrivão, para dentro de um mez comparecerem perante o rei.

Foram confirmados por D. João IV, por sua carta de 1 de outubro de 1647.

É notavel este concelho por ser um dos mais montanhosos da provincia de Traz os-Montes, pois afóra as serras que o limitam — Leiranco a E. — Larouco a N. E. — a cordilheira de Arandella, Vidoeira, serros de Mourilhe e Mourella a N.—Gerez a O.— Alturas a S., e pequenos montes semeados entre ellas—ha uma cordilheira de montes que se estende desde o logar de Pedrario até Codeçoso da Chã, na direcção de E. a O., com extensão de 12 kilometros, formando varios cabeços e quebradas, que tomam diversos nomes, como são—Serra de Cepêda, Cabeço de Muros, Cotto de Burrago, Bagoso, Penas ruivas, Carvajão, Monte-Gordo, Cotto Ferrenho. A parte norte d'esta cordilheira é circumdada pelo rio Açoreira, uma das origens do Tamega; e a meridional dá origem ao rio Beça, e abriga do norte as povoações da freguezia de Sarraquinhos, a do Cortiço, Firvidas e Gralhós.

Outra cordilheira principia em Codeçoso da Chã, e estende-se de N.E. a S.O. com direcção parallela ao rio Cávado, pela margem esquerda, e pelo seu cume divide todo o terreno, comprehendido entre este rio e o Regavão, em duas porções quasi eguaes, formando como dois valles ao longo de cada rio, com as montanhas que lhe ficam fronteiras. Esta cordilheira é formada de differentes escalões de desegual grandeza, e decrescente para ambos os lados, os quaes tomam varios nomes, segundo as diversas situações — Peliteiros, ao pé da povoação de Codeçoso, Penedos de Santa Catharina e Corujeira ao S. da villa de Mont'alegre; Senhora das Tribulações e Formigoso ao N. do logar de Castanheira, Eurigo, o mais elevado ao S. O. do logar de Cambeses, Serra da Lama, Lomba do Rego, junto d'esta povoação. É esta cordilheira de montes coberta de um e outro lado, de muitas florestas, e por todo o seu cume de urzes e carqueija. Tem poucas rochas.

É por isso este concelho d'um clima tão variado, e em pontos frigidissimo e nevoso, que apenas admitte a cultura de algum centeio, batatas e nabos, e mal consente a do trigo, milho e outras plantas que pedem mais calor e melhor clima.

Comtudo ha povoações e terras, que, estando menos sujeitas ao rigor das estações, como são o valle chamado de Villar de Perdizes, a E. do concelho, e todas as povoações, desde o logar de Paradélla até á ponte da Misarrella, e as que estão nas faldas e concavidades da serra do Gerez, produzem centeio, milho, painço, trigo, legumes, castanhas e fructas de caroço; e ainda mais ha logares tão abrigados e amparados, por todos os lados, de serras, que produzem vinho e azeite, principalmente a freguezia de Cabril, que cria tambem limões e laranjas.

Por entre estes montes e montanhas se encontram grandes campos e agradaveis prados, atravessados por abundantes regatos, origem de varios rios, dos quaes os principaes são—Cávado, Regavão, Beça, e varios valles, que em razão da sua temperatura, situação e natureza, offerecem entre si não pequena differença; são os seguintes:

1.º Ribeira Terva, ao E. de Leiraneo, concelho de Boticas, principia na freguezia de Ardãos, que d'antes era do concelho de Chaves, e finda na confluencia do rio Terva com o Tamega. Existem n'elle 5 freguezias. Produz vinho verde, milho, trigo, centeio, excellente e mimosa fructa. É quente e nem sempre livre de molestias sesonaticas. Este valle ou ribeira pertence todo ao concelho de Boticas.

2.º O que desce do logar de Pedrario pelas margens do rio Beça, e acaba onde este rio (Beça) entra no Tamega, junto a Viella. É povoado por seis freguezias (4 do concelho das Boticas); para o N. abunda mais em centeio, descendo para o S. dá muito milho.

3.º Principia em Codeçoso da Chan, estende-se pelas planicies das freguezias da Chan, Morgade e Negrões, segue por Viade e outras freguezias, e vae findar nos despenhadeiros de Misarella. É povoado por nove parochias; todas produzem centeio e milho, muito do primeiro nas do E., e mais do segundo para O.; não dá vinho, á excepção de algum pouco e ruim junto á ponte da Misarella.

4.º O que corre para o NE. da villa de Mont'alegre desde Meixedo até Villar de Perdizes e Meixide, junto de um braço do Ta-

mega; é occupado por seis freguezias, que produzem centeio, quasi todas com abundancia, e pouco milho; muita e optima fructa (peras e maçans) em Solveira, Santo André e Villar de Perdizes, e algum vinho nas duas ultimas.

5.º O que segue desde Padornellos, por uma e outra margem do Cávado, até Cabril nas faldas orientaes do Gerez; contem treze freguezias. É o menos fecundo em producção vegetal, á excepção de Parada de Outeiro, Paradella, e mesmo Fiaes do Rio, que dão muito milho, e Cabril, Covelho e Santa Marinha de Ferrol, que, além d'isso, colhem algum vinho verde e azeite.

Além d'estes ha um valle intermedio entre os angulos que para o S. faz a serra das Alturas, comprehendendo a parochia do couto de Dornellas, e grande parte da de Covas; a primeira produz muito milho, e a segunda muito milho e algum vinho verde.

O resto das parochias existe em encostas ou planicies de serra, e são — Pitões, junto do Gerez, terra mais fria, produz centeio e batatas; Firvidellas, junto da serra da Lomba, colhe centeio e milho; Cerdedo, nas encostas da serra das Alturas pelo O. e S., terra fria, produz centeio; a povoação de Cerdedo produz tambem milho, e é melhor que as restantes da parochia; Alturas, dissiminada pela serra do mesmo nome, terra muito fria, dá centeio; e Salto, freguezia populosa e muito dispersa, apesar das suas 19 aldeias se acharem situadas entre ramos ou braços, destacados, das tres serras; Cabreira, Alturas e Gondiães (que a separa de Basto, ou Seixa) não é o seu terreno accidentado de mais, e produz centeio e muita batata, e em muitas povoações bastante milho. É abundante em pastagens, creando por isso muito e bom gado vaccum, conhecido em todo o reino, com o nome de gado barrozão.

Producções da cormarca de Mont'alegre ou termo de Barroso.

No reino mineral

Ouro

Nos poços de Freitas, situados na Ribeira Terva, proximo ás freguezias de Ardãos, Bobadella e Sapiãos.

Nas margens do rio de Cabril, segundo se collige de fragmentos de mina d'este metal, encontrados por pessoa competente.

Nos Fornos Telheiros, local ao SE. de Gralhós, povoação da freguezia da Chan, muito proximo á estrada que vae de Mont'alegre para a villa de Chaves, onde existem escavações, que uns dizem foram minas de ouro, outros fornos de telha.

Amethistas

Na Roca da Ponteira, das quaes Miguel Pereira de Barros mandou fazer adreços para suas filhas, no tempo em que serviu de juiz de fóra, n'este concelho.

Em Covello do Gerez, povoação distante da dita Roca 3 kilometros, houve em casa de Sebastião José de Barros, pae do ex.mo par do reino, Barros e Sá, um annel com uma d'estas pedras.

É tradição que a mitra bracharense tem ou teve uma cruz, feita de pedras, extrahidas d'esta serra.

Christaes de rocha

N'esta mesma serra, Roca da Ponteira, bem como em muitos outros sitios, encontram-se muitos christaes de rocha, de differente grandeza e côr.

Mina magnetica

Na distancia de 20 minutos de caminho, ao NE. da povoação de Pitões, que fica 20 kilometros ao O. da villa de Mont'Alegre, depara-se com uma colina de 250 e tantos passos de comprido, em fórma oval, apenas coberta de sargaços e hervas e de natureza, ao que parece, granitica, em cujo centro se encontram aqui e alli algumas pequenas rochas de granito, em torno das quaes, se tem extrahido grandes pedaços de magnete, que tem sido transportados e bem apreciados em diversas terras do reino; e mesmo em outros sitios, como mostram escavações que alli se encontram, e fragmentos menos ricos

e adherentes a outras substancias, como talcos pretos e quartzs.

Em toda a extensão da collina, fazendo-se escavações, se encontram porções do mineral soltas, ou solitarias, maiores, ou menores, offerecendo como tres variedades—umas em que parece predominar o ferro, menos força magnetica, mais pesados e a fractura mais lusente—outros, em que parece quer predominar o carvão, mais negras e mais leves, e pouco magneticas, e o seu tecido mais esponjoso;—as terceiras, parece intermedia das duas, em peso e côr, mais decidida virtude magnetica. Encontra-se, mais raras vezes e á maiores distancias, uma variedade que parece esponjosa em fórma de escorias.

Não ha memoria que esta mina fosse explorada segundo as regras da arte.

Aguas mineraes

Em S. Pedro do Rio, povoação da freguezia de Pontim, situada ao SO. da villa de Mont'Alegre, donde dista 6 kilometros, na margem erquerda do rio Cavado.

Em Carvalhelhos, povoação da freguezia de Beça, na margem direita do rio Beça.

Aguas ferruginosas

Na cêrca da casa do cerrado, em Mont'Alegre.

Em Pinho, freguezia do concelho de Boticas, na direita do Tamega.

Em Seirós, povoação da freguezia de Canedo, concelho de Boticas, na direita do Tamega.

Reino vegetal

Centeio

Este cereal, produz abundantemente em todo o concelho, e é o que melhor se accommoda ao ingrato solo de Barroso, de maneira que se póde dizer, que Barroso é a terra propria para esta producção.

Semeia-se nos mezes de setembro e outubro, e ceifa-se em julho e agosto. Quando as primaveras são frias e geadeiras, então a producção é muito melhor.

Sua cultura é feita com a diligencia e esmero, de que os lavradores são susceptiveis. A pratica seguida em todo o tempo é que os dirige, visto a qualidade da terra e do producto, não admittirem muitos melhoramentos. O uso de sulcar as terras na occasião da sementeira, para depois as limpar, com o arado, das hervas, logo que o centeio principia a desenvolver-se, tem provado muito bem, ainda que esta operação aratoria, nem em todas as terras produz o mesmo effeito.

Seria para desejar, que de todo se extinguisse o costume que ainda ha em algumas povoações, de conservar á acção do ar os estrumes, ou adubos levados cedo para as terras, ou searas.

A palha d'este cereal, é empregada em cobrir as casas, e no sustento dos animaes, principalmente no rigor do inverno.

Trigo.

Dá-se bem este cereal em 2/5 partes das terras do concelho, porém cultiva-se em pequena escala, porque os lavradores receiam vêr tolhidos os seus trabalhos com a geada, quasi sempre constante em tres estações do anno, e em dias menos quentes do verão. Comtudo deve insistir-se na cultura do serodio, que de ordinario paga bem o trabalho.

Milho.

Produz-se em quasi todo o concelho, e a sua cultura tem-se, ha annos, augmentado muito, e mais se teria augmentado se não fosse o receio que os pobres agricultores teem da geada. Nas povoações que o dão poderia duplicar e triplicar, havendo mais aguas de rega, conservando-o mais raro, carregando-o menos de outras plantas, e recolhendo-o mais sazonado.

O doutor Francisco Fortunato d'Oliveira de Carvalho, natural de Provezende, juiz de fóra n'este concelho de Mont'alegre, em 1804 a 1806, promoveu com grande cuidado o augmento d'este cereal, fazendo extrahir levadas de aguas das suas nascentes e rios, concorrendo para isso muitas vezes com a sua presença e dinheiro.

Feijão.

A cultura e producção d'este legume é muito limitada, e é consummido quasi todo em verde.

Batatas.

Introduzidas ainda não ha muito tempo em Barroso, constituem já uma importantissima cultura. O terreno é muito proprio para a sua cultura e producção. Ha das mesmas, varias qualidades, como são: brancas, mais productivas; vermelhas, compridas e redondas, de menor producção, porém de muito melhor gosto e mais farinaceas. Quasi todos os habitantes de Barroso cultivam este tuberculo; ha lavradores que colhem mais de 1:000 alqueires. A producção media, sendo annos regulares, excede em todo o Barroso a 400:000 alqueires. Se houvesse mais cuidado em procurar aguas de rega, e uma estrada soffrivel, que facilitasse para o Minho a exportação do excedente d'este genero, elle cresceria ainda muito mais em cultura; nas povoações mais abrigadas podiam-se variar as especies de sementeiras. Estas raizes fazem uma grande parte do sustento dos habitantes, e as que sobram d'este consummo são applicadas ao sustento e ceva dos porcos; e alguns lavradores já as vão applicando na alimentação do gado bovino.

Linhos.

O gallego é abundante em todo o concelho, o que lhe falta na altura compensa-se de ordinario na qualidade de fibra. Em muitas partes, em annos menos humidos, resente-se da falta de rega. Sua sementeira podia ainda duplicar, promovendo-a e procurando e aproveitando melhor as aguas para a rega do mesmo. Como é costume fabricar-se em casa para limpeza e uso domestico, e sendo, em geral, gente dada ao trabalho, querem-no com mais consistencia, e assim não se vêem linhos finos e delgados como em outras terras; o branqueamento deve melhorar-se.

Nas longas noites dos dilatados e frios invernos, o geral da população feminina occupa-se no fabrico do linho. Seria conveniente introduzir-se o engenho hydraulico de o maçar.

Em cada aldeia ha pela razão dita, dezenas de teares, os quaes seria conveniente melhorar tanto na fórma, como no processo do producto.

O canhamo e mourisco vegetam excellentemente, mas cultivam-se muito pouco, e ordinariamente só se empregam em cordas.

Castanheiros

Ha já grande quantidade d'elles nas freguezias situadas a E., S. e O. do concelho, e produzem muita e boa castanha.

Carvalhos

Abunda o concelho em grandes e espessas mattas d'elles, mas pelo seu grande consumo, incendios e irregularidade e excesso nos córtes dos mesmos, já teem diminuido muito, e em breve se sentirá a falta.

Vidos ou Vidoeiros (Betula branca)

São indigenas e abundantes em muitos sitios, onde formam moitas, principalmente nas margens dos rios e ribeiros e em terras humidas. Os lavradores os conservam para usos domesticos, como são: cortados com a folhagem para alimento das rezes no tempo das neves e para reparar interiormente nas paredes a humidade dos zimbros; do pau fazem pratos, tijellas, muitos tamancos, arados, eixos de carro, escadas, espadelas, massas, etc.

Consta que os antigos, antes da invenção do papel, se serviam da sua epiderme para escrever n'ella, e hoje os rapazes barrozãos d'ella fazem barretinas para os seus brinquedos militares.

Alguem diz que os povos do Norte, e principalmente os medicos allemães, se servem d'esta arvore para muitos e varios medicamentos.

Ameiiros

Produzem-se da mesma maneira e em

eguaes sitios que os vidoeiros, e são empregados em tamancos e lenha.

Salgueiros

São tambem em abundancia, porém tem pouca estimação, e apenas são utilisados para sebes divisorias de campos e prados.

Pinheiros

Ha muito poucos, porém esses antigos e bem creados. Devia promover se a sua plantação, do que resultaria grande vantagem, attenta a escassez de madeiras.

Freixos

Ha tambem poucos, porém muito estimados pela sua excellente madeira para carros de lavoira.

Urze e carqueija

É abundantissima em todo o concelho, e tem muitissima e principal applicação para estrumes e carvão.

Juncos

Os habitantes, por corrupção lhe chamam *jungos*; vejetam e produzem excellentemente nos logares pantanosos, que de ordinario não dão outra coisa.

As mulheres mais pobres costumam apanhal o quando teem a semente madura, o que acontece nos mezes de agosto e setembro; quando limpo de todas as hervas estranhas, os maçam e esfregam até lhes cahir a medulla branca de que estão recheados, depois os pôem a seccar, tendo cautella de não os deixar orvalhar para ficarem mais brancos. Depois de assim preparados fazem com elles *coroças*, que são uns casacões de que os homens usam para lançar fóra as aguas da chuva; e *coroças* que são as mesmas coberturas, mais curtas, e com capuz, de que usam as mulheres para o mesmo fim.

Esta manufactura, posto não ser de grande interesse, é todavia de grande utilidade, e a materia prima e mão d'obra são muito baratas e faceis.

No reino animal

Gados vaccum, cavallar e muar

Um dos melhores rendimentos para os lavradores de Barroso, é sem duvida a criação dos gados, sobre tudo vaccum, cavallar e muar.

Os muitos e extensos prados naturaes, ou lameiros, que ha, bem como dilatados terrenos maninhos, muitos dos quaes offerecem boas pastagens, ajudam muito aquella numerosa criação, a qual ainda muito mais cresceria se, aproveitando as aguas, accrescentassem os ditos lameiros, e promovessem a cultura dos prados artificiaes, se bem que talvez em varios pontos do paiz não dariam o resultado que parece á primeira vista, em consequencia dos rigidos gelos.

Não póde dizer-se que haja descuido nos lavradores, em conservar e melhorar mais ainda a raça do gado vaccum, que tanto proveito lhes deixa; e nos ultimos annos em muitos criadores de poldros e mulas, se vê o mesmo gosto e esmero.

Na feira de S. Miguel, em Cabeceiras de Basto, se encontra o melhor mercado para as criações cavallares e muares.

Os bezerros, ou novilhos, vendem-se nas feiras de Mont'Alegre e Boticas; e mesmo nas casas dos lavradores, aonde os procuram os compradores.

As carnes de vitella, são de ha tempo gabadas em Barroso. Seria bem que o municipio tomasse melhor conta na administração d'este ramo.

Os leites, podiam fornecer em Barroso um abundante ramo de commercio, nas manteigas e queijos, logo que houvesse quem promovesse em maior escala o seu fabrico; mas tambem se deve attender a que elles fornecem um artigo consideravel de alimento a seus habitantes.

Segundo as melhores estatisticas, ha em toda a comarca de Mont'Alegre mais de 12 mil vaccas.

Gado caprino e ovelhum

Ha muita abundancia, em todo o Barroso, d'este gado, mas em geral, é de qualidade pequena, e com pouca esperança de melhoramento, ao menos na parte mais fria e nevosa.

Ninguem espera que a ovelha tome desenvolvimento e dê boa lan, em paiz rispido e tempestuoso. A mesma cabra, morre a qualquer canto, quando as neves são duradouras.

Não queremos dizer que esta especie de gado não possa augmentar e melhorar alguma cousa, mas não tanto quanto parece. Este gado fornece tambem aos habitantes, em varias occasiões, uma parte do seu alimento.

As lans, offerecem uma parte dos vestidos para os habitantes. Seria bom, que houvese melhoramento no fabrico das mesmas.

Das pelles d'estas rezes e de todas as mais é que se podiam obter grandes vantagens, se alguem, que tivesse cabedaes, estabelecesse fabricas de cortume.

Vendem-se por quasi nada a qualquer traficante, que as procura, e muitas perdem-se.

Gado suino

É tambem abundante na comarca; ha annos porém que tem soffrido molestias contagiosas, e seu preço se tem elevado.

Quasi todos os lavradores procuram prover-se d'este gado, porque de suas carnes fazem o principal alimento de conducto, durante o anno; ellas quasi sempre, bem salgadas e curadas, são de bom gosto e como taes reconhecidas.

Tambem se poderia exportar mais d'este genero de comestivel, se a molestia que desde certos annos ataca o gado, o não tornasse tão caro.

Outras producções do reino animal

Ha muita gallinha, de ordinario de especie pequena.

As mulheres pobres levam a vender a Chaves os ovos que sobram do consummo no concelho. O preço regular aqui, concelho de Mont'alegre, é 6 por 20 réis.

Dão-se tambem pombos mansos, e patos de toda a especie; os mesmos perús com algum cuidado; coelhos mansos etc.

Caça

Ha abundancia de caça nas serras e montes de Barroso, de diversas especies; muitas perdizes e de bom gosto, sendo mais numerosas nas serras de Larouco e Mourella; muitos coelhos, que vão comtudo diminuindo pelo abuso de os caçar com furão nos tempos nevosos; bastantes lebres; alguns veados, cabras montezas, javalis, ou porcos bravos, hoje mais raros depois das grandes devastações das espessas mattas e florestas, que vestiam as encostas de muitos montes; ha tambem pombos bravos, *aves frias*, algumas garças, gallinholas, narcejas, patos bravos, e uma infinidade de aves e passaros, proprios dos paizes frios; apparecendo tambem as andorinhas, rolas, cuços, poupas, etc., etc. Ha muitos melros, tordos, pintasilgos, tutinegras, noitibós, curujas, mochos reaes etc. etc.

Pesca

Nos diversos rios e riachos da comarca que correm nos valles de Barroso, encontram-se muitas trutas, barbos, bogas e enguias. As trutas do Cávado, que, desde certo ponto para baixo, algumas são de bom tamanho, e as do Béça são muito mais saborosas.

O uso da cóca e troviscada pelos vadios, e o cortume dos linhos verdes nos rios, prejudica muito o desenvolvimento da creação dos peixes.

Colmeias

Ha bastantes colmeias na comarca, sobretudo nas freguezias mais abrigadas; teriam augmentado muito, se não estivessem expostas a frequentes roubos dos estranhos ou mesmo ratoneiros do paiz, se não houvessem bastantes irregularidades na época

da florescencia dos mattos, e se houvessem fabricas de céra, que facilitassem o seu consummo, que ainda assim não é pequeno, bem como se o mel não fosse tão barato.

Animaes damninhos

Ha muitos lobos, rapozas, teixugos, fuinhas e cobras, chegando algumas d'estas a ter 2 metros de comprimento.

A camara municipal dá de gratificação a quem matar uma loba 4$000 réis, lobo 3$000 réis, cachorro (de lobo) 1$200 réis e cria de leite 480 réis. Fazem se, por ordem dos administradores dos concelhos de Mont'alegre e Boticas, diversas montarias em differentes serras, nas quaes, algumas vezes, teem sido mortos 8 e mais lobos.

Apparecem muitas viboras de differentes tamanhos, mas não excedem a 0,5m de comprimento. O medico José dos Santos Dias, faz a descripção de uma na fórma seguinte :

«No 1.º de junho de 1810, me foi apresentada uma vibora, que se matou no dia antecedente, na margem do rio Veiga, que corre ao SE. do logar do Cortiço, em um moinho junto á ponte do mesmo rio, por um lavrador. O diametro da sua maior grossura era de 10 linhas, seu comprimento de 17 polegadas ; a cauda de comprimento de 2 polegadas, de figura conica, e terminada em ponta aguda, a base d'esta, tinha menos metade de diametro que tinha a extremidade do tronco em que estava continua ; na parte inferior da cauda se observavam duas series de escamas sub-caudaes cada uma de 32,34, de cor azul celeste, e de crescentes na sua grandeza para o ápice, os escudos abdominaes e transversaes, eram em numero de 144 de cor azul celeste, e nas margens moveis d'estes se notavam algumas malhas pretas. O dorso e lados eram cobertos de escamas ovaes e imbricadas de cor fusco-cinerea, porém as do dorso formavam uma fita dentada por ambas as partes em razão da côr mais escura, e por ambos os lados a cada intervallo dos ditos dentes correspondiam lateralmente umas pequenas malhas quasi da mesma côr da fita; cada uma das escamas, que cobriam todo o corpo tinham pelo seu meio longitudinalmente uma linha saliente da mesma côr ; a cabeça era deprimida, e coberta de escamas miudas, e unicamente sobre os olhos correspondia a cada um, uma maior escama, que formava ao olho uma especie de tabernaculo ; o rostro era rombo, e alguma coisa erecto á maneira de focinho de porco. A albuginea era de côr argenteo-lactea; pupilla linear de cima para baixo. Ventas no apice do rostro e lateraes ; o hiato da boca, de meia polegada; as maxilas, superior e inferior, guarnecidas de numerosos dentes miudissimos, e voltados para a parte das fauces, em uma e outra maxila; na maxila superior, aos lados do angulo anterior, na parte externa dos alveolos se elevavam de cada parte dois grandes dentes ou prêsas, de comprimento de duas linhas e meia, e recurvados para a parte posterior; a anatomia d'estes me mostrou que de uma porção ossea se elevavam dois dentes ambos reunidos, e envolvidos em uma membrana rubra, e lubrica até aos seus apices, que eram descobertos, e agudissimos, cada um d'estes dentes deslocado da dita porção ossea, offerecia na sua base um orificio, no qual mettendo um alfinete fino abria o dente, patenteando um rego, que não pude seguir por falta de instrumento, senão pouco mais do meio do dito dente.»

J. S. D.

(*Jornal de Coimbra*, n.º LIX. Parte I. Pagina 322.)

Barrozo não é tão agreste, esteril e feio, como muitos dizem e pensam ; e mais fertil e rico seria, se os poderes publicos e auctoridades locaes tivessem empregado a energia e actividade necessarias em promover os melhoramentos agricolas e construcção de estradas n'este mal fadado concelho.

Os camaristas, ou porque não gostam de incommodar, no seu biennio, os visinhos e amigos, ou porque participam de certa molestia, inherente quasi sempre áquellas cadeiras, deixam muitas vezes de empregar opportunamente meios que deviam produzir bons effeitos ; na verdade parece que a maior parte das camaras municipaes tem só como regimento a gerencia de impostos,

sem que d'elles possam ou queiram aproveitar uma pequena parte para um pontão ou uma calçada.

Os poderes publicos só se lembram de Barroso para lhe exigir contribuições, principalmente a de sangue, pois talvez este concelho seja o que, em todo o reino, tenha dado mais recrutas.

Ainda não ha no concelho um palmo de estrada a mac-adam, nem esperanças de haver tão cedo; as do systema antigo estão n'um miseravel estado; em alguns sitios só servem para o transito de cabras.

—

O sr. José dos Santos Moura—filho de Antonio dos Santos Dias e Luzia de Moura, nasceu no logar do Cortiço, freguezia de Santa Christina de Cervos, concelho de Mont'Alegre, no dia 13 de setembro de 1830.

Frequentou o lyceu de Braga, obtendo diploma, com approvação—*Nemine discrepante*—em todos os exames, em 29 de agosto de 1853; e o curso triennal do seminario diocesano de Braga, fazendo exame final, em 20 de agosto de 1852, no qual foi approvado—*Nemine discrepante.*

Recebeu ordens menores, na Santissima Trindade, de 1848; subdiacono, no dia 20 de dezembro de 1851; diacono a 18 de setembro de 1852; e presbytero, na cidade do Porto, a 24 de setembro de 1853.

Celebrou sua primeira missa, no Santuario do Bom Jesus do Monte, de Braga, a 9 de outubro de 1853.

Fez concurso por provas publicas, á egreja de Santa Maria de Caires, no dia 3 de julho de 1855; foi despachado para a mesma, por decreto de 3 de outubro de 1855—collado em 31 de dezembro de 1855, e tomou posse no 1.º de janeiro de 1856.

É a este illustrado cavalheiro que devo, não só grande parte dos esclarecimentos pertencentes a Mont'alegre, como os de outras muitas povoações do Minho e Traz os-montes, pelo que d'aqui lhe envio os meus sinceros agradecimentos.

MONT'ALTO—Monte e sanctuario do Douro, na freguezia, concelho e comarca de Arganil, bispado, districto e 40 kilometros a E. de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa.

A 1:500 metros a E. da villa d'Arganil, se levanta um monte, o qual, pela sua eminencia, se denomina *Monte-Alto* ou *Mont'alto.* Aqui appareceu em tempos antigos, uma imagem da Santissima Virgem.

O povo das immediações, resolveu logo edificar-lhe alli uma ermida; e, porque o monte, pela sua altura desmedida, e pela escabrosidade da subida, não se prestava muito á edificação, não só pelo muito que custaria a conducção dos materiaes, mas tambem, pela falta de pedra—porque a não ha n'aquelle monte—assentaram em edificar a capella em outro monte visinho, que não era tão alto nem tão ingreme, e onde havia pedra. Resolveram tambem levar para lá a Senhora logo, e fazer-lhe uma capellinha provisoria, de tábuas, para ella estar, emquanto se não concluisse a capella; mas assim que aqui collocaram a imagem, ella fugiu para o sitio onde fôra encontrada.

Não tiveram outro remedio senão edificar aqui a ermida: e foram tantas as esmolas dos devotos, que se fez um bom templo, com capella-mór e dois altares lateraes.

Sobre a porta principal da egreja está gravada em uma pedra, a inscripção seguinte:

ESTA IGREJA MANDOU FAZER FRANCISCO PIRES,
FILHO DE DOMINGOS PIRES. NATU AL
D'ESTA VILLA, POR SEU IRMÃO. JOÃO
DE COIMBRA, NO ANNO DE 1521.

Mas esta obra é reedificação da primeira, que, como se viu, não foi feita por um só devoto, mas á custa de muitos.

A imagem tem 1^m33 d'alto, e é de roca, como a maior parte das antigas. Tem ricos vestidos, de varias côres.

Tem uma grande irmandade, servida pelas principaes pessoas da freguezia.

Ha na egreja uma bôa alampada e outros objectos de prata, de muito merecimento, e excellentes paramentos e alfaias.

Junto á egreja, ha uma bôa hospedaria particular, e varias casas, para abrigo e pousada dos muitos romeiros que aqui concorrem com frequencia. Tambem tem uma casa de residencia do erimitão, que era quasi sempre clerigo, apresentado pelo vigario da collegiada d'Arganil.

Todas estas casas ficaram carissimas, em razão de ser preciso vir a pedra de longe e com grande trabalho e difficuldade, em vista da grande subida.

O monte, na sua parte superior, é arido e sêcco, tendo apenas algumas arvores silvestres; porém na parte inferior está coberto de frondoso arvoredo, e é sitio fresco e ameno, por ser (o monte) cercado de ribeiros.

No caminho, desde o fundo até ao alto do monte, estão 6 ermidas, dedicadas a varios santos, que servem de descanço aos romeiros que se resolvem a subir áquella eminencia.

A festa da Senhora é feita a 8 de setembro, e muito concorrida. No mesmo dia se faz uma feira franca no terreiro do paço dos bispos-condes, que é uma das melhores que ha por estes sitios.

A villa de Arganil foi cabeça de 24 villas; d'estas e de outras muitas povoações d'estes sitios, vão annualmente varias procissões á capella da Senhora, principalmente em occasiões de calamidades publicas, para invocarem o patrocinio da Santissima Virgem.

Antigamente hia a camara de Arganil, o clero e povo da villa, todos os annos, no 2.° sabbado da quaresma, em procissão, á Senhora de Mont'alto, havendo então aqui festa e missa cantada. Era o cumprimento de um voto feito pelo povo, por a Senhora o livrar de uma grande sêcca que houve por aquellas terras. Não se sabe quando principiou esta procissão. Muitos devotos, de ambos os sexos, em cumprimento de promessas, fazem, descalços, esta romaria.

No seculo XVII, por occasião de uma grande trovoada, cahiu um raio no tecto da egreja, e, sem fazer damno nas telhas e armação, fez pelas paredes grandes brechas; entrou pela capella-mór, e sem causar o menor prejuizo sahiu pelas trazeiras da capella, para a casa do erimitão—que era unida—quebrou uma viola e uma espingarda d'este, e junto á casa, onde estava um cortêlho, de pedra solta, [1] matou um porco que alli tinha o erimitão. Desde então ninguem mais aqui quiz crear porcos.

[1] Esta casinha se tinha feito em memoria de uma fonte d'agua potavel que alli tinha rebentado em um anno de sêcca, o que foi atribuido a milagre da Senhora.

MONTALVÃO—villa, Alemtejo, comarca e concelho de Niza, 35 kilometros ao N. de Portalegre, 195 ao SE. de Lisboa, 340 fogos.

Em 1757 tinha 300 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Bispado e districto administrativo de Portalegre.

Foi commenda do mestrado de Christo.

A mesa da consciencia apresentava o vigario, que tinha 140$000 réis de rendimento.

Feira a 24 de setembro.

A villa está situada em um alto, á direita do rio Sever, e 3 kilometros ao S. do Tejo.

O seu territorio é fertil em caça.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 22 de novembro de 1512. (*Livro dos foraes novos do Alemtejo*, fl. 54 v, col. 2.ª)

D. Diniz lhe mandou construir um castello e cercar de muralhas, que tudo ainda existe, mas em estado de ruina, como quasi todas as outras fortificações portuguezas.

Perto de Montalvão, na foz do rio Sevér, entra o Tejo por ambas as margens a ser do reino de Portugal. [1]

Foi cabeça de concelho por muitos annos, sendo este supprimido, depois de 1834. Tinha camara com 3 vereadores, juiz ordinario e mais auctoridades e empregados municipaes.

É povoação muito antiga, mas não se sabe quando nem por quem foi fundada.

A villa é pequena, e sem edificio algum notavel.

—

É esta villa patria do célebre *padre Manuel Godinho*, que nasceu aqui no anno de 1630. Era filho de Manuel Nunes de Abreu e de Joanna dos Reis.

Entrou para a Companhia de Jesus, em Coimbra, a 3 de junho de 1645.

Escreveu varias obras em differentes ge-

[1] O Tejo nasce nas montanhas de Albarrazim, no Aragão, 12 kilometros abaixo de Alcantara. Na foz do Elgas, principia a servir de raia de Portugal e Hespanha, até á foz do Sevêr; sendo d'ahi por diante todo portuguez até á sua barra.

neros, sendo conhecido como um dos bons escriptores do seu tempo.

Foi para as missões da India, sendo vice-rei, Antonio de Mello e Castro, que foi seu verdadeiro amigo, e, attendendo á sua illustração e boa vida, o encarregou de commissões importantes.

Em 1662, veio a Portugal, por ordem do vice-rei, em desempenho de um negocio de alta monta, urgente e de muito segredo, do que o padre Godinho se desempenhou com muita cordura, sendo muito estimado de D. Affonso VI e da rainha D. Luiza de Gusmão, viuva de D. João IV.

Chegára a Lisboa, em outubro de 1663.

Por intervenção do rei, conseguiu do papa um breve de secularisação, sahindo da Companhia, apesar de todos os grandes obstaculos que para isto se offereciam.

Foi nomeado protonatario apostolico, e mais tarde, commissario do *Santo Officio*.

Foi prior da freguezia de S. Nicolau, da então villa de Santarem, beneficiado do mesmo orago, na Sé de Lisboa, e depois, prior da freguezia de Santa Maria de Loures, termo de Lisboa. Falleceu em 1712.

D'entre todas as suas obras. a que maior nome lhe deu, foi a sua—*Relação do novo caminho que fez por terra e mar, vindo da India a Portugal, no anno de 1663, o padre Manuel Godinho, do Companhia de Jesus, enviado á Magestade de El-rei Nosso Senhor, D. Affonso VI, pelo seu viço-rei, Antonio de Mello e Castro, e Estado da India.*

Foi este curioso livro impresso em Lisboa, na officina de Henrique Valente de Oliveira, impressor do rei, em 1665. O seu auctor, dedicou-o a Luiz de Vasconcellos e Sousa, conde de Castello Melhor.

Esta dedicatoria, é datada do collegio de Santo Antão, de Lisboa, a 2 de outubro de 1665.

A sociedade propagadora dos conhecimentos uteis, fez na sua typographia, uma 2.ª edição em 1842.

Tambem são do padre Godinho, as obras seguintes:

Vida, virtudes e morte, com opinião de santidade, do veneravel padre, frei Antonio das Chagas, missionario apostolico n'este reino, da Ordem de S. Francisco, fundador do seminario de missionarios apostolicos da mesma ordem, sito no Varatojo.

Foi dedicado a D. Pedro II, e impresso na typographia de Miguel Deslandes, em 1687.

Apesar de ser um plagiato do padre Chagas, teve 2.ª edição em 1728, e 3.ª em 1762—aquella na typographia de Miguel Rodrigues, e esta na de Francisco Borges de Sousa. [1]

Horario Evangelico, etc., etc.—Lisboa, typographia de Miguel Deslandes, 1684.

Noticias singulares de algumas cousas succedidas em Constantinopola, depois da rôta do seu exercito, sobre Vienna, etc. etc.—Lisboa, na mesma typographia, 1684.

Sermão do glorioso Santo Antonio, prégado na egreja de Santa Marinha de Lisboa.—Foi publicado em Lisbôa, em 1668; e em Coimbra, em 1692.

Além d'estas, escreveu e publicou mais algumas obras mysticas, de pouco merecimento.

—

Foi marquez de Montalvão, o infeliz D. Jorge Mascarenhas, conde de Castello-Novo, e 1.º vice-rei da *Nova Lusitania*. (Brasil.)

Este fidalgo foi uma victima das mudanças da fortuna, vendo-se por vezes no fastigio da grandeza, e nos maiores transes da adversidade.

Pela nobreza do seu sangue, e pelas suas excellentes partes, chegou a ser o maior do reino, abaixo do rei, e inesperadamente se viu encarcerado com sua mulher, e seus filhos fugidos para Castella.

Passados tempos conseguiu justificar-se e foi solto e restituido aos cargos e grandezas que havia logrado. Pouco tempo porém lhe durou a liberdade e as honras, e tornou a ser preso no castello de Lisboa, onde falleceu no 1.º de janeiro de 1652.

D. João IV lhe concedeu fazer testamento.

[1] Este livro é escripto em estylo gongorico, e quasi todo com retalhos cerzidos das cartas do padre Chagas, alguns reproduzidas textualmente: o que não revela falta de engenho, que o tinha; mas preguiça, ou vontade de se enfeitar com as glorias alheias.

N'elle ordenou o marquez que se não dobrassem os sinos por sua morte, e que só com os clerigos da freguezia fosse levado á sepultura; mas, apesar d'esta clausula, foi acompanhado pela irmandade da Misericordia (da qual tres vezes fôra provedor) e por bastantes fidalgos, nos quaes prevaleceu a todos os outros respeitos a piedade e commiseração.

MONT'ALVÃO—aldeia, Extremadura, na margem esquerda do Tejo. (Vide *Alcochete*, vol. 1.º, pag. 77, col. 2.ª, *in fine*.

MONTÁLVO—freguezia, Extremadura, comarca de Abrantes, concelho de Constancia, 180 kilometros a O. da Guarda, 144 ao E. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 135 fogos.

Orago antigo Nossa Senhora da Assumpção, e actual Nossa Senhora da Annunciação. Bispado de Castello Branco (foi do bispado da Guarda); districto administrativo de Santarem.

O vigario de S. Julião, de Punhete (Constancia) apresentava o cura, que tinha de congrua 50$000 réis, e o pé d'altar.

Tem este nome por estar situada na serra de Montalvo.

MONTÁLVO—freguezia, Alemtejo, comarca, concelho e 3 kilometros da villa de Moura, 65 kilometros ao O. de Evora, 160 ao SE. de Lisboa. Em 1757 tinha 13 fogos.

Orago Nossa Senhora da Conceição.

Bispado e districto administrativo de Beja.

Os condes d'Obidos apresentavam o prior que tinha 420 alqueires de trigo e 60 de cevada, de rendimento annual.

Esta freguezia foi supprimida por pequena, e annexa á de Santo Agostinho, da villa de Moura.

A egreja que foi matriz ainda existe, reduzida a capella, situada em um monte d'onde lhe proveio o nome. É um templo antiquissimo, e estando muito arruinado, foi reedificado pelos annos de 1700.

A imagem da padroeira é objecto de grande devoção dos habitantes de Moura e de outras muitas terras. Faz-se-lhe a sua festa a 8 de setembro.

MONTÁLVO ou **MONTE VIL**—freguezia, Extremadura, ao S. do Tejo, comarca e concelho de Alcacer do Sal, 60 kilometros ao O. de Evora, 60 ao SE. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 81 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado d'Evora, districto administrativo de Lisboa.

A mesa da consciencia apresentava o capellão, curado, que tinha 180 alqueires de trigo, 90 de cevada e 10$000 réis em dinheiro, de rendimento annual.

É terra fertil em cereaes.

MONTANHA ou **SANTA MARTHA DA MONTANHA**—Esta freguezia já está descripta a pag. 99 d'este vol.; mas, rectifico aqui aquelle artigo, pela fórma seguinte:

Tinha em 1757, 45 moradores.

Os reitores do Salvador e de Santa Marinha, ambos da Ribeira de Pena, apresentavam alternativamente o vigario, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé d'altar.

MONTANHAS—As 30 maiores elevações do continente portuguez:

ORDEM NUMERICA	ELEVAÇÕES	PROVINCIAS	MEDIDAS POR	METROS ACIMA DO NIVEL DO MAR
1	Monte da Gaviarra, na serra de Suajo	Minho	Balbi	2:467
2	Pincaro do Cantaro Delgado, na serra da Estrella	Beira Baixa	»	2:400
3	Ponto culminante da serra de Montezinho	Traz os Montes	»	2:335
4	Môrro do Bugarreiro, na serra do Gerez	Minho	»	1:600
5	Ponto culminante da serra do Marão	Traz-os-Montes	»	1:467
6	Pico da Foya, na serra de Monchique	Algarve	Franzini	1:277
7	Ponto culminante da Serra-Nogueira	Traz-os-Montes	Balbi	1:168

ORDEM NUMERICA	ELEVAÇÕES	PROVINCIAS	MEDIDAS POR	METROS ACIMA DO NIVEL DO MAR
8	Assento da cidade da Guarda...............	Beira Baixa	Balbi	1:000
9	Dito da villa de Montalegre..................	Traz-os-Montes	»	935
10	Dito da villa de Trancoso.....................	Beira Baixa	»	900
11	Plató septemtrional de Traz-os-Montes.......	Traz-os-Montes	»	800
12	Ponto culminante da serra da Louzan, ou do Coentral..............................	Douro	»	767
13	Assento do castello da villa de Monsanto.....	Beira Baixa	»	735
14	Ponto culminante da serra de Monte-Junto...	Extremadura	Franzini	728
15	*Cabecinho de Todo o Mundo*, na serra de Ayre, ou Minde..............................	Extremadura	Verdier	719
16	Ponto culminante da serra de Santa Luzia...	Minho	Balbi	700
17	Monte Gordo (em frente de Ayamonte).......	Algarve	»	700
18	Serra de Ossa..................................	Alemtejo	Verdier	677
19	Assento da villa de Chaves....................	Traz-os-Montes	Balbi	667
20	Serra de Portalegre, ou de Arronches.......	Alemtejo	»	667
21	Monte do Figo, na serra do Algarve.........	Algarve	Franzini	667
22	Ponto culminante da serra de Cintra.........	Extremadura	Balbi	600
23	Alto de Nossa Senhora do Viso, na freguezia de Custoias..............................	Beira Baixa	»	595
24	Alto de Nossa Senhora, da serra do Bussaco..	Douro	»	558
25	Monte *Formosinho*, na serra da Arrabida	Extremadura	Franzini	546
26	Assento da villa de Marvão....................	Alemtejo	Balbi	534
27	Ponto culminante da serra de S. Luiz, proximo a Palmella............................	Extremadura	Franzini	398
28	*Alto da Vella*, no centro da *Tapada*, em Mafra....................................	Extremadura	Verdier	367
29	Assento da cidade de Beja....................	Alemtejo	»	300
30	Cabeço de Montachique.......................	Extremadura	»	250

N. B.—Desprezaram-se as fracções de metro.

MONTAR—portuguez antigo—dar lanço na praça. (Doc. da Torre do Tombo, de 1338)

Montar, era tambem o direito do visinho, de servir-se dos montes communs, para pastos de gados, madeiras, lenhas, caças, etc.—*Os homens do Bispo, e do Cabido, montem, e pesquem con nos Concelhos, e con nos outros homens, como sempre usarom.* (Doc. de Lamego, de 1292.)

MONT'ARGIL ou **MONTE-ARGIL**—villa, Alemtejo, comarca da Fronteira, concelho de Ponte de Sôr, 135 kilometrosao SE. de Lisboa, 450 fogos.

Em 1757 tinha 150 fogos.

Orago Santo Ildefonso.

Patriarchado de Lisboa, districto administrativo de Portalegre.

A mesa da consciencia apresentava o prior que tinha 200$000 réis de rendimento annual. Esta villa está situada a 18 kilometros a O. das Galvêias, em um alto, e banhada pelo E., pelo rio Sôr, que a fertiliza.

D. Diniz a fundou em 1315, dando-lhe então foral, mas Franklin não o menciona.

Tinha até 1834 um beneficio da ordem de S. Bento d'Aviz.

Foi senhor d'esta villa D. João Rolim de Moura, progenitor da actual familia Loulé.

É fertil em cereaes e legumes, e produz algum vinho, azeite e fructas. Tem muita caça, e abundancia de mel e cera.

Diz-se que o seu primeiro nome foi *Monte-Argel*, e vinha a ser—*Monte do Infeliz*; porque no antigo portuguez, *argel* significava mofino, infeliz, desgraçado, etc.—(Tambem significava—malvado.)

Outros pretendem que é corrupção de *Monte-Argilla*—monte do barro.

Na França ha uma cidade chamada *Montargis*. Póde ser que algum francez, dos tantos que vinham a Portugal buscar fortuna, nas guerras contra os mouros, fosse de Montargis, e—ou por ser senhor d'esta povoação, ou por ser d'aquella cidade franceza, impozesse o seu nome a esta villa.

MONTARÍA—freguezia, Minho, concelho, comarca, districto administrativo de Vianna do Minho, 40 kilometros a O. de Braga, 395 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757, tinha 190 fogos.

Orago S. Lourenço.

Arcebispado de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 500$000 réis de rendimento.

É terra muito fertil em todos os generos agricolas, e cria muito gado, de toda a qualidade.

É abundante de peixe, do rio Lima, que lhe fica perto, e do mar; que lhe vae de Vianna.

MONTARÍA—portuguez antigo—chamava-se *Casal da montaría*, aquelle de que os colonos pagavam fôro de caça do monte—e tambem áquelle cujos possuidores (por qualquer titulo), eram obrigados a ir ás caçadas e montarias, quando fossem chamados por ordem do rei.

Toda a gente sabe a que hoje se dá o nome de *montaría*.

MONTÁTICO—*montadêgo* e *montado*—portugez antigo—certa pensão, ou tributo, que se pagava por apascentar os gados, nos montes de algum municipio, ou senhorío.

MONTE—antiga freguezia, Minho, na comarca e concelho de Barcellos.

Arcebispado e districto administrativo de Braga. Orago S. Lourenço.

Era muito pequena e foi encorporada, ha mais de 200 annos, á da *Alheira*, no mesmo concelho, comarca, arcebispado e districto.

Ainda existe a egreja que foi matriz. (Vide *Alheira*, pag. 132 do 1.º vol.)

MONTE—freguezia, Minho, concelho de Terras de Bouro, comarca de Villa-Verde, 24 kilometros ao N. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 38 fogos.

Orago Santa Izabel.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O D. abbade benedictino, do mosteiro de Bouro, apresentava o cura, que tinha réis 10$000 de congrua, e o pé d'altar.

Esta freguezia, era do concelho de Santa Martha, de Bouro, e sendo este supprimido, passou a ser do de Terras de Bouro.

É terra fertil.—Muito gado e caça.

MONTE—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 18 killometros a O. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 40 fogos.

Em 1757 tinha 33 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Os donatarios do couto e honra de Farelães (Correias), apresentavam o abbade, que tinha de rendimento annual 200$000 réis.

No alto do monte *Sóya*, d'esta freguezia, existiu um castello, que alguem diz ter sido de *Soyano*, valido de Tiberio.

Consta que foi aqui o quartel de Decio Junio Bruto, e que a elle o vieram atacar os bracharenses, e o fizeram retirar.

MONTE—freguezia, Minho, comarca e concelho de Fafe, 24 kilometros a NE. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 180 fogos.

Em 1757 tinha 115 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O abbade de S. Bartholomeu de Villa-Cóva, apresentava *in solidum*, o vigario, que tinha 60$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra fertil.—Gado e caça.

MONTE—freguezia, Douro, comarca e concelho d'Amarante, 60 kilometros ao NE. do Porto, 360 ao N. de Lisboa, 140 fogos.

Em 1757 tinha 104 fogos. Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 480$000 réis de rendimento.

É terra muito fertil.—Gado de toda a qualidade, caça, mel e cêra.

Foi antigamente do concelho de Santa Cruz de Riba-Tamêga.

Em 29 de maio de 1745, entráram na egreja de S. Salvador do Monte, e arrombando a porta do sacrario, tiráram d'elle o ciborio de prata, que levaram, espalhando as sagradas particulas pelo altar, e pelo chão, achando-se umas, no pires das galhetas, outras, em um vazo, e uma debaixo da pedra d'ara.

Leváram tambem as ambulas dos santos oleos, que eram de estanho, derramando os oleos sagrados, sobre as mesmas particulas sacrosantas.

De uma imagem da Mãe de Deus, tiráram a corôa, e a quebraram com grande indecencia, depois de conhecerem que era de latão.

Chegou esta noticia á cidade do Porto, e logo d'ella sahiu o vigario geral com alguns desembargadores do senado, a sindicar do caso.

A 18 de junho, mandou o bispo publicar uma pastoral, para que na Sé d'aquella cidade se fizessem preces com o Sacramento exposto na segunda feira 25, do dito mez, e nos dois dias seguintes, e nos de 22, 23 e 24, em todas as egrejas d'esta cidade, e seus suburbios, como tambem nas do bispado todo, depois de lhe chegar á noticia a mesma pastoral.

MONTE—Vide *S. João do Monte*, pag. 414, col. 1.ª, do 3.º vol.

MONTE (Nossa Senhora do)—na freguezia das Córtes, Extremadura, comarca, concelho e 6 kilometros ao S. de Leiria (a pag. 402, do 2.º vol., col. 1.ª)—está a antiga capella de *Nossa Seuhora do Monte.*

São duas as origens dadas a esta capella.

Dizem uns, que Diogo Gil, d'esta freguezia, piloto, ou capitão de navio, chegando na sua embarcação, ás costas de Vieira e S. Pedro de Muél (termo de Leiria), em uma occasião de grande temporal, e vendo-se perdido, invocou o patrocinio da Santissima Virgem, promettendo edificar-lhe uma capella, em um monte d'esta freguezia.

O navio foi a pique, sendo elle o unico da tripulação que se salvou; e cumpriu a sua promessa, edificando esta capella, no anno de 1550, sendo bispo de Leiria, D. Braz de Barros.

Esta capella está ao pé da serra, no sitio chamado—*O Pé da Cabeça do Bom Dia.*

Dizem outros, que o fundador d'esta capella, se chamava Diogo Gil Preto, natural de Lisboa, thesoureiro da casa de Ceuta (outros dizem, que thesoureiro-mór do reino.) Em uma occasião, em que tinha de dar contas da sua gerencia, faltaram-lhe certos papeis, indispensaveis para isso, pelo que as não pôde dar satisfatoriamente e foi demittido. Retirou-se a Leiria, d'onde era sua mulher, e como era muito devoto de Nossa Senhora, lhe fez voto de edificar uma capella da sua invocação, se lhe apparecessem os documentos perdidos. Achou-os com effeito, e prestou as suas contas, illibando a sua conducta; pelo que cumpriu o seu voto, no dito anno de 1550, edificando a capella, e junto á mesma, uma casa e horta, para residencia de um ermitão que cuidasse da Senhora e da capella.

Passou depois o padroado d'esta capella, aos Silvas, de Leiria, herdeiros de Diogo Gil Preto.

MONTE (Nossa Senhora do Monte, ou da Cabeça)—Beira Alta, na freguezia de Fornos de Maceira-Dão, comarca e concelho de Mangualde. (pag. 12, d'este vol., col. 2.ª e pag. 219, col. 1.ª do 3.º)

Junto ao mosteiro que foi de frades bernardos, de Maceira Dão, está o sanctuario de *Nossa Senhora do Monte,* situado na maior eminencia de um cabeço, com extensas vistas.

Chama-se Nossa Senhora do Monte, por a sua posição—e Nossa Senhora da Cabeça, por ser advogada contra as dôres de cabêça.[1]

O seu primeiro nome, foi *Santa Maria do Monte.*

Consta que esta antiga capella, foi fundada pelos frades de Maceira Dão, emquanto benedictinos—isto é—antes de adoptarem a regra de S. Bernardo. Sendo assim, é esta ermida mais antiga do que a nossa monarchia; pois em tempo de D. Affonso Henriques, foi que o abbade João Cirita introduziu em Portugal a reforma cisteriense.

[1] Parece-me mais provavel, que o nome de *Cabeça,* lhe venha tambem por estar a sua capella edificada na *cabêça,* ou *cabêço* de um monte.

Diz o *Sanctuario Marianno*, que esta ermida foi edificada no anno 900, ou antes— e que a reforma de S. Bernardo entrou n'este mosteiro, pelos annos de mil cento e tantos. (Julgo que foi em 1130.)

Até 1834, vinham os religiosos cantar uma missa a esta Senhora, em todos os sabbados do anno. Por este facto, suppõe-se, com bons fundamentos, que foi aqui o primeiro local do mosteiro.

Faz-se-lhe a sua festa a 3 de maio, dia de Santa Cruz; e é uma romaria muito concorrida de todos os povos das visinhanças.

Mesmo fóra d'este dia vão alli muitos romeiros, visitar a santa imagem.

O mosteiro fica ao O. de Villa Garcia, e a capella ao E.

A ermida tem soffrido varias reconstrucções: é muito linda, e tem capella-mór.

MONTE (Nossa Senhora do) — Traz-os-Montes, na freguezia de Duas-Egrejas, comarca, concelho e 6 kilometros ao O. de Miranda.

(Vide pag. 487, col. 2.ª, do 2.º vol.)

É um magestoso templo, dos bons da provincia, dedicado á Rainha dos anjos, cuja imagem é objecto de grande devoção por estas terras.

Segundo a lenda, a imagem da Senhora appareceu sobre uma gésteira (a que aqui dão o nome de *escôva*) a uma pastorinha de poucos annos.

A povoação e a egreja matriz, distava um kilometro do sitio onde foi achada a Santa imagem. A pastorinha deu parte do apparecimento aos povos da aldeia, que todos correram ao monte, e levaram a Senhora em procissão para a egreja; mas na manhan seguinte havia desapparecido, e foi achada no logar onde a primeira vez tinha sido vista.

Resolveram então edificar-lhe um templo n'aquelle monte, ficando o altar-mór sobre a mesma *escôva* (gésteira.)

Como a parochia ficou com dois templos, se chamou de *Duas-Egrejas*; e sendo o santuario mais vasto e magestoso do que a antiga matriz, se veio a mudar para elle a séde da parochia.

Em uma parede, junto ao altar-mór, se vê ainda hoje pintada uma pastorinha, em memoria d'aquella a quem a Senhora appareceu.

Não se sabe quando este templo foi edificado; só se sabe que é muito antigo, e ainda muito mais o é a matriz primittiva.

Em 15 de agosto de 1665, estando a dizer missa n'esta egreja, o abbade Gaspar de Sá, varão de muito saber e caridade, cahiu na egreja um raio que o fulminou, fallecendo immediatamente.

MONTE (Nossa Senhora do)—Extremadura, na freguezia de Friellas, concelho dos Olivaes. (Vide vol. 3.º, pag. 238, col 1.ª)

Ao E. da povoação, está o santuario da Santissima Virgem, no alto de um cabêço, e por isso se lhe dá o nome de *Nossa Senhora do Monte.*

Foi este templo mandado edificar por Lopo de Abreu, no meio da sua quinta da *Ramada*, em 1579.

Como esta capella era muito pequena, o mesmo Lopo de Abreu a ampliou em 1599, como se vê da seguinte inscripção que está sobre a porta principal da ermida:

CONDITUM A LUPO DE ABREU,
ET VIRGINI DEIPARAE DE MONTE DICATUM,
ANNO MDLXXIX AMPLIFICATUM
VERO AB IPSO SUB AC FORMA,
ANNO MDXCIX

—

Os successores de Lopo de Abreu, venderam esta quinta a Miguel de Sousa Ferreira, que ficou sendo padroeiro da capella, e, como a achasse já bastante arruinada, a reedificou, quasi desde os fundamentos, em 1686, conservando-lhe a porta com a inscripção antiga, para memoria do seu fundador, e dos annos da sua construcção e reedificação.

É esta capella, ainda que não muito vasta, de boa e elegante construcção, tendo á direita uma soffrivel sacristia, com uma tribuna, e da esquerda, uma casa tambem com tribuna, para a familia do padroeiro.

O tecto da capella é de abobada, e tem cinco retabulos de bella pintura, allusivos á vida de Nossa Senhora.

Manuel de Sousa Soares, filho de Miguel de Sousa Ferreira, mandou collocar n'esta

capella dois primorosos quadros a oleo, sendo um, do nascimento de Jesus Christo, e outro da adoração dos *reis magos*. Mandou tambem forrar de bellissimos asulejos a capella-mór. (Estes asulejos foram feitos em Lisboa, na fabrica de Antonio de Oliveira, e rivalisam com os melhores que então vinham da Hollanda.)

São tambem da mesma fabrica e mandados fazer pelo mesmo Manuel de Sousa Soares, os asulejos que revestem as paredes do corpo da egreja, e que não cedem em belleza e perfeição de desenho aos da capella-mór.

Debaixo do pulpito se vê a inscripção seguinte:

ESTA ERMIDA SE COMEÇOU A REEDIFICAR
POR MANOEL DE SOUZA FERREIRA,
NO ÁNNO DE 1686, E A ACABOU
DE FAZER, SEU FILHO, MANOEL
DE SOUZA SOARES, NO ANNO DE 1699,
PEDE UM PADRE NOSSO E UMA
AVE-MARIA PELAS SUAS ALMAS.

A imagem da Senhora é de formosa esculptura, e tem 1m10 de altura, fóra o globo e nuvens com seraphins, que lhe serve de pianha.

Esta imagem foi mandada fazer pelo ultimo reedificador (Manoel de Souza Soares). A primitiva, era de roca, e foi recolhida na sacristia.

Houve n'esta capella um erimitão, chamado João de Santo Antonio, que morreu com fama de santo. Está sepultado na capella-mór da ermida, do lado do Evangelho, em sepultura raza, tendo na tampa (que é de pedra lióz) um epitaphio, com a data do seu fallecimento.

Este templosinho é um dos mais ricos e formosos das aldeias portuguezas.

Do sitio onde está edificado se vê territorio de 12 freguezias, que são—Friellas, Bucellas, Santo Antão do Tojal, Loures, Fanhões, Póvoa, Odivellas, Lumiar, Camarate, Appellação, e Ameixoeira. Da maior parte d'estas freguezias se descobrem d'aqui as egrejas parochiaes.

MONTE—(BOM JESUS DO)—Minho—Famosissimo Sanctuario, edificado no monte de que tomou o nome, no districto da freguezia de Santa Eulalia de Tenões, dois kilometros a E. N. E. de Braga.

Por um admiravel concurso de felizes circumstancias, é o BOM JESUS DO MONTE, incontestavelmente, o primeiro Sanctuario de Portugal; posto que a sua architectura e as suas estatuas, nem sempre primem em correcção, é comtudo, um riquissimo monumento de piedade christan, que dá honra á augusta Braga, já tão honrada e célebre por tantos titulos que a enobrecem.

Os fundadores d'este sumptuosissimo Sanctuario, souberam aproveitar com felicidade a ingreme posição do monte, cujo ingresso facilitaram com uma formosa e suave escadaria, orlada de frondoso arvoredo, varias capellas com os passos da paixão do Redemptor, e de formosas fontes de frescas e excellentes aguas, lagos e jardins de grande belleza.

Estas capellas, que são uniformes, principiam á raiz do monte, e chegam até ao seu cume. Os factos mais notaveis da vida de Jesus-Christo, são representados por figuras em vulto, quasi de tamanho natural, tendo principio ao fundo da avenida, e terminando no altar-mór da magestosa egreja, pela morte do Salvador, na Cruz.

O pensamento que presidiu a esta construcção, foi sem duvida cheio de religião e poesia.

O viajante que subir a esta encantadora estancia, esquece, á vista de tantas formosuras, todo o pensamento mundano, e sente-se arrebatado á contemplação das coisas do Céu, e do immenso sacrificio do Divino Martyr do Golgotha.

Que importa pois que nem todas estas artificiaes formosuras sejam primores d'arte, se a natureza e a piedade o fizeram tão bello e grandioso; tão cheio de encantos e de magestade?

—

Eis a origem d'este notavel Sanctuario:

Sendo arcebispo de Braga, D. Martinho da Costa, irmão do célebre D. Jorge da Costa, *cardeal de Alpedrinha* (vide *Alpedrinha*, a pag. 159 do 1.º—e *Lisboa*, a pag. 273 do 4.º vol.) mandou edificar no alto do *monte Espinho*,

uma capella, dedicada á Santa Cruz, no anno de 1494.

Principiou o povo de Braga e das povoações circumvisinhas a ter muita devoção com esta capella, e todos os annos, no dia 3 de maio (dia da Santa Cruz) concorriam aqui innumeraveis romarias.

Com a morte do fundador, foi resfriando a devoção, e descurando-se a conservação da capella, por ser em um ermo agreste e desabrido, e poucos annos depois estava em ruinas, apezar de ter apenas 28 annos de existencia, o que prova que a sua construcção era pouco solida, e de máus materiaes.

D. João da Guarda, deão da Sé de Braga, vendo este abandono, decidiu reedificar a ermida, em 1522.

Consta isto de uma lapide que mandou embeber na parede da capella, e que hoje está no muro da escadaria do monte, chamada *das Virtudes*.

Tambem pela morte de D. João da Guarda, afrouxou a devoção do povo, e pouco mais de um seculo depois, estava outra vez a ermida arruinada.

Pelos annos de 1627, alguns devotos resolveram reedificar e ampliar a antiga capella de Santa Cruz, com as offertas que fizeram e com as esmolas que para isto solicitaram de outros devotos.

Repararam os estragos que o tempo e o abandono tinham causado á ermida, ornaram-a com alfaias novas, collocaram no altar uma imagem de Jesus Christo, e instituiram uma confraria (1581) encarregada do culto divino e da conservação do templo.

Foi então mudada a antiga invocação de *Santa Cruz* na de *Bom Jesus do Monte*.

Tambem o monte mudou então de nome. Como vimos, chamava-se originariamente *Monte Espinho*, Depois se chamou *Monte de Santa Cruz*, e desde que se mudou a invocação da capella, ficou tambem tendo o mesmo nome—*Monte do Bom Jesus* ou *Bom Jesus do Monte*.

A confraria do Bom Jesus resolveu que esta ermida fosse um Sanctuario muito concorrido de romarias, e por isso concebeu um vasto plano de obras, umas destinadas para accomodação da confraria e agasalho dos romeiros, e outras para aformoseamento do sitio.

Recorreu por differentes modos á piedade dos fieis: mas, posto que se puderam obter bastantes e avultadas esmolas, não chegavam estas para se effectuarem os grandes melhoramentos que a confraria emprehendera.

Limitou-se pois a construir, junto da ermida, um edificio, a que deram o nome de *sala grande*, para alojamento dos irmãos e peregrinos que fossem visitar a capella; e na ladeira do monte varias capellas da *Paixão* e *Ressurreição de Jesus Christo*, e uma escadaria de pedra, proxima do templo, e na parte em que o monte era de mais difficil accesso, que é do O.

Plantaram arvores e fizeram paredes de buxo, de cada lado da escadaria; e se nomeou um ermitão que aqui permanecesse, para velar na conservação e aceio do templo.

Os herdeiros do deão, D. João da Guarda, que foram pouco e pouco descuidando-se da ermida de Santa Cruz até a deixarem cahir em ruinas, assim que a viram reconstruida e bem ornada, e o sitio embellezado com casas, capellas, arvoredos, fontes e flores, as romagens novamente a concorrerem ao sitio, e—principalmente—as esmolas a cahirem na bandeja da capella, lembraram-se de reevindicar a posse e administração da ermida, que voluntariamente haviam abandonado; allegando que devia pertencer-lhes como herdeiros do fundador, e pelo direito de apresentação como abbades que eram da fregnezia de Santa Eulalia de Tenões, annexa á dignidade de deão da Sé de Braga, e no districto da qual ficava o Santuario.

A confraria resistiu a esta absurda pretenção, allegando que quando tomára posse da ermida a achou abandonada e em ruinas, e que a sua reconstrucção, ornamento e alfaias, bem como as mais edificações e aformoseamentos, eram sómente devidos ao zelo e sollicitude da confraria.

O deão não se deu por convencido d'estas justissimas allegações, e poz aos irmãos uma

demanda, que foi muito renhida; mas, vendo a confraria que se empenhava com o custeamento do pleito, e que o seu adversario dispunha simultaneamente de grandes meios pecuniarios e de muita influencia, desistiu da demanda, e entregou ao deão, Francisco Pereira da Silva, a capella com todas as suas pertenças.

O aceio e a devoção do templo foram em triste declinação; porque o deão só curava de receber as esmolas e offertas, e nada lhe importava que a capella, pela terceira vez, cahisse em ruinas.

Os fieis, vendo a ambição do novo padroeiro, foram pouco e pouco abandonando a capella, e, em 1720, estavam quasi extinctas as romarias.

Então o desembargador, juiz dos residuos e capellas, resolveu salvar o Sanctuario da terceira ruina que lhe estava imminente. Convocou a confraria a uma reunião; fez que se elegesse nova mesa, composta de pessoas auctorisadas e bemquistas, e em seguida poz demanda ao deão—e, no fim de dois annos de obstinada demanda, ainda ella promettia durar por muito tempo; porém o arcebispo, D. Rodrigo de Moura Telles lhe poz termo, por uma provisão, de 7 de junho de 1722, que ordenava lhe fosse devolvida a eleição da mesa da confraria, e na mesma provisão se declarou juiz d'ella, e nomeou para mesarios varios conegos da sua Sé, e outras pessoas respeitaveis, de Braga.

Esta sábia e energica providencia fez por uma vez terminar o pleito, assignando-se no dia 30 do mesmo mez e anno, uma escriptura publica, pela qual o ambicioso deão desistia por si, e em nome dos seus successores, de todos e quaesquer direitos que pudesse ter sobre as diversas propriedades, que pertenciam ao Sanctuario, com a reserva de um fôro de duas gallinhas para o deão, e 300 réis para o vigario de Tenões, annualmente.

Como um reconhecimento dos seus pretendidos direitos, quiz o deão que tambem lhe ficasse reservado o direito de escolher o ermitão entre tres nomes propostos pela mesa.

Esta escriptura de transacção foi julgada por sentença logo no mez de agosto, e foi confirmada pelo papa, em 4 de setembro de 1724.

Nem assim terminaram as ambições injustas, e absurdas pretenções.

Em 1759, o vigario de Santa Eulalia de Tenões, querendo fazer valer os seus *direitos parochiaes*, pretendeu arrogar a si a escolha dos capellães e acolytos, e a superintendencia nas missas.

Correu sobre isto demanda no tribunal da legacia, que proferiu sentença a favor da irmandade, como unica padroeira do Bom Jesus do Monte.

O arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles não se limitou ao papel de pacificador, e resolveu ser o principal protector d'este Sanctuario.

No mesmo anno de 1722 deu principio a novas e mais vastas e magestosas obras, logo que assumiu o juizado da confraria.

Demoliu a ermida do Bom Jesus, e edificou uma vasta egreja, de fórma circular, coroada de balaustrada, com varias figuras de anjos acompanhando os instrumentos da Paixão, no centro de um espaçoso adro. Concluiu-se esta egreja em 1725.

Occupava o terreiro onde hoje está a cascata, e foi demolida quando se edificou o templo actual.

O mesmo prelado reedificou as capellas da Paixão, que estavam no dorso do monte, communicando umas com outras por caminhos bem traçados, amplos, e com suave declive. Comprou varias devezas para arredondar a cerca do sanctuario, que mandou cercar de muro. Erigiu na raiz do monte o portico que dá entrada para a grande avenida que conduz ao templo.

Construiu diversas fontes. Abriu uma boa estrada para o Sanctuario, por onde apenas até então havia estreitos e tortuosos carreiros, por terrenos cheios de fragas e quebradas. (Esta estrada foi depois da morte de D. Rodrigo tão descurada, que chegou ao estado de ruina mais lamentavel.)

Este benemerito arcebispo, falleceu em 1728; mas as obras do sanctuario não pararam, pois que a confraria as continuou com grande zelo e fervor, occorrendo ao seu

custeamento com muitos e valiosos legados, e com avultadas esmolas que os devotos davam constantemente para ellas; sendo uma das maiores, dois contos de réis, que o mesmo prelado deixou á confraria, em testamento.

Manuel Rebello da Costa, foi tambem um dos maiores bemfeitores do sanctuario, contribuindo por varias vezes com grandes quantias para as obras; e porque administrando a confraria desde 1749, até 1771 (em que falleçeu), o fez com grande zelo e economia.

Junto á fonte de S. Marcos, no *terreiro dos evangelistas*, está uma lapide com uma inscripção que commemora o seu nome e os grandes serviços que fez ao sanctuario.

—

Succedeu na mitra primacial de Braga, D. Gaspar de Bragança, filho legitimado de D. João V, que foi tão devoto para com o Bom Jesus do Monte e tão liberal, como D. Rodrigo, tornando-se este principe, um dos maiores bemfeitores do sanctuario, tanto pelos grandes donativos que lhe fez, como pelas muitas graças espirituaes que lhe alcançou do Summo Pontifice.

Sob o seu governo, e por seu impulso, se fizeram muitas construcções e importantes aformoseamentos; porém, a principal, pela grandeza do commettimento, pelo realce que deu ao sanctuario e tambem por ser a obra de melhor gosto que alli se vê, foi o templo actual, que não chegou a vêr acabado, pois falleceu em 1789, quando os trabalhos apenas contavam cinco annos de duração.

Outro serviço deve o sanctuario a este principe, não menos importante, se não de maior alcance—foi, obter do papa Clemente XIV, em 1773, tres bullas de varios privilegios para o templo, e de graças espirituaes, para todos os devotos, que, confessados e commungados, o visitassem e n'elle orassem, em determinados dias do anno.

É verdade que foi negado o *exequator* a estas bullas, com diversos pretextos, entre os quaes figuram o da confraria levar em vista interesses pecuniarios, e serem em prejuizo da *bulla da Santa Cruzada.*

Depois de varias objecções e passados cinco annos, conseguiu a confraria o régio *apraz-me*, ás primeiras bullas e a outras subsequentes de novas indulgencias.

Celebrou-se em Braga, a publicação d'estas bullas, com uma sumptuosa procissão, que ficou em memoria por muitos annos.

Desde então estendeu-se por toda a provincia do Minho, a devoção ao *Bom Jesus do Monte.*

A concorrencia dos romeiros augmentou de dia para dia, e rarissimas occasiões se vae a este sitio, que se não encontrem visitantes.

Nos dias de indulgencias, o concurso é enorme e vem de terras muito distantes; e que enchem as caixas das esmolas, collocadas em differentes pontos do monte, e com as quaes e com os legados, rendas e fóros, joias e juros de capitaes mutuados, se tem feito constantemente varios melhoramentos no templo e dependencias.

Em 20 de março de 1809, as hordas francezas, commandadas pelo feroz Soult (que Bonaparte fizéra duque de Dalmacia) entram em Braga, e entre as muitas devastações e roubos que alli fizeram, tambem destruiram muitas obras do Bom Jesus do Monte, ficando as hospedarias quasi arrazadas; mas, depois da expulsão d'estes canibaes, a confraria reedificou tudo, ainda com mais perfeição do que estava antigamente, e augmentando o numero das hospedarias.

As principaes festas que se fazem aqui, são—nos quatro primeiros domingos de quaresma—domingo de Ramos—Paschoa da Ressurreição—Ascenção—Paschoa do Espirito Santo (que é a principal)—Dia de Corpus Christi—invenção de Santa Cruz (a 3 de maio)—S. Pedro (a 29 de junho)—triumpho de Santa Cruz (a 16 de julho)—S. Thiago (a 25 de julho)—Assumpção de Nossa Senhora (a 15 de agosto)—Natividade da Santissima Virgem (a 8 de setembro)—Exaltação da Santa Cruz (a 14 de setembro) e, finalmente, em dia de todos os Santos, no 1.º de novembro.

Para o serviço do culto divino, tem o sanctuario—tres capellães permanentes—um sachristão e um ermitão.

A administração está a cargo de uma junta de deputados e da mesa.

Esta junta é composta de 17 membros—13 que constituem a mesa, e 4 irmãos, eleitos d'entre os que pertencerem á mesa do anno antecedente.

Os 13 membros da mesa, têem os seguintes titulos e cargos—*juiz da confraria—cartorario—secretario—ministro do culto divino—védor da fazenda—védor das obras—thesoureiro da confraria—thesoureiro dos legados* (do arcebispo, D. Rodrigo de Moura Telles e de José Pereira Ferraz)[1]—*zelador das esmollas—zelador das estampas e das medidas do corpo e do braço, da imagem do Bom Jesus—procurador da confraria—mordomo do templo—e mordomo das capellas.*

A mesa é eleita todos os annos, pela junta da confraria.

—

Ergue-se a montanha do sanctuario, a 2 e meio kilometros a E. de Braga, entre outras serras que rodeiam os viçosos campos que se ostentam em volta da cidade.

Estende-se a montanha, com suave pendor, até á rua da Régua; porém só se dá o nome de *Monte do Bom Jesus,* desde o principio inferior das escadas, onde se vê o magestoso pórtico, para cima.

Conduz ao portico, entre dois tanques de agua corrente, uma escada de 12 degráus, e em frente está um terreiro, de uns cem metros de comprido, onde se vêem duas bonitas pyramides de granito.

O portico tem 7m26 d'alto e 3m50 de largura. No fecho do arco se vê o brazão d'armas do fundador, o arcebispo D. Rodrigo de Moura Telles; e na parte superior, a cruz archiepiscopal, entre quatro pyramides e dois globos, sobre bonitas peanhas.

Duas inscripções, gravadas nos cunhaes, commemoram o anno da reedificação do Sanctuario (1723) e o nome d'aquelle prelado, que foi o reedifiador.

Transpondo o limiar do portico, e perto d'elle, se encontram duas capellas, uma de cada lado, e a par d'ellas duas fontes. A capella da direita, representa a cêa de Jesus-Christo, e quando elle instituiu o sacramento da Eucharistia.—A da esquerda representa o horto de *Gethsemane,* no monte Olivéte, em que está Jesus-Christo orando e os apostolos dormindo. Cada capella tem uma inscripção em latim, allusiva ao assumpto que n'ella está figurado, tirada dos Evangelhos.

As fontes são ornadas com emblemas das divindades mythologicas, ás quaes estão dedicadás, e cujo nome se vê gravado em uma tarja.

Esta mistura do sagrado com o fabuloso era ainda moda quando se fizeram as reedificações.

Se este portico não é um primor de architectura, suppre-lhe a belleza da ornamentação, as formosuras da natureza, e a fresca sombra de gigantescos plátanos e carvalhos, que se debruçam sobre a cantaria.

Do portico, vae subindo a avenida, pela encosta do monte, em linha recta até á 3.ª capella, e depois, em *zigue-zague,* até á 1.ª escadaria, chamada dos *cinco sentidos.*

A avenida é magestosa e bella, pela sua muita largura, pelo copado arvoredo que a assombra dos dois lados, e pela aprazivel vista da matta, que reveste o monte.

Nos logares em que a avenida, descrevendo os zigues-zagues, fórma os angulos, ergue-se uma capella, e ao lado d'esta, no mesmo patim, uma fonte.

Todas as capellas da avenida (oito) são perfeitamente eguaes na architectura, como as duas a par do portico—isto é—quadradas, e de abobada, em vertice.

Na 3.ª capella estão figuradas, a traição de Judas e a prizão de Jesus Christo.—A fonte que está contigua, é dedicada a Diana, e tem esculpidas na pedra as divisas d'esta divindade.

A 4.ª capella, representa o pretorio de Pilatos, onde Jesus-Christo, prezo á columna, foi açoitado. Em frente está a fonte de Marte, com os seus emblemas guerreiros.

A 5.ª, representa, tambem no pretorio, Jesus-Christo, depois de flagelado, sentado

[1] José Pereira Ferraz, deixou ao Bom Jesus, um legado de quatro contos de réis, com varias disposições e obrigações.

e com a corôa de espinhos, o manto encarnado e uma cana verde na mão.

A esta capella corresponde a fonte de Mercurio.

A 6.ª, representa a varanda de Pilatos, e este apresentando Jesus-Christo ao povo, com as palavras — *ecce homo.*

A fonte correspondente, é dedicada a Saturno.

A 7.ª, é Jesus-Christo caminhando para o Calvario, com a cruz ás costas. Junto d'ella está a fonte de Jupiter.

A 8.ª representa a crucificação de Jesus-Christo.

Todas as figuras que se vêem n'estas capellas, são de estatura natural e feitas de barro cosido; mas de pouco merecimento artistico, tanto na esculptura como na pintura. Os vestidos, na sua maior parte, são improprios, por anachronicos.

Muitas das estatuas dos farizeus estão mutiladas, pelas pedras que os visitantes lhes arremeçam, julgando fazer uma obra meritoria.

Finalisa a avenida, na 8.ª capella.

D'ahi para cima, até á corôa do monte, sobem as grandes escadarias, decoradas de fontes e de estatuas.

A 1.ª escadaria, chamada dos *cinco sentidos*, compõe-se de 20 lanços, cada um de nove degraus — dez lanços, correndo dois a dois, a encontrarem-se no mesmo patamar, e os outros dez, seguindo direcção desencontrada d'estes; terminando cada um em seu patamar.

Á entrada da escadaria, dividindo os dois primeiros lanços, está a fonte das *Cinco Chagas;* assim denominada, por lançar a agua por cinco fendas, similhantes ás chagas de Jesus-Christo. É decorada por muitos ornatos architectonicos, e os *dados*, a tunica, o calix e os instrumentos da Paixão, esculpidos na pedra.

Nas cinco paredes centraes correspondentes aos lanços que estão no mesmo patamar, estão cinco fontes, ornamentadas e com versiculos e alegorias, allusivas a cada um dos cinco sentidos do homem. É d'esta circumstancia, que a escadaria tirou o nome.

Vê-se em cada fonte, meio corpo humano, em relêvo, sahindo a agua pelos olhos, pelos ouvidos, pelo nariz, pela bocca, etc., segundo o sentido que a figura representa.

Sobre as fontes, levantam-se outras tantas estatuas, e aos lados d'estas, vasos ou urnas.

As paredes dos lanços lateraes, são coroadas tambem com estatuas no centro, e vasos nas extremidades. As estatuas representam (principiando de baixo) o *pastor prudente—Moysés—o propheta Jeremias—Idithun, o tocador de cythara—David—a esposa dos Cantares* (uma mulher tocando lyra — symbolisando a egreja de Jesus Christo) *o varão sabio—Noé—Sunamites*, abraçando uma palmeira—*José do Egypto—Jonathas—Esdras — Salomão — o propheta Isaías — e Isaac.*

Vão acompanhando a escadaria por ambos os lados, pequenos jardins, em sucalcos, d'onde se debruçam acacias e outras arvores, que dão sombra ás escadas.

Esta escadaria é obra do arcebispo, D. Rodrigo de Moura Telles.

Todas as estatuas são de granito e colossaes, tendo douradas as cercaduras dos vestidos, as faxas que lhes apertam as cinturas, os diademas e outros ornatos que lhes cingem as frontes, os septros, lanças e outras armas que impunham. [1]

[1] Não é só no Bom Jesus do Monte que houve o máo gosto de *adornar* as estatuas com arrebiques improprios. Em muitas povoações da provincia do Minho, e até na cidade do Porto, a segunda do reino, e onde ha um academia das bellas artes, se vêem cobertas de douraduras, as estatuas que decoram o magnifico templo da Trindade. (Pois aqui não era preciso, como em Braga, encobrir com garridices absurdas as imperfeições da esculptura.) Ainda no Porto se vêem outras imagens de pedra, desfiguradas com dourados e grosseiras pinturas, nos frontespicios de varias egrejas. Não devem porém os lisbonenses rir-se d'estes disparates. Tambem aqui temos em Lisboa, em todas as egrejas, imagens de santos, que viveram na penitencia e pobreza voluntaria, andando apenas vestidos de aspero burel ou grosseira estamenha, ostentando riquissimos dourados posthumos!

Vemos as naves magestosas do venerando templo da Sé cathedral, desfiguradas com uma prosaica camada de gêsso, e suas ve-

Á escadaria dos *Cinco Sentidos* se segue a das *Tres Virtudes*, mettendo-se apenas de permeio, um pequeno terreno quadrangular, com assentos, e, sobre as paredes que o cercam, vasos e pyramides.

Esta segunda escadaria, é egual á primeira, na construcção; porém mais pequena. Conta 12 lanços, 3 fontes e 9 estatuas. A 1.ª fonte se denomina *da Fé;* tem esculpida na pedra, a Cruz sobre o Calvario. As outras tres estatuas que lhe correspondem, são—a da *Fé*, sobre a fonte—e aos lados a da *Docilidade* e a da *Confissão.*

A 2.ª fonte, é a da *Esperança*, symbolisada na Arca de Noé, pousada no cume da montanha. A estatua superior, figura a *Esperança*, e as lateraes, a *Confiança* e a *Gloria.*

A 3.ª fonte, é chamada *da Caridade.* Por alegoria, dois meninos, segurando um coração, e por corôa, a estatua da *Caridade* (uma mulher com duas creanças nos braços.)

As estatuas dos lados, symbolisam a *Paz* e a *Benignidade.*

Tambem acompanham esta escadaria, de ambos os lados, pequenos jardins, em sucalcos, alguns d'elles com seus lagos de repucho perenne, e com seus portões de ferro, para os patamares.

No patim do 3.º lanço, estão duas capellas, de construcção differente das da avenida. A da esquerda é dedicada a S. Pedro, e a da direita, a Santa Maria Magdalena.

Acham-se embebidas nas paredes d'este 3.º lanço da escadaria, um brazão d'armas e tres lapides com inscripções. O brazão é do arcebispo, D. Jorge da Costa, e pertenceu á primeira capella que houve n'este monte, mandada edificar por este prelado. Foi achado este brazão, nas escavações dos alicerces de obras que alli se fizeram em 1839, sendo presidente, o abbade de Maximinos, Joaquim da Motta Cardoso. É o que declara uma das tres inscripções. A 2.ª diz:

ESTA: EGREJA: E CAPELLA MÃDOU FAZER: O PROTO-NOTAIRO DÕ: JOÃ: DA: GUARDA: DAYÃ DE: BRAGA: E LAMEGUO: DO CONSELHO: DE: EL-REI: CONDE PALATINO: POR SUA DEVAÇÃ: A X6 D: DO MEZ: DE: SETENBRO DO ANO: D 1522.

Logo abaixo d'esta, se segue a 3.ª, que diz:

INDICA A REEDIFICAÇÃO DA 2.ª CAPELLA EM 1522, QUE FOI ABOLIDA NO TEMPO DE D. RODRIGO DE MOURA E TELLES EM 1725.

—

ANNO DE 1839.

Vê-se pois que a escadaria das *Tres-Virtudes*, é de construcção moderna.

As suas estatuas, não sendo de grande perfeição, são de melhor esculptura do que as da 1.ª escadaria; mas tambem, como as outras, teem as suas impropriissimas douraduras.

A capella de S. Pedro, é de abobada. Por cima está um terreiro arborisado, no meio do qual se vê a estatua, equestre, de *Longuinhos*, de proporções maiores do que o natural. É admiravel por ser um monumento monolythico—isto é, de uma só pedra, de granito, cavalleiro e cavallo.

Tem por base um elevado pedestal, que assenta sobre um grande rochedo, quasi todo soterrado, deixando apenas vêr a parte superior. Longuinhos está vestido de guerreiro romano, armado de capacete, lança e broquel (escudo.) A sua esculptura é no gosto da das outras figuras da avenida—isto é—de má execução.

Esta estatua equestre, foi mandada fazer e dada ao santuario, por o bacharel Luiz José de Castro Gomes do Couto, em 1819, em cumprimento de um voto.

tustas columnas, que os seculos respeitaram, sarapintadas com óca e roxo terra!

Vemos a egreja musárabe da Conceição-Velha, com um chato e deslavado frontão de architectura *pombalina*—e o manuelino e venerando templo dos Jeronymos com uma capella-mór de ordem *jesuitica!*

Aqui mesmo, na côrte de um reino, frequentemente visitada por estrangeiros, e á face de tantos estabelecimentos scientificos, se admiram muitas d'estas invenções e reconstrucções hybridas, anachronicas e disparatadas.

Conduz a escadaria das *Tres Virtudes*, ao *terreiro da Cascata*, que é circular, espaçoso e guarnecido de assentos.

A cascata, que está em correspondencia com as fontes das escadarias, está dentro de um arco, de boa architectura, coroado pela estatua de Moysés, no acto de ferir o rochedo, com a vara, para fazer brotar agua.

Decoram as paredes lateraes, pilastras e urnas.

A agua da cascata, sahe do peito de um pelicano, cahindo sobre tres taças, das quaes, trasbordando, fórma a cascata, cuja agua cahe em um lago, quasi ao nivel do terreiro.

D'este terreiro se sobem quatro escadas —duas semi-circulares, que vão torneando a mesma cascata, e conduzem ao adro do templo. A 3.ª, que principia no lado esquerdo, e leva á capella do descimento da Cruz —e a 4.ª, que se dirige para a direita, conduz á capella da elevação da Cruz, e é egual na fabrica á antecedente, e onde se vê representado, no acto de se arvorar no Calvario, a cruz em que Jesus Christo está pregado.

O typo da capella do descimento, indica o *passo* que está interiormente figurado. José de Arimatheia e Nicodemos, estão no alto da escada, despregando o Salvador, e junto da cruz, estão, Nossa Senhora da Soledade, Santa Maria Magdalena e S. João Evangelista, as tres Marias, e os quatro servos dos prophetas, pegando nas toalhas, no lençol e nos aromas.

Ambas as capellas são exteriormente de fôrma oitavada e teem bastante elegancia.

As portas d'estas capellas estão voltadas para o adro da egreja, servindo-lhes de communicação duas bonitas avenidas, largas, direitas e de 20 metros de comprimento.

Todas as capellas, estatuas e fontes, d'esta parte do santuario teem gravadas em lapides, inscripções historicas, preceitos religiosos, e maximas moraes, extrahidas das Sagradas Escripturas e allusivas aos *passos* representados nas mesmas capellas, aos personagens historicos e ás virtudes symbolisadas nas estatuas e ás alegorias figuradas nas fontes.

O adro do templo é uma formosa praça, de 66 metros de comprimento e 54 de largura. É adornada por duas esbeltas pyramides e oito estatuas, aquellas, collocadas junto da escada, e estas distribuidas symetricamente pelos dois lados da praça.

Elevam-se estas estatuas sobre altos pedestaes e representam—as quatro da direita —*o pontifice Annás—Poncio Pilatos*, governador de Judéa—*Herodes*—e o pontifice *Caifás*. As quatro da esquerda representam—*José de Arimatheia e Nicodemos*, discipulos de Jesus Christo—o *centurião* e outra vez *Pilatos*. No pedestal de cada figura, ha uma inscripção allusiva ao personagem que representa, no acto da sentença dada contra Jesus Christo.

Esta praça é um sitio delicioso, tanto pelos seus frondosos arvoredos, como pelo panorama encantador que d'ella se gosa.

A egreja do Bom Jesus, ergue se no fundo d'esta praça, com bastante magestade. O architecto que delineou e executou esta obra, foi Carlos Luiz Ferreira da Cruz Amarante, natural de Braga, onde teve o emprego de porteiro do arcebispo, D. Gaspar de Bragança, e depois, a pedido d'este principe, foi nomeado official de engenheria e lente de desenho, na academia do Porto, onde falleceu em 1815.

Esta egreja é sumptuosissima; porém, como este artigo já vae longo e a descripção do templo seria muito extensa, remetto os leitores que a seu respeito quizerem mais amplas informações, para o 7.º vol. do *Archivo Pittoresco*, pag. 121 e seguintes.

—

Voltando á capella do *Descimento da Cruz*, que communica com o terreiro da estatua equestre de Longuinhos, e com o adro do templo, começa ahi uma formosa avenida, assombrada por copados carvalhos e guarnecida pelos lados, por um muro baixo, debruado de cantaria, e ornado a espaços com urnas, como se vê na avenida das primeiras oito capellas do sanctuario.

Corre esta avenida para o NE., quasi em linha recta, subindo com doce declive para um terreiro, que fica um pouco mais elevado do que o adro do templo. Tem de com-

prido, desde a capella do *Descimento*, até ao referido terreiro, 160 metros. Comprehende este espaço mais duas capellas, eguaes em architectura á ultima nomeada.

A 1.ª, chama-se *da Uncção*, porque n'elle estão ungindo o corpo de Jesus Christo.— Tambem a denominam *da União*, porque ahi se vêem reunidos, em volta de Jesus Christo, a Virgem Maria, S. João Evangelista, Santa Maria Magdalena, as tres Marias, os seis prophetas e o centurião.

Ao lado d'esta capella, está uma fonte, que foi originariamente dedicada a Jano.

A 2.ª capella, intitula-se *da Ressurreição*, cujo acto aqui está figurado.

Tem dentro, um repucho d'agua, e fóra, junto d'ella, uma fonte, com a figura de Hercules, decepando a hydra de Lerna.

Pouco adiante d'esta capella, termina a avenida em uma escada de oito degráus, que dá ingresso para uma grande praça, chamada *terreiro dos Evangelistas*.

É um vasto quadrado, cercado de um parapeito egual ao da avenida, cortado nos angulos por tres capellas, duas semelhantes na architectura á do *Descimento*, e a outra de melhor fabrica.

Ha n'este terreiro quatro fontes, coroadas de estatuas, de proporções naturaes.

Por fóra do terreiro, mas junto do parapeito levantam-se, em torno d'elle, tão corpulentos carvalhos, que quasi o cobrem inteiramente com uma abobada de verdura.

A entrada d'esta praça é decorada com dois obeliscos. No angulo do lado esquerdo está a capella da *Apparição*, em que Jesus Christo se dá a conhecer a Santa Maria Magdalena, em figura de hortelão.

No angulo do lado direito está a capella de *Emauz*, figurando o acto em que o Salvador appareceu a S. Lucas e Cleofas.

No angulo fronteiro está a capella da *Ascenção*. Jesus Christo sóbe ao ceu, emquanto sobre o monte ficam:—Nossa Senhora, as tres Marias e os apostolos em admiração e adoração.

Sobre as quatro fontes, que são elevadas, avultam as estatuas dos evangelistas, com os seus respectivos emblemas. Este terreiro é um logar muito aprazivel, e ao mesmo tempo uma das obras mais grandiosas do sanctuario.

Ha na matta varios sitios de muita amenidade e belleza, pela frescura das sombras, pelo viço da relva que cobre o terreno e pelas vistas deliciosas do visinho valle e das longinquas serras que d'aqui se descobrem.

Tambem é muito agradavel o *passeio da mãe d'agua*, proximo do *terreiro dos evangelistas*.

Ha varios edificios construidos no monte do Bom Jesus, para acommodação da confraria, para residencia dos capellães, para aposento dos romeiros e para hospedarias publicas.

Além d'estes, ha no monte, em varios sitios, outros edificios para differentes applicações, ou antigos, ou de construcção moderna. Apesar do grande numero d'estas casas, todas são insufficientes para accommodarem a immensa multidão de romeiros que concorrem ao sanctuario em dia de festa. Então toda a montanha se transforma em vastissimo arraial, onde se admiram os costumes pittorescos das nossas provincias do Norte.

Todos os portuguezes deviam hir ao Sanctuario do Bom Jesus do Monte, ao menos uma vez na sua vida, admirarem as maravilhas da arte casadas com as da natureza.

Amplissimas noticias de tudo quanto aqui se encontra vem nas *Memorias do Bom Jesus do Monte*, publicadas pelo sr. Forjaz de Sampaio Pimentel, que são dignas de serem lidas.

—

A pag. 452, do 1.º vol., na col. 2.ª, vem transcripto um soneto que em 1844, se achou gravado em uma pedra, atraz da egreja do Bom Jesus do Monte. Parece-me bem narrar aqui o facto que deu motivo áquella poesia —é o seguinte:

Pelos annos de 1820, encontraram os pastores de Villar da Veiga, na serra do Gerez, e perto das Caldas, um hespanhol coberto d'andrajos e vivendo miseravelmente em uma chóça de ramos d'arvores. Sustentava-se de medronhos e de outros quaesquer

fructos silvestres que podia encontrar por aquelles mattos.

Confessou que fugira de Hespanha com a sua amante, que não pôde receber, por ser freira professa.

A infeliz, não podendo soffrer os rigores do clima d'esta serra, e os horrores da miseria, soccumbiu depois de alguns mezes de residencia n'estes desertos, e o amante pouco tempo lhe sobreviveu.

O dr. Francisco Jeronymo da Silva, então professor de rhetorica em Braga, esclarecido advogado e litterato, sabendo d'este triste drama de amor, compoz aquelle soneto e o mandou aqui (no monte do Bom Jesus) gravar em uma pedra, no proposito de a mandar collocar no sitio onde morreram os hespanhoes; porém a grandeza da pedra, e a grande difficuldade da conducção para o Gerez, o fizeram desistir do seu projecto, e a pedra aqui ficou.

MONTE AGRAÇO—Vide *Sobral de Monte Agraço.*

MONTE-AGUDO—sitio, Extremadura, na freguezia dos Anjos, cidade de Lisboa.

Na estrada que ia da cidade baixa, para egreja de Nossa Senhora da Penha de França, edificou Lourenço Pires de Carvalho, commissario da bulla da Cruzada (em 1692) uma ermida, que dedicou á Santissima Virgem, sob o titulo de *Nossa Senhora do Monte-Agudo.*

Consta que a imagem da Senhora é a propria, ou uma cópia da que appareceu em Flandres, junto á cidade de Sichen, no ducado de Brabante, em um alto monte pyramidal, por isso chamado *Monte-Agudo,* dentro da toca de um carvalho.

Esta imagem trouxeram dos Paizes-Baixos, as religiosas flamengas, em 1582, quando fugiram á cruel perseguição dos lutheranos.

Estas freiras se apresentaram a Philippe II, que estava então em Lisboa, pedindo-lhe hospitalidade.

O rei ordenou a Gonçalo Pires de Carvalho, *provedor dos paços e obras reaes,* que as mandasse recolher no convento da Madre de Deus, até lhe fazer casa propria, como depois se fez, nos limites de Alcantara.

Residiram quasi dois mezes no mosteiro da Madre de Deus, e d'alli foram removidas para as casas de Nossa Senhora da Gloria, onde assistiram quatro annos, passando depois para o seu mosteiro das *flamengas* [1].

Trouxeram do Brabante, duas imagens de Nossa Senhora, feitas do mesmo carvalho em que ella tinha apparecido em tempos antigos.

Uma d'estas imagens foi dada pelas religiosas ao referido Gonçalo Pires de Carvalho, em reconhecimento dos bons serviços que elle lhes havia prestado, ficando ellas com a outra, que collocaram na egreja do seu mosteiro. Ambas tinham o titulo de Nossa Senhora do Monte-Agudo.

Gonçalo Pires de Carvalho, conservou a santa imagem com a maior veneração, no oratorio da sua casa, que era na quinta da estrada da Penha de França, indo da Rua Direita da Graça, e findava no caminho da Charca, freguezia dos Anjos, e de S. Jorge.

Seu neto, o dito Lourenço Pires de Carvalho, resolveu edificar uma pequena capella á imagem flamenga, n'aquella quinta, no referido anno de 1692; e a 21 de novembro d'esse anno (dia da apresentação de Nossa Senhora), foi a santa imagem collocada no seu altar, havendo n'esse dia uma solemne festividade.

O povo principiou então a dar ao sitio, o nome de *Nossa Senhora do Monte-Agudo,* que lhe ficou.

[1] A casa de Nossa Senhora da Gloria (á esquina da calçada da Gloria), foi vendida aos condes da Castanheira, que d'ella fizeram um grandioso palacio, que depois os condes de Castello-Melhor, comprarm em praça publica, em 1666. (Vide 4.º vol., pag. 136, col. 2.ª)

Vendo o fundador que a padroeira da capella, se tornára objecto de muita devoção, para o povo de Lisboa, instituiu uma irmandade, na qual se inscreveram muitas pessoas nobres da capital.

Vendo Lourenço Pires de Carvalho, que a capella era muito pequena, em vista da grande concorrencia dos fieis á ermida, logo no anno seguinte construiu uma egreja mais vasta, que dedicou á mesma Senhora do Monte-Agudo, e ao martyr S. Lourenço.

Disse-se a primeira missa n'esta egreja, no dia 10 de agosto (dia de S. Lourenço) de 1693.

O papa Innocencio XII, concedeu aos que visitassem esta irmandade, muitas graças e indulgencias.

A egreja foi ricamente ornada, e na capella-mór foi collocado um primoroso retábulo, representando a Santissima Virgem sobre o tronco de um carvalho.

A imagem da padroeira, tinha apenas 0m,33 d'alto, com o Menino Jesus sobre o braço direito. Já disse que era feita de madeira do carvalho em que appareceu junto a Sichen.

Esta capella ainda existe. Tem a frente para a rua chamada *Estrada da Penha de França*, que é actualmente de tres freguezias—Santa Engracia, Anjos e S. Jorge.

A quinta de Lourenço Pires de Carvalho, passou depois para a casa dos condes de Soure, e é hoje propriedade do sr. Sarmento.

MONTE-ALEGRE—Vide *Mont'alegre*.

MONTE-ALGÊDA ou **DA ALGÊDA**—Alemtejo, proximo á cidade de Evora.

duzentos metros ao SO. da herdade assim denominada, se vê um *dolmen*, que o sr. Vasconcellos, em uma noticia que offereceu á commissão geologica, descreve assim:

«Na estrada que segue da mina de cobre, da serra da *Cáveira* para a aldeia dos Barros, proximamente 200 metros, existe um monumento de pedras toscas, analogo ao de Melides, mas muito maior e mais bem conservado, consistindo em 8, ou 9 grandes lages cravadas verticalmente no chão, e formando um circulo, que terá de diametro 4, ou 5 metros.

«Algumas das pedras sobresáem ao sólo, ainda mais de 1 metro. Póde considerar-se bem conservado, estando apenas uma unica pedra, desviada da sua posição primittiva.»

—

Proximo á herdade do Monte de Algêda, e a 1:200 metros a SO. da pyramide dos Barros (marco geodesico, ou trigonometrico) existe outro dolmen. Já não tem a pedra horisontal superior (mêsa). Os *esteios*, eram 9 e estavam dispostos circularmente, mas falta-lhe um d'elles.

A abertura que dava ingresso ao recinto do dolmen, dirigida para E., tem 1m,30 de largura e é guarnecida de 2 pedras, postas aos lados, e fóra do plano circular do monumento, formando-lhe uma especie de corredor.

MONTE-BRANCO—Alemtejo, proximo e ao S. da pyramide de Barros, referida no artigo antecedente. Tambem aqui ha um dolmen arruinado. Tem só 7 das pedras perpendiculares, faltando-lhe 3 e a *mêsa*.

MONTE CAVACA—pequena serra, Beira Baixa, na freguezia da Cortiçada, concelho d'Aguiar da Beira, comarca de Trancoso, bispado e 35 kilometros de Viseu, districto administrativo da Guarda, 310 kilometros ao E. de Lisboa.

No Monte Cavaca, está o Sanctuario de *Santa Maria do Carregal*.

Ao sopé do monte, corre a ribeira de *Babou*, de excellentes aguas. Com ellas se régam e fertilisam varias propriedades, onde podem attingir.

A ermida da Senhora, é antiquissima, e, segundo a tradição, já existia no tempo dos mouros, que nunca se opposeram ao culto da sua padroeira.

É portanto provavel que fosse gothica a primittiva construcção d'este templo.

A Senhora do Carregal é objecto de muita devoção para os povos d'estes sitios.

Tres vezes no anno sahia da egreja matriz da freguezia, uma procissão em visita ao santuario, havendo então aqui missa, sermão e ladainha de Nossa Senhora.

Tambem vinha aqui em procissão, no dia de Nossa Senhora dos Prazeres (que é quando se faz a festa á Senhora) a camara de Aguiar da Beira, com a gente da freguezia

da villa, e as freguezias de Valle-Verde, Gradis, Souto e Coruche.

A imagem da Santissima Virgem, é de pedra, com 0m,66 de altura, tendo o Menino Jesus nos braços.

Apesar das reconstrucções que tem soffrido, bem se vê que o templo é antiquissimo.

Não tem irmandade ou confraria, e é de parcos rendimentos, que constam na quasi totalidade, das offertas e esmolas dos fieis.

Domingos Gomes, da Cortiçada, lhe deixou um lameiro; mas como tinha o encargo de tres missas por anno, pouco rendia para a egreja.

Não se sabe a razão porque dão a esta Senhora a denominação do *Carregal*, pois não ha por estas terras, sitio assim chamado.

Carregal, no portuguez antigo, significa logar que produz *cárrega*, que é uma planta (especie de colmo) palustre.

Os povos d'estas terras teem muita devoção com esta Senhora.

MONTE-CHAMIÇO — freguezia, extincta, Alemtejo, concelho e 10 kilometros do Crato, comarca de Niza, 180 kilometros ao S.E. de Lisboa.

Em 1757 tinha 25 fogos.

Orago S. Sebastião, martyr.

Era do grão-priorado do Crato, hoje annexo ao patriarchado—Districto administrativo de Portalegre.

O grão-prior do Crato apresentava o cura, que tinha 50$000 réis de renda e o pé d'altar.

MONTE-CÓRDOVA—freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 24 kilometros ao N. do Porto, 335 ao N. de Lisboa, 380 fogos.

Em 1757 tinha 365 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O papa e o bispo apresentavam alternativamente o reitor, que tinha 50$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra fertil em todos os generos agricolas do paiz, e cria muito gado de toda a qualidade.

—

Esta freguezia traz o seu nome do monte que antigamente se chamava *Córva* ou *Curvo*.

Segundo o *Sanctuario Mariano*, o nome d'este monte procede das muitas concavidades que n'olle ha, e vem a ser como quem diz—*Monte Concavo*.

É muito alto.

Vêem-se aqui ruinas de palacios e de varios edificios, que denotam muita antiguidade.

Proximo a este monte existiu a antiga villa de *Sálas*, que foi solar e habitação dos condes D. Guterres Arias (parente proximo do rei D. Affonso Magno) e de sua mulher, D. Aldara, grandes senhores da provincia de Entre-Douro e Minho.

D. Affonso Magno (6.º do nome) tomando posse dos reinos de Castella, Leão, Oviedo, Galliza, Portugal, etc., se intitulou imperador das Hespanhas, em 1071.

Foi este monarcha que deu Portugal a sua filha a rainha D. Thereza e a seu marido, o conde D. Henrique de Borgonha, paes de D. Affonso Henriques.

N'esta villa de Sálas fazia a condessa D. Aldara uma vida exemplarissima, gastando todo o seu tempo em orações e obras de caridade. [1]

A egreja parochial está edificada no alto do monte, no logar chamado *o Mosteiro*.

Consta que effectivamente aqui houve um mosteiro benedictino fundado por aquella santa condessa, pelos annos de 1080, ou por seu filho, o bispo S. Rozendo, pelos annos de 1110.

Se aqui não existiu um mosteiro, houve pelo menos um priorado, sujeito ao célebre mosteiro de Cella-Nova.

Era por aquelles tempos, não só motivo de grande desgosto, mas até reputada como

[1] Guterres Arias, era conde de Arminio. Viveu entre os annos 880 e 940.

Seu filho, S. Rozendo, nasceu na cidade de Salas, que fica na freguezia de S. Miguel do Couto, e ahi se baptisou.

Ainda existe a pia baptismal, onde o santo recebeu este sacramento, e sobre ella está um altar.

A casa do santo foi destruida, e o convento passou a commendatarios.

maldição divina, a esterilidade das mulheres; sendo geralmente despresadas as que não tinham filhos.

A condessa estava n'este caso, e isto lhe causava a maior afflicção.

Para que o Salvador se compadecesse de tamanho pesar, hia a condessa muitas vezes, descalça, ao alto do monte, implarar a misericordia divina á egreja parochial.

Suas preces foram ouvidas, e teve filhos, sendo o primogenito, S. Rosendo, bispo, varão famoso pelas suas virtudes e milagres.

Diz-se que em reconhecimento d'este favor divino, ou em cumprimento de um voto, feito ao Salvador, é que a condessa mandou edificar junto á egreja, um mosteiro ou priorado, que depois S. Rosendo ampliou. (É por esta razão que uns attribuem a fundação á mãe, outros ao filho.)

Junto ao monte Córva ou Córdova, está a ermida de *Nossa Senhora de Vallinhos* ou da *Misericordia*. A imágem da padroeira, é de pedra, e de tamanho natural, pelo que não sahe do seu altar. Consta ser muito antiga, e feita no tempo dos godos; mas não se sabe se foi feita para esta ermida, se pertenceu a alguma egreja da villa de Sálas, que foi destruida (a villa) no seculo IX, pelos mouros, não restando hoje d'esta povoação —que era grande— senão tenues vestigios.

Foi a Senhora da Misericordia do logar de Vallinhos, objecto de muita devoção dos povos d'estes contornos. Era a festa no dia da sua natividade, havendo por essa occasião uma grande feira em Vallinhos.

O sitio onde está a capella é muito agradavel e arado para o retiro e segregação do mundo, e para a oração e contemplação das coisas celestes.

Teve por muitos seculos virtuosos ermitães, que, não só cuidaram do aceio e reparos do edificio e das imagens santas, mas até, com rendas proprias e com esmolas dos fieis, ampliaram a ermida, fizeram sachristia e casas para sua residencia.

D'este Sanctuario, faz mensão o bispo D. Rodrigo da Cunha, no seu *Catalogo dos Bispos do Porto*, e o servo de Deus, Balthazar Guedes, reitor dos orphãos do Porto.

MONTE-CORVO—Vide *Mondim da Beira*, pag. 397, col. 2.ª, *in fine*, d'este vol.

MONTE-COXO — serra, Traz-os-Montes, nas freguezias de Covas do Douro, Passos, e Gouvinhas, concelho de Sabrosa, comarca e districto administrativo de Villa Real, arcebispado de Braga.

A dois kilometros acima da aldeia de *Donêllo*, da freguezia de Covas do Douro, e sobre o *Monte-Côxo*, está a ermida de S. Domingos, em um pincaro, d'onde se goza um vasto horisonte, vendo-se muitas terras da Beira-Alta e Traz-os-Montes, até muitas leguas de distancia.

Pertence esta ermida ás tres freguezias mencionadas no principio d'este artigo; sendo administradas alternativamente pelos tres respectivos parochos. A sua festa se faz no proprio dia do Santo (4 de agosto) tendo então alli logar em outros tempos uma grande romaria. Decahiu muito esta romaria, por desleixo dos parochos, e por causa das grandes desordens que quasi sempre aqui havia n'essas occasiões.

Fallando na aldeia de *Donêllo*, e sendo ella de bastante importancia, julgo dever dar aqui sobre ella alguns esclarecimentos.

É uma povoação bonita, e bastante grande, para uma aldeia, situada em uma elevação, inferior ao *Monte-Côxo*, com bonitas vistas, e a 3 kilometros ao N. da margem direita do Douro. D'este logar se vê Adorigo, Taboaço, Armamar, Aldeia, Barcos, Villa-Sécca, Marmellal, Coura, S. Romão d'Armamar, Vallença do Douro, Casaes, Sarzedinhos, Rio d'Ádes, e S. Domingos da Queimada, na margem esquerda do Douro.

Tem Donêllo ricos proprietarios e boas casas, sendo uma das principaes, a dos srs. Pereiras de Barros, hoje donos do mosteiro de S. Pedro das Aguias, em Tavora, e de varias quintas, algumas de vinho finissimo, já por estarem na encosta abrigada de Donêllo, onde todo o vinho é do melhor do Alto-Douro, já por serem aquelles predios muito antigos, e terem as vides cançadas, o que faz com que o vinho ganhe na qualidade o muito que perde em quantidade.

Teem tambem aqui os srs. Pereiras de Barros, pomares de laranjeiras, cujo fructo é de

superior qualidade, como a maior parte do do Alto-Douro.

Proximo á aldeia ha abundantes pedreiras de optimo schisto, d'onde se teem extrahido lousas, para tanques e lagares, de 6 e 7 metros de comprimento, sobre 10 a 12 decimetros de largura e 25 centimetros de espessura: sendo as mais notaveis as que se vêem na quinta do *Ferrão*, limites d'esta freguezia, e junto ao Douro, que tambem produz vinho finissimo, e é propriedade do par do reino, o sr. Pessanha.

Ha tambem n'esta freguezia, a quinta do *Espinhal*, do sr. conselheiro Vieira da Motta; e a *Quinta-Nova*, do sr. José Paulo, de Matheus, um dos maiores proprietarios d'estes sitios—alem d'outras quintas e propriedades que existem n'esta freguezia, cuja producção principal é vinho de primeira qualidade.

Junto a Donêllo, ha duas minas de chumbo — uma no Valle de Macieira e outra no sitio d'Agua-Alta, ambas propriedade do sr. Ladislau Zarzechi, engenheiro polaco, que emigrou para Portugal depois da ultima revolução da sua patria, contra a oppressão moscovita.

Este cavalheiro, reside actualmente na quinta dos srs. Macedos, de Taboaço, no Espinho (foz do Távora) d'onde dirige a exploração d'estas minas e de mais cinco na mesma foz do Távora, margem fronteira ao Douro, e Marmelal, junto ao rio Tédo.

Donêllo é uma povoação muito antiga, e, pelo menos, do tempo dos arabes, pois ha aqui um sitio ainda denominado *Chão dos Mourôs*, que foi *almocabar* (cemiterio) d'elles, e ainda alli se vêem sepulturas de diversos tamanhos, e do feitio de um corpo humano, abertas a picão, nos rochedos.

Tambem aqui perto ha um sitio chamado a *Moura*, onde se teem achado tijolos de notavel espessura.

A um kilometro d'este almocabar, ha outro sitio chamado *os Castellos*, onde ainda ha vestigios de uma antiquissima fortaleza, e aqui se teem achado grandes tijolos e moedas antiquissimas, que os que as encontraram teem inutilisado, sem por isso se poder saber se eram arabes ou romanas.

Em 1874, morreu n'esta povoação de Donêllo, uma mulher, que, segundo a crença do povo d'aqui, viveu sete annos *encantada*, sem comer, mantendo relações (não sei que qualidade de *relações*) com um *rei mouro*, tambem encantado!

O povo d'esta freguezia é, em geral, pacifico e industrioso, e pouco dado á *politica;* tanto que nas differentes guerras civis que teem enlutado e ensanguentado este reino desde 1820, mui poucos se teem mettido n'essas contendas fratricidas, e nenhum teve que soffrer com as varias mudanças de governo, por pertencer ao partido vencido.

O clima d'esta terra é muito saudavel.

É terra muito abundante de vinho superior e excellente laranja e outras fructas; mas produzindo poucos cereaes e legumes. Cria algum gado; tem bastante caça miuda, e o Douro a fornece de optimo peixe.

Faz bastante commercio, pelo rio, com a cidade do Porto.

MONTE CRISTELLO—pequena serra, Minho, no concelho e comarca de Felgueiras, 4 kilometros do rio Visella, e 6 de Guimarães.

N'este monte se vêem alicerces de pedra lavrada, restos de grande quantidade d'ella que o povo tem d'alli tirado para fazer tapadas e outras obras.

Tambem aqui foi achada uma estatua de pedra, toscamente cinzelada, que Manuel de Macedo Magalhães, levou para a sua casa e quinta de Paços, na freguezia de Penacóva, do mesmo concelho e comarca.

Tinha sido descoberta por seu avô, Domingos Ramos, pelos annos de 1700.

A estatua não tem pés nem cabeça, tendo até aos hombros 0^m,90 de alto.

Em varios sitios d'este monte se acham incripções romanas, gravadas nas rochas, mas já quasi todas illegiveis, por estarem gastas do tempo.

Do lado do S. ainda se póde lêr em um grande penedo, a seguinte:

IUNOMEI RURNARUM
.................——
QUINTILIO ET PRISCO COS

Esta inscripção vem assim copiada na me-

moria remettida á academia real das sciencias, de Lisboa; mas, ou as letras estão mal gravadas, ou foram mal copiadas.

Entendo que devia ser:

JUNONEI REGINAE
URBIS SACRUM
QUINTILIO ET PRISCO COS

Quer dizer—*Esta obra se dedicou a Juno, rainha da cidade santa* (Roma), *sendo consules, Quintilio e Prisco.*

É pois certo, que esta inscripção foi gravada no anno 159 de Jesus Christo, sendo imperador Antonino Pio, porque n'esse anno é que foram consules Claudio Quintilio e Marco Estacio Prisco.

Em Grutero se acham muitas inscripções nas quaes se dá a Juno, o titulo de *reginae urbis sacrum.*

Ainda por aqui se tem achado outras inscripções que se podem lêr, mas, como são só em letras iniciaes, é hoje impossivel saber a sua significação, a não ser *deitando-se a gente a adivinhar.* Eis duas amostras:

—V. N. N. G.— A. K. V. N. I. A. A. I. A.—

Tambem aqui appareceu uma inscripção grega, que ninguem entendeu.

O monte Cristello, é bastante alto, e d'elle se gosa uma dilatada vista.

É tradição no paiz, que houve aqui uma cidade chamada *Pegas*, no vasto plató que a corôa, e que póde conter muitos mil homens.

Se é verdade ter aqui existido a tal cidade, d'ella não ha outros vestigios mais do que um assude, a que ainda se chama *preza de Pegas*, e os alicerces, pedras e inscripções já referidas, que provam ter aqui existido, senão uma cidade, pelo menos uma grande fortaleza romana, e uma povoação, mais ou menos vasta.

Diz o povo, que isto era uma cidade mourisca, e póde ser que os mouros aqui habitassem depois dos romanos e godos, pois a uns paredões desmantelados, ainda se dá o nome de *castello dos mouros.*

No monte de S. Jorge, a 6 kilometros do de Cristello, e que fica em frente do mosteiro crusio, de Caramos, ha tambem muitos vestigios de uma povoação, ou grande fortaleza romana, e mais haveriam se os frades, e depois o povo, não levassem d'alli muita pedra de cantaria, muito bem lavrada, para ser empregada em varias obras.

MONTE DA ABELHA—Douro, na freguezia de S. João d'Agua Longa, concelho e comarca de S. Thyrso, 24 kilometros ao N. do Porto, 335 ao N. de Lisboa.

Ha aqui minas de ferro, manganez, plombagina e antimonio.

Foram manifestadas em abril de 1875.

MONTE DA ABÓBADA—Extremadura, 18 kilometros a O. de Lisboa, freguezia, concelho e 3 kilometros de Oeiras, proximo da margem direita do Tejo.

N'este monte está a egreja de Nossa Senhora da Conceição, junto ao logar de Polima.

Segundo a lenda, a origem d'este templo é a seguinte:

Andando certo dia, n'este sitio (que é todo de terra lavradia), uma menina guardando algumas ovelhas, lhe appareceu uma formosissima mulher, sobre uma pedra, que, porque viu a pegureirinha lacrimosa, lhe perguntou por que chorava.

Respondeu a menina, que lhe haviam mandado guardar aquellas ovelhas, e nada lhe tinham dado para comer.

A *mulher*, lhe disse que não chorasse; que fosse ao logar da Freiría e pedisse a uma mulher, pão, que estava amassando. Ella assim o fez, e a mulher da Freiría, a quem se dirigira, deitou no forno um pequenino bocado de massa, que produziu um grande pão.

Vendo a mulher que era muito para a pequena, deitou ao forno outra porção de massa ainda menor, e como visse que o pão lhe saiu ainda mais avantajado, lançou ao forno terceira porção de massa ainda menor, saindo o pão maior que os dois antecedentes.

Tomando então isto por milagre, deu á pastora o terceiro pão, perguntando-lhe quem alli a havia mandado, ao que ella respondeu que fôra Nossa Senhora da Conceição, que ficára em seu logar guardando as ovelhas.

Divulgou isto a mulher, e muita gente correu logo ao sitio, onde só acharam as ovelhas, tendo Nossa Senhora desapparecido.

N'aquella occasião andava n'aquelle monte um cavalleiro á caça, e tendo-lhe rebentado a espingarda nas mãos, sem receber o menor ferimento, attibuiu este facto a milagre da Santissima Virgem, mandando logo fazer-lhe uma imagem, que foi mostrada á pastorinha, que disse, não se parecer nada com a Senhora que lhe tinha apparecido.

Mandou então o cavalleiro fazer segunda imagem, conforme as indicações da menina, e esta saíu mui similhante á da apparição.

O mesmo cavalleiro mandou logo construir alli uma ermida, onde mandou collocar a santa imagem, sobre a mesma pedra em que ella tinha apparecido, e que ainda é tida em grande veneração.

O povo, que principiou desde logo a ter grande devoção a esta Senhora, lhe construiu um templo mais vasto, ficando a ermida a servir de capella-mór.

Passados tempos, e ahi pelos annos de 1670, vieram para aqui os religiosos agostinhos descalços, construindo um pequeno hospicio, com cinco cellas, onde habitaram por alguns annos; porém, achando a terra muito pobre, e vendo que por estes sitios havia já varios mosteiros, que projectavam pôr demanda a estes religiosos, abandonaram o hospicio, e foram para o seu convento, de Lisboa.

Consta que a imagem primittiva da padroeira, era toda de pedra, e, como era por isso muito pesada para ser conduzida nas procissões, os frades a mandaram serrar, fazendo-lhe a parte inferior de roca. Tem um metro d'altura.

Teve uma irmandade de homens do mar, que todos os annos lhe faziam uma grande festa no seu dia (8 de dezembro). O capitão de uma náu chamada *Conceição*, por nome Manuel Ribeiro Quaresma, foi, durante a sua vida, juiz perpetuo d'esta irmandade, e deu á egreja muitas e ricas alfaias e paramentos, e mandou fazer á sua custa o altar-mór, de bôrdo, com um rico retabulo.

Dentro do cruzeiro está uma bella sepultura raza, com brazão d'armas em relevo, e na orla da pedra tem esta inscripção — DOS MUY ILLUSTRES SENHORES D. DIOGO FERNANDES DE ALMEIDA, ET DE SUA MULHER, D. MARIA DA BRAGA. DEBAIXO DESTA PEDRA, JAZ TERRA, QUE DA TERRA SE GEROU ET EM TERRA SE TORNOU.

No meio da campa e por baixo das armas, está a inscripção seguinte:

Esta sepultura mandou fazer frei Gonçalo d'Azevedo, commendador de Algozo, para si e para os seus herdeiros; na qual jaz D.ª Beatriz d'Azevedo, sua avó, mulher que foi de João Fernandes d'Almeida, que Deos tem em gloria. A 10 de abril de 1579.

É provavel que estes Almeidas fossem os padroeiros da capella. Seus descendentes foram os Salemas de Almeida, que tinham o seu solar em Alverca, do Riba-Tejo, e um dos seus ramos, em Santarem.

D'esta inscripção se collige que a capella foi edificada nos principios do seculo XIV.

MONTE DA MAGDALENA — vide *Falpêrra.*

MONTE DA PEDRA — freguezia, Alemtejo, concelho e 12 kilometros do Crato, comarca de Niza, 190 ao S. E. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 68 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Conceição.

Grão-priorado do Crato, annexo ao patriarchado, districto administrativo de Portalegre.

O grão-prior do Crato apresentava o cura, que tinha 60$000 réis e o pé de altar.

É terra fertil em cereaes.

Na distancia de 1:200 metros da povoação, nasce debaixo de um rochedo de quartzo, na quantidade de um *annel* d'agua, pouco mais ou menos, uma fonte, que desde a sua origem, vem encanada, e corre crystalina, com sabor e cheiro hepatico bastante activo, de modo que, antes de chegar á fonte, se sente, como de óvos chócos, deixando no seu trajecto, deposito de lôdo inferiormente preto e por cima branco, o qual, depois de sêcco, arde com chamma azul, espalhando um cheiro suffocante sulphuroso. É mais fria do que as outras aguas proximas que não são mineraes.

Segundo a analyse que foi feita, são estas aguas sulphureas hepaticas, e podem con-

duzir-se, engarrafadas, sem decomposição sensivel, para qualquer parte onde seja preciso fazer uso d'ellas.

MONTE DAS CÓVAS—pequena serra, Douro, na freguezia de S. Julião d'Agua Longa, concelho e comarca de Santo Thyrso, 24 kilometros ao N. do Porto, 335 ao N. de Lisboa.

Ha aqui minas de ferro, manganez, plombagina e antimonio, manifestadas por o sr. Leuschner (allemão), em abril de 1875.

MONTE DAS GALLINHAS—Minho. Segundo a *Benedictina Lusitana*, ficava eminente ao rio Lima, e a uma antiga villa (que já não existe), chamada *Lavradas*. Aquelle livro (2.ª part., cap. 5.º), transcreve uma doação, feita na era de Cesar, 1077 (1039 de Jesus Christo), que trata d'este monte e d'esta villa. Com o correr de mais de 800 annos, se mudaram estes nomes, de modo que hoje se ignora o sitio exacto onde teve assento esta villa; mas é provavel que fosse nos limites da actual freguezia de *Lavradas* (S. Miguel), no concelho de Ponte da Barca, comarca dos Arcos de Valle de Vez.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

MONTE DE PÊRO-BOLSO—*Monte Pêro Bolso* e tambem *Monte Paraboloso*—freguezia, Beira Baixa, era do antigo concelho de Castello-Mendo, que foi supprimido em 24 de outubro de 1855 e annexado ao do Sabugal.

Em dezembro de 1870, passou para o concelho d'Almeida, comarca de Pinhel.—Dista 70 kilometros de Vizeu, 315 ao E. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 84 fogos.

Orago S. Braz.

Bispado de Pinhel, districto administrativo da Guarda.

O prior dos conegos regrantes de S. Vicente de Fóra, de Lisboa, apresentava o vigario, que tinha 40$000 réis de congrua, e o pé d'altar.

MONTE DE S. ROMÃO, ou do **CASTELLO DE S. ROMÃO**—outeiro de Traz-os-Montes, no concelho de Mont'alegre.

A 6 kilometros de Penedones, está a *Cruz de Leiranco*. (Vide 4.º vol., pag. 69, col. 1.ª)

Ao S. d'este sitio, desviado 1:500 metros da estrada, e quasi confinando com o rio *Regavão*, está um monte eminente, chamado de *S. Romão*, e na raiz d'este monte, dos lados do SE., estão umas ruinas antigas, que mostram ter sido de uma grande povoação, vendo-se ainda vestigios de cinco, ou seis ruas, e alicerces de casas, feitas de pedras lavradas, sendo algumas de cantaria.

D'estas ruinas ia ter uma rua a um muro, feito de pedra tôsca, de 0m,66 de espessura, o qual principiava do E., em um penhasco levantado e vinha para a parte do S. dar em um alto rochedo. No meio d'este muro, estavam uma especie de grandes portas, por onde se entrava para uma outra porta, que dava ingresso a um terreiro de 44 metros de circumferencia. D'este terreiro ia ainda um segundo muro, quasi todo edificado sobre leito de pedra, que ia ter ao castello. Era este de cantaria lavrada, e rodeando o monte, vinha fechar em oito rochedos, que serviam como de torres, ou atalaias, estando alguns d'estes afeiçoados a picão, em fórma de guaritas, e outros com signaes evidentes de ter-se alli accendido fogo por muito tempo, o que prova que os constructores d'esta fortaleza faziam aqui as suas *almenáras*. (Vide *Facho*, vol. 3.º, pag. 131, col. 1.ª, *in fine*.)

Um dos taes rochedos, que está a E., é perfeitamente quadrado e feito a picão, com 10 metros d'altura e de largura em cada face 2 metros. Unido com elle está um lanço de muro, de 2m,60 de espessura.

Consta que n'este muro está uma pedra, com uma bezêrra esculpida.

No centro do castello, estão dois grandes penedos, para os quaes se sóbe por uma escada, aberta n'elles a picão, e serviam de torreões á fortaleza. Ao pé d'estes rochedos estão as ruinas de um edificio, e junto d'elle restos de amphoras, tijolos, pedras lavradas, ameias, etc.

Vê-se aqui uma cisterna, ao O. d'estas ruinas, quadrada, e feita de alvenaria, com uns 11 metros de vão, entupida.

A muralha d'este lado, fica acima do nivel do valle, que está á raiz do monte, uns 176 metros.

Os povos têem d'aqui levado grande quantidade de pedra.

Notam-se n'estas ruinas, obras de differentes épocas, que dão indicios de terem sido feitas originariamente pelos antigos lusitanos, reedificadas pelos romanos, e depois pelos gôdos; e ampliadas pelos arabes.

Tudo faz suppor, que nem só o tempo foi causa da sua destruição, mas tambem a mão do homem.

É provavel que durante as guerras entre os christãos e mouros peninsulares, tiveram aqui logar cruentas batalhas, que desmantelaram esta fortaleza; mas nem por isso deixa de ser um monumento curiosissimo, e digno de ser visto e examinado.

O concelho de Mont'alegre é notavel pelo grande numero de monumentos de éras remotas que se encontram no seu territorio.

Todos, do que pude haver noticia, vão nos logares competentes.

MONTE DE TRIGO (ou *do* Trigo)—freguezia, Alemtejo, concelho de Portel, comarca, arcebispado, districto administractivo e 24 kilometros de Evora, 125 ao SE. de Lisboa, 220 fogos. Em 1757 tinha 148 fogos.

Orago S. Julião.

A mitra apresentava o cura, que tinha 360 alqueires de trigo, 120 de cevada e réis 50$000 em dinheiro.

É terra muito fertil em cereaes, legumes e fructas. Cria muito gado de toda a qualidede, principalmente suino, e é abundante em caça do chão e do ar.

MONTE DE TRIGO—Vide *Alcanhões*, vol. 1.º, pag. 66, col. 2.ª

MONTE DO FÁRO—cabeço, Minho, na freguezia, concelho e proximo da praça de Valença.

O seu nome lhe provem de ter aqui havido uma *almenára*, no tempo dos antigos lusitanos. Depois se estabeleceu aqui um *facho* (que é a almenára aperfeiçoada, e substituia antigamente o telegrapho.)

Este facho, ainda funccionou durante as guerras da restauração, desde 1640, até 1668.

No alto d'este monte, está a capella de *Nossa Senhora do Fáro*, de cujo sitio se goza um dos mais bellos e vastos panoramas da provincia do Minho, e mesmo poucas elevações de Portugal apresentarão tão dilatado horisonte e tão formosas vistas, que terminam, ao O., pelo Oceano, que fica a 20 kilometros.

É a Senhora do Fáro, objecto de grande devoção dos povos circumferentes, não só d'este reino, como da Galliza, que aqui concorrem em piedosas romarias.

O scepticismo hodierno, longe de fazer resfriar a devoção á Divina Padroeira dos portuguezes, tem concorrido para que o seu culto mais se tenha generalisado. São d'isto uma consoladora prova, os povos do Minho, eminentemente religiosos, cujo acrisolado amor ao catholicismo não póde, nem jámais poderá ser manchado pelas ideias descrentes do seculo actual.

É d'isto um louvavel exemplo, o culto que prestam á milagrosa Virgem do Fáro, o qual em vez de intibiar n'estes corações verdadeiramente portuguezes e sinceramente christãos, cada vez mais floresce.

Faz-se-lhe a sua principal festividade a 15 de agosto (dia da sua Assumpção.)

Na vespera, está a ermida illuminada interna e externamente, havendo grandes fogueiras, fogo de artificio e a tradicional gaita de folle.

Ainda no anno passado (1874), foi esta romaria muito mais concorrida do que nos annos antecedentes. Houve varias missas rezadas, e uma cantada a grande instrumental.

O sr. padre Barreiros, de Monsão, subindo ao pulpito, commoveu todo o auditorio, com as suas palavras evangelisadoras, e o arrebatou com a sua inimitavel eloquencia. Exaltou os divinos attributos da Santissima Virgem, provou o seu constante patrocinio a favor dos portuguezes, em todos os tempos, e louvou a constante devoção e a sincera gratidão que o nosso bom povo sempre consagrou á Rainha dos anjos.

Este esclarecido orador sagrado, veiu de longe cantar os louvores de Nossa Senhora do Fáro, gratuitamente e por sua propria devoção. Honra pois a este illustrado sacerdote.

Fez-se uma magestosa e concorridissima procissão ao *Alto de Sant'Anna*, e depois em volta da capella.

Novos fogos d'artificio, mais guiões e bandeiras e maior concurso de romeiros abrilhantou esta piedosa solemnidade.

A musica do batalhão de caçadores n.º 7, todo o dia tocou no arraial, exhibindo o seu vasto e escolhido reportorio.

Houve um primoroso basar de prendas, contendo formosos objectos, offerecidos pelas mordomas, distinguindo-se pela magnificencia das offertas, a digna esposa do sr. Domingos Pereira do Valle, que deu para este bazar, perto de 140 prendas, que, pelo seu valor, deram uma avultada verba.

Tambem a filha mais velha do sr. Antonio de Souza Maia, offereceu varias prendas de subida valia, e algum dinheiro. As mais mordomas e alguns mordomos, alem das prendas, offereceram valiosas quantias, com o que se pôde levar a effeito a festividade, que promette hir em augmento; assim como a conservação e ornamentação do templo e suas dependencias.

«O bazar teve bastante concorrencia, e o dia terminou sem que a paz e a ordem se alterasse.

Cresce pois a devoção da Senhora do monte do Faro, porque ainda na noite do dia 15 houve fogo e illuminação, e no dia seguinte, domingo, foram alguns devotos de Valença, mandaram celebrar missas resadas, e duas cantadas; dois sermões pelo sr. padre Pinheiro, e ainda procissão ao redor da capella, aproveitando-se de tudo quanto havia servido na vespera.

Outra vez na noite do dia 16 se illuminou o monte, e no dia 17 subiu ao alto o sr. Manoel Antonio de Barros, a cumprir um voto á Virgem do Faro com toda a sua familia e parentes, e grande numero de convidados, que o acompanharam no cumprimento da sua promessa, havendo missa cantada a musica, e todas as demonstrações de culto e veneração devida á milagrosa Senhora de Faro.

Como que houve uma terceira festa e arraial, em que não faltou concorrencia de pessoas escolhidas e dedicadas á Mãe de Deus, do Faro; nem a musica animadora de taes reuniões, nem almas generosas que offereceram valioso obolo á protectora dos vallencianos e seu concelho.

O dia passou-se em agradavel convivencia, e os aldeãos das visinhanças vieram com a sua musica de rebecas e violas e seus canticos de alegria tomar parte nos folgares religiosos, depois de cumprida a promessa.

Não foi esteril esta escolhida e numerosa reunião para novos melhoramentos e progresso de quanto precisa aquelle local, avivando-se a ideia da edificação de um edificio que possa agasalhar os romeiros nas intemperies e outras necessidades inherentes a tal sitio de elevada posição.

Oxalá vá por diante tão proveitosa lembrança, e assim, ricos como pobres, tomem parte n'esta boa obra.»

O que vae entre cómas é transcripto do *Noticioso*, de Vallença, n.º 291, de 20 d'agosto de 1874.

MONTE DO GATO — sêrro, Alemtejo, no concelho d'Almodovar, districto administrativo de Beja.

Tem minas de cobre.

Estas minas, bem como as do mesmo metal, do *Sêrro de Martim Annes*, e do *Sêrro das Ferrarias*, no mesmo concelho, foram definitivamente concedidas, em abril de 1875, ao sr. Manoel *Auduze*, seu proprietario legal.

MONTE DO OUTEIRO—sêrro, na freguezia de S. Miguel de Machêde, concelho, comarca, districto administrativo, arcebispado e 8 kilometros a O. d'Evora.

Ha aqui um dolmen, e restos de mais tres nos limites d'este monte.

MONTE-DOR—Vide *Areoza*, a pag. 238 X, col. 2.ª, do 1.º volume.

MONTE FRAGOSO — Segundo a antiga geographia, estava este monte situado no condado de Neiva, e pouco distante dos montes *Pando* e *Lupato*, na divisão dos condados, feita pelos godos, no seculo VII.—Ignora-se hoje a qual dos sêrros d'estes sitios (onde ha muitos cabeços e montes) davam os antigos este nome.

MONTE-JUNTO — Cordilheira, Extremadura, na freguezia de Cabanas de Torres (S. Gregorio, papa), comarca e concelho d'Alemquer, 70 kilometros ao N. de Lisboa, a cujo patriarchado e districto administrativo pertence.

A pag. 7 do 2.º volume, prometti tratar n'este artigo do convento da ordem dos prégadores (dominicos) e vou desempenhar-me.

Os nossos antigos davam a esta eminencia o nome de *Monte Tagro*, e *Monte Sacro* [1] —(*Mons Sacrus*). Fica a 15 kilometros ao N. da villa d'Alemquer.

O ponto culminante da serra de Monte-Junto, segundo o sr. Franzini, tem 728 metros acima do nivel do mar, vindo a ser o 14.º na ordem das alturas n'este reino.

Tem de circumferencia perto de trinta kilometros, e tres de subida.

No seu cume ha um plató de 12 kilometros de comprido, que se póde chamar uma immensa lagem (a maior parte d'esta serra é composta de penedia) e apenas aqui ha uma varzea. de uns tres kilometros de comprido, composta de terra bastante fertil, que se cultiva. Ha tambem aqui duas alagôas de agua clara e de boa qualidade.

A pouca distancia d'estas alagôas, e sobre uma pequena elevação está a ermida de *Nossa Senhora das Neves*, assim denominada pela muita neve que se conserva n'este sitio grande parte do anno.

A ermida, posto seja pequena, é de boa fabrica, e tem, fóra da porta principal, um alpendre coberto, e dentro está dividida em capella-mór e corpo da egreja. É de abobada, e tão antiga, que se não sabe quando nem por quem foi edificada.

Á entrada da porta do templo ha uma pia, aberta a picão na lage, que é o pavimento natural da ermida, e juntamente é tambem fonte, porque no seu ambito rebenta uma fonte, a que o povo atribue muitas virtudes medicinaes. Tem sacristia e casa que foi residencia de um erimitão, com uma cêrca contigua. Tambem existem as ruinas de um ou mais edificios maiores, que foram casas para abrigo dos romeiros, que antigamente aqui concorriam em grande quantidade, e hospicio dos religiosos dominicos; e a pouca distancia as robustas paredes do novo mosteiro que se principiou e não concluiu, como adiante direi.

A primeira noticia certa que ha d'este templo, é que, pelos annos de 1217, a deu a infanta D. Sancha, filha de D. Sancho I, a D. frei Soeiro Gomes, primeiro fundador que a ordem de S. Domingos teve n'este reino, e primeiro provincial das provincias de Aragão, Castella e Portugal, para que elle e os seus religiosos fossem os capellães de Nossa Senhora das Neves, que então era famosa em todo o reino, pelos muitos milagres que lhe atribuiam, e era este um dos mais frequentados Sanctuarios de Portugal.

Aqui viveu o santo frei Soeiro Gomes alguns annos, e esta foi a primeira casa e o primeiro domicilio que a ordem dos prégadores teve em Portugal; e n'este deserto frigido, inhospito e desabrido, passavam os religiosos uma vida de oração e abstinencia, e d'aqui sahiam a prégar a religião do Crucificado por toda a provincia da Extremadura e pela do Alemtejo.

Falleceu o santo D. frei Soeiro em 1226 (outros dizem que em 1233) e pouco depois, os religiosos, não podendo supportar os rigores d'este clima, abandonaram o mosteirinho, e se foram para o convento de S. Domingos, em Santarem, que D. Soeiro havia fundado. [1]

A referida infanta D. Sancha, vivia em Alemquer, e alli foi ter D. frei Soeiro, sendo recebido por ella com o respeito e amor de que era digno tão santo varão, que lhe pediu licença para fundar o mosteiro da sua ordem em Monte-Junto.

Em 1222, tinha um devoto doado a estes

[1] Julgo que *Tágro*, é corrupção de *Ságro*, (já corrupção de *Sacro*) como diz o padre Agostinho de Santa Maria, no seu *Sanct. Mar.*, tomo 2.º, pag. 214. — Ha aqui perto uma aldeia chamada *Tagárro*, corrupção de *Tágro*.

[1] Alguns escriptores dizem que D. Soeiro foi d'aqui para bispo de Lisboa, o que é erro. Foi seu contemporaneo, o bispo de Lisboa *D. Soeiro Viegas*, que falleceu em 9 de janeiro de 1232. Este bispo foi intimo amigo de D. frei Soeiro Gomes, e sendo embaixador em Roma, obteve do papa a introducção da ordem de S. Domingos em Portugal. Este bispo, foi o 12.º da 2.ª época. (Vide o 4.º vol., pag. 268, col. 2.ª, in fine.)

religiosos, uma porção de terreno junto aos muros de Santarem, em um sitio chamado então *Monte Grás.*[1]

De Santarem em breve esta ordem se espalhou por todo o reino, e os dominicos, tão humildes e penitentes no seu principio, formaram em breve uma corporação rica e soberba, que, se teve membros de grande saber e de muita virtude, tambem devemos confessar que foram elles os que nos deixaram bem tristes recordações pelas crueldades que exerceram durante a sua administração no troculento tribunal do *Santo Officio*, de horrivel recordação.

Tambem foram os frades dominicos de Lisboa, os promotores da cruelissima carnificina dos judeus e *christãos novos*, no horroroso dia 19 de abril de 1506, pelo que o rei D. Manuel mandou queimar vivos, na praça do Rocio, dois frades d'esta ordem. (Vide 4.° vol., a pag. 111, col. 1.ª)

Depois da fundação do convento de Santarem, ficou este de Monte-Junto servindo de casa disciplinar, sendo mandados para aqui os frades incorregiveis, ou que commettiam alguma culpa grave; mas esteve desde 1226 sempre muito pouco habitado.

No principio do seculo XVIII, fr. Manuel da Assumpção, dominicano, projectou estabelecer em Portugal uma reforma da sua ordem, para a seguir com mais rigor.

Foi-lhe dado, para elle e seus discipulos, este mosteiro, pelo que aos que adoptaram esta nova regra, se lhe deu o titulo de *Reforma da Serra de Monte-Junto.*

Estabeleceram-se aqui os religiosos, e como o edificio, álem de ser acanhado, estava muito velho e arruinado, quizeram construir um, em melhores condições, e principiaram as obras, cujas paredes ainda chegaram a uns 3 metros d'altura; porém, deixando de existir esta reforma, nunca mais continuaram as obras.

Ainda a pouca distancia do antigo mosteiro, se vêem estas robustas paredes, desafiando o correr dos annos e a intemperie do sitio.

Hoje, alli, tudo é desolação, abandono e silencio: apenas a 5 de agosto de cada anno (dia de Nossa Senhora das Neves), aqui concorrem os fieis das visinhanças, a prestar culto á Rainha dos Anjos.

—

Disse no principio d'este artigo, que a serra de Monte-Junto era no concelho de Alemquer, pelo que preciso fazer aqui uma observação.

Monte-Junto, propriamente dito, é o que acabei de descrever; porém, geographicamente fallando, é uma cordilheira do districto administrativo de Leiria, composta de varias serras, que são ramos d'esta, sendo as principaes, Albardos, Minde e outras, projectando-se em diversos sentidos, entrando algumas no districto administrativo de Lisboa.

Na serra de Monte-Junto, ha finissimos marmores, optima pedra calcarea (carbonato de cal), azeviche e outras pedras excellentes para construcções.

—

Ainda com referencia a D. fr. Soeiro Gomes, devo dizer, que, não achando o sitio de *Monte-Grás*, nas condições requeridas, mudou o mosteiro para junto dos muros de Santarem, em cujo logar ainda existem as suas ruinas venerandas.

Fundou outro, em Coimbra, do qual foi S. Payo, o 1.° prior. Outro em Guimarães, onde foi prelado, S. Lourenço Mendes.

Foi assistir ao capitulo geral da sua ordem, a Bolonha. Depois da morte do seu patriarcha, S. Domingos, foi a Paris, assistir a outro capitulo, para se nomear successor a este illustre santo.

Voltando ao reino, foi provincial da sua ordem, doze annos; fallecendo a 27 de abril de 1226 (ou 1233), cheio de virtudes e merecimentos.

Foi muito respeitado por D. Affonso II, e por suas irmans, as infantas D. Sancha, D. Thereza e D. Branca; e arbitro nas contendas entre ellas e o rei, de cujo encargo se sahiu o melhor que pôde.

[1] Este nome lhe foi provavelmente posto por algum cavalleiro francez, dos tantos que por esses tempos vinham procurar aventuras e fortuna a Portugal, combatendo contra os mouros. Todos sabem que a palavra *gras* é franceza e significa *gordo.*

O nome de D. fr. Soeiro Gomes, é um dos mais venerandos que aquelles remotos tempos nos legaram, e que, apesar de quantas extincções de ordens religiosas a voracidade dos poderes da terra decretem, passará á mais remota posteridade, como um modelo de todas as virtudes christans.

—

Do Sanctuario de Nossa Senhora das Neves, de Monte-Junto, tratam—D. Rodrigo da Cunha, na *Historia Ecclesiastica de Lisboa*, pag. 2, cap. 3.º—Cardoso, no seu *Agiologio*, tom. 2.º, a 27 de abril—fr. Luiz de Sousa, na sua *Chron. de S. Domingos*, pag. 1.ª, Liv. 1.º, cap. 12—Brandão, *Mon. Lus.*, pag. 4, Liv. 14, cap. 23—e as *Chronicas* dominicanas.

MONTE-LAFÃO—serra, Beira Alta, na comarca de Vousella.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

Corre de N. a S.—Pelo N. principia junto ao logar de Fataunços; terminando ao S. pela serra do Bussaco.

Ha n'esta serra o *monte do Caramullo*, altissimo penhasco, cujo accesso é dificilimo. No seu cume ha uma pedra quadrada (especie de mêza) que mostra ser feita a picão. D'este ponto se vêem, em dias claros, ao SO. e O., os campos de Coimbra, a cidade de Aveiro, muitas outras povoações e uma vasta extensão do Oceano—e ao E. todas as terras que estanceiam entre o monte Lafão e a serra da Estrella.

Tambem n'esta parte se levanta um monte pyramidal, denominado *serra do Cantaro*, ou *do Carvalho*. (Vide vol. 2.º, pag. 96, col. 2.ª e pag, 136, col. 2.ª) Este monte é tão alto como o do Caramullo.

Em uma quebrada da serra do Caramullo (vide vol. 2.º, pag. 102, col. 1.ª), que vira para O., em frente do delicioso *Valle de Bésteiros*, e a 24 kilometros de Viseu, está edificado o Sanctuario de *Nossa Senhora do Guardão*. Vide *Bésteiros* (Guardão de) pag. 396, col. 1.ª, do 1.º vol.—e *Guardão*, pag. 343, col. 2.ª, do 2.º vol.

É um templo antiquissimo, e consta ter sido edificado durante o dominio agareno, ou, pelo menos, antes da sua total expulsão d'esta provincia.

Segundo a tradição, alguns christãos, fugidos ás crueldades dos agarenos, se recolheram a estas brenhas, e aqui edificaram uma ermida, dedicada á Santissima Virgem, escondida entre as selvas, então quasi impenetraveis d'esta serra.

Com o correr dos annos, foi elevada esta ermida a egreja parochial, sob a invocação de Nossa Senhora da Assumpção. Tem um retabulo pintado a oleo, attribuido ao *grão Vasco*, representando a Senhora, de tal perfeição e belleza, que o bispo de Viseu, D. João de Mello, encantado de tanto primor, propôz ao abbade de Guardão, então o licenceado, José da Costa Pessoa, levar aquella pintura para o seu paço, deixando aqui uma cópia exacta, e uma grande quantia de dinheiro, para obras da egreja, ao que o abbade se oppôz, não só pela devoção que tinha a esta Senhora, como por temer que os parochianos se revoltassem.

—

Uma prova mais da antiguidade d'esta egreja, é que antigamente vinham aqui á missa os povos das freguezias da *Arrancada* (Vallongo) então da comarca d'Esgueira —a villa d'*Agueda*—todos então do bispado de Coimbra—e *Mórtágua* e *Santa Comba-Dão*, então na comarca e bispado de Viseu; de todas as freguezias do *Valle de Bésteiros* —e de todo o concelho de Lafões, que tinha então 13 freguezias.

Sobre a porta travessa d'esta egreja, defronte das casas da residencia, se vê uma pedra quadrada, onde se estão os restos de uma inscripção, que consta testemunhar aquella antiguidade; mas estão as letras tão apagadas com o tempo, que se não pódem lêr.

Tambem é uma prova da antiguidade d'esta egreja e do concelho do Guardão, uma escriptura que existia no cartorio de Santa Cruz, de Coimbra, do qual foi tirada uma certidão, a requerimento dos moradores do logar do *Mosteirinho*, então concelho de S. João do Monte.

Era uma doação, feita por D. Affonso Henriques e sua mulher, ao mosteiro de Santa Cruz, de Coimbra, em setembro da era de 1190. (1152, de Jesus Christo.)

Não copio este documento na sua integra, por ser muito extenso; mas dou os trechos que me pareceram mais curiosos.

Eis a sua traducção, do latim barbaro do seculo XII:

Em nome do Padre, do Filho e do Espirito Santo; porque dos reis e principes é, e tambem do varão, honrado com o titulo de nobreza (como se acha nas leis dos godos), cumprir a propria vontade nos seus proprios bens: portanto, eu, Affonso, rei dos portuguezes, filho do conde Henrique e da rainha Thereza, neto do grande imperador Affonso, juntamente com minha mulher, a rainha D. Mafalda, filha de Amadeu, conde de *Mauriana*, considerando o nosso fim, e dia do estreito juizo, no qual se dará a cada um, conforme fizer, determinámos honrar e accrescentar as possessões ao mosteiro de Santa Cruz, de Coimbra; e por isso, damos a vós prior, D. João e a vossos irmãos, que ahi perpétuamente morarem, a nossa herdade de S. João do Monte, com a sua ermida; a qual herdade, a rogos da rainha, tinhamos dado ao mestre Guarino, pelos muitos serviços que nos fez, para que a possuisse em sua vida sómente, e depois de sua morte, a deixasse, por nossas almas, ao dito mosteiro. A qual herdade fazemos couto, cujos termos são—Primeiramente, pelo Oriente, pela pedra que está entre Parâmo (hoje *Paranhos do Monte*) e S. João—d'essa pedra vae para a Cabeça de Valle de Carros, e d'ahi vae á Cabeça do Junqueiro, e d'ahi á Matta d'Egas —segue para Aguada, e d'ahi a Aurenteiros, seguindo para as Cóvas[1]—d'ahi para a Cabeça da Urgeira, até á Cabeça do Mouro—d'ahi ao Giro, até ao pé do Caramullo, a um padrão que alli está—seguindo até á Portella do Cadraço, a qual, divide entre Bésteiros e Lafões, e d'ahi ao Tojal de Cima, de Becerreira, por uma pedra que ahi está—e d'ahi á Cabeça de Barrajaes, e d'ahi á agua que vem do Açor. E, tornando à primeira pedra, acima dita, n'esses termos, á roda, se encerra a dita herdade.

....

E se alguem (o que não queremos) natural ou estrangeiro, pretender quebrar, ou violentamente quizer entrar no dito couto, seja obrigado, pelo poder real, a pagar 200 soldos de boa moeda e todo o damno que fizer, o pagará quatro vezes, e, além d'isto, *será apartado do ceu, da Santa Madre Egreja e dos fieis*, etc., etc.

Assignaram esta doação e encoutamento, depois do rei—a rainha—João, arcebispo de Braga—Pedro, bispo do Porto—Fernão Peres, dapifer (mordomo-mór) da côrte—Mem Moniz—Gonçalo de Sousa—João Ranja—Nuno Soares Velho—Mem de Bragança, alferes.

Foram testemunhas:—Redulfo Zoleymas —Fernão Gutierres— Martin Anhaya—Pedro Garibas—Mem Abaldes—Rodrigo Pelayo, alcaide de Cambra—Pedro Mendes, mordomo do rei.

Foi escripta por João, diacono.

—

Pelas medições constantes d'esta escriptura se vê que, n'aquelles tempos, o couto de Guardão incluia o depois concelho de Bésteiros, hoje de Tondella.

Parece que depois ficou sendo só de Santa Cruz de Coimbra o padroado da egreja de Guardão; porque, pelos annos de 1434, o infante D. Henrique (filho de D. João) I por um contrato feito com Pedro Gonçalves Carrutello e sua mulher, Branca de Sousa (progenitores dos morgados do Guardão, Sousas Castello Branco), lhes deu e escambou, para si e seus herdeiros e successores, o seu couto de Guardão, em terra de Bésteiros, com toda a sua jurisdicção.

Tambem é tradição que em Santa Maria do Guardão, teve principio e nome o concelho de Bésteiros ou *Terras de Santa Ma-*

[1] No logar de Aurenteiros, é tradição ter existido uma antiquissima cidade, chamada Cortélha. É certo que por estes sitios se vêem umas cavernas, para as quaes se entra pela encosta do monte. São muitas, mas a maior parte arruinadas. As que se conservam em melhor estado, são de tamanhos differentes, podendo conter 10, 12 e mais pessoas. Foram vistas e examinadas por Sebastião d'Alvelos e Gouveia, abbade de Guardão, quando no fim do seculo XVII assistiu á divisão dos bispados de Viseu e Coimbra, por esta parte, em que havia algumas duvidas nos respectivos limites.

ria de Bésteiros, cujos antigos privilegios e nobreza de seus naturaes foi concedida aos cidadãos de Lisboa, que pertenceu á monarchia portugueza muito depois d'estas terras. Estes privilegios eram os antigos da *Terra de Santa Maria* (vide *Feira*, a pag. 155 do 3.º vol., col. 1.ª)

—

Ainda pelas diversas freguezias d'este concelho e limitrophes ha muitas familias nobres, descendentes dos primeiros senhores d'estas terras.

Frei Antonio Brandão (*Mon. Lus.)* diz que, quando D. Affonso Henriques regressava das côrtes de Lamego para Coimbra (1143) tomou aos mouros as villas de Freixedo e Nagozellas (povoações proximas a Bésteiros e que ainda conservam os mesmos nomes). E que dera então aos frades de Lorvão (que então eram benedtctinos) uma grande quantidade de vaccas e vitellas, que levára da terra de Santa Maria de Bésteiros, provavelmente tomadas aos mouros das duas villas então conquistadas.

—

A egreja matriz do Guardão é vasta e aceiada. Antigamente, no dia da Ascenção do Senhor, vinham a esta egreja tres procissões, das freguezias de S. Thiago, Santa Eulalia e Castellões. Todas se hiam juntar a um sitio, distante da egreja 3 kilometros, onde está uma ermida de S. Bartholomeu, e d'ahi, cada uma de per si, postas em ordem, em um levantado outeiro, que fica a E. da mesma ermida; d'onde se descobre a egreja de Castellões, que fica no valle, e como esta é dedicada ao Salvador, diziam tres vezes:—*Salvator mundi, miserere nobis;* e d'aqui marchavam, segundo a sua antiguidade, em direcção á egreja de Guardão.

N'este dia toda a gente d'aquellas quatro freguezias fazia uma grande festa a Nossa Senhora.

—

É tradição antiga e constante que em um dia da Ascensão do Senhor, tomaram os moradores d'aquellas quatro freguezias uma fortaleza que os mouros tinham no sitio onde está a dita ermida de S. Bartholomeu; e que foi em acção de graças por este feito qua tiveram origem aquellas procissões.

É certo que junto á capella se vêem ainda alicerces de cantaria que denotam ser de uma antiga fortificação, e que servem de fechar o adro da ermida que está no centro do recinto que occupava o vetusto edificio.

—

N'esta serra ha grande abundancia de caça e gados, que se apascentam em seus frescos valles, regados por muitas fontes e ribeiras de optimas aguas, entre as quaes ha uma notavel, denominada *das Laceiras*, por ficar junto da aldeia do mesmo nome. Está esta fonte em uma gruta natural, com capacidade para mais de 20 pessoas.

Diz-se qne n'esta gruta esteve alguns dias escondido D. Antonio, prior do Crato, fugindo á crueldade do usurpador Philippe II de Castella.

No interior d'esta gruta ha uma lagem de marmore, onde se vêem dois buracos de 0m,30 de diametro, tão perfeitamente redondos, como se fossem feitos a compasso. São abertos em espiral, á maneira de parafuso, sendo ambos do mesmo tamanho e feitio, e distando um do outro 0m,33.

Deitam constantemente agua em abundancia, sendo a de um buraco fria e limpida, e a do outro tépida e espessa.

É certo que esta ultima é mineral, mas não me consta que tenha sido competentemente analysada.

MONTE LAVAR—freguezia, Extremadura, comarca e concelho de Cintra, 24 kilometros ao NO. deLispoa, 560 fogos.

Em 1757 tinha 315 fogos.

Orago Nossa Senhora da Purificação.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

O prior de S. Miguel, de Cintra apresentava o cura, que tinha só o pé de altar. Ha aqui uma albergaria para viajantes pobres.

Tem duas feiras annuaes, uma na primeira oitava da Paschoa, outra a 21 de setembro.

É terra muito fertil. Cria muito gado, e fabrica-se aqui boa manteiga de vacca.

MONTÉLIOS — monte, Minho. — Estava aqui a antiga egreja de S. Salvador de Du-

me, ou S. Fructuoso. Dá-se-lhe hoje o nome de *Monte-Pequeno*, que é a traducção de *Montélios*.

Nas *Inquirições* do rei D. Diniz, se lhe chama *Montêlhos*.

Fallam n'este monte, diversas doações do seculo IX e X, as quaes existem no Livro *Fidei*.

MONTE-LONGO—antigo concelho, Minho, que hoje se denomina *Fáfe*. (Vide 3.º vol. pag. 132, col. 1.ª)

MONTE-MAIOR—Minho, proximo e ao NE. de Braga. Denomina-se hoje *serra da Falpêrra*. (Vide esta palavra—a 2.ª—pag. 135, do 3.º vol.)

Dizem alguns, que Monte-Maior era o a que hoje se chama *de Santa Martha;* o que não é provavel, porque, na descripção que a rainha D. Thereza, mãe de D. Affonso Henriques, faz do termo de Braga, em uma doação, feita na era de 1148 (1110 de Jesus Christo), principiando por Monte-Maior, termina no monte de Santa Martha, o que prova que eram dois montes differentes, posto que contiguos.

Diversas doações, do tempo da anarchia, que existem no Livro *Fidei*, mencionam este Monte-Maior.

MONTE-MARGARIDA—freguezia, Beira Baixa, concelho, comarca, bispado, districto administrativo e 18 kilometros da Guarda, 330 ao E. de Lisboa, 50 fogos.

Em 1757 tinha 36 fogos.

Orago o Espirito Santo.

O prior de Faia apresentava o cura, que tinha 20$000 reis.

MONTE-MINHOTO—Beira Baixa—Está este monte, junto ao rio Zêzere, entre outros serros, ou cabeços, e nos limites do logar de Cernache do Bom-Jardim, concelho da Certan, comarca e districto administrativo de Castello Branco, no grão-priorado do Crato, annexo ao patriarchado, 65 kilometros ao N. do Crato e 190 ao SE. de Lisboa.

É este monte muito alto, e coberto de grandes penhascos, sendo a parte que olha para o Zêzere, um despenhadeiro quasi inaccessivel.

Sobre um dos rochedos d'este monte, está uma grande ermida, dedicada a *Nossa Senhora da Estrella.*

É muito antiga, e consta que a imagem apparecêra n'este mesmo sitio, dentro de uma gruta, ou lapa.

Junto á ermida, está um poço, que nunca sécca, por maior que seja a estiagem, apezar de estar em um pincaro alcantilado.

Ha tambem aqui, uma fonte perenne, de agua limpida, fresca e saudavel.

Ao pé da egreja ha dois sobreiros seculares gigantescos.

Ha tambem uma casa arruinada e uma pequena cêrca, onde residiam os ermitães, quando aqui os havia.

Parece que tambem aqui houve um pequeno hospicio, pois se vêem uns alicerces contiguos á capella, com a qual communicavam por uma porta, que está tapada de pedra e cal.

Segundo a tradição, foi este edificio construido e habitado pelos cavalleiros do Templo, que, ou n'este sitio, ou em outro proximo, tinham um castello.

Os provisores do grão-priorado do Crato, é que apresentavam os eremitães de Nossa Senhora da Estrella. Não tinham congrua, ou outra alguma renda, sustentavam-se das esmolas que pediam pelos arredores, com auctorisação dos grão-priores.

Havia n'esta egreja uma confraria de Santo André, que tinha um capellão para vir aqui dizer missa aos domingos e dias sanctificados; porque a egreja parochial fica a 9 kilometros de distancia, por caminhos de difficil transito.

Não tinha dia proprio para a sua festa, e, como os póvos das immediações são muito pobres, só havia festividade quando algum individuo de longe a fazia, ou por devoção, ou em cumprimento de algum voto.

MONTE-MÓR—aldeia, Extremadura, freguezia de Loures, concelho dos Olivaes, comarca, districto administrativo, patriarchado e 14 kilometros ao N.O. de Lisboa.

Está esta povoação situada em um alto monte, d'onde lhe provêm o nome.

No seu pincaro está a ermida de Nossa Senhora da Saude.

Segundo a tradição, a origem d'esta capella é a seguinte:

No dia 15 de outubro de 1598, principiou em Lisboa, e se propagou pela maior parte do reino, uma terrivel peste, que durou cinco annos, matando muitas mil pessoas. (Vide 4.° vol., pag. 112, col. 2.ª)

Muita gente de Lisboa fugiu da cidade, procurando as aldeias e particularmente as que—como esta—pela sua elevada situação, offereciam um clima mais saudavel.

Para aqui pois vieram algumas familias de Lisboa, trazendo uma d'ellas, uma imagem da Santissima Virgem (que é a mesma que ainda se venera n'esta ermida), á qual logo construiram uma *edicula* (ermidinha, nicho), promettendo-lhe augmental-a se a peste terminasse.

Em 1603 acabou o contagio, e não se esqueceram do seu voto: mandaram edificar logo uma bonita capella, que a devoção dos fieis ainda ampliou depois; fazendo-se-lhe, pelos annos de 1700, uma boa tribuna de talha dourada.

As paredes da capella-mór foram desde o seu principio revestidas de bonitos asulejos, e em 1626, os irmãos da confraria da Senhora mandaram forrar de asulejos o corpo da capella, o que consta de uma inscripção dos mesmos asulejos.

Em frente da capella ha um bonito alpendre com seu atrio, d'onde se goza um dilatado e formoso panorama. O tecto d'este alpendre ou galilé, descança sobre quatro columnas, quadradas, de marmore, tendo na architrave do centro esta inscripção:

ESTE ALPENDRE MANDOU FAZER
MIGUEL TOSTADO DA MAIA,
Á SUA CUSTA, EM O ANNO DE 1621.

Tem côro, pulpito e sacristia, tudo com muita decencia.

A capella-mór é fechada por grades de pau santo.

Os povos d'estas terras teem muita devoção com esta imagem de Nossa Senhora da Saude, á qual atribuem muitos milagres.

N'esta mesma freguezia, e na aldeia de Calvos, ha a capella de Nossa Senhora da Rotunda, na quinta que foi de D. Miguel Luiz de Menezes, conde de Valladares. Vide *Rotunda*.

MONTE MÓR-NOVO—villa, Alemtejo, cabeça do concelho e da comarca do seu nome, districto administrativo, arcebispado e 30 kilometros ao N.O. d'Evora, 65 ao E. de Setubal, 36 ao N. E. d'Alcacer do Sal, e 90 ao S.E. de Lisboa. (Foi da comarca d'Arraiolos.)

930 fogos em duas freguezias (Nossa Senhora do Bispo — e Nossa Senhora da Villa.)

Tem estação telegraphica.

Feira no 1.° de maio e no 1.° domingo de setembro.

A sua divisão ecclesiastica no fim do seculo passado, era a seguinte:

Tinha quatro freguezias.

1.ª *Nossa Senhora da Expectação*, vulgarmente chamada *Santa Maria do Bispo*. A mitra apresentava o reitor, que não tinha outra obrigação mais, do que cantar as missas nas principaes festividades da egreja, fazer as estações aos freguezes, e presidir aos actos publicos.

Tinha 60 alqueires de trigo de renda.

Era esta freguezia curada por oito beneficiados, da apresentação alternativa do papa e da mitra, tendo cada um de renda, 150 alqueires de trigo.

Tinha em 1757, 933 fogos.

2.ª *S. João Baptista.* — O real padroado apresentava o parocho (beneficiado) e tinha 9 alqueires de trigo, 40 almudes de vinho e cantaro e meio d'azeite.

Tinha em 1757, um fogo!

3.ª *Nossa Senhora da Villa.*—A mitra apresentava o reitor, collado, e tinha 40$000 réis de renda.

Tinha em 1757, 68 fogos.

4.ª *S. Thiago.* — A mitra apresentava o prior, collado, e tinha 80$000 réis de renda.

Tinha em 1757, 63 fogos.

Vê-se pois que estas quatro freguezias tinham em 1757 — 1065 fogos.

—

O concelho de Monte-Mór-Novo, é composto de 17 freguezias, todas no arcebispado d'Evora, e são as seguintes — Cabrella.

Escoural, Landeira, Lavre, Repréza, Saphira, Santa Sophia, Santo Aleixo, S. Christovão, S. Gens, S. Geraldo, S. Matheus, S. Romão, Vendas-Novas, S. Brissos, Monte-Mór-Novo (Nossa Senhora do Bispo), Monte-Mór-Novo (Nossa Senhora da Villa).

Todas com 2:800 fogos.

Até 1855 tinha mais quatro freguezias (tambem do mesmo arcebispado), que eram Brotas (ou Aguias), com 260 fogos — Cabeção, com 230 — Móra, com 300, e Pavia, com 270 — total, 1:060 — que foram então formar o concelho de Móra.

—

É esta villa uma povoação antiquissima, e muitos escriptores [1] pretendem que ella seja a *Castrum Malianum* (castello de Manlio) dos romanos. As primeiras noticias que temos a seu respeito, datam do anno 93 de J.-C., sendo imperador o feroz Domiciano, pois n'esse anno foi aqui martyrisado S. Mancio, vulgarmente, S. Manços.

É certo que nas immediações d'esta villa se teem achado moedas romanas, em differentes épocas. Na freguezia de S. Geraldo se encontrou uma de prata, do imperador Adriano (120 de J.-C.) muito bem conservada. Na villa se achou uma de Valeriano, tambem de prata (260 de J.-C.), outra de Maximiano. (300 de J.-C.) Era de cobre.

Perto da egreja de Nossa Senhora da Conceição, ao N.O. da villa, se acharam tambem algumas, porém a maior parte estavam *frustas* (inuteis, por estarem oxidadas). Em uma via-se o nome do imperador Gordiano; mas não se sabe de qual dos tres que houve d'este nome. (237 a 244 de J. C.)

Teem tambem apparecido amphoras e outros objectos de barro, julgando-se aquellas, *vasos lacrimatorios* dos romanos; porém outros julgam estes objectos menos antigos, e do tempo dos arabes africanos.

Em 1814, foi para o museu Cenaculo, um cippo, achado proximo da villa, com esta inscripção:

LURIAE T. F. BOVTIAE
G. [1] IVLIVS L. F. GAL.
SEVERVS VXORE SIBI
SUIS QVE. F. C.

Na parede exterior do adro da antiga egreja de Nossa Senhora do Bispo, estava uma lapide de jaspe, que dizia:

D. M. S.
MEMORIAE G. F. CALCHISI—
AE. FLAM. PROV. LVSIT. II
FIL. PIISSIM. ET. MAR
L. F. SIDONIAE NEPT.
DVLC. ET APON. LVPIANO.
MAR. MERENT. FABRIC.
QVA MISER. MATER IVN.
LEONICA. KARIS SVIS ET SIBI.

Destruida a egreja matriz, foi esta lapide removida para a casa da camara, e está actualmente embebida na parede de uma casa fronteira.

Outros monumentos de classe differente nos provam que este territorio já era habitado muitos seculos antes da invasão romana na Peninsula Iberica, pelos povos preceltas—são os varios dolmens que havia por estes sitios, a maior parte dos quaes teem sido destruidos pelo povo ignorante, para lhes aproveitarem a pedra para construcções.

—

No tempo dos arabes tinha esta villa um castello antigo (provavelmente de origem romana) que ainda existia no tempo do nosso primeiro rei.

Suppõe-se que este castello e a villa foram tomados aos mouros, por D. Affonso Henriques, pouco depois da gloriosa batalha d'Ourique (25 de julho de 1139); porém se assim foi, é provavel que fosse pouco depois abandonado pelos portuguezes, que só se apossaram para sempre d'esta praça, pelos annos de 1160; mas ainda em 1191, Miramolim, rei de Marrocos, a entrou, saqueou e destruiu, abandonando-a depois. (Vide *Almada* e o fim d'este artigo.)

Estando estas terras sujeitas ás frequentes correrias dos serracenos, é provavel que

[1] Frei B. de Brito (*Mon. Lus.*, p. 2.ª, liv. 5, cap. 6, fl. 38 v.)—D. Thomaz da Encarnação (*Hist. Ecclesiae Lusitan.*, tom. 1.º, sec. 1.ª, cap. 4.º, pag. 111.) Casado Geraldes e outros.

[1] Devia ser C — (*Caius*).

estivesse abandonada pelos christãos, ou, pelo menos muito pouco povoada no principio do reinado de D. Sancho I — o qual vendo aqui uma posição asada para a defeza, por estar a villa edificada em um alto, sobre tres outeiros, em sitio fresco e sádio, e ser quasi nos confins meridionaes do reino, determinou povoar esta villa, o que fez em 1201, dando-lhe foral, em março de 1203, o qual foi confirmado em Santarem, por seu filho, D. Affonso II, em janeiro de 1218. (Maço 11 dos foraes velhos, n.º 16, e maço 12, n.º 3, fl. 29 e fl. 29 v. — e Livro dos foraes antigos de leitura nova, fl. 78, col. 2.ª — e *Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias*, tomo V, parte 1.ª

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 15 d'agosto de 1503. (Livro de foraes novos do Alemtejo, fl. 74 v., col. 1.ª—*Historia e Memorias da Academia Real das Sciencias*, no logar citado.)

N'este foral lhe deu a cathegoria de villa, com o titulo de *notavel*, e a honra de ter assento em côrtes, no banco 4.º — (Alguns dizem que foi o rei D. Sebastião, em 1576, mas julgo que é êrro.)

Serve este foral tambem para Azinhal e Castello.

Com o fim de attrahir para aqui povoadores, tinham estes foraes muitos e grandes privilegios, pois eram os mesmos que se haviam concedido a Evora.

Na escriptura de composição que D. Sancho II celebrou com suas irmans, em 1223, dá como segurança ou penhor do contracto, varias terras importantes, sendo uma d'ellas *Mons-Maior-Novus*. [1]

Já nos fins do seculo XIII, era Monte-Mór-Novo uma povoação importante, pois que nos idos de novembro, da era de 1323 (1285 de Jesus Christo), foi escolhida pelo rei D. Diniz, para séde de uma assembléa, que aqui fez convocar, para impetrar do papa Honorio IV, o competente beneplacito, para a fundação de uma universidade n'este reino.

Presidiu o mesmo soberano, e assistiram — o abbade d'Alcobaça; o D. prior de Santa Cruz, de Coimbra; o D. prior de S. Vicente de Fóra, de Lisboa; o D. prior, secular, de Santa Maria da Oliveira, de Guimarães; o prior de Santa Maria d'Alcáçova, de Santarem; e grande numero de parochos.

Já se vê que, para dar quartel a tão lusida reunião, era preciso uma grande povoação; e a prova que esta já então o era, é a escolha que d'ella fez D. Diniz.

—

Fallecendo o rei D. Fernando (22 de outubro de 1383), umas terras de Portugal tomaram o partido de *sua* filha, a rainha D. Beatriz, mulher de D. João I, de Castella, e outras o do mestre de Aviz, depois D. João I.

Estava a praça de Monte-Mór-Novo indecisa, mas chegando aqui inopinadamente o grande D. Nuno Alvares Pereira (o condestavel) a fez seguir o partido do *Mestre*.

—

Os piratas africanos, não se contentando em nos tomar os navios no alto-mar, desembarcavam com frequencia nas costas de Portugal, saqueando as povoações do litoral, e fazendo captivos os seus habitantes.

Quiz D. João I infligir-lhes uma severa lição, e, em 1415, sae de Lisboa, como para uma caçada, e vem ter a esta villa, para onde mandou chamar o grande condestavel, que então residia na villa d'Arraiolos, de que era conde [1].

Aqui combinaram um assalto á praça africana de Ceuta, covil favorito dos piratas; isto com o maior segredo.

D. Nuno, não só offereceu ao rei a sua pessoa, bens e vassallos, como pediu para ser o primeiro a fallar no conselho, e o primeiro a desembarcar na costa africana.

[1] Dava tambem este monarcha, como penhor, Evora, Santarem, Torres-Novas, Torres Vedras, Cezimbra, Lisboa, Cintra, Abrantes, e outras povoações menos importantes.

[1] Apesar do foral de Monte-Mór-Novo dizer, que esta villa nunca sairia da corôa— *Barones de Montemór non seam em prestamo dados*—D. João I, a deu ao condestavel, depois da batalha d'Aljubarrota, assim como o condado d'Ourem, Extremoz e outras villas; mas pouco depois (6 de dezembro de 1387) lh'as tornou a tirar, dando-lhe *em troca*, o condado d'Arraiolos, a villa e castello de Monsaraz, Vidigueira, Villa de Frades, Villa-Ruiva, Villa-Alva, e villa e castello de Chaves.

O conselho se reuniu em Torres Vedras, onde foi decidido, que se levasse a empreza por diante.

Todos sabem que D. João I, com seus dois filhos mais velhos, o condestavel e outros muitos fidalgos portuguezes, com um florido mas pequeno exercito, passaram á Africa, e, á 14 de agosto do mesmo anno, tomaram de assalto a importante praça e cidade de Ceuta.

—

N'esta villa, convocou o principe regente, depois D. João II, as cortes da nação portugueza, a que presidiu, em 1477. Legislou-se sobre 59 capitulos geraes e especiaes.

Foi a 71.ª vez que houve n'este reino convocação das cortes dos tres estados[1].

—

Em 1495, havendo peste em Lisboa, o rei D. Manuel para aqui convocou cortes (as 76.as), a que presidiu.

N'ellas tomou o rei as devidas homenagens, pela sua subida ao throno.

Legislou-se sobre as taxas dos generos que se vendiam no reino e decidiu-se a continuação das conquistas no Ultramar.

Os reis D. Affonso V, D. João II e D. Manuel, gostavam muito d'esta villa, e por varias vezes a visitaram, residindo sempre no paço dos alcaides-móres, no castello.

O rei D. Manuel, deu-lhe por armas—uma torre edificada sobre rochedos, no centro do escudo, e por detraz, em toda a largura d'elle, uma ponte, tudo da sua côr. Por baixo da ponte se vê um rio, de ondas azues.

Significa o castello, o rio *Canha*, que passa junto á villa, e a ponte (chamada do *Alcáçar*), que atravessa aqui o rio.

—

O pusilanime D. Henrique (cardeal-rei), morrêra em Almeirim, a 31 de janeiro de 1580. (Vide *Almeirim*, para não repetir aqui o que disse no 1.º vol.)

Todos sabem que n'esta desgraçada conjunctura, grande parte da nobreza de Portugal, de quem era chefe, corruptor e conselheiro Christovão de Moura, eram por Philippe II, de Castella; alguns fidalgos e o povo, por D. Antonio, prior do Crato; e os vassallos e familiares da duqueza de Bragança, por esta senhora.

Esperava-se pela decisão dos cinco gover-

[1] Durante a estada do rei n'esta villa, em quanto duravam as cortes, esteve hospedado no paço de D. Fernão Martins Mascarenhas, alcaide-mór, do castello.

O arcebispo de Braga, foi residir em casa de um familiar de D. João de Bragança, marquez de Monte-Mór-Novo. (irmão do duque de Bragança, D. Fernando II.)

O marquez, irritado, tratou mal o arcebispo, que se queixou ao rei. Este mandou que o marquez se considerasse preso no castello, em que habitava, e que dentro em cinco dias passasse para o outro lado do Tejo, até segunda ordem.

O marquez vae para Castello Branco, e d'alli se põe em combinação com os reis de Castella (Fernando e Isabel), contra o de Portugal. Escolhêra para emissario, Pero Juzarte, que o atraiçoou, delatando tudo a D. João.

Tambem andavam mettidos n'estas intrigas, por ordem do marquez, Affonso Vaz, e o castelhano Tristão Villa-Ruel.

O pretexto procurado entre os dois Braganças e o rei de Castella, era o seguinte:

O rei de Castella, pediria ao de Portugal que D. Joanna fosse entregue aos Braganças, e que os castelhanos podessem livremente negociar em Guiné.

Previam que o rei de Portugal se recusaria obstinadamente a qualquer das duas propostas, e os reis de Castella, lhe declarariam guerra, recusando os Braganças tomar armas contra os castelhanos.

Tudo isto soube D. João II, pelos emissarios dos Braganças, que os atraiçoaram. O duque de Bragança, foi degolado na praça d'Evora, em 20 de junho de 1483, e seu irmão poude escapar á vingança do rei de Portugal; mas, sabendo alli que tinha sido *executado em efigie*, na praça d'Abrantes, morreu de desgosto.

Assim acabou o unico marquez de Monte-Mór-Novo.

Conta-se que quando D. João II esteve n'esta villa, por occasião da convocação das cortes, mandára metter os cavallos na estribaria de D. João de Sousa, nobre, brioso e valente cavalleiro d'esta villa, que então andava á caça, o qual, sabendo isto, se foi á estribaria, e, soltando os cavallos do rei, os pôs na rua. D. João II o mandou chamar e lhe perguntou muito agastado, a rasão porque praticara tal facto—ao que o fidalgo respondeu—«Porque não queira Deus, que faça V. A. da casa de D. João, estribaria, e da casa de D. Fernando, paço.»—D. João II

nadores, nomeados por D. Henrique; porém o usurpador castelhano, cégo pelo desejo de empolgar a sua cubiçada preza, reune em Badajoz um poderoso exercito, ao qual deu por chefe, o duque d'Alba. Este invade Portugal pelo Alemtejo, entrando em Villa Viçosa, Extremoz, Evora-Monte e Arraiollos.

No dia 8 de julho d'esse mesmo anno de 1580, chegam os castelhanos a Monte-Mór-Novo, onde estavam D. Diogo de Menezes e o conde de Vimioso, que com o povo da villa ainda quizeram defender a praça; mas lembrando-se da falta de petrechos de guerra que n'ella havia, e que, com a resistencia, que não podia ser de longa duração, sómente accarretariam muitas desgraças contra a villa, a abandonaram, fugindo para Lisboa, com 200 carros de viveres e munições.

A praça ficou pois sob o dominio castelhano; porém o povo odiava-o cordialmente.

Christovão de Moura, tinha fugido em Setubal á sanha do povo, e resolvêra transferir-se com os governadores, para Monte-Mór-Novo ao que estes se recusaram. Então elle, com os seus creados e satelites, veiu caminho d'esta villa. Chegou á capella de S. Thiago, e d'alli mandou alguns dos seus creados arranjarem aqui alojamento; mas o

achou esta resposta tão digna, que perdeu instantaneamente a cólera, e d'alli em diante sempre estimou e respeitou este fidalgo, fazendo-o depois seu embaixador a Castella. (Foi depois, guarda-mór do rei D. Manuel, seu primo e successor.)

Conta-se que, durante a estada de D. João de Sousa, como embaixador, em Castella, em uma corrida de touros, estando Fernando e Isabel, no seu palanque, mandou esta vir D. João á sua presença, tendo ordenado que, quando o portuguez atravessasse a praça, soltassem um touro; o que se cumpriu. Veiu o touro, que, não vendo mais pessoa alguma na praça, investiu com D. João, que, atirando-lhe com o capuz, desembainhou a espada e *com uma só cutilada lhe separou a cabeça do corpo.* (!!!)—Tomou o capuz, limpou a espada na pelle do touro, e foi direito ao palanque real, tão indifferente como se nada tivesse acontecido.

A rainha disse-lhe—«Buena suerte hesi este, embajador!»—Ao que D. João respondeu immediatamente, com ar de maior sinceridade e simplicidade—«Qualquer portuguez faz outro tanto.»

povo os correu. Moura não teve remedio senão, ficar uma noite n'esta capella isolada, e no dia seguinte se foi reunir ao duque d'Alba.

—

Na milagrosa revolução do 1.º de dezembro de 1640, foi esta uma das primeiras villas do Alemtejo, que tomaram armas contra a usurpação.

O duque de Bragança (depois D. João IV) sahira dos seus paços de Villa Viçoça, para Lisboa, com o marquez de Ferreira, o conde do Vimioso, alguns outros cavalleiros, e parte dos seus vassallos e creados.

Passando por esta villa, foi enthusiasticamente acclamado pelo povo.

Finalmente, em todos os tempos, os habitantes de Monte-Mór-Novo deram exemplos de amor da patria e fidelidade ao seu rei.

—

Já disse que esta povoação está fundada sobre tres montes, e diz-se que o seu nome provem do facto seguinte:

Quando D. Sancho I, mandou aqui edificar um castello, lhe perguntaram, em qual dos montes se havia de construir, ao que o rei respondeu—*no monte-mór*, e este nome lhe ficou. Como na Beira (hoje Douro) já havia a villa de *Monte-Mór*, para se distinguirem, se ficou chamando esta *Monte-Mór-Velho*, e aquella *Monte-Mór-Novo.*

Ao S. está o castello, que foi fortissimo, e um dos melhores do reino.

Em volta do castello, se foram construindo novas habitações, e reconstruindo as antigas (se as havia) e com o tempo, se foi estendendo a povoação, vindo a occupar os tres montes.

O alto da villa foi cercado de uma muralha, de fórma triangular; de 3^{m},30 de espessura e 1617 metros de circumferencia. Tinha quatro torres, a eguaes distancias, um torreão, 19 cubéllos, e 4 portas (*da Villa, de S. Thiago, d'Evora e do Anjo.*) Tudo isto, está reduzido a ruinas; apenas a torre do E., chamada *da má hora*, se levanta ainda, carcomida pelo tempo, e do mesmo modo a do N., chamada *do relogio*, e a do O., que é a *do Anjo.*

Ainda no centro da cerco, em um alto, se

veem as ruinas dos paços dos alcaides-móres, junto e ao S. da muralha.

Do muro que ligava os paços com a torre do Anjo, e do que o prendia com a torre *da má hora,* poucos vestigios restam.

Alguns dos cubêllos cahiram; mas era tão tenaz o cimento que ligava as suas pedras, que estão quasi inteiros, como se fossem monolyticos.

—

Dentro da cerca ainda existem em bom estado quatro cisternas, estando uma dentro das ruinas dos paços dos alcaides; outra a pouca distancia d'esta, e proxima á egreja de S. João: ás outras duas estão entupidas.

Os antigos edificios da villa que ainda existem; são:—o mosteiro de Nossa Senhora da Saudação, ainda habitado, a as egrejas de S. Thiago e S. João. Todas as mais obras antigas, ou estão reduzidas a montões de ruinas, ou não existem.

O primittivo castello ou é fundação ou reedificação de D. Sancho I; mas D. Diniz, pelos annos de 1300 a 1310, o reedificou e construiu a cerca de muralhas.

O que antigamente era arrabalde da villa, é hoje a parte principal d'ella, conservando ainda o nome de *Arrabalde.* Fica na encosta meridional.

Á esquina da rua de *D. Vasco* está uma porta e janella, que teem mais de 400 annos de existencia—e no largo da *Porta do Sol* havia arcos de abobada, de egual antiguidade. Pela architectura da porta da egreja da Misericorbia se vê que foi uma das primeiras que instituiu a virtuosa rainha D. Leonor, prima e mulher de D. João II (filha do infante D. Fernando, duque de Viseu, filho do rei D. Duarte—e irmã do rei D. Manuel).

Foi em umas casas que existiram por detraz d'esta egreja que nasceu S. João de Deus.

—

Junto á ermida de S. Lazaro consta ter existido uma gafaria. (1) Parece que foi depois mudada para Santo André do Outeiro.

Deixou de existir a gafaria, e os seus rendimentos foram applicados para as despezas do culto divino, na egreja da Misericordia; mas, em 1837, foram esses rendimentos julgados *bens municipaes,* e são recebidos pela camara.

—

O *hospital do Espirito Santo* foi fundado em 1316 (segundo outros, em 1324) como consta de uma certidão que existe no archivo da Misericordia. Parece que se annexou depois ao de Santo André do Outeiro.

A albergaria de Santo André do Outeiro, foi fundada em um cabeço que fica a pouca distancia da villa, e ao NO. d'ella. Hoje é uma bonita capella, cercada de arvores, e fazendo parte das propriedades particulares do sr. Antonio Justino da Costa. É o monte mais elevado dos que cercam a villa, e do seu cume se gosa uma formosa e dilatada vista.

A capella, porém, está interiormente desornada, e ao monte que se denominava de Santo André, se chama hoje Courella de Santo André.

Ainda depois da capella estar abandonada (no meiado d'este seculo) e antes de pertencer ao seu actual possuidor, era objecto de grande veneração e devoção dos fieis d'esta villa.

A imagem do padroeiro foi por esse tempo removida para a egreja do hospital. É advogada das creanças quebradas; e as familias das que se curavam, deixavam em testemunho de agradecimento ao santo, tijolos, cal e outras offertas junto á sua capella.

Nas escavações a que o actual proprietario aqui mandou proceder, se encontrou o cemiterio do antigo hospital e varias moedas tambem antigas.

O actual *hospital real de Santo André,* d'esta villa, foi fundado em 1354, pela juncção de duas antigas albergarias (a *do Espirito Santo* e a *de Santo André*).

(1) As innumeras *gafarías* (hospitaes de lazaros) que havia antigamente em Portugal, provam-nos que as molestias de pelle estavam então muito propagadas por toda a parte. Hoje, felizmente, esta ascorosa molestia é muito mais rara.

Em 1531, D. João III mandou fazer a egreja, enfermarias e todo o mais edificio que ainda hoje existe.

Em 1786, foi ampliado o edificio, mas ainda assim, é acanhado e não preenche os fins a que é destinado.

Os seus rendimentos não chegam para as despezas ordinarias, apesar dos grandes córtes que lhe fizeram nos legados pios, reduzindo-os todos (que eram muitos) despotica e illicitamente, a duas missas e um officio de defunctos, pelas almas de todos os bemfeitores d'este estabelecimento.

A Misericordia tem de supprir as faltas para o custeamento das despezas.

Desde a sua instituição, foi este hospital administrado pelos conegos de S. João Evangelista (loyos), até 1567, em que a Misericordia tomou conta da administração, até que ella, a requerimento dos procuradores do povo, passou, em 1677, para os frades de S. João de Deus, até 1834. Um decreto de 21 de agosto de 1835, removeu para a mesa da Misericordia a sua administração.

—

A Santa Casa da Misericordia de Monte-Mór-Novo—Foi fundada pela virtuosa rainha D. Leonor, viuva de D. João II, em 1499, um anno depois que tinha fundado a de Lisboa.

Consta que o principio d'este estabelecimento de caridade, foi da maneira seguinte:

Na *rua do Carvoeiro* (hoje *rua Direita*), havia uma ermida com a invocação de Santo Antonio, com a confraria dos *fieis de Deus*. Junto d'esta ermida estavam as casas de um cavalleiro, chamado Ruy Mendes Gago, que servia de juiz, ou mórdomo da confraria, com outros mais devotos, todos dos principaes da villa, os quaes mudaram o titulo da ermida, para a invocação de Nossa Senhora das Misericordias.

Em 1506, o rei D. Manuel, deu á esta casa 13 *balandraus*, para os 13 irmãos da mesa.

Em 1513, Ruy Mendes Gago, que foi o 1.º irmão d'esta casa, quiz tambem ser o 1.º bemfeitor, e, com sua mulher, Beatriz Fernandes, instituiu uma capella, com missa quotidiana, por suas almas, com a condição de que, por morte de ambos os conjugues, se applicassem os rendimentos da sua fazenda, para a fabrica de uma egreja da Misericordia, que mandaram se fizesse nas suas casas: e, se á hora da morte dos doadores ainda a egreja não estivesse concluida, se depositariam seus corpos na egreja matriz, e seriam removidos para a egreja da Misericordia, o que se fez.

A estes instituidores se seguiram outros, até ao n.º 61.

Parece que as obras tiveram principio em 1513, e fim em 1532.

Foram-se depois comprando algumas casas proximas á egreja, até que, em 1604, sendo provedor D. Fernão Martins Mascarenhas, se fundou a magestosa casa do despacho, escada e pateo, cuja obra teve principio em 23 de maio d'aquelle anno, e fim, em 16 de junho de 1606. Custou 850$405 réis.

Em 1700, sendo provedor, D. Martinho Mascarenhas, então conde de Santa Cruz e depois marquez de Gouveia, e mórdomo-mór de D. Pedro II, se deu principio á obra da renovação da egreja, accrescentando-se com luxo, assim como o côro, sachristia e mais officinas.

Em 1712, se obteve provisão de D. Simão da Gama, arcebispo d'Evora, para a egreja ter Santissimo Sacramento, e ter um côro de 7, ou 9 capellães, para rezarem em communidade.

As obras aqui feitas, desde 1700, até 1713, importaram em 6:712$081 réis.

Em 1781, se erigiu a botica da Santa Casa. Custou 520$500 réis.

As obras e ornamentação da egreja e mais edificios, se foram fazendo a pouco e pouco, até que, em 1802, se fez a obra de estuque, da capella, puxando-se o throno mais á rectaguarda, e ficando o côro em frente. (d'antes era por detraz.) Custou esta obra réis 1:200$000.

Em quasi todos os annos seguintes se foram continuando as obras e melhoramentos, até 1829.

As quatro antigas freguezias da villa

1.ª *Nossa Senhora do Bispo*—É muito antiga, e foi matriz até 1843. Consta chamar-

se *do Bispo*, porque os arcebispos d'Evora, são seus priores natos, desde que ainda só tinham o titulo de bispos.

Não se sabe quando principiou a ser egreja parochial, mas é certo já o ser em 8 (segundo, outros, em 25) de março de 1495, quando nasceu S. João de Deus.

Desde 1843, é egreja parochial, a do mosteiro de S. João de Deus.

A verdadeira invocação do orago d'esta freguezia, é Nossa Senhora das Angustias, ou do Transfixão, ou de ao pé da Cruz.

2.ª *Nossa Senhora da Villa*—Foi fundada por Domingos Pelagio (filho do novo povoador, Pelagio Peres) em 1234.

É sagrada. Foram seus commendadores os condes da Ponte.

Ha aqui a irmandade dos clerigos, que teve principio no 1.º de agosto de 1405.

Chamou-se *da villa*, por ser a tutelar d'ella, e por ser a primeira que se fundou aqui, depois da expulsão dos arabes. Tambem se denominava *Nossa Senhora dos Milagres*, pelos muitos que lhe atribuiam—e *Nossa Senhora dos Açougues*, por estar proxima a elles. É sagrada. Era uma commenda, intitulada de *Santa Maria dos Açougues*, de que foram commendadores os Braamcamps. Esta parochia estava dentro dos muros da povoação antiga. No principio, era a unica matriz da villa. Está hoje em ruinas. Ainda n'ellas se podia ler, em 1830 (com muita difficuldade), gravada em uma pedra, a inscripção seguinte:

AD HONOREM SANCTAE MARIAE
PERPETUAE VIRGINIS GENETRICIS
DNI. NRI. CHRI.
FUNDAVIT ECCLESIAM ISTAM
DOMINICUS PELLAGII EJUS PRAELATUS,
QUI PROCESSIT A PROGENIE PELAGII....
SUB ERA MCCLXXVII.

3.ª *S. João Baptista*—Não se sabe quando foi fundada, mas sabe-se que já existia em 1380. Tinha dois beneficiados, sendo um curado (reitor) e um sachristão.

Eram todas da apresentação do real padroado, e o cardeal D. Henrique, sendo regente do reino (com sua cunhada, a rainha D. Catharina) na menoridade de D. Sebastião, a deu aos jesuitas, por annexação feita á universidade d'Evora, em 1561. Desde 1759 até 1834, passou o direito de apresentação e competentes rendas, ao real collegio dos nobres, á Cotovia, em Lisboa. (Hoje eschola polytechnica.)

Supprimida esta freguezia, no principio d'este seculo, continuou a ser commenda do collegio dos nobres, e para o culto divino, e para a festa do padroeiro, havia um capellão e um sachristão, apresentados pelo referido collegio dos nobres.

É notavel esta freguezia pela singularidade de ter um só parochiano; circumstancia que se não dava em outra alguma do reino (nem talvez de todo o mundo christão.) Mesmo este unico casal, deixou de existir no fim do seculo passado, ou por a familia fallecer, ou por mudar de residencia, ficando um parocho e uma parochia sem freguezes.

4.ª *S. Thiago*—Tambem se ignora quando foi fundada. A noticia mais antiga que ha d'esta egreja, como matriz, é do anno de 1457.

Consta ter sido fundada pelos cavalleiros de S. Thiago. Tinha quatro beneficiados (ou um beneficiado e tres ecónomos) e um sachristão.

Esta parochia com a de Nossa Senhora da Villa, estão unidas na egreja do Calvario, desde janeiro de 1850, tendo antes estado na egreja de S. Vicente, desde 3 de fevereiro de 1845.

Ermidas das parochias da villa

1.ª *Santo André do Outeiro*—já existia em 1316, tendo annexa a albergaria de Santo André. Já tratei d'esta ermida.

2.ª *Nossa Senhora da Visitação*—é a mais ampla e notavel da villa. Corôa um outeiro, ao N. d'ella. Com as muitas esmolas e offerendas do povo, que tem grande devoção

a esta Senhora, se occorre a todas as despezas do culto divino.

3.ª *Nossa Senhora da Luz*—D'ella se fará expressa mensão no recolhimento das beatas.

4.ª *Nossa Senhora da Paz* — na praça da villa. Está em grande decadencia e com falta dos reparos necessarios.

5.ª *S. Pedro* — proximo da ponte de Alcacer. É uma das mais antigas e espaçosas da villa. Tambem está em grande abandono.

6.ª *S. Sebastião* — Está bem conservada, e tem uma reliquia do mesmo santo. É muito antiga e está proxima á egreja do Calvario.

7.ª *O Senhor das Necessidades* — É tambem muito antiga, e está perto da antecedente.

8.ª *S. Lazaro*—É tambem antiga, mas foi reparada ha poucos annos, por causa do leito da nova estrada das Vendas-Novas para Elvas. Está na rua da Guarda.

9.ª *S. Simão* — Situada no alto do monte, a E. da de Nossa Senhora da Visitação. Está em ruinas.

10.ª *Nossa Senhora da Penha de França*—na quinta da Amoreira, propriedade do sr. Justino Coelho Palhinha.

Esta ermida, posto estar muito bem conservada, está profanada, sem paramentos e mais utencilios para o culto religioso, e sem benção para os officios divinos.

D. Thereza Moscoso Osorio Mendonça Espinosa Gusmão Sandoval e Roxas, filha do marquez de Almocan, filho primogenito da casa d'Alta-Mira, condessa de Santa-Cruz, vindo com seu marido a esta quinta, em 1687, mandou então reedificar esta ermida, pelos fundamentos.

A festa de Nossa Senhora da Penha, se fazia a 15 de agosto. Era annexa a Nossa Senhora da Villa.

Conventos da villa e seu termo

1.º—*Frades franciscanos.* Foi fundado na ermida de Nossa Senhora das Graças. Já em 1495 aqui havia religiosos. Está aqui a ordem terceira da penitencia, com boas rendas. Os condes de Santa Cruz, e depois os marquezes do Lavradio, foram os seus padroeiros. Estavam aqui as cabeças de S. Philippe e seu companheiro, martyres. Diz-se que a feira d'abril procede da concorrencia que então aqui fazia o povo, em romaria a estas reliquias.

Esta feira gosava o privilegio de ninguem poder ser preso n'ella, salvo por crimes commettidos na mesma.

A devoção por estas santas reliquias, foi esfriando até desapparecer completamente, pela descrença ou indifferença das gerações modernas, que aqui tem lavrado infelizmente, do que são um evidente testemunho tantas casas de oração que na villa e suburbios se vêem abandonadas.

Chegou a tanto o desprezo pelas crenças arraigadas nos corações dos antigos, que nem mesmo se sabe onde param as reliquias que aqui estiveram. Consta que estão hoje na egreja matriz de S. João de Deus; mas já não os craneos inteiros, e apenas alguns ossos. Consta que estas reliquias foram aqui collocadas, a 23 d'abril de 1577, por D. Fernão Martins Mascarenhas.

A expulsão d'estes religiosos não foi só um sacrilegio (como o foi o de todos os mais) foi um acto de estupido vandalismo; porque os frades ensinavam gratuitamente, latim, logica e rhetorica.

Ainda aqui subsiste a ordem terceira da penitencia, que tem capella propria, desde 1671, sendo ministro, Henrique de Mello da Azambuja.

Junto á egreja está agora o cemiterio. Em frente da porta principal do cemiterio está a capella do Senhor dos Afflictos, edificada em 1748. — O edificio do mosteiro e a sua cêrca são da camara municipal. Foi trocado por um foro annual, de 50$000 réis, que

a camara recebia pelo terreno occupado agora pelo polygono das Vendas-Novas. Foi esta troca auctorisada, por portaria de 10 de janeiro de 1871.—Esteve n'este mosteiro a estação telegraphica e serviu de quartel de cavallaria. Hoje está este edificio em ruinas.

2.º—*Frades dominicos* (de Santo Antonio de Pádua). Foi vendido em hasta publica e é propriedade do sr. Antonio Joaquim Marques dos Santos.

Foi fundado por Brites de Negreiros e seu marido, Manuel Fragoso, em 1559, assistindo á collocação da primeira pedra, o famoso D. frei Luiz de Granada. Ficou servindo de egreja ao mosteiro, uma antiga ermida que já aqui havia, dedicada a Santo Antonio. Não se sabe quando esta ermida foi edificada; mas sabe-se que 85 annos depois do fallecimento de Santo Antonio—isto é—no anno de 1316, já aqui era capellão, mestre Lourenço, que o era tambem de uma confraria que existia na ermida.

Segundo frei Luiz de Souza, na *Chronica de S. Domingos*—os frades franciscanos não queriam que este convento tivesse a invocação de Santo Antonio (que fôra frade da sua ordem) e houve pleito, que se decidiu a favor dos dominicos.

Assim que a capella foi concedida aos religiosos dominicanos, logo o seu provincial procedeu a auto de posse da mesma, e n'ella disse missa, mandando lançar n'esse mesmo dia a pedra fundamental do mosteiro, sob o titulo de vigariaria.

Em 1619, sendo provincial o padre mestre, frei Diogo Ferreira, e tendo já o convento sufficientes rendimentos, e o edificio do mosteiro concluido, foi elevado a priorado.

D. Fernão Martins Mascarenhas, capitão de ginetes do rei D. Sebastião, e alcaide-mór d'esta villa, estando por embaixador de Portugal no concilio de Trento, impetrou do papa Pio IV, um breve com muitas graças, para este convento.

3.º—*Frades agostinhos descalços* (convento de Nossa Senhora da Conceição) fundado pelo conde de Palma. Está edificado em uma elevação, nos olivaes proximos á villa, no sitio onde já havia uma capella, dedicada á Santissima Virgem d'aquella invocação (e antigamente da Amieira) que continuou a ser a padroeira. Lançou-se-lhe a primeira pedra, a 29 de maio de 1688.

Os religiosos tinham residido primeiro (1671) dentro da villa, em um sitio chamado *Pedras Negras*, em umas pequenas casas. Mudaram para a rua *das Piçarras*, e para a ermida de S. Lazaro. Eram padroeiros d'este mosteiro, os condes d'Obidos.

É hoje propriedade particular do sr. Joaquim Lopes Tavares, rico proprietario d'esta villa, que o tem conservado, e está habitado por locatarios.

4.º—*Frades de S. João de Deus*. A egreja d'este mosteiro, foi fundada na *Rua Verde*, nas proprias casas em que nasceu o santo, por ordem de D. Alexandre, arcebispo d'Evora, com esmolas do mesmo prelado e do povo. Era a cabeça dos da sua ordem no reino.

Sendo arcebispo, D. José de Mello (1627), vieram fundar este convento, dois religiosos castelhanos, que chegaram aqui no dia 24 de junho d'esse anno.

Já em 1607 tinha o irmão *João Peccador*, e seu companheiro, João Lopes Pinheiro, fundado aqui um oratorio, em que lançou a primeira pedra o vigario e licenciado, Luiz Rodrigues Sêcco, mas o mosteiro esteve deshabitado até 1623. No ultimo domingo de maio de 1325, veio para a egreja a imagem do seu padroeiro. Tinha até então estado na egreja do convento de S. Domingos.

Em 24 de junho, o conego D. Francisco de Mello (sobrinho do referido arcebispo, D. José de Mello) lançou a primeira pedra á nova fabrica do mosteiro, que foi benzida pelo bispo, D. frei Diogo de S. Vicente.

Havia n'esta egreja, reliquias de S. João de Deus, de Santa Ursula, de Santa Victoria, e outras.

A egreja do convento serve actualmente de matriz. O convento, está no centro da villa. Foi concedido ao municipio para ahi se estabelecerem as repartições publicas, por decreto de 6 d'abril de 1863. Está em reparações (1875) e, já ali funccionam as repartições da administração do concelho,

fezenda e conservatoria; e a casa da bomba. Em breve se poderá aqui estabelecer o tribunal judicial, os cartorios dos escrivães e o quartel do destacamento militar.

5.º—*Frades paulistas* (eremitas de S. Paulo) de Santa Cruz, de Rio Mourinho, na freguezia de S. Matheus. Está situado em uma campina raza, proximo ao rio *Mourinho*, 7 kilometros ao S. da villa.

Era um dos mais antigos mosteiros d'esta ordem. Foi fundado por Mendo Gomes de Seabra, que o dedicou á Santa Cruz. O rei D. Duarte confirmou esta doação em 10 de julho de 1435; mas, apesar d'isso, os monges de S. Jeronymo moveram demanda contra a fundação d'este mosteiro, e os frades só para aqui vieram em 1483, por uma sentença que obtiveram em seu favor.

A planicie em que está edificado o mosteiro é baixa e doentia. É quasi um ermo, sem outra visinhança mais do que alguns moinhos no rio, e poucos casaes.

Este mosteiro, por ser em sitio doentio e triste, sempre teve muito poucos religiosos (a maior parte mandados para aqui de castigo) e, por fim, nenhum o queria vir habitar, pelo que estava deserto e abandonado muito antes de 1834, e as suas rendas hiam para o collegio dos paulistas de Coimbra.

O convento está em ruinas, e é propriedade, assim como a sua cerca, dos herdeiros de Valentim José da Salvação. A egreja, porém, está em soffrivel estado de conservação, e ainda n'ella se celebram os officios divinos e a festa de Nossa Senhora da Saude, como padroeira do mosteiro.

No monte que está sobranceiro ao rio Mourinho, havia no tempo do nosso archeologo André de Rezende, um marco milliar, dedicado ao imperador Antonino Pio. Tinha uma extensa inscripção, cujo principio era:

IM. CAES. DIVI. SEPTI.... SEVERI. PIV. etc.

6.º—*Eremitas descalços de S. Paulo*, da invocação de Nossa Senhora do Castello, ou das Covas de Monfurado.

Está este mosteiro situado a 6 kilometros ao S. da villa, nos limites da freguezia de S. Thiago do Escoural, e no sitio chamado *Cóvas de Monfurado.*

Dois eremitas, arrependidos das suas loucuras, vieram em 1710 habitar estas brenhas. A estes se aggregaram os irmãos, Balthazar da Encarnação, da villa de Serpa, e Francisco da Cruz.

Aqui viviam na pobresa, abstinencia e oração, vestidos de sacco, e fazendo taes exercicos de penitencia, que eram geralmente venerados pelos povos d'estes sitios.

Foi crescendo o numero d'estes anachoretas, que resolveram edificar uma ermidinha a Nossa Senhora do Castello.

Chegando a Lisboa a noticia das virtudes d'estes santos eremitas, foram muito favorecidos pela côrte.

Foi benzida pelo ordinario a ermida e o mosteirinho, em 11 de fevereiro de 1725, e disse-se aqui a primeira missa em 4 de junho de 1738.

Foi padroeiro d'este mosteiro o infante D. Antonio, filho de D. Pedro II, que lhe deu uma reliquia do Santo Lenho.

O padre Balthazar da Encarnação lhe deu estatutos, e a 18 de janeiro de 1739 prestaram sujeição ao cabido de Evora, professando todos, nas mãos do conego Silverio Lobo.

Traziam tunica interior parda, e habito exterior preto, capello curto, com uma palma verde no hombro esquerdo, e outra no escapulario, em memoria de S. Paulo, primeiro eremita.

Ainda existem a gruta do padre Balthazar e os escarpados rochedos e as covas subterraneas em que viviam os primeiros eremitas.

A situação d'este mosteiro é pitoresca, e ainda bastante frequentado.

É hoje propriedade particular da sr.ª D. Josepha da Salvação, e ainda aqui se faz a festa de Nossa Senhora do Castello.

Tanto o mosteiro como a egreja soffreram bastante com o terramoto de 1755; mas n'esta ainda existe uma formosa balaustrada de mosaico.

Diz-se que o nome de *Monfurado* (contracção de *Monte Furado*) lhe provém de uma grande mina de ferro, explorada pelos antigos e que ainda hoje anda em lavra. As galerias subterraneas de extracção do minerio teem arruinado bastante o edificio do mosteiro e cêrca do mesmo. São aqui as grandes minas da *serra dos Monges*.

7.º—*Freiras dominicas* (de Nossa Senhora da Saudação), na villa.

Foi fundado por D. Mecia de Moura, viuva de D. Nuno de Castro, pelos annos de 1501, com beneplacito do rei D. Manuel, que quiz que este fosse um dos doze mosteiros d'esta ordem que o papa lhe concedeu fundar n'este reino.

O mesmo soberano deu para ajuda d'esta fundação uma pequena quota, do cofre das sizas d'Evora, que se cobrou até 1820.

Esta quota consistia em 1 por cento do que valiam as sizas d'esta cidade. A provisão para isto foi passada em 1514.

A carta regia que auctorisa a fundação d'este mosteiro é de 1507. A sua primeira prelada (prioresa) foi a madre Izabel Vaz, filha do mosteiro de Jesus de Aveiro, que foi tambem uma das cinco fundadoras do convento de Sant'Anna, de Leiria.

D. Fernão Martins Mascarenhas, em que varias vezes tenho fallado n'este artigo, concorreu com muitas professas e seculares para a povoação d'este convento, ao qual deu muitas reliquias, que trouxe de Roma, quando foi ao concilio de Trento, assim como lhe deu formosas pinturas, e obteve do papa varias indulgencias para os que frequentassem esta egreja.

O carneiro que está por baixo do pavimento da egreja é obra do mesmo Mascarenhas, e era de primorosa fabrica.

Em frente da portaria da egreja ha uma casa ainda habitada, que tem um vasto subterraneo, evidentemente mais antigo do que o mosteiro.

A *Historia de S. Domingos*, por fr. Luiz de Sousa, diz que pelos annos de 1500 viviam n'esta villa, com grande recolhimento e vida exemplar umas devotas mulheres, d'aqui naturaes, em em forma de communidade, reconhecendo por superiora uma sua companheira, chamada *Joanna Diz Quadrada*.

Tendo D. Mecia de Moura noticia da santa vida d'estas beatas, e sendo viuva, rica, e sem filhos nem herdeiros forçados, fez de sua casa um recolhimento para as beatas.

Era esta casa nobre e vasta, em alto, dentro da cerca, com largueza de aposentos, pateo e quintaes, propria para um grande mosteiro.

Tudo isto deu ás beatas, sob a condição de o reduzirem a mosteiro dentro em tres annos.

Joanna Diz Quadrada principiou logo a construcção da egreja e os arranjos necessarios para a conversão da casa em mosteiro.

A fundadora, para maior prosperidade da corporação, fez offerta do mosteiro ao rei D. Manuel, pedindo-lhe que fosse seu protector e padroeiro, indicando a ordem e regra que havia de seguir, sem jámais poder passar a outra; e que prohibisse a entrada na clausura a mulher homisiada, ou que devesse alguma coisa á justiça; não podendo nenhum prelado dispensar n'este ponto. O rei acceitou de boa mente a offerta, com todas as suas condições.

Erigido o recolhimento em congregação regular, se recolheu a elle a fundadora, requerendo ao rei licença para doar ao mosteiro toda a sua fazenda, sem embargo das leis em contrario, o que D. Manuel tambem lhe concedeu, por provisão de 16 de maio de 1506.

As herdades (cinco) que D. Mecia doou ao mosteiro, rendiam dezenove moios de trigo, oito e meio de cevada e muitas pitanças: isto alem das casas e cêrca que já lhe tinha doado. Deu-lhe mais 24$000 réis de renda, em dinheiro.

Em 1513, se concluiram todas as obras da egreja, mosteiro e suas dependencias; e a 6 de maio d'esse anno, principiou a execução rigorosa da regra da ordem.

Muitas senhoras da alta nobreza e de extremadas virtudes aqui foram freiras, ou seculares sendo as principaes:

D. Elvira de Mendonça, mulher do dito D. Fernão Martins Mascarenhas.

D. Aldonça de Mendonça, mulher de D. João Mascarenhas, irmão e successor de D. Fernão.

8.º—*Convento das beatas*—de Nossa Senhora da Luz. Teve principio em uma irmandade, instituida em 1578, na ermida de Nossa Senhora da Paz, onde esteve quatro annos; porém não estando satisfeitos os irmãos, pediram á camara da villa, uma ponta do Rocio, no sitio chamado *Porta do Sol;* e que a camara lhe concedeu, e Philippe II confirmou, por provisão de 6 de agosto de 1582.

Em 1742, pretendeu Catharina do Nascimento, natural da cidade d'Evora, fundar por aqui um recolhimento, e para isto se dirigiu á côrte, mas falleceu, sem vêr cumpridos os seus desejos; porém o padre Francisco Negreiros Alfeirão, seu director, ultimou estes negocios, obtendo alvará de licença, em 27 de julho de 1749, e o recolhimento se fez, junto á ermida de Nossa Senhora da Luz.

Ficaram as beatas sujeitas ao provedor da Misericordia, e depois ao ordinario, a cuja obediencia se ligaram, em 11 de julho de 1780, sendo arcebispo, D. João da Cunha, cardeal-regedor.

Ainda existe este convento, que é hoje muito respeitado, pelas virtudes das senhoras que aqui residem.

Celleiro commum

No reinado de D. Sebastião, os procuradores do povo, pediram nas côrtes de 1562 (sendo regente a avó do rei, D. Catharina d'Austria) que, onde houvesse rendas do concelho, se fizessem celleiros de pão, para os tempos de necessidade. As côrtes assim o ordenaram, e estes estabelecimentos previdentes, em breve se estenderam por todo o reino, principalmente no Alemtejo, onde muitos d'elles ainda existem. (Vide *Montes de Piedade.*)

O celleiro commum de Monte-Mór-Novo, foi creado por alvará de 5 de maio de 1695, a requerimento do povo. Foi destinado para fundo d'este celleiro o que produzissem os quartos e cearas semeados na *Adúa* [1] (que era então do concelho) que, para isso seria dividida em courellas, pelos ceareiros e moradores da povoação; e que o celleiro fosse regido como o d'Evora.

Não obstante este alvará, ainda a 6 de março de 1714, não estava creado este celleiro; porque então pediu o povo á camara, que dividisse em courellas a *terra da Adùa*, e a distribuisse pelos ceareiros, os quaes, com os *quartos*, deviam pagar—todos—385 alqueires de trigo; e que da mesma *Adûa* era a camara obrigada a pagar annualmente, certos *fôros e quinhões*, a diversos particulares.

Este requerimento foi deferido a 28 de novembro do mesmo anno (1714).

[1] *Adúa, annudúva, annadúva, anúda, adúba, adnúba, anúbda, anúpda, anúguera, anúdiva,* e *annadúa* (de todos estes modos se acha escripto, desde o IX até ao XV seculo) era certa imposição de dinheiro para reparar, reedificar ou ampliar cavas, torres, muros, castellos e outras quaesquer obras militares para defeza da terra.

Adúa, eram tambem patrulhas ou quadrilhas de gente do povo, obrigada a trabalhar nas obras de fortificação. Quando estas obras eram de pouca monta, se faziam com as *adúas* da terra; mas, quando eram de maior importancia, vinham ajudar as *adúas* de fóra.

No cartorio do mosteiro de Christo, de Thomar, existia a doação dos direitos reaes de Salvaterra do Extremo e Idanha, que D. Sancho II fez aos templarios, em 1244, e n'esta doação se exceptuam expressamente, como quasi inalienaveis da corôa, os seguintes—*quod recipiant monetam meam: et quod dent inde mihi Collectas: et quod eant in exercitum meum, et in meam anuduvam: et alia jura, secundum quod habeo, et illa habere debeo in aliis Castellis, et Villis, quae praedictus Ordo Templi in Regno meo habet.*

D. Affonso III, em 1259 declarou expressamente que os direitos exceptuados nas doações, eram—*annadúa, collecta, moeda, hoste, appellido, fossado, jusliça, serviço,* e *ajuda.*

Em 1377, o rei D. Fernando, concedeu ao concelho da Torre de Moncorvo, para acabar com segurança e perfeição e mais *toste* (brevidade) os muros e fortificações da villa, pagassem *adúa* para ella, emquanto as obras durassem, as villas de Villa-Flor, Vil-

Em 5 de janeiro de 1715, se dividiu metade d'aquelle terreno, em 37 courellas grandes e 12 pequenas; mas, attentas as grandes despezas a fazer, não pagaram *adûa* n'esse anno, e logo no seguinte rendeu, liquido dos *fóros e quinhões*, 480 alqueires de trigo, e foi esse o fundo primitivo d'este celleiro commum.

Em 1716, pagaram os ceareiros o *quinto* do producto das colheitas: em 1717, o *sexto*. Depois, pagavam o *oitavo*, e por fim, o que a camara lhes arbitrava.

Ao celleiro commum vinham, os que precisavam, fornecer-se de trigo.

Em 1779, era o juro, seis alqueires por moio; mas, por provisão de 21 de janeiro d'esse anno, foi o juro reduzido a tres alqueires por moio.

Em 3 de outubro de 1805, por provisão do corregedor da comarca, ficou o juro estipulado—4 alqueires por moio;—e em 1824 tornou o juro a ser de 6 alqueires por moio.

Desde 1716 até 1735 era o celleiro administrado por um vereador que era juiz do celleiro, e tinha um escrivão, um thesoureiro e um medidor; com os quaes se dispendiam annualmente 160 alqueires de trigo.

Em 1736 entrou tambem para a sua administração o juiz de fóra, com o ordenado dos 60 alqueires de trigo, além dos 160.

Em 1741 foi o pessoal augmentado com um syndico, que vencia 15 alqueires de trigo. Desde 1836 passou o celleiro a ser administrado pela camara, que só dispende com o ordenado do escrivão 20 alqueires de trigo.

Um decreto de 14 de outubro de 1852, creou para os celleiros communs uma administração especial, entregando-a a juntas compostas do presidente da camara, parocho e juiz de paz do districto onde existe o celleiro; e, além d'isso, dois cidadãos probos e abonados, eleitos e propostos por lista quintupla, em janeiro de cada anno, pelo conselho municipal, e nomeados pelo conselho de districto.

As camaras municipaes reclamaram frequentes vezes contra este systema de administração, que terminou com o artigo 3.º da lei de 25 de junho de 1864, que passou a administração para as camaras municipaes ou juntas de parochia, segundo a legislação em vigor antes do decreto de 14 de outubro de 1852.

—

A casa onde hoje existe o celleiro foi comprada em praça publica, a 28 de dezembro de 1773, por 34$000 réis, gastando-se para a pôr nas condições de servir para o fim a que era destinada 61$706 réis.

Esta casa paga de fôro á camara 350 réis annuaes.

Os rendimentos d'este celleiro teem sido empregados na compra e concertos do seu

la Nova de Foz Côa e as aldeias de Urrôs, e Maçôres: apezar de a primeira já ter obrigação de pagar *adûa* a Castro Vicente — a segunda a Trancoso — e as duas aldeias, a Freixo de Espada á Cinta.

Estas *adûas* chegaram a ser excessivas, e a fazer levantar contra esse excesso as queixas dos povos, como se vê da carta regia, de D. Affonso III, dada em Coimbra, a 28 de julho de 1265, e reproduzida nas côrtes de Santarem, em 27 de janeiro de 1284. (Doc. da Cathedral de Viseu, a fl. 42.)

Suppõe-se, com bons fundamentos, que a palavra *adûa* vem do arabe *adduar* — que, propriamente significa multidão de gente que vive em barracas, em volta de uma praça ou fortaleza.

Em 1385, concedeu D. João I, aos povos da villa da Torre de Moncorvo, as *adûas* de Alfandega-da-Fé, Castro-Vicente, Mogadouro, Bemposta, Penas-Royos e seus termos, para se — *repairar milhor a cerca da sua villa, e ser milhor afortelezada; e isto, pelo muito serviço, que d'elles tinha recebido, e esperava receber.*

Depois, se dava (principalmente no Alemtejo) o nome de *adûa*, a uma matilha de cães, empregada em caçar coelhos.

—

Os povos de Monte-Mór-Novo, combinaram-se com D. Affonso III, em não pagarem *adûa*, dando-lhe em seu logar uma porção de terreno de cultura, cujos rendimentos substituiriam aquelle *direito* ou tributo. Por esta razão, áquelle terreno se ficou chamando *terra da Adûa*, e, por abreviatura, *Adûa*.

edificio, na construcção da actual cadeia e em outros melhoramentos da villa.

Monte-pio

Além da Misericordia e do hospital, ha tambem n'esta villa o estabelecimento de beneficencia, denominado *Monte-pio.*

É uma instituição moderna, e os seus primeiros estatutos foram approvados por alvará de 16 de abril de 1860.

Estes estatutos promettiam aos socios:

1.°—Serem soccorridos nas suas doenças com facultativo, botica e 100 réis diarios.

2.°—Receberem os mesmos 100 réis diarios quando fossem tratados no hospital da villa, e depois na convalescença que o facultativo lhe marcar.

3.°—Receberem 160 réis diarios, quando fossem tratados no hospital da Misericordia.

4.°—Serem soccorridos com facultativo, suas mulheres e filhos menores de 15 annos, que vivessem com seus paes, ou receberem 80 réis diarios, sendo tratados pela Santa Casa da Misericordia.

5.°—Receberem 80 réis diarios, quando, por molestia ou velhice, e estivessem incapazes de trabalhar—se tivessem cinco annos de socios e nada devessem das suas quotas.

6.°—Ser concedido á viuva que viver com o socio até ao seu fallecimento, e emquanto não passar a segundas nupcias, e a seus filhos menores de 12 annos um subsidio que lhe seria arbitrado pela assembléa geral, se fôsse de justiça.

7.°—A direcção era obrigada, por si ou pelos outros associados, a procurar trabalho ao socio que o não tivesse, se fôsse de bom portamento.

8.°—Ter um subsidio de 100 réis diarios em caso de prisão, pagando-se-lhe, além d'isso a carceragem. Mas este caso soffria muitas excepções.

—

Estes estatutos foram reformados por alvará de 20 de março de 1867; mas peioraram as condições dos socios.

—

Ha n'esta villa duas musicas—a *philarmonica montemorense*, cujos estatutos foram approvados por carta regia de 21 de abril de 1862,—e a sociedade denominada—*circulo philarmonico montemorense*, com os seus estatutos approvados por carta regia de 15 de abril de 1862.

Estas duas bandas teem andado em guerra aberta, o que é improprio de pessoas morigeradas, cujo fim principal devia ser a instrucção e o recreio.

A desharmonia na *harmonia* é coisa summamente desagradavel.

—

Consta que, pelos annos 300 de Jesus Christo, era regulo, ou senhor d'estas terras, o pae de Santa Quiteria, virgem e martyr.

Esta virtuosissima donzella viveu muitos annos em asperrimas peniteneias, em um ermo, onde depois se edificou a villa de Monte Mór Novo, e sendo achada pelos romanos, alli foi martyrisada, no dia 30 de março do dito anno 300, precipitando-a do alto de um rochedo, em um pégo do Canha.

—

Era esta villa muito populosa rica e feliz, quando, em 1580, Philippe II usurpou a corôa de Portugal aos seus legitimos herdeiros.

Então principiou para Monte Mór Novo, como para todo o reino, um periodo de decadencia, oppressão e desventura.

Nem este estado melhorou com a restauração; porque, sendo a provincia do Alemtejo o principal theatro da guerra, que durou 27 annos (desde o 1.° de dezembro de 1640 até 13 de fevereiro de 1668) foi esta villa uma das povoações que mais soffreram os horrores de tão dilatada guerra, que estancou todas as fontes de sua prosperidade, e affugentou do seu seio a maior parte das familias nobres e abastadas.

Volveram annos de paz, e a dedicação dos filhos d'esta terra, o seu amor ao trabalho e a fertilidade do seu territorio, lhe tem restituido o seu antigo explendor.

Os arrabaldes da villa são muito formosos e amenos, povoados de hortas e poma-

res, correndo pelo meio d'elles a ribeira de Canha, e mais alguns regatos.

O seu termo é composto de ricas herdades, abundantissimas de cereaes, fructas, legumes, azeite, e algum vinho.

Nos seus vastos montados se criam annualmente muitas mil cabeças de gado suino, que se exporta em grande escala, assim como outras especies de gado.

—

A alcaidaria-mór d'esta villa andava na casa dos condes de Santa Cruz, que, como já disse, tinham o seu palacio dentro do castello.

—

Já tratei do convento dos eremitas descalços da ordem de S. Paulo, no sitio chamado das *Covas*, ou *Monfurado*, cujo nome lhe provém das grandes minas de ferro aqui lavradas em tempos antigos. Este sitio é hoje geralmente conhecido por *Serra dos Monges* (em razão de aqui terem residido os taes monges paulistas). Para evitar repetições, vide *Monges (Serra dos)*.

—

Em 1553, tendo-se tratado o casamento do principe D. João (filho de D. João III, e pae de D. Sebastião) com a princeza D. Joanna, filha do imperador Carlos V, o que teve effeito em novembro d'esse anno; quiz D. João III fazer, á custa do povo, esplendidas festas por um enlace que tantas glorias e venturas promettia a Portugal (e que só desgraças nos acarretou, porque o principe D. João morreu logo a 2 de janeiro de 1554, 18 dias antes do nascimento de D. Sebastião, e morrendo este sem filhos, passou a corôa de Portugal para Philippe II, em 1580). O rei, pois, lançou, para estas solemnidades um presado tributo ao povo.

Havia n'esse tempo em Monte Môr Novo uma mulher muito pobre e muito virtuosa, chamada *Maria Fernandes*, á qual haviam tambem lançado o tributo de um *tostão*, para as taes festas.

Hindo os exactores a sua casa buscar o dinheiro, respondeu ella, que muito desejava servir sua magestade, mas que não lhe era possivel arranjar similhante quantia.

Os beleguins, sem attender aos profundos suspiros e abundantes lagrimas da desgraçada, lhe levaram a saia com que hia á missa.

Quando morreu o principe, teve a rainha, D. Catharina d'Austria, tão grande mágua, que esteve ás portas da morte.[1]

Na sua afflicção, dizia ella: — «Oito filhos me levaste, Senhor, agora este, que era a luz dos meus olhos, para que m'o arrebataste tambem? Que peccados tenho commettido contra vós, meu Deus?»

O rei (que sabia a historia do roubo da saia) lhe respondeu: — «Senhora, não vos queixeis de Deus; não foi elle que matou o nosso filho, foi a saia de Maria Fernandes, de Monte-Mór-Novo.»

D. João III, que era eminentemente religioso, atribuia a castigo de Deus, pelas vexações que consentira se praticassem, para o cumprimento dos seus desejos de inutil ostentação, a morte prematura de seu filho. Talvez que tivesse razão. Deus, apezar da sua misericordia infinita, é justissimo, e castiga tarde ou cêdo os orgulhosos. Felizes os que soffrem n'este mundo o castigo das suas culpas, e as não vão pagar nas penas eternas!

A uns 8 kilometros ao S. O. d'esta villa, ha um sitio chamado *Sancha a Cabeça*. É uma escavação, de uns 250 metros de circumferencia e de grande profundidade, para cujo fundo se desce por uma escada em espiral, aberta na rocha de que é formada.

Suppõe-se ser a cratéra de um volcão extincto; e na verdade, as paredes d'esta immensa cova, apresentam vestigios de terem sido queimadas.

Segundo a tradição, existiu n'esta cova, em tempos remotos, um convento de frades.

É certo que, pela escada da caverna se

[1] D. Catharina teve dez filhos e filhas — D. Affonso, D. Isabel, D. Brites, D. Manuel, D. Philippe, D. Diniz e D. Antonio, que todos morreram de pouca edade — D. Maria, que foi mulher de Philippe II de Castella (pela qual veio a nossa desgraça), D. Duarte, que foi arcebispo de Braga e prior-mór de Santa-Cruz — e D. João, que é o de quem se trata no texto, e que não chegou a estar casado senão tres mezes.

vêem varios buracos, em diversos andares, em fórma de cellas, tendo no fundo o que se suppõe ter sido a cosinha.

Tem tambem uma cisterna.

Ainda ha poucos annos aqui se viam imagens de santos, de tamanho quasi natural e de boa esculptura.

A pouca distancia d'esta cova, ha um cerrado, coberto de denso arvoredo, que se diz ter sido a cêrca dos frades.

A esta cova anda ligada uma lenda, segundo a qual, por causa de um adulterio, interveio o diabo pessoalmente. Não se póde referir, por causa da sua estupida immoralidade.

—

Falleceu n'esta villa, em dezembro de 1874, o sr. José Maria Villa-Lobos Laboreiro, moço fidalgo, com exercicio no paço, bacharel formado em direito, e um dos maiores e mais ricos proprietarios do Alemtejo.

Monte-Mór-Novo lhe deve gratidão eterna, porque, em seu testamento, deixou aquelle caridoso cidadão, 25 contos de réis, para a fundação de um asylo, n'esta villa.

Apezar da perversão do nosso seculo, não são raros (louvado Deus!) estes exemplos de caridade, verdadeiramente christan.

—

No dia 28 de fevereiro de 1875, cahiu sobre esta villa uma horrivel trovoada, acompanhada de chuva torrencial. Tudo isto foi precedido de um cyclone, que causou grandes estragos.

Este cyclone, arrancou 103 arvores, nas propriedades de Martim-Mendes, e Minutos, do sr. conselheiro, Antonio Maria Barbosa, sitas nos arredores d'esta villa—levantou o telhado de uma casa—arrebatou uma cabana onde dormia um cão, sem se saber onde foram parar. Na herdade do Carrascal, do sr. visconde de Santo André, arrancou 19 arvores; e nas do Bandarra e do Cabido, do sr. Bernardino de Mira, causou estragos de valor excedente a um conto de réis. Tambem soffreram muito as propriedades dos srs. Affonso de Souza Botelho e Simão da Veiga.

—

Já n'este artigo fallei de uma Santa Quiteria, virgem e martyr, filha de um régulo d'estas terras. Por não poder hir no logar competente, cumpre-me fazer aqui uma observação aos meus leitores.

Pretendem alguns escriptores que esta santa, era uma das nove irmans bracharenses, filhas de Caio Attilio, varão consular, e de sua mulher, Calcia. Não se sabe com certeza o logar do seu martyrio, dizendo uns que foi proximo a Coimbra, outros que foi nas immediações de Monte-Mór-Novo.

Supponho que a identidade de nomes foi a causa de se fazer de duas santas uma só; porque a Santa Quiteria bracharense, não póde ser a alemtejana. Aquella foi martyrisada no anno 130, imperando Adriano; e esta, no anno 300, sendo imperador o cruelissimo Diocleciano, que tinha por seu legado na Peninsula Hispanica o não menos feroz Daciano, que inundou de sangue de martyres todo este vasto paiz, que hoje fórma os reinos de Portugal e Hespanha.

Este argumento é decisivo para provar que houve durante o dominio dos romanos, duas santas do mesmo nome, na Lusitania sendo uma (a de Braga) mais antiga do que a outra 170 annos.

Tambem não é provavel que a santa bracharense, tendo na sua provincia tantos sitios asados para viver na solidão e na penitencia, viesse de uma a outra extremidade da Lusitania, procurar um asylo silvestre e solitario.

Já disse que a Santa Quiteria alemtejana foi precipitada pelos romanos, de um alto rochedo: accrescentarei aqui, que alguns escriptores dizem que os romanos a ataram á mó de um moinho e a atiraram a um pégo do Canha, onde morreu afogada.

A gruta em que a santa viveu, e que depois lhe serviu de sepultura, ainda é objecto de devoção, dos povos d'estes sitios, e a villa escolheu a santa para sua protectora.

—

Em 10 de maio de 1495, nasceu na *Rua Verde*, e nas casas em que depois se fundou o mosteiro da sua invocação, o grande patriarcha dos hospitaleiros, S. João de Deus. Seu pae, de humilde condição, mas de bons costumes, se chamava André Cidade. Ignora-se o nome de sua mãe.

Passou o santo os primeiros annos da sua juventude a guardar gado, [1] e depois foi lavrador. Não lhe agradando estas profissões, e desejando correr terras, para melhorar de fortuna, passou á Extremadura castelhana, onde adoptou a profissão de criado de servir. Ainda não satisfeito do seu officio, e organisando o conde de Oropeza um corpo de tropas por ordem do imperador Caslos V, que andava então em guerra com Francisco I, rei de França, João de Deus se alistou n'este corpo e foi um bravo militar nos diversos combates que então se travaram, merecendo ser official por distincção.

Terminada a guerra, foram as tropas do conde licenceadas.

Costumado João á vida dos acampamentos, passou á Hungria a guerrear contra os turcos. Terminada a campanha, veio para a sua patria, partindo d'aqui para a Andaluzia, estabelecendo-se por algum tempo na cidade de Ayamonte (sobre a esquerda do Guadiana e em frente das villas portuguezas de Castro-Marim e Villa Real de Santo Antonio).

D'esta cidade marchou para a praça africana de Ceuta (em frente de Gibraltar), então do dominio de Portugal, na companhia de um fidalgo portuguez, e sua familia, que para alli hia desterrada, e á qual sustentava com o fructo do seu trabalho e com as esmolas que para ella pedia.

De Ceuta passou a Gibraltar, onde se fez mercador de livros devotos, imagens de santos, rosarios, etc.

Note-se que cada auctor narra a vida d'este santo de differente modo, ou com *variantes*. Procurei seguir o mais geralmente acreditado, por mais verosimil.

Cinco (que eu saiba) são as opiniões sobre a conversão d'este santo.

1.ª—Um dia, hindo para Granada, encontrou um menino muito formoso, descalço, e dando-lhe o santo as suas alpercatas, não pôde o menino andar com ellas, e então o santo se lhe offereceu para o levar aos hombros. Assim o fez, e o menino cada vez se tornava mais pesado, a ponto que o santo lhe pediu para descançar junto a uma fonte. Estando a beber, ouviu uma voz que lhe disse: «Granada será tua cruz.» Voltou-se o santo, e viu o menino com uma roman aberta na mão, do interior da qual sahia uma cruz.

Fez confissão geral de todas as suas culpas passadas, e entregou-se á direcção do mestre Avila, varão prudente e de virtude.

D'alli em diante foi um exemplar de todas as virtudes christans, distinguindo-se pelo fervor da sua caridade, que exercia em larga escala, não sabendo de pobreza que não remediasse; dôr a que não désse alivio; afflicção a que não désse confôrto.

2.ª—Diz a lenda, que Nosso Senhor Jesus Christo lhe appareceu por duas vezes, uma na figura de menino, e outra na de pobre, descobrindo-se quando o santo lhe lavava os pés, pelos resplandores que d'elles sahiam.

Urbano VIII o beatificou, a 21 de setembro de 1630, e o declarou glorioso; e Alexandre VIII o canonisou em 1690.

É assim que este servo de Deus está hoje sobre os altares, tendo bem merecido de Deus e dos homens.

(Os hospicios de S. João de Deus não escaparam á destruição geral. A civilisação moderna proscreveu a palavra portugueza e christan — CARIDADE — substituindo-a pela grega e philosophica — PHILANTROPIA — que faz tanta differença d'aquella como o orgulho da humildade.(

3.ª—Licenciado do serviço, foi pastor em Sevilha, de uma senhora rica; a vida solitaria trouxe-lhe o conhecimento de seus erros de outr'ora, e passando a Gibraltar, aqui serviu um fidalgo portuguez, prestando-lhe o serviço de pedir esmola quando cumpria o degredo em Ceuta. Exerceu em Gibraltar o cargo de vendedor ambulante de imagens e estampas: estabeleceu loja em Granada, onde ouviu João de Avila, entregando-se por seus conselhos ao auxilio dos infelizes. A regra foi dada depois da morte de João, em 1556, e convertida em ordem religiosa, em 1570.

[1] Alguns dizem que elle foi para Castella da edade de oito annos.

4.ª—*João Cidade* (S. João de Deus) nas tão diversas occupações em que empregou a sua infancia, adolescencia e juventude, e entre os desregramentos a que o impelia a sua edade e os máus exemplos, nunca perdêra o santo temor de Deus, e jamais perdeu ensejo de exercer a caridade, sua virtude predominante.

Acontecendo ouvir, em Granada, um sermão do padre-mestre Avila, um dos melhores oradores sagrados d'aquelle tempo, tanto o commoveram as palavras evangelicas do esclarecido prégador, que logo alli, á face de uma innumeravel multidão de gente, entrou a confessar em voz alta e plangente, todas as suas passadas culpas, fazendo proposito firme de emenda.

Não contente com isto, repartiu immediatamente com os pobres, tudo quanto possuia, até os seus proprios vestidos, ficando apenas com os indispensaveis para cobrir a sua nudez.

Por estes factos, foi geralmente reputado louco e recluso no hospital d'aquella cidade.

Soffreu o santo com a maior paciencia e resignação os crueis tratamentos que era então costume infligir-se aos doidos; em vista do que, e vendo os medicos que elle gosava de perfeito juizo, lhe deram a liberdade.

É desde então que datam todas as peripecias de sua vida portentosa.

5.ª—Sendo gravemente ferido em uma batalha, fez voto a Deus de consagrar (se escapasse) o resto de seus dias em serviço dos enfermos pobres e em toda a especie de obras de caridade. Salvo do ferimento (no hospital de Granada) começou logo a cumprir o seu voto, com toda a dedicação da sua alma nobre e caridosa.

—

Sempre descoberto e descalço, pobremente vestido e sustentado, tendo por leito a terra nua, o seu unico exercicio era a caridade e a oração.

Pobre e mendigo, era o remedio universal, não só dos outros mendigos, como dos pobres que pela sua passada nobreza, não podiam mendigar.

Mas, no que mais brilhavam os thesouros da sua caridade, era nos extremos de amor e sollicitude com que tratava dos enfermos.

A vida d'este varão santo, era geralmente sabida, e os ricos da terra abriam as suas bolsas, repletas d'ouro, ás palavras evangelicas de João.

Com esmolas, alugou e mobilou uma casa, (em Granada) em fórma de hospital, onde deu asylo aos doentes pobres, que conduzia para a sua enfermaria, muitas vezes ao cólo.

Foi esta casa o fundamento da ordem hospitaleira, de S. João de Deus.

Diz a lenda, que o proprio Jesus-Christo se recolhêra a este hospicio, em figura de pobre e doente; e que, hindo S. João ao matto buscar lenha, ás costas, para o seu querido hospital, quando lhe anoitecia pelo caminho, os anjos o alumiavam com tochas.

Houve n'este hospital um pavoroso incendio que o devorou, mas não aos doentes, que todos o santo salvou, por entre as chammas.

Tambem tinha por um grande acto de virtude, e o praticou muitas vezes, hir ás casas das mulheres perdidas, e ahi, com um crucifixo em uma das mãos, e com a outra mostrando-lhes as chagas que os supplicios voluntarios lhe causavam, fazia com as disciplinas, outras de novo, e entre diluvios de lagrimas as exhortava a mudarem de vida, o que muitas vezes conseguiu.

N'estes exercicios da santa caridade, deu a alma ao creador por meio de uma morte tão exemplar como o fôra a ultima parte da sua vida. Morreu de joelhos, e assim se conservou por muitas horas depois da morte, que teve logar em um sabbado, 8 de março de 1550, com 55 annos de edade. Jaz na egreja do seu hospicio de Granada.

Foi a sua religião confirmada debaixo da regra de Santo Agostinho, pelo papa S. Pio V, no 1.º de janeiro de 1571. Floresceu a ordem de S. João de Deus por toda a christandade, em beneficio geral da pobresa e para gloria do seu santo fundador, até que a descrença do seculo XIX lançou por terra estes asylos da virtude e dos desgraçados.

A sua caridade foi contagiosa, e em breve muitas pessoas de todas as classes da sociedade fizeram eguaes votos. Em 1572, sen-

do grande o numero d'estes varões caridosos, o papa Gregorio XIII lhe impoz a regra de Santo Agostinho (a pedido de Philippe II) e se denominou—*Ordem dos enfermeiros de Santo Agostinho,* vulgarmente de S. João de Deus.

—

Pouco depois da sua morte se fundou em Madrid o grande hospital de João de Deus, e apoz este varios outros na Hespanha.

O primeiro mosteiro d'esta ordem que houve em Portugal, e por isso cabeça da sua religião, foi o de Monte-Mór-Novo, em 1625. Não houve senão mais dois conventos (propriamente ditos) d'esta ordem no reino; —o 2.º foi em Lisboa,—e o 3.º na villa de Moura; porém os religiosos de S. João de Deus, tinham mais alguns hospicios e administravam varios hospitaes militares do reino.

—

D. Affonso Furtado de Mendonça, 15.º arcebispo de Lisboa.

Já a pag. 274, col. 2.ª do 4.º volume, tratei d'este principe da Egreja; mas como é muito provavel que elle fosse natural d'esta villa, darei aqui uma mais completa historia da sua vida, extrahida do n.º 1:095 (de 4 e 5 de agosto de 1874) do illustradissimo *Jornal da Noite.* e escripta pelo sr. P. J. da Conceição:

«Ha encontradas opiniões a respeito do logar onde nasceu o decimo quinto arcebispo de Lisboa. Uns dizem que nasceu n'esta cidade, outros, porém, e contando entre elles D. Rodrigo da Cunha, querem que nascesse na villa de Monte Mór Novo, em 1501.

Foram seus paes Jorge Furtado de Mendonça, commendador das entradas, padrões e reprezas da ordem de S. Thiago, e de Mecia Henriques, filha de D. Pedro de Sousa, alcaide mór de Beja, senhor de Beringel e do Prado, e de D. Violante Henriques, filha de Simão Freire de Bobadella.

Começou os seus estudos em Lisboa, concluindo-os em Coimbra, onde tomou capello na faculdade de canones. Foi nomeado reitor da universidade em 10 de maio de 1592, cujo emprego exerceu até 1605. Philippe II nomeou-o conselheiro de estado no conselho de Portugal, desempenhando este cargo com toda a rectidão.

Foi presidente da mesa da consciencia e ordens.

A 13 de fevereiro de 1610 tomou posse do bispado da Guarda.

Teve assento nas côrtes que se celebraram em Lisboa a 14 de julho de 1619.

Por esta occasião surgiram duvidas a respeito da cruz primacial, porque os ministros castelhanos, aos quaes se reuniram alguns portuguezes, se oppunham a usar d'ella o arcebispo de Braga; porém o arcebispo não cedeu, trazendo arvorada publicamente pelas ruas de Lisboa a cruz primaciál.

Com a violencia do trabalho attenuaram-se-lhe as forças, e adquirindo alguns achaques pelas muitas vigilias, falleceu em quinta-feira maior de 1630, depois de lavar os pés aos pobres da sua sé metropolitana.

Diz-se que para a sua morte contribuiu muito o desacato commettido na freguezia de Santa Engracia. (Vide 4.º vol. pag. 112, col. 2.ª 1630.)

Foi cinco annos bispo da Guarda, dois de Coimbra, sete arcebispo de Braga e tres de Lisboa. Está sepultado na capella-mór da Sé d'esta cidade, junto aos degraus do presbyterio, da parte do Evangelho.»

—

Segundo o *Sanctuario Mariano* (tom. 6.º, pag. 113) foi o castello d'esta villa tomado aos mouros em 1139, por D. Affonso Henriques quando regresssava da gloriosa jornada de Ourique; mas, pouco depois tornou a cahir em poder dos infieis, que o occuparam, e a povoação até 1201, em que D. Sancho I a resgatou e povoou de christãos, dando-lhe o titulo de villa, *ad honorem dei, et Sanctæ Mariæ Virginis. et omnium Sanctorum montem maiorem volumus populare.*

—

Cumpre-me aqui fazer uma observação aos meus leitores, para me não julgarem em contradição. É a seguinte:

Disse que *constava* que a etymologia de *Monte Mór* lhe provinha da phrase de D. Sancho I, quando lhe perguntaram onde se

havia de *construir o castello*;—respondendo o rei—*no monte mór*.

Ora quasi todos os chronistas e historiadores dizem que D. Affonso Henriques *tomou aos mouros o castello de Monte Mór Novo*, em 1139. — Então já havia castello, e não foi D. Sancho I que o edificou. Então já esta povoação tinha o nome de Monte Mór, e não foi o tal dito rei que lh'o deu.

Na minha opinião, o nome d'esta povoação já era o mesmo no tempo dos godos (talvez traducção de *Mons Major*, nome que os romanos lhe impuzessem depois de *Castrum Malianum*). Parece que os arabes lhe conservaram o antigo nome, pois em escriptor nenhum vemos que elles lhe dessem outro.

Os nossos antigos escriptores, que tão aborrecidamente minuciosos eram em genealogias de fidalgos e em outras muitas frioleiras e puerilidades, cançavam-se pouco com investigações que lhes deviam merecer mais attenção e cuidado. É por isto que os que modernamente se teem dedicado a escrever das nossas coisas antigas, debalde folheiam innumeros alfarrabios, para esclarecerem muitas obscuridades em historia, em geographia, em etymologia e em archeologia.

Os leitores conscienciosos teem visto, pelo decurso d'esta obra, que me não tenho poupado a um arduo e tenacissimo trabalho e ás mais aborrecidas investigações em busca da verdade. Se nem sempre a encontro, não é por falta de diligencia, pois tenho feito quantas são humanamente possiveis para provar

«*Que a minha pátria amei e a minha gente.*»

—

Foi Monte Mór Novo solar de muitas familias nobres, e algumas d'ellas ainda aqui teem a sua residencia ou as suas propriedades. Mencionarei as de que tenho noticia.

Ribeira—appellido nobre d'este reino.—Procede do reino de Galliza, e passou a Portugal na pessoa de Ruy Dias da Ribeira, no reinado de D. Manuel. Foi este fidalgo alcaide-mór da villa da Amieira, n'esta provincia do Alemtejo.

Foi seu filho, Damião Dias da Ribeira, escrivão da fazenda de D. João III, o qual lhe deu brazão d'armas, na cidade de Evora, no 1.º de abril de 1526, construido do modo seguinte:

Em campo azul, um leopardo de prata, passante, armado d'ouro; chefe d'ouro, carregado de tres estrellas de purpura, de cinco pontas. Timbre o leopardo do escudo, com uma das estrellas na espádua.

—

Porcel — appellido nobre em Portugal. Veio da antiga provincia da *Vascónia* (Vascongadas — Hespanha). Um membro d'esta familia, cujo nome se ignora, veio estabelecer-se n'esta villa, que tomou por solar. Trazia por armas — em campo d'ouro, uma arvore verde, e junto d'ella um javali, negro, passante; e em chefe a cruz vermelha da ordem de Calatrava.

Estas armas eram as modernas. As primeiras de que usaram os d'este appellido, eram — em campo d'ouro, uma cabeça de javali, de negro.

Porcel, na lingua vasca, significa porco pequeno—leitão.

Costa — Vide *Feira* (villa).

Marques — appellido nobre n'este reino. Veio de Hespanha. É patronimico de Marcos.— Trazem por armas — em campo azul, um castello de prata, entre duas chaves de ouro, com os áros para cima. Elmo d'aço, aberto. Não tem timbre, por serem as armas incompletas.

Mascarenhas — Vide *Aveiro*, *Gouveia*, e *Mascarenhas*.

Martins — appellido nobre d'este reino, patronimico de *Martinho*.

O primeiro que se acha com este appellido, é Soeiro Martins, que assignou como procurador da cidade de Coimbra, na carta de juramento de D. Affonso Henriques, em 1152, sobre a apparição de Jesus Christo, na vespera da batalha de Campo d'Ourique.

D'este appellido foi Estevão Martins, deão da capella de D. João II, e do rei D. Manuel. Sendo enviado por embaixador á Allemanha, o imperador o fez conde palatino, e lhe deu por armas — escudo dividido em palla — na primeira, d'ouro, meia aguia, negra, coroada — na segunda, de azul, uma ponte de pra-

ta, d'um só arco. Contra-chefe estreito, de ondas d'azul e prata.

Os *Martins Mestres*, usam do brasão dos Mestres, que procedem de Estevão Martins Mestre, e trazem por armas — escudo dividido em palla — na primeira, d'ouro, meia aguia, de negro, coroada — na segunda, de purpura, uma jarra de prata, gotada d'azul. Elmo d'aço aberto; timbre, a jarra do escudo.

Mendes — appellido nobre n'este reino; patronimico de *Mendo*. Os primeiros portuguezes que se acham com este appellido, são os dois bravissimos capitães, Soeiro Mendes, *o Bom* — e Gonçalo Mendes da Maia, *o Lidador* — adiantado-Mór de D. Affonso Henriques, pelos annos de 1136 até 1185, em que morreu em batalha contra os mouros, cheio d'annos e coberto de gloria. Soeiro e Gonçalo, eram irmãos, assim como o era o famoso D. Paio Mendes, arcebispo de Braga. (Vide *Maia*.)

As primeiras armas de que ha noticia, dadas aos Mendes, foram concedidas pelo rei D. Manuel, a Manuel Mendes da Maia, descendente do Lidador, por carta regia de 1520, em premio das grandes façanhas que este bravo militar obrou na Africa.

São estas armas — escudo dividido em faxa; na primeira, d'azul, uma muralha de prata, com ameias e duas torres, uma em cada canto da muralha, tudo lavrado de negro, e uma porta do mesmo, no meio — a segunda, dividida em palla — na primeira, de purpura, uma cabeça de mouro, com turbante de prata e azul, cortada em sangue — na segunda, tambem de purpura, tres lanças de prata, com hasteas d'ouro, em roquête. Elmo de prata — timbre, a cabeça de mouro, do escudo.

Ha em Portugal outra nobre familia do mesmo appellido, que procede de um fidalgo gallego, chamado D. Estevão Mendes de Araujo. Trazem estes Mendes por armas — escudo dividido em palla — na primeira, de purpura, um braço, de prata, tendo na mão uma espada, com guarnições d'ouro, com a ponta para baixo, enfiada por um broquel do mesmo — segunda, d'ouro liza. Elmo de prata — timbre, o braço armado com a espada, como o do escudo, mas em acção de cutilar.

D. Antonio Mendes, primeiro bispo d'Elvas, usava por armas — em campo d'ouro, tres faxas de purpura, orla de prata, carregada de oito cruzes, de purpura.

Outros Mendes, trazem por armas — em campo de purpura, cinco bandeiras azues (duas em banda, duas em contrabanda e uma em palla, no meio d'ellas) com hasteas d'ouro, e ferros da sua côr, cada uma carregada de tres crescentes de prata.

Ainda outros Mendes, trazem por armas — em campo de prata, semeado de azinheiras verdes, chefe d'ouro, carregado de quatro cabeças de mouro, toucadas de prata e azul, cortadas em sangue, e por differenças, uma brica com seu coxim.

Moura — Vide *Moura*, villa.

Pinheiro — Vide *Barcellos*.

Seabra — Vide *Feira*, villa.

Secco — appellido nobre em Portugal — cuja familia é do ducado de Millão, na Italia (onde se diz *Sico*). — Veio para este reino, na pessoa de Jorge Sêcco, que aqui justificou a sua ascendencia, por certidão, passada na dita cidade, em 1584. A seu filho, Pedro Alvares Sêcco, deu Philippe II, por armas — em campo de prata, um leão de purpura, com uma espada azul, com guarnições d'ouro, na mão direita — e uma contrabanda azul, que passa por uma das mãos do leão, carregada de tres rócas, de prata.

Tavares — Vide *Assumar*, *Fáro*, *Fronteira*, *Mira* e *Tavares*.

—

Ha mais appellidos nobres n'esta villa, que não descrevo aqui, por já hirem em outras terras.

—

Monte-Mór-Novo, ainda não tem barão nem visconde; mas tem cousa melhor, e mais util — é aqui a 11.ª estação do caminho de ferro do Sul e Sueste.

—

Em 28 de novembro de 1860, falleceu no hospital da Misericordia, d'esta villa, Isidora de Jesus *(a Rabona)*, com 108 annos e alguns mezes de edade. Foi casada sete vezes, e esteve em risco de ficar viuva do seu 7.º

marido, Manuel Antonio, que estava perigosamente doente quando ella morreu. Eram ambos naturaes d'esta villa. Quando casou a ultima vez, tinha mais de 80 annos. Gosou sempre boa saude, e era de muito bom comportamento. Tivera alguns bens da fortuna, mas veio a morrer pobre. Gabava-se de ter sempre vivido em paz com todos os seus sete maridos.

—

O rio, que aqui passa, tem o nome de Almançor até á villa de Canha, tomando o seu nome, d'ella para baixo. Corre de E. a O., entrando na esquerda do Tejo, abaixo de Benavente.

MONTE-MÓR-VELHO—Villa, Douro, cabeça do concelho e da comarca do seu nome (foi da comarca da Figueira da Foz), 24 kilometros a O. de Coimbra, 18 a E. do oceano e da Figueira, 6 ao N. de Verride, 18 ao S.S.E. de Soure, 6 ao E.S.E. de Santo Varão, 12 a E. N. E. de Tentugal, e 190 ao N. de Lisboa, — 600 fogos, em duas freguezias (Santa Maria da Alcaçova, e S. Martinho)—Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Em 1757, tinha cinco freguezias:

1.ª — *S. Miguel, archanjo* — os duques de Cadaval apresentavam o prior, que tinha 250$000 réis de rendimento annual. Tinha 43 fogos.

2.ª — *Santa Maria Magdalena* — os mesmos duques apresentavam o prior, que tinha 120$000 réis de rendimento. Tinha 98 fogos.

3.ª — *O Salvador* — O real padroado apresentava o prior, que tinha 300$000 réis de rendimento. Tinha 38 fogos.

4.ª — *S. Martinho* (existente) — As religiosas de Santa Clara, de Coimbra, apresentavam o vigario, que tinha 90$000 réis de rendimento. Tinha 286 fogos.

5.ª — *Santa Maria da Alcaçova* (existente) — A mitra apresentava o vigario, que tinha de rendimento 260$000 réis. Tinha 280 fogos.

Vê-se pois que ás cinco freguezias d'esta villa em 1757, tinham 745 fogos; 145 mais do que actualmente; e 953 (hoje) menos do que em 1715, pois tinha então 1553 fogos!

O concelho de Monte-Mór-Velho é composto das 14 freguezias seguintes, todas no bispado de Coimbra — Arazêde, Carapinheira, Gatões, Licéia (ou Lecéia), Means, Pereira, Revéles, Santo Varão, Seixo, Tentugal, Verride, Villa Nova da Barca, e as duas de Monte Mór-Velho.

Todas com 5:400 fogos.

A comarca é composta só do seu julgado.

—

Esta importante povoação, está edificada nas abas de um monte (do qual lhe provêm o nome) na margem direita do Mondêgo, em formosa situação. De um e outro lado do monte se estendem os vastissimos, bellos e feracissimos campos do Mondêgo.

No alto do monte estão as soberbas ruinas do seu nobre e vetusto castello, e d'alli se gosa um vasto e delicioso panorama.

Mesmo que não acreditemos na fabulosa antiguidade que lhe dão alguns escriptores, portuguezes e castelhanos, que fazem remontar a sua fundação ao anno 2104 do mundo (1900 antes do nascimento de Jesus-Christo) atribuindo-o ao, tambem fabuloso, Brigo, 4.º rei das Hespanhas; é certo ser uma das mais antigas povoações da Peninsula Iberica.

O nome mais antigo que se lhe conhece, é *Mirobriga* [1] (cidade ou povoação de *Miro*).

Já se vê que esta palavra é gallo-celtica, em vista da sua terminação *(briga)* ainda que *Miro* é cognome suevo, talvez tomado do celta. (Vide col. 1.ª, pag. 338 d'este volume.)

Supponho pois poder-se affirmar, que esta povoação data, pelo menos, dos annos 500 ou 400 antes de Jesus-Christo.—Nos primeiros seculos da nossa monarchia se chamava — *Monte-Mór-Sobre o Mondêgo.*

Ainda alguns escriptores dizem que *Mirobriga* era a actual villa de S. Thiago do Cacem; mas parece-me que esta povoação era a antiga *Merobriga*, como procurarei provar no artigo de *São Thiago do Cacem.*

A muita similhança d'estes tres nomes,

[1] E não *Medobriga* (cidade ou povoação dos médos) que essa cidade romana occupava o local em que estão as actuaes villas de Marvão e Aramenha, e o territorio que fica entre ellas. Vide *Aramenha*, a pag. 226 do 1.º vol., e *Marvão*, a pag. 115 d'este.

Medobriga, Mirobriga e Merobriga, é que tem causado os enganos nos escriptores.

—

Soffreu esta povoação, como todas as da Lusitania, as consequencias das diversas conquistas, dos romanos, gôdos, e arabes. Estes a occuparam em 716; porém, d'ahi a 132 annos (848) D. Ramiro I, de Leão, a resgatou do poder dos mouros.

Era abbade do mosteiro de Lorvão, ou foi então alli posto pelo rei leonez, seu tio, o famoso abbade João, a que seu sobrinho deu o governo do castello de Monte-Mór-Velho.

Em breve deu o valoroso abbade evidentes provas de que sabia tão bem cantar matinas e laudes, na egreja, como manejar o seu pesado montante nos combates.

Abd-el-Raman, rei, ou kalifa, de Córdova, investe o castello d'esta villa (no mesmo anno de 848) com um poderoso exercito; porém a heroica defeza e bravissima resistencia do abbade e dos seus portuguezes o fez levantar o cêrco, para ser derrotado por D. Ramiro I, na gloriosa batalha de *Clavijo*.

Pouco depois se revoltaram contra o rei, os condes Alderêdo e Pinelo. O abbade sáe com parte da sua gente, do castello, e os submetteu. Marchou na direcção de Viseu e derrotou os mouros em um rude combate.

> Diz-se que este combate foi dado nas immediações da actual freguezia de S. Miguel (hoje Santa Margarida, do Feital, vide vol. 3.º, pag. 161, col. 2.ª) e que foi por essa occasião que o bispo de Salamanca descobriu a sepultura de D. Rodrigo, ultimo rei gôdo.

Mas, emquanto o abbade João se occupava d'estas expedições, *Garcia Janhes*, renegado (entre os mouros *Zulema*) que tinha sido familiar do abbade João, combinava com o kalifa de Cordova, a perda dos christãos da Lusitania.

O kalifa lhe dá um formidavel exercito, com o qual o renegado dá inopinadamente sobre Monte-Mór, pondo-lhe um apertadissimo cêrco. A povoação da villa e o abbade e monges de Lorvão, que se tinham posto ao abrigo da fortaleza, resistem com denodo á agressão; mas a praça estava desprevenida de vitualhas, e a fome principiou a affligir a guarnição.

Então os montemorenses, imitando os heroes de Sagunto, decidiram morrer, matando.

Resolvidos a romper por entre as hostes agarenas, degolaram todas as pessoas das suas familias que os não podiam acompanhar, e sahiram decididos a vingar as suas mortes e as dos seus.

Com tal furor, porém, atacaram os mouros, desprevenidos, e que não esperavam tamanho arrojo dos cercados, que aquelles foram completamente desbaratados. O renegado Garcia e quasi todos os seus, ficaram mortos no campo, retirando poucos, na maior desordem e a unhas de cavallo.

> Segundo a lênda, referida por muitos historiadores, quando os christãos entraram na villa, acharam resuscitadas todas as pessoas que no acto da sua heroica desesperação tinham assassinado.
>
> Em memoria d'este milagre, ainda hoje, em agosto, se fazem n'esta villa festas populares.

—

Cento e trinta e seis annos se conservou Monte-Mór guarnecida por christãos; porém, em 985, Al-Mansor, kalifa de Córdova, se precipita, como uma *avalanche*, sobre a Lusitania, com um numerosissimo exercito, e conquista e destroe Monte-Mór-Velho, Coimbra, Vizeu, Lamego, Braga e outras muitas povoações, reduzindo esta parte da Peninsula quasi a um deserto alagado em sangue.

D'alli a 13 annos (998) o mesmo kalifa, que se cognominava *açoite de Deus*, investe de novo a Lusitania, entrando pela Galliza. O valoroso conde, D. Forjaz Vermueiz (progenitor dos condes da Feira, e de muitas das mais nobres familias portuguezas) se oppoz á invasão do mouro; e, fazendo o perigo unir os principes christãos, D. Bermudo, rei de Navarra, e o conde D. Garcia Fernandes, unidos a D. Forjaz, esperaram os mouros no sitio de Alcantanaçor (junto a

Osma) e os desbarataram, ficando perigosamente ferido Al-Mansor.

Monte-Mór continuava sendo uma formidavel fortaleza mourisca, e os arabes, d'aqui faziam assoladoras correrias pelas povoações e campos circumferentes, crescendo as suas crueldades, exasperados pela perda de Coimbra em 1040.

Então, D. Fernando I (o Magno) rei de Leão e Castella, resolveu, a todo o custo, destruir a temerosa praça de Monte-Mór, e atacando-a inopinadamente, a toma de assalto, com grandes perdas dos christãos e quasi total dos mouros.

Para que esta fortaleza não continuasse a ser o paladium dos mahometanos, o rei a fez arrazar até aos fundamentos, bem como á povoação, não ficando pedra sobre pedra.

Pelos annos de 1088, reinando em Castella D Affonso VI (pae da rainha D. Thereza e avô do nosso primeiro rei) foi o castello e villa de Monte-Mór reedificados, e povoados e defendidos por christãos, por diligencias do conde D. Raymundo de Burgonha, genro de D. Affonso VI, e pelo famoso conde D. Sisnando, governador de Coimbra.

O conde D. Henrique e seu filho, D. Affonso I, cuidaram com a maior sollicitude da reedificação de todas as obras de defeza d'esta praça, ampliando-as e construindo outras de novo; porque estando os arabes ainda senhores de quasi toda a Extremadura portugueza, era Monte-Mór-Novo um posto avançado dos portuguezes, e por muitas occasiões foi a salvaguarda de Coimbra, nas differentes entradas que os mouros fizeram por estas terras, desejosos de recuperarem a sua querida cidade.

—

D. Sancho I, deixou em testamento o senhorio d'esta villa e d'outras, a suas filhas as infantas D. Sancha e D. Thereza; porém, D. Affonso II, vendo que seu pae deixára aos irmãos a maior parte das riquezas da corôa, ficando elle sem as necessarias para sustentar a sua côrte com a decencia conveniente, se oppoz a estas prodigalidades, e teve grandes contendas com seus irmãos, a ponto de terem o infante D. Fernando, de fugir para Castella; e D. Pedro para Marrocos.

As infantas defenderam-se nos seus castellos, d'onde pediram auxilio ao papa Innocencio III, e ao rei de Leão.

Só depois de bastantes desordens, é que os irmãos se reconcilaram.

É por esta rasão que a esta villa e seu termo se chamava, no tempo dos nossos primeiros reis — *Terra do Infantado;* porque, mesmo depois da morte de D. Sancha e de D. Thereza, quasi sempre esta villa foi do senhorio de algum infante como adiante se verá.

Tinha esta villa voto em côrtes, com assento no banco 5.°

As suas armas, são — um castello de ouro em campo de púrpura, e sobre elle o escudo das quinas.

Jorge Cardozo, o padre Carvalho da Costa, e outros, lhe dão por armas, simplesmente as de Portugal.

Monte-Mór-Velho, como todas as povoações antigas da Peninsula, tem as ruas quasi todas estreitas, tortas e mal calçadas, e poucas casas que se possam chamar boas.

Para o lado do rio, tem um bello rocio, ou campo, onde está o mosteiro de Nossa Senhora do Campo.

O seu porto é frequentado por muitos barcos, que navegam pelo Mondego.

Ainda se vêem as suas antigas muralhas, cóm as suas tres portas, tudo em máo estado.

Os arrabaldes da villa, são muito lindos e amenos, tanto pelas hortas, pomares, e vinhas, como pelas muitas fontes que os regam, e pela visinhança do poetico Mondego.

O seu territorio produz grande abundancia de cereaes, fructas e legumes, e algum azeite e vinho. Cria-se aqui muito gado, de toda a qualidade, e nos seus montes ha abundancia de caça. O rio e o mar, fornecem a povoação de muito e variado peixe.

O foral mais antigo que d'esta villa existe na Torre do Tombo, lhe foi dado pelas rainhas D. Thereza e D. Urraca, filhas de D. Sancho I, em maio de 1212; o qual foi confirmado, em Coimbra, por D. Affonso III, a

2 de agosto de 1248. (Maço 7.º de foraes antigos, n.º 2—Minuta para este foral, Gav. 20, maço 12, n.º 9).

D. Manoel lhe deu foral novo em Lisboa, a 20 de agosto de 1516. *(Livro de foraes novos da Extremadura, fl. 230 v.º, col. 2.ª)*

Este foral serve tambem para as terras seguintes: Alcaçova, Alfarellos, Alhadas, Arzêde, Azoya, Barca da Lavandeira, Barca de Verride, Bellida, Cadima, Carcavellos, Eireira, Formozelhe, Figueiró, Fonte de Lobos, Freixo, Granja d'Almeira, Granja do Camareiro, Granjêlhos, Magdalena, Paço de Grijó, Paços de S. Salvador das Candozas, Queitide, Quiayos, Reveleis, S. Martinho de Villa, S. Miguel, Sanverão, Sêrro-Ventoso, Souzellas, e Vinha da Rainha.

—

Festa de Nossa Senhora da Victoria.—Quando o abbade João, tio de D. Ramiro I, de Leão, e os montemorenses, venceram e derrotaram os mouros de Al-Mançor, que sitiavam a villa, como fica dito, instituiu o mesmo abbade, em commemoração d'esta milagrosa façanha, a festa de Nossa Senhora da Victoria, a que vulgarmente se dava o nome de *festa do abbade João.*

D. João V, para auctorisar e perpetuar esta patriotica solemnidade, expediu uma provisão régia, que, por ser curiosa, transcrevo. É a seguinte:

«D. João, por graça de Deus, rei de Portugal e dos Algarves, etc.

«Faço saber, a vós, juiz de fóra, vereadores e procurador da camara, da villa de Monte-Mór-Velho, que se viu a vossa conta, em que me representastes que os moradores d'esta villa celebravam todos os annos, o portentoso milagre, que obrára com os seus maiores, a Santissima Mãe de Deus, com o titulo da Victoria; pois, sendo degolados, pela direcção do abbade João, tio de el-rei D. Ramiro, todos os velhos, mulheres e meninos, por não cahirem nas mãos dos mouros que tinham cercado o castello d'essa mesma villa, antes dos catholicos que defendiam o castello sahirem a pelejar com os barbaros, alcançando d'estes, um maravilhoso triumpho, acharam depois da batalha, resuscitadas todas as pessoas que tinham degolado; conservando-se na garganta o signal das feridas, que se continuaram muitos tempos, em algumas familias d'essa villa, e, de todo o referido houvera sempre uma tradição immemorial, continuada successivamente de paes a filhos; por cujo motivo, não só se repetia a dez d'agosto a memoria d'estes prodigios; porém, esta Soberana Virgem, era protectora a quem essa mesma villa recorria em todas as suas necessidades, nas quaes tinha mostrado muitas vezes o seu poder, e a piedade do seu soberano patrocinio, e que estas patentes e sagradas circumstancias, persuadiram muitas pessoas d'essa villa, a que todos tomassem por padroeire d'ella, a Senhora da Victoria; e assim o requereram a essa camara, e que esta a festejasse com esse titulo, e fizessem numerar esta festa entre as suas: por cuja razão vos resolvereis a convocar toda a nobreza e povo, que todos uniformemente proclamaram, que fosse a mesma Senhora da Victoria a sua padroeira, de que se fizera o termo que remetteis. E, para que este tivesse toda a validade precisa, esperaveis que Eu fosse servido mandal-o observar. E, visto o mais que referistes, e o que constou, por informação do provedor da comarca de Coimbra, e resposta do procurador da minha corôa, a quem se deu vista, e não teve duvida.—Hei por bem, e vos mando, que observeis o termo de acclamação, que fizestes com a nobreza e povo d'essa villa, para que a Virgem Nossa Senhora, com o titulo da Victoria, seja padroeira d'ella; e que numereis a sua festa entre as mais d'essa camara, para ficar perpétua a memoria d'este prodigio. Cumpri-o assim; e esta provisão fareis registar nos livros da camara, para a todo o tempo constar que assim o Houve por bem. El rei Nosso Senhor, o mandou, pelos doutores Manoel Gomes de Carvalho e Fernando Pires Mourão, ambos do seu conselho, e seus desembargadores do paço.—Manoel Ferreira Serrão a fez, em Lisboa, a 20 de dezembro de 1746 annos—José Galvão de Castello-Branco, a fez escrever—Fernando Pires Mourão—Manoel Gomes de Carvalho—Por despacho do desembargo do paço, de 19 de dezembro de 1746.»

Com o andar dos tempos, foi pouco a pouco diminuindo a influencia d'esta solemnidade, até que deixou de fazer-se. Em 1863 porém, se tornou a restabelecer, pela vontade geral do povo, com o mesmo antigo esplendor, e continúa até ao presente.

—

Quando esta villa tornou à cahir no poder dos mouros (996) ficou quasi arrasada, e assim esteve algum tempo, até que o mouro Ben-Afalgi, a reedificou, com o nome de *Malinense*, convertendo o seu castello na mais temivel fortaleza d'aquelle tempo.

—

O seu mercado quinzenal, é notavel pela abundancia e variedade dos productos agricolas que a elle concorrem, e pelas importantes transacções commerciaes que alli se operam.

—

Em frente de Monte-Mór-Velho, e do outro lado do campo, na opposta margem do Mondégo, fica a antiga villa de Verride, outr'ora rival d'aquella, e célebre pelas suas afamadas aguas sulphureas.

—

No termo d'esta villa, no logar de *Fonte-Cóva*, nasce o rio *Aroeira*, que corre de N. a S., e desagúa no Mondêgo.

—

Do que fica dito de Monte-Mór-Velho, se vê que é notavel pela sua antiguidade, e foi sempre uma povoação importantissima, mesmo que deixe de se dar credito a algumas das suas lendas e tradições. Já vimos que no reinado de D. João V era cabeça de comarca, com o respectivo juiz de fóra. Esta comarca foi supprimida depois de 1834, mas tornou a restaurar-se.

Teve antigamente *provedor*, cuja jurisdicção foi extensissima, comprehendendo logares que hoje pertencem a tres diversos districtos administrativos (Leiria, Coimbra e Aveiro!)

—

Foi sempre o povo d'esta villa e seu termo leal, valente e patriota. Já vimos que nas guerras contra os mouros, defendeu sempre com inexcedivel bravura, as suas muralhas. No reinado de D. Affonso II, sustentou com o maior denodo e dignidade os direitos incontestaveis das infantas, D. Sancha e D. Thereza.

Aqui veio ter, em 25 de julho de 1808, o bravo Antonio Ignacio Cayola, com 40 bravos soldados vindos de Coimbra, aos quaes se juntaram muitos bravos montemorenses, e com estes e outros povos das immediações foram expulsar os francezes, da fortaleza da Figueira. (Vide vol. 3.º, pag. 188, col. 2.ª, e pag. 189, col. 1.ª)

Já antes d'isso, em 1602, tambem foram os moradores de Monte-Mór-Velho, que, com outros portuguezes, foram resgatar a villa da Figueira, do poder dos inglezes. (Vide o mesmo 3.º vol., pag. 190, col. 1.º e 2.ª)

—

O castello tinha capacidade para aquartelar uma guarnição de cinco a seis mil homens; e, apezar de muito arruinado, conserva ainda as muralhas do seu recinto, com as suas ameias, torres e séteiras, bem como tres cisternas ou subterraneos no seu centro, uma para deposito de agua, e as outras para munições de guerra e de bocca.

Dentro do castello ha o templo de S. João, onde se diz que o famoso abbade João, dizia missa, e animava os montemorenses com os seus sermões catholicos e patrioticos. Tambem aqui está o de Santa Maria d'Alcáçova, construido por ordem do não menos famoso conde D. Sisnando, governador de Coimbra, no reinado de D. Affonso VI, (sogro do conde D. Henrique) e durante o governo d'este mesmo conde.

Tambem está dentro do castello o antigo palacio real, que se suppõe construido pela rainha D. Urraca, mulher do conde D. Raymundo, e irman de D. Thereza, mãe de D. Affonso Henriques.

Suppõe-se que as mais antigas obras de defeza hoje existentes, foram mandadas fazer em 1109 pelo conde D. Henrique e pelo conde D. Sisnando, que então povoaram esta villa. D. Sancho I tambem, em 1210, fez algumas fortificações, ou ampliou as antigas.

—

Não se sabe a origem do nome actual d'esta villa, nem quando principiou a ser designada por elle. Já a pag. 37, col. 2.ª, d'este

volume, tratando de *Maiorca* narrei a tradição que corre sobre esta etymologia. O que é certo é que desde o IX seculo se denominava *Monte-Mór*, e que se lhe accrescentou o *Velho*, desde que D. Sancho I reedificou a villa de Monte-Mór-Novo, no Alemtejo. Tambem antes de ser Monte-Mór-Velho, se denominava—*Monte-Mór-Sobre-o-Mondêgo*, o que faz suppôr que já havia a villa alemtejana do mesmo nome, aliás não era preciso distinguil-a com a indicação de — *Sobre-o-Mondêgo*.

—

A amenidade d'esta villa e de seus formosos arrabaldes, procede da proximidade com o seu vastissimo campo, dos rocios que ha dentro e proximo da villa, da visinhança do formoso Mondégo, deslisando-se placido e sereno, orlado de salgueiraes, por entre vastas campinas cultivadas; e ainda por ser atravessada pela valla, que desde a *Ladroeira* corre até á *ponte da Alagôa*, a qual, bem como a ponte que está junto ao *Casal-Novo*, e os chafarizes da praça, consta ser obra do infante D. Pedro, regente do reino, na menoridade de D. Affonso V, e seu tio e sogro. (O que morreu no combate da Alfarrobeira, em 20 de março de 1449.)

—

Os vastos e desaproveitados largos e baldios d'este concelho, chamados — *Largo de S. Francisco, Porto-Peão, Terreiro da Feira* (ou *Campozel*), *Corredouro, Atraz de Vallas, Rocio dos Anjos, Areal, Cardal*, e outros menores, podiam, e deviam, ser arborisados, o que não só melhoraria as condições climatericas do concelho, mas daria ás camaras um bom rendimento.

—

Era tradição constante na villa, que o nome dado ao sitio das *Caldas*, a pequena distancia da povoação, procedia de haver alli em tempos remotos umas thermas. Os factos vieram confirmar a tradição. Em 1850 se descobriu aqui uma nascente d'aguas sulphureas, bem como arcos de pedra e tanques ou banheiras antiquissimas, o que prova ser construcção romana, ou, pelo menos arabe, e serem applicadas estas aguas como remedio de certas enfermidades, desde muitos seculos. Tambem estas thermas comprovam a antiguidade d'esta villa, e a sua importancia em tempos remotos.

—

Tendo fallado tantas vezes n'este artigo do abbade João, vulto legendario do seculo IX, cumpre-me dizer que elle fundou o convento de Ceice, onde falleceu a 2 de fevereiro de 867, e foi enterrado na egreja d'este mosteiro. Para o mais que diz respeito a este abbade, vide o que adiante digo quando fallo da egreja dos Anjos, e *Coimbra* e *Lorvão*.

Para se saber o que era a famosa *justiça de Monte-Mór*, vide o ultimo artigo do 3.° volume, a pag. 431.

—

Fallei tambem da rainha D. Thereza, senhora d'esta villa, pelo que julgo dever notar, que era filha de D. Sancho I, de Portugal, e irman da rainha santa Mafalda (vide *Arouca*).—Casou esta senhora, com seu primo, D. Affonso, rei de Leão, sem a prévia dispensa do papa, pelo que foi annullado este casamento, com grande pezar do monarcha leonez, que a adorava pelas suas raras virtudes e grande formosura. Dera-lhe elle muitas terras e rendas em Castella, e não só lh'as não tirou, depois da separação, mas ainda lh'as accrescentou.

D. Sancho I, logo que sua filha regressou a Portugal, lhe deu tambem muitas villas e coutos, em 1200, e nomeadamente esta villa e a de Esgueira, as quaes ella, pelos annos de 1202 doou ao mosteiro de Lorvão.

—

Na doação que o conde D. Raymundo e sua mulher, a rainha D. Urraca, fizeram aos novos povoadores de Monte-Mór-Velho, em fevereiro de 1095, se nomeia particularmente *Zalema Godinho*, a quem dão a villa de Mira, com todos os seus termos, e um moinho que está junto da *fonte de Caraboi* — «*quae omnia usque in hodiernum diem in atondo, et prestamo tenuit.* (Vide Mira).

Atondo, era o direito de arrotear, romper e cultivar algum terreno inculto, não o podendo, porém, dar, doar, tro-

car ou vender — isto é — sendo um mero usufructuario.

—

O castello de Santa Eulalia, em que L. A. Rebello da Silva localisou as scenas mais interessantes do seu romance *Odio velho não cança*, estava no alto monte que derruba sobre a *ponte do Barco*, para o lado de Monte-Mór-Velho, e no sitio onde se vê agora a capella de Santa Eulalia, que se julga ter sido fundada com materiaes do vetusto castello, e no logar que este occupava, e do qual poucos vestigios existem. Suppõe-se, com bons fundamentos, que esta fortaleza era obra dos romanos, porque appareceu aqui uma estatua de marmore, da deusa Juno.

Em 1116, os arabes o arrazaram até aos fundamentos, indo fazer o mesmo ao de Soure e outros. Consta que na edade média foi uma fortaleza temivel. Hoje apenas se distinguem alguns alicerces, porque a pedra de suas muralhas foi empregada não só na construcção da referida capella, como na da ponte do Barco.

Em 1166, D. Affonso I deu este castello (o sitio d'elle) com todas as rendas que lhe pertenciam, e eram dos alcaides-móres do mesmo, ao mosteiro de Santa Cruz de Coimbra.

Estas rendas consistiam no *oitavo* de todos os fructos, que lhe pagavam as villas de Maiorca e Alhadas, e as povoações confinantes.

—

O rei D. Diniz deu o senhorio d'esta villa e o padroado das suas egrejas, a sua irman, a infanta D. Branca, em junho de 1286.

—

O mesmo monarcha, quando se reconciliou com seu filho D. Affonso (depois IV) a rogos da rainha Santa Isabel, entre outros senhorios, lhe deu, no principio de maio de 1322, o d'esta villa.

—

O infante D. Pedro, duque de Coimbra, filho de D. João I (o que morreu em Alfarrobeira) foi tambem senhor de Monte-Mór-Velho, e de outras muitas terras.

—

D. João II deu esta villa, e o mais que tinha sido do dito infante D. Pedro, a seu filho bastardo, D. Jorge de Alencastre, tronco da casa ducal d'Aveiro, para onde vieram a passar estas rendas.

O rei fez todas as diligencias para que este D. Jorge lhe succedesse na corôa; porem a virtuosissima rainha D. Leonor, sua mulher, e a maior parte da corte, se opposeram, vindo por morte de D. João II, a succeder-lhe na corôa, seu primo e cunhado (irmão da rainha) D. Manuel, duque de Viseu, natural d'Alcochete.

—

A egreja dos Anjos é o melhor templo da villa. É de *architectura manuelina;* porém está degenerada com as reparações, accrescentes e ornatos de estylo da renascença, e de pessimo gosto.

Em uma lapide, na capella de Nossa Senhora da Piedade, d'esta egreja, está gravada uma célebre sentença da inquisição, conjuncta com o epitaphio de D. Margarida de Mello Perestrello.

D'esta inscripção consta que sendo esta senhora accusada de heresia, á inquisição de Coimbra, fôra presa nos carceres do *santo officio*, no anno de 1666, e alli foi conservada 17 annos, até que falleceu no mesmo carcere, em 1683.

Depois da sua morte, e não tendo podido n'aquelles 17 annos de supplicio, acharem culpabilidade n'esta infeliz, se resolveram os inquisidores a declaral-a innocente! — Passaram então a tal sentença, pela qual — *absolvem a ré e declaram que a seus ossos se póde dar sepultura ecclesiastica, e offererecer a Deus, por sua alma, os sacrificios e suffragios da Egreja; e mandam que esta sentença se leia na sala da inquisição, e depois se publique na parochial egreja da villa de Monte-Mór-o-Velho, d'onde a ré era freguesa, na estação conventual, para que venha á noticia de todos; e lhe seja levantado o sequestro, que em seus bens se lhe havia feito, e* D'ELLES SE PAGUEM AS CUSTAS. (!)

—

Está n'esta egreja o bello tumulo do céle-

bre Diogo da Azambuja, escondido atraz do altar-mór, do lado do Evangelho. É tambem de architectura manuelina, de graciosa fórma e com primorosos lavores.

Sobre a tampa está deitada a estatua d'este nobre cavalleiro, representado em trajos de guerreiro, com armas brancas. Tem esta inscripção gravada na frente do mausoleu:

AQVI IAS DIOGVO DAZAMBVIA, DO CONSELHO DEL REI, CAVALEIRO DA ORDEM DAVIS, COMMENDADOR DA CABEÇA DE VIDA E ALTER PEDROSO, O QOAL, NAS GVERAS DE CASTELLA, POR EL REI DOM AFONSO, TOMOV AOS CASTELHANOS A VILA DALEGRETE, ONDE LHE QVEBRARAN VA PERNA, E FEZ O CASTELLO DE SAM JORGE DA MINA, E SVGIGOV TODA AQVELLA TERRA, E FEZ O CASTELLO REAL EM AFRICA, E TOMOV A CIDADE DE ÇAFIM AOS MOVROS, PER SVA SOO INDVSTRIA E VALENTIA, E ASI FEZ OVTRAS MVITAS COVSAS DINAS DE MEMORIA E LOVVOR, EM TENPO DOS REIS DOM AFOMSO E DOM JOAM, O SEGVNDO E DOM MANVEL, O PRIMEIRO, COMO EM SVAS CRONICAS SE PODE VER; E FEZ ESTE MOSTEIRO DE NOSSA SENHORA DOS ANIOS.
FALECEO DE 86 ANNOS, DIA DE NOSA SENHORA D'AGOSTO, DA ERA DE 1518.

(Vide vol. 1.º, pag. 286, col. 2.ª)

—

Do *Guia historico do viajante em Coimbra e arredores*—do sr. doutor Augusto Mendes Simões de Castro, copiei o seguinte:

Castello de Monte-Mór-Velho

«É raro encontrar-se em Portugal uma fortaleza de aspecto tão imponente como este castello, com as suas ameias e cubêllos, cingidos de espessa ramagem de heras a contrastar com a côr denegrida e tisnada das pedras carcomidas, e mostrando ainda nas pittorescas ruinas, a que está reduzido, a formosura e robustez da sua construcção.

Para os effeitos estrategicos que requeria a arte militar de outras eras, nenhuma fortaleza podia estar melhor situada. O monte, sobre que campeia, ergue-se abrupto, no meio das extensas planicies do Mondêgo, e as suas vertentes descem quasi aprumadas para todos os lados. D'esta maneira, a villa, encostada ao velho alcaçar, ficava bem guardada e defendida, á sua sombra protectora.

Das ruinas do castello, gosa-se um esplendido e bellissimo panorama.—Ao longe, os vastos e ferteis campos do Mondêgo, bordados de pittorescas collinas, onde alvejam, quasi sem interrupção, mil casaes, palacetes, pequenas e grandes povoações, e, á frente de todas, a risonha Coimbra; aqui o poetico e formoso rio, com as longas orlas de salgueiros, choupos e chorões, acurvados graciosamente sobre as suas aguas crystalinas; e a nossos pés a povoação, edificada á meneira de throno, servindo-lhe o logar em que estamos, como de ultimo degráu. Fórma tudo isto um quadro magestoso e formosissimo, que faz deter alli o espectador, por longo tempo.»

A egreja de Santa Maria de Alcáçova, foi edificada dentro do castello, pelo presbytero *Veremundo*, ou *Vermudo*, com auctoridade do conde D. Sisnando, governador de Coimbra, pelos annos 1090 de J.-C.—Veremundo deu metade d'esta egreja á Sé de Coimbra (sendo bispo D. Cresconio) aos 9 das kalendas de janeiro, da era de Cesar 1133, que corresponde a 30 de dezembro do anno 94 de J.-C.

Esta doação está a fl. 24 v. do *Livro Preto da Sé de Coimbra*. N'ella se descreve a solidão em que n'esse tempo estava o castello, abandonado desde o tempo dos arabes, e servindo só de valhacouto de feras e reptis.

D. Affonso III doou depois esta egreja ao bispo D. Egas e ao cabido de Coimbra. O bispo D. Jorge d'Almeida, mandou fazer obras importantes n'esta egreja.

Conventos

1.º — *Frades franciscanos* (da invocação de S. Luiz). — Foi fundado pelo padre Thomé Couceiro Lobo; mas não pude saber a data da sua fundação. Já estava supprimido antes de 1834.

2.º — *Frades agostinhos* (da invocação de Nossa Senhora dos Anjos). — Foi fundado por Diogo da Azambuja, no seculo XVI. — Supprimido.

3.º — *Freiras franciscanas* (da invocação de Nossa Senhora de Campos.—Foi fundado por D. Isabel de Azevedo, viuva do celebre D. João de Castro, 4.º vice-rei da India, no principio do seculo XVI. — Em 1691 foi este mosteiro transferido para *Sandelgas*. Em 1848, foi supprimido, hindo as freiras que restavam, para o mosteiro de Santa Clara de Coimbra, em 30 de setembro d'esse anno.

O padre frei Agostinho de Santa Maria, no seu *Sant. Mar.* (tom. 4.º, liv. 2.º, tit. 13), trata d'este mosteiro: diz elle, que no campo junto á villa existia de tempos immemoriaes uma capella dedicada á Santissima Virgem, á qual em razão do sitio em que estava edificada a ermida, se denominou *Nossa Senhora de Campos.*

Tinha grande devoção com esta imagem, D. Isabel d'Azevedo, e ficando viuva, se recolheu em umas casas que tinha, junto da ermida, com algumas mulheres virtuosas, dando assim principio ao mosteiro que pouco depois adoptou a regra de terceiras de S. Francisco; com auctoridade do cardeal Juliano, penitenciario do papa Alexandre VI, em 1503, e ficando o convento sujeito á provincia de Portugal. A este mosteiro doou a fundadora, não só a casa, mas todas as suas rendas.

Com o decurso do tempo, foram crescendo as areias do Mondego, e subindo as aguas, a ponto de inundarem frequentemente o mosteiro, com risco da vida das religiosas.

Queixando-se ellas d'isto, ao bispo de Coimbra, D. João de Mello, as fez remover para o logar de Sandelgas, para onde levaram a imagem da sua padroeira.

4.º— *Frades benedictinos* (da invocação de S. Martinho).—Foi fundado pelo abbade João, no seculo IX.—Ignora-se quando deixou de existir.

Não se póde tratar d'este mosteiro, sem se fallar do famoso *abbade João.* Peço desculpa aos meus leitores de algumas pequenas repetições, indispensaveis para a intelligencia da materia.

D. João, nobre cavalleiro leonez, era filho natural de D. Fruella I, e irmão de D. Bermudo, *o diacono,* e de D. Affonso, *o catholico;* e tio de D. Ramiro I.

Cançado de seguir a côrte dos reis de Leão, e dos exercicios da guerra, se retirou ao mosteiro de Lorvão, vestindo alli o habito de monge, seguindo a regra de S. Bento, que n'elle se professava.

Tantos exemplos deu de cordura e virtude, que, na primeira vacatura, foi eleito abbade, estando presente seu sobrinho, D. Ramiro I de Leão, que então estava em Portugal, fazendo guerra a *Mahomad-Cid,* senhor de Gaia, e a *Muley-Achem,* senhor de Agueda.

O rei, vendo a summa pobreza em que estava o mosteiro, causada pelas continuas correrias e exacções dos mouros, lhe fez uma larga doação, de muitas possessões, e entre ellas, esta villa, com todos os seus direitos e pertenças, sob a condição de ter no castello a guarnição sufficiente para sua defeza; o que os monges tiveram sempre o cuidado de cumprir.

O proprio D. João (o abbade) com alguns dos seus monges, se passou para este castello, que proveu de soldados, armas e mantimentos, e fazendo alcaide-mór da fortaleza a seu sobrinho, D. Bermudo, bravo guerreiro d'aquelles tempos.

Foi então que o abbade tratou de edificar aqui um mosteiro da sua ordem no sitio onde havia uma antiga capella de Santa Maria que foi demolida, para se edificar a egreja do mosteiro, para onde foi a santa imagem, que ficou sendo padroeira do convento.

—

Entre os familiares do abbade, havia um, chamado *Garcia Janhes,* creado desde menino (não se sabia de quem era filho) pelo mesmo abbade, que o tinha enchido de beneficios e distincções. Foi uma vibora que em seu seio acalentou; porque o ingrato, se passou aos mouros, e renegando da fé de Christo, tomou o nome arabe de *Zulema* (ou *Zuleimão*)[1] e fez aos christãos a crua guerra que já referi; mas accrescentarei aqui o seguinte:

Zulema, tinha tão estreitamente cercado

[1] Hoje os arabes dizem *Solimão.*—É corrupção de *Salomão.*

o castello de Monte-Mór, que em balde Theodomiro, abbade de Lorvão, tentou reforçal-o com tropas e provêl-o com mantimentos.

Foi n'esta triste conjunctura que os cercados resolveram imitar os saguntinos.

Queimaram todas as suas riquezas, e tiraram a vida a todos que por seu sexo ou edade não podessem combater.

O abbade João, deu o exemplo, lançando o fogo a tudo quanto tinha, e degolando sua irman, D. Urraca (mãe do alcaide D. Bermudo) e a seus filhos que ainda erám creanças.

Fez-se este espantoso sacrificio, em uma madrugada, depois de se confessarem e commungarem, tanto as victimas como os sacrificadores.

O resto já fica narrado.

—

Era o abbade João, de avançada edade, quando este acto de patriotica desesperação teve logar, mas de grandes forças, correspondentes ao colossal das suas fórmas; e por onde o seu terrivel e pesado montante era brandido, ficava uma zona de sangue e cadaveres mouriscos.

Na maior furia do combate, avistou João, o traidor Garcia, que com palavras e exemplos animava os mouros, foi direito a elle, por entre uma multidão de infieis, e de um só golpe o degolou.

Foi então que os mouros, aterrados, trataram de fugir; porém poucos escaparam á geral carnificina; porque, tendo construido pontes de madeira em varias partes do Mondêgo, para hirem forragear á parte opposta, dos que por ellas fugiam, muitos morreram afogados, por terem as pontes que brado com o seu peso.

Os restos d'este grande exercito que puderam escapar ao ferro dos christãos, ou ás aguas do Mondego, fugiam desordenadamente; mas o abbade e os seus os perseguiram por espaço de quatro leguas, mettendo-se em uns pantanos, onde os christãos ainda mataram muitos. D'aqui puderam metter-se em umas espantosas brenhas, chamadas *Alcoubas*, onde o abbade os não deixou perseguir, não só pela aspereza do sitio, como pelo cançaço da sua gente, que fez acampar e passar a noite em uma planicie.

Consta que esta terrivel batalha e famosa victoria, teve logar no dia 24 de junho do anno 850 de J. C.

Dizem alguns escriptores, que, chegando os christãos a esta planicie, que está quasi cercada das alcantiladas penedias d'*Alcoubas*, o abbade e os outros chefes gritavam aos soldados — *cessa! cessa!* — e d'aqui ficou ao sitio o nome, que ainda com pouca corrupção conserva — *Ceiça*, a uns 22 kilometros de Monte-Mór-Velho.

Consta que na investida de Monte-Mór, afogados no rio, e depois na retirada até aos rochedos de Alcouba, morreram *setenta mil* infieis. Este numero parece-me exageradissimo.

—

Na manhã do dia seguinte, chegaram ao acampamento alguns cavalleiros, vindos da villa, dando a noticia de estarem vivos todos os velhos, mulheres e creanças, que na vespora tinham sido sacrificados, o que a todos encheu de suprema alegria, e ao abbade causou tal impressão, que resolveu acabar n'este sitio o resto de seus dias; em uma ermida de Nossa Senhora que aqui mandou construir em 850, e se fez seu erimitão (dando a seu sobrinho. D. Bermudo, como prova da amisade que lhe consagrava, as suas armas e o seu cavallo de batalha) e renunciando nas mãos de seu sobrinho D. Ramiro I, o governo de Monte-Mór-Velho, que foi dado a D. Bermudo, primo do rei; e a abbadia do mosteiro da villa aos monges da mesma. A de Larvão, já a tinha renunciado a favor de Theodemiro, monge seu parente. A imagem da Senhora que estava no mosteiro da villa levou-a para a sua nova ermida. Aqui falleceu a 2 de fevereiro de 867, e aqui foi enterrado. Depois em 1165, D. Affonso Henriques fez construir juncto a esta capella, um mosteiro de frades benedictinos, que é o de que trato no logar citado do 2.° volume.

Cumpre-me aqui rectificar um erro, a que me induziu a identidade dos nomes, e as

obscuridades dos nossos antigos escriptores. Disse no principio da col. 2.ª de pag. 226, do 2.º vol., que o abbade João *fundára um mosteiro de monges bernardos* na freguezia de Ceiça, na Extremadura, concelho de villa Nova de Ourem, quando esse mosteiro foi fundado em *Santa Maria de Ceiça*, que é esta de que aqui agora trato. Tambem o convento não foi de *bernardos*, foi de benedictinos. Só pelos annos 1030, é que o abbade João Cirita estabeleceu em Portugal a reforma de S. Bernardo, que adoptaram quasi todos os conventos benedictinos.

O abbade Joao (de Lorvão) foi o verdadeiro fundador d'este mosteiro de Santa Maria de Ceiça; porém os monges viviam em grutas ou cabanas, até que D. Affonso Henriques lhes fez omosteiro,em que principiaram a viver em communidade.

Tudo o mais que digo em *Ceiça* (Santa Maria de) está exactissimo.

O edificio do mosteiro, a cêrca e varias propriedades annexas, foram vendidas depois de 1834. A egreja, a sachristia, e uma boa matta, ainda estão por vender.

—

Os grandes prejuizos que soffreram os montemorenses, com a queima das suas preciosidades, foram-lhes amplamente ressarcidos com os riquissimos despojos dos mouros, que foram repartidos pelos christãos, segundo os seus merecimentos.

Feita esta divisão, e providenciando o álcaide D. Bermudo, de modo a deixar o castello bem provido de gente e mantimentos, se foi com seus irmãos e outras pessoas que tinham sido degoladas, visitar o abbade João ao seu erimiterio de Ceiça e mostrar-lhe o signal do golpe, que era como um fio de retroz encarnado, em volta da garganta.

O padre mestre, frei Luiz dos Anjos, no seu *Jardim de Portugal*, frei Bernardo de Brito, na *Mon. Lus.*, e outros escriptores, referem que no seu tempo, ainda n'esta villa nasciam algumas creanças com o tal signal.

Tendo mencionado em differentes partes d'esta obra, varios milagres, operados pela intercessão da Santissima Virgem e dos santos, e não pretendendo ser notado como um frei Bernardo de Brito do seculo XIX, ou como outro qualquer frade *milagreiro*, dos seculos passados, declaro o seguinte:

Creio firmemente que a Deus nada é impossivel. Roselli de Lorgues e outros esclarecidos escriptores contemporaneos, teem brilhantemente provado, não só a possibilidade dos milagres; mas até a sua existencia no passado e no presente.

Mesmo que eu não quizesse crer em milagres (que creio —senão em todos, em muitos) têl-os-hia narrado, para não deturpar a historia, nem destruir as lendas poeticas dos nossos passados.

Por mais incredulo que eu fosse, com respeito a milagres em que a Egreja nos não obriga a acreditar, por não serem *ponto de fé*, nunca seria meu proposito arrancar dos corações verdadeiramente portuguezes, as crenças felizes de nossos paes, nem fazer-lhes esquecer as formosissimas lendas com que nossas mães suavemente nos embalaram no berço, e carinhosamente nos distrairam na infancia.

Em ser crente, ganha-se *fé* em Deus e na sua misericordia

infinita — *esperança*, na vida eterna—e *caridade* para com os nossos semelhantes que soffrem.

E que se ganha com o scepticismo?—a desesperança, o desconforto, o egoismo...,. e o materialismo. Deus nos livre pois destes infelizes sentimentos, causas infaliveis da nossa tristeza e desventura, n'este mundo e no outro.[1]

—

Da fundação do edificio do mosteiro de Ceiça, conta-se a origem da maneira seguinte:

Em 1165, estando em Coimbra D. Affonso Henriques, lhe recomendaram os seus medicos, os banhos do mar. Sahiu da sua côrte, em direcção á Figueira; mas, tão bem lhe fizeram os ares salutiferos dos formosos campos do Mondego, que chegou á costa quasi são.

Occupou-se então em percorrer aquelles arredores, e ouvindo fallar na ermida de Santa Maria de Ceiça, famosa pela sua antiguidade, pois já então tinha 215 annos, e pelos milagres attribuidos á sua padroeira, a foi visitar.

Estava a ermidinha em um bonito valle, mas cercada de densos mattos e alcantiladas penedias, semelhando torres.[1]

No caminho tinha cahido um dos cavallos da comitiva, ficando o cavalleiro debaixo d'elle, e em tal estado, que julgando-o morto, o levaram a enterrar na ermida; mas, apenas o ferido alli chegou, recobrou os sentidos e ficou de perfeita saude.

Todos tiveram isto por milagre. O cavalleiro que cahira, fez logo voto de consagrar o resto dos seus dias ao serviço da Senhora e da sua ermida, o que cumpriu, não tornando a sahir d'este logar.

O rei fez voto de fundar aqui um mosteiro, dedicado a Santa Maria, o que tambem cumpriu.

Emquanto o rei e seu sequito ainda estavam na capella, chegou o erimitão d'ella, homem de edade provecta e presença respeitavel, pobremente vestido, e com porte humilde e reverente.

Perguntou-lhe D. Affonso Henriques se sabia alguma coisa da origem d'este templosinho, ao que o santo anachoreta respondeu — que havia muitos annos que aqui vivia, dedicando-se ao culto da Rainha dos Anjos, e á conservação e aceio da sua ermida; e que sabia, por tradição, a origem d'elle.

O rei, satisfeito d'esta resposta, o mandou sentar junto d'elle, e o erimitão lhe contou a lenda do abbade João, pela fórma que fica referida.

D. Affonso Henriques designou logo um sitio, 255 passos ao N. da ermida, para a fundação do mosteiro, mettendo logo operarios para a sua edificação, e consignando-lhe rendas sufficientes. O mosteiro concluiu-se em 10 annos, e logo (1175) vieram habital-o alguns monges (então ainda benedictinos) do convento de Lorvão, trazendo em sua companhia D. frei Payo Egas (de nobilissima linhagem) que o rei fez primeiro abbade do novo convento.

O edificio era pequeno no seu principio, e o rei, vendo que não podia conter senão um diminuto numero de religiosos, o mandou ampliar; porém fallecendo (6 de dezembro de 1185), deixára encommendado a seu filho e successor D. Sancho I, que concluisse estas obras, o que elle cumpriu, pois era tão religioso como seu pae.

Foi D. Sancho I que fez adoptar a este convento a reforma de S. Bernardo.

Diz a lenda, que, feita a egreja do mosteiro, mandou o monarcha transferir para ella a imagem da ermida; porém na manhan do dia seguinte tornou a apparecer no seu antigo altar, o que se repetiu por umas poucas de vezes, até que os religiosos a deixa-

[1] Mac-Mahon, actual presidente da republica franceza, queixando-se-lhe alguns *espiritos fórtes*, ou, como hoje se denominam, *livres pensadores*, das grandes romarias ás Senhoras de Lourdes e La-Sallete—respondeu-lhes—«Deixal-os; um litro de petroleo causa mais desgraças, do que um tonel de agua benta.»

[1] E d'aqui lhe provêm o nome que ainda então conservava—*Al Couba*—palavra arabe, que significa — a torrinha.

ram alli ficar, collocando no altar-mór da egreja do mosteiro uma nova imagem.

Alguns annos depois (diz a lenda) D. frei Manuel das Chagas, então abbade do mosteiro, vendo a ermida muito velha e a ameaçar ruina, removeu a imagem para a egreja; porém aconteceu o mesmo que da primeira vez, tantas quantas vezes se fez a mudança.

O abbade mandou então demolir a capella, para que a Senhora não tivesse para onde fugir; mas, nem assim logrou o seu intento, porque a imagem fugiu ainda, e foi no dia seguinte encontrada na toca de um grande carrasco que estava junto da capella demolida.

O abbade, mandou então fazer uma nova ermida, mais ampla e aceiada do que a antiga, de fórma octogona, e de bonita architectura. No interior do altar da Senhora, mandou depositar os ossos do santo abbade João. (Diz ainda a lenda, que então se verificou, pelos ossos do abbade João, ser elle de tão agigantada estaura, que tinha *onze palmos* (!) d'alto.

Os leitores que julgarem que eu invento milagres, ou que me fio em *contos de velhas*, convido a consultarem sobre o que deixo referido, as obras seguintes—*Mon. Lus.*, por frei Francisco Brandão, parte 3.ª, liv. 10, cap. 45 — Obras de Francisco de Sá de Miranda, carta 8.ª, e a pag. 129 — *Diana*, de Jorge de Monte-Mór; pag. 243, na *historia de Alcida e Silvano*—Archivo de Lorvão, em uma escriptura authentica, copiada por o licenciado Gaspar Alves Louzada—*Chronica de Cister*, por frei Bernardo de Brito, liv. 6.º, cap. 28 e 29 — *Mon. Lus.*, parte 2.ª, liv. 7, cap. 13 e 14—*Notas aos cinco bispados*, por fr. Prudencio de Sandoval, pag. 179—Antonio de Vasconcellos, pag. 540 — Antonio Paes Viegas (*Vida d'el-rei D. Affonso Henriques*) liv. 6.º, pag. 218 — *Europa*, de Manuel de Faria, tomo 3.º, parte 3.ª, cap. 13 — *Jardim de Portugal*, por fr. Luiz dos Anjos, n.º 52—*Agiologio*, de Jorge Cardozo, tomo 1.º, pag. 320—*Sant. Mar.*, de fr. Agostinho de Santa Maria, tom. 4.º, liv. 2.º, tit. 14.

—

Em frente da notavel villa de Monte-Mór-Velho, na margem opposta do Mondêgo, está uma quinta, que foi dos *Vahias*, e junto d'ella a ermida de Santa Leocadia, ou, mais propriamente, Nossa Senhora da Graça.

Junto a este sitio appareceu uma imagem de Santa Leocadia, sobre um monte de pedras soltas (provavelmente alguma pequena mâmoa celtica, ou algum monumento christão a que os nossos antigos chamavam *fieis de Deus* — (vide esta palavra).—Levaram a imagem para a ermida, porém ella fugiu de lá para o sitio onde foi achada.

Revolvendo o monte de pedras, se achou n'elle escondida a imagem de Nossa Senhora da Graça, e levando-as ambas para a ermida, nunca mais de lá tornaram a fugir.

Foram estas duas imagens de grande devoção, tanto do povo da villa, como das circumjacentes.

—

Fernão Mendes Pinto — [1] — «N'um povo tão viajante como nós fomos, era impossivel que não apparecesse quem narrasse em bom estylo as suas peregrinações. Muitos narradores de viagens surgiram effectivamente, e acima de todos, Fernão Mendes Pinto, um dos mestres do genero, e um dos mestres da lingua, cujas viagens rivalisam ainda hoje com as modernas obras-primas de estrangeiros peregrinadores.

Nasceu Fernão Mendes Pinto, de familia pobre, na villa de Monte-Mór-Velho, no anno de 1509.

Foi môço da camara, do duque de Coimbra, [2] e afinal quiz na Asia tentar fortuna,

[1] Copiado, o que vae entre cômas, dos *Portuguezes illustres*, do nosso esclarecido escriptor, o sr. Manuel Pinheiro Chagas. (Pag. 67.)

[2] Parece-me que foi pagem do duque de Aveiro (D. Jorge) e não do de Coimbra, du-

embarcando para a India, a 11 de março de 1537.

Não nos permittem os estreitos límites d'este livro, narrar as viagens que elle proprio contou de tão peregrina maneira, e em que descobriu o Japão; o que lhe compensou os repetidos infortunios que o saltearam. Em janeiro de 1554 hia voltar á Europa, quando, tomado de subita devoção, se decidiu a vestir a roupeta de noviço da companhía de Jesus, e n'essa qualidade voltou a viajar; mas, por motivos desconhecidos, não professou, e, voltando ao seculo e á Europa, no dia 22 de setembro de 1558, sonhou com grandes recompensas, de que depressa o desilludiu a habitual indifferença dos governos portuguezes. Viveu obscuramente em Almada os ultimos annos da sua vida, até que morreu, segundo se suppõe, em 1583. O seu livro só foi impresso em 1614.

—«*A Peregrinação* de F. M. Pinto, diz o sr. J. F. de Castilho, é um dos livros de mais popular e aprasivel lição que jámais se escreveram em idioma algum. Percorre todos os estylos, abraça todas as situações; tem lagrimas para todos os olhos, sorrisos para todos os labios, terror para todos os espiritos, pasto para todas as imaginações, consolação para todas as dôres, allivio para todas as tribulações. Protheu habilissimo, sabe sempre vestir a fórma que na conjunctura se requer.»

Muito tempo foram consideradas as suas viagens um agregado de mentiras: [1] as modernas explorações de viajantes estrangeiros, rehabilitaram a memoria do viajante portuguez, demonstrando a sua veracidade.

O seu livro foi tão apreciado, que o traduziram em muitas linguas, podendo-se ver a noticia d'essas traducções no precioso *Diccionario bibliographico* do sr. Innocencio da Silva, t. II. pag. 289, e t. IX, pag. 221.»

—

Durante as suas peregrinações, foi 13 vezes captivo, e 17 vezes vendido.

Quando voltou a Portugal, era regente do reino, a rainha D. Catharina (viuva de D. João III) na menoridade de seu neto, D. Sebastião.

Esta senhora o tratou com a ingratidão com que sempre foram *recompensados* pelos governos portuguezes, os homens benemeritos; pelo que elle, desanimado, foi residir em Almada, onde coordenou as suas *Peregrinações*.

Sempre escravo da verdade, e apezar do odio que tenho aos castelhanos, como nossos dominadores, e principalmente aos tres usurpadores Felippes II, III e IV cumpre-me dizer que Felippe II apreciou muito melhor os serviços d'este esclarecido portuguez, do que o haviam feito D. Catharina, D. Sebastião, e o cardeal-rei; pois o estimou muito, fez-lhe muitas mercês e gostava muito de lhe ouvir contar as suas viagens.

Segundo o padre-mestre, frei Francisco de Santa Maria (*Anno Historico*, tomo 2.º, pag. 329) Fernão Mendes Pinto, morreu em 8 de Julho de 1583.

—

Jorge de Monte-Mór—[1]—«Este poeta, celebre em toda a Europa, nasceu na villa de Montemór-o-Velho, na provincia da Beira, em Portugal. Passou muito novo para Hespanha, onde foi cantor da regia capella. Trocando depois este pacifico mister pela vida das armas, foi assassinado na Italia no dia 26 de fevereiro de 1561. [2]

O livro, que lhe deu immorredoira fama, é um longo romance pastoril, escripto em castelhano, e conhecido pelo nome de *Diana de Montemayor*. Era um genero novo, em que as vivas pinturas da natureza, em estylo suave, enredos não desinteressantes nos pequenos contos de que se entretece a narrativa, se matizavam com finos conceitos e requintados problemas de mataphysica amorosa, que deliciaram primeiro as damas da côrte de Castella, e depois as da Europa inteira. Foi por muito tempo a *Diana de Montemayor* o livro predilecto dos leitores de

cado que então supponho já não existir. (D. Jorge era filho bastardo de D. João II.)

[1] E tanto que lhe decomposeram o nome d'este modo—*Fernão, Mentes?—Minto.*

[1] É ainda dos *Portuguezes illustres* do sr. Pinheiro Chagas, tudo quanto vae entre comas.

[1] Outros dizem que morreu de doença em Madrid.

romance, imitaram-no em francez, continuaram-no em hespanhol, e por todo o seculo XVII não fez a litteratura amena mais do que seguir o impulso dado por este desdenhoso portuguez, que despresou a lingua patria para escrever na dos nossos visinhos, mas que teve a gloria de inaugurar um genero novo, a quem por isso não cabem poucos louvores, e que portanto deu lustre e fama á terra que o viu nascer.»

Escreveu quasi tudo em castelhano (como era uso no seu tempo) e por isso alguns escriptores hespanhoes o fazem seu conterraneo, dizendo que elle nasceu na villa de *Monte-Mayor* (Leão) [1]

As suas obras foram—e são ainda hoje—estimadas em toda a Peninsula, e tanto, que em sua vida viu esgotadas cinco edições, o que, sobre tudo n'aquelle tempo, se pode ter como testemunho clarissimo do justo apreço em que foi tido.

Não havia caza, nobre ou popular, que não tivesse, e onde não fosse lida e relida a celebrada *Diana de Monte-Mayor.*

Os principaes senhores de Castella procuravam anciosamente conhecer e relacionar-se com o nosso poeta.

Archivavam-se todas as suas frazes, e todas as suas espirituosas respostas.

Assistindo á celebre merenda que a duqueza de Seza deu ás primeiras damas de Madrid, lhe perguntou a marqueza de Comares—*Señor Monte-Mayor, si escrivisteis cosas tan discretas, tratando de pastores rusticos, y de campos agrestes, que harieis si escriviesseis de aqueste jardin, fuentes, y ninfas?*—ao que elle respondeu—*Esso, señora, mas es para la admiracion, que para la pluma.*

Perguntando-se no dia seguinte á marqueza de Guadalcaçar (que foi uma das da merenda) o que d'ella lhe pareceu melhor, respondeu—*la conversacion de Monte-Mayor.*

Estando uma manhã no mosteiro de S. Francisco da cidade, de Leão, mal convalescido de uma doença, pediu a um religioso que lhe lê-se um Evangelho; ao que o frade lhe respondeu—*No diré sinó dós.* Leu-lhe o de S. João Evangelista, e depois disse—*Aora irá el mio, el qual es—Sois el mas florido ingenio de España.*

Em 1603, vindo da cidade de Leão Fellippe III e sua mulher, dormiram uma noute na villa de *Valderas,* e sabendo que alli vivia a dama que sob o pseudonimo de Diana, fôra o assumpto das maviosissimas poesias de Jorge de Monte-Mór, a mandaram chamar, e tratando-a com grande carinho, lhe fizeram muitas mercês, em memoria do poeta popularissimo. Ainda que ella tinha então 60 annos, mostrava evidentes signaes da sua passada formosura.

Os leitores desculpar-me-hão, espero-o, a minuciosidade com que conto estes e outros factos da nossa historia, em attenção ao desejo ardente que tenho de commemorar os nossos homens eminentes e os nossos factos gloriosos.

—

Monte-Mór-Velho, é tambem patria de Francisco de Pina e Mello, auctor dos dois poemas — *Triumpho da Religião* — e — *Conquista de Goa.*

—

D. Affonso V fez marquez de Monte-Mór-Velho, em 1472, a D. João de Portugal, segundo filho do marquez de Villa-Viçosa, que depois (este) foi duque de Bragança.

—

Foi alcaide-mór d'esta villa, D. João de Menezes *(o Picacino)* terceiro filho de D. João Tello de Menezes, senhor de Cantanhede, e de D. Leonor da Silva, filha de Ayres da Silva, senhor de Vagos.

Foi D. João de Menezes, governador da casa de dois principes — D. Affonso, filho de D. João II; e de D. João filho de D. Manuel. Foi aio do primeiro, e camareiro-mór do segundo.

Era cavalleiro de muitas prendas e cele-

[1] Só a sua ultima obra, que a morte interrompeu, era escripta em portuguez. Tinha por assumpto a descoberta da india.

A um que o alcunhou de ingrato á sua patria, por viver em Hespanha e escrever em castelhano, respondeu—*Não é muito que um filho seja ingrato a Portugal, visto que Portugal tem sido ingrato a tantos filhos.*—Proposição que tem tanto de triste, como de verdadeira.

bre na historia de Portugal, por acompanhar na carreira o principe D. Affonso, filho unico de D. João II e da rainha D. Leonor, quando o príncipe cahiu de um cavallo, nos campos de Santarem, a 12 de julho de 1491 (em uma terça feira, dia que os Menezes tinham por *aziago)*—O principe morreu d'esta queda, no dia seguinte. (Vide *Santarem.)*

Foi tambem, D. João de Menezes, alcaide-mór do Cartaxo, commendador (da ordem de Christo) da villa do Mogadouro, e commendador (da ordem de S. Thiago) da villa d'Aljustrel. Casou com D. Izabel, filha de Pedro Avendanho (alcaide-mór de Castro-Nuno) e de D. Ignez de Benavides. Não tendo filhos d'este casamento, applicaram as suas riquezas em obras pias.

Fundaram o convento de S. Francisco, do Cartaxo, reformaram o de Villa do Conde e principiaram o da Esperança, em Lisboa.

Foi D. João de Menezes um dos mais famosos capitães do seu tempo, pelo seu valor, instrucção e galanteria. Militou muitos annos na Africa onde era o terror dos infieis.

D. João II o fez governador d'Arzilla, onde em 1495, com duzentas lanças disbaratou 2:000 infieis, como depois com o mesmo numero de soldados, derrotou e pôz em fuga, 800 mouros, commandados pelos sobrinhos do Barraxe, e obrou alli outras muitas acções memoroveis e gloriosas.

Voltando á Africa, achou-se com D. Jayme, duque de Bragança, na tomada de Azamôr; e foi o primeiro que pregou a lança nas portas do castello. Ficou capitão general d'esta praça que defendeu com pasmosa constancia e extremado valor.

Estando Arzilla cercada por todo o poder do rei de Fez (sendo capitão de Arzilla, seu cunhado, D. Vasco Continho, conde de Borba) D. João com um valor inaudito, foi soccorrer a praça com a sua gente. Vendo isto o rei mouro (Muley Hameth) disse—*tanto melhor; mais christãos tenho na rede;* porem seus dois alcaides, *Barraxe* e *Al-Maradim* lhe responderam, que tivesse o maior cuidado e não contasse tanto com a victoria; porque, estando dentro da praça o *Picacino,* era pelo seu animo e sagacidade, capaz de lhe vir pôr fogo debaixo dos pés. E assim o praticou o audacioso portuguez, fazendo-os levantar o cêrco vergonhosamente.

Venceu, com Nuno Fernandes de Athaide, a famosa *batalha dos alcaides.* Finalmente, foram tantas e tão gloriosas as acções d'este intrepido capitão portuguez, que não cabem no curto limite d'este artigo; são dignas de longa escriptura.

Morreu em Azamôr, de que era capitão-general, em 15 de maio de 1514. Foi d'alli trazido o seu cadaver e o de sua mulher, e sepultados, na capella-mór da egreja do mosteiro de S. Francisco, da Cidade de Lisboa.

Aqui nasceu, em 1658, o célebre jurisconsulto, Manuel da Gama Lobo, lente de direito, na universidade de Coimbra, conego da Sé primacial de Braga, e desembargador do paço. Escreveu *Postillas* a varios textos do codigo. Morreu em Coimbra, em 1742.

—

Outros illustres varões, nas armas, nas virtudes e nas lettras tiveram esta villa por berço; mas a sua enumeração seria longa, pelo que me limitarei aos que ficam mencionados.

—

Teve esta villa quatro hospitaes — 1.° de *Santa Maria Magdalena,* para solteiras honradas — 2.°, o de *S. Pedro,* para casadas virtuosas — 3.°, o de *S. Martha,* para lazaros — 4.°. o de *Nossa Senhora de Campos,* para o restante e para molestias chronicas. Acham-se todos hoje reduzidos a este ultimo, em razão dos muitos rendimentos que alguns dos nossos reis lhes tiraram, já para as freiras de Nossa Senhora de Campos, já para os hospitaes de Coimbra.

—

A *quinta de Santa Eufemia,* junto da villa, dos viscondes da Bahia, foi comprada por o doutor José de Seabra da Silva, no 1.° de março de 1782, por tres contos de réis.

—

No dia 22 de maio de 1874, teve logar, na freguezia de Santa Suzana da Carapinheira, d'este concelho, um facto que deixou os povos d'estes sitios em grande consternação: foi o seguinte—Andando muitos lavradores

a fazer os seus amanhos no campo, achava-se no mesmo serviço, Antonio Correia Façudo, de 38 annos, e tres raparigas de 18 a 26 annos, — estas donzellas, e aquelle casado, tendo 4 filhos. Ao meio dia em ponto, cresce uma pequena nuvem ao longo do sul do campo, e eis que rebenta um pequeno trovão, e são fulminados cahindo todos por terra, ficando o dito Antonio Correia, morto, assim como uma rapariga que se achava entre duas, as quaes ficaram sem falla.

—

O Mondégo, sahindo do seu leito, por muitas vezes tem invadido os campos d'esta villa, cobrindo-os completamente, e chegando até ao largo da feira, que transforma em marnel.

—

Ha em Portugal uma familia, grande pelo numero de seus membros, grande pela nobreza do seu sangue, e ainda maior pelas raras virtudes que são o seu apanagio. São os srs. *Pintos Bastos*, vulgarmente conhecidos pelos *fidalgos da Vista-Alegre*, por terem alli vastas e riquissimas propriedades, uma sumptuosa casa, magestosa capella, e optima fabrica de porcellana (de que tratarei no logar competente).

Póde dizer-se afoitamente, e sem risco de ser desmentido, que NÃO HA EM PORTUGAL TÃO BENEMERITOS PATRIOTAS, COMO OS DA FAMILIA PINTO BASTO. Moderadissimos nas suas opiniões politicas, acolhem de braços abertos os homens de todos os partidos, uma vez que sejam honrados, uteis e trabalhadores.

As sciencias, a industria, a agricultura e o commercio d'este reino, lhes devem relevantissimos serviços; e o bem fadado appellido de Pinto Basto é geralmente bem quisto e respeitado em todas as oito provincias de Portugal.

Era chefe d'esta familia o sr. José Ferreira Pinto Basto, por ser o primogenito de outro de egual nome.

Vivia o sr. J. F. P. Basto, proximo d'esta villa, na sua vasta e riquissima *quinta da Fója*, que fôra do mosteiro de Santa Cruz de Coimbra (vide a pag. 38, col. 1.ª, d'este volume), e aqui falleceu, no dia 16 de junho de 1875. (Nasceu no Porto, a 3 de novembro de 1801.)

Intelligencia robusta e caracter honestissimo, foi sempre bondoso e caritativo para com os desgraçados, lhano e cortez no seu trato familiar, e conselheiro prudente e leal.

Exerceu por differentes vezes importantes cargos publicos, e foi representante do povo em varias legislaturas, servindo sempre com justiça o mandato que lhe outhorgaram os povos.

Possa esta breve commemoração, escripta por um homem inteiramente desconhecido á nobilissima familia Pinto Basto, servir de lenitivo á dôr acerba que n'este momento a angustia, pela perda irreparavel do seu querido chefe.

MONTE MURO ou **MONTE DO MOURO** (o *Murum* dos romanos) — Serra da Beira-Alta, no extincto concelho de Tendaes, hoje concelho de Sinfães, proximo da margem esquerda do Douro, 24 kilometros a O. de Lamego, 60 a E. do Porto, 325 ao N. de Lisboa.

Na encosta septentrional d'esta serra está a villa de *Ferreiros de Tendaes.*

Monte-Muro, Franqueira, Castro (ou Crasto), S. Macario, Pernaval, Arouca, Freita, Caramullo e outras, são tudo serras da Beira-Alta (ramos da Estrella) projectando-se em varias direcções e conhecidas dos antigos sob o nome geral de *serra d'Alcoba.*

Pertencem ao systema geologico denominado carpetano-vetonico.

Ainda que a serra de Monte-Muro (bem como as do Pernaval, Freita e Caramullo) seja bastante fria no inverno, estando então quasi sempre os seus pincaros cobertos de neve, não é o seu clima tão inhospito e desabrido como o da Estrella; e tanto que, desde os fins de novembro, até abril, para aqui emigram, com seus gados, os pastores da Estrella.

N'esta serra existe o castello de *Villar da Chan* (vulgarmente, *Torre da Chan*), construido pelo famoso Giraldo Giraldes, o *sem pavor.*

Para evitar repetições, veja-se o 3.º vol. a pag. 178, col. 2.ª

MONTE-MURO — São assim denominadas umas herdades do Alemtejo, na freguezia de S. Mathias, concelho, comarca, arcebispado,

districto administrativo e 6 kilometros a O. d'Evora, na estrada d'esta cidade para Lisboa.

Em tempos antigos estavam estas herdades, na sua maxima parte, por cultivar, e cobertas de estevas e matto. Uma dona que era senhora d'estas herdades, compadecida da falta de lenhas que padeciam os habitantes da cidade d'Evora, lhes deu licença para hirem a Monte-Muro cortar lenha e arrancar cêpa, para os seus fornos e cosinhas.

Não sei por que titulo passou depois ao dominio da camara municipal d'Evora, uma parte d'estas herdades, as propriamente chamadas de Monte-Muro.

Estas propriedades passaram, muito depois, em parte, a pertencer aos condes de Unhão, sob o nome de *Casas-Velhas*, e, depois que por elles foi reconstruido o edificio, se ficaram chamando *Herdades das Casas-Novas.*

N'estas herdades havia uma ermidinha, dedicada a Nossa Senhora de Guadalupe, tão antiga, que já em 1600 se não sabia a data da sua construcção. Tinha apenas dois metros de comprido por 1m78 de largo, e a Senhora estava representada em um painel, pintado a oleo. Mesmo assim, era a Senhora de Guadalupe de grande devoção dos povos visinhos; mas, com o tempo, foi esfriando esta devoção, e a ermidinha se foi arruinando, pelo abandono.

Em 1606, sendo arcebispo d'Evora D. Alexandre de Bragança (filho dos duques de Bragança, D. João I e D. Catharina, neta do rei D. Manuel), mandou aquelle prelado fazer a visita á sua diocese, pelo licenceado Braz Camêllo.

Chegando este á herdade de Fernão Telles de Menezes (feito conde de Unhão, por Philippe IV, em 7 de junho de 1630), chamada *Casas-Novas*, onde havia um oratorio, na parede, e dentro d'elle um painel de Nossa Senhora de Guadalupe, e *vendo a indecencia com que elle alli estava, mandou que elle se desfizesse e demolisse.* (Doc. da camara de Evora, de 1606.)

O povo da freguezia de S. Mathias, não consentiu que esta ordem fosse executada, e requereram ao arcebispo que a mandasse suspender, obrigando-se a fazerem á sua custa uma nova e decente capella, com a imagem da padroeira em vulto. O prelado lhes concedeu isto, e, concertado o antigo oratorio, para alli ser provisoriamente collocada a imagem da Senhora, em quanto se não dava principio á construcção da nova capella.

Os principaes promotores d'esta restauração, foram — Manuel de Carvalho, Matheus Dias, João da Costa, e Pedro Fernandes Pichôrro, que foram os primeiros mórdomos da Senhora, na sua nova ermida.

Como o sitio em que estava a velha edicula era sujeito ás inundações da ribeira de S. Mathias, pediram á camara d'Evora que lhes deixasse edificar a capella e algumas casas para habitação de pobres que para aqui quizessem vir morar, para guardarem a capella (por ser até então o sitio érmo) no local propriamente chamado Monte-Muro, propriedade da camara, cujos vereadores consentiram em todo o pedido.

Deu-se logo principio á capella, e estando concluidas, a capella-mór, a sachristia e parte do corpo da egreja, o arcebispo—já então D. José de Mello—a pedido do povo, deu licença, em 1609, para ser para aqui transferida a imagem da padroeira, poderem ter sino, e celebrarem os officios divinos; mas sob condição de darem, dentro de dois annos, dois mil réis de foro, para a fabrica da egreja. Isto foi estipulado por escriptura publica, feita nas notas do tabellião Manuel Rodrigues, que foi confirmada por Philippe III, por provisão de 22 de abril de 1610.

Em 28 de setembro de 1613, o mesmo arcebispo, D. José de Mello, consentiu, por carta sua, que o foro de 2$000 réis deixasse de ser pago pela confraria da Senhora, e o fosse pelos moradores das casas que se hiam construir junto á capella.

A camara d'Evora tinha ajudado a esta edificação com varias esmolas; mas, querendo que o templo se conservasse sempre com a devida decencia, resolveu ser a capella do padroado da mesma camara, e em nome d'esta, em 18 de dezembro de 1615, tomou o ve-

reador mais velho, Diogo Pereira Cogominho, posse judicial do templo, com assistencia do tabellião d'Evora, Balthazar Galvão de Mendanha.

Logo n'esse anno foi alli a camara encorporada, fazer a festa á Santissima Virgem, que foi esplendida, continuando d'alli em diante a fazer esta solemnidade á sua custa; no dia 8 de setembro de cada anno (dia da Natividade da Virgem).

No mesmo dia se fazia a eleição dos mordomos do anno seguinte, sendo sempre juiz, um dos vereadores.

A camara designou para renda da capella, custeio das despezas do culto, e para se dizer uma missa em todos os domingos e dias santificados, uns *quartos* de terra junto á capella, que se arrendavam, e produziam uns 50$000 réis annuaes.

É este sanctuario de boa fabrica, com capella-mór e um cruzeiro, fechado por grades de ferro (mandadas fazer pela mãe de D. João de Mello, bispo de Coimbra), altar-mór e dois lateraes. O corpo da egreja tem 13 metros de comprido e 7 de largo, e a capella-mór 6 metros por 5 ½, e toda de abobada.

Teve esta Senhora varias confrarias, alem da da camara, que todas a festejavam em dias differentes. A primeira que lhe fazia a festa era a irmandade da villa de Arrayolos, na 1.ª oitava do Espirito Santo, e depois a d'Evora, na 2.ª oitava. A confraria da parochia de S. Mathias (em cujo districto está a capella) fazia-lhe a festa na 3.ª dominga de agosto. A confraria de Monte-Mór-Novo, e outras mais, não tinham dia certo para a sua festa.

Finalmente, em quasi todo o anno era a Senhora de Guadalupe muito festejada, e concorrido este sitio por muitas romarias.

Consta que na grande peste de 1599, os moradores d'Evora fizeram voto de ir todos os annos em procissão a Nossa Senhora de Guadalupe (ainda então no antigo oratorio das casas dos Telles de Menezes) se terminasse o contagio, levando-lhe uma peça de prata (que uns dizem era da fórma de uma cidade, outros dizem que era um vaso ou outro qualquer objecto de prata.)

Esta devoção e offerta continuou por alguns annos; mas, com o andar dos tempos, se foi pouco e pouco esquecendo, até que se extinguiu.

—

Proximo ao sanctuario d'esta Senhora, tinham fundado os primeiros eremitas de S. Paulo da congregação da serra d'Ossa, em 1433, um erimiterio ou hospicio (ainda no tempo em que quasi todos os eremitas eram leigos) dedicado a Santa Catharina, virgem e martyr, e um dos altares da egreja d'este eremiterio era tambem dedicado a Nossa Senhora de Guadalupe.

Este hospicio se extinguiu depois, convertendo-se em quinta ou granja pertencente ao collegio da mesma congregação da cidade d'Evora.

—

A indentidade do nome d'este sitio, com o da serra de Monte-Muro, da Beira-Alta (a antecedente) tem dado logar ao erro de alguns escriptores, que collocam o castello de Giraldo Giraldes, no Alemtejo, quando elle só existiu na Beira-Alta, proximo ao rio Douro, como fica dito.

MONTE-NEGRO — Vide *S. Julião ou Monte-Negro*, a pag. 425, col. 1.ª, do 3.º vol.

MONTE OLIVÉTE—Real mosteiro de Nossa Senhora da Conçeição, de frades agostinhos descalços, do Monte Olivéte, no valle de Xabregas, arrabaldes orientaes de Lisboa, na freguezia do Beato, concelho dos Olivaes.

Foi fundado pela rainha D. Luiza de Gusmão, viuva de D. João IV — lançou-lhe a primeira pedra, em 7 de maio, dia da Maternidade de Nossa Senhora (outros dizem que em 13, dia de Nossa Senhora dos Martyres) do anno de 1666, o infeliz D. Affonso VI, filho da fundadora.

Na egreja d'este mosteiro está a imagem de Nossa Senhora de *Copacavana*, que consta ser copia de outra do mesmo titulo, muito venerada no logar de Copacavana, partido de Omasuyo, bispado da Paz, no Perú.

Diz-se que *Copacavana* é palavra amarea (antigo peruano) que significa *logar, ou assento da pedra preciosa.*

Foi collocada na egreja esta santa imagem no 1.º de novembro de 1706.

Fôra a imagem mandada fazer (por pedido de um frade d'este convento) á custa de D. Thereza de Moscoso Sandoval Espinola Gusmão e Roxas, condessa de Santa Cruz (vide Monte-Mor-Novo) que, depois de completamente acabada, a levou na sua carroça para o convento das freiras agostinhas descalças, onde foi benzida, hindo no dia seguinte para o mosteiro de Monte Olivéte.

—

A ordem dos agostinhos descalços, teve principio n'este reino, em 2 d'abril de 1663: deu-lh'o a rainha D. Luiza de Gusmão, fundando no Valle de Xabregas dous conventos, o 1.º de religiosos; e o 2.º de religiosas, que se descalçaram no mesmo dia 2 de abril, que foi dia de Nossa Senhora dos Prazeres, em presença da mesma soberana, que lhes dera uma quinta que alli tinha, transformando em mosteiro metade do seu proprio palacio. Descalçaram-se cinco frades e cinco freiras: aquelles vieram do convento da Graça, de Lisboa, e estas do de Santa Monica, da mesma cidade.

Cada freira vinha em sua carroça, acompanhada de sua madrinha, que era uma das principaes fidalgas da côrte. Pararam na capella que tinha fundado D. Gastão Coutinho e que então era de Luiz Gonçalves da Camara Coutinho, a qual estava ricamente ornada, e d'aqui principiou uma procissão até Xabregas, com as dez pessoas que se viam descalças, levando as freiras os rostos com veus. Hia toda a comunidade da Graça.

Os habitos da nova regra lhes foram lançados pelo padre mestre, frei José de Sotto-Maior, commissario geral da ordem. Toda a côrte assistiu a esta imponente ceremonia.

As freiras ficaram logo no seu novo mosteiro, em companhia da rainha; e os frades foram para o seu, fundado em uma quinta proxima, e quasi em frente do mosteiro das freiras. Esta propriedade tinha sido de Gonçalo Vasques da Cunha, e se chamava já — *Quinta do Monte Olivéte.*

A imagem da padroeira d'este convento (Nossa Senhora da Conceição) era de barro, feita por frei Agostinho dos Anjos, conego de S. João Evangelista (loyo) insigne esculptor em barro, e natural de Braga.

Na noite de sabbado, 23 de outubro, para a de domingo do anno de 1683, pela uma hora depois da meia noite, estando a egreja armada, por haver Lausperenne, estando os frades a rezarem matinas no côro, e muita gente na egreja; quando os frades chegaram ao psalmo 17.º *(Diligam te Domine fortitudo mea)* quando diziam—*Ascendit fumus in ira ejus, et ignis à facie ejus exarcit: carbones Succensi sunt ab eo* [1] — cahiu uma vela sobre o throno, que rapidamente se incendiou, e como a egreja era pequena e baixa (os religiosos ainda estavam no convento velho) e forrada de pinho de Flandres, em um momento se communicou o fogo para todas as partes, não tendo os frades mais tempo do que salvarem-se, levando apenas os livros por onde resavam. No curto espaço de duas horas, ardeu todo o edificio, sem que se podesse salvar cousa alguma. A imagem da padroeira, como era de barro, não o teve menor perigo.

Logo no domingo pela manhã, foi levado em procissão, o Santissimo da capella, que os frades tinham na cêrca, para a egreja das freiras, onde continuou o lausperenne. Á missa conventual, o padre frei José dos Martyres, subindo ao pulpito, fez um sermão que commoveu todo o auditorio, composto, pela maior parte, das principaes personagens de Lisboa, tanto pela sua nobresa, como pela

[1] Desço a estas minuciosidades por achar n'isto uma notavel coincidencia; muito mais porque na mesma noite do incendio expulsaram os inglezes, da cidade de Tamger (Africa) a todos os catholicos, apesar do que tinham estipulado com a nossa rainha D. Luiza de Gusmão na escriptura de casamento de sua filha, D. Catharina, com o rei da Gran-Bretanha Carlos II.—Na mesma noite queimaram os mouros todas as egrejas christans d'esta parte da Africa. Ainda mais. A darmos credito a escriptores contemporameos n'essa mesma noite cahiu a espada de D. Afonso Henriqugs que éstava em uma estatua d'elle, no frontespicio do real mosteiro d'Allcobaça — e tambem na mesma noite, appareceu despedaçada a espada, de pedra, da estatua de do rei D. Duarte (pae de D. Afffonso V que tomou Tanger aos mouros) no convento da Batalha. Todas estas coincidencias, deram então muito que fallar, e muito que scismar.

sua sciencia e pelos altos empregos que occupavam na côrte.

Ainda outra coincidencia — o *introito* da missa d'aquelle dia, era — *Omnia quœ fecisti Domine, in vero juditio fecisti* — de cujo texto tirou o sagrado orador todo o partido que lhe proporcionava a sua vasta intelligencia.

O mais que diz respeito a estes dois mosteiros, achal-o-hão os leitores no artigo *Xabregas*.

Monte Olivéte, é tambem o nome de uma rua de Lisboa, perto do antigo *collegio dos nobres*, hoje *escola polytechnica*.

MONTE PARABOLOSO, ou **MONTE PEROBOLSO**—Vide *Monte de Perobolso*.

MONTE-RAZO—Beira-Alta, a 6 kilometros a E. de Lamego e 8 ao S. do Douro, está situado este vasto monte, ficando lhe a N. O., a 2 kilometros de distancia, a celebre serra de S. Domingos de Fontello ou da Queimada, á qual o Monte-Razo excede em altura, mas não é impinado, nem ingreme, antes facil o accesso e suave a subida pela grande extensão da sua base, que abrange uma área de muitos kilometros, comprehensiva de parte das freguezias de Queimadella, Queimada, Tões, S. Romão, S. Thiago, no concelho de Armamar, e Salzedas, no concelho de Mondim da Beira.

Do seu longo vertice gosa-se para todos os lados um panorama extensissimo e encantador, avistando-se a cidade de Lamego, as villas de Mesão-frio, Villa Real, Tarouca, Armamar e outras innumeras aldeias; as serras de Santa Helena, Nave, Gralheira, Penude, Marão, Senhora da Piedade e outras, e maior ou menor porção de todos aquelles concelhos, que no artigo—*Fontello*—se disse divisarem-se da serra de S. Domingos, fronteira a este monte.

A sua mesma elevação torna Monte-Razo muito frio, mas em certas épocas do anno, em que a humida e densa neblina toma assento por dias, e ás vezes por semanas, nas povoações proximas, os moradores d'ella vão ao seu amplo cume, e alli recebem os beneficos raios do appetecido sol.

N'esta montanha não ha rochas graniticas, nem de outra especie de pedra, e difficil seria achal-a para construir um pequeno edificio: é porém na parte menor povoada de pinhaes e matto, em que abunda a caça; e na maxima parte cultivada e fertil em batatas e cereaes, mórmente centeio e trigo, de que se abastecem as freguezias a que ella pertence.

MONTE REAL—Freguezia, Extremadura, concelho, comarca, bispado, districto administrativo e 14 kilometros ao S. de Leiria, 140 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 138 fogos.

Orago S. João Baptista.

O povo apresentava o cura (nomeando trez presbyteros, dos quaes o bispo escolhia um) que tinha 90$000 réis (em trigo) e o pé d'altar.

Esta freguezia foi criada pelo bispo da Guarda, D. Pedro, prior-mór de Santa Cruz de Coimbra, em 1512, desmembrando-a da freguezia de S. Thiago, de Leiria. Os freguezes ficaram obrigados á fabrica da egreja, capella-mór e sachristia, e ao ordenado do parocho, que era um alqueire de trigo por cada fôro inteiro, e os solteiros ou viuvos, metade; e 3$000 réis em dinheiro que lhe dava o prelado, além de todas as offertas parochiaes da egreja.

Tinha o cura obrigação de ir todos os annos á egreja de S. Thiago, de Leiria (então parochial) d'onde antes eram freguezes, nos dias do Espirito Santo e Corpo de Deus.

O bispo D. Martim Affonso Mexia, dispensou os parochos de Monte Real d'esta obrigação (liv. do registo, a fl. 32).

Havia no logar da Povoa de Monte Real, uma antiga ermida, dedicada a S. João Baptista, que serviu de matriz á nova freguezia, que foi principiada com 40 visinhos.

O cura tinha casa de residencia, dada tambem pelos freguezes. Aquelle tinha metade das ausentas, e a outra metade era para o cura de Carvide, com obrigação de ambos as rezarem nas suas egrejaa; porque no anno de 1632, o bispo, D. Diniz de Mello, desmembrou d'esta freguezia o logar de Carvide, para formar uma freguezia. [1]

[1] O povo de Monte Real, oppoz-se a esta desmembração, e houve pleito; mas tendo aggravado para o juizo da corôa, não tive-

O logar principal d'esta freguezia é a villa da Póvoa, que, como adiante se verá, se chamou antigamente *Camarreu.*

Aqui risidiu algum tempo o rei D. Diniz e sua mulher, a rainha Santa Isabel, pelos annos de 1292, e então a fez villa e lhe deu foral, com muitos privilegios, liberdades e fóros, mudando-lhe o nome para Monte Real, e concedendo-lhe jurisdicção independente da de Leiria.

Está a freguezia situada sobre o monte da *Bóca*, sobranceiro ao *Campo*, de Leiria.

Além do foral, e para que esta freguezia mais facil e rapidamente se povoasse, lhe passou depois uma provisão, cujo theor é o seguinte :—(Traducção.)

«Em nome de Deus, amen. Saibam quan«tos esta carta virem, que eu, D. Diniz, pe«la graça de Deus rei de Portugal, *emsem«bra* (juntamente) com a rainha D. Isabel, «minha mulher, e com o infante D. Affonso, «meu filho, primeiro herdeiro, dou a fôro, «para todo o sempre, o meu reguengo, que «chamam Camarreu, que é no termo de Lei«ria, desde o fundo até ao cimo do monte «chamado da Bóca; com suas sahidas e com «todas as suas entradas, e com todas as suas «pertenças e com suas *adêmas* [1] a todos os «povoadores da minha *póbra* (póvoa) que se «chama *Mon-Real*, e a todos os seus succes«sores, por tal preito e sob tal condição, que «elles *pobrem* (povoem) lavrem e *afruitem* «todo o dito meu reguengo, e o *rompam* (ar«roteem) e deem a mim, e a todos os meus «successores, em cada um anno, o quarto do «pão, e de todo o outro fructo que lhes Deus «dér; em salvo salvando, que o preço dos «obreiros devessem a pagar do monte, e não «déssem d'elles jugada, e das adêmas não «devem pagar a mim fôro nenhum, e elles «não sejam devidos a dar-me mais. E eu lhes «devo dar *vigario*, ou juizes, assy como dou «nos outros meus reguengos, para fazerem «perante elles direito, e elles não devem ser «demandados perante outrem, e eu devo lhes «fazer abertas, sargentas e pontes, bôas e ca«minhaveis, onde quer que sejam mister; «em esse meu reguengo, e manter-lh'os pa«ra todo o sempre; e, aquelles que morarem «continuamente com suas mulheres, e com «suas casas, no dito logar, devem ser *escusa«dos d'hoste:* (isentos do serviço militar) e em «todas as outras cousas, devem fazer fôro, «como os mais do termo de Leiria, que mo«ram ao longo dos da mesma villa de Leiria, «tanto como elles tambem no *relego* (aqui si«gnifica reguengo: vide as palavras *relega«do* e *relego*) como nas outras cousas.

«Em testemunho d'isto, dei aos ditos *po«bradores*, esta minha carta, sellada com o «meu sello de chumbo, em Lisboa, no pri«meiro dia de julho, da era de 1348 (20 de «junho de 1310 de J. C.)—El-rei o mandou. «*Bartholomeu Peres*, a fez.»

Esta provisão, ou carta regia, foi confirmada e mandada guardar inteiramente, por nova provisão de D. João I, em Santarem, no anno de 1425—por el-rei D. Duarte, em Lisboa, a 9 de dezembro de 1433—por D. Affonso V, a 5 de junho de 1439—pelo rei D. Manuel, a 10 de maio de 1504—por D. João III, em 18 de novembro de 1528—e, finalmente, pelo rei D. Sebastião, a 4 de junho de 1578; mas este rei não isentava estes povos de serem das ordenanças. Filippe IV tambem lhe confirmou estes privilegios, em 28 de junho de 1633.

Teve esta villa, hoje extincta, juiz ordinario, camara, com trez vereadores, e tinha por termo Segodim.

ram provimento, e a nova freguezia subsistiu.

[1] *Adêma* ou *adêmea*, não era terra de campo descoberto e raso, que todos os annos se lavra e cultiva, nem monte maninho, inculto ou bravio; mas sim uma terra fructifera e rendosa, entre o monte e o campo, susceptivel de toda e qualquer producção agricola.—*A quarta parte de todolos ffructos, e coisas, que Deus hy der, tambem da* adêmea, *come do campo: e do que arromperdes na charneca, o quinto.* (Doc. da Universidade, de 1345.) Em outro documento, tambem da mesma Universidade, de 1429, se lê: *A quarta parte de todo o pam e linho, que lhes Deus dér nas dictas terras, assy do campo, como* adêmea.

Em outros muitos documentos dos seculos XIII, XIV e XV se vê a palavra *adêma* ou *adêmea* empregada com a mesma significação.

Este termo principiava no *ribeiro do Frade*, e pela parte do campo, chegava da Bóca até ao mar.

—

O campo chamado *realengo* (o mesmo que *relêgo*—depois *reguengo*) foi empenhado por D. Affonso V, por contracto feito com o conde de Villa-Real, D. Pedro de Menezes, com as jugadas e oitavos, por 1:700 *bicas* de prata, que importaram em 8:000 crusados, com mais 247$600 réis—a rasão de 2$028 réis o marco, valor de então, e que correspondia a uma *bica;* reservando para si a alcaidaria-mór de Leiria, as sizas e a *júdaría* [1] (Doc. do cartorio de S. Domingos, da Batalha.)

D. frei Francisco de S. Luiz, diz que os direitos de Leiria (jugadas, sizas, etc.) foram vendidos por D. Affonso V, ao conde de Villa-Real, senhor d'Almeida, D. Pedro de Menezes, em duas vidas, e com pacto de remissão, depois d'ellas, por 19:000 coroas, de 120 rêis (a coroa) que montavam então a 1:239 marcos, e onça e meia de prata, da lei da marca de Lisboa, a rasão de 1:840 reaes o marco. Esta venda foi feita em Evora, a 18 de março de 1475. Inclue varias condições, reservando os paços reaes de Leiria, a sua alcaidaria-mór, judaria, sizas, jugadas, etc.

O *campo realengo*, principia no logar da Barrosa, em frente d'elle, e vae correndo até ao mar, e pelo meio do rio, estando de uma e outra parte muitas povoações e freguezias, como é—da parte do mar, Barrosa, Barreiros, Amôr, Coucinheira, Monte-Real, Granja, Cravide, Passagem e Vieira—e da outra parte, Gandara dos Olivaes, Regueira de Pontes, Riba d'Aves, Ruivaqueira, Lagôa, Varzeas, Arroteia, e muitas outras aldeias, de uma e outra parte.

Até á ponte de Monte-Real, chama-se *Campo Velho*, e d'ahi até ao mar, se vae continuando de ambas as margens do rio, com diversos nomes, que são — Lacreiro, Paúl, Molhão, Volta, Campo da Pedra, etc.

Em todo este campo ha muitas lesirias, de differentes proprietarios, que pagavam de direitos, o terço dos fructos, excepto no districto de Monte-Real, onde *sómente* se pagava o quarto, por privilegio que lhe concedeu a rainha Santa Isabel. Ainda n'este districto havia algumas sórtes, que, por graça especial da mesma senhora, pagavam, uns o *quinto*, outros ainda menos.

Havia antigamente varios empregados (pagos pelas rendas do campo) para assistirem ás partilhas do pão, e para as mais diligencias precisas.

Alem d'este tributo, já bastante pesado, todos os que tinham sortes n'este campo, pagavam o dizimo, sem d'isso serem isentos os capitulares ou beneficiados da sé.

O prior-mór de Santa Cruz de Coimbra (a cuja jurisdicção pertenceu o futuro bispado de Leiria) e o clero d'esta cidade, doaram ao rei D. Diniz e a sua mulher, na era de 1347 (1309 de J.-C.) a terça parte dos dizimos (do pão sómente) d'este campo, no logar chamado *Comarinho do Monte da cabeça de D. Sancha* (é o monte da Bóca) desde o fundo (da raiz do monte) até ao mar.

Esta doação foi sob a condição de que, com o producto d'esta terça, se abririam e manteriam abertas, as vallas precisas para beneficio do campo; e que d'esta terça se não gastasse senão no rompimento e conservação das taes vallas. (Doc. do cabido de Leiria.)

No mesmo cartorio existe um documento que prova que em 1441 (reinando D. Affonso V) já este campo era cortado por vallas.

—

No logar de Monte-Real, houve um palacio, ou mandado fazer por D. Diniz, ou por

[1] *Judaría* ou *judenga* era a siza que D. João II impoz aos judeus, em 1489 (vide *Segitorio.*) Não se confunda porém com *juderéga*, que era um outro tributo que pagavam os judeus, (tambem chamado dos *trinta dinheiros*) por cabeça, para lembrança de terem vendido Jesus Christo por 30 dinheiros. Em muitos documentos tambem se dava a este vergonhoso e vexatorio tributo — erradamente—o nome de *judaría* e *judenga*. Bem cara pagavam os pobres judeus a tal ou qual tolerancia que gosavam em Portugal!

elle reedificado, onde residiu, com sua mulher e a sua casa. Ainda há ruinas d'este paço.

—

Em 1807 se achou n'esta freguezia (proximo á nascente de agua mineral de que em seguida trato, junto de um penedo, cobrindo com um dos lados varias medalhas romanas, de cobre e latão, mettidas na cavidade de uma outra pedra; d'ellas fallo tambem adiante) um pequeno altar portatil, de 24 centimetros d'altura, que se conserva no gabinete de numismatica da bibliotheca nacional de Lisboa. É de marmore, e estava enterrado a uns 70 centimetros abaixo do solo. Tinha na frente a inscripção seguinte:

F. S.
.... FRONTO —
NIVS.............. A —
VITVS ....
.... A. L.........

Já se vê que é intraduzivel, pela falta de muitas letras que a acção do tempo destruiu.

—

A 1300 metros a N.O. do sitio dos *Covões*, d'esta freguezia, junto á raiz de um pequeno monte, contiguo ao campo realengo, nasce em uma rocha, uma telha de agua mineral.

Este monte, pela sua structura e formação geologica, parece continuação do em que está situada a povoação de Monte-Real; sendo, pela maior parte, formado de saibro amarello, areia, argilla, e feldspatho-calcareo, mas, com tanta irregularidade, que parece um amontoado de pedras, de diversos tamanhos e especies, formando uma pedreira mixta.

N'esta zona de rochas, que caminha pela raiz do monte, e nas camadas de terra proximas, observam-se uns afloramentos brancos, de sabor algum tanto amargo e salino.

Nas escavações que mandou aqui fazer o bispo de Leiria, D. Manuel de Aguiar, em 1806, para se fazerem duas pequenas casas de madeira, para n'ellas se tomarem banhos, notou-se nas cavidades das pedras que se arrancavam e por onde a agua passava, certo deposito de côr cinzenta, muito friavel, e com cheiro sulphuroso. Em outras pedras se via, em pequena porção, oxido de ferro, ou ócre.

Em distancia de uns 30 metros da nascente da agua mineral, sente-se um cheiro hepatico, ou de ovos chocos.

Por onde corre a agua, deixa um sedimento cinzento-claro, quasi insipido, que, lançado no lume, arde, sem chamma, mas com fumo forte e suffocante, como o do enxofre. Mergulhando-se a mão na agua da nascente, sente-se calor, mas o thermometro F. mostra apenas 67°, e o de R. 15° 50.

A sua côr é quasi hyalina transparente, sabor hepatico, amargo, contendo gaz-hydrogenio-sulphurado.

São pois estas aguas *sulphureas hepaticas salinas frias*, contendo sulphato de magnesia, carbonato e muriato de sóda e gaz acido carbonico.

Ainda que frias, applicam-se em banhos, que se tomam sem incommodo notavel.

Ha todas as razões para acreditar que estas aguas já eram conhecidas no tempo dos romanos, porquanto, apezar de que na segunda escavação que aqui se fez em 1807, as medalhas e cippos que se acharam espalhados na terra, junto á fonte, não mostrassem inscripção alguma allusiva a esta agua, e ao seu emprego como medicinal, todavia, as legendas romanas das moedas, e a inscripção do altar (ou ára) que fica mencionada, provam exhuberantemente que os romanos conheceram estas aguas, e por aqui residiram, pelo menos temporariamente.

A maior parte das medalhas eram *frustras* (inuteis por se lhes não conhecer o cunho) — o resto d'ellas que ainda conservavam, no todo ou em parte, as gravuras primitivas, eram as seguintes:

1.ª — Um busto d'homem, com a legenda circular — IMP. ALEXANDER PIVS AVG. — no reverso — uma figura de corpo inteiro, tendo aos pés, de um lado, S. e do outro, C. — em volta, a legenda — PROVIDENTIA AVG.

2.ª — Apenas se póde ler — AVRELIVS.

3.ª — Só se lê — PHILIPPVS CESAR.

4.ª — Só se lê — ...... INA (a imperatriz Faustina?)

Ermidas d'esta freguezia

1.ª—A mais antiga—era *a de S. João Baptista*, na Póvoa de Monte-Real. Já disse que serviu por algum tempo de matriz da nova freguezia. — Foi demolida quando se fez a egreja parochial, ficando o padroeiro da capella a ser da freguezia. Estava n'esta ermida, de tempos immemoriaes e por auctoridade regia, estabelecido um bôdo (como o que havia nas Córtes, Reguengo, e Batalha).

Deixou de existir com a ermida.

2.ª — *Da rainha Santa Isabel.* Não tem rendas proprias, o culto e reparos é feito com esmolas. Foi feita na casa que foi paço de D. Diniz e da mesma santa, no logar da Póvoa. Foi mandada construir pelo bispo de Leiria, D. Martim Affonso Mexia, para obstar á obra que n'este edificio queria para si fazer o duque de Caminha, D. Miguel de Menezes. Tem confraria, e se lhe faz a festa no dia proprio.

3.ª — *Nossa Senhora da Esperança* — na *quinta do Ferro*, que foi de Manuel da Motta Madureira. Foi feita por Henrique da Cunha, em 1604, sendo bispo D. Pedro de Castilho. O fundador a dotou com renda sufficiente, por escriptura publica, que existe no archivo da meza episcopal. A sua primeira invocação foi de *Nossa Senhora da Consolação*. Disse-se n'ella a primeira missa, por licença do prelado, em 1605. (L.º do registo da camara ecclesiastica, a fl. 100 v.)

MONTE-REDONDO—freguezia, Extremadura, comarca, concelho, bispado, districto administrativo e 16 kilometros a de Leiria 150 ao N. de Lisboa, 500 fogos.

Em 1757, tinha 276 fogos.

Orago Nossa Senhora da Piedade.

A mitra apresentava o cura, que tinha 130$000 réis de rendimento, proveniente d'um alquere de trigo de cada fogo inteiro e 25 réis por um quartão de vinho, os meios fogos (solteiros e viuvas) metade, o bispo lhe dava 3$000 em dinheiro. Tinha mais as offertas da ermida parochial e das annexas e as ausentes.

Os logares de Monte-Redondo, Coimbrão, Ervedeira, e uns casaes e uns moinhos proximos, pertenceram até 1589, á freguezia de Souto. Os moradores d'aquelles logares e casaes, requereram ao bispo, D. Pedro de Castilho, para formarem parochia independente, o que o prelado lhes concedeu n'aquelle anno.[1]

Dm uma terra de prazo de commenoa de Alcobaça. havia uma ermida dedicada á Nossa Senhora da Piedade.

Esta terra andava emprasada a Antonio Fernandes e a sua mulher Lucrecia Bordeira. Pretenderam os povos a que a egreja matriz se edificam n'este sitio, emphiteutas consentiram de boa vontade acontecendo o mesmo pela paote do commendatario, fazendo doação livre do terreno, desistindo do do direito du apresentação do parocho, a que lhe dava direito a circunstancia de se fazer a egreja no seu chão.

Os freguezes ficaram obrigados á fabrica da egreja, capella-mór, sachristia e casas de residencia do arocho. assim como ao ordenado d.este, que era o que fica dito.

A egreja matriz é pequena. No altar-mór esta a padroeira, em nicho de pedra. dourado e pintado, tendo o Senhor morto nos boaços. Tem dois altares lateraes.

Ha n'esta freguezia a *capella de Santo Aleixo*, muito pequena, e em uma mattinha, no sitio do Paço. Não tem fabrica, pelo que n'ella se não diz missa.

Ha tambom a *edicula de Nossa Senhora das Mercês*, na quinta que foi de Diogo Pimenta. Tambem não tem fabrica, nem é benta, e nunca aqui se disse missa.

MONTE-REDONDO—freguezia, Extremadura, comarca, conselho, e kilometros ao de Torres Vedras 40 ao N. O. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757, tinha 37 fogos.

Orago o Espirito Santo.

Patriarchado e districto administrativo de Lisboa.

Os beneficiados de S. Miguel de Torres

[1] Já em visita, no anno de 1574 tinham estes povos pedido para constituirem freguezia; porem respondeu-se-lhes que requeressem ao prelado diocesano. s que fizeram.

Vedras apresentava o cura, que tinha 60$000 réis, que lhe davam os beneficiados, e 40 alqueires de trigo e um quarto de vinho, dado pelos freguezes.

Foram senhores donativos d'esta freguezia *Feios*, ou *Fêios*, que procedeu de Martim Gil d'Athayde, cognoniminado *o Feio*, e de D. Elvira Annes. D'estes descendeu Pero *Fêo* estribeiro-mór de D. Affonso V e Lopo Alvares Fêo cunhado do cardeal D. Jorge da da Costa, e porgenitor da noblissima casa de *Pancas*.

Os Feios trazem por armas, em campo azul, tres bandas de purpura, perfiladas de ouro. Timbre, um leão, rompente, de prata, bandado e armado de purpura.

Alem da casa de Pancas, aparentada com as mais nobres casas de Portugal, ha em diversas partes d'este reino varios ramos dos *Feios*, distinguindo-se alguns dos seus membros pelos importantes logares que occupam na republica, principalmente na magistratura, onde muitos d'elles teem brilhado, já como escriptores juridicos, já como julgadores.

Note-se que *fêo* é tambem uma antiga palavra portugueza, e o mesmo que *fêno;* mas não o a que actualmente se dá este nome, herva bem conhecida. O fêno ou fêo dos antigos, é a rama (ou *agulha*) sêcca de pinheiro, que nas provincias do norte se chama, em umas partes *carva*, em outras *carúma*, e em outras *moliço*.

MONTE REDONDO—freguezia, Minho, comarca e concelho dos Arcos de Valle de Vez, 30 kilometros ao O.N.O. de Braga, 390 ao N. de Lisboa, 85 fogos.

Em 1757, tinha 98 fogos.

Orago, S. Bartholomeu, apostolo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

Os viscondes de Villa Nova da Cerveira apresentava o abbade, que tinha 350$000 rs. de rendimento annual.

É terra muito fertil. Cria muito gado de toda a qualidade, e tem muita caça.

Consta que antigamente os parochianos da actual freguezia de S. Payo, dos Arcos de Valle de Vez, pertenciam a esta freguezia de Monte Redondo, até que aquella foi creada no meado do seculo XVI; porém isto não passa de tradição.

MONTE-SIÃO — Outeiro, Extremadura, (ao S. do Tejo) na freguezia da Amóra e Corrôios, concelho do Seixal, comarca d'Almada, patriarchado e districto administrativo de Lisboa, d'onde dista 18 kilometros ao S.— (Vol. 1.º, pag. 201, col. 1.ª)

No plató d'este outeiro está edificada a egreja matriz da freguezia, cujo orago é *Nossa Senhora do Monte-Sião*, nome tomado do sitio.

Em volta d'este outeiro ha outros, que, por serem de menor altura, lhe não limitam os horisontes; pelo que d'elle se gosam bellissimas vistas de povoações, outeiros, cearas, pomares, vinhas e hortas, e o bello e magestojo rio Tejo.

Consta por tradição, que uns negociantes da *carreira da India*, trouxeram do reino de Sião, uma imagem da Virgem, e a collocaram em uma ermida que lhe construiram no sitio da egreja actual; porém não merece credito similhante tradição, porque, todos sabem que só no principio do XVI seculo principiámos as nossas navegações para o Oriente, e a capella já existia no fim seculo XIV, do que ha documentos no cartorio da Sé patriarchal.

É provavel que a devoção dos fieis para com esta Senhora, os levasse a ampliar a primitiva capella, dando-lhe as actuaes dimensões, de modo a poder servir de matriz da parochia.

—

Na capella da padroeira, está a sepultura de D. Marcos de Noronha, filho d'outro do mesmo nome, naturaes d'esta freguezia. Tem um epitaphio enumerando os póstos e empregos que teve em Portugal.

Segundo se collge do *Sanctuario Mariano* (vol. 2.º, pag. 448), ainda em 1707 não era esta egreja, parochial. Resumo aqui o que n'aquella obra se diz a este respeito.

Não ha muitos annos (estamos em 1707) mataram n'esta freguezia um cavalleiro dos principaes d'ella, chamado Jeronymo Gomes do Amaral, com o qual tinha tido algumas razões, um outro cavalleiro, por nome, Sebastião da Gama Lobo, da freguezia d'Ar-

rentella, que, por isto ficou indigitado como assassino, o que muito o affligia, por estar innocente. Invocou o patrocinio da Senhora do Monte-Sião, e lhe fez uma novena, para que o assassino fosse descoberto. No fim d'ella, lhe appareceu em casa um individuo, confessando ter morto o Amaral involuntariamente; com cujo acto ficou justificado Lobo como innocente.

Este, em acção de graças, gastou muito dinheiro em obras *da capella.*

Da mesma obra consta porém, que já então aqui havia pia baptismal, pois n'ella foi baptisado um filho de Lobo, posto que nascido na freguezia da Arrentella (d'onde a da Amóra se veio depois a desmembrar, para formar parochia independente.)

MONTE-VIL —Vide *Mont'alvo.*

MONTE-VIRGEM — freguezia, Alemtejo, concelho e comarca do Redondo (foi da comarca de Monsaraz), 30 kilometros d'Evora, 155 ao S.E. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757, tinha 57 fogos.

Orago, Nossa Senhora do Monte-Virgem (antigamente, S. Mathias).

Arcebispado e districto administrativo de Evora. A mitra apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de pão.

É terra muito fertil, sobretudo em cereaes e vinho.

MONTE-VISEU ou **ORGENS**—logar, Beira-Alta, na freguezia, concelho, comarca, bispado e districto administrativo de Viseu, d'onde dista 2 kilometros a O., na encosta de um monte, tendo ao sopé um fresco, ameno e deleitoso valle. É um dos mais bonitos sitios dos arrabaldes da cidade, pelos seus bosques umbrosos, regados por varios arroyos.

Havia n'este sitio uma antiquissima ermida, dedicada a S. Domingos, pertencente ao cabido. Frei Pedro d'Alemanços, frade franciscano, pediu ao cabido a cessão d'esta ermida, para fundar um mosteiro da sua ordem (que foi dos mais antigos do reino).

Com a annuencia do cabido, sendo bispo D. João Homem, e por breve do papa João XXIII, deu fr. Pedro principio ao mosteiro, em 1410.

Passou depois o convento a ser vigariaria do de Santo Antonio de Viseu.

Na pequena egreja d'este mosteiro, havia uma capella de Nossa Senhora da Conceição, da qual foram padroeiros os Mesquitas Castellos-Brancos, de Viseu.

Nossa Senhora de Monte-Viseu, ou de Orgens, era objecto de grande devoção dos povos de Viseu e de todo o seu *áro.*

Varias vezes n'esta obra tenho fallado em *áro, tombo do áro,* etc. — Julgo a proposito (para os menos instruidos) dar aqui a significação d'esta palavra.

Áro, no antigo portuguez, e ainda usado em algumas terras do norte, significa — arco, circumferencia, contiguidade, visinhança, termo, suburbios ou arrabaldes de uma cidade, villa, ou qualquer grande povoação, que fica no centro d'elle. Assim, dizem os foraes, emprasamentos, védorias, apégações, etc. dos nossos passados — *áro do Porto, de Lamego, de Bragança, de Viseu,* etc. etc.

(Vide *Viseu.*)

MONTEIRAS—freguezia, Beira-Alta, concelho e comarca de Castro-Daire, 18 kilometros a O. de Lamego, 310 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757, tinha 120 fogos.

Orago, o Espirito Santo.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O abbade de Castro-Daire apresentava o cura, que tinha 40$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra bastante fertil. Cria muito e bom gado, e é muito abundante de caça, do chão e do ar.

MONTEIRO-MÓR—O officio de monteiro-mór, respeitava antigamente só a caça de montaria; assim como o de caçador-mór, ou falcoeiro-mór, a caça do ar. Depois uniu-se tudo em um só officio, com o titulo que serve de epigraphe a este artigo. Deu-lhe *regimento,* D. Philippe III, em 20 de março de 1605.

Acham-se monteiros-móres, desde o rei-

nado de D. Fernando I, em que Duarte Nunes de Leão, na sua chronica, menciona, como monteiro-mór d'aquelle monarcha (em 1379) Gonçalo Annes (a que outros chamam, Gonçalo Ayres).

Gil Martins Doutel, foi monteiro-mór de D. João I, por carta regia de 2 de maio de 1385, datada da cidade do Porto. Em 26 de agosto de 1424, o mesmo soberano, estando em Bellas, deu este officio a Lopo Vaz de Castello-Branco. (Este Lopo Vaz, é progenitor dos condes de Pombeiro, marquezes de Bellas.) — N'esta carta declara o rei, que o faz monteiro-mór, *sobre todos os monteiros das comarcas*.

Este Lopo se achou na tomada de Ceuta (Africa) e teve o mesmo officio nos reinados de D. Duarte e de D. Affonso V—Lopo Vaz de Castello-Branco, era casado com uma filha de Antão Passanha, um dos filhos do 4.º almirante, Lançarote Passanha.

No reinado de D. João II, teve este officio, D. Diogo Fernandes de Almeida, em 1482. Em 6 de janeiro de 1486, por carta datada de Santarem, onde então estava o rei, foi feito alcaide-mór de Torres-Novas.

Em 1497, tinha este officio, D. Alvaro de Lima, reinando D. Manuel; seguindo-se-lhe, no mesmo reinado, D. João de Lima, e a este, D. Luiz de Menezes, que o foi ainda de D. João III.— Seguiu-se n'este reinado, Jorge de Mello (a quem o rei fez do seu conselho, em Almeirim, a 22 de maio de 1524).

D'aqui em diante, continuou o officio de monteiro-mór, nos descendentes de Jorge de Mello, até ao reinado de D. João V, em que o foi D. Henrique de Noronha (filho 2.º de D. Pedro Antonio de Noronha, 1.º marquez d'Angeja) pela alliança com D. Maria de Mello, sua sobrinha, filha do ultimo Francisco de Mello. Foi monteiro-mór por alguns annos, e, morrendo sem successão, tornou a viuva a casar, com Fernão Telles da Silva (3.º filho do conde de Tarouca, João Gomes da Silva), que, por sua mulher, teve o officio, por carta de janeiro de 1728.

Ainda até ao reinado de D. Maria I, era o emprego de monteiro-mór, um officio com exercicio, depois passou a ser um titulo méramente honorifico.

MONTELAVAR—Vide *Monte-Lavar.*

MONTE-NÊGRO — Vide *Julião de Montenegro (São)*, a pag. 425, col. 1.ª, do 3.º vol.

MONTES —Vide *João dos Montes (São)*, a pag. 414, col. 1.ª do 3.º vol.

MONTESINHO — freguezia, Traz-os-Montes, concelho, comarca, Bispado e districto administrativo de bragança (esta freguezia está perto da raia hespanhola), 60 kilometros ao N. de Miranda, 490 ao N. de Lisboa.

Tinha em 1757, 14 fogos, e em 1852, 20.

Orago Santa Cruz.

O reitor de Carragosa apresentava o cura, que tinha 8$500 réis de congrua e o pé de altar.

Esta freguezia foi supprimida, por pequena, e annexada a Carragosa. (Vol. 2.º, pag. 117, col. 1.ª)

Era uma parochia muito antiga, pois que já existia em 1324. — O mosteiro de Castro d'Avellans, se intromettia a pôr *mempastores* (juizes) nas aldeias e logares cuja jurisdicção civil pertencia ao rei. N'aquelle anno, D. Affonso IV prohibiu este abuso, praticado em varios logares, e nomeadamente em *Montesinho* e *Quintanilha*. Vide *Carragosa*, no logar citado.

MONTES-CLAROS—aldeia, Alemtejo, freguezia, concelho e 2 kilometros de Borba, comarca e 12 kilometros de Estremoz, 4 de Villa Viçosa, no arcebispado e districto administrativo d'Evora. Situada em uma vasta planicie. Aqui houve uma grande batalha, no dia 17 de junho de 1665, entre os portuguezes, commandados por D. Antonio Luiz de Menezes, conde de Cantanhede e 1.º marquez de Marialva; e os castelhanos, commandados pelo marquez de Carracêna; sendo estes completamente desbaratados. (Para evitar repetições, vide vol. 1.º, pag. 418, col. 2.ª) [1]

Esta batalha gloriosa, foi dada proximo ao convento de Nossa Senhora da Luz, de frades paulistas, chamado vulgarmente *convento de Montes-Claros*, cuja origem é a seguinte:

Em um valle deliciosissimo, não só pela

[1] Em memoria d'esta batalha, erigiram os portuguezes, pouco depois d'ella, e no sitio onde se deu, uma egreja, dedicada a *Nossa Senhora da Victoria*.

abundancia d'aguas que o regam e fertilisam, como pelos outeiros que o cercam, cobertos de hortas e pomares, fundaram uns erimitas, pelos annos de 1416, reinando D. João I, um oratorio, dedicado a Nossa Senhora da Luz, e casas para residencia d'elles.

Viviam estes anachoretas sem regra monastica, empregando-se em doutrinar e instruir os povos, e em orar a Deus, até que, em 1584 foi confirmada a ordem dos monges de S. Paulo, 1.º eremita, por bulla do papa Xisto V; e estes religiosos, em um capitulo celebrado no mosteiro de Valle do Infante, no anno seguinte, se sujeitaram a nova regra, tomando por sua padroeira a da antiga ermida.

Eram estes religiosos muito estimados em toda a provincia geralmente, e em particular, pelos duques de Bragança — que residiam em Villa Viçosa — pela humildade e pobreza voluntaria em que viviam, e pelas muitas virtudes que praticavam.

As senhoras da casa de Bragança, mandaram fazer uma nova imagem (de róca) de Nossa Senhora da Luz, constituindo-se suas *aias*, e lhe deram riquissimos vestidos.

A duqueza, D. Leonor de Gusmão, mulher do duque D. Jayme, vinha muitas vezes visitar esta Senhora, e lhe fez muitas e valiosas offertas.

A duqueza, D. Luiza de Gusmão (filha do duque de Medina-Sidonia e mulher do duque D. João, depois rei, 4.º do nome) tambem teve muita devoção com esta Senhora, e quando se foi para Lisboa, já como rainha, a deixou muito recommendada ás suas damas que ficaram nos paços de Villa-Viçosa.

Diz a lenda que, quando o duque D. Jayme assassinou a sua esposa (a dita D. Leonor de Gusmão, filha de D. João de Gusmão, 3.º duque de Medina-Sidonia) na noite de 2 de novembro de 1512 (vide *Villa-Viçosa*, no logar competente), mandára metter o cadaver em um caixão e collocal-o sobre uma mulla, a qual, sem que pessoa alguma a guiasse, foi ter ao mosteiro de Montes-Claros, onde os religiosos lhe deram sepultura.

O que é certo, é ter aqui sido sepultada a duqueza, até que provada plenamente a sua innocencia, foi seu cadaver trasladado para a egreja do mosteiro das freiras das Chagas, de Villa-Viçosa, onde jaz.

No artigo *Villa-Viçosa*, tratarei do mais que respeita a este mosteiro.

MONTES DE PIEDADE e CELLEIROS COMMUNS — Nas côrtes que se celebraram nos paços da Ribeira, em Lisboa, (as 27.ªˢ d'este reino) sendo regente a rainha D. Catharina, viuva de D. João III, na menoridade de seu neto, o rei D. Sebastião — que assistiu ás mesmas côrtes, tendo apenas 8 annos de edade — (1562-1563) — (Pag. 397, col. 1.ª do 2.º vol.) pediram os procuradores dos póvos, que, onde houvessem rendas do concelho, se instituissem *celleiros communs*, para supprimento de annos estereis; o que foi approvado pelos tres estados.

De alguns dos capitulos das côrtes de Thomar, que Philippe II fez convocar em 1581, deprehende-se que semelhante pedido foi sanccionado.

Principiaram logo na provincia do Alemtejo a estabelecer-se estes celleiros communs, e esta instituição em breve se propagou por todo o reino; mas no Alemtejo havia mais do que em todas as outras provincias juntas, sendo o maior d'aquella, o de Beja, que ainda existe, bem como muitos outros.

Foi uma lembrança feliz, que em annos de fome tem por muitas vezes arrancado das garras da usura, aos lavradores, fornecendo-lhes por um juro modicissimo, sustento e sementes.

Notemos que, apezar de ser hoje moda, dizer mal dos frades e dos fidalgos, é de tudo quanto lhes dizia respeito, os povos, sobretudo as familias pobres (os *proletarios*, como agora se diz) lhes deviam grandes beneficios; pois, alem das esmolas das portarias, e do immenso numero de familias que empregavam, dando-lhe pão e trabalho, em muitos conventos e em muitas casas de fidalgos opulentos, estava em uso (em muitas partes até por condições expressas nas doações, ou nos regulamentos dos mosteiros, e nas instituições dos vinculos dos fidalgos) não se abrirem as suas tulhas ou celleiros,

senão no 1.º de janeiro, ao Sul; e no 1.º de maio, ao Norte. D'este modo, em anno de fome, os pobres achavam n'estas tulhas ou celleiros, os cereaes e legumes por um preço relativamente modico, e livravam-se da avareza dos productores, que se quizessem prevalecer das circumstancias. Hoje, que não ha celleiros monasticos, e que tambem quasi os não ha de fidalgos, devia o governo tomar a iniciativa d'este caritativo melhoramento, fazendo estabelecer em todos os concelhos, estes celleiros communs, ou outra qualquer instituição que vantajosamente os substituisse.

—

Os Montes de Piedade, eram tambem umas instituições caritativas, e que grandes beneficios proporcionaram aos necessitados, emprestando-lhes dinheiro por um juro limitadissimo, sobre qualquer objecto, quasi pelo seu valor, livrando os mutuarios da voragem dos onzeneiros.

Ignora-se onde e quando os *montes de piedade* tiveram principio. Suppõe-se que foi na Italia, no seculo XV, e que d'aqui passaram á Baviera e depois á França, e por fim a toda a Europa. As *caixas economicas* francezas, são tambem uma especie de montes de piedade.

Em Lisboa e Porto, estão ha bastantes annos estabelecidas caixas-economicas, onde o mutuario acha, pelo juro de 8 °/°, recursos para occorrer ás suas necessidades mais urgentes, sem a desgraça de cahir em poder dos usurarios que emprestam a 100 °/°.— Pena é que a estes providentes estabelecimentos se não tenha dado maior latitude.

MONTOITO ou **MONTOUTO**—villa, Alemtejo, concelho e comarca de Redondo (foi da comarca de Monsaraz) 30 kilometros d'Evora, 150 ao S.E. de Lisboa, 250 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Assumpção.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

Esta freguezia não vem no *Port. Sacro e Profano.*

É povoação muito antiga, mas não consta que tivesse foral velho.

D. Manuel lhe deu foral, em Lisboa, a 25 de outubro de 1517. *(Livro de foraes novos do Alemtejo*, fl. 108, col. 1.ª—Veja-se na gaveta 6.ª, maço 1.º, o n.º 221—e o processo para este foral, na gaveta 20, maço 12, n.º 10.)

N.B. Este foral acha-se repetido no mesmo livro de foraes novos do Alemtejo, a fl. 110 v., col. 2.ª

É uma povoação pequena e não me consta que tenha nada de notavel.

O seu territorio é muito fertil em todos os generos agricolas, cria muito gado de toda a qualidade e nos seus montes ha muita caça.

Foi couto, com justiça propria, mas vinha um escrivão de Monsaraz fazer as audiencias. A camara era composta de dois vereadores e do juiz ordinario, que era o *vereador mais velho e juiz pela ordenação.*

Foi commenda da Ordem d'Aviz, e a meza da consciencia apresentava o vigario, que tinha 90$000 réis de congrua (parte pago em cereaes) e o pé d'altar.

MONTOUTO—freguezia, Traz-os-Montes, concelho e comarca de Vinhaes (foi do concelho, extincto, de Santalha, comarca de Bragança), 80 kilometros de Miranda, 490 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757, tinha 31 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O papa e o bispo apresentavam alternadamente o abbade, que tinha 300$000 réis de rendimento.

Esta freguezia está situada proximo da raia hespanhola. É fertil e cria muito gado de toda a qualidade. Nos seus montes ha abundancia de caça, grossa e miuda.

O augmento da população, de 1757 para hoje, não é porque ella se tenha desenvolvido; mas porque se lhe uniram as pequenas freguezias de *Casares, Cerdêdo, Carvalhas, Landêdo*, e *Villarinho das Touças.* (Vide vol. 2.º, pag. 144, col. 2.ª, na palavra *Casares.*)

MÓO—portuguez antigo—*Mó.*

MÓOLO ou **MÓOLLO**—portuguez antigo—mólho, peixe pequeno.

MOORDOMO—portuguez antigo—mórdomo, feitor.

MOOZINHO—portuguez antigo—tambem

se dizia *mósinho* e *mousinho*. Vide col. 1.ª da pag. 348 d'este vol., na palavra *moçoco*—e col. 2.ª, da pag. 365, do mesmo vol., na palavra *molachino*.

MOQUE ou **ALFITRA**—portuguez antigo—um dos quatro tributos que os mouros conquistados e ainda não convertidos, pagavam aos reis de Portugal. Era a decima dos seus gados. Além d'este, pagavam tambem o *azaqui*—a decima de todos os fructos das suas terras; o tributo de *cabeça*, ou pessoal, que pagavam no 1.º de janeiro de cada anno; e, finalmente, a *quarentena*, que era de 40—1 (2 ½ 0/0) de tudo quanto possuiam. Em 1170, D. Affonso Henriques, e seu filho D. Sancho (depois 1.º do nome) deram carta de segurança aos mouros forros de Lisboa, Almada, Palmella e Alcacer do Sal, para que, *nem christão nem judeu lhes podesse fazer mal; e que podessem d'entre elles eleger um alcaide, que decidisse os seus negocios e contendas, impondo-lhes os tributos annuaes—um maravidi por cabeça, depois que podessem ganhar a sua vida*; alfitra e moque, *e a decima de todos os seus trabalhos* (que era o azaqui) *e que amanhariam as vinhas da corôa, e que venderiam os figos e o azeite do rei, pelo preço da villa*. Esta carta confirmou depois a rainha D. Dulce, e suas filhas (as rainhas D. Thereza e D. Sancha—Vide Lorvão e Monte-Mór-Velho) e D. Soeyro, eleito de Lisboa. [1] D. Affonso II tambem confirmou esta carta, em 1220.

MÓRA—villa, Alemtejo, cabeça do concelho do seu nome, comarca de Monte-Mór-Novo (foi da comarca de Arrayolos) 40 kilometros ao N. de Evora, 24 ao O. de Aviz, 12 ao S. de Montargil, 6 ao O. de Cabeção, 30 ao OSO. das Galveias, 100 ao SE. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 170 fogos.

Orago Nossa Senhora da Graça.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

O tribunal da mesa da consciencia apresentava o prior, que tinha 180 alqueires de trigo, 120 de cevada e 10$000 réis em dinheiro.

O concelho é composto das 4 freguezias seguintes, todas no arcebispado de Evora—são—Aguias (ou Brotas) Cabeção, Móra, e Pavia. Todas estas freguezias foram desmembradas do concelho de Monte-Mór-Novo, para formarem este. É povoação antiga, mas não se sabe quando nem por quem foi fundada. Tambem não consta que tivesse foral velho. D. Manuel lhe deu foral, em Evora, a 23 de novembro de 1519. *(Livro dos foraes novos do Alemtejo*, fl. 113 v., col. 2.ª)

Era commenda da ordem de Aviz, que, além do prior, apresentava (pela mesa da consciencia) um beneficiado.

Ha na freguezia tres ermidas—S. Sebastião, S. Pedro e S. Julião.

Tem casa de Misericordia e hospital, cujo rendimento foi em 1874, de 1:863$545 réis.

O termo de Móra, ainda que pequeno, tem grandes montados, onde se criam muitas *varas* de porcos, e outros gados; tem muitas colmeias que produzem mel e cêra, de optima qualidade, e são abundantissimos de caça, grossa e miuda.

O seu territorio é muito fertil em todos os generos do paiz, sendo os seus vinhos de superlativa qualidade.

É esta villa banhada, pelo N., pela ribeira do seu nome, que rega e fertilisa seus pomares (de excellentes fructas) hortas e cearas, e a provê de optimo peixe.

MÓRA—freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Vimiosò, comarca a 24 kilometros de Miranda (foi da comarca do Mogadouro) 450 kilometros ao N. de Lisboa.

Tinha em 1757, 23 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança. O reitor de Algoso apresentava o vigario, confirmado, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Esta freguezia foi no principio d'este seculo supprimida, por pequena, e annexada á da villa de Algoso.

MORADÉA—portuguez antigo—moradia, residencia, morada, e tambem casaria. *E relinquimos a* moradéa *ao dito moesteiro*. (Doc. de Alpendurada, de 1312 e 1313).

[1] D. Dulce foi mulher de D. Sancho I. Era filha de Raymundo Berengario (5.º do nome) conde de Barcelona, e de D. Petronilha, rainha de Aragão.

Diz-se *moradia* a um pequeno ordenado que dão os reis de Portugal e Hespanha aos moços fidalgos que servem nos paços reaes, e por isso se diz—*moço fidalgo com moradia*, e mais vulgarmente hoje—*com exercicio no paço.*

MORAES—freguezia, Traz-os-Montes, concelho e comarca de Macedo de Cavalleiros, (foi até 1855, do concelho de Izeda, comarca de Chacim) 40 kilometros de Miranda, 465 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757 tinha 41 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

A mitra apresentava o reitor, que tinha 40$000 réis e o pé de altar.

Foi n'esta freguezia o solar dos *Moraes* que d'ella receberam o appellido, ou lh'o imposeram como nome. Tanto a povoação como esta familia, são muito antigos, pois já em 1217, reinando D. Affonso II, aqui vivia Gonçalo Rodrigues de Moraes, cujo brazão d'armas (que passou aos Moraes, seus descendentes) é—escudo dividido em palla ; na 1.ª, de púrpura, uma torre de prata, lavrada de negro, com telhado d'oiro, grimpado de uma bandeira de prata, contra-chefe de ondas d'azul e prata—na 2.ª, de prata, uma amoreira verde, com raizes—contra-chefe estreito de terra—elmo d'aço, aberto—timbre, a torre das armas.

Outros do mesmo appellido. usam só—escudo dividido em palla—na 1.ª, d'ouro, uma amoreira verde—na 2.ª, de púrpura, uma torre de prata, lavrada de negro : contra-chefe estreito, d'ondas d'azul e prata. O mesmo elmo e timbre.

Os Moraes e Veras, trazem por armas—escudo dividido em palla—na 1.ª, de prata, uma amoreira verde—na 2.ª, d'ouro, duas bandas negras—o mesmo elmo e timbre antecedentes.

Moraes ou *amoraes*, é portuguez antigo—significa logares plantados de amoreiras—amoreiraes.

MORANGAL—quinta vinculada, Douro, na freguezia d'Espinhel, concelho e comarca d'Agueda, bispado de Aveiro. Foi dos Almeidas. Em 1580, Francisco Pinto d'Almeida e sua mulher, D. Leonor, fundaram junto ás casas nobres d'esta quinta, uma excellente capella, de formosa cantaria, dedicada a Nossa Senhora da Esperança.

Pelos annos de 1710, D. Christovam de Santa Maria, conego regrante de Santa Cruz, de Coimbra, e bisneto dos fundadores da capella (e instituidores do vinculo) a reedificou com grandes magnificencia. É ainda dos *morgados do Morangal.*

Esta quinta já existia no tempo dos godos, e foi occupada por uma familia mourisca, desde 720 até 1064. Então, restaurando D. Fernando Magno, de Leão, a cidade de Coimbra e todo o seu vasto territorio, do poder mauritano, os monges do mosteiro da Vaccariça, na Bairrada (Mealhada) justificaram pertencer-lhes as povoações de *Moçarros* (hoje, Villa Nova de Monssarros, no concelho e comarca da Anadia) com a sua egreja; *Sangalhos ; Barrô,* com a sua egreja; *Morangaus* (Marangal) *Tamengos; Hortr; Ventosa; e Cepins*: além de outras povoações menores.

Vê-se pois que a casa do Morangal, e a povoação do mesmo nome, são antiquissimas.

MORDOMO DA CURIA [1] (mórdomo-mór da casa real.) Antigo emprego da côrte.

Não se sabe quando nem onde teve princio, mas já existia no reinado de Dagoberto 1.º, de França (628 a 638 de J. C.).

Da França passou á Hespanha, no tempo dos godos, e d'estes, aos reis de Oviedo, Leão, Galliza e Castella; e depois a Portugal.

O conde D. Henrique teve mórdomo-mór; e é certo que já existia este emprego em Portugal, pois que em 1112, do 1.º anno da viuvez de sua mulher D. Thereza, regente do reino na menoridade de seu filho, D. Affonso Henriques (que tinha então 3 annos, ou pouco menos) em uma escriptura de doação que esta senhora fez a Froyla Spasso, da egreja de Santa Leocadia, em terra de Bayão, se nomeia Gonçalo Rodrigues, *mórdomo* da casa da rainha. Mas no tempo do

[1] Mórdomo vem das palavras latinas—*maior-domus*—quer dizer—*o mairor da casa.*

conde D. Henrique, de D. Affonso VI, de D. Garcia, etc., tinha este emprego differentes nomes, como adiante se dirá.

Em 1113, já exercia este officio, Egas Gozendes, de Bayão, como consta de outra escriptura da mesma rainha, pela qual doou a D. Anião Vestrariz (outros dizem, *Anião Estrada*) a villa de Góes.

Ainda em 1116 era mórdomo da rainha o referido Egas Gozendes.

Este D. Anião Vestrariz, era um senhor asturiano, que povoou a villa de Góes, em 1130, ou pouco antes.
(Vol. 3.º, pag. 283, col. 2.ª.

—

No *regimento dos mórdomos-móres*, se diz *Mórdomo-mór, quer dizer como o maior homem da casa d'el-rei, para ordenar quanlo é em seu mantimento, etc.*

D'elle dependiam os officiaes e creados da casa real, e por sua ordem se lhes pagavam as moradias. Provia varios officios, mandando passar alvarás de provimeno. Admittia os *vassallos* do rei a differentes graus ou fóros de nobreza, senão havia defeito para que fosse necessario o supprimento do monarcha.

No tempo dos antigos reis de Castella, era de tanta importancia este emprego, que elles o davam aos seus primogenitos. O infante D. Fernando, 1.º filho de D. Affonso, *o sabio*, foi mórdomo-mór de seu pae. O infante D. Pedro, o foi de D. Fernando IV,— O nossso rei D. Diniz, fez mórdomos-móres a seus filhos naturaes, D. Affonso Sanches e D. João Affonso. Finalmente, os reis de Portugal, sempre escolheram para seus mérdomos-mores, entre os ricos-homens, e senhores de terras, da primeira nobreza.

O nosso rei D. Diniz que deu o *Regimento dos mórdomos-móres*, guiou-se para elle, pela lei das *Partidas* (Parte 2.ª, tit. 9, pag, 17.) que copiou quasi litteralmente.

Nos primeiros tempos da nossa monarchia, davam se differentes nomes a este emprego, taes como—*dapifer, curiae dapifer, maior-domus, maior-domus palatii, dispensator domus, regiae, princips curiae, comes palatii,* etc.

Antigamente havia mórdomo-mór e mórdomos-menores, da casa real. Aquelle era muitas vezes, apenas um titulo honorario, e este era sempre de exercicio e serventia, e se denominava *sub-dapifer.* ou simplesmente *môrdomo da curia.*

Mórdomos-móres que houve em Portugal, desde o conde D. Henrique até ao rei D. João V.

1.º *Gomiso Nunes*— no anno de 1112.
2.º—*Gonçalo Rodrigues* (da casa da rainha) no mesmo anno.
3.º—*Egas Gozendes de Bayão*—de 1113 a 1116.
4.º—*Gonçalo Rodrigues d'Avreu*—da rainha D. Thereza.
5.º—*Monio Mendes*—da mesma senhora e do conde D. Fernando—1127.
6.º—*Hermigio Moniz*—de D. Affonso Henriques, antes de ser acclamado rei dos portuguezes (1130 a 1136.)
7.º—*Egas Moniz*—desde 1139 a 1145. (Falleceu a 11 d'agosto d'este ultimo anno,)

Na doação do couto, ao mosteiro benedictino de Cucujães (hoje Couto de Cucujães, freguezia do concelho d'Oliveira d'Azemeis) feita por D. Affonso Henriques, em 7 de julho de 1139 (18 dias antes de ser acclamado rei) se vê assignado Egas Moniz, como *curiae dapifer*; e Fernão Pires, como *maior-domus infantis*. Vê-se que o grande Egas Moniz era mórdomo-mór honorario, e Fernão Pires, serventuario.

8.º—*D. Mendo de Bragança*—1146.
9.º—*D. Fernão Pires* (ou D. Fernão Captivo)—1147—Passou a mórdomo-mór; mas tinha a serventia, Mendo Affonso, que era mórdomo-menor (*sub-dapifer.*)

Consta isto da confirmação geral de todos os bens que a Sé de Viseu então possuia, e na doação do couto de Moraz, á mesma egreja de Viseu, no anno de 1152. Veem-se n'estes dois documentos assignados o mórdomo-mór e o menor.

Este Fernão Pires, era senhor de Lafões e *pelo amor e bom affecto* (diz o documento) *que D. Affonso Henriques lhe tinha*, deu foral á villa do Banho, no mesmo anno de 1152.

10.º—*D. Gonçalo*—1159.

11.º—*D. Vasco*—1161.

12.º—*D. Gonçalo de Sousa*—1164. (Vide Palha-Cana de Alemquer—doada n'este anno, por D. Affonso Henrique ao mosteiro de S. João de Tarouca. Chamava-se então *Palhacaan.*)

13.º—*Gonçalo Mendes*—1165—Assigna em janeiro d'esse anno, como tal, uma doação que ao mosteiro de conegos regrantes, de S. Salvador de Tuhias, fez D. Thereza Affonso, viuva de Egas Moniz.

14.º—*O conde Vasco*—de 1169 a 1183.

15.ª—*Pedro Fernandes*—tambem em 1169—Ainda era mórdomo-mór em 1175, e como tal assignou a doação que D. Affonso I, e seus filhos, fizeram do couto de Ceiça a D. Payo Egas, abbade d'aquelle mosteiro (de Ceiça.)

Custa-me a crer que houvesse simultaneamente dois mórdomos móres; mas assim se vê em varios escriptos.

16.º—*O conde D. Mendo*—1191—(supponho que era o conde Mem Gonçalves, que assignou a confirmação do couto de Canas de Senhorim, dado por D. Sancho I a D. João Pires, bispo de Viseu, em 1186.)

17.º—*Gonçalo Mendes de Sousa*—1194—Assignou a doação do *couto da Barra* (Figueira do Foz do Mondego) ao mosteiro de Santa Maria de Ceiça, que D. Sancho I lhe fez em 1195, e outras muitas—até a doação que o mesmo rei fez a elle Gonçalo Mendes, este a assignou e confirmou.

18.º *D. João Fernandes*—1205—Confirma a doação da quinta de Lourosa, em terra de Lafões, feita por D. Sancho I a D. Lourenço Viegas, abbade de Lorvão.

19.º—*D. Gonçalo Mendes*—1210—assigna a doação feita n'este anno, por D. Sancho I, a Fernão Nunes, de Villa Nova-da-Rainha, no Valle de Besteiros.

20.º—*D. Martinho Fernandes*—1211.

21.º—*D. Pedro João*, ou *D. Pedro Annes* ou *Pedro Johanes*, (pois de todos os modos qner dizer filho de João.)

22.º—*D. João Fernandes*—1225—assigna o foral de Santa Cruz de Villariça, junto á ponte do rio Sabor.

23.º—*D. Pedro Annes*—1229.

24.º—*Ruy Gomes de Briteiros*—nos principios do reinado de D. Affonso III.

25.º—*D. Gil Martins*—1253—Ainda o era em 1258, mas então já estava em exercicio *D. João Pires d'Aboim*, mórdomo-menor.

26.º—*D. João de Aboim* (ou *Avoino*)—1265, e continuou.

27.º—*D. Nuno Martins de Chacim*—1279.

28.º—*Durão Martins de Parada*—1286. (Só apparece como tal, em uma carta de privilegio, dada a Évora, a 6 de fevereiro d'esse anno; mas, como a 22 de julho de 1287, se vê assignado como *loco-teuent. do-mórdomo-mór*—no foral de Villarinho—é provavel que na tal carta de privilegio *se esquecesse*, de assignar como *vice-mordomo-mór*, que é titulo que lhe dá Brandão, na 5.ª parte da *Mon. Lusitana.*

29.º—*D. João Affonso* (castelhano) senhor de Albuquerque—1297. Veio na comitiva da rainha Santa Isabel, e ficou em Portugal, ao serviço do rei D. Diniz, que o fez seu vassallo, mórdomo mór e depois conde do Barcellos.

30.º—*D. Affonso Sanches de Albuquerque*—filho bastardo do rei D. Diniz, casado com D. Thereza Martins, filha do conde D. João Affonso, seu antecessor no officio.

31.º—*D. João Affonso*—1310? era tambem filho bastardo do rei D. Diniz.

32.º—*D. Affonso Tello de Menezes*—no reinado de D. Affonso IV.

33.º—*D. João Affonso Tello*—conde de Barcellos—no reinado de D. Pedro I (1361).

34.º—*Lopo Fernandes Pacheco*—senhor de Ferreira de Aves—no mesmo reinado.

35.º—*Gonçalo Ayres*—1367.

36.º—*D. João Affonso Tello*—conde de Barcellos—por algum tempo. Já o tinha sido no antecedente reinado, como vimos.

37.º—*Garcia Rodrigues*—1379.

38.º—*D. Nuno Alvares Pereira*—(o famosissimo condestavel) no reinado de D. João I.
39.º—*Diogo Lopes de Souza*—(ascendente dos condes de Miranda do Corvo, marquezes de Arronches, e depois duques de Lafões)—1434—Continuou a ser no reinado de D. Affonso V, que, estando em Tentugal, o fez alcaide-mór de Elvas, a 18 de setembro de 1443.
40.º—*Alvaro de Souza*—filho do precedente—1451—Foi deposto em 1471.
41.º—*Diogo Lopes de Souza*—1471—era filho do antecedente, e neto de outro do seu nome (o 39.º alcaide-mór).
42.º—*Pero de Souza*—1475.
43.º—*D. Pedro de Noronha*—1484—(era do conselho de D. João II, e commendador-mór de S. Thiago. Morreu em 1492, e succedeu-lhe no officio.
44.º—*D. João de Menezes*—1.º conde de Tarouca e grão-prior do Crato—Continuou no reinado de D. Manuel, e foi do seu conselho. Ainda tinha o officio em 1520.

N'este reinado entrou o officio de mordomo-mór, na casa dos Silvas, onde se conservou até ao reinado de D. João V.

45.º—*D. Diogo da Silva*—1.º conde de Portalegre, no reinado de D. Manuel e parte do de D. João III.
46.º—*D. João da Silva*—2.º conde de Portalegre—no reinado de D. João III.
47.º—*D. Alvaro da Silva*—3.º conde de Portalegre—no reinado de D. Sebastião.
48.º—*D. João da Silva*—4.º conde de Portalegre—em parte do reinado de D. Sebastião, no do cardeal-rei e no de Philippe II.
49.º—*D. Diogo da Silva*—5.º conde de Portalegre—no reinado de D. Philippe III.
50.º—*D. Maerique da Silva*—6.º conde de Portalegre e 1.º marquez de Gouveia—no reinado de Filippe IV e de D. João IV.
51.º—*D. João da Silva*—7.º conde de Portalegre e 2.º marquez de Gouveia—nos reinados de D. João IV, D. Affonso VI e D. Pedro II.

Morreu D. João da Silva sem filho varão, no reinado de D. Pedro II, e lhe succedeu no officio.

52.º—*D. João Mascarenhas*—5.º conde de Santa Cruz (como filho e herdeiro de D. Juliana de Alencastro, filha e herdeira do 1.º marquez de Gouveia, e irmã de D. João da Silva).
53.º—*D. Martinho Mascarenhas*—6.º conde de Santa Cruz (filho do conde D. João Mascarenhas) e 3.º marquez de Gouveia—no reinado de D. João V, até 1722.

Em quanto foi menor, exerceu este officio, D. Pedro Luiz de Menezes, marquez de Marialva.

54.º—*D. João Mascarenhas*—7.º conde de Santa Cruz e 4.º marquez de Gouveia, que principiou em exercicio ainda em vida de seu pai.

Note-se que, mesmo depois de entrar este emprego na casa dos Silvas, se acham nas chronicas mencionados outros mordomos-móres de outras familias, que se julga exerceram o officio interinamente. São os seguintes:

Ruy de Mello—no reinado de D. João III.
Pero Moniz da Silva—no de D. Henrique.
D. Philippe de Aguiar—no de Philippe II.
D. Fradique Henriques—idem.
Ruy da Silva—no de D. Philippe III.
D. Jorge Mascarenhas—marquez de Monte-Alvão, no de D. Philippe IV.
D. Pedro Luiz de Menezes—marquez de Marialva, na menoridade do 6.º conde de Santa Cruz (como já fica dito).

—

Mordomos-móres de rainhas e infantes

Nuno Martins da Silveira—da rainha D. Catharina, mulher de D. João III—1525.
D. Lopo d'Almeida—mordomo-mór e escrivão da puridade da *excellente senhora* (pretendida esposa de D. Affonso V)—1475.
Lopo Fernandes Pacheco—do infante D. Pedro (filho de D. Affonso IV) depois, rei, 1.º do nome.
Ruy de Mello—da infanta D. Joanna, filha de D. Affonso V—1469.

Fernão Telles—da mesma infanta, D. Joanna—1476.

André Telles—do infante D. Luiz, filho do rei D. Manuel—1530.

—

MORÊA ou **MOSTÊA**—portuguez antigo—carrada de palha—em outras terras era um feiche de palha. Na Terra da Feira dá-se ainda o nome de *morêia* a uma méda de palha.

MOREIRA — freguezia, Minho, concelho e comarca de Celorico de Basto, 45 kilometros a N. E. de Braga, 375 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757, tinha 73 fogos.

Orago, Santa Maria Maior (Nossa Senhora da Assumpção).

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor de Salvador, da Infesta, apresentava o vigario, que tinha 12$000 réis e o pé d'altar.

Dá-se a esta freguezia vulgarmente o nome de *Moreira do Castello*. Foi honra.

É terra muito fertil, produz muito bom vinho e cria muito gado, de toda a qualidade: nos seus montes ha muita caça. Tem peixe do Tamega e de varios ribeiros. — É n'esta freguezia a torre solar dos *Moreiras*, como consta das Inquirições do rei D. Diniz. (Para a genealogia dos Moreiras, vide *Moreira do Rei*.)

MOREIRA — aldeia, Traz-os-Montes, na freguezia d'Alfarella de Jalles, concelho e comarca de Villa Pouca d'Aguiar—(1.º vol., pag. 114, col. 2.ª)

Tanto esta povoação como a villa de Alfarella, são antiquissimas.

No fim e ao N.E. da villa ha uma grande pedra, espherica, de 3^{m}33 de alto, assente sobre uma lagem natural. Na tal pedra se vêem diversos buracos, abertos a picão. Diz-se que antigamente os juizes faziam as suas audiencias debaixo d'esta pedra, que lhe servia tambem de casa da camara.

Suppõe-se que esta pedra era uma antiga *ára* romana, e, com effeito, ha por estes sitios muitas antiguidades romanas. (Estou convencido de que, antes de ser ára—se o foi—era uma *anta*.)

O povo de Alfarella tem este penedo em tão grande estimação, que, querendo-o quebrar, em 1695, um tal João Lourenço, lh'o impediu o juiz, André Pinto d'Araujo, sob pena de oito mil cruzados (3:200$000 réis).

N'este logar de *Moreira*, no sitio chamado *Gestal*, andando José Ferreira a lavrar (em junho de 1721) em um campo proximo a umas fragas, por onde passa o caminho de carro, que vae d'esta aldeia para a de *Cidadelhe*, achou um cippo romano, de 1^m,10 de comprido e 0^{m}55 de largo, tosco, e sem feitio, com esta inscripção:

XXVII
V. DIS. MA-
NIBUS ECO.
FLACILII
MORSA SO.
SUI FILIO RE-
BURRO.

Quer dizer — *Aos deuses manes Flacilio, fez esta sepultura a seu filho, Eco Morsaso Reburro.*

Houve quem escondesse esta pedra, mas, vindo aqui Antonio de Souza Pinto, por ordem do marquez de Alegrete, para a fazer apparecer, foi com os vereadores da villa ao logar onde ella tinha sido achada, e obrigaram o que a tinha a apresentar-lh'a.

Examinaram por essa occasião aquelle sitio, acharam grande quantidade de carvões, alguns tamanhos que pareciam traves queimadas: muitos pregos de ferro, grandes e grossos; algumas *misagras* (dobradiças) tambem de ferro; muitas amphoras, de barro vermelho, muito fino, de differentes tamanhos, umas vasias, outras cheias de terra; uns pós brancos, que pareciam ossos calcinados; muitos copos de vidro branco, fino, uns grossos outros delgados; muitas bacias de barro (quasi todas tinham no fundo gravada uma cruz, formada de dois punhaes — provavelmente, a marca do fabricante) e uma pequena caldeira de cobre, com aza do mesmo metal. Alguns d'estes objectos se achavam dentro de uma especie de caixões, formados de seis pedras quadradas.

A má direcção dos trabalhos da escavação, deu em resultado quebrarem-se muitos d'estes objectos.

Esta descoberta, prova que houve aqui uma *necrópole* romana, ou, pelo menos, sepulturas da familia patricia, *Reburro.*

Por baixo da aldeia de *Cidadêlhe,* termo de Alfarella, e pouco distante d'esta aldeia de Moreira, acima do rio *Tinhella,* que lhe passa a uns 200 metros ao N., no alto de um monte sobranceiro ao mesmo rio, estão as ruinas de um bom, amplo e forte castello, de bem lavrada cantaria, tendo ainda em sitios $3^{m}30$ d'altura, com vestigios de porta, em arco, para o lado do rio, e outra para o S., pela qual, até á ponte que atravessa o rio, ha tambem vestigios de muralhas e fossos, indicando terem pertencido a uma grande fortaleza, construida d'este lado, o unico por onde a posição podia ser atacada; porque para os outros lados, é o sitio inaccessivel por causa dos rochedos perpendiculares e o rio, que o defendiam naturalmente.

É evidentemente obra romana, pela perfeição do lavrado das pedras.

Consta que no rio, proximo a este castello, ha uma pedra com uma inscripção romana, que só se vê nas estiagens.

A 3 kilometros d'este castello, desde as vinhas que estão no sitio de *Pedroso,* nas abas da serra da *Preza,* limite da aldeia de *Campo,* termo d'Alfarella, está uma larga e comprida valla (em algumas partes, tres parallelas e quasi unidas) que atravessam o *Ribeiro das Azenhas,* e subindo um monte, por onde passa a estrada que vae para Chaves, desce a outra encosta, atravessando outro ribeiro, chamado *Ribeiro-Côvo,* subindo o *Monte da Coelha,* até descer ao rio *Tinhella.* Dá indicios de ser uma galeria aberta, para extracção de metal. N'estas vallas se vêem muitas e profundas covas, á maneira de cisternas, feitas de schisto, sendo uma das do Monte da Coelha, de uns 6 metros de circumferencia, e mais de 44 de profundidade, alem do que está entupido.

Vê-se tambem ao O. uma especie de tunell, que, segundo a tradição, é uma estrada subterranea, que, passando por baixo do Tinhella, e de varios montes e valles, vae ter ao *Lago da Ribeirinha.* O povo d'aqui, chama a isto, as *Garalheiras* ou *Gralheiras.*

Suppõe-se, com bons fundamentos, serem obras romanas; porque Plinio falla de muitas minas metalicas por estes sitios. (Vide *Ribeirinha* — castello da — e *Tres-Minas* — freguezia.)

MOREIRA — freguezia, Minho, comarca e concelho de Fáfe (foi comarca de Guimarães, concelho de Monte-Longo), 35 kilometros a N.E. de Braga, 385 ao N. de Lisboa, 350 fogos. Em 1757, tinha 361 fogos.

Orago, S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A casa de Bragança apresentava o reitor, que tinha 100$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra muito fertil, cria muito gado e é abundante de caça miuda.

Foi antigamente da corôa, e depois passou para a casa de Bragança.

Foi villa e couto, este era do rei e tinha os privilegios dos *taboas-vermelhas* de Guimarães.

D. Affonso Henriques lhe deu foral, sem data. Seu neto, D. Affonso II o confirmou, em Coimbra, em 1217. (Maço 7.º dos *Foraes antigos,* n.º 3—Maço 12.º dos mesmos, n.º 3, fl. 10 v., col. 1.ª — e *Livro de foraes antigos de leitura nova,* fl. 43 v., col. 1.ª)

MOREIRA — freguezia, Douro, concelho da Maia, comarca, bispado, districto administrativo e 12 kilometros ao N. do Porto, 333 ao N. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1757, tinha 222 fogos.

Orago, o Salvador.

Para a distinguir das outras do mesmo nome, se chama — *Moreira da Maia.*

Foi couto do mosteiro dos cruzios.

O prior do mosteiro de Moreira (d'esta freguezia) apresentava o cura, que tinha 50$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É n'esta freguezia o celebre mosteiro do Salvador, que foi de conegos regrantes de Santo Agostinho, que no seu principio foi duplex (de frades e freiras).

Foi primeiro fundado com a invocação de S. Jorge, mais acima (para o N.) d'onde hoje está, em um logar chamado *Gontão.*

Foi sua fundadora, *D. Gontina, senhora das Pedras-Ruivas,* ou *PedrasRubras,* na era 900 de Cesar. (862 de J.-C.)

Em 1060, o abbade, D. Mendo, o removeu para o actual sitio, sendo a nova egreja benzida pelo bispo do Porto, D. Hugo.

—

Por ser curioso, copio aqui parte do testamento de *Soeiro Mendes da Maia* (progenitor dos *Araujos*, pelo que ha ainda um logar chamado *Vendas de Araujo*) tio do famoso Gonçalo Mendes da Maia—o *Lidador*. Traducção.

«Não ha duvida que é notorio a todos os «hómens, moradores n'estas nossas partes, «que á honra e reverencia do Salvador do «Mundo, e de muitas reliquias dos santos, «foi fundada uma egreja, pelo abbade D. Men«do, no logar chamado de *Moreira*, abaixo «do monte das Pedras-Rubras, por onde cor«re o rio Leça, junto á praia do mar, no ter«ritorio da cidade do Porto..............

«Portanto, eu, Soeiro Mendes, consideran«do-me peccador negligente e preguiçoso «nas cousas da minha salvação .... «offereço ao logar do Salvador, de Moreira, «já dito (onde mando sepultar meu corpo) to«das as minhas herdades e bens que tenho, «ou possa vir a ter, de meus pais e avós... «Foi feita esta carta de testamento, no 1.º de «maio, da era de 1123 (1085 de Jesus Chris«to).—Eu, Soeiro Mendes, por minha propria «mão a firmei, na presença do abbade D. «Mendo e de seus padres, que serviram de «testemunhas.»

Este abbade D. Mendo, era filho de Egas Tructezindes e sua mulher, Hermezenda Gonçalves, padroeiras da ermida de S. Jorge de Gontão (onde foi o primitivo convento) e a deram a seu filho e ao mosteiro, e uma boa herdade que tinham junto ao convento que seu filho fundára.

Ha outra doação, de Tructezindo Guterres, ao mesmo mosteiro, de todas as suas herdades, feita a 13 das kalendas de maio, da era de 1116 (2 de maio do anno de 1078 de Jesus Christo).

Esta doação diz que havia no altar do Salvador uma reliquia da Santa Cruz de Jesus Christo, em honra da qual fez esta doação. Durante as guerras de D. Affonso Henriques, desappareceu esta reliquia, sem mais se saber d'ella, até que em 1510, o *prior castreiro*, D. Vasco Antunes, foi dar com ella escondida debaixo da pedra d'ara do altar-mór, dentro de um relicario antigo.

O prior-mór, D. Pedro da Costa, bispo do Porto, mandou fazer grandes festas por este achado, e mandou encerrar a reliquia em uma grande cruz, de prata dourada, ornada de pedras preciosas. [1]

Em quanto este mosteiro foi *dobrado*, tinham as freiras dormitorios separados dos frades, mas hiam á egreja assistir aos officios divinos juntas com elles, o que dava maus resultados, pelo que foram mandadas para o mosteiro de *Rio Tinto*, levando grande parte das rendas d'este, que, além de outras, eram muitas, mesmo na freguezia de Rio-Tinto; a *quinta da Retorta*, em *Azurára* (em frente de villa do Conde) e outros muitos casaes.

Sendo abbade, D. João Pires (1298) se juntaram ao convento de Moreira, as egrejas de S. Cosme de Gemunde, S. Mamede de Parafita e S. João do Mindello, todas na Maia; dando o bispo do Porto, D. Sancho Pires (tio do referido abbade) ao mosteiro, o direito de apresentação d'estas egrejas, recebendo em troca, o mesmo direito que o mosteiro tinha, nas egrejas de S. Fins da Feira, e Santa Maria da Retorta.

Pouco depois, mas no mesmo anno de 1298, lhe deu mais o dito bispo, o direito de apresentação da egreja de Santa Marinha, de Villa Nova da Têlha.

Pelo decurso do tempo, veiu este mosteiro, de Moreira, a poder de commendatarios (pelos annos 148$) sendo o ultimo, D. Fulgencio, filho de D. Jayme, duque de Bragança, que o deu a Santa Cruz de Coimbra, mediante certa pensão vitalicia.

Os padres de Santa Cruz, tomaram conta d'este mosteiro, em 22 de julho de 1562.

D. Grigorio, prior do mosteiro, de Moreira, remiu a pensão de D. Fulgencio, por 1:750$000 réis, em 1568.

No tempo d'este mesmo abbade, veio ao

[1] Antigamente vinham aqui procissões de 70 freguezias, visitar esta santa reliquia, em occasiões de calamidades publicas, para que ellas cessassem. Hoje ainda vem algumas, porém muito menos.

convento o direito de apresentação da egreja de S. Silvestre, do Couço, freguezia proxima ao mosteiro, e que se veio a encorporar com a freguezia de Moreira.

Estando a egreja e o mosteiro muito velhos, e sendo de acanhadas dimensões, o prior, D. Henrique Brandão, tratou de reedificar tudo, sendo lançada primeira pedra da reconstrucção da nova egreja, por D. frei Marcos de Lisboa, bispo do Porto, a 3 de maio de 1588. Levaram estas obras a fazer-se 34 annos, pois só se concluiram em 1622.

Esta egreja que é elegante, ampla, e toda de abóbada, ficou sendo, e ainda é, a matriz da freguezia.

A magnifica cêrca d'este mosteiro, foi vendida, depois de 1834, ao desembargador Luiz Lopes Vieira de Castro (da casa do *Ermo*, na freguezia d'Arões, concelho de Fafe, pae ou tio do infeliz bacharel, José Cardoso Vieira de Castro, que morreu degredado em Angola=Vide Fafe.) O desembargador tambem já falleceu.

Em fevereiro de 1874, a viuva do celebre tribuno e distincto orador parlamentar, José Estevam Coelho de Magalhães, comprou esta rica propriedade por 20 contos de réis, fixando aqui a sua residencia ordinaria.

É esta grande quinta a melhor propriedade de todo o concelho da Maia; e, como o caminho de ferro do Porto a Villa do Conde e á Povoa de Varzim, passa junto á quinta, lhe augmenta consideravelmente o valor.

No logar das *Pedras Rubras* (vulgarmente *Pedras Ruivas*) ha uma capella, dedicada a *Nossa Senhora Mãe dos Homens*, muito antiga, pois consta ter sido fundada no meado do seculo IX, pela já mencionada D. Gontina, senhora d'este logar.

Faz-se-lhe a festa (que é muito brilhante e concorrida) no ultimo domingo de setembro.

—

Esta freguezia (como todas as do concelho da Maia, Bouças e Gondomar) é rica, bem situada e fertilissima em todos os generos agricolas do nosso clima. Cria muito gado de toda a qualidade, principalmente bovino (que exporta em grande escala para a Gran-Bertanha) e o rio Leça a fornece de algum peixe miudo; porém de Mattosinhos lhe vem abundancia de peixe do mar.

Pelo centro da freguezia passa a formosa estrada real de 1.ª classe, que, vindo de Lisboa ao Porto, segue por esta freguezia para Villa do Conde.

Ha n'esta freguezia muitas viboras, mas não consta que offendam pessoa alguma.

Ponte de Moreira

Esta ponte foi construida na estrada real n.º 30 do Porto á Povoa de Varzim, sobre o rio Leça, e dista 11 kilometros ao N. do Porto, n'esta freguezia de Moreira.

Começou a sua construcção em 5 de setembro de 1864 e concluiu-se em 1 de junho de 1866; sendo aberta logo ao transito publico, depois de convenientemente experimentada e tendo se conservado muito bem até hoje, ao mesmo tempo que affiança longa duração.

Compõe-se de dois encontros de cantaria assentes sobre estacas de pinho nacional e com a altura de 6m,0 a contar do elegimento, os quaes sustentam um taboleiro metallico com 16m,0 de vão.

O taboleiro d'esta ponte compõe-se de 4 vigas longitudinaes, de folha de ferro, com 0m,9 de altura cada uma e com a fórma de um T duplo, assentes sobre rolos de fricção, de ferro fundido e ligadas entre si, de dois em dois metros, por vigotas transversaes tambem de ferro e com 0m,70 de alto, que dão ao systema muita solidez.

Sobre este travejamento metallico, assentam vigas longitudinaes de carvalho, faceando com a parte superior das vigas principaes de ferro e sobre ellas assenta o soalho da ponte, feito sobre pranchões de pinho, constituindo estrado com 4m,4 de largura de faxa, para transito de carros e dois passeios com 0m,88 de largura cada um.

As guardas d'esta ponte são de cantaria sobre os encontros e de ferro forjado no taboleiro.

O projecto d'esta obra d'arte foi elaborado pelo distincto engenheiro militar Luiz

Victor Lecocq, então director das obras publicas do Porto, e a construcção foi dirigida com muita pericia e zelo pelo não menos distincto conductor de trabalhos d'obras publicas, Alberto Costa, hoje empregado, com muitos creditos, na construcção do caminho de ferro do Minho, onde já dirigiu, além de outras obras, a construcção das pontes da Travagem e da Barca da Trófa, que estão muito perfeitas.

Junto d'esta ponte ainda se conserva a antiga ponte de pedra, já sem guardas, construida em epocha muito remota.

Na estrada do Porto á Povoa de Varzim, no logar do Padrão de Moreira, ha uma estação ou paragem de carros, cujos viajantes se demoram e vão passear por baixo de grandes carvalhos, até á egreja.

Ha n'esta freguezia uma fundição de sinos, montada em 1873 por Joaquim Narciso da Costa e seu irmão José Narciso da Costa, vindos da cidade de Braga residir n'esta freguezia.

Ha tambem uma boa musica, que fórma uma capella, dirigida pelo habil mestre Domingos José Moreira, natural de Moreira, tambem tem uma boa armação de egreja.

Foi seu primeiro reitor, collado em 1846, o sr. Antonio da Silva e Souza de Seabra, natural da freguezia de S. Mamede de Infesta, que até hoje (1875) conta 29 annos e tantos mezes de serviço.

MOREIRA—Aldeeia, Douro, freguezia de Melres, concelho e 8 kilometros ao E. N. E. de Gondomar, comarca, bispado, districto administrativo e 25 kilometros ao E. do Porto, 12 a E. da Foz do Sousa, 10 a O. da foz do Tamega, e 315 ao N. de Lisboa.

Está esta aldeia situada sobre e margem direita do Douro, na falda da serra de Melres, em terreno pouco accidentado, e em frente da notavel aldeia *d'Arêja*, que fica na margem opposta. (Vol. 1.º pag. 2381—I col. 1.ª.)

Ha n'esta aldeia a capella de Nossa Senhora da Piedade, fundada pela madre Maria de Madureira, freira beneditina, do convento de Vairão, em 1610.

Está edificada em um teso, em frente da quinta chamada tambem de Moreira, da familia Madureira, á qual pertencia á fundadora.

Consta que a causa da fundação d'esta capella, foi a seguinte:

Morreu Diogo de Madureira e sua mulher, D. Maria de Barros, pessoas muito nobres, moradores na sua mencionada quinta, ficando-lhe dois filhos ainda creanças, sem parentes que podessem cuidar da sua educação e fazenda,

Compadecida sua tia paterna, d'este desamparo, alcançou um breve do papa Paulo V, em 1610, para poder sahir do convento e assistir á criação de seus sobrinhos, e ao governo da sua casa, em quanto elles a não podessem governar.

Como a egreja matriz lhe ficava a dois kilometros de distancia, mandou edificar esta ermida com muito aceio, e em quanto foi viva, fazia todos os annos uma grande festa á SS. Virgem, padroeira.

Por sua morte, deixou no testamento a obrigação de se dizer n'esta ermida uma missa, resada, em todas sextas feiras da quaresma, e prover aos reparos e fabrica da capella, tudo imposto na referida quinta. Esta passou depois, por casamento, aos Bellezas, que sempre compriram as clausulas do testamento da instituidora, mas ha mais de 40 annos que ellas deixaram de ser compridas.

—

Madureira é appellido nobre em Portugal. O primeiro que com elle se acha, é Alvaro Annes de Madureira, no reinado de D Affonso V.

Tem brazão d'armas completo, que é—escudo de purpura, esquartelado, no 1.º e 4.º, leão d'ouro—no 2.º e 3.º flôr de liz, o mesmo metal. Elmo d'aço aberto— Timbre, o leão das armas.

Outros do mesmo appellido, trazem—escudo esquartellado, no 1.º e 4.º, de púrpura, seis besantes de ouro, em duas pallas — no 2.º e 3.º, de prata, um cordeiro pardo, lampassado de púrpura, tendo por baixo da barba uma flôr de liz, de prata—O mesmo êlmo—Timbre, o cordeiro das armas.

Outro ramo dos Madureiras, trazem por

armas—escudo esquartellado, no 1.º e 4.º de púrpura, uma flôr de liz, de ouro—no 2.º e 3.º, de púrpura, um lobo de ouro, passante, com a bôcca aberta. O mesmo élmo—Timbre, o lobo das armas.

Ainda outros d'esta familia, usam—escudo esquartellado, no 1.º e 4.º, de púrpura, um coelho de ouro—no 2.º e 3.º, tambem de púrpura, uma flôr de liz, de ouro. Elmo de aço, aberto, e por timbre, o coelho das armas, com uma das flôres de liz das armas na testa.

Ha em ambas as margens do *Baixo Douro* muitas familias do appellido Madureira; mas a principal, são os filhos do sr. Antão Garcez Pinto de Madureira, 1.º barão da Vargea do Douro, general de brigada (e padrinho do auctor d'este diccionario). É actualmente, 2.º barão da Varzea do Douro, seu filho, o sr. José Garcez Pinto de Madureira.

A quinta da *Varzea*, que dá o titulo a este baronato, é sobre a margem direita do Douro (perto da quinta de Sebollido, e em frente da freguezia do Castello de Paiva, a 35 kilometros ao E. do Porto). É na freguezia de S. Martinho da Varzea do Douro, concelho e comarca do Marco de Canaveses, bispado e districto administrativo do Porto. Foi da antiga comarca de Soalhães, concelho de Bem-Viver, que foram supprimidos em 1855.

MOREIRA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Monsão, 50 kilometros a NO. de Braga, 410 ao N. de Lisboa, 200 fogos.

Em 1757 tinha 146 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Natividade).

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A universidade de Coimbra apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis e o pé de altar.

Esta egreja era do real padroado. O rei D. Diniz a trocou por outras, com o bispo de Tuy, D. João Fernandes Sotto-Maior, em 1308. Passou depois a curato dos jesuitas até 1759, e desde então até 1834. da universidade de Coimbra.

É n'esta freguezia a casa e quinta dos Magalhães, que foi do mestre de campo, Leonel de Abreu Magalhães.

É tambem n'esta freguezia a casa e grande quinta do sr. Theodoro de Araujo Lopo.

MOREIRA—freguezia, Minho, comarca e concelho de Ponte de Lima, 30 kilometros a O. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 256 fogos.

Orago S. Jullião.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

(Para a distinguir das outras, se lhe dá o nome de *Moreira do Lima).*

A casa de Bretiandos, da cidade de Braga, apresentava o abbade, que tinha 750$000 réis de rendimento annual.

Antigamente, os dízimos d'esta freguezia eram, metade para o abbade, e metade para uma commenda de Christo, e foi commendador, D. Pedro de Souza. Extinguiu-se esta commenda; mas tornou a crear-se a favor dos Fagundes, da casa do Outeiro, e dos Barbosas, da Carcaveira. Acabando o ramo d'estes Barbosas, ficou a commenda, *in solidum*, dos Fagundes. Os Pereiras Pintos, de Bretiandos, herdaram esta commenda, por o casamento de um d'elles com a herdeira da commenda,

Ha aqui a egreja do Espirito Santo, que foi dos templarios. Era a matriz de uma vasta freguezia, que, desmembrando-se, fórma hoje varias parochias.

Na capella de S. *Cibrão* (depois Cyprião, e por fim, Cypriano) houve em tempos antigos, um recolhimento de beatas.

Teve origem n'esta freguezia, a familia dos Crêspos.

A casa do Outeiro, foi o solar dos Fagundes, de quem descendem muitos fidalgos d'este reino. Foi um membro d'esta familia, um dos descobridores da *Terra de Labrador*, ou *Terra-Nova* (hoje dos inglezes), onde se pesca o bacalhão; hindo na expedição de Pedro Alvares Cabral.

O rei D. Manuel, depois de descoberta a *carreira da In-*

dia, por mar, por D. Vasco da Gama, em 1497, manda Pedro Alvares Cabral, com 13 náus, para a India. Um forte temporal, obriga a correr os navios de Cabral, muito para O., o que o fez descobrir o Brasil, em 25 de abril, de 1500. O navio do capitão Gaspar Côrte-Real (em que hia o tal Fagundes) é separado da esquadra, pelo temporal, correndo para o N., e descobre os *bancos* da *Terra-Nova.*

MOREIRA DE CÓNEGOS (ou dos *Cónegos*) —freguezia, Minhs, comarca, e concelho de Guimarães, 24 kilometros a N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisbo, 220 fogos.

Em 1757, tinha 132 fogos.

Orago, S. Payo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O chantre da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, de Guimarães, apresentava o vigario, que tinha 50$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra fertil. Cria muito gado.

Ha n'esta freguezia tres capellas, duas das quaes (de Santa Martha e da Senhora da Ajuda) são publicas e a outra particular.

Tem duas fabricas de papel no rio Vizella, que banha a freguezia pelo S.

Passa por aqui a estrada a *mac-adam*, que vae do Porto a Guimarães e Caldas de Vizella, passando por Santo Thyrso.

Tambem por aqui passa um pequeno ribeiro, que denominam do *Arquinho*, que nasce na freguezia do Salvador do Pinheiro, rega, móe, cria escallos e enguias, e morre na margem direita do Vizella. Tem este ribeiro uma ponte pequena de um só arco (talvez d'aqui chamada do *Arco* ou *Arquinho*, d'onde parece vir o nome que se dá ao ribeiro), e pouco abaixo d'ella, no sitio chamado as *Dornas*, desapparece o ribeiro por baixo d'um acervo de penedos para surdir a mais de 40 metros de distancia. Só nas grandes cheias é que a agua não cabe toda pelo sumidouros, e trasborda por cima dos penedos. Tem aqui caido gente e alguns animaes de que nunca mais apparecem vestigios.

A encosta do monte que fica na margem direita d'este ribeiro, perto da sua desembocadura, apparece, em outubro, em grande parte entapetada de flores d'uma especie de colchico (*colchicum bulboco-divides*, de Broter), produzindo uma linda vista.

—

No dia 25 de março de 1809, foi n'esta freguezia morto por uma guerrilha, junto á ponte de Negrellos, um official superior, francez, e alli foi sepultado em um campo proximo.

MOREIRA DE GERAZ DO LIMA—freguezia, Minho, concelho, comarca e districto administrativo de Vianna, 30 kilometros a O. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757, tinha 47 fogos.

Orago, Santa Marinha.

Arcebispado de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 340$000 réis de rendimento annual.

É tradição que grassando uma grande peste em Lisboa, um individuo d'alli roubou muito dinheiro e veio parar a esta freguezia; mas, apenas aqui chegou, communicou o contagio a toda a freguezia, escapando poucos dos seus habitantes.

Em tempos antigos eram muito vulgares n'esta freguezia as molestias cutanaes, principalmente a terrivel, *grangrena sêcca*, vindo-se muita gente sem os dedos dos pés e das mãos. Atribuia-se isto ao uso excessivo da carne de porco salgada. Este contagio endemico foi diminuindo com o tempo (tanto d'esta freguezia, como d'outras muitas do reido) hoje felizmente, é rarissimo.

MOREIRA DE REI—Villa, Beira Baixa, concelho e comarca de Trancoso, 54 kilometros ao S. E. de Vizeu, 335 ao E. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 67 fogos,

A grande differença para mais n'esta população, não é porque ella tenha augmentado tanto; mas por se lhe annexar outra freguezia contigua do mesmo nome.

Orago Santa Maria.

Bispado de Pinhel, disteicto da Guarda.

O real padroado apresentava o abbade,

que tinha 100$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É povoação antiga, e foi concelho, com camara e mais justiça e empregados.

D. Affonso Henriques lhe deu foral, sem data. Seu neto, D. Affonso II o confirmou em Coimbra. em 1217, (Maço 7.º de foraes antigos, n.º 3—maço 1- dos mesmos, n.º 3, fl. 10 v., col. 1.ª—*L. de antigos de leitura nova*, fl. 43 v., col. 1.ª.)

A villa está situada em um alto, onde se vê um castello em ruinas. É tão antigo, que a sua primitiva construcção se attribue aos romanos ou aos antigos lusitanos. No testamentos de D. Flamula (ou D. Chama) feito em 960 L.º de *Mumadona*, fl. 7) se vê mencionado este castello e outros da Beira. (Vol. 2.º pag. 108, col. 2.ª.)

—

Moreira, é appellido nobre em Portugal, tomado d'esta villa, onde os Moreiras tinha o seu solar. É familia antiga, pois já no reinado de D. Affonso III, era senhor d'esta freguezia, Gonçalo Rodrigues Moreira. Trazem por armas—em campo de púrpura, 9 escudetes de prata, em 3 pallsa, carregados de uma cruz d'Aviz—elmo d'aço aberto—timbre, meio lobo de púrpura, com um dos escudetes das armas no pieto.

Moreira Perengal, é um ramo d'aquelles Moreiras, e tinha o seu solar em Lagos (Algarve).—O primeiro d'estes appellidos, foi Fernão Moreira, ao qual, Philippe II, em premio d'aquelle ter morto, em combate singular, um valente mouro, no logar de *Perengal* (India) o mandou usar d'este appellido, e lhe deu por armas, (1585.) em campo azul, faxa de prata, endentada, entre uma estrella d'ouro, de 8 pontas, da parte de cima da faxa, e uma cabeça de mouro, cortada em sangue, com turbante de prata, da parte debaixo—êlmo d'aço aberto, e timbre meio leão, azul, com a estrella das armas na espádua.

Ha ainda os *Moreiras Peres-Gis* (Peres-Gil) da mesma familia, com as mesmas armas, com a differença da cabeça do mouro ter turbante de prata, e barrete de púrpura. O mesmo elmo e timbre, (A maior parte do povo pronuncia *Perexil* e *Peregil*, em logar de *Peres-Gil.*

MOREIRAS—freguezia, Tras-os-Montes, comarca e concelho de Chaves, 80 kilometros ao N. E. de Braga, 430 ao N. de Lisboa, 145 fogos.

Em 1757, tinha 104 fogos.

Orago Santa Maria Maior—arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

A casa de Bragança apresentava o reitor, qae tinha 50$000 e o pé de altar.

É terra fertil—Muito gado e caça.

A egreja parochial é muito antiga. Consta ter sido mandada construir por os filhos de *Maria Mantella.* (Vide *Chaves.*)

MOREÍRÊDO — portuguez antigo—logar plantado de amoreiras.

Antigamente dizia-se *moreira.*—Hoje, em vez de moreirêdo, diz-se *moreiral*, ou *amoreiral.*

MOREIRINHAS—freguezia, Beira Baixa, comarca e concelho de Trancoso, 60 kilometros de Vizeu, 360 ao N. E. de Lisboa, 40 fogos.

Em 1757, tinha 44 fogos.

Orago o Espirito Santo—Foi do bispado de Vizeu, e desde 1774, em que D. José I creou o bispado de Pinhel (por bullla de Clemente XIV) ficou até hoje pertencendo a este bispado. Districto administrativo da Guarda.

O abbade de Santa Maria, de Moreira de Rei, apresentava o cura, que só tinha o pé d'altar.

MOREIRÓLLA—vide *Montesinhos* e *Quintanilha.*

MORGÁDE — freguezia, Tras-os-Montes, comarca e concelho de Montalegre, 70 kilometros ao N. E. de Braga, 420 ao N. de Lisboa, 70 fogos.

Em 1757, tinha 58 fogos.

Orago S. Pedro, apostolo—arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

O reitor de S. Vicente da Chan, apresentava o vigario, que tinha 70$000 réis e o pé d'altar.

Esta freguezia está em *terras do Barroso.* O seu clima é excessivo, mas saudavel. Não

muito fertil em carnes e fructos; mas cria muito e optimo gado bovino e de outras especies; e é abundantissima de caça de toda aqualidade.

Foi antigamente annexa a S. Vicente da Chan, assim como a freguezia de Negrões e a aldeia de Codeçoso, da freguezia de Meixido: e tudo isto formava uma commenda dos templarios, que, desde 1319 passou para as religiosas de Santa Clara, de Villa do Conde. Rendia, para a commenda, 1:400$000 réis. (Vide—*Chan* (*S. Vicente.*)

MORGANEGÍBA—portuguez antigo—Vide *Matrimonio.*

MORMULHA—portuguez antigo—memoria.

MOROUÇOS ou **MEROUÇOS**—Vide *Cruz dos Moroucos*, a pag. 453 do 2.º vol.

MORREIRA—freguezia, Minho, concelho, comarca, arcebispado, districto administrativo e 6 kilometros de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 125 fogos.

Em 1757 tinha 193 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

O prior de S. Vicente de Fóra, de Lisboa, apresentava o vigario, que tinha 80$000 réis de congrua e o pé de altar.

Tambem a esta freguezia se dá o nome de *Villa Cova da Morreira*, e é como se vê nos livros antigos.

MÓRTÁGUA—villa, Beira Alta, cabeça do concelho do seu nome, na comarca de Santa Comba-Dão, 35 kilometros ao NE. de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 280 fogos.

Em 1757 tinha 41 fogos.

Orago Nossa Senhora da Assumpção.

Bispado de Coimbra, districto administrativo de Vizeu.

Os duques do Cadaval, apresentavam o prior, que tinha 330$000 réis de rendimento.

Eram donatarios d'esta freguezia, os senhores de Tentugal, duques do Cadaval.

O concelho é composto de 10 freguezias, todas no bispado de Coimbra—são—Almaça, Cercosa, Cortegaça, Espinho, Marmelleira, Mórtágua, Palla, Sobral, Trezôi, e Valle de Remigio, todas com 2:000 fogos.

É povoação muito antiga. Gonçalo Annes de Souza (senhor de Tentugal, Mórtágua e outras terras, e progenitor dos duques do Cadaval) lhe deu foral, estando em Mórtágua, a 21 de agosto de 1403. (Maço 7.º de foraes antigos, n.º 4) D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 8 de janeiro de 1514. (*Livro de foraes novos da Beira*, fl. 111 v., col. 2.ª).

D. Fernando Magno, resgatou esta povoação, e as circumferentes, do poder dos mouros, em 1058.

Está situada em um fertil e dilatado valle, regado por duas caudalosas ribeiras (cortadas por duas formosas pontes) que se juntam a pouca distancia ao S. da villa, e vão depois morrer ao Dão, que desagúa no Mondego, perto de Pena-Cóva.

Já tinha fôro de villa no reinado de D. Sancho I, como consta de documentos da sua camara.

O rei D. Duarte deu esta villa e a de Pena-Cóva, a D. Sancho de Noronha e sua mulher, D. Mecia de Souza, 1.ºs condes de Odemira. Esta doação foi confirmada por D. Affonso V, em 1451—por D. Manuel I, em 1504—e por D. João III, em 28 de agosto de 1527.—Conservou-se na casa dos condes de Odemira até á restauração de 1640. D. João IV confirmou esta doação a favor do conde D. Francisco de Fáro, e por morte d'este, a sua filha, a duqueza D. Maria de Fáro. Morrendo esta senhora, D. Pedro II deu as duas villas a D. Nuno Alvares Pereira, conde de Tentugal, marquez de Ferreira, e 1.º duque do Cadaval, em 18 de dezembro de 1671, com todas as jurisdicções, direitos, rendas, padroados de egrejas e officios, assim da guerra como da republica, e o oitavo de todos os fructos.

A villa é pequena e não tem edificio algum notavel; mas o seu territorio é muito fertil em cereaes, bastante vinho, azeite e fructas. Cria muito gado. Os seus rios lhe fornecem bastante peixe (lampreias, saveis, trutas, bógas e outros) e tambem lhe vem do mar. Tem muita caça, do chão e do ar.

Fica na antiga estrada real, que de Lisboa passa a Coimbra, para o Porto.

N'esta villa se alojou D. Pedro II com toda a sua côrte, em 1704; e depois, o rei de Castella, Carlos III—sendo aqui providos de to-

do o necessario, sem ser preciso recorrer a outras terras.

Ha na freguezia as ermidas de *Nossa Senhora do Chão do Calvo*, no logar da Palla—*Nossa Senhora da Piedade*, no Valle de Açores—*Nossa Senhora de Villa-Nova de Monçarros*—*Nossa Senhara do Amparo*, em Ferradosa—e *Nossa Senhora do Carmo*.

A imagem da padroeira da freguezia *(Nossa Senhora da Assumpção)* é muito antiga. O seu altar foi feito em 1571; mas já então existia a imagem havia muitos annos. A sua festa é a 15 de agosto. Até 1834 era o parocho obrigado a fazer a festa á sua custa.

Tem a Senhora uma irmandade, que faz as mais solemnidades d'ella, e é obrigada a dar toda a cêra para as missas conventuaes (*missas do dia*) e para as procissões.

Esta irmandade administra os rendimentos proprios da Padroeira.

Sendo o altar da Senhora muito velho e insignificante, pelos annos de 1700 se tinha juntado, de economias nas rendas e de varias esmolas, o dinheiro sufficiente para se lhe fazer uma nova e decente tribuna; porém os vereadores o gastaram em fazer uma nova casa da camara.

—

No logar da *Ferradosa*, freguezia de S. Miguel da Marmelleira, que foi anneza á matriz d'esta villa, donde dista 9 kilometros a SE., e é do seu concelho, está, sobre um *têso*, a ermida de *Nossa Senhora do Amparo*. É a mais vasta e aceiada de todo o concelho. É tão antiga, que se não sabe quando nem por quem foi fundada. Junto ao templo estão as ruinas de umas casas, que foram residencia dos seus erimitães; mas já em 1710 os não havia.

Junto á egreja está um carvalho, notavel pela sua antiguidade e pelo seu monstruoso tamanho, que cobre todo o templo e se vê a muitas leguas de distancia, e só por elle se conhece o sitio da egreja, que a arvore encobre.

Diz a lenda, que alguns lavradores teem cortado ramos d'este carvalho, para differentes obras, mas que, apenas empregadas, se despedaçam e inutilisam.

A festa da Senhora, é na 3.ª dominga de outubro, sendo muita concorrida, e havendo então um grande bodo, para os que d'elle se quizerem aproveitar.

—

Perto do referido logar da Marmelleira, está tambem o sanctuario de *Nossa Senhora do Carmo*, de que já tratei a pag. 85, col. 2.ª, d'este volume; e o de *Nossa Senhora da Ribeira*, mencionado no mesmo logar.

MORTALHA—portuguez antigo—não era só o vestido dos defuntos; comprehendia-se tambem por esta designação, as exequias, officio de corpo presente, enterro, cadaver e sepultura.

MORTALIA—portuguez antigo—o mesmo que *luctuosa*. Em 1158, um individuo de Grijó, e sua mulher, doaram certos bens ao moteiro d'esta freguezia, para que os frades os defendessem e mantivessem—*Et de Fossadeira. et. de Mortalia, in quantum potueritis, semper liberetis*—isto é—que não pague luctuosa o doador que ficar viuvo.

Nos documentos de Lamego é mui frequente ver-se empregada a palavra *mortalia*, por *luctuosa*.

MORTEYDADE ou **MORTICIDADE**—portuguez antigo—mortandade. Os povos, aterrados com o terrivel contagio que assolou todo o reino, em 1348, levando povoações inteiras, lhe deram o nome de *peste-grande*—e *morteydade*; e marcou época na nossa historia—*E paguem os seis maravidís, que hi montava de la* morteydade *aa caa.)* Documento de Paço de Sousa, de 1351.)

Principiou este flagello em 29 de setembro e durou até ao fim do anno. Tres mezes. (Pag. 388, col. 2.ª do 4.º vol.)

MORTEIRO—portugez antigo—deu-se este nome a todá a especiaria, que se pisa e móe no almofariz (em latim, *mortarium* e em francez—*mortier*). *Senhas calaças de porco, e* morteiro, *e adubos pera as viandas.* (Documento de Pombeiro, de 1367.)

Senhas — portuguez antigo— suas — como *senhos* — seus. *Calaça*, segundo Viterbo, é *cósta* (costella) de porco. O sr. J. P. Ribeiro, suppõe ser a *calúga* (ou *ca-*

lúba) do gado suino. A carne do pescoço.

No foral que D. Manuel deu á terra de Paiva, em 1513, manda pagar a certo casal *calaça e meia de carne.*

MORTICIDADE — portuguez antigo — o mesmo que *morteydade.*

MORTINDADE—portuguez antigo—mortandade, matança. carnagem, carnificina. É de Azinheiro.

MORTORIO — portuguez antigo — *Fôgo morto.* Vide esta palavra.

MORTULHA—portuguez antigo—por ser muito extensa a significação d'esta palavra e tudo mais que lhe diz respeito, o que tomaria muito logar n'esta obra, convido os leitores curiosos, a lerem em frei Joaquim de Santa Rosa de Viterbo (*Elucidario*) a palavra MURTULHAS. Aqui, apenas direi em resumo, o seguinte:

Mortulha—mortalha, mortuario, mortuorio, e *mortúra*—antigo direito que se pagava ao clero. Consistia ordinariamente na 4.ª parte, na 3.ª e, ás vezes, em metáde dos bens do defunto. A este ominosissimo tributo, succederam as *luctuosas*, que, se são menos expoliadoras, não são menos immoraes. Vide *luctuosa.*

Na erecção ou instituição da egreja parochial do convento de *Canellas* (que hoje não existe, e parece mesmo que não chegou a existir) declara D. Estevão, arcebispo de Braga (1225) que o parocho lhe pagará de *censura* (censo) *Unum modium de centeno, et unam ceram, et tertiam partem mortuariorum.*

Era então D. Payo bispo de Lamego, e a elle pertencia este couto de Canellas, que é uma freguezia da provincia do Douro, que foi do extinto concelho d'lAvarenga, e é hoje da comarca e concelho d'Arouca. (Vol, 2.º, pag. 88, col: 2.ª.)

MÓS—aldeia, Beira Alta, na freguezia de *Dálvares*, concelho de Tarouca, comarca, bispado e 9 kilometros de Lamego, 330 ao N. de Lisboa, no districto de Viseu.

Ha n'esta aldeia o santuario de *Nossa Senhora da Guia*, edificado no alto de um monte, cercado de vinhas. Tem junto á egreja um grande cipreste, e tanto ella como a arvore, se veem a grande distancia, em razão da sua elevada posição.

A esta egreja se fazem muitas e grandes romagens, em todo o decurso do anno.

Dezesete freguezias aqui vinham encorporadas, com as suas respectivas cruzes e parochos.

A poucos metros do templo (ao S.) ha uma fonte d'agua mineral, sulphurosa, a que o povo dá o nome de *fonte Santa*, e na qual se banham os romeiros (principalmente as mulheres que criam, para lhes não seccar o leite).

Da antiguidade d'esta egreja, apenas se sabe—que pelos annos de 1589, se fundou n'este sitio um recolhimento de mulheres virtuosas, o qual depois se veiu a desamparar, por fallecerem as fundadoras. A principal d'estas, está sepultada debaixo das grades d'este templo. Ignora-se o seu nome de baptismo, e apenas se sabe que era do appelido *Alvares.* Pertendem alguns, que esta senhora vivia em uma aldeia da freguezia de *Mós*, que d'ella tomou o nome. Depois, com o tempo, e crescendo a população, se erigiu em Alvares uma freguezia independente que tomou este nome.

Suppõe-se que esta senhora Alvares, era da familia dos condes de Tarouca (que usavam d'este appellido), e que d'elles obteve, por compra ou doação, o terreno para fundar a egreja e o recolhimento.

O sitio onde a egreja está edificada é muito formoso, não só pelas dilatadas vistas que d'elle se gosam, como por ser o terreno cultivado.

Até ao principio d'este seculo teve o sanctuario um erimitão permanente, para cuidar do seu aceio e conservação. Depois, foi substituido por um capellão, apresentado pelo abbade de Mós, com obrigação de dizer aqui missa diariamente. (Vide vol. 2.º, pag. 463 e 464.) [1]

[1] Em quasi todos os diccionarios geographicos e chorographicos, se vê este logar e todos os mais do mesmo nome escriptos — MOZ — porém, como é êrro manifesto, visto esta palavra ser o plural de *mó*, denomino a todos — MÓS — por ser etymologico.

MÓS — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa-Verde (extincta comarca e concelho de Pico de Regalados) 12 kilometros ao N. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 85 fogos.

Em 1757 tinha 82 fogos.

Orago, Santa Maria.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Os senhores da villa da Barca (Magalhães) apresentavam o abbade, que tinha 230$000 réis de rendimento annual.

É terra muito fertil. Muito gado, e grande abundancia de caça.

MÓS — freguezia, Traz-os-Montes, concelho, comarca, bispado e districto administrativo de Bragança, 54 kilometros de Miranda, 470 ao N. de Lisboa, 90 fogos.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago, S. Nicolau (antigamente, S. Pedro, apostolo).

O abbade de Rebordãos apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Tambem se chama *Mós de Rebordãos*, por ter sido desmembrada da freguezia de Rebordãos.

MÓS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Moncôrvo, 150 kilometros ao N.E. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 150 fogos. (Antigamente *Mólas.)*

Em 1757 tinha 111 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Encarnação.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O real padroado apresentava o abbade, que tinha 700$000 réis.

Foi villa e concelho, dos senhores (depois condes) de Villa-Flôr; aos quaes cada morador pagava dois alqueires e meia quarta de cevada e 6 réis em dinheiro.

Nos disimos tinha um prestimonio, que, junto ao que para elle pagavam as freguezias de Caraviçáes, Urros, Perêdo, Maçores, Souto e Felgar, prefazia o rendimento annual de 360$000 réis. Este prestimonio andava annexo ao vinculo da casa de Villa-Flôr.

Ha n'esta freguezia uma fonte de agua mineral, que se applica para a cura de varias enfermidades, sendo muito efficaz para molestias cutaneas.

Teve um castello, com seus fossos, cubêllos e cisterna, que era defendido por 40 cavalleiros de esporas douradas. É tradição que o donatario os mandou assassinar.

D. Sancho II lhe deu foral, em janeiro de 1241. (Gav. 15, maço 11, n.º 48.) D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 4 de maio de 1512. (*Livro de foraes novos de Traz-os-Montes*, fl. 15, col. 2.ª — Veja-se tambem a Inquirição para este foral, gav. 20, maço 11, n.º 43.) [1]

—

D. Affonso IV, por carta datada da Guarda, a 19 d'agosto da era de 1373 (8 d'agosto de 1335) deu a Pedro Dias, seu procurador, na terra de Bragança, a terça parte da egreja de *Mós*, para conclusão das muralhas d'esta villa. [2]

Suppõe-se que as obras de fortificação de Mós, datam do tempo dos romanos, e com certeza existiam no tempo dos mouros, pois do foral d'esta antiga villa se vê que Pedro

[1] Viterbo diz que D. Affonso I deu foral a esta villa de Mós, em 1162; porém Franklim não o menciona. Entendo ser lapso d'este escriptor (que deixou de mencionar muitos foraes antigos) pois Viterbo até cita do foral de D. Affonso Henriques, o seguinte—*Toto homine de Molas qui mulier leixar de benedictiones, det unum dinarium ad Judicem. Et si mulier leixaverit suo marito de benedictiones pectet C C C* (300) *solidos: medius ad marito, et medius a Palacio.* N'este foral vem demarcados os limites do concelho de Mós, entre o de Moncôrvo, *perlo Porto da Figueira...... et inde au Pelagu du Cucu, et inde en na serra de Cubu, aquas vertentes contra Siladi.*

[2] Procurador do rei, não tinha o officio a que hoje se dá o nome de procurador; mas era synonimo de *pobrador* (povoador) d'el-rei. Era um magistrado que inspeccionava os *refazimentos* (reparos ou reedificações) dos logares fortes, assim como a sua população e a das terras abertas e indefezas. Eram mais frequentes estes magistrados nas terras da provincia de Traz-os-Montes, porque, no principio da monarchia, estavam mais despovoadas do que as outras.

Para este cargo, eram sempre escolhidas pessoas de muita inteireza; porque a sua jurisdicção abrangia muitos ramos da administração publica.

Dias, só procedeu ao *refazimento*, prova de que já existiam. Actualmente poucas ruinas restam do vetusto castello e muralhas.

MÓS — freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho de Villa-Nova de Fóz-Côa, 60 kilometros de Lamego, 360 ao N. de Lisboa, 111 fogos.

Em 1757 tinha 111 fogos.

Orago, S. Pedro, apostolo.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

O povo apresentava o vigario, collado, que tinha 5$000 réis de congrua e o pé d'altar.

MÓS DE CELLAS — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Vinhaes (foi do concelho de Vinhaes, comarca de Bragança) 60 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa. Tinha em 1757 50 fogos.

Orago, S. Thomé, apostolo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O abbade de Cellas apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altar.

Esta freguezia foi desmembrada da de Cellas, no seculo XVII, e hoje está annexa outra vez á mesma freguezia de Cellas. (Vol. 2.º, col. 2.ª, pag. 232).

MÓSÉLLOS—freguezia, Douro, comarca, concelho, e 5 kilometros ao NE. da Feira, 24 ao S. do Porto, 60 ao NNE. de Aveiro, 285 ao N. de Lisboa, 260 fogos.

Em 1757 tinha 105 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

O D. prior dos conegos regrantes do mosteiro de Grijó, e depois o da mesma ordem, da Serra do Pilar (Gaia) apresentava o cura, que tinha 8$000 réis de congrua e o pé de altar.

Esta freguezia é situada em terreno levemente accidentado, bonita, rica e fertil em todos os generos do nosso clima. Cria muito gado bovino, que exporta para a Gran-Bretanha, em grande quantidade. Exporta para a cidade do Porto muitos cereaes e fructas, e bastante madeira.

A egreja matriz é um templo vasto, muito decente e em bonita situação.

É abundante em peixe do mar, que lhe fica a 12 kilomertos a O.

O logar do Murado, é das maiores e mais bonitas aldeias da freguezia, e tanto que a esta se dá com mais frequencia o nome de *freguezia do Murado*, do que de *Móséllos.*

No Murado se faz uma grande feira, nos dias 25 de cada mez.

No mesmo logar do Murado é o solar de um ramo dos Vasconcellos. Para a sua genealogia e armas, vide Castello-Melhor, Mafra e Penella.

MÓSÉLLOS — freguezia, Minho, comarca de Vallença, concelho de Coura, 50 kilometros a NE. de Braga, 400 ao N. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 95 fogos.

Orago S. Payo.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 120$000 réis e o pé de altar. O abbade tinha só metade da renda da egreja, a outra metade era dos marquezes de Villa-Real, até 1641, e desde então passou a ser um *beneficio simples*, que os reis davam a quem queriam.

MÓSÉLLOS—aldeia, Beira Alta, na freguezia de Santa Maria Magdalena do Campo, concelho, comarca, bispado, districto administrativo e 6 kilometros ao N. de Vizeu. (Vol. 2.º, pag. 62, col. 2.ª)

Á entrada do logar de Mósèllos, junto á antiga estrada que vae para Guimarães e para o Porto, está a capella de Nossa Senhora da Victoria, cuja origem é a seguinte:

Havia em Mósèllos dois casados, por nome Henrique de Almeida (natural de Vizeu) e Joanna da Fonseca (natural da cidade do Porto) muito devotos da Santissima Virgem; e, como não tivessem filhos, resolveram entre si nomear Nossa Senhora por sua herdeira, e logo, pelos annos de 1625, principiaram a edificar-lhe um templo, onde fosse venerada. Feita a capella, e collocada n'ella a imagem da padroeira, lhe erigiram uma irmandade, com 33 irmãos, para cuidarem da Senhora e da sua egreja, e de lhe fazerem uma festa annual.

Por fallecimento do fundador, a sua viu-

va dôou á Senhora varias propriedades, sitas no mesmo logar, por escriptura publica, feita em 14 de dezembro de 1638, com a obrigação de lhe dizerem, no altar da padroeira, *in perpetuum*, nove missas, nos nove dias antes do Natal; seis missas, nos seis domingos de quaresma—uma no dia de S. Francisco—e finalmente outra, no dia de S. Jeronymo. Deixou ao visitador, dois *capões* (gallos castrados) [1] para que todos os annos fizesse cumprir a obrigação d'aquellas 17 missas.

Os estatutos da irmandade foram confirmados e approvados, em 1653, sendo os irmãos obrigados a assistirem á festa da Senhora, a 25 de março de cada anno. A 20 de dezembro se fazia o anniversario dos irmãos fallecidos, por cada um dos quaes tambem a irmandade era obrigada a mandar dizer cinco missas. Os irmãos davam 100 réis cada anno, e as irmans viuvas 50 réis.

Não se admittiam para o logar dos irmãos fallecidos, senão seus filhos ou descendentes.

MÓSÉLLOS—aldeia, Douro, na freguezia de S. Salvador do Monte, comarca e concelho de Amarante, bispado e districto administrativo do Porto (pag. 457, col. 2.ª d'este vol.—o ultimo *Monte*, d'esta pag.)

Fica esta aldeia perto do rio Tâmega, entre as villas de Amarante e Canavezes, a distancia de 6 kilometros de cada uma.

Proximo a Mósêllos está a capella de Nossa Senhora da Assumpção, vulgarmente chamada *Nossa Senhora do Váu* ou *Nossa Senhora de Mósêllos*. Dá-se-lhe o segundo nome, pela proximidade da aldeia, e o primeiro, por ficar tambem proxima dos *vaus de Villarinho*, e de *Covêlhas*, no rio Tâmega, ficando-lhe estes dois váus, ou logares, um de cada lado da capella. Dão estes váus passagem, no verão, a dois concelhos—hoje ambos extinctos—o de Gouveia (em cujo territorio está a ermida) e o de Santa Cruz de Riba Tâmega.

Consta por tradição que esta egreja foi a primitiva matriz da freguezia, que antigamente se denominava *Mósêllos do Monte*.

Esta tradição tem todos os visos de verdadeira, em razão de antiquissimas sepulturas que aqui existiram, o que prova tambem a muita antiguidade do templo. Tambem Nossa Senhora era a padroeira antiga d'esta freguezia, pois nos prasos dos seculos XII e XIII, feitos das terras immediatas (que todas eram foreiras ao mosteiro benedictino de Travanca) se diz—*o campo de Santa Maria, que está nas costas da ermida.*

Não se sabe pois quando foi edificada, e apenas se sabe que foi reedificada em 1679, quando a primittiva ameaçava imminente ruina.

Antigamente vinham aqui, em dias certos, *clamores* de varias freguezias.

A capella está entre o logar de Mósêllos, Covêlhas e Gondeiro, em sitio muito ameno, todo povoado de campos e arvores silvestres.

Como a capella não tinha confraria, nem rendas proprias, era a freguezia obrigada á sua fabrica. Os moradores da freguezia, que ficavam da egreja para a parte d'Amarante (*d'Áquem do Signo*) não queriam concorrer para as despezas da fabrica, e influiam nos que habitavam a parte opposta (a que chamam *d'Álem do Signo*) para que não cuidassem mais da capella.

Um cavalheiro, chamado João de Castro e Vasconcellos, da villa de Amarante, que attribuia a milagre d'esta Senhora da Assumpção a cura de uma sua filha, chamada D. Maria de Lima Vasconcellos e Castro, a quem os medicos já tinham abandonado, veio com ella e mais familia, da sua quinta de Gondeiro, em romaria, e todos descalços, dar graças á Senhora.

Sabendo então do projectado abandono do templo, conferenciou com o abbade da freguezia do Salvador (João de Souza Rebello) e ambos representaram ao vigario-geral do bispado do Porto, allegando que a capella

[1] Nos antigos foraes, doações, emprasamentos, etc., vê-se muitas vezes mencionados capões, como objecto de fôro. Se se dizia simplesmente *capão*, vinha a ser um frangam; mas, se se dizia *capão afoucinhado*, era um gallo que já tivesse as pennas *reaes* do rabo. *Afoucinhado* era o mesmo que dizer, em fórma de *foucinha* (foice de ceifar).

era antiquissima e tinha sido matriz da parochia; e que, ficando a egreja da freguezia muito distante, para os povos de *Além Signo*, na capella se dizia missa ao povo, e d'ella se administravam os sacramentos.

O vigario-gerál, justificadas as allegações, obrigou toda a freguezia ás despezas da fabrica, e logo se fez um novo retabulo, por estar muito velho o que havia, e se forrou a capella, que até então era de *telha van.*

MOSENDAREM, ou **MONZEDAREM**—Vide *Vianna do Alemtejo.*

MOSEQNINS, ou **MOSEQUINIS** — portuguez antigo — borzeguins.

MÓSINHO ou **MOUSINHO**—portuguez antigo —Vide *Moçoco.*

MOSQUEIRO (caldas do) —Vide *Lijó,* vol. 4.º, pag. 91, col. 2.ª

MOSSÊCO ou **MOSÊCO**—portuguez antigo—Vide a palavra seguinte.

MOSSEGADO ou **MOSEGADO**—portuguez antigo—pão mossegado—dizia-se d'aquelle em que á mão se tirava uma pequena parte, quando ainda estava na palha, para accudir a alguma necessidade urgente; e á parte assim tirada se chamava *mossêco.* Ainda hoje em algumas terras do Norte se emprega esta palavra com a mesma significação.

Mossegado tambem significava cousa incompleta, rôto, esfarrapado, etc.

De *Mossêco* se fez na Terra da Feira *motrêco;* mas aqui significa um mólho muito pequeno de qualquer palha — uma mão-cheia de qualquer cousa, atada a módo de feixe.

MOSTÊA — portuguez ant.—Vide *Morêa.*

MOSTEIRINHO — freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Tondella (foi do concelho de S. João do Monte, hoje extincto), 35 kilometros de Viseu, 250 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757 tinha 35 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Natividade.

Bispado e districto administrativo de Viseu.

O reitor de S. João do Monte apresentava o cura, que tinha 30$000 réis de congrua e o pé d'altar.

MOSTEIRO—Tomam-se vulgarmente por synonimos *mosteiro* e *convento,* quando são cousas completamente diversas. *Convento,* no rigor da palavra, tanto póde ser de frades, como de seculares. É a reunião, ajuntamento, assembléa ou mêsa, de uma confraria ou irmandade, ou de outra qualquer instituição. D'aqui vem chamar-se á missa mais concorida de uma egreja—*missa conventual*—isto é—missa do ajuntamento.[1]

Vem do latim *conventus,* que significa o mesmo; porém os *conventos juridicos* dos romanos, era um tribunal, abrangendo o civel, municipal, administrativo e militar.

Mosteiro nunca significou mais do que o edificio monachal.

Nos primeiros seculos do christianismo, uma gruta, ou uma choça coberta de ramos, onde habitava qualquer erimita, era um mosteiro.

Ainda depois de se admittir nos cenóbios maior numero de monges, nunca o seu numero attingiu a cifra dos seculos futuros.

A soberba e arrogancia dos grandes palacios, de magestosa architectura, nada tinha de commum com os claustros religiosos, onde só viviam homens dedicados á penitencia, á humildade e á oração, e, por assim dizer, enterrados em vida.

Passados os primeiros fervores, e n'estes mesmos sitios, ou perto d'elles, se fundaram mais amplas vivendas monachaes, algumas das quaes chegaram aos nossos dias.

[1] Em 1184, *Pedro Agulha* e *Martinho Perne*, doaram ao mosteiro de Lorvão, um terrado ou chão, na cidade de Coimbra, *cum Conventu Fratrum S. Juliani.* (Doc. de Lorvão.)

No mesmo livro se acha outra doação de uns moinhos, no mesmo logar, os quaes partiam do levante *cum Confraria S. Juliani.* Vê-se que tanto montava dizer-se confraria como mosteiro.

Reflectindo sobre os nossos mais antigos documentos, vêmos tão desmarcado numero de mosteiros, que devemos acreditar não serem esses mosteiros o que depois foram. Cassiano (*Collat.*, 18, cap. 16.º) diz claramente que á cella particular de qualquer monge se dava o nome de mosteiro. *Monasteria dicebantur Cellae, in quibus unicus degit Monachus.* Era esta a differença entre o mosteiro e o cenóbio; n'este, habitavam muitos—n'aquelle, um só. Com o decurso do tempo, tambem aos cenóbios se deu o nome de mosteiro, como se vê do concilio romano de 826, *canon* 27.º

Ás egrejas cathedraes se dava o nome de mosteiros, ou por serem servidas por monges, ou porque os conegos viviam em communidade, com tanta humildade como qualquer cenobita.

Tambem ás egrejas parochiaes se dava antigamente o nome de mosteiros; ou pela austeridade com que os parochos viviam nas suas residencias; ou porque n'ellas havia monges que os ajudavam nos seus misteres parochiaes.

Mosteiro de herdeiros, eram quasi todos os que se fundaram no seculo 11.º Junto d'uma pequena egreja ou oratorio (edicula) se construiam casas em que viviam os fundadores, com as suas familias, e succediam-lhes seus herdeiros, sob condição de darem agasalho aos peregrinos, e esmolas aos pobres, e aos monges que serviam esses templos.

Mosteiros se chamavam aos arcos, abobadas ou pequenas capellas, feitas pela parte exterior das egrejas, nas quaes antigamente sepultavam os defuntos.

Mosteiros capitaes—eram os que tinham outros sob a sua obediencia. (Os principaes, em Portugal, eram Pombeiro, Tibães, Vaccariça, etc.)

Mosteiros canonicaes—aquelles em que viviam conegos regrantes, ou seculares, com a mesma austeridade com que viviam os monges.

Mosteiros duplices, duplex, ou dobrados (de ambos os sexos)—Houve muitos em Portugal (eram a maior parte) ainda depois que no 2.º concilio de Nicéa, canone 20.º, foram prohibidos, por não darem bons exemplos, alguns d'elles; apesar de estarem divididos os dois sexos, em quasi todos por altas e grossas paredes, não se avistando senão rarissimas vezes; tendo cada divisão seu chefe, do mesmo sexo, e sendo prohibido ás monjas entrarem na egreja dos frades, devendo ouvir missa e assistir aos officios religiosos, nos seus oratorios, ou no côro, vedadas á vista por bastas rótulas.

Mosteiros isentos—conventos que estavam fóra da jurisdicção do prelado diocesano, obedecendo só e directamente ao papa ou aos seus delegados. Adquiria-se este privilegio por *origem, prescripção immemorial*, ou por *graça especial*, e d'esta circumstancia nasceram os prelados, *nullios diocesis*, que exerciam a jurisdicção episcopal, no clero e povo do districto privilegiado. Em Portugal os *isentos* mais notaveis eram—a *prelazia de Thomar* e o *grão-priorado do Crato*. Muitos abbades benedictinos conferiam ordens, mas, a maior parte, só podiam dar as menores.

Em Portugal e Hespanha, teve distincto logar a bulla de Urbano II, de 1095, a qual concedia ao *rei, próceres* e *magnates*, desmembrar dos antigos bispados, e submetter a mosteiros, todas as egrejas que resgatassem do poder dos mouros, juntamente com a precepção dos dizimos e primicias.

Tambem havia *abbadias seculares isentas*. A principal era a de Soalhães, cujo parocho tinha poder *quasi episcopal*. Das regulares, a principal era a de Salzêdas.

Mosteiros reaes—os que só dependiam do imperante, mas ordinariamente dava-se até 1834 o titulo de *real mosteiro* a todo o que tinha sido fundado pelo monarcha, ou por algum membro da familia real.

MOSTEIRO—Vide *Pinheiro*—d'Aguiar da Beira, e *Sermillo*.

MOSTEIRÓ—(de Nóbrega) logar do Minho, na freguezia de *Aboim da Nóbrega*. (Vol. 1.º, pag. 14, col. 2.ª)

A egreja matriz pertenceu a um antiquissimo mosteiro de freiras que aqui houve, o qual foi primeiro de bentas, depois de agostinhas; passando, pelos annos de 1480, a poder de commendatarios, da ordem de Malta. É por isso que ao logar onde está a egreja, ainda se chama *Mosteiro*.

Ainda hoje ha aqui um rego a que chamam *Calle das freiras*.

A padroeira d'esta egreja (Nossa Senhora da Assumpção) foi em tempos antigos a mais celebre thaumaturga da provincia de Entre Douro e Minho, e da particular devoção dos senhores do castello e villa de Nóbrega.

Consta que o appellido de *Aboim*, que estes fidalgos adoptaram, foi por devoção a esta Senhora, que se chama tambem *Santa Maria de Aboim*.

D'esta nobilissima familia foi D. João de

Aboim, celebre valido de D. Affonso III, e seu rico-homem.

Quando este monarcha era ainda infante, o acompanhou a França, e assistiu ao seu casamento com a infeliz condessa de Bolonha. Regressou com elle a Portugal e foi seu mórdomo-mór (o 26.º que teve este officio, como se vê na col. 2.ª da pag. 540 d'este volume).

Foi tambem muito estimado do rei D. Diniz, filho de D. Affonso III.

D. João d'Aboim, era filho de D. Pedro Rodrigues da Nóbrega, e neto de D. Eurigo Vélho da Nóbrega.

O mesmo D. João de Aboim, fundou o castello e a villa de Portel, em 1262 (por mercê de D. Affonso III) e lhe deu foral, como villa sua. Este foral foi feito em Evora, com assistencia e annuencia de seu filho, D. Pedro Annes de Portel. E deu o nome a *Villa-Boim* (comarca, concelho, bispado, e proximo d'Elvas, no districto administrativo de Portalegre).

Este D. Pedro, foi um grande senhor do seu tempo. Casou com D. Constança Mendes de Souza, senhora da *casa de Souza*, a mais nobre de Portugal. Era filha de D. Mendo Garcia, senhor de Panoyas, e de D. Thereza Annes.

Tiveram a D. João Peres, que casou com D. Aldonça Peres, neta de D. Affonso III, por ser filha de D. Urraca Affonso.

A quinta d'Aboim, solar dos Aboins, era uma das maiores e melhores da provincia. Foi ainda D. João de Aboim que lhe deu este nome, pois antes d'isso se chamava quinta do *Outeiro*. Era esta propriedade junto ao logar da Pica, e lhe fôra dada, em 20 de julho de 1270, por D. Martim Fagundes, commendador de Leça do Bailio, e tenente do grão-mestre, D. Gonçalo Pires, de Pereira.

Era o mesmo D. João, senhor de Villa Verde, por doação que lhe fizera, em 1260, D. Affonso Pires Farinha, prior do Crato, com auctorisação do grão-commendador de Hespanha, D. frei Faraúdo de Barriôco.

Os descendentes de D. João, foram pouco e pouco desmembrando d'esta grande quinta d'Aboim, varias propriedades, que davam e vendiam, reduzindo-a portanto a muito menos valor, até que com o correr dos annos, estava dividida e sub-dividida por diversos possuidores.

Pelos annos de 1440, Fernão Martins, familiar do arcebispo de Braga, comprou (por bem ou por mal) a maior parte das propriedades que constituiram a antiga quinta de Aboim, e quiz gosar tambem as honras dos seus antigos possuidores, o que conseguiu, por mercê de D. Affonso V, em 1449, em premio dos grandes serviços que tinha feito na guerra.

A quinta de Aboim, passou depois aos Camaras, da cidade do Porto, e d'estes para os senhores de Bayão, por casamento de Fernão Martins de Souza, com D. Maria d'Athaide, filha de Fernão Gonçalves da Camara.

—

Consta que o conde D. Henrique e sua mulher, deram foral e titulo de villa, a Aboim da Nóbrega, pelos annos de 1100; porém Franklim não traz semelhante foral, e no que D. Manuel deu a Nóbrega, em 24 de outubro de 1513, tratando de muitas terras a que diz respeito, não falla em Aboim.

É certo porém, ter por muitos seculos o fôro de villa e ser couto do rei, com juiz ordinario, dois vereadores, procurador, meirinho, e escrivão do civel e da camara, feitos por eleição, a que presidia o corregedor de Vianna. — Na orphanologia pertencia á Barca.

O commendador de Malta, donatario da freguezia, servia de capitão-mór. Os povos da parochia tinham os grandes (e absurdos) privilegios de caseiros da ordem de Malta.

MOSTEIRÓ — aldeia, Minho, na freguezia do Cerdal, comarca, concelho e 6 kilometros de Vallença. (Vol. 2.º, pag. 242, col. 1.ª) [1]

Proximo do rio Minho, está o logar do *Mosteiró*, celebre pela sua antiguidade e pelas suas tradições.

Consta que no 7.º seculo, fundaram aqui uns eremitas, uma capella, dedicada a Nossa Senhora, e elles viviam em cabanas toscas, em volta da ermida.

[1] Já tratei d'este mosteiro, na freguezia do *Cerdal*, aqui dou d'elle mais algumas noticias, pouco sabidas, pela sua antiguidade.

Com a invasão dos mouros, em 715, os eremitas esconderam a imagem da padroeira e fugiram espavoridos.

Os reis de Leão resgataram estas terras do poder dos arabes, pelos annos 890.

Algum tempo depois, appareceu a antiga imagem da Senhora, e a condessa Muma-Dona, tia de D. Ramiro II, de Leão, pelos annos de 920, reedificou a capella e fundou novo mosteiro, sobre as ruinas do primeiro, dedicando-o ao Salvador do Mundo e a Santa Maria, e dotando-o com muitas rendas, que lhe assignou em Portugal, Galliza e Leão, entregando o mosteiro aos monges de S. Bento.

Poucos annos depois da morte da fundadora, os leonezes e os gallegos, deixaram de pagar as rendas ao mosteiro, que, não podendo sustentar-se só com as que recebia do reino, foi abandonado, e com estas rendas se instituiu a collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, de Guimarães, em tempo de S. Geraldo, arcebispo de Braga.

O mosteiro, que era pequeno, como o seu proprio nome indica (*mosteiró* é diminutivo de *mosteiro*, como se dissessemos — *mosteirinho*), foi cahindo em ruinas, e só a capella se foi conservando pela devoção do povo, e pelo cuidado de um erimitão que quasi sempre tinha.

Em 1392, reinando em Portugal D. João I, vieram a este reino, para fundar a religião franciscana, alguns frades d'esta ordem, sendo os principaes, frei Gonçalo Martinho e frei Diogo Ayres (ou Arias), asturianos.

Buscaram sitios ermos e distantes de povoado, onde, com beneplacito do rei, fundaram alguns mosteiros.

Um dos sitios por elles escolhido, foi este de Mosteiró. Estava a ermida entre uns grandes montes, cercada de espessos bosques, e era um sitio muito proprio para a vida de penitencia e oração a que se dedicavam então estes religiosos.

Pedida a competente licença ao arcebispo de Braga, deram logo principio á fundação do mosteiro, que dedicaram a Santa Maria, e foi o primeiro da sua ordem em Portugal.

Este terceiro convento era ainda mais pobre que o segundo, o edificio de acanhadas proporções, e tanto este como a ermida (que era a primitiva) eram cobertos de colmo. Apezar d'isso, incendiando-se a matta que o cercava (pelos annos de 1410) carbonisando as maiores arvores, foi o mosteiro reduzido a cinzas, escapando apenas a capella, o que se teve por grande milagre.

Faz-se na egreja matriz, a 8 de setembro, uma esplendida festa, a Nossa Senhora da Natividade, havendo na vespera illuminação, e grande quantidade de fogo preso e do ar; e vesperas solemnes, a grande instrumental.

Tudo o mais que havia a dizer d'este convento, já está em *Cerdal*.

MOSTEIRO — aldeia, Beira-Alta, na freguezia do *Couto do Mosteiro*. (Vol. 2.º, pag. 424, col. 2.ª)

Dá-se a esta freguezia (que foi villa) o nome de *Couto do Mosteiro*, porque, effectivamente, houve aqui um mosteiro, que foi coutado. Foi fundado pelos templarios, em 1124 e era da invocação de Santa Maria. Depois da extincção da ordem do Templo, em 1311, passou a ser priorado secular, dos bispos de Coimbra; a egreja ficou sendo a matriz da freguezia, e esta passou a ser commenda da ordem de Christo.

Ainda na egreja ha uma imagem de Santa Maria, de pedra, que era a padroeira do antigo mosteiro, e que agora se denomina Nossa Senhora do Rosario.

É egual em tudo, á de *Nossa Senhora de Finis Terrae*, da villa de Soure, e foram ambas feitas pelo mesmo esculptor, e pelo mesmo tempo.

—

No logar de Géstosa, d'esta freguezia, a 1:500 metros da egreja matriz, está a capella de Nossa Senhora da Graça, muito antiga. Faz-se a sua festa a 18 de dezembro.

O couto do mosteiro (que deu o nome á parochia) comprehendia tres freguezias—a do *Couto do Mosteiro*, cabeça do couto—a do *Vimieiro*, que foi sua annexa—e a de *S. Joanninho*. (Vol. 3.º, pag. 412, col. 1.ª—a 2.ª d'este nome).

A freguezia do *Couto do Mosteiro* tem 9 aldeias, que são—Couto, Colmiosa, Pecegui-

do, Villa de Barba, Casal de Maria, Pedrayres, Casal de Vidona, Outeiro e Géstosa.

A de *Vimieiro*, tem duas—Vimieiro e Rojão-Grande.

A de *Joanninho*, tem cinco — S. Joanninho, Villa-Pouca, Casal Bom, Real e Abelheira.

MOSTEIRO—aldeia, Beira Alta, na freguezia de *Cabril* ou *Baltar de Cabril*. (Vol. 2.º, pag. 21, col. 2.ª)

São tres freguezias reunidas—Baltar, Cabril, e Moimenta.

O logar do Mosteiro, tém este nome, por que houve aqui em tempos antigos um mosteiro de freiras benedictinas. A sua egreja é a actual matriz da freguezia. O edificio do mosteiro, foi parte demolido, e parte é hoje a residencia do parocho.

MOSTEIRO—aldeia, Douro, na freguezia de Canêdo, concelho da Feira. (Vol. 2.º, pag, 86, col. 1.ª)

Tem este nome, em razão de ter aqui havido um mosteiro de freiras benedictinas. com uma grande cêrca. O edificio do mosteiro, é hoje propriedade particular do dr. Bernardo José da Silva Tavares, conego da Sé do Porto. (Ainda tem um oratorio, mas já n'elle senão diz missa ha muitos annos).

A cêrca, é parte (a maior) propriedade do mesmo conego, e parte, de seu irmão, Hermenegildo José da Silva Tavares, que foi capitão de milicias, e que construiu, pelos annos de 1847, umas boas casas de habitação na extremidade da cêrca que fica proximo á egreja.

Este mosteiro e suas dependencias foi vendido no tempo dos Philippes, hindo as freiras para o convento de S. Bento, do Porto. E' apenas a distancia de uns 200 metros, ao E. da matriz.

N'esta aldeia do Mosteiro se faz uma feira no dia 7 de cada mez.

Para o mais, vide Canêdo, da Feira.

MOSTEIRÓ—aldeia, Douro, na freguezia antecedente. (Pag. 87, col. 2.ª do 2.º vol.)

Dista da egreja parochial 3 kilometros a ENE., e a igual distancia da margem esquerda do rio Douro.

Houve aqui, em tempos remotos, um pequeno mosteiro (como o seu nome indica) de freiras benedictinas, muito mais antigo do que o antecedente, e que deixou de existir não se sabe quando.

Era esta aldeia, então, da antiquissima freguezia da *Varzea de Carvoeiro*, que foi ha muitos annos supprimida, não restando d'ella outras memorias senão a sua capella-mór, transformada em ermida.

Apesar da existencia d'este mosteiro ser authenticada por varios documentos antigos, não ha d'elle o minimo vestigio, e, o que é mais notavel, nem ao menos tradição de ter existido. Em vista d'esta circumstancia, é provavel que fosse destruido pelos mouros, no principio do seculo VIII.

A freguezia de Varzea de Carvoeiro, era tão antiga, que já existia em 897, sendo n'esse anno resgatada do poder dos mouros, por D. Affonso Magno. Encorporou-se na de Canêdo, ha mais de 400 annos.

MOSTEIRÓ—sitio da mesma freguezia, 8 kilometros ao SE. da egreja parochial. E' um monte, em fórma de peninsula, cercado pelo rio *Inha*, ficando-lhe o *isthmo* a E.S.E., na encosta occidental do monte da *O'ssa*. Chama-se a este sitio vulgarmente, *Mosteirô do Ribeiro*. Fica a 2 kilometros ao S. do rio Douro.

Este monte, que é hoje um bosque, está por todos os lados cercado de outros montes mais altos, e é em sitio êrmo, sendo a povoação mais proxima a pequena e pobre aldeia de *Rebordêllo*, tambem da freguezia de Canêdo. Esta aldeia e a de Mosteirô do Ribeiro pertenciam á freguezia de S. Cypriano, de *Parada do Monte*, supprimida ha mais de 500 annos.

Segundo a tradição, havia em Mosteirô do Ribeiro, um mosteirinho (donde lhe provém o nome) de freiras benedictinas, e uma pequena aldeia.

Em 29 de setembro de 1348, principiou em Portugal o terrivel contagio, chamado a *morteydade* ou *péste grande*, que, apesar de durar só tres mezes, marcou época na historia portugueza pelo horroroso numero de victimas a que deu causa. (4.º vol., pag. 388, col. 2.ª)

Segundo a tradição, nem uma só pessoa do mosteiro ou da aldeia escapou ao pavoroso

contagio. Foi tal o terror dos povos circumvisinhos, que sete annos ninguem se atreveu a hir a Mosteirô do Ribeiro. Passados elles, principiaram a hir ali algumas pessoas, em busca dos objectos pertencentes aos fallecidos, e consta que debaixo dos entulhos appareceram algumas pipas, cheias de vinho, em muito bom estado.

Do mosteiro e da povoação apenas restam alguns alicerces de casas, e de paredes de campos e sucalcos, indicando que tudo era pequeno e pobre.

Nunca mais foi habitado este monte, que se dividiu em differentes possuidores. Um lavrador do logar de Pecegueiro (freguezia do Valle, concelho da Feira) é hoje o unico possuidor de todo o monte, por compras que fez aos seus differentes proprietarios.

O logar de *Parada do Monte,* onde estava a matriz da freguezia, tambem soffreu muito com aquella péste, ficando quasi deserto; pelo que foi supprimida esta parochia, passando o povo a pertencer á freguezia de S. Vicente de Louvedo, do extincto concelho de Fermedo, (hoje concelho e comarca de Arouca) e a aldeia de Rebordéllo, e a que fôra aldeia do Mosteirô do Ribeiro, á freguezia de Canêdo.

Ainda se divisam os alicerces do corpo da antiga egreja de S. Cypriano, martyr, de Parada do Monte, e a sua capella-mór está transformada em ermida do mesmo santo, ao qual ainda se lhe faz a festa, no 4.º domingo de setembro. (O seu dia proprio é a 26 d'este mez.)

MOSTEIRO—freguezia, Minho, concelho de Vieira, comarca da Povoa de Lanhoso, 24 kilometros ao N. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 360 fogos.

Em 1757 tinha 350 fogos.

Orago S. João Baptista.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A casa de Calhariz apresentava o abbade, que tinha 800$000 réis de rendimento.

Consta que foi commenda dos templarios, que aqui construiram um mosteiro da sua ordem, o qual existiu até 1311.

Em 1319 passou a commenda de Christo, e foi dada aos morgados do Calhariz.

A egreja matriz, é a que foi do mosteiro.

É terra fertil em todos os fructos do paiz, cria muito gado, e nos seus montes ha abundancia de caça grossa e miuda.

MOSTEIRO—freguezia, Beira Baixa, concelho de Oleiros, comarca da Certan, 65 kilometros ao N. do Crato, 190 ao E. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757 tinha 84 fogos.

Orago Nossa Senhora da Victoria.

Era isento do grão-priorado do Crato, e está desde 1834 annexa ao patriarchado.

Districto administrativo de Castello-Branco.

O grão-prior apresentava o capellão, curado, que tinha 100$000 réis.

E' terra fertil em cereaes.

E' tradição que o nome lhe provém d'um mosteiro de cavalleiros do templo que aqui houve (outros dizem que foi de freiras benedictinas). Não ha d'elle vestigios, só consta que a egreja do antigo mosteiro serve actualmente de matriz da parochia.

Esta freguezia não vem no *Port. Sac. e Prof.*

MOSTEIRO — freguezia, Beira Alta, comarca e concelho de Tondella, 15 kilometros de Vizeu, 260 ao N. de Lisboa, 190 fogos. Em 1757 tinha 117 fogos.

Orago o Salvador.

Bispado e districto administrativo de Vizeu.

O papa e o bispo apresentavam alternativamente o abbade, que tinha 180$000 réis de rendimento.

E' terra muito fertil em cereaes, azeite e fructas, e produz muito vinho de optima qualidade. Cria muito gado e tem abundancia de caça.

Para se distinguir das outras povoações do mesmo nome, se lhe dá o de *Mosteiro de Fráguas.*

Consta que esta freguezia principiou por um mosteiro duplex, da ordem de S. Bento, que ha muitos annos foi supprimido, e que d'esta circumstancia lhe provém o nome.

MOSTEIRÓ—freguezia, Douro, comarca e concelho de Villa do Conde, 18 kilometros ao N. do Porto, 345 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 50 fogos.

Orago S. Gonçalo.

Bispado e districto administrativo do Porto.

As religiosas benedictinas do convento da Ave-Maria, do Porto, apresentavam o reitor, que tinha 60$000 réis e o pé de altar.

Era da comarca do Porto, e do concelho da Maia. A requerimento do povo, passou a ser da comarca e concelho de Villa do Conde, por decreto de 11 de maio de 1870.

E' terra muito fertil em todos os generos do paiz, cria muito gado e é abundante de peixe do mar, que lhe fica pouco distante.

Houve aqui um mosteiro de freiras benedictinas, fundado no seculo XII. Foi supprimido em 1480, hindo as freiras e as rendas d'elle, para o convento de freiras da sua ordem, da cidade do Porto. A egreja matriz é a que foi do mosteiro.

MOSTEIRÓ — aldeia, Douro, meieira das freguezias de Fermedo e S. Miguel do Matto, no extincto concelho de Fermedo, hoje comarca e concelho de Arouca, d'onde dista 20 kilometros a O., 30 ao S. da cidade do Porto, 60 ao ENE. de Aveiro, 8 ao S. do Douro, 262 ao N. de Lisboa, 30 fogos.

É povoação muito antiga, e se encontram pelos seus arredores mâmoas celticas, e um dolmen, na serra de Borralhoso, que é proxima.

Ao fundo da povoação passa um ribeiro do seu nome, onde se encontram muitos *staurotidos*. Vide *Borralhoso*.

Houve aqui um mosteiro de freiras benedictinas, que foi supprimido em 1480, hindo as suas freiras e rendas para o convento de S. Bento da Ave-Maria, da cidade do Porto. Da sua egreja não ha o minimo vestigio. O mosteiro, que era pequeno, é propriedade e residencia d'um lavrador chamado Manuel Ferreira da Silva, foreiro, assim como a maior parte do logar, ás ditas freiras, do Porto.

Ha n'esta terra muitos canastreiros, talvez os melhores de Portugal. Encommendando-se-lhe, fazem canastras e céstos, que se enchem d'agua, sem verterem uma só pinga, como se fossem d'argilla, ou de aduellas.

MOSTEIRÓ—freguezia, Douro, comarca e concelho da Feira, 60 kilometros ao S. do Porto, 280 ao N. de Lisboa, 150 fogos.

Em 1757 tinha 73 fogos.

Orago Santo André, apostolo.

Bispado do Porto, districto administrativo de Aveiro.

O reitor de S. Miguel do Souto apresentava o cura, que tinha 50$000 réis e o pé de altar. É terra fertil em cereaes e outros fructos, cria bastante gado, e tem alguns pinhaes de boa madeira.

Diz-se que tambem houve n'esta freguezia, um mosteiro, pequeno, de freiras benedictinas, que foi supprimido ha mais de 300 annos; mas não pude obter mais informações.

MOSTEIRO D'ARNOSO — freguezia, Minho, na comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão. Já a pag. 238 Y, do 1.º vol. tratei d'esta freguezia; porém como ella é conhecida por ambos os nomes (*Arnoso* e *Mosteiro de Arnoso*) accrescentarei mais o seguinte:

Houve aqui um mosteiro, dobrado, da ordem de S. Bento, fundado por S. Fructuoso, em 642. Os mouros o destruiram em 715 ou 716, e foi reconstruido pelo infeliz D. Garcia, rei de Portugal, filho de D. Affonso Magno (vide *Alfaiates*, a pag. 112 do 1.º vol.), pelos annos 1067.

A requerimento de D. João II e do arcebispo de Braga, o papa Alexandre VI supprimiu este convento, em 1495. O celebre arcebispo, D. Jorge da Costa (*o cardeal de Alpedrinha*) o uniu ao convento de Pombeiro. Depois, foi mudado para Belem (do Minho) onde tinha uma grande quinta. Foi supprimido ha mais de 150 annos, tomando tudo de emprazamento, o doutor Miguel Pinheiro Figueira, conego da Sé de Braga. Passou depois a D. Isabel de Souza Lima Figueira, em cuja descendencia se conserva.

Não se confunda esta freguezia de Santa Maria (Nossa Senhora da Conceição) com a outra do mesmo nome, cujo orago é Santa Eulalia.

MOSTEIRO DE FERREIRA—Vide *Ferreira* (a 1.ª), a pag. 171, col. 2.ª do 3.º vol.

MOSTEIRO D'OLIVEIRA ou **DE SANTA MARIA DE OLIVEIRA** — na comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão. Vide *Oliveira*, d'este concelho.

MOSTEIRO DE S. FINS DAS FRESTAS (ou *Friestas*)—Era o nome antigo da actual freguezia de *S. Fins*, que fica descripta a pag. 198, col. 1.ª, do 3.º vol.

MOSTEIRO DO SOUTO — freguezia, Minho, comarca e concelho de Guimarães. Vide a freguezia do *Souto*, d'este concelho.

MOSTEIROL, MOSTEIRÓ e **MOSTEIRÔ**— portuguez antigo —Vide *Monesteirol.*

MOSTEIROS — freguezia, Alemtejo, concelho d'Arronches, comarca, bispado, districto administrativo e 18 kilometros de Portalegre, 180 ao S.E. de Lisboa, 110 fogos.

Em 1757, tinha 58 fogos.

Orago, Nossa Senhora dos Mosteiros.

A mitra apresentava o cura, que tinha 180 alqueires de trigo e o pé d'altar.

É terra fertil em cereaes.

MOSTIL — portuguez antigo — suppõe-se ser o mesmo que official ou mestre de qualquer officio — depois disse-se *méster* e *mister*. No foral de Céia, de 1136, depois de ordenar que se não embarguem as bêstas aos oleiros, diz — *pro in nulla facienda*, etc. — continúa — *Nunquam in sena prendat mostil.*— Isto não é porém um ponto sufficientemente averiguado. Não passa de uma bem fundada conjectura.

MOSTRANÇAS — portuguez antigo — apparencias.

MOTRÊCO — portuguez ant. — Vide *Mossêco.*

MOTA ou **MOTTA** — portuguez antigo, ainda usado em muitas partes de Portugal. — Hoje é açúde ou levada de agua, que se faz de pedra, torrões ou fachina; mas antigamente significava os muros, torres, fossos ou cavas, que defendiam ou aformoseavam uma casa de campo, que, por érma e solitaria, precisava ser fortificada.

Ha em Portugal muitas casas, quintas, aldeias e campos com este nome.

Mótta, é tambem appellido nobre em Portugal. O primeiro que com elle se acha, é Ruy Gomes de Gondar da Motta, no reinado de D. Affonso II.—Tomou este appellido, da sua quinta da *Móta*, onde tinha o seu solar, na freguezia de *Villa-Chan-do-Marão*. Vide *Gondar*, d'Amarante, e *Villa-Chan-do-Marão.*

MÓTE ou **MÓTO** — portuguez ant. — era a *lêtra* (legenda ou inscripção) que qualquer cavalleiro adoptava, para se distinguir dos outros. Era sempre uma phrase, invocação, ou *sentença*, religiosa, guerreira, amorosa, ou aristocratica — como, por exemplo — *Ave Maria — Sem temor — Á mais bella — Os reis descendem de nós, e não nós dos reis*. Tambem a isto se chamava *empreza.*

MOTRÊTE — portuguez antigo — o mesmo que *mossêco*, ou *motrêco* — porém *motrête* empregava-se mais vulgarmente para significar *um bocado de pão.*

MOUÇAR — portuguez antigo — Vide *Moçar*, que significa o mesmo.

MOUCHÃO — portuguez antigo — terreno plano, de pequena extensão, cercado d'agua, no mar ou nos rios — o mesmo que *insua.*

MOUÇÓS—freguezia, Traz-os-Montes, concelho, comarca e districto administrativo de Villa-Real, 80 kilometros a N. E. de Braga, 360 ao N. de Lisboa, 360 fogos.

Em 1757 tinha 230 fogos.

Orago, o Salvador.

Arcebispado de Braga.

A casa do infantado apresentava o reitor, que tinha 150$000 réis de rendimento.

O territorio d'esta freguezia não é muito fertil em cereaes; porém produz optima fructa, e é abundante de vinho superlativo.

Passa por esta freguezia o rio Córgo.

No logar de *Caravellas*, da freguezia da Borbella, do mesmo concelho, houve em tempos remotos, um mosteiro de freiras benedictinas. Não sei porque, despovoou-se este logar (de *Caravellas*) e as freiras pediram a sua transferencia para o sitio de Nossa Senhora do Cabeço, d'esta freguezia de Mouçós.

Este mosteiro foi arrasado pelos mouros, no seculo X, e nunca mais se reedificou. Ainda junto ao rio Córgo, se vêem vestigios das paredes da capella que foi egreja do mosteiro.

MOUÇÓS—freguezia, Traz-os-Montes, antiga comarca e concelho de Chacim, e actual comarca e concelho de Macedo de Cavalleiros, 60 kilometros de Miranda, 480 ao N. de Lisboa. Tinha em 1757 40 fogos.

Orago, S. Lourenço, martyr.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

O reitor de Castellões apresentava o cura, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé de altar.

Esta freguezia já não existe, por estar unida á dita freguezia de Castellões. (Vol. 2.°, pag. 199, col. 1.ª, *in fine.*)

MOUQUIM—freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Nova de Famalicão, 18 kilometros a O. de Braga, 345 ao N. de Lisboa, 120 fogos.

Em 1757 tinha 190 fogos.

Orago, S. Thiago, apostolo.

As religiosas franciscanas de Valle de Pereiras, apresentavam o vigario, collado, que tinha 70$000 réis e o pé d'altar.

É fertil em todos os generos agricolas do nosso clima e cria muito gado de toda a qualidade.

É povoação muito antiga, e foi couto, com juiz, camara e mais officiaes. D. Affonso III lhe deu foral, em Guimarães, a 16 de maio de 1258. (*Livro 1.° de Doações de D. Affonso III*, fl. 29 v., col. 1.ª *in fine.*)

Em 1426, D. Affonso, conde de Barcellos, comprou ao bispo de S. Thiago de Compostella, esta freguezia, e as da Correlhan, Nogueira, e Gondufe, e as herdades de Bertiande; e é por isso que parte d'estas freguezias passaram depois para a casa de Bragança.

As rendas que estas freguezias pagavam ao bispo gallego e depois aos condes de Barcellos—e por fim á casa de Bragança, eram *o quinto de todos os fructos!* (Vide vol. 2.° a pag. 387, col. 1.ª *in fine,* e o que se segue.)

Esta freguezia foi abbadia dos Pinheiros, de Barcellos. Sendo abbade Diogo Pinheiro (da familia dos padroeiros), deu esta egreja ás freiras de Valle de Pereiras, com a condição de lhe admittirem no mosteiro (para professarem) duas filhas. Desde então é que ficou sendo vigariaria.

Ha n'esta freguezia a torre e quinta da *Juncosa*, que foi dos *Prados*. E a quinta da *Cósta,* dos Pinheiros, de Barcellos.

Para a genealogia e armas dos Pinheiros, vide Barcellos — e para a dos Prados, vide Prado, villa.

MOURA — ribeira, Douro, no concelho d'Oliveira do Hospital (extincto concelho d'Avô). Nasce junto á aldeia da *Ribeira de Moura*, e desagúa na ribeira de *Pomares*, no sitio mesmo chamado *Fóz de Moura.*

MOURA—Villa, Alemtejo, cabeça de concelho e de comarca, 4 kilometros a E. do Guadiana e da raia, 60 a S. O. d'Evora, 24 a N.N.E. de Serpa, 180 ao S.E. de Lisboa.

1300 fogos (5:200 almas) — em duas freguezias—*Santo Agostinho,* 560 fogos e 2:230 almas — *S. João Baptista,* 740 fogos, 2:970 almas.

Bispado, districto administrativo e 40 kilometros a E.N.E. de Beja.

Em 1757, tinha a freguezia de Santo Agostinho, 500 fogos, e a de S. João Baptista, 828.

O tribunal da mésa da consciencia apresentava o prior de Santo Agostinho, que tinha 160$000 réis. A esta freguezia está annexa a pequena parochia de Montalvo.

O mesmo tribunal apresentava o prior de S. João Baptista, que tinha 250$000 réis.—Eram ambas da Ordem d'Aviz.

O concelho de Moura é composto de 12 freguezias, todas no bispado de Beja—são—Amarelléja, Estrella, Moura (Santo Agostinho), Moura (S. João Baptista), Orada, Pias, Póvoa, Sáffara, Santo Aleixo, Santo Amador, Sobral da Adiça, e Valle de Vargo — todas com 3:700 fogos.

A comarca de Moura é composta de tres julgados (com todas as suas freguezias no bispado de Beja)—são — *Moura,* com 3:700 fogos—Barrancos (que é composto só da sua freguezia), 500—Serpa, 2:700—total, 6:900.

—

Esta villa é ainda considerada praça de guerra; e á sua importantissima posição, já por estar situada em uma eminencia, já por ser na raia, se deviam prestar mais cuidados, não só conservando as suas fortificações, como transformando-as de modo a poderem resistir aos projectis de grande força, como são os modernos.

Os accidentes do sólo em que assenta a povoação, e o extenso valle que a cérca por todos os lados, dão-lhe as condições exigidas pelas regras militares, para uma boa praça de guerra, de facil defeza.

As suas muralhas são banhadas pelas ri-

beiras de *Brênhas* e *Lavandeira*, que morrem no Ardila, e este no Guadiana.

A antiguidade d'esta povoação, perde-se na noite dos tempos. Segundo os nossos antigos escriptores, nasceu das ruinas da antiga cidade *Aruci*, dos romanos; e por isso se lhe deu o nome de *Nova civitas Aruci* ou *Arucitana*, ou *Auracitana*, colonia nova, formada da velha cidade de *Arouche*, que ainda existe na *Serra Morena* (Andaluzia).

Attribue-se a sua fundação aos thébanos, companheiros de Hercules Libico, pelos annos 2400 do mundo, isto é, 1604 antes de Jesus-Christo.

Ainda que não se possam affirmar com certeza, ou ter por fabulosas as origens que a Moura dão os historiadores, é certissimo ter sido uma cidade importantissima no tempo do imperador Trajano (110 de J.-C.); o que attestam as muitas lapides com inscripções latinas que se teem encontrado por estes sitios.

Em uma d'estas lapides se lê:

IVLIAE AGRIPPINAE
CAESARIS AVGVSTI GERMANICE
. . . .
MATRI NOVA CIVITAS ARVCCITANA.

—

Ignoram-se os acontecimentos de que esta povoação foi theatro, desde o principio do 2.° seculo da era christã até ao tempo de D. Affonso Henriques. Devia porém soffrer as differentes alternativas a que estiveram sujeitas todas as terras da Peninsula, já durante as guerras dos lusitanos contra os romanos, já d'estes dois povos, unidos, contra os barbaros do norte, no principio do 5.° seculo; já, finalmente, entre os gôdos e lusitanos contra os árabes, desde 715 até ao 2.° quartel do 13.° seculo.

A darmos credito a differentes chronistas e escriptores, a tomada de Moura pelos portuguezes foi da maneira seguinte:

Em 1166 era esta villa uma forte praça de guerra, com um robusto castello, bem guarnecido de tropas, e senhor d'elle, um mouro nobre e riquissimo, senhor de muitas terras do Alemtejo, chamado *Abu-Assan*, pai da formosa *Saluquia*, a quem ternamente amava; e lhe deu em dote o castello de *Aruci*, que elle havia reedificado, guarnecendo-o de tropas e munições de guerra, e todas as mais vitualhas, e em condições de resistir a um longo assedio; nomeando-lhe para alcaide um joven, mouro, chamado *Braffma* (segundo a *Evora Gloriosa, Frabone)* futuro noivo de Saluquia, e senhor do castello de Arronches.

Quando Braffma vinha em marcha para a povoação, seguido de uma numerosa e brilhante cavalgada, para tomar posse do castello e da noiva, chegando a um profundo e sombrio valle a 5 kilometros da villa, foi inopinadamente acommettido por um troço de cavalleiros christãos, não escapando um só dos mouros.

Os chefes e planeadores d'esta surpreza, foram dois cavalleiros portuguezes, irmãos, chamados *Pedro Rodrigues* e *Alvaro Rodrigues*. Mortos todos os mouros, trataram os portuguezes de os despir, vestindo-se com os seus vestidos e armando-se com as suas armas; e assim disfarçados, se dirigiram ao castello de Moura, entoando canticos e dando gritos, ao uso mourisco.

Vendo Saluquia aproximar-se a cavalgata, que entendeu ser a tão ardentemente desejada, com o riso nos labios e a alegria no coração, mandou levantar a ponte levadiça, e abrir de par em par as portas do castello, para receber o joven alcaide.

Poucos momentos lhe durou a illusão e o prazer, pois em breve os brados de alegria se converteram em gritos de carnagem, e logo em acclamações de victoria, obtida pelos portuguezes, ao arriarem da cidadella o pavilhão do crescente, e içarem o das quinas.

Saluquia, preferindo a morte a ser escrava de christãos, se precipitou do alto da torre, morrendo despedaçada.

Em memoria d'este successo se deu á povoação o nome de *Villa da Moura*, e por armas uma torre, e á entrada d'ella uma mulher morta.

D. Affonso Henriques, em premio d'estas duas façanhas, mandou usar aos dois fidalgos Rodrigues, do appellido de *Moura*, para elles e descendentes; dando-lhe por armas, em campo de sangue, sete castellos de ou-

ro, lavrados de negro, em 3 pallas. Elmo de aço, aberto, e por timbre, um dos castellos das armas.

De um d'estes dois irmãos—Mouras—procedem as familias dos actuaes duques de Loulé, condes de Valle de Reis e de Azambuja, a condessa de Linhares, e outras muitas familias nobilissimas d'este reino.

Ha em Portugal outros Mouras, da mesma proveniencia. Estes são os *Mouras-Côrtes-Reaes*. O primeiro que se acha com este appellido, é D. Manuel de Moura Côrte Real, filho do *renegado* [1] Christovão de Moura, conde de Lumiares [2] marquez de Castello Rodrigo, e gentil-homem da camara, tudo por D. Philippe III, em premio do odio que votava aos portuguezes, e da extrema crueldade com que sempre os tratou.

Estes Mouras, tinham por armas—escudo esquartellado no 1.° e 4.°, as armas dos Mouras—e no 2.° e 3.°, as dos Costas, com uma cruz de S. Jorge em chefe. Elmo e timbre, como os outros Mouras. (Vide *Castello-Rodrigo*, e *Lisboa*, a pag. 125 do 4.° vol).

—

Alguns escriptores, sem desmentirem a historia de Saluquia, negam que o nome da villa proviesse d'ella; sustentando que já antes da restauração se chamava *Moura;* mas parece que os arabes lhe deram o nome de *Il-Manijah*, ou *Al-Manijah*.

O que é certo, é ter sido tomada aos mouros, pelos dois fidalgos Rodrigues, na era de 1204 (1166 de Jesus Christo).

—

A 5 kilometros da praça, ha um logar ainda chamado *Braffma, de Arouxe* (de Arronches), onde, segundo a tradição, teve logar a surpreza, na qual morreu aquelle alcaide mouro.

—

Moura tornou a cahir em poder dos arabes, commandados pelo Miramolim, de Marrocos, em 1191; mas D. Sancho I a resgatou pouco tempo depois.

—

O senhorio de Moura, e de outras povoações do Alemtejo, foi causa do rompimento entre o nosso rei D. Diniz e o rei de Castella, em 1295; porém, esta guerra terminou pelo reconhecimento dos direitos de Portugal áquellas povoações, no tratado de paz, feito em Ciudad Rodrigo, em 1297, com grandes vantagens para Portugal.

O rei de Castella, invadíra aleivosamente Portugal, em 1295, mas D. Diniz o tinha arrojado para Castella, onde o seguiu e destroçou. Ao mesmo tempo, os nossos almirantes derrotavam as galés castelhanas. Foram estas derrotas que obrigaram os castelhanos a pedirem a paz.

—

D. Affonso Henriques deu foral a esta villa, em abril de 1171. D. Affonso II o confirmou, em Coimbra, em novembro de 1217. *(Livro de foraes antigos de leitura nova*, fl. 61, col. 2.ª) [1]

D. Diniz, estando em Beja, lhe deu outro foral, em 9 de dezembro de 1295, com muitos mais privilegios do que o antigo, pois tinha todos os de Evora. *(Livro 2.° de Doações* de el rei D. Diniz, fl. 116 v., col. 1.ª, in fine).

O mesmo rei D. Diniz, deu foral aos mou-

[1] Sublinhei a palavra renegado, porque este adjectivo pertence e deixa de pertencer a Christovão de Moura. Pertence-lhe se o considerarmos portuguez, o que é natural, pois veio para cá de tenra edade, e era Portugal a sua patria adoptiva. Considerando-o porém castelhano, como era de nascimento, compete-lhe mais o adjectivo de ingrato, pois o foi á nação onde vivia ha tantos annos e que o considerava seu filho.

[2] Não se confunda esta familia com os actuaes condes de Lumiares, que estes pertencem á familia dos Carneiros. (Vide *Lumiares*).

[1] Outros dizem que o seu 1.° foral lhe foi dado por D. Gonçalo Egas, prior da O. do Hospital, na era 1226 (1188 de Jesus Christo)—Vide adiante, onde fallo d'este D. Gonçalo.

ros forros, d'esta villa, datado de Lisboa, a 17 de fevereiro de 1296. *(Livro 4.º de Inquirições*, de D. Affonso III, fl. 9 v.)

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, no 1.º de junho de 1512. *(Livro de foraes novos do Alemtejo*, fl. 16 v., col. 2.ª

—

Moura, tinha voto em côrtes, com assento do banco 5.º

—

O pouco cuidado dos nossos antigos escriptores, na verificação das datas, confundindo muitas vezes a era de Cesar com o anno de Jesus Christo, tem originado grandes duvidas, e uma d'ellas é a data da povoação d'esta villa. Tambem não tem causado poucas confusões o termo *povoar*, empregado pelos antigos, na significação de *dar foral*.

É por isto que uns escriptores dizem que D. Gonçalo Egas, prior da ordem do Hospital, povoou esta villa em 1188, reinando D. Sancho I—e outros sustentam que elle a povoou em 1226, no reinado de D. Sancho II. (Os 38 annos de duvida, é a differença que vae da era de Cesar ao anno de Jesus Christo).

—

As primittivas fortificações de Moura eram de construcção romana; porém os arabes tinham aqui feito grandes obras de defeza, e reedificado as antigas; mas as continuas guerras de então e o correr dos seculos as tinham arruinado muito; pelo que o rei D. Diniz demoliu o antigo castello, e lhe construiu outro, mais robusto, em 1298, guarnecido de tres soberbas torres.

—

Em 1467, veio estabelecer-se em Moura, um nobre cavalleiro, chamado *Alvaro Limpo* (avô do celebre D. Balthazar Limpo, de quem adiante tratarei) e que tambem tomou o appellido de Moura, e dando principio a um outro ramo d'este appellido, que nem é dos Mouras da familia Loulé, nem da dos Côrtes-Reaes.

—

Sendo governador d'esta praça, D. João Ferreira da Cunha, se rendeu aos castelhanos, que a destruiram (menos o castello) em 1657; mas logo em novembro do mesmo anno foi restaurada pelos portuguezes.

D. João IV mandou logo reconstruir tudo quanto os castelhanos tinham arrasado, e lhe augmentou muito as obras de defeza, que a a elevaram a uma forte praça de guerra.

Na guerra chamada da *successão*, o general hespanhol, duque de Ossuna, depois de nos tomar Serpa, põe cêrco a Moura, com um grande exercito; e depois de 15 dias de uma defeza heroica, a guarnição, falta de mantimentos e munições de guerra, teve de render-se por capitulação.

Pouco tempo depois da occupação da praça pelos castelhanos, estes fizerám voar o castello e grande parte das outras fortificações, que abandonaram.

—

O territorio d'esta villa, e de quasi todo o concelho, é muito fertil em todos os generos agricolas do nosso paiz, e o seu vinho é de optima qualidade. As suas fructas são excellentes, e as duas ribeiras, que passam proximas, assim como o Guadiana, a fornecem de bom peixe. Cria muito gado de toda a qualidade, sobretudo grande quantidade de porcos, nos seus montados, cuja carne é muito saborosa, (e que exporta em grande escala). Ha tambem muita caça, grossa e miuda.

Os arrabaldes da villa, compostos de hortas, pomares e campos, e regados pelas duas ribeiras, são bonitos, frescos e emenos.

—

Tem casa da Misericordia e hospital.

No districto da freguezia ha 12 ermidas.

—

Tinha cinco conventos.

1.º—de religiosas dominicas (dedicado a Nossa Senhora da Assumpção) fundado dentro do castello, por D. Angela de Moura. Lançou-se-lhe a 1.ª pedra a 7 de outubro de 1562, na propria casa da fundadora.

No inventario a que se procedeu em 1835, por ordem do governo, nos bens d'este mosteiro, só as pratas do serviço do culto divino, foram avaliadas em 5:007$100 réis.

Em 12 de julho de 1875, falleceu a ultima freira professa que aqui havia. O governo vae pôr o edificio e suas dependencias em praça, e lá vae para a voragem mais um mo-

numento da piedade dos nossos passados, que contava 313 annos de existencia!

2.º—de freiras de Santa Clara (franciscanas).

3.º — de frades franciscanos.

4.º — de frades carmelitas calçados, o mais antigo d'esta ordem, em Portugal, fundado por uns cavalleiros, de Malta, que tinham aportado a este reino, com alguns religiosos carmelitas, pelos annos de 1240, reinando D. Sancho II.

Em 1290, os infantes de la Cérda lhe mandaram fazer varias obras.

Consta que a imagem de Nossa Senhora, padroeira d'este mosteiro, apparecêra em um pôço, no sitio onde se edificou o mosteiro.

Esta imagem foi collocada na casa do capitulo; porém, em 1670, sendo arcebispo de Evora, D. Diogo de Souza, foi mudada para a *capella das reliquias*, que é a primeira do corpo da egreja. Foi primeira padroeira d'esta capella, D. Brites Francisca de Faria Ravasco, viuva de Sebastião da Fonseca Falcão; passando este padroado aos seus successores.

Diz-se altar das reliquias, porque n'elle foram collocadas as que a esta egreja deu o arcebispo D. José de Mello, e são — um bocado do *santo-lenho* e reliquias do papa S. Xisto; de S. Paulo; S. Braz, bispo; S. Maximiano, bispo; S. Tito; S. Pancracio; S. Marciano; S. Lino, papa; S. Lourenço, martyr; S. Processo; S. Crispim; Santo Exuperio; S. Donato; S. Mario; e das Santas, Agueda, Flavia, Basilissa e Balbina.

—

Tambem deram grandes esmolas a este convento, D. João I, D. João III, e D. Sebastião.

Foi grande protector d'esta casa, Pedro Rodrigues de Moura (descendente do conquistador da villa), senhor da Azambuja (hoje condado da casa Loulé) e de outras villas e logares d'este reino.

Era este portuguez um bravo capitão, e inseparavel companheiro do grande D. Nuno Alvares Pereira, no conflicto das mais cruentas batalhas.

Terminada a guerra, pelo tratado preliminar da paz, feito em 1393, entre D. João I, de Portugal, e D. Henrique III de Castella,[1] Pedro Rodrigues de Moura foi viver para a sua casa e senhorio da Azambuja, onde tinha mulher e filhos.

Passados alguns annos, veio com sua familia para Moura, onde viveu até 1412. Sendo então atacado de uma grave enfermidade, quiz hir para o mosteiro de S. Domingos, e alli falleceu no mesmo anno, com 62 de edade, pois tinha nascido em 1350.

—

O condestavel, D. Nuno Alvares Pereira, tambem fez grandes esmolas ao convento do Carmo d'esta villa, e deu aos seus frades, o mosteiro do Carmo, de Lisboa; e d'este convento de Moura, quiz que fossem os fundadores e primeiros religiosos povoar aquelle.

O mosteiro do Carmo, de Moura, é sumptuoso, e diz-se que d'elle se tirou a planta para o de Lisboa.

A pouca distancia do mosteiro está um manancial d'agua, chamado *Fonte-Santa*. Segundo a lenda, deu-se-lhe este nome, porque, quando a imagem de Nossa Senhora appareceu no tal poço, estava junto d'ella um sino. Passados annos, pretenderam os frades carmelitas leval-o para o seu convento de Lisboa; mas, chegando a este sitio o carro que o conduzia, não quizeram os bois passar d'aqui, por mais diligencias que se empregassem; não tendo os frades remedio senão tornarem a collocal-o na egreja do Carmo.

Por uma carta de lei, de março de 1875, foi concedida á ordem 3.ª de Nossa Senhora do Carmo, d'esta villa, a egreja d'este mosteiro, com todos os objectos n'ella existentes.

—

5.º — de hospitaleiros de S. João de Deus, que foi o 3.º d'esta ordem em Portugal (vide Monte-Mór-Novo, a pag. 504, col. 1.ª, d'este volume), sendo o primeiro, o de Monte-Mór-Novo. Tem servido de hospital militar. Foi fundado pelos annos 1635, junto de uma an-

[1] Os castelhanos renovaram a guerra com Portugal, em 1396. Por morte d'Henrique III, D. Catharina de Lencastre, regente de Castella, assigna com Portugal uma suspensão d'armas, por 10 annos; porém, em 29 de novembro de 1411, se assigna um tratado de paz definitivo, sendo por elle reconhecido D. João I, como legitimo rei de Portugal.

tiga ermida, dedicada a Nossa Senhora da Gloria. Como esta imagem era muito antiga, e tinha chegado a esta villa um esculptor estrangeiro, chamado *Jacome Tibáu*, (isto em 1650), este fez uma nova imagem, de grande perfeição, que ainda existe.

Em 1675 edificaram os frades uma nova egreja, ampla, elegante e toda fechada de abobada; porém esta tão mal segura, que poucas semanas depois, e quando apenas acabava de sahir da egreja grande cópia de de gente, e os frades, do mosteiro, cahiu toda a abobada, sem matar pessoa alguma.

Reconstruida a egreja, queriam os frades fazer uma sachristia, mas como não tivessem chão pára ella, pediram a uma dona, chamada Anna Coelha, para que lhes cedesse parte de um quintal que tinha *mystico* ao mosteiro. Negou-se a dona, porque no sitio pretendido havia uma grande e formosa arvore, que ella muito estimava.

Poucos dias depois, apparece a arvore completamente sécca, e os frades fizeram acreditar a Anna Coelha, que a arvore seccou por milagre da Senhora da Gloria, e assim obtiveram o chão, que a dona lhes cedeu gratuitamente.

—

Ainda que bastante desmanteladas, conserva ainda grande parte das suas antigas fortificações, e o seu recinto de muralhas, com as suas quatro portas (*do Carmo, Nova do Fôjo, de S. Francisco*, e *de Santa Justa*).

Ainda está de pé a magestosa *torre de menagem*, mandada fazer pelo rei D. Diniz.

Ha ainda tambem as ruinas de construcções romanas e arabes.

—

Tem uma boa feira annual, a 8 de setembro, muito concorrida, e de grande movimento commercial.

Fabricam-se aqui varios tecidos de lan, que se exportam.

Faz-se grande commercio com Hespanha.

No territorio d'este concelho ha varias minas de differentes metaes. Em dezembro de 1872, foram registadas na camara de Moura, 22 minas de manganez, 3 de chumbo, e uma de galena, alem de outras muitas, d'estes e d'outros metaes, que já estavam manifestadas.

De janeiro a maio de 1875, tambem se manifestaram n'esta camara, quatro minas de manganez, uma de cobre e outra de cobre e ferro.

Na sexta feira, 4 de junho de 1875, uma grande trovoada que houve n'este concelho e no de Ferreira, causou grandes prejuizos nas vinhas e nos olivaes.

—

D. Soeiro da Costa, bispo de Lisboa, com os cavalleiros das ordens militares, e ajudado pelos cruzados que n'esse anno tinham aportado ao Tejo (1217), toma aos mouros, Alcacer do Sal, depois de uma obstinada resistencia. Os reis mouros de Cordova, Sevilha, Jaen e Badajoz, que vinham em soccorro da praça, sabendo que ella se tinha perdido, retiram; porém D. Affonso II vae sobre elles e os derrota em frente d'Elvas, junto a Moura e por fim em Serpa.

—

Na antiga Arucitana, foram martyrisados, no dia 27 de janeiro, do anno 95 de Jesus-Christo, governando Domiciano, *S. Julião*, natural d'esta cidade, com 27 companheiros, christãos.

—

D. Pedro Rodrigues de Moura, um dos descendentes dos conquistadores d'esta villa, determinára por seu testamento, que queria ser enterrado no mosteiro de frades dominicos, de Bemfica, termo de Lisboa (vol. 1.º, pag. 377).

As continuas guerras do seu tempo, não permittiram que se cumprisse logo aquella clausula do testamento, e foi sepultado na egreja matriz da villa (1406).

Em 1410, sendo bispo d'Evora, D. Diogo Alvares de Brito,[1] se abriu a sepultura de D. Pedro Rodrigues de Moura, para serem trasladados os seus ossos para Bemfica. Achou-se o corpo incorrupto, e como alguem dissesse que se dava esta circumstancia, por ter o cavalleiro morrido escommungado, o bispo o mandou absolver publicamente, e (diz o *Anno Hist.*, volume 3.º, pag.

[1] Que havia sido primeiro, prior-mór da collegiada de Guimarães, e que foi depois, arcebispo de Lisboa; mas não chegou a governar esta egreja. Era varão de grande instrucção e muitas virtudes. Morreu em 1424. (Vol. 4.º, pag. 272, col. 1.ª)

98, III) concluida a absolvição, logo se desfez o cadaver, em cinza, ficando os ossos sêccos e descarnados, sendo estes recolhidos em um caixão, e levados para o seu destino.

—

Nasceu n'esta villa, a 7 de junho de 1661, *D. José Pereira de Lacerda*, procedente de uma nobre familia. Foi doutor e oppositor canonista, na universidade de Coimbra; promotor, deputado e inquisidor do *Santo Officio*, na inquisição d'Evora; prior da freguezia de S. Lourenço, de Lisboa; prior-mór de Palmella (da Ordem militar de S. Thiago); bispo do Algarve, e executor da *bulla aurea* (que creou o patriarchado em Lisboa Occidental). O papa Clemente XI o creou cardael presbytero, por nomina do rei D. João V, e este o fez seu conselheiro de Estado.

Em maio de 1721, foi a Roma, para entrar no conclave em que foi eleito papa Innocencio XIII, o qual lhe deu o chapeu e annel cardinalicios, com o titulo de Santa Suzana, logar nas congregações do Concilio de Trento, e lhe fez outras mercês e distincções.

A *academia dos árcades* o elegeu seu collega, por acclamação, dando-lhe o nome de *Retino Sidiano*.

Por morte de Innocencio XIII, entrou no conclave em que foi eleito Benedicto XIII.

Com a sua grande sciencia, vastissima erudicção e acções generosas, causou a admiração da curia romana e honrou a nação portugueza.

Voltou para o reino, em 1728, hindo logo tomar conta do seu bispado.

Andando em visita geral, adoeceu gravemente, e, recolhendo-se ao paço episcopal de Faro, alli falleceu, em 29 de setembro de 1738, com 77 annos, 3 mezes e 22 dias, de edade. Foi sepultado no jazigo dos bispos do Algarve.

Era um excellente orador sagrado, e escreveu dois volumes dos seus sermões, que se imprimiram. Compôz tambem dois volumes, sobre materias pertencentes á inquisição, que não chegaram a vêr a luz da publicidade.

—

Era natural de Moura, o veneravel padre, *frei Estevão da Purificação*, religioso carmelita, prégador apostolico, muito penitente e instruido. Ha tres livros, que são a historia das virtudes e milagres d'este varão. Falleceu no convento de Collares, a 17 de novembro de 1617. Tinha nascido em 1570.

—

Dom frei Balthazar Limpo, nasceu n'esta villa, em 1478. Era filho de Luiz Limpo e de sua mulher, Ignez da Rocha. Foi conego regrante de Santo Agostinho, no convento de Grijó, para onde entrou da edade de 17 annos (1495). Foi prégador da capella real e confessor da rainha D. Catharina, mulher de D. João III; 13 annos reformador da sua ordem; 13 annos bispo do Porto (onde fez o côro da Sé, os livros do cantochão, reformou as *Constituições do bispado* e o *censual*).

Em 1545, foi a Roma, assistir ao concilio de Trento, expondo ao papa Paulo III, em poucas, mas eloquentes, palavras, o que n'elle se tinha passado; pelo que este pontifice o cognominou *Rara Phenis*, e o quiz fazer cardeal.

Foi D. Balthazar Limpo que trouxe para Portugal a confirmação para o estabelecimento do tribunal da Inquisição, que, com bullas falsas, já cá estava estabelecido desde 1526.

Foi bispo do Porto e arcebispo de Braga. Era um varão de muita sciencia e de grande caridade, e foi sollicito reformador dos costumes. Falleceu em 1558.

—

D. Affonso Mendes, da companhia de Jesus, nasceu n'esta villa, pelos annos de 1590. Foi doutor em theologia, e patriarcha da Ethiopia. Sendo d'aqui desterrado, com os mais christãos, recolheu-se a Gôa, onde falleceu em 1656.

Escreveu uma *Relação* sobre a Ethiopia, que foi muito estimada, e traduzida em francez.

—

Bento Gomes Coelho, nasceu em Moura, em 1687.

Foi um illustre e corajoso militar, governador das ilhas de Cabo-Verde, e cavalleiro da Ordem de Christo, pelos valiosos servi-

ços que prestou á patria, na carreira das armas.

Escreveu um livro intitulado *Milicia pratica e manejo de infanteria,* que foi muito estimado no seculo XVIII, e hoje é muito curioso, por nos fazer conhecer a nossa antiga tatica de guerra.

—

D. José de Mello, 6.° arcebispo d'Evora, posto nascer n'esta mesma cidade, póde considerar-se filho de Moura, pois para aqui veio apenas nasceu, e aqui foi creado. Era filho bastardo de D. Francisco de Mello, 2.° marquez de Ferreira, e foi, como disse, creado em Moura, sem saber quem era seu pae.

Impozeram-lhe na adolescencia (ou elle o adoptou) o nome de *José Pimenta,* e com elle cursou a universidade de Coimbra, na companhia de seu irmão, D. João de Bragança. [1]

Foi partidario de D. Philippe III, que o fez bispo de Miranda, e por morte do arcebispo, D. Diogo de Souza (1610), foi nomeado arcebispo d'Evora, onde deu entrada solemne, em 6 de novembro de 1611, tendo tomado posse por procuração (11 de setembro de 1611) Diogo de Miranda Henriques, deão da Sé d'Evora.

Era justo e caritativo.

Mandou fazer os sanctuarios da Sé d'Evora e grandes obras no paço dos arcebispos. Na porta principal d'elle, e em muitos azulejos do interior, ainda se vêem as suas armas.

Mandou fazer a egreja do collegio de S. Manços, augmentando os dotes ás donzellas.

Mandou fazer o palacio e quinta de *Valle-Verde.*

Foi grande protector do convento dos *Remedios,* d'Evora, fazendo-lhe grandes beneficios, sendo um dos principaes, a agua que lhe deu, e que ainda hoje para alli corre perennemente.

Mandou reimprimir as *Constituições* do arcebispado, que fez distribuir pelo clero da sua archidiocese.

[1] A *Evora Gloriosa,* diz que elle estudou na universidade de Evora, formando-se á custa de uma capellania, das 26 que erigiu o cardeal-arcebispo, D. Henrique (o cardeal-rei) para estudantes pobres; mas é érro.

Contribuiu muito para a canonisação da rainha Santa Isabel.

Alcançou de Roma o breve para a fundação do *collegio dos militares,* em Coimbra; e do mosteiro das *commendadeiras* da ordem militar de S. Bento d'Aviz, em Lisboa.

Falleceu em 2 de fevereiro de 1633, e jaz sepultado em um magnifico tumulo, do lado do Evangelho, na capella-mór da egreja dos Remedios (porque o marquez de Ferreira o não deixou sepultar na dos loyos) com um epitaphio, que diz, em resumo, o que d'elle acabo de escrever, e por isso o não copio.

—

Junto á villa se levanta a serra da *Adiça.* Vide *Adiça* (a 2.ª), vol. 1.°, pag. 26, col. 1.ª

—

A 3 kilometros de Moura está a egreja de Nossa Senhora da Conceição, que foi matriz da freguezia de Montalvo, hoje annexa á freguezia de Santo Agostinho, da villa (col. 1.ª da pag. 455 d'este vol., o 2.° Montalvo).

Esta egreja é pequena e antiquissima. Foi demolida, pelos annos de 1700, e reedificada de novo, no mesmo sitio, com mais alguma amplitude, porque até então, apenas merecia o nome de ermida.

—

Poucas villas de Portugal tiveram tantos solares de casas nobres, como esta de Moura. Mencionarei os de que pude haver noticia.

Lacerdas — procedem de D. Affonso *de la Cérda,* filho de um dos infantes d'este appellido. Vide *Castro-Daire.*

Mouras — já ficam descriptos.

Limpos — é appellido nobre em Portugal, cuja familia procede d'esta villa de Moura. Em 1467, vivia aqui, *Alvaro Limpo,* cujo appellido parece provir de alcunha. Os Limpos trazem por armas — em campo de ouro, 3 bandas de purpura, sendo a do meio carregada de 3 rosas de prata, vazias do meio, ou de ôlho de purpura — e as dos lados, carregadas de duas rosas, como as outras, em cada uma: élmo de prata, aberto; e por timbre, uma cabeça e pescoço de galgo, lampassado de purpura, com coleira do mesmo, guarnecida d'ouro, e com a bocca aberta.

Pizarros — appellido nobre d'este reino.

Veio de Hespanha, na pessoa de *D. Pedro Gonçalves Pissarro*, que se estabeleceu n'esta villa, e aqui instituiu o seu solar. Seu filho, D. Diogo Pissarro, estabeleceu se em 1615, na cidade d'Angra, na Ilha Terceira (Açôres) onde deixou descendencia. Trazem por armas — em campo de prata, duas *pissarras* [1] da sua côr, entre as quaes nasce um pinheiro verde, com pinhas de ouro, entre dois ursos, da sua côr, que, empinados sobre as *pissarras*, estão colhendo, com a bocca, pinhas do pinheiro.

Sérras — é tambem appellido nobre em Portugal, cuja familia procede do reino das Asturias (Hespanha); julga-se que tomado do senhorio ou casa chamada *da Serra*. Em Aragão, houve um D. Pedro da Serra, que foi bispo de Catanea, e cardeal do papa Benedicto XIII.

Na Sardenha e em França, ha familias d'este appellido, sem se poder saber com certeza de qual d'estes reinos veio o appellido para Portugal, sendo mais provavel que fosse das Asturias. O que é certo, é ter-se esta familia propagado muito pelo reino, havendo varias familias *Serras*. Trazem por armas — em campo de purpura, um castello de prata, sobre um monte, da sua côr, entre duas cabeças de serpe, verdes, salpicadas d'ouro. Timbre, um braço, vestido de púrpura, com uma espiga de trigo, d'ouro, na mão.

Os Serras, estabeleceram-se em Serpa, no seculo XVI, e d'alli é que veio um d'elles para esta villa.

Serrão — appellido nobre em Portugal. Tem a mesma origem dos Mouras. Procede de Vasco Martins Serrão de Moura, a quem a rainha D. Brites (ou Beatriz), segunda mulher de D. Affonso III, deu a villa de Moura, em 1279, emquanto era regente do reino, na menoridade de seu filho, o rei D. Diniz.

D. Affonso III, quando ainda era infante, casára em França, com Mathilde, condessa de Bolonha. Seu irmão, D. Sancho II (o Capêllo), foi deposto pelos tres estados do reino, em 1245, e o papa, Innocencio IV, validou esta deposição.

O conde de Bolonha é chamado de França, para ser regente de Portugal. O rei foge para Castella, e morre de pezar, em Toledo, a 4 de junho de 1248. Sua mulher, D. Mecia Lopes de Haro (filha de D. Lopo Dias d'Haro, senhor de Biscaia), é levada prêsa para o castello de Ourem, d'onde foge para Castella, e alli morreu, sem successão.

D. Affonso III, depois de conquistar aos mouros todo o Algarve, invade a Andaluzia; porém D. Affonso X, de Castella, oppõe-se a esta conquista, e trava-se guerra entre portuguezes e castelhanos, em 1253, a qual termina pelo casamento do monarcha portuguez, com D. Brites, filha do rei castelhano, divorciando-se com a sua primeira mulher, o que causou graves desordens, que só terminaram com a morte da infeliz Mathilde, que não deixou filhos.

As armas dos *Serrões*, são — em campo de prata, um leão de purpura, armado de negro, sobre um monte, da sua côr. Elmo de aço aberto; e por timbre, meio leão do escudo.

MOURA-MORTA — freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho do Pêso-da-Regua, 90 kilometros a E.N.E. do Porto, 17 ao S. de Villa-Real, 340 ao N. de Lisboa, 160 fogos.

Em 1757, tinha 91 fogos.

Orago, Santa Comba, virgem e martyr.

[1] Copio esta palavra, como a encontro nos livros de heraldica; mas entendo que é êrro. *Pissarra* não é portuguez; mas sim *piçarra*, e com effeito é a piçarra uma das peças das armas dos Pizarros (os Pissarros hespanhoes) —Piçarra, no portuguez antigo, ainda usado nas provincias do norte, é uma especie de ardosia ou schisto (lousa) muito friavel.

N'este brazão, as taes *pissarras* são duas pedras, ou pequenos monticulos de pedra, entre os quaes nasce a arvore.

Bispado do Porto, districto administrativo de Villa-Real.

Esta freguezia era uma commenda da ordem de Malta, e o commendador de Moura-Morta apresentava o vigario, que tinha oito mil réis de congrua, e o pé d'altar.

A freguezia gosava os monstruosos privilegios dos caseiros de Malta.

É terra fertil. Muito e optimo vinho.

D. Manuel lhe deu foral. em Lisboa, a 17 de julho de 1514. (*Livro de foraes novos de Traz-os-Montes*, fl. 24, col. 2.ª—Vide gav. 6, maço 1, n.º 242.)

MOURA-MORTA — freguezia, Beira-Alta, comarca e concelho de Castro-Daire, 18 kilometros ao O. de Lamego, 320 ao N. de Lisboa, 90 fogos. Em 1757 tinha 56 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Apresentação.

Bispado de Lamego, districto administrativo de Viseu.

O reitor do Pinheiro apresentava o cura, confirmado, que tinha 6$000 réis de congrua e o pé d'altar.

É terra fertil em cereaes, fructos e vinho. Cria muito gado — produz bastante mel e cêra, e é abundante de caça.

MOURÃO — freguezia, Traz-os-Montes, concelho de Villa-Flôr, comarca de Mirandella (foi da comarca de Moncorvo, concelho de Villarinho da Castanheira—extincto), 120 kilometros a N.E. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Em 1757 tinha 72 fogos.

Orago, S. João Baptista.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Bragança.

O abbade de Villarinho da Castanheira apresentava o cura, que tinha 30$000 réis e o pé d'altar.

MOURÃO—Villa, Alemtejo, cabeça do concelho do seu nome, comarca do Redondo (foi da comarca de Monsaraz), 50 kilometros ao O. d'Evora, 30 a N.E. de Moura, 6 da raia do Guadiana, 160 ao S E. de Lisboa, 450 fogos.

Em 1757 tinha os mesmos 450 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Purificação (das Candeias) [1] e S. Leonardo.

Arcebispado e districto administrativo de Evora.

A mesa da consciencia apresentava o prior, que tinha 20$000 réis de congrua e o pé d'altar.

Tem dois padroeiras, por estar annexa a esta, a freguezia de S. Leonardo. (Vol. 4.º, pag. 90, col. 1.ª)

Este concelho é composto de tres freguezias, todas no arcebispado d'Evora—são—Granja, Nossa Senhora da Luz, e Mourão e sua annexa, todas com 950 fogos.

Ainda é considerada praça d'armas.

—

Foi esta povoação fundada pelos arabes, no seculo IX, os quaes lhe construiram as suas primeiras fortificações, e lhe deram o nome de *Mogron* (que significa, *lapa*, *cova*, ou *caverna*—talvez por causa d'alguma que aqui encontrassem, do tempo dos celtas, ou dos antigos lusitanos).

D. Affonso Henriques lhe pôz cêrco, em 1166; porém os mouros a abandonaram, fugindo para alem do Guadiana.

Parece que esteve abandonada e deserta durante os reinados de D. Affonso Henriques, D. Sancho I e D. Affonso II; porque só temos noticias positivas de Mourão (corrupção de *Mogron*) no reinado de D. Sancho II, em que D. Gonçalo Egas, prior da ordem militar de S. João de Jerusalem (depois Malta) a povoou em 1226, dando-lhe foral, que foi confirmado e muito ampliado (pois é o mesmo que o foral d'Evora) por D. Diniz, por carta feita em Lisboa, a 27 de janeiro de 1296. (*Livro 2.º de doações do rei D. Diniz*, fl. 119, col. 2.ª)

D. Manuel lhe deu foral novo (confirmando todos os privilegios antigos) em Santarem, no 1.º de junho de 1510. (*Livro dos foraes novos do Alemtejo*, fl. 63 v., col. 2.ª)

Está a villa situada em um alto, e enobrecida com um forte castello, com tres torres, fundado por D. Diniz, em 1298; porém a *torra*

[1] O *Port. Sacro e Prof.* diz que a padroeira é Nossa Senhora da Conceição, mas é êrro. Tambem se lhe dá o titulo de *Santa Maria do Tojal.*

re de menagem (uma das mais famosas do reino) foi obra de seu filho, D. Affonso IV, como adiante direi.

As muralhas de circumvalação, guarnecidas com seis torres, foram principiadas por D. Diniz, e concluidas por seu filho.

Sobre a porta da torre de menagem está a seguinte inscripção:

E. MCCCLXXXI [1] ANNOS, AO PRIMEIRO DIA DE MARÇO, DOM AFFONSO IV, REY DE PORTUGAL, MANDOU COMEÇAR A FAZER ESTE CASTELLO DE MOURON. O MESTRE QUE O FAZIA, HAVIA NOME — JOAO AFFONSO — O QUAL REY, FOI FILHO DO MUI NOBRE REY D. DINIZ, E DA RAINHA DONA ISABEL, AOS QUAES DEUS PERDOE — E ELLE FOI CASADO COM A RAINHA D. BEATRIZ—AVIA FILHO HERDEIRO O INFANTE D. PEDRO.

Eram alcaides-móres de Mourão, os marquezes de Monte-Bello, e depois o foram os condes da Figueira.

—

Tem esta villa passado por muitas alternativas e vicissitudes, sendo varias vezes conquistada, usurpada, restituida, doada, comprada e vendida.

Durante a guerra da acclamação, os castelhanos nos tomaram esta praça, em 1657, sendo governador d'ella, João Ferreira da Cunha; arrasando a villa e parte da torre de menagem, e pondo guarnição sua na fortaleza; mas logo em novembro do mesmo anno (poucos dias depois da morte de D. João IV — que foi a 6 d'este mez e anno), sendo regente, a rainha D. Luiza de Gusmão, foi resgatada do poder dos castelhanos, e a regente, para evitar outra destruição, e por ser praça da fronteira, lhe mandou reconstruir as antigas fortificações, e edificar outras, segundo o systema moderno, adaptadas a receberem artilheria grossa, e em estado de resistirem a um cêrco em fórma.

[1] Esta data (1381) não póde ser senão a *era* de Cesar; porque no *anno* de 1381, já tinha morrido D. Affonso IV e seu filho, D. Pedro I, e era então rei, D. Fernando I. — D. Affonso IV, reinou desde 1325 até 1357, e seu filho desde esta ultima data, até 1367. É pois fóra de duvida, que aquella data é a era de Cesar, correspondente ao anno 1343 de Jesus-Christo, em que D. Affonso IV reinava.

As armas de Mourão, são — em campo azul, cinco escudos, com as Quinas postas em cruz, tendo o escudo inferior, do lado direito, um sol, d'ouro — e do esquerdo um crescente de prata, por ter sido povoação mourisca.

Tem casa de Misericordia e hospital — e cinco ermidas.

Tem uma boa e espaçosa praça, e algumas das suas ruas são largas e direitas, mas guarnecidas, na maior parte, por casas baixas.

A egreja matriz e algumas casas particulares, estão dentro do castello; porém a maior parte da villa estende-se pela encosta E. do monte onde está a fortaleza.

Os arrabaldes de Mourão, compostos de cearas, hortas, pomares, olivaes e algumas vinhas, são bonitos e ferteis.

Ha tambem vastos montados, onde se cria muito gado, de varias especies, sobretudo suino, que é de optima qualidade, e se exporta em grande quantidade.

Tambem n'estes montados se cria muita caça, grossa e miuda, e o Guadiana fornece a povoação de bom peixe.

Fazem-se aqui duas boas feiras; uma que principia a 21 d'abril, e outra, a 13 de setembro. São ambas muito concorridas.

—

O primeiro assento d'esta povoação, foi junto ao Guadiana, no logar a que ainda se chama *Villa-Velha*, e onde se veem ruinas de grandes edificios, e ainda alli existem duas capellas, perto uma da outra.

Consta que esta villa foi abandonada por causa do grande numero de formigas que havia aqui, que, alem de lhe causarem grandes prejuizos nas casas e nas habitações, chegavam a matar creanças recennascidas.

A tres kilometros da povoação, tinha apparecido em um monte, coberto de *tojal*, uma imagem da Virgem, á qual os moradores da antiga Mourão fizeram logo um templo, que, pouco e pouco se foi cercando de casas, em que vinham habitar os fugitivos da velha Mourão, e em breve se erigiu a egreja em parochial, e priorado da ordem militar de S. Bento d'Aviz. É por ter apparecido em

um tojal, que á Senhora se deu ao principio o nome de Santa Maria do Tojal.

Outros escriptores dizem (e parece-me isto mais provavel) que os habitantes da villa antiga, a abandonavam por doentia, em razão das enchentes do Guadiana, que, quando terminavam, deixavam aguas estagnadas nos pégos e charcos, as quaes corrompidas, causavam muitas doenças e mortes nos povos visinhos.

A imagem da padroeira, é de pedra, de 1m,20, com o Menino Jesus nos braços, e este com dois pombinhos na mão. É objecto de muita devoção, do povo da villa, que lhe atribue muitos milagres. Não póde ir em procissões, por causa do seu pêso.

Segundo a lenda—querendo uns mórdomos da Senhora, vasal'a pelas costas, para ficar mais leve, á primeira martellada, rachou a imagem de meio a meio, o que vendo o canteiro, não quiz continuar a obra, e a imagem tornou a unir, sem que mais se cochecesse por onde tinha rachado.

—

A 2:500 metros O. da villa, está a capella de *Nossa Senhora do Alcance*, muito antiga e ampla. Segundo a tradição constante, foi obra do grande condestavel, D. Nuno Alvares Pereira, pelos annos de 1400, em memoria de alcançar n'este sitio um grande triumpho contra os castelhanos: dando á padroeira o titulo de *Santa Maria d'Evora Alcance*, por ter sahido de Évora em perseguição do inimigo e o ter *alcançado* n'este logar.

A batalha via-se pintada na parede do alpendre da capella, ainda no fim do seculo XVII; porem uns mórdomos *muito illustrados*, mandaram cobrir a pintura com uma grosa camada de cal.

Junto a esta capella, e a requerimento do povo de Mourão, fundaram os primittivos frades agostinhos descalços, um mosteiro da sua ordem, em 1670.

A pezar da insalubridade do sitio, ardentissimo no verão, e com o ar corrompido pelos gazes deleterios que exhalam os pégos do Guadiana (que lhe fica proximo) e os pantanos de outros ribeiros visinhos, confluentes do Guadiana, aqui se conservaram os religiosos até ao dia 23 de julho de 1676, sendo n'esse dia obrigados a sahir do mosteiro, por ordem do desenbargo do paço, por não ser um dos comprehendidos no numero de dés que a Santa Sé havia marcado, pelo breve da confirmação d'esta ordem.

O mosteiro cahiu em ruinas, e apenas aqui ficou um erimitão, para cuidar da capella; mas já hoje, e ha muitos annos, que nem erimitão aqui há.

—

Mourão, é um appellido nobre em Portugal. O primeiro que se acha com elle é D. Gonçalves Mourão. Os Mourões trazem por armas em campo verde, duas faxas de ouro, e no meio d'ellas, um castello de prata; élmo d'aço, aberto, e por timbre, o castello das armas.

MOURARIA — o que era — Vide 3.º vol., pag. 421, col. 2.ª, palavra *Judiaria*.

MOURATÃO — ou **FONTE DE MOURATÃO** N'este sitio, que fica 6 kilometros de Castello de Vide, há um dolmem celta, com os entrevalos das pedras perpendiculares tapados com parede de alvenaria, e na mesma, aberta uma porta. Isto indica que posteriormente se deu a este monumento uma applicação diversa da primittiva.

Por estes arredores ha mais d'estes antiquissimos monumentos, que vão mencionados segundo as denominações dos sitios onde estão.

MOURAZ — freguezia, Beira-Alta, Comarca, Concelho e 3 kilometros de Tondella, 20 kilometros ao S. de Viseu, 255 ao N. de Lisboa, 240 fogos.

Em 1757, tinha 516 fogos.

Orago de S. Pedro, apostolo.

Bispado e Districto admnistrativo de Viseu.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 300$000 reis de rendimento.

Foi villa e couto. D. Mannel lhe dera foral, em Lisboa, a 28 de junho de 1514. *(L.º 2.º dos foraes novos da Beira*, fim, 62 v.º col. 1.ª)

É povoacão muito antiga, e couto já no tempo de D. Affonso Henriques, o qual, com sua mulher, a rainha D. Mafalda, doaram á

Sé de Viseu, o *couto de S. Pedro de Mouraz*, em 1152.

Em 1171, o bispo de Viseu, D. Godinho, deu ao *padre Domingos Annes Ruxverda*, o prestimonio do couto de S. Pedro de Mouraz, com a sua egreja; e as villas de *S. Miguel do Castello* e *Cernada*, com seu couto, e todas as suas pertenças, em quanto fosse vivo.

N'esta freguezia ha um monte pyramidal, de bastante altura, e dificil subida, menos pelo O, por onde não é tão ingreme e alcantilado.

No alto d'este monte ha um vasto plató, e do lado do E. d'elle está a capella de *Nossa Senhora da Esperança*, imagem de muita devoção para os povos circumvisinhos.

Do lado onde está o templo, é onde o monte é mais ingreme, e quasi cortado a prumo. A porta principal, fica para o O., estendendo-se na sua frente um amplo terreiro. Tambem para o O. fica a freguezia de Mouraz, a distancia de 300 metros, e a freguezia de Villa Nova da Rainha.

Esta egreja é muito antiga, e consta que já existia no reinado de D. Affonso Henriques.

No terreiro que lhe fica em frente, ha alguns sobreiros, que denotam tanta antiguidade como a capella. Junto á porta travessa estão as casas, feitas para residencia do ermitão que aqui sempre havia; e mais adiante umas grandes casas, para pousada dos romeiros; estas foram feitas em 1700. D'este sitio se gosam umas extensas, variadas e bonitas vistas, de serras, montes, valles e bosques.

MOURE—Vide *Ataúdes*.

MOURE—freguezia, Minho, comarca e concelho de Barcellos, 12 kilometros a O. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 80 fogos.

Em 1757 tinha 57 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Expectação).

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

O reitor dos conegos seculares de S. João Evangelista (loyos) de Villar de Frades *(os bons homens de Villar)* apresentava o cura, que tinha 40$000 réis e o pé de altar

É terra fertil. Muito gado e caça.

MOURE—(torre de)—Vide *Cardiéllos*.

MOURE—freguezia, Minho, comarca e concelho da Póvoa de Lanhoso (foi do concelho de S. João do Rei), 12 kilometros a NE. de Braga, 170 ao N. de Lisboa, 73 fogos.

Em 1757 tinha 75 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Purificação).

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

A mitra apresentava o abbade, que tinha 700$000 réis de rendimento.

No tempo dos suevos, houve aqui um mosteiro de monges benedictinos, que os mouros arrazaram em 716. Vide *Braga* (egreja de S. Victor) e *Santa Leocadia do Tamél*.

A freguezia é bastante accidentada e exposta ao N., mas fertil e bonita.

A egreja matriz é um templo grande, fundado nos principios do seculo XVII, como se deprehende de uma inscripção que está sobre a porta principal, e que adiante veremos.

Está com muita decencia a egreja, o que decerto é devido ao zelo do seu actual parocho, abbade, o reverendissimo sr. Antonio Joaquim Nunes de Abreu, ex-professor de theologia moral do seminario de S. Pedro de Braga, emprego que exerceu, por muitos annos, com muita dignidade.

A capella-mór, que é muito grande, está interiormente, d'alto a baixo, forrada de azulejo, que, não obstante a sua antiguidade, não deixa de produzir um bom effeito. Tem um orgão regular, assim como boas imagens, sobresahindo entre ellas a de Nossa Senhora das Dôres, em tamanho quasi natural.

Abaixo um pouco do vértice da fachada, está a figura do sol, em meio-relevo, e em semi-circulo, pela parte superior, tem a legenda: ELECTA UT SOL.

Mais abaixo, em um nicho, está a imagem de Nossa Senhora, de pedra, onde pouco ou nada primou o gosto da esculptura, e por cima tem a legenda: MATER PURISSIMA.

Sobre a verga da porta principal tem:

MARIAE VIRGINI DICATUM, ANNO ÁPARTU VIRGINIS, 1702.

A torre é muito baixa, e pelo distico que tem sobre a porta, mostra que foi feita á custa dos parochianos. Diz assim: TURRIS EXPENSIS FIDELIUM CHARITATIS ANNO DNI. 1719.

Tinha, pelo tempo da invasão franceza, ricas alfaias de prata, como eram: cruzes, custodias, thuribulos, navêta e outros objectos de valor; mas pouco ou nada escapou á rapacidade dos abutres, que compunham as hordas napoleonicas!

—

Fica n'esta freguezia a quinta chamada das *Sete-fontes*, propriedade hoje do sr. Manuel José de Carvalho e Silva, abastado capitalista da cidade de Braga, irmão do sr. João Manuel de Carvalho, modelo dos ecclesiasticos. São dignos filhos do sr. major Carvalho, convencionado de Evora Monte, verdadeiro typo de probidade e honradez. É das propriedades melhor situadas das margens do Cávado, com magnifica casa de residencia, com seu claustro e galeria envidraçada; goza-se d'ahi um panorama formosissimo.

MOURE — freguezia, Minho, comarca e concelho de Villa Verde (foi da comarca de Pico de Regalados, concelho de Penella), 10 kilometros ao N. de Braga, 370 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 147 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Arcebispado e districto administrativo de Braga.

Foi couto, e chamava-se antigamente *Couto de Moure da Oliva.*

A camara ecclesiastica da Sé de Braga apresentava o vigario, que tinha 100$000 réis de rendimento.

E' terra fertil, cria muito gado de toda a qualidade e tem grande abundancia de caça, grossa e miuda.

O conde D. Henrique e sua mulher, deram este couto a S. Geraldo, arcebispo de Braga, pelos annos 1110. Nuno Soares, tinha aqui uma boa herdade, que deu ao mesmo santo arcebispo.

Os moradores d'esta freguezia, eram isentos da jurisdição real, e só eram obrigados a hirem á guerra, quando fosse o arcebispo, mas eram obrigados a cavar-lhe as vinhas, que tinha em Braga. O arcebispo, D. Diogo de Souza, mandou arrancar estas vinhas e fazer um campo; (é a praça chamada ainda hoje *Campo da Vinha*, onde está o convento do *Pópulo);* compondo-se com os moradores de Moure, em lhe dar cada fogo, em satisfação d'aquella obrigação, quatro almudes de vinho.

Eram então 20 os fogos; mas como a população se foi desenvolvendo, chegou esta pensão a mais de 50 pipas de vinho por anno.

No logar de *Santo André*, d'esta freguezia, ha uma torre muito antiga, a qual, D. Egas Paes de Penagate, deu a S. Geraldo. Esta torre, passou depois, aos Soares, senhores do Prado.

Consta que o nome d'esta freguezia, provém do seu grande castello, cujas ruinas ainda se vêem no monte *Brito*, assim como uma cisterua, quasi entulhada. Grande parte da pedra d'esta fortaleza, foi empregada na construcção da ponte do Prado.

O mosteiro benedictino que aqui houve, foi fundado por S. Martinho de Dume, em 505, e n'elle havia Lausperenne. Vasco Mendes, lhe deu a egreja de S. Victor, em Braga, e a quinta que fôra do bispo de S. Thiago (é o actual já mencionado *Campo da Vinha*, em frente do convento do Populo, em Braga) para ahi fundarem um mosteiro, que os mouros destruiram em 717. Nuno Forjaz da Silva o reedificou em 1031, e o deu aos monges, ficando elle padroeiro. Tambem tinha Lausperenne, na rigorosa accepção da palavra.

Nuno Soares deu este mosteiro (o padroado d'elle) a S. Geraldo, e D. Affonso Henriques confirmou esta doação e coutou-o, no tempo do arcebispo D. Payo Mendes, irmão de D. Soeiro Mendes da Maia e do *Lidador.*

Ainda no sitio onde esteve o mosteiro de Moure, se encontram enterradas, columnas e outras peças de cantaria de grande fabrica.

No logar de Victorino, d'esta freguezia, ha uma boa quinta, dos viscondes de S. Gil

de Pérre, hoje do sr. marquez de Monfalim, do Porto.

MOURE — freguezia, Douro, comarca e concelho de Felgueiras (foi até 1855, concelho de Felgueiras, comarca de Lousada), 30 kilomotros a E. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 220 fogos.

Em 1757 tinha 132 fogos.

Orago o Salvador.

Arcebispado de Braga, districto administrativo do Porto.

O D. abbade benedictino, do mosteiro de Pombeiro, apresentava o vigario, que tinha 60$000 réis e o pé de altar.

E' terra fertil.

MOURÊLLA—antigo nome da actual freguezia de *Maurelles*. (Pag. 146, col 1.ª, d'este volume.

Maurella e *mourella*—é a mesma cousa—maurella, vem de *maura*, e mourella, vem de *moura*.

MOURIL—cousa de mouros. Ha em Portugal varias aldeias assim chamadas.

MOURILHE — freguezia. Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mont'Alegre, 72 kilometros a NE. de Braga, tem 73 fogos.

Orago S. Thiago.

(Mourilhe é corrupção de *Mouril).*

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa Real.

Era vigararia *ad Nutum*, annexa a reitoria de Mont'Alegre.

A egreja matriz, está com aceio, e é a unica sagrada em Terras de Barroso.

Ha na freguezia duas capellas, uma, particular, em Mourilhe, dedicada a Nossa Senhora dos Remedios; outra na povoação de Sabuzédo, publica, dedicada a S. Miguel Archanjo.

Está situada esta freguezia, a 5 kilometros a O. da villa de Mont'Alegre, na margem direita do Cávado, que corre ao S. da mesma, nas faldas orientaes da cordilheira de montes, que ligam a serra de Larouco, com a do Gerez e divide Portugal, da Galiza.

Compõe se esta freguezia (que confina pelo N. com a raia de Galiza) de duas povoações, Mourilhe, séde da parochia, e Sabuzédo. É abundante de aguas.

Produz centeio, algum trigo, batatas, hortaliças, e muitos e bons nabos. Cria muito gado vaccum, e miudo, algum cavallar, e caça miuda e grossa.

Nasce n'esta freguezia um riacho, denominado de Mourilhe, e acaba, com o curso de 6 kilometros, na direita do Cávado: cria peixe miudo, principalmente trutas.

—

No dia 4 de abril de 1854, um pavoroso incendio, reduziu a cinzas quasi toda a povoação de Mourilhe; arderam 122 casas e a egreja matriz.

Todo o reino de Portugal, mostrou grande genorisidade para com os infelizes habid'esta povoação.

Formaram-se, nas terras principaes do reino, diversas commissões, que promoveram subscrições, as quaes produziram mais, ou menos.

N'esta grande obra de caridade, tem primeiro logar a invicta cidade do Porto, cuja commissão reuniu 3:000 e tantos cruzados. Esta commissão mandou fazer um serviço de prata e de latão, que remetteu, e se conserva na egreja matriz, e em todos os objectos está gravado o seguinte distico—*Offerecido pelos habitantes do Porto.*

A commissão de Lisboa, reuniu quasi outros 3:000 cruzados.

Distinguiram-se as cidades de Guimarães e Braga, e n'esta, o sr. cardeal arcebispo, Pedro Paulo, com umas ricas dalmaticas, e n'aquella, a sr.ª D. Maria da Conceição Branco do Amaral e Napoles, com umas ricas alvas e corporaes, e o sr. Vicente Machado de Mello Pinheiro, pae do sr. visconde de Pindella, com um calix e patena.

Concorreram tambem outras povoações, como as villas de Chaves e Mont'Alegre, e geralmente os habitantes do concelho de Mont'Alegre, os quaes deram alimentos, com que os infelizes viveram, livres da fome, desde abril, até agosto, época das colheitas, em Barroso.

Recebeu-se do cofre da Bulla 400$000 rs. para a egreja.

A povoação e a egreja, foram reedificadas, e tudo ficou melhor do que estava, o que na maior parte é devido á liberalidade das pes-

soas caritativas, e ao zelo e diligencia da commissão de Mont'Alegre, a qual foi nomeada pelo sr. visconde de Lemos, então governador do districto, e era composta da fórma seguinte: os srs.—

Presidente—Antonio Joaquim Gonçalves Pereira, então administrador do concelho.

Vice-presidente—José Adão dos Santos Moura, abbade da freguezia da Chan, e então arcipreste do districto.

Secretario—José Dias da Costa.

Vogaes—João Alvares de Moura, reitor de Mont'Alegre.

Antonio João Fernandes de Miranda, reitor de Mourilhe.

João Antonio Rebello Guimarães.

José Rodrigues Canêdo.

Bento Pires Leal.

Thesoureiro—João Manoel Pereira da Silva.

—

Uma sorte adversa parece perseguir esta malfadada povoação!

Vinte e um annos e tres mezes—dia por dia—se tinham passado, quando um novo e tambem terrivel incendio reduziu a cinzas esta povoação.

No dia 4 de julho de 1875, pelas 8 horas da manhan, principiou a arder uma das casas da aldeia de Mourilhe. Duas horas depois, toda a povoação estava em labaredas, e cento e vinte casas, não formavam mais que um brazeiro medonho e fumegante; e as familias que as habitavam ficaram reduzidas á mais horrivel miseria.

No incendio não morreu pessoa alguma; mas sim muito gado miudo, suino e caprino. Os prejuizos montaram a muitas dezenas de contos de réis.

Só a egreja parochial e quatro casas, escaparam ao voraz incendio, e ficaram intactas.

Logo no dia 20 se instalou, na administração do concelho, uma commissão de soccorros (mandada crear, por alvará do governador civil do districto, datado de nove do mesmo mez), pedidos em todo o concelho, para aquelles infelizes.

A commissão ficou assim composta:

Presidente—O Sr. João Antonio de Moraes Caldas.

Secretario—O Rev.mo Augusto Cesar Rodrigues Canêdo.

Vogaes—Os Srs.—Antonio João Fernandes de Miranda, reitor de Mourilhe.

» —Alvaro dos Santos Lopes, parocho de Montalegre.

» —Padre, Francisco Bento de Moraes Caldas.

» —Padre, José Joaquim Tiburcio de Moraes.

» —Diogo Gomes de Carvalho, cirurgião-medico.

» —Doutor Agostinho José de Azevedo, advogado.

» —Antonio Julio de Moraes Caldas.

» —João Antonio Rodrigues Canêdo.

» —Alberto Carlos de Freitas Rebello.

Esta commissão é, na sua totalidade, composta de cavalheiros da maior probidade e sollicitude, e, por isso, se espera prestarão os mais relevantes serviços a favor dos seus desgraçados patricios.

—

É ainda ao meu sollicito collaborador, o illustrado sr. José dos Santos Moura, natural d'este conselho, e digno abbade de Caires, que devo quasi todos os esclarecimentos d'esta freguezia.

A este nobre cavalheiro os meus mais sinceros agradecimentos.

MOURILHÕES ou **MORILÕES** — antiga villa, Minho, situada proximo da villa dos Arcos de Valle de Vez. Não existe hoje d'ella mais que a memoria.

Diz-se que D. Bermudo II (o *Gotoso*), rei de Leão, lhe dera o nome de Mourilhões, quando, em 985, aqui teve uma grande batalha contra Almançor, rei de Córdova, que foi vencido. Depois, ajudado, D. Bermudo, pelo bravissimo portuguez, D. Forjaz Vermuiz (tronco dos condes da Feira) e pelos outros reis christãos, de Hespanha, alcançou Almançor, junto á cidade de Osma, no valle de Alcantanazôr (ou Calatanazôr) e o der-

rotou completamente, ficando o rei mouro ferido mortalmente.

—

É tradição que, vendo D. Bermudo fugir Almançor, na primeira d'estas batalhas, dissera — «Mouro longe» — e ficou este nome á povoação que já alli havia; corrompendo-se depois a palavra em *Mourilhões*.

Eram senhores d'esta villa, os Magalhães, da Terra da Nóbrega.

Foi senhor de Mourilhões, o celebre navegador portuguez, *Fernando de Magalhães*, que descobriu a passagem para a *contra-costa* da America do Sul (mar Pacifico) pelo estreito do seu nome. (Vide *Arcos de Valle de Vez.*)

Julga-se que esta villa era no sitio onde hoje está a capella de S. Thiago.

É certo que no meiado do seculo XVIII, se descobriram n'este logar uns arcos de tijolo, enterrados a pouca profundidade do sólo, que se julga serem sepulturas carthaginezas ou romanas.

Tambem é tradição que aqui proximo havia uma fôrca de pedra, o que é provavel, porque, perto da capella ha um monte, a que chamam *Outeiro da Fôrca.*

MOURISCA — aldeia, Douro, na freguezia, comarca e concelho d'Agueda, proxima á extincta villa d'Assequins. Fica na estrada real, de 1.ª classe, de Lisboa ao Porto. Já por este mesmo sitio passava a antiga *estrada mourisca* (de que varias vezes tenho fallado n'esta obra), e d'essa circumstancia lhe provêm o nome.

Não sei porque, os moradores da Mourisca, não gostam que lhe fallem nos *ossos de Pilatos.*

—

Em dezembro de 1872, uma mulher d'esta aldeia, deu á luz, quatro creanças, duas das quaes, vinham pegadas, tendo duas cabeças, quatro braços e tres pernas. Morreu a mãe e todos os filhos, pouco depois do parto.

MOURISCAS — freguezia, Extremadura, comarca, concelho e 14 kilometros a E. de Abrantes, 150 kilometros a E. de Lisboa, 480 fogos.

Em 1757 tinha 211 fogos.

Orago, S. Sebastião, martyr.

Bispado de Castello-Branco, districto administrativo de Santarem.

O vigario do Sardoal apresentava o cura, que tinha 10$000 réis de congrua e o pé d'altar.

No alto de um monte, cercado de mattos, no districto d'esta freguezia, está a capella de *Nossa Senhora dos Mattos*, de construcção antiquissima. Tem o corpo da egreja, 11 metros de comprido e 7 de largo; e é fechada de abobada; estando as suas paredes interiores revestidas de formosos azulejos. Tem capella-mór, tambem de abobada, e uma boa sachristia.

Junto á capella ha casas para pousada dos romeiros.

Faz-se a festa da padroeira, no primeiro de outubro; e era antigamente muito concorrida.

Teve d'esde tempos romotos, um erimitão para cuidar do aceio e conservação da capella, e para receber as ofiertas dos romeiros; mas ha muitos annos que o não tem.

—

MOURIZ — freguezi, districto conselho, de Paredes, comarca de Penafiel, 24 kilometros a N. S. do Porto, 310 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 211 fogos.

Orago S. Romão.

Bispado e Districto do Porto.

Os religioses agostinhos de convento de Cêtte, e o reitor do collegio da Graça, de Coimbra, apresentavam alternativamente o reitor, que, tinha 200$000 rs. de rendimento.

É terra muito fertil. Cria muito gado de toda a qualidade, principalmente bovimo, que exporta.

Foi solar de Estevão Dias de Mouriz, casado com D. Maria Martins de Avellar, filha e herdeira de Martins de Aragão, são os progenitores dos Avellares.

MOURO — pequeno rio, Minho. — Nasce em lamas de Mouro, e entra na esquerda do rio Minho, logo abaixo de Valladares.

MOURONHO ou **MORONHO** — freguezia, Douro, comarca e concelhe da Tábua (extincta comarca de Midões, e tinha sido antes, da comarca de Arganil, concelho de Cója) 40

kilometros de Coimbra, 240 ao N. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1757, tinha 260 fogos.

Orago S. Julião.

Bispado e districto admnistrativo de Coimbra.

A mitra apresentava o prior, que tinha 400$000 reis de rendimento,

É povoação antiga, e foi villa e couto. D. Manoel lhe deu foral, em Lisboa a 12 de setembro de 1514. *(Livro de foraes novos da Beira*, fl. 44 v. col 1.ª)

É terra muito fertil. Cria muito gado de toda a qualidade, e nos seus montes ha abundancia de caça.

—

É n'esta freguezia (e não na da Candosa, como por mal informado, disse a pag. 84, col. 2.ª do 2.º vol.) o palacio e bella quinta, Sr. Luis Candido de Figueiredo Audinot: a mais formosa vivenda da Beira, depois da dos Paes, de Mnagualde, hoje da Sr.ª condessa da Anadia.

O Sr. Audinot, mandou construir uma estrada, á sua custa, que vae entroncar na real de Coimbra; de modo que se sahe da quinta e entra-se em Lisboa ou no Porto, sempre de trem.

MOUROS — (S. Martinho de) — Já a pag. 110, col. 2.ª e seguintes d'este vol., tratei d'esta freguezia, importante pela sua população, pela sua antiguidade e pelas suas tradições; mas, como depois d'isso se publicou o n.º 4, do *Boletim da real Associação dos architectos civis e archeologos portugueses*, e e n'elle um curiosissimo artigo, do Sr. Joaquim de Carvalho Azevedo Mello e Fáro; não querendo privar os leitores, das interessantes noticias dadas por este cavalheiro, as resumo n'este logar.

—

Sabe-se que em 1054, D. Fernando I, o *Magno*, rei de leão e Castella (senhor da maior e melhor parte da Hespanha christan) passou o Douro pelo lado de Zamora, e seguindo para o O., entrou pela actual pro- da Beira-Alta, conquistou differentes castellos de mouros, n'esse anno e no seguinte; e em 1057, Viseu. Lamego, Tarouca, e outros logares fortificados.

N'esta freguezia, povoada por mouros, tinham elles um forte castello, do qual se tinham apossado, no principio d'este seculo (XI) Al-Mançor e o seu grande exercito.

D. Fernando Magno, expulsou os árabes do castello de S. Martinho de Mouros, no referido anno de 1057.

No foral d'esta freguezia, se lê — «Eu a Rainha D. Tareja, filha d'el-rei D. Affonso e o conde D, Anrrique, e o Infrnte D. Affonso, meu filho, fazemos, e confirmamos, carta de *firmydõe* [1] d. vosso foro, a vos homees de S. Martinho de Mouros; o qual ouvestes, em tempo de meu avô, rei D. Fernando, e de padre, rei D. Affonso, e deram esse castello com este foro, ao alvazil, D. Sesnando, como vos tivessem por elle.» etc.

Portanto, prova-se (por o que fica copiado) que D. Fernando I, de Leão e Castella, e seu filho, D. Affonso VI — aquelle avô, e este pae, de D. Thereza—deram foral a esta terra, sem comtudo se saber em que data.

A cópia do foral dado por D. Manuel, existe no archivo da camara de Rézende.

Segundo a tradição (mas não ha documento algum que o prove), a actual egreja matriz, foi mesquita de mouros. É construida de pequenas pedras, algumas marcadas com diversos signaes. [2]

Ainda que alguns pretendem que este tem-

[1] *Firmal*, no antigo portuguez era o *sêllo* que se punha em qualquer documento. *Firmar*, era prestar juramento, e tambem provar. *Firmideu, firmydõe* ou *firmidoem*, significava — firmeza, valor, permanencia, validade, ect. — Muitas vezes se encontra nos nossos documentos antigos—*Facta firmituidinis Carta* — phrase que decretava a firmeza e validade perpétua do documento a que era applicado.

No foral de Thomar, traduzido em vulgar no principio do seculo XIII se diz — *Feita a carta da firmidoem. no mez de juynho. Era mil e duzentos e doze anos. Era da Encarnaçom de Deos, mil e cento e seteenta e quatro, Eu, Meestre Gaudin, que esta Carta fazer mandei. ensembra com todolhos meus Freyres. morantes em tomar: aos vossos filhos, e ós vossos Successores, a fortalego, e confirmo.*

PINHO LEAL

[2] Para se saber qual foi o pedreiro que as lavrou. P. L.

plo foi construido em 708 (ou 707) fundando-se em que esta data está sobre o arco cruzeiro, não se sabe com certeza quando foi edificado.

E' de architectura gothica, e o arco cruzeiro é de volta em ogiva, assim como a porta principal, que é sustentada por delgadas columnas, tendo nos capiteis, grosseiramente esculpidas, cabeças de animaes. [1]

A torre dos sinos, é formada sobre uma grande abobada de cantaria, sob a qual ha um grande arco, onde é o côro.

Ao entrar da porta principal, ha uma inscripção, gravada em pedra, mas tão apagada, que não é possivel lêr-se. Sobre esta inscripção, estão dois riscos, feitos na pedra, que consta ser a medida exacta do padrão da vara e covado dos antigos povos d'aqui.

A capella-mór, parece ser obra mais moderna do que o templo.

O que se póde affirmar, com certeza, é que a construcção d'este templo é mais antiga do que a monarchia portugueza, e egual em architectura, ás egrejas de Santa Maria de Barrô, e de Santa Maria de Almacave, de Lamego.

Ainda n'esta freguezia ha um logar chamado *Castello*, situado no fundo de um monte, a que dão o nome de *Buraca dos Mouros*. No alto do monte, ha uma cava perpendicular, entupida com pedras. Alguns curiosos a mandaram desentulhar, em 1867, até á altura de 25 metros, e como n'esta profundidade se encontrou agua, não continuou a exploração. Toda a cava é aberta em saibro muito duro, e, desde a entrada até á distancia de 10 metros, é de abobada, e desce por escadas, do S. para o N., principiando ahi a descer perpendicularmente.

Ha signaes evidentes de mais cavas, que estão tambem entulhadas; e em uma d'ellas se reconhece a perfeição e segurança com que foi feita, pois é emparedada com pedra e cal, e tão bem feita era a argamassa, que é mais facil quebrar a pedra do que aquella.

Existem n'este logar claros vestigios de grandes fornos de depuração de metaes, encontrando-se ainda, muitas cinzas, carvão, muitos ossos, e grande porção de escorias (a que aqui se dá o nome de *escumalho*), as quaes, sendo partidas, se lhe encontram pequenos bocados de ossos. E' manifesto que houve lavra de minas metalicas, em grande escala.

N'este mesmo logar, e em todo o monte, se encontram vestigios de casas, apparecendo grande porção de pedra e grossos tijolos. Tambem se teem encontrado por estes sitios, moedas de ouro, prata e cobre, algumas completamente frustras, outras em bom estado de conservação. Uma das de ouro, é gothica — e duas de prata, são romanas — uma do imperador Augusto, outra de Marco Aurelio, as quaes eu possúo. (O sr. Mello e Faro).

Ao E. d'este monte, e proximo a elle, ha um plano, onde ainda se reconhecem muitas sepulturas, abertas nas rochas, e todas de fórma que os pés do defuncto ficavam para o E. e a cabeça para O. (Era um *almocabar* mourisco).

Alguns sitios em volta do monte, ainda conservam nomes árabes, como AL MEDINÁ (a cidade) — ALTAMIRA — (que póde ser corrupção da palavra árabe *Altamari*—charope feito de támaras—ou de *Alto-Emir*, ou *Mir-Alto* principe, ou governador) — e ALMOZERNA — (Que talvez seja corrupção de *Armachzen*, casa para arrecadação de armas, munições, fazendas e mantimentos). Armazem.

MOUTA e **MOUTAS**—Vide *Moita* e *Moitas*.

MOZ—Vide *Mós*.

MÓZÉLLOS—Vide *Mósèllos*.

MOZMODIZ—moeda de ouro, mourisca, que ainda teve curso em Portugal nos seculos X, XI e XII.

MOZOM—portuguez antigo — guindaste. Diriva-se do latim antigo, *mozolos rotae* (o mesmo que *truncus*).—Os italianos ainda dizem, *mozólo*. No antigo francez, dizia-se *moieul*, hoje dizem—*grue, cric, guindage*.

[1] As mesquitas mouriscas eram todas de architectura arabe, e n'ellas era (e ainda é nas actuaes) prohibida a representação de qualquer animal. Já se vê, pois, que este templo é obra de christãos; mas podia depois ser transformado em mesquita, como aconteceu a muitos outros. P. Leal.

MU ou **MUU**—portuguez antigo—macho, animal quadrupede bem conhecido. Os hespanhoes dizem *mulo*. (Vide *Mulato*).

D'aqui vem *amuar* (desconfiar). Já os nossos antigos diziam — *tomar o mu*, com a mesma significação.

MUA —portuguez antigo — *mulla* — quadrupede.

MUÇAMEDES ou **MOÇAMEDES** — antiga villa, Beira-Alta—no territorio de Viseu, nas faldas do monte *Allebora* (?), aguas vertentes do rio Vouga.

Em varios documentos antigos encontrava esta povoação, umas vezes chamada *Muçamedes* (que me parece mais etymologico), outras *Moçamedes*.

Com o natural desejo que teem todos os homens, de verem dissipar-se uma duvida que os afflige — e, ainda mais — desejando ardentemente dar aos meus leitores, o maior numero possivel de noticias sobre as nossas antiguidades, fiz todas as investigações, a vêr se podia descobrir a situação d'esta villa; mas sómente pude saber o seguinte:

É certa a existencia d'esta villa, no seculo XII, pois que D. Affonso Henriques, sendo ainda infante, a deu ao seu amigo Fernão Pires. Viterbo falla de Moçamedes em differentes partes do seu *Elucidario*, mas alludindo sempre a esta doação, de que copia pequenos trechos.

Finalmente, o mais que pude obter, com relação a Muçamedes (por intervenção do sr. D.or Pedro Augusto Ferreira, illustrado abbade de Miragaia do Porto, que tantos e tão valiosos serviços tem prestado a esta obra) foi uma cópia fiel da tal doação, escripta pelo R.mo sr. Antonio Coelho Diniz, escrivão da camara ecclesiastica de Lamego, mórdomo do paço, e conego honorario do mesmo bispado; o qual teve a benevolencia de a procurar, e extrahir do archivo do cabido da Sé. É a seguinte:

Doação, que fez o infante D. Affonso Henriques, ao seu grande amigo Fernando Pires, da villa de Moçamedes, no territorio de Viseu, nas faldas do *Monte Allebora*, aguas vertentes para o rio Vouga.

«Magnus est enim titulus Donationis et firmitatis, quem nemo potest inrumpere, nec ulla Lex vallet extra projicere, sed sicut in Gotorum legibus continetur, sic vallet Donatio, sicut et emptio. Idcirco ego Inclitus Infans Domnus Alfonsus bonae memoriae, Magni Adefonsi Imperatoris Hispaniae nepos, Comitis Henrici, et Reginae Tharasiae filius, facio Chartam Donationis, & firmitatis tibi Fernando Petrici, de illa Villa de Moçamedes, cum omnibus suis loces et terminis antiquis, per ubi illos invenire potueris. Habet namque jacentiam in Territorio Visei sub monte Allebora discurrentibus aquis Voukam. Do, et concedo tibi istam haereditatem, cum omnibus suis locis, et terminis, sicut superius commemoravimus, ut tu habeas illam firmiter aevo perenni, et post te, quem tibi placuerit. Et hoc facio non gentis imperio, nec suadente articulo, sed probono, et fideli servitio, quod mihi fecisti, et facies (si Dominus tibi vitam concesserit) & pro amore cordis mei, quem erga te habeo. Si autem aliquis tam de extraneis, quam de propinquis ho factum meum inrumpere voluerit (quod fieri non credo) tibi, vel qui vocem tuam pulsaverit hanc haereditaten duplatam, vel tripatam, vel quantum fuerit melioratam componat, et Regiae Potestati quod liber Judicum praecipit. Facta Charta Donationis, et firmitatis mense Mayo in Paredes sub era MCLXXI. (1133 de J.-C.) Ego egregius Infans Dõnus Alfonsus hanc Chartam propria manu r /// oboro.

Qui praesentes fuerunt		Pro testibus
Egas Moniz ɔ f.	POR TU	Petrus testis
Egas Gondesindici		Menendus testis
Menendo Venekas	GA L	Ermoigius testis
Ermigius Curiae Dapifer		

Ego Fernandus captivus Alferes ɔ f. Petrus cancellarius Infantis Notavit.»

O nome d'esta villa julgo ser arabe—*Muça* é nome proprio arabe; e podia a esta povoação terem dado os mouros o nome de *Muça-Medina* (cidade de Muça) que facilmente se podia converter em *Muçamedes*. Mais —

Segundo *L'Afrique de Marmol* (tom. 1.°, pag. 69.)—*Muçaun*, era uma nação da Africa Occidental, comprehendendo as provin-

cias de *Hea, Sus. Gezula,* e *Marrocos,* e o seu rei era *Muça.* Os povos que habitavam esta região, se denominavam *muçamudes.*

Na *Monarch. Lus.* (tom. 3.º, pag. 51) se diz—«Em 1147 (1109 de J.-C.), os mouros, que se chamavam *Muçamudes,* entraram em Hespánha» etc.

Podiam pois ter vindo á Peninsula antes de 1109 (porque, desde o 5.º seculo que elles costumavam invadir este paiz) e fundarem esta povoação, denominando-a—*terra dos Muçamudes;* ou mesmo os que vieram em 1109 lhe podiam impôr este nome.

Parece-me que esta povoação existiu no antigo territorio de Lafões (actual Vousella) e que, ou foi destruida com as guerras frequentes dos primeiros tempos da nossa monarchia, ou mudou de nome; pelo que se torna difficilimo—se não impossivel—saber com certeza a sua situação; bem assim a do tal *monte Allebora.*

MUÇÃO—Vide *Pinheiro* e *Mução.*

MUDAMENTO—portuguez antigo—mudança, alteração, troca.

MUDBAGE—portuguez antigo—Téla preciosa de que se usava nas vestimentas ecclesiasticas.

MUGE ou **MUGEM** (antigamente *Muja*)—villa, Extremadura (ao S. do Tejo), concelho de Salvaterra de Magos, comarca de Benavente, 70 kilometros a E. de Lisboa, 400 fogos.

Em 1757 tinha 366 fogos.

Orago, Nossa Senhora da Conceição. (Antigamente, S. João Baptista.)

Patriarchado, districto administrativo e 12 kilometros ao S. de Santarem.

A mitra apresentava o prior, que tinha 800$000 réis de rendimento annual.

—

Esta villa está formosamente situada sobre a margem esquerda do Tejo, em vasta e amena planicie. (Diz-se que o seu nome lhe provêm dos muitos mugues que se pescam em frente da povoação: por isso antigamente se chamava *Porto de Mugem.*)

Ao E. corre o rio do seu nome, cercado de arvoredos, e fazendo mover varios moinhos e regando os campos.

Os monges bernardos d'Alcobaça, que foram os primeiros senhores d'esta villa, a mandaram povoar, pelos annos de 1200; mas tantos eram os tributos que impozeram á povoação, que pouca gente a veio habitar; até que, D. Diniz, obtendo-a por troca, a povoou, dando-lhe foral, em Santarem, a 6 de dezembro de 1304. (*Livro 3.º de Doações, do rei D. Diniz,* fl. 34 v., col. 1.ª) O mesmo rei, lhe deu outro foral, confirmando o antigo e augmentando-lhe os privilegios, em Lisboa, a 6 de setembro de 1307. (No mesmo liv. 3.º de *Doações* d'este monarcha, a fl. 59 v., col. 2.ª)

Eram senhores d'esta villa, os duques do Cadaval, que aqui teem um bom palacio e quinta.

Em um pequeno cerrado, pertencente á sr.ª D. Antonia Rita d'Assis Pacheco, d'esta villa, se creou, em 1862, um pé de trigo, com 77 espigas, todas cheias de grão. (Sendo o termo medio dos grãos de cada espiga, 36—veio á produzir aquelle pé 2:772 grãos!)

Com effeito, o territorio d'esta villa é fertilissimo em todos os generos agricolas do nosso paiz.

—

É povoação muito antiga, pois já existia no tempo dos mouros, que a abandonaram em 1147, quando perderam Santarem.

—

No termo d'esta villa, junto á estrada que vae de Coruche (e de todo o Alemtejo) para Santarem, está a formosa egreja de *Nossa Senhora da Gloria.*

Segundo a lenda, a imagem d'esta Senhora, appareceu a D. Pedro I, em uma occasião em que elle por aqui andava á caça, livrando-o de afogar-se em um grande pégo, que havia n'esta charneca; em reconhecimento do que, o rei lhe mandou fazer este templo, dando á Virgem o nome de Senhora da Gloria, pelas muitas luzes e resplandores de que estava cercada, no acto da apparição.

Sobre a porta principal, está uma inscripção, em letra gothica, que já mal se póde ler. Parece que se vê 1360, e se é esta a data, era certamente no reinado de D. Pedro I, que principiou a reinar em 1357, e

falleceu, em Extremoz, a 18 de janeiro de 1367.

Diz-se que a Senhora appareceu no logar onde está a capella-mór, sobre a mesma peanha em que ainda se conserva. Tem 0m,25 de altura, e é de roca.

O templo é vasto e magestoso, mostrando ser obra real. O sitio é tão deserto, que 12 kilometros em redor, não ha povoação nenhuma; mas junto á egreja ha uma aldeia.

Em frente da egreja, ha um vasto terreiro, arborisado, com algumas casas, para pousada dos romeiros.

—

Já no 1.º vol., pag. 77, *in fime*, fallei em um famoso sôlho, pescado entre Alcochête e Montalvão, pelos pescadores do Tejo, em 1323, e por os mesmos offerecido ao rei D. Diniz. Direi aqui o que se lê em varios livros, com respeito ao tal *sôlho* (que outros dizem ser *mugem*).

Dizem uns que o peixe foi pescado proximo a Alcochête, em 1323, (como fica dito) e que era um *sôlho*.

Dizem outros, que os *pescadores do Tejo pescaram um mugem, junto á villa d'este nome, a 5 de fevereiro de 1320*, e que o mandaram de presente a D. Diniz, que então estava em *Villa Franca do Riba-Tejo*.

Os do sôlho de Alcochete, dizem que elle pezava 17 arrobas—e os do mugem de Mugem, dizem que elle tinha 17 palmos de comprido e 7 de grosso, e que pezava *17 arrobas e meia;* mas ambos os *partidos* concordam em que o rei lhe mandou *tirar o retrato*, do seu tamanho natural.[1]

A pequena differença no peso e nas datas, e serem *ambos* offerecidos a D. Diniz, faz-me suspeitar que eram um só e mesmo peixe, e que os de Alcochête, Montalvão e Mugem, todos querem a honra d'esta pescaria.

Talvez que os de Mugem pescassem o sôlho perto de Alcochête (que fica 52 kilometros ao O. de Mugem), ou os de Alcochête o pescassem junto a Mugem, e que d'esta circumstancia se originasse a historia dos *dois sôlhos*.

Deixo esta *importantissima* questão para ser decidida por quem fôr mais competente.

Notarei todavia aos meus leitores, que no tempo do rei D. Diniz, em quasi todo o reino se pesava pela *arrôba castelhana*, que só tinha 12 arrateis portuguezes. Se foi por esta, vinha a ter o peixe, só (e já não me parece pouco!) 6 arrôbas e 12 arrateis.

—

Consta tambem que ainda pelos annos de 1540, os pescadores de Mugem, pescaram outro sôlho, que tinha *14 arrôbas*, e que foi por elles offerecido a D. João III, que tambem o mandou pintar do tamanho natural, e pôr o quadro na Torre do Tombo; levando o mesmo caminho que o antecedente.

Ainda então se pesava em varias partes do reino pela *arrôba castelhana*, pelo que vinha a ter, este 2.º sôlho, se foi pesado por ella, apenas 5 arrôbas e 8 arrateis, do nosso pêso.

—

MUHÍA ou **VILLA-NOVA-DE-MUHÍA** — freguezia, Minho, concelho e 3 kilometros da Ponte da Barca, comarca dos Arcos de Valle de Vez, 30 kilometros a O. de Braga, 380 ao N. de Lisboa, 230 fogos.

Em 1757 tinha 214 fogos.

Orago Santa Maria. (Nossa Senhora da Purificação, ou das Candeias.)

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

O prior do mosteiro de S. Theotonio (conegos regrantes de Santo Agostinho—crusios), da cidade de Vianna, apresentava o vigario, que tinha 80$000 réis de congrua e o pé de altar.

Esta freguezia pertenceu ao antiquissimo e extincto julgado da Nóbrega.

—

Houve aqui um mosteiro de conegos regrantes de Santo Agostinho, fundado pelo rico-homem, Godinho Fafez, de Lanhoso, amigo de D. Affonso VI, de Leão, e amigo e companheiro de seu genro, o nosso conde D. Henrique.

[1] Com effeito, esta pintura conservou-se na Torre do Tombo, até ao terremoto de 1755. que arrasou a *torre*, perdendo-se quasi tudo quanto lá estava, inclusivamente a tal pintura.

Teve logar esta fundação, pelos annos 1100, e em 1103 lhe fez este grande fidalgo, doação plena do mosteiro e suas dependencias.

Foi seu primeiro prior, D. Ramiro Fafez. D. Affonso Henriques coutou o mosteiro, em 1141, e o deu aos frades. Outros dizem que D. Affonso Henriques só lhe confirmou e ampliou o couto, que já estava creado por seu pae, no mesmo anno de 1103.

Segundo a doação, este rei deu ao couto os seguintes limites: Traducção.

«Hajam primeiramente por termo o rio Lima, pelo monte de *Campêllo* e pelo monte da *Mêza*, e pela cancella de *Magalhães*, assim como parte pela carreira das *Lagens*, com Magalhães, e como parte *Villa-Nova* com *Samprins* e com *Salgueiros*, e como parte Villa-Nova com *Real*, e vae pela carreira antiga, e como parte Villa-Nova com *Touuêdo*, e vae a *Penas-Agudas*, e vae ao fundo, ao rio Lima, onde primeiro começou.»

«Haja certamente o sobredito mosteiro, por estes termos, quanto eu hi hei, e ao poderio real pertence; por tal, que os conegos, que hi, em santa vida, forem perseverantes, segundo a regra de Santo Agostinho, hajam refeição por onde vivam.»

Esta doação foi confirmada por D. João I, em Lisboa, a 11 de janeiro de 1442. (1404 de Jesus Christo).

Em 1594, se uniu este convento ao de Santa Cruz de Coimbra, sendo d'ahi em diante os priores, trienaes (até então eram perpetuos).

O primeiro prior trienal, foi Dom Agostinho de S. Domingos, que tomou posse em 3 de fevereiro de 1595.

Este mesmo D. Godinho Fafez, fundou outro mosteiro em Fonte-Arcada, pelo mesmo tempo.

No tempo de D. João I, era commendatario, Ruy Gonçalves de Mello—Gil Affonso de Magalhães quiz devassar então o couto com a sua jurisdicção, por ser senhor da Barca e da Terra da Nóbrega; porém o rei passou uma carta, em 11 de janeiro de 1404, prohibindo-lhe a entrada n'este couto, como auctoridade. Os seus successores (depois condes da Barca), que eram poderosos, fundandose no máu comportamento dos *raçoeiros*, fizeram passar tudo para a casa da Barca.

Em 1594, foi tirado este couto aos Magalhães, da Barca, e restituido aos frades, unindo-se n'esse mesmo anno (como fica dito) a Santa Cruz de Coimbra. Depois, se uniu ao mosteiro de S. Theotonio, de Vianna, e, por fim, ao de Refojos do Lima, todos da mesma ordem.

—

Foi commendador de Muhía, Xixto Figueira, progenitor dos Pinheiros, de Pindella (hoje viscondes), que publicou a *Arte de rezar, conforme o rito bracharense.*

D. Godinho Fafez, fundador dos mosteiros de Fonte-Arcada e Muhía, era filho do rico-homem, e conde, D. Fafez Sarrazim, de Lanhoso, que morreu, junto a Coimbra, em 1071, pelejando pelo seu rei (de Portugal), D. Garcia, contra o irmão d'este, D. Sancho, rei de Castella. Chamava-se *de Lanhoso*, porque vivia na freguezia de Gallêgos (tom. 3.º, pag. 254, col. 2.ª, a 2.ª) no concelho de Lanhoso.

São estes Fafez os progenitores dos *Fafes*, *Ribeiros* e *Godinhos*, e de outras muitas familias nobres do Minho.

MUITIERAMÁ—portuguez antigo—(tambem se dizia *muitioramá*)—Muito na má hora. Hoje diz-se — *Em hora má.*

MUJÃES—freguezia, Minho, concelho, comarca e districto administrativo de Vianna (foi da comarca e concelho de Barcellos), 20 kilometros a O. de Braga, 365 ao N. de Lisboa, 190 fogos.

Em 1757 tinha 128 fogos.

Orago, Santa Maria (Nossa Senhora da Expectação).

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Vianna.

A casa de Bragança apresentava o abbade, que tinha 260$000 réis de rendimento.

É terra fertil. Cria muito gado e nos seus montes ha muita caça.

Era da casa de Bragança. (Sobre o 5.º d'esta casa, vide *Correlhan.*)

MULA — *mulla*—animal bem conhecido.

Os prelados; os fidalgos; os abbades, seculares e regulares, e outras pessoas privilegiadas, foram os primeiros a quem os nossos antigos reis concederam *a faculdado de andarem montados em bêstas muares, com freios e sellas.* (Para andarem montados em cavallos ou éguas, não precisavam licença.)

Era prohibido ás outras classes, crearam ou montarem bêstas muares; para obrigal-os a crearem cavallos para o exercito. Esta prohibição era tão antiga como a monarchia.

Philippe II, que, quando não promovia a decadencia de Portugal, pouco se lhe dava das nossas desgraças, é que decidiu nas côrtes de Thomar (1581), que cada um tivesse, creasse e montasse a cavalgadura que melhor lhe conviesse.

MULATO — portuguez antigo — cria, filho burro e égua, ou de burra e cavallo. Pelo mesmo motivo referido no artigo antecedente, os lavradores só podiam crear cavallos e éguas. Os lavradores hiam comprar á Hespanha *mulatos* de seis mezes a um anno, para illudirem a lei; mas uma lei de D. João III, de 1538, determinou que *nenhuma pessoa d'entre o Douro e Minho* (que era onde havia mais bêstas muares) *podesse crear mais do que um mulato, para seu serviço,* sob pena *de um anno de degredo, para um dos couttos fóra da sua comarca, e do perdimento dos mulatos que creasse—metade para quem o accusasse, e a outra, para a camara de sua magestade.*

As côrtes de Thomar, de 1581, tambem revogaram esta lei; ficando cada um no direito de criar quantos *mulatos* quizesse.

MULÊTA — portuguez antigo — barco de pesca. D'aqui *muleteiros* aos barqueiros de mullêtas.

MULHARÍGO — portuguez antigo — fraco, delicado, timido, covarde, etc. (hoje diz-se *mullherengo*). Tambem o que se occupa em serviço proprio de mulheres.

Ó, companha pusilanima, de corações mulharrigos, e afeminados! Dizei-me, porque choradles? (Chron. do conde D. Pedro, cap. 12.)

MÚMIA ou **MOMÍA** — Na lingua persica, significa cadaver sêcco e mirrado. [1]

Os arabes chamavam *mumia*, ao corpo embalsamado. Em todo o Oriente, *mumia* é a parte carnosa do corpo humano, que fica enterrado nos desertos da Arabia, quando a *chuva* d'areia surprehende os viajantes, e que o ar abrasador os mumifica.

Os medicos arabes, applicam internamente o pó das mumias, desfeito em agua mórna, para a cura de contusões, tendo este remedio por efficaz.

Os que desejarem vêr esta materia mais desenvolvida, consultem o *Diccion. Etym.*, de Bailey, na palavra *Mumia.*

MUNA — aldeia, Beira-Alta, na freguezia de S. Thiago de *Bésteiros*. (Vol. 1.º, pag. 395, col. 1.ª — o 2.º Bésteiros d'esta col.)

Em um monte d'esta aldeia, está a capella de *Nossa Senhora da Penha de França.* Fica este monte nas faldas da serra do Caramullo, e d'elle se gosa uma formosa e dilatada vista, sobretudo, o delicioso, ameno e fertilissimo *Valle de Bésteiros*, que lhe fica a E., e vae correndo para o Sul.

A capella é tão antiga, que, nem por tradição consta a data da sua fundação. Era um templo pequeno, e por isso, e por estar arruinado, se reedificou e ampliou, em 1701. Tem agora, o corpo da egreja, 15m5 de comprido e 6m60 de largo.

Unido á egreja ha um vasto e formoso alpendre, e uma boa sachristia.

Ha aqui uma irmandade, que mandava dizer uma missa á padroeira em todos os sabbados, domingos e dias sanctificados.

A pouca distancia da capella, corre uma caudalosa ribeira, que nasce no alto da serra do Caramullo, sobre a qual se fez uma boa ponte, pelos annos de 1700.

A festa d'esta Senhora, é a 15 de agosto, e sempre muito concorrida.

MUNDÁVEL — portuguez antigo — mundano, sensual, amante dos deleites, etc.

[1] Tomâmos vulgarmente o adjectivo *mirrado*, por pessoa muito magra. Este termo só se deve tomar no sentido figurado. Na accepção rigorosa da palavra, *myrrhado*, é o cadaver que se *mumificou* com *myrrha* e outras gommas e plantas aromaticas, ou por meio de differentes processos chymicos.

Nas pyramides do Egypto existem muitos milhares (talvez milhões!) de mumias, tanto de homens e mulheres, como de peixes, aves e animaes irracionaes terrestes.

MUNGA — portuguez antigo — monja, religiosa, freira. (Doc. de 1280.)

MUNICIPIO — Os romanos, tornados dominadores da Peninsula hispanica, a dividiram em *provincias* e estas em chancellarias. As cidades, ou eram *colonias* ou *municipios*.

Colonias, eram aquellas que tinham sido fundadas por tropas ou familias romanas, ou por ellas habitadas. Gosavam de grandes privilegios, e eram como uma representação da cidade de Roma. Governavam-se pelas leis romanas, e os seus habitantes eram, para todos os effeitos, reputados cidadãos romanos.

Municipios, eram os que se governavam por suas proprias leis, mas nem todos tinham os mesmos privilegios e regalias. Os mais privilegiados, eram os *municipios do do antigo direito latino*,[1] que, em todos os casos, eram considerados como moradores de Roma, podendo exercer todos os cargos, civis, militares, e ecclesiasticos.

—

Os romanos, não podendo vencer o grande Viriato (o antigo) pelas armas, recorreram á traição, e o invencivel lusitano cahiu aos golpes de tres traidores estrangeiros (que tinha ao seu serviço), comprados pelo ouro romano. (Annos do mundo 3861 — 143 antes de J.-C.)

Sertorio, proscripto por Scylla, fazia guerra, na Africa, aos romanos. Os lusitanos lhe mandaram alli pedir que fosse seu chefe, o que elle acceitou, e veio para a Lusitania, estabelecendo o seu quartel-general em Evora, que transformou em praça de guerra.

Este chefe, não era só um bravo guerreiro, mas tambem homem de grande intelligencia e prudente legislador.

Foi elle que intruduziu na Lusitania não só a legislação romana, mas tambem muitos dos seus usos e costumes, algumas das suas festas publicas, e concorreu para que se propagasse a sua religião, construindo alguns templos, dedicados ás divindades mythologicas.

Foi ainda Sertorio que creou os municipios na Lusitania, cuja instituição, com mais ou menos modificações, adoptaram os gôdos e depois os nossos reis.

—

Nem todos estes municipios tinham a mesma organisação, faculdades e attribuições; por isso o sr. Alexandre Herculano os dividiu em tres classes — e os designou — *rudimentares*, *imperfeitos* e *perfeitos* (subdividindo ainda as duas ultimas classes), segundo as suas respectivas jurisdicções e auctoridade.

—

Os municipios, ou concelhos, *rudimentares*, tinham governador militar e administrativo, e era necessario o consentimento dos municipes para a sua eleição; porém o *juiz do districto* e os *mórdomos do fisco*, decidiam as questões judiciaes e financeiras.

Os *imperfeitos* comprehendiam seis fórmulas.

1.ª — Semelhante aos concelhos rudimentares, mas não tinham juiz do districto, nem mórdomo do fisco. Tinham um juiz especial, com jurisdicção sobre o concelho, e era nomeiado pelo rei.

2.ª — Em logar de *juiz*, tinha o concellho *homens bons*, que eram uma especie de juizes-arbitros. Escolhiam-se as pessoas mais notaveis do concelho, para estes empregos.

3.ª — Em logar de mórdomo do fisco, para varios concelhos, havia um especial para cada um. Era electivo.

4.ª — Eram os *burgos*. Os povos que os habitavam, não eram *colonos*, mas *burguezes*. O tributo não recahia sobre as propriedades rusticas, porém sómente sobre as urbanas. As suas garantias municipaes, eram muitas vezes inferiores ás dos concelhos imperfeitos.

— Os *cavalleiros villãos*, estavam ligados ao municipio, tinham alli entrada e muita consideração. As suas obrigações (dos cavalleiros villãos) limitavam-se a prestarem serviços pessoaes, durante a paz, e a hirem á guerra, montados nos seus cavallos. Não pagavam tributos. O serviço pessoal a que es-

[1] Segundo A. C. do Amaral (*Mem. para a hist. da legislação e costumes de Portugal — Mem.* 2.ª, pag. 319) a *colonia romana* tinha maiores privilegios que os *municipios do antigo direito latino;* porém a differença essencial entre uma e outra circumscripção, cifrava-se no que fica dito no texto.

tavam obrigados, era trabalhar gratuitamente nos castellos e edificios do estado, dirigindo (a cavallo) os trabalhadores; mas se queriam ficar isentos d'esta obrigação, pagavam o *morabitino de maio.*

5.ª e ultima fórmula. — Não havia cavalleiros villãos.

—

Os concelhos perfeitos, comprehendiam quatro fórmulas.

1.ª — Póde servir-lhe de typo, o foral de Santarem — O *alcaide-mór* era o chefe supremo da povoação, e representava o rei, como chefe juridico, administrativo e militar. Era de nomeação régia, porém muitas vezes era apenas um titulo honorifico, e o officio era exercido por um *alcaidõ-menor.* (Vide *Alcaide-mór.*)

Muitas povoações do Alemtejo tinham esta fórmula de governo municipal. Taes eram — Evora-Monte, Villa-Viçosa, Estremoz, Beja e outras.

2.ª — Tinham por typo, o foral de Salamanca, pelo qual se modelaram os da Beira. N'estes apparecem-nos — o *senhor* — chefe militar — e o *juiz* — representante do poder central. O chefe militar era representado pelo *rico-homem,* chefe do districto, que não intervinha no governo interno. Commandava as tropas do municipio; e, por excepção, e na falta do *senhor,* nomeava o juiz, um alcaide-mór, que tinha, provisoriamente, as attribuições do *senhor.*

3.ª — Serviu-lhes de modêlo, o foral d'Avila — e a esta classe pertencem os foraes de varias povoações do Alemtejo e das duas Beiras.

Estes municipios, tinham um alcaide, sempre com menores attribuições do que as dos senhores, e era escolhido d'entre os membros do municipio.

4.ª — Eram os que tinham *regimentos* e organisações especiaes, não seguindo nenhuma das formulas antecedentemente designadas, ou adoptando de cada um dos outros municipios as que lhes pareciam mais proprias para o seu regimen.

—

Em todo o caso, os poderes e attribuições das nossas antigas camaras, eram muito mais amplos do que os das actuaes; porque os nossos reis, principalmente até D. João III, achando sempre nos *concelhos,* alliados naturaes, contra os absurdos poderes e desmedida ambição dos grandes, lhe foram ampliando os antigos direitos e privilegios, e concedendo-lhes novos.

Se *em muitas conjuncturas,* os fidalgos portuguezes fizeram relevantissimos serviços á patria, offerecendo generosamente as suas fazendas, os seus vassallos e as suas vidas — é innegavel que as *lanças dos concelhos* se achavam *sempre* ao lado do rei, pugnando pela independencia de Portugal, e foram sempre os que mais soffreram com os resultados das guerras.

Se *muitos* dos principaes fidalgos portuguezes, deixaram um nome glorioso (com que ainda hoje justamente se ufanam os seus descendentes) pelos relevantes serviços prestados ao rei e á patria, conquistando palmo a palmo, por entre montões de cadaveres e rios de sangue, o solo querido do nosso Portugal. — Se era de nobre stirpe o intrepido lusitano (D. Fuas Roupinho) que em pleno mar conseguiu a primeira victoria que registam os nossos fastos navaes — se nobres e decididos patriotas foram quasi todos os chefes das nossas descobertas e conquistas, na Africa, Asia, America e Occeania — nenhuma das suas acções obraram sem o concurso poderoso, e provada dedicação do povo portuguez.

Se nas occasiões de maior perigo, como em 1383, 1580, 1640, e durante os cinco annos da guerra peninsular, *muitos* fidalgos tomaram o partido da patria, tambem muitos se bandearam com os oppressores d'ella, tornando-se nossos implacaveis e encarniçados inimigos. Mas o *povo* portuguez, a gente dos municipios, o *terceiro estado,* viu-se sempre inabalavelmente dedicado ao serviço da patria, reunindo-se com sincero enthusiasmo e fervor, em volta da gloriosa bandeira das sacrosantas Quinas lusitanas.

—

As actuaes camaras municipaes conservam, com pouca differença, a organisação e attribuições que lhes deu o marquez do Pombal — e, como são geralmente sabidas,

abstenho-me de fazer mais extenso o presente artigo.

Terminarei apenas dizendo que — as povoações do tempo dos romanos, que ainda existem em Portugal, e que tinham a cathegoria de *municipio do antigo direito latino*, são — as villas d'*Alcacer do Sal*, e *Mértola* — e as cidades de — *Aveiro, Beja, Braga, Coimbra, Evora, Lisboa, Porto*, e *Santarem*.

MURADOURO — portuguez antigo — muro, parede, tapagem, etc.

MURÇA — freguezia, Beira-Baixa, comarca e concelho de Villa Nova de Foz-Côa, 60 kilometros de Lamego, 360 ao N. de Lisboa, 60 fogos.

Em 1757, tinha 45 fogos.

Orago, Santa Senhorinha.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

O chantre da Sé de Lamego, apresentava o cura, que tinha 24$000 réis e o pé d'altar.

MURÇA DE PANOYAS — Villa, Traz-os-Montes, cabeça de concelho, na comarca de Alijó (foi antigamente da comarca de Villa-Real), 100 kilometros a N. de Braga, 30 ao N. de Villa-Real, 45 a O. da Torre de Moncôrvo, 370 ao N. de Lisboa, 300 fogos.

Em 1757 tinha 220 fogos.

Orago, Santa Maria.

Arcebispado de Braga, districto administrativo de Villa-Real.

O cabido da collegiada de Nossa Senhora da Oliveira, de Guimarães, apresentava o reitor, que tinha 150$000 réis de rendimento.

O concelho de Murça de Panoyas é composto das 9 freguezias seguintes, todas no arcebispado de Braga — são — Candêdo, Cárva, Fiolhoso, Murça, Noura, Palheiros, Sobreira, Vallongo, e Villares — todas com 1:400 fogos.

—

Está situada na raiz austral da serra de S. Thiago, proxima da margem esquerda do rio *Tinhella*, em bonita posição, mas a villa é pequena, e não tem edificio algum, publico ou particular, digno de menção especial.

O seu territorio é fertil em cereaes, fructas, azeite e optimo vinho.

Sobre o pequeno rio Tinhella, a um kilometro da villa, na estrada de Villa-Real a Bragança, por Mirandella, se construiu em 1872, uma das mais altas pontes (de pedra) modernas, do reino. É obra magestosa.

—

É povoação muito antiga, mas não se sabe quem a fundou. O que é certo é já existir em 753, no reinado de D. Affonso I, de Oviedo, e era povoação d'alguma importancia. Foi mandada povoar por D. Sancho II, em 1224, dando-lhe então foral com muitos privilegios.

Pretendem alguns, que o nome d'esta villa provém dos muitos *ursos* que havia por estes sitios, no tempo dos mouros; mas devemos notar que no portuguez antigo se dizia *ússo* e não *úrso*.

Parece-me mais provavel que o nome lhe provenha de algum mouro chamado *Muça*, que a povoasse ou fosse senhor da villa; ou que lhe dessem o nome os *muçaun*, arabes africanos, que algumas vezes invadiram a Lusitania, mesmo antes da occupação geral da Peninsula hispanica pelos mouros, em 713 a 716. Accresce que, em todos os foraes antigos se dá a esta villa o nome de *Muça* e não *Murça*.

D. Affonso I, rei de Oviedo, filho de D. Pedro, duque de Biscaia e Navarra, descendente do santo rei Ricaredo, acompanhado de seu irmão, D. Frucia, resgatou esta povoação, já então chamada Muça, do poder dos mouros, em 753. Tambem no mesmo anno restaurou Chaves, Villa-Real, Viseu, Braga, e outras povoações menores.

—

O foral mais antigo, d'esta villa, de que ha noticia, é o que lhe foi dado por D. Sancho II, em 8 de maio de 1224. (*Livro 2.º de Doações, de D. Affonso III*, fl. 60 v.)

D. Affonso III lhe deu outro foral, confirmando o primeiro, em Santarem, a 10 de janeiro de 1268. (*Livro 1.º de Doações, de D. Affonso III*, fl. 86, col. 1.ª)

D. Diniz lhe deu 3.º foral, em Lisboa, a 18 de abril de 1304. (*Livro 3.º de Doações, do rei D. Diniz*, fl. 31 v., col. 2.ª, gav. 15, maço 9.)

Tambem na gav. 15.ª, maço 4.º, n.º 8, se trata d'estes antigos foraes.

Consta que tambem D. João I lhe deu fo-

ral, em 1390, mas Franklim não o menciona.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Lisboa, a 4 de maio de 1512. (*Livro de foraes novos de Traz-os-Montes*, fl. 10 v., col. 1.ª)

Franklim enganou-se evidentemente, fazendo d'esta villa, duas.

A pag. 136, dá os foraes antigos de *Murça*, e o moderno, do rei D. Manuel: e a pag. 275, dá os mesmissimos foraes antigos, nas mesmas datas e logares, dando á villa o seu antigo nome—*Muça*—de modo que, segundo este escriptor, *Murça* é uma villa, e *Muça* outra.

Facilmente se conhece o engano, logo que se confrontem as pag. 136 e 275.

—

Os Mirandas Limas, foram senhores de Murça; e cada morador lhe pagava 2 1/2 alqueires de centeio, meio alqueire de trigo, um almude de vinho, e 54 réis em dinheiro. (Adiante tratarei da cêra que tambem lhe pagavam.)

Luiz Guedes de Miranda e Lima, estribeiro-mór de D. João V, tinha o seu palacio na villa e apresentava todos os officios da justiça.

Os disimos eram para o D. prior e *cabido* de Guimarães.

Diz José Avellino d'Almeida (*Dic. abreviado de chor. topog. e arch.*, etc., vol. 2.º, pag. 325, col. 2.ª), que as oliveiras do termo de Murça, produzem nos troncos uma resina, que se come, e tem a doçura do assucar.

—

O primeiro conde de Murça, foi D. Miguel Antonio de Mello — que foi, ministro da fazenda e estrangeiros, conselheiro de estado, capitão general d'Angola, etc., etc. — por D. João VI, em 1826.

Sua filha, a sr.ª D. Marianna das Dôres de Mello, foi confirmada no titulo, em março de 1871.

É actual conde de Murça, o sr. D. José Maria de Mello Abreu Soares de Vasconcellos Brito Barbosa Palha.

—

Simão Guedes, governador do Porto, e senhor de Murça, fundou aqui uma albergaria para agasalhar peregrinos pobres; porem, poucos annos depois, o mesmo Simão Guedes e o povo requereram á Sé apostolica, para transformarem a albergarida em mosteiro de freiras benectinas, o que conseguiram. O fundador o dotou com muitas rendas e alguns particulares tambem lhe fizeram bôas doações.

Achando-se o mosteiro em estado de receber as religiosas (1587) vieram do convento de Vairão, as madres D. Joanna de Souza e D. Violanta de Noronha (da casa dos marquezes de Villa Real) para darem principio á communidade, que em breve se reuniu, ficando a primeira, por abbadessa.

A porca de Murça

No meio da praça da villa, e em frente da camara, se vê um mono de pedra, que tanto póde ser um porco, como um urso, hipopotamo ou elefante. É a *porca de Murça.*

Segundo a lenda, era no seculo VIII, esta povoação e o seu termo, assolados por grande quantidade de ursos e javalis.

Os senhores da villa, secundados pelo povo, tantas montarias fizeram, que ou extinguiram tão damninhas féras, ou as escorraçaram para muito longe.

Mas, entre esta multidão de quadrupedes, havia uma porca (outros dizem uma ursa) que se tinha tornado o terror dos povos, pela sua monstruosa corpolencia, pela sua ferocidade, e por ser tão matreira, que nunca podia ter sido morta pelos caçadores.

Em 757, o senhor de Murça, cavalleiro de grandes forças e não menor coragem decediu matar a porca, e taes manhas empregou que o conseguiu; libertando a terra de tão incommodo hóspede.

Em memoria d'esta façanha, se construiu o tal monumento, alcunhado a *porca de Murça*, e os habitantes da terra, se comprometteram, por si e seus successores, a darem ao *senhor*, em reconhecimento de tão grande beneficio, para elle e seus herdeiros, *até ao fim do mundo*, cada fogo 3 arrateis de cêra, annualmente, sendo pago este fôro, mesmo junto á *porca.*

—

No concelho de Murça ha minas de *amiantho* (linho mineral) jacinthos, antimonio, chumbo e ferro.

—

Na casa da camara, de Murça, existiu até 1834, um *freio*, que se punha ás mulheres de má lingua e aos calumniadores. O mesmo *traste* havia nas camaras de *Mós* (de T. M.) São Ceriz (São Syriaco) e outras.

Aguas mineraes.

O doutor Francisco Tavares, medico de D. Maria I, publicou, em 1810, as suas *Instruções, cautellas praticas*, etc. — onde trata das aguas mineraes, então conhecidas. Com respeito ás de Murça, diz seguinte —

Carlão — Junto a Freixiel, entre o rio Túa e a villa de Murça, em distançia de uma legua d'esta villa, na margem O. do ribeiro *Tinhella*, no meio de *Porraes* e *Carlão*, povoação de 130 visinhos, da comarca de Villa-Real, no fundo de uma fragosa eminencia, de baixo para cima, nasce agua transparente e crystalina, no grau de calor, de 92 a 94 F. — ou $21^1/_2$ a $22^1/_2$ de R., com sabor e cheiro proprio das aguas mineralisadas pelo gaz hydrogenio sulphurado, deixando na bôcca sensação de leve adstricção decedida, que attesta, assim como os reaguetes, presença de porção ferruginosa, talvez em estado de sulphato de ferro. Deposita no seu transito, sedimento branco, que sêcco, facilmente se inflama, e espalha fumo suffocante sulphureo.

Não ha no sitio, banhos proprios, e estes, ou se tomam em tinas, ou em póços, cubertos com cabanas de ramada.

A visinhança das povoações proximas, lhes dão os diversos nomes de *Caldas de Tavaios, de Porraes, de Carlão,* e *de* Murça, sendo só umas e as mesmas.

Estas thermas não foram modernamente analysadas, nem se remetteram amostras, para a exposição universal de Paris, de 1867.

—

Na villa e arrabaldes ha varias fontes, destinguindo-se a da *Rainha* pela sua excessiva frialdade.

O clima d'este territorio é bastante excessivo no inverno, porem agradavel e salúbre no verão, por ser muito abundante de bôas aguas.

—

O termo de Murça comprehende 24 logares. Em um d'elles, chamado o *Pópulo*, ha a capella de *Nossa Senhora do Pópulo*, que deu o nome á aldeia. Esta capella é muito antiga, e não se sabe quando nem por quem foi fundada.

Tem a Senhora uma confraria, que lhe faz a sua festa, e é a Padroeira objecto de muita devoção d'estes povos, que lhe fazem várias romarias.

—

Junto á ermida, se veem as ruinas do famoso castella da *Touca-Rôta*, com seus muros, cávas, fóssos e contramuros. Parece ser obra romana, mas nenhuma inscripção o attesta.

—

Aqui nasceu, em 20 de dezembro de 1811, o Eminentissimo sr. D. Ignacio do Nascimento de Moraes Cardoso, actual (o XI.) cardeal patriarcha de Lisboa. (Vol. 4.º pag. 282, col. 1.ª)

É filho dos Srs. Hypolito de Moraes Cardoso, e D. Euphemia Joaquina Cardoso, honrados e laboriosos proprietarios d'esta villa.

Formou se em theologia, na universidade de Coimbra, sendo premiado em todos os annos do seu curso.

Para evitar escusadas repetições, ver o que digo no logar citado do 4.º volume.

—

Genealogia e armas dos actuaes condes de Murça

Abreu—Vide *Merufe* e *Pico de Regalados*.

Barbosa—Vide *Barbosa*, vol. 1.º, pag. 323, col. 1.ª

Brito—Vide *Brito*, vol. 1.º, pag. 493, col. 1.ª

Mello—Vide *Mello*, a pag. 172 e seguintes d'este volume.

Palha—appellido nobre em Portugal. Procede de Pero Palha, avô de Ruy Vaz Palha d'Almeida, cujos descendentes usaram das armas dos Almeidas.

Soares—Vide *Bayão*, e *Valladares*, do Minho.

Vasconcellos—Vide *Castello-Melhor*, e *Lisboa*, a pag. 136 e seguintes.

—

Para mais antiguidades de Murça e seu termo, vide *Panoyas*.

MURCELLA—villa antiquissima da Beira-Baixa (hoje Douro) no extincto concelho d'Avô, hoje concelho d'Oliveira do Hospital, comarca da Tábua (antiga comarca de Midões).

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

Já era villa em 898, e n'esse anno a doou o sacerdote Ismael, senhor d'ella, com sua egreja de São Martinho—e (tambem *Villarinho*, com suas egrejas de S. Jorge e Santo Estevão, com seus passaes) ao mosteiro de Lorvão.

Hoje está reduzida a uma pequena, mas bonita aldeia, com o nome de *Ponte da Murcella*, em rasão da ponte que alli ha, sobre o rio *Alva*. (1.º vol., pag. 168 e seguintes.)

Junto a esta ponte ha muitos vestigios de lavras de minas d'ouro, exploradas pelos romanos, e depois pelos arabes. Tambem ainda se vêem alguns alicerces da antiga villa.

—

Em março de 1811, quando as hordas francezas fugiam, acoçadas pelas forças luso-britanicas, passaram por estes sitios. O povo d'aqui, de sobre os alcantis que bordam as duas margens do rio, arremeçavam nuvens de penedos sobre os francezes, matando e ferindo tantos, que se diz que o sangue jacobino chegou a tingir a agua do Alva. Os desgarrados, se cahiam em poder das tropas, ficavam prisioneiros (e só n'estes sitios ficaram mil) porém se cahiam nas mãos do povo, eram mortos irremissivelmente. A mesma sorte haviam pouco antes experimentado nas margens do *Ceira* e do *Arouce*.

Desde a villa da Redinha até á ponte da Murcella, ficaram as estradas juncadas de cadaveres francezes.

Massena, apesar de ter então recebido um reforço de 30:000 homens, perde todas as posições no Pombal, Redinha, Foz d'Arouce, ponte da Murcella e outras, e foge em debandada, caminho de Hespanha (onde entra a 4 d'abril) perdendo na retirada—quasi sempre feita debaixo de fogo—grande parte das suas tropas.

N'esta desastrosa retirada, pagavam as atrocidades que haviam praticado em quanto occuparam Portugal. Não era a tropa que mais damnos lhes causavam—era o povo, que, por toda a parte por onde passavam os jacobinos, tratava de se vingar de todos os roubos, insultos e atrocidades de que tinha sido victima.

O povo hespanhol tambem imitou o portuguez, na encarniçada perseguição feita a estes novos hunos, que a França vomitou sobre a Peninsula. Honra lhe seja.

MURÇÓS—Vide *Mouçós*.

MURES—port. (Do ant—ratos. latino—*mus*. D'esta palavra se diriva o verbo *murar*, muito usado nas provincias do norte, e que significa espiar, esperar ou espreitar os ratos.

MURIAS—freguezia, Traz-os-Montes, comarca e concelho de Mirandella (foi do extincto concelho da Torre de Dona Chama) 60 kilometros a O. N. O. de Miranda, 430 ao N. de Lisboa, 100 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo de Bragança.

Esta freguezia não vem no *Port. Sacro e Profano*.

MURIÈLLA—Vide *Almourol*.

MURO—freguezia, Douro, comarca e concelho de Santo Thyrso, 18 kilometros ao N. do Porto, 330 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757, tinha 61 fogos.

Orago S. Christovão.

Bispado e districto administrativo do Porto.

O reitor do convento de conegos de S. João Evangelista (loyos) da cidade do Porto, apresentava o reitor collado, que tinha 150$000 réis de rendimento.

Em março de 1875, Herman Leuschner (allemão) manifestou na camara de Santo Thyrso umas minas de ferro, manganez, plombagina (graphites) e antimonio, que havia descoberto no logar de *Guidães*, d'esta freguezia.

No mesmo mez, e na mesma camara, manifestou Antonio de Sousa Guerra, tres minas de ferro e outros metaes, em caminhos publicos—sendo uma na freguezia de S. Romão de Coronado, e duas n'esta de Muro.

MURRÁÇA—planta herbacea marinha (*dactylis cynosuroides* de Linneu—*paspalum cynosuroides, spicis liniaribus* de Brotéro) cria-se nos *sapaes* ou pantanos de agua salgada.

Tem muita semelhança com a herva cannosa, que se cria nas insuas do rio Minho, e, como ella serve para alimento do gado; porém é um pasto de má qualidade e pouco nutriente.

Entre a murráça se criam bons mariscos, principalmente amejoas.

MURRAÇAL—logar coberto de murraça.

MURRACEIRA—terra pantanosa do litoral, que só póde produzir murráça.

MURRACEIRA—ilhota, Douro, em frente da Figueira da Foz do Mondego, com vastas salinas (ou marinhas de sal) e muitos e grandes armazens (que ao longe parecem uma villa) para se arrecadar o sal.

Vide *Figueira da Foz.*

MURTAL—aldeia, Extremadura, termo da villa de Cascaes. Ha aqui uma capella de *Nossa Senhora da Penha de França da Bôa Vista,* fundada por Manoel Correia, capitão de infanteria, da praça de Cascaes, e *depois tenente* do forte de Santo Antonio, em 1668.

Este Manuel Correia tinha uma quinta no Murtal, onde residia, e por isso mandou fazer a capella, para elle e sua familia terem missa nos domingos e dias sanctificados, as quaes lhe diziam os religiosos recoletos do convento de Santo Antonio, de Cascaes, mediante uma esmola que lhes davam todos os moradores do Murtal.

MURTÊDE—freguezia, Douro, comarca e concelho de Cantanhéde, 18 kilometros a O. de Coimbra, 220 ao N. de Lisboa, 230 fogos. Em 1757 tinha 109 fogos.

Orago S. Martinho, bispo.

Bispado e districto administrativo de Coimbra.

O cabido da Sé de Coimbra, apresentava o vigario, que tinha 300$000 réis de rendimento. É terra muito fertil.

Produz muito e bom vinho, e cria gado de toda a qualidade.

MURTOSA—aldeia do Douro, freguezia de Santa Maria da Arrifama, de cuja egreja dista 2 kilometros ao S. O., comarca, concelho, e 10 kilometros ao E. da Feira, 25 ao S. do Porto, 285 ao N. de Lisboa.

Bispado do Porto e districto administrativo d'Aveiro.

Situado em terreno accidentado, e muito fertil.

E' n'este logar a casa nobre e grande quinta dos srs. *Assizes,* que foram officiaes de cavallaria do exercito realista, convencionado em Evora-Monte.

E' tambem n'esta aldeia a nobre casa e vastas propriedades dos filhos do sr. Manoel Ferreira de Sousa Brandão, já fallecido.

Estes filhos, são—o sr. Vicente Carlos de Sousa Brandão, juiz de direito aposentado, e casado com uma filha do sr. desembargador, Francisco Lourenço, de Fermelan.

O sr. Francisco Maria de Souza Brandão, distincto official de engenheiros, inspector das obras publicas, e que tem sido deputado da nação portugueza, em varias legislaturas.

Eram tambem filhos do sr. Manuel Ferreira—os srs.—Domingos José de Pinho e Souza do Amaral, que falleceu abbade de Santo Izidoro de Romariz—Manuel Maria de Souza Brandão, que morreu prior de Santa Marinha de Alcorobim—e José Maria de Souza Brandão, que morreu solteiro—e duas senhoras.

A esta Murtosa, para a differençar da seguinte, se dá o nome de *Murtosa da Arrifana.*

MURTOSA DE VEIROS—freguezia, Douro, comarca e concelho de Estarreja, 40 kilometros ao S. do Porto, 270 ao N. de Lisboa, 1:900 fogos.

Em 1757 tinha 1:500 fogos.

Orago Santa Maria (Nossa Senhora da Natividade.)

Bispado do Porto, districto administrativo e 20 kilometros a O. de Aveiro.

O reitor de S. Thiago de Beduido, apresentava o cura, que tinha 100$000 réis de rendimento.

Está a freguezia situada em terreno arenoso, mas em partes muito fertil, ao N. do *Laranjo.*

A maior parte do povo d'esta freguezia é composta de pescadores.

Na costa da *Torreira*, que fica proxima, ha nove *companhas.*

Na praça de *Pardêlhas* (aldeia d'esta freguezia) se faz diariamente uma abundante feira, ou praça, de peixe, da qual se abastecem muitas povoações, e exportando-se d'aqui para o Porto, Baixo e Alto-Douro, Arouca, Lamego, Vizeu, Oliveira d'Azemeis e outras muitas povoações.

(Vide *Torreira).*

MUSÁRABE, ou *Mosárabe*—Vide *Monsárros.*

MUSARÍA—portuguez antigo—tudo o que pertence a bens d'alma e anniversarios. D. Affonso II prohibiu que os mosteiros comprassem bens de raiz, sem licença da corôa—*salvo que as possam comprar per musaria, e outras maneiras sem peccado.*

(Cod. Alf., Liv. 2.°, tit. 2.°, art. 2.°)

Musar é fallar baixo, e *Musaría* vem a ser murmurío.

Applicava-se este termo ás rezas pelos defunctos, que eram feitas em voz baixa, e d'aqui

MUSITAÇOM — portuguez antigo — voz baixa, confusa, e como *por entre dentes.* (Doc. de Tarouca, do seculo XIV.)

MUSSAMEDES—Vide *Muçamedes.*

MUXAGÁTA—Villa, Beira Baixa, concelho de Fornos d'Algôdres, comarca de Celorico da Beira, 35 kilometros de Viseu, 310 ao N. de Lisboa, 130 fogos.

Em 1757 tinha 101 fogos.

Orago S. Miguel, archanjo.

Bispado de Vizeu, districto administrativo da Guarda.

O vigario de Santa Maria, de Algôdres, apresentava o cura, que tinha só o pé d'altar.

—

É povoação muito antiga, e não se sabe quando nem por quem foi fundada.

Foi villa e couto, com camara e justiça, proprias; mas ha muitos annos que foi supprimido o couto.

MUXAGÁTA—Villa, Beira-Baixa, comarca e concelho e 3 kilometros ao S. de Villa Nova de Foz-Côa (foi comarca da Pesqueira, concelho de Villa Nova de Foz-Côa), 65 kilometros de Lamego, 355 ao N. de Lisboa, 250 fogos.

Em 1757 tinha 236 fogos.

Orago Santa Maria Magdalena.

Bispado de Lamego, districto administrativo da Guarda.

A mesa da consciencia apresentava o vigario, que tinha 40$000 e o pé de altar.

Egas Gozendes (ou Gondezendiz) e João Viegas, tinham dado foral a Cernancêlhe, a 26 de outubro da era 1124 (1086 de Jesus Christo), no reinado de D. Affonso VI, de Leão e Castella (avô de D. Affonso Henriques).—Vide a pag. 250, col. 1.ª, do 2.° volume.

Este mesmo foral foi dado a Muxagáta, por D. Affonso IV, por instrumento feito em Celorico, a 30 de abril de 1357. (28 dias antes da morte do rei!) Está na *Gav.* 15, maço 23, n.° 9.

D. Manuel lhe deu foral novo, em Evora, a 20 de dezembro de 1519, *(Livro dos foraes novos da Beira*, fl. 155, col. 1.ª)

Esta villa está fundada sobre uma elevação, mas, como está cercada de montes, fica em uma especie de bacia, regada pelo *Côa* e pela ribeira do *Pisco.* É terra fertil, sobre tudo em hortaliças, que vende em grande quantidade para Foz Côa.

Ha aqui muitos olivaes, que produzem muito e bom azeite, mas pertencem unicamente a cinco ou seis familias. Produz muito pão e excellentes fructas, sobretudo pêcegos e melões, tão bons como os famosos do Valle da Villariça.

Tem abundancia de amendoa, e produz muito sumagre, que se exporta.

O vinho d'esta terra é de bôa qualidade, e produz bastante.

E' terra sujeita a febres intermitentes, no verão, por causa das aguas estagnadas nas hortas.

As mulheres d'esta terra teem fama de formosas e aceiadas.

Tem o titulo de villa desde o seu foral velho (1357) confirmado no foral novo. Foi

cabeça de concelho, com camara, juiz ordinario e mais officiaes de justiça, e ainda conserva o seu antigo pelourinho, testemunho da sua cathegoria.

—

No seculo XIII pertencia esta villa ao concelho de Numão. Em 1238, deu a camara de Numão, a D. Abril, uma grande herdade, entre *Cedaví, Muxagata* e *Longroiva. Ut faciatis ibi moratam et pousatam*—e o fazem seu visinho—*pro adjutorio, et defensione quam vobis facitis, et promittitis facere.*

Em 1242, lhe fez o mesmo concelho de Numão, doação (ao dito D. Abril) do *campo de Touça* (ou *granja de Touça*) o qual, vindo á corôa, o rei D. Diniz o deu ao mosteiro de Tarouca, pela terça parte da villa (hoje cidade) de Aveiro; e que depois andou emprasado (o campo da Touça) por 360 alqueires de trigo, *ou 36$000 réis por elle.*

MUZLEMO—portuguez antigo — rustico, barbaro, incivil, malcreado.

FIM DO QUINTO VOLUME